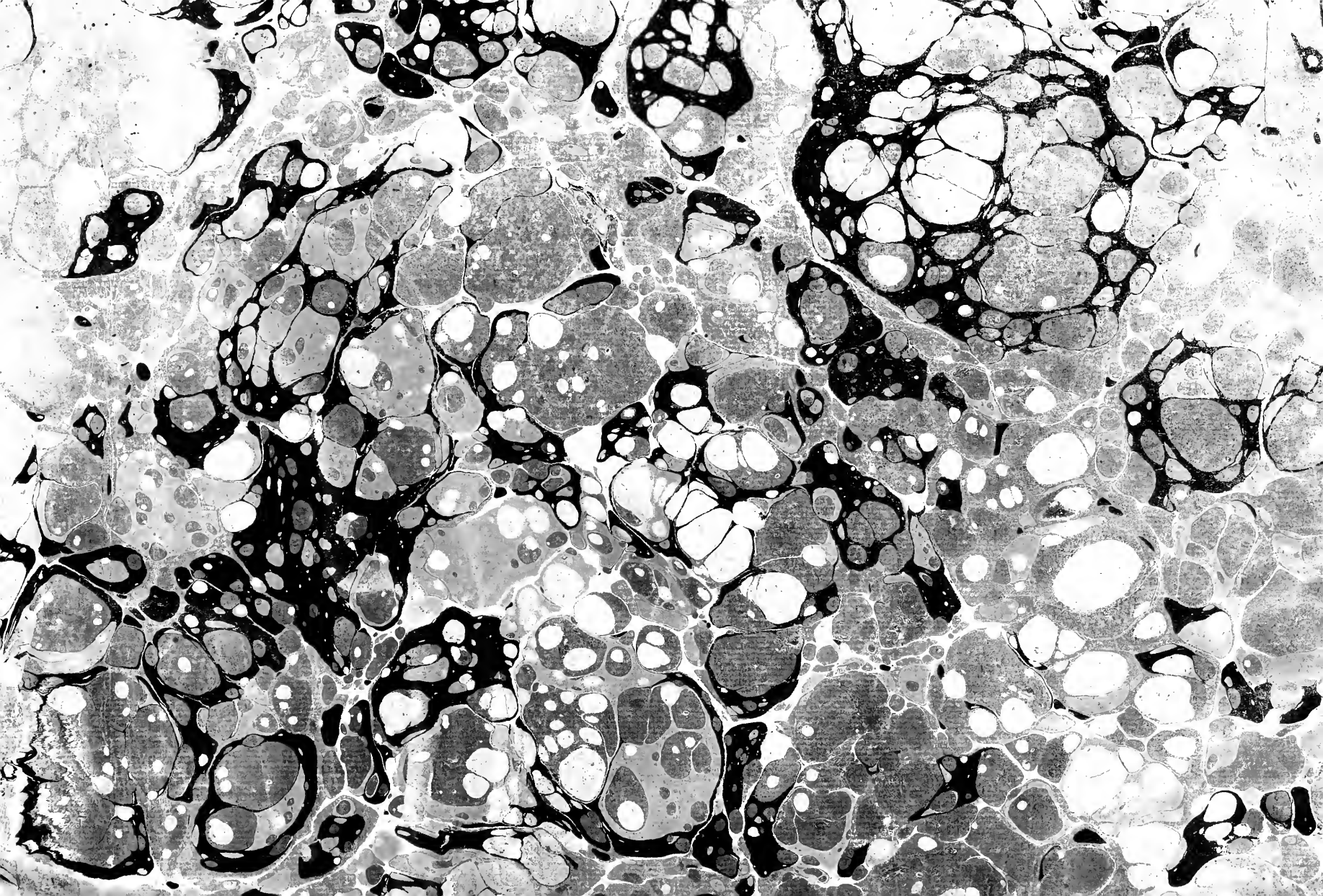
BOSTON PUBLIC LIBRARY

BENTON FUNDS



#3,800

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
Boston Public Library

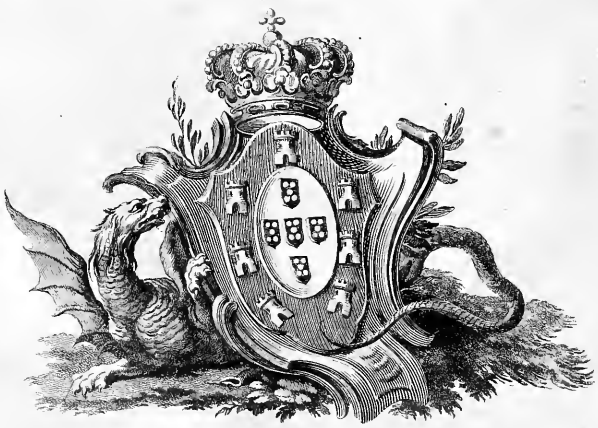
http://www.archive.org/details/luzdaliberalenob00andr

Silva delin. Frey Sculp. Lx

# LUZ
## DA LIBERAL,
E
## NOBRE ARTE
DA
# CAVALLARIA,
OFFERECIDA
AO
## SENHOR
# D. JOÃO
## PRINCIPE DO BRAZIL,
POR
MANOEL CARLOS DE ANDRADE,
*Picador da Picaria Real de Sua Magestade Fidelissima.*

---

## PARTE PRIMEIRA.



LISBOA,
*POR ORDEM DE SUA MAGESTADE*
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.XC.

RB SF309.A63
Folio

82-289

# SENHOR

*COM voz fraca , e deſconhecida imploro a Real protecção de VOSSA ALTEZA , bem certo de que o Principe mais benigno , e affavel , que conhece o Mundo , ſe ha de dignar de proteger eſte meu Tratado da* Liberal , e Nobre Arte da Cavallaria , *ainda mais do que a protegêrão os Principes famoſos da Perſia , da Macedonia , da Grecia , da Italia , da Grão Bretanha , de França , e de Alemanha , não ſó porque VOSSA ALTEZA a todos excede em proteger as ſciencias , mas tambem porque a todos vence na inſtrucção da Arte , que faz o objecto deſte Livro.*

*A multiplicidade dos conhecimentos , de que VOSSA ALTEZA he reveſtido , me anima a eſperar que o ſeu Excelſo Nome no*

*frontespicio deste volume o fará em todas as partes respeitado da voraz , e cruel mordacidade.*

*De hum Principe insigne Cavalleiro só podia ser digno Elogiador outro Principe igualmente insigne no mesmo exercicio; mas sendo a grandeza do animo, e a benignidade em VOSSA ALTEZA igual á sua vasta, e profunda intelligencia, espero que este meu obsequio estará tão longe de offender a VOSSA ALTEZA, que antes me conciliará na sua presença os seus Reaes agrados; porque o caracter proprio de VOSSA ALTEZA he promover , e patrocinar as utilidades da humanidade, e da Republica.*

DE VOSSA ALTEZA

O mais humilde, e fiel criado

*Manoel Carlos de Andrade.*

# AO LEITOR.

PELO titulo de qualquer Livro ſe dá a conhecer a materia que nelle ſe contém ; e pelo Prologo ſe dá aos Leitores hum breve deſenho do contexto de toda a Obra para ſe excitar a vontade de a lerem aquelles , a quem ella pela ſua qualidade ſe faz neceſſaria.

Neſta Obra ſervirei de guia aos que quizerem ſeguir as regras mais proprias da Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria, tão preciſa, e praticada em todos os Paizes da Europa, da Africa, da Aſia, da America, e ainda dos Póvos mais rudes, e barbaros que elles contém. Tratarei ſómente daquellas Regras , que tiverem repetidas vezes ſido averiguadas por mim , ou pelos Authores que cito : e farei que em toda a ſorte de ares , e trabalhos do Manejo ſeja a minha explicação acompanhada das razões mais perceptiveis, e claras, que me forem poſſiveis.

Sei que hum eſpirito, ainda que livre, e cuidadoſo em ſeguir a verdade , muitas vezes abraça o engano : e por iſſo acontece haver quem condemne o bom , e approve o máo ; e da meſma ſorte ha quem de huma , e de outra couſa não faz caſo. Os rigidos cenſores querem ſem pejo desluzir os Authores: os neſcios intromettidos ſó cuidão em perverter ; e os que mal chegão a curioſos , em deſprezar; e como poderá a penna dos Eſcritores fugir a eſtes caſtigos?

Não chega porém minha vaidade a perſuadir-me que poſſo eſcrever neſta Arte com toda a exacção. Meus ſentimentos são mais modeſtos; e os meus deſejos bem longe deſte deſvanecimento, unicamente ſe encaminhão a moſtrar os bons principios, que podem conduzir os Principiantes Cavalleiros aos conhecimentos de tão bella Arte; e em quanto não ap-

pa-

parecer outra melhor , não he juſto que os inſcientes da lingua Franceza, e Ingleza deixem de conhecer os principios, e utilidades della: para eſtes eſcrevo com a certeza de que elles ſerão indulgentes comigo , eſperando ſe lembrem que merecem alguma gratidão todos os que como eu tanto ſe empenhão por ſervir a Patria , querendo ſer util aos meus Nacionaes.

Vale.

IN-

# INDICE

## Do que se contém na Primeira, e Segunda Parte.

# LIVRO I.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe a razão, por que temos pouca certeza de quem forão os primeiros Inventores da Nobre Arte da Cavallaria: Nomes dos melhores Authores, que tratão della: Obrigações civis, que devem obſervar os Picadores, tanto para ſerem cortezes, e polidos no Picadeiro Real, e nos Picadeiros particulares, como por não ignorarem as ſuas obrigações, e regalias.* Pag. 1.

ESTAMPA I. *Das proporções do terreno do Picadeiro.* 5.

*Inſtrucções, e civilidades, que ſe devem obſervar, principalmente no Picadeiro Real.* 8.

*Modo de repartir os Potros aos Picadores.* 17.

*Deſcreve-ſe a ordem, com que algus Soberanos de Portugal montárão a cavallo para entrar de Eſtado em algumas Povoações.* Ibid.

# LIVRO II.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe o modo, com que ſe devem repartir, e tratar os Parques: como ſe devem fazer as raças, recolher, e tratar os Potros, e as Egoas: nomes das cores dos Cavallos: nomes dos ſinães, que devem ter os bons Cavallos, e quaes os nomes dos máos, de que ſe deve fugir, ſegundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de raças: obſervações, que ſe podem fazer para conhecer as idades dos Cavallos, com huma breve noção das partes externas, e internas, de que ſe compõem os ſeus corpos, &c.* 20.

EST. II. *Dos Potros no campo.* Ibid.

*Carta de Luiz XIV. aos Magiſtrados, e Grandes dos ſeus Dominios.* 22.

*Moſtra-ſe qual ſeja o tempo mais proprio para as Egoas ſe diſporem para o acto de geração; e quaes ſejão os Cavallos melhores para Garanhões.* 23.

*Moſtra-ſe o modo como ſe gera, e nutre o Potro no ventre da Egoa.* 25.

*Moſtra-ſe o tempo que as Egoas andão prenhes, ſegundo a melhor opinião.* 26.

*Signaes, por que ſe conhece eſtar proximo o parto das Egoas.* 27.

*Trata-ſe do modo de repartir o terreno dos Parques, e da quantidade de cabeças, que elle póde ſuſtentar.* 28.

*Moſtra-ſe qual ſeja o terreno mais proprio para crear os Potros.* 29.

*Motivos, pelos quaes deve haver nos Parques arribanas, ou cavalhariças.* 31.

*Modo, por que ſe devem tratar os Garanhões.* 32.

*Continua-ſe o modo de tratar os Potros.* 33.

*Trata-ſe das qualidades, que fazem os Cavallos mais proprios para Garanhões.* 34.

*Dos*

*Dos Cavallos Arabios.* Ibid.
*Dos Cavallos Andaluzes.* Ibid.
*Dos Cavallos Marroquianos.* 35.
*Dos Cavallos Inglezes.* Ibid.
*Dos Cavallos Napolitanos.* Ibid.
*Dos Cavallos Corredores.* Ibid.
*Quaes são os bons ſignaes, e qualidades, que fazem os Cavallos finos, e viſtoſos.* 36.
*Da idade, em que as Egoas eſtão capazes de ſervir para o lançamento.* 39.
*Quaes são as melhores cores dos Cavallos pais.* Ibid.
*Das moleſtias, que ſe communicão dos pais aos Potros.* Ibid.
*Que couſa he a moleſtia chamada Pulmoeira.* 40.
*Qualidades que devem ter as Egoas deſtinadas para as raças.* 42.
*Da razão, por que as Egoas devem ſer cubertas por Garanhões de differentes Paizes.* 44.
*Como ſe devem emparelhar os Garanhões com as Egoas para fazerem produzir bem as raças.* 45.
*Da razão, por que não devem trabalhar as Egoas deſtinadas para as raças.* 47.
*Do modo de fazer as liſtas das raças.* Ibid.
*Dos ſignaes, por que ſe conhece eſtar a Egoa diſpoſta para o lançamento.* 48.
*Do modo, por que ſe põe em prática o lançamento.* 49.
*Como ſe devem travar as Egoas para o lançamento, e a fórma da travadoura.* Ibid.
*Modo, com que devem ſer tratados os Garanhões, e conduzidos para o acto do lançamento.* 50.
*Modo de marcar os Potros: e fórma que devem ter os ferros de marcar.* 52.
*Moſtra-ſe o melhor modo, com que ſe devem deſmammar os Potros.* 53.
*Que couſa he a moleſtia chamada Congocha.* 54.
*Do modo, com que ſe nutrem as partes do corpo do Cavallo.* 55.
*Modo de fazer as raças para produzir Machos.* 56.
*Quaes são as partes, que devem ter os Burros mais proprios para o lançamento.* 57.
*Do modo, com que ſe fez na baixa Nurmandia produzir a raça dos Jumardos.* 58.
*Moſtra-ſe o modo mais facil de diſpôr os Potros, e Machos deſtinados para os coches, e carruagens.* 59.
*Nomes das cores dos Cavallos.* 61.
*Nomes dos ſignaes, que ſe dizem bons, ſegundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de Cavallos.* 62.
*Nomes dos ſignaes chamados communmente máos, e que fazem os Cavallos muito deſagradaveis.* Ibid.
*Moſtra-ſe quaes são os redopios, a que communmente chamão bons, e quaes os que denominão máos.* 63.
*Signaes, pelos quaes ſe conhece a idade, em que eſtão os Cavallos até chegarem aos ſete annos pouco mais, ou menos.* 64.
EST. III. *Dos nomes de algumas partes dos corpos dos Cavallos.* 65.
*Noções preliminares dos oſſos em geral.* 68.
*Das eminencias dos oſſos, e ſeus preſtimos em geral, e em particular.* Ibid.

*Das*

*Dos oſſos Athemoides, a quem outros chamão Uides, Capillares, ou do Vacilar.* 70.
*Dos oſſos das faces ſuperiores, e inferiores.* Ibid.
*Do Tronco do corpo do Cavallo.* Ibid.
*Das Vertebras cervicaes, ou do peſcoço em particular.* Ibid.
*Das extremidades poſteriores.* 75.
*Numero dos oſſos do corpo do Cavallo.* 77.
*Das Cartilagens em geral.* Ibid.
*Dos Ligamentos em geral.* 78.
*Dos Ligamentos das Vertebras em particular.* 79.
*Dos Ligamentos da palheta da eſpadua, e do oſſo do braço.* 80.
*Dos Ligamentos do joelho.* 81.
*Dos Muſculos em geral.* 84.
*Da Eſtructura dos Muſculos.* Ibid.
*Dos Muſculos proximos á pelle.* Ibid.
*Dos Muſculos da cabeça, do peſcoço, e dos lombos.* 85.
*Dos Muſculos da reſpiração, da cauda, da verga, e dos teſticulos.* Ibid.
*Dos Muſculos da eſpadua.* 86.
*Dos Muſculos do Braço, da Canela, da Quartela, dos Machinhos, e do oſſo Coronario.* 87.
*Dos Muſculos do Femur, e ſeus adjacentes.* 88.
*Dos Muſculos, que dão movimento ao pé.* 89.
*Dos Muſculos do Jarrete, da Canela, da Quartela, e do Oſſo Coronario.* Ibid.
*Do Cerebro.* Ibid.
*Das partes, de que ſe compõe a cabeça.* 90.
*Dos Ouvidos.* 91.
*Dos olhos, da primeira, ſegunda, terceira Tela, e das lagrimas.* Ibid.
*Da diviſão dos Nervos.* 92.
*Da compoſição do Peito.* 93.
*Da compoſição do Eſpinhaço.* Ibid.
*Continua-ſe a tratar das partes do Peito.* 94.
*Do Calor natural, dos Eſpiritos Vitaes, dos Animaes, e do Coração.* Ibid.
*Das Veias, e Arterias.* 95.
*Dos movimentos do coração, das ſuas valvulas, e fibras.* 96.
*Differença do movimento do Sangue, das Veias, e Arterias, e da conſtrucção dellas.* 97.
*Valvulas das veias.* 98.
*Diviſão da Veia Cava.* Ibid.
*Moſtra-ſe que couſa he o Sangue, e a ſua circulação.* Ibid.
*Vaſos mais principaes por onde ſe filtra o ſangue.* 99.
*Das Glandulas da boca.* 100.
*Da Trachea.* 101.
*Nomes dos inteſtinos principaes.* Ibid.
*Diſtinção dos nomes de algumas partes do corpo do Cavallo.* 102.
*Modo, por que ſe diſtribuem as arterias, e as veias nos braços dos Cavallos.* 103.
*Diſtribuição dos Nervos nos braços dos Cavallos.* Ibid.

*Modo, por que ſe diſtribuem os Nervos nas pernas dos Cavallos.* 104.
*Do modo, por que ſe diſtribuem as arterias nas pernas dos Cavallos.* 106.
*Do modo, por que ſe diſtribuem as veias nas pernas dos Cavallos.* Ibid.
*Do nervo Entrecoſtal, e da parte menor do Meſenterio.* Ibid.
*Divisão dos nervos da Medulla eſpinhal.* 107.
*Dos nomes das enfermidades viſiveis, que correſpondem aos numeros da Eſt. III., e algumas das ſuas qualidades.* Ibid.
*Das Moleſtias dos olhos.* Ibid.
*Das Moleſtias da boca.* Ibid.
*Dos Sapinhos.* 108.
*Dos Sobredentes.* Ibid.
*Dos ſignaes do defluxo, e mormo.* Ibid.
*Da Eriſipéla.* Ibid.
*Do Eſpaſmo.* Ibid.
*Dos esforços das eſpaduas.* 109.
*Dos Cavallos abertos dos peitos.* Ibid.
*Dos que tem os peitos ſumidos.* Ibid.
*Das ſob-rodas.* Ibid.
*Das Lupas.* Ibid.
*Do Eslabão.* Ibid.
*Da Sobrecana.* Ibid.
*Da extensão dos nervos dos braços.* 110.
*Das Ovaz.* Ibid.
*Das Gretas.* Ibid.
*Da Sobremão.* Ibid.
*Do Gavarro.* 111.
*Do Galapo.* Ibid.
*Dos Quartos.* Ibid.
*Das Raças.* Ibid.
*Dos Figos.* Ibid.
*Das Mataduras.* Ibid.
*Dos Lamparões.* Ibid.
*Dos Aguamentos.* 112.
*Das Terçans.* Ibid.
*Da Sarna.* Ibid.
*Da inchação dos teſticulos.* Ibid.
*Dos Sobrenervos.* Ibid.
*Dos Agriões.* 113.
*Dos Alifafes.* Ibid.
*Das Curvas, Sobcurvas, e Curvaças.* Ibid.
*Dos Eſpravões.* Ibid.
*Dos Cavallos Topinhos.* Ibid.

# LIVRO III.

## ARGUMENTO.

*BReve inſtrucção de algum principios da Geometria para melhor intelligencia dos termos pertencentes ás lições do Manejo. Modo com que ſe devem ſeparar, ou apartar os Potros das Egoas: como ſe devem enlaçar, recolher, penſar, e tratar na cavalhariça, principalmente quando os diſpuzerem para os deitar á guia, pôr-lhes a ſella, e diſpollos para aquelle exercicio, para o qual moſtrão ter mais propensão.* 114.

*Definições da Geometria.* Ibid.

*Demonſtração.* 115.

EST. IV. *De algumas figuras da Geometria.* 116.

*Do modo de enlaçar os Potros no Picadeiro.* 117.

*Do modo de pôr a cilha meſtra aos Potros.* 118.

*Do modo de pôr a ſella nos Potros.* Ibid.

*Moſtra-ſe como devem ſer fabricadas as ſellas, que ſe põem a primeira vez nos Potros.* 119.

EST. V. *De alguns inſtrumentos, com que ſe caſtigão os Cavallos.* Ibid.

*Utilidades da Guia, e de como deve ſer conſtruida.* Ibid.

*Modo de deitar os Potros as primeiras vezes á guia.* 120.

*Do modo de o obrigar as primeiras vezes a paſſar de mão.* Ibid.

*Continua-ſe o modo de deitar os Potros á guia.* 122.

*Fórma, com que ſe deve uſar do chambrié.* 123.

*Do modo de fazer paſſar o Potro de mão, obrigando-o com o chambrié.* 124.

*Explica-ſe que couſa he Açoute, e o modo de uſar delle.* 125.

*Do modo de montar o Potro debaixo da guia.* 126.

*Explica-ſe o modo, com que ſe devem atar as redeas do cabeção ás cilhas para eſta lição ſer util.* 127.

*Differença do modo de atar as redeas do cabeção, para formar o Potro na primeira lição do trote.* Ibid.

EST. VI. *Do circulo de duas piſtas para a direita.* 130.

*Leis pertencentes aos movimentos do corpo do Cavalleiro neſta lição.* Ibid.

*Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos neſta lição.* Ibid.

*Defeitos, que concorrem para os Cavallos ſe não poderem formar bem no ſeu movimento, e acção ſobre o circulo.* 132.

*Differenças do modo de atar as redeas do cabeção ás cilhas, e ſeus effeitos, eſtando o Cavallo capaz de paſſar á lição do galope.* Ibid.

EST. VII. *De hum Cavallo andando á guia, trazendo na ſella o Pilar do cepilho.* 133.

# LIVRO IV.

## ARGUMENTO.

*EXplica-ſe a fórma com que devem diſpôr os Principiantes para montar a cavallo: e as qualidades, de que devem ſer dotados os homens para ſerem bons Cavalleiros. Moſtrão-ſe tambem as que devem ter os Cavallos, em que principiarem a dar lição aos Principiantes, &c.* 137.

EST. VIII. *Do Principiante a cavallo para a eſquerda.* 139.

# LIVRO V.

## ARGUMENTO.

*DEfinição dos nomes, que são proprios neſta Arte, para com o ſoccorro delles poderem os Diſcipulos, livres de confuſão, perceber facilmente o que lhes mandão fazer. Nomes das partes de que ſe compõem alguns arreios, e o modo de uſar delles. Moſtra-ſe qual he a origem dos ſentidos naturaes dos Cavallos, e fórma com que os Cavalleiros devem ſervir-ſe das ajudas, e caſtigos, para a ſenſação ſer perceptivel aos ſentidos do animal: e tambem que couſa he paſſo natural, que couſa he andadura, que couſa he o movimento do trote: modo de formar a lição dos quatro circulos para a direita, e para a eſquerda, ao paſſo, e trote.* 153.

*Dos occultos movimentos com que ſe ajuda o Cavallo.* 156.

*Nomes dos andares naturaes.* 160.

*Nomes dos movimentos artificiaes.* Ibid.

*Explicações da Eſtampa V.* Ibid.

*Do Fiador.* 161.

*Do Pilão do centro.* Ibid.

*Do cabeção dos Pilões.* Ibid.

*Do Bridão.* Ibid.

*Do Cabeção ordinario.* 162.

*Dos Pilões.* Ibid.

*Do Açoute.* Ibid.

*Do Freio.* Ibid.

*Do Correão do Pilão.* 163.

*Do Gancho do Correão.* Ibid.

*Do Guia.* Ibid.

*Da Rabeira.* Ibid.

*Do Chambrié.* Ibid.

*Das Çapatilhas.* Ibid.

*Do Peitoral do mato.* Ibid.

*Do Páo de eſpora.* 164.

*Das*

*Das Mangas.* Ibid.
EST. IX. *Explicações das Embocaduras, e Caimbas.* Ibid.
*Do Fiel.* 165.
*Das Barbellas.* Ibid.
*Dos Copos.* Ibid.
*Dos Antolhos.* Ibid.
*Da ſella, e ſuas explicações.* Ibid.
*Dos Eſtribos.* 166.
*Dos Loros.* Ibid.
*Do Chairel.* Ibid.
*Do Rabicho.* Ibid.
*Do modo de enfrear os Cavallos.* Ibid.
*Da qualidade de freios, que ſervem aos Cavallos, que tem a boca ſenſivel.* 167.
*Dos freios, que ſervem aos Cavallos, que tem a boca groſſa.* Ibid.
*Do freio, que ſerve para os Cavallos, que tem o peſcoço mal formado.* Ibid.
*Do freio para os que tem a cabeça grande, e os aſſentos mais groſſos.* 168.
*Do freio que ſerve para os Cavallos, que ſe encapotão.* Ibid.
*Do freio para os Cavallos, que levantão muito a cabeça.* Ibid.
*Do freio, que ſerve para o Cavallo, que entizoura os queixos.* Ibid.
*Do freio, que ſerve para os Cavallos, que ſorvem os beiços.* 169.
*Dos freios para os Cavallos, que tem a boca muito raſgada.* Ibid.
*Dos freios para os Cavallos, que tem a boca pouco raſgada.* Ibid.
*Dos ſentidos naturaes dos Cavallos.* 170.
*Do ſentido do Ver.* Ibid.
*Do ſentido de Ouvir.* Ibid.
*Do ſentido do Olfacto.* Ibid.
*Do ſentido do Tacto.* Ibid.
*Moſtra-ſe em que conſiſte o ſentido de Ouvir.* 172.
*Moſtra-ſe o modo, por que ſe communica o Tacto ás partes nervoſas da cutis.* 173.
*Lição do Paſſo natural, e origem deſte movimento.* 175.
EST. X. *Do Cavalleiro, fazendo marchar o Cavallo a paſſo para a direita.* Ibid.
*Moſtra-ſe que couſa he paſſo travado.* 177.
*Lição da andadura, ou furtapaſſo.* 178.
EST. XI. *Do Cavalleiro, fazendo marchar hum Cavallo de andadura.* 179.
*Moſtra-ſe que couſa he o movimento chamado Traquinar.* 180.
*Continua-ſe a moſtrar mais alguns effeitos da andadura.* Ibid.
*Lição do trote.* 181.
*Modo facil de fazer paſſar os Potros de mão ao paſſo, e trote.* 183.
EST. XII. *Do Cavalleiro, fazendo trotar o Cavallo ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.* 186.
*Modo de emendar com as mãos, e pernas algumas defezas, de que os Cavallos uſão.* Ibid.
*Modo de emendar o Cavallo com o tronco do corpo.* 187.

*Do*

*Do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezo dos eſtribos, e do caſtigo das eſporas.* 188.

*Differença dos feitios das eſporas.* 190.

*Diſpoſições para a lição da eſpadua dentro, ou garupa ao muro.* 191.

EST. XIII. *Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo na lição da eſpadua dentro, ou garupa ao muro, ao paſſo, e ao trote pelo comprimento da muralha para a direita.* 192.

*Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda na lição da eſpadua dentro, ao paſſo, e trote.* 195.

EST. XIV. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição da eſpadua dentro ſobre as linhas da muralha, dobrado para a eſquerda.* 196.

*Modo de paſſar os Cavallos de mão da eſquerda para a direita na lição da eſpadua dentro.* 197.

*Differença que fazem humas de outras paſſagens de mão.* Ibid.

*Modo de marcar o terreno, trabalhando neſta lição.* 199.

EST. XV. *Do quadrado longo, em que ſe moſtra o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, quando trabalhão na lição da eſpadua dentro.* Ibid.

*Lição da meia garupa dentro ao paſſo, e trote para a direita.* Ibid.

*Modo de paſſar de mão na lição da meia garupa dentro.* 200.

*Diſpoſições para a lição dos circulos de quatro piſtas.* Ibid.

*Leis da lição dos quatro circulos pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro.* 201.

*Leis pertencentes á direcção dos movimentos dos corpos dos Cavallos neſta lição para a direita.* Ibid.

EST. XVI. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição dos quatro circulos, dobrado para a direita, com o freio, e cabeção ao paſſo, e trote.* 202.

*Defezas, que ordinariamente buſcão os Cavallos para fugir deſta lição.* Ibid.

*Modo de evitar que os Cavallos ſe deixem poſſuir de alguns deſtes defeitos.* 203.

*Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda ao paſſo, e trote neſta lição.* 204.

EST. XVII. *Do modo com que o Cavallo marca os circulos de quatro piſtas para a direita, e fórma com facilidade as paſſagens de mão ao paſſo, e trote.* 205.

*Lição dos quatro circulos para a eſquerda, ao paſſo, e trote.* Ibid.

*Da velocidade do movimento do trote.* 206.

EST. XVIII. *Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo com o freio, e cabeção na lição dos quatro circulos ao paſſo, e trote para a eſquerda.* 208.

*Advertencias ſobre o modo de regular o trote aos Cavallos deſtinados para a lição dos quatro circulos.* Ibid.

*Motivos, por que o movimento das eſpaduas dos Potros podem ſer deſiguaes: e o modo de os remediar.* 210.

*Do Cavallo quarteludo.* Ibid.

*Do Cavallo topinho.* Ibid.

*Do modo de trazer a mão de fóra para o centro na lição dos quatro circulos.* 211.

EST. XIX. *Na qual ſe moſtra o modo, com que o Cavallo marca no terreno com os pés,*

*pés, e mãos os circulos de quatro piſtas para a eſquerda, ao paſſo, e trote: e o modo de formar as paſſagens de mão.* 212.

# LIVRO VI.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe qual he a origem do movimento chamado Galope; e que couſa he a Carreira: Lição dos quatro circulos para a direita, e para a eſquerda: Lição da cara contra a muralha, ou teſta ao muro, ao paſſo, e trote. Que couſa he a Paſſada: Lição da garupa ao pilão, ao paſſo, e trote: Lição da volta ao revés, ao paſſo, e trote. Trata-ſe de como ſe paſſea o Cavallo no ſeu comprimento, e da lição de terra a terra com o freio ſó.* 217.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz galopar qualquer Cavallo.* 219.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos, quando ſe fórmão na acção da galopada.* 220.

EST. XX. *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção do galope, alguma couſa dobrado para a direita ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.* 222.

*Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo ſobre a direita.* 223.

*Modo, pelo qual S. A. fazia paſſar de mão qualquer Cavallo, galopando da direita para a eſquerda.* 224.

*Da razão, por que os Cavallos galopão falſo.* Ibid.

*Cauſas, por que os Cavallos facilmente ſe deſunem das eſpaduas.* 225.

*Das cauſas, por que os Cavallos ſe deſunem da garupa.* 226.

*Lição para fazer galopar qualquer Cavallo para a eſquerda.* 227.

EST. XXI. *Do Sereniſſimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção do galope, fazendo-o trabalhar com o freio, e cabeção dobrado para a eſquerda ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.* Ibid.

*Modo de formar as paſſagens neſta lição, deſdobrando o Cavallo da eſquerda para a direita.* 228.

*Trata-ſe da lição da carreira, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz partir hum Cavallo a toda a brida.* 230.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na carreira.* Ibid.

EST. XXII. *Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo na acção da carreira a toda a brida para a direita ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.* 231.

*Fórmas exteriores, que devem ter os bons Cavallos corredores.* Ibid.

*Modo de inſtruir os Cavallos na carreira.* 232.

EST. XXIII. *Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo a toda a brida para a eſquerda ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.* 234.

*Cauſas, por que duvidão os Cavallos formarem bem a carreira.* Ibid.

*Diſpoſições, e Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, para fazer galopar qualquer Cavallo na lição dos quatro circulos.* 235.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos corpos dos Cavallos, galopando neſta lição.* Ibid.

EST. XXIV. *Na qual ſe moſtra o modo, com que o Cavallo marca o terreno, quando ſe fórma na lição, e acção dos quatro circulos, galopando ſobre a direita.* 238.

*Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda.* 239.

*Lição dos quatro circulos, galopando hum Cavallo dobrado para a eſquerda.* 240.

EST. XXV. *Em que ſe vê a fórma com que os Cavallos marcão o terreno, galopando na lição dos quatro circulos dobrados para a eſquerda.* 241.

*Modo, com que o Cavallo marca o terreno, e faz as paſſagens de mão, galopando na lição dos quatro circulos da eſquerda para a direita.* 242.

*Modo de formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha, ou teſta ao muro, ao paſſo, e trote dobrado para a direita, e as leis pertencentes ás determinações do corpo do Cavalleiro.* 245.

*Leis pertencentes ás determinações dos Cavallos.* Ibid.

EST. XXVI. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha, ao paſſo, e trote para a direita.* 246.

*Defezas, de que ordinariamente uſão os Cavallos, quando lhes principião a formar a lição da cara contra a muralha.* 248.

*Lição da cara contra a muralha, ao paſſo, e trote para a mão eſquerda.* Ibid.

*Modo, por que o Cavallo marca no terreno quatro piſtas, trabalhando na lição da cara contra a muralha, ao paſſo, e trote ſobre huma, e outra mão.* 249.

*Modo de marcar o terreno, galopando na lição da cara contra a muralha.* Ibid.

EST. XXVII. *Do Cavalleiro, formando o ſeu Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha, ao paſſo, e trote para a eſquerda.* 250.

*Lição para tirar os Cavallos atrás; e as leis pertencentes á determinação dos ſeus movimentos, formando-os na acção do recuar.* 252.

EST. XXVIII. *De hum Cavallo, recuando ſobre as linhas da muralha, obrigado das ſenſações da guia, e vara, &c.: e as defezas, de que ordinariamente uſão, quando os cuſtião a recuar.* 253.

*Modo de remediar eſtas, e outras defezas, de que alguns uſão, quando os obrigão a recuar.* 254.

*Lição do ſuſpender, e as leis pertencentes á direcção dos movimentos do corpo do Cavalleiro.* 255.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na lição do piaffer, ou ſuſpender.* 256.

EST. XXIX. *Do Sereniſſimo Principe D. João, formando hum Cavallo na lição, e acção do ſuſpender, dobrando-o para a direita.* 257.

*Modo, pelo qual S. A. faz paſſar de mão qualquer Cavallo, trabalhando-o na lição do ſuſpender da direita para a eſquerda.* Ibid.

*Modo, por que o Cavallo marca o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, quando ſe fórma na lição, e acção do ſuſpender.* 258.

*Trata-ſe do modo de formar os Cavallos na lição do ſuſpender dobrados para a eſquerda.* 259.

*Do*

EST. XXX. *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção de ſuſpender, alguma couſa dobrado para a eſquerda.* 260.

*Modo, com que S. A. fazia paſſar de mão da eſquerda para a direita qualquer Cavallo que formava neſta lição.* Ibid.

*Moſtra-ſe que couſa he o movimento das paſſadas, e o modo de formar o Cavallo neſta lição, e acção para a direita, e para a eſquerda.* 261.

*Das paſſadas furioſas.* 262.

*Defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos para fugir do trabalho das paſſadas.* 263.

*Lição da garupa ao Pilão, ou ao centro, ao paſſo, e trote, dobrando o Cavallo para a direita com o freio, e cabeção.* 264.

EST. XXXI. *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, fazendo-o marchar ao paſſo, e trote para a direita.* 265.

EST. XXXII. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-os na lição da garupa ao centro, ao paſſo, e trote para a direita: e o methodo, por que S. A. obrigava qualquer Cavallo a paſſar de mão da direita para a eſquerda.* 267.

*Defezas de que usão alguns Cavallos, quando são obrigados a formar as paſſagens de mão, ſabindo dos circulos do centro para as linhas da muralha, e o melhor modo de as emendar.* 268.

*Lição da garupa ao Pilão, ao paſſo, e trote para a eſquerda.* 270.

EST. XXXIII. *Do Sereniſſimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, obrigando-o com o freio, e cabeção a marchar de paſſo, e trote para a eſquerda.* Ibid.

EST. XXXIV. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, e as paſſagens de mão, formando-ſe na acção da garupa ao Pilão para a eſquerda ao paſſo, e trote.* 273.

*Modo de obrigar qualquer Cavallo a formar a paſſagem de quatro piſtas.* Ibid.

*Modo, por que S. A. obriga hum Cavallo a formar o ſemicirculo a paſſadas.* 274.

*Lição da volta ao revés, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, fazendo trabalhar qualquer Cavallo neſta acção.* 275.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos do Cavallo.* Ibid.

EST. XXXV. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés junto ao Pilão do centro, dobrando-o para a direita ao paſſo, e trote.* 276.

*Da volta ao revés irregular.* 277.

*Effeitos da volta ao revés regular.* 278.

*Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho a que os conduz a lição da volta ao revés.* 279.

EST. XXXVI. *Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, formando-ſe na lição, e acção da volta ao revés, ao paſſo, e trote dobrado para a direita, e as paſſagens de mão da direita para a eſquerda, ſabindo dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2., e para a Fig. 3.* 280.

*Modo de fazer paſſar de mão qualquer Cavallo neſta lição, cortando o terreno, Eſt. XXXVI.* Ibid.

*Moſtra-ſe como o Cavalleiro deve uſar das ſenſações das ſuas mãos, pernas, e corpo, quando*

*do faz deſdobrar o Cavallo em qualquer deſtas paſſagens da direita para a eſquerda, fazendo-o trabalhar ſobre a Fig. 1., Fig. 2., e Fig. 3. da Eſt. XXXVI.* 281.

*Modo, por que o Cavallo com as ſuas piſtas marca os circulos da Fig. 1., Eſt. XXXVI., como tambem os da Fig. 2., e da Fig. 3. ao paſſo, e trote.* Ibid.

EST. XXXVII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda ao paſſo, e trote.* 282.

EST. XXXVIII. *Do modo, por que o Cavallo marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés, trabalhando na lição da volta ao revés dobrado para a eſquerda, marchando de paſſo, e trote ſobre a Fig. 1., ſobre a Fig. 2., e ſobre a Fig. 3.* 284.

*Modo, por que ſe fórmão as paſſagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da eſquerda para a direita, como tambem a ordem, pela qual o Cavalleiro deve determinar os ſeus movimentos para obrigar qualquer Cavallo a paſſar de mão.* 285.

*Modo de enſinar o Cavallo a galopar na lição da volta ao revés.* 286.

*Motivos, por que muitos Cavallos ſe deſigualão dos ſeus movimentos, trabalhando na lição da volta ao revés.* 287.

*Lição para paſſear o Cavallo no ſeu comprimento, dobrando-o para a direita.* Ibid.

EST. XXXIX. *O Cavalleiro, paſſeando hum Cavallo ſobre circulos de radio do ſeu comprimento, dobrando-o para a direita.* 288.

*Defezas, de que uſão alguns Cavallos para ſe eximir do trabalho deſta lição.* Ibid.

*Modo, por que o Cavalleiro deve firmar a ſua figura, trabalhando-o para a direita.* 290.

*Paſſagens de mão da direita para a eſquerda, trabalhando o Cavallo nos circulos, que tem o radio do comprimento do ſeu corpo, ſem mudar de terreno.* Ibid.

*Paſſagens de mão, fazendo-o ſahir da circumferencia, vindo por hum angulo completalla ſobre o meſmo terreno, em que o trabalhão.* 291.

*Lição para paſſear o Cavallo no meſmo circulo dobrado para a eſquerda.* Ibid.

EST. XL. *Do Cavalleiro, paſſeando o Cavallo no radio do ſeu comprimento, dobrando-o para a eſquerda; e modo, por que elle marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés ao paſſo, e trote.* 292.

*Lição do Terra á terra.* 293.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, formando o Cavallo neſta lição.* Ibid.

*Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos.* Ibid.

*Definição do Terra á terra em commum.* 294.

EST. XLI. *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, enſinando, e obrigando hum Cavallo com o freio, e cabeção a que ſe dobre na lição, e acção do Terra á terra para a direita.* 295.

EST. XLII. *De como os Cavallos marcão o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, trabalhando na lição do terra á terra dobrados para a direita: e o modo mais facil, e uſual de os fazer paſſar de mão, ſahindo da Fig. 1. para a Fig. 2. por duas tangentes parallelas.* 296.

*Modo, por que ſe devem formar as paſſagens de mão, fazendo ſahir o Cavallo da Fig. 1. para a Fig. 3., marcando quatro piſtas.* 297.

*Senſações, e movimentos com que ſe deve obrigar o Cavallo a mudar de acção da direita pa-*

*para a eſquerda ſobre a Fig.* 3., *Eſt. XLII.*, *trabalhando-o na lição do terra á terra.* 298.

*Lição do terra á terra para a eſquerda, enſinando o Cavallo com o freio, e cabeção.* Ibid.

EST. XLIII. *Do Sereniſſimo Principe D. João, enſinando hum Cavallo na lição do terra á terra, dobrando-o para a eſquerda.* 299.

*Defezas de que communmente uſão os Cavallos para fugir do trabalho deſta lição.* Ibid.

*Paſſagens de mão, ſahindo dos circulos da Fig.* 1. *pelas tangentes A, e I, indo-as depois completar por ſemicirculos ſobre a Fig.* 1. *da Eſt. XLIV., Letra H, e N., como tambem a fórma de enſinar os Cavallos a fazer as paſſadas de L para M.* 301.

EST. XLIV. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, trabalhando-os dobrados para a eſquerda.* 302.

*Lição para enſinar o Cavallo de paſſo, trote, e galope a marcar com as piſtas dos pés o quadrado, e com as das mãos as porções dos circulos nos angulos, como ſe moſtra na Eſt. XLV.* 303.

EST. XLV. *Quadrado regular, ou modo, por que o Cavallo marca com as piſtas dos pés as linhas do centro N.* 3., *e N.* 4., *B, e C; e com as das mãos as da maior circumferencia N.* 1., *e N.* 2., *A, D. Trata-ſe tambem do modo de formar as paſſagens de mão.* 304.

*Defezas, de que uſão alguns Cavallos para fugir do trabalho das paſſadas, quando lhes enſinão a formar as paſſagens neſta lição.* 305.

*Lição do quadrado regular para a eſquerda.* 306.

*Paſſagens de mão ſobre a Fig.* 2., *e Fig.* 3. *da Eſt. XLVI.* Ibid.

EST. XLVI. *Quadrado regular, marcando o Cavallo com as piſtas das eſpaduas as linhas exteriores, e com as da garupa as interiores mais proximas ao centro, &c.* 307.

*Lição da volta ao revés ſobre o quadrado regular.* Ibid.

*Modo, por que o Cavallo marca o terreno, marchando ſobre á direita.* 308.

*Paſſagens de mão, cortando o terreno.* 309.

*Movimentos, pelos quaes o Cavallo póde conhecer que o Cavalleiro o pertende deſdobrar da direita para a eſquerda.* Ibid.

EST. XLVII. *Em que ſe vê como o Cavallo deve marcar o quadrado da volta ao revés regular para huma, e outra mão.* 310.

# LIVRO VII.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe como ſe deve enſinar o Cavallo a galopar com o freio ſó: o modo de lhe enſinar a fazer toda a ſorte de paſſagens de mão: preſtimos das falſas redeas: effeitos, que fazem os differentes movimentos da mão da redea em todo o corpo do Cavallo: Lição do Terra á terra, trabalhando-o com o freio ſó: lição da volta ao revés tambem com o freio ſómente: e lição do meio ar ſó com o freio.* 312.

*Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo ſobre a direita, enſinando-o com o freio ſó.* 313.

EST. XLVIII. *Sua Mageſtade enſinando hum Cavallo a galopar para a direita com o freio ſó, dobrando-o ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.* 314.

*Paſſagens de mão, galopando da direita para a eſquerda.* 315.

*Modo de formar as paſſadas, enſinando o Cavallo com o freio ſó.* Ibid.

*Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo dobrado para a eſquerda ſómente com o freio.* 316.

EST. XLIX. *O Sereniſſimo Principe D. João enſinando hum Cavallo a galopar, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.* Ibid.

*Fórma, com que S. A. enſina qualquer Cavallo a paſſar de mão, galopando-o da eſquerda para a direita.* 317.

*Modos de enſinar os Cavallos, que fogem de formar as paſſagens de mão, ficando para trás.* 319.

*Dos que fogem de formar as paſſagens, arremeſſando-ſe a ellas, entrando muito na mão, ou fugindo para diante; e dos que tomão ſentido no lugar, e modo de os paſſar de mão.* 320.

*Contra-paſſagens de mão, e paſſagens tranſtornadas, trabalhando com o freio ſó.* Ibid.

*Paſſagens de mão, eſperando o tempo, e o modo de as fazer tambem ſobre a meia parada, e ſobre a meia curveta.* 322.

*Effeitos da mão da redea em commum, trabalhando o Cavallo com o freio ſó: e os movimentos principaes, com que ella faz uteis as ſenſações da embocadura, e da barbella.* 323.

*Effeitos da força da embocadura do freio, e da barbella.* 326.

*Explicão-ſe os modos de render a mão, trabalhando o Cavallo com o freio ſó.* 329.

*Trata-ſe do modo de formar a meia parada, e dos effeitos da parada firme, trabalhando-o com o freio ſó.* Ibid.

*Effeitos da lição das falſas redeas.* 330.

*Lição das redeas de vencer cruzadas.* 331.

EST. L. *De hum Cavallo, andando á guia para a direita com as correas de vencer cruzadas.* 332.

*Defezas, de que muitas vezes uſão os Cavallos, e meios de as remediar.* 333.

*Modos de corrigir os Cavallos, que ſe defendem da ſujeição das correas de vencer cruzadas.* 334.

*Dos que parão mal, por ſerem compridos, e pouco ſenſiveis.* 335.

*Dos que não parão bem, porque ſe encapotão: dos que parão mal, por ſe doerem de alguma das partes do corpo: dos que não uſão bem das forças, por ſerem ſellados, como tambem dos que ſe levantão na parada.* 336.

*Motivos, que fazem a parada intempeſtiva. Cauſas, por que alguns Cavallos na parada forção a mão do Cavalleiro, e dão bicadas; e as razões, por que outros temem as paradas.* 337.

EST. LI. *Do Cavalleiro formando hum Cavallo na acção da parada firme para a direita: e a lição para o tirar atrás, depois de montado.* Ibid.

EST. LII. *Do Cavalleiro, fazendo recuar hum Cavallo ſobre linhas parallelas á largura do manejo, obrigando-o com o freio ſó.* 339.

*Diſ-*

*Diſpoſições para a lição do terra á terra, trabalhando o Cavallo com o freio ſó.* 340.
*Modo, por que o Cavallo equilibra o ſeu pezo entre os Pilões; e a variedade com que o devem ajudar, e caſtigar.* Ibid.
EST. LIII. *De Sua Mageſtade, trabalhando hum Cavallo na acção do terra á terra para a direita ſómente com o freio.* 342.
*Modos, por que Sua Mageſtade fazia paſſar de mão qualquer Cavallo ſobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Eſt. XLII., trabalhando-o com o freio ſó. Methodo, com que acordava toda a ſua bella figura para o fazer mudar de acção, e unir-ſe bem ſobre a garupa na paſſagem.* 343.
*Lição da volta ao revés para a direita ao paſſo, e trote com o freio ſó.* 344.
EST. LIV. *De Sua Mageſtade, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés para a direita com o freio ſó.* 345.
*Fórmas de fazer paſſar de mão os Cavallos, trabalhando-os na lição da volta ao revés, ao paſſo, e trote com o freio ſó, marcando as eſpaduas os ſemicirculos da maior circumferencia, e a garupa os da menor, Fig. 2., Eſt. XXXVI., como tambem marcando as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia, e as das eſpaduas a menor, como ſe vê na Fig. 3. da meſma Eſtampa.* 346.
*Lição do terra á terra para a eſquerda.* 347.
EST. LV. *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra, obrigando-o a dobrar-ſe para a eſquerda com o freio ſó.* 349.
*Paſſagens de mão da eſquerda para a direita.* 350.
*Modo de obrigar o Cavallo a paſſar de mão da eſquerda para a direita, marcando quatro piſtas, como ſe moſtra na Fig. 3.* 351.
*Lição da volta ao revés, trabalhando o Cavallo dobrado para a eſquerda com o freio ſó.* 352.
EST. LVI. *Do Excellentiſſimo Marquez Eſtribeiro Mór, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.* 353.
*Paſſagens de mão da eſquerda para a direita, formando o Cavallo na acção da volta ao revés.* Ibid.
*Modo de obrigar o Cavallo a formar as paſſagens de mão; marcando as piſtas dos pés as linhas maiores, e as das mãos as linhas menores, ſendo obrigado com o freio ſó.* 354.
*Lição do meio ar para a direita.* Ibid.
EST. LVII. *De hum Cavallo junto ao Pilão do centro na acção do meio ar de firme a firme.* 355.
EST. LVIII. *Do Sereniſſimo Principe D. João, enſinando hum Cavallo na lição do meio ar, dobrando-o para a direita com o freio ſó.* 357.
*Paſſagens de mão da direita para a eſquerda.* Ibid.
*Modo de os obrigar a paſſar de mão ſobre a meia volta da direita para a eſquerda.* 358.
EST. LIX. *Dos modos de repartir o terreno para formar as paſſagens de mão ſobre o quarto, e ſobre a meia volta para huma, e outra mão.* 359.
*Lição do meio ar para a eſquerda.* Ibid.
*Defeitos, que ſervem de embaraço para os Cavallos ſe formarem bem na acção do meio ar; e os modos, por que alguns ſe remedeão.* 360.

*Paſ-*

*Paſſagens de mão da eſquerda para a direita.* 361.

*Modo, por que S. A. fazia paſſar de mão qualquer Cavallo ſobre a meia volta, da eſquerda para a direita.* 362.

EST. LX. *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção do meio ar, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.* Ibid.

# LIVRO VIII.

## ARGUMENTO.

*TRata-ſe do modo com que ſe deve obrigar qualquer Cavallo a formar na lição, e acção da Pirueta, e da meia Pirueta para a direita, e para a eſquerda. Fórma com que ſe devem continuar a ajudar os Cavallos entre os Pilões, para ſe diſporem para os ares altos. Moſtra-ſe que couſa he o ar das Pouſadas, e qual o melhor methodo de fazer recuar os Cavallos, obrigando-os o Cavalleiro com o freio ſó: a meſma lição das pouſadas de firme a firme junto ao Pilão do centro. Volta ao revés na acção das curvetas ſobre a direita, e eſquerda, tanto ſem Cavalleiro, como depois de montados os Cavallos.* 363.

*Lição da Pirueta para a direita.* 364.

EST. LXI. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da Pirueta para a direita; e o modo, por que marca o terreno com as piſtas dos ſeus pés, e mãos.* 365.

*Modos de remediar algumas deſezas, de que uſão os Cavallos para ſe eximirem de fazer as Piruetas.* Ibid.

*Lição da meia Pirueta para a direita; e o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno para formar eſta acção.* 366.

EST. LXII. *Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, quando fórma a Pirueta para a direita, e para a eſquerda, como tambem os ſemicirculos: do modo de marcar o terreno da meia Pirueta, marchando ſobre hum, e outro lado, e a lição da Pirueta para a eſquerda.* Ibid.

*Lição da meia Pirueta para a eſquerda.* 367.

EST. LXIII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da meia Pirueta para a eſquerda.* 368.

*Lição das Pouſadas.* Ibid.

EST. LXIV. *Do Cavalleiro, enſinando hum Cavallo a fazer as pouſadas para a direita: e o modo, pelo qual marca o terreno neſta lição.* 370.

*Diſpoſições para a lição das Curvetas.* 371.

*Cauſas, por que muitos Cavallos não fazem bem as Curvetas.* 372.

EST. LXV. *De hum Cavallo na acção das Curvetas entre os Pilões para a direita.* Ibid.

EST. LXVI. *De hum Cavallo entre os Pilões na acção das Curvetas para a eſquerda.* 373.

*Lição das Curvetas antes do Cavallo ſer montado, junto ao Pilão do centro de firme a firme.* 374.

EST.

EST. LXVII. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-ſe na acção das Curvetas ſobre linhas parallelas ao centro do manejo, marchando tanto para diante, como para a direita, e para a eſquerda: modo, pelo qual marcão os circulos de quatro piſtas junto ao Pilão do centro ſobre a volta a Curvetas para a direita, e para a eſquerda, como tambem os circulos de quatro piſtas junto ao Pilão do centro, formando-ſe na acção das Curvetas ſobre a volta ao revés para hum, e outro lado.* 375.

*Diſpoſições para eſta lição, marchando o Cavallo ſobre a volta para a direita.* 376.

EST. LXVIII. *De hum Cavallo na acção das Curvetas junto ao Pilão do centro ſobre a volta ſimples para a direita.* 377.

*Diſpoſições para a lição das Curvetas ſobre a volta ſimples para a eſquerda junto ao Pilão do centro.* Ibid.

EST. LXIX. *De hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta para a eſquerda junto ao Pilão do centro.* 378.

*Diſpoſições para a lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, dobrando-ſe para a direita.* Ibid.

EST. LXX. *De hum Cavallo na acção das Curvetas, dobrando-ſe ſobre a volta compoſta ao revés para a direita.* 380.

*Diſpoſições para a lição das Curvetas, dobrando-ſe para a eſquerda.* Ibid.

EST. LXXI. *De hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés dobrado para a eſquerda.* 381.

*Continua-ſe a lição das Curvetas de firme a firme, depois do Cavallo montado.* Ibid.

EST. LXXII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas de firme a firme para a direita.* 382.

*Continua-ſe a lição das Curvetas, enſinando o Cavalleiro o ſeu Cavallo a formar-ſe neſta acção ſobre a volta ſimples para a direita.* 383.

EST. LXXIII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta ſimples para a direita.* Ibid.

EST. LXXIV. *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando hum Cavallo a fazer as Curvetas ſobre a volta para a eſquerda.* 385.

*Continua-ſe a lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a direita.* 386.

EST. LXXV. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta ao revés para a direita.* 388.

*Lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a eſquerda.* 389.

EST. LXXVI. *De hum Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, dobrando-o para a eſquerda.* 390.

*Lição das Curvetas, recuando.* 392.

# LIVRO IX.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe o modo, por que ſe devem enſinar, e diſpôr os Cavallos entre os Pilões, para os formar nas lições dos ares altos; e como ſe preparão junto ao Pilão do centro de firme a firme para aprender a fazer as Garupadas, as Balotadas, e Capriolas: qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para eſtes exercicios: e o modo, por que ſe devem fazer toda a ſorte de eſcaramuças, e mais feſtejos pertencentes a eſta Arte.* 394.

*Diſpoſições para a lição das Garupadas.* 395.

*Lição das Garupadas junto ao Pilão do centro, dobrando-ſe o Cavallo alguma couſa para a direita.* 396.

EST. LXXVII. *De hum Cavallo na acção das Garupadas de firme a firme junto ao Pilão do centro.* Ibid.

*Defezas, de que uſão alguns Cavallos, quando os principião a formar para a lição das Garupadas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro ſem Cavalleiro.* 397.

EST. LXXVIII. *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a direita.* 398.

*Lição das Garupadas para a eſquerda, e noticia de algumas defezas, de que ordinariamente uſão os Cavallos, quando os obrigão a formar-ſe neſta acção.* 399.

EST. LXXIX. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a eſquerda.* 400.

*Lição das balotadas para a direita, e algumas explicações de varias defezas, de que uſão muitos Cavallos, ordinariamente quando os principião a formar neſta acção.* 401.

EST. LXXX. *De hum Cavallo na acção da Balotada junto ao Pilão do centro de firme a firme.* 402.

EST. LXXXI. *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando o Cavallo a formar a acção da Balotada, dobrando-o para a direita.* 404.

*Lição das Balotadas para a eſquerda.* Ibid.

EST. LXXXII. *De hum Cavalleiro, formando o Cavallo na acção das Balotadas, dobrando-o para a eſquerda.* 405.

*Lição das Capriolas entre os Pilões, e a meſma de firme a firme.* Ibid.

EST. LXXXIII. *O Cavallo na acção das Capriolas de firme a firme junto ao Pilão do centro para a direita.* 407.

*Modo, por que ſe deve montar o Cavallo das Capriolas entre os Pilões.* Ibid.

*Modo de formar o Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-a para a direita.* 408.

EST. LXXXIV. *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando o Cavallo a completar a acção das Capriolas, dobrando-o para a direita: e o modo de continuar a meſma lição, dobrando-o para a eſquerda.* 409.

EST. LXXXV. *O Cavalleiro formando hum Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a eſquerda.* 410.

*Tra-*

*Trata-ſe de como ſe coſtumão formar as Eſcaramuças, e outros divertimentos proprios para ſe adeſtrarem os Cavalleiros na Arte da Cavallaria, e no modo de manejar as armas.* 411.

*Regras geraes das Eſcaramuças, uſando os Cavalleiros nellas das lanças decontoadas.* 413.

*Modo de manejar os arremeções das lanças decontoadas.* 414.

EST. LXXXVI. *Seis Cavalleiros correndo lanças decontoadas para a direita.* 415.

*Advertencias.* Ibid.

*Regras geraes das Eſcaramuças, fazendo-as os Cavalleiros com a eſpada na mão.* 416.

*Methodo de correr Parelhas.* 418.

EST. LXXXVII. *Dous Cavalleiros correndo Parelhas; e o modo de pôr em prática o deſafio das Alcanzias.* Ibid.

EST. LXXXVIII. *Dous Cavalleiros correndo Alcanzias.* 420.

*Deſafio das canas.* Ibid.

*Advertencias.* 421.

EST. LXXXIX. *Dous Cavalleiros correndo canas para a direita.* 422.

*Modo de correr os Pombos.* Ibid.

*Advertencias.* Ibid.

*Modo, por que ſe devem formar os Cavalleiros.* Ibid.

EST. XC. *Dos Cavalleiros correndo aos Pombos.* 424.

*Diſpoſições para correr ao Eſtafermo, e a ſua conſtrucção.* Ibid.

EST. XCI. *Do Cavalleiro correndo ao Eſtafermo.* 425.

*Modo de correr á Barquinha.* Ibid.

EST. XCII. *De varios Cavalleiros, correndo as Cabeças.* 426.

# LIVRO X.

## ARGUMENTO.

*TRata-ſe das qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para a guerra: razão, por que devem ſeguir alguns ares, e trabalhos da Eſcola: inſtrucções, que devem ſaber os Picadores dos Regimentos para enſinar os Soldados, e os Cavallos delles, ſegundo o Regulamento do Senhor Rei D. Joſé I.; e como devem ſer exercitados os Cavallos deſtinados para a caça, tanto de viação, como volatil, a fim de ſerem agradaveis, e cómmodos nos ſeus movimentos para os Cavalleiros.* 429.

*Qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para a guerra.* 430.

*Inſtrucções, que devem ſaber os Picadores dos Regimentos.* Ibid.

*Os Picadores devem ſaber pôr em prática as ſeguintes evoluções para adeſtrar os ſoldados com propriedade para ellas.* 434.

*Para apear, formar a pé, e montar outra vez a cavallo.* 436.

*Modo, por que devem ſer trabalhados os Cavallos deſtinados para a guerra.* 439.

*Diſpoſições para os Cavallos ſaltarem vallados, foſſos, e tranqueiras.* 442.

****

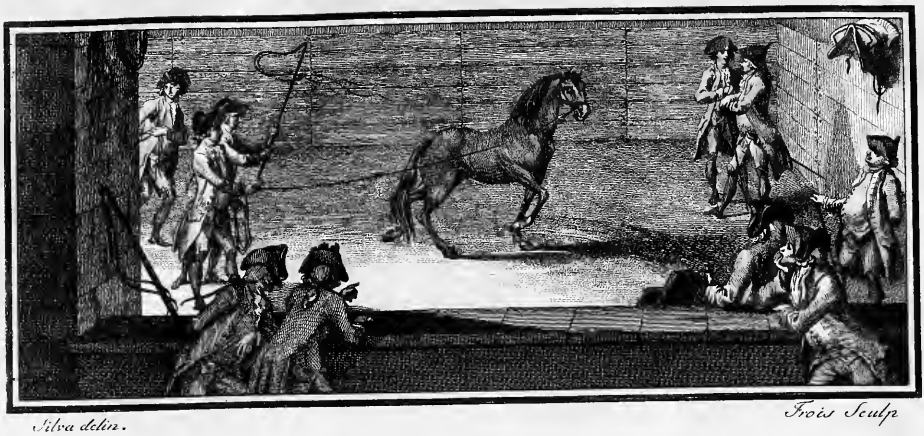
EST. XCIII. *Hum ſoldado a pé junto ao Cavallo, outro montando, e outro ſaltando a tranqueira.* Ibid.

*Conſtrucção, e coſtumes, que devem ter os Cavallos corredores, que ſervem para a caça.* 444.

*Movimentos, por que ſe conhece a falta de folgo nos Cavallos.* 446.

*Modo, pelo qual o Senhor Rei D. Joſé I. hia ás caçadas.* 448.

*Modo, por que Sua Mageſtade ſahia á caça das Lebres.* 450.



*Silva delin.* *Frois Sculp.*

# LIVRO I.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe a razão, por que temos pouca certeza de quem forão os primeiros Inventores da Nobre Arte da Cavallaria: Nomes dos melhores Authores, que tratão della: Obrigações civis, que devem obſervar os Picadores, tanto para ſerem cortezes, e polidos no Picadeiro Real, e nos Picadeiros particulares, como para não ignorarem as ſuas obrigações, e regalias.*

AINDA que o Sabio Author da Natureza na producção das creaturas nos deixou admiraveis veſtigios da ſua Divina Omnipotencia, e deo aos homens huma idéa de algum conhecimento da meſma Natureza, para que admirando a ſua contextura, ſaibão louvar o ſeu ſublime, e Divino Artifice: com tudo, eu não me perſuado que poſſa haver engenho tão perſpicaz, que ſe anime a penetrar ſegredos os mais reconditos, quaes os da organização, e movimentos dos irracionaes: por ſer em todas as Artes, e Sciencias tão limitado o entendimento humano, que a pezar de todos os ſeus eſforços, e diligencias fica ignorando mais do que conhece. Mas ainda que eu eſteja perſuadido da certeza deſta verdade, não me parece juſto deixem os homens de conhecer, quanto lhes for poſſivel, ſenão o total da organização, da medulla, e movimento dos corpos dos animaes, ao menos os ſeus preſtimos. E como entre todos ſeja muito para a admiração dos mortaes o regular movimento dos Cavallos, e as ſuas utilidades, eu eſcreverei a eſte reſpeito, e diſcorrerei neſta Liberal, e Nobre Arte que me proponho, vulgarmente cha-

A ma-

mada da Cavallaria, na qual ſeguirei a lição dos melhores Authores que della tratão, e direi ſem ſujeição o que mais me parecer ſe conforma com a razão, e verdade, pois que me agrada melhor acertar ſó, que errar acompanhado.

He ſem duvida, que Deos creou ao Cavallo com ſuperioridade no ſeu preſtimo a todos os mais animaes. Job Cap. xxxix. Elle he admiravel na fortaleza, na ligeireza, e na ouſadia, como ſe vê nas campanhas, rompendo com intrepidez por meio dos maiores horrores da guerra: alegra-ſe com a voz, e rumor dos inſtrumentos béllicos, e eſtrepito das armas, que põem em confuſão os homens, e deſanima a todos os mais animaes; elle porém ſe embravece, e cheio de colera excava a terra com mais furia, do que hum Leão, e de longe conheçe a guerra pela preparação, e vozes dos inimigos: por todos eſtes motivos nós podemos dizer, ſer o Cavallo o mais nobre de todos os irracionaes.

Os Numidas de Africa (referem as Hiſtorias) peleijavão na Libia em cavallos, mas ſem ſellas: os Centauros Póvos da Grecia achárão o uſo dellas, e forão os primeiros que formárão militarmente correrias para a guerra, e eſcaramuças para a paz. Os Principes Perſas (affirma Ariſtoteles) forão os primeiros que deſcubrírão o uſo do freio, e dominárão ſcientificamente eſtes generoſos animaes. A maior parte das Nações mais abalizadas, e bellicoſas attribuírão a ſi a invenção deſta belliſſima Arte: motivo talvez, por que nós ignoramos qual foi o ſeu primeiro inventor.

A nobre Arte da Cavallaria he entre todas as Artes a mais ſublime, a mais principal, e a mais illuſtre. Juſtificão as ſuas utilidades tantas victorias alcançadas na campanha pela grande força da Cavallaria: pois (como diz Ariſtoteles Liv. III. Cap. xxxiii.) ella he o nervo principal dos Exercitos. Os maiores Capitães, os maiores Principes, e os Monarcas mais famoſos, e abalizados ſe prezavão mais de ſerem grandes Cavalleiros, que de ſerem grandes Principes.

Nas maiores façanhas dos mais famoſos Heroes achamos terem nellas grande parte os Cavallos; porque ſobre elles todos ſe ſervião do ſeu preſtimo para dar principio, e pôr em prática as ſuas mais heroicas grandezas, e avultadas acções militares.

Os Principes da Aſia montavão a cavallo com grande apparato, e mageſtade no dia, em que fazião patentes as ſuas mais notaveis memorias, e troféos.

Cyro não conquiſtára Babylonia, ſenão ſe valêra da agilidade, com que o ſeu Cavallo paſſou nadando o famoſo braço do Ganges.

Salamão, o maior de todos os Reis, e o maior de todos os Sabios, fez ſempre as ſuas funções mais publicas todas a cavallo; e era tão inclinado a eſta nobre Arte da Cavallaria, que todos os dias montava ao menos em tres, ou quatro Cavallos, de ſorte que para ſerviço de ſua Real Peſſoa ſuſtentava nas ſuas cavalhariças ſincoenta e dous mil Cavallos, como conſta da Eſcritura Sagrada, Livro III. dos Reis Cap. iv. v. 26., e do ſegundo do Paralip. Cap. i. v. 14.

O Grande Macedonio, ainda que pela boca de Filippe ſeu Pai ſe auguraſſe no ſeu Bucefalo para Conquiſtador do mundo, com tudo elle talvez não ſahiria vencedor de Thebas, ſe deixaſſe de ſoffrer o ſeu Cavallo tanto trabalho, e tantas

fe-

feridas naquella grande batalha. Heitor, Annibal, Veriato, Pompeio, Vitelio, Caſtro, e em fim todos aquelles Heroes, com que o clarim da fama atroa todas as partes do Mundo, de ordinario ſe conduzírão ás ſuas maiores heroicidades nos ſeus Cavallos.

Ceſar meſmo ſe prezava mais de ſer grande Cavalleiro, do que de ſer Imperador dos Romanos: porque (dizia elle) para ſer Imperador, dependia de muitos; e para ſer Cavalleiro, ſó de ſi preciſava.

Pelo eſpaço de dilatados ſeculos houve na Aſia, e na Africa eſte coſtume: que os Principes pertendentes do Throno deverião primeiro juſtificar-ſe dignos daquelle excelſo lugar pelos merecimentos de bons Cavalleiros. Os Perſas elegião para ſeu Soberano aquelle Principe, que no dia da eleição moſtrava ſer melhor Cavalleiro. Na Perſia, e na Grecia ſó foi permittido á Nobreza por muitos tempos montar a cavallo; e para os póvos daquelles Eſtados o poderem fazer, preciſavão de licença, cuja graça concedia o Rei, quando queria honrar com diſtinção aquelle a quem a fazia.

Das Sagradas Letras ſe vê que a maior honra que Aſſuero podia fazer aos vaſſallos, que pertendia engrandecer, e honrar muito, era, que montados em hum dos ſeus cavallos, paſſeaſſem pela Cidade, Eſther Cap. VI. v. 8. Os Gregos, e á ſua imitação os Romanos, ſeguírão por muitos tempos eſtes uſos, e por iſſo dividírão a Republica em Equeſtres, e Plebeos, chamando Equeſtres a toda a Nobreza.

Eſtes coſtumes paſsárão á Europa mais civilizada, e forão bem recebidos das noſſas Heſpanhas. Os Cavalleiros das Ordens Militares de Portugal, Heſpanha, França, e mais Eſtados, onde os ſujeitos mais diſtinctos da Nobreza são contados, e tratados por Cavalleiros, são geralmente as Perſonagens mais illuſtres das Monarquias. He bem certo que nós não podemos dizer com certeza, qual foi o primeiro inventor deſta bella Arte; e póde ſer talvez, porque as ſuas recommendaveis utilidades a tem feito adoptar, não ſó pelos já referidos, mas geralmente por todos os Principes, por todas as Nações, e por todos os Póvos; pois que a todos ſe tem feito preciſa, e util eſta tão bella, como Nobre Arte.

Todas as Artes, e Sciencias tem conſeguido o ter Profeſſores, cuja curioſidade ainda nos communicão pelos ſeus eſcritos os frutos dos ſeus trabalhos, e experiencias; porém eſta de que tratamos, ſendo cultivada, e protegida por tantos Principes, Soberanos, Nobreza, e Póvos de todo o Mundo, tão pouco tem encontrado, por deſgraça della, quem nos tranſcreva as ſuas recommendaveis utilidades. Só Pignatel Italiano de Nação, Meſtre famoſiſſimo da Academia de Napoles, foi o primeiro que ſe abalançou ao trabalho de eſcrever da Arte da Cavallaria da brida, poſto que mui ſuccintamente. Elle nos dá hum bom methodo de diſpôr os Potros, e de inſtruir os principiantes Cavalleiros para a lição: foi ſua a invenção do circulo de duas piſtas, (Eſt. VI. Fig. 1.) que depois foi aperfeiçoado por Le Brove, que tambem eſcreveo ſobre eſta materia; e os Eſcritores que a eſte reſpeito tem havido, e que tem chegado até nós, são Pluvinel, Newcaſtle, Solliſel, La Guerinieri, Figenberg, La Nu-é, João Taqw, Brogelat, e João Grine de Previl: eſtes

são igualmente os Authores, cujas obras são cheias de merecimento, e se fazem dignas da mais seria recommendação.

Le Brove compoz hum volume em folio, o qual contém as maximas principaes de João Baptista Pignatel, seu Mestre, e da Academia de Napoles. Esta Escola chegou a tão alta estimação no seu tempo, que era reputada pela melhor do Mundo; pois que toda a Nobreza da Italia, de Napoles, de França, e de Alèmanha se jactava de haver tomado lições de tão excellente Mestre. Pluvinel passou de França a Napoles, e tambem foi discipulo de Pignatel; e quando em 1589. Henrique IV. o Grande, Rei de Navarra, foi chamado para succeder na Coroa de França, elle o acompanhou, e foi seu Mestre da Picaria, e Mestre de Luiz XIII. o Justo. Foi Pluvinel hum grande Cavalleiro; e Henrique confessava dever em grande parte as suas victorias á boa ordem, com que lhe havia disciplinado as suas Tropas no exercicio de montar a cavallo, constituindo-as promptas em todas as evoluções Militares. Elle nos deixou hum volume em folio, o qual mereceo a geral acceitação dos Sabios; e posto que seguisse as maximas de Pignatel, e de Le Brove, com tudo elle descubrio, e inventou alguns ares proprios aos Cavallos, e ao manejo.

O Marquez Duque de Newcastle foi hum insigne Cavalleiro, e como tal nos deixou hum tomo em folio impresso na lingua Ingleza, e Franceza, feliz producção do seu avultado engenho, e ornado com primorosas Estampas. Porém como elle fez imprimir sómente sincoenta volumes para fazer delles offerta a varios Principes, e Senhores, os desta primeira impressão hoje são tão raros, que com difficuldade se acha algum. Em França se publicárão segunda, e terceira vez as obras deste Author, sendo a sua impressão muito custosa, tanto pelas finas Estampas, de que se acha ornada, como pelas bellas encadernações com que apparecem muitos volumes, que ainda hoje existem; pois a curiosidade da Nação Franceza para todas as Sciencias os fez reimprimir, sem que lhe servissem de obstaculo os grandes gastos, que trazem comsigo as diligencias desta natureza, para que a dilatada carreira dos tempos não sepultasse no esquecimento obra tão appreciavel, e de tão distincto merecimento.

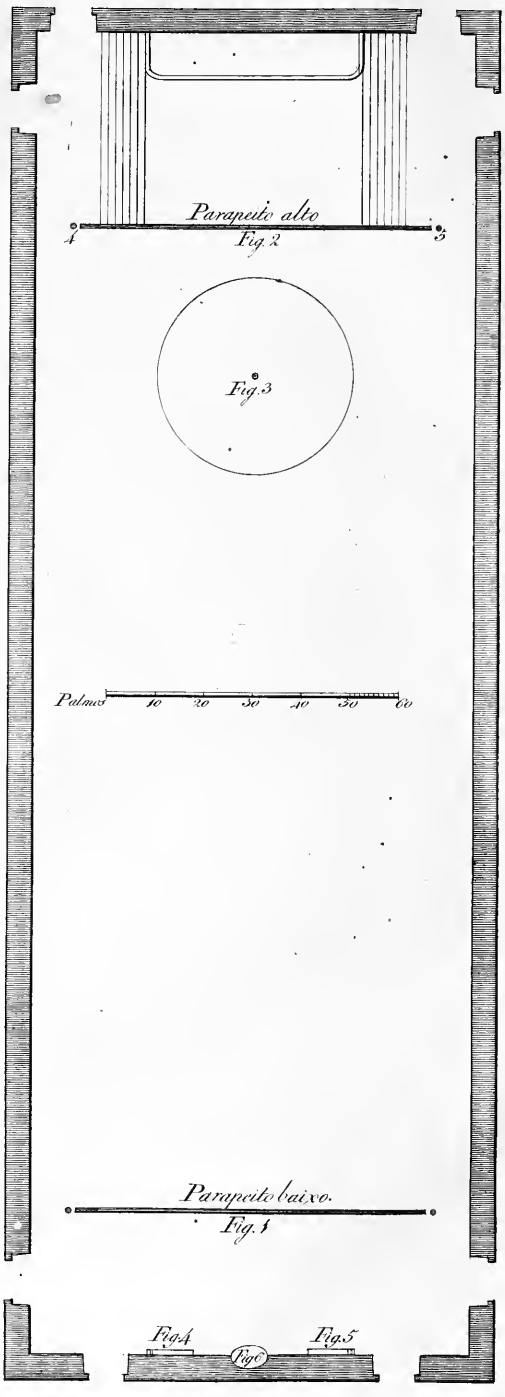
As Obras de Jaques de Sollisel, e La Guerinieri, ainda que posteriores aos sobreditos, merecem muita estimação, não só pelas bellas Estampas, de que são ornadas, como pelas grandes intelligencias que nos dão da lição, e das enfermidades dos Cavallos.

O Barão de Figenberg, João Taqw, e La Nu-é forão Traductores livres de Le Brove, Pluvinel, e Newcastle; mas como erão bons Cavalleiros, não deixão as suas traducções de trazer algumas novidades, e ser de muito merecimento. Eu me sirvo de todos elles em differentes lugares desta Obra, elegendo tudo quanto me parece mais conforme da sua doutrina, para que os rudimentos da boa escola fiquem sendo perceptiveis a todos aquelles, que desejarem seguir a boa lição que praticárão aquelles prudentes, e habeis Cavalleiros.

Estando bem persuadido, de que o agradavel de huma obra consiste em tratar nella de todas as cousas pertencentes ao seu inteiro conhecimento, me determinei a principiar esta pelas instrucções, que devem ter os Picadores para obser-

var

Estampa 1 pag. 5



var no Picadeiro, para que não ignorem as ſuas obrigações, e regalias; propondo-lhes primeiramente na planta regular do Picadeiro a formalidade da ſua melhor conſtrucção.

## ESTAMPA I.

### *Das proporções do terreno do Picadeiro.*

O Terreno do Picadeiro deve ter de comprimento duzentos e ſetenta palmos, e noventa de largura. Do intervallo do parapeito até á tribuna deve ter quarenta palmos, os montadouros occupão ao menos ſeis palmos, o parapeito dous, e aſſim deve ſer repartido o terreno, de ſorte que da tribuna até ao fim do Picadeiro devem haver os referidos duzentos e ſetenta palmos de fundo, e noventa de largo: advertindo que tambem póde ſer mais pequeno, porque os do mencionado tamanho são proprios para huma Academia.

O parapeito deve ter onze, ou doze palmos de altura, (Eſt. I. Fig. 2.) e pela parte da tribuna deve ſer o pavimento alto, de ſorte que o parapeito tenha de altura pela parte de dentro ſómente de ſeis até ſeis palmos e meio: o dito pavimento deve ſer aſſoalhado de madeira: e do lugar dos Pilões podem haver entradas para o parapeito por hum, e outro lado por modo de humas rampas de madeira faſquiadas de ſarrafos da meſma, bem pregados, e fortes, para ſubirem os Cavallos do piafé, ſe for preciſo. Digo que deve ter o referido parapeito pela parte do terreno onze, ou doze palmos, para os Potros não ſaltarem aſſima delle, e pela parte da tribuna pertendo tenha ſómente ſeis palmos, para quem eſtiver no intervallo do parapeito ſe encoſtar a elle, e lograr bem o que ſe faz no Picadeiro.

Senão houver capacidade para que ſeja fabricado o parapeito, como temos dito, poderá ter ſeis até ſeis palmos e meio de altura. Deſte parapeito á parede do comprimento do terreno do Picadeiro deve mediar hum intervallo de oito palmos de huma, e de outra parte. Em cada hum deſtes intervallos deve haver hum Pilão firme na ſua linha recta, e diſtante da parede ſeis palmos, ficando o Pilão por conſequencia dous palmos diſtante do parapeito, como ſe moſtra nos pontos dos Num. 4., e Num. 5.

Os Pilões devem ter de altura quatorze até quinze palmos com groſſura proporcionada, e quatro até ſeis argolas pela parte fronteira á parede, deſcendo da parte ſuperior para baixo, havendo entre huma, e outra a diſtancia de hum até palmo e meio, como ſe vê na Eſt. V. Fig. 6.

A tribuna deve ſer fabricada ſobre columnas com guarnições, e balauſtradas mageſtoſas. Nos lados da tribuna Real devem haver duas tribunas mais ordinarias, huma para os hoſpedes, e outra para os Fidalgos, e Camariſtas de Suas Mageſtades, e Altezas, ſendo as eſcadas, que derem ingreſſo das tribunas para o Picadeiro, ſeparadas humas das outras, largas, claras, e por baixo do vão que occupa a tribuna Real.

A altura do proſpecto das tribunas, e a altura do tecto do Picadeiro deve ſer proporcionada á grandeza do terreno, tanto pelo que reſpeita ao ſeu comprimento,

to, como á ſua largura, conforme as leis da Arquitectura. As janellas, que derem luz ao Picadeiro, devem ficar na altura de dezeſete, ou dezoito palmos do terreno, para não ficarem as luzes horizontaes com as viſtas dos Cavalleiros, quando andão trabalhando: e devem tambem ſer proporcionadas na ſua largura, e altura á largura, e grandeza do terreno.

No meio do tecto deve ter duas, ou tres lanternas, para o terreno do Picadeiro junto ás paredes não ter eſcuros, cauſados pelas luzes das janellas partirem horizontaes de huma para a outra, o que ſuccede principalmente de tarde em o Sol declinando, cujas ſombras fazem de ſorte medo aos Cavallos, que não querem por iſſo chegar-ſe á parede.

Ainda que eu na planta do Picadeiro dou ás paredes a groſſura de ſinco palmos, póde ſer mais groſſa, ſegundo o terreno em que edificarem, e tambem ter hum corredor pelo meio della, pelo qual ſe paſſe para todas as janellas, que em tal caſo podem ter balauſtradas entre as hombreiras, para ſe poder ver a Picaria com commodidade, ſendo todas as janellas regulares na ſua altura, e largura. Pela parte de fóra do Picadeiro podem haver entradas com eſcadas ſeparadas, aſſim para as Peſſoas Reaes, como para os hoſpedes.

As janellas podem ter divisões com entradas por fóra do Picadeiro para ſe poder ver, ſem paſſar pelas entradas principaes: iſto ſe póde tambem fazer, ſe o Picadeiro tiver pela parte de dentro varandas em roda, pois no caſo de haver hum Viajante, ou Perſonagem que venha aſſiſtir, eſtando Suas Mageſtades na tribuna, poſſa ter a commodidade decente para ver, ſem paſſar por onde eſtão as Peſſoas Reaes.

No fundo da frente oppoſta á tribuna deve haver huma fonte com ſua chave, para o moço do Picadeiro aguar o terreno: não preciſa na fonte haver hum grande receptaculo, baſta huma pequena concha que tenha eſgotadouro, em que ſe poſsão encher os regadores, ſem que ſaião gotejando, e eſtes molhem demaziadamente o terreno junto a ella.

O intervallo do parapeito, ſeja alto, ou ſeja baixo, até á tribuna, deve ſer aſſoalhado de madeira, e de modo que eſta não aſſente na terra, para dar bom tom aos Cavallos do piafé, e coſtumar juntamente os mais Cavallos a paſſar ſem ſuſto por ſima de pontes de madeira.

Todo o terreno do Picadeiro deve ſer fabricado com hum maſſame forte bem calcado, ou de pedra, e cal, ſobre cujo ſucalco ſe deitará a arêa preciſa para preparar o terreno, de ſorte que os Cavallos andem bem nelle ſem esbarrar.

No meio da primeira volta mais proxima ao parapeito (Eſt. I. Fig. 3.) deve haver hum Pilão da altura de dezoito palmos com groſſura proporcionada; advertindo porém que elle ſeja portatil, para ſe pôr, e tirar, fazendo-lhe hum pedeſtal ſubterraneo, em que ſe poſſa ſegurar o Pilão. O pedeſtal póde ſer de alvenaria, e ter huma pedra forte, e nella hum buraco quadrado com fundo de tres até quatro palmos, no qual ſe poſsão introduzir tanto os Pilões das extremidades do parapeito, como o Pilão do centro da volta, para no caſo de quebrar algum dos Pilões, não ſer preciſo cavar o terreno no ſeu ſucalco para deſenterrar o reſto do Pilão quebrado, e da meſma fórma ſubſtituir outro no ſeu lugar.

Eu

Eu digo que o Pilão do centro deve ter tres, ou quatro cavidades, como ſe vê na Eſt. V. Fig. 2. para ſe poder nellas ſegurar o correão de gancho do Pilão (Fig. 9.) Póde tambem haver no alto do Pilão hum buraco, em o qual ſe poſſa arvorar huma bandeira, ou eſtandarte, para que os Cavallos percão o medo á viſta deſtas inſignias militares, ás quaes devem andar bem coſtumados.

Os Pilões das extremidades do parapeito devem tambem ter quatro, ou ſinco argolas, (Eſt. V. Fig. 6.) e ſeus gonzos fortes, e lizos, que ſe poſsão apertar pela parte de fóra com ſuas porcas, ficando as argolas, os gonzos, e as porcas bem recolhidas por huma, e outra parte dentro da madeira do Pilão. Deve haver na parede outras tantas argolas, que correſpondão ás dos Pilões, e ſeguras pela meſma fórma. O intervallo de oito palmos que diſſe deve haver do parapeito á parede em toda a largura das portas, deve ſer de terra, e não aſſoalhado, para os Cavallos poderem entrar, e ſahir ſem eſcorregar, maiormente em quanto não ſão coſtumados a vir ao Picadeiro, ou ſão Potros.

A tribuna Real deve ficar ſómente hum até dous palmos mais alta, do que a areſta, em que eſtiver aſſentada a balauſtrada da frente das mais janellas, ou varandas do Picadeiro. Debaixo das tribunas dos lados devem haver dous lugares com ſuas balauſtradas pela frente, para os Picadores ſe aſſentarem, ou deſcançarem; e junto á parede, em que aſſentar eſta balauſtrada, no fim do intervallo dos Pilões, podem haver dous montadouros de tres degráos por hum, e outro lado, que enchão a altura de tres até tres palmos e meio com outro tanto de largo.

Aſſim o Picadeiro regular deve ter o comprimento, largura, commodidades, e as proporções que a planta moſtra, e eu tenho dito, para que nelle poſsão trabalhar ao meſmo tempo tres guias, huma na primeira, outra na ſegunda, e na terceira volta outra, e tambem para que hum Cavallo poſſa dar huma boa carreira pelo comprimento do manejo.

Deve a tribuna Real ter gabinetes, e nelles todas as commodidades preciſas, para que as Peſſoas Reaes gozem de todo o bom commodo.

Nos lados dos intervallos dos Pilões junto á parede da tribuna Real podem haver duas portas, que dem ingreſſo ao Picadeiro para a entrada, e ſahida dos Cavallos; e da meſma ſorte podem haver portas para a entrada, e ſahida dos Cavallos nos angulos da parede da fonte para o meſmo fim, e para dar melhor ſerventia; advertindo que as portas, e bem aſſim os intervallos dos Pilões, e lugar da fonte podem ter portas de tal ſorte unidas, que fiquem iguaes com a madeira do forro do Picadeiro. Os montadouros, de que fiz menção, devem ſervir para os Cavalleiros coſtumarem os Cavallos a que ſe cheguem a elles, e ſe deixem montar manſamente, quando houverem de os chegar ao degráo.

O parapeito baixo, de que já fiz menção, deve ter ſeis palmos até ſeis e meio de altura; e ſe for de pedra e cal, deve ſer por dentro forrado de madeira; e da meſma ſorte o parapeito alto, a areſta, ou quina por ſima deve ſer redonda, maiormente ſendo o parapeito baixo: deve ſer almofadado, e forrado de couro bem eſtofado, e pregado pela parte de dentro do terreno do Picadeiro, para que no ca-

caſo que ſucceda algum Cavallo defender-ſe, e encoſtar-ſe, ou cahir ſobre o parapeito, não magoar tanto o Cavalleiro.

O Picadeiro deve ter as paredes forradas de madeira até ás janellas, ou pelo menos até á altura de oito, ou nove palmos, para o Cavallo não experimentar tanta aſpereza, quando ſe chegar a ella, e tambem para não roçar o Cavalleiro pela parede de pedra, e cal, que he muito mais aſpera, e evitar ao meſmo tempo que o Cavallo, andando com a cara contra a muralha, chegue com os joelhos a ella, ſe fira nos meſmos joelhos, e faça nelles contuſões. Não he menos perjudicial para o Cavalleiro a parede de pedra e cal, pois ſe o Cavallo faz algum deſmancho, e chega com as pernas, ou outra qualquer parte do corpo do Cavalleiro á parede, não ſendo ella forrada, elle ſe magôa com exceſſo.

Os lados do parapeito devem ſer ſeparados da parede, e na extremidade de cada huma parte deve ter hum Pilão, dous palmos diſtante do parapeito, e ſeis palmos diſtante da parede do comprimento do terreno, para formar os Cavallos nos ares altos, e relevados, como digo, nos ſeus reſpectivos lugares.

O lugar da fonte deve ficar recolhido na parede, como ſe vê na planta Fig. 6. da Eſt. I. com huma porta por diante, que ſe poſſa fechar, e, como já diſſemos, ficar bem unida á meſma parede, ou forro do Picadeiro.

Nos eſpaços, que medeão entre as janellas, podem haver humas Eſtampas dos ares principaes do manejo: e nos angulos do Picadeiro tambem ſe podem collocar eſpelhos, de maneira que os Cavalleiros vejão o eſtado da figura em que vão, e o ſeu Cavallo, para ſe emendarem a ſi, e a elle.

Tambem ſe podem pendurar lampiões na frente das janellas, ou com prizões no meio do tecto para allumiar o Picadeiro, no caſo de ſe querer trabalhar de noite.

Fóra da porta da entrada do Picadeiro deve haver hum lugar cuberto para deſembarcar das carruagens, e coches, e para os Cavallos eſperarem a occaſião de entrar para o Picadeiro ſem ſe molharem quando chover, nem tão pouco eſperarem ao Sol no tempo de verão.

## *Inſtrucções, e civilidades, que ſe devem obſervar, principalmente no Picadeiro Real.*

QUando ElRei, Principe, e Senhores Infantes vierem ao Picadeiro montar, ou dar lição, o Meſtre deve deitar á guia os Cavallos, em que os Senhores houverem de andar, mandando-os apertar, e pôr promptos. A elle toca tambem o paſſeallos, ſe o preciſarem. Se eſtiver preſente o Eſtribeiro Mór, o Meſtre lhe deve dar parte, de que eſtá prompto o Cavallo. Vindo Sua Mageſtade montar, o meſmo Eſtribeiro Mór deve metter no eſtribo o pé de ElRei, e ajudallo a montar: o meſmo devem praticar com o Principe o Meſtre, e o Eſtribeiro Mór: o Meſtre deve pegar, ou ſegurar na guia, ou nas caimbas do freio; e ſe eſtiver preſente o Eſtribeiro de ElRei, deve ſegurar o eſtribo direito: ſe elle porém não aſſiſtir, o primeiro ajudante, iſto he, o primeiro immediato ao Meſtre, de-

deve ſupprir o lugar do Eſtribeiro, ſegurando o eſtribo direito para Suas Mageſtades, e Altezas montarem a cavallo; ſenão aſſiſtir o Eſtribeiro Mór, pertence ao Meſtre da Picaria metter o pé no eſtribo a ElRei, ao Principe, e aos Senhores Infantes: ao primeiro Ajudante pegar na guia, ou caimbas do freio; e ao ſegundo Ajudante ſegurar o eſtribo direito; porque ſó os homens, que tem conhecimento deſta Arte, devem ſervir neſtas acções, para evitar que aconteça a Suas Mageſtades, e Altezas algum perigo.

O Eſtribeiro do Rei deve ſer hum ſujeito illuſtre: elle deve chegar o degráo, pegar, como fica dito, no eſtribo direito, e dar a vara a Suas Mageſtades, e Altezas, a qual deve receber da mão do moço da caſa dos arreios.

Se houver Principe viajante, ou Perſonagem, a quem Sua Mageſtade, e Altezas queirão obſequiar, moſtrando-lhe como manejão os Cavallos, o Eſtribeiro Mór deve aſſiſtir, como tambem o Eſtribeiro de ElRei, e os Eſtribeiros de Suas Altezas: advertindo que em Suas Mageſtades, e Altezas eſtando a cavallo, ſó deve ficar dentro do Picadeiro o Eſtribeiro Mór, retirando-ſe todos os mais ao intervallo do parapeito.

O moço da caſa dos arreios deve nas funções publicas (ſegundo ſe tem praticado em França, e Alemanha, e ainda no noſſo Portugal praticava o Senhor Rei D. Duarte o Eloquente, como elle diz na ſua Arte da Cavallaria folh. 93., e como ſe praticou com o Senhor Rei D. Pedro II., quando montou a cavallo com o Imperador Carlos III.) tirar o teliz, e a capa da ſella, dando-a, e o teliz ao moço da Eſtribeira: advertindo que quando Sua Mageſtade ſe apear, elle deve tornar a tomar o teliz, e a capa, e cubrir as ſellas dos Cavallos, em que forem Suas Mageſtades, e Principes; e tambem deve aſſiſtir particular, e publicamente nas cavalgatas, para fazer apromptar todos os jaezes, que forem preciſos em ſemelhantes occaſiões.

Carlos V. o Sabio, Rei de França: Carlos VII. o Victorioſo: Franciſco I. o Rei das Letras: Henrique IV. o Grande: Luiz XIII. o Juſto; e Luiz XIV. o Grande, derão ſempre o primeiro lugar ao Eſtribeiro Mór, aſſim no Picadeiro, como em todas as funções publicas. O meſmo praticou Henrique II. o Magnifico, Rei de Heſpanha, e ſeus Succeſſores até Filippe V., e Segiſmundo de Luxemburg, Imperador de Alemanha, até ao tempo de Leopoldo, Arquiduque de Auſtria. E de então até ao preſente creio terão os mais ſempre praticado o meſmo, razão, por que neſtas Cortes o Eſtribeiro Mór he ſempre hum Principe do ſangue Real, ou hum Cavalleiro o mais illuſtre, e prendado de toda a Nobreza da Corte. Elle deve aſſiſtir no Picadeiro, quando Suas Mageſtades, e Altezas ſe vão exercitar a cavallo, ou dar lição: elle deve rigoroſamente preſidir, e por iſſo ter conhecimento da Arte de montar a cavallo, para evitar que por algum deſcuido ſe exponhão as Peſſoas Reaes a algum deſaſtre, e juntamente para lhes explicar o que o Meſtre lhes enſina; motivo, por que já diſſemos elle deve ſer ſciente na Arte da Cavallaria.

Em quanto ElRei, o Principe, e os Senhores Infantes andão a cavallo, ſeja para dar lição, ſeja para ſe divertirem, ou exercitarem, ninguem mais deve mon-

tar. Quando ElRei, e o Principe ſahirem fóra a cavallo, o Eſtribeiro Mór os deve acompanhar; e o ſeu lugar he ao lado direito de ElRei, ou do Principe; e o Camariſta que eſtiver de ſemana, ou o Aio, deve acompanhar ao lado eſquerdo. Se acontecer ſahirem fóra juntamente ElRei, o Principe, e os Senhores Infantes, ſempre o Eſtribeiro Mór deve conſervar-ſe á direita de ElRei hum pouco mais atrás.

Se o Eſtribeiro Mór não acompanhar a Sua Mageſtade, deve o Meſtre da Picaria acompanhallo, e o ſeu lugar he ao lado eſquerdo de ElRei, do Principe, e dos Senhores Infantes, e o Camariſta, ou Aio ao lado direito; com advertencia porém que as cabeças dos Cavallos, em que elles forem, não paſſaráõ adiante do lugar da ſella dos Cavallos, em que forem Sua Mageſtade, e Altezas; pois ſó ao Eſtribeiro Mór he permittido ir ſempre á direita de ElRei quaſi junto a elle: com o Principe herdeiro tambem ſe pratíca o meſmo.

Fernando II., Arquiduque de Gartes, da Caſa de Auſtria, Imperador de Alemanha, achando-ſe em muitas, e varias batalhas, ſempre o ſeu Eſtribeiro Mór Frederico, Duque de Suecia (conforme tinha de coſtume) o acompanhou; porém deixando de o fazer na expedição de Suecia, por cauſa de eſtar gravemente moleſto, nomeou o Imperador para lhe ſupprir o lugar com a meſma qualidade de Eſtribeiro Mór a Ladislao Eſtuardo, Duque de Bermen: e vendo eſte grande Imperador que o Duque o ſeguia hum pouco diſtante delle, lhe diſſe: *O Duque de Suecia ſempre me aſſiſtio ao meu lado; e enſinou, como meu Eſtribeiro Mór, e como bom Cavalleiro, a pelejar, e a vencer: aſſim não perca o Duque o ſeu lugar, que por meu Eſtribeiro Mór, e meu companheiro lhe pertence.* Iſto dito por eſte Heroe, creio juſtifica bem quaes são as prerogativas do Eſtribeiro Mór, e qual o ſeu lugar, o que bem ſe colhe da Chronica de Fernando II. folh. 327.

Quando os Picadores eſtiverem no Picadeiro ſem a preſença das Peſſoas Reaes, ou do Eſtribeiro Mór, póde o Meſtre mandar conduzir aſſentos para o intervallo do parapeito, e ſentar-ſe com aquelles a quem elle quizer dar aſſento: o que não ſe deve fazer por fórma alguma, em quanto as Peſſoas Reaes, ou o Eſtribeiro Mór eſtiverem nas tribunas, como tambem nem ainda encoſtar-ſe ao parapeito; e quando os Picadores quizerem deſcançar, devem ir ſentar-ſe nas varandas para elles deſtinadas.

O Meſtre mandará trabalhar o ſeu immediato para a primeira volta, e os mais para as outras. Os Diſcipulos devem eſtar junto á cadeira do Meſtre para eſte lhes explicar todas as duvidas que elles tiverem ſobre os differentes lances, que forem acontecendo.

Logo que as Peſſoas Reaes chegarem ao Picadeiro, devem todos os que andarem trabalhando parar os ſeus Cavallos, e apearem-ſe, e os moços pegar nelles. Eſtando todos os Picadores a pé, irão beijar a mão a Suas Mageſtades, e Altezas, que, depois de aſſentir a iſſo, mandaráõ ao Meſtre (ſendo do ſeu agrado) continuar com a eſcola; e quando os que vão trabalhar chegarem junto aos Cavallos, primeiro de os montarem, farão cortezia ás Peſſoas Reaes, e aſſim tambem quando paſſarem a primeira vez por diante da tribuna Real.

Se

Se o Picadeiro for cuberto, e os Picadores trabalharem ſem chapéo, farão a cortezia, baixando ſómente a cabeça; porém ſe trabalharem cubertos, devem fazer cortezia, tirando o chapéo com deſembaraço, e boa graça, pegando nelle com a mão direita pela parte direita do bico de diante; e quando forem eſtendendo o braço, irão inclinando a cabeça para baixo, ficando o corpo direito, e o braço eſtendido ſobre a ilharga, ou lado da coxa da perna direita, e da meſma ſorte devem cortejar ao Eſtribeiro Mór, quando elle vier ao Picadeiro.

Se ElRei, Principe, e os Senhores Infantes quizerem ſentar-ſe no intervallo do parapeito, ou no Picadeiro, devem trazer-lhes cadeiras; e os Camariſtas logo que ellas forem conduzidas á porta, as devem chegar para Suas Mageſtades, e Altezas ſe ſentarem; e ſe não eſtiverem Camariſtas, (ſegundo praticou o Senhor Rei D. Duarte, e o Senhor Rei D. Pedro II.) deve o Meſtre fazer eſta diligencia, poſto que eſtejão preſentes peſſoas de avultada grandeza.

Quando vierem Perſonagens da primeira Nobreza da Corte, ou os filhos do Eſtribeiro Mór, o Meſtre ou eſteja a pé, ou a cavallo, deve ir logo cumprimental-los, mandando-lhes conduzir aſſentos para o lugar, onde elle coſtuma eſtar. Todos os Picadores devem parar; e o Meſtre em havendo-os cumprimentado, deve mandar continuar com a eſcola, e todos ſeguir o ſeu coſtume.

As Perſonagens, com quem ſe devem praticar eſtes cortejos, são os Nuncios, Principes viajantes, Cardiaes, Arcebiſpos, ou Biſpos, Embaixadores, Principes do Sangue Real, Enviados, primeiros Miniſtros, Generaes, Conſelheiros de Eſtado, e Guerra, Principaes, e os filhos do Eſtribeiro Mór, (como já diſſemos) Duques, Marquezes, Condes, Viſcondes, &c. Advertindo porém que ſó os Cardiaes, Nuncios, Arcebiſpos, e Embaixadores tem a permiſsão de mandar aſſentar o Meſtre, e elle o não deve fazer (ſegundo ſe praticou no Picadeiro de Luiz XIII. o Juſto, Rei de França) ſem que elles aſſim o ordenem.

Aos mais Cavalleiros, e Peſſoas diſtinctas, ſe o Meſtre quizer por civilidade mandar parar os que andão trabalhando, póde-o fazer; mas quando o não faça, de nenhum modo incorre em deſattenção. Se o Meſtre preciſar demorar-ſe em fallar a algum ſujeito, o primeiro Ajudante ſeu immediato irá reger, e continuar a eſcola em quanto elle lhe falla.

Se as Peſſoas Reaes vierem ao Picadeiro em horas determinadas, devem os principiantes já ter dado lição. Se Suas Mageſtades vierem ao Picadeiro ſem ſerem eſperadas, e os principiantes eſtiverem dando lição, deve o Meſtre mandar parar; (como deixamos notado) e mandando Suas Mageſtades continuar a eſcola, os diſcipulos mais inſtruidos he que devem trabalhar, e aſſim tambem devem ficar de parte os Cavallos menos adiantados na lição; e o Meſtre ſó deve fazer continuar no exercicio aos principiantes, ſe Suas Mageſtades, e Altezas aſſim o determinarem.

Se alguma Perſonagem eſtrangeira vier ao Picadeiro ver trabalhar o Principe, e os Senhores Infantes, o Eſtribeiro Mór lhe mandará deitar os eſtribos abaixo; e ſe Suas Altezas tiverem muito pouca idade, particularmente lhes dirá que trabalhem os ſeus Cavallos naquellas lições, que ſabem já bem executar, pois he indecente andar ſem eſtribos em ſemelhantes occaſiões, como tambem fazer andar

Suas Altezas diante de ſemelhantes Peſſoas, em quanto precisão de ſucceſſivas advertencias. O meſmo deve praticar o Meſtre, não ſó com Suas Altezas, mas tambem com todos os outros Cavalleiros.

Se as Peſſoas Reaes aſſiſtirem do principio até ao fim da Picaria, o Meſtre deve dar, ou fazer dar lição primeiramente aos principiantes, e depois fazer andar todos os Picadores nos ſeus Cavallos em toda a ſorte de ares, e trabalhos do manejo: e em Suas Mageſtades, e Altezas querendo montar, já para dar lição, já para fazer exercicio, o Meſtre lhes deve apromptar os Cavallos, como diſſemos, fazendo ſuſpender aos mais que andão trabalhando no ſeu exercicio (como fica ponderado.)

Recommendo que as portas, que dão ingreſſo ao Picadeiro, ſejão altas, e largas, e tambem nos lados junto á parede do comprimento do manejo, para não ſe embaraçarem os Cavallos na entrada, e ſahida. Devem tambem os Pilões expoſtos (como já diſſe) ſer nas extremidades do parapeito, para que das tribunas, e varandas ſe poſſa lograr bem o modo, e graça com que os Cavallos ſe apreſentão nos ares, e trabalhos para que os deſtinão, cujas acções não ſe podem lograr bem, eſtando os Pilões muito diſtantes das tribunas.

Os Picadores, ou Ajudantes, quando quizerem paſſar da primeira, ou da ſegunda para a terceira volta, ſe na primeira, ou ſegunda andarem trabalhando, ſeja deitando Cavallos á guia, ſeja trabalhando em Cavallos que andem montados, devem eſperar que o Cavallo principie a volta do lugar, em que o ſujeito que pertende paſſar eſtiver, e então entrar pelo meio da volta direito ao Pilão, ou ponto do centro della, e eſperar que o Cavallo paſſe no circulo da parte de ſima para diante, e então entrar na ſeguinte volta da meſma fórma, e com as meſmas cautelas com que devem (como diſſemos) entrar na primeira.

Parece-me ſer juſta eſta recommendação, para que não ſucceda embaraçar o trabalho que ſe andar fazendo, nem he civilidade ſervir de obſtaculo ao Cavalleiro, ou quem andar deitando Cavallos á guia, e embaraçar a lição que quer dar aos ſeus Cavallos: da meſma ſorte, quando for preciſo que o moço do Picadeiro leve guia, açoute, chambrié, ou outra qualquer couſa, que ſeja neceſſaria em alguma das voltas do Picadeiro, deve ir (como temos dito) pelo meio da volta, e não junto ás paredes, para não fazer embaraço a quem andar trabalhando pelo largo.

Quando vier Cavalleiro pelas linhas da muralha, ou pelas linhas dos circulos, e do centro direito aos cantos, ſejão as entradas para o terreno pela frente do Picadeiro, ou pelos lugares dos Pilões: não devem os moços entrar para dentro, em quanto o Cavalleiro não paſſar do angulo para diante, para não o embaraçar, e atraveſſar diante delle hum Cavallo á mão, que facilmente lhe póde dar alguns couces, ou offender o Cavallo que vem montado, e tambem porque he incivilidade embaraçar quem anda trabalhando.

Os moços que trouxerem os Cavallos ao Picadeiro, devem trazer veſtida a ſua libré, principalmente aquelles, que conduzirem os que ſervirem para andarem as Peſſoas Reaes, e o Eſtribeiro Mór: tambem devem trazellos entrançados; e os

que

que forem para montar ElRei, Principe, e Senhores Infantes, terão pelo menos as pontas das tranças rematadas com fittas. As ſellas dos Cavallos, em que andarem os Senhores, deverão trazer capas, as quaes ſó ſe lhes tiraráõ quando nelles montarem.

Tambem devem os Cavallos vir para o Picadeiro bem cubertos com telizes, ou mantas, para evitar, no caſo que chova, ſe molhem as ſellas, e os Cavallos, quando vão ſuados, tenhão alguma dor.

Se o Eſtribeiro Mór vier montar a cavallo ao Picadeiro Real, o Meſtre lhe deve preparar os Cavallos, em que elle quizer andar; e quando por algum incidente elle o não poſſa fazer, o primeiro Ajudante immediato ao Meſtre os deverá fazer apertar quanto baſte, e, ſe for preciſo, paſſeallos, e pollos promptos, chegando-os ao montadouro.

Querendo montar o Eſtribeiro Mór, eſtando o Cavallo no meio do terreno, devem mandar conduzir o degráo pelo moço do Picadeiro; mas em elle chegando ao intervallo dos Pilões, ou á porta, hum dos Picadores deve pegar nelle, e levallo ao lugar, em que eſtiver o Cavallo.

Eſtando alli o Meſtre, deve metter-lhe o pé no eſtribo, e ajudallo a montar. O primeiro Ajudante deve pegar, ou ſegurar na guia, ou caimbas do freio; e ſe houverem mais Ajudantes criados do Rei, deve hum ſegurar o eſtribo direito, e o moço da caſa dos arreios dar-lhe a vara. Os moços da cavallariça devem apertar a ſella, deitar os eſtribos abaixo, pôr as redeas do cabeção, as correias, tirar o rabicho, e preparar toda a ſorte de arreios, &c. e elles ſó poderão ſervir nas acções, em que tenho dito que ſervem os Picadores, quando eſtes não aſſiſtirem, pois eſtes ſerviços devem ſempre ſer praticados por peſſoas intelligentes da Arte, que evitem os perigos, que podem acontecer de ſervirem neſtas acções peſſoas ignorantes.

O meſmo ſe deve praticar com as Peſſoas Reaes, ainda que não aſſiſta o Eſtribeiro Mór, e o Eſtribeiro de ElRei.

Havendo-ſe de erigir Academias na Corte, os Meſtres para ellas devem ſer nomeados, e approvados pelo Eſtribeiro Mór; e ſe os eleitos forem Picadores da Picaria de ElRei, o Eſtribeiro Mór lhes mandará continuar o ordenado que vencerem na Picaria Real, e da meſma ſorte determinará que a Academia lhes arbitre hum rendimento proporcionado ao trabalho que nella tiverem, e ſegundo as mudanças dos tempos, para elle ſe poder ſuſtentar com decencia.

Se faltar o Meſtre, ou os Ajudantes no Picadeiro Real, e ElRei não os nomear, o Eſtribeiro Mór deve eleger quem ſeja promovido áquelles lugares. Em França, e Alemanha o Eſtribeiro Mór he que coſtuma arbitrar os ordenados aos Picadores. O Senhor Rei D. Duarte o Eloquente lhes mandava pagar pelo Theſoureiro Real, que pagava as moradias, e á ſua imitação o Senhor Rei D. Joſé I. foi ſervido que por alli ſe lhes pagaſſem.

No Picadeiro Real ninguem deve montar a cavallo ſem licença do Eſtribeiro Mór; e ſe os Fidalgos, e Peſſoas da mais conſpicua grandeza quizerem aprender no dito Picadeiro, devem primeiro dar parte ao Eſtribeiro Mór, e eſte conceder-

lhes

lhes licença, porque pertence á mais diſtincta Nobreza da Corte aprender no Picadeiro de ElRei.

Eu ignoro os motivos, por que em Portugal deixão os Picadores de ir com eſpada á preſença de Sua Mageſtade, e Altezas, como tambem a caſa do Eſtribeiro Mór; porque ſendo elles contados por Cavalleiros, como taes devem nas acções mais ſérias apparecer compoſtos, não ſó por poſſuirem em profiſsão eſta illuſtre Arte, mas tambem por ſerem conſtituidos na obrigação de acompanhar a Suas Mageſtades, e Altezas; não como Homens froxos, e inuteis, ſim como Cavalleiros, promptos a defender os ſeus Soberanos, no caſo de lhes acontecer algum inſulto, e por iſto os bons Cavalleiros devem ſer vigoroſos, promptos, e, como diz Pluvinel folh. 19., e Luiz XIII. o Juſto, e Previl no Capitulo II., dotados de hum bom juizo; e a mim me parece que hum homem com eſtas qualidades eſtá mais apto para ſervir, do que outro qualquer, em toda a occaſião que ſobrevenha.

O Senhor D. Duarte o Eloquente, Rei de Portugal, compoz huma Arte de Cavallaria, que no dia dos ſeus annos em 1435. deo a alguns Fidalgos, eſcrita da ſua propria letra: elle concedeo os fóros de Cavalleiros Fidalgos ao ſeu Meſtre da Picaria, e ajudantes, que entravão armados em todas as funções, em que Sua Mageſtade ſe achava.

Carlos VII. o Victorioſo, Rei de França, fez educar na Arte da Cavallaria hum grande numero de homens de todos os ſeus eſtados; e tanto os diſtinguia, que até os filhos dos pais mais humildes, logo que entravão em o numero dos Picadores, erão tidos por Nobres, e apparecião compoſtos em todas as Aſſembleas, em que ſe achavão as Peſſoas Reaes, e mais Nobreza da Corte. De huma Eſcola aſſim applicada, e exercitada he que ElRei tirava os Officiaes para as ſuas tropas: e por eſta razão ellas chegárão a tal auge de promptidão nas acções militares, que ſempre que ſe encontravão com tropas inimigas, foſſem Inglezas, ou de outra Nação, ſahião os Francezes vencedores, não lhes ſervindo de obſtaculo acharem-ſe muitas vezes nas acções, inferiores em numero áquelles com quem tinhão de combater. E he tambem por eſta via que eſte grande Rei chegou a ſer tão temido de todos os Principes ſeus inimigos, que impellidos de raiva, e cheios de ciume de verem que o não podião vencer, procurárão a todo o riſco o peſſimo recurſo de o envenenar; e conheceo elle tanto a força deſta perſeguição, que diſſe: *Eu me deixarei morrer de fome; porém com os meus Cavalleiros ſerei ſempre vencedor dos meus inimigos*; e aſſim lhe ſuccedeo, acabando á pura fome o mais precioſo dos ſeus dias em vinte e dous de Julho de 1461.; porém ſempre invencivel aos eſtratagemas da maldade, e violencias, maquinadas pelos ſeus adverſarios, como conſta da ſua Chronica folh. 409., e da Hiſtoria Chronologica dos Reis de França folh. 234.

Os Picadores da Picaria de ElRei não devem acceitar (principalmente no Picadeiro Real) dinheiro a peſſoa alguma, que vá aprender, nem ir trabalhar a Picarias particulares, excepto ſe ElRei, ou o Eſtribeiro Mór os mandar, e neſte caſo não devem levar ordenado daquelle particular a quem ſervirem; e ſó os que forem para as Academias, devem perceber dellas ordenados, por irem ſer uteis ao

Eſ-

Eſtado, aonde o que percebem pela Academia, como eſtabelecimento Real, ſe póde reputar ſoldo; e elles, ſe for preciſo, devem ſer diſpenſados pelo Eſtribeiro Mór de vir ao Picadeiro Real ſem perda dos Privilegios, e honras de Picadores da Picaria de ElRei.

Ao Picador que põe a primeira vez ElRei a cavallo, e da meſma ſorte áquelles, que põem a primeira vez a cavallo os Principes, e os Infantes, coſtumão eſtes Senhores, como praticou Luiz XIII. o Juſto, Leopoldo Arquiduque de Auſtria, e outros, dar huma tença; e aos ajudantes coſtumão contemplar com o mimo de algum traſte, para que ſe lembrem de que aſſiſtírão áquelle acto.

Aos Moços da Cavalhariça a primeira vez que ElRei montar a cavallo no Picadeiro, pelos meſmos motivos ſe coſtuma mandar dar algumas moedas para ſe repartirem por todos, e o meſmo coſtumão praticar os Principes, e os Senhores Infantes, &c.

Quando algum Cavalleiro montar a cavallo no Picadeiro Real a primeira vez, deve dar alguma couſa ao moço que lhe trouxer o primeiro Cavallo.

Os Eſpectadores que ſe acharem no Picadeiro não devem, ainda que ſejão Picadores, fallar aos Cavallos, que andão á guia, ou montados, nem a ciſlar, ou a abanar-lhes a vara, porque he incivilidade de que ſe póde eſcandalizar, e com baſtante motivo, o que anda deitando o Cavallo á guia, ou o que anda montado trabalhando; pois quem eſtá de fóra, nem ſempre, ainda ſendo Profeſſor, conhece a tenção de quem deita o Potro, ou Cavallo á guia, ou o que pertende executar o Cavalleiro, que anda a Cavallo trabalhando; por exemplo: ſe quem deita o Potro, ou Cavallo á guia, vai na idéa de o fazer parar, e de fóra lhe fallarem, ou abanarem a vara, he certo que já naquelle lugar não póde lograr bem o ſeu intento. Quem anda a cavallo ainda tem maior motivo para eſtranhar hum tal procedimento, porque muitas vezes ſe vê o Cavalleiro preciſado (para remediar o ſeu Cavallo) a uſar de meios bem differentes daquelles, que as regras geraes enſinão; e ſe houver de fóra quem lhe falle, ou abane a vara, ſerão fruſtradas as idéas do Cavalleiro: e bem ſe deixa ver que a boa politica tambem não permitte ſemelhante procedimento, pois com elle moſtra o que o põe em prática, que ou he ignorante das civilidades deſta profiſsão, ou que quer emendar o que o Cavalleiro anda fazendo.

Se o Eſtribeiro Mór tiver Picadeiro, e quizer que o Meſtre, ou Ajudantes da Picaria Real vão a elle trabalhar, póde mandallos ir, e devem-lhe obedecer: da meſma ſorte póde *ex officio* mandar ir ao ſeu Picadeiro todos os Cavallos, em que andarem as Peſſoas Reaes, para ver, e examinar ſe elles eſtão no bom eſtado de poderem ſervir a Suas Mageſtades, e Altezas: o que muitas vezes praticou o Conde de Viana, Eſtribeiro Mór do Senhor Rei D. Pedro II., e outros.

O Sota-cavalhariça deve ſer Alveitar, e Ferrador, para conhecer do curativo, e das moleſtias dos Cavallos: elle deve aſſiſtir á Picaria, maiormente quando Suas Mageſtades, e Altezas vierem ao Picadeiro montar, tanto para informar ao Meſtre do eſtado da ſaude, em que ſe achão os Cavallos, em que as Mageſtades andão, como tambem para ſatisfazer a todas as obrigações do ſeu officio; por exem-

exemplo: ſe os Cavallos em que Suas Mageſtades, e Altezas andarem, ſe desferrarem, o Sota os deve logo ferrar, ſeja para tornarem a trabalhar, ſeja para irem para a Cavalhariça ſem quebrar os caſcos. Deve tambem da meſma fórma fazer outra qualquer operação, que Suas Mageſtades queirão ſe faça na ſua preſença pertencente ao officio de Ferrador, e Alveitar.

Deve o Sota dar parte dos Cavallos que adoecem, e da qualidade da ſua moleſtia, e dos que eſtão melhores, não ſó ao Eſtribeiro de ElRei, mas ao Meſtre, como foi ſempre coſtume, para elle ver como ha de governar a Picaria; e ſe aſſim ſe não fizer, não poderão os Soberanos ſer bem ſervidos, porque falta a boa regularidade das Eſcolas bem ordenadas.

Quando ElRei for de jornada, ou vá com Suas Altezas, ou inteiramente ſem mais alguma Peſſoa Real, deverá ſer acompanhado por hum, ou mais Picadores, os quaes deve nomear o Eſtribeiro Mór, e o meſmo ſe deve praticar quando Sua Mageſtade, e Altezas forem á caça.

O Eſtribeiro de ElRei deve, quando o Sota lhe der a diaria parte de tudo quanto acontece nas Reaes Cavalhariças, mandar pelo meſmo Sota dar parte ao Meſtre da Picaria de tudo o que diſſer reſpeito aos Cavallos della, para elle conferir com o Eſtribeiro de ElRei, do qual devem emanar todas as providencias preciſas a tudo quanto diz reſpeito ás Reaes Cavalhariças, por ſer dellas hum fiſcal, e economico adminiſtrador, ſómente ſubordinado ao Eſtribeiro Mór.

O Eſtribeiro de ElRei deve ſer hum ſujeito diſtincto, e illuſtre não ſó pelas acções, que exercita particular, e publicamente em ſerviço de Suas Mageſtades, e Altezas, como tambem por ſer elle quem deve receber as ordens do Eſtribeiro Mór, cujo cargo exercita ſempre hum Principe do Sangue Real; e não ſeria juſto huma Perſonagem da primeira ordem conferir com hum Sota-cavalhariça, ou outra peſſoa humilde, as diſpoſições preciſas ás Reaes Cavalhariças; e tambem porque ſe o Eſtribeiro Mór por algum incidente faltar, o Eſtribeiro de ElRei deve ſupprir o ſeu lugar á excepção de preſidir em lugar a todas as Perſonagens da Corte nas funções públicas.

O Moço do Picadeiro deve indireitar, limpar, e apromptar o terreno da Picaria todos os dias, e tambem os traſtes do ſerviço della, tomando ſentido em que eſtejão concertados, e promptos para ſervirem quando for preciſo: elle deve ter huma pauta, em que ſe comprehendão os nomes de todos os Cavallos que vem á Picaria, com humas marcas que vá tirando em os Cavallos, entrando no Picadeiro, para ſaber pelas marcas que ficão no ſeu lugar, quaes são os que faltão para dar parte ao Meſtre, e elle averiguar a razão da falta.

Deve tambem eſtar á porta da entrada, e mandar entrar os Cavallos para aquelles Picadores, que tem acabado de trabalhar outros, e da meſma ſorte reparar ſe os que vão ſahindo, precisão ſer cubertos, deſapertados, tirado o ſuor, ou paſſeados.

Quando entrão moços novos, deve enſinallos a entrar no Picadeiro, para não embaraçarem quem anda trabalhando, e tambem como devem preparar os Cavallos, e aonde devem eſperar que elles acabem de trabalhar.

Tam-

Tambem deverá reparar ſe as peſſoas, que entrão a ver a Picaria, eſtão com a decencia preciſa, para os advertir do que for neceſſario.

Quando forem preciſos guia, chambrié, açoute, correias, varas, ou outra qualquer couſa, elle a deve levar promptamente, como tambem tirar da Picaria os traſtes, que já não são preciſos, tendo-os todos bem dobrados, e pendurados na caſa dos arreios, que em todos os Picadeiros deve haver.

## *Modo de repartir os Potros aos Picadores.*

OS Potros deſtinados para o exercicio da Picaria devem ſer repartidos aos Picadores pela maneira ſeguinte.

A primeira vez que os Potros entrarem no Picadeiro para os principiarem a deitar á guia, o Meſtre tomará huma moeda, que tenha o retrato de ElRei; e dando-a ao primeiro Ajudante ſeu immediato, eſte a deitará para o ar: ſe ella ficar com o retrato voltado para ſima, pertence aquelle Potro áquelle Picador para o diſpôr, e trabalhar; e ſe a moeda não ficar com o retrato voltado para ſima, o Picador, que for immediato áquelle, que já deitou a ſorte, pegará na moeda, e fará o meſmo: e aſſim os mais até ſe diſtribuirem os Potros por todos os Picadores em igual numero. Iſto ſe deve fazer deſte modo, para que os Picadores não ſe queixem de que o Meſtre eſcolhe todos os melhores Potros para hum, e deixa os outros mais inferiores para os mais diſcipulos; e para que elles fação maior diligencia para ſe adiantarem, e aos Potros, que lhe pertencerem, he bom pelas cauſas ditas, que ſe repartão aſſim os Potros; pois não he juſto fazer o Meſtre mudar de Cavallos áquelles diſcipulos, que já tem conhecimento da Arte; porque deſte modo nem elles forcejão por ſe adiantarem a ſi, nem os Potros em que andão.

## *Deſcreve-ſe a ordem, com que alguns Soberanos de Portugal montárão a cavallo para entrar de Eſtado em algumas Povoações.*

QUando ElRei montar a cavallo para entrar de Eſtado em alguma Povoação, devem os Cavallos, em que hão de montar as Peſſoas Reaes, o Eſtribeiro Mór, o Aio de ElRei, os Camariſtas actuaes de ElRei, e Principe, os dos Aios, os dos Camariſtas de Suas Altezas, os do Eſtribeiro de ElRei, os do Meſtre da Picaria de ElRei, os dos Meſtres da Picaria, ou Picadores de Suas Altezas, ſer conduzidos pelos moços da Eſtribeira para o lugar, em que ha de ſer a cavalgata; e ao meſmo ſitio, mas ſeparadamente, devem ſer conduzidos pelos moços da Cavalhariça os mais Cavallos neceſſarios ao tranſporte de toda a comitiva, a quem Sua Mageſtade fizer a graça de mandar dar dos ſeus Cavallos.

O Cavallo, em que ElRei ha de montar, deve ſer preparado pelo Meſtre da Picaria; e em o havendo paſſeado, deve dar parte ao Eſtribeiro Mór de que eſtá prompto, para elle dar parte a Sua Mageſtade de que póde montar.

O Eſtribeiro de ElRei mandará chegar o moço do degráo; e tomando-o da ſua mão, o porá ao pé do Cavallo da parte eſquerda: o Meſtre da Picaria fará

chegar o Cavallo ao degráo, pegando-lhe nas caimbas do freio : apôs iſſo o Eſtribeiro Mór, quando ElRei montar, lhe metterá o pé no eſtribo, e o ajudará a montar. O Eſtribeiro de ElRei deve ſegurar o eſtribo direito, e a elle pertence, ſe for preciſo, levantar, ou abaixar os eſtribos.

O Conde de Viana o praticou aſſim com o Senhor Rei D. Pedro II., quando Sua Mageſtade entrou de Eſtado em Aldêa-gallega.

O Moço da caſa dos arreios deve ſer hum ſujeito diſtincto : elle deve deſcubrir a ſella do Cavallo, em que ElRei ha de montar, e dar o teliz, e a capa ao moço da eſtribeira, e eſte deve ir montar a cavallo, levando o teliz bem ſobraçado : o moço da caſa dos arreios a pé, e deſcuberto deve acompanhar do lado eſquerdo de ElRei pela parte de dentro da ala dos moços da Camera ; e ſe houver quebramento de redea, loro, cilha, ou rabicho do Cavallo, em que vai Sua Mageſtade, a elle pertence concertallo, e fazer apromptar quantos arreios forem preciſos em taes caſos.

O Eſtribeiro Mór, o Meſtre da Picaria, e o Eſtribeiro de ElRei devem ir praticar as meſmas acções com o Principe; e depois delle montar, irão tambem montar a cavallo.

O Meſtre da Picaria fará chegar o Cavallo, em que ha de montar o Eſtribeiro Mór, paſſeallo-ha ſe for preciſo, e pelas caimbas do freio o deve conduzir ao degráo, e hum Picador ſegurará o eſtribo direito; e ſenão o houver, então o moço da eſtribeira deſcuberto ſegurará o eſtribo direito, o ajudante immediato ao Meſtre deve ſegurar as caimbas do freio, e o Meſtre lhe metterá o pé no eſtribo, e ajudará a montar o Eſtribeiro Mór, que irá para o pé de ElRei ao lado direito, ſeguindo-o hum pouco mais atrás.

Logo que o Eſtribeiro Mór deſoccupar o degráo, póde o Eſtribeiro de ElRei mandar ao moço da eſtribeira que chegue o Cavallo ao montadouro para elle montar, e o moço do degráo logo depois diſſo o deve deſarmar, e cubrir para o tranſportar para onde Sua Mageſtade ſe ha de ir apear. O Meſtre deve acompanhar atrás do Eſtribeiro Mór, e os mais Picadores irão cada hum occupar o lugar que lhe correſponde.

Os Camariſtas dos Senhores Infantes, não tendo Suas Altezas Eſtribeiro Mór, devem acompanhar á direita Suas Altezas ; e o Meſtre da Picaria, ou Picador, que os for ſervindo, á eſquerda, como já diſſemos ſe deve praticar com Sua Mageſtade.

Os Senhores Infantes devem ter Eſtribeiro Mór, e Eſtribeiro, que os ſirva pelo meſmo modo em ſemelhantes funções, como temos dito devem ſer ſervidos Sua Mageſtade, e o Principe; e quem lhes ſirva de Meſtre da Picaria, e de moço da caſa dos arreios.

O Eſtribeiro de ElRei ſegue-ſe logo immediato ao ultimo Camariſta de Suas Altezas, e a elle os Eſtribeiros de Suas Altezas : ao ultimo Eſtribeiro de Suas Altezas ſegue-ſe o Sota-cavalhariço de ElRei, e a elle os Sotas de Suas Altezas, e logo os moços da Eſtribeira, que conduzirão os Cavallos, em que vão montados Sua Mageſtade, e Suas Altezas. Vai o Eſtribeiro de ElRei naquelle lugar

gar para determinar ao Sota, e moços da Eſtribeira, e Cavalhariça o que devem fazer.

Poſta a comitiva toda a cavallo, tomando os Officiaes da Caſa, os Grandes, Nobreza, e os mais os ſeus reſpectivos lugares, o Magiſtrado da Povoação reveſtido das inſignias, que lhe pertencerem, preſidido do Alcaide Mór da dita terra, ſe encaminhará para onde eſtá Sua Mageſtade. Elle, ainda que ſeja Principe do ſangue Real, fará as continencias a Sua Mageſtade, como Chefe daquelle Povo: apôs iſſo pegará no guarda-faceira do Cavallo, em que ElRei for, e aſſim o irá conduzindo até ao lugar, em que ElRei ſe apear.

Quando o Alcaide Mór faz a primeira continencia, toda a Corte ſe deſcobre; e o Senhor Rei D. Pedro II. tirou o chapéo quando entrou em Aldêa-gallega, ſervindo o Excellentiſſimo Duque de Cadaval de Alcaide Mór; então o Duque conduzio o Cavallo, em que ElRei hia montado, até ſe apear.

Em o Alcaide Mór pegando no guarda-faceira, ſendo dos Grandes do Reino, ElRei o manda cubrir, e logo ſe cobrem todos os Grandes da Corte; e dos que não fazem o corpo da Corte, ſó o Eſtribeiro de ElRei ſe cobre até chegar ao lugar, em que ElRei ſe ha de apear, que ſempre coſtuma ſer em pouca diſtancia do lugar, em que ſe fez a cavalgata.

Quando Sua Mageſtade ſe apear, o Eſtribeiro Mór, o Meſtre da Picaria, o Eſtribeiro de ElRei, e o moço da caſa dos arreios devem praticar o meſmo ſerviço, que praticárão quando Sua Mageſtade, e Altezas montárão a cavallo.

Não fallamos dos mais lugares pertencentes a outras Perſonagens, porque não dizem reſpeito á Arte, de que tratamos.

Finalmente o que digo ſobre a nobreza deſta Arte, e ſobre eſta materia eu o poderia juſtificar pelos coſtumes dos Perſas, dos Gregos, e dos Romanos, ſe elles não ficaſſem tão remotos aos noſſos tempos: ſatisfaço-me porém com moſtrar, ainda que ſuccintamente, que os Authores, que della tratão, são peſſoas Illuſtres, e da mais avultada grandeza, e que eſtes coſtumes forão já praticados nas Academias de França, de Napoles, e de Alemanha, e aſſim nas funções particulares, e públicas, que alguns Soberanos deſte Reino já algumas vezes fizerão.

# LIVRO II.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe o modo, com que ſe devem repartir, e tratar os Parques: como ſe devem fazer as raças, recolher, e tratar os Potros, e as Egoas: nomes das cores dos Cavallos: nomes dos ſinaes, que devem ter os bons Cavallos, e quaes os nomes dos máos, de que ſe deve fugir, ſegundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de raças; e as obſervações, que ſe podem fazer para conhecer as idades dos Cavallos, com huma breve noção das partes externas, e internas, de que ſe compõem os ſeus corpos, &c.*

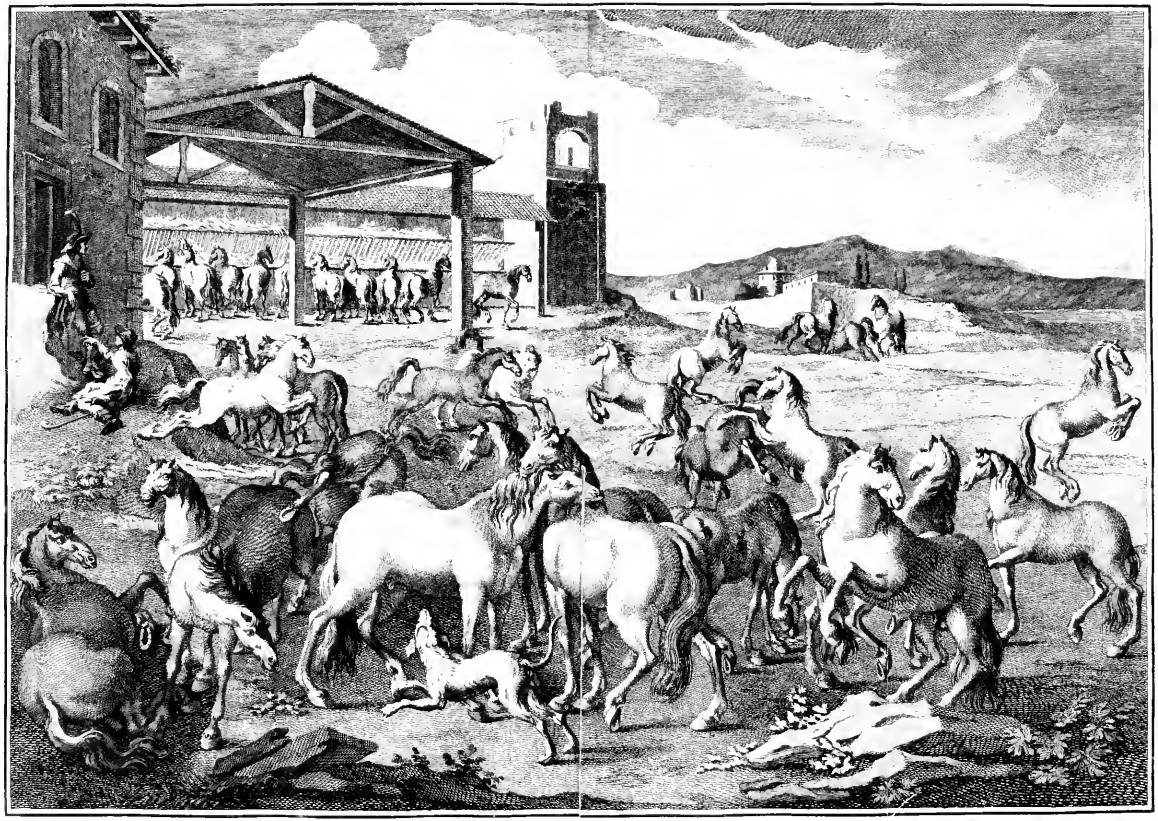
HE ſem dúvida ter o Supremo Creador de todas as couſas dado a todos os animaes de huma meſma eſpecie ſemelhantes movimentos, ſemelhantes preſtimos, e ſemelhantes obras; e dahi vem que os bogios são huns aos outros ſemelhantes nas galanterias, os cães nas habilidades, e os Cavallos nos ſeus movimentos, &c. Elles quando são Potros, nos moſtrão, brincando no campo, com os ſeus ſaltos, e diversões, qual será a ſua natural inclinação, como obſervou o Marquez Duque de Newcaſtle, e outros curioſos creadores de Cavallos; porque elles quando ſe alegrão, além de andarem pelo campo a paſſo, de trote, e de galope, ſaltão, e tomão neſtes ſaltos hum ar correſpondente á ſua natural propensão, e á ſua conſtrucção, formando huns nos ſeus ſaltos as curvetas, outros as paſſadas, as garupadas outros, e finalmente as cabriollas, &c. porque na ſua eſtructura, e articulações diſpoz o Supremo Artifice a máquina dos ſeus corpos com milhares de differentes operações, que os conduzem áquelles infinitos, e galantes movimentos, como ſe vê na ſeguinte

### ESTAMPA II.

*Dos Potros no campo.*

MOſtrando pois a Omnipotencia Divina a ſua idéa mais prodigioſa na producção dos brutos animados, que em todas as outras couſas inſenſiveis pela maior ſemelhança, que tem com o Homem, ſendo eſte a obra a mais perfeita que

ſa-



ſahio da Omnipotente mão : com tudo o Cavallo não tem liberdade , nem verdadeiro juizo : os ſeus movimentos são meramente eſpontaneos , como pelo decurſo da lição hei de moſtrar ; e para fazer pôr em acção natural todos os movimentos, que áquellas máquinas permittio de propriedade a Superior Providencia, usárão os homens por força de diligencias , de toques externamente applicados para conduzillos áquellas acções , que elles podem fazer. Antes porém de tratarmos do modo deſtes toques, e ſuas applicações, eu me proponho dizer como ſe devem fazer as raças, crear, recolher os Potros, e diſpollos para a lição, por me parecer juſto não deixar em ſilencio eſtas fórmas, e conhecimentos da ſua propagação, pois não havendo Cavallos, não póde haver Cavalleiros.

Os Principes da Perſia eſtabelecêrão raças , ou caudelarias, para que os ſeus paizes abundaſſem de bons Cavallos. O Sofi tinha grandes caudelarias , e eſta erá huma das couſas a que extremoſamente applicava os ſeus cuidados. O meſmo fazião todos os Grandes, e Nobreza daquella parte do Mundo , e por iſſo conſervárão por largos tempos tão boas caudelarias , ou raças , que cada hum procurava por competencia fazellas chegar ao ſummo auge da maior perfeição , que ſe podia alcançar ; e em premio deſtas fadigas , poſſuião ſem contradicção os melhores Cavallos. As honras mais diſtinctas, que o Rei, ou o Sofi concedia naquelles tempos aos vaſſallos, era o poderem andar a cavallo , pois que ſem iſſo não podião entrar com a Nobreza da Corte nas funções mais públicas , e ſolemnes do Soberano , o qual para adiantar as raças ſe dignou fazer eſtas mercês a qualquer particular, que fizeſſe certo, ou moſtraſſe ſuſtentar cento e vinte Egoas creadeiras.

Os Gregos , porque forão os primeiros em os imitar , forão igualmente os primeiros bem inſtruidos na cultura das raças, e creações dos Cavallos, como tambem na Arte de montar a cavallo.

D. Fernando III., Rei de Heſpanha , em todas as ſuas grandes batalhas conheceo, e vio que quem o conſtituíra vencedor, e o fizera gozar de tão completas victorias fora o corpo da ſua Cavallaria , com o qual elle ſe esforçou , e conſeguio expulſar os Mouros de Cordova, Murcia, Sevilha, Jaen, e Baeça, em cujos terrenos eſtabeleceo as excellentes raças dos admiraveis Cavallos , que todos ſabem tem produzido aquellas regiões: e tanto foi o ſeu cuidado, applicação, e diſvelo no augmento da Tropa, que nos trinta e quatro annos do ſeu Reinado conſeguio ter hum exercito de nove mil Cavallos de Tropas regulares , além dos auxiliares dos vaſſallos: forças para aquelles tempos grandes, e com as quaes fez chegar os Mouros á mais alta conſternação, aos quaes elle moſtraria ſem dúvida o vigor das ſuas forças na execução do formado projecto para a conquiſta de Marrocos , ſe a morte não lhe embargaſſe , e roubaſſe em 30 de Maio de 1252. com a ſua ſuſpirada vida a gloria deſta empreza , como ſe deixa ver da ſua Chronica folh. 388. , e da Hiſtoria Chronologica de Caſtella folh. 288. , e no ſeu tempo ſe principiárão a formar, e aperfeiçoar as raças na Andaluzia , Jaen , e Baeça , que produzírão ſempre muitos, e muito bons Cavallos.

D. Affonſo o Sabio ſeu Filho tambem alcançou dos Mouros não poucas victorias ; porque elle não ſó conſervou a Tropa de Cavallaria , que ſeu Pai havia fei-

feito crear, porém augmentou-a grandioſamente, e eſcreveo Cartas firmadas do ſeu proprio punho a todos os Principes, e Ricos homens dos ſeus Dominios, a fim de applicarem os ſeus cuidados á producção das caudelarias, e raças. Eſte meſmo ſyſtema tem ſeguido os ſeus Succeſſores até ao preſente, fazendo toda a diligencia porque os ſeus dominios abundaſſem de bons Cavallos, e boas creações de Machos, de quem os Póvos ſeus vaſſallos adquirem conſideraveis utilidades com os Eſtados confinantes: e nós vemos ainda hoje de Heſpanha chegar a Portugal todos os dias grandes quantidades de Cavallos, e Machos tranſportados, de que os Heſpanhoes percebem avultadas ſommas.

O meſmo fazião na França, até que Luiz XIV. no anno de 1660., no qual caſou com Maria Tereſa de Auſtria, indagando os direitos, que ſe havião pago dos Cavallos, e Machos, que ſe tinhão comprado para o ſeu ſerviço, para o das ſuas Tropas, e dos ſeus vaſſallos, e achando que montavão á quantia de oito milhões de libras tornezas, então eſte grande Rei applicou o ſeu cuidado a que pelos ſeus Dominios ſe fizeſſem boas creações de Cavallos, e Machos, dando aos ſeus vaſſallos muitos privilegios, e eſcrevendo do ſeu proprio punho a todos os Magiſtrados, Cameras, e Sujeitos mais diſtinctos dos ſeus Reinos, para que intereſſados, quanto lhes foſſe poſſivel, na producção deſtes animaes, e augmento das caudelarias, evitaſſem a extracção de tantas, e tão copioſas ſommas, que diariamente ſe tranſportavão para Heſpanha.

Nos tempos deſte grande Monarca he que a França ſe vio verdadeiramente elevada ao maior auge; e as caudelarias, e procreações dos Cavallos, e Machos forão em tal quantidade, que no anno de 1715., em que ElRei faleceo, já aquelle Paiz abundava tanto na propagação dos Cavallos, e Machos de boas raças, que não ſó não preciſava dos de Heſpanha, mas antes, além do fornecimento, que ſe empregava nas ſuas Tropas, a meſma França podia ſem objecção deixar ſahir hum grandiſſimo numero deſtes animaes.

Tranſcreverei aqui huma das varias cartas, que eſte Rei eſcreveo de ſua propria mão, como conſta da ſua Chronica pag. 274., aos principaes Senhores, e Cameras dos ſeus Eſtados, porque nella ſe deixa ver bem claramente os cuidados, que o occupavão a reſpeito das caudelarias, e o amor, com que animava os ſeus vaſſallos, &c.

## *Carta de Luiz XIV. aos Magiſtrados, e Grandes dos ſeus Dominios.*

» ESTando Eu bem informado pelo meu Eſtribeiro Mór do cuidado, com que » os Gentís-Homens, Cameras, e Magiſtrados dos meus Dominios ſe inte- » reſsão em fazer produzir, e adiantar o reſtabelecimento das raças dos meus Ca- » vallos, como huma das couſas, que Eu tenho no meu maior cuidado, agradeço a » todos os meus vaſſallos eſte bom ſerviço, e peço a Deos os tenha na ſua ſanta » guarda. Eſcrita em S. Germain aos 30 de Maio de 1669. = Luiz. = »

Eſte grande Rei nos 72 annos, que durou o ſeu Reinado, venceo eſta, e outras

tras grandes couſas, que premeditou, talvez por ſer tão dilatado o tempo do ſeu governo.

O Senhor D. João o I. de boa memoria, e ſeu Filho o Senhor D. Duarte o Eloquente, Reis de Portugal, fizerão conſideraveis diligencias por eſtabelecer nos ſeus Dominios raças, e creações de bons Cavallos, e Machos, não ſó para o ſeu Real ſerviço, e adiantamento das ſuas Tropas, como tambem para a utilidade dos ſeus vaſſallos, concedendo para eſte fim privilegios aos que bem ſe applicaſſem ao deſempenho deſtas diligencias.

O Senhor Rei D. Joſé o I., o Pai da Patria, o Agricultor das Artes, e das Sciencias não fez nem menores, nem vãos esforços para o adiantamento das raças: e com effeito pela aſſidua applicação do Meſtre da ſua Real Picaria, o Coronel Bartholomeu de Aranda, Homem grande Cavalleiro, e bom cultor de caudelarias, conſeguio crear muitos, e bons Cavallos; e chegou a ter tantos, e tão bons, como ha poucos tempos todos ſabemos. Eu vi Cavallos de vultos ſem dúvida tão proporcionados, e juntamente cheios de tanta nobreza, graça, e boas qualidades, quaes os da Macedonia, tão decantados na Hiſtoria.

Sendo eſta huma das couſas intereſſantes aos Eſtados, eu me proponho dizer como ſe devem fazer as raças, ou creações de Cavallos, e o que ſeja muito conducente para dellas ſe colher huma boa producção.

## *Moſtra-ſe qual ſeja o tempo mais proprio para as Egoas ſe diſporem para o acto da geração; e quaes ſejão os Cavallos melhores para Garanhões.*

AS Egoas todo o anno podem uſar do acto venereo na conjunção das Luas, porque a natureza não lhes ſignalou limite, ou termo huma ſó vez no anno, como a outros brutos; mas Ariſtoteles, e Plinio com outros de bom ſentir, dizem que o tempo, em que ſe logra melhor a diſpoſição das Egoas, he do Equinoccio da Primavera até ao Solſticio do Eſtio: e ſem dúvida o tempo mais proprio para o lançamento he de Março até Junho.

Os melhores creadores ſempre cuidárão muito em procurar que os Cavallos pais, ou Garanhões foſſem das melhores qualidades, que ſe pudeſſem achar, perſuadidos, e com razão, de que de hum máo principio ſe não ſeguirão ſenão máos effeitos, e pernicioſas conſequencias: e ordinariamente ſuccede que os defeitos, e enfermidades, a que eſtão ſujeitos os corpos dos Potros, ou Cavallos, lhes vem pela maior parte dos defeitos dos pais, e culpa da geração; e ninguem deve eſperar que de Cavallos arruinados, e de ruim caſta ſe produzão Cavallos ſãos, finos, e bons; por iſſo he muito conveniente que os Garanhões, além de ſerem de hum bom tamanho, talhe, e côr, ſejão de huma raça purificada, e diſtincta, coſtumada a produzir bons, e bem aſſignalados Cavallos.

Em Heſpanha ſe aproveitão de ordinario para Garanhões dos Cavallos de Andaluzia, de Arangués, de Obeda, Baeça, da Mancha, e Cordova, por ſerem cheios de muita nobreza, e graça: elles pela maior parte são bemfeitos,

tem

tem bom tamanho, e boa côr: são finos, ſenſiveis, e leaes, dotados de grande viveza, e animo: tem de ordinario boa boca: são direitos de pés, e mãos; e elles são finalmente mais livres das paixões, e enfermidades, que são ordinarias aos Cavallos de outros paizes.

A experiencia tem moſtrado muitas vezes que tendo os Cavallos pais enfermidades nas juntas dos pés, e mãos, ellas ſe communicão aos Potros no acto da geração, maiormente ſendo as ſobreditas enfermidades eſpravões, agriões, curvas, ſubcurvas, curvaças, e outras, que deixo de referir, por não ſer prolixo; e poſto que os Potros logo que naſcem não moſtrem eſtas enfermidades, em principiando a trabalhar, elles ſe enchem das ſobreditas moleſtias, por haverem herdado dos pais huma diſpoſição de orgãos propria para ſe fomentarem as referidas queixas.

Os melhores creadores tem innumeraveis vezes obſervado herdarem os filhos dos pais os defeitos, que elles poſſuião, e naſcerem com as meſmas paixões, e enfermidades, ſinaes, e difficuldades dos ſeus Garanhões, ou pais.

Março, Abril, e Maio são os mezes da melhor compleição, que ha em todo o anno. Eſte tempo produz nos viventes terreſtres, principalmente nos Cavallos, hum humor ſanguineo, quente, e humido da melhor compleição de todos os humores, e tambem produzem naturalmente os campos herva com abundancia: eſte he o ſuſtento proprio das Egoas, e que lhes faz creſcer, e nutrir huma boa cópia de ſangue, preciſo para a natureza ſe preencher de força neceſſaria para a producção, pois com o calor interno, que lhes fomenta o ſuſtento, e com o exterior calor do tempo, então aſsás benigno, vem as Egoas a diſpôr-ſe bem para o acto da geração.

Em Junho, Julho, e Agoſto já são as Egoas dominadas de hum humor quente, e colerico: a eſtação rigoroſa do tempo conſome com o ſeu ardor, e ſeccura as hervas, e paſtagens dos campos, e alcança tambem a fazer hum poderoſo effeito na humidade das crias no ventre das mãis. Se as Egoas produziſſem, ou pariſſem neſte tempo, ellas terião pouco leite para alimentar os ſeus fetos por naſcerem em huma eſtação mais ſecca, e rigoroſa, em que os campos eſtão deſpidos de hervas, e de paſtagens.

Nos ſeguintes tres mezes de Setembro, Outubro, e Novembro he nas Egoas mais difficultoſa a diſpoſição para a geração, por ſer o tempo, em que ellas ſe achão dominadas de hum humor melancolico, frio, e ſecco comparado ao elemento da terra, no qual de todo ſe acaba nos campos a paſtagem, por ſer já inverno, haver pouco calor, e muita frialdade na terra, pelo que ſe faz improprio eſte tempo para as Egoas ſe diſporem para a geração.

Dezembro, Janeiro, e Fevereiro he tempo frigido, e eſteril, ſem mantimentos, ou paſtagens, e nos campos ha grande frialdade: por iſſo neſta quadra, ou eſtação domina tanto nas Egoas o humor fleumatico, que he frio, e humido, e como tal comparado ao elemento da agua. Eſta frialdade attenua a actividade propria para a diſpoſição da geração; e a próvida natureza ſe diſpõe de Março até Junho, por ſerem eſtes tempos benignos, e temperados, então os campos abundão em paſtagens. Eſtes mezes forão ſem dúvida nos noſſos climas ordenados pela von-

vontade do Eterno Ser, para que a Natureza exercite na maſſa ſanguinaria o dever natural entre o macho, e a femea. Ella he huma cauſa prima, e univerſal, porque do ajuntamento do macho, e femea ſe faz, e compõe eſta maſſa oriunda dos quatro humores, que vivificão as máquinas dos corpos dos Cavallos.

A Superior Providencia ordenou que a Natureza formaſſe, e organizaſſe daquella maſſa hum corpo, ſem que nada lhe faltaſſe do que lhe foſſe pertencente, tanto no interior, como no exterior; e depois de ſe achar aſſim ordenado, organizado, e formado com todas as partes, que o conſtituem perfeito, ſegundo a ſua eſpecie, ſe lhe infundiſſem os eſpiritos animaes, ou vitaes, e fique o meſmo corpo eſperando que a potencia, e a natureza o aperfeiçoem, e fação ſahir daquelle clauſtro, em que ſe tem creado.

## *Moſtra-ſe o modo como ſe gera, e nutre o Potro no ventre da Egoa.*

TOdos ſabem que hum Potro no ventre da Mãi anda mettido em hum como ſacco, eſte he formado de muitas membranas: a primeira he delicada, e tranſparente; a ſegunda he mais groſſa, chamada *Chorion*: depois pela parte debaixo do corpo do Potro ha huma pelle eſponjoſa, que lhe ſerve como de colchão, talvez para o livrar das pancadas, que no utero da mãi póde receber. Ha mais no ventre da Egoa a *Placenta*, e outras membranas, que cércão o corpo do Potro.

Na primeira membrana delicada, porém fechada por todas as partes, ſe fórma o corpo do Potro, e vive nadando em hum liquido, que depois de ter concorrido para o formar, concorre tambem para elle ſe nutrir. A ſua poſtura he encurvada, de maneira, que tem os pés junto da boca, as mãos encolhidas, e aſſim eſtá todo em hum arqueado; porém eſta poſtura ſe muda, e deſenvolve no tempo vizinho ao parto. Deſta ſorte elle não reſpira por modo algum; e por iſſo os boſes do Potro, quando naſce morto, lançando-ſe na agua, vão ao fundo; a cauſa he, porque como nunca ſe enchêrão de ar, não ſe dilatão as ſuas poroſidades, e ſe achão, como eſtão dentro do ventre, muito denſos, e pezados.

Nutre-ſe o Potro no ventre da Egoa, mediante o canal umbilical; como hum pomo unido á arvore, que por huma collecção de fibras percebe o ſucco, e o ſuſtento: aſſim elle dentro do ventre eſtá unido á mãi pelo canal umbilical, e por elle ſe nutre, e percebe a ſubſtancia para ſe formar, e creſcer. Eſte canal ſe compõe principalmente de huma veia grande, e duas pequenas arterias: entre ellas vai o Ovraxo, que he huma veia, que naſce da parte ſuperior da bexiga do Potro: vem ao embigo, e juntamente com as arterias prende na região ſuperior da Placenta do ventre da mãi.

Aſſim ſe nutre o Potro, ſem que nelle haja parte, em que ſe prepare o alimento, ſómente com o ſangue, e ſubſtancia, que ſe lhe communica pelo Ovraxo, ou vide; e do liquido, em que anda nadando, elle ſe vai aſſim augmentando, e creſcendo.

O ſangue da mãi preparado nos muitos vaſos, e filctros, que ella tem na Placenta, entra pela veia umbilical do Potro, e vai direito ao figado, donde paſſa ao coração; e o reſto, que entra no ventriculo eſquerdo, ſahe pela grande arteria a circular por todo o corpo do Potro, e vem recolher-ſe á Egoa pelas arterias umbilicaes, que torcidas com a veia umbilical, ou vide, ordinariamente ſobem pelo embigo do Potro, e vão por ſima da eſpadua até prender na Placenta da Egoa: e deſta maneira, ſegundo a melhor opinião, he mais provavel que ſe nutre o Potro, e circúla nelle o ſangue. Iſto ſe tem obſervado em muitas anatomias; com a differença porém de que a huns Potros lhes vem o Ovraxo, ou vide do embigo pelo lado da eſpadua direita, e a outros pelo da eſquerda; mas ſempre a vide ſe conduz da Placenta ao embigo do Potro.

Logo que o Potro naſce, o ar lhe entra pela Trachea, e todas as poroſidades do bofe ſe dilatão, quando elle principia a reſpirar, e então o ſangue todo, que eſtá nas veias pulmonares, ſe recolhe ao coração, e fica mais deſembaraçado o lugar, que elle occupava nas pulmonares. O ſangue, que vem á auricula eſquerda, por ſer o canal mais largo, he mais copioſo, e pulſa com mais força, porque já os bofes tem movimento.

O liquido, em que o Potro nada, tambem faz com que elle eſteja defendido da oppreſsão do utero. Eſte liquido facilita o parto, e humedece todas as fibras da vagina para dilatar-ſe a uretra, como he preciſo para o Potro poder naſcer.

## *Moſtra-ſe o tempo que as Egoas andão prenhes, ſegundo a melhor opinião.*

AS Egoas andão prenhes doze mezes, pouco mais, ou menos; e ainda que alguns creadores dizem que onze mezes, e nove dias, quanto a mim iſto padece alguma dúvida; e ſegundo a melhor opinião, o mais certo he andarem prenhes doze mezes, pouco mais, ou menos. Salver pag. 197. no ſeu Tratado das Raças tambem diz o meſmo; com a differença porém de lhe parecer ſerem humas mais tardas na ſua prenhez, porque não tiverão no tempo da preparação huma perfeita ſaude, e outras mais temporans, porque tiverão ſempre boa ſaude, e avançárão por eſta, e pelo ſeu temperamento mais a formação das ſuas crias.

A idade, em que as poldras eſtão no bom eſtado de virem a ſer parideiras, de ordinario he dos quatro, ou ſinco annos até aos quinze, ou dezeſeis, pouco mais, ou menos, ſegundo a ſua diſpoſição, e vigor. He preciſo conſiderallas em duas eſtações, como fica notado: pelo Inverno frias, e faltas de potencia, e nutrição; e no principio da Primavera com mais calor, mais vigoroſas, aptas, e promptas para a geração.

As Egoas que pegárão, ou enchêrão na cubrição, devem ſer lançadas em parques muito abundantes de paſtagens, para ſe nutrirem bem, e ſuſtentarem as ſuas crias com abundancia, e com o preciſo vigor. No fim de ſinco mezes, pouco mais, ou menos, deve-ſe examinar quaes são as que eſtão cheias para as ſeparar daquellas, que deixárão de reter, ou não pegárão pelos motivos que ao diante diremos.

He

He difficultoſo conhecellas antes, e ainda paſſado eſte tempo; de ſorte que os mais curioſos, e experientes creadores ſe enganão maiormente com aquellas, que são coſtumadas a parir, porque até eſte tempo ſe conſerva ſempre o ſeu ventre na meſma redondeza, e gordura: com tudo eu vou dizer ſobre eſta materia algumas obſervações, de que tenho noticia, e me parecem mais veridicas.

As Egoas, que eſtão cheias, conſervão a ſua gordura por mais tempo, do que aquellas, que deixárão de reter, maiormente no inverno. Conhece-ſe tambem que eſtão cheias, quando ellas fogem, e ſe retirão das outras, e quando os Potros no ventre ſe remechem. Tambem ſe conhece eſtar prenhes, por moſtrarem alguns enjoos ás hervas, a que erão mais affeiçoadas.

Senão ſe manifeſta por eſtes ſignaes a prenhez, he neceſſario que obriguem as Egoas a que fação algum moderado exercicio, dando-lhes algumas poucas voltas á Guia, ſe forem manſas, e depois fazellas conduzir ás cavalhariças; e pondo-lhes a mão na barriga, neceſſariamente ſe ha de ſentir mecher o Potro dentro no ventre.

Se as Egoas forem bravas, devem em hum parque bem plano fazellas dar algumas voltas correndo, conduzindo-as depois ás cavalhariças, ou arribanas, e fazer-lhes as averiguações que já diſſemos.

## *Signaes, por que ſe conhece eſtar proximo o parto das Egoas.*

QUando o tempo do parto ſe vai approximando, dous mezes antes, pouco mais, ou menos, os bicos das tetas das Egoas ſe endurecem, e ſe eſtendem mais: as ſuas ancas depois, e os ſeus ilhaes ſe fazem vaſios. Em os guardadores vendo nas Egoas eſtes ſignaes, devem duplicar o ſeu cuidado, e vigilancia ſobre ellas para ſoccorrerem aquellas, que forem mais trabalhoſas nos ſeus partos, ajudando-as, e ſangrando-as no tempo dos eſforços, concertando os Potros, quando elles eſtão mal ſituados; e ſe ſentirem que o Potro eſtá morto, he preciſo fazer promptamente por livrar a mãi, introduzindo-lhe azeite na matriz, e hum vergalho de boi pela boca, de ſorte que lhe chegue ao Ezofago, para ver ſe ella ſe eſforça, e lança fóra a cria.

No caſo de ſe demorar, he bom uſar de remedios proprios para eſte caſo. Tambem coſtumão atar-lhe hum naſtro á cria, na parte que primeiro apparece na uretra, para puchar por ella, e fazella ſahir para fóra; mas deve iſto ſer feito com muito cuidado, ſem puchar de repente, ou com muita violencia: devem ſim eſperar faça a Egoa algum eſforço, e então pouco a pouco puchar pelo cordel; e tanto que a mãi eſtiver livre, devem tratalla como ſe tiveſſe abortado, porque fica aſsás perigoſa.

Se o Potro principia a naſcer mal, devem indireitallo, untando, quem o concertar, bem as mãos com banha de porco, porque ella ajuda a expellir o feto. Se o Potro eſtá morto no ventre, o hálito da boca da Egoa tem máo cheiro, porque o feto ſe corrompe com muita facilidade.

Se a Egoa pare ſem grande cuſto, apparece o Potro na vagina direito; e fazendo a Egoa alguns eſforços, ao meſmo tempo rebentão as membranas que o li-

gão, e embrulhão dentro do ventre, e elle naſce, ſahindo com elle alguma quantidade daquelle liquido, em que foi creado: a mãi o lambe em quanto elle eſtá deitado; mas logo que os bofes principião a enfartar-ſe do ar, e o ſangue das pulmonares a fazer o ſeu gyro, o Potro ſe levanta, e ſegue a mãi.

Ariſtoteles, e outros Filoſofos dizem, que quando o Potro naſce, traz pegada na teſta huma pequena porção de carne, a que chamão *Hippomanes*, a qual a mãi lhe arranca com os dentes. Deſte dito Hippomanes dizem tambem muitas virtudes, as quaes eu tenho por ficção, de que ſe ſervião para ornato das ſuas allegorias: motivo, pelo qual deixo de tratar deſta materia.

## *Trata-ſe do modo de repartir o terreno dos Parques, e da quantidade de cabeças, que elle póde ſuſtentar.*

PAra ſe formar huma Raça, ou creação de Cavallos, he preciſo ter quantidade de Egoas parideiras, e Cavallos, que fação multiplicar a producção dos Potros: feito o cálculo do terreno, em que pertendem formar, e eſtabelecer a raça, devem proporcionar a elle o numero de cabeças, que póde com abundancia ſuſtentar. De ſorte, que aonde ſe podem ſuſtentar ſinco bois, podem crear hum Potro, ou Egoa: aſſim aonde ſe podem ſuſtentar cem bois, podem crear até vinte e oito, ou trinta Potros, ou Egoas. Devem-ſe com as Egoas, e Potros crear bois, e vacas, porque eſtes conſervão o terreno, e goſtão de comer a herva grande, e os Cavallos, e Egoas goſtão mais da herva tenra, e curta.

O lugar deſtinado para eſtabelecer as raças deve ſer repartido em varios, e grandes parques, cercados de vallados, muros, ou eſtacadas, que embaracem a paſſagem de huns para outros. Os parques deſtinados para as Egoas paſtarem, quando eſtão prenhes, devem ſer abundantes de paſtagens; e da meſma ſorte aquelles, em que andarem as que derem leite aos Potros: faço eſta recommendação, para que tanto as que eſtão prenhes poſsão nutrir bem os ſeus Potros, como as que eſtão creando poſsão ter baſtante leite para nutrirem as ſuas crias, porque deſte primeiro ſuſtento provém muito aos Potros a ſua boa creação, e as qualidades de membrudos, e vigoroſos.

D. Garcia Xemenes de Haro, Eſtribeiro de D. Garcia IV., o Valente, Rei de Navarra, diz pag. 78. no ſeu Tratado das Raças, que os Potros precisão tanto de ſer bem alimentados no ventre da mãi, como depois de naſcidos ſer a mãi bem abundante de boa qualidade de leite, para elles bem ſe crearem, e ſe pôrem no eſtado de ſe nutrirem vigoroſamente, e ferem na contextura de todos os ſeus muſculos fortes, e ſenſiveis. E pag. 89. affirma que o Potro, ao qual no ventre da mãi faltar o bom, e preciſo ſuſtento, ou ella tiver máo leite para a ſua creação, elle ſerá pouco igual de todos os ligamentos do ſeu corpo, e terá pouco eſpirito, e por conſequencia ſerá pouco ſenſivel. A natureza diſpõe como meſtra a máquina do corpo do Potro; e logo que por falta de alimento a mãi tiver poucas forças para nutrir, e preſtar á ſua cria no ventre o preciſo vigor, o Potro naſcerá com pouco alento, ou folego, pouca actividade, e pouca viſta. Iſto meſmo diz Salver o melhor

lhor agricultor das creações de Cavallos, que Luiz XIV., Rei de França, fez eſtabelecer nos ſeus Reinos, a pag. 26. do ſeu Tratado das Raças.

As Egoas, que não eſtão prenhes, não devem andar miſturadas com aquellas, que o eſtão, porque facilmente lhes podem dar alguns couces, que as façáo abortar, e por iſſo devem andar ſeparadas.

Se no mez de Fevereiro ſe acharem as Egoas muito gordas, então as devem paſſar a hum parque, em que hajão menos paſtagens, e deixallas nelle andar até diminuirem da ſua demaziada gordura, para que no tempo do lançamento eſtejão mais aptas para o acto de geração.

As Poldras novas podem andar juntamente no meſmo parque, em que andão as que não andão prenhes. Os Potros porém devem andar ſeparados de humas, e outras Egoas, e da meſma ſorte os caſtrados; porque os inteiros de dous para tres annos já fazem muita diligencia por cubrir as Egoas: neſte caſo elles tomão muito cio, e ſe tornão muito fracos; e os caſtrados, fazendo esforços inuteis, atormentão as Egoas ſem effeito, e aſſim huns, e outros ſe arruinão muito da ſua garupa, e curvilhões.

## *Moſtra-ſe qual ſeja o terreno mais proprio para crear os Potros.*

OS parques, em que ſe hão de crear os Potros depois de ſeparados das Egoas, devem ſer de hum terreno aſpero, e montuoſo, mas que tenha huma quantidade de paſtagens ſufficientes para os ſuſtentar com abundancia, ſem os engordar muito; porque aſſim como o preciſo ſuſtento os nutre, ſuſtenta, e cria bem fortes, aſſim a demaziada abundancia os engorda extraordinariamente, e lhes faz o ſangue eſpeſſo, viſcoſo, e fleumatico, e por conſequencia diſpoſto para ſe corromper, e motivar nos Potros graves moleſtias: pelo contrario o preciſo ſuſtento conſerva no Potro o ſeu ſangue delgado, e eſpirituoſo, e por iſſo mais proprio para ſuſtentar, e fortificar todos os ſeus membros, porque então elle ſe diſtribue, e gyra com mais vivacidade, e facilidade por todos os conductos do corpo do Potro.

Os Potros, que são demaziadamente nutridos nos paſtos, de ordinario são faltos de vigor: tem a cabeça, e os peſcoços groſſos, a viſta fraca, as eſpaduas carnoſas, maiormente ſe o terreno do parque he de terra fria, ou alagadiça: ao contrario, ſe o parque, em que andarem os Potros tiver partes montuoſas, e aſperas, elles terão bons caſcos, e muito deſembaraço, ou ar nas ſuas eſpaduas. Advertindo que eu não quero dizer niſto, que os criem com fome, pois em tal caſo não lhes ſervirá o ſerem de boa raça haverem ſido bem creados, e lacteados por boas Egoas, antes a fome os tornará fracos, pequenos, e incapazes de bom ſerviço.

Os Potros de huma figura delicada, e fina, creados em terrenos aſperos, mas abundantes de paſtagens, de ordinario tem mais graça, e deſembaraço nos movimentos das ſuas eſpaduas, do que aquelles, que são creados em terras humidas, alagadiças, e planas. Os Potros, que são creados em terras alagadiças, a que chamão frias, tem ordinariamente os caſcos brandos, chatos, e com muitos debruns, a tapa delgada, os talões unidos, as ranilhas humidas, e as palmas cheias: elles

ſim creſcem muito; mas pela maior parte adquirem as más qualidades, que tenho referido, por ſe crearem com hum mantimento debil, e em hum terreno demaziadamente humido, por cujas cauſas elles ſão ao meſmo tempo faltos de memoria, e actividade prompta nas ſuas ſenſações.

Os Cavallos de Hollanda juſtificão bem o que digo: elles creſcem muito, ſão de hum formoſo vulto; mas por ſerem creados em humas terras alagadiças, planas, e muito abundantes de fenos, elles ſão extraordinariamente froxos, tem máos caſcos, padecem nelles muitas moleſtias, tem pouca actividade nas ſuas ſenſações, e ſão conſequentemente faltos de eſpirito.

Diſſe que os parques das raças devem ter divisões, não ſó pelas cauſas, que temos ponderado, mas tambem para elles ſe poderem concertar, e reparar do damno, que os Potros, e Egoas nelles fazem. Diſſe tambem que os bois ſão bons para a reparação deſte damno, e que elles cortão a herva alta para rebentar junto á terra, por ſer aſſim que os Potros goſtão mais della: a ourina dos Cavallos, e Egoas enfraquece o parque, ao qual tempera, e torna fructifero o excremento, e ourina dos bois: o dos carneiros, e ovelhas he igualmente bom para o temperamento das terras, que arruinárão os Cavallos; porém preciſa ſer bem miſturado com ellas, e os Potros eſtarem ſeparados daquelle terreno, ou parque, em que os carneiros andárão pelo menos quatro mezes, porque antes diſſo o terreno não produzirá bem; além de que os Cavallos, e Egoas aborrecem muito o excremento dos carneiros.

Na Hollanda, e na baixa Normandia, quando os Senhores de terras as arrendão, huma das condições do arrendamento he, que os rendeiros não poſsão crear mais de dez, ou doze Potros naquelle terreno, em que ſe podem ſuſtentar ſincoenta até ſeſſenta bois. He bem certo que o terreno ſe conſerva na ſua bondade, e ſem damnificação, ſe onde ſe podem ſuſtentar ſinco bois, trouxerem quatro, e hum Cavallo, ou Egoa, que tudo vale o meſmo: e á proporção onde andarem doze, ou treze bois, ſe podem crear dous, ou tres Cavallos, ſem que o terreno ſe arruine, maiormente ſe puderem fazer com que os Potros, ou Cavallos mudem de parque, como temos dito.

Os parques devem ter aguas ſufficientes para dar de beber ás Egoas, e Potros das raças. As aguas de tanques, prezas, e lagôas ſão para eſte fim melhores, do que as das ribeiras, ou regatos, a quem commummente chamão vivas, porque eſtas muitas vezes fazem dores de barriga nos Potros, as quaes ſão muito mais perigoſas nas Egoas, que andão prenhes, porque facilmente abortão, e em abortando por eſte motivo, pela maior parte morrem. As aguas que ſão turvas, por ſe bolirem as prezas, ou lagôas, ſão boas para os Cavallos, e Egoas beberem, por não lhes fazerem tantas dores de barriga.

As prezas, e lagôas, que crearem muitas ſangueſugas, não deixão de ſer nocivas para bebida deſtes animaes. Em hum ſemelhante caſo não ſerá fóra de propoſito mandar fazer pequenos tanques para de tempos em tempos ſe poderem limpar, e eſfregar com ſal, porque iſto deſtroe muito as ſangueſugas, e faz que as Egoas bebão mais, e tenhão mais leite, e os Potros tambem alarguem mais.

De-

Devem plantar-ſe algumas arvores, que fação boas ſombras pelos lados dos lugares, em que eſtiverem ſemelhantes receptaculos, para que elles não criem tanta babugem, ou limos com o calor do Sol; e tambem para que os Potros, e Egoas ſe abriguem á ſua ſombra dos ardores do eſtio em tempo caloroſo, e da grande perſeguição das moſcas, que mais os affligem ao Sol, do que á ſombra: ſe bem que ellas, não obſtante eſtas prevenções, perſeguem tão vivamente no verão os Potros, e as Egoas, que quaſi ſempre emmagrecem, principalmente nos mezes de Julho, e Agoſto.

Como ha differentes eſpecies de moſcas, que neſte tempo mordem os Cavallos, e ellas tem diverſas fórmas, e feitios, ſegundo os paizes, em que ſe reproduzem, eu não me cançarei em tratar nem das ſuas differenças, nem dos effeitos que coſtumão cauſar.

Tambem não devem haver covas, vallas, ou foſſos nos parques, em que andarem Egoas prenhes, para que ellas não dem quédas, e abortem. Pela meſma razão ſe devem arrancar as raizes que as arvores deitão muitas vezes á ſuperficie da terra, e os eſtrepes, que houver nos parques, não deixando nelles obſtaculos, de que ſe poſsão occaſionar ás Egoas alguns perjuizos.

He igualmente util haverem guardadores deſtinados para ter cuidado que não aconteção deſaſtres ás Egoas, e aos Potros. Os lobos são acerbiſſimos perſeguidores dos Potros, maiormente em quanto novos: para a ſua perſeguição ſe evitar, he bom que os guardadores ſejão vigilantes, e tenhão bons rafeiros, para que os Potros, e Egoas ſejão bem defendidos de tão vorazes perſeguidores.

Se os parques tiverem arvores ſilveſtres, e brejos abrigados, ou valles com boſques eſpeſſos, em que pelo verão ſe crie, e conſerve a herva tenra, e verde, as Egoas, e os Potros goſtaráõ muito deſta hervagem em tal tempo; e ſe com eſte ſuſtento engordarem muito os Potros, he bom mudallos de ſitio para parte, aonde ſe ſuſtentem com feno, &c.

## *Motivos, pelos quaes deve haver nos Parques arribanas, ou cavalhariças.*

NOs parques devem haver arribanas, ou cavalhariças para recolher os Potros, e Egoas, pondo-os ao ſeu abrigo dos rigoroſos frios do inverno, as quaes elles procurão quando são conſtrangidos da fome, e do frio. Nellas os podem deſde logo ir coſtumando a chegar á manjadoura, onde lhes darão algum feno. Então os podem ir affagando; e querendo elles ſahir para o campo, não os devem embaraçar, porque deſte modo ſe vão amançando, para quando os enlaçarem não fazer nelles tanta impreſsão o recolhellos á cavalhariça. O modo de os affagar ſerá pondo-lhes os moços a mão na teſta, e peſcoço, por ſerem eſtas acções áquellas, que os Cavallos moſtrão tem mais em ſignal de agrado que lhes fazem.

As arribanas são humas eſtancias cubertas de telhas, ou de colmo com manjadouras por hum, e outro lado, ou pelo meio, ſendo que as cavalhariças regulares são melhores para accommodar as raças, porque nellas ſe podem ſeparar os Po-

Potros huns dos outros, iſto he, os mais fortes dos mais fracos, e aſſim os mais velhos dos mais novos, para que não ſe apertem, ou briguem.

Os parques produzem differentes hervas, humas mais, outras menos proprias para ſuſtento dos Cavallos: humas de que elles goſtão mais, e outras de que goſtão menos. Ha tambem algumas que são venenoſas; e ſegundo o clima, e os Paizes, differentes nas qualidades, e nomes. Em Portugal, em o Alemtéjo dão o nome de trevagem (por exemplo) á meſma herva que em Lisboa denominamos *Anafa*, e no campo de Ourique, e Algarve *Trevo bravo*, porque ſó differe do Trevo manſo em ter a flor azul. Na Beira, e outras partes, aonde a ha, lhe chamão *Balça.*

Por cauſa deſtas diverſidades deixo de dar os nomes das hervas, que são mais proprias para ſuſtento dos animaes de que tratamos, aſſim como os dá Colbert no ſeu Tratado das Raças pag. 94.: ſó recommendo aos creadores obſervem que os parques, em que eſtabelecerem as raças, ſejão abundantes de hervagens, em que os Potros goſtem de paſtar, e comão ſem lhes magoar as bocas; pois ſeja qual for a ſua qualidade, a Natureza ſempre próvida lhes ſuſcitará aſſim o conhecimento das que lhes forem nocivas, como o das que lhes são proprias; e ella meſma por effeito da Providencia lhes miniſtrará todo o vigor preciſo para os crear, ſuſtentar, e fortalecer dentro dos ſeus parques, ſegundo os climas, onde ſe acharem eſtabelecidos.

Podem os creadores, ſendo curioſos, fazer produzir com abundancia nos ſeus parques anafa, avêa, e feno, mandando buſcar as ſementes, e ſemeando-as, com eſpecialidade a anafa, porque a ſua ſemente não he agradavel ás formigas; e a ſua raiz, tendo ſido ſemeada em terrenos freſcos, produz por ſeis, e ſete annos: maiormente ſe houver cuidado em a fazer ceifar, quando ella eſtá em flor. O feno produz por tres annos; mas preciſa ſer ſemeado em terrenos baixos, e freſcos, quaes os da Hollanda.

Na baixa Normandia ha huma hervagem, a que chamão *Alfaſ*, a qual ſendo ſemeada em terrenos freſcos, faz huma producção excellente pelo eſpaço de oito, ou nove annos; porém a ſua ſemente he perſeguida das formigas, e por iſſo fóra daquelles terrenos, em que ſe produz por natural coſtume, ſe extingue, paſſado o ſobredito tempo, maiormente ſenão ha cuidado de a tornar a ſemear.

## *Modo, por que ſe devem tratar os Garanhões.*

OS Garanhões, que ſervem para o lançamento, não devem andar paſtando ſoltos nos parques; porque em ſe encontrando huns com os outros, brigão até ſe matarem, e não ſeria facil haver eſtacada, ou vallado, que os embaraçaſſe a ir ter com as Egoas, onde quer que as houveſſe, ou eſtiveſſem, baralhando por eſte modo todas as raças contra a vontade de ſeus donos, pelas razões que deixamos ponderadas.

Devem pois os Garanhões eſtar recolhidos em cavalhariças, e nellas bem penſados, ou tratados para ſervir a ſeu tempo. Em lugar de baias coſtumão alguns

In-

Inglezes tapar com taboado de alto abaixo os lugares das cavalhariças, em que eſtão encerrados os ſeus Garanhões, tendo porém cada lugar huma largura, e extensão proporcionada para os poder tirar da cavalhariça, como tambem para elles ſe deitarem, e eſtarem á ſua vontade.

Não deixão de ſer boas eſtas divisões de madeira, porque ellas evitão que os Garanhões ſe maltratem de couces huns aos outros, principalmente no tempo do cio, e que ſe ſoltem, e briguem. Finalmente são boas eſtas divisões tambem para evitar aos Garanhões o coſtume de lançarem as pernas ſobre as baias, e por eſte modo ſe arruinarem nellas.

Não devem os Garanhões ſer muito trabalhados, principalmente quando ſe aproximar o tempo do lançamento, para não lhes extrahir pelo ſuor a ſubſtancia que os póde eſpiritualizar, e fortalecer para o acto do lançamento. Devem ſim paſſeallos pelo decurſo de todo o anno, e dar-lhes hum moderado exercício, ſem os obrigarem a que ſuem copioſamente, pois o moderado paſſeio ſerve para não ſe entorpecerem, e incharem de pés, mãos, barriga, e grãos.

## *Continua-ſe o modo de tratar dos Potros.*

SErá muito bom, como temos dito, haver huma cavalhariça, onde ſe recolhão os Potros, e hum terreno, em que os vão paſſeando, ou deitando á guia com muita moderação, até que chegue o tempo competente de ſerem recolhidos, e conduzidos ao Picadeiro para lhes porem a cilha meſtra: iſto ſe fará ſe os enlançarem no campo; mas ſe os enlaçarem no Picadeiro, podem conduzillos logo para as cavalhariças, e dellas trazellos á picaria, como digo no ſeu reſpectivo lugar, para os ir diſpondo, e pôr-lhes a ſella, montallos, e principiar-lhes a formar a lição propria ao ſeu preſtimo; ſendo elles porém enlaçados, ſeja no Picadeiro, ſeja no campo, ſempre devem ſer tratados com a maior brandura, e moderação que puder ſer.

Alguns creadores, depois dos Potros recolhidos ás cavalhariças, querem que alli ſe lhes dê verde: outros ſeguem diverſa opinião, e querem que nos primeiros ſete, ou oito dias, que ſe lhes dê ſecco para lhes matar os guzanos, dando-lhes depois verde. Eu não trato dos motivos, que para iſto allegão; porém ſendo os Potros meus, teria bom verde para os ſuſtentar na cavalhariça, quando os enlaçaſſe, e recolheſſe, porque aſſim eſtranhão menos.

Os creadores devem fazer diligencias por terem bons Garanhões, e boas Egoas para as raças produzirem bem, e dellas poderem recolher formoſos, e bem aſſignalados Potros.

Em Portugal commummente chamão Rocins aos Cavallos ordinarios, inteiros, groſſos, e fortes: aos Cavallos finos, que ſe deſtinão para o manejo da Picaria, ſe chamão Cavallos de eſcola, ou de lição. Deſtes ſe deſtinão os melhores para Garanhões, e então lhes chamão Pais.

Aos deſtinados para fazer produzir Cavallos para puchar por carruagens, e coches, chamão Frizões; e tambem por elles ſerem groſſos, nervoſos, e fortes,

ſemelhantes aos da Provincia de Friſe ; e como os pais devem ſer os modélos das raças , que os creadores pertendem fazer produzir , elles devem eſcolher para ellas Garanhões proprios para a producção que delles pertendem : advertindo que a raça dos Cavallos finos ſempre foi , e he a mais eſtimada ; e por eſta razão commummente os creadores buſcão para Garanhões os melhores , mais formoſos , e finos Cavallos , que podem alcançar , a fim de que os Potros , e Poldras , que produzirem , participem das boas qualidades do pai.

Devem pois os Garanhões ſer de bom tamanho , talhe , e côr , bem proporcionados em todas as partes do ſeu corpo , de ſinco , ou ſeis annos de idade até dezeſeis , ou dezoito , ſegundo a ſua diſpoſição , fortes , e nervoſos ; mas com boa proporção , tanto na formoſura do ſeu corpo , como da proporção , e igualdade dos ſeus oſſos , muſculos , e nervos ; o pello não ſó de boa côr , mas fino , e luſtroſo , e ſem moleſtias , que ſe poſsão fazer hereditarias pelo acto da geração , para que os Poldros , e Poldras naſção mais viſtoſos , e com menos enfermidades.

## *Trata-ſe das qualidades , que fazem os Cavallos mais proprios para Garanhões.*

SÃo bons , e proprios para Garanhões os Cavallos Perſas , Arabes , de Andaluzia , de Cordova , de Arangués , de Ubeda , de Baeça , de Napoles , de Marrocos , de Inglaterra , que são da raça dos Arabes , e os Corredores ligeiros de Polonia , e da baixa Normandia.

Os Cavallos Perſas são excellentes ; porém o muito que de nós eſtão remotos nos embarga , e impede os meios de os podermos ir buſcar para eſte fim.

## *Dos Cavallos Arabios.*

OS Cavallos Arabios são finos , flexiveis , e tem boa boca : são muito corredores , e cuſtão muito caros : elles ſem dúvida miſturados com as Egoas de Heſpanha , e Portugal farião huma raça de bons Cavallos muito proprios para o manejo , para a caça , e para a guerra.

## *Dos Cavallos Andaluzes.*

OS Cavallos Andaluzes , Cordovezes , os de Arangués , Ubeda , e Baeça , ſendo elles das raças diſtinctas , e bem cultivadas deſtes Paizes , produzem , miſturados com as Egoas Portuguezas , Potros , e Poldras de bom talhe , finos , ſenſiveis , e muito proprios para a lição ; porque além das boas qualidades , que deixamos notado , os Cavallos de Heſpanha tem boa memoria , e são de hum genio muito fiel. La Guerinieri pag. 29. , e Newcaſtle pag. 23. são tambem deſta opinião.

## *Dos Cavallos Marroquianos.*

OS Cavallos Marroquianos miſturados com as Egoas Portuguezas produzem Potros, e Poldras de bom talhe, viveza, e diſpoſição; mas de ordinario elles tem as queixadas groſſas, e juntas, e por conſequencia tem a boca groſſa, ſendo que a volta do peſcoço, e mais feitio do corpo he pela maior parte delicado, e viſtoſo.

## *Dos Cavallos Inglezes.*

OS Cavallos Inglezes trazem a ſua origem dos Arabes, e tambem são bons: miſturados com as Egoas Portuguezas, e Heſpanholas produzem Cavallos de hum bom talhe, bem proporcionados, e finos, ainda que alguma couſa faltos de ventre. São bons corredores; e as Poldras são tambem algum tanto faltas de ventre, e por iſſo menos proprias para a producção das raças, que as filhas dos outros Garanhões, de que tratamos.

## *Dos Cavallos Napolitanos.*

OS Cavallos Napolitanos miſturados com as Egoas Portuguezas, e Heſpanholas produzem Potros, e Poldras de excellentes vultos; e os Potros são muito proprios para o manejo, e para as tropas; e juntos com aquellas Egoas, que forem muito eſtofadas, e fortes, produziráõ huns Potros groſſos, fortes, e proprios, não ſó para as tropas, mas ainda para os coches.

Se ſe fizerem ajuntar os Cavallos Napolitanos com as Egoas de Dinamarca, de Polonia, da Provincia de Holſtein, de Ausburg, e Friſe, ſahirá huma raça de Potros muito formoſos para as tropas, e para os coches. As Poldras deſta producção ordinariamente são de hum formoſo vulto, tem boa caixa de ventre, e fazem huma excellente liga com os Cavallos Andaluzes, Cordovezes, de Ubeda, e Baeça, ſegundo a opinião de Colbert pag. 17. no ſeu Tratado das Raças, e as experiencias de Salver pag. 34.

## *Dos Cavallos Corredores.*

OS Cavallos corredores ligeiros de Polonia, e Inglaterra, e da baixa Normandia, miſturados com as Egoas Heſpanholas, e Portuguezas, produzem huns Potros delicados, ſenſiveis, e bons corredores; mas as Poldras deſta producção são commummente faltas de ventre.

Os Cavallos finos, e bem aſſignalados são aquelles, em quem concorrem as partes, e perfeições, que ao diante diremos; e ainda que raras vezes ſe acha hum Cavallo com todas ellas, com tudo aquelle, que participar mais das referidas boas qualidades, deve preferir-ſe a todos os outros, maiormente ſendo de huma raça purificada, diſtincta, e coſtumada a produzir bons, e bem aſſignalados Cavallos, como são ordinariamente as de que temos feito menção.

## *Quaes são os bons ſignaes, e qualidades, que fazem os Cavallos finos, e viſtoſos.*

DEve o Cavallo ſer bem proporcionado em todas as partes do ſeu corpo: ter boa côr, as orelhas juntas huma da outra na parte local da cabeça, e direitas para ſima, e a membrana junto á cabeça, larga, direita, e alguma couſa inclinada para o topete: o pello de todas ellas curto, luſtroſo, e fino, de ſorte que deixe ver bem a ramificação das veias por toda a cutis da parte externa das membranas das orelhas, não tendo eſtas muito talhe, ou volta na ponta: o topete deve ſer comprido para a teſta, não as ſedas, mas ſim aquelle lugar, aonde ellas naſcem: as ſedas do referido topete devem ſer finas, lizas, e luſtroſas, a teſta larga, e ſem grandes covas ſobre os pariataes dos ſobrolhos. As queixadas eſtreitas com proporção no lugar das faces, e bem largas huma de outra no lugar do ezofago, e ganacha, junto ao oſſo axilar, para que a articulação, e a reſpiração não fiquem opprimidas; ou mais propriamente, para que as queixadas por juntas não embaracem ao Cavallo o poder elle voltar-ſe facilmente para huma, e outra mão, ou dobrar bem o peſcoço para huma, e outra parte.

Devem ter os olhos grandes, e claros, alegres, e bem ſahidos fóra, mas ſem difformidade, iſto he, os ſobrolhos, e capelladas não devem ſer muito groſſas, nem os olhos tão avultados, que pareça eſtão ſaltando fóra do ſeu lugar; porque tão máo he ſerem os olhos demaziadamente encovados, como ſahirem com exceſſo fóra das capelladas. As alvas devem ſer bem cheias de côr, ou fogo, de ſorte que ainda quando o Cavallo volta ſobre hum, ou outro lado, não moſtre, ou deixe ver o branco da alva. Toda a diſtancia do focinho que ha dos olhos até ás ventas, deve ſer bem delgada: as eſpinhas das ventas direitas, e eſcarnadas: o pello fino, luſtroſo, e não muito junto, as ventas compridas, largas, e córadas; e quando as abrir para reſpirar, deve moſtrar poucas rugas na parte ſuperior dellas: o bico, ou beiço ſuperior comprido, delgado, e bem agudo na ponta, o beiço da parte debaixo delgado, mas que cubra bem os dentes, e ſe una a elles. Todas eſtas partes da cabeça do Cavallo devem ter a fórma que havemos dito, ſendo ellas bem proporcionadas humas com as outras, aliàs em lugar de concorrerem para fazer o Cavallo formoſo, o farão defeituoſo, e deſagradavel. Os dentes devem ſer bem claros, e bem iguaes, e direitos: a boca eſtreita na largura dos queixos, e raſgada com proporção para a altura das faces, o lugar da barbela eſcarnado com a pelle fina, e o pello bem raro, delgado, e curto.

O peſcoço deve ſer eſtreito no lugar do ezofago, e ganacha, ſendo para o meio da taboa largo, e cheio, e para o naſcimento das crinas falto de carne. A volta do peſcoço deve ſer bem arqueada, para fazer o ſeu naſcimento bem recolhido ſobre as eſpaduas, ao que commummente chamão volta do peſcoço ás direitas. Digo, que o naſcimento do peſcoço deve ſer relevado, e falto de carne junto ás crinas para o Cavallo ter facilidade, e não ficar ſujeito a ter gato no ſeu peſcoço, que he pender o naſcimento das crinas com o pezo da carne mais para huma que pa-

para outra parte, porque iſto faz defeito ao Cavallo na ſua formoſura, embaraçando-o tambem muito para ſe dobrar com facilidade para aquella parte, para a qual pende mais a carne, ou gato.

A cruz, ou cernelha deve ſer alta, larga, e groſſa, e o ponto da ſua altura deve ſer mais elevado que o ponto da altura da garupa, entre os quadris ſobre o oſſo ſacro.

As eſpaduas devem ſer bem redondas, iguaes, direitas, e lizas; as duas extremidades dos oſſos dos braços, que fórmão a frente do peito eſcarnadas, junto ao omoplate da palheta, (Eſt. III. N. 27.) e não cheias de ſignaes, quando o Cavallo ſe move, que iſſo indica não ter elle baſtantes forças nas ſuas eſpaduas, nem o preciſo deſembaraço, e agilidade nellas. Os meios das polpas das eſpadoas, (Eſt. III. N. 51.) groſſos, e avultados, de ſorte que as polpas fação as eſpaduas bem redondas no meio, declinando a groſſura da carne para as pontas da frente do peito, e para os codilhos com igualdade.

Os codilhos devem ſer direitos, iſto he, em linha horizontal com a linha tirada perpendicular da ponta da frente da eſpadua á ponta do caſco da mão; porque ſendo os codilhos muito ſahidos para fóra, são as eſpaduas, e os ſeus movimentos defeituoſos; e de ordinario os Cavallos, que tem eſte feitio de codilhos, voltão as pontas dos caſcos muito huma para a outra, a que chamão ſer cravenhos; e ſe os codilhos são muito recolhidos para os ſovacos, os movimentos de todas as articulações dos braços tambem são máos; porque os Cavallos, que tem ſemelhante feitio de codilhos, voltão as ſuas mãos demaziadamente para fóra, a que chamão ſer eſquerdos.

Os peitos devem ſer largos, iſto he, as cartilagens, que ha entre as duas primeiras coſtelas, ou claviculas; e os oſſos dos braços, e eſpaduas devem ſer largas, bem ſahidas para diante, ſem demaziada carne na parte baixa entre as mãos.

Aquelles rodopios, que todos os Cavallos tem ſobre eſtas polpas, ou cartilagens do peito, devem ſer bem compridos, e largos: as canas dos oſſos dos braços groſſas junto ao codilho com hum declive proporcionado para o joelho, e canella.

As polpas das canas dos braços groſſas, muſculoſas, e nervoſas, de maneira que pela parte de fóra ſe moſtrem membrudas, mas bem proporcionadas com as eſpaduas.

Os joelhos devem ſer planos pela frente, e as cabeças da cana, e da canella groſſas por hum, e outro lado. O nervo principal da canela do braço, groſſo, e bem enxuto: a cana, e a canela do braço toda bem proporcionada, e liza: as juntas dos travadouros bem enxutas, ſem pequenas groſſuras, ſem garras nos machinhos, nem ſedas groſſas, e compridas na pelle ſobre os nervos, ou muſculos principaes dos braços: os travadouros, ou quartelas, antes curtas que muito compridas; mas de tal ſorte proporcionadas, que nem o Cavallo pareça mal por quarteludo, nem por demaziadamente falto de quartela para ter boas articulações nas mãos, e braços.

O pello da coroa do caſco deve ſer comprido, e derramar-ſe bem ſobre o meſmo caſco: a caixa do caſco não deve ſer mais larga em ſima do que em baixo. Os talões devem ſer direitos, largos hum do outro, e altos: a tapa, ou cinta do caſco, negra, liza, e igual; ſendo que tambem póde ſer boa, ſendo parda, ou liſtada; mas ſempre deve ſer a tapa liza, e igual: o calcanhar largo em ſima, para os talões ſerem mais eſtreitos em baixo, ſem com tudo ſerem unidos: a caixa do caſco de huma figura na linha da frente alguma couſa oval, e mais larga em baixo, do que em ſima: as ranilhas enxutas, a palma recolhida de huma côr parda, hum pouco mais clara, que a cinta do caſco, e ſem nodoas ſanguineas, ou aquoſas, quando ſe alimpa: finalmente deve o caſco ſer bem vaſio pela palma para ter boa cinta, e ſoffrer bem a ferragem. As mãos, e eſpaduas devem ſer bem direitas debaixo até ſima, para que todos os ſeus movimentos, e articulações ſejão igualmente direitos, e bons.

Os lombos devem ſer direitos, e não muito eſtofados junto ao eſpinhaço: as coſtelas largas, lizas, e bem formadas: o ventre largo com proporção, e não muito deſcahido para baixo: o lugar dos rins lizo, e igual: as ancas bem formadas, iſto he, ambos os quartos da garupa redondos, iguaes, e ſeparados com canal pelo meio das ancas: o ſabugo do cabo com bom naſcimento, curto, groſſo, e bem provído de ſedas finas, lizas, e luſtroſas: os teſticulos pequenos: a verga curta: as cochas largas, e bem groſſas por dentro, e por fóra; a volta das nadegas pela parte exterior pouco arqueada, para que o Cavallo não ſeja muito curvo; mas de ſorte que não pareça tambem demaziadamente direito: porque o ſer muito curvo, faz os movimentos, e articulações da garupa hum pouco fracos; e o ſer muito direitos das pernas, faz com que os Cavallos tenhão pouca propenſão para recolher a garupa para baixo do corpo: as ſoldras nas ſuas muſculagens devem ſer bem ſahidas, e avultadas: os curvilhões direitos, de ſorte que os oſſos dos jarretes fiquem bem na linha perpendicular do oſſo da canela, e da tibia: os ſeus nervos principaes, que paſsão por detrás das canelas das pernas, groſſos, e lizos: os jarretes pequenos, mas bem proporcionados com os curvilhões: os caſcos dos pés largos, e com boa tapa: e finalmente as quartelas bem proporcionadas para os Cavallos não ſerem quarteludos, por ſer o travadouro do pé muito comprido, ou tambem não ſerem topinhos, por ſer o travadouro muito curto.

Todas eſtas boas proporções, e qualidades fazem os Cavallos perfeitos, viſtoſos, e agradaveis, ſegundo vemos, e os mais diſtinctos Authores nos enſinão; mas he preciſo que os Cavallos animem todas eſtas boas partes com hum coração cheio de viveza, huma externa ſenſibilidade, e huma paixão moderada, que ſe deixe vencer, e dominar para elles fazerem bom uſo das ſuas naturaes bellezas, e perfeições. He certo que raras vezes ſe podem encontrar eſtas boas circumſtancias todas unidas em hum Cavallo; porém como todas ellas conſtituem os bons Cavallos, e os fazem viſtoſos, e finos, devem eſcolher-ſe para Garanhões aquelles, em quem concorrem mais das referidas qualidades, para que os Potros naſção ſemelhantes aos pais, bem proporcionados, bem aſſignalados, viſtoſos, finos, e proprios para ſervirem bem para o manejo; porque a maior parte dos ſignaes, e perfeições, de

que

que he bom ſerem dotados os melhores Cavallos, ſegundo a melhor opinião, ſerve, e concorre muito para juſtificar o ſeu preſtimo, e a ſua bondade, e para que as ſuas naturaes propenſões ſe deixem conhecer na ſua primeira idade.

Já deixamos notado que os Cavallos, ſendo finos, podem ſervir para a cubrição de idade de ſinco até ſeis annos; e os Cavallos eſtofados, fortes, e muito reforçados, eſtão capazes de ſervir para eſte miniſterio em tendo quatro para ſinco annos: eſtes porém acabão, ou cansão mais cedo, porque lhes falta o vigor, e ſe conſtituem incapazes de ſervir neſte exercicio com mais brevidade; e ſe principiarem a ſervir de ſete annos, e os fortes de ſeis, elles ſerviráõ bem até aos dezeſete, ou dezoito annos, principalmente ſenão adquirirem a moleſtia chamada *Pulmoeira.*

## *Da idade, em que as Egoas eſtão capazes de ſervir para o lançamento.*

AS Egoas, em tendo quatro annos, principião a ſervir bem; pois ainda que algumas aluão em tendo dous, ou tres annos, ſe concebem, os Potros naſcem fracos, e ellas ſe debilitão com exceſſo.

## *Quaes são as melhores cores dos Cavallos pais.*

AS cores mais agradaveis, e viſtoſas são: Caſtanho eſcuro rodado, Caſtanho dourado rodado, Caſtanho maduro, Caſtanho picarſo, Rabicão, Lazão rodado, Lazão toſtado, Lazão dourado, Murzello andrino, Murzello rodado, Murzello malhado de caſtanho, Murzello moſquiado, Ruſſo queimado, Ruſſo rodado de preto: os Cavallos deſtas cores commummente provão bem; e poſto que tambem ſejão muito viſtoſos os Caſtanhos malhados de branco, os Murzellos malhados de branco, os Pelle de Tigre, os Salmonetes, os Baios rodados, os Baios dourados, eſtes ordinariamente são mais viſtoſos na pelle que no preſtimo: advertindo que todas eſtas cores devem ſer vivas, e luſtroſas: o pello do Cavallo deve ſer fino, e curto de tal ſorte, que, em trabalhando alguma couſa, deixe bem perceber as ramificações das veias na ſuperficie de toda a cutis.

## *Das moleſtias, que ſe communicão dos pais aos Potros.*

AS enfermidades, que ſe communicão dos pais aos filhos por meio, ou no acto da geração, principalmente são as dos olhos, e a viſta fraca, os defluxos habitaveis, e as queixas dos corvilhões, com primazia os eſpravões, os agriões, as curvas, as ſobcurvas, e curvaças, &c. Muitos creadores são da opinião que os Potros, e Poldras herdão dos pais o máo genio, e a inſenſibilidade do nariz, boca, e ventre. Eu conformo-me com elles neſte modo de ſentir, porque a experiencia me tem moſtrado, que ſe os Garanhões tem más inclinações, tem ordinariamente os filhos propenſões ſemelhantes. O meſmo ſuccede ſe os Garanhões tem pouca ſenſibilidade, quaſi todos os filhos ſahem com os meſmos defeitos; e ſe pelo contra-

trario os pais são vivos, e ſenſiveis, os filhos naſcem com as meſmas qualidades. A experiencia a todos os curioſos tem moſtrado ſer iſto certo; e por eſta razão todos os cultores das raças, que melhor ſentem ſobre eſta qualidade de producção, aſſentão de commum acordo, que devem ſer eſcolhidos os Garanhões, e dotados das melhores qualidades que deixamos referidas, tanto para eſtabelecer as raças, como para as reformar, purificar, e emendar.

Os Cavallos, que tem máo nariz, e máos aſſentos na boca, iſto he, que são pouco ſenſiveis deſtas partes, que tem máos curvilhões, e máo genio, não ſervem para o manejo, nem tambem para Garanhões. Os Cavallos, que tem bom nariz, bons aſſentos, boa ſenſibilidade, e bom genio, ſervem bem para a eſcola, para a caça, e para a guerra, por conſequencia elles são bons para Garanhões, pois naturalmente ſe deve eſperar que os Potros que produzirem, tenhão bom preſtimo, e ſe deixem vencer, e dominar até aonde as ſuas forças puderem alcançar.

Os Cavallos, que tem bons curvilhões, e por conſequencia bons rins, tendo ao meſmo tempo máo nariz, máos aſſentos na boca, máo genio, e pouca ſenſibilidade, ainda que tenhão boa lição, nunca ſerviráõ bem, como os que tem boas qualidades, porque eſta caſta de Cavallos são propenſos a defenderem-ſe vigoroſamente, não ſe deixando vencer, ou dominar; e por terem menos preſtimo, creio são pouco proprios para Garanhões.

## *Que couſa he a moleſtia chamada Pulmoeira.*

OS Garanhões eſtão pelo ſeu exercicio ordinariamente ſujeitos a ſerem accommettidos de huma moleſtia, a que chamão *Pulmoeira.* Ella coſtuma trazer a ſua origem de cauſas antecedentes, e primitivas; e porque os Cavallos ſe eſquentão muito no tempo do lançamento, os boſes, e orgãos da reſpiração padecem, pela diſſipação da ſubſtancia, as ramificações das arterias pulmonares ſe debilitão, o canſaço altera o movimento das partes minimas, de que ſe compõem os boſes: e nas ſuas ramificações ſe depoſita huma linfa, ou humor pezado, que embaraça aos broriquios a paſſagem livre do ar. Diſſe, que os orgãos da reſpiração padecem, porque os membros, que trabalhão neſta admiravel fábrica, todos ſabem são os Boſes, o Diafragma, e os muſculos de todo o peito, que alternadamente ſe enchem de ar, que logo lanção fóra, trabalhando toda a máquina do thorax neſte movimento alterno ſucceſſivamente.

Da boca até ao peito ſe continúa hum canal, que tem principio na Laringe, a que chamão *Ezofago*, ou *Guéla*, e outro chamado *Trachea*, do qual pendem os boſes. Pelo Ezofago entra o alimento para o bucho; e a Trachea he hum canal de cartilagens, as quaes fórmão quantidade grande de circulos, ou roſcas, e em ſima a ſua entrada he defendida por huma membrana chamada *Epiglotes.* Quando o Cavallo come, eſta membrana ſe dobra ſobre a Trachea, e embaraça que o alimento entre por ella, deixando-lhe franca paſſagem pelo Ezofago, ou Guéla; e quando acontece a Epiglotes deixar cahir alguma particula na Trachea, o Cavallo toſſe, e procura lançar fóra tudo o que a Epiglotes deixou entrar para a Trachea.

Eſ-

Eſta Trachea , quando chega aos bofes , ſe divide em duas partes : depois ſe vai dividindo cada huma em muitos raminhos até ás ultimas extremidades dos bofes. A Arteria Pulmonar ſahe do ventriculo direito , reparte-ſe em dous ramos, e hum ſe divide , e ſe diffunde pelas duas partes do bofe : de cada huma deſtas ſahem dous ramos, que ſe unem, e tornão a formar a Veia Pulmonar , que então entra no ventriculo eſquerdo.

Os Bofes são compoſtos de huma innumeravel multidão de miudiſſimas partes poroſas, por entre as quaes ſe diffundem os muitos raminhos, onde ſe vai ſeparando , e diffundindo a Trachea , e eſtes ſe chamão *Bronquios* : elles são os que dão paſſagem franca ao ar que entra, e ſahe pela boca do Cavallo, e aſſim ſe repartem pelas miudiſſimas partes , de que ſe compõem os bofes ; e por iſſo quando o Cavallo reſpira, viſivelmente ſe conhece a impreſsão que faz o ar em toda a máquina do peito , de ſorte que ella agita com força os ſovacos , e os ilhaes. He o movimento da reſpiração neceſſario para a conſervação da vida, como todos ſabem, e o ſeu fim he promover a circulação do ſangue, e refreſcar o ſeu activo calor.

Ha , como temos dito , nos bofes tres caſtas de vaſos , que são : os Bronquios , as partes poroſas , que recebem o ar , e as veias , ou arterias pulmonares. Os bronquios eſtão diffundidos, e intertecidos por entre as partes poroſas, ramificações , e veias , e tudo iſto aſſim compõe os bofes : logo todas as vezes que as partes poroſas ſe encherem de ar , neceſſariamente ſe hão de eſpremer os vaſos do ſangue, e ſe ha de promover a ſua circulação.

Se apertarem a Trachea no peſcoço ao Cavallo junto á ganacha , em não podendo reſpirar, o ſangue preciſamente ſe ha de eſtagnar nos bofes, e ha de diminuir o movimento, ou fluxo da ſua circulação; porque todo o ſangue, que ha de ſahir pela veia chamada *Aborta*, para ſe diffundir por todo o corpo, primeiro entra pela veia Pulmonar no ventriculo eſquerdo. O ſangue quando paſſa pelos bofes, ſe eſtes eſtão cheios de ar, e freſco, tambem elle ſe refrigera, e por iſſo quando faz calma, entrando o ar quente nos bofes, o ſangue ſe agita, e o Cavallo opprimido da ſua acceleração ſe afflige. Quando elle toma a reſpiração , dilatão-ſe os bofes; e pelo contrario ſe abatem , quando a lança fóra, e deſta intumeſcencia dos bofes procede o movimento alterno nos ilhaes, quando reſpira.

Quando o Cavallo reſpira , entra o ar ſómente pela Trachea para os bofes; porém quando eſtes ſe dilatão , he neceſſario tambem ſe dilate a capacidade do ventre. Eſta capacidade dilata-ſe de dous modos, elevando-ſe hum pouco as coſtellas, e atrazando-ſe o diafragma, fica maior o lugar dos bofes; porém fica menor a capacidade do ventre, e he força que em ſe dilatando o diafragma, as entranhas, que são impellidas delle, fação intumeſcer para fóra o ventre, e os ilhaes.

Por eſtes effeitos ſe conhece a pulmoeira. O Cavallo arqueja muito com os ilhaes, abrindo muito as ventas, porque ſe lhe difficulta a reſpiração, por ſe achar a Trachea embaraçada de alguns humores viſcoſos , que por effeito deſta moleſtia lhe opprimem a Epligotes, cujos humores são viſcoſos, eſpumoſos, e tem origem nas ramificações dos bofes. Se eſta anſia , e falta de reſpiração for antiga , o Cavallo terá toſſe , e lançará pela boca , e ventas algumas fleumas , e muitas vezes

miſturadas com ſangue. Neſte caſo o melhor he não canſar com medicamentos, maiormente ſendo o Cavallo velho, porque então eſta caſta de moleſtia o vai conſumindo ſem remedio.

A diſſipação de ſubſtancia aſſidua ſeminal, e a acceleração, e canſaço fórmão eſta moleſtia, e padecem os bofes por effeito della huma tão violenta oppreſsão, como tenho moſtrado. Eſta acceleração, eſta diſſipação, a viſcoſidade de humores, e a eſpeſſura do ſangue, fomentão, e avivão eſte mal, de ſorte que algumas vezes entre as Pulmonares, e Bronquios ſe fazem inflammações, que matão o animal; e eſta he ſem dúvida huma das peiores enfermidades, que podem accommetter os Cavallos.

No tempo do lançamento os Cavallos, que tem pulmoeira, como comem verde ordinariamente, parece que a moleſtia ſe alivia em quanto elles o comem; mas depois ſe requinta, e ſobe a maior ponto.

Em ſe acabando o lançamento, he bom fazellos ſangrar, dando-lhes, como diz Ogan no ſeu Tratado de Alveitaria folh. 159., juncadas, e a ração de cevada paſſada por agua fervendo, para que o ſeu ſangue ſe adelgace, e faça melhor movimento; e o depoſito, e a alteração do bofe, quando não ſe diminua, ao menos não ſe exalte.

Muitos creadores são da opinião, de que a pulmoeira não ſe communica aos Potros pela geração; mas eu tenho obſervado que ou porque os pais tenhão diſpoſição interna para ella, ou porque de alguma ſorte ſe communique aos Potros, por elles ſahirem ſemelhantes aos pais na eſtructura interna, em os potros filhos dos que tem pulmoeira, tendo nove, ou dez annos, elles tambem são accommettidos della: o que talvez não ſucceda com tanta facilidade, ſe os Garanhões não forem ao lançamento poſſuidos deſta moleſtia.

## *Qualidades que devem ter as Egoas deſtinadas para as raças.*

AInda que as Egoas, deſtinadas para fazer produzir as raças por meio do ajuntamento de Garanhões, contribuão para o acto da geração menos eſſencialmente do que elles, com tudo ellas trazem, e nutrem no ſeu ventre os Potros, e Poldras com aquella abundancia que as ſuas forças permittem. Por eſtas razões devem ſer as Egoas eſcolhidas de hum formoſo talhe, e boa côr: devem ter a teſta larga: as orelhas juntas, e bem direitas para ſima, alguma couſa inclinadas para diante: os olhos grandes, claros, e bem cheios de fogo, ou de côr por toda a alva: as queixadas largas huma da outra no lugar do Ezofago, ou ganacha: as eſpinhas do nariz eſcarnadas: a pelle delgada: o queixo inferior eſcarnado, e delgado com proporção: a bóca raſgada ſem exceſſo: o peſcoço com boa volta, e antes comprido do que curto: as eſpaduas redondas, e bem formadas: as mãos direitas com as boas proporções nos braços, quartelas, e caſcos, que já diſſemos devem ter os Cavallos: os peitos largos: a cernelha na cruz groſſa, alta, e larga: as coſtelas largas, e bem formadas, e antes redondas que chatas: de idade de quatro, ou ſinco annos até dezeſeis, ou dezoito pouco mais, ou menos, ſendo juntamente vigoroſas, e boas creadeiras.

Os

Os Potros commummente ſahem mais ſemelhantes ao pai que á mãi, ainda que ha tambem Egoas, que pintão os ſeus Potros muito ſemelhantes a ellas pela maior parte da ſua dianteira: pelo que eu recommendo buſquem para as raças Egoas de hum bom talhe de eſpaduas, peſcoço, cabeça, e corpo, ſendo eſtas partes bem proporcionadas, e bem cheias de nobreza, e graça.

Não devem os creadores eſperar poſſa produzir huma Egoa avulſa, como aquellas, que são de huma raça purificada, e diſtincta, que iſſo raras vezes acontece. As mais eſtimadas, e mais proprias para as raças, ſegundo a opinião dos melhores creadores, são as Perſas, as Portuguezas, as Heſpanholas, as Napolitanas, as Polacas ligeiras, e as da baixa Normandia.

As Egoas Portuguezas são eſtimadas em Heſpanha para as raças, e todos os annos os Heſpanhoes fazem tranſportar para as ſuas terras grande quantidade dellas, por ſerem bem formadas, terem as coſtelas largas, e groſſas, e por conſequencia boa caixa de ventre.

Eu creio que ſe em Portugal houver o preciſo cuidado na boa adminiſtração das raças, o Reino facilmente abundará de bons Cavallos, aſſim como ſuccedeo no tempo do Senhor Rei D. Joſé o I., quando elle as fez cultivar, como já diſſe. Recommendo que as Egoas tenhão boa caixa de ventre para as ſuas crias ſe nutrirem bem, e á ſua vontade; porque a experiencia tem moſtrado que neſte clima as Egoas eſtreitas, e que tem pouco ventre, parem os ſeus Potros delgados, e faltos de nutrição.

Não devem as Egoas ter o rabo cortado, para ſe defenderem das moſcas no verão: devem tambem conſervar-lhes todas as ſuas crinas; porque Salver, e outros creadores de Cavallos affirmão, que não ſe lhes cortando as crinas, terão mais profuſão de leite; e ainda que eu não tenho iſto por certo, com tudo aconſelho ſe obſerve.

Devem as Egoas parideiras não trabalhar, não ſer doentes, nem ſer velhas, para ſerem boas creadeiras, e para que os ſeus Potros creſção bem, e ſejão robuſtos, e fortes, pois ſe lhes communicão eſtas qualidades pela abundancia de leite, e pelas mais diſpoſições que dizemos devem ter.

As Egoas não trazem mais que hum ſó Potro no ventre por cada vez; e ſendo elles mal nutridos dentro nelle, ou ſendo as Egoas apertadas, naſcem fracos; e em naſcendo, muitas vezes morrem.

Alguns creadores dizem, que tendo a Egoa, que eſtá prenhe, a teta direita mais avultada, e dura que a eſquerda, ella tem concebido Potro, porque elle occupa mais o lado direito do ventre; e ſuccedendo ao contrario, ſerá femea; e poſto que Ariſtoteles, Plinio, Salver, e outros ſejão deſta opinião, com tudo, ella nem ſempre ſe verifica, e acho mais razão áquelles, que dizem que a materia dominante influe mais: quero dizer, ſe a materia generante do pai tem mais conſiſtencia que a da Egoa, concebe Potro; e ſendo a da Egoa mais forte, e a do Garanhão mais debil, ſeja por elle ſer velho, por ſer falto de potencia, ou por eſtar canſado deſte exercicio, ſerá femea. Alguns affirmão que ha neſtes animaes tambem hermafroditas com ſexo de macho, e femea: eu porém nunca achei quem os viſſe.

Não querem tambem alguns, que no acto do lançamento ſe conſintão outros animaes, porque as Egoas não ponhão nelles o ſentido, e naſção os Potros com algumas partes do corpo desfiguradas, e ſemelhantes áquelles, que vírão as Egoas ao tempo de conceber. Eu não ſeguro ſer iſto certo; mas em lugar de outros animaes, podem ellas então ver bons Cavallos.

## *Da razão, por que as Egoas devem ſer cubertas por Garanhões de differentes Paizes.*

DEvem os creadores das raças para a boa, e fecunda producção dellas fazer que as Egoas ſejão ſempre cubertas por Cavallos de Paizes differentes daquelles, em que ellas naſcêrão, e habitão. A experiencia tem moſtrado, que ſe ſe ajunta hum Garanhão com huma Egoa oriundos da meſma raça, e de hum meſmo Paiz, as crias, que vão produzindo, ſempre vão cada vez degenerando mais.

Para que as raças vão requintando, e produzindo bons Potros, devem dar ás Egoas Portuguezas Garanhões Napolitanos, Polacos ligeiros, de Arangués, Obeda, Baeça, Inglezes, Andaluzes, e da Mancha.

Para as Egoas Heſpanholas são igualmente bons os Garanhões Polacos, Napolitanos, e Inglezes, e com as Poldras deſta producção fazem os Garanhões de Arangués, Obeda, Baeça, Andaluzia, e da Mancha huma excellente producção.

Para as Egoas Inglezas são bons os Garanhões Portuguezes, Heſpanhoes, e Napolitanos, &c. Da meſma ſorte devem praticar com todas as mais raças, porque as bem meſcladas vem a produzir melhor, porque participão de differentes Paizes, e formarão huma raça de bons Cavallos.

Devem os creadores fazer deſemparelhar os Garanhões com as Egoas na figura, e ſignaes, para reparar em huns as faltas dos outros, e não ſer a producção deſproporcionada; ſe bem que eu não pertendo dizer niſto, que a deſproporção ſeja tão diſſemelhante entre o macho, e a femea, que mutuamente não ſe poſsão communicar, porque iſſo viria a fazer huma deſigualdade defeituoſa na formoſura, e bondade dos Potros; por exemplo: ſe emparelharem hum pequeno Cavallo com huma grande Egoa, o Potro que produzirem, raras vezes ſerá bem proporcionado, cheio de nobreza, e agradavel na ſua figura, e bellezas naturaes, antes pelo contrario elle ſerá pela maior parte deſproporcionado em muitas partes do ſeu corpo.

Devem pois deſemparelhar os Garanhões com as Egoas, de ſorte que reparem as imperfeições de hum com as perfeições do outro. Com ſemelhantes diligencias fizerão os Perſas, os Gregos, e os Romanos produzir bem as ſuas caudelarias: elles fazião conduzir de climas muito diſtantes por copioſas ſommas os Garanhões, com quem renovavão amiudadas vezes as ſuas raças.

D. Fernando III., o Santo, Rei de Heſpanha, fez grandes esforços para conquiſtar Cordova aos Mouros inimigos da noſſa Santa Fé, e ſe ſenhoreou da excellente raça de Cavallos, que Iſmar Abenſerraje conſervava naquella cidade, de quem procedem ainda hoje os Cavallos Cordovezes.

*Co-*

## *Como ſe devem emparelhar os Garanhões com as Egoas para fazerem produzir bem as raças.*

O Eſtabelecimento das raças ſe vence, como já diſſemos, fazendo-ſe diligencia por ter bons Garanhões de differentes Paizes, dando a huma Egoa eſpeſſa, e groſſa hum Garanhão de huma figura mais fina, e delicada, para que poſſa produzir hum Potro de huma figura tambem mais fina, do que, ſegundo a conſtrucção della, ſe podia eſperar, diminuindo aſſim com eſta diligencia no Potro, ou Poldra a demaziada eſpeſſura, e groſſura da mãi.

Se a Egoa for delicada, e alguma couſa viva, e ſenſivel, podem dar-lhe hum Garanhão mais eſtofado, e groſſo, ainda que ſeja mais froxo, porque póde ſer ſe remedee com a viveza da mãi a froxidão do pai.

Se a Egoa for baixa da agulha, e alguma couſa deſengraçada da ſua dianteira, devem dar-lhe hum Garanhão, que ſeja bem formado, iſto he, que tenha muita nobreza nos movimentos das ſuas eſpaduas, braços, peſcoço, e cabeça, ſendo bem deſembaraçado de todas as articulações deſtas partes do ſeu corpo, a fim de ſe emendar a falta que tem a mãi, por meio das boas partes, e nobreza do pai.

A'quellas Egoas, que são pequenas, ſe deve dar hum Garanhão mais avultado; mas de ſorte que não lhe fique por extremo deſigual. O meſmo ſe deve praticar com os Garanhões, dando-lhes Egoas, que os poſsão ajudar a ſupprir os ſeus defeitos: iſto ſe deve entender não ſó pelas partes, e feições naturaes, que fazem os Garanhões na ſua figura perfeitos, e finos, mas tambem pelo que reſpeita ao ſeu genio, á ſua ſenſibilidade do nariz, boca, e ventre; e ainda que as Egoas ſerís não podem moſtrar tanto como os Garanhões, ſe ellas são, ou não ſenſiveis: com tudo, da ſua natural viveza, diſpoſição, modo de ſe mover, e conſtrucção ſe vê pouco mais, ou menos ſe ella he, ou não ſenſivel.

Da meſma ſorte os devem emparelhar na boa formoſura, e feitio dos ſeus rins, garupa, e curvilhões; e póde ſer que a pezar de todas eſtas diligencias, e prevenções não ſe poſsão vencer todas as difficuldades, que temos notado, como eu por meio de tantas diligencias premedito.

Muitas vezes ſe tem viſto de huma boa mãi, e de hum bom pai naſcer hum muito inferior rocim; porém ſe os Garanhões, e Egoas forem de huma raça requintada, e fina; ſe tirarem raça daquelle máo rocim, que elles produzirão em differente Paiz, a maior parte dos Potros, e Poldras, que elle produzir, repreſentaráõ as boas qualidades dos avós, e da boa raça donde procede. Iſto não he huma idéa vaga, he ſim huma experiencia veridica, e por muitos averiguada. He bem verdade que a natureza algumas vezes falta ao ſeu dever; mas não abſorve porém abſolutamente as cauſas originaes: ella de ordinario reſtitue á ſegunda producção o que uſurpou á primeira; mas iſto ſe deve ſómente entender daquelles Cavallos, que vem de huma raça purificada, e diſtincta.

O Senhor Rei D. Joſé o I., mandando conduzir Cavallos de varios climas pa-

para ter boas raças, entre elles veio hum Cavallo formoſiſſimo, foi ao lançamento; porém todos os filhos, e filhas, que produzio, ſahírão máos, e os netos peiores: ao meſmo tempo vierão com elle outros Cavallos para o meſmo fim; e ainda que menos formoſos, os ſeus filhos, e filhas ſahírão bons. Ora indagando eu a cauſa diſto achei, que o tal Cavallo era de huma má raça de Italia, que por acaſo o havião para alli tranſportado; e como não ſe lhe conhecia bem a marca, e era tão formoſo, veio entre os outros, que erão de boa raça, que não obſtante não ſerem tão formoſos, produzírão Potros, e Poldras muito melhores.

Já diſſe, que os Garanhões vão degenerando; mas as Egoas, ou Poldras não precisão ſer reformadas de Paizes differentes, porque ellas não influem para a degeneração, como os Garanhões. Eſta opinião he ſeguida pelos melhores creadores, e cultores de Cavallos nas mais diſtinctas raças que tem havido. O mais a que alguns ſe alargão, por fugirem á maior deſpeza, he dizerem, que deſtinandoſe para a boa producção de huma raça tres, ou mais Cavallos, cada hum do ſeu Paiz, por exemplo, hum Heſpanhol, outro Inglez, e outro Napolitano, os filhos do Garanhão Heſpanhol podem cubrir as filhas do Garanhão Inglez; e da meſma ſorte os filhos do Garanhão Napolitano podem cubrir as filhas dos outros Garanhões, e aſſim os mais; porque deſta ſorte, poſto que ſejão naſcidos de hum meſmo clima, elles são produzidos de differentes raças.

Se quizerem ſervir-ſe dos netos, e biſnetos daquelles Garanhões para cubrirem as mãis, filhas, netas, e biſnetas da ſua propria raça, os creadores verão os Potros ir degenerando cada vez mais, principalmente ſenão ſouberem adminiſtrar bem os parques.

Deſta opinião he Salver, e João de Sobſeidi, Duque de Normandia, aos quaes Luiz XIV. encarregou do cuidado de fazer eſtabelecer a producção das raças: a hum no Delfinado, e a outro na baixa Normandia, que elles purificárão, e chegárão ao ponto da ſua maior perfeição, tanto em qualidade, como em numero.

Do meſmo ſentir são tambem a maior parte dos creadores das melhores raças, em que tem havido infinitos Cavallos bons; e não obſtante haver ſujeitos de bom juizo que dizem, que a falta de haver bons Cavallos he procedida da influencia do ſeculo, eu ſempre me perſuado ſer origem deſta influencia o pouco cuidado com que ſe fazem eſtabelecer, e produzir as raças; ou talvez haja outros motivos, de que eu não pertendo tratar. Antigamente os maiores Principes, e Cavalleiros fazião a cavallo as ſuas funções mais ſolemnes: e he por eſta cauſa que as raças ſe tratárão ſempre com todo o cuidado; hoje porém querem que as raças faltas de boa adminiſtração, e cultura, fação as meſmas producções que fazião, quando erão bem adminiſtradas, eſtando as Peſſoas da maior grandeza entregues á poltroneria dos coches, e carruagens, deixando reduzir as raças ao deploravel eſtado de ſe não ver hum Cavallo bom, ainda nos meſmos Paizes, que os produzírão excellentes.

A muita vivacidade, e abundancia de calor do Garanhão, e da Egoa tornão muitas vezes inutil o acto da geração; da meſma ſorte a falta de vivacidade, ou de calor faz em hum, e outro o meſmo effeito: pelo que me parece que a huma

Egoa

Egoa nova, e muito viva ſe deve dar hum Garanhão de mais idade; e a hum Garanhão novo, huma Egoa tambem mais velha.

O primeiro Potro que a Egoa pare, he ſempre o mais delgado, porque elle he quem principia no ventre da mãi a preparar o lugar, onde ſe fórmão, e crião os que vem depois. O ſegundo com os mais, que ſe lhe ſeguem, vão ſahindo mais fortes, porque achão o habitaculo mais largo, e mais diſpoſto, e por eſta cauſa he que devem dar a primeira vez ás Poldras hum Garanhão mais forte, e mais eſtofado do que ellas, para que os Potros, que conceberem, tenhão mais conſiſtencia, e ſejão mais membrudos, e fortes, e aſſim elle faça o cofre mais laxo.

## *Da razão, por que não devem trabalhar as Egoas deſtinadas para as raças.*

AS Egoas, que eſtão recolhidas na cavalhariça, não ſervem bem para o lançamento, porque os ſeus Potros naſcem fracos, e ellas ordinariamente não tem baſtante leite para os crear: ſe as deitarem no campo, hão de eſtranhar muito o ſuſtento; e por não eſtarem coſtumadas á irregularidade do ar, ſoffreráõ pouco a violenta actividade dos tempos.

As Egoas que tem ſervido para carregar, ſeja andando a cavallo nellas, ſeja dando-lhes outro exercicio, com que as apertem, e lhes ponhão pezos, a primeira vez que parem as ſuas crias, são conſideravelmente debeis, e creſcem pouco. Iſto ſe deixa ver na differença que fazem os Potros de Alter na ſua grandeza a reſpeito de todos os outros.

Se as Egoas tiverem ſido creadas com ſuſtentos ſeccos, e as deitarem ao campo, ſer-lhes-ha preciſo muito tempo para ſe coſtumarem ao novo modo de vida. Por tanto as Egoas deſtinadas para as raças, devem ſer creadas, e conſervadas no campo, e não devem ſer trabalhadas, nem recolhidas nas cavalhariças, ſenão quando for o Inverno demaziadamente rigoroſo; e ainda neſte caſo as devem deitar para o parque em eſtando melhor tempo.

## *Do modo de fazer as liſtas das raças.*

OS Garanhões precisão ter nomes, pelos quaes ſejão conhecidos. Para eſte fim haverá huma liſta com quatro columnas: na primeira ſe lançaráõ os Potros, ou Poldras: na ſegunda o nome da mãi: na terceira o nome do pai: e na quarta o nome do avô do Potro, ou Poldra; porque ſendo certo que as raças, ſendo finas, e bem adminiſtradas, requintão (como deixamos dito): he bom fazer lembrança na liſta do nome do avô, porque ſó deſta fórma ſe póde julgar qual he a qualidade de producção que a raça vai fazendo.

As Egoas entrão em calor do Equinoccio da Primavera até ao Solſticio do Eſtio, iſto he, de Março até Junho, tempo commummente chamado do lançamento. As que vem mais cedo, ou ſe diſpõem mais tarde, não he conveniente o fazellas cubrir; porque ſe ellas parem no inverno, antes do campo eſtar cheio de boas paſ-

ta-

tagens, ellas não podem ſuſtentar bem as ſuas crias ; e ſe parem mais tarde , durante os grandes calores do verão, as crias são fortemente atormentadas da rigoroſa eſtação , e da praga das moſcas , que as perſeguem por tal maneira , que facilmente morrem, ou tem muito má creação.

## *Dos ſignaes, por que ſe conhece eſtar a Egoa diſpoſta para o lançamento.*

QUando as Egoas eſtão diſpoſtas para a geração , moſtrão ſignaes de calor. Eſtes conſiſtem em lhes inchar a vagina pela parte debaixo : em o Garanhão a perſeguir com exceſſo: em ella moſtrar na meſma vagina , ou uretra algum humor viſcoſo, e esbranquiçado, ao qual os Hiſtoriadores antigos chamavão *Hippomanes*, que he huma palavra Grega, que ſignifica potencia , e furor dos Cavallos. Ariſtoteles, os Platonicos, e outros fizerão menção deſte Hippomanes: eu não fallarei do ſeu modo de ſentir ſobre elle, porque no ſyſtema que vou ſeguindo, o meu fim, e principal objecto he moſtrar unicamente o como ſe devem cultivar as raças, e a razão , por que as melhores , e mais diſtinctas caudelarias da Europa ſe achão preſentemente atenuadas, degeneradas, e deſtruidas; e ſendo boas, e finas, unicamente eſtão produzindo huns máos rocins.

Já deixo notado, que o Senhor Rei D. Joſé o I. protegeo tódas as couſas intereſſantes ao bem commum dos ſeus vaſſallos: elle fez eſtabelecer huma raça, que produzio muito bons Cavallos; mas para vencer eſta difficuldade , mandou conduzir Garanhões de differentes Paizes , e elles produzírão os excellentes Cavallos, que todos ſabem, e ha pouco tempo ſe vírão. Mandou-lhes Sua Mageſtade proporcionar as paſtagens á quantidade de Egoas que havia na raça , e da meſma ſorte á proporção da quantidade de Potros, que fazia crear; mas não obſtante iſto, os Garanhões degenerárão , de ſorte que os Potros, e Poldras ſahírão deſagradaveis por irem pintando mal as Egoas no ſeu vulto , e formoſura , de que são naturalmente dotadas as Portuguezas.

Tornando á continuação do noſſo intento , para ſe ver ſe as Egoas eſtão em calor , além dos ſignaes de que temos tratado , devem ter hum Cavallo alguma couſa cioſo, prezo, e bem ſeguro para fazer paſſar reviſta , conduzindo as Egoas por diante delle; porque aquellas, que não eſtão ainda diſpoſtas, retirão-ſe delle; e pelo contrario as que eſtão já diſpoſtas, o deixão chegar a ſi, e moſtrão ſignaes de calor , que os guardadores conhecem bem : eſtas devem ſer conduzidas ao lugar deſtinado, aonde eſtão os Garanhões para o lançamento.

As Egoas parideiras, a quem, parindo com felicidade, por algum incidente morreo a cria, ao ſeccar do leite aluão, e podem fazellas cubrir, ſe ellas ſe diſpõem no tempo do lançamento ; e dahi a nove dias ſe ainda ſe acharem em calor , devem outra vez fazellas conduzir ao Garanhão : advertindo porém que todas as vezes que as Egoas forem a cubrir , devem ſer lançadas ao meſmo Garanhão, que lhe derão a primeira vez no lançamento de cada hum anno , e o meſmo devem praticar até ao fim do tempo do lançamento , ſe ella o conſentir ; porque lo-

logo que a Egoa eſtá cheia, ou o ſeu calor ſe acaba, ella ſe retira muito do Garanhão.

Algumas Egoas ha, que paſſando por todos eſtes lances, não chegão a pegar; e outras, que eſtando cheias, ſe deixão cubrir todas as vezes que lhes deitão o Garanhão. Tambem outras moſtrão falſos calores ſem o quererem conſentir: por iſſo recommendo não deixem andar em companhia das Egoas Cavallo algum, nem ainda ſendo caſtrado, porque ellas não ſe agitem com exceſſo em todas as Luas, nem ſe conſervem em calor por muito tempo depois de cheias. Sobre eſte caſo ha muitos abuſos, de que eu não trato, perſuadido de que elles ſómente devem ſer praticados por aquelles homens, que ignorão a independencia da natureza. As Egoas, que não concebem por terem demaziado calor, com as ſangrias, e alguns refrigerantes, podem temperar-ſe de modo que venhão a conceber.

## *Do modo, por que ſe põe em prática o lançamento.*

DE dous modos ſe põe em prática o lançamento: hum ſe executa com os ſoccorros dos homens, e o outro ſe faz em liberdade. O primeiro he menos ſujeito a inconvenientes, e por eſta razão tem melhor ſequito. O ſegundo ſe faz lançando o Garanhão no parque com aquellas Egoas, que quizerem elle cubra.

Devem ter cuidado em que as Egoas na occaſião do lançamento não eſtejão ferradas, principalmente dos pés, porque eſtes animaes coſtumão ſatisfazer as recompenſas do ſeu affecto á força de couces, e patadas, ainda eſtando em baſtante calor: ellas ordinariamente ſão tão coceguentas, que ſempre dão couces no Garanhão. Para obviar eſte inconveniente, he bom travallas, para que não poſſão eſtender tanto os pés, e alcançar com toda a violencia ao Garanhão.

Se as Egoas ficão de voluto de hum para outro anno, ſeja por eſtarem creando, ſeja por não haverem pegado, devem ſer lançadas em moſtrando calor no referido tempo do lançamento.

## *Como ſe devem travar as Egoas para o lançamento, e a fórma da travadoura.*

A Travadoura para travar as Egoas na acção do lançamento ſe compõe de duas betas de canhamo unidas: em huma das pontas haverá hum annel, ou prezilha, que ſe poſſa metter no pé á Egoa; e na outra huma prezilha, e botão, como as maniotas, para metter, e apertar no travadouro da mão.

Tambem ha outro modo de travar as Egoas, que ſão mais deſconcertadas, e inquietas. Compõe-ſe a travadoura de duas betas de canhamo bem torcidas: devem ellas ter no meio hum annel, e botão para apertar no travadouro do pé: as duas pontas da travadoura então paſſadas, ou cruzadas por baixo da barriga, irão dar huma volta a cada braço, e dahi atar ſobre o peſcoço em duas argolas, que deve ter a coleira, á qual chamão peitoral do lançamento.

Deve o referido peitoral ſer de dous couros fortes, e bem cozidos pelas ex-

tremidades, com ſua fivella, e paſſador, em que poſſa ſegurar-ſe a ponta do peitoral, que terá alguns furos para o apertar á proporção do que a Egoa preciſar. Deve tambem ter duas argolas de ferro, huma de cada parte, para atar as pontas da travadoura com laçadas, que ſe poſsão facilmente deſatar, para no caſo que aconteça algum incidente, que obrigue a ſer preciſo deſtravar a Egoa, ſe poſsão facilmente deſatar as pontas da travadoura.

## *Modo, com que devem ſer tratados os Garanhões, e conduzidos para o acto do lançamento.*

AS cautelas, que ſe devem ter com os Garanhões, são: em quanto não tomão verde, fazer-lhes dar a ração de manhã bem ſedo: depois dar-lhes agua, e deixallos deſcançar algum eſpaço, conduzindo-lhes pela manhã com a freſca as Egoas para perto da cavalhariça.

O terreno deſtinado para eſte acto deve ſer deſigual, e não plano, a fim de ajudar o Garanhão, quando cobre; e ſe a Egoa for mais alta do que elle, devem conduzilla a huma parte mais baixa, e o Garanhão á mais alta, para que por meio deſta vantagem poſſa alcançar melhor a Egoa; e ao contrario ſe ella for mais baixa.

Quando o Garanhão ſahir da cavalhariça, e o conduzirem para o lugar, em que ſe ha de fazer o lançamento, deve levar hum cabeção com duas cordas, ou guias, nas quaes devem pegar dous moços da cavalhariça, e conduzir o Garanhão para o lugar, em que eſtiver a Egoa, que tambem deve eſtar pela mão de hum, ou dous moços, e não preza, porém travada, como já diſſemos: então deixarão chegar a ella o Garanhão em liberdade; e logo que elle ſe lançar, o devem ajudar com as guias, tanto pelo que toca a levantar-ſe o Garanhão, como tambem pelo cabo da Egoa, ſe for preciſo.

Quando o Garanhão tem ſatisfeito ao ſeu dever, percebe-ſe por hum certo movimento que faz com o ſabugo do cabo junto ás ancas; e ſe eſte ſignal ſe não conhecer, então o devem deixar deſcançar hum pequeno eſpaço diſtante da Egoa, mas em parte que elle a veja; e pelo meſmo cabeção deitallo poucas voltas á guia, e tornallo a chegar á Egoa para vencer da ſegunda o effeito que ſe não logrou da primeira; mas ſe o Garanhão he facil, e a Egoa eſtá quieta, cuſta pouco a cubrir.

Ha Garanhões, que ſe lanção muitas vezes á Egoa inutilmente, por ſerem inquietos com exceſſo, e neſte caſo lhes devem pôr antolhos, para ſerem mais ſocegados, e não fatigarem tanto a Egoa. Outros tanto ſe levantão que chegão a cahir para trás: iſto ſe acautela, abaixando os moços (ſendo preciſo) até ao chão as cordas, ou guias do cabeção, as quaes ſervem tanto para eſte, como para outros incidentes ſe evitarem.

Outros Garanhões porém são tão froxos, que por tempo dilatado ficão immóveis junto das Egoas, ſem que ſe movão a fazer caſo dellas: a eſtes taes he preciſo paſſeallos á mão, e não muito diſtantes das Egoas, chegando-os depois a ellas com

as

as prevenções que havemos ponderado: pelo contrario outros são tão cheios de demaziada vivacidade, que pela furia, e precipitação, com que se lanção á Egoa, se cobrem de suor repentinamente, sem que cheguem a pôr em execução o pertendido effeito, e estes não servem para o lançamento. Os novos são mais sujeitos a estes defeitos, ou acontecimentos, em cujos casos os devem cubrir com huma manta, recolhellos á cavalhariça, e deixallos descançar em sitio abrigado.

Tambem não he fóra de proposito nos dias, em que descanção dar-lhes banhos de vinho das coxas, e espaduas para baixo, a fim de que se fortaleção os póros da rede cutanea, e não padeção tanta dissipação os musculos, e tendões das espaduas, e curvilhões.

Se a Egoa não está quieta, e incommóda ao Garanhão, he preciso que o homem, que a segura pela redea, lhe falle, e toque alguma cousa o cabeção, tendo-lhe as redeas mais curtas; e se isto não bastar, estando ella bem travada, podem pôr-lhe o aziar, o qual se lhe tirará promptamente em ella consentindo o Garanhão. Se este em fazendo o seu dever, pelo excesso suar muito, devem tambem limpar-lhe o suor com huma faca de páo propria para isto, e depois cubrillo com huma manta, conduzindo-o a descançar na cavalhariça em sitio abrigado do vento.

Devem tambem as Egoas ser conduzidas ao parque, sem que os creadores se sirvão daquelles segredos, ou abusos de que não tratamos, certos de que elles só podem ser praticados pelos sujeitos que ignorão, como já dissemos, a valentia, e a independencia da natureza; pois certamente se tem enganado, nem aquellas ficções são proprias para fazer reter, como erradamente cuidárão, e elles sem dúvida não farião taes projectos, se examinassem bem a Natureza.

Ainda que no regimento das caudelarias está estabelecido o numero de Egoas, que se podem dar a cada Garanhão, com tudo devo advertir que huns são mais robustos, e outros mais fracos: por cujos motivos o administrador das raças deve regular a quantidade de Egoas aos Garanhões pela sua possibilidade, de modo que elles se irritem menos, para não fazer alguns ajuntamentos pouco fecundos.

Já deixamos notado que o lançamento se póde tambem fazer em liberdade, e para isto se não precisa mais do que lançarem solto em hum parque o Garanhão com aquellas Egoas, que pertenderem que elle cubra. He certo que as Egoas retem assim melhor; mas o Garanhão se damnifica muito pela grande quantidade de couces, que dellas recebe; e em hum lançamento desta qualidade, elle se arruinaria mais em huma só vez, do que em seis, ou sete annos que servisse neste exercicio, sendo conduzido á mão da cavalhariça para o lançamento.

Os bons creadores não costumão servir-se do methodo de lançar no parque os Garanhões em liberdade, excepto quando pertendem haver delles algumas cuberturas antes de os reformarem: em tal caso as Poldras novas, que tem parido huma, ou duas vezes, retem melhor, e com mais facilidade.

Os Garanhões, durante o tempo do lançamento, não devem trabalhar para não se exaltarem, e atenuarem no exercicio em que estão: basta para os alegrar que no dia, em que não forem ao lançamento, os deitem alguma cousa á guia. E ainda que elles sejão vivos, em boa idade, e fortes, que pareça podem cubrir todos

os dias, com tudo ſe quizerem que elles durem, não os devem levar a cubrir, ſenão havendo huma alternativa de hum dia ſim, e outro não, ou de dous em dous dias mais pelo ſeguro.

He evidentiſſimo o diſſiparem-ſe muito de forças, e potencia os Garanhões occupados neſte exercicio: e eſta he a cauſa, pela qual alguns creadores ſe capacitão ſer bom dar-lhes no tempo do lançamento mantimentos quentes, para que por meio delles ſe excite mais a potencia; porém como com iſto ſe esforça, e obriga a natureza a exceder as ſuas operações naturaes por falta de tempo que a ſazone, deve-ſe eſcuſar eſta agitação.

Eſtes recurſos quanto a mim ſão máos, e improprios, porque elles alterão no Garanhão o coſtume, e humores: e he ſem dúvida mais natural, tanto para o exercicio, em que eſtão, como para a ſua ſaude tratallos no tempo do lançamento da meſma fórma que os tratão em todas as mais eſtações do anno: e ſou de parecer, que ſe o Garanhão pela actividade da eſtação, e do exercicio ſe eſquentar, ſe lhe faça paſſar a cevada por agua fervendo, para que ſe refrigere mais. Eſte mantimento, como tambem o verde, he mais proprio aos Cavallos que ſão novos: advertindo porém, que ſe lhe derem verde, e o Cavallo purgar muito com elle, devem tambem dar-lhe a ração da cevada para o temperar mais, pois em quanto purga com exceſſo, não eſtá em bom eſtado de ſaude, e por conſequencia bem diſpoſto para ſervir neſte exercicio.

Salver he da opinião, de que acabado o tempo do lançamento, lhe dem a cevada como temos dito, e pelo decurſo de oito, ou nove dias alguma juncada para o refrigerar, e lhe adoçar a agitação do ſangue, e humores viſcoſos, que com eſte exercicio muitas vezes ſe depoſitão nos Bronchios, e mais partes dos bofes, como deixamos notado.

## *Modo de marcar os Potros: e fórma que devem ter os ferros de marcar.*

TEndo os Potros a idade de hum anno, quando os apartão da mãi, commummente os coſtumão marcar: então ſe apanhão; e eſtando o ferro com que os hão de marcar em braza, aſſim o porão na polpa da perna do Potro; e para que fique bem impreſſa a marca, devem carregar com força o ferro, quando o applicão, para ficar a marca bem eſtampada no lugar em que a puzerão.

Não ſe deve retocar a marca, porque então ordinariamente fica mal gravada, tanto porque cuſta muito applicar o ferro bem ſobre a marca já impreſſa, como porque o Potro agitado da dor não eſtá quieto. Tambem ſe marcão na frente do beiço ſuperior, e nas faces; mas nas polpas das pernas fica a marca mais perceptivel. A marca deve ſer poſta bem no meio da polpa da perna na linha horizontal da verilha para não fazer a perna deſagradavel.

A ſuperficie dos ferros, em que eſtá gravada a marca para imprimir bem, deve ſer liza nos planos das partes que hão de gravar: o eſpigão em que ſe ha de introduzir o cabo de madeira, em que ſe péga, deve ſer do comprimento de dous,

ou

ou tres palmos, para o calor do ferro não queimar o cabo de madeira, tendo eſte outros tantos palmos para não eſcaldar as mãos a quem o applicar.

Depois de impreſſo o ferro, ſeja na perna, beiço, ou face, devem esfregar com cebo o lugar marcado, não ſó para modificar a dor ao Potro, mas para o ajudar a curar mais depreſſa.

Não he máo cortar as crinas aos Potros para ſe poder ver melhor o ſeu feitio, pois eſtes ſendo com exceſſo mal formados, não devem ſer marcados, antes ſim devem ſer excluidos por defeituoſos, e degenerados, para não os buſcarem pelas marcas para o lançamento. Tambem ſerá bom cortar-lhes as ſedas da cauda rente ao ſabugo para eſta naſcer melhor, iſto he, maior porção de ſedas, ſendo que em quanto lhe não creſcem, não ſe podem defender da grande perſeguição das moſcas.

## *Moſtra-ſe o melhor modo, com que ſe devem deſmammar os Potros.*

SEguem os Potros as mãis depois de naſcidos até ſe deſmammarem, que he commummente depois de haverem já mammado doze mezes. Então os devem ſeparar da mãi para huma arribana, ou cavalhariça, que não ſeja extraordinariamente quente, ou eſcura, porque o muito calor os torna brandos, e delgados; e a muita eſcuridade os entriſtece. Devem deixallos ir ao parque todas as vezes que elles quizerem, para que lhes dê o ar, e ſe alegrem, continuando-ſe iſto pelo eſpaço de doze, ou quinze dias, pouco mais, ou menos, até que totalmente percão a lembrança, ou ſaudades da mãi, e da mamma.

Na meſma arribana devem paſſar o tempo invernoſo, ſendo alli bem tratados, deitando-os ao parque todas as vezes que não chover, ou nevar muito, ſuſtentando-os com bom feno, e boa palha, dando-lhes, quando não ſahirem fóra, duas vezes ao dia alguma palha, e ſemeas, e não cevada, e avêa, que os eſquenta muito neſte primeiro anno.

Logo que virem os Potros eſquecidos da mãi, e da mamma, em o tempo eſtando bom, os lançarão para o parque, dando-lhes agua huma hora antes de ſahirem; advertindo que não os deixem ſahir muito cedo, nem tão pouco recolher muito tarde, principalmente ſendo a eſtação muito deſabrida, porque as grandes chuvas, e frios tambem lhes são gravemente damnoſos.

No dia, em que deitarem a paſtar os Potros, e Poldras no parque, não he bom dar-lhes ração de cevada, nem ſemeas, porque a herva que elles comem lhes arruina, e vicia aquelle ſuſtento dentro do bucho, pelo que he melhor dar-lhes bom feno, ou palha.

Alguns agricultores das raças querem que os Potros ſe recolhão de tres annos, outros de quatro: a mim me parece que iſto ſe deve entender em particular, e não em geral; porque aſſim como são diſtinctos os climas, tambem são diſtinctas as compleições, como ſe vê cada dia por experiencia, pois os Potros de algumas regiões em chegando a tres annos, já principião a ter cio, e neſte caſo o adminiſ-

tra-

trador das raças os deve fazer recolher. Da meſma ſorte os Potros de outros ſitios ainda aos quatro annos eſtão livres delle, como ſe vê nos de Alter: razão, por que eu recommendo os recolhão de quatro annos.

He certo que em quanto os Potros não tem as ſufficientes forças para ſoffrer o aperto das cilhas, elles tem os ſeus ligamentos, e muſculos das eſpaduas, e eſpinhaço debeis, e não podem reſiſtir á impreſsão que faz o pezo, e o trabalho ſobre as máquinas dos ſeus corpos: elles perdem a actividade nas ſuas articulações, eſmorecem, e muitas vezes ſe arruinão para ſempre das eſpaduas, das canas dos braços, e dos curvilhões travadouros.

## *Que couſa he a moleſtia chamada Congocha.*

ALguns Potros ſe affligem tanto com o demaziado aperto das cilhas, em quanto os ſeus ligamentos eſtão pouco vigoroſos, que ſe dobrão ſobre o ventre, mancão das eſpaduas, ou tomão nellas máo movimento; e ſe continuão a apertallos muito, não tendo ainda trabalhado, elles vem a padecer huma moleſtia chamada *Congocha*: de ſorte que por effeito della ſe lanção ás paredes, e ao chão obrigados da deſeſperação, ou oppreſsão que lhes cauſa o aperto violento das cilhas.

Todos ſabem que a figura do coração he conica, e pyramidal, e o ſeu lugar he no meio do peito entre os boſes, que de huma, e de outra parte o acompanhão, e que o mediaſtino que reparte o peito, fica pela parte direita mais proximo ao coração, eſte inclina o cuſpide para a parte eſquerda, obrigado da proximidade do medeaſtino, e por eſta diſpoſição he que ſe ſente palpitar o coração do Cavallo junto ao ſovaco eſquerdo.

O Pericardio, que cérca o coração, e a Veia cava, que attrahe o ſangue de todo o corpo: a arteria Pulmonar, que deixa communicar o ſangue aos boſes: a Aorta, que reparte o ſangue por todo o corpo, forçoſamente hão de padecer detrimento com o demaziado aperto das cilhas, em quanto a robuſtez do animal não tiver chegado ainda ao ponto de lhe poder reſiſtir. Tambem póde o movimento do coração padecer no tempo da ſyſtole, ou diaſtole, em que talvez que as valvulas, que dão ingreſſo ao ſangue das veias para o coração, fiquem pelo aperto mais opprimidas para o ſeu movimento.

He certo que o ſangue ſe conduz pelas arterias com huma força incrivel ás ultimas extremidades do corpo, e de lá vai impellindo todo o que acha até pelo ſeu gyro o fazer ſubir outra vez ás duas auriculas do coração, em que a veia cava, e a pulmonar ſe unem para entrar por meio da ſyſtole no coração. Tambem he verdade que poſto que apertem muito os Potros, o ſeu ſangue ſempre ſahe do coração, ſempre corre pelas veias, e não pára, e que elle no tempo da ſyſtole ſe conſerva nas auriculas, que então ſe enchem com mais pauſa; e no tempo da diaſtole o ſangue entra nos ventriculos com mais preſſa: o que ſuccede continuamente para não fazer retroceder o ſangue das veias, que ſobe mais froxo; mas póde tambem fazer alguma oppoſição a iſto o demaziado aperto das cilhas pela muita proximidade em que fica deſta máquina toda compoſta de delicadiſſimas fibras. Não obſtante

eſ-

eſtas cauſas , he preciſo apertar as cilhas aos Potros ; mas deve quem os manda apertar obſervar attentamente ſe elles são em capacidade de ſer , ou não muito apertados, attendendo aſſim á ſua idade, como á ſua conſtrucção, e poſſibilidade.

## *Do modo, com que ſe nutrem as partes do corpo do Cavallo.*

OS membros , e membranas de toda a máquina do corpo do Cavallo tem á proporção da ſua eſtructura quatro faculdades principaes , e quatro virtudes, que ſe derivão dellas. A primeira faculdade natural he a alma vegetativa, a quem animão os eſpiritos vegetativos , cujas acções pertencem á conſervação do Cavallo , e em particular á nutrição , e augmentação da ſubſtancia , que ſe extrahe do alimento para a ſua conſervação , e da eſpecie da geração. A ſegunda he a faculdade attractiva, que converte o alimento em ſubſtancia do corpo, e ſuppre a falta de ſubſtancia, que ſe eſtá continuamente conſumindo. A terceira he a faculdade nutritiva, e augmentadora, que faz creſcer o corpo em todas as ſuas partes , aſſim internas, como externas, até elle chegar á ſua total perfeição, em que reſplandece a agilidade , e a graça da primeira idade. A quarta he a faculdade generante , por cujo beneficio ſe conſegue a propagação da ſua eſpecie.

A eſtas faculdades principaes ſe ſeguem quatro virtudes , ainda que menos eſſenciaes muito neceſſarias. A primeira he a virtude attractiva, que attrahe a ſubſtancia preciſa para o nutrimento de todos os membros , e membranas. A ſegunda he a retentiva, que faz demorar a ſubſtancia para o fortalecimento dos membros, membranas, e medullas até ſe digerir a ſubſtancia ſuperflua, reformando-ſe ſempre de nova materia. A terceira he a nutritiva, a qual faz cozer, e ſervir o alimento, que a retentiva ſegurou para o animal creſcer, e ſe reforçar. A quarta he a digeſtiva, ou diſpulſiva, que faz adelgaçar, e dirigir a demaziada enchente de ſubſtancia , que os meſmos membros, e membranas não podem conſumir ; ou finalmente faz expellir dos membros, e membranas os humores demaziados, ſejão fluidos, ſejão viſcoſos, porque eſtes ſó podem ſervir de embaraço á ſua conſervação.

Eſtas faculdades, e virtudes aperfeiçoão a diſpoſição dos orgãos. A attractiva faz-ſe por partes rectas diſpoſtas pela longitude dos membros ; e a retentiva faz-ſe por aqueductos obliquos , aperfeiçoando-ſe todas pelo calor natural , ſem o qual não produzirião humas, e outras bem as ſuas operações.

Por todos os expoſtos motivos ſe devem recolher os Potros no noſſo clima, para entrarem a ſervir em tendo quatro annos , obſervando ſe elles padecem das ſuas mãos, e pés, iſto he, ſe lhes inchão os pés , ſe tem as ranilhas humidas, ſe tem debruns inflammados nas coroas dos caſcos das mãos , e ſe tem groſſuras nas articulações das juntas dos joelhos , e travadouros das mãos , e pés , e nas juntas dos curvilhões; pois em havendo eſtas inchações , e inflammações , he certo que não ha a boa diſtribuição de humores , que elles devem ter , ſendo logo preciſo curar os Potros , para que os humores detidos neſtas partes não venhão a demorar-ſe de ſorte que lhes cauſem moleſtias difficultoſas de remediar.

Alguns creadores (como já diſſemos) não dão aos ſeus Potros outro ſuſtento, quan-

quando os recolhem, que não seja palha, ou feno, isto pelo espaço de sete, ou oito dias, para lhes dissipar os guzanos, que a má digestão das hervas resfriadas lhes causão; e passado o dito tempo, lhes dão verde até se acabar: e outros logo que os Potros são recolhidos, lhes dão verde: he bem certo que sendo elles assim tratados, estranhão menos.

Acabado o verde, se lhes deve dar palha, e a sua ração de cevada, que podem os primeiros dias fazer-lhes passar por agua fervendo, porque os refrigera muito.

Alguns creadores com a ração de cevada costumão dar aos Potros huma medida de favas misturadas com ella, estando primeiro de molho hum dia, em que lhes devem mudar a agua, para que estejão brandas, e os Potros as comão bem. Ellas lhes fazem bom cabello, e os engordão, e nutrem muito; mas allaxão-lhes os poros da cutis, e elles suão muito, e por consequencia se tornão alguma cousa brandos: motivo, por que me parece podem usar dellas, quando a constituição dos Potros for demaziadamente adusta, e secca; porém tanto que elles se dispuzerem para nutrir demaziado, persuado-me será bom não usar dellas.

Nos primeiros dias, em que os Potros são recolhidos, muitas vezes succede, pela mudança que fazem de exercicio, incharem-lhes os pés, e mãos, cuja inchação muitas vezes se dissipa, lavando-lhos com algum dos cozimentos proprios para hum tal acontecimento, em que tambem as sangrias tem lugar, &c.

## *Modo de fazer as raças para produzir Machos.*

OS Machos são producção dos Burros com as Egoas, e poucas vezes de Cavallo, e Burra. Esta especie de animaes he mistiça, monstruosa, e imperfeita; e posto que elles sejão parecidos aos Cavallos na apparencia, com tudo differem muito delles na essencia. Isto se justifica pela impossibilidade com que elles nascem para a propagação: não se deve negar porém ser este misto de muito prestimo para o trabalho, e serviço ordinario.

Algumas Mulas tem chegado a conceber, e parir; porém já mais tive a noticia de que ellas chegassem a crear em Paiz algum do mundo as suas crias.

Os Machos pela maior parte são muito fortes, e de ordinario tem bons cascos, e boa saude nas juntas das mãos, e pés. Elles são dotados commummente de boa fortidão nos rins, espinhaço, e espaduas, e por consequencia podem conduzir, e arrastrar maiores pezos que os Cavallos, sem se arruinarem tanto nos seus cascos, nas mãos, e pés.

Alguns ha, que tem huma andadura muito cómmoda, na qual aturão muito, por terem (como temos dito) boa saude nas mãos, e pés.

O trote dos Machos he aspero, e secco: e da mesma fórma o he o seu galope, e o seu passo ordinario, pois quer em hum, quer em outro, os movimentos das suas espaduas são muito debaixo do seu corpo; mas são bons para carregar, e puchar por carruagens, e coches, vivem muito, (se os tratão bem) comem ordinariamente menos que os Cavallos, e tem menos enfermidades em todo o corpo.

Quando quizerem que huma Egoa conceba hum Macho, ou Mula, farão con-

conduzir hum Burro, e huma Burra; e logo a Egoa, a qual moſtre eſtar diſpoſta, havendo a prevenção de eſtar travada, e prevenida, como diſſemos o deve eſtar para o lançamento da propagação dos Potros; e logo que o Burro eſtiver prompto, lhe tiraráõ a Burra, e apreſentaráõ a Egoa; e ſenão pegar da primeira vez, e ella moſtrar eſtá em calor, a tornaráõ a fazer cubrir pelo meſmo Burro: advertindo que os Burros, em eſtando no coſtume de cubrir as Egoas, não precisão de negaça.

## *Quaes são as partes, que devem ter os Burros mais proprias para o lançamento.*

OS Burros, que ſe deſtinarem para o lançamento, devem ſer de grande corpo: tendo a teſta larga, as orelhas compridas, largas, e não importa que ſejão derramadas para os lados, as ſedas das crinas, e topete finas, e lizas, os olhos grandes, ſem grandes covas ſobre elles, o focinho comprido, e eſcarnado, as ventas largas, a taboa do peſcoço comprida, e larga em proporção, as eſpaduas largas, lizas, e bem formadas, as polpas dos braços groſſas, as canas dos meſmos direitas, groſſas, e lizas, os joelhos lizos, e planos, as juntas das quartellas, e travadouros bem proporcionadas, os caſcos bem formados, a cernelha alta, e groſſa, o eſpinhaço direito, o ventre largo, a garupa redonda, e as pernas bem formadas. No caſo porém de não ſe acharem com todas as qualidades que ficão ditas, ſerá melhor para eſte fim aquelle, que for grande, e dellas tiver mais participação. Os de melhor côr para eſte caſo são os Caſtanhos, os Murzelos, e os Ruſſos. Os de Andaluzia, Ubeda, Baeça, e Jaen logrão entre todos boa eſtimação.

Os Creadores, ou quem eſtiver encarregado da regencia das raças, ſejão cavallares, ſejão muares, devem mandar acondicionar com toda a capacidade viveres, que pela eſtação do tempo gozem de ſer bem ſazonados, para que pelo outono, ſe os parques eſtiverem faltos de paſtagens, ſe ſuſtentem com os viveres recolhidos as raças encerradas nas arribanas; e já moſtrámos a razão, por que ſe devem abrigar das chuvas, e dos frios; e quando o tempo for benigno, fazer ſahir para o parque os Machos, aſſim como já recommendámos façáo ſahir as Egoas, os Potros, e Poldras, não ſó para ſe alegrarem, mas até para fazerem exercicio.

As chuvas, e frios são muito deſagradaveis a eſtes animaes, porque lhes tapa os póros, e difficulta a tranſpiração. Iſto he viſivel; pois em fazendo grande frio, o pello dos Cavallos, e Machos ſe irriça, e ſe faz deſagradavel pela falta de tranſpiração. Os dous tempos de chuvas, e frios lhes motivão defluxos, e outras enfermidades, de que eu deixo de tratar; porém ſempre recommendo toda a diligencia que as evitem, recolhendo as raças ás ſuas eſtancias, quando a eſtação ſe conſtituir mais rigoroſa.

Em as Egoas ſe aproximando ao parto, devem os Guardadores ter com ellas as meſmas cautelas, que já diſſemos devem ter com as que eſtão produzindo Potros; porque a differença da producção não as preſerva dos terriveis effeitos, que coſtumão os partos trazer comſigo; pois de qualquer ſorte que aconteça, ellas ſem-

pre neſte caſo eſtão ſujeitas aos meſmos lances, por onde paſsão, quando a prenhez he de Potro, ou Poldra, e por tanto carecem de hum igual tratamento.

Nos abortos que as Egoas tiverem, ſejão as crias Potros, Poldras, Machos, ou Mulas, ſempre devem ſer tratadas como doentes, e muitas o ficão ſendo effectivamente ſempre. Ellas, ſegundo boas opiniões, abortão, por haverem levado couces de outras, por ſe encontrarem com os lobos; e dizem alguns que ellas abortão por verem a pelle do lobo, e ainda as pizadas delle. Se a Egoa eſtá prenhe de Cavallo, e ou por conſervar calor, ou por outro caſo tem communicação com o Burro, logo aborta pela oppoſição que faz a ſubſtancia ſeminal do Burro á ſubſtancia ſeminal do Garanhão. Tambem abortão por deſejo de comer alguma couſa a que não podem chegar, e podem tambem mover por enfraquecer a meſma Egoa, ou adoecer. Conhece-ſe o aborto na Egoa por lhe inchar o ventre, os ilhaes, e da meſma ſorte por lhe inchar a vagina: a Egoa então ſe deita, e levanta muitas vezes, baixando, e levantando a cabeça ſempre com hum géſto melancolico, e triſte: neſte caſo lhe devem applicar os remedios, que a arte enſina para a fazer lançar fóra o feto.

Se o Potro dá volta, e ſe embrulha com a vide á roda do peſcoço, tambem o devem concertar pelo meſmo modo, procurando desfazer-lhe aquella volta, ainda que he difficultoſo.

Algumas Egoas fazem tanta força, que lhes ſahe a madre fóra: neſte caſo devem logo metter-lha para dentro; porque ſe a deixarem arejar, a Egoa eſpaſma, e morre: por iſſo recommendo a untem, a preparem, e banhem logo com aquelles cozimentos que a Arte enſina em taes caſos.

A profuſão do leite, e a malignidade do ſangue he para temer neſtes caſos. Por eſta razão deve a Egoa ſer conduzida á cavalhariça, e alli bem cuberta, procurar por meio da tranſpiração ajudar a utilizar os curativos, que ſe applicão neſtes lances. Tambem devem mugilla para não lhe encaroçarem as tetas, em quanto os deſeccantes não fazem effeito. Além diſto não ſerá ſem utilidade o fazer-lhe obſervar por algum tempo huma reſtricta dieta no ſuſtento, e na agua, miſturando neſta alguma farinha de trigo para o leite não ſe augmentar, e fazer cahir a Egoa em graves enfermidades.

## *Do modo, com que ſe fez na baixa Normandia produzir a raça dos Jumardos.*

EM alguns Paizes, como na baixa Normandia, e Delfinado, ſe tem feito producções de huns animaes, a que chamão *Jumardos*, produzidos do ajuntamento dos Touros, e Egoas: elles ſão tão monſtruoſos como os Machos, e ſervem maravilhoſamente para carregar, e puchar, por ſerem muito fortes. Salver no ſeu Tratado das Raças affirma tambem naſcer eſta caſta de animaes do ajuntamento do Touro, e Burra, e do Burro, e Vaca, ſendo todos igualmente monſtruoſos.

Os que naſcem do Burro, e Vaca ſão mais pequenos, e não tem dentes de ſima adiante na frente do queixo, como as Vacas: o reſto do ſeu corpo, ainda que

não

não ſeja muito avultado, he muito groſſo, e forte: elles são como os mais imperfeitos, e monſtruoſos, porque não podem fazer qualidade alguma de producção. Os Jumardos produzidos de Burra, e Touro, e de Egoa, e Touro, tem dentes no queixo de diante, e tambem não podem fazer qualidade alguma de producção.

Quando pertendem que o Touro faça o ſeu dever, tendo-o prezo em parte, onde haja pouca claridade, trarão huma Vaca alluada, e huma Egoa; e chegando a Vaca perto do Touro, em elle ſe querendo lançar a ella, lhe appreſentarão a Egoa travada, como já diſſemos, pois com ſemelhantes negaças ſe obtem as producções de Jumardos.

Devem os Jumardos ſer creados no parque até á idade de quatro annos, como deixo recommendado para a creação dos Potros, e Machos; e depois de recolhidos á cavalhariça, fazellos trataveis, e manſos, do meſmo modo que ſe devem diſpôr os Potros, e Machos, deſtinados para ſervir nos coches, e carruagens.

## *Moſtra-ſe o modo mais facil de diſpor os Potros, e Machos, deſtinados para os coches, e carruagens.*

OS Potros groſſos, e fortes, ainda que ſejão applicados ao groſſeiro exercicio de puchar por hum coche, ou carruagem, não perdem as eſſenciaes qualidades que tenho dito, que os faz nobres, ou os mais diſtinctos entre todos os animaes, por cuja cauſa os Cocheiros, e Sotas os devem tratar com mais mimo, e cuidado, do que elles coſtumão tratar os Machos, e Urcos; porque ſe os Cavallos obrigados da violencia, ou do caſtigo chegão a deſobedecer, raras vezes tornão a ſervir bem. Por tanto, deſte principio depende muito o ſeu bom preſtimo de poder trabalhar: pois he ſem dúvida que os principios, donde emanão todas as acções dos Cavallos, exiſtem parte na ſua organização, e parte nas ſenſações, que lhes faz a peſſoa que os governa. Iſto não preciſa de muito para ſe provar manifeſtamente.

Com o Potro ſerril devem metter, ou emparelhar no carro outro Cavallo, ou Macho, que tenha de coſtume puchar pelos coches, aliàs o Potro fará deſordens, em nada conformes á determinação, que pertendem que elle tome, para andar bem no coche, ou carruagem. Por meio de ſenſações gratas, ou ingratas he que ſe obrigão os Cavallos a ſatisfazer promptamente áquelles movimentos, que delles ſe exigem, e ſe eſperão: iſto ſe obſerva a cada paſſo. Quando o Cavallo foge da vara que lhe moſtrão, o faz ſó porque já com ella o caſtigárão, pois quando lhe derão com ella, ſe lhe imprimírão no cerebro duas eſpecies, huma da vara, mediante a ſua viſta, outra da dor, mediante o ſentido do tacto; e como eſtas impreſsões ficárão juntamente impreſſas no cerebro, a viſta de huma facilmente excita a outra. Eis-aqui a razão, por que os Cavallos quando lhes moſtrão algum daquelles inſtrumentos com que lhes derão, ou lhes fazem alguma acção daquellas, de que já ſe lhes ſeguio o caſtigo, elles fogem á impreſsão da dor, e determinão os ſeus movimentos, como os determinárão, quando os caſtigárão com elle a primeira vez.

Em ſe recolhendo os Potros, os devem deitar á guia por algum tempo; e de-

pois de os coſtumarem a andar naquelle gyro do circulo largo com muita moderação, e brandura, lhes irão pondo os arreios, ou apparelhos, e com elles, ſem lhes dar muita pancada, os continuaráõ a deitar á guia; e em moſtrando que eſtão manſos, e coſtumados aos arreios, os metteráõ em hum carro, ou coche, emparelhando-os com algum Cavallo, ou Macho já enſinado, pondo-lhes na embocadura do freio humas eſtopas bem embrulhadas; porque ſendo naturalmente os Cavallos mais ſenſiveis dos aſſentos da ſua boca, do que os Machos, em as guias, ou fiadores, (quando puchão por elles) obrigando-os com muita força, por não poderem pela diſtancia, em que trabalhão, adquirir hum tacto delicado na mão do cocheiro, e boca do Cavallo, elles deſobedeceráõ; e a prevenção das eſtopas embrulhadas na embocadura, irá minorando a actividade das ſenſações, ou dores, produzidas pelo freio ſobre os aſſentos da boca do Potro, e o irá juntamente conſtituindo no bom modo de ſervir.

Todos ſabem que para hum Potro andar, ſe lhe devem fazer ſenſações, que, determinando-lhe o movimento, o fação ir para diante por huma linha recta, o que ſe vence, puchando-o por huma guia para diante, e tocando-lhe com huma vara, ou com o açoute brandamente ſobre a garupa, a fim de que ſe determine a andar. Pelo contrario, para o fazer andar para trás, ſe lhe deve ſacudir amiudadas vezes a guia ſobre o cabeção, porque aſſim ſe coſtumão, e obrigão a recuar. He bom porém, e deve ſer, que hum homem a pé ajude as primeiras vezes os Potros a que vão para diante, como tambem a que recuem.

Depois do Potro mettido no carro, podem mudar a guia do tronel do meio do cabeção para o tronel de fóra, ou para o arco do olho do freio; e ou a pé, ou a cavallo, o devem ajudar pela guia a que ande para diante, ſem lhe darem muita pancada, para que pouco a pouco ſe vá coſtumando, até que o conſiderem em eſtado de poder ſervir, ſem o auxilio da guia: e iſto ſe fará ſe determinarem os Potros para os coches, logo que forem recolhidos, ſem que dante-mão os tenhão diſpoſtos para eſſe fim no Picadeiro.

Em tempo competente ſe devem pôr as ſellas naquelles, que houverem de ſervir para andar á ſota, como tambem fazellos andar algum tempo com bridão, para adquirirem mais governo, e não fatigarem tanto o braço ao Sota. Eu recommendo tanto que deitem os Potros á guia, ſeja para lhes pôr os apparelhos, ſeja para lhes pôr a ſella, ou para os montar as primeiras vezes, obrigando-os a determinar-ſe por ſenſações moderadas áquillo que pertendem que elles fação; porque ſe nos ſeus principios os conſtrangerem por meio de ſenſações violentas, elles tomaráõ, obrigados da colera, e falta de coſtume, determinações muito deſordenadas, e em tudo inteiramente oppoſtas á vontade de quem os pertende domeſticar, e enſinar.

Quando montarem os Potros as primeiras vezes, devem (como já diſſemos) deitallos á guia, e abatellos de ſorte, que elles conſintão ſe chegue a elles o homem que os houver de montar, o qual baterá com a mão no coxim da ſella; e ſe o Potro moſtrar que ſoffre, póde com agilidade metter o pé no eſtribo, e ſem perder tempo montar, ou ganhar a ſella de hum tempo. O que tiver a guia na mão,

a deve ſegurar com todo o tento para evitar ao eſpotrigador, ſe o Potro ſaltar, o funeſto acontecimento de algum deſaſtre.

Por eſte modo devem ir dando aos Potros algum exercicio, e enſino, tanto por ſe acharem em huma boa idade de ſe diſporem a aprender, trabalhar, e eſtar promptos para ſervir em tendo ſinco annos de idade, como tambem porque a falta de exercicio não vá produzindo nelles moleſtias, que os incapacitem para ſervirem, e as ſuas forças os não determinem á defeza, e os façáo mais difficeis de ſujeitar-ſe.

Aſſim tambem ſe deve praticar com os Machos, e Mulas, ainda que eſtes tenhão ordinariamente a boca mais groſſa, iſto he, são menos ſenſiveis ás ſenſações do freio, do que os Cavallos. Eu digo ſuccintamente o como ſe deve dar principio ao enſino daquelles Cavallos, e Machos, que logo que são recolhidos do campo, os deſtinão para ſervir em coches, e carruagens; pois não ſendo iſto pertencente á Arte, de que trato, ſómente o faço por dar huma idéa de fazer uteis os Cavallos para todos aquelles exercicios, de que elles são capazes.

## *Nomes das cores dos Cavallos.*

TOdos os Authores aſſentão de unanime acordo, em que os Cavallos tem quatro cores produzidas dos quatro humores, de que elles ſe compõem; a ſaber: *Sangue*, *Fleuma*, *Colera*, e *Melancolia*. Os ſanguineos são de côr Caſtanho maduro, Caſtanho rodado, Caſtanho dourado, Caſtanho eſcuro, Caſtanho claro, Caſtanho pezenho mais, ou menos eſcuro, Caſtanho roſilho, Caſtanho malhado: ſendo maior a parte caſtanha, que a malhada, ſe deve entender influe mais nelle o humor ſanguineo. Os Cavallos de todas eſtas cores são de bom temperamento, maiormente ſe elles tem a cauda, as crinas, os braços, e pernas dos joelhos, e curvilhões para baixo tudo preto.

Os Cavallos Ruſſos claros são fleumaticos, e da meſma fórma os Ruſſos queimados, os Ruſſos rodados, o Ruſſo cardão, o Ruſſo tordilho, o Ruſſo abatardado, o Ruſſo pezenho, o Ruſſo roſilho, o Ruſſo manchado, e o Ruſſo ſabino.

Os Lazões são colericos, e nelles domina o fogo: ha Lazão eſcuro, Lazão claro, Lazão alaranjado, Lazão toſtado, Lazão melado, Lazão dourado, huns mais eſcuros, outros mais claros: ha Lazão picarſo, e rabicão. Os que provão melhor, he o Lazão toſtado, o Lazão eſcuro, o Rabicão, e o Lazão alaranjado, maiormente ſe alguma deſtas cores he manchada de preto, ou bem rodada, tendo o Cavallo as crinas ou da meſma côr, de que he o corpo, ou pretas, e da meſma fórma os braços dos joelhos para baixo, e as pernas tambem dos curvilhões para baixo.

Os Murzellos são melancolicos. Ha Murzello andrino, Murzello rodado, Murzello amelroado, Murzello acaſtanhado, que tem alguns pellos caſtanhos nas verilhas, no ventre, e nos ilhaes. Ha Murzellos manchados, ou moſqueados de branco, e outros malhados de branco, e de caſtanho. Os que são malhados de caſtanho, são bons. Os que são moſqueados, e naſcem com eſtes ſignaes, são da meſ-

meſma ſorte bons ; porém ſe as pintas são produzidas de os haverem picado as moſcas, tem a pelle molle, e são ordinariamente froxos.

Os pellos dos Cavallos, de qualquer côr que ſejão, devem ter a côr viva, ſendo finos, e de tal ſorte luſtroſos, que em o Cavallo trabalhando alguma couſa, deve moſtrar bem por toda a cutis as ramificações das veias. Os Murzellos pardos de huma côr çuja, e deſengraçada, os côr de rato com o pello groſſo, como de boi, não provão bem: os totalmente brancos com o pello groſſo, e arripiado, de ordinario provão mal, maiormente ſe elles tem as crinas, e as ſedas da cauda groſſas, e creſpas.

Os ſalgados manchados de ordinario tem feia cara: os Murzellos malhados de branco, e os Caſtanhos da meſma fórma malhados, pela maior parte são mais viſtoſos na pelle, do que no preſtimo.

Os Cavallos baios, çopa de leite, zabellos, e de cores deslavadas com o pello groſſo, são quaſi todos froxos, deſengraçados, e pouco viſtoſos, elles ordinariamente são dotados de hum eſpirito cobarde, e de humas determinações muito deſanimadas.

## *Nomes dos ſignaes, que ſe dizem bons, ſegundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de Cavallos.*

O Signal branco que alguns Cavallos tem no meio da teſta aſſima dos olhos, vulgarmente chamado Eſtrella, he bom. Ao ſignal, ou laivo branco, que principia aſſima dos olhos no meio da teſta, e acaba declinando para as ventas, ſe chama Silva. Ao ſignal branco, largo, e direito, que, principiando no meio da teſta, e ſem tocar os olhos, ſe eſtende até ás ventas, chamão Frente aberta. O ſignal branco na verga dizem que he bom, e o meſmo dizem do pé eſquerdo branco; e ſendo ambos com algumas manchas, ou arminhos nos murzellos, caſtanhos, e nos lazões brancos, e nos ruſſos pretos, he melhor.

As moſcas pretas, e os ſignaes pretos nos Cavallos ruſſos são de ordinario hum bom ſignal. As moſcas brancas nos caſtanhos, murzellos, e lazões tambem são bom ſignal, não ſendo (como deixamos notado) produzidas pelos haverem picado as moſcas em quanto novos. Sendo que todos eſtes ſignaes quanto a mim concorrem mais para fazer os Cavallos viſtoſos, do que para prognoſticar com infallivel certeza a ſua boa, ou má inclinação, e o ſeu preſtimo.

## *Nomes dos ſignaes chamados commummente máos, e que fazem os Cavallos muito deſagradaveis.*

A Eſtrella, que principia abaixo dos olhos, he feio ſignal, e aſſim o he a ſilva que tem principio do meſmo lugar; e ſe tiver manchas da meſma côr do pello do Cavallo, a que chamão Sobreſaltados, he peior. A ſilva que ſe derrama do meio da teſta para as queixadas, he feia, e he tida por máo ſignal. Se o Cavallo tem a meia queixada branca, a que chamão falſalvo, he feio ſignal; e ſe for a eſquer-

querda, dizem que he peior. Ao ſignal branco, que alguns Cavallos tem, e lhes cobre toda a frente, e entra na boca, chamão Mortalha, ou Touca branca, ou Toalha: os Cavallos, que tem as pontas dos labios brancos, dos quaes ſe diz que bebem em branco, são tidos por mal aſſignalados. Os Cavallos, que tem as alvas dos olhos faltas de fogo, ou de côr, e ficão as ſobreditas alvas ſendo claras, e brancas, he tambem máo ſignal.

Da meſma ſorte são ruins todas as nodoas brancas, que alguns Cavallos tem ſobre as retinas, e alvas dos olhos, a que chamão gazios. E finalmente qualquer outro ſignal branco, que tenhão os Cavallos dos olhos para baixo, ſegundo a geral opinião dos melhores Cultores das mais diſtinctas raças, ſe devem reputar inteiramente por máo ſignal.

Ao Cavallo, que tem ſómente o pé direito branco, chamão Argel: ao que tem branco o pé, e mão direita, chamão Argel-travado: o meſmo nome dão tambem ao que tem branco o pé direito, e a mão eſquerda; e quando he juntamente branco o pé, e mão direita, e a mão eſquerda, Argel-treſtavado, ou Argel-manalvo; e áquelles, que não tem ſignal algum, chamão Zaino.

No modo de ſentir, e ajuizar ſobre os bons, e máos ſignaes diſcordão os Authores não pouco huns dos outros. Eu porém não pertendo tratar de ſemelhantes aſſumptos, porque me perſuado que os bons ſignaes ſó são viſtoſos, e enfeitão os Cavallos; e a maior parte das razões, que todos dão ſobre os bons, e máos ſignaes, são pouco veridicas; pois eu tenho obſervado máos Cavallos com bons ſignaes, e ás vezes bons Cavallos com máos ſignaes. E póde ſer que alguns curioſos deſtas obſervações em outro tempo, e em outra idade, alcançaſſem o meſmo, e dahi venha aquelle ditado de que obras deſmentem ſignaes.

## *Moſtra-ſe quaes são os redopios, a que commummente chamão bons; e quaes os que denominão máos.*

TAmbem entrão na claſſe dos ſignaes aquelles redopios, que os pellos dos Cavallos fórmão em differentes partes do corpo. Os redopios, que alguns Cavallos tem na teſta, dizem que he bom ſinal, aſſim como o são os que tem na taboa do peſcoço junto ás crinas, a que chamão Eſpada Romana; e ſe o houver das partes ambas, melhor. Da meſma fórma são bons os redopios, que alguns Cavallos tem junto á cauda, ſejão elles ſobre as ancas, ou ſobre as nadegas, e ſejão embora mais altos, ou mais baixos.

Os redopios, que ordinariamente todos os Cavallos tem, são: hum no meio da teſta aſſima dos olhos, outro ſobre o ezofago, dous entre as polpas das cartilagens do peito, e as eſpaduas, dous nas verilhas, dous nos ilhaes: eſtes, e os do peito he bom ſejão grandes. Coſtumão tambem ter hum no embigo; e ſe os Cavallos são faltos deſtes redopios naturaes, elles são tidos por mal aſſignalados.

Aſſim como dizem ſerem bons os redopios, de que tenho tratado, aſſim dizem ſerem máos os muitos redopios pequenos, que muitos Cavallos tem ſobre o ezofago, ſobre o ventre, e nos ſovacos dos braços: a eſtes dos ſovacos dos bra-

ços

ços dão o nome de *Guaias*. E mais dizem, que havendo deſtes redopios nos ſovacos dos braços de huma, e de outra parte, he peior. Se bem que eu tenho viſto alguns Cavallos muito bons com eſtes redopios, que são reputados por máos.

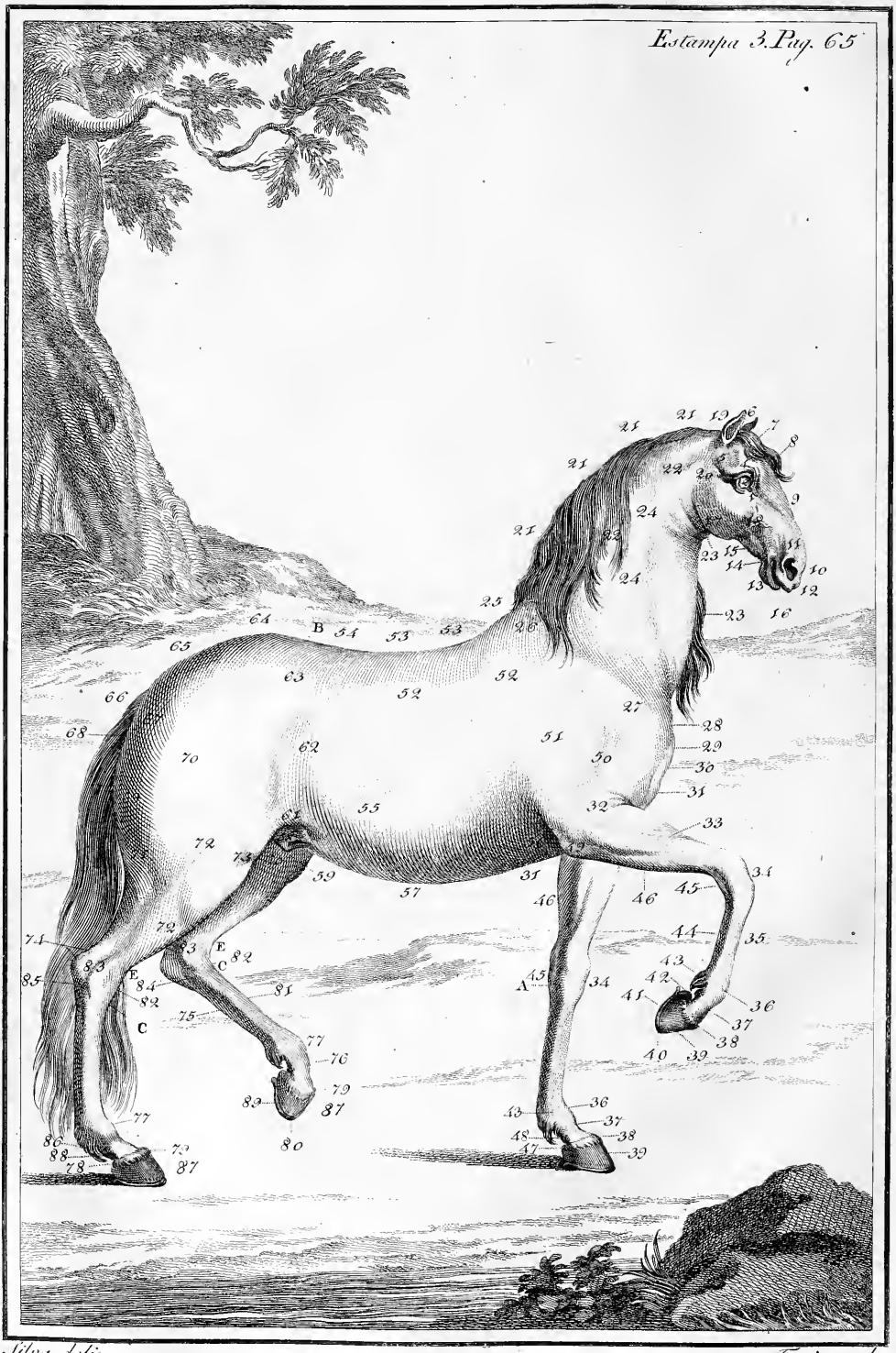
## *Signaes, pelos quaes ſe conhece a idade, em que eſtão os Cavallos até chegarem aos ſete annos pouco mais, ou menos.*

CAda Cavallo tem quarenta dentes; a ſaber, vinte e quatro queixaes, doze adiante, e quatro colmilhos. Aos tres mezes de naſcidos lhes ſahem, ou naſcem os doze de diante chamados de leite. Aos trinta mezes pouco mais, ou menos cahem quatro deſtes dentes da frente, dous debaixo, e dous de ſima: os que eſtão mais adiante no meio dos outros, e naſcem em ſeu lugar outros mais fortes, os quaes ha de o Cavallo conſervar em quanto vive. Aos tres annos e meio cahem os quatro ſeguintes, e vem outros da meſma ſorte. Aos quatro annos e meio cahem os ultimos, que são os que eſtão junto ao lugar, aonde aſſenta o freio, e vem da meſma ſorte outros novos, que ainda aos ſinco annos não eſtão iguaes: aos ſeis annos são os dentes da ultima muda iguaes aos outros; mas conſervão huma cova aberta pela parte de dentro da boca, que não acaba de cerrar ſenão depois do Cavallo fazer ſete annos. E daqui vem dizer-ſe *eſtar cerrado*; porém ainda ſe moſtra nos referidos dentes parte daquella cavidade, ou ao menos huma nodoa (ſemelhante no feitio a huma fava) que até aos oito annos ſe conſerva, e todos eſtes ſignaes ſe gaſtão com a continuação de moer, ou maſtigar. A' excepção deſtas, as mais averiguações são falliveis, ſendo que depois do Cavallo haver cerrado, tambem ha modo de as tornar a fazer abrir artificialmente para fazer apparencias de que tem menos idade.

A malicia dos homens tem juntamente deſcuberto o modo de fazer com que hum Cavallo, que tem ſómente de idade trinta mezes, pareça ter completos os ſinco annos. Os que usão deſta invenção, a concluem, arrancando aos Potros os dentes de diante na idade de dezoito mezes, cujos lugares a Natureza facilmente occupa com outros novos dentes, e aſſim fica o Cavallo parecendo de ſinco annos, ſe quem lhe reconhecer a idade não reparar ſe os comilhos vem já ſahindo.

Em fim, em os Cavallos cerrando são infructiferas, e de nenhum momento as tentativas, que ſe fizerem para lhes reconhecer a idade; e ainda quando elles são acompanhados dos ſignaes que lha manifeſtão, ás vezes enganão, porque a malicia dos que contratão neſte genero tem excogitado eſtes, e outros ſemelhantes modos de lhes viciar os ſignaes das idades pelo conhecimento dos dentes.

ES-



Silva delin. Frois sculp.

# ESTAMPA III.

*Dos nomes de algumas partes dos corpos dos Cavallos.*

## PAUTA DOS NUMEROS.

1 Lagrimal.
2 Pupillas.
3 Alvas dos olhos.
4 Covas dos parietaes, ou olhais.
5 Oſſos petroſos.
6 Orelhas.
7 Topete.
8 Teſta.
9 Agulhas das ventas.
10 Ventas.
11 Membrana das ventas.
12 Beiço ſuperior.
13 Beiço inferior.
14 Barbada.
15 Agulhas da queixada inferior.
16 Boca.
17 Faces.
18 Queixada ſuperior.
19 Nuca.
20 Axilar, ou Ganacha.
21 Cernelha, ou Crinas.
22 Taboa do peſcoço.
23 Ezofago.
24 Jugulares.
25 Cruz, ou agulha do Thorax.
26 Ponta ſuperior da eſpadua.
27 Ponta da frente da eſpadua.
28 Claviculas.
29 Peito.
30 Cartilagens do peito.
31 Ponta do oſſo externo.
32 Junta do codilho.
33 Cana do braço.
34 Joelho.
35 Canela do braço.
36 Junta da quartela.
37 Diſtancia da quartela.
38 Coroa do caſco.
39 Tapa, ou cinta do caſco da mão.
40 Ponta do caſco.
41 Palma da mão.
42 Talão.
43 Machinho da quartela.
44 Nervo principal do braço.
45 Curva do joelho.
46 Polpa do braço.
47 Ranilhas, ou arnilhas.
48 Travadouros da quartela.
49 Codilho.
50 Oſſo do braço.
51 Polpa da eſpadua.
52 Coſtelas.
53 Eſpinhaço.
54 Lugar dos rins.
55 Ventre.
56 Sovacos.
57 Embigo.
58 Verga.
59 Teſticulos.
60 Bargadas.
61 Verilhas.
62 Ilhaes.
63 Quadrís.
64 Ancas.
65 Canal da garupa.
66 Naſcimento do cabo.
67 Nadegas.
68 Sabugo do cabo, ou cauda.
69 Polpa da nadega.
70 Polpa do femur.
71 Curva da nadega.
72 Tibia.

73 Soldra.
74 Jarrete.
75 Nervo principal da perna.
76 Comprimento do travadouro do Jarrete.
77 Junta do Jarrete.
78 Calcanhar.
79 Coroa do caſco do pé.
80 Ponta do caſco do pé.
81 Canella da perna.
82 Junta inferior do curvilhão.
83 Junta ſuperior do curvilhão.
84 Junta da fórma, e polé.
85 Junta do articular, e entre-oſſo.
86 Machinho do Jarrete.
87 Tapa do caſco do pé.
88 Comprimento do travadouro do Jarrete.
89 Palma do pé.

As Letras E, e as letras C manifeſtão o lugar das ſobcurvas, e curvaças.

Fazemos menção de algumas partes externas dos corpos dos Cavallos, moſtrando os ſeus lugares pelos numeros da Eſt. III., para que ſejão conhecidos os ſeus nomes, como tambem os de algumas partes internas, que lhes correſpondem, a fim de que pelo decurſo da lição não faça dúvida, ou embaraço o meu modo de explicar.

Eu paſſo a dar hum breve conhecimento em commum da analogia que tem as partes internas com as externas dos corpos dos Cavallos, para não ſe ignorarem as ſuas proporções; e poſto que a Arte da Cavallaria não tenha dependencia dos conhecimentos da Anatomia, he bom ſaberem os Cavalleiros a formalidade deſtas partes, para fazerem boa eſcolha dos Potros, ainda ſendo magros, e novos, e dos Cavallos em qualquer eſtado, e idade.

Na cabeça tem principio, e origem os nervos, que communicão a toda a máquina do corpo a virtude animal, e de onde ſe diffundem por todos os membros inferiores os ſentidos, e movimentos. Ella ſe compõe da Cutis, Gordura, Membrana carnoſa, do Pericranio, e do Cranio.

A *Cutis* he huma membrana, vulgarmente chamada *Pelle*, que reveſte não ſó a cabeça, mas todas as partes do corpo.

A *Gordura* he huma ſubſtancia oleoſa, intertecida de glandulas, em as quaes reſidem tambem por diverſas partes do corpo grande numero de vaſos, em que ſe vai filtrando o ſangue, e deſte continuamente ſe eſtá extrahindo huma parte oleoſa, que por meio de fermentação ſe converte na referida gordura.

A *Membrana carnoſa* da cabeça até aos olhos he hum paniculo muſculoſo, mais, e menos groſſo, que cérca a cabeça. Eſta membrana pela parte externa ſe une á gordura, e cutis; e pela interna ás partes nervoſas, que fórmão os ligamentos dos oſſos.

O *Pericranio* he huma continuação de fibras, que ſahindo pelas juntas, e póros do cranio, extendidas, e entretecidas ſobre elle, o fórmão para reveſtir os oſſos, ou partes de que ſe compõe o cranio.

Querendo-me deſenganar de algumas dúvidas, que eu tinha a eſte reſpeito, tomei o expediente de examinar os corpos dos Cavallos, e achei que ſe compõem das partes que vou dizendo.

As partes que conſtituem o Cavallo, ſe comprehendem debaixo dos nomes de par-

partes fluidas, e de partes ſolidas. As ſolidas comprehendem os oſſos, as partes cartilaginoſas, e homoplatos. As partes moles comprehendem os muſculos, tendões, membranas, ligamentos, producções membranoſas, ligaduras dos nervos, arterias, veias, e glandulas, &c.

Commummente chamão-ſe partes fluidas todos os liquidos, que ha no corpo do Cavallo, como o Sangue, a Linfa, o Quilo, a Bilis, o Suco medullar, a Saliva, e o Semen, &c.

A cabeça do Cavallo ſe divide em teſta, ou Cranio, e extremidades, ou em queixada ſuperior, e inferior. He verdade que rigoroſamente ſó deviamos chamar queixada áquellas peças, em que eſtão encaixados os dentes; mas ſomos obrigados a tomar o todo pela parte, a fim de multiplicar os termos, e a integridade.

Todos ſabem que os oſſos dos Cavallos são huma parte a mais ſimples, dura, e terreſtre de todo o corpo; mas elles são os ſuſtentaculos das ſuas corporaes máquinas. São de ſua natureza pezados, e livres de todo o ſentimento, nutrem-ſe do Perioſteo, e a ſua medulla ſe differença em huns dos outros, aſſim como tambem são differentes na ſua grandeza, fórma, e uſos.

Os principaes oſſos da cabeça do Cavallo são o Cranio, ou Oſſo Coronal, que eſtá collocado debaixo do N. 8., o qual ſe divide em dous, chamados *Frontaes*, dous *Parietaes*, e hum *Occipital*. Aos Parietaes ſeguem-ſe dous chamados *Temporaes*, dous petroſos *Capillares*, ou *Athemoides*, e dous nas cavidades dos olhos chamados *Rotundos*. Eſtes oſſos são unidos por ſinco juntas, ſem movimento. Tem a cabeça mais duas eſpinhas das ventas, e oſſo do angulo maior, dous dos queixos ſuperiores, dous dos queixos inferiores, dous do paladar, e hum chamado *Agulha do paladar*.

O queixo inferior ſe divide em duas peças; mas em o Cavallo fazendo ſinco annos, de tal modo ſe fortalece a junta N. 13., que parece o queixo ſe compõe de huma ſó peça. As queixadas do Cavallo ſe compõem das extremidades ſolidas, gengivas, e dentes. Entre a queixada inferior eſtá a lingua.

O tronco do corpo divide-ſe em tres partes, Eſpinha, Thorax, e Bacim. A Eſpinha he huma continuação de peças, a quem chamão *Vertebras*, e humas ſe denominão verdadeiras, outras falſas: as verdadeiras são dezoito, as falſas ſeis, as do peſcoço ſete, e as da cauda dezeſeis.

As Vertebras do peſcoço chamão-ſe *Cervicaes*, e no principio do Thorax, pouco antes de chegar ao N. 26. ſe unem com as do eſpinhaço chamadas *Dorſaes*; e ás do eſpinhaço junto ao N. 54. ſe unem as *Lombaes*, que ſe continuão até ao oſſo ſacro.

As coſtellas, que fórmão a cavidade do peito, e parte da cavidade do ventre, são trinta e ſeis, dezoito de cada lado. Ellas ſe dividem em Verdadeiras, e Falſas; porque as Cartilagens das verdadeiras immediatamente ſe uñem ao oſſo externo N. 31.; e as falſas vão-ſe unir a elle por meio de duas trenilhas membranoſas, que partem do ſegundo N. 31. para o N. 55.

O Bacim he compoſto de ſeis oſſos, tres de cada lado; a ſaber: *Ilion*, *Iſchion*, e *Pubis*. As ſuas extremidades chamão-ſe *Anteriores*, e *Poſteriores*.

Adverte-ſe que os numeros de toda eſta noticia Anatomica pertencem á Eſt. III. poſto que os lugares apontados fiquem pouco mais abaixo, ou mais aſſima do lugar em que eſtá o numero.

## *Noções preliminares dos oſſos em geral.*

COmpõe-ſe o corpo do Cavallo de oſſos grandes, oſſos menores, e oſſos minimos. A figura dos oſſos de cada meia parte do corpo he differente em cada hum, á excepção das vertebras, coſtelas, e nós; e ainda eſtes ſendo muitos de hum feitio, são diverſos no ſeu tamanho, e juntas, e são antagoniſtas huns dos outros.

Os oſſos das canas, e canelas dos braços, e aſſim os oſſos do femur das tibias, e canelas das pernas são longos. Os moplatos são do numero dos oſſos minimos. O occipital, o vomer, a queixada inferior, o oſſo da baſe da lingua, as vertebras, o oſſo ſacro, e o oſſo externo ſeparão verticalmente o Cavallo em duas partes iguaes.

A's faces, que os oſſos tem em ſima, em baixo, adiante, atrás, e nos lados, damos os nomes de ſuperiores, poſteriores, inferiores, anteriores, e lateraes. Aſſim como denominamos outras, internas, externas, obliquas, extremidades, e bordas, &c.

## *Das eminencias dos oſſos, e ſeus preſtimos em geral, e em particular.*

OS oſſos ſobre as ſuas faces, e extremidades tem deſigualdades mais, e menos viſiveis, a quem os Anatomicos cummummente chamão *Eminencias*. Nas articulações correſpondem as eminencias do oſſo da cana do braço N. 33. ás cavidades do oſſo do braço N. 50., e aſſim nos mais.

Os oſſos, fallando em geral, são os ſuſtentaculos de todas as partes do corpo do Cavallo: elles fórmão a conſtrucção da máquina, a qual facilitão com a ſua eſtructura, cabeças, cavidades, eminencias, e chanfraduras, neceſſarias aos differentes exercicios a que ſe deſtinão, e por iſſo huns oſſos ſervem de ponto na máquina para a execução do movimento; outros ſervem pelas ſuas degradações para levantar, e abaixar, ou para ubilicar, já á direita, já á eſquerda, á vontade das mais partes do corpo, tanto no interior, como no exterior: e podemos dizer que muitos fazem o officio de mollas. Tambem ajudão a depurar parte dos alimentos proprios á nutrição de diverſas partes do animal; outros ſervem para ajudar a formar as cavidades dos verterſis, facilitar a reſpiração, e defender differentes orgãos. Finalmente os oſſos do corpo do Cavallo são a baſe de todo o ſeu eſqueleto, ou organização.

Fallando dos oſſos em particular, a cabeça do Cavallo he compoſta de duas partes: á ſuperior chamão *Cranio*, ou *Queixada ſuperior*, e á poſterior *Queixada inferior*.

A parte ſuperior ſe divide em Cranio, e faces. O Cranio he hum capacete formado de doze peças unidas intimamente por humas juntas, ou articulações ſem movimento. E as ſuas peças tem humas nomes geraes, e outras particulares: eſtes oſſos na parte ſuperior fórmão huma figura oblonga N. 7., e na parte local ſe comprehende huma cavidade, a que chamão Cavidade do callo de Cranio, ou Cavidade da medulla.

Dos oſſos do Cranio N. 8. ſe continuão os das faces N. 17. Como já diſſemos quaes são os oſſos, de que ſe compõe o Cranio, paſſaremos a tratar das ſuas fórmas.

Os oſſos *Frontaes* eſtão ſituados na parte anterior, e ſuperior das faces: elles são de huma fórma irregular, tem huma face externa, duas lateraes, e huma interna.

A face externa he polida, ainda que tem algumas eminencias: a interna tem algumas cavidades, e he mais poroſa.

As faces lateraes tem duas prolongações, huma interior, e outra poſterior: a interior vai-ſe unir ao oſſo fenoides, ou vides; a poſterior fórma com os parietaes, e petroſos as falleiras.

A face interna circunda a dura mater, e ſe continúa até á criſta do oſſo vides; e a face inferior tambem ſe articula com os parietaes, e petroſos.

Os oſſos *Parietaes* são por duas juntas unidos aos frontaes; e pela parte longitudinal N. 9. ſe articulão com as eſpinhas das ventas, com os oſſos do grande angulo N. 10., e pela junta tranſverſal até aos temporaes N. 18.

Tambem os Parietaes fórmão huma pequena parte do Cranio. Elles tem duas faces, huma convexa, externa, liza, e polida; outra interna, poroſa, e deſigual, que fórmão quatro angulos nas ſuas juntas, hum ſuperior, outro inferior, e dous lateraes.

Os oſſos *Temporaes* fórmão as partes lateraes do Cranio: são irregulares, e não deixão conhecer a junta em o Cavallo, tendo ſinco annos, antes elles parecem huma continuação dos Parietaes, e frontaes. La Foce pag. 15. quer que os Temporaes ſejão quatro. Brogelat pag. 26., e Ogan pag. 19. dizem que são dous. He certo que eſtes, e outros oſſos da cabeça do Cavallo com a idade ſe unem de maneira que as mais exactas averiguações não lhe deſcobrem as juntas, que tinhão na ſua primeira idade, quando Potro; e eu em todas as cabeças que tenho averiguado, tenho achado ſómente dous.

Os oſſos *Capillares* são de huma figura irregular, tem quatro faces, que terminão em ponta aguda: a baſe deſte oſſo he interior, e o ſeu principio na parte alta he lizo, e pouco poroſo.

O *Occipital* N. 19. eſtá ſituado na parte poſterior do Cranio, e elle ſe une aos frontaes por ſinco partes, de que ſe deixão bem perceber as juntas, em quanto os Potros tem de tres até quatro annos; mas depois de terem mais idade, já ſe não conhecem; advertindo que tambem alguns naſcem com eſtas, e outras partes da cabeça unidas de maneira, que ſe não deixão já mais perceber as juntas dellas: e eu vi huma cabeça, em que não havia junta alguma, poſto que a examinaſſe com cuidado.

*Dos*

## *Dos oſſos Athemoides, a quem outros chamão Vides, Capillares, ou do Vacilar.*

OS oſſos *Athemoides* eſtão ſituados na parte interior do Cranio, e ſeparados pelas cartilagens das ventas. Elles são unidos ás extremidades do Cranio, e ás eſpinhas das ventas: tem huma figura irregular, e huma cavidade junto aos frontaes com hum póro, por onde ſe conduzem os nervos, que dão movimento aos beiços.

Eſtes oſſos tambem eſtão unidos ao fenoides pela parte inferior, aos frontaes pela ſuperior, e pelas partes lateraes aos oſſos do grande angulo.

## *Dos oſſos das faces ſuperiores, e inferiores.*

JA' houve Anatomico, que dividio os oſſos das faces dos Cavallos em dezeſeis partes; a ſaber: dous oſſos das ventas, hum oſſo do grande angulo, hum oſſo do queixo ſuperior, dous chamados extremidiarios, dous das gengivas ſuperiores, dous das inferiores, dous chamados Platins, dous chamados Pereguides, e dous denominados Corneas. Nós porém ſuppomos dous ſuperiores, e dous inferiores, que são os que temos encontrado nas faces de todos os Cavallos, ſeparados pelas juntas de que já fizemos menção.

## *Do Tronco do corpo do Cavallo.*

DIvide-ſe o tronco do corpo do Cavallo em tres partes, *Eſpinha*, *Thorax*, e *Bacim*.

A eſpinha he huma collecção de quarenta e ſete oſſos nos Cavallos velhos unidos por quarenta e tres juntas; e nos Potros por quarenta e ſeis: ſuccede iſto, porque alguns oſſos com a idade tambem na eſpinha de tal modo ſe unem, que ſe lhes não conhece a junta. Eſtes oſſos, de que ella ſe compõe, chamão-ſe *Vertebras*, que tambem ſe denominão humas *Verdadeiras*, e outras *Falſas*.

As verdadeiras são vinte e quatro: e em raros Cavallos ha vinte e ſinco. As falſas são vinte e tres. As verdadeiras denominão-ſe Cervicaes, Dorſaes, e parte Lombaes. As falſas, ou do oſſo ſacro N. 54. são 16., e as do peſcoço 7. As vertebras cervicaes, dorſaes, e lombaes são differentes na figura, volume, e uſo, como já deixamos notado.

## *Das Vertebras cervicaes, ou do peſcoço em particular.*

A Primeira he larga, alguma couſa torta, e tem duas faces, huma ſuperior, outra inferior, e cada huma tem quatro eminencias. A face ſuperior articula-ſe com o occipital: tem quatro póros, e outras tantas cavidades em cruz, com hum aqueducto conſideravel no meio, por onde paſſa a medulla eſpinhal ás mais ver-

vertebras : os aqueductos dos lados ſervem de paſſagem ás arterias , e veias vertebraes. A face inferior ſe articula com a ſegunda vertebra , e aſſim as mais ſe articulão humas com outras até ás primeiras vertebras do Thorax, em que ſe articulão as claviculas da primeira vertebra do Thorax N. 26. até ao N. 28.

As *Vertebras dorſaes* differem, como diſſemos, das cervicaes, e lombaes, em não terem as juntas das ſuas faces tão cavadas nos lados das ſuas eminencias , e em ſerem menos compridas , e irem em augmentação da primeira do Thorax para a terceira, e deſta em diminuição para as lombaes, e humas , e outras são formadas com tres eminencias, duas lateraes, e huma ſuperior : ellas são prezas humas ás outras por huns ligamentos chamados Entre-eſpinhaes.

Os corpos das vertebras Dorſaes tem alguns aqueductos para vaſos ſanguineos. As treze vertebras primeiras jogão nas articulações alguma couſa para os lados , e para diante, as outras são mais direitas, e articulão-ſe para os lados, mais do que para ſima, e para baixo.

As *Vertebras lombaes* differem das outras em ſerem groſſas , e os ſeus eſpondis largos, e curtos, as ſuas cavidades obliquas são mais redondas, e fórmão o canal vertebral de hum, e outro lado de huma figura quaſi triangular.

O *Oſſo ſacro* principia na parte poſterior da eſpinha , e ultima vertebra lombal : a ſua figura he triangular, e fórma duas faces, huma externa, alguma couſa deſigual, e outra interna polída, e clara.

Eſte oſſo compõe-ſe de ſeis peças : as ſuas juntas ſe conhecem em quanto o Potro não chega aos tres annos , e dahi para diante de tal mdo ſe oſſificão as juntas, que ſe não conhece o lugar da ſua união.

O oſſo ſacro eſtá junto aos oſſos innominados, á ultima vertebra lombal, e ao primeiro nó , ou vertebra da cauda: as ſuas juntas são eſponjoſas, e nellas ſe fórmão algumas moleſtias chamadas dos rins, que são más de curar.

Os *Oſſos da cova*, ou *canal* N. 65. montão ao numero de dezeſeis, ou dezeſete, que finalizão na ponta da cauda N. 68.

Todas as vertebras, e aſſim o oſſo ſacro, e os oſſos da cova, e cauda são unidos por muitos ligamentos fortes, e fibras, que vão formar na ponta da cauda huma eſpiral.

Os *Oſſos do Thorax* N. 52., vulgarmente chamados *Coſtelas* , são trinta e ſeis: dezoito de cada lado: a ſua figura he oval , e chamão-ſe as referidas coſtelas , humas verdadeiras, e outras falſas: entendem-ſe por verdadeiras aquellas, que prendem no oſſo externo, como já diſſemos; e por falſas aquellas, que ſe unem ás cartilagens dos lados do ventre.

As coſtelas todas prendem nas vertebras do Thorax , e no oſſo externo , ou nas já referidas cartilagens, e ternilhas.

O *Oſſo externo* eſtá ſituado na parte baixa do Thorax entre hum , e outro codilho: elle alcança do N. 29. até ao N. 31., a ſua figura he em fórma de meia lua: he largo junto ao primeiro N. 31., e finalmente ſe termina de huma, e outra parte por cartilagens : no meio he poroſo. A cartilagem do N. 30. he mais larga, e as ſuas extremidades ſe continuão , até que debaixo do ventre acabão em ponta aguda no ſegundo N. 31.

O

O *Bacim* he formado pelos oſſos innominados, e pelo oſſo ſacro. Os oſſos innominados são huma compoſição de ſeis peças, que facilmente ſe ſeparão pelas ſuas juntas, em quanto o Potro tem de hum até dous annos de idade; depois até aos tres annos ſe oſſificão as juntas dos lados; e dos quatro para os ſinco annos já ſe não conhecem, nem a junta do bacim, nem a do pubis, antes eſtão os referidos oſſos reduzidos a hum. As ſeis peças, de que ſe compõem o chamado bacim, ſe denominão as duas ſuperiores N. 64. Ilion, as duas dos lados Iſchion, e as duas inferiores chamão-ſe Pubis; e aſſim a reunião deſtas ſeis peças fórmão o Oſſo Sacro, ou Bacim.

O *Oſſo Illion* he triangular na parte ſuperior na letra B convexo, e nos lados concavo: tem huma extremidade, ou borda interior, e duas lateraes: elle fórma tres angulos, e em cada hum tres faces; a ſaber: huma ſuperior, huma inferior, e huma interna. A extremidade ſuperior fórma-ſe por angulos, de quem pelas partes oppoſtas procedem as extremidades lateraes: tem huma face cartilaginoſa junto ao Iſchion, e ao Pubis pela parte da face inferior do Sacro. Sobre a ſua extremidade inferior tem huma cavidade, e hum buraco, por que paſſa huma arteria, huma veia, e hum nervo; e na face interna ſobre as ſuas deſigualdades ſe unem as eminencias do Oſſo Sacro.

Como os *Oſſos*, *Iſchion*, e *Pubis* com a idade vem a reunir-ſe, de ſorte que fórmão ſómente hum, ſemelhante a hum oculo triangular; para nos explicarmos, dividiremos eſte oſſo em parte ſuperior, e inferior.

A ſuperior he mais larga que a inferior, e fórma duas faces, huma externa, e outra interna.

A face externa ſe compõe de tres faces, huma interna, outra menos interna, e outra ſuperior. Na mais inferior ſe fórma a face maior deſte oſſo. Nas ſuas extremidades ſe unem os ligamentos chamados Suſpenſorios, e junto a elles ſe prendem os ligamentos caſulares interiores, os quaes dão a eſta cavidade huma fórma quaſi ſemicircular. Sobre eſta meſma face ſe conduz huma grande collecção de vaſos ſanguineos, que nutrem o perioſtio.

A face interna fórma tres lados, hum interior, que faz frente ao abdomen; outro interno, que faz frente ao inteſtino recto, e outro lateral.

A parte inferior deſte oſſo he plana, e tem duas faces, e cada huma dellas tem huma face externa, e huma interna, algum tanto em covas, as quaes fórmão tres extremidades, huma poſterior, e duas lateraes.

As extremidades do corpo do Cavallo são quatro; a ſaber: as duas eſpaduas anteriores, e as duas ancas poſteriores.

As eſpaduas fórmão-ſe de diverſos oſſos; a ſaber: *a Palheta* N. 26., o *Oſſo do braço* N. 50., o *Codilho* N. 49., a *Cana do braço* N. 33., a *Canela* N. 35., a *Quartela* N. 37., o *Oſſo coronario* N. 38., o *Petipe*, ou da *Palma* N. 39., e a *Naveta*, &c.

A Palheta, e Omoplato da eſpadua alcança do N. 26. até ao N. 27. eſtá ſituada na parte lateral do Thorax junto á ſexta, e ſetima coſtela, cuja palheta na parte ſuperior he de huma figura quaſi triangular.

Tem a palheta duas faces, huma externa, outra interna: a externa he nos pla-

planos dos lados concava, e junto á eſpinha convexa; mas a face interna he em toda concava. A palheta ſe compõe de tres extremidades, huma ſuperior alguma couſa poroſa, em que principia a eſpinha junto de huma cartilagem, que cérca a ſua extremidade N. 26.

A extremidade inferior da palheta he alguma couſa pungente, e de huma figura oval, em que na parte baixa ha huma concavidade para ſe articular a cabeça ſuperior do Omoplato N. 27.

Eſte Omoplato articula-ſe na parte inferior com a cabeça ſuperior do oſſo do braço, e fórmão eſtes oſſos debaixo do N. 27. hum movimento encontrado, como o de huma tiſoura, de ſorte que ao tempo que a ponta da palheta N. 27. ſe move para diante para fazer levantar o braço, a ponta ſuperior da palheta N. 26. ſe move para trás; por conſequencia quando baixa o braço, avança-ſe a ponta da eſpadua N. 26., e atraza-ſe a ponta N. 27.

O oſſo do braço he ſituado no lado do Thorax N. 50.: elle deſce em linha obliqua do N. 27. até ao N. 32.: a parte ſuperior tem huma eminencia alguma couſa redonda, chamada teſta do oſſo do braço, que ſe articula no Omoplato, em que ſe prendem os ligamentos caſulares, nella ha tres cavidades, e tres eminencias interiores, que fórmão duas paſſagens para os tendões da eſpadua, que ſe prendem nas faces do oſſo junto ás ſuas cavidades, e tambem junto ás referidas cavidades tem algumas glandulas mucilaginoſas.

Na parte menor deſte oſſo ha tres faces, huma interna, huma anterior, e huma poſterior. Na parte lateral externa tem huma eminencia, em que ſe prendem alguns ligamentos da eſpadua, e na parte baixa he eſta eminencia menor que as extremidades altas do oſſo. Na face externa, e interna ha duas cavidades para a diſtribuição das veias. A extremidade inferior do oſſo do braço he terminada por quatro eminencias, que ſervem á articulação do codilho N. 49. A poſterior fórma huma grande cavidade, em que ſe articula o cubito, e outra interior, em que ſe prendem os muſculos do braço; e nas duas faces lateraes ſe atão, e prendem os ligamentos, tambem chamados lateraes.

A cana do braço N. 33. compõe-ſe da cana, ou radio, e do cubito, ou codilho: o radio, ou cana do braço he longa; e as ſuas extremidades ſuperiores, e inferiores são deſiguaes em groſſura. A parte ſuperior tem duas eminencias, huma externa pela parte lateral, e outra interna. A parte anterior deſte oſſo he dura, e tem huma face redonda, e na parte poſterior duas bordas, huma interna, e outra externa. Na parte inferior anteriormente ha quatro eminencias, duas são mais avultadas nas partes lateraes, e fórmão todas quatro tres cavidades, ornadas de cartilagens, que fazem a eminencia do meio mais conſideravel; e tanto da parte ſuperior, como da inferior ſe prendem os ligamentos a todas ellas.

O cubito, ou codilho eſtá ſituado na parte poſterior do radio N. 49., e elle fórma hum canal, que o divide em parte ſuperior, e inferior: a ſuperior he mais larga, e a inferior mais pungente. A cabeça ſuperiormente he acompanhada de cartilagens, que enchem a cavidade ſuperior para ſe unir atrás da junta N. 32. no lugar do N. 49. Entre as eminencias da cana, e canela eſtá ſituada huma cavida-

de, que ſerve poſteriormente como de conducto aos principios dos muſculos, que reveſtem o braço.

O joelho do Cavallo N. 34. ſe compõe de ſete oſſos em duas divisões, tres em cada huma, e hum pela parte do N. 45. Os oſſos da divisão ſuperior são o *Irregular*, o *Triangular*, e o *Semilunar*. Os oſſos da divisão inferior são *Pequeno uniforme*, o *Grande uniforme*, e o *Tapizado*; e finalmente o ſetimo ſe chama *Curvo*, ou *Corco*, ao qual ſe unem os oſſos de toda a articulação de huma, e outra divisão do joelho. O oſſo irregular fórma ſinco cavidades cartilaginoſas, huma ſuperior para ſe unir ás eminencias do radio, ou cana do braço; outra inferior para ſe unir ao primeiro oſſo da ſegunda divisão; outra na parte lateral externa para ſe unir á articulação do curvo, e duas nas partes lateraes internas para ligarem os dous oſſos da primeira divisão.

O oſſo triangular repreſenta ſinco faces, huma ſuperior, tres lateraes, e huma inferior. O oſſo ſemilunar tem quatro faces, huma ſuperior, huma inferior, e duas lateraes. O pequeno uniforme he, como diſſemos, o primeiro oſſo da ſegunda divisão: tem ſinco faces, huma ſuperior convexa, huma anterior convexa, huma inferior em parte plana, huma exterior, e huma interna: eſtas duas ultimas ambas são chanfradas.

Junto a eſte eſtá o grande uniforme: elle tem ſinco faces, huma externa convexa, huma interna concava, que tem huma extremidade redonda, em que ſe prende o ligamento caſular commum, e duas faces cartilaginoſas para ſe articular com o radio, ou cana do braço, e com o oſſo irregular da divisão ſuperior. O curvo he o ſetimo oſſo deſta junta, eſtá ſituado atrás da junta N. 34., como ſe moſtra pelo N. 45.: nelle ſe ata o ligamento caſular commum, e elle tem duas faces cartilaginoſas para ſe articular de huma parte com o radio, e da outra com o oſſo irregular.

Os oſſos da canela são tres, hum, que ſerve de ſuſtentaculo, chamado *Canela*, a ſua figura he hum pouco cylindrica, e de hum, e outro lado tem dous oſſos pungentes na parte ſuperior, junto ao fim do oſſo curvo pouco abaixo do N. 45., que chegão quaſi á parte inferior, ou ao pé da junta N. 43. Nos Cavallos velhos eſtes oſſos pungentes ſe oſſificão á canela de maneira que parecem hum ſó.

A quartela tem hum oſſo quaſi triangular, que fórma huma cavidade na parte interior N. 48. para a paſſagem do tendão principal, e tem huma face poſterior convexa N. 37., na borda da qual articulação ſe atão muitas partes tendinoſas, que ſe articulão pela parte ſuperior com o oſſo da canela.

O oſſo coronario he de huma figura quaſi quadrada, eſtá ſituado entre a coroa do caſco N. 38., e o oſſo da quartela: elle tem ſeis faces, huma ſuperior, huma inferior, huma anterior, huma poſterior, e duas lateraes.

Na parte ſuperior tem eſte oſſo duas faces cartilaginoſas, e na parte inferior duas eminencias tambem cartilaginoſas, que fórmão o ſeu entalhe: eſte oſſo he hum pouco concavo poſteriormente, e fórma no referido entalhe duas bordas deſiguaes: na face anterior he hum pouco convexo, e deſigual, e da meſma ſorte nas partes lateraes, e na parte inferior. Elle ſuperiormente ſe articula com o oſſo da quartela N. 37., e inferiormente com o oſſo da palma N. 41.

O

O oſſo da palma eſtá ſituado junto á parte inferior do oſſo coronario : a ſua figura he ſemelhante ao coronario, e na parte ſuperior fórma tres faces na ſua circumferencia, huma anterior convexa, e huma inferior concava, e a poſterior deſigual, e oval. Na parte ſuperior he polido, e tem tres eminencias, huma na parte anterior, em que ſe prende o tendão extenſorio, e duas nas partes lateraes, em que alguns ligamentos ligão eſte oſſo ao coronario : elle entre as ſuas eminencias tem duas chanfraduras, que dão paſſagem a alguns vaſos ſanguineos.

Na parte inferior concava ſe prende o tendão flexorio, que articula o coronario, e o oſſo da palma, detrás da qual junta, ou articulação eſtá hum oſſo menor, chamado oſſo da naveta : dão-lhe eſte nome, porque ſe parece no ſeu feitio com eſte inſtrumento: fortalece elle a junta, que ha entre o coronario: he pequeno, e tem duas faces lizas, e polidas na parte ſuperior, e nas ſuas bordas ſe atão fortemente os ligamentos, extenſorio, e flexorio para fortalecer a junta do coronario, e da palma.

## *Das extremidades poſteriores.*

AS pernas cada huma ſe compõe de dez partes ; a ſaber : Femur N. 70., Soldra N. 73., Tibia N. 72., Jarrete N. 74., Curvilhão N. 83., Canela da perna N. 81., Travadouro do jarrete N. 76., Coroa do caſco do pé N. 79., Oſſo do pé, e Naveta N. 78. Adverte-ſe que eſtes dous ultimos nomes vão debaixo de hum ſó numero, porque com ambos ſe nomeia a meſma junta.

O oſſo do femur he o maior, e mais groſſo do corpo do Cavallo, divide-ſe elle em corpo, e extremidades, o ſeu corpo he lizo, e deſigual: nelle poſteriormente ha huma criſta, que parte da extremidade ſuperior até á inferior, e por iſſo fórma duas faces, huma da parte poſterior, e outra da parte lateral externa ; e na parte poſterior tem huma cavidade, que dá paſſagem a huma arteria, a huma veia, e a hum nervo.

Na parte ſuperior deſte oſſo ha quatro eminencias, e outras tantas cavidades. As eminencias são conſideraveis, e a principal he a chamada *Teſta do Femur*, que ſe inclina hum pouco para as tres, a fim de ſe articular na cavidade da face inferior do ſacro : as tres são ſituadas interiormente, como inclinadas huma apôs das outras, huma he ſuperior, a outra menor, e a ultima alguma couſa ainda mais pequena. Na primeira ſe prende o ligamento rod, o qual he curto, groſſo, e compoſto de milhares de fibras unidas, e por iſſo fortiſſimo ; e entre as tres ha tres chanfraduras formadas para a articulação da referida teſta do Femur.

Na parte inferior da primeira articulação N. 72. ha no Femur ſemelhantes eminencias, e ſemelhantes cavidades, que ſe articulão na junta da Soldra N. 73., e na parte ſuperior da Tibia, em que ſe prendem os ligamentos lateraes, ſe bem que todas são alguma couſa menores que as ſuperiores.

Na Soldra N. 73. ha hum oſſo, que tem duas faces, huma interior convexa, e deſigual, e huma poſterior em parte liza, que fórma quatro angulos, hum ſuperior, hum externo, hum interno, e outro inferior: o inferior he obtuſo, e nelle ha huma criſta tranſverſal, em que prendem alguns ligamentos deſta junta.

O oſſo da Tibia he de huma figura priſmal, elle fórma tres faces, huma externa, outra interna, e huma poſterior: tem mais huma criſta anterior, huma interna, e outra externa. Na parte ſuperior deſte oſſo ha ſinco eminencias, duas na parte anterior, duas na poſterior, e huma externa N. 72.: neſta prendem os ligamentos da Soldra: ellas são ſeparadas por huma cavidade, que dá paſſagem aos referidos ligamentos para ſe irem prender por partes tendinoſas das cabeças poſteriores até ao eſporão. Ha entre eſtas eminencias duas chanfraduras pela parte externa: huma dá paſſagem ao tendão; e a outra ás veias arteriaes.

O corpo deſte oſſo do primeiro N. 72. até junto ao N. 83. he lizo, e polido nas faces externas; e nas internas tem hum buraco por onde paſſa huma arteria, huma veia, e hum nervo.

A parte inferior deſte oſſo vem a finalizar quaſi quadrada, e por conſequencia tem huma face anterior, huma poſterior, huma interna, e outra externa; e tem duas eminencias lateraes, e huma poſterior, que ſe articulão com o oſſo da polé, ou do jarrete, e fórmão duas cavidades cartilaginoſas ſeparadas por huma criſta, que ajuda a referida articulação.

O oſſo do jarrete eſtá ſituado atrás da articulação do curvilhão: he de huma figura longa, e á ſemelhança da boca de hum jarro, tem huma face lateral externa, huma poſterior, e huma interna: a ponta ſuperior N. 74. he deſigual, e dá paſſagem ao tendão principal. A face interna deſte oſſo he concava, e marca quatro faces cartilaginoſas, para ſe articular com o oſſo da polé na parte lateral; e na externa tem huma chanfradura para a referida articulação; e na parte inferior he eſte oſſo cartilaginoſo para ſe articular com os de toda a junta.

Os oſſos da junta do curvilhão N. 83. montão ao numero de ſete; a ſaber: Jarrete, Polé, Roda ſuperior, Roda inferior, a Fórma, o Articular, e o Entre oſſo: as ſuas juntas são unidas por oppoſtas eminencias, cavidades, chanfraduras, e cartilagens, todas neceſſarias para ſe formar o movimento deſta junta do curvilhão.

Ao curvilhão ſegue-ſe a canela N. 81. A ſua figura he alguma couſa cylindrica, e vai em declinação para a parte poſterior: o ſeu corpo he pouco poroſo, e lizo, a extremidade ſuperior he maior, a inferior menor: entre as duas faces da parte poſterior tem hum aqueducto, que dá paſſagem a huma arteria, a huma veia, e a hum nervo.

A extremidade ſuperior he cartilaginoſa, e cavada pelos lados: deſta cavidade paſsão algumas veias, que ramificão a canela. Na parte poſterior tem quatro eminencias cartilaginoſas, debaixo das quaes ſe une a canela aos eſporões, ou eſtes á ſua face; e pouco abaixo do N. 85. ha duas chanfraduras, huma por hum, e outra pelo outro lado da canela, pelas quaes paſsão veias de todo o genero.

A extremidade inferior he cartilaginoſa, e ſemelhante á ſuperior: tem nos lados duas groſſuras, em que ſe prendem os ligamentos lateraes. No machinho do jarrete N. 86. ha dous oſſos atrás do oſſo da canela, chamados *Satelêtes*, que fortificão a junta. Na frente da junta inferior da canela ha duas pequenas eminencias N. 77., que ſe articulão com o oſſo da quartela.

O

O oſſo da quartela tem na parte ſuperior cavidades, e eminencias, que ſe engradão nas eminencias, e cavidades da extremidade inferior da canela.

O oſſo coronario do pé he quaſi quadrado, he forte, pouco poroſo, e nas extremidades lizo: elle ſe articula com o oſſo da quartela, e com o oſſo do pé.

O oſſo do pé, e a naveta são ſemelhantes ao oſſo da palma: articulão-ſe com o oſſo coronario, bem aſſim como ſe articulão ſemelhantes oſſos; que já diſſemos ha dentro no caſco da mão. Advertindo que não ſuppomos os eſporões do Femur, e pungentes das canas, tibias, e canelas divididos, porque em tal caſo ſeriamos obrigados a reduzir os oſſos minimos a numero, muitos dos quaes em alguns Cavallos são imperceptiveis, poſto que os buſquem nos ſeus proprios lugares.

## *Numero dos oſſos do corpo do Cavallo.*

| | | | |
|---|---|---|---|
| OSſos da cabeça - - - - - | 25. | Oſſos das pernas - - - - - - - | 16. |
| Oſſos da eſpinha - - - - - | 47. | Oſſos dos joelhos - - - - - - | 14. |
| Oſſos de coſtelas - - - - - - | 36. | Oſſos de curvilhões - - - - - | 14. |
| Oſſos do bacim - - - - - - - | 6. | Satelêtes dos travadouros da mão - | 4. |
| Oſſos das mãos - - - - - - - | 16. | Satelêtes dos travadouros dos pés - | 4. |
| | | | 182. |

## *Das Cartilagens em geral.*

AS Cartilagens são huns corpos brancos, elaſticos, menos duros que os oſſos, e algumas hum pouco mais duras que todas as outras partes do corpo do Cavallo, á excepção dos oſſos: ellas são alguma couſa tranſparentes, ou diafanas, ſituadas em differentes extremidades dos oſſos, e em diverſas articulações, ou juntas. Ha duas ſortes de Cartilagens da primeira ordem, humas articulares, e outras, que ſe produzem fóra das articulações.

A primeira ſorte de Cartilagens eſtá unida ás extremidades dos oſſos longos, em que ha engradação: eſtas Cartilagens são lizas, polidas, e bem unidas ao oſſo, e não são compoſtas de huma ſó parte: ellas ſe diſtinguem tambem nos buracos, pelos quaes em algumas partes ſe conduzem alguns vaſos ſanguineos, e muitos ſe movem ſobre Cartilagens, que lhes são contiguas.

A ſegunda ſorte de Cartilagens obſerva-ſe ſobre alguns corpos dos oſſos, para unir, e formar corpo a algumas partes delicadas, como são os ouvidos, orelhas, ſoacos, &c. Ha outras Cartilagens, que ſervem para ajudar a conduzir os fluidos já da Laringe, e Trachea, já das partes internas das ventas, e outras partes delicadas: ordinariamente ellas são unidas aos oſſos por ligamentos, ou fibras, que ligão as juntas.

Ha tambem huma grande multidão de Cartilagens nos vaſos ſanguineos, que differem humas de outras na ſua figura, e preſtimo. Ha outra eſpecie de Cartilagens, que participão dos ligamentos, como são as de entre as articulações do Femur para a Tibia, a Cartilagem ligamentoſa, intermediaria da queixadá inferior, e as das extremidades de alguns tendões, que são em parte cartilaginoſos.

As

As Cartilagens do oſſo externo unem por cada lado ſeis ternilhas, que prendem as coſtelas: eſtas Cartilagens cercão em torno o oſſo externo da parte anterior N. 28. até á poſterior do ſegundo N. 31.

A palheta da eſpadua na borda ſuperior N. 26. tem huma Cartilagem larga, e forte que a rodeia: he, como o oſſo, convexa exteriormente, e concava interiormente, como já ponderámos: na parte ſuperior tem alguns pequenos póros, que ſervem de paſſagem a alguns vaſos ſanguineos. Exteriormente he ligada a Cartilagem da palheta por hum ligamento forte, que naſce da eſpinha da palheta, e abraça em torno a Cartilagem, que ſe une ao perioſte da palheta. A face interna he mais tenue, e une-ſe ao oſſo por fibras ligamentoſas, que partem dos angulos da palheta para lhe ajudar a fazer as ſuas funções.

As juntas das quartelas nas coroas dos caſcos das mãos, e pés são reveſtidas de huma Cartilagem que as endireita, e une pela parte ſuperior, e inferior. He o travadouro N. 48., e as juntas N. 43., e N. 38. compoſtas de differentes partes unidas por pequenas fibras ligamentoſas, que por alguns póros ſe introduzem no oſſo da quartela, no oſſo coronario, no oſſo da palma, naveta, ſuaco, e tapa, &c. advertindo que as Cartilagens, tanto das mãos, como dos pés, eſtão prezas aos oſſos exteriormente por fibras, que procedem das eminencias dos oſſos, ſejão da quartela da mão N. 37., ou da quartela do pé N. 76.

## *Dos Ligamentos em geral.*

OS Ligamentos são porções de fibras muito duras, e fortes, flexiveis, e elaſticos. Huns são longos, e redondos, exteriormente unidos em roda das articulações, e outros são á maneira de cordões, e tambem alguns são chatos: o preſtimo de todos os ligamentos he conter algumas partes moles, e prender as partes duras humas ás outras.

Ha duas ſortes de ligamentos: huns são compoſtos de fibras parallelas formadas como de pequenas partes ſeparadas, deſtinados a prender os oſſos, e partes moles para elles fazerem diverſos movimentos, e funções: outros mucilaginoſos, como os tendões nas extremidades, &c.

Para as ligaduras dos oſſos ha differentes eſpecies de ligamentos; a ſaber: ligamentos lateraes, e ligamentos caſulares: advertindo que ſe chama ligamento caſular aquelle, que une outros a ſi. Ha ligamentos contrapoſtos, ligamentos tranſverſaes, e ligamentos ſuſpenſorios: a maior parte deſtes ligamentos ſe prendem em oſſos ſólidos para os fazer móveis, bem aſſim como a Tibia N. 72., e a Soldra N. 73., a Quartela N. 77., e o Coronario N. 79., a Queixada ſuperior N. 18., e a inferior N. 20., a articulação ſuperior do curvilhão N. 83., e a inferior N. 82., &c.

Deſtes ligamentos huns são communs, e outros proprios. Os communs são: o ligamento vertebral ſuperior, o ligamento vertebral inferior, o ligamento commum do oſſo externo, e os ligamentos das articulações dos joelhos, e dos jarretes, &c. Os ligamentos proprios são o caſular dos Omoplatos N. 26. até ao Femur N. 70. Os ligamentos das partes moles tem differentes fórmas, e huns são com-

communs, outros particulares: ha outros longitudinaes, outros rectos, e outros tranſverſaes.

Os ligamentos na ſua côr são huns amarellados, e outros brancos. Os primeiros vão prender nos muſculos da parte baixa do ventre N. 57., e nas frentes das pontas dos Omoplatos N. 27.: e os ligamentos, que prendem os oſſos, tambem são deſta natureza, e os brancos fórmão quaſi todas as prizões das partes moles, &c.

A queixada inferior he unida á ſuperior nas eminencias N. 20. junto ao oſſo das ſaleiras atrás das temporaes por dous ligamentos, hum poſterior, e hum caſular: o poſterior prende atrás da eminencia Zigomatica, e vai-ſe terminar atrás da eminencia da articulação.

O caſular prende nas bordas cartilaginoſas de hum, e outro oſſo, e as ſuas prizões são em parte cartilaginoſas, e em parte ligamentoſas, e elles tem huma fórma quaſi redonda, e ovada, que dá á queixada a facilidade de maſtigar.

Os dous ramos dos oſſos da baſe da lingua communicão-ſe com os oſſos temporaes por huns ligamentos lateraes ſemelhantes aos ligamentos caſulares, que fazem concorrer diverſos a hum meſmo fim.

A cabeça na parte local N. 6. he unida á primeira vertebra do peſcoço N. 19. por hum ligamento caſular, e outro longitudinal, que ſe conduzem pelo N. 21. O caſular prende na eminencia da articulação do Occipital, e na borda ſuperior da primeira vertebra do peſcoço. O longitudinal prende na parte inferior do Occipital entre as duas eminencias da ſua articulação, e na primeira vertebra do peſcoço.

As vertebras são ligadas por ligamentos communs, e particulares. Os communs são os ligamentos vertebral ſuperior externo, e o ligamento vertebral inferior interno: o externo principia da eminencia do Occipital até ao fim da eſpinha: elle da ſegunda vertebra cervical vai unindo a ſi muitas fibras com que ſe engroſſa, de ſorte que da quinta vertebra para diante por hum, e outro lado das cervicaes vai cada vez mais forte, e largo, até ſe unir, e prender na primeira vertebra do Thorax N. 53., e ſe continúa por hum, e outro lado da eſpinha, diminuindo em groſſura, e largura, até fenecer na ponta da cauda N. 68., como já fica notado, em huma eſpiral.

O ligamento vertebral interno liga, e une as vertebras do eſpinhaço, e lombos: elle he de huma conſtituição alguma couſa differente do vertebral externo, e participa da natureza dos ligamentos articulares, para extender, e ter direito o corpo das vertebras até ao oſſo ſacro.

## *Dos Ligamentos das Vertebras em particular.*

A Primeira vertebra do peſcoço he unida do Occipital á ſegunda por quatro ligamentos; a ſaber: hum caſular, dous longitudinaes, hum inferior, outro ſuperior, e hum tranſverſal.

O ligamento caſular vai-ſe atando ás bordas das articulações de todas as vertebras. O longitudinal ſuperior vai-ſe prendendo por ſima do ligamento lateral, e ca-

caſular, na parte ſuperior das eminencias das referidas vertebras pela parte ſuperior N. 21. O longitudinal inferior vai prender ás vertebras pela parte inferior N. 23.

A terceira vertebra eſtá ligada á primeira, e ſegunda por tres ligamentos; a ſaber: dous caſulares, que ſe prendem nas circumferencias das eminencias obliquas, e hum que de entre ambos ſe prende no corpo das vertebras com huma porção de fibras circulares, que ſe diſtribuem pelo corpo das vertebras do peſcoço para ellas andarem collocadas em boa ordem.

As vertebras do Thorax, eſpinhaço, e lombo são continuadamente prezas por ligamentos caſulares, que as vão prendendo nas eminencias obliquas, e por ligamentos intermediarios, que vão unindo os ſeus corpos em todos os ſeus lados. A' ultima vertebra lombal, que eſtá unida pelos referidos ligamentos longitudinaes ao oſſo ſacro. Os oſſos da cova são juntos por ligamentos intermediarios, &c.

As coſtelas já diſſemos ſe dividem em verdadeiras, e falſas: as verdadeiras são pela parte ſuperior unidas ás vertebras do Thorax N. 53., e da inferior ao oſſo externo. As falſas são aquellas, que ſe unem ás vertebras do eſpinhaço, e ás ternilhas do ventre N. 55.

As verdadeiras são na parte ſuperior unidas, além dos ligamentos longitudinaes, por dous ligamentos lateraes, e pela parte inferior ſe unem ao oſſo externo por dous ligamentos lateraes, que prendem nas eminencias tranſverſaes do Thorax na face cartilaginoſa que ha em cada eminencia tranſverſal de cada vertebra; e deſcendo junto a cada coſtela, vão prender na parte baixa juntos por huma membrana caſular, que os une ás ternilhas do oſſo externo, e por hum ligamento particular de cada coſtela, que prende immediatamente o caſular no oſſo externo.

O Bacim eſtá junto ao oſſo ſacro, e á face interna do oſſo Ilion por dous grandes ligamentos extramediarios, os quaes são em parte cartilaginoſos. O oſſo Pubis he contrapoſto ao Sacro na parte baixa entre o Ilion, em que participa dos ligamentos do Sacro, e Ilion.

## *Dos Ligamentos da palheta da eſpadua, e do oſſo do braço.*

A Palheta da eſpadua na parte ſuperior N. 26. eſtá unida ao Thorax por ligamentos proprios, e da meſma ſorte o oſſo do braço. A eſpadua eſtá junta inferiormente ao Omoplato N. 27., e ao oſſo do braço N. 50. por hum ligamento caſular, que prende ſimplesmente na borda exterior da cavidade glinoides, e da parte ſuperior N. 25. aos ligamentos longitudinaes, e entrecoſtaes. As ſuas fibras são groſſas, e obliquas deſde o N. 26. para o N. 27. O ligamento caſular he forte, redondo interior, e poſteriormente, conduzido de fibras reunidas, que fórmão dous cordões, que vão por hum, e outro lado da eſpinha da palheta ſendo mais largos, e partem ambos do N. 25. até ao N. 27., &c.

O oſſo do braço he unido ao radio, ou cubito por tres ligamentos; a ſaber: hum caſular, hum lateral externo, e hum lateral interno. O ligamento caſular une a ſi tres ligamentos fortes, entre os quaes ſe deſcobre huma grande quantidade de glandulas, e na parte anterior do oſſo ha huma eminencia, em que ſe prende huma

ma membrana larga, que paſſa ſobre a articulação, e ella pela parte anterior ſe vai prender, e terminar nas bordas, e cartilagem da cana, ou radio, e poſteriormente ſe ata da cana do braço ao codilho em huma borda cartilaginoſa, que ſe vai terminar no cubito; e neſta parte he o ligamento menor que na anterior.

O ligamento lateral externo he á maneira de hum cordão redondo, e forte, que ſe ata de huma parte na face do oſſo do braço, e do codilho, e aſſim forte ſe divide em duas partes, a mais curta paſſa ſobre o caſular, e a outra junto ao caſular, e vão prender na cana N. 33., e no cubito N. 49.

## *Dos Ligamentos do joelho.*

OS ligamentos dos joelhos huns são communs, e outros proprios. Os communs são ſeis: o primeiro he caſular, o ſegundo, o terceiro, o quarto, e o quinto são obliquos, e o ſexto he direito.

O ligamento caſular paſſa pela parte inferior N. 45., e vai ramificar as juntas dos oſſos dos joelhos N. 34., de maneira que ſe confunde com os ligamentos lateraes, com quem ſe vai terminar, e prender na parte ſuperior do oſſo da canela. Eſte ligamento caſular he ſenſivel na parte interior do joelho N. 45., e em que ha huma multidão conſideravel de fibras tranſverſaes, que prendem as fibras rectas. A membrana interna dos ligamentos do joelho he liza, e fórma huma prizão, em que ſe ſepara para ſe atar, ou prender aos differentes oſſos do joelho. Na parte poſterior do ligamento caſular ha hum compoſto de differentes fibras ligamentoſas, que fortificão os tres tendões, e oſſos do joelho, de ſorte que ſerá difficultoſo diſtinguillas dos ligamentos particulares.

Os ligamentos obliquos são quatro, dous internos, e dous externos. O primeiro dos internos eſtá prezo na parte interior da canela, e paſſa com os mais ligamentos, com quem ſe confunde até ao lateral direito.

O ſegundo eſtá prezo na parte lateral da cana, e da canela, alguma couſa poſteriormente, paſſa por ſima do primeiro, e vai-ſe terminar na parte lateral hum pouco adiante no oſſo da canela.

Os ligamentos obliquos externos ſó differem dos internos em não ſe dividirem como elles, antes partem da parte inferior da cana N. 33., e vão-ſe terminar na parte ſuperior lateral externa da canela N. 35., havendo-ſe ligado por muitas fibras com os oſſos da junta do joelho.

São os oſſos da junta do joelho tenues, e por iſſo o Supremo Author da natureza determinou que foſſem bem ligados, não ſó pelos ligamentos, de que já fizemos menção, mas por mais quatro ligamentos tranſverſaes, e quatro lateraes, que todos ligão a junta á cana, e á canela, como os já referidos. O oſſo irregular lateralmente eſtá prezo a hum ligamento forte, que ſe ata na parte inferior da cana. Eſte oſſo irregular tambem ſe prende por hum ligamento tranſverſal na parte lateral do oſſo triangular.

O oſſo triangular por outro ſemelhante ligamento ſe prende á parte lateral do oſſo ſemilunar, e todos eſtes ſe unem por huma grande porção de fibras liga-

mentoſas, que ſahem do ſegundo ligamento obliquo lateral interno para o prender bem ſobre o ſemilunar.

O grande uniforme he junto ſuperiormente ao oſſo irregular, e o alcança da borda ſuperior á inferior por huma ſucceſſiva porção de fibras ligamentoſas, participadas dos ligamentos obliquos lateraes externos, e internamente eſtá ligado ao tapizado por hum ligamento tranſverſal. O tapizado eſtá unido ao pequeno uniforme por hum ligamento tranſverſal, e muitas fibras participadas dos ligamentos do grande uniforme.

O corco, ou curvo N. 45. eſtá exteriormente junto ao irregular por muitas fibras ligamentoſas, e por hum forte ligamento, que ſe extende pelas extremidades deſte oſſo até á parte ſuperior do oſſo da quartela junto ao N. 43.

Os oſſos minimos eſtão ſituados entre os ligamentos obliquos para diviſão das fibras ligamentoſas tranſverſaes, que ligão os oſſos do joelho á cana, e á canela, formando delles, por aſſim dizer, quaſi hum meſmo oſſo, que engradado por eſte modo, fórma de todas eſtas partes a junta N. 34.

O oſſo da canela N. 35. eſtá junto ao oſſo da quartela N. 37. por dous ligamentos lateraes, e hum ligamento caſular. Os lateraes eſtão prezos na parte inferior do oſſo da canela junto ao machinho da quartela N. 43. O caſular he ſenſivel por toda a cana, e canela N. 44. até á articulação da quartela: elle ſe liga tranſverſalmente com toda a junta N. 36., e fortalece as ſuas partes cartilaginoſas, &c.

Os oſſos minimos da junta da quartela eſtão ſituados entre dous ligamentos fortes chamados longitudinaes, que paſsão pelos lados poſteriores do oſſo da quartela, e prendem na parte ſuperior do oſſo coronario.

O oſſo coronario não ſó eſtá ligado pelos ligamentos, de que havemos tratado, mas por mais dous lateraes, e por hum caſular, que pela parte ſuperior ſe unem ao tendão extenſorio da mão, e da outra á quartela, ao coronario, á naveta, e ao oſſo da palma. A parte inferior do coronario eſtá junta ao oſſo da palma por dous ligamentos lateraes, e hum caſular.

O oſſo da noz, ou naveta eſtá ligado ao oſſo da palma por dous ligamentos fortes, e largos, que ſe prendem pela parte ſuperior ao tendão flexorio da mão; e as outras vão-ſe prender nas bordas ſuperiores da naveta, e pela parte inferior nas ſuas muitas extremidades cartilaginoſas, &c. e todas eſtas ligaduras, juntas, e articulações, de que havemos tratado, contribuem para os diverſos movimentos das mãos.

Os ligamentos, que unem o Femur ao Bacim, são dous: hum ſuſpenſorio, e hum caſular: o ſuſpenſorio vai prender na cavidade da coxa na parte inferior do Bacim, em que faz huma pequena ſeparação junto a huma chanfradura, e concavidade, que ha neſta parte, donde ſe vai prender na teſta do Femur: eſte ligamento he largo, e ajuda o movimento da elevação.

O ligamento caſular prende-ſe em torno da borda da cavidade da coxa a hum ligamento tranſverſal, que ſe fórma neſta cavidade, e depois ſe vai terminar com huma forte prizão na teſta do Femur: o preſtimo deſte ligamento he ſegurar o oſſo grande dentro na articulação.

O

O ligamento tranſverſal prende-ſe na parte interior interna da cavidade grande do oſſo Pubis, e Ilion, e ſe vai terminar na parte poſterior da ſua cavidade, havendo abraçado os ligamentos da articulação do Femur, e Bacim.

A articulação do Femur com a Tibia ſe faz por dous ligamentos lateraes, e por hum poſterior, e hum caſular: os lateraes são, hum interno, e hum externo, que ſe vão prender, e terminar na face interna da Tibia defronte do N. 71. Em dous ligamentos cruzados deſcança a cabeça interna do Femur, os quaes eſtão prezos a huma chanfradura profunda, que ha atrás do referido oſſo do Femur, na qual joga a eminencia da articulação, e eſtes dous ligamentos são extremados por huma cartilagem, que ſe articula na cabeça do Femur.

O ligamento caſular com huma porção de fibras ligamentoſas fortes, prende na parte poſterior do Femur, e nas ſuas eminencias internas, e da borda da ſua articulação ſe vai terminar nas partes cartilaginoſas da Soldra N. 73.

O ligamento da rodela da Soldra prende a referida rodela ſobre a junta N. 73. para defenſa da junta, e dos tendões, e principios de alguns muſculos delicados da coxa da perna, e elle da eminencia do Femur vai prender por diante da rodela na Tibia.

O ligamento commum prende na parte lateral interna, e da rodela da Tibia abraça algumas fibras, e muito principalmente as do ligamento tranſverſal, com as quaes ſe vai prender na eminencia da Tibia. O preſtimo dos ligamentos proprios, e communs todos ſabem ſe dirige a reſiſtir á violenta contracção dos muſculos internos, e externos.

O curvilhão tem ligamentos communs, e ligamentos proprios. Os ligamentos communs são quatro, dous lateraes, hum caſular, e hum poſterior. Os ligamentos lateraes são hum externo, e outro interno: o externo vai junto ao oſſo da Tibia prender no jarrete N. 74., e ao oſſo da canela na cavidade externa N. 85. O ligamento interno he mais curto, que o externo, e prende-ſe na parte inferior da Tibia N. 83., donde paſsão muitas fibras, que ſe vão prender na cabeça ſuperior interna do oſſo da canela.

O ligamento caſular dividido em duas partes fortalece interiormente a articulação do curvilhão, cujo ligamento deſce das extremidades cartilaginoſas da Tibia até ao oſſo da canela; e junto ao N. 83. ſe une aos ligamentos lateraes, que vão prender no oſſo do jarrete. O ligamento poſterior por muitas fibras prende os oſſos da junta, e vai-ſe prender no principio da canela pouco abaixo do N. 85.

Os ligamentos da quartela, e do pé são da meſma qualidade, e natureza: elles ligão a quartela á canela, e ao coronario em roda da articulação, deixando ſómente paſſagem aos tendões, veias, e nervos, que ao diante diremos ſe conduzem até dentro do caſco.

## *Dos Muſculos em geral.*

OS muſculos são huns orgãos fibroſos, que communicão ao animal a faculdade de ſe mover, e por iſſo deſtinados a varios uſos. Elles dão ajuda ao ſangue para a continuação do ſeu impulſo, movimento, e circulação, favorecem a digeſtão dos alimentos, e facultão a entrada do ar pela Trachea aos Bronquios, e mais orgãos da reſpiração. Elles permittem os movimentos voluntarios, os involuntarios, e os miſtos, de que depende o animal, quando os ſeus orgãos são na diſpoſição de movimento, ſeja univerſal, ou particular.

## *Da Eſtructura dos Muſculos.*

OS Muſculos ſe compõem de hum grande numero de fibras tranſverſaes, diverſamente unidas; ou para melhor dizer, cada Muſculo são muitas fibras delgadas, brancas, e polidas, reunidas em torno para formar huma extremidade, a que chamão Tendão, ou dilatação membranoſa. A dureza do tendão moſtra ſer elle huma collecção de fibras muſculoſas. Os Muſculos, que não ſe prendem aos oſſos, são as tunicas muſculares, os dos verterres, e os das veias. Os Muſculos, que ſe atão nos buracos, e póros das articulações, acabão em tendões longos junto ás extremidades móveis, as ſuas fibras são ligadas por collecções membranoſas, que admittem hum ſucco fluido de natureza oleoſo, cujas fibras ligão, e graſsão por todos os Muſculos do corpo.

Nos Muſculos ha huma quantidade prodigioſa de nervos, arterias, veias, e vaſos linfaticos, de que percebem o ſucco, e ſubſtancia. As fibras nervias fazem a organização perfeita, e dellas reſulta o equilibrio de todas as partes do corpo.

Logo que o Cavallo vai formar qualquer movimento, os ſeus Muſculos ſe comprimem, e fórmão huma elaſticidade, que ſe lhes communica do principio vital, e força da contracção: finalmente, para o Cavallo andar, depende do equilibrio, e da união dos Muſculos.

## *Dos Muſculos proximos á pelle.*

OS Muſculos mais proximos á cutis são quatro; a ſaber: hum, que cobre as coſtelas, e o baixo ventre; outro, que cérca o peſcoço com parte da eſpadua, e deſce pelo braço até á canela; outro, que ſe extende do principio do Thorax pela eſpinha, e polpas do Femur até ao curvilhão: e o quarto finalmente que cobre as faces até á teſta.

A cavidade do baixo ventre he formada ſuperiormente pelas vertebras lombaes: anteriormente pelo diafragma, e pelas ultimas coſtelas do Thorax: poſteriormente pelo oſſo do Bacim: inferiormente pelos Muſculos da pelle. Tem o baixo ventre ſinco Muſculos de cada lado: o grande obliquo, o obliquo deſcendente, o pe-

pequeno obliquo, e o obliquo aſcendente, a quem ſe unem tres Muſculos direitos, e tres tranſverſos dos lombos.

## *Dos Muſculos da cabeça, do peſcoço, e dos lombos.*

OS principaes Muſculos da cabeça são o da face N. 17., o das ventas N. 10., o dos lados das eſpinhas das ventas N. 11., o dos olhaes N. 4., e os das orelhas N. 6.: além deſtes ha na cabeça dos Cavallos outros menores. A queixada inferior tem dous Muſculos, que fórmão parte da face, os quaes tem principio do N. 20., paſsão carnoſos pelo N. 17., adelgação junto ao N. 18., e vão formar a barbada do N. 14. até ao N. 13. Ha na queixada inferior alguns Muſculos menores, que unidos aos de que fazemos menção, todos reveſtem a referida queixada.

A lingua he hum Muſculo compoſto de muitas fibras, e da meſma ſorte o padar, ou paladar, como dizemos em outra parte. Na teſta ha oito Muſculos, ſinco extenſorios, e tres flexorios.

O peſcoço tem vinte e ſete Muſculos; a ſaber: doze extenſorios, ſete flexorios, e oito lateraes.

As vertebras do eſpinhaço são unidas tambem por tres Muſculos, que as prendem por hum, e outro lado: o primeiro chama-ſe *Entrecoſtal*, ou *Dorſal*, e os dous chamão-ſe *Eſpinhaes*.

O Muſculo *Dorſal* he forte, principalmente da ſegunda coſtela N. 25. para o Omoplato N. 26.: prende-ſe na terceira eminencia das vertebras do Thorax entre o N. 25., e o N. 53.: ata-ſe, e confunde-ſe com os Muſculos da eſpadua, primeiro, e ſegundo chamados *Triangular*, e *Rhomboide*, e depois fórma huma dilatação membranoſa, que ſe vai prender aos Muſculos eſpinhaes, ao Dentado interior, pela ſua parte membranoſa, donde algumas das ſuas fibras vão terminar-ſe na parte anterior das vertebras do Thorax.

O preſtimo deſte Muſculo he fazer elevar as coſtelas, logo que a reſpiração entra pela Trachea.

## *Dos Muſculos da reſpiração, da cauda, da verga, e dos teſticulos.*

O Muſculo chamado *Dentado* prende-ſe aos Muſculos eſpinhaes debaixo do N. 25., e continua-ſe até á decima vertebra; e por huma grande membrana elle ſe vai confundir com o Muſculo obliquo do baixo ventre.

O ſeu preſtimo he ajudar a abaixar as coſtelas no movimento da reſpiração: advertindo que todos eſtes Muſculos ſe ligão aos Muſculos Entre-coſtaes por muitas fibras.

Os Muſculos da cauda, e falſas vertebras são dez: quatro ajudão a levantar a cauda, quatro a fazem abaixar; e dous lateraes, que tem as referidas vertebras, as ſegurão direitas humas ſobre outras, e lhes dão movimento para os lados, e por iſſo elles são mais fortes.

A verga compõe-se de tres Muſculos, hum poſterior, e dous lateraes, que ſe atão : o poſterior por fibras delicadas ao orificio do inteſtino recto , e os dous lateraes aos angulos poſteriores do oſſo *Echion.* O muſculo poſterior dá á verga movimento para ſima, e os lateraes dão-lhe movimento para os lados.

Os teſticulos são ſuſtentados por dous Muſculos , que ſe compõem de hum tendão membranoſo do iliaque do Bacim : tem a ſua origem na união do Crimaſtre, ou Muſculo ſuſpenſorio: he forte , e tem origem na união dos Muſculos do baixo ventre, e vai-ſe terminar na parte inferior dos teſticulos N. 59. junto á membrana que os cérca, e embrulha, &c.

O orificio do inteſtino recto compõe-ſe de tres Muſculos : hum que fecha, hum que abre , e hum que fórma o circulo : eſte he compoſto por huma grande collecção de fibras circulares, e algumas longitudinaes.

## *Dos Muſculos da eſpadua.*

OS Muſculos da eſpadua são ſeis; a ſaber: o *Triangular*, o *Rhomboide*, o *Revelante*, o *Trapezio*, o *Dentado*, e o *Peitoral.*

O primeiro he de huma figura triangular : eſtá ſituado na parte ſuperior da eſpadua : principia do ligamento cervical na terceira eminencia das vertebras dorſaes até á terceira eminencia da quarta vertebra. As ſuas fibras do N. 26. para o N. 27. degenerão em hum tendão , que ſe termina ſobre a eſpinha do Omoplato. Eſte Muſculo ajuda a levantar a eſpadua.

O ſegundo Muſculo chamado *Rhomboide* deſce pela frente da eſpadua , prende nas eminencias da terceira, quarta, e quinta das vertebras dorſaes, e ſe termina por dous tendões carnoſos na parte interna do Omoplato N. 27. Eſte Muſculo ajuda a avançar a eſpadua para diante.

O terceiro Muſculo chamado *Revelante* he quaſi redondo , e de huma figura pyramidal : parte do ligamento cervical , e por fibras tendinoſas vai prender nas extremidades interiores , e ſuperiores do Omoplato. Eſte Muſculo ſerve tambem de levar a eſpadua para diante, e para os lados, &c.

O quarto Muſculo dito *Trapezio* eſtá ſituado junto á membrana do Muſculo da cola entre o N. 21., e o N. 25., e cobre o ſegundo Muſculo na parte ſuperior. De huma parte ſe prende por algumas porções carnoſas á membrana , e tendões do ligamento cervical até á primeira vertebra , e da outra parte eſtá prezo por duas pranchadas de fibras ao Muſculo commum , e aſſim vai prender nas eminencias tranſverſaes das vertebras cervicaes, e vai-ſe terminar finalmente por huma larga membrana junto ao tendão eſpinhal. Eſte Muſculo faz elevar o Omoplato N. 27.

O quinto Muſculo dito *Dentado* he largo, e forte , e o mais conſideravel da eſpadua: corre ſobre a palheta , e ata-ſe por dez fibras carnoſas ás ſinco primeiras vertebras do Thorax : apôs iſſo communica-ſe na parte baixa com o grande obliquo , e na parte alta com os ligamentos das ſinco primeiras coſtelas , e com os muſculos entre-coſtaes. As referidas dez fibras carnoſas tambem ſe atão ao largo

Den-

Dentado, e por fibras tendinoſas ás eminencias das vertebras cervicaes, e vão terminar-ſe na borda ſuperior da cavidade do Rhomboide. O preſtimo deſte tendão he abaixar, e aprumar a palheta ſobre o Omoplato, eſte ſobre o oſſo do braço, e o oſſo do braço ſobre a cana, aprumando huns ſobre outros, para ſer mais fixo o ſuſtentaculo do braço.

O ſexto Muſculo, que he o peitoral, he longo, e groſſo: eſtá ſituado na parte anterior da eſpadua: ata-ſe na parte anterior lateral externa á borda das cartilagens das tres primeiras coſtelas, e vai terminar em hum tendão curto na borda ſuperior, e anterior do oſſo do braço N. 50. O preſtimo deſte Muſculo he ajudar a baixar, e a prumar o Omoplato entre a palheta, e o oſſo do braço.

## *Dos Muſculos do Braço, da Canela, da Quartela, dos Machinhos, e do Oſſo Coronario.*

O Braço move-ſe para diante, para ſima, para trás, para a direita, e para a eſquerda, por effeito de doze Muſculos. Os primeiros tres chamão-ſe *Relevantes*, porque o fazem levantar a eſpadua; os outros tres chamão-ſe *Rectos*, porque o fazem aprumar; e os ſeis, tres de cada lado, ſervem de fazer mover o braço para a direita, e para a eſquerda, e por iſſo alguns lhe chamão *Flexorios diagonaes*.

Tem mais o braço do N. 27. até ao N. 32. ſete Muſculos, dous Flexorios, e ſinco Extenſorios, que ſe ligão por muitas fibras aos doze já referidos.

No joelho ha tres Muſculos, dous Flexorios, e hum Extenſorio. Os Flexorios he hum externo, e outro interno.

O externo ſe prende por muitas fibras tendinoſas no oſſo do braço N. 50., e deſce em augmentação de volume pela face externa dos cubitos a formar hum tendão conſideravel, que ſe divide em duas partes, huma das quaes ata na borda ſuperior do corco, ou curvo N. 45., e a outra deſce hum pouco mais a prender na cabeça da canela letra A pouco aſſima do N. 44.

Na canela ha quatro Muſculos, hum Extenſorio, dous Flexorios, e hum Interior. O Extenſorio prende na parte inferior da cana: he forte, paſſa por ſima do Muſculo extenſorio do joelho, e por hum ligamento tendinoſo particular vai prender na parte interior, e ſuperior do oſſo da canela.

Os Flexorios na parte inferior da cana deſcem por hum, e outro lado do radio, e por hum tendão forte vão prender ao poſterior na parte ſuperior da canela; e o interior rege, e ramifica o joelho até á parte inferior da canela: elle fórma huma pequena dilatação membranoſa, que ſe prende por muitas fibras ao Perioſte, e á parte inferior do oſſo da canela N. 43. O preſtimo deſte Muſculo he ajudar a comprimir as juntas N. 45., e a do N. 43., e N. 42.

Fórma a Quartela N. 36. huma articulação ſemelhante á do joelho N. 77., e os ſeus movimentos são produzidos em parte por hum Muſculo Extenſorio, e hum Flexorio. O Extenſorio prende na parte ſuperior lateral da canela, e vai-ſe terminar na parte interior, e ſuperior do oſſo da Quartela N. 37. O Flexorio he hum pou-

pouco mais carnoſo: o ſeu tendão he forte, prende-ſe na parte ſuperior, e poſterior da canela, divide-ſe em dous fortes tendões, que ſe prendem na parte ſuperior do oſſo da Quartela.

O Machinho N. 43. he hum adjunto de vaſos linfaticos: compõe-ſe de dez Muſculos, que fazem dous pequenos corpos unidos de huma figura pyramidal, e ſe atão por dez fibras carnoſas na parte lateral interna do tendão Flexorio N. 43., e produzem dous tendões pequenos, que vão prender no oſſo Coronario N. 38. pela parte interna, e externa.

O oſſo *Coronario* tem hum Muſculo proprio, e hum tendão commum, com que ſe prende ao oſſo da palma. Finalmente os Muſculos do braço ſe conhecem pelos ſeguintes nomes: o *Cubital*, os *Flexorios externos*, os *Flexorios menores*, o *Flexorio interno*, e os *Radiaes*, &c.

## *Dos Muſculos do Femur, e ſeus adjacentes.*

O *Femur* articula-ſe com o oſſo do Bacim, donde ſe move para diante, para trás, para hum, e outro lado com mais, e menos inclinação: produzem-ſe eſtes movimentos por effeito de quatorze Muſculos, tres Extenſorios, dous Flexorios, dous addictos aos Extenſorios, dous adjutorios, dous Flexorios, e quatro do gyro. Os Extenſorios são o grande Extenſorio, o pequeno Extenſorio, e o Extenſorio menor. O preſtimo deſtes Muſculos he baixar as ancas, logo que a perna tem avançado, e da meſma ſorte aprumar os oſſos do Femur, e da Tibia huns ſobre outros até ao Curvilhão, depois do cavallo haver recuado, avançado, ou ubilicado.

Os Muſculos Flexorios são o Grande Flexorio, e o Iliaque. O preſtimo deſtes Muſculos he comprimir a curva da perna de ſima do Bacim até ao Curvilhão para avançar para diante.

Os Adjutorios ſe nominão, hum *Pequeno adjutorio*, e outro *Pequeno eſcarnado*, ou *Nu*. O preſtimo deſtes Muſculos he puchar, e comprimir a cocha de hum, e outro lado.

Os Muſculos da curva da perna são: hum grande, e hum menor, chamados da *Nadega*. Eſtes Muſculos ſe prendem no oſſo Sacro, e vão ſempre em diminuição de largura terminar-ſe por hum tendão forte, que ſe une ao tendão principal N. 71. O ſeu preſtimo he ajudar a comprimir a curva, e eſtender a perna.

Ha mais quatro Muſculos na curva da Nadega: o primeiro prende-ſe na circumferencia do Pubis, e na parte poſterior, e ſuperior do Femur. O ſegundo prende-ſe na face interna do oſſo Iſchion, e vai-ſe confundir com o Sacro ciatico. O terceiro, e quarto prendem-ſe no oſſo Ilion, do meſmo modo que os precedentes, e confundidos ſe prendem no Femur, na Tibia, e no Tendão principal. O preſtimo deſtes Muſculos he fazer recuar a perna.

## *Dos Muſculos, que dão movimento ao pé.*

OS Muſculos, que fazem mover o pé, são doze: tres, que o fazem extender para diante; hum, que o faz dobrar o travadouro; quatro, que o fazem mover para a direita; e quatro, que o fazem mover para a eſquerda: advertindo que não obſtante prenderem-ſe os outros Muſculos, de que já tratámos em diverſas partes da perna, de todos ſe conduzem fibras a eſtes Muſculos, que fazem mover o pé.

## *Dos Muſculos do Jarrete, da Canela, da Quartela, e do Oſſo Coronario.*

NO *Jarrete* ha quatro Muſculos: hum, que o ajuda a extender, quando a perna ſe levanta; dous, que o ſuſtentão de hum, e de outro lado; e hum, que o une á junta.

A *Canela* tem hum ſó Muſculo, que por duas ligaduras ſe ata ás eminencias da junta inferior do Femur: prende-ſe em hum buraco, que ha no oſſo da Tibia, deſce junto com o Flexorio do Jarrete, e paſſa á parte interior do oſſo da canela, por onde ſe diffunde por ella.

Na *Quartela* ha tres Muſculos, o *Flexorio maior*, e os dous *Flexorios menores*. O primeiro prende-ſe ás faces dos oſſos irregulares; e junto ao N. 77. ſepara-ſe em dous tendões, que ſe terminão na parte ſuperior, e poſterior do oſſo da Quartela.

Os dous menores são longos, e ſe prendem aos lados do precedente, que circundão a face poſterior do Flexorio, e vão terminar nas partes lateraes do oſſo da referida Quartela.

O oſſo *Coronario* tem hum Muſculo, que o ata ao oſſo da Quartela, e vai-ſe terminar na parte inferior do Coronario unido ao Flexorio do pé.

Os Muſculos, o feitio, e diſpoſição dos oſſos todos são antagoniſtas huns dos outros, quero dizer: ſe o Muſculo pucha o cubito para dobrar o braço, o ſeu antagoniſta pucha o meſmo oſſo para o extender, e por iſſo tem huns feitio oppoſto aos outros.

Os Muſculos, que movem oſſo, tem antagoniſtas, que os puchão para partes oppoſtas; porém os Muſculos circulares não movem oſſo algum, e ſervem ſó para alargar, e apertar algum orificio circular, como são os das Pupillas dos olhos, os do inteſtino recto, e outros: advertindo que neſtas meſmas partes ha huns que fechão, e outros que abrem: e até nos orificios ſe juſtifica ſerem os Muſculos huns antagoniſtas dos outros.

## *Do Cerebro.*

DEntro do Cranio ſe contém o *Cerebro*. O Cranio pela parte de fóra he forrado com huma membrana chamada *Pericranio*, e pela parte de dentro he tambem forrado com duas membranas, ou pelles chamadas *Meninges*: entre huma,

e outra ha mais huma pelle delicada chamada *Arachnoides*. A membrana mais exterior, que toca no Cranio, chama-ſe *Dura mater*, e a mais interior *Pia mater*: huma, e outra conſtão de muitas veias, a que ſe chama tambem *Rede admiravel*. A Dura mater no meio do cerebro faz huma dobra para dentro com que divide o cerebro em lado dircito, e eſquerdo: eſta dobra na parte que fica para a teſta he mais aguda, e para trás he mais larga, de modo que o ſeu feitio he ſemicircular, e por iſſo ſe denomina *Foice*. Debaixo deſtas membranas eſtão o cerebro, e o cerebelo: o cerebro com a dobra da Dura mater, chamada *Foice*, ou *Falſa meſſoria*, ſe divide em dous hemiſferios. A ſubſtancia exterior do cerebro he molle, e a porção mais interior, a que chamão *A medulla do cerebro*, he mais ſolida, e branca.

Tem o cerebro quatro cavidades principaes, ou ventriculos: duas ficão na frente da teſta debaixo do N. 8., e as outras duas ficão huma de cada lado, a terceira do lado eſquerdo he mais profunda: nella eſtá a Glandula Pineal, e o Plexo Choroides: a glandula tem o feitio de huma pinha, e o Plexo he hum mólho de muitas veias, e arterias juntas. A quarta cavidade fica entre o cerebelo, e a medulla oblongada: chama-ſe *Corpo Caloſo*, que em fórma ſemicircular junta a parte direita do cerebro com a eſquerda.

O cerebelo tambem ſe divide em parte direita, e eſquerda: conſta de huma porção molle como o cerebro, e deſta porção a mais interior chama-ſe *Medulla do cerebelo*, cuja he huma parte muito mais pequena.

Ao cerebelo ſegue-ſe a *Medulla oblongada*, que he huma continuação do cerebro, e do cerebelo, poſto que de huma ſubſtancia mais dura: he veſtida, como o cerebro, das tres membranas, que procedem da Dura mater, da Pia mater, e da Arachnoides: eſta Medulla oblongada enche o Cranio na parte alta N. 6., de ſorte que chega ao buraco do toutiço, e dahi ſe envia pelo interior das vertebras do peſcoço á eſpinha, e cauda, a que chamão a *Medulla eſpinhal*. Se bem que alguns a toda eſta Medulla do cerebro até á cauda, que já diſſemos fica no fim do eſpinhaço, chamão *Medulla oblongada*. O cerebro he huma ſubſtancia branca, e ella he principio, e origem de todos os eſpiritos animaes, dos nervos, muſculos, e membranas do corpo do Cavallo, aſſim interiores, como exteriores.

A *Glandula pineal* eſtá continuamente recebendo novas emoções para communicar pelo orgão Mobil ao cerebro, cujo orgão he redondo, e largo, e por elle ſe communica grande parte da virtude ſenſitiva a todas as partes do corpo do Cavallo. A ſua ſubſtancia pela parte externa he membranoſa, e pela interna medullar.

## *Das partes, de que ſe compõe a cabeça.*

COmpõe-ſe a cabeça do Cavallo de Cutis, Gordura, Membrana carnoſa, Cranio, Piricranio, Dura mater, Pia mater, Rede admiravel com os ſeus vaſos, e cavidades, a Glandula pineal com o ſeu orgão, e os nervos que ſe envião a todas as partes do corpo.

*Dos*

## *Dos Ouvidos.*

OS Ouvidos ſe compõem de oſſos, muſculos, tunicas, veias, arterias, nervos, e cartilagens conduzidas pelo ſeu aqueducto, que á maneira de caracol traſpaſſa por junto dos oſſos petroſos parietaes, e oſſo coronal até ao cerebro, para ſe formar na ſua máquina o ſentido de ouvir, como em outro lugar dizemos.

## *Dos Olhos, da primeira, ſegunda, terceira Tela, e das Lagrimaes.*

OS Olhos, inſtrumentos da viſta, são collocados parte entre o oſſo Coronario, e parte entre os Capillares, e entre os petroſos. Na parte interior da cavidade dos olhos ha hum pequeno oſſo polido, mas deſigual, que ſe une ao Cranio, e aos mais que fórmão a referida cavidade, chamado *Rotundo*, o qual tem ſinco buraces: os dous mais proximos á frente do Cranio são por onde ſe conduzem os nervos opticos para a viſta, e os munctorios para as lagrimas; e os tres he por onde ſe conduzem as Tellas, que involvem os humores dos olhos.

A primeira Tella naſce de entre as fibras, que vão ao Pericranio: chama-ſe *Lactea* por ter a ſua côr branca: ella contém o uſo de ajuntar no orificio rotundo as mais tunicas, de que ſe compõem os olhos.

A ſegunda Tella naſce da Dura mater: he luſtroſa pela parte interior, e opaca pela poſterior, involve em ſi os humores dos olhos: he craſſa, e duplicada pela parte interna, e chama-ſe pela tranſpiração, e variedade de côres, que repreſenta, *Iris*.

A terceira, que vai formar a Retina, he huma textura da Pia mater, e nervo Optico, he ſubtil, e cryſtallina, e inſeparavel do humor cryſtallino; e poſto que as referidas tunicas, ou Tellas ſejão conhecidas por diverſos nomes, ellas são ſómente tres.

Nos olhos ha tres humores: o primeiro chama-ſe Aqueo, porque he ſemelhante á clara de ovo, e eſtá ſituado entre a Lactea, e a Cornea. O ſegundo he Cryſtallino, e eſtá collocado no meio dos centros dos olhos; pela parte poſterior he Vitreo, como tambem pelos lados: elle he o principal orgão da viſta, a ſua figura he eſferica, e o ſeu lugar entre a tunica Cornea, e a Retina. O terceiro humor he totalmente vitreo: a ſua ſubſtancia he fluida, e occupa os lados do cryſtallino. Tem os olhos parte oleoſa, para o ſeu movimento não conſumir as particulas humidas, de que são em grande parte compoſtos.

Nas Lagrimaes N. 1. ha huma collecção de fibras glandinoſas, que recebem a humidade excrementicia, que baixa do cerebro aos olhos. Quando eſtas fibras ſe comprimem, humedecem-ſe os olhos, e arrojão de ſi lagrimas. Iſto ſuppoſto, as tunicas, de que fizemos menção, conſervão os tres humores que dizemos; e a pintura da viſta dentro das retinas ſe faz, como em outro lugar temos notado.

Humas das partes, de que ſe compõe a cabeça do Cavallo, são os dez pa-

res de nervos, que della ſe envião a todas as partes do corpo, e elles ſe diſtribuem pela maneira ſeguinte.

I. O primeiro par de nervos tem origem, como todos os outros, no cerebro: elle vai terminar-ſe no olfacto, e ſe eſpalha pela membrana Petuitaria até ao N. 10., havendo-ſe diffundido pelos orgãos principaes deſte ſentido.

II. Os do ſegundo par vão ter aos olhos, chamão-ſe nervos Opticos: elles parecem dous cordões brancos cylindricos, que paſsão pela baſe do Cranio junto ao Fenoides, entrão pela Orbita, e vão-ſe diſtribuindo pelos globos dos olhos até á Retina.

III. O terceiro par compõe-ſe de fios delicados, que ſe unem ao cordão do quinto par por tres ramos principaes, que ſe communicão ao pequeno Obliquo.

IV. O quarto par naſce da parte ſuperior lateral da Medulla oblongada, e vem-ſe unir ao cordão do quinto par: entra pelo buraco da queixada, donde ſe diſtribue pelas faceiras, e beiços, e ajuda a mover algumas partes do Grande Obliquo.

V. O quinto par he conſideravel: elle ſe eſpalha pela lingua, pelas ventas, e outras partes, e vai finalizar no Muſculo commum.

VI. O ſexto par divide-ſe em alguns ramos: huns vão á raiz do nervo entrecoſtal, outros ao perioſte, e finalmente alguns ſe conduzem pela orbita a varios muſculos, &c.

VII. O ſetimo par he conſideravel: reparte-ſe em varios ramos, huns vão á queixada inferior, outros aos ouvidos, e ſe eſpalhão pelas cavidades do labyrintho, outros vão á concavidade da boca, outros prendem-ſe aos muſculos das faces, e ao paladar.

VIII. O oitavo par fórma huns pequenos ramos, que alguns ſe unem ao nervo Eſpinhal: communica-ſe com os muſculos da lingua, com os muſculos do peſcoço, penetra por alguns lugares interiores do Peito, e Ezofago, e outras importantes partes, &c.

IX. O nono par junto ao Occipital ſe divide em ramos, que ſe communicão ás Queixadas, ao muſculo da lingua, á Laringe, e ao quinto par.

X. O decimo par naſce na parte inferior da Medulla oblongada: divide-ſe em ramos junto ao Occipital, para ſe diſtribuir aos muſculos da teſta, e do peſcoço. Todos eſtes dez pares de nervos ſe eſpalhão por partes muito delicadas, e minimas, e tambem por partes mais, e menos delicadas, mas fortes ſe communicão a todos os nervos, muſculos, perioſtes, cutis, e mais partes do corpo, &c.

## *Da divisão dos Nervos.*

QUando hum nervo ſe divide em ramos, fica ſeparado em partes chatas, que ſe compõem de humas porções de fibras maiores, outras menores, conforme a grandeza da parte que ſe ſepara.

Os nervos eſtão veſtidos de duas pelles, que são huma continuação da Dura mater, e da Pia mater: por dentro das ſuas fibras ſe move a parte mais eſpirituoſa

do

do ſangue, a que chamão *Eſpiritos animaes*, poſto que a ſubtileza dos referidos eſpiritos he tal, que ſe não ſujeita a exame; mas ſe elles não paſſaſſem, não poderião por meio delles encher-ſe os muſculos quando trabalhão.

Nós já diſſemos que os muſculos são huma collecção de fibras carnoſas, que de huma, e outra parte ſe terminão com huns como cordões de fibras muito fortes, a que chamão *Tendões*, e pelo muſculo de cada Tendão ſe communica hum nervo até ao cerebro; e o Tendão que ſe prende no oſſo, e o faz mover, chama-ſe *Cauda do muſculo.*

A acção dos muſculos nos movimentos eſpontaneos depende da alma animal, cujos eſpiritos animaes intruſos nas arterias, fazem encher as fibras, ou ventres dos muſculos do ſangue arterial, ou eſpiritos animaes, para ſe formarem os movimentos dos muſculos.

O ſangue mais eſpirituoſo, e ſubtil ſe recolhe pelos raminhos das veias, que eſtão diffundidas pelos muſculos; e com o alterno movimento do gyro do ſangue tornão ao coração, para novamente da cabeça pelos nervos excitarem outra nova acção nos muſculos.

Já deixámos notado que o tronco do corpo do Cavallo ſe divide em duas regiões: a do Peito, ou Thorax, que ſe comprehende no eſpaço que rodeião as coſtelas, e região inferior chamada *Ventre*, ou *Abdomen.* No peito eſtá o Coração, e os Bofes o acompanhão por hum, e outro lado. Os bofes dependem dos vaſos da reſpiração, que deſde a boca deſcem ao peito. Eſtes vaſos tem o nome de *Trachea*, ou *Aſpera arteria*, junto a ella ſe conduz o Ezofago, ou Guela, que deſde a boca vai até ao bucho.

## *Da compoſição do Peito.*

HE o Peito huma cavidade, em que reſidem os membros eſpirituoſos: elle tem o ſeu principio do encontro das claviculas N. 28., e ſe continúa até ao Diafragma: tem pela parte baixa o oſſo Externo N. 31., a quem ſe unem as coſtelas, e aſſim tambem ſe compõe de parte Externa, e Interna.

A parte Externa comprehende a cutis, ou pelle algumas partes das membranas carnoſas, e do oſſo externo, como tambem os ſeus omoplatos da eſpadua, vertebras, e coſtelas.

Os muſculos do Thorax, inſtrumentos do movimento do peito, são oitenta e quatro: huns são externos, outros internos, como já diſſemos.

## *Da compoſição do Eſpinhaço.*

AS juntas nervoſas, e partes, de que ſe compõe o Eſpinhaço, tem muſculos, nervos, e partes cartilaginoſas, que enchem muitos eſpaços dos ſeus eſpondes, ou vertebras, e coſtelas até ao oſſo externo. As vertebras são huma continuação de oſſos com hum feitio, e tal diſpoſição, que o Cavallo ſe póde mover bem para os lados, ſem que ellas lhe conſintão mais que hum pequeno movimento

pa-

para baixo, e para ſima, como já deixámos notado, não obſtante as muitas ligaduras, que dellas ſe envião pelas coſtelas ao oſſo externo.

As vertebras do peſcoço principião, como deixámos notado, da junta da nuca N. 19.: ellas ſe continuão até á cruz, ou vertebras do Thorax N. 25., e eſtão unidas por meio de huma ſucceſſiva ligadura, que lhes permitte o já referido movimento. O feitio dos ſobreditos ſete oſſos, de que ſe compõe o peſcoço do Cavallo, tambem concorre muito para elle ter o movimento já referido, ainda que por elle ſe continuem ligaduras ás claviculas, e oſſo externo.

## *Continua-ſe a tratar das partes do Peito.*

TEm o Cavallo tambem huma membrana groſſa, e nervoſa, que lhe rodeia o peito chamada *Pleura.* Apôs ella ſe ſegue a membrana chamada *Mediaſtino*: he delgada, e reparte o peito em lado eſquerdo, e lado direito, a qual ſe vai unir ás extremidades da Pleura.

Os Omoplatos do oſſo externo são humas ſemelhanças de palas nervoſas nas extremidades do referido oſſo, em que ſe une a Pleura.

As Claviculas são as duas primeiras coſtelas N. 28. no ſeu feitio alguma couſa ſemelhantes ás outras, as quaes ſe unem huma á outra debaixo do Numero já referido.

O oſſo Externo he, como já diſſemos, alguma couſa ſemicircular na ſua figura, alcança das claviculas N. 28., em que principia o ſeu Omoplato, e o oſſo principia do N. 31. ſuperior, e continua-ſe até ao N. 31. inferior.

## *Do Calor natural, dos Eſpiritos Vitaes, dos Animaes, e do Coração.*

TOdos ſabem que o calor natural he o governo do corpo, ou da vida. Elle agita a ſubſtancia eſpirituoſa, para que a vida ſe poſſa dilatar, e da meſma ſorte faz com a ſua actividade ir communicando aos ligamentos, medullas, e muſculos hum humido ſubtil, e oleoſo, que ſe chama *Humido radical.* Elle he huma ſubſtancia aſſidua ſeminal, que com o calor, e movimento ferve, creſce, e ſe augmenta. Eſta ſubſtancia eſpirituoſa jámais eſtá firme, antes diſcorre por todas as partes do corpo, já baixando, já ſubindo, ou nadando nas partes fluidas, e liquidas: domina toda a máquina organica, em que ſe conſerva aſſim fyſicamente o calor natural, cujo humido radical, e ſeminal tem a ſua origem no cerebro.

Os *Eſpiritos Vitaes* tem origem na ſubſtancia ſeminal vegetativa, e deſcem do cerebro ao coração, em que ſe introduzem no ſangue, para ſe diffundirem por toda a região do corpo, arterias, veias, e mais conductos.

Os *Eſpiritos Animaes* tem da meſma ſorte a ſua origem no cerebro: deſcem delle ao coração, e mais officinas principaes, como em outros lugares ſe pondera, e bem aſſim como os Vitaes ſe conduzem a todas as partes do corpo.

A vida fyſica todos ſabem he huma luz, que eſtá em todas as creaturas, cuja

luz

luz lhe communicou o ſupremo Creador, por iſſo os eſpiritos naturaes conſervão a vida nutritiva, e vegetativa: e do cerebro ſe derramão como benignos raios por toda a região corporea organica, de que emana a vida ſenſitiva.

Do humido radical, e da ſubſtancia material percebe o corpo do Cavallo a nutrição: e aſſim como o corpo humano vive pela racionalidade da alma intellectiva, aſſim ſe póde dizer que os eſpiritos animaes são quem vivifica o Cavallo, e lhe preſtão forças, actividade, e movimento.

Os Eſpiritos ſenſitivos, ſem participação dos vitaes, e naturaes, são humidos.

Os Eſpiritos naturaes, ſem a miſtura dos eſpiritos ſenſitivos, são cálidos, e ſeccos, porque a ſua ſubſtancia he acre, e adſtringente; e por iſſo quando as ſubſtancias de todos os eſpiritos são juntas com proporção, os Cavallos poſſuem huma ſaude benefica, e temperada.

O *Coração* eſtá no meio do peito, os boſes o acompanhão: elle tem em ſima huma glandula chamada *Timo*, que eſtá cheia de linfa, e algumas vezes de quilo.

Todos ſabem que a figura do Coração he conica, e pyramidal. He juſto não ſe ignore ſer elle huma membrana compoſta de fibras delicadiſſimas, as quaes unidas, e entretecidas, fórmão eſta membrana com todos os ſeus vaſos, e ductos, que a conſtituem o depoſito principal dos eſpiritos vitaes, ou vivificantes do corpo do Cavallo.

O *Mediaſtino* he huma pelle membranoſa, tranſparente, que reparte o peito em lado direito, e eſquerdo: fica pela parte direita do coração, e por iſſo elle obriga a cuſpide, ou ponta do coração a inclinar-ſe para a parte eſquerda: he iſto bem perceptivel, pois logo que o coração ſe dilata, bate nas coſtelas, e o ſentimos palpitar junto ao ſovaco eſquerdo N. 56.: ſuſtenta-ſe o coração no meio do peito obrigado das prizões com que o ſuſpende o Mediaſtino, e o Pericardio. Eſte he hum como ſacco, o qual rodeia o coração em torno cheio de hum fluido, que ajuda o ſeu movimento, e he tambem o coração ſuſpendido pelos troncos das veias, e arterias que delle naſcem.

Tem o coração na ſua baſe duas cavidades: huma chama-ſe *Ventriculo direito*, outra *Ventriculo eſquerdo*. O Ventriculo direito he mais largo, e menos profundo, e o Ventriculo eſquerdo he profundo, de ſorte que chega quaſi á ponta do coração. Separão-ſe eſtes dous Ventriculos hum do outro com huma porção de fibras, em que ha interiormente varias pequenas cavidades.

## *Das Veias, e Arterias.*

DIſſemos que naſcem do coração *Veias*, e *Arterias*, e todos ſabem que na baſe do coração ha quatro grandes canaes por onde o ſangue entra nelle, e ſahe. Dous chamão-ſe *Arterias*, e dous chamão-ſe *Veias*: pelas Arterias ſahe o ſangue do coração, e pelas Veias ſe conduz o ſangue a entrar nelle.

No Ventriculo direito ha huma Veia, e huma Arteria. A Veia chama-ſe *Veia ca-*

*cava*, e a Arteria chama-ſe *Arteria pulmonar*. A Veia reparte-ſe em dous ramos: hum, que ſe conduz á cabeça; outro, que ſe conduz pelo Thorax, e vai aos bofes.

O Ventriculo eſquerdo tem outra Veia, e outra Arteria: a Veia chama-ſe *Veia pulmonar*, e ella traz o ſangue dos bofes ao coração: a Arteria chama-ſe a *Grande Arteria*, que reparte o ſangue por todo o corpo.

## *Dos movimentos do coração, das ſuas valvulas, e fibras.*

O Coração tem dous movimentos alternadamente: ao primeiro chamão *Syſtole*, e ao ſegundo *Diaſtole*. O Syſtole he huma contracção, com que o coração eſpreme os ſeus ventriculos, e lança o ſangue com força pelas arterias. Quando o coração ſe comprime, neceſſariamente fica mais comprido, e então he que bate nas coſtelas, ao que chamão palpitação: o ſegundo movimento chamado Diaſtole fórma-ſe quando o coração ſe dilata, e ſe enche de ſangue: elle então fica mais largo, e por conſequencia mais curto.

No Syſtole ſahe o ſangue ſómente pelas duas arterias, porque o coração tem duas valvulas, que deixão entrar o ſangue das veias para o coração; mas não o deixão ſahir ſenão pelas arterias.

A Veia cava, e a Veia pulmonar vasão o ſangue nas auriculas do coração, cujas auriculas são duas cavidades, que tem as orelhas, que ficão na entrada dos ventriculos, onde ſe entroncão as Veias, e tambem tem Syſtole, e Diaſtole; porém ás avéſſas daquelles, que diſſemos tem os ventriculos do coração; de maneira, que quando os ventriculos ſe comprimem, as auriculas ſe dilatão: elles com a ſua compreſsão vasão o ſangue, e as auriculas com a ſua dilatação o recebem para o vaſar, ou deixar introduzir nos ventriculos no proximo diaſtole, e por eſte modo ſe encontrão os movimentos dos ventriculos com os movimentos das auriculas.

A Auricula Direita tem tres valvulas, que ſe chamão *Treſcuſpidaes*, e a Auricula Eſquerda tem duas, que ſe chamão *Mitraes*. Eſtas valvulas com o ſeu feitio, e movimento deixão entrar o ſangue para o coração; mas não o deixão ſahir, como já diſſemos.

As valvulas Mitraes, ou Treſcuſpidaes eſtão pegadas ao coração por humas fibras tendinoſas, que obrigão a tapar com as valvulas a ſahida do ſangue para as veias.

As Arterias tambem tem valvulas, que deixão ſahir o ſangue para fóra dos ventriculos do coração; mas não o deixão entrar para dentro delle, as quaes valvulas são ſemicirculares: ellas deixão ſahir o ſangue com impeto no tempo do Syſtole do coração, cujo ſangue pára no eſpaço, em que os ventriculos ſe tem vaſado, e as valvulas lhes tapão a entrada, por iſſo o ſangue ſahe do coração ás golfadas pelas arterias; e tambem eſſe he o motivo, por que ſó nas referidas arterias ſe ſentem os impulſos da palpitação, que nas veias ſe não percebe.

O grande muſculo, de que ſe compõe o coração, tem duas ordens de fibras, humas que o comprimem, outras que o dilatão; e quando o Cavallo ſe eſforça com

com movimentos mais violentos, os eſpiritos ſe agitão mais; e paſſando de huma a outras fibras, fazem o movimento da palpitação mais violento, e apreſſado.

Eſta he a grande, e maravilhoſa fábrica do Coração, e as ſuas partes, ou vaſos mais principaes, conſiderados em commum, cuja delicada fábrica tem hum movimento alterno, e delle dependem todos os eſpiritos animaes, por iſſo nós temos dito ſe apertem os Potros, principalmente as primeiras vezes, com moderação; e ainda depois dos Cavallos eſtarem coſtumados a ſer apertados, os deitem primeiro á guia, para que a agitação do impeto, e do furor não lhes fomentem a moleſtia, a que chamão *Congocha*, já pelas cauſas ditas, já por lhes fazer grande effeito o aperto nas Vertebras do thorax, e Omoplatos do oſſo externo.

Finalmente, as partes internas do peito mais principaes são o Coração, o Pericardio, a Veia Cava, a Arteria pulmonar, a Veia pulmonar, a Grande Arteria, a Trachea, e o Ezofago, os Bofes, o Mediaſtino, e o Diafragma.

## *Differença do movimento do Sangue, das Veias, e Arterias, e da conſtrucção dellas.*

REpartem as Arterias o ſangue do coração por todo o corpo, e as Veias o tornão de todas as partes delle a conduzir para o coração. Sahe o ſangue (como diſſemos) ás golfadas; mas como faz gyro dilatado, he repartido o ſeu movimento por diverſas partes, principalmente em entrando nas capillares, onde ſe unem as arterias com as veias: elle ſe conduz ſem ſe alterar, como nas arterias, porque os capillares são tenuiſſimos, e depois vão alargando cada vez mais para o corpo da veia, e ſem dúvida o ſangue ha de perder a força dos intercadentes impulſos que conſerva nas arterias.

Arteria he hum aqueducto, ou cano oco, e largo, que conſta de quatro tunicas, as quaes humas ſobre outras fórmão o canal por onde corre o ſangue: a mais interior he de huma ſubſtancia nervoſa, a ſegunda he muſculoſa, a terceira he fibroſa, e cinge com as ſuas fibras as arterias; e a quarta conſta de muitos nervos, e vaſos ſanguineos.

A Arteria Pulmonar do ventriculo direito vai aos Bofes: a Grande Arteria ſahe do ventriculo eſquerdo, e logo della ſe dividem dous ramos, hum aſcendente, outro deſcendente: o aſcendente ſobe por junto das vertebras do peſcoço á cabeça, e ſe reparte pelas partes ſuperiores della: o deſcendente por hum, e outro lado do ventre ſe conduz ás ancas, e dellas até aos pés: eſtas Arterias ſe dividem em ramos, huns grandes, outros menores, e outros tenuiſſimos: dellas ſe vai repartindo o ſangue por todas as entranhas, e membros por onde vão paſſando, cujos ramos quanto mais ſe apartão do coração, mais ſubtís, e delicados vão ſendo.

As veias são huns canos ocos mais, e menos largos, que conſtão de tres tunicas, a primeira mais externa chama-ſe *Vaſculoſa*, a ſegunda *Celluloſa*, e a que ſe lhe ſegue *Muſculoſa*: eſta conſta de muitas fibras circulares, que embaração ao ſangue por meio de muitas valvulas o retroceder para trás.

As tunicas aſſim das Arterias, como das veias ſó ſe podem ver com microſcopio.

## *Valvulas das veias.*

NAs veias, que vão do coração para baixo, e nas que deſcem das vertebras do peſcoço, e das ancas, ſervem as Valvulas para embaraçar que o ſangue com o ſeu movimento, e pezo perturbe a ordem das circulações, nas veias que ſobem para ſima: ſervem as Valvulas, para que os movimentos violentos do Cavallo não fação retroceder no ſangue a ordem do ſeu movimento.

A Veia Pulmonar recebe dos Bofes o ſangue, que por elles ſe diffunde da Arteria Pulmonar.

## *Divisão da Veia Cava.*

DA Veia Cava em ſahindo do ventriculo direito ſe dividem dous ramos: hum, que vai para a cabeça com o ramo da Arteria, de que já fallámos; e outro, que ſe reparte pelas eſpaduas, pelos braços, e mais partes do corpo. O reſto da Veia Cava, que he hum ramo maior, ſe divide em Veias Coronarias, que á maneira de coroa rodeião o coração, e depois ſe vão dividindo em ramos, de maneira que ſe eſpalhão por todas as partes do corpo do Cavallo, pois que todo o corpo ſe nutre do ſangue.

Os ultimos ramos aſſim das Arterias, como das Veias, são tão delicados como cabellos, e tão multiplicados, que ſe não podem contar: por iſſo entre os ultimos raminhos arteriaes, e os das Veias fazem os das arteriaes anaſtomoſes com os das Veias para o ſangue immediatamente paſſar das Arterias para as Veias. Finalmente eu não faço menção de todas as Arterias, e Veias, por me não parecer iſſo ponto eſſencial, e tambem por não ſer faſtidioſo no ſyſtema breve, que vou ſeguindo.

## *Moſtra-ſe que couſa he o Sangue, e a ſua circulação.*

EM ſahindo o Sangue do coração pela Grande Arteria, ou Ahorta, ſahe do ventriculo eſquerdo, e logo de lá naſcem dous pequenos ramos, que chamão *Arterias Coronarias*, que rodeião o coração.

A Arteria divide-ſe em dous ramos grandes, que ſe chamão *Ahorta Aſcendente*, que ſobe á cabeça; e Deſcendente, que ſe conduz por todas as Arterias ás ultimas extremidades do corpo do Cavallo, em que, como já diſſemos, fazem as Arterias capillares anaſtomoſes, com que ſe communicão aos raminhos ultimos das Veias, que vem deſembocando em ramos cada vez maiores até á Veia Cava, que he groſſa, e deſemboca no ventriculo direito do coração, em que introduz o Sangue no Diaſtole, o qual no Syſtole ſeguinte ſahe do ventriculo direito pela Arteria Pulmonar, vai aos bofes, corre por todas as ramificações das ſuas Arterias, e dellas paſſa para as Veias dos Bofes, por onde ſe vai conduzindo pela Veia Pulmonar ao ventriculo eſquerdo do coração, em que entra por meio do Diaſtole, e torna no Syſtole ſeguinte a ſahir pela Ahorta; e continuando aſſim, gyra, e faz o ſeu

mo-

movimento, ſahindo do coração pelas Arterias, e recolhendo-ſe a elle pelas Veias: iſto ſe juſtifica, pois em ligando huma Veia, incha a parte que fica mais diſtante do coração; e ligada huma Arteria, incha a parte que eſtá mais perto do coração.

Finalmente o Sangue corre do coração para todo o corpo pelas Arterias, e torna pelas Veias ao coração; e poſto que pareça que o Sangue ſe dilatará grande eſpaço de tempo, diſcorrendo pelo corpo do Cavallo, primeiro que torne ao coração, he engano; pois, ſegundo as averiguações de Ogan, Kulmo, Cowper, e outros muitos, em hum minuto faz hum gyro inteiro em toda a primeira região: pelo que ſe póde ſuppôr gaſtará menos de dous minutos em toda a ſegunda.

De todo o alimento, que o Cavallo come, ſe conſerva no corpo a parte util para a nutrição: ella ſe converte em quylo: eſte quylo tem quaſi a côr, e propriedades do leite, porque ſe compõe de partes oleoſas, partes pingues, e partes ſalinas: eſtas partes com o calor do coração, e dos vaſos do ſangue ſe agitão, e ſe involvem as particulas oleoſas, pingues, e ſalinas, de maneira que tomão huma diverſa configuração, tranſtornando-ſe toda a materia quyloſa de branca em vermelha com a força do movimento, calor, e ar.

## *Vaſos mais principaes por onde ſe filtra o ſangue.*

A Circulação, e movimento do ſangue ſe dirige a fazer nutrir os membros do corpo do Cavallo, cujo ſangue paſſando por diverſos filtros, ſe vai ſeparando de alguns humores. As partes, ou filtros principaes do ſangue são o *Pancreas*, o *Figado*, o *Baço*, e os *Rins*.

O *Pancreas* he huma entranha, que fica junto ao bucho: a ſua figura he mais comprida que larga, e pelas partes baixas tem algumas glandulas, em que ſe ſepara do ſangue o ſucco pancreatico: eſte humor entra junto com a bilis no inteſtino duodeno, que tem no prancreas o ſeu principio, cujo humor pancreatico facilita a digeſtão dos alimentos.

No *Figado* ha huma bexiga do feitio de huma pera, vulgarmente chamada Fel, onde ſe contém a colera, que no Figado ſe ſepara do ſangue. Primeiramente o Figado he huma entranha á maneira de ſangue congelado: o ſeu lugar he pouco abaixo do diafragma: eſte diafragma ſepara a região do peito da região do ventre: elle fica mais ao lado direito, e compõe-ſe de duas partes maior, e menor; e eſta parte menor abraça por ſima parte do bucho, e do pancreas. He o Figado no centro groſſo, e para as extremidades mais, e mais delgado: ſobrepõe a extremidade da parte maior alguma couſa ſobre a menor; e na parte interior mais groſſa, em que ha eſte ſobrepoſto, eſtá a bexiga do Fel: eſta bexiga tem quatro membranas, tres proprias, e huma commua a todo o Figado: na referida bexiga ſe contém a colera, que ſe ſepara do ſangue, quando eſte ſe vai filtrando no Figado.

Pela veia Porta entra o ſangue no Figado, e eſta veia tem o ſeu feitio á maneira de huma arvore: as raizes deſta arvore eſpalhão-ſe parte pelo Figado, e parte com alguns ramos pelos inteſtinos, dos quaes inteſtinos pelas delicadas extremidades da veia Porta vai paſſando o ſangue dos mais delgados aos mais groſſos ra-

mos, até chegar ao tronco mais groſſo da veia: ella paſſa pelas pelles membranoſas do meſenterio para a veia cava, havendo-ſe filtrado pelos raminhos delicados, que a veia Porta já diſſemos tem no Figado, em que o ſangue ſe ſepara da colera.

A bilis, ou colera da bexiga chamada *Fel* por hum aqueducto delicado ſe communica ao inteſtino duodeno, onde ſe encontra com o ſucco pancreatico, que vai tambem ao meſmo inteſtino, e ambos ajudão a fermentar o alimento, que vem já do bucho com principio de digeſtão.

A veia Porta não póde ter pulſação, porque o ſangue dos inteſtinos paſſa para ella, e della para a veia cava, e tambem porque ella não tem valvulas, e por iſſo o ſangue na veia Porta corre alguma couſa mais froxo, que em todas as outras officinas do corpo.

O *Baço* do lado eſquerdo correſponde ao Figado, ſe bem que alguma couſa diſtante do bucho: elle fica immediato ao diafragma, e proximo ao rim: tem a figura ſemelhante a huma lingua de boi, e a parte concava fica voltada para o bucho: tem o baço huma arteria chamada *Splenica*, e huma veia chamada veia *Splenica*. A arteria de hum ramo da arteria pulmonar, que traſpaſſa o diafragma, recebe o ſangue, que pela veia Splenica ſe communica ao Figado, e por outro ramo aos inteſtinos. Compõe-ſe o baço de muitas fibras, e vaſos: nelle, ſegundo a melhor opinião, ſe adelgaça o ſangue para quando entra no Figado ſe poder mais facilmente ſeparar da bilis.

Os *Rins* são outro filtro, onde ſe ſepara a ourina do ſangue: tem a figura alguma couſa ſemicircular, eſtão poſtos em correſpondencia junto do eſpinhaço por ſima do diafragma, e do baço: a parte convexa eſtá virada para os lados; e a parte concava, pela qual eſtão prezos ás mais entranhas, fica voltada de hum para o outro Rim, de hum, e outro lado da eſpinha.

Cada Rim tem hum canal, a que vulgarmente chamão *Verterres*, que ambos vão á bexiga da ourina. Compõem-ſe os Rins de tres partes, bacia, cortica, e verterres: na cortica ſe ſepara a parte foroſa, que he a chamada *Ourina*, do ſangue: a bacia he huma pelle ſituada no meio da parte concava de cada Rim, que recebe o humor foroſo, donde pelos verterres ſe encaminha á bexiga da ourina, e cada hum dos referidos verterres ſe compõe de diverſos aqueductos.

Aos Rins ſe conduz o ſangue por humas arterias chamadas *Emulgentes arteriaes*; e depois de ſeparado do ſoro, ſe conduz o ſangue tambem por humas veias chamadas *Emulgentes venaes* para a veia cava. Eu não trato dos argumentos, que grandes homens fazem neſta materia, porque na brevidade que obſervo ſigo a opinião mais commua.

## *Das Glandulas da boca.*

TEm a Boca do Cavallo algumas glandulas, principalmente entre o canal da queixada inferior N. 15., donde continuamente ſe eſtá extrahindo hum humor chamado *Saliva*: ella, e o maſtigar dos dentes desfazem o alimento em pequenas partes, de ſorte que póde o referido alimento conduzir-ſe pelo Ezofago ao bucho.

Ha glandulas de differentes cores: humas mais, outras menos volumoſas: humas

mas ſe chamão *Simples*, outras *Compoſtas*: o ſeu preſtimo he ſeparar do ſangue parte das ſuas impuridades: as da primeira eſpecie ſervem de aperfeiçoar a Linfa, como são os Axilares, as Jugulares, as Miliares, e as do Meſenterio: as da ſegunda eſpecie ſeparão do ſangue grande parte de humor acrimonioſo, do meſmo modo as glandulas ſalivaes, as glandulas lacrimaes, que deſcem aos lagrimaes, purificão a materia excrementicia dos opticos, e todas ſe compõem de veias ſanguineas, de nervos, de veias brancas, e de huma parte eſponjoſa, como já diſſemos: ſó com a differença de participarem humas de mais, outras de menos vaſos na quantidade, e qualidade de que ellas ſe compõem.

## *Da Trachea.*

A *Trachea* do N. 23. vai emparelhada com o Ezofago até ao peito, e por ella ſe conduz o ar aos orgãos da reſpiração, como diſſemos em outro lugar; e o Ezofago continuado até á cardia, entra no bucho, em que depõe o alimento: eſte, paſſado o eſpaço do tempo preciſo, ſahe para os inteſtinos por outra boca chamada *Piloro*, em cujos inteſtinos ſe digere, e ſepara a parte util para as duas veias lacteas, que ſe conduzem á veia Cava, e os excrementos vão correndo os inteſtinos, até que elles pelo Recto os expulſem fóra.

## *Nomes dos inteſtinos principaes.*

OS inteſtinos principaes são ſeis: o primeiro chama-ſe *Duodeno*, o ſegundo *Jejuno*, o terceiro *Ileon*, o quarto *Cecum*, o quinto *Colon*, e ſexto *Recto*.

O primeiro dos primeiros tres he mais largo, e glandinoſo, de cujas glandulas continuamente ſe eſtá produzindo nelle hum humor, ou ſucco ſemelhante ao pancriatico, que ſerve junto com a bilis para a digeſtão. O ſegundo quaſi ſempre eſtá vaſio. O terceiro conſerva mais tempo as fezes, e eſtes inteſtinos são delgados, e ficão rodeados dos mais groſſos. O quarto he hum pouco mais largo que os já referidos, e tem hum appendix deſigual por hum, e outro lado. O quinto he de todos o mais largo. E o ſexto he por onde ſahe a parte inutil do alimento.

Eſtes em ſumma são os inteſtinos, agora parece juſto façamos alguma, ainda que breve, demonſtração das qualidades do Meſenterio, aonde ſe conduz a parte util do alimento chamada *Quylo*, a qual nutre o corpo do Cavallo.

O Meſenterio he huma membrana tranſparente compoſta de duas tunicas fibroſas, por entre as quaes paſsão algumas veias, e differentes vaſos. Eſtá o Meſenterio junto das vertebras lombaes N. 54. letra B pela parte interna da eſpinha, os ſeus vaſos são occupados de huma linfa clara, e por iſſo ſe denominão *Linfaticos*; outros chamão-ſe *Veias Lacteas*, porque eſtão cheios de quylo, que já diſſemos he branco como o leite: eſtes vaſos naſcem muito delicados nos inteſtinos, principalmente no duodeno, donde paſsão ao meſenterio, os quaes ſe chamão *Vaſos do primeiro genero*.

Das glandulas do Meſenterio ſe dirigem alguns vaſos chamados *Lacteos do ſegun-*

*gundo genero* á Ciſterna Lactea, ou orgão mobil, que junto com a Ahorta vão á ſobclavia eſquerda depoſitar o quylo na veia Cava.

O receptaculo do quylo fica por baixo do rim eſquerdo, e chama-ſe *Thoracico.* Não certifico eſta opinião, porque o que todos ſabem, poucas vezes entra em dúvida.

Já diſſemos que os Muſculos são huma collecção de fibras carnoſas, com os quaes ſe exercitão os movimentos voluntarios, mediante os eſpiritos animaes, que nelles influem. Compõem-ſe elles de carne fibroſa para a ſua fortaleza, de veias para a ſua nutrição, de arterias para a ſua vivificação, de nervos para ajudar o ſeu movimento, de ligamentos para os unir nas partes preciſas, e de tendões, que são os ſeus remates, com que ſe dividem huns dos outros.

## *Diſtinção dos nomes de algumas partes do corpo do Cavallo.*

OS Muſculos *Temporaes* são de huma ſubſtancia carnoſa, e fibroſa, ſituados junto aos petroſos, que ſervem de ligar a queixada inferior N. 20. á ſuperior N. 18.

Os Muſculos *Entrecoſtaes* compõem-ſe de huma grande multidão de fibras, que ſervem de ligar as vertebras da eſpinha, e de encher os eſpaços de entre as coſtelas, e ajudar o movimento alterno da reſpiração, e do peito.

*Ternilhas* he huma parte eſpermatica, mais branda que os oſſos, e mais dura que os ligamentos: em humas partes fazem officio de oſſo, como nas orelhas, na ponta das agulhas das ventas, no oſſo externo, &c. e em outras ſervem de continuar os oſſos em algumas articulações.

*Tendões* já deixámos notado que são fins, e remates dos Muſculos. *Ligamentos* são humas partes eſpermaticas, redondas, e lizas, que ligão os oſſos, e tem a ſua origem nelles. *Membranas* são humas partes eſpermaticas, mais, e menos delgadas, e fortes: humas, que veſtem o corpo externamente, como dizemos em outro lugar; e outras neceſſarias, principalmente na região do peito, e ventre.

*Perioſte* he huma tella delgada, tegumento immediato aos oſſos, que os rodeia do ſegundo genero externamente.

*Glandulas* são humas partes brandas eſponjoſas entre os emunctorios, redenho, e outras partes do corpo, que ſervem de filtrar o ſangue, receber os excrementos dos membros principaes, filtrallos, e ſer defeza, e deſcanço dos vaſos maiores.

Ha tres differenças de fibras: Rectas, para attrahir por meio da ſua natural virtude nutritiva: Obliquas, para reter por meio da ſua virtude retentiva; e Tranſverſaes, para expellir por meio da ſua virtude expulſiva.

## *Modo, por que ſe diſtribuem as arterias, e as veias nos braços dos Cavallos.*

HA huma arteria em cada braço, que ſempre ſe acompanha da veia chamada da *Arca*, indo entre ella, e o braço até ao joelho, em que ſe divide em dous ramos: hum, que ſegue a veia axilar; e outro, que ſegue o maior ramo da omoraria até ao caſco, &c.

As veias, que ramificão cada braço do Cavallo, são duas: a maior naſce da veia Cava, antes que ſe aparte na divisão das jugulares N. 24.: e da cavidade do peito ſe encaminha ao ſovaco, e por ſima do Codilho N. 32. volta para o braço. Chama-ſe eſta veia *Axilar*: ella pela cutis ſe vê diſcorrer até á parte anterior do joelho.

A ſegunda procede das jugulares no ramo ſuperior depois da ſeparação já referida, e pela parte poſterior paſſa junto ás cartilagens do peito N. 30., e deſta ſorte ſe conduz pelo braço a chamada *Aomoraria externa*, ou *Veia da cabeça*. Divide-ſe em dous ramos: o primeiro ſe ajunta logo com a Aomoraria, e ſe chama *Veia communa*, na qual commummente ſe coſtuma ſangrar do peito, e dalli vai diſcorrendo até ao joelho, em que ſe coſtuma ſangrar dos terços.

No joelho ſe divide eſta veia em dous ramos, que deſcem por detrás da canela de hum, e de outro lado do nervo principal do braço, e no fim das caudas dos muſculos do machinho N. 43. paſsão á quartela, e entrão por hum, e outro talão N. 42. no caſco até á ſua meia região, ou divisões capillares, &c.

## *Diſtribuição dos Nervos nos braços dos Cavallos.*

O Braço tem, como deixamos notado, doze muſculos, e cada hum delles ao menos he acompanhado de hum nervo; mas os nervos principaes, com que ſe determina o movimento do braço, são ſinco, ainda que da medulla eſpinhal, e nervo entrecoſtal naſcem os que governão com os muſculos a boa organização da eſpadua: com tudo he preciſo ſaber que o quinto, ſexto, e ſetimo nervo da eſpadua, depois de ſe haverem unido ao oſſo do braço N. 50., ſe reduzem os tres a hum, em que principia o primeiro dos ſinco principaes do braço: o quarto, o oitavo, o nono, o decimo, o undecimo, e o duodecimo tambem ſe unem no quarto. Succede iſto, porque os nervos, e muſculos do braço, e eſpadua no codilho ſe ligão contrapoſtos huns com os outros. E aſſim como os oſſos no feitio das ſuas articulações são antagoniſtas huns dos outros, aſſim tambem os nervos, e muſculos ſe continuão huns com os outros contrapoſtos para regularem melhor a boa harmonia do movimento do braço em todas as ſuas articulações.

O primeiro Nervo da eſpadua acompanha os primeiros tres muſculos Relevantes, de quem o nervo toma tambem eſte nome, e delle ſe diſtribuem ramos, que vão fortalecendo a eſpadua, e aſſim dos mais nervos ſe diffundem ramos, que fortalecem as cartilagens do peito, e as ramificações das juntas do codilho, e do

ſo-

ſovaco. Iſto ſuppoſto, bem aſſim o primeiro nervo do braço conduzido com o primeiro muſculo, ramifica o braço até ao joelho, e elle communica aos muſculos na junta do codilho, e joelho a virtude de ſe dobrar; e junto com a veia commum, ramificão toda a maior parte da cutis do braço.

O ſegundo Nervo deſce junto ao primeiro, e participa muitos ramos á parte anterior do braço, e aos muſculos do joelho, em cuja articulação produz, ou ſe reparte em tres ramos, que vão fortalecer os muſculos, que fazem dobrar a quartela.

O terceiro Nervo da junta do codilho N. 32. vai provendo de ramos os muſculos, e toda a cutis do braço pelo N. 33., e na parte anterior do joelho N. 34. ſe junta ao nervo principal N. 44.; e eſpalhando muitos ramos por toda a cutis da canela N. 35., vai ramificar a quartela do N. 36. até ao N. 38.

O quarto Nervo he o maior do braço no ſeu tamanho, e groſſura: naſce do terceiro, encorporão-ſe nelle os que já diſſemos, ramifica a junta do codilho, e une todos os nervos, que fórmão o tendão principal do braço pela parte anterior até dentro do caſco.

O quinto he delgado, ramifica parte da cutis, e fenece da quartela até á coroa do caſco.

Todos ſabem que os Nervos, que ſe vão terminar na cutis, são ſenſitivos, aſſim como os que fortalecem os muſculos são motorios, e ſenſitivos, ou cauſa do movimento, e ſenſibilidade: por iſſo em ſendo os nervos da cutis offendidos com actividade, padece o movimento; não porque os muſculos cheguem á ſuperficie externa, mas ſim porque offendidos os nervos, ſe participa a actividade do impulſo, ou penetração ao muſculo, com quem o nervo, que eſtá ferido, mais ſe communica, de ſorte que havendo huma contuſão, e eſta apoſtemando, o damno ſe communicará dos nervos aos muſculos, e em huns, e outros padecerá o ſentido da ſenſibilidade, e movimento.

## *Modo, por que ſe diſtribuem os Nervos nas pernas dos Cavallos.*

JA' diſſemos que os muſculos da perna do Cavallo são quatorze, e tantos são os Nervos mais principaes, que lhe correſpondem, e os governão: ora os referidos Nervos quaſi todos procedem do Nervo Entrecoſtal, da Medulla eſpinhal, das Vertebras, e dos ultimos Eſpondis do eſpinhaço, e oſſo Sacro, como paſſamos a moſtrar.

Naſce o primeiro Nervo junto ao Bacim, e principia do encontro de muitas fibras do Nervo Entrecoſtal, que unidas fórmão hum tendão nervoſo, que acompanha o primeiro muſculo; e do oſſo do femur paſſa á ſoldra, e vai prender na parte anterior da tibia.

O ſegundo procede da Medulla eſpinhal: elle tambem ſe fórma de muitas fibras perto da ultima vertebra lombal junto ao bacim, e vai fenecer na tibia como o primeiro.

O terceiro procede da junta do bacim, e oſſo ſacro, deſce por entre as polpas

do

do ſegundo, e terceiro muſculo vai prender na tibia, e paſſa a unir-ſe com os de que já tratámos ao nervo principal da curva.

O quarto vem do meſmo principio, he mais delgado, e liga-ſe com hum tendão curto, com que o quarto muſculo ſe une á eminencia do meio do femur, donde paſſa á cabeça da tibia, e della ao curvilhão.

O quinto principia de muitas fibras do Nervo entrecoſtal, e do ajuntamento de outras, que procedem da medulla eſpinhal de entre os ligamentos do oſſo ſacro, e bacim: elle ſe conduz com o quinto muſculo até á cabeça do femur, e dahi vai indo cada vez mais delgado da ſoldra para a tibia, e curvilhão. Os dous primeiros nervos entretecidos de algumas fibras muſculoſas abração pela frente externa a junta inferior do curvilhão: o terceiro, e quarto abração a meſma junta pela parte interna, e o quinto dividido em dous ramos abraça a parte anterior, e poſterior: e aſſim eſtes ſinco nervos ajudão os muſculos a encolher-ſe, levantar para ſima, e avançar para diante: advertindo que todos elles ramificão a ſoldra, a tibia, a junta, e a curva, indo-ſe depois unir no nervo principal do curvilhão para irem fazer as meſmas funções no travadouro do machinho do jarrete.

O ſexto nervo procede da parte interna do oſſo do bacim de algumas fibras do Nervo entrecoſtal, e de outras que ſe lhe juntão do oſſo ſacro, e do oſſo pubis, que fórmão o tendão maior de todo o corpo: junta-ſe com o ſexto muſculo, e da cabeça baixa do femur vai ao jarrete N. 74.: elle une a ſi quaſi todos os muſculos da perna, que pela curva da nadega N. 71. ſe conduzem da tibia, e polpas muſculoſas para o jarrete.

O ſetimo, oitavo, e nono tem os ſeus principios no bacim, no pubis, e no oſſo ſacro: elles acompanhão o ſetimo, o oitavo, e o nono muſculo; e dos tendões, ou caudas, que fórmão nas ſuas extremidades, paſsão a unir-ſe ao tendão principal, que deſce a unir-ſe ſobre o nervo principal do curvilhão, donde ſe vão entroncando pelo nervo maior da canela; ſendo certo que todos eſtes nervos obrigão a indireitar, e aprumar os oſſos da canela huns ſobre os outros para ajudar o movimento da perna.

O decimo, poſto que não ſeja muito avultado, une a ſi os quatro, que ſe lhe ſeguem, e tem como elles origem nos principios dos muſculos, que lhes correſpondem, e de muitas fibras que ſe lhes ajuntão do oſſo Pubis: elles em ſe unindo da cabeça alta da tibia em linha obliqua, paſsão ao curvilhão, e por hum, e outro lado do nervo principal da canela N. 75. ao travadouro, e ao centro do caſco: elles finalmente ajudão por força dos ſeus muſculos a dar á perna o movimento obliquo, pois todos os muſculos tem ao menos hum nervo que os ajuda a fazer bem as ſuas funções.

## *Do modo, por que ſe diſtribuem as arterias nas pernas dos Cavallos.*

DA grande arteria parte hum ramo, que junto ao oſſo Sacro ſe une com hum ramo da veia Porta, e baixa pela parte interna junto do femur á tibia, lançando ramos para huma, e outra parte: e do curvilhão para baixo ramifica a canela ſempre encoſtada ao oſſo, ou encuberta com a veia até entrar no caſco do pé, donde torna a ſubir, e vem paſſar para ſima entre o curvilhão N. 84., e a curva N. 82.

## *Do modo, por que ſe diſtribuem as veias nas pernas dos Cavallos.*

DA veia Cava junto ao figado ſe juntão alguns ramos com a veia Porta, que fórmão hum ramo, que alguns querem pertença mais á veia Porta, e outros que pertença mais á veia Cava; e a mim me parece que lhe pertence huma, e outra, cujo ramo ſe encaminha ao oſſo Sacro N. 64., e ſobre elle ſe divide em dous ramos, que deſcem por hum, e outro lado do femur; e depois de haverem enviado ramos a algumas partes do ventre, vão ramificar as Ingleas, e as Bargadas N. 60., em que ſe coſtuma ſangrar: dahi ſe vai dividindo em tres ramos, e hum delles vai pela parte interior da tibia, outro vai declinando pela parte poſterior da perna, e paſſa pelo lado da canela; e o terceiro ramo, que he o maior, deſce pela curva, e interiormente ſe eſconde por entre os muſculos poſteriores da perna; e por baixo da junta inferior do curvilhão ſe reparte em grande numero de pequenos ramos, que ramificão a canela, e por hum, e outro lado entrão no caſco.

## *Do nervo Entrecoſtal, e da parte menor do Meſenterio.*

O Nervo entrecoſtal ſe extende da ultima vertebra cervical até á primeira vertebra lombal: elle ſe continúa ao longo das mais vertebras, trazendo a ſua origem do oitavo par: tambem ſe lhes unem dous fortes ramos, que partem da medulla eſpinhal: o primeiro ſe produz entre a ſexta, e a ſetima vertebra cervical junto ao N. 26., e o ſegundo na ſua conjugação: eſtes dous ramos partem para as ancas, e vão-ſe unir debaixo do N. 54. no ganglião entrecoſtal.

Eſte nervo por hum, e outro lado da eſpinha recebe, e une a ſi muitos ramos da medulla eſpinhal: elle ſe ſepara em duas porções, que junto á coſtela decima quinta, huma ſe junta com alguns nervos dorſaes, e paſſa junto ao diafragma para ir ajudar a formar o plexo, meſenterio interior, por huma prodigioſa quantidade de nervos entretecidos, que vão aſſim diſtribuir-ſe ao meſenterio, e aos groſſos inteſtinos; e a parte menor fórma hum cordão conſideravel, que ſe vai augmentando até aos rins, e parte menor do meſenterio.

Do pequeno meſenterio anterior parte hum cordão, que recebe muitas fibras

da

da medulla eſpinhal, que vão ao meſenterio poſterior, e parte vai aos inteſtinos delgados, e ultimamente vai prender no inteſtino recto, &c.

## *Divisão dos nervos da Medulla eſpinhal.*

A Medulla eſpinhal ſe conduz pelo canal vertebral, que do occipital ſe deriva da medulla oblongada até á cova, e cauda. Della naſcem ſete pares de nervos ſerviçaes, dezoito dorſaes, e ſeis lombaes. O reſto da medulla eſpinhal fornece de muitas fibras as coſtelas, as vertebras, e os nós da cova, e da cauda do Cavallo, aſſim pelas partes externas, como pelas internas.

Finalmente dos nervos entrecoſtaes da medulla eſpinhal, e dos nervos, de que havemos tratado, ſe envião a todas as partes do corpo do Cavallo infinitas linhas nervoſas, que ajudão a fortalecer as ligaduras de todas as partes do corpo, pois todos os muſculos tem varios nervos, ou ao menos hum que os ajuda no ſeu fortalecimento, e determinação dos ſeus movimentos, e além diſſo pelas fibras nerveas ſe fazem preſentes ao cerebro todos os toques externos, como em outra parte dizemos.

## *Dos nomes das enfermidades viſiveis, que correſpondem aos numeros da Eſt. III., e algumas das ſuas qualidades.*

### *Das Moleſtias dos olhos.*

ESTão os Cavallos ſujeitos a varias enfermidades nos olhos por differentes cauſas, que ſe conhecem por diverſos ſinaes: por exemplo, em havendo fluxão, ſe infla o lagrimal N. 1., e lança o Cavallo lagrimas cálidas, e mordazes, que muitas vezes ferem os lagrimaes, e as capelladas.

Nas pupillas dos olhos N. 2. ha diverſas enfermidades: neſte lugar engroſsão ás vezes as tunicas, de maneira que o Cavallo vê pouco, e a iſto chamão *Cataractas*. Conhece-ſe eſta moleſtia por ſe obſervar a pupilla pouco cryſtallina: e no meſmo lugar ſe fórmão as bellidas, e os mortinhos.

No angulo ſuperior dos olhos N. 3. ſe fórma a alguns Cavallos huma fluxão, que esbranquecendo as alvas, os olhos ſe cobrem de nevoas: chama-ſe a eſta caſta de Cavallos, *Lunaticos*; e alguns, paſſada a conjunção da Lua, tornão a ficar bons.

### *Das Moleſtias da boca.*

NA boca do Cavallo ha algumas moleſtias, primeiramente ha a chamada *fava*, a qual he huma inchação, que ſe fórma no padar junto aos dous dentes do queixo ſuperior N. 12. Ha outra chamada *Boca cheia*, que conſiſte em lhe incharem os Tolanos, ou carne das gengivas, de maneira que o Cavallo não póde comer.

*Dos Sapinhos.*

TAmbem padecem alguns Cavallos huma moleſtia chamada *Sapinhos*, que são humas excreſcencias de carne, que naſcem debaixo da lingua, que os não deixão beber, mas são faceis de curar.

*Dos Sobredentes.*

ALguns Cavallos deixão de comer por lhes naſcerem ſobredentes, iſto he, por lhes naſcerem dentes ſobre outros, principalmente queixaes.

*Dos ſinaes do defluxo, e mormo.*

OS defluxos, e mormo, ſendo diverſos em qualidade, tem huma ſó cauſa, a qual he a occurrencia de purgação, que faz chagas, e ulceras nas ventas dos Cavallos, que muitas vezes ſe conhecem na inchação dos angulos das ventas, e na inflammação interior das meſmas ventas N. 10.

Naſce hum tumor aos Cavallos entre as agulhas da queixada inferior pouco aſſima do N. 14., a quem vulgarmente chamão *Tumor das queixadas*, e em quaſi todos os Potros ſe vê eſta enfermidade, que ordinariamente ſe desfaz com emulsões, que adocem a parte inchada, e os fação purgar pelas ventas.

Entre as queixadas junto ao Ezofago N. 23. ha humas glandulas pequenas, que muitas vezes inchão, porém são moventes, e faceis de reſolver. Entre ellas ha outras maiores, que são firmes; e quando eſtas inchão, a ſua inchação he mais cuſtoſa de diſſolver, e de ordinario fazem ſuppuração: ellas indicão eſtar o Cavallo accommettido de mormo, que todos ſabem he huma fluxão contagioſa.

*Da Eriſipéla.*

DA' na cabeça de alguns Cavallos huma moleſtia, a que chamão *Eriſipéla*, commummente accommette mais a teſta N. 8., e as faces N. 17., e humas vezes fórma inchação com borbulhas, que o Cavallo goſta de coçar, e lanção hum humor acre, e mordaz: outras vezes faz eſte mal inchar huma, e mais partes da cabeça, e a parte inchada he quente, particularmente ſendo a membrana das ventas N. 11.: tambem faz tumores nas faces N. 17., e no toutiço N. 19.; e quando ella accommette as faces, ou a nuca, faz com que o Cavallo lhe cuſte a ſoffrer a cabeçada, por ficar ella apertada mais junto ao pericranio, que em taes caſos padece, inflammado por cauſa deſta moleſtia.

*Do Eſpaſmo.*

OEſpaſmo he huma eſpecie de apoplexia: ella ſe conhece em o Cavallo ſe entriſtecer com exceſſo, ter pouco vigor nos braços, e pernas, baixar a cabeça, ter febre intercadente, derramarem-ſe-lhe as orelhas para hum, e outro lado, ſem fazer as operações naturaes; e he ſem dúvida moleſtia perigoſa, ſenão ſe lhe acode promptamente.

*Dos*

*Dos esforços das espaduas.*

OS esforços das espaduas procedem de movimentos violentos, e de occurrencia de humores, principalmente sendo magoada a junta da frente da espadua N. 27.; e como as sobreditas espaduas estão ligadas ao thorax pelos musculos, e nervos que já dissemos, em algum delles, ou por occurrencia de humores, ou por outro motivo se magoão, necessariamente as espaduas hão de padecer.

*Dos Cavallos abertos dos peitos.*

DIz-se vulgarmente que os Cavallos são abertos dos peitos, quando elles não podem mover com bastante agilidade, e igualdade as mãos; e na ponta da espadua N. 26. se lhes não conhece o movimento, antes sim lhes custa a sustentar-se nos braços.

*Dos que tem os peitos fumidos.*

TAmbem dizem he molestia o ter o Cavallo as cartilagens do peito N. 30., e ponta do osso externo N. 31. pouco avultadas, a que chamão peitos fumidos.

*Das Sobrodas.*

NOs lados dos joelhos N. 34. nasce a alguns Cavallos hum tumor, a que chamão *Sobroda*: elle occupa huma parte da junta, e humas vezes he mais callosa, e dura a inchação, e outras mais branda; porém em ella chegando a endurecer, o Cavallo manca, e principalmente quando elle dobra o joelho com mais velocidade.

*Das Lupas.*

NA frente da junta do joelho N. 34. tambem se fórma hum tumor a alguns Cavallos, a que chamão *Lupas*, cuja inchação em huns tem mais, e em outros menos consistencia; e ordinariamente os Cavallos, que dão tropeções, possuem esta molestia, que lhes attenua muito a articulação da referida junta.

*Do Eslabão.*

NA junta N. 45. pela parte opposta ao N. 34. se fórma a alguns Cavallos hum tumor, a quem denominão *Eslabão*, que á maneira das Lupas embaraça o movimento da junta na curva do joelho.

*Da Sobrecana.*

SObre as canelas N. 35. pela parte interior pouco abaixo do joelho se fórma a alguns Cavallos huns tumores duros, em que elles não padecem dor, que se chamão *Sobrecanas*: ellas procedem algumas vezes de se tocarem com as ferraduras nas canelas, como tambem de receberem naquella parte algumas pancadas; e sendo as sobrecanas procedidas dos referidos motivos, não fazem mal ao Cavallo, salvo se ellas por juntas ao musculo da canela, ou tendão principal N. 44. lhes servem de embaraço.

Ha outras sobrecanas, que procedem de fazerem os Cavallos esforços violentos,

tos, não ſó em quanto novos, mas ainda depois de eſtarem em boa idade : eſtas são peiores, porque principião em hum póro, que ſe abre na canela, e da medulla da referida canela vai ſahindo hum humor, ou ſuco, o qual ſe endurece ſobre a fractura: eſtes tumores engroſsão ao comprimento da canela ; e quando o Cavallo aſſenta a mão em terrenos ſólidos, moſtra que ſente dor, advertindo que toda a ſorte de ſobrecanas desfigura, e torna a canela deſagradavel.

*Da extensão dos nervos do braço.*

OS nervos principaes do braço do Cavallo N. 44. padecem extensões, ou relaxações, já por fazerem os Cavallos ſaltos, e movimentos violentos ſobre as mãos, em quanto novos, já por lançarem as mãos á manjadoura, e magoarem os nervos principaes do braço: ora ſe com effeito os nervos fizerão extensão, cuſta muito a remediar.

*Das Ovaz.*

POr ſima da junta da quartela N. 36., e N. 43. entre os ligamentos dos muſculos dos machinhos ſe fórmão por hum, e outro lado humas groſſuras, a que chamão *Ovaz*, são ellas redondas á maneira de nozes, os quaes tumores eſtão cheios de hum humor ſiroſo, mas brando; e he iſto couſa, que quaſi todos os Cavallos tem, ſó com a differença de creſcerem a huns muito, e a outros não: os que as tem avultadas, ſe ſe alcanção nellas, padecem grande dor; e ſe creſcem, e o humor ſe endurece, occupão a junta de modo que ella tem pouco, e máo movimento.

*Das Gretas.*

NAs quartelas N. 37. padecem tambem alguns Cavallos huma moleſtia, a que chamão *Gretas*, commummente cauſadas do máo tratamento : ellas abrem o couro irregularmente do lugar dos machinhos até aos candados, por cujas gretas ſe diſtilla hum humor acre, e mordaz, que eſcandaliza aquella parte, de modo que o Cavallo algumas vezes manca; mas não he perigoſa eſta moleſtia.

Nos travadouros fazem muitas vezes os Cavallos com os travões, e maniotas humas feridas, a que chamão *Encabreſtaduras*, que não ſendo muito profundas, são faceis de curar.

*Da Sobreinão.*

SObremão he hum tumor, que ſe manifeſta no carpe, ou junta do oſſo coronario N. 38.: eſta moleſtia he má de curar, maiormente ſe ella ſe complica com decubitos, ou outras inchações, que por outras cauſas ſobrevem ás meſmas juntas.

Na referida junta ha tambem huma inflammação, que ſe manifeſta com hum debrum, que rodeia a coroa do caſco: procede eſta moleſtia de eſtar o caſco infartado de humores acres, e mordazes, que ſe evacuão pelo referido debrum, o qual não ſó eſtá inflammado, mas tem alguma fogagem, pela qual ſe conhece eſtar continuamente evaporando o referido humor.

*Do*

*Do Gavarro.*

HE o Gavarro originado por huma deſcarga de humores corruptos, que ſe juntão na coroa do caſco N. 38.; e em fermentando, rebentão huns ſem tocar o caſco, e são melhores de curar, e outros rebentão mais ſobre o caſco: eſtes raras vezes ficão bem curados. Eſta moleſtia ſempre ſe manifeſta com hum tumor pequeno, grande dor, e materias fetidas.

*Do Galapo.*

O Galapo he hum tumor mais benigno que o gavarro: elle tambem naſce na coroa do caſco, mas não penetra a tapa tanto como o gavarro, e por iſſo he mais benigno, e facil de curar.

*Dos Quartos.*

QUartos são humas aberturas, que principião na coroa do caſco junto ao pello, e abrem para baixo: chamão-ſe *Quartos*, porque pouco mais, ou menos abrem na quarta parte do caſco pouco adiante do N. 42. quaſi ſempre pela parte de dentro: iſto ordinariamente juſtifica ſer a qualidade do caſco má, ſe bem que com o tempo creſce a cinta, e fica o Cavallo ſem eſte defeito; e ſe o caſco for de boa qualidade, em encabeçando o quarto, ficará como de antes era.

*Das Raças.*

ARaça he huma greta, que ſe abre na frente da tapa, ou cinta do caſco do pé na coroa N. 79. até ao N. 80., e raras vezes abrem á largura; porém as que abrem atraveſſadas, são mais faceis de curar, e desfigurão menos o caſco.

*Dos Figos.*

NAs ranilhas ſe fórmão humas moleſtias chamadas *Figos*, e outras *Formigueiros*, e huns, e outros procedem commummente do máo tratamento. E as eſponjas, e vivos tambem procedem das meſmas cauſas, ou de humores acrimonioſos, e viſcoſos.

*Das Mataduras.*

AS mataduras, ou feridas penetrantes na cruz N. 25. são perigoſas, e difficeis de curar. As feridas penetrantes, ou mataduras ſobre os rins N. 54. tambem são más de curar, principalmente ſe a ferida he profunda, ou faz ſuppuração, ou fermentação.

*Dos Lamparões.*

AMoleſtia vulgarmente chamada *Lamparões* todos ſabem he contagioſa, e cutanea, não tem lugar certo, pois diſcorrem por todas as partes do corpo, já em cordas, já em porções de pequenos tumores, que rebentão, e ſeccão huns, e apôs elles vem outros, que tem varias diverſidades, ſegundo o ſeu lugar, e fermentação.

*Dos Aguamentos.*

AGuamentos he huma revolução de humores, que ſe derretem em liquidos de differentes qualidades, que deſcem ás palmas N. 41. Ora tendo a palma pouca força para reſolver os liquidos, que deſcem a ella, elles ſe demorão, e infartão as partes cartilaginoſas de toda a região do caſco, opprimindo ſobre maneira as nervoſas, e muſculoſas, fórmão na palma nodoas ſanguineas, e aquoſas, e he preciſo tratar bem do Cavallo para o livrar das pernicioſas conſequencias, que de ſemelhante moleſtia podem reſultar.

*Das Terçans.*

AS dores de barriga, vulgarmente chamadas Terçans, nos Cavallos são perigoſas: ellas tem ſinaes externos, por que ſe manifeſtão, quaes são olhar o Cavallo triſte, e repetidas vezes, ora para hum, ora para outro ilhal, deitar-ſe, e frequentes vezes eſpojar-ſe, dando alguns arrancos, e fazendo huns géſtos triſtes, com que manifeſta a actividade do ſeu mal: he bem verdade que eſta moleſtia tem origem no quinto inteſtino chamado *Colon*, que fica entre o Cecum, e o Recto, e por iſſo eſta dor he interna; mas como ſe manifeſta por tantos ſinaes externos, e os Cavallos são com facilidade accommettidos deſte mal, por iſſo fazemos menção dos ſinaes do ſeu conhecimento, e tambem porque he moleſtia perigoſa.

*Da Sarna.*

ASarna procede de humores acrimonioſos, e exaltados, que fazem a cutis aſpera, arripiado o pello, e algumas vezes faz naſcer borbulhas, e caſpa ſobre as partes mais offendidas: he mal contagioſo, mas com facilidade ſe cura.

*Da inchação dos teſticulos.*

MUitas vezes ſe inchão os teſticulos N. 59. aos Cavallos por trabalhar pouco, e deſcerem áquella parte foros, e humores; e neſte caſo em fazendo exercicio, ſe diſſipa a inchação. Porém ſe a inchação procede de haverem apanhado alguma pancada nelles, então he preciſo applicar-lhes remedios, e dar-lhes pouco trabalho em quanto os curão.

Tambem eſtão ſujeitos os Cavallos a ter ernias, que ſe conhecem por lhes inchar hum grão mais que o outro: eſta moleſtia tem pouco remedio.

*Dos Sobrenervos.*

SObrenervo he huma groſſura, que ſe manifeſta ſobre os nervos dos braços N. 44., e ſobre os nervos das pernas N. 75.: em taes caſos o Cavallo padece dor, e inchação nos machinhos do travadouro N. 43., e do machinho do jarrete N. 86., os quaes ſobrenervos procedem de relaxação, de pancadas, de extensão de nervos, e outras cauſas: elles em taes caſos precisão ſer curados com cuidado, logo que moſtrão qualquer inchação nas referidas partes.

*Dos*

*Dos Agriões.*

OS Agriões são humas groſſuras, que ſe gerão ſobre o oſſo do jarrete N. 74. entre o tendão principal da curva, que, como já diſſemos, ſe une ao jarrete: elles procedem commummente de ſe depoſitar naquella parte hum humor fleumatico acrimonioſo, que ſe endurece pela ſua viſcoſidade; e ſendo os agriões procedidos deſta cauſa, podem ſer hereditarios.

*Dos Alifaſes.*

OS Alifaſes he hum tumor, que naſce entre a fórma articular, e o entre oſſo N. 85.: elles procedem de ſe depoſitar naquella parte hum humor frio, fleumatico, e ſirroſo, que fórma huma inchação mole ao principio, mas com o tempo ſe endurece, e faz então hum grande embaraço aos movimentos da junta.

*Das Curvas, Sobcurvas, e Curvaças.*

AS Curvas, Sobcurvas, e Curvaças são humas groſſuras, que ſe fórmão, a Sobcurva na junta N. 82., a Curva logo aſſima da junta letra E, e a Curvaça pouco abaixo da junta letra C. A Curva cauſa dor activa; porém a Sobcurva, e Curvaça são de menos ſentimento, e todas ſe manifeſtão com humas groſſuras nas partes já referidas, as quaes creſcem com a occurrencia de humores, com o trabalho, e com a idade.

*Dos Eſpravões.*

OS Eſpravões são huns occultos, e outros manifeſtos: os occultos chamão-ſe *Gravanſuelos*; e os manifeſtos chamão-ſe *Eſpravões durazios*. Os occultos fórmão-ſe de hum humor, que dentro da junta do tendão, e nervos N. 82. ſe endurece, e embaraça o movimento, de maneira que o Cavallo em cada paſſo que dá, ſe eſpinha, ou levanta a perna de repente: eſte eſpravão, ou tumor tem o feitio de hum grão de bico, e acaba com o cavallo.

O Eſpravão Durazio, ou Bujuno manifeſta-ſe com hum tumor duro, que procede da junta da perna pela parte de dentro N. 84. em huma, e outra perna: elle não faz eſpinhar tanto o Cavallo, como o eſpravão occulto; mas embaraça-lhe fortemente o movimento, de maneira que manca alguma couſa, e não póde entrar bem com a perna, ou pernas para baixo do ſeu corpo: iſto ſe deve entender ſempre da meſma ſorte, ſeja o eſpravão em huma, ou em ambas as pernas, e ſeja de huma, ou de outra qualidade.

*Dos Cavallos Topinhos.*

CHama-ſe *Topinho* aquelle Cavallo, que tem a quartela curta, ou o oſſo da articulação da junta coronaria N. 38., e N. 79. muito dentro do caſco: o Cavallo em taes caſos ſenta mais no chão a ponta do caſco, do que as pálmas: dobra a junta do pé, ou mão para diante, e facilmente tropeça, ſendo o defeito nas mãos; e trepinha, ſendo nos pés.

Finalmente eſtas moleſtias ſe inveſtigão com facilidade em ſe ſabendo os lugares, em que ellas ſe produzem.

# LIVRO III.

## ARGUMENTO.

*Breve inſtrucção de alguns principios da Geometria para melhor intelligencia dos termos pertencentes ás lições do Manejo. Modo com que ſe devem ſeparar, ou apartar os Potros das Egoas: como ſe devem enlaçar, recolher, penſar, e tratar na cavalhariça, principalmente quando os diſpuzerem para os deitar á guia, pôr-lhes a ſella, e diſpollos para aquelle exercicio, para o qual moſtrão ter mais propensão.*

O SUPREMO, e Increado Ser, o Grande, e Unico Author da Natureza em tudo admiravel, em nada comprehenſivel nas extraordinarias producções da ſua eterna ſabedoria entre todos os entes do terraqueo globo, produzio a máquina do Cavallo tão eſtimavel pela ſua utilidade, como inſigne pela ſujeição que tem ao homem. Nelle ſe deſcobrem, entre as diverſas acções com que ſe move, milhares de differentes operações, e movimentos, que lhe determinão os caminhos, por que elle ſe conduz. Os trabalhos, e fadigas litterarias a que pela diuturnidade dos ſeculos ſe tem dado os homens, não deixa de ter attingido, e tocado na meta da inveſtigação, e conhecimentos de todas eſtas naturaes producções. Ainda que a Arte da Cavallaria he muito differente da Geometria: com tudo, eu trato de algumas das ſuas leis em commum, para com eſtes principios preciſos para a intelligencia do modo de ſe mover todo o corpo do Cavallo com promptidão, e facilidade ſeguir ſempre a melhor ordem dos ſeus movimentos naturaes; e como para iſto são indiſpenſaveis as leis do movimento, eu vou tratar por tanto deſtes principios, e figuras da Geometria, que ſe fazem preciſos pelo decurſo da lição, para me fazer perceber melhor, quando me ſervir de alguns dos ſeus termos, ou figuras.

### *Definições da Geometria.*

1 LInha recta he aquella, que parte de hum ponto ao outro, ſem ſe deſviar para algum dos lados: donde ſe ſegue que entre dous pontos he a mais curta que póde haver, como ſe vê da Fig. 1. Eſt. IV.

Li-

2 Linha curva he aquella, que he mais comprida do que a recta entre dous pontos, donde ſe ſegue que entre dous pontos póde haver infinitas curvas. Fig. 2.

*Demonſtração.*

SEguindo, ou determinando-ſe o Cavallo, como ſe vê na Fig. 1., que he mover-ſe pelas linhas rectas, ou ſe determine o ſeu movimento de A para B, ou de B para A, ſempre as linhas, por que ſe determina, são rectas, e os ſeus movimentos. E da meſma ſorte são curvas as linhas da Fig. 2., ou o Cavallo determine o ſeu movimento de D para C, ou de C para D.

3 As duas linhas, que ſe moſtrão na Fig. 3., eſtando igualmente equidiſtantes entre ſi, de ſorte que por muito que ſe continuem, nunca ſe podem encontrar, conſervando-ſe ſempre na meſma diſtancia huma da outra, chamão-ſe *Linhas parallelas.*

O Angulo fórma-ſe de duas linhas, que ſe encontrão em hum ponto. Eſtes angulos recebem differentes nomes, ſegundo a inclinação das linhas, de que elles ſe fórmão.

4 Angulo recto he aquelle, que he formado do encontro de duas linhas, cahindo huma ſobre outra perpendicularmente, de ſorte que não ſe incline para algum dos ſeus lados: eſte angulo he de 90 gráos, como ſe vê na Fig. 4.

5 Angulo agudo he menor que o angulo recto, e inclina hum lado ſobre o outro: eſte angulo tem menos de 90 gráos, como moſtrão as linhas L M, M N. Fig. 5.

6 Angulo obtuſo he maior que o angulo recto, e por iſſo não ſe inclina hum lado ſobre outro, antes ſim elle ſe inclina ſobre o prolongamento do outro lado: eſte angulo tem mais de 90 gráos, como O P, P Q. Fig. 6.

Ao ponto em que ſe encontrão as linhas, que fórmão qualquer angulo, ſe chama *Vertice do angulo*, como M. Fig. 5.

Angulo rectilineo he aquelle, que he formado por duas linhas rectas, como I G H. Fig. 4.

7 Angulo curvilineo he o que he formado pelo encontro de dous arcos do circulo, como R S, R T. Fig. 7.

8 Angulo miſtilineo he formado pelo encontro de huma linha recta, e de huma linha curva, como V Z, Z X. Fig. 8.

9 Circulo he huma Figura terminada por huma ſó linha, que tambem ſe chama *Circumferencia*, dentro da qual ſe conſidera hum ponto, a que ſe chama *Centro*: as linhas tiradas deſte ponto á circumferencia são iguaes, e ſe chamão *Radios do circulo*, como A C E G. Fig. 10.

10 Todas as linhas rectas tiradas do ponto do centro são perpendiculares á circumferencia, como ſe vê na Fig. 10.

As linhas, que partem de huma parte da circumferencia do circulo para outra do meſmo circulo, são obliquas, como ſe vê na Fig. 11.; advertindo que a linha ſahindo da ſuperficie para o circulo, não eſteja em linha recta com o ponto do centro, como ſe vê na Fig. 12.

11 Cahindo huma linha de qualquer ponto ſobre hum circulo (não paſſando ella pelo centro delle, nem da ſua periferia) he obliqua a eſte circulo com o A B. Fig. 13.

12 A linha que vem a prumo, como ſe vê na Fig. 14., tambem cahe obliquamente; porque ainda que muitas linhas venhão parallelas, e a prumo para baixo, determinando no ſeu fluxo cahir perpendicularmente, he preciſo attender á linha, ou ſuperficie ſobre que ellas cahem; porque ſe a de prumo cahe ſobre huma recta, fica perfeitamente perpendicular; mas quando a de prumo cahe ſobre linhas obliquas, concavas, ou convexas, fica a de prumo cahindo obliquamente, porque ſe deve attender á ſuperficie ſobre que ella cahe.

Duas linhas, que ſe cruzão perpendicularmente no centro de qualquer figura, fórmão angulos rectos, quer ella ſeja rectilinea, ou curvilinea, como Fig. 15. e 16.

## ESTAMPA IV.

### *De algumas figuras da Geometria.*

OS Geometras dividem o circulo em trezentas e ſeſſenta partes iguaes, a que chamão *Gráos*. Os gráos dos circulos pequenos são menores, os gráos dos circulos grandes são maiores; porém tantos gráos tem os circulos grandes, como os pequenos, por iſſo para a medida dos angulos todos ſabem ſe uſa dos numeros dos gráos.

Os angulos rectos tem noventa gráos, que fazem huma quarta parte do circulo.

Os angulos, que tem menos de noventa gráos, chamão-ſe *Agudos*; e contando as partes de que o circulo ſe compõe, ſe diz, por exemplo, que hum angulo he de ſincoenta gráos, o outro mais agudo he de trinta e ſinco, &c. ao contrario os angulos obtuſos todos devem paſſar de noventa gráos, ſendo huns de noventa e ſinco, outros de mais, &c.

O quadrado, de que ſe uſa para trabalhar, e render os Cavallos, comprehende quatro angulos rectos, como ſe vê na Fig. 16.; e quando o Cavallo ſahe do circulo para fóra, já para paſſar de mão, já para ficar trabalhando ſobre os reverſos, fórma hum angulo mais, ou menos agudo, e logo torna a buſcar o meſmo terreno, em que andava, ſeja para ficar trabalhando ſobre a meſma acção, em que antes de paſſar, ou contrapaſſar de mão trabalhava; ſeja para dividir o quadrado, ou o circulo em quatro partes iguaes: advertindo que o Cavallo não póde formar as paſſagens, ou contrapaſſagens de mão, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas rectas dos angulos do quadrado, e dos angulos no centro do circulo, como ſe vê na Fig. 15., e na Fig. 16., porque preciſa ſempre conduzir-ſe nas paſſagens ſobre linhas obliquas, como havemos de moſtrar.

Os Cavallos para ſe moverem com alguma graça, e commodidade para o Cavalleiro, dependem muito do movimento circular, e obliquo; e ſem o haver adquirido, nem podem dobrar-ſe bem, nem podem ſer commodos, e agradaveis nos

ſeus

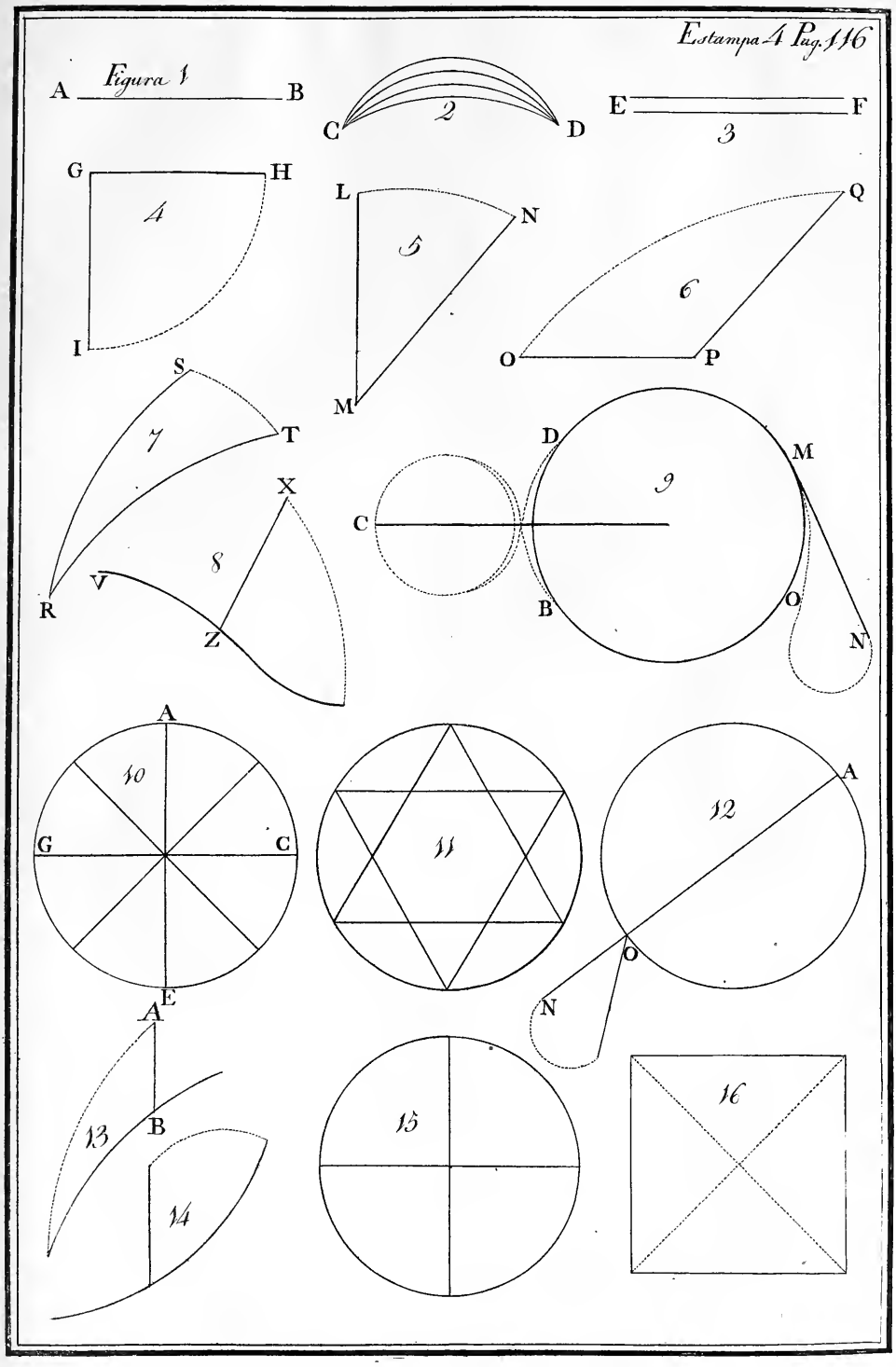


Figura 1
A
B
C
2
D
E
F
3
G
H
4
I
L
N
5
M
Q
6
O
P
S
7
T
X
8
V
R
Z
D
M
9
C
B
O
N
A
10
G
C
E
11
12
A
O
N
A
13
B
14
15
16

ſeus movimentos : por iſſo os Cavalleiros encaminhão os Cavallos mais pelas linhas obliquas, e circulares, que pelas rectas.

He certo que os Cavallos naturalmente andão para diante ſem algum artificio, determinando o ſeu movimento pelas linhas rectas: por iſſo quando trabalhão ſobre o quadrado longo, ou toda a terra, fórmão perfeitamente linhas parallelas; mas ſe o Cavalleiro os faz atraveſſar o terreno, os Cavallos já não podem ſeguir bem as linhas perpendiculares, e parallelas; porque em fazendo no ſeu peſcoço, e corpo alguma pequena dobra para ſe conſervar dobrados, hão de terminar os ſeus movimentos mais pelas linhas obliquas, e circulares, que pelas linhas rectas : bem entendido, que os movimentos de toda a máquina do corpo do Cavallo, em elle ſe dobrando, ſeguem mais as linhas obliquas, do que as perpendiculares, e rectas; e quanto mais dobrado o Cavallo ſe mover, mais obliquas hão de ſer todas as articulações, e determinações dos ſeus movimentos. Iſto ſuppoſto, eu faço menção deſtas figuras, e doutrina Geometrica tão ſómente para dar alguma idéa mais perfeita das Leis dos movimentos dos Cavallos, e por fazer mais perceptivel o meu plano. Agora paſſemos a moſtrar o modo com que ſe devem apanhar, ou enlaçar os Potros para os encabreſtar, e para os recolher.

## *Do modo de enlaçar os Potros no Picadeiro.*

DEpois de apartados, e ſeparados no parque os Potros das Egoas no tempo, e idade que deixamos notado, ſe forem deſtinados para o exercicio da Eſcola, ou Picaria, ſerá bom, tendo elles quatro annos, fazellos conduzir ao Picadeiro para os enlaçar, ou apanhar. Para eſte fim mandava o Senhor Rei D. Joſé vieſſem ao Picadeiro quantidade de Moços da cavalhariça : elles, e os Guardadores apanhavão os Potros á mão, lançando-ſe-lhes ás orelhas, e peſcoço aquelles, que primeiro lhe podião pegar ; mas diſto commummente reſultão aos Guardadores, e Moços alguns deſaſtres : motivo, por que eu prefiro antes o ſeguinte modo de os enlaçar. Para eſte fim haverá prompta huma beta, ou corda de canhamo do comprimento de oitenta até cem palmos, pouco mais, ou menos: em huma ponta deve ter huma prezilha de dous palmos de comprido, em que ſe fará o laço, mettendo pela dita prezilha a beta dobrada ſem mais obſtaculo algum, que lhe embarace o poder correr o laço, e apertar-ſe no peſcoço ao Potro.

Hum homem porá o laço no laçador, que he huma vara comprida, na qual o laço dará duas, ou tres voltas, ficando a argola delle bem larga para ſe poder colar pela cabeça do Potro. Em elle eſtando aſſim laçado, alguns Guardadores, e Moços da cavalhariça ſeguraráõ a ponta da corda até poderem ſegurar o Potro, que eſtando cançado de pugnar por fugir, e falto de folgo pelo aperto do laço, elle ficará ſem tanto riſco, em termos de que o poſsão encabreſtar, ou metter-lhe a cabeçada. Aſſim irão apanhando os que houver, e os conduziráõ ás cavalhariças, onde os devem tratar, e penſar, como em outro lugar já fica ponderado.

Recolhidos aſſim os Potros, os devem conduzir ao Picadeiro hum dia ſim, e outro não, para os principiar a deitar á guia, indireitando-os na terra, quanto pu-

de-

derem, obrigando-os, e ajudando-os ao meſmo tempo com o chambrié, ſem lhe dar muita pancada, para não abater, e tornar froxos aquelles, que são de ſi deſanimados, fazendo-os trotar em hum movimento igual, cuja cautela não deixa tambem de ſer boa para não os conſtituir vicioſos, e malignos, ſe elles forem dotados de hum genio activo, e inſoffrido.

## *Do modo de pôr a cilha meſtra aos Potros.*

LOgo que o Potro moſtrar algum reſpeito ao cabeção por effeito de o haverem deitado á guia, lhe porão huma cilha meſtra, apertando-o ſem exceſſo; e apôs iſſo, em eſtando manſo, lhe ataráõ as redeas do cabeção ás cilhas, alguma couſa largas, e com tanta igualdade, que a cabeça, e peſcoço do Potro fique direito, para com muita liberdade o ir indireitando do ſeu peſcoço, e eſpaduas, ſem lhe dar grandes cabeçonaços com a guia; porque ſe o obrigarem a ſoffrer o cabeção, como ſe tiveſſe já muito tempo de trabalhar com elle, ainda que o cabeção ſeja macio, e bem forrado, as repetidas pancadas o farão rude ás ſenſações do cabeção.

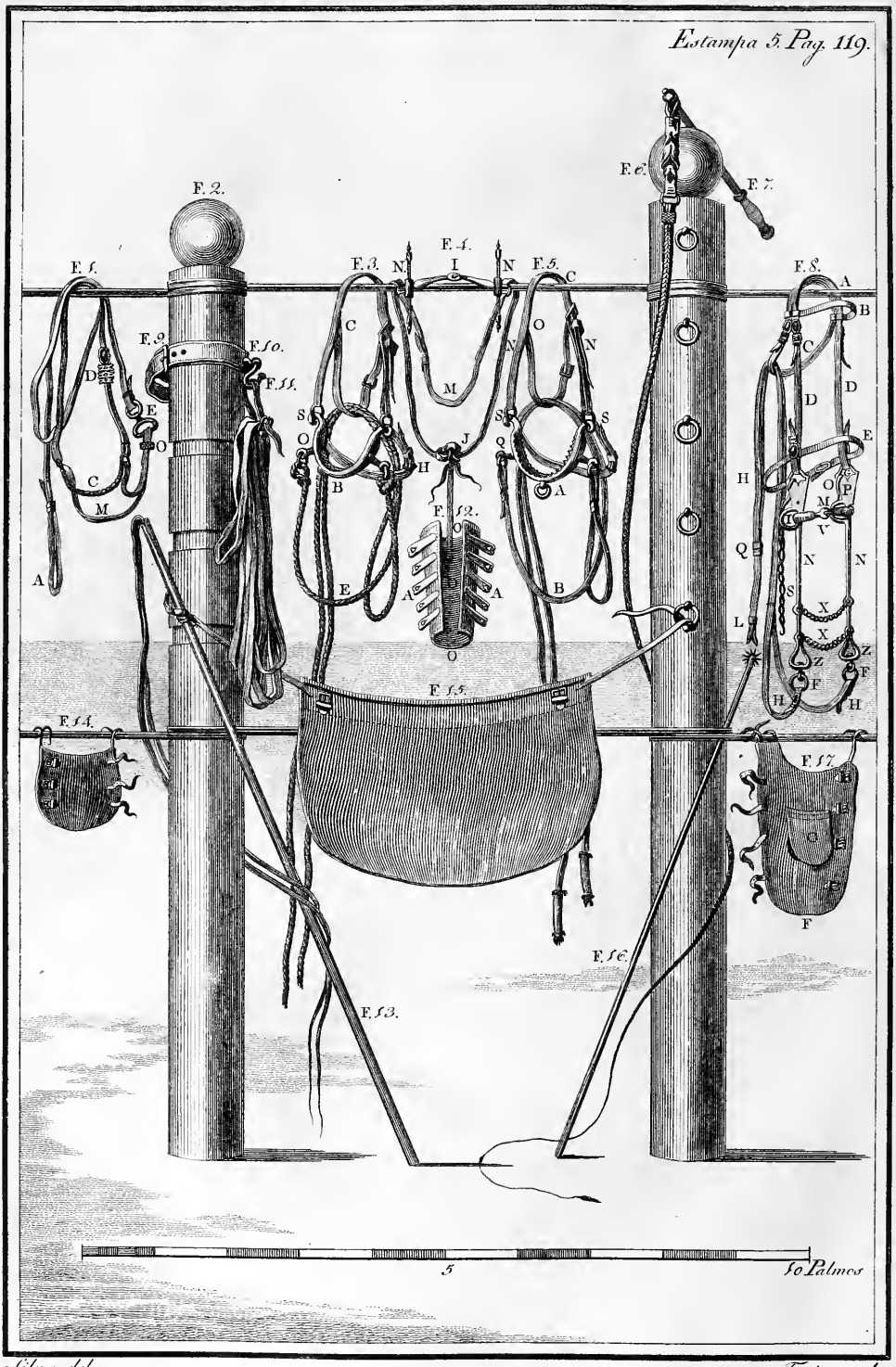
Quem andar com a guia, e quem andar ajudando com o chambrié, deve ter cuidado em que o Potro não caia no terreno; e ſe ſaltar, ſeja por braveza, ſeja por alegria, e deſejo de brincar, ſeja por ſe apaixonar com a ſujeição da guia, do cabeção, e do aperto da cilha, não deve quem o deitar á guia deixallo ir dar pelas paredes do Picadeiro, e parapeito, para que as ſuas deſordens, e paixões o não fação dar alguma grande pancada, que o poſſa para ſempre arruinar de alguma das partes do corpo.

## *Do modo de pôr a ſella nos Potros.*

PAſſados dous mezes pouco mais, ou menos, lhe porão a ſella, que tão ſómente deve ter a cilha meſtra, e rabicho, ſem eſtribos, chairel, ou outra alguma couſa, que ſirva de embaraço a pôr-ſe ella com brevidade, havendo-ſe primeiro cuberto os olhos ao Potro com huns antolhos Eſt. IX. Fig. 16., ou com hum panno, que facilmente poſſa ſegurar na cabeçada: iſto para elle ſoffrer mais, e não ſe deſordenar tanto ao pôr da ſella; pois he certo ſe inquietão muito, quando eſtão vendo todas as acções, que he preciſo fazer neſte caſo.

He bom fazer-lhe pôr a ſella a primeira vez na volta ultima do fundo do Picadeiro; e em lhe ajuſtando a cilha meſtra, de ſorte que ſe conſerve a ſella no lugar em que a puzerão, lhe devem apertar o rabicho ſem exceſſo; e apôs iſſo deſtapar-lhe os olhos, e deixallo ſahir para diante por todo o comprimento do Picadeiro. Aquelle, que eſtiver com a guia, por muito que o Potro ſalte, havendo-ſe-lhe poſto a ſella, como temos dito, poderá facilmente, ſem riſco dos moços que a puzerem, fazer-ſe ſenhor delle, e acautelar todos os movimentos, de que o Potro uſa, ſeja para fugir, para ſaltar, ou para ſe defender.

O coſtume de pôr a ſella nos Potros as primeiras vezes no meio da primeira vol-




Silva delin. Frois sculp.

volta do Parapeito junto ao Pilão do centro, não he tão bom; porque neſte lugar ſe o Potro ſe defender, e ſaltar, póde facilmente offender os moços que lha põe, e ir marrar no Pilão, ou no Parapeito, ſem o Conductor da guia ter tempo de ſe fazer ſenhor della, e embaraçar ao Potro as ſuas deſordens, como o poderia fazer, ſe lhe foſſe poſta na volta ultima do fundo do Picadeiro.

## *Moſtra-ſe como devem ſer fabricadas as ſellas, que ſe põem a primeira vez nos Potros.*

AS ſellas mais proprias para pôr nos Potros as primeiras vezes, devem ter huma cilha meſtra, que paſſe por entre o coxim, e as chapas: depois do Potro ſoffrer a ſella, devem pôr-lhe os eſtribos prezos no porte eſtribo, o chairel, e as cilhas ordinarias. Em elle ſoffrendo iſto, lhe farão deitar os eſtribos abaixo, tendo os loros em tal comprimento, que não vão dando os eſtribos nos codilhos, ou principios dos braços dos Potros N. 49. Eſt. III., onde muitas vezes por effeito deſtas pancadas ſe lhes fazem humas contuſões, a que chamão *Codilheiras*, que depois cuſtão muito a diſſolver, e gaſtar.

# ESTAMPA V.

## *De alguns inſtrumentos, com que ſe caſtigão os Cavallos.*

## *Utilidades da Guia, e de como deve ſer conſtruida.*

EM todas as Eſcolas bem regradas ſe ſervem da Guia para encaminhar, e diſpôr os Potros, moderando-lhes com ellas a ſua braveza, e fazendo-lhes ſoffrer, e ſentir as ſenſações do cabeção ſobre o focinho, e do chambrié ſobre a garupa; e ainda que Newcaſtle, e outros ſcientes não tratem das ſuas utilidades pelo decurſo da ſua lição, com tudo eſte inſtrumento he preciſo para diſpôr os Potros, e principiar a fazer com que elles ſoffrão as ſenſações não ſó do cabeção, e chambrié, mas do açoute, vara, e falla. He tambem util a Guia áquelles Cavallos, que ſe tem feito rebeldes, e malignos, ou impellidos da má lição, ou da ſua natural inclinação. Ella ſerve para nas ſuas difficuldades os ajudar a reduzir, e ſerá em todas igualmente util, ſe fizerem ſempre hum bom uſo do ſeu preſtimo.

Deve a Guia ter de comprimento quarenta e quatro até quarenta e ſeis palmos; e o ſeu feitio, como ſe vê na Eſt. V. Fig. 11.: deve ſer de canhamo, e tecida da meſma fórma, que ſe coſtumão tecer as redeas ordinarias do cabeção: em huma das ſuas extremidades, ou pontas, deve ter huma correia de palmo e meio de comprido com ſua fivela, e paſſador forte para ſe afivelar na argola do tronel do cabeção, ou aonde a fizerem ſervir. Na outra extremidade, ou ponta, deve haver huma prezilha feita da meſma fórma, que o he a guia, e com pouco mais de hum palmo de comprimento, para ſe poder pegar bem nella, e dobrar na mão todo o reſto, como ſe vê na Eſt. V. Fig. 11.

*Do*

## *Do modo de deitar os Potros as primeiras vezes á guia.*

DEvem-ſe principiar a deitar á guia os Potros ſobre hum largo circulo, obrigando-os o mais que puder ſer a que obſervem hum terreno igual na ſua circumferencia, trazendo ſempre a guia com a poſſivel liberdade, e com aquelle apoio que ao meſmo tempo permittir a ſenſibilidade do Potro.

Se o Potro baixar a cabeça, deve quem o deitar á guia ter mais alta a mão direita, e dar-lhe com a meſma guia alguns toques para ſima, e para diante; e tanto que o Potro levantar a cabeça, e ſahir para diante, e para fóra, devem logo render-lhe a guia, iſto he, deixalla correr pela mão, para que o Potro, havendo levantado a cabeça, e ſahido para fóra, levante as ſuas eſpaduas, e fique em melhor acção.

Quando o Potro com os ſeus pés alcançar as mãos, ou ſe alargar demaziadamente das ſuas ancas, he bom ter repetidas vezes a guia para dentro, quanto baſte, para o Potro unir a perna de dentro á perna de fóra, porque de outro modo elle não poderá tão facilmente adquirir o bom coſtume de recolher a perna de dentro para baixo do ſeu corpo.

Se o Potro ficar para trás, iſto he, ſe ſe detiver, he preciſo que o que trouxer a guia ande para diante, puchando-a alguma couſa para ſi. E da meſma ſorte ſe o Potro entrar demaziadamente para diante, deve quem trouxer a guia andar menos, e tocar-lhe com ella amiudadas vezes para trás; e ſe neſte caſo o Potro ſahir muito para fóra, puchando com violencia, devem muitas vezes ter a guia para dentro, e render-lhe logo a mão até que o Potro deixe de commetter aquelles defeitos. Advertindo que neſte caſo as ſenſações do cabeção ſobre o focinho do Potro devem principiar por miudos toques da guia, que vão fazendo mover o cabeção ſobre o meſmo focinho do Potro ſem grande força, para que elle ſe vá pondo em boa acção, e ſoffrendo o cabeção ſem violencia.

Se o Potro quizer ſaltar, deve quem o deitar á guia obſervar ſe elle ſalta, ficando para trás, ou indo para diante; e da meſma ſorte ſe elle ſalta mais para huma, que para outra parte, para lhe encontrar eſta deſordem, e ir remediando os ſeus máos coſtumes, a fim de que não ſe obſtine mais neſtes defeitos, e por meio delles adquira alguns eſforços nas eſpaduas, canas, joelhos, e travadouros; pois todo o cuidado de quem deita os Potros á guia deve encaminhar-ſe a que elles não ſe arruinem de alguma das referidas partes.

## *Do modo de o obrigar as primeiras vezes a paſſar de mão.*

QUando fizerem paſſar de mão o Potro, ou Cavallo, que anda á guia, devem obſervar ſe elle vai igual no ſeu movimento, e por conſequencia com melhor tenção, para então lhe render a guia, dando quem a trouxer alguns paſſos para fóra do centro; e depois do Potro ſahir da linha da circumferencia do circulo em que andava para fóra, andando o Conductor da guia alguns paſſos para

a garupa do Potro, puchando-o então com ella para ſi, para que elle ande para diante, e entre por hum angulo curvilineo, Eſt. IV. Fig. 7., para o centro, e aſſim do meſmo modo torne a ſahir para fóra, e por outra ſemelhante curvatura vá buſcar a linha da circumferencia do circulo, em que andava antes de entrar neſta paſſagem. Serve tambem a guia para obrigar o Potro, ou Cavallo a andar para trás, em lhe dando com ella alguns toques ſobre o focinho.

Quando quizerem que o Potro vá para fóra, e para diante, devem ter a guia na mão direita, ſahindo a parte della, que vai afivelar no cabeção da palma da mão por entre o dedo pollegar, para fóra; e quando quizerem que o Potro abaixe a cabeça, entre para o centro, e não vá tanto para diante, devem conſervar a guia na mão direita, entrando por entre o dedo pollegar, e a palma, e ſahindo a parte que vai afivelar no cabeção, por entre o dedo minimo, e a palma, tendo ſempre o reſto da guia bem dobrado na mão eſquerda, e aſſim lhe darão com ella os toques ſómente que baſtarem para fazer obedecer o Potro, ou Cavallo; e logo que elle ceder, devem render-lhe a guia, e continuar em trabalhallo com muita liberdade, e o poſſivel apoio.

Se o Potro puchar muito para fóra, e fizerem nelle pouco effeito as diligencias, de que já fizemos menção, podem deixallo andar bem largo, e muitas vezes ter, e render-lhe a guia até elle ceder, e andar bem para diante. Se elle porém quando chegar aos quatro angulos da volta quadrada ficar para trás, podem ſegurar a guia no Pilão do centro, para que, ainda que puche muito, ſe deſengane de que não póde fugir para fóra. Neſte caſo porém não he bom obrigallo com violencia de chambrié, ou açoute, porque não faça alguns eſforços nos ſeus quadrís, e curvilhões, antes ſim o devem ir conduzindo com mais brandura, e moderação; e pela parte de fóra podem haver alguns ajudantes, que o encaminhem com manſidão para deixar o ſeu máo coſtume, e ſeguir melhor direcção.

Serve a guia para ajudar a render os Cavallos, que duvidão voltar para huma, e outra parte por malicia, e para embaraçar, e corrigir tambem os que rápidamente querem voltar já para huma, já para outra mão contra a vontade do cavalleiro. A mão da guia trabalhando alta, ajuda o Cavallo a levantar a cabeça, e as eſpaduas: logo pelo contrario trabalhando a mão baixa, ha de forçoſamente obrigar-lhe a cabeça, e eſpaduas para baixo.

Todas as vezes que renderem a guia, ficará o Potro, ou Cavallo mais em liberdade; e quando firmarem a guia, o Potro, ou Cavallo ficará para trás: ſemelhantemente quando tem a guia para dentro, obrigão o Potro a que volte a cabeça para a volta, trazendo-lhe inſenſivelmente as eſpaduas para o centro; e por conſequencia ha de ſahir a garupa á proporção para a circumferencia, e por eſte motivo neceſſariamente o Cavallo ha de unir a perna de dentro á perna de fóra, como já diſſemos.

A cilha meſtra deve ſer poſta aos Potros pelas primeiras vezes no Picadeiro, e debaixo da guia, depois dos Potros haverem feito algum exercicio, para com ella evitar que ſaltem, e commettão deſordens, por meio das quaes ſe arruinem: o meſmo ſe deve praticar, quando as primeiras vezes lhes puzerem a ſella, e os montarem.

## *Continua-ſe o modo de deitar os Potros á guia.*

QUando a guia eſtiver afivelada no tronel do cabeção da parte de fóra do centro, que he, ſe o Potro anda para a mão direita, eſtar a guia afivelada no tronel do cabeção da parte eſquerda, elle olhará com os olhos ambos para o centro da volta: eſte modo de uſar da guia lhe faz não ſó voltar a cabeça para o centro, mas obriga-o a dobrar-ſe do lugar do Ezofago por todo o peſcoço, e iſto o faz entrar bem conſideravelmente das cilhas para diante, para dentro da volta, e ſahir conſequentemente á proporção com as ancas para fóra do centro: ainda quando o Potro, ou Cavallo faça diligencia por entrar para o centro com a garupa, ſeja por aliviar o ſentimento da perna de fóra, que ſoffre maior oppreſsão com o movimento circular a que fica obrigada, quando a garupa ſahe da linha da circumferencia, em que trabalhão as eſpaduas; ſeja por lhe cuſtar a entrar com as eſpaduas para o centro, e cruzar a mão de dentro por ſima, e por diante da mão de fóra. Serve mais a guia para abater os Cavallos caprichoſos, e diſpollos para o cavalleiro os montar ſem riſco; e maiormente ſerve ſe os Cavallos são raivoſos, colericos, reçabiados, ou tem congocha.

Se o Potro, ou Cavallo he raivoſo, e por conſequencia ſenſivel, devem deitallo á guia manſamente, fazendo-o trotar, e galopar igual no ſeu movimento, ſem lhe atenuar a ſenſibilidade do focinho com pancadas fortes, e violentas. He bem verdade que os orgãos do tacto, quando o Cavallo he naturalmente ſenſivel, não perdem facilmente a ſua propriedade; mas não obſtante iſſo, não devem com o coſtume das repetidas pancadas do cabeção ſobre o focinho do Cavallo fazer com exceſſo caloſa a parte, em que o cabeção faz as ſuas ſenſações, em quanto o deitão á guia.

Se o Cavallo tiver congocha, e quando lhe apertarem a ſella, elle moſtrar que quer puchar para trás, não he bom ſegurar-lhe a guia forte; porque ſe lhe pucharem por ella para diante, o Cavallo quaſi ſempre cahirá para trás. He muito natural parecer a todos, que, puchando pela guia para diante, evitarão o perigo de lhe cahir o Cavallo para trás, e talvez de forte que fique morto, ou muito maltratado da quéda. Iſto porém ſó o poderia ſempre conſeguir aquelle homem, que tiveſſe mais forças que o Cavallo (couſa ſem dúvida impoſſivel), por iſſo ſe lhe deve render a guia para evitar eſte perigo; e antes de o apertarem, ſe tiver eſta moleſtia, o devem deitar mais tempo á guia, do que ſe elle não tiveſſe congocha, para quando o apertarem não eſtranhar tanto o aperto.

O Cavallo, que tem congocha, agitado da oppreſsão que lhe faz o aperto das cilhas, ſe afflige, e o ſeu primeiro impulſo quaſi ſempre he levantar-ſe para ſima, firmando-ſe igualmente nos ſeus pés, e mãos; e em ſentindo que lhe ſegurão a guia, elle pucha para trás com mais exceſſo, e por iſſo cahe: ſe pelo contrario achar a guia froxa, elle, depois de ſaltar para ſima, ou para os lados, ſahirá para diante; e ainda que dê alguns ſaltos, elle ſe deixará vencer ſem riſco; e quem o deitar á guia, logo depois dos primeiros ſaltos, fallando-lhe forte para o

di-

divertir, e tendo-lhe a guia, ſerá facilmente ſenhor delle; e quando caia no chão, ha de ſer com menor violencia, que ſe o puchaſſem para diante.

Se o Potro, depois de apertado, duvidar ſahir para diante, he igualmente bom o ajudante ficar bem por detrás delle, e tocar-lhe ſobre a garupa com o chambrié, ou açoute, e quem eſtá com a guia puchar a cabeça do Cavallo ora para huma, ora para outra parte; mas ſe elle ſe deitar, he melhor deſapertar-lhe as cilhas, do que magoallo com pancadas para ſe levantar.

Ajuda-ſe o Cavallo com a guia entre os Pilões a ſuſpender, e formar as curvetas, as garupadas, as balotadas, e as cabriolas, &c. e ſerve tambem a guia no gancho do correão do Pilão do centro, para obrigar os Cavallos a que ſe formem com liberdade nos ares altos: ſerve para tirar o Cavallo atrás pelas linhas rectas da muralha, e linhas do centro, e ſobre as meſmas linhas obrigallo, e ajudallo a que faça as pouſadas, as curvetas, e os mais ares altos.

Todos eſtes preſtimos, que digo tem a guia, juſtificão baſtantemente as ſuas utilidades: os que fizerem della hum bom uſo, verão o quanto he proveitoſa; e ſe produz algumas vezes máos effeitos, he porque muitos usão della, ignorando o modo de a fazer util.

## *Fórma, com que ſe deve uſar do chambrié.*

O Chambrié (como fica notado) he huma haſtea de madeira, como ſe vê na Eſt. V. Fig. 13., commummente do comprimento de ſete, ou oito palmos e meio, com groſſura proporcionada ao ſeu comprimento. Os melhores são de faia, a ponta deve ſer fendida, e dentro da abertura intruſas, e ſeguras duas correias de couro groſſo, e macio da largura de quaſi duas pollegadas, e do meſmo comprimento de que he a haſtea.

Quem ajudar o Potro com o chambrié, deve trazer o ſeu braço da parte de fóra do centro da volta ſobre que anda, eſtendido, e alto, de ſorte que as pontas das correas fiquem detrás da garupa do Potro, para que elle obrigado deſta ajuda ſaia para diante, e para fóra. Se não obſtante tudo iſto, elle ainda o duvidar, quem trouxer o chambrié dará com as correas no chão, para que com o temor da pancada ande para diante. Iſto a que nos termos da Arte chamão ajuda, he hum remedio mais forte que o primeiro que fica notado, para fazer determinar os Potros, ou Cavallos a que andem para diante: aſſim como tambem tocar com as pontas das correas do chambrié ſobre a garupa do Potro, he já huma ajuda mais forte que as precedentes; e ſe elle ſe demorar, ou deſobedecer, tanto que ſeja preciſo darlhe fortemente com o chambrié ſobre a garupa, como iſto já paſſa de ajuda a caſtigo, devem ſervir-ſe delle o menos que puder ſer, para que no Potro ſe conſerve mais a actividade do eſpirito, e a natural ſenſibilidade.

Se deitarem o chambrié ao Potro de dentro para fóra do lugar, donde ſe apertão as cilhas até ao meio da eſpadua, iſto o fará ir para fóra do centro, e obrigará a adquirir alguma dobra no corpo. Se deitarem o chambrié á eſpadua do Potro detrás para diante, elle ſahirá para diante, e unirá, poſto que por breve tempo, a

eſpadua de dentro á eſpadua de fóra. Se deitarem o chambrié á cocha da perna de dentro do centro, o Potro unirá então a perna de dentro á perna de fóra, extendella-ha para baixo do corpo, e ſahirá para diante. Se lhe deitarem o chambrié de fórma que elle alcance a garupa do Potro pela parte de fóra do centro, elle entrará com a ſua garupa alguma couſa para o centro, e unirá a perna de fóra á perna de dentro; e ſe quem andar com o chambrié, o abaixar para o chão, o Potro andará mais manſo, porque não obſerva o chambrié em acção de o ajudar, ou caſtigar. Se lhe tocarem com as pontas do chambrié ſobre o meio das ancas, o Potro dobrará os curvilhões, ſahirá para diante, e metterá as ſuas pernas igualmente para baixo do corpo, igualando-ſe muito nos movimentos do ſeu trote, e nos do galope.

Não he bom caſtigar os Potros por baixo da barriga com o chambrié, porque elles á pancada ſe encolhem, detem-ſe, e perdem o ſeu melhor movimento: por iſſo creio que iſto juſtifica bem o quanto he máo eſte modo de uſar delle. Tambem não devem chegar-ſe muito com elle aos Potros, nem demaziadamente á guia, para que não fiquem para trás, vendo diante de ſi quem os caſtiga, ou poſſão offender o ajudante, por ſe chegar muito a elles. Devem ſim andar com o chambrié, de ſorte que ſe conſervem defronte do meio do corpo do Potro, hum pouco diſtante de quem traz a guia, tendo muito ſentido em o obrigar com o ſeu modo de andar mais, e menos apreſſado, e com os movimentos do chambrié, para que elle vá para diante, conſervando os ſeus movimentos com a maior igualdade que puder ſer, ſeja que o conductor do chambrié o obrigue a mover-ſe com velocidade, por ſe dar mais preſſa nos ſeus paſſos, ou que por andar de vagar, ſe mova o Potro com menos preſſa.

## *Do modo de fazer paſſar o Potro da mão, obrigando-o com o chambrié.*

QUando o fizerem paſſar de mão, o que andar com o chambrié, obſervará ſe o Potro em lhe rendendo a guia, ſahe para fóra da circumferencia para o ſeguir com o chambrié quanto baſte, e apôs iſſo quando a guia o ſegura, ſe elle entra para o centro do circulo por hum angulo curvilineo, porque então deve o ajudante paſſar por detrás do conductor da guia, para o ajudar a que por outra curvatura vá immediatamente outra vez buſcar a linha da circumferencia, pois que de outra ſorte não podem os Potros na paſſagem ſahir da circumferencia para fóra, e apôs iſſo entrar para o centro, tornar a ſahir para a circumferencia, e marcar o terreno, como ſe vê na Eſt. VI. Fig. 2. N. 4. e Fig. 3. N. 6.: por eſtes motivos ſe deixa ver bem claramente de quanta utilidade he o chambrié para ajudar, e facilitar os Potros na maior parte das lições, e trabalhos, que ſe lhes devem formar nos ſeus principios.

*Ex-*

## *Explica-ſe que couſa he Açoute, e o modo de uſar delle.*

O Azurrague, vulgarmente chamado *Açoute*, he muito differente no ſeu feitio do chambrié, como ſe vê na Eſt. V. Fig. 7.: com tudo o ſeu preſtimo he quaſi o meſmo que o de chambrié; e ainda que os Potros o não temem tanto, em quanto não provão os ſeus effeitos, logo que com o açoute levão alguma pancada, o temem muito mais que temem o chambrié; porque a ſenſação, que elle imprime nas ſuas corporeas máquinas, ſe lhes faz mais violenta, e ingrata que a do chambrié.

Sendo pois o caſtigo do açoute violento, tanto por iſſo, como por incommodar com os eſtalos todos os Cavallos, que andão trabalhando no Picadeiro, muitos prudentes são de parecer que elle ſe deve para ſempre deſterrar das Academias bem reguladas. Eu porém attendendo ao que elle tem de bom, e ao que tem de máo, creio o devem conſervar para ajudar, e caſtigar aquelles Cavallos, nos quaes o chambrié não produz o eſperado effeito; ou porque tenhão o couro groſſo, e por iſto ſejão menos ſenſiveis, ou porque ſejão tambem demaziadamente malignos.

Deve o açoute ter hum cabo de madeira de dous palmos, e hum terço de comprimento, com groſſura proporcionada: na ponta deſte cabo deve haver hum cabreſtilho de tres quartos de comprimento, e no fim do cabreſtilho huma argola, em que ſe prenderá o açoute. Tambem póde não ter argola, ſer o cabreſtilho menor, e com outro cabreſtilho, ſendo enlaçado hum no outro, ir prender no açoute.

O açoute he tecido de quatro correas; e ſendo no principio mais groſſo, irá declinando até á ponta, de ſorte que venha a finalizar em huma correa, cujo comprimento venha a ſer de hum palmo, e hum terço, e largura de huma pollegada. No fim da referida correa haverá huma abertura, em a qual ſe poſſa introduzir huma ponta delgada, feita de pita, e na ſua falta ſeja de retroz, ou de cordel, vindo a ficar o açoute na extenſão de quinze até dezeſeis palmos no ſeu comprimento.

A pancada do açoute, ſendo forte, corta o couro ao Cavallo, principalmente ſe com elle lhe derem ſobre o ventre, ou ſobre as ſoldras, e bargadas, onde ordinariamente o couro he mais delgado; mas iſto não obſtante, devem conſervar o açoute nas Eſcolas bem reguladas, não ſó pelas razões que deixamos notado, mas tambem porque ſe o que andar com elle fizer bom uſo do ſeu preſtimo, o póde fazer util; pois que para ajudar o Cavallo, nem he preciſo andar-lhe ſempre dando, nem tão pouco dar amiudados eſtalos, com os quaes ſe faça perder o ſentido da lição aos mais Cavallos, que andão trabalhando.

Newcaſtle, e outros ſcientes não tratão, como já diſſemos, da guia no diſcurſo da ſua lição, e com tudo elles ſe ſervião della para diſpôr os Potros, e Cavallos, uſando-a para os fazer ſoffrer as ſenſações do cabeção, e todas aquellas, que nos ſeus principios lhes são deſagradaveis. He ſem dúvida que os primeiros rudimentos, pelos quaes ſe principião a formar as primeiras diſpoſições de qualquer

Ar-

Arte, ou ſciencia, ainda que na apparencia repreſentem ſer couſa de pouca entidade, nem por iſſo deixão de ſer os fundamentos, ſobre que rodão, e ſe vão eſtabelecendo as maiores difficuldades das Artes, e ſciencias. Iſto ſuppoſto, em todas as Eſcolas, e bem reguladas Academias ſe uſa, e tem ſempre uſado da guia, chambrié, e açoute; e ainda que as mãos, e as pernas do Cavalleiro são as que dão aos Cavallos governo, facilidade, e ſenſibilidade na ſua boca, e ventre: com tudo, he tambem innegavel ſer a guia, o chambrié, e açoute hum grande remedio para diſpôr os Potros, e trazellos de bravos, ſerrís, e indomitos ao bom eſtado do Cavalleiro poder ſem tanto riſco, dominallos.

## *Do modo de montar o Potro debaixo da guia.*

QUando montarem o Potro as primeiras vezes, devem abatello tanto quanto parecer baſtante, a quem o deitar á guia, para que elle não commetta grandes deſordens. Logo quem o houver de montar, ſe chegará a elle, de ſorte que não o eſpante; e depois de o affagar, quanto o Potro permittir, pegará no eſtribo, metterá nelle o pé, e baterá com a mão direita no coxim da ſella: advertindo que ſe o Potro eſtranhar muito a novidade, em tal caſo o tornaráõ a deitar á guia até elle eſtar mais manſo; e tanto que o fizerem parar, tornaráõ a chegar-ſe a elle, cubrindo-lhe os olhos, de ſorte que ſe poſsão deſatar, ou tirar facilmente os antolhos, ou mandil, para evitar que o Potro com os olhos tapados ſalte, e vá dar aſſim pelas paredes.

Quem trouxer a guia a deve ter na mão eſquerda bem dobrada, ſegurando-a curto com a direita para melhor embaraçar as deſordens, que o Potro emprender para a ſua defeza.

O Eſpotreador as primeiras vezes que montar o Potro, deve tirar as eſporas; e em mettendo o pé no eſtribo, montar com agilidade, iſto he, fazer diligencia por montar de hum tempo, e ganhar a ſella da primeira vez. O meſmo Eſpotreador deve reparar em que eſteja o eſtribo em bom comprimento, iſto he, que eſteja o comprimento do loro proporcionado á medida do comprimento da perna, porque o eſtar o loro muito comprido, faz que o Eſpotreador não poſſa alcançar bem a ſella; e ſe o loro eſtá muito curto, tambem não he bom, porque a perna direita ſalva a ſella para a parte de fóra com exceſſo, por iſſo deve o loro eſtar em hum comprimento juſto, e proporcionado ao comprimento da perna do Eſpotreador.

Quem eſtiver com a guia, deve, como fica recommendado, eſtar bem prevenido; e logo que o Eſpotreador eſtiver mettido na ſella, dar liberdade ao Potro para ſahir para diante, cuidando muito em que levante a cabeça para ſima, e trote igual, ajudando-o muito com a guia para aliviar mais ao Cavalleiro: eſte deve conduzir com ambas as mãos o Potro para fóra, não ſó para o indireitar mais no terreno, mas tambem para a guia o divertir, e ajudar, a fim de que o Potro vá ſeguindo com facilidade as linhas do circulo de duas piſtas, marcando a terra, como ſe vê na Eſt. VI. Fig. 1., e ſobre o quadrado, como ſe vê na Eſt. XV. do quadrado longo N. 2., e aſſim lhe irão continuando a lição até o coſtume della o re-

du-

duzir da ſua braveza, e deſigualdade a determinar os ſeus movimentos por humas linhas já circulares, ou já rectas, como temos dito.

Pelo methodo já referido deixamos notado, reſumida, e ſuccintamente o como o Eſpotreador deve montar o Potro ſerril as primeiras vezes. Agora he juſto paſſemos a moſtrar como devem ir diſpondo, e principiando a deitar o Potro á guia, para o fazer mais facil nos ſeus movimentos, e mais igual, e deſembaraçado, tanto das ſuas eſpaduas, como tambem da garupa, porque eſtes são os objectos principaes a que ſe encaminhão todas as minhas diligencias, e ſe tem ſempre dirigido as laborioſas fadigas dos mais famigerados Profeſſores deſta Arte. Pignateli, Meſtre da Academia de Napoles, affirmava aos ſeus diſcipulos, que em quanto o Cavallo não eſtá deſembaraçado das ſuas eſpaduas, não uſa bem dos ſeus movimentos naturaes, nem ſe póde diſpôr para os artificiaes.

## *Explica-ſe o modo, com que ſe devem atar as redeas do cabeção ás cilhas para eſta lição ſer util.*

AS redeas do cabeção atadas ás cilhas iguaes são excellentes para ajudar com o ſoccorro da guia, e chambrié a trazer o Potro, ou Cavallo com mais facilidade no conhecimento do cabeção, e á perfeição de ſe igualar nos movimentos naturaes: he preciſo porém fazer hum bom uſo dos ſeus effeitos, por iſſo Previl no Capitulo II. affirma que a Arte ſó, applicada com prudencia, produz maravilhoſos effeitos. Ora para o Cavalleiro uſar bem das diligencias da Arte, deve conhecer bem as difficuldades dos Cavallos, para fazer-lhes atar as redeas naquella ſituação que elles preciſarem. Logo por conſequencia não ſe devem mandar atar por coſtume as redeas do cabeção iguaes, e juſtas a toda a ſorte de Cavallos; porque tanto que o trabalho não he oppoſto ás difficuldades do animal, neceſſariamente ha de ficar conforme ás ſuas defezas, e com iſto elle ſe confirmará cada vez mais nos ſeus erros.

As redeas atadas ás cilhas com igualdade são boas, como já diſſemos, para endireitar os Potros das eſpaduas, e peſcoço, quando lhe principião a formar a primeira lição ſobre as linhas da circumferencia, ou ſobre as linhas do quadrado, ſeja longo, ou regular. Paſſemos agora a ver a differença com que ſe devem atar as redeas do cabeção para ajudar a render o Cavallo ſobre o redondo, e ſobre o quadrado.

## *Differença do modo de atar as redeas do cabeção, para formar o Potro na primeira lição do trote.*

PRimeiramente para o Potro trabalhar com as redeas do cabeção atadas ás cilhas, andando elle ſobre a circumferencia, devem as redeas ficar proporcionadamente iguaes, e com tal liberdade, que em ſe puchando a guia para dentro, deixe a redea do cabeção de fóra voltar ao Potro a ponta do focinho alguma couſa para o centro.

Pa-

Para o Potro trabalhar com as redeas iguaes ſobre o quadrado, podem ellas ficar alguma couſa mais juſtas; mas de tal ſorte iguaes, que elle ſinta a ſenſação das redeas ambas produzida igualmente pelo ferro do cabeção ſobre o focinho. Newcaſtle recommenda que deixem entrar, e dar os Potros no cabeção ao principio, tanto quanto baſte, para que elles avancem as ſuas eſpaduas com igualdade de movimentos cada huma no ſeu tempo, e a garupa ſiga da meſma ſorte os movimentos das eſpaduas. Iſto porém ſe deve pôr em prática á proporção do ſentido, e ſenſibilidade, com que os Potros ſoffrem as ſenſações do cabeção; e ſenão ſe accommodarem a iſtò, os Potros, ou Cavallos, em lhes apertando as redeas mais do que elles podem ſoffrer, ſe confundem de modo que chegão muitas vezes a defender-ſe, por não poderem ſoffrer o demaziado aperto, e tambem porque não conhecem o que pertendem que elles façáo: motivos, por que deve cuidar muito quem deitar Potros á guia em conhecer bem as ſuas difficuldades, e não ſe deſcuidar de os ir obrigando, e conſervando na figura correſpondente á lição, em que os fazem trabalhar.

Se atarem a redea do cabeção da parte de fóra mais curta que a de dentro, ficará aſſim o Potro em huma figura falſa, e por conſequencia mal poſto no chão: elle dobrará a ſua eſpadua, e peſcoço, á proporção do que lhe apertarem a redea de fóra, entezando-ſe ſobre a eſpadua de dentro; neſte caſo a garupa entrará para o centro, e virá a ficar trabalhando por dento das linhas das eſpaduas. O Potro, ou Cavallo fica aſſim irto, e tezo, ſem poder ſer ſenhor dos ſeus movimentos; de ſorte que eſta lição, ſendo por eſte modo applicada, faz ſituar mal o Potro, e o conduz ao eſtado de ſe arruinar dos ſeus rins, garupa, e curvilhões, maiormente ſe quando o deitarem á guia, lhe derem cabeçonaſſos fortes, eſtando elle ſituado deſta maneira.

As redeas do cabeção atadas ás cilhas com igualdade ſegurão ao Potro a eſpadua de fóra para o centro, e da meſma fórma a meia anca de fóra. Por iſſo eu recommendo atem as redeas do cabeção de tal ſorte iguaes, andando ſobre o circulo, que o Potro poſſa olhar alguma couſa para dentro da volta, para quem o deitar á guia o poder alargar, e ajuntar das ſuas eſpaduas, e garupa o mais que eſta lição póde permittir, e o Cavallo preciſar. Recommendo tambem que deitem os Potros algumas vezes á guia ſobre o quadrado, humas vezes regular, outras longo, para que indo por linhas rectas, ſeja mais brilhante na determinação dos ſeus movimentos, ſeguindo a ordem que lhe he mais natural: paſſando-o porém dos quadrados aos circulos, primeiro largos, e depois mais curtos, ſerve iſto para que vá adquirindo a determinação circular.

Para conſeguir que o Potro chegue a unir a ſua perna de dentro á de fóra, andando á guia ſobre os circulos, deve ter quem o deitar a ella, a mão firme para dentro; e quem trouxer o chambrié, deve apôs iſſo ajudar com elle o Potro ſobre a coxa da perna de dentro, para que por effeito deſtas diligencias elle ſe vá coſtumando a recolher a perna de dentro para baixo do corpo, e a vá unindo á ſua perna de fóra, para marcar com as piſtas dos ſeus pés, e mãos os circulos, como ſe vê na Eſt. VI. N. 4.

Se

Se o Potro deitar muito para fóra a garupa, e por eſta cauſa elle unir com extremo a perna de dentro á de fóra, nem por iſſo ſe deve entender que elle vai bem, em quanto não recolhe a perna de dentro para baixo do corpo; porque ordinariamente elles tomão aquelle coſtume para uſarem mal da ſua garupa, e ficar para trás: então quem trouxer a guia, lhe dará liberdade nella, e repetidas vezes alguns toques para diante, e para fóra, regulando a força com que os applicar, pela proporção do ſentimento que o Potro moſtrar á impreſsão deſtas ſenſações.

Se o Potro ſe detiver, devem os toques da guia ſer poucos, e muito moderados, ainda que elle os preciſe; e quem ajudar com o chambrié, deve amiudadas vezes tocar-lhe com elle ſobre a garupa; e ſe o Potro não fizer caſo diſto, então lhe podem dar com elle fortemente ſobre as ancas, obrigando-o por eſte modo a deixar-ſe encaminhar da guia, e a determinar os ſeus movimentos bem, e para diante, deixando de rolar para fóra, e ſeguindo com os movimentos da garupa os movimentos das eſpaduas pelas linhas circulares.

Newcaſtle, e todos os ſcientes pertendem que as duas ancas do Potro ſigão com os ſeus movimentos as duas eſpaduas com promptidão, igualdade, e deſembaraço. Eu me perſuado que todas as diſpoſições, de que precedentemente havemos tratado, são hum grande meio para os Potros conſeguirem eſtas perfeições, e poderem com a piſta do pé de dentro da volta buſcar a linha da mão de fóra, ſegundo as recommendações de Pignateli Pag. 19.

Tanto que a garupa do Potro, andando á guia, fica ſobre o circulo de menor circumferencia, que as eſpaduas, já anda adiante dellas, porque ella ſe move em menos terreno para o ponto do centro, e já o Potro não póde determinar os ſeus movimentos com perfeição por huma linha circular, como ſe vê na Eſt. VI. N. 4., antes fica em huma figura falſa, e torcida; e creio não ha ſciente algum neſta Arte, que mande formar os ſeus Cavallos em hum terreno, em que a parte do centro embaraça á parte de fóra ſeguir a determinação circular, com que a força centrifuga deve fazer a acção do corpo do Cavallo concava da parte do centro, e convexa da de fóra.

Em quanto a piſta do pé de dentro marca o terreno por dentro da linha, que marca a mão de dentro, a linha do pé não póde ter a curvatura preciſa ao movimento circular, em que preciſamente o Potro deve mover toda a máquina do ſeu corpo, ſeguindo as linhas do circulo, ſobre o qual anda trabalhando. O mais a que alguns Authores ſe alargão, he a mandar ſegurar a redea de fóra para remediar o defeito daquelles Cavallos, que por ſe lançarem ſobre a eſpadua de fóra com exceſſo, não querem obſervar as linhas dos circulos de duas piſtas inventados por Pignateli, como ſe vê na Eſt. VI., já por darem a cara muito para dentro, já por fugirem com a garupa muito para fóra, quando elles devem marcar o terreno, como ſe vê na Fig. 4. da ſeguinte

## ESTAMPA VI.

### *Do circulo de duas piſtas para a direita.*

### *Leis pertencentes aos movimentos do corpo do Cavalleiro neſta lição.*

1 DEvem as eſpaduas do Cavalleiro perfilar-ſe com o radio do circulo tirado de qualquer parte, em que elle ſe achar na circumferencia, para o ponto do centro.

2 Deve pezar ſobre o eſtribo de dentro á proporção da velocidade, e inclinação com que pertende que o Cavallo ſe mova.

3 Deve com as forças do equilibrio do tronco do ſeu corpo, mãos, e pernas fazer conduzir o Cavallo, de ſorte que forme o circulo igual na circumferencia das ſuas linhas, para ſer agradavel na ſua acção, e andar bem para diante.

### *Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos neſta lição.*

1 QUanto maior for a velocidade dos movimentos dos Cavallos, tanto maior ha de ſer a ſua inclinação para o centro.

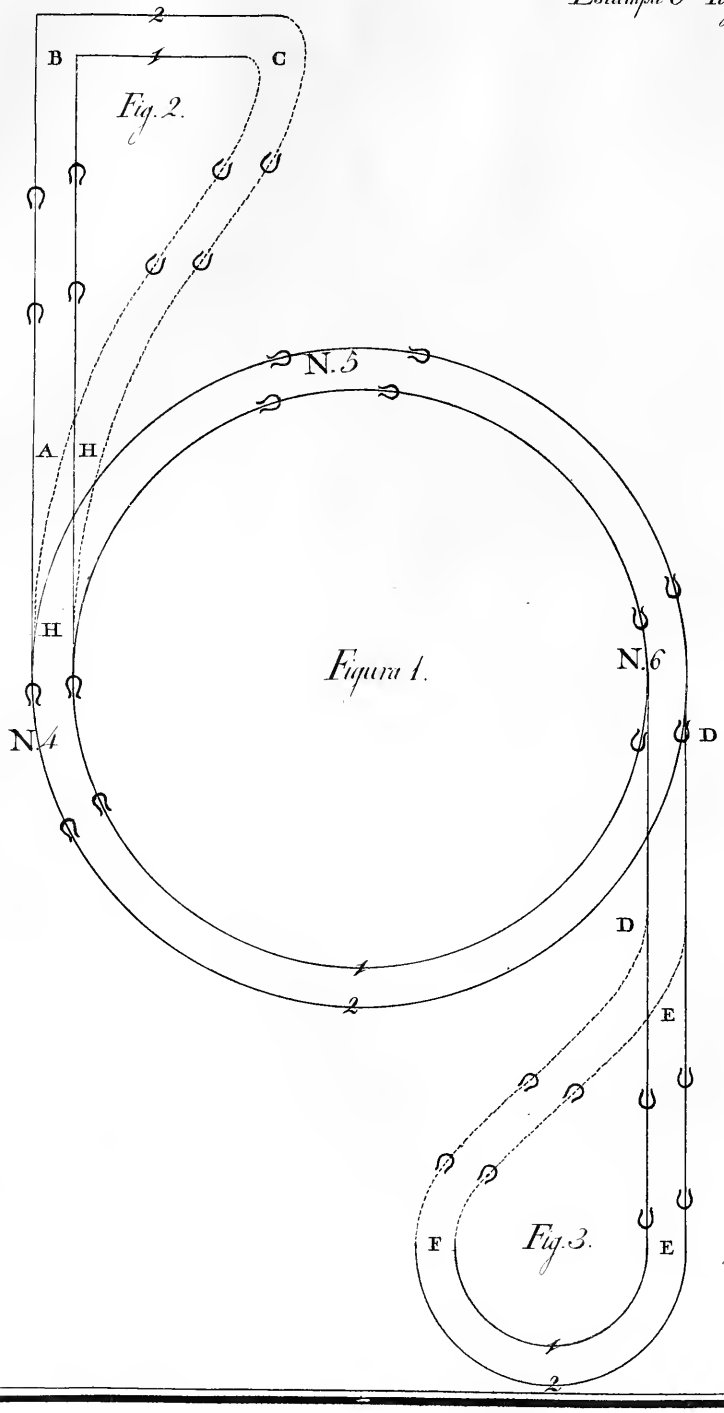
2 Os toques da guia, os do chambrié, e açoute applicados pela parte do centro fazem ſahir o Cavallo para a circumferencia, impellido da inclinação circular, e força centrifuga.

3 Em quanto o Cavallo róla para fóra, não anda para diante: por conſequencia, ſe neſte caſo o pezo, a força, e o movimento do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro deixarem de o obrigar a entrar para o centro, elle ſahirá por huma tangente para fóra da circumferencia, como ſe vê na Eſt. IV. Fig. 9. da letra M para a letra N. Iſto ſuppoſto, continuemos em moſtrar como o Potro ſe deve mover no circulo de duas piſtas.

Logo que o Potro, ou Cavallo galopar, marca o circulo, avançando o ſeu pé, e mão de fóra, como ſe vê nas piſtas da Eſt. VI. N. 5., indo pela parte de fóra concavo, e pela parte de dentro convexo; e ſe olha para o centro, em quanto marca o terreno deſta maneira, e conſerva eſta acção, vai em má figura, e he por conſequencia deſagradavel no ſeu movimento para o Cavalleiro, e vai no riſco de cahir, porque a inclinação do ſeu pezo recahe mais ſobre a parte de fóra, que ſobre a do centro; e ſendo o movimento circular das eſpaduas quem principia a dirigir a determinação de toda a máquina, deve a dobra do peſcoço, eſpaduas, e corpo ſeguir huma meſma acção.

Galopando o Cavallo ſobre o circulo, para andar bem, deve olhar para o centro, e pelos expoſtos motivos marcar o terreno, como moſtrão as piſtas da Eſt. VI. N. 6., de ſorte que trotando ſobre os circulos de duas piſtas, marca o terreno, como ſe moſtra nas piſtas da Eſt. VI. N. 4.; e quando galopa, deve marcar o ter-

re-


2
B
C
Fig. 2.
N. 5
A
H
H
N. 4
Figura 1.
N. 6
D
D
E
F
E
Fig. 3.
2

reno, como moſtrão as piſtas da meſma Eſt. VI. N. 6.: iſto ſe deve igualmente entender, trabalhando tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda.

Logo que o Potro principia a obedecer, quando o deitão á guia, quando ſe lhe põe a ſella, e quando lhe atão as redeas dos cabeções ás cilhas iguaes, como temos dito, elle ſe vai diſpondo para ſe dobrar; e em ſeguindo aſſim nos circulos com perfeição as piſtas naturaes, vai pouco e pouco adquirindo a curvatura preciſa, tanto na linha que o Potro marca com o ſeu pé, e mão de dentro, como tambem na que elle marca com o ſeu pé, e mão de fóra, e por conſequencia elle ſe vai diſpondo para os circulos de Newcaſtle.

Devem-ſe exercitar os Potros na lição dos circulos de Pignateli pelo largo, não ſó á guia, e com as redeas dos cabeções atadas ás cilhas, mas tambem depois de os haver montado até elles ſerem flexiveis, obedientes, e faceis para huma, e outra parte com igualdade, para depois os paſſarem a trabalhar na lição dos circulos de Newcaſtle, como em ſeu lugar diremos. O trabalho dos quatro circulos de Newcaſtle he hum rigoroſo caſtigo, que o Cavalleiro dá ao ſeu Cavallo, como bem juſtificão os ſeus effeitos; mas he muito util para deſembaraçar, e facilitar os Potros de todas as partes do ſeu corpo.

Eu diſſe que a redea do cabeção de fóra, atada ás cilhas, mais curta que a de dentro, põe o Cavallo, ou Potro em má figura, torcido, e mal ſituado no terreno: e ſeja trotando, ſeja galopando, elle obrigado da ſujeição da redea da parte de fóra, e da força com que a guia o obriga da parte de dentro, entra com a cernelha, orelhas, e parte ſuperior da queixada para o centro, mas dá o bico para fóra, porque a prizão da redea não o deixa voltar para dentro: ella lhe dá alguma dobra no peſcoço pela parte de fóra, e o obriga a entrar com a eſpadua de fóra para dentro. A embocadura do freio, em quanto o Potro ſe conſerva neſta figura, obriga, e magôa ſem effeito a boca do Cavallo da parte do centro. Eſte modo de atar a redea do cabeção ás cilhas da parte de fóra mais curta que a de dentro, ſó póde ter alguma deſculpa, quando o praticarem com aquelle Cavallo, que rompe o peſcoço, dando a cara com exceſſo para o centro. E eu ſigo a opinião de que ainda neſte meſmo caſo, ſe o Cavallo não ſe remediar do ſeu defeito, fazendo-lhe atar as redeas iguaes, de pouco lhe ſervirá a redea de fóra atada mais curta que a de dentro.

Trabalhando o Potro mal ſituado ſobre os ligamentos dos ſeus quadris, e curvilhões, póde arruinar-ſe delles, porque o jogo dos ligamentos do corpo do Cavallo mutuamente ſe ſoccorrem, e puchão huns pelos outros, de ſorte que em ficando algum fóra da ordem natural, elle póde com facilidade arruinar-ſe, e depois toda a máquina padecer.

As eſpaduas, mais que alguma outra parte do corpo, dão ao Cavalleiro o maior trabalho a deſembaraçar, igualar, e collocar no ſeu proprio, e devido lugar, porque a conſtrucção dos Cavallos lhe augmenta as difficuldades, como paſſamos a moſtrar.

## *Defeitos, que concorrem para os Cavallos ſe não poderem formar bem no ſeu movimento, e acção ſobre o circulo.*

A Cabeça, e o peſcoço do Cavallo com o ſeu pezo, feitio, e movimento fazem hum poderoſo effeito de grandes conſequencias ſobre a facilidade do movimento das eſpaduas, maiormente ſe a cabeça he groſſa, a taboa do peſcoço mal formada, curta, e carnoſa, ſerá muito difficultoſo dar ás eſpaduas daquelles, que tiverem eſtas qualidades, hum movimento facil, e hum deſembaraço brilhante; porque ainda áquelles Cavallos, que tem a cabeça delicada, o peſcoço bem formado, e são dotados de huma ſenſibilidade agil, e deſembaraçada, he difficultoſo facilitar os movimentos das ſuas eſpaduas tanto, que prompta, e facilmente voltem, e ſe dobrem para huma, e outra mão, avançando a parte convexa por effeito da dobra do ſeu corpo, de modo que pareça a quem eſtá no ponto do centro, que a parte concava ſe avança mais que a convexa.

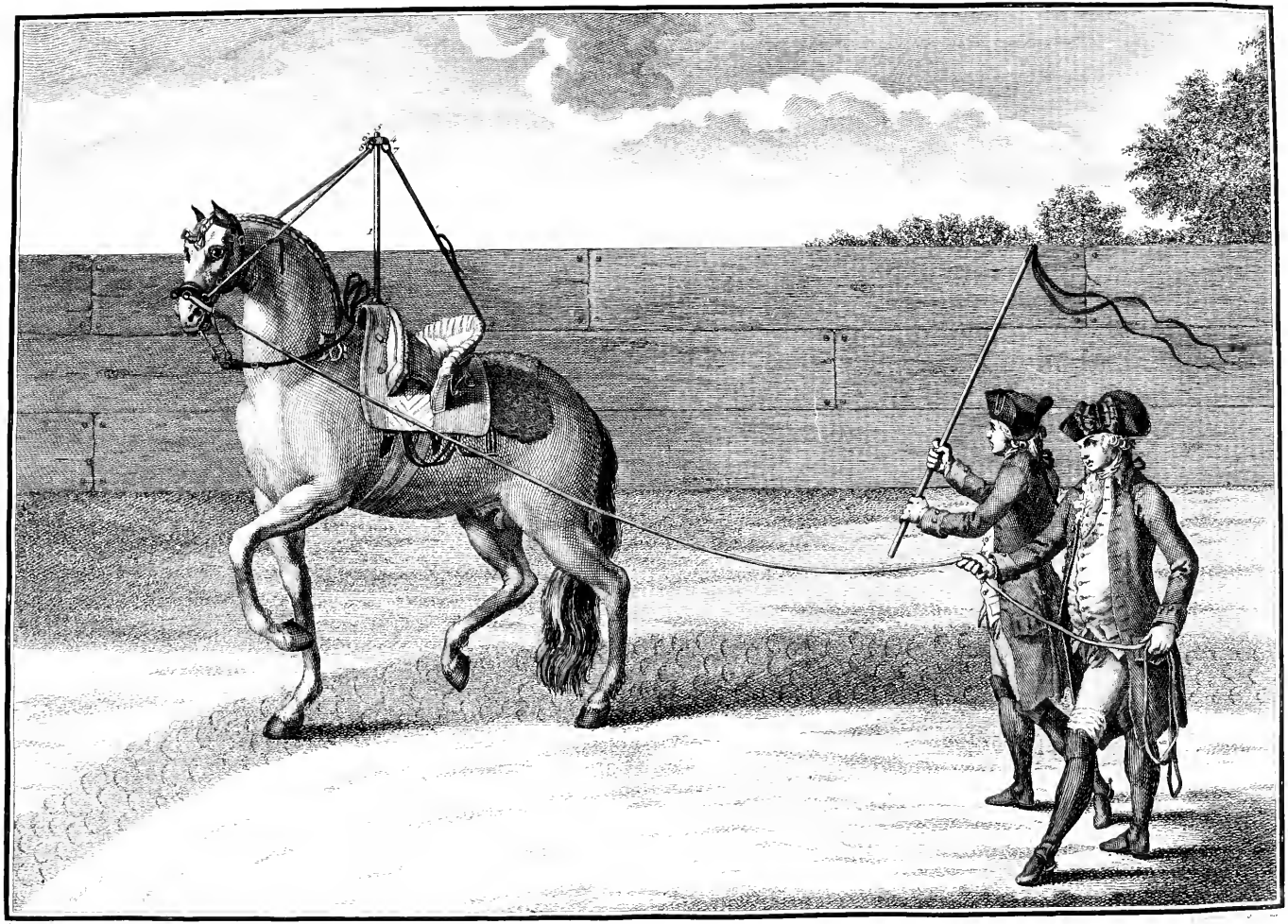
Em o Cavallo trotando ſobre os circulos, ſempre deve com a piſta da mão de dentro ir ganhando terreno do centro para a circumferencia, por ſima, e por diante da piſta da mão de fóra; mas em galopando, elle deve avançar mais viſivelmente a parte de dentro do centro para onde olha, e ſe dobra, que a parte de fóra, porque ſempre deve principiar a caminhar com o ſeu pé, e mão de dentro, como diremos na lição do galope. A perna de dentro he a que fica mais a prumo debaixo do corpo do Cavallo, aſſim trotando, como galopando ſobre os circulos. E a meſma perna, e mão de dentro fazem o primeiro tempo do ſeu movimento por ſima, e por diante do pé, e mão de fóra, trotando, ou galopando.

Trabalhando pelos quatro circulos de Newcaſtle ao paſſo, e trote para andar bem, ha de andar tanto para diante, e dobrar-ſe por effeito do movimento circular, de modo que do ponto do centro do circulo ſe ha de ver ao Potro a ponta da eſpadua de fóra, ainda quando elle nos circulos de Newcaſtle vá cruzando ſobre o ſegundo circulo do centro, como moſtra a Eſt. VI.

## *Differenças do modo de atar as redeas do cabeção ás cilhas, e ſeus effeitos, eſtando o Cavallo capaz de paſſar á lição do galope.*

AS redeas do cabeção atadas ás cilhas iguaes, e curtas, unem conſideravelmente os movimentos das eſpaduas aos Potros. As redeas do cabeção atadas com liberdade deixão mover o Cavallo com mais deſembaraço, e graça nas eſpaduas. Se o Potro ſe deſiguala dos movimentos do peſcoço, e eſpaduas, devem atar-lhe as redeas mais curtas, até elle ſer mais igual nos ſeus movimentos. Se he incerto, por ter raiva ao cabeção, he bom atar as redeas curtas, ſendo o cabeção forrado, até elle ſoffrer com manſidão as ſuas ſenſações. Se for ſenſivel das ventas, ſem ſe deſordenar nos movimentos do ſeu peſcoço, e cabeça, devem atar-lhe as redeas com mais liberdade. Se andar para diante com temor, devem atar-lhe as redeas iguaes, e largas.

Se



Se o Potro, ou Cavallo levantar muito a cabeça, nem por iſſo lhe devem apertar muito as redeas, pois os que tem eſte defeito, ſeja pela ſua conſtrucção ſer má, ſeja por terem eſte coſtume, ſendo deſte modo apertados, os primeiros encoſtão-ſe ao cabeção deſeſperados, e os ſegundos ficão para trás; e quando os obrigão a ir para diante, são muito deſiguaes nos ſeus movimentos.

Quem deitar os Potros á guia, deve obſervar attentamente qual he o modo de atar-lhes as redeas mais conforme a remediar-lhes os ſeus defeitos: advertindo em que os Potros mudão facilmente de coſtume, pois eu tenho viſto hum meſmo Cavallo humas vezes andar com deſigualdade, outras não entrar para o cabeção, e outras entrar nelle com exceſſo; e quando elles tem eſtas incertezas, o melhor he amanſallos muito, não lhes darem com a guia, e atar-lhes as redeas com liberdade, até elles cederem, entrando para diante.

Se o Potro ſe puzer no coſtume de olhar para fóra do centro, em quanto perſiſtir neſte defeito, he bom atar-lhe ſómente a redea de dentro ás cilhas, e a de fóra deixalla de todo larga, ou ſegura na cabeçada; e quando o paſſarem de mão, fazello parar, e todas as vezes deſatar-lhe a redea de dentro, e atar-lhe a daquella parte para onde faz a paſſagem, aliàs poderá ficar para ſempre com o máo coſtume de olhar para fóra, como já tenho viſto alguns.

Finalmente eſtas, e ſemelhantes diligencias ajudão a dobrar bem o Cavallo, e o vão fazendo flexivel, deſembaraçado, e igual nos movimentos das ſuas eſpaduas: e eu ouſo dizer que em elles eſtando flexiveis, e iguaes dos movimentos dellas, ſeguirão com facilidade as acções, que o Cavalleiro quizer.

O Excellentiſſimo Marquez de Marialva, Eſtribeiro Mór do Senhor Rei D. Joſé I., e da Senhora D. Maria I. com os ſeus vaſtos, e profundos conhecimentos na Arte de montar a Cavallo, deſcubrio, e inventou hum inſtrumento, ou ferro muito util, para obrigar os Potros, ou Cavallos a que levantem a cabeça; e ſem romper o peſcoço, os firma iguaes nos movimentos das ſuas eſpaduas, e faz produzir os bons effeitos, e utilidades, que paſſamos a referir.

## ESTAMPA VII.

### *De hum Cavallo andando á guia, trazendo na ſella o Pilar do cepilho.*

DEve o *Pilar* do *cepilho* N. 1. ſer de ferro, e ter o comprimento de dous palmos: no cepilho da ſella deve haver huma peça tambem de ferro N. 2. de tamanho tal, que ſe poſſa accommodar bem o pilar no dito cepilho: neſta peça haverá huma roſca chamada *Femea*, em que ſe introduzirá o Pilar, o qual terá outra roſca N. 3. intitulada *Macho*. A haſte, ou Pilar terá a groſſura proporcionada ao ſeu comprimento: em ſima terá outra peça de huma pollegada N. 4., que embarbará no Pilar: eſte deve ſahir fóra da referida peça N. 5. pelo meio do centro, e ſobre ella ſer de tal ſorte rebatido, que não ſe poſſa ſeparar della, mas que ande á roda.

A peça do Pilar N. 4. deve ter dous buracos com huma argola maior N. 6., ou-

outra menor N. 7.: na maior, que he a de diante, como ſe vê na meſma Eſt. VII., haverá duas correas, N. 8. e na outra argola huma correa: eſta irá afivelar na fivela do chairel N. 9., ou em huma argola, que coſtuma haver no meio da caixa do fundo da ſella. As duas correas da argola de diante viráõ paſſar pelas argolas dos torneis do cabeção, e afivelar-ſe junto a ellas, mais, ou menos apertadas, ſegundo ſe preciſar.

Quando deitarem o Potro, ou Cavallo á guia, devem levantar-lhe a cabeça áquella altura, que elle póde alcançar ſem violencia: neſta ſituação podem afivelar as correas do Pilar do cepilho iguaes; e ſe elle ſe lançar mais ſobre huma que ſobre outra eſpadua, em tal caſo podem fazer-lhe atar as redeas do cabeção ás cilhas, para lhe ſegurar as eſpaduas mais direitas, e iguaes.

As correas, que vem do Pilar do cepilho aos torneis do cabeção, não ſó o obrigão a levantar a cabeça, porém obrigão o Potro, ou Cavallo a que ſe faça mais attento ao cabeção, a que ſe deſencapote, e firme igual o ſeu peſcoço no lugar das cruzes ſobre as mãos. A eſtas utilidades, que produzem o Pilar do cepilho, ſe ſeguem tambem as de ſe levantar o Cavallo por diante; e á proporção do que elle ſe levanta das eſpaduas, ſe abaixa tambem dos ſeus quadrís, dobra os curvilhões, e he obrigado a mover-ſe bem direito, em quanto aſſim trabalha nas piſtas naturaes.

Se o Potro tiver raiva ao cabeção, devem fazer apertar menos as correas de diante, porque elle não commetta alguma deſordem, vendo-ſe muito opprimido. Tambem devo advertir que o devem deitar á guia em huma volta larga; e ſe puder ſer pelo quadrado, melhor, para que o Potro determine os ſeus movimentos ſobre linhas rectas, em que a igualdade das redeas, ou correas do Pilar do cepilho neceſſariamente hão de fazer melhor o ſeu dever.

O conductor da guia fará mal em a puchar com força de repente para dentro, e peior em dar com ella cabeçonaſſos fortes no Cavallo; porque huma, e outra couſa o faz deixar de ſeguir o ſeu movimento nas linhas, por que ſe vai conduzindo.

Para fazer bom uſo deſta lição, devem muitas vezes, e moderadamente ſoſter a guia, e tocar com ella ſobre o cabeção, de ſorte que poſsão vencer que o Potro obſerve aquella figura, em que o pertendem formar, e render facil na ſua determinação para huma, e outra parte.

Não são bons, como deixo notado, os cabeçonaſſos fortes neſta qualidade de trabalho; porque como o Potro, ou Cavallo deve firmar-ſe no cabeção, levantar-ſe por diante, mover as ſuas eſpaduas altas, e iguaes, ſentar-ſe ſobre a garupa, e ir uſando bem della, dobrando com igualdade ambos os ſeus curvilhões, os puchões fortes pela guia, e os cabeçonaſſos violentos, embaração os bons effeitos, que são o objecto deſta lição.

He tambem excellente o uſo do Pilar do cepilho da maneira, e fórma já dita, para embaraçar que os Cavallos brinquem indo á mão, principalmente de jornada: elles não podem abaixar a cabeça; e como aſſim, conſervão mais em equilibrio o ſeu peſcoço, e cabeça ſobre as eſpaduas, ou para melhor dizer, ſobre as

ſuas

ſuas mãos : elles não ficão tão ſujeitos a ter aguamentos , como de ordinario lhes acontece em jornadas grandes, não ſe uſando deſta prevenção.

Ha outro modo de atar as redeas ordinarias do cabeção , que he: depois de atadas nas pontas huma á outra , mettellas dentro da ſella. Em o Cavallo principiando a trabalhar , e a guia ficando alguma couſa firme , a redea do cabeção de dentro ſe encurta; porque como ellas eſtão atadas ſómente, e ſeguras entre o coxim, e o arção da ſella, em puchando a guia, e o Cavallo dobrando alguma couſa o peſcoço para o centro, com facilidade correm as redeas, ficando a de dentro curta , e a de fóra larga ; e ainda que o Cavallo ſe dobra por effeito deſta lição, tem o inconveniente de ſahirem as redeas muitas vezes para fóra dos arções da ſella, maiormente quando ſe paſſa de huma para outra mão ; porém em quanto ellas exiſtem entre os arções, e o coxim, forma-ſe o Cavallo dobrado em boa acção: advertindo que eſte modo de atar as redeas, ſendo conveniente aos Cavallos, que lhes cuſta dobrar-ſe do peſcoço , não póde ſervir para remediar o defeito daquelles, que são incertos na mão, iſto he, que humas vezes levantão muito a cabeça, e outras abaixão com o meſmo exceſſo, voltando para dentro humas vezes, e outras para fóra; a eſtes pois, como já diſſemos, he conveniente atar-lhes as redeas ordinarias ſómente curtas , e iguaes.

Se o Cavallo entra na mão com exceſſo , e por conſequencia elle ſe encoſta ao cabeção, devem atar-lhe as redeas iguaes; mas de tal ſorte froxas, que o ferro do cabeção por iſſo , e por eſtar alguma couſa largo ſobre as ventas do Cavallo, lhe vá fazendo huma ſucceſſiva , e branda ſerra, para que elle ſe torne mais ligeiro, e attento ao cabeção. Advertindo que ſe o Cavallo ſe encoſta ao cabeção, por ſer fraco do ſeu eſpinhaço, garupa, e curvilhões, então devem as redeas ſer atadas mais largas , e de ſorte que elle não ſinta o cabeção forte ſobre o focinho, pois eſtes defeitos da natureza não ſe podem remediar.

As redeas do cabeção atadas ás cilhas, eſtando o Cavallo montado, tem ſeus inconvenientes (poſto que alguns ſcientes o tenhão aſſim praticado): a mim me não parece iſto bem, nem ainda eſtando o Cavalleiro bem certo da ſujeição , obediencia , e genio do Cavallo ; porque ſe o Cavalleiro fizer algum movimento com a ſua mão do freio para governar , e emendar o Cavallo , a redea do cabeção oppoſta áquella parte para onde a redea do freio o quer dobrar , embaraça o effeito do freio; e ainda que a redea do cabeção de fóra atada, ſegura a eſpadua de fóra para o centro, com tudo, ſe o Cavallo duvidar obedecer ao freio, elle ſe aproveitará do effeito da redea do cabeção de fóra para deſobedecer mais á mão , porque a redea do cabeção neſte caſo lhe fica ſervindo de hum caſtigo muito conforme á ſua defeza.

Tambem ſe o Cavallo tropeçar, e cahir , tendo as redeas do cabeção atadas ás cilhas , ellas lhe ſerviráõ de muito embaraço para ſe levantar. Newcaſtle mandava atar ſómente a redea do cabeção de dentro ao cepilho da ſella no tempo, em que o Cavallo eſtava já com ſujeição, e obediencia ao freio, e cabeção: elle affirma que ſerve eſta lição para remediar o defeito de alguns Cavallos, que tirão pela mão, levando a cara do centro para fóra: e a redea aſſim atada os faz dobrar para

o centro com graça, e principiar a dobra do peſcoço do lugar do Ezofago até á ponta das ventas.

He bem certo que todas as lições, de que tenho tratado até agora de diſpôr os Potros, deitallos á guia, fazellos trotar, e galopar iguaes nos ſeus movimentos ſobre as linhas da muralha, linhas dos quadrados, e ſobre os circulos com as redeas do cabeção atadas ás cilhas, e com as correas do Pilar do cepilho afiveladas pelas argolas dos torneis do cabeção, e o fazer outras ſemelhantes diligencias, como temos ponderado, não ſervem ſenão para ir diſſipando a groſſura, aſpereza, e deſigualdade dos movimentos dos Cavallos, fazendo-os agradaveis nas acções, em que ſe fórmão no Picadeiro, para os ir pullindo nos ſeus mais brilhantes movimentos. O apoio, e governo da boca do Cavallo, a obediencia, e ſujeição á mão, e pernas do Cavalleiro ſó o podem dar as mãos, e as pernas do proprio Cavalleiro, ainda que os modos de que eu tenho tratado, ſejão aquelles, pelos quaes todos os ſcientes mais abalizados coſtumão reduzir os ſeus Potros, e Cavallos para ſe diſporem para todas as lições, de que elles são capazes.

Os homens ignorantes deſta Arte, e os Campinos he verdade que ſem todas eſtas prevenções montão hum Potro ſerril no campo; mas primeiro que o montem, o cansão muito, fazendo-o andar á roda prezo por huma corda largo tempo. Elles usão diſto, porque próvida a natureza lhes ſuſcita eſte recurſo, a fim de que elles poſſão ſenhorear-ſe do Potro, ou Cavallo, que ainda aſſim o fazem ſujeitos a paſſar por deſaſtres tão grandes, quaes os dos Vaqueiros, quando ſe lanção a hum Touro de cara a cara. Os Profeſſores porém devem ſeguir huns caminhos mais racionaveis, e tão livres de perigo para o Cavalleiro, como de ruina para o Cavallo.

# LIVRO IV.

## ARGUMENTO.

*Explica-ſe a fórma com que devem diſpôr os Principiantes para montar a cavallo : e as qualidades, de que devem ſer dotados os homens para ſerem bons Cavalleiros. Moſtrão-ſe tambem as que devem ter os Cavallos, em que principiarem a dar lição aos Principiantes, &c.*

OS homens, que fazem profiſsão da Nobre Arte da Cavallaria, já diſſemos são eſtimados, pois os bons Cavalleiros não podem deixar de ſer dotados das ſeguintes qualidades : elles devem ter deſtreza, valor, e prudencia, huma comprehensão penetrante, huma particular intelligencia da Filoſofia, e leis do movimento, inclinação aos excellentes Cavallos, aversão aos de pouco preſtimo, hum genio altivo, e docil, huma alma grande, e hum juizo intelligente, elevado, e diſcurſivo.

Ainda que os Authores, e Profeſſores da Nobre Arte da Cavallaria tenhão tratado com exacção da formalidade, com que hum Principiante deve eſtar montado ſobre hum Cavallo enſinado, e tenhão igualmente ſido todos de commum acordo no ſeu modo de ſentir, elles não ſe recordárão de hum dos mais eſſenciaes pontos ſobre que rola (póde-ſe dizer aſſim) o principal objecto da inſtrucção do Principiante Cavalleiro. Eſte conſiſte em diſpôr, e prevenir o Principiante para ſaber como ha de montar a cavallo : couſa ſem dúvida a mais intereſſante, tanto para os que de novo querem dedicar-ſe ao laborioſo deſte bello exercicio, como para aquelles, que já pelas ſuas fadigas vão alcançando as primeiras noções deſta profiſsão. Ora os principios, e diſpoſições para formar ao Principiante na ſua figura, varião, e mudão, ſegundo os Paizes, e o goſto dos Meſtres, de que naſce diverſidade de opiniões; e ſendo o ſolido principio deſta Arte ſómente hum, não ſe podem deſtruir eſtes reſpeitos.

Os Alemães, os Italianos, os Inglezes, os Francezes, os Heſpanhoes, e todos os Póvos, entre os quaes ainda ſe acha em eſtimação a Arte da Cavallaria, adoptão huma poſtura ſingular na aptitude, ſegundo o goſto da nação. Elles ſeguem, por aſſim dizer, regras differentes para a ſituação dos Principiantes. Eſta variedade, que tem o ſeu principio na preoccupação mais, que nos motivos legitimos, dá lugar a varios diſcurſos, e cada maxima acha ſectarios, como ſe o verda-

deiro não foſſe hum, e ſe pudeſſe reproduzir ſobre fórmas arbitrarias, e oppoſtas: tão depreſſa prevalece huma opinião, tão depreſſa outra ſe deſtroe; de modo que deſta ſorte ſó podem ficar ao Principiante dúvidas, e perplexidades. Sem embargo de tudo iſto, ha methodo com que poſſo (ſegundo me parece) deſtruir todos os ſyſtemas pouco ſolidos, ſem que entre em huma ſuperflua relação de pareceres contrarios.

Eu vou delinear os principios, que me parecem mais ſolidos, para eſtabelecer a formalidade da boa poſtura dos Principiantes, e com razões convincentes. Ora para acertar em huma Arte, na qual ſe faz, e he totalmente neceſſario o maquiniſmo do corpo, e onde cada parte da ſua máquina tem funções particulares, que lhe são proprias, he inconteſtavel que eſtas partes deixem de eſtar em huma poſtura natural; pois logo que alguma das partes do corpo do homem eſtá em huma poſtura deſigual, ella ſe priva da facilidade, e liberdade, que acompanha toda a graça da direcção que a dirige: o movimento forçado, e deſigual he incapaz de regularidade; porque a parte deſigual, ſendo huma dependencia do corpo, não póde alcançar aquelle ponto fixo do contrapezo, e equilibrio, em que conſiſte a perfeição de huma acção igual.

Não baſta para inſtruir o Principiante na lição da ſua boa poſtura, dizer-lhe unicamente as regras triviaes, e ſeguidas independentemente: he neceſſario que o Meſtre as ſaiba dirigir, proporcionando-as pela eſtructura mais, ou menos avantajada do ſeu Principiante; porque hum movimento natural póde ſer proprio a hum homem, e improprio a outro; e aquelles defeitos, que parecem incorrigiveis em certos ſujeitos, não tendo o Principiante muita idade, a prática, e a Theorica bem applicada torna muitas vezes daquelle homem deſagradavel hum Cavalleiro capaz de liſongear a viſta ainda dos mais abalizados Profeſſores.

Os objectos ſobre que os Meſtres, zeloſos dos progreſſos dos ſeus Principiantes, devem applicar a ſua attenção, são infinitos: eu eſtaria continuamente occupado do exame que ſe deve fazer ſobre as partes do ſeu corpo, e ſem deſcanço buſcaria o meio de reparar os diverſos defeitos, e ſem numero, que ſe deſcobrem na poſtura de cada Principiante, em quanto elle não tem chegado ao conhecimento íntimo da connexão, e jogo, que devem fazer as partes do ſeu corpo no movimento de humas com outras pela acção ſympathica dos muſculos que as governão. Finalmente as primeiras lições devem ſer bem applicadas, porque dellas depende o bom ſucceſſo das outras.

Huma das principaes diligencias de hum Cavalleiro, antes de montar a cavallo, he, conforme diz Newcaſtle Pag. 38., de examinar ſe todas as couſas, que eſtão ſobre o Cavallo, exiſtem em boa ordem: o meſmo affirma La Guerinieri Pag. 82., e que elle o deve fazer em hum inſtante: o meſmo diz tambem Pluvinel Pag. 8.; mas parece neceſſario para hum Principiante fazer huma ſemelhante obſervação, que primeiro lhe enſinem como a deve fazer, por iſſo entendo que o devem prevenir, e diſpôr da maneira ſeguinte.

O Meſtre, ou quem fizer montar o Principiante as primeiras vezes, mandará apromptar hum Cavallo com lição ſufficiente, e propria para eſte effeito. Muitos

Ca-

Silva delin. Frois sculp.

Cavalleiros querem que ſe dê ao Principiante hum Cavallo de lição, outros hum Potro, ou Cavallo com pouco governo: eu porém encontro hum, e outro com ſuas difficuldades para eſte fim; porque ſe o Cavallo tiver hum governo firme, e delicado, ha de por conſequencia ſer fino, e ſenſivel aos toques, e movimentos da mão, e pernas do Cavalleiro, e por iſto não ſerá bom para dar lição a hum Principiante, que não tem aſſento de ſella, que ſe péga á mão, ou redeas, e da meſma ſorte ſe ſegura, chegando demaziadamente as pernas ao ventre do Cavallo, o qual neſte caſo não conhece o que pertendem que elle faça; e talvez que pelas cauſas ditas, elle venha a commetter algumas deſordens, que o Principiante não poſſa remediar, poſto que o advirtão, por não ſaber executar ainda o que lhe mandão fazer.

Os que dão ao Principiante Cavallos abſolutamente ignorantes, ou vicioſos, quanto a mim commettem maior erro, porque he muito difficil enſinar a hum meſmo tempo dous ignorantes; e bem ſe deixa ver que a ignorancia do Principiante ſe augmentará, ſe o Cavallo for ignorante, ou vicioſo; e multiplicando-ſe as ſuas deſordens, ficará o novo Cavalleiro expoſto a grandes riſcos, por não ter ainda conhecimento dos effeitos das redeas do freio, nem deſembaraço, e acordo para uſar bem dellas, elle em tal caſo ſe embaraçará, e confundirá infallivelmente. Os Cavallos ignorantes, e os vicioſos devem ſer montados por Cavalleiros, que os encaminhem, e governem; o Principiante porém não póde fazer iſto, porque todo o ſeu fim he ver por que modo ſe ha de ſegurar para não cahir.

Finalmente o Cavallo, em que ſe der lição ao Principiante, deve ſer dotado de hum genio lizo, ter os ſeus movimentos ſuaves, e firme governo, voltando facilmente para huma, e outra parte com huma, ou com ambas as redeas. O tamanho do ſeu corpo deve ſer proporcionado pelas diſpoſições do Cavalleiro, iſto he: ſe o Principiante for de huma boa, e arrazoada altura, qualquer Cavallo ſerve para elle tomar lição. Se elle porém for de pequena eſtatura, e por conſequencia tiver as pernas curtas, o Cavallo, em que lhe principiarem a dar lição, não deve ſer muito largo dos lombos, e ventre, antes ſim elle ſerá pequeno do corpo, não eſtofado dos lombos, e hum pouco eſtreito do ventre, para que o Principiante com mais facilidade ſe poſſa firmar ſobre elle.

Da meſma fórma ſe o Principiante for corpulento, o Cavallo, em que lhe derem lição, deve ſer de bom tamanho, eſtofado, e largo do ſeu lombo, e ventre, para que o Principiante poſſa mais facilmente formar-ſe na figura que moſtra a ſeguinte

## ESTAMPA VIII.

### *Do Principiante a cavallo para a eſquerda.*

DEpois de haverem deitado á guia, e feito apertar, e pôr prompto o Cavallo, em que hão de dar lição ao Principiante, devem deixar a guia na argola do tronel do meio do cabeção, e mandar tirar fóra as redeas ordinarias. Logo o Meſtre enſinará ao Principiante a pôr o chapéo, que deve ſer proporcionado na

grandeza á ſua altura; e armado para montar a cavallo, deve calçar luvas, e que eſtas ſejão de couro macio; porque ſendo groſſo, e aſpero, tira o bom tacto das mãos: os dedos das luvas não devem ſer curtos, nem muito apertados, ou demaziadamente compridos, para não embaraçarem o movimento dos dedos ao Principiante.

Deve o Meſtre enſinar-lhe a fazer o exame preciſo a todos os arreios, que eſtão ſobre o Cavallo, reparando ſe eſtão o cabeção, e o freio bem poſtos, e a barbella em boa altura, e largura: ſe eſtá a ſella bem apertada, tendo o rabicho antes largo, que juſto, e os eſtribos nos ſeus loros em comprimento proporcionado á perna do Cavalleiro Principiante.

Então o Meſtre (depois de o haver inſtruido a examinar todas eſtas couſas) o deve chegar para ſi, e para junto da eſpadua eſquerda do Cavallo, não ſó para eſtar prompto para montar com mais facilidade, mas tambem para evitar que o Cavallo o poſſa alcançar com alguma patada, ſe o Principiante eſtiver defronte delle, ou com alguma pernada, ſe eſtiver mais junto ao ventre que á eſpadua: deve lembrar ao Principiante (ſe elle o preciſar) tenha a ſua cara alta, e pégue nas redeas junto ao botão com a mão direita, e com a eſquerda junto ás crinas, tendo-as iguaes, e examinando ſe ellas são de couro macio, e delgado para darem melhor tacto á mão.

Havendo o Principiante fechado as redeas na mão eſquerda ſeparadas pelo dedo minimo, como ſe vê na Eſt. VIII., conſervando-as antes mais compridas, do que curtas, para quando montar não dar alguma ſoffreada no Cavallo, que por effeito della ſe poſſa empinar, e cahir para trás; terá na mão eſquerda a vara com a ponta para baixo, e o cabo ſahido fóra da mão huma, ou duas pollegadas, havendo tomado juntamente na mão huma porção da crina do Cavallo, para ficar mais ſeguro, e evitar o acontecimento de lhe cuſtar a montar, por não ſe haver aſſim acautelado. Eſtando aſſim junto ao meio da eſpadua eſquerda do Cavallo, levantará a ſua perna eſquerda, e com a mão direita metterá o pé no eſtribo, para que elle não lhe eſcape, e lhe aconteça cahir, e dar com a cara no arção, ou burrainas da ſella, ſendo que iſto póde tambem acontecer por quebramento do loro, ou de eſtribo.

Deve tambem reparar em que o chato do loro fique direito, quando pegar no eſtribo para o chato da perna; que aſſim he que o loro deixa de ficar torcido, e o eſtribo fica direito no pé. Deve juntamente reparar em que não ſeja tão grande o arco do eſtribo, que poſſa colar-ſe no pé, porque iſto tem ſido gravemente funeſto a muitos Cavalleiros. Faço eſtas advertencias de prevenção, e de cautela para evitar que ſemelhantes deſaſtres aconteção aos Principiantes Cavalleiros.

Finalmente deve montar a cavallo de tres tempos: o primeiro ſe executa, mettendo o pé no eſtribo: o ſegundo levando a mão direita ao vaſo, ou caixa do fundo da ſella, levantando-ſe ſobre o eſtribo eſquerdo até ficar igual ſobre elle: o terceiro, e ultimo tempo ſe executa, levantando a perna direita, extendendo a ponta do pé, e levemente, ſem tocar as ancas do Cavallo, metter-ſe na ſella. Eſte ultimo tempo deve ſer executado com muito deſembaraço, e ficar o Principiante Cavalleiro bem direito na ſella.

Eſ-

Eſcrevo todas eſtas particularidades, e contínuo motu de acções, para que os Principiantes com hum pequeno eſtudo percebão facilmente o que lhes mandão fazer ſem ſe confundirem. Tambem recommendo que executem todas eſtas couſas com tanto deſembaraço, e facilidade, que não pareça as praticão com ficções, e vaidade.

Depois de montado o Principiante, deve o Meſtre conſiderar no ſeu corpo duas partes móveis, e huma immovel. A primeira das móveis he os braços, e o corpo até á cintura: a ſegunda dos joelhos, e curvas até ás pontas dos pés.

As partes, que já mais ſe devem mover, são o aſſento, e coxas das pernas. Eſtas partes devem ter hum ponto de apoio tal, e de tal firmeza, que já mais o movimento do Cavallo o poſsão fazer perder. Eſte equilibrio, apoio, ou aſſento de ſella he a baſe da melhor ſegurança do Cavalleiro, pois que a firmeza não he outra couſa mais que o ponto de apoio, e equilibrio; conſequentemente da boa poſição das partes immóveis depende da ſegurança, e boa ſymmetria da aptitude inteira.

La Brove, Pluvinel, Newcaſtle, e outros ſcientes dizem, que o Principiante ſe deve pôr ſobre a forquilha. Eu creio que iſto ſe deve entender deſta maneira. O Principiante deve ſentar-ſe no meio da ſella ſobre as ſuas nadegas com hum apoio mediano para ſoſter todo o pezo do ſeu corpo, e alcançar hum equilibrio igual. As duas coxas das pernas devem eſtar voltadas ſobre o ſeu chato, principiando eſta volta do quadril até ao joelho, ſendo além diſto o equilibrio o gráo unico de força, de què o Cavalleiro deve uſar para a ſua ſegurança, e para vir a pezar igual ſobre os eſtribos, e ajudar como bom Cavalleiro o Cavallo com igualdade para huma, e outra parte. Mas ſe pelo contrario o Meſtre deixar ſentar o ſeu Principiante demaziadamente inclinado para trás, ou para diante, ou mais para hum que para outro lado, elle ganhará huma poſtura má, e huma deſagradavel figura, e ſerá preciſo, ficando aſſim mal poſto na ſella para obrigar o ſeu Cavallo a que lhe obedeça, fazer movimentos muito deſagradaveis a quem eſtiver de fóra vendo.

Entre o aſſento do Cavalleiro, e a caixa, ou vaſos do fundo da ſella, deve mediar (como diz Pignateli Cap. II. Pag. 41.) o intervallo de duas, ou tres pollegadas, e outras duas, ou tres entre o cepilho, e a cintura. Ficando porém o Principiante ſentado fóra do meio da ſella, elle não póde obſervar eſtas diſtancias; porque em elle ſe aſſentándo muito inclinado para trás, e ſobre a caixa, os ſeus joelhos irão demaziadamente para diante, e as pernas ſe extenderáõ ſem graça para as eſpaduas do Cavallo, ficando por conſequencia fóra daquelle lugar, em que ſe deve conſervar para o ajudar, e fazer mover igualmente, e o caſtigar com facilidade, e promptidão.

Os Cavalleiros, que pelo contrario ficão muito unidos ao cepilho da ſella, ou poſtos com exceſſo ſobre a forquilha, entézão as curvas, e os ſeus joelhos, e pernas para trás, não tem agilidade de movimentos nellas, e chegão ſem querer com os calcanhares, e puas ao ventre do Cavallo, fazendo aſſim hum máo uſo dellas, muitas vezes contra a vontade do proprio Cavalleiro, e o commum ſentir de

to-

todos os fabios neſta Arte, os quaes recommendão que as pernas do Principiante, e de qualquer Cavalleiro ſe unão pelo lugar das cilhas ao ventre do Cavallo, tendo ſómente na curva huma pequena dobra, por ficar com mais graça, e facilidade para fazer aquelles movimentos, que o meſmo Cavalleiro quizer, ſem que padeça a menor violencia o aſſento, e a figura do Principiante, ou Cavalleiro; e logo que elle eſtá de fóra do equilibrio, que deve ter no meio da ſella, ſem dúvida eſtá poſto a cavallo contra a melhor opinião.

O apoio da mão, e do aſſento da ſella são a eſtabilidade ſobre que a theorica, e a prática vão inſenſivelmente formando hum viſtoſo Cavalleiro. Elle deve eſtar ſentado, como já diſſemos, no meio da ſella, ſem ſe apoiar com exceſſo ſobre a caixa, e coxim, ou ſobre a forquilha, e cepilho, mas entre huma, e outra acção, para fazer ſentir com facilidade os movimentos do ſeu corpo, mãos, e pernas ao Cavallo, ſem perder o ſeu equilibrio.

Recommendo que a volta das coxas das pernas do Principiante proceda do oſſo do quadril; porque ſó procedendo do encache do quadril, he que a volta da coxa fica ſendo natural; e tambem que o Cavalleiro não deve pôr força nas ſuas coxas, porque quanto mais as fortalecer, tanto mais o aſſento ſe levantará do coxim, quando os movimentos do animal forem mais violentos, por iſſo os Cavalleiros não devem já mais perder o equilibrio, que ſe adquire no meio, e fundo da ſella.

O Meſtre, ou quem trouxer a guia, e der lição ao Principiante, em elle eſtando dentro do meio da ſella, deve fazello pegar com a mão direita na redea direita do freio, e com a mão eſquerda na redea eſquerda do meſmo freio, para que dos braços ambos ſe vá deſembaraçando com igualdade. Depois de elle ſer mais deſembaraçado, ſe lhe podem mandar unir as redeas do freio na mão eſquerda, ſómente ſeparadas pelo dedo minimo, para que vá adquirindo o movimento de render, e ſuſter a mão com facilidade.

Devem tambem recommendar-lhe que recolha o eſpinhaço no lugar dos rins para dentro, tendo-o firme, para elle poder reſiſtir aos movimentos mais fortes, e violentos, que o Cavallo faz, quando tem a garupa alta, ou procura defender-ſe.

Huma das partes móveis he, como diſſemos, o corpo até á cintura. Eu comprehendo neſta parte a cabeça, o peſcoço, as eſpaduas, o peito, os braços, as mãos, os rins, e cintura, &c. Se o principiante for mal formado de alguma das partes do ſeu corpo, e não puder conſervar a boa figura que ſe pertende, elle já mais ſerá bom Cavalleiro, tendo impoſſibilidade para ſegurar-ſe no perfeito equilibrio.

O Principiante deve conſervar a cabeça firme, livre, e facil: deve eſtar livre para ſeguir todos os movimentos naturaes, que o corpo faz: deve eſtar firme para não pender para diante, para trás, para huma, ou outra parte, e deve eſtar facil, ſem que a firmeza o faça irto; porque ſe ao contrario a cabeça do Cavalleiro eſtiver teza, e ſem facilidade, todas as partes do corpo terão huns movimentos violentos, e conſtrangidos, principalmente o eſpinhaço, o peito, e os hombros.

Deve o Cavalleiro conſervar a ſua cara alta, e direita, o peſcoço firme, e prompto, para que poſſa olhar por entre as orelhas do Cavallo, ou elle vá direito,

to, ou vá dobrado, de ſorte que ſe elle for marchando direito, a cabeça do Cavalleiro deve olhar por entre as orelhas do Cavallo, ſem pender mais para huma, que para outra parte, mas ſem affectação; e logo que elle obrigar o ſeu Cavallo a marchar dobrado, deve tambem á proporção do que o faz dobrar, atrazar a ſua eſpadua, da parte para onde o dobra, para a ſua cabeça ſem violencia olhar por entre as orelhas do Cavallo, que de outra ſorte não fica o Cavalleiro bem poſto, e conforme com a acção, em que elle vai formando o ſeu Cavallo.

O Meſtre deve ter cuidado em recommendar ao Principiante que abaixe os hombros, e os firme para trás igualmente direitos: as eſpaduas dirigem com o ſeu movimento o do peito, dos rins, e da cintura. O Cavalleiro deve deitar o ſeu peito para fóra, mas ſem affectação, porque por eſtes meios elle facilita a ſua mais perfeita aptitude: deve-lhe fazer firmar para dentro o eſpinhaço no lugar dos rins, para que eſta ſituação o deixe alcançar mais o equilibrio, e ſegurança ſobre os movimentos do Cavallo: aſſim, firmando a cabeça, os hombros, as eſpaduas, e o eſpinhaço, conſeguirá o Principiante os bons effeitos que temos dito, e o irão conduzindo ao ponto do equilibrio.

O Principiante, deitando o ſeu peito para fóra, deve retirar os cotovellos para trás, de ſorte que elles fiquem perpendiculares com o ſeu corpo, ſem chegallos tanto a elle, que fique como encolhido, e ſem deſembaraço. Da meſma ſorte, eſtando os cotovelos muito affaſtados do corpo, elles ficão ſem graça, e com pouca força. Os ſangradouros devem ſim eſtar dobrados, mas naquella natural largura, que a conſtrucção do Principiante ſem affectação permittem; e quem lhe der lição, deve deſta ſorte fazer-lhe procurar a aptitude particular, e univerſal das differentes partes do ſeu corpo, examinando bem a connexão que tem os movimentos de humas com os movimentos de outros.

Os cotovelos, como já diſſemos, devem ter por huma linha perpendicular a ſua direcção dos hombros aos oſſos dos encaixes dos quadris, para que as mãos nem fiquem muito baixas, nem muito affaſtadas do ſeu proprio lugar; pois eſtando os cotovelos mal ſituados, dão ás mãos huma deſigualdade grande: logo não produziráõ as mãos hum governo igual, e firme na boca do Cavallo, em quanto os cotovelos tiverem má direcção. He bem verdade que ſempre parece que a mão da redea, ou eſquerda, o braço, e o cotovello eſtá mais alguma couſa avançado que o direito; porém toda a figura deve ſer regular na ſymmetria das partes do corpo, ſeja fazendo o Cavalleiro determinar os movimentos do ſeu Cavallo ſobre linhas rectas, ſeja fazendo-o trabalhar ſobre linhas curvas; e logo que hum braço do Cavalleiro ſe une mais ao corpo do que o outro, a ſua figura he deſagradavel, por apreſentar á viſta hum eſpectaculo deſigual.

Devem lembrar ao Principiante conſerve a ſua mão da redea, quatro pollegadas pouco mais, ou menos, mais alta que o cepilho da ſella, a fim de poder uſar bem dos effeitos das redeas do freio. Andando para a mão direita, deve a mão da vara, ou direita eſtar mais baixa, e a mão da redea mais alta; andando para a mão eſquerda, deve a mão da vara eſtar mais alta, e a eſquerda, ou da redea mais baixa; mas ſempre a mão eſquerda, tanto andando para huma, como para outra parte, de-

deve conſervar-ſe na altura do cotovelo, de ſorte que o oſſo do dedo minimo, e o oſſo do cotovelo fiquem ſobre huma linha horizontal, para que a mão fique voltada, de ſorte que o pulſo com graça, e ſem violencia dirija as ſuas acções, e movimentos.

Eu pertendo que a aptitude da mão de dentro para a parte do centro ſeja mais baixa, tres, ou quatro pollegadas, pouco mais, ou menos; porque andando de nivel com a de fóra, não embarace huma os movimentos da outra, principalmente quando fizerem marchar o Cavallo ſobre linhas curvas. A mão de dentro, ou do centro, ſendo, como temos dito, mais baixa, e defronte do corpo do Cavalleiro, faz boa poſição na ſymmetria da ſua figura. Os pulſos (quer as mãos trabalhem direitas, ou de unhas abaixo, ou de unhas aſſima) devem ſempre ſer ligeiros, direitos, e flexiveis. As unhas dos dedos das mãos do Principiante devem ſempre eſtar bem fechadas para a palma da mão em todas as acções, em que a puzerem, para ſegurar bem as redeas, e conſervar a igualdade das articulações dos pulſos: para huma, e outra parte o dedo pollegar deve extender-ſe bem ſobre as redeas para as ſegurar, e evitar que lhe ſaião pela mão fóra, e para que não andem deſiguaes. O dedo minimo deve ſeparar as redeas por baixo da palma da mão; aſſim como o dedo pollegar as deve unir, e ſegurar por ſima dellas para as dividir, e fazer alargar, ou encurtar mais huma do que a outra.

Logo que ſe ſervirem da redea direita mais que da redea eſquerda, dobrando o Cavallo para aquella parte, he neceſſario que a mão direita puche pela redea do cabeção, e ainda do freio mais para trás, e alguma couſa mais baixa que a eſquerda, o que tambem ſe faz tirando a mão para a roupa da caixa do fundo da ſella; ſendo que Newcaſtle, e outros ſcientes, quando dobravão os ſeus Cavallos para a direita, querião que a mão direita do Cavalleiro ſuſtentaſſe a redea, ou correa da parte direita alguma couſa de unhas aſſima, e mais alta, que a eſquerda, para a dobra do peſcoço do Cavallo ſer mais alta, e elle dar a cara para o centro mais obliquamente, e com mais graça.

Newcaſtle, e os mais recommendavão aos ſeus diſcipulos trouxeſſem a mão de fóra para dentro da volta, logo que o Cavallo unia a eſpadua de dentro á eſpadua de fóra, e ſe inclinava para ſima da linha da mão de fóra: preſentemente coſtumão os Cavalleiros trazer ſempre a mão de dentro mais baixa, porque pertendem que o Cavallo dobre o peſcoço, trazendo o focinho mais perpendicular. Qualquer deſtes dous modos de trazer as mãos, e uſar das redeas do freio, e cabeção he bom; e hum, e outro ſerve com mais propriedade a huns, que a outros Cavallos, e por iſſo o Cavalleiro os deve applicar ſegundo a utilidade que exigirem do animal. A vára póde cruzar-ſe ſobre o peſcoço do Cavallo, de ſorte que não embarace os movimentos da mão ao Cavalleiro, inclinando-ſe ſempre a ponta para a orelha do Cavallo da parte de fóra.

Não devem os Cavallos voltar por medo da vara, ſim por obediencia que elles devem ter á mão do Cavalleiro; e andando para a mão eſquerda, podem trazer a vara alta, e direita para diante, ou pela parte de fóra, para ajudar com ella ſobre a garupa, ou levemente ſobre huma, ou ſobre outra eſpadua, e iſto tanto quan-

quando andarem ſobre a mão direita, como ſobre a mão eſquerda, pois que de todas eſtas fórmas ſe uſa bem da vara.

Devem enſinar ao Principiante como deve igualar as redeas, dar, e ſoſter a mão, levalla para a direita, e trazella para a eſquerda: da meſma ſorte lhe devem fazer conhecer quaes são os effeitos, que produzem as redeas do freio, e cabeção, como diremos em outro lugar.

Se o Principiante cerrar, e unir os cotovellos ao corpo, e por eſte motivo elle tiver os ſeus braços, e pulſos fortes, e com pouco movimento, devem fazerlhe alargar os cotovelos do ſeu corpo, para que neſta figura, em que os braços eſtão fóra da linha perpendicular do hombro, e do corpo em huma linha obliqua, e por conſequencia fóra da ſua força, o Principiante delles ſe vá rendendo mais ſuave, e mais flexivel: advertindo que em o Meſtre vendo que o ſeu Principiante com o tempo, lição, e trabalho ſe acha livre dos ſeus defeitos, iſto he, com as ſuas mãos, e os ſeus pulſos ſuaves, flexiveis, deſembaraçados, e firmes, deixará os recurſos, ou remedio, de que temos dito que póde uſar para o render, capaz de ſeguir a lição como a Arte manda.

As pernas, joelhos, e os pés do Cavalleiro fórmão a ſegunda das partes móveis. Ellas tem dous uſos, e huma poſição: o primeiro uſo he para ajudar o Cavallo, o ſegundo he para o caſtigar, e a ſua principal poſição deve ſer junto ás cilhas, perto do ventre, para dalli ajudar, encaminhar, e caſtigar o Cavallo, quando elle o preciſar; e como as pernas são huma dependencia do corpo, ſe eſtiverem, como deixamos notado, com as coxas ſobre o ſeu chato, ellas eſtarão por conſequencia bem voltadas, e em boa poſtura, e communicaráõ eſta boa volta, e poſtura aos pés, porque eſtes dependem dellas.

As pontas dos pés devem eſtar hum pouco mais altas que os calcanhares na linha horizontal, em quanto o Principiante não traz eſtribos; mas ſem fazer força nos tornozelos para fóra, e ſem encolher os calcanhares para ſima; pois que ſe os encolher, facilmente póde, ſem querer, chegar os calcanhares ao ventre do Cavallo, e ficar neſte máo coſtume, pois em trazendo eſporas, andará ſempre com a rozeta beliſcando o ventre ao animal. Não deve empregar a força dos muſculos das ſuas pernas para mover os ſeus pés, porque o homem tem a articulação do peito do pé, que a natureza lhe deo para determinar os movimentos do pé, tanto para ſima, como para hum, e outro lado.

Principiando a volta das coxas das pernas, como já diſſemos, dos quadris, e verilhas até ao joelho, não ſó ficão as pernas em boa acção, mas com o ſucceſſivo exercicio vão adquirindo aquella vigoroſa firmeza, que caracteriza os bons Cavalleiros, e aquella flexibilidade, e equilibrio, a que em termos da Arte chamão aſſento de ſella.

Se o Principiante cerrar, ou apertar com força os joelhos, não poderá ſituarſe bem na ſella, terá os joelhos fortes, ou, como dizem os ſabios, de ferro, e nas ſuas pernas pouco, e máo movimento; e por conſequencia os Cavallos, em que andarem os Cavalleiros, que tiverem eſte defeito, ſerão rudes ás ſenſações das pernas, e das eſporas. Por iſſo eu recommendo que o Principiante eſteja ligado á

ſella deſde as verilhas até aos joelhos, porém ſem força : e por eſta cauſa me parece tambem que ſe principie a dar lição ao novo Cavalleiro em Cavallos obedientes, e proprios para elle firmar a ſua figura com perfeição.

As pernas do Cavalleiro devem eſtar direitas, e livres, iſto he, com deſembaraço nos ſeus movimentos do joelho para baixo, e junto ao lugar das cilhas, para dalli ajudar, e caſtigar o Cavallo, ſe for preciſo: o que não ſe póde bem executar ſe as pernas eſtão muito avançadas, ou pelo contrario muito atrazadas, e tezas; porque ſe eſtão muito avançadas, quando querem ajudar, e caſtigar os Cavallos, he preciſo fazerem os Cavalleiros com ellas grandes movimentos, que ſervem mais de deſordenar os Cavallos, do que de os emendar dos ſeus defeitos.

Se as pernas do Cavalleiro eſtão muito atrazadas, ou muito encolhidas, e juntas ao ventre do Cavallo, as eſporas não ſó tocão a barriga ao Cavallo, ſem o Cavalleiro o querer, mas vão ajudar, e caſtigar junto ás verilhas, e aos ilhaes. Ora ſendo ordinariamente nos Cavallos eſtas partes do ſeu corpo mais ſenſiveis, que o lugar do ventre, em que ſe devem applicar as eſporadas, eſte caſtigo ſem dúvida fará nellas máo effeito.

Os mais abalizados Profeſſores neſta Arte recommendão que fação os Meſtres diligencia; porque os ſeus diſcipulos deixem cahir as pernas direitas, e unidas pelo lugar das cilhas : a mim me parece que as diligencias que temos referido, os conduziráõ a conſeguir eſta perfeição ; e ſenão obſtante ſer o Principiante advertido pelo methodo que temos dito, entezar as ſuas pernas para diante, affaſtando-as do ſeu devido lugar, o Meſtre quando lhe der lição, lhe fará dobrar as curvas, levantar as pontas dos pés para ſima, e trazer as pernas perto do ventre do Cavallo junto á ultima cilha, até que perca a demaziada força das curvas, e ſe torne dellas brando, e flexivel dos joelhos.

Se pelo contrario tiver o Principiante as pernas froxas (o que ordinariamente ſuccede aos rapazes) devem obrigallo a que enteze os joelhos, e as curvas das pernas para trás, baixando ao meſmo tempo as pontas dos pés para baixo, porque todos eſtes movimentos fortificão as pernas, e tornão fortes os joelhos, e curvas.

Vendo o Meſtre que o Principiante eſtá mais remediado dos ſeus defeitos, deve fugir deſtes recurſos, fazendo-o obſervar huma figura perfeita; pois o Principiante deve conſervar as ſuas pernas naquella diſtancia que a ſua diſpoſição permitte : ex. gr. Se elle for de huma avultada eſtatura, e conſequentemente comprido de pernas, neſte caſo as deve, e póde trazer então direitas, e juntas ao lugar das cilhas, como fica dito ; e ſe for de pequena eſtatura, e á proporção tiver as pernas curtas, então elle as deve avançar alguma couſa mais para diante, para os calcanhares, e eſporas não andarem tocando o ventre do Cavallo : as pernas do Principiante ſempre devem ſer flexiveis, e ao meſmo tempo firmes; e fallando com propriedade nos termos da Arte, o chato das coxas das pernas deve voltar-ſe para o coxim, e roupas da ſella, e iſto do oſſo do encaxe do quadril, e verilhas até aos joelhos; porque logo que as coxas ſe voltão como devem, as pernas tomão a ſua boa, e devida ſituação. Tal he o concerto mecanico deſtas partes do corpo do homem

mem a cavallo : materia , que tem ſido amplamente tratada por muitos Authores deſta Arte.

Os Cavallos quando andão trabalhando ſobre a volta , obrigados da força centrifuga , avanção a meia parte do ſeu corpo da parte do centro á proporção da maior, ou menor grandeza do circulo, em que ſe movem, e atrazão a meia parte de fóra. Eſte he o motivo , por que os Meſtres devem cuidar muito em que o ſeu principiante avance a ſua eſpadua de fóra para diante , e atraze á proporção a de dentro para trás, pois que de outra ſorte elle não vencerá eſta difficuldade, não ſe conſervará bem no meio da ſella, não ſerá igual na perſpectiva da ſua figura, nem acordará os movimentos das ajudas do ſeu corpo , mãos , e pernas conformes humas com outras, quando o Cavallo o preciſar, obrigando-o com a preciſa propriedade. Ora eu creio por eſtes motivos que o Principiante preciſa ſer muitas vezes advertido, maiormente quando faz voltar o ſeu Cavallo para adquirir o coſtume, e facilidade de avançar a eſpadua de fóra, e atrazar a de dentro, conforme as linhas circulares por onde ſe determina o movimento do Cavallo , attendendo á proporção da eſtreiteza do terreno, em que o fazem trabalhar.

Se o hombro, e a eſpadua do Cavalleiro da parte de fóra ſe víra para fóra da volta do corpo do Cavallo, não ſó fica o Cavalleiro torcido, e em má figura, mas em quanto elle aſſim vai, o Cavallo não volta com facilidade , nem ſe dobra bem para dentro.

Depois do Meſtre haver feito eſtas advertencias ao diſcipulo, o fará trabalhar o ſeu Cavallo pelas linhas da muralha, e no quadrado, até elle adquirir algum deſembaraço , e firmeza na ſua figura ; porque ainda que quem anda com a guia dê menos paſſos , fazendo andar o Principiante ſobre a volta , do que ſe o faz andar ſobre as linhas do comprimento da muralha , e ſobre as linhas do quadrado: com tudo devem ao principio fazello andar mais ſobre o direito , e quadrado , porque ſe firme , e adiante mais na ſua figura. Nos circulos foge o aſſento da ſella muito para fóra; e pelo direito, e quadrado, ſó foge mais nos cantos, quando o Cavallo volta : por iſſo recommendo tambem o não mandem obrigar a dobrar muito os Cavallos , em quanto elle não eſtá pelo direito ſeguro na ſua figura , e capaz de reſiſtir aos movimentos mais fortes do animal.

A maior perfeição do Cavalleiro conſiſte no acordo, união, e conformidade, com que elle faz ſentir ao ſeu Cavallo as ſenſações com que o obriga , e eſtas ſó podem emanar com facilidade de hum Cavalleiro, que eſtá bem aſſentado na ſella, e poſto no ponto do equilibrio , e por conſequencia em boa figura , pois ſem eſta harmonia , e propriedade as ſenſações do corpo , mãos , e pernas não produzem hum bom effeito , e o Cavallo não póde com ſenſações mal applicadas obſervar a igualdade de hum ar ſuſtido , ou diligente na determinação dos ſeus movimentos. Eſtes principios moſtrão com evidencia que os toques , ou movimentos do corpo, mãos , e pernas do Cavalleiro contribuem , e podem conduzir para a boa determinação dos movimentos dos Cavallos.

Vendo o Meſtre que o Principiante eſtá capaz de fazer trotar bem o Cavallo pelas linhas rectas , e linhas do quadrado , o póde fazer trotar ſobre huma volta

larga em hum trote curto, ſuave, e unido, para que poſſa firmar a ſua figura, ganhando o aſſento da ſella, e adquirindo na mão bem o tacto, que produz a embocadura pelas caimbas, e redeas do freio, reciprocamente na mão do Cavalleiro, e boca do Cavallo: digo iſto, porque ſe quizerem fazer trotar o Cavallo no grande trote ſobre a volta, o Principiante nos ſeus principios irá ſaltando na ſella como hum boneco, e não poderá firmar a ſua figura, agarrar-ſe-ha á mão, tendo-a aſpera, e mal poſta, quando todos os cuidados do Meſtre devem dirigir-ſe a conduzir o ſeu Principiante, de modo que elle ſe firme em boa figura com perfeição, e faça a ſegurança no equilibrio do ſeu corpo, e não na ſua mão.

Recommendo muito que mandem ao Principiante repetidas vezes renda a mão ao Cavallo para não cahir no terrivel defeito de lhe engroſſar a ſenſibilidade da boca, e tambem porque iſto o fará deſembaraçado dos ſeus braços, e pulſos. Quando quizerem que o Principiante faça paſſar o ſeu Cavallo de mão, devem as primeiras vezes fazello parar em parte, onde elle ſem difficuldade poſſa logo ir para a outra mão. Exemplo: Se o fizerem paſſar no meio do comprimento das linhas da muralha, devem enſinar-lhe a formar a parada, tendo o corpo, e as mãos firmes; e apôs iſſo, tendo o Cavallo parado, devem enſinar-lhe a mudar a acção da ſua figura, para o obrigar aſſim a que ſe dobre para aquella mão, em que vai continuar o ſeu trabalho com a meſma graça, com que ſe dobrava em toda a acção do corpo antes de paſſar de mão; e quando o Meſtre obſervar ao ſeu Principiante em eſtado de paſſar de mão, ſem parar na paſſagem, o deve fazer principiar a paſſar da direita para a eſquerda pela maneira ſeguinte.

Logo que eſtiver o Cavallo direito ſobre as linhas da muralha, deve o Meſtre mandar firmar o corpo ao Principiante alguma couſa para trás, mas ſem força: e da meſma ſorte ſegurar, principalmente a mão eſquerda diante de ſi firme, deixando vir a perna de dentro, que he a direita, perto da primeira cilha, para ſegurar as eſpaduas ao Cavallo, e obrigallo a que vá direito para diante, e não volte rapidamente para dentro, conſervando a perna de fóra junto á ultima cilha, para que lhe não ſuja com a garupa muito para fóra, e vá igual na ſua acção, e movimento entre ambas as mãos, e pernas até ao fim da paſſagem, que as primeiras vezes deve ſer executada de paſſo: depois em o Principiante as executando bem, devem mandallo formar as paſſagens do trote, e ultimamente o podem fazer paſſar galopando.

Quando hum Principiante ſegura a mão eſquerda adiante de ſi, dando geito ao pulſo, para que a mão fique de unhas aſſima, e o dedo minimo ſe incline para defronte da ſua eſpadua eſquerda, o movimento da mão, em paſſando a eſta figura, faz ſentir a ſenſação de ambas as redeas na mão do Cavalleiro, e na boca do Cavallo ao meſmo tempo, e mais a direita que a eſquerda. Deſta ſorte deve ir até ao fim da paſſagem, que deve ſer feita cortando o terreno; e quando o Cavalleiro formar a acção da paſſagem, ha de fazer ſentir ao ſeu Cavallo a redea eſquerda, inclinando o dedo minimo para defronte da eſpadua direita, para fazer ſentir na boca do Cavallo a ſenſação da redea eſquerda mais activa pelo aperto, que faz a barbella ſobre o aſſento, e barbada da parte direita: então deve fazer-lhe ſentir

as

as pernas igualmente, a fim de o obrigar a paſſar no primeiro tempo do balanço com as eſpaduas, por effeito das ſenſações das mãos, e no ſegundo com a garupa, tambem por lhe fortalecer a ajuda da perna de fóra; e depois, affroxando a perna de dentro, o fará completar a paſſagem, advertindo que todas eſtas ſenſações devem ſer continuadas, e reguladas pela velocidade, e ſenſibilidade do Cavallo para fazerem bom effeito.

Quando o Principiante faz paſſar qualquer Cavallo de mão, ou execute a paſſagem de paſſo, de trote, ou de galope, deve avançar a ſua eſpadua direita para diante, tanto quanto antes da paſſagem avançava para a mão direita a eſpadua eſquerda, ſendo que iſto he difficultoſo para eſta mão, em que a eſpadua de fóra he a direita. O Meſtre neſte caſo repetidas vezes lhe mandará ter a mão eſquerda para ſi, e o dedo minimo para a ſua eſpadua direita, o que o Principiante não póde fazer ſem ter a mão de unhas aſſima.

Tambem deve lembrar-lhe não leve a mão eſquerda da linha da cernelha para a parte de fóra em o Cavallo, unindo a eſpadua de dentro á de fóra, pois quanto mais a eſpadua eſquerda do Cavallo ſe unir á direita, tanto mais a eſquerda do Cavalleiro ſe avançará para diante, e a direita ficará para trás.

Depois do Principiante formar bem as paſſagens de mão, cortando o terreno, como ſe vê na Eſt. XV. das linhas N. 5. para as linhas N. 4. principiará a formar as paſſagens da mão no fim da linha da muralha ſobre angulos rectos, como ſe vê da Fig. 4. Eſt. IV. Quando fizer paſſar o ſeu Cavallo de mão da eſquerda para a direita, logo que o obrigar a deixar a linha recta da muralha, tiver paſſado o canto, e eſtiver direito ſobre a linha do quadrado, lhe deve principiar a formar a paſſagem; então firmando o ſeu corpo alguma couſa para trás, deve ſuſter muito principalmente bem a mão eſquerda adiante de ſi firme, deixando unir a ſua perna eſquerda á primeira cilha, não de repente, para que o Cavallo não ſe deſmanche da ſua figura, e acção, voltando rapidamente para dentro. Apôs iſſo deve chegar-lhe a perna de fóra, que he a direita, á ultima cilha, para que não fuja com as ancas para fóra, antes ſim elle vá igual no ſeu movimento para diante ſeguro entre as mãos, e as pernas até ao fim da paſſagem: então para a completar, o Cavalleiro voltará a ſua mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua eſquerda, e o obrigará com a redea direita, e a perna eſquerda a paſſar de mão para a direita. O Principiante no tempo da paſſagem deve mudar toda a acção da ſua figura, como já diſſemos, para o Cavallo tambem com facilidade ſe deſdobrar da eſquerda para a direita; e logo que por meio das expoſtas diligencias o animal tiver mudado de acção, e completado a paſſagem, o Cavalleiro com ambas as redeas, e ambas as pernas o deve encaminhar para diante.

A cauſa de eu recommendar que mandem ao Principiante que fórme ao ſeu Cavallo as paſſagens de mão ſobre os angulos rectos, e pelo direito, cortando o terreno, he porque são mais faceis, e são igualmente aquellas, em que o Cavalleiro, e o Cavallo ſe deſmanchão menos na ſua figura, e acção, como tambem em o Cavallo ſe dobrando, ſe põe em direcção com mais facilidade.

Aſſim que o Principiante com deſembaraço fizer trotar, e galopar hum Cavallo

vallo pelo direito, ſobre o quadrado, e ſobre os circulos, paſſando-o de mão da direita para a eſquerda, e da eſquerda para a direita, o devem fazer montar em Cavallos, que ſuſpendão, ou fação o piafé entre os Pilões, para aprender a ſentir eſtes movimentos, e ir pondo em prática as ſenſações proprias a eſte ar, ou trabalho. Depois o devem fazer montar em Cavallos, que ſaibão fazer as pouſadas; e tendo mais deſembaraço, em Cavallos, que fação as curvetas, mas entre os Pilões, enſinando-lhe todas as ajudas, e caſtigos, ou ſenſações proprias para os fazer determinar aos movimentos proprios deſtas lições.

Eſtando o Diſcipulo mais adiantado, o Meſtre o deve mandar montar nos Cavallos das Garupadas, Balotadas, e Cabriolas, não ſómente para que elle perca o medo, mas para que vá tomando conhecimento das ſenſações com que deve ajudar, e caſtigar os Cavallos em todos eſtes ares, e lições.

Se os Meſtres ſeguirem eſte methodo, os Principiantes com tempo competente ſerão firmes, e direitos na ſella, faceis, e promptos em ajudar os ſeus Cavallos em toda a ſorte de ares, e lições, e conſervaráõ a aptitude da ſua figura na melhor ſituação, que a conſtrucção, e poſſibilidade delles o permittirem.

Diſpoſto aſſim o Diſcipulo, o deve o Meſtre fazer trotar varios Cavallos em hum trote vivo, e depois em hum trote bem avançado, e muito continuadamente, para que poſſa adquirir bem o equilibrio, e aſſento da ſella, cuidando ſempre o Meſtre, e tendo toda a attenção a que o ſeu Principiante não ſe deſmanche em trabalho algum da bem ſymmetriada acção da ſua figura.

He certo que o trote he o movimento mais deſagradavel que os Cavallos fazem para a commodidade do Cavalleiro; mas elle he ao meſmo tempo o movimento, que o faz mais forte, e o diſpõe para melhor firmar a ſua figura deſembaraçada, e facil no ponto do equilibrio. Além diſto ſerve tambem o trote para o Cavallo ſe igualar nos movimentos, para ſe deſembaraçar, e aperfeiçoar em todos os ares, e trabalhos do manejo, tanto naturaes, como artificiaes.

De nenhum modo deve o Meſtre conſentir que o ſeu Diſcipulo enteze demaziadamente o corpo, nem que á proporção elle ſe affroxe, ou abandone com exceſſo, e de que venha a ter a ſua mão aſpera, e mal ſituada, como tambem de que ſe pégue mais a huma que a outra redea, vindo por eſte motivo a dobrar o Cavallo com deſigualdade, que não cerre os joelhos, e os faça tão fortes, que fiquem ſendo, como dizem os Sabios, de ferro: que não una por coſtume ao ventre do Cavallo os calcanhares: que não traga as pernas em hum contínuo movimento: que não lhe ande ſempre dando com a vara: que não lhe ande fazendo cocegas com as roſetas das eſporas: que não lhe dê as eſporadas raſgadas, como fazem os arreeiros: que não deixe pender o ſeu corpo, e aſſento da ſella mais para huma, que para outra parte: que não lhe falle continuadamente; e finalmente que não ponha em prática acção alguma com ficção, e vaidade, porque todas eſtas couſas ſão defeitos reprehenſiveis em hum homem Cavalleiro: logo todo o fim, e objecto dos Profeſſores deſta Arte deve encaminhar-ſe a conſervar os Cavallos no ſeu vigor, rendendo-os ſenſiveis, e obedientes em todos os ares, e trabalhos, de que elles forem ſuſceptiveis.

He

He certo que em todas as regras ha excepção, aſſim ha occaſiões, em que o Cavalleiro deve cerrar os joelhos, tendo-os fortes, e as pernas, e da meſma ſorte o corpo firme quanto puder, para evitar que o Cavallo, quando ſe defender, furioſamente, o arroje fóra de ſi, quer elle ſe defenda por ignorante, raivoſo, ou por maligno. Mas logo que ceſſar eſta cauſa, deve o Cavalleiro tornar-ſe flexivel para trabalhar com o equilibrio, e facilidade por meio dos preceitos, que a Arte enſina.

Em todas as Academias devem haver Cavallos enſinados em toda a qualidade de ares, e trabalhos do manejo, não ſó para os Diſcipulos verem, ſentirem, e aprenderem, mas para o Meſtre fazer ver a ſua pericia, e ſciencia. Eu creio que todos os Cavalleiros ſabem que para aperfeiçoar bem hum Cavallo em qualquer trabalho, ou lição, que lhe he propria, ſegundo a ſua conſtrucção, devem ſeguir-lhe a ſua natural inclinação, para que poſſa ſervir bem, e não ſe arruine facilmente de alguma das partes do corpo pelo haverem applicado a trabalhos, ou lições que lhe são improprios.

Não he menos neceſſario ao Meſtre obſervar attentamente ſe o Principiante (eſtando firme na ſella) tem nas ſuas pernas hum deſembaraço igual ao que vai adquirindo por meio da lição nas mais partes do corpo, ou ſe ſe conſerva, tendo fortes as curvas, e os joelhos, porque neſte caſo o deve diſpôr de maneira que vá adquirindo nas pernas facilidade, e igualdade dos joelhos até á ponta do pé, fazendo-lhe (além das diligencias que temos dito) affroxar os joelhos, e curvas das pernas alguns eſpaços ao trote pelo direito, para que ſem perder o equilibrio perca o defeito de ſe agarrar á ſella por coſtume, antes ſim ſe torne facil dos joelhos, e tenha bom movimento nas curvas, e pernas, aliàs ſe o Principiante ſe agarrar, o Cavallo ſerá rude aos movimentos das barrigas das pernas, calcanhares, e eſporas; pois huma das grandes perfeições dos Cavallos de manejo conſiſte em ſerem ſenſiveis a todos os movimentos das pernas do Cavalleiro.

Vendo o Meſtre que o ſeu diſcipulo eſtá deſembaraçado, e facil (conforme fica recommendado) póde, quando o julgar conveniente, fazello montar com eſtribos; advertindo que a medida dos loros deve ſer bem á proporção da perna do Cavalleiro; mas o loro ſempre mais curto que a perna, iſto he, o calcanhar do pé do Cavalleiro deve ficar mais baixo que a ponta do pé na linha horizontal huma pollegada pouco mais, ou menos.

Pignateli Cap. III. Pag. 27. mandava aos ſeus diſcipulos extender a perna para baixo, e então collocar o loro em tal medida, ou comprimento, que a ſoleira do eſtribo ficaſſe tocando ao Cavalleiro no meio do ſeu peito do pé, por ſer eſta ſem dúvida a boa, e juſta medida, em que deve ficar o loro, e o eſtribo. E ainda que pareça eſtar o loro curto, he engano, pois em o Cavallo andando, fica o loro no ſeu devido comprimento; e aquelles, que fizerem experiencia, ella lhe moſtrará eſta verdade; e ſe pelo contrario puzerem o loro no comprimento da perna, logo que o Cavallo ſe principiar a mover, o calcanhar do Cavalleiro ſubirá para ſima, a ponta do pé deſcerá para baixo, e na ponta do meſmo pé andará o eſtribo dançando, maiormente ſe o Cavallo for eſtreito do ventre.

Os

Os arcos dos eſtribos não devem ſer muito altos, nem muito baixos, nem tambem muito largos, porque huma, e outra couſa os póde deixar colar no pé do Cavalleiro. A ſoleira não deve ſer muito larga, nem muito eſtreita, porque de huma, e de outra fórma dá máo commodo ao pé. Os dentes da grade devem ſer vivos, ou agudos, e não muito grandes, para que a ſola da bota não eſcorregue ſobre elles, o que facilmente ſuccede ſe o eſtribo tem a grade liza; e cada vez que iſto acontecer, o Cavallo ſe perturbará no ſeu movimento, e ſe incommodará com o temor do caſtigo.

Devem os Meſtres fazer preparar todas eſtas commodidades aos diſcipulos, para lhes dar boas noções, porque no principio eſtá o ficarem bem, ou mal ſituados para ſempre. Se ſeguirem em todas as eſcolas eſta ordem, os ſeus Diſcipulos ſerão poſtos a cavallo com a melhor graça, e deſembaraço, que a ſua diſpoſição, conſtrucção, e talentos o permittirem: e eu não affirmára aſſim huma couſa de tanta conſideração, ſenão eſtiveſſe bem certo nos effeitos. Vi Principiantes inflexiveis de mãos aſperas, os braços cerrados ao corpo, os joelhos de ferro, o eſpinhaço irto, e toda a ſua figura mal ſituada; e por meio das diſpoſições, que ficão ditas, os vi depois flexiveis, bem ſituados, e com aquelle equilibrio, que todos os Sabios mandão obſervar aos ſeus Principiantes para chegarem a ſer bons Cavalleiros.

Pignateli Cap. XI. Pag. 61. diz, que bem póde o homem ſer viſtoſo, e agradavel a cavallo, e com tudo não ſer bom Cavalleiro; mas que não póde ſer bom Cavalleiro, ſem eſtar bem poſto a cavallo. O meſmo affirma Le Brove Cap. V. Pag. 50., e outros muitos Sabios Cavalleiros, cujos ſentimentos são neſta materia uniformes. As reflexões de Pignateli bem appropriadas nos fazem conhecer de quanta importancia são as primeiras noções da Arte. Se o Cavalleiro eſtiver torto, e mal ſituado na ſella, não ſómente ſerá deſagradavel a quem o vir trabalhar, mas tambem não poderá conſeguir que o Cavallo lhe obedeça conforme a Arte.

Ainda que os mais dos homens ſejão naturalmente cheios de deſejo, e goſto de andar a cavallo, nem por iſſo ſe ſegue que ſejão todos igualmente proprios para eſte exercicio. Os mais recommendaveis para eſte fim são aquelles, a quem o Omnipotente Creador, além de hum bom juizo, confiou baſtantes forças acompanhadas de agilidade, e hum corpo bem proporcionado. Os Homens de eſtatura mediana são firmes, e ao meſmo tempo ſe ajudão com mais promptidão, do que os que são muito corpulentos. Os que são demaziadamente pequenos, não ſó não são viſtoſos, mas nem ainda ajudão os Cavallos como devem, e muito principalmente com as pernas. Neceſſita-ſe pois de que o Cavalleiro, para ſer agradavel á viſta, ſeja dotado de huma figura bem proporcionada, e de preſença agradavel: elle tendo ſido conduzido debaixo dos principios, que ficão eſtabelecidos, e ſendo dotado tambem das qualidades ponderadas, com facilidade fará bom uſo da lição.

Finalmente o que pertender ſer bom Cavalleiro, deve empregar-ſe no exercicio da picaria o tempo competente para adquirir o equilibrio, e o deſembaraço preciſo, não ſó para ſer viſtoſo, e agradavel a quem o vê trabalhar, mas tambem para que os Cavallos lhe obedeção, debaixo dos preceitos da Arte, a todas as ſenſações com que os obrigar.

# LIVRO V.

## ARGUMENTO.

*Definição dos nomes, que são proprios neſta Arte, para com o ſoccorro delles poderem os Diſcipulos, livres de confuſão, perceber facilmente o que lhes mandão fazer. Nomes das partes de que ſe compõem alguns arreios, e o modo de uſar delles. Moſtra-ſe qual he a origem dos ſentidos naturaes dos Cavallos, e a fórma com que os Cavalleiros devem ſervir-ſe das ajudas, e caſtigos, para a ſenſação ſer perceptivel aos ſentidos do animal: e tambem que couſa he paſſo natural, que couſa he andadura, que couſa he o movimento do trote: modo de formar a lição dos quatro circulos para a direita, e para a eſquerda, ao paſſo, e trote.*

NADA contribue mais para a comprehenſão, e conhecimento de qualquer Arte, e de qualquer ſciencia, que a boa noção, e intelligencia dos nomes, que lhe são proprios, por ſerem eſtes bem como o indice, ou ponteiro de hum relogio, cuja ponta aguda nos moſtra os admiraveis effeitos, que continuamente nelle ſe obſervão: aſſim tambem aquelles pelo ſeu conhecimento nos fazem como tocar nos fins do que os Profeſſores pertendem perſuadir-nos. Daqui naſce que ſem huma perfeita applicação ao maquiniſmo (por aſſim fallar) de toda, e qualquer Arte, ſempre ſe andaria com dúvida na ſua total intelligencia. Por iſſo perſuadido eu deſta verdade, me dou ao cuidado de moſtrar as definições, ſignificações, e propriedades dos nomes proprios deſta Arte, ſegundo o parecer dos melhores Authores que della tratão.

A palavra *Manejo* tem duas ſignificações, e ſe póde entender por nome proprio do terreno, ou Picadeiro, em que ſe exercitão os Cavallos, ou como ar, ou trabalho, que por meio da lição lhes fazem aprender.

*Bom Ar.* Quando os Cavallos ſe movem com boa graça, levantando os braços, e movendo todas as partes do ſeu corpo com hum deſembaraço agradavel, dizemos que elles tem *Bom Ar.* Iſto meſmo ſe coſtuma entender tambem pelo proprio, e igual movimento, que os Cavalleiros, ſegundo a Arte, fórmão aos Cavallos, que enſinão em cada andar, ſeja natural, ou ſeja artificial, como diz Brogelat Cap. VIII. Pag. 77.

*Paſſagem.* Quando o Cavalleiro faz mudar de terreno ao ſeu Cavallo, desdobrando-o da acção em que andava, e fazendo avançar o pé, e mão daquella parte para onde novamente o dobra, dizemos *Paſſou de mão*, ſeja paſſando-o da direita para a eſquerda, ſeja da eſquerda para a direita.

*Cortar o Terreno.* Não ſe deve entender que o Cavalleiro fez paſſar de mão o Cavallo, quando repartindo o terreno do manejo de huma das linhas da muralha por huma linha curva, ou obliqua, elle vai buſcar outra linha da muralha fronteira; e ſem deſdobrar o Cavallo da acção em que andava, fórma em differentes terrenos o meſmo trabalho; mas ſim dizemos que elle *cortou o terreno*, porque o Cavallo ſempre anda para aquella parte, para que olha, e ſe dobra, ou elle fique trabalhando nos reverſos, em que ſempre olha para fóra do centro, ou fique trabalhando ſobre a circumferencia, e ſobre o quadrado, em que ſempre olha para o centro.

Logo que o Cavalleiro obriga o ſeu Cavallo a que deixe a linha, em que trabalhava, e o faz partir por huma linha obliqua, atraveſſando o terreno para buſcar a linha oppoſta, ſeja trabalhando ſobre a circumferencia, ou ſobre o quadrado, ſem o deſdobrar, e mudar de acção, tambem ſe deve entender que *cortou o terreno.*

Quando o Cavalleiro faz cortar o terreno ao Cavallo pela largura do Manejo, e elle ſe vai unindo á linha da muralha para voltar ſobre a meſma mão, em que anda, deve formar hum meio circulo para paſſar da linha obliqua do centro para a linha recta da muralha: elle então ſe levanta mais das ſuas eſpaduas, e ſegura a ſua garupa mais, para voltar para a meſma mão para que trabalhava.

Se o Cavalleiro pertende que o ſeu Cavallo corte o terreno por todo o comprimento do Picadeiro de huma das linhas da frente, ou do fundo do manejo, o fará partir pelo centro do terreno, e aſſim por huma linha obliqua, ſahindo ſempre para fóra, ir buſcar a linha da muralha oppoſta; e quando o Cavallo ſe vai unindo a ella, o Cavalleiro lhe deve ir ſegurando a mão de dentro, e a perna de fóra, para que elle encruzado entre as redeas, e a perna, ſe levante mais das ſuas eſpaduas, quando volta para a meſma mão, em que andava antes de cortar o terreno. Iſto o obriga tambem a ſer facil na mão, quando volta, e aſſegurar a ſua garupa, quando ſe obriga mais com a mão de dentro, e a perna de fóra.

*Cortar o terreno curto.* Trabalhando ſobre o circulo, tambem ſe corta o terreno, fazendo marchar o Cavallo ſobre as cordas delle; (como ſe vê na Eſt. IV. Fig. 11.) e para que elle poſſa andar ſempre para diante, e uſar bem da ſua garupa, o que não póde fazer ſem ſahir de huma linha curva para a recta, que he a corda deſſe circulo: para ſe conſeguir iſto, o obrigará o Cavalleiro com a redea de dentro, e ambas as pernas a atraveſſar o circulo de huma para outra extremidade do arco, a fim de que a garupa ſiga a linha da mão de fóra: iſto facilita o Cavallo muito para ſeguir com as eſpaduas os movimentos das redeas. A recommendação de lhe ſegurar a garupa para dentro, he, porque ordinariamente neſta lição todos os Cavallos fogem com a garupa para fóra, para ſe deſdobrarem da acção que ſuſtentão ſobre o circulo antes de cortar o terreno: elles fogem da obediencia, e ſujeição da mão do Cavalleiro, quando os faz cortar o terreno, obrigados da força centrifu-

fuga, que na dobra do ſeu corpo os faz ſahir do centro, quando andão para a mão direita, ſobre a perna eſquerda.

*Da volta ao revés.* Havendo eu já dito como ſe corta o terreno, voltando ſempre ſobre a meſma mão no ponto, em que ſe unem á extremidade da linha ſobre que voltão para ſeguir a meſma lição em que andavão, direi tambem como ſe corta o terreno para ficar trabalhando na lição *da volta ao revés.*

O Cavalleiro deſde a linha da muralha, em que trabalhar, deve por huma linha obliqua fazer ir o ſeu Cavallo buſcar a linha da muralha oppoſta; e em chegando a ella, tendo formado hum angulo obtuſo Eſt. IV. Fig. 6. do vertice do angulo, deve ſeguir a linha do prolongo da muralha, ſem o deſdobrar da acção, em que andava antes de principiar a cortar o terreno. Ora ſe elle anda dobrado para a direita, deve ſeguir a linha ſobre o prolongo para a eſquerda, e neſte caſo fica o centro do terreno da parte eſquerda, e por iſſo eſta lição ſe deve propriamente chamar *Volta ao revés*, tanto quando o Cavallo fica neſta acção ſobre o quadrado longo Eſt. XV., como ficando ſobre os circulos de duas piſtas Eſt. VI. Fig. 1. N. 5., ſeja que as eſpaduas do Cavallo entrem para o centro, e a garupa ſaia para fóra das linhas das eſpaduas, e elle forme quatro piſtas, ou linhas, como ſe vê na Eſt. XXXVI. Fig. 1., ſeja que elle ſiga com as piſtas dos ſeus pés as piſtas das mãos, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas parallelas, formando duas piſtas; porque logo que olha para a direita, e vence com as eſpaduas o terreno para a eſquerda, a garupa anda para ſima da parte concava, e elle trabalha aſſim no reverſo da acção, em que andava ſobre o quadrado, ou ſobre a circumferencia, antes de cortar o terreno.

*Das Piſtas.* Chamão-ſe *Piſtas* aquelles ſignaes, que os Cavallos com os ſeus pés, e mãos imprimem na terra. Ora quando hum Cavallo trabalha por linhas rectas, iſto he, quando as piſtas dos pés ſeguem as piſtas das mãos, cada huma por ſua linha recta, indo parallelas as piſtas da mão, e pé direito com as piſtas da mão, e pé eſquerdo, o Cavallo fórma aſſim duas piſtas, ou linhas, porque os ſeus pés ſeguem igualmente as mãos; e ainda que alguns Cavalleiros dizem que o Cavallo anda de huma ſó piſta, com tudo, elles ſe enganão; porque tendo hum Cavallo duas mãos, elle não póde andar, ſem que ellas marquem ao menos duas piſtas, ou linhas, as quaes os pés vão ſeguindo parallelamente.

*Dos quatro circulos.* Trabalhando o Cavallo ſobre a volta, ou nos reverſos, ſeja da circumferencia, ſeja do quadrado, ou linhas de todo o comprimento do manejo, em entrando com as eſpaduas para o centro, e ſahindo com a garupa para fóra das linhas das eſpaduas, fórma quatro piſtas diſtinctas, porque neſtas acções elle marca duas linhas com as piſtas das mãos, e outras duas com as piſtas dos pés: advertindo que quando vai ao paſſo, ou trote nos reverſos, a mão, e perna da parte convexa, por effeito do movimento circular, e força centripeta, cruzão por ſima, e por diante da mão, e pé da parte concava, e por conſequencia a perna, a mão, a meia anca, e eſpadua da parte convexa ſe unem á meia anca, e eſpadua da parte concava por força do ſeu movimento circular, ſem o qual a parte convexa não póde vencer para ſima da concava a maior porção de terreno, que tem de caminhar.

*Volta ao revés galopando.* Quando o Cavallo galopa nos reverſos, a parte de dentro, ou concava ſe avança, e a de fóra, ou convexa ſe une a ella, porque elle ſe move no ſeu galope com hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa, e ao paſſo, e trote faz quatro movimentos, cada hum diſtincto ſobre ſi na reſpectiva parte, iſto he, hum com cada eſpadua, e outro com cada anca, e por iſſo o braço, e perna de fóra cruzão por ſima, e por diante do braço, e perna de dentro. E eſta he a unica lição tambem em que o Cavallo ao paſſo, ao trote, e ao galope recolhe a ſua perna de fóra da volta, e de dentro do centro para baixo do ſeu corpo.

## *Dos occultos movimentos com que ſe ajuda o Cavallo.*

OS occultos movimentos de que ſe ſervem os Cavalleiros para fazerem determinar os movimentos dos Cavallos a ir para diante, para trás, para a direita, e para a eſquerda, em termos da Arte chamão-ſe *Ajudas*. Eſtas conſiſtem nos differentes movimentos das mãos, e equilibrio do corpo, joelhos, pernas, vara, e falla, de que neceſſariamente o Cavalleiro ſe ſerve para avivar, animar, e conſervar os Cavallos no ſeu melhor, e mais perfeito movimento. Ora eſtas ajudas devem ſer poſtas em prática com tanta promptidão, e delicadeza, que ſe façáo imperceptiveis aos Expectadores. Deve o Cavalleiro fazer hum bom, e perfeito uſo de todas ellas, por ſerem preciſas para obrigar bem ao Cavallo, e ao Cavallo para bem obedecer ao Cavalleiro, pois ſem eſtas boas qualidades já mais lhe ſerá poſſivel fazer determinar os movimentos de toda a máquina do corpo do Cavallo com perfeição, e igualdade.

*Dos Caſtigos.* Quando o Cavalleiro com promptidão, vivacidade, e fortaleza ſe ſerve das eſporas, vara, freio, e cabeção, dando com algum deſtes inſtrumentos no Cavallo, chamão a iſto *Caſtigo*; e ſe o Cavallo deſobedecer, e he preciſo uſar dos referidos meios para o remediar, forçoſamente ſe ha de perceber de fóra.

*Render a mão.* A'quelle movimento, que ſe faz, abaixando, e adiantando a mão da redea para diante, ſe chama *Render a mão*, ſeja para deixar ſahir o Cavallo para diante, ſeja para lhe alliviar o ſentimento que lhe produz o freio na boca ſobre os aſſentos, e a barbella ſobre a barbada: advertindo que a mão eſquerda he que ſe deve ſempre entender por mão da redea; porque ainda que a mão direita tire, e trabalhe algumas vezes com a redea direita, com tudo, iſto não he mais que hum remedio para ajudar, e facilitar o Cavallo, que duvída voltar, e dobrar-ſe para a parte direita, e quando o Cavallo péga mal no freio ao voltar, e tambem para obrigar aquelles, que puchão pela mão para a parte de fóra com exceſſo. Vale-ſe o Cavalleiro em taes caſos dos ſoccorros da mão direita para obrigar o Cavallo a que volte para dentro; porém logo que elle obedece, e eſtá flexivel, devem as redeas ſómente ſer trabalhadas pela mão eſquerda.

*Segurar-ſe as redeas.* Quando o Cavalleiro tem pouco aſſento de ſella, e por conſequencia pouco equilibrio, e pouca firmeza, elle ſe vale ordinariamente de *ſegurar-ſe nas redeas*: neſte caſo dizemos, que o Cavalleiro *ſe péga á mão*, ou tem a *mão forte*. Eſte he o peior defeito que elle póde ter, pois com eſte máo coſtume

ate-

atenua a ſenſibilidade da boca do Cavallo, coſtumão a deter-ſe, e ſe tiver a boca fina, a empinar-ſe, pondo-o no riſco de cahir para trás : incidente de que podem reſultar grandes fatalidades não ſó pelos vicios que diſto podem ſobrevir ao Cavallo, mas tambem pelas evidentes deſgraças, que podem acontecer ao Cavalleiro.

*Tirar pela mão.* Quando o Cavallo tem o defeito de extender vigoroſamente o focinho para fima , ou para aquella parte , para onde elle eſtá mais facil , dizemos que *tira pela mão*: neſte caſo entéza a boca contra a mão do Cavalleiro, e iſto he muito máo, ou elle o faça por ignorante, ou por maligno, e reçabiado.

*Ser rude á mão.* Quando elle deſcança ſobre a embocadura do freio, ſem acudir ao governo que o Cavalleiro lhe quer dar por meio das ſenſações do freio, dizemos que *péza na mão.* Eſta qualidade de Cavallos não ſente as ſenſações da embocadura ſobre os aſſentos , ſenão quando ellas ſão impellidas de huma grande força.

*Incerteza da boca.* Quando o Cavallo tem eſte defeito, extende amiudadas vezes o focinho para diante; e ſentindo que a embocadura do freio lhe aſſenta ſobre os aſſentos, eſtranha a ſenſação, e torna com o focinho para trás, indo neſte ſucceſſivo movimento ſem apoio : em tal caſo dizemos que *bate no freio.* Eſte defeito he muito ordinario pela maior parte nos Cavallos, que não tem ainda governo algum, e muitos o fazem tambem por bravos, e inſoffridos: eſtes ſe diſtinguem daquelles , porque ſacodem muitas vezes o freio para hum , e outro lado , e dão cabeçadas.

*Ter bom apoio.* Ao ſentimento que reciprocamente produz a embocadura do freio por effeito das caimbas, e redeas na mão do Cavalleiro, e boca do Cavallo, chama-ſe *Apoio.* Cavallos ha, que não tem apoio algum , e em quanto eſtão neſte eſtado, não dão bom commodo a quem anda nelles. Outros tem apoio tão demaziado, que fatigão muito o braço ao Cavalleiro: os que não tem apoio , temem, como deixamos notado , a embocadura do freio , não querendo que ella lhe ſente ſobre os aſſentos , ou queixos ; e as ſuas defezas conſiſtem não ſó em tirar pela mão, e dar cabeçadas, mas tambem em ſe deſigualar nos ſeus movimentos, e não voltar facilmente, quando a mão os obriga. Ora os que tem muito apoio, deſcanção ſobre a mão, violentando com exceſſo o braço do Cavalleiro: elles ſim ſe igualão mais nos ſeus movimentos , do que os que temem a embocadura ; mas além de fatigarem o braço , elles ſão rudes á maior parte das ſenſações com que o Cavalleiro os quer obrigar.

*Boa boca.* Chama-ſe *Boa boca* á daquelle Cavallo, que ſegue ſem violencia os movimentos da mão , participados della pelas redeas , e caimbas á embocadura, obedecendo com ſuavidade, ligeireza, e firmeza ás ſenſações da mão do Cavalleiro , unindo-ſe brandamente á dita embocadura do freio , bem aſſim como huma mola , que obrigada de hum leve impulſo , ſe vai facilmente dobrando , e comprimindo.

*Da parada. Parada* , ou *Parar* ſignifica acabar a lição : ſendo que tambem ha paradas, e meias paradas, ſeguindo a meſma lição, do que em outros lugares tratarei. Tambem ſe entende por parada o intervallo que o Cavalleiro faz , parando o

ſeu

ſeu Cavallo, para que tome folgo, e torne a repetir a lição. As paradas, e as meias paradas, ſeguindo a lição, ſervem commummente para obrigar o Cavallo a que ſe levante das eſpaduas, e a que tome apoio, e governo: e ellas tambem o obrigão muito a que traga firme a cabeça no ſeu proprio, e devido lugar.

*União dos movimentos.* Unir, e ajuſtar o Cavallo he fazello igualar os ſeus movimentos por meio da lição, dando-lhe nelles deſembaraço, e flexibilidade tal que o poſsão formar, e conſtituir perfeito naquelle ar, ou andar que lhe he proprio.

*Cavallo obediente.* Chama-ſe *Obediente* aquelle, que eſtá deſembaraçado, e igual nos ſeus movimentos, que eſtá facil, e bem plantado no chão; que ſegue todas as ſenſações da mão participadas pela embocadura, que obedece promptamente ás ajudas das barrigas das pernas do Cavalleiro, como tambem ás dos joelhos, calcanhares, e eſporas, fugindo ás impreſsões das ſuas ſenſações com deſembaraço, e obediencia, ſeja determinando o ſeu movimento ſobre linhas rectas para diante, ou para trás, ſeja obliquando para a direita, ou para a eſquerda, ſem ſe atraveſſar, ou deſconcertar na ſua acção.

*Entortar no Terreno.* Atraveſſar-ſe he metter a garupa demaziadamente para o centro, ou deitalla com o meſmo extremo para a circumferencia, ou para fóra, fazendo pouco caſo das ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, faltando á regularidade, que deve ſempre conſervar na determinação dos ſeus movimentos, ou elle trabalhe nos circulos, nos quadrados, ou por todo o comprimento da muralha, porque em todos os ares, e trabalhos deve o Cavallo determinar-ſe pelas ſenſações, que lhe faz o Cavalleiro, para ſer prompto, e ſe poſtar bem ſituado, e bem direito no chão.

*Deter-ſe.* *Deter-ſe* he a repugnancia que o Cavallo tem de andar para diante. Elle ſe detem, quando fica ſobre as linhas rectas para trás: quando ſe lança mais ſobre huma, que ſobre outra eſpadua: quando entra com a garupa demaziadamente para o centro, ou da meſma ſorte foge com ella para fóra, ſem obedecer ás diligencias, que o Cavalleiro emprega por meio das ſenſações das ſuas mãos, pernas, e corpo, a fim de que ande para diante. Eſta he a peior defeza que elle póde buſcar, para ſe fortalecer em todos os ſeus máos coſtumes, ou vicios: e já mais ſe poderá obrigar hum tal Cavallo a que obedeça, em quanto elle perſiſtir em ficar para trás.

*Piafer.* Suſpender, ou *Piafer* ſe chama a hum movimento que os Cavallos fazem ao paſſo, dobrando os ſeus braços altos, e com bom ar, ſem ſe atraveſſar, e tambem ſem avançar, nem recuar, determinando os ſeus movimentos com obediencia, e regularidade pelas ſenſações, ou ajudas das mãos, e pernas do Cavalleiro: advertindo tambem que póde ſuſpender, marchando para diante, recuſando, ou tirando atrás, e obliquando para huma, e outra parte.

*Patear.* Os Cavallos, que em lugar de ſuſter os ſeus braços altos, e as pernas na regular figura, que devem obſervar, quando ſuſpendem, antes ſim elles precipitão o ſeu movimento com acceleração, e ſem igualdade, ſe diz que *pateião.* Os que são muito colericos, e que tem muita vivacidade, são ſujeitos a eſte defeito. O meſmo ſuccede a alguns, por terem má lição; e a outros, porque já não podem.

*Fal-*

*Falcada.* A' parada que o Cavallo faz, abaixando, rebatendo, e recolhendo as pernas para baixo do ſeu corpo ao paſſo, ao trote, ou ao galope, ſe chama *Falcada.* Deſta palavra ſe ſervia La Brove, quando queria dizer que o ſeu Cavallo havia uſado de huns movimentos curtos, unidos, e promptos para recolher as ſuas pernas, e garupa bem para baixo do corpo.

*Obliquar.* Cruzar he aquelle movimento, que os Cavallos fazem em paſſando a mão, e pé de dentro por ſima, e por diante da mão, e pé de fóra, por effeito do movimento circular. Da meſma ſorte elles cruzão, quando trabalhão na lição da volta ao revés, ao paſſo, e trote, paſſando a ſua mão, e pé de fóra por ſima, e por diante da ſua mão, e pé de dentro, como ſe diz nos lugares a que pertencem eſtas lições.

*Fallar ao Cavallo.* Todos ſabem que he hum ſom, que o Cavalleiro fórma com a ſua lingua, unindo-a á parte ſuperior da boca, retirando-ſe de golpe, e abrindo hum pouco a boca, a iſto, como dizemos, ſe chama *fallar ao Cavallo*: e ſerve para o avivar no ſeu movimento, e trabalho, fazello attento ás ajudas, e caſtigos, e tambem para o divertir, ſe elle vai de má tenção. Devem os Cavalleiros ſervir-ſe deſta falla as menos vezes que puder ſer, pelo mal que ſoa a quem ouve; e tambem porque ſe o Cavalleiro continuamente fallar ao Cavallo, elle pelo coſtume, em que eſtá de ouvir a falla a cada inſtante, virá a fazer pouco caſo della. Não deve tambem ſer eſta falla muito forte, pois baſta ſómente que o Cavallo a ouça.

*Vara.* Todos ſabem que as varas são humas haſtes delgadas de Marmelleiro, ou de alamos brancos, as quaes ſervem para compoſtura do Cavalleiro, e para lhe fazer adquirir hum movimento livre no braço, e mão direita, a que commummente ſe chama *a mão da eſpada*, e ſervem tambem para ajudar, e caſtigar o Cavallo. He ajuda quando o Cavalleiro a faz ciſlar para avivar, e animar o Cavallo; e quando lhe tocão com ella ſobre huma, ou ſobre outra eſpadua, ou tambem ſobre a garupa, a fim de o obrigar a que fique direito no chão, e a que ſe alargue della quando recua. He caſtigo, quando o Cavalleiro lhe dá com ella fortemente ſobre os braços, ſobre as eſpaduas, ſobre o ventre, e ſobre a garupa, e em cada huma deſtas partes o caſtigo da vara cauſa effeitos differentes, como dizemos nos lugares, em que tratamos dos ſeus inconvenientes, e utilidades.

Dous são os melhores modos de tocar com a vara ſobre a garupa: o primeiro he mais viſtoſo, e de melhor effeito. Elle ſe faz, elevando o Cavalleiro o ſeu braço no cotovello á altura do hombro, tocando então por ſima delle com a ponta da vara levemente ſobre a garupa do Cavallo.

O ſegundo modo de tocar com a vara ſe faz, voltando-a na mão com a ponta para baixo, ſahindo por entre o dedo minimo, e a palma por baixo do braço, para a ponta alcançar a tocar ſobre a garupa: ſe bem que ordinariamente os Cavallos não correſpondem a eſta ajuda da vara por baixo do braço com tanta graça, como ſendo applicada por ſima do hombro.

Ora ſendo o uſo da vara util, elle não ſerve para os Cavallos deſtinados para a guerra, porque elles não devem temer de fórma alguma os movimentos da mão da eſpada, para os Cavalleiros nas acções das batalhas ſe poderem ſervir bem

bem della: he porém preciſa a ajuda, e o caſtigo da vara para animar os Cavallos, que ſervem para os trabalhos da Eſcola, tanto eſtando montados, como entre os Pilões: ſeja para lhes fazer levantar as eſpaduas, endireitallas, e dobrar os braços, e joelhos, ſeja para lhes ajudar a marcar iguaes os tempos da garupa no galope, no terra a terra, e nos ares altos.

## *Nomes dos andares naturaes.*

HA *Paſſo natural*, ha *Paſſo travado*, e ha hum movimento chamado *Andadura*, e outro quaſi ſemelhante a ella, chamado *Entrepaſſo traquinado.* Ha *Trote proprio*, ou *natural*, ha *Trote unido*, e ha *Trote avançado*: ha *Galope natural*, ha *Galope avançado*, ha *Galope diligente*, ha *Galope unido*, e ha *Galope relevado*, a que chamão *Meio ar*: ha finalmente nos ares perto da terra hum movimento ſemelhante ao galope muito viſtoſo, que ſe chama *Terra a terra.* Ha tambem a *Volta*, a *meia Volta*, a *meia Pirueta*, e a *Pirueta.*

## *Nomes dos movimentos artificiaes.*

OS movimentos, ou ares artificiaes ſão a *Pouſada*, as *Paſſadas*, a *Curveta*, a *Garupada*, a *Balotada*, a *Cabriola*, e o *Paſſo*, e *Salto.*

O Paſſo, o Trote, e o Galope ſão os movimentos naturaes, com que a mão ſuprema do Creador diſpoz a eſtructura da máquina do corpo do Cavallo com huma diſpoſição admiravel, e eſtupenda para determinar os ſeus movimentos em ſerviço do homem, pois elles tem origem, ſem neceſſidade da Arte, na ſua propria natureza.

Os movimentos artificiaes ſão aquelles, que hum ſciente Cavalleiro ſabe formar aos Cavallos, que enſina para os aperfeiçoar nos differentes ares naturaes, e artificiaes, de que elles ſão capazes, e ſe devem praticar nas Academias bem reguladas.

## *Explicações da Eſtampa V.*

OS inſtrumentos, que commummente ſervem nos Cavallos, ſão o *Freio*, e a *Sella* com os ſeus pertences, o *Cabeção ordinario*, o *Cabeção dos Pilões*, o *Filete*, o *Bridão*, as *Cabeçadas do freio*, *Cabeções*, e *Bridões*, com as redeas, que lhes correſpondem, as *Correas*, os *Antolhos*, e a *Rabeira*, como ſe vê nas figuras da Eſt. V., e nas da Eſt. IX., &c.

Ha Freios com differentes fórmas nas caimbas, nas embocaduras, e nas barbellas; e o ſeu preſtimo todo ſe encaminha a fazer governar os Cavallos, dandolhes apoio, e obediencia ás determinações das mãos do Cavalleiro para elles ſerem uteis no ſeu preſtimo para o manejo, para a caça, e para a guerra.

Já diſſe que couſa he guia, chambrié, e açoute, e qual o ſeu preſtimo: agora explicarei os nomes das mais figuras da Eſtampa V., e as partes de que ellas ſe compõem.

*Do*

*Do Fiador.*

A Fig. 1. chama-ſe *Fiador*: compõe-ſe de ſeis partes, a primeira he huma verga de ferro delgada, ou de latão, commummente dourada, e torcida, ou facetada, como letra C.

A ſegunda parte he huma Cabeçada ſimples, que ſe põe por ſima da cabeçada do freio com huma ſó fivela, e paſſador, como letra D.

A terceira he huma Sugigola letra M.

A quarta he hum Paſſador, que faz apertar a ſugigola por ſima das redeas do freio, como letra O.

A quinta parte he o Tornel letra E; a argola menor, em que ſe afivela a correa de levar a mão, deve andar á roda no referido tornel, para não ſe retrocer a correa, ou cordão com as voltas que o Cavallo der.

A ſexta he a Correa, ou cordões de levar a mão, que deve ter no fim huma prezilha, como letra A. Coſtuma-ſe uſar dos fiadores para levar os Cavallos á mão, e para evitar que os moços lhes dem pancadas fortes com o cabeção ſobre o focinho, e ſobre a barbada.

*Do Pilão do centro.*

A Fig. 2. já diſſe que ſe chama *Pilão do centro.* Dos ſeus preſtimos tratarei em diverſas partes deſta obra.

*Do cabeção dos Pilões.*

A Fig. 3. chama-ſe *Cabeção dos Pilões*: compõe-ſe de tres partes, a ſaber, Cabeçada, Cabeção, e Latigos.

A cabeçada compõe-ſe de dous couros fortes bem cozidos pelas extremidades hum no outro, e tem ſuas fivelas de ferro, que devem ſer fortes, e aſſim a ſugigola do Ezofago letra C, e a ſugigola da barbada letra H.

A ſegunda he o ferro chamado *Do cabeção* letra B, o qual he huma chapa de ferro arqueada, em que haverá dous torneis, que tambem devem ſer fortes, como ſe vê na letra O, e em cada hum ſua argola para atar os Latigos: nas extremidades da referida chapa do cabeção faz dous éſſes, como letra S, para ſegurar as argolas da cabeçada.

A terceira parte são dous Latigos de canhamo, e ſervem de prender nas argolas dos Pilões: coſtuma-ſe furar o ferro do cabeção para não magoar tanto ao Cavallo.

*Do Bridão.*

A Fig. 4. compõe-ſe de quatro partes, Embocadura, Haſteas, Cabeçada ſimples, e Redeas.

A primeira he a Embocadura ordinaria do Bridão: compõe-ſe de duas peças de ferro delgadas, e lizas, como ſe vê na letra I, unidas com ſeu annel no meio.

A ſegunda parte do Bridão são as Haſteas letra N, que ſe articulão com a embocadura huma de cada lado, para não ſahir o bocado para fóra da boca do Potro.

A terceira he a Cabeçada letra M, que prende pelos guarda-faceiras nas argolas dos olhos do Bridão.

A quarta são as redeas do Bridão letra L.

*Do Cabeção ordinario.*

A Fig. 5. chama-ſe *Cabeção ordinario*: compõe-ſe de tres partes, a ſaber, o ferro letra A, cabeçada letra C, e as redeas ordinarias letra B.

A primeira parte he huma peça de ferro concava pela parte interior, e pela exterior convexa, e liza: as ſuas extremidades interiores chamão-ſe ſerras do cabeção, cujas ſerras são com dentes em huns cabeções mais, em outros menos agudos: os mais agudos ſervem para caſtigar os Cavallos menos ſenſiveis, os menos agudos para os Cavallos mais ſenſiveis. Tem o referido cabeção hum tornel de cada lado com ſua argola, em que ſe afivelão as redeas ordinarias, ou por onde paſsão as correas de vencer, e outro tornel mais curto no meio com ſua argola, em que ſe afivela a guia.

A ſegunda parte he a cabeçada letra C: compõe-ſe eſta de duas correas chamadas *Guarda-faceiras do cabeção* letra N, que prendem nas argolas dos éſſes do cabeção letra S, e de huma correa chamada *Sugigola da barbada*, que ſerve para ajuſtar o ferro do cabeção ſobre as ventas do Cavallo. Tambem coſtumão alguns ter ſugigola do Ezofago letra O, que ſe aperta na parte ſuperior das queixadas, e ſerve para não deixar ſahir a cabeçada da cabeça do Cavallo.

A terceira parte são as redeas ordinarias do cabeção letra B: coſtumão ter ſeis palmos de comprimento, e huma pollegada de largo: são tecidas de canhamo, e tem ſua fivela, e paſſador, com que prendem nas argolas dos torneis dos lados do cabeção.

*Dos Pilões.*

A Fig. 6. chama-ſe *Pilão das extremidades do parapeito.* Nos lugares a que pertencem tratarei do ſeu feitio, lugar, e preſtimo.

*Do Açoute.*

A Fig. 7. chama-ſe *Açoute.* Já fica dito o ſeu feitio, preſtimo, e o modo de uſar delle.

*Do Freio.*

A Fig. 8. chama-ſe *Freio*: compõe-ſe de cabeçada, freio, e redeas.

A cabeçada do freio conſta de ſinco partes, a ſaber, Cabeçada letra A, Teſteira letra B, Sugigola letra C, Guardas-faceiras letra D, e Fucinheira letra E.

Tem as partes do freio 11 nomes, a ſaber, *Embocadura* letra M, *Guarda-faceira*, ou *Banqueta* letra P, *Gancho da barbella* letra O, *Barbella* letra S, *Arco do olho do freio* letra I, *Arco do guarda-faceira* letra G, *Goſtadouro* letra V, *Caimbas* letra N, *Cadeias* letra X, *Torneis* letra Z, *Argolas das redeas* letra F.

As redeas do freio letra H devem ter de comprido ſeis até ſete palmos, e huma pollegada de largo: devem ter fivelas nas pontas, e ſeus paſſadores para afi-

ve-

velar nas argolas dos torneis do freio letra F : devem tambem ter dous paſſadores , hum firme nas pontas letra L , e outro que corra para baixo , e para ſima letra Q.

*Do Correão do Pilão.*

A Fig. 9. chama-ſe *Correão do gancho do Pilão*: compõe-ſe de dous couros fortes bem cozidos hum no outro pelas extremidades : tem huma fivela forte, que aperta nas cavidades do Pilão do centro para os uſos , que direi nos ſeus reſpectivos lugares.

*Do Gancho do Correão.*

A Fig. 10. chama-ſe *Gancho do Correão* do Pilão : compõe-ſe de duas peças , a ſaber, hum tornel com ſua chapa, que entra dentro do correão, em que eſtá bem ſeguro. Tambem póde o tornel ſer apertado com hum parafuſo , e porca por dentro do correão, e hum gancho Fig. 10. pendente do tornel, em que muitas vezes ſe prende, ou deſcança a guia.

*Da Guia.*

A Fig. 11. chamada *Guia.* Já diſſemos a ſua formalidade , e explicámos o ſeu preſtimo em diverſas partes.

*Da Rabeira.*

A Fig. 12. chama-ſe *Rabeira das Cabriolas* : eſte he de marroquim á maneira de hum cano redondo letra O com ſinco , ou ſeis agulhetas de cada lado letra A: tem na ultima hum cordão, que ſe enleia pelas agulhetas para apertar a rabeira. Na parte ſuperior letra O tem huma correa , que afivela no chouriço do rabicho ; e na inferior letra O tem outra correa , que paſſando por entre as pernas do Cavallo, vai afivelar por baixo da barriga no paſſador das cilhas.

*Do Chambrié.*

A Fig. 13. chama-ſe *Chambrié.* Do ſeu feitio, e uſo já tratámos.

*Das Çapatilhas.*

A Fig. 14. chama-ſe *Çapatilhas* : coſtumão ſer de couro com tres fivelas , cujo couro cobre a quartela do travadouro do jarrete : as fivelas ſe ajuſtão com as pontas , de modo que o couro não ſe tire daquelle lugar em que o puzerão, e o Cavallo ande á ſua vontade : ſervem as referidas çapatilhas para defender as quartelas dos eſtrepes, quando correm pelo mato.

*Do Peitoral do mato.*

A Fig. 15. chama-ſe *Peitoral do mato*: he hum couro, que cobre o peito do Cavallo do lugar do Ezofago até aos joelhos; e pelas duas fivelas, que ſe moſtrão em hum, e outro lado, e duas correas, vão afivelar na ſella as fivelas do peitoral, ficando todo o referido couro ſolto pelos lados para não embaraçar os movimentos das eſpaduas, e braços ao animal. Serve tambem para correr no mato, e o Cavallo trazer o peito mais defendido.

*Do Páo de eſpora.*

A Fig. 16. chama-ſe *Páo de eſpora.* Do ſeu preſtimo ſe trata em alguns lugares deſta Obra.

*Das Mangas.*

A Fig. 17. chama-ſe *Manga* : he hum couro , que alcança em roda o braço do Cavallo : tem duas correas na parte alta , que vão afivelar na fivela do Peitoral ; e as quatro pontas que ſe moſtrão , deſcendo pela manga abaixo , afivelão nas fivelas, que lhes correſpondem, não muito apertadas, para o animal poder mover o braço. No meio tem a manga hum buraco, a que chamão *Joelheira*, aonde ſe articula o joelho , cujo buraco ſerve para a manga deixar dobrar o braço , e tem hum pedaço de couro letra O ſómente pegado á manga na parte ſuperior para evitar que o Cavallo alcance alguns eſtrepes. As quartelas das mãos tambem ſe cobrem com outras çapatilhas ( ſemelhantes ás que já diſſemos ), que ſervem nos pés. Iſto ſuppoſto, paſſaremos a moſtrar os nomes, e preſtimos das Figuras da Eſt. IX.

## ESTAMPA IX.

### *Explicações das Embocaduras, e Caimbas.*

A Fig. 1. chama-ſe *Caimba de affirmar* : a ſua embocadura conſta de dous canhões inteiros, e firmes nos varões letra A: advertindo que *Varão* ſe chama áquelle ferro, que atraveſſa a embocadura da banqueta á caimba, que póde ſer movel.

A Fig. 2., a Fig. 3., e a Fig. 4. chamão-ſe *Caimbas de volta*: as partes de que ellas ſe compõem , tem os meſmos nomes , que já diſſe que tem as caimbas da Fig. 8. Eſt. V.; mas no ſeu preſtimo tem algumas differenças das caimbas de affirmar, como digo nos lugares a que pertencem os ſeus uſos.

A Fig. 5. chama-ſe *Embocadura de canhões* letra E; e a volta com que ſe unem os canhões, chama-ſe *Meia montada* letra O, póde ſer maior, e menor.

A Fig. 6. chama-ſe *Embocadura da eſcarcha*: he hum canhão com alguns riſcos, ou meias canas ao comprido , como ſe vê na letra C : póde ſer direita , como o canhão da Fig. 2., e ſer de meia montada, como ſe moſtra na Fig. 6. letra O.

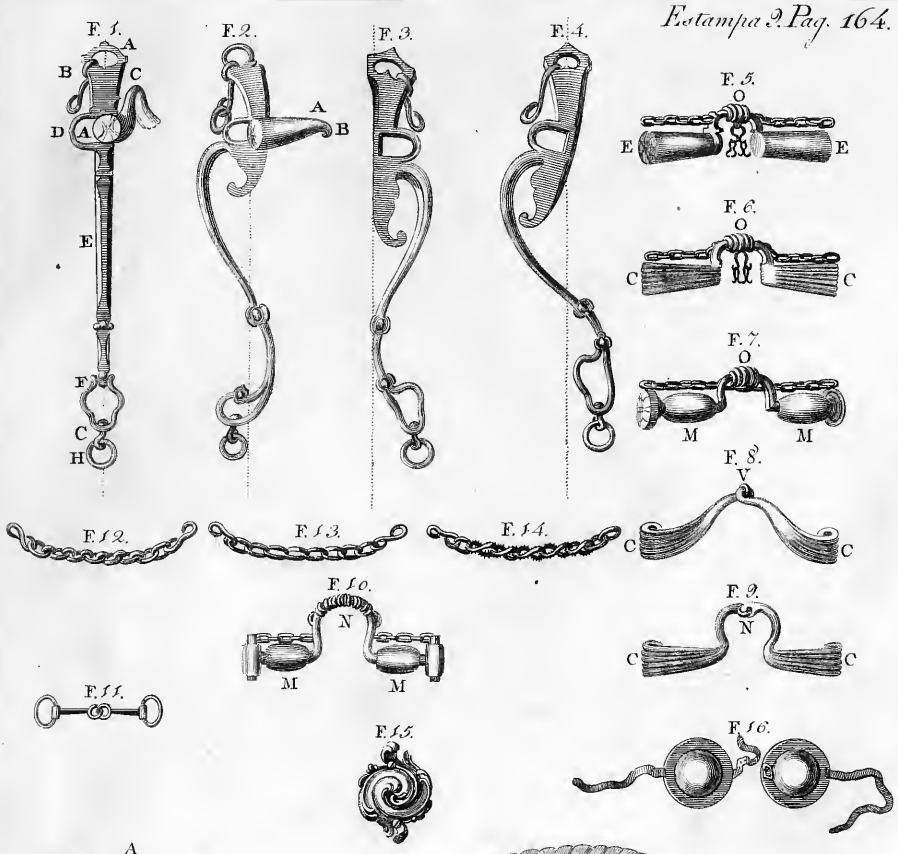
A Fig. 7. chama-ſe *Embocadura de malões* letra M , e póde ter meia montada, como ſe vê na letra O, ou ſer direita.

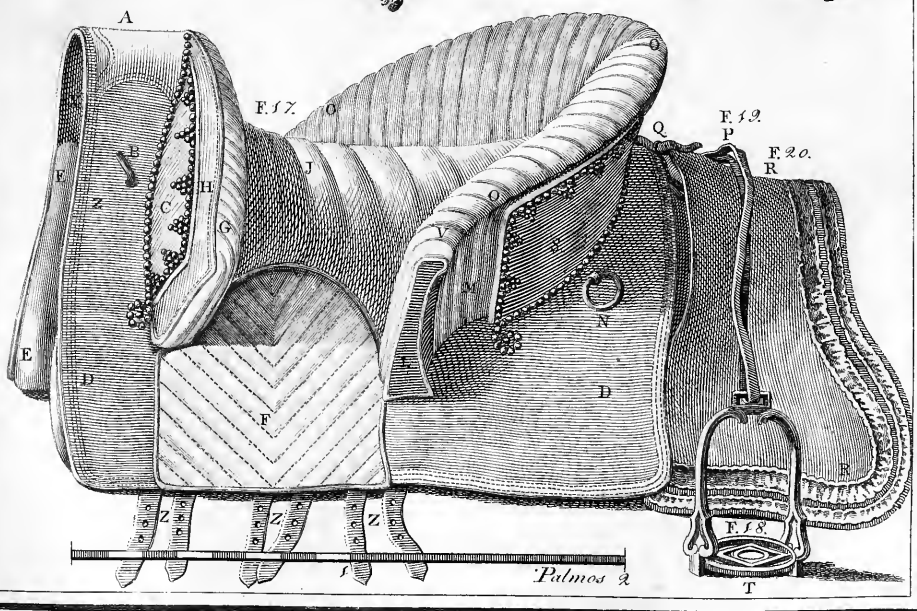
A Fig. 8. chama-ſe *Embocadura de ponta de cabra*: póde ſer de eſcarcha, como ſe moſtra na letra C, e póde ſer toda liza para ſer mais branda; as duas partes da embocadura ſe unem com dous éſſes na letra V.

A Fig. 9. chama-ſe *Embocadura de eſcarcha* letra C; e a volta que ha no fim dos cubos chama-ſe *Montada de peſcoço de ganço*, que tambem ſe une por éſſes na letra N.

A Fig. 10. chama-ſe *Embocadura de malões* letra M com montada letra N, que póde ſer firme , e póde unir de annel os anneis que tem na parte ſuperior da montada, e das meias montadas: devem mover-ſe á roda, e da meſma ſorte os malões, ſejão eſtes maiores, ou menores.

*Do*




Silva delin.

Frois sculp.

*Do Fiel.*

A Fig. 11. chama-ſe vulgarmente *Bridão* ; mas os Freeiros lhe chamão *Fiel* por ſervir juntamente com o freio, e poder ſupprir na falta delle.

*Das Barbellas.*

A Fig. 12. chama-ſe *Barbella de éſſes*: ſendo eſtes redondos, e lizos, depois de encadeados, fórmão tres faces: eſtas barbellas ſendo groſſas não magoão muito a barbada.

A Fig. 13. chama-ſe *Barbella de anneis*: compõe-ſe dos referidos anneis fundidos de maneira, que ficão intruſos huns nos outros; ſendo delgada, he aſpera; e ſendo groſſa, não tem preſtimo.

A Fig. 14. chama-ſe *Barbella de ſarrilha* : compõe-ſe de éſſes quadrados com certas cortaduras de lima, que lhe fazem pela parte de dentro, como continuação de bicos: he forte, e magôa a barbada muito.

*Dos Copos.*

A Fig. 15. chama-ſe *Copo dos olhos do freio*: huns ſe fazem de latão dourado, outros de latão prateado : ſervem para ornar os olhos da embocadura do freio prezos com dous parafuſos na banqueta, e na caimba.

*Dos Antolhos.*

A Fig. 16. chama-ſe *Antolhos*: ſerve de cubrir os olhos dos Cavallos. Tem duas cavidades para não ſentar nos olhos, e magoallos: tem hum delles huma ponta de correa, e outro huma fivela para os apertar, ou alargar á proporção da maior, ou menor largura da teſta do Cavallo ; e finalmente as outras duas correas mais compridas ſervem para os atar por baixo das queixadas.

*Da Sella, e ſuas explicações.*

A Fig. 17. denominada *Sella* compõe-ſe de differentes partes unidas, que tem diverſos nomes, poſto que todos ſe encaminhão ao fim de preparar huma boa commodidade para o homem andar á ſua vontade ſobre o Cavallo.

Nós chamaremos no decurſo de toda a Obra *Cepilho da Sella* ao lugar da letra A, poſto que os ſelleiros lhe chamem *Bochecha*, pois elles ſó dão o nome de cepilho áquella pinha, ou maçaneta, que coſtumão ter as ſellas dos boleeiros, ou cocheiros das carruagens, por lhes ficar mais facil nas mudas para paſſar os eſtribos de huma para outra ſella, ſem a neceſſidade de os pôr á medida da perna em cada muda.

A prezilha, que eſtá no lugar da letra B, chama-ſe *Garupa da Sella.* Letra C *Eſpelho.* H *Vaſo dianteiro.* G de hum, e outro lado *Arções.* D *Roupas da Sella.* F *Entre-pernas.* L *Fundilho.* M *Contraburraina.* N *Argola das garupas.* O *Golilha.* V *Arſoeira.* S *Caixa da Sella.* Q *Chapa da almofadinha do rabicho.* E *Suadouros.* X *Alfaque.* As correas da letra Z *Pontas da Sella.*

De-

Debaixo das roupas da ſella no lugar da letra Z ha huma fivela forte de cada lado, que ſe chamão *Fivelas do peitoral.*

Debaixo da roupa da caixa da ſella Letra D ha huma prizão de cada lado, a que chamão *Porte eſtribo*, em que ſe coſtumão pendurar os eſtribos, para não baterem nos codilhos dos braços dos Cavallos.

Tem as ſellas algumas partes interiores de que não tratamos, porque todos os ſelleiros as ſabem; e para os Picadores ſe ſaberem explicar, quando mandarem fazer, ou concertar ſellas, baſta ſaberem os nomes de que fizemos menção.

Tambem não trataremos dos ſellins, e das ſellas de correr a poſta das meias ſellas á Ingleza, e Franceza, pois ſó as ſellas Alemans ſervem bem para o manejo da Picaria, para a caça, e para a guerra.

As cilhas coſtumão ter duas pontas de cada lado com ſuas fivelas fortes, que afivelão nas pontas da ſella letra Z para a ajuſtar, e apertar ao corpo do Cavallo.

A cilha meſtra deve ſer de canhamo bem tecida, e forte com huma fivela de ferro de huma parte, e da outra huma ponta de couro forte, que paſſando por entre as chapas do coxim, aperta, e ſegura bem a ſella.

*Dos Eſtribos.*

OS eſtribos Fig. 18. letra F já deixamos dito como devem ſer conſtruidos.

*Dos Loros.*

OS loros Fig. 19. letra P ſão humas correas, que ſuſtentão os eſtribos: tem cada huma na ponta interior huma fivela, e na exterior alguns furos: eſta correa, ou cada loro vai paſſar por huma fivela, que eſtá ſegura na chapa do coxim, ou por huma prezilha, que ha nas chapas delle, com huma corrediça tambem de ferro, para o loro correr bem quando ſobe, ou deſce.

*Do Chairel.*

A Fig. 20. letra R chama-ſe *Chairel*: ſerve para ornar parte da ſella, quadris, e ilhaes ao Cavallo, e para evitar que o Cavalleiro çuje a caſaca no ſuor do Cavallo, ou alguma couſa que ponha á garupa.

*Do Rabicho.*

O Rabicho, ainda que ſe não moſtra a ſua figura, todos ſabem qual he o ſeu feitio: e o ſeu preſtimo he não deixar correr a ſella muito para diante.

## *Do modo de enfrear os Cavallos.*

HA diverſas fórmas de freios, e embocaduras; mas não trataremos de todas, porque as de que fazemos menção na Eſt. V., e na Eſt. IX. baſtão para enfrear muitas, e diverſas bocas dos Cavallos, &c.

Os Potros devem ſer trabalhados nos ſeus principios com hum ſimples bridão,

dão, como ſe moſtra na Eſt. V. Fig. 4., porque o Potro não tem força para ſoffrer hum freio pezado, e forte; pois ainda que a boca ſeja das daquella qualidade que vem a ſer duras, todos os Potros tem os aſſentos ſenſiveis ao principio; e ſendo o freio forte, elles obrigados da dor andão triſtes, e com repugnancia, e fazem géſtos deſagradaveis, commettendo varias deſordens, como tambem alguns ficão com máos coſtumes para ſempre.

Eſtando o Potro manſo ao bridão, e cabeção, deve-ſe-lhe pôr hum freio macio, que a mão do Cavalleiro deve reger ſempre com força moderada, rendendo-lhe muitas vezes o freio, maiormente quando o Cavallo ſe apaixonar, ou ſe mover com muita celeridade.

A embocadura do freio deve ſempre não ſer larga, nem apertada, mas ſim á medida da boca do Cavallo.

## *Da qualidade de freios, que ſervem aos Cavallos, que tem a boca ſenſivel.*

PAra os Cavallos muito ſenſiveis da boca he bom o freio de affirmar Eſt. V. Fig. 8., ſendo leve, e de cubos groſſos, e ocos, prezos no meio com éſſes, e ſeu goſtadouro. A barbella deve ſer de éſſes liſa, como ſe vê na Eſt. IX. Fig. 12.

## *Dos freios, que ſervem aos Cavallos, que tem a boca groſſa.*

AOs que são rudes, e tem a boca groſſa, e que por iſſo deſcanção ſobre a mão, ſerve a embocadura de malões com montada, éſſes móveis, e goſtadouro, como ſe vê na Fig. 10. da Eſt. IX. os malões Letra M: devem ſer móveis os éſſes letra N, e da meſma ſorte tambem o goſtadouro, &c. A barbella póde ſer delgada, como ſe vê na Fig. 13., ou da ſerrilha, como ſe vê na Fig. 14. Eſt. IX.

## *Do freio, que ſerve para os Cavallos, que tem o peſcoço mal formado.*

OCavallo, que tiver o peſcoço groſſo, e curto, ou carnoſo, as agulhas da queixada inferior juntas huma da outra, ſendo ſenſivel dos aſſentos, e não puder ſituar bem a cabeça pelos referidos embaraços, ſerá boa para o trabalhar a caimba da Fig. 2. Eſt. IX., e o bocado, como ſe vê na Fig. 8., ou na Fig. 10., ſendo o comprimento da caimba, e a largura da embocadura proporcionado á mais, ou menos avantajada diſpoſição do Cavallo.

## *Do freio para os que tem a cabeça grande, e os aſſentos mais groſſos.*

PAra os Cavallos, que tiverem a cabeça grande, os aſſentos carnoſos, e por iſſo forem pouco ſenſiveis, ſerá boa a caimba de volta, como ſe vê na Fig. 3. Eſt. IX., e a embocadura N. 9. com huma barbella de éſſes quadrados, ou de ſerrilha: a eſcarcha póde ſer mais, ou menos forte, e aſſim a altura da montada conforme o Cavallo o preciſar, e tambem o comprimento da caimba deve guardar a meſma proporção.

## *Do freio que ſerve para os Cavallos, que ſe encapotão.*

OS Cavallos, que tiverem o peſcoço arqueado, iſto he, que pelo alto da crina tiverem muito mais comprimento, que pela parte do Ezofago, e por iſſo ſe encapotão, ou trazem a barba muito junto ao peito, e a embocadura fica ſem preſtimo, logo que as caimbas topão no Ezofago, ou peito, em tal caſo ſervirá a caimba, como ſe vê na Fig. 4. Eſt. IX.; porque quanto mais o tornel da caimba paſſar adiante da linha perpendicular tirada do olho para baixo, tanto mais obrigará o Cavallo a obedecer a embocadura; e ſe elle tiver a boca ſenſivel, baſtará para bem o governar outra embocadura, como ſe vê na Fig. 5. da Eſt. IX.

## *Do freio para os Cavallos, que levantão muito a cabeça.*

SE o Cavallo ſe deſpapar, levantando muito a cabeça, pelo contrario deve o tornel da caimba, á proporção do que elle alevanta para ſima, andar para trás da linha perpendicular; e em tal caſo póde ſervir a caimba da Fig. 3. com embocadura, e montada, como ſe vê na Fig. 6. letra O: eſta póde ſer maior, ou menor, como tambem a eſcarcha, que moſtrão a letra C. ſendo mais, ou menos vivos, ou lizos os dous canhões, pois a aſpereza da embocadura deve regular-ſe pela ſenſibilidade da boca do Cavallo, e aſſim o comprimento, e pezo das caimbas.

## *Do freio, que ſerve para o Cavallo, que entizoura os queixos.*

SE o Cavallo tiver boa ſenſibilidade na boca, e barbada, e por lhe cuſtar ſofrer o freio, e barbella entortar o queixo repetidas vezes para huma, e outra parte, em tal caſo póde a caimba ſer de affirmar, e a embocadura de cubos lizos, groſſos, ocos, e firmes no varão, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. IX., ou tambem ſer a embocadura inteiriça (tenha ella montada, ou ſeja de eſcarcha, ou de outra qualquer maneira) com a barbella de éſſes lizos, e groſſos, como ſe vê na Fig. 12.

## *Do freio, que ſerve para os Cavallos, que ſorvem os beiços.*

SE o Cavallo tem os beiços groſſos, e a carne delles ſobrepõem ſobre o aſſento do queixo, em tal caſo a caimba deve ſer proporcionada ao ſeu modo de pôr a cabeça, e a embocadura direita, como ſe vê na Fig. 9. Eſt. IX.: advertindo que póde ſer de peſcoço de ganço, ſe o Cavallo paſſar a lingua por ſima, ou apertar os queixos, quando ſentir ſobre os aſſentos a ſenſação da embocadura, &c. porém ſe elle ſoffrer bem a embocadura, póde não ter montada, e ſer unida com annel, pois todos eſtes recurſos ſervem, bem applicados por hum Cavalleiro prudente, para remediar em parte alguns defeitos deſta qualidade.

Se o Cavallo tiver a lingua muito groſſa, a montada da embocadura deve ſer á medida da lingua, de maneira que a embocadura aſſente bem ſobre os aſſentos, ou queixos, ſeja a referida embocadura, como ſe vê na Fig. 8. Eſt. IX., ſeja a montada, como ſe vê na Fig. 10., ou tambem ſeja mais aſpera, ou mais branda, &c.

## *Dos freios para os Cavallos, que tem a boca muito raſgada.*

OS Cavallos, que tem a boca muito raſgada, commummente a abrem muito, recolhem o freio para ſima, e fica a embocadura governando mal. Eſte defeito he cuſtoſo de remediar, e neſte caſo he bom ſer a banqueta comprida, a embocadura direita, ſeja de eſcarcha, ou liza, os éſſes da barbella lizos, groſſos, e curtos, os ganchos, que ſegurão a dita barbella compridos, os olhos do *guarda-faceira* letra G pequenos, de modo que a correa das *guarda-faceiras* não ſe andem movendo nelles: eſtas prevenções, e a boa mão do Cavalleiro muitas vezes remedeão bem eſtes defeitos.

## *Dos freios para os Cavallos, que tem a boca pouco raſgada.*

OS Cavallos, que tem a boca demaziadamente pequena, commummente preciſão de embocadura propria para a largura della, e de malões compridos, como ſe vê na Fig. 7. Eſt. IX.; e ſe a boca he ſenſivel, huma embocadura de cubos, ou de canhões lhes baſta: advertindo que ella aſſente ſobre os aſſentos com igualdade, e que as caimbas ſejão compridas á proporção da volta do peſcoço, &c.

Os freios, por macios que ſejão, ſempre moleſtão; e os Cavallos para ſe livrarem da ſua oppreſsão, huns ſe valem de metter os beiços por entre os queixos, e a embocadura, e outros a lingua: a muitos Cavallos a embocadura não faz o melhor effeito por aſpera, mas ſim por aſſentar bem nos queixos, ſendo a banqueta Eſt. V. letra P comprida, ou tambem curta, de ſorte que a embocadura fique junta ao lugar do colmilho, pois he eſta a parte que o Cavallo não póde occupar tanto com os beiços, e com a lingua.

Finalmente as caimbas de toda a ſorte de freios devem ſer no ſeu compri-

mento proporcionadas a remediar as difficuldades dos Cavallos, &c. e aſſim as embocaduras, de que damos eſtas breves noções : o prudente Cavalleiro as regulará com eſtas, ou mais circumſtancias, conforme o Cavallo o preciſar.

## *Dos ſentidos naturaes dos Cavallos.*

A Alma do Cavallo (ſegundo o ſyſtema de alguns Filoſofos) conſiſte nos eſpiritos animaes, que diffundidos pelos membros de todo o corpo, os anima, e os governa, ſendo eſtes eſpiritos animaes aquelle ſangue mais eſpirituoſo, e ſubtil, que diſcorrendo por toda a máquina, ſe communica ao cerebro : e a eſtes eſpiritos ſe fazem preſentes todos os movimentos externos, chamados commummente ſenſações. Os Cavallos (bem como os mais reptís) participão do dote dos ſinco ſentidos naturaes, o que paſſamos a explicar.

## *Do ſentido de Ver.*

O Sentido de *Ver* conſiſte em huma certa impreſsão, que ſe faz no orgão proprio deſte ſentido com a actividade, e força preciſa para nelle ſe excitar a ſenſação, e a impreſsão daquelle objecto, que ſe apreſenta á viſta.

Dos objectos emanão raios de luz, que entrando pelos olhos, iſto he, pelo meio das pupillas, e tocando os orgãos, ou eixos opticos, por elles ſe communicão do meio da retina pelo centro da pupilla até ao objecto, que eſtá preſente á viſta: e por eſta fórma ſe faz a pintura dos objectos nos centros das retinas.

Hum objecto ficando em hum lugar correſpondente a ambas as retinas, repreſenta-ſe ſómente hum ; e quando ſe pintão os objectos em lugares differentes, ha nas retinas diverſidade, tanto na multiplicidade, como nas circumſtancias, e qualidades dos objectos.

## *Do ſentido de Ouvir.*

A Senſação dos *Ouvidos* he tambem huma certa impreſsão do eſtampido, ou rumor, que faz vibrar o ar, em que conſiſte, e ſe fórma o ſom que ſe communica aos orgãos, e membrana eſpiral dentro dos ouvidos.

## *Do ſentido do Olfacto.*

O Sentido do *Cheiro*, ou *Olfacto* ſe excita pelo ar, que infartado de differentes effluvios, toca os nervos, e membranas, que ha nas partes interiores das ventas.

## *Do ſentido do Tacto.*

O Sentido do *Tacto* de todas as partes externas dos corpos dos Cavallos tem huma ſenſação ſimplesmente material, pela qual ſe fazem preſentes ao cerebro dos Cavallos os toques externos, que ſe imprimem nas máquinas dos ſeus corpos,

pos, e por eſta maneira ſe lhes fazem preſentes as ſenſações, que fórmão o toque da vara, das pernas, e das eſporas, ou de outro qualquer inſtrumento. Seja pois qual for a alma dos Cavallos, todas as impreſsões exteriores, que ſe fizerem por toda a cutis do ſeu corpo, e a ſua ſenſação, lhe hão de ſer neceſſariamente preſentes aos ſentidos.

De todos os muſculos ſe encaminhão nervos ao cerebro (como dizemos em outro lugar), por onde ſe movem os eſpiritos animaes; e pela impreſsão que ſobre elles ſentem, ſe verifica a maior, ou menor ſenſibilidade, e ſentimento que os Cavallos experimentão: o que ſe dá bem a conhecer em muitas acções, e géſtos, que os meſmos nos patenteão, ſegundo a fortaleza dos eſtimulos, de que são dotados, ſendo inconteſtavel que todos, ou a maior parte dos conhecimentos, que os Cavallos adquirem, lhes são communicados pelos ſentidos externos, e todas as determinações dos ſeus movimentos são originadas das impreſsões, que ſe fazem nos ſentidos exteriores. Logo pelos paniculos nervoſos, que ſe diffundem por toda a região da cutis, ſe communicão ao cerebro todos os eſpiritos animaes. O Cavallo vê a primeira vez o homem, que o affaga; e para o perceber, ha de fazer eſte affago impreſsão nos ſentidos exteriores, e por elles communicar-ſe ao cerebro, cuja impreſsão adquire pela continuação de ver quem o affaga, e o trata.

Ha no cerebro huma ſubſtancia (como diſſe no Livro II.), que ſe communica pela medulla eſpinhal a todos os nervos, e por elles a ella, e ao cerebro ſe conduzem, e communicão os veſtigios, e impreſsões, que fez a viſta do homem; e o affago, ou o caſtigo de ſorte ſe imprimem no cerebro, que tornando o Cavallo a ver aquelle, que o trata, e o affaga, ſe lhe excitão as impreſsões do caſtigo, ou do affago que ſe lhe tem feito; porque eſtas eſpecies fazendo novamente aquelle effeito, que experimentou a primeira vez que as ouvio, vio, e ſentio, ſe excitão de novo no cerebro, onde conſervão hum tal depoſito, pelo qual ſe póde dizer, que hum Cavallo tambem tem, e conſerva ſua memoria; pois que nós obſervamos nelle, á viſta de quem lhe cauſa, ou o affago com final de agrado, ou o odio com o caſtigo, humas vivas emoções já de alegria, ou já de ſuſto, e eſtremecimento.

As operações maravilhoſas de toda a máquina do ſeu corpo naſcem da ſua admiravel diſpoſição de orgãos, e por iſſo tanto mais he paſmoſa a delicadeza, e a ordem nelles diſtribuida pela ſábia mão do ſeu Author. E ainda que em tal genero de animaes ſe admitta (aſſim como em outros) memoria, e ſagacidade, provenientes do conhecimento de huma alma material, ou da impreſsão dos acontecimentos, que ſe communicão ao cerebro (que he quaſi o meſmo que a alma), com tudo as ſuas acções são limitadas, e com difficuldade elles produziráõ couſa, ou acção, que ſeja além do ſeu genero.

Que as ſenſações, que ſe fazem nas partes externas, ou nos ramos delicadiſſimos dos nervos exteriores dos corpos dos Cavallos, ſe diffundem por toda a máquina, e lhes communicão huma impreſsão, ou conhecimento da ſenſação de effeitos correſpondentes; nós o percebemos pelos ſignaes que obſervamos, como já fica moſtrado: devemos porém advertir, que entre os finco ſentidos, de que são dota-

dos os Cavallos, o da viſta, ouvida, e tacto são aquelles, pelos quaes os Cavalleiros lhes podem fazer perceber mais facilmente o modo, com que pertendem a determinação dos ſeus movimentos, e acções, e por elles juntamente applicar-lhes os caſtigos, e meios proprios para o conhecimento das manobras, que delles poſsão exigir.

Enſina-ſe o Cavallo pelo ſentido da viſta, porque as impreſsões da alma, por ſer ſimplesmente material, dependem de que o coſtumem a ſoffrer animoſo, e ſocegado os movimentos, e impreſsões, que ſe apreſentão aos ſeus olhos, quando lhe fazem ver, e conhecer aquellas couſas, que promovem o ſeu temor.

Se elle ſe aſſuſta, duvída do conhecimento daquelles objectos, que elle vê, ou ſe repreſentão á ſua viſta; porque o ver inclue duas couſas, movimento dos orgãos da viſta, e impreſsão do cerebro: as retinas dos olhos são formadas de humas fibras delicadiſſimas, que ſe diffundem do nervo optico, o qual tem no cerebro, como os outros, a ſua origem com a ſua propriedade. Por entre eſtas fibras eſtão os eſpiritos animaes; e quando ſe faz a impreſsão nas fibras, por ellas, e pelos referidos eſpiritos ſe communicão ao cerebro.

Não ha animal com tanto preſentimento daquelles objectos, que não coſtuma ver, como o Cavallo. Por iſſo pois deve o Cavalleiro com paciencia fazer conhecer ao ſeu Cavallo tudo o que lhe faz temor, ou eſte ſeja produzido delle ter pouco conhecimento, e coſtume de andar na rua, e campo; ou porque padeça algum defeito na viſta, que lhe repreſenta as couſas muito differentes do que são. Por iſto deve armar-ſe de paciencia para conduzir o Cavallo ao conhecimento dos objectos, que lhe ſuſcitão a dita deſconfiança, ou receio originado, já por falta de viſta, que não deixa de ſer enfermidade, ou já por cauſa do concebido temor, que em taes caſos he defeito natural, que ſe remedea alguma couſa com as diligencias ponderadas.

Enſina-ſe o Cavallo a ouvir, ou a conhecer; ouvindo, não ſó fazendo-lhe perceber os ſons com que ſe lhes falla, e os eſtalos, e écos, que ſe fórmão; porém coſtumando-o tambem ao eſtrepito das armas, ao eſtrondo da artilheria, e moſqueteria, tambores, timbales, trombetas, clarins, e mais inſtrumentos béllicos, ou acções, e movimentos marciaes, e guerreiros.

## *Moſtra-ſe em que conſiſte o ſentido de Ouvir.*

CONſiſte pois o ſentido de ouvir na percepção da alma, dependente da impreſsão, que ſe faz em toda a conſtrucção do ouvido. Conſta eſte de orelha, timpano, e labyrintho. As orelhas são duas membranas largas, e concavas pelos lados, as quaes tem a ſua exiſtencia local na parte ſuperior da cabeça Eſt. III. N. 19., donde ſe dirigem dous canaes, que vão até ao timpano. He eſte huma concavidade cuberta com huma pelle delicada, que pela parte mais interior ſe communica ao labyrintho, o qual conſta de hum veſtibulo de oſſo á maneira de caracol, todo em roda cheio de cartilagens de oſſo muito delicadas: a pelle do timpano eſtá firme ſobre quatro pontos, que ſe unem ao labyrintho. Por dentro deſte conducto vai

o

o nervo auditorio, eſpalhando-ſe em miudiſſimas fibras por todo o labyrintho até á boca da tuba, em que ſe firma a pelle do timpano.

As membranas exteriores, por que recebem grande quantidade de particulas do eſtampido, ou ſom, que faz vibrar o ar, e eſtas ſe juntão ao canal auditorio, fórmão hum ſom mais forte, e por iſſo capaz de ſer pelo Cavallo ſentido.

Alguns Cavalleiros fazem conſervar o pello, que naſce dentro das orelhas dos Cavallos, para as particulas do ar, e o ſom fazer menos impreſsão nas orelhas, e o Cavallo ouvir menos. Outros porém lho mandão cortar, a fim de que o Cavallo ouça melhor. E he ſem dúvida que ſe elle não tiveſſe as referidas membranas, ſentiria huma conſideravel diminuição no ſentido de ouvir, por iſſo os nervos do ſetimo par dão movimento ás orelhas do Cavallo; e nós vemos que elle, quando pertende ouvir, não ſó volta para a parte, em que ſe faz o eſtrondo, mas fícta as referidas membranas com as cavidades bem abertas para a parte, em que ſe fórma o ſom.

Logo que o eſtampido, ou o ſom ſe introduz pela membrana exterior, chega ao timpano, faz tremer a membrana, que eſtá preza a elle, e pelo movimento da membrana ſe communica o ſom, que vai ferindo o ar, e as fibras do timpano ao labyrintho. Neſte ha huma membrana chamada *Eſpiral*, á qual ſe unem ramos do nervo auditorio, por quem ſe communicão do timpano, do veſtibulo, e do labyrinto á membrana eſpiral, e ao cerebro, e aſſim rebenta o ar dentro nos ouvidos com huma velocidade indizivel para o ſom ſer perceptivel, não obſtante a diſtancia, e muitos embaraços, que póde haver para ſe deixar perceber no cerebro.

A eſta admiravel fábrica dos ouvidos são muitas vezes extranhas as diverſas ondulações, que fazem vibrar, e mover o ar que ſe communica aos ouvidos do Cavallo, e por iſſo ſe eſpanta, e atemoriza. Por eſte motivo deve o Cavalleiro ir pouco a pouco coſtumando-o a ſoffrer toda a qualidade de ſom, que lhe he extranho, e a ſer obediente á falla, ao ciflar da vara, e algumas vezes a hum brando ſom de voz, de que o homem uſa para affagallo, ou de hum tom aſpero, e forte, de que ſe vale para intimidallo, quando elle duvidoſo, ou furioſo ſe defende.

## *Moſtra-ſe o modo, por que ſe communica o Tacto ás partes nervoſas da cutis.*

POr todo o corpo do Cavallo ſe extendem duas membranas eſpermaticas, vulgarmente chamadas *Pelle*, huma exterior, outra interior: a exterior chama-ſe *Cutis*, e a interior *Cuticula*. Por entre huma, e outra eſtá intertecida huma rede poroſa, cheia de miudiſſimos buracos, que dão paſſagem aos cabellos, ou pellos, de que ſe reveſte toda a membrana externa, ou pelle que lhe cobre o corpo. Os cabellos, ou pello tem a ſua raiz na Cuticula, e os poros da rede Cutanea lhes dão paſſagem tambem, e á ſubſtancia de que elles são nutridos. As extremidades das fibras nerveas, de que em muita parte he compoſta a cutis, ſahem por eſtes poros até á extremidade externa da referida cutis: além diſto os poros, por onde tranſpira o ſuor da cuticula, vem pelos poros deſta rede cutanea á cutis externa.

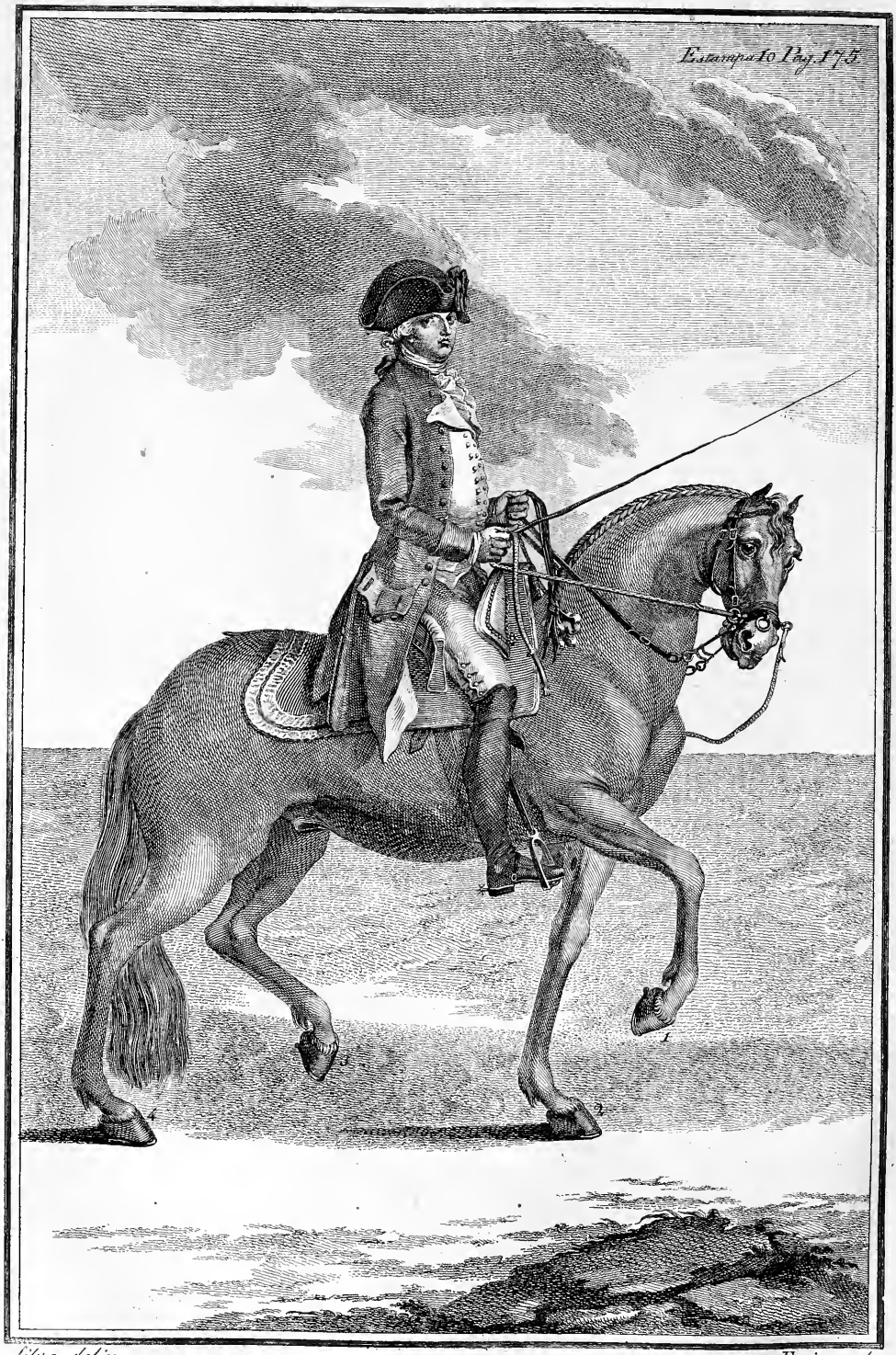
A rede porosa, que medeia entre a cutis, e a cuticula, he pelo temperamento do animal origem da diversidade de cores, que ha nos Cavallos, porque ellas se produzem daquelle humor, que mais domina nestes animaes, como se póde experimentar; porque abrindo a pelle de hum Cavallo, achar-se-ha que ella se compõe das duas membranas, e rede porosa que temos dito; e bem averiguada a rede porosa, ella he conforme á cor do Cavallo, sendo a cutis, e a cuticula brancas, ainda que esta segunda o he mais que a primeira.

O orgão do tacto, em que os Cavallos sentem a impressão dos corpos exteriores, he a extremidade das fibras nerveas, que traspassão a rede porosa, e penetrão até á superficie externa, porque todas as sensações se fazem nas extremidades nerveas, e pelos nervos se communica a sensação ao cerebro, tanto as que são asperas, como macias, como tambem o calor, e o frio, &c.

Nos lugares, em que a pelle do Cavallo he menos grossa, são as fibras mais juntas, e escarnadas, e por consequencia tem nestas partes o tacto mais delicado, e vivo: pelo contrario nos lugares, em que a pelle he mais grossa, já por ser o pello mais forte, e grosso, já por estar a pelle calejada do trabalho, tem o Cavallo menos sensibilidade: e bem se vê que em tocando na cutis destes animaes hum corpo brando, delicado, e lizo, elles não mostrão tanta sensibilidade, como quando a sua cutis he molestada por hum corpo duro, como a espora, ou outro semelhante, que o fere com huma sensação ingrata.

O sentido do Tacto he sem dúvida o mais preciso para render os Cavallos obedientes, e por meio delle he que se lhes communica melhor a promptidão, a facilidade, o desembaraço, e o prestimo em todos os seus movimentos, assim naturaes, como artificiaes: por meio delle se ensina a obedecer aos mais leves movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro: por elle se dá sensibilidade na boca, e ventre ao Cavallo, ainda quando elle he dotado de hum mediano tacto; e se o Cavalleiro fizer bom uso das ajudas, e castigos, o Cavallo se fará no seu tacto mais sensivel. Finalmente por este sentido do tacto se fazem as mais delicadas sensações aos Cavallos, a quem a natureza formou mais fortes, promptos, e flexiveis: para estes são bons os soccorros delicados da mão do Cavalleiro, da falla, do ciflar da vara, do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezar sobre os estribos, e de tocar com os calcanhares, e puas das esporas subtilmente o ventre do Cavallo, sem penetrar-lhe a cutis.

Os Cavalleiros infallivelmente se devem servir das ajudas, e castigos, de que temos tratado, para prevenir, e evitar com as ajudas as faltas, em que os Cavallos incorrem por ignorantes; e dos castigos, para reduzir os que são teimosos, e querem ostentar o seu capricho. Isto supposto, passo a mostrar como se fórma a lição do passo.




Silva delin. Frois sculp.

*Lição do Paſſo natural, e origem deſte movimento.*

HE o Paſſo hum andar natural : nelle os movimentos são menos elevados , e mais ſuaves que o trote, e galope , &c. Logo que o Cavallo vai ao paſſo, he obrigado a levantar ſucceſſiva , e inſtantaneamente a ſua mão , e pé oppoſtos: quando, por exemplo , a mão direita eſtá no ar , o pé eſquerdo ſe levanta immediatamente, ſeguindo o movimento da mão direita, e da meſma fórma ſegue o pé direito o movimento da mão eſquerda. Ha no paſſo quatro movimentos: o primeiro he levantar a mão direita , o ſegundo o pé eſquerdo , o terceiro a mão eſquerda, e o quarto o pé direito.

Cada mão do Cavallo tem quatro movimentos , ou vibrações principaes dos ſeus muſculos, e nervos: em cada paſſo que dá, o primeiro movimento he comprimir, e levantar para ſima o omoplato: o ſegundo he avançar para diante: o terceiro deſdobrar a compreſsão, com que os muſculos, e nervos fizerão curvar, e dobrar todas as juntas do codilho , joelho, travadouro, e quartela ; e o quarto he o de ſe firmar ſobre a mão que ſe move, para a outra mão formar outro ſemelhante movimento ; e ainda que o Cavallo ſe mova com mais , ou menos velocidade para diante, para trás, para huma, ou para outra parte, com mais, ou menos brevidade, ſempre as mãos paſsão por todas eſtas funções.

Os pés do Cavallo principião a fazer a ſua poſição , tocando a terra com a ponta do caſco, ou do lume da ferradura; porém a junta da quartela do jarrete, e travadouro ſómente ſe deſdobrão , quando o caſco toca o chão , paſſando o reſto dos nervos , e muſculos das articulações das juntas das pernas pelas meſmas funções, pelas quaes paſsão as mãos, á excepção de fazerem os nervos principaes do jarrete para a junta do travadouro a ſua ultima extensão , quando ſe deſdobrão as juntas antes de ſe pôr o pé no chão ; porque a mão deſdobra-ſe toda do codilho até á ultima junta da coroa do caſco, antes de tocar a terra, e a junta do travadouro ſómente ſe deſdobra de todo , em o pé acabando de ſe aſſentar por direito no chão ; e quanto maior he o eſpirito, e velocidade , com que o Cavallo ſe move, tanto mais iſto he ſenſivel á noſſa viſta.

## ESTAMPA X.

*Do Cavalleiro, fazendo marchar o Cavallo a paſſo para a direita.*

OS Cavallos novos devem ſer tratados com mimo, e cuidado; porque ſe póde eſperar que (ſe elles neſta idade não são defeituoſos) venhão a ter bom preſtimo. Alguns não conſervão, ou conhecem a lição que lhes dão, ſenão depois de terem ſete annos , e antes diſſo continuamente olhão para diverſas partes , já como abſtractos, já com movimentos irregulares.

Os Cavallos novos reſiſtem mais por ignorantes, deſconfiados, e bravos, que por malignidade, ou máo coſtume; e elles tem , para as diſpoſições da lição , os ner-

nervos, e ligamentos menos endurecidos, e tezos que os Cavallos velhos. Os que paſsão de oito annos, eſtando sãos, tendo boa boca, baſtantes forças, e agilidade, não tendo algum dos máos coſtumes, difficeis de tirar, aprendem com facilidade, porque já eſtão acoſtumados á ſella, já tem o ſeu andar formado, e conhecem o caſtigo.

Não ha tempo fixo para enſinar hum Cavallo, porque iſſo depende da ſua percepção, e das ſuas diſpoſições. Aos Potros (não moſtrando elles má tenção) não he neceſſario interromper as lições, que lhes são proprias, com trabalhos eſtranhos, e oppoſtos aos que ordinariamente a Arte enſina.

O melhor methodo, para que o Cavallo, depois de ter ſete annos, faça bons progreſſos em pouco tempo, he trabalhallo de manhã, e de tarde meia hora; mas he preciſo obſervar ſe elle abraça a lição com boa vontade; porque ſe tiver muita ardencia, e máo genio, produzirá nelle máo effeito o exercicio frequente, ainda que tenhão cuidado em o poupar.

A lição de manhã (depois de deitar o Potro á Guia) deve ſer a paſſo, fazendo-lhe conhecer os movimentos da mão pelas redeas, e embocadura do freio, fazendo-o trazer a cabeça firme, e depois devem parallo, e tirallo atrás, á proporção da repugnancia que elle tiver a eſta lição. Apôs iſſo devem dobrar-lhe inſenſivelmente o peſcoço, e corpo com as redeas de dentro, e com a perna de dentro, para o coſtumar, ou diſpôr a fugir aos calcanhares, e cruzar. Eſtas operações não fatigão nada o Cavallo, e a repetição de tarde contribue muito para lhe fazer conſervar lembrança do que ſe lhe enſinar. No fim de ſeis mezes pouco mais, ou menos, deve o Cavallo, ſendo aſſim trabalhado, moſtrar algum conhecimento da lição; e ſe eſtas diligencias não fazem nelle bom effeito, dá poucas eſperanças de ter preſtimo.

Devem os Cavalleiros pois dividir os Cavallos para a lição em quatro claſſes. Os da primeira claſſe são os Potros, e Cavallos ignorantes; e as lições, que ſe lhes devem dar, são amanſallos, determinallos, e deſembaraçallos, tornando-os de ferozes, e indomitos trataveis, e manſos. Os da ſegunda claſſe são os Cavallos já domeſticados, que ſe enſinão (como diremos) para a caça, e para a guerra. Os da terceira claſſe são os que ſe applicão ao manejo da Eſcola, e ſervem para as occaſiões de feſtas, e cavalhadas, &c. Os Cavallos da quarta claſſe são aquelles, que ſe deſtinão para os ares altos, ou relevados.

Cada claſſe de Cavallos deve ſer conduzida por diverſos gráos, como ſe ha de ver pelo decurſo da lição, ſegundo o uſo, para que os diſtinarem: advertindo que não he neceſſario paſſar por todas as lições, para ſervir bem em cada huma das claſſes, a que o deſtinão, ſegundo a ſua poſſibilidade; porém ſuccedendo aſſim com os Cavallos dos ares altos, elles ſerão univerſaes na ſua deſtreza, e diſpoſição.

Os Picadores devem manſamente fazer com que os Potros não ſe eſpantem de ver o homem, nem de outros objectos. Devem fazellos andar para diante, ſoffrer o cabeção, o freio, o bridão, ſella, &c. Devem fazellos manſos ao montar, chegallos ao degráo, ou montadouro; e em o Potro, ou Cavallo eſtando aſſim diſpoſto ao paſſo, elle ſerá facil a reduzir promptamente á lição do trote.

*Moſ-*

## *Moſtra-ſe que couſa he paſſo travado.*

JA' fica dito o modo com que ſe move o Cavallo, quando marcha de paſſo pello direito, ſendo a determinação dos ſeus movimentos naturalmente contraposta, e atraveſſada; porém o paſſo travado não tem differença ſem artificio do paſſo natural, ainda que tem alguma ſemelhança com o movimento da andadura. O Cavallo, que anda de paſſo travado, naturalmente anda mais do que aquelles, que andão ſimplesmente a paſſo; e com tudo o paſſo travado não tem dous tempos como a andadura, antes o ſeu tempo he quadernario, como o paſſo natural, com a differença porém de ſer mais diligente; porque o Cavallo, que anda de paſſo travado, entra com as ſuas pernas muito para baixo do corpo, ou porque elle he alguma couſa curvo, ou porque ſe move com muita agilidade, e deſembaraço.

Eſte modo de andar ainda que ao primeiro golpe de viſta parece ter ſua ſemelhança com a andadura, com tudo, como os ſeus tempos são contrapoſtos, e quadernarios, ſempre o Cavallo eſtá bem ſituado no chão, porque dirige os ſeus movimentos com a ſua mão, e pé oppoſtos, como quando anda ao trote.

Quando (por exemplo) os Cavallos neſte andar levantão a mão direita, ſegue-a o pé eſquerdo; e quando levantão a mão eſquerda, ſegue-a o pé direito; porém quando o Cavallo anda de andadura, levanta a mão direita, e ſegue-a o pé direito; e pondo-ſe ambos na terra, levanta-ſe a mão eſquerda, e ſegue-a o pé eſquerdo, movendo-ſe metade do corpo do Cavallo em cada paſſo que elle dá. No paſſo natural, e no paſſo travado fica elle em todos os ſeus movimentos ſuſtentando o pezo do corpo na ſua mão, e pé oppoſtos, e mais prompto por eſte motivo a regular bem os ſeus movimentos, e ſoccorrer-ſe em todos os accidentes, que lhe acontecem com mais ſegurança. O Cavallo de andadura, como havemos de provar, eſtá mais ſujeito a cahir, porque ſuſtenta o pezo do ſeu corpo ſobre huma meia parte delle, e muda de lado em cada paſſo que dá.

Pelo paſſo natural ſe diſpõe o Cavallo para determinar bem os movimentos ao trote, e por eſte ſe diſpõe tambem para galopar, e para todas as acções, em que elle ſe póde mover. Pignateli, e Verné diz punhão os ſeus Cavallos ao paſſo pelo direito no circulo de duas piſtas, e na lição da cara contra a muralha: bem perſuadidos de que he bom formar o Cavallo, andando a paſſo nas acções que elle póde executar, porque anda livre de paixão, anda em hum movimento, em que não ſe violenta, e por iſſo ſe deixa mais facilmente dominar.

O Marquez Duque de Newcaſtle, além das lições deſcubertas por Pignateli, Le Brove, e Pluvinel, formava os ſeus Cavallos ao paſſo na lição das eſpaduas ao centro, ou eſpaduas contra o Pilão, ou volta ao revés, e nos circulos do ſeu comprimento com a garupa ao centro, não ſó para lhes dar conhecimento das acções, em que os formava, quando elles eſtavão livres de paixão, mas para aſſim lhes introduzir o coſtume de obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro mais facilmente.

Ainda que o Cavallo em todas eſtas lições ſe mova a paſſo, com tudo, elle

fórma differentes acções, e em cada huma dellas por conſequencia devem ſer diverſas as ſenſações, com que ſe obriga a fazer eſta differença de figuras. Logo neceſſariamente ha de pôr em prática com mais facilidade humas acções do que outras, e por eſte motivo tratarei de cada huma dellas nos ſeus reſpectivos lugares para não as confundir, e para que o Cavallo as aprenda ſucceſſivamente, e correſponda a ellas com facilidade.

## *Lição da andadura, ou furtapaſſo.*

O Movimento da *andadura* he baixo, e perto da terra; porém he mais avançado do que o paſſo natural, e ainda do que o paſſo travado. Eſta andadura não tem mais que dous tempos, hum para cada lado: de ſorte que a mão, e pé da meſma parte ſe levantão, e avanção para diante igualmente juntos; e pondo-ſe ambos juntamente na terra, são ſeguidos da mão, e pé da outra parte, que fazem o meſmo ſemelhante movimento.

La Guerinieri Pag. 77. diz, que a andadura he hum movimento ordinario nos Cavallos fracos, arruinados, e mal formados. O Cavallo quando anda de andadura, ordinariamente determina os ſeus movimentos mais perto da terra, do que andando a paſſo; mas avança mais terreno, andando de andadura. O meſmo La Guerinieri affirma, que para o Cavallo andar bem de andadura, deve andar com as ancas baixas, e dobradas, pondo os pés hum grande eſpaço mais adiante das piſtas das mãos; porque iſto he que faz com que elle, andando de andadura, poſſa avançar muito terreno. Pelo contrario, aquelles, que andão com as ancas altas, e tezas não avanção tanto terreno, como os que recolhem as pernas bem para baixo do ventre, e além diſſo fatigão mais o Cavalleiro.

Os Cavallos de andadura não são bons ſenão para andar por terrenos planos: elles em terras alagadiças, aſperas, e montuoſas não podem ſuſtentar muito tempo eſte movimento. Por eſta razão em Inglaterra, e outros paizes, em que o terreno he mais plano, durão mais os Cavallos, que andão de andadura, do que elles coſtumão durar nos terrenos alagadiços, aſperos, e montoſos.

Ha muitos Cavallos excellentes, que depois de haverem ſervido muito bem, tomão eſte movimento, porque as ſuas juntas eſtão damnificadas pelo trabalho, e pelas moleſtias, e de tal ſorte uſadas, que não podem ſuſtentar aquelles movimentos, que antes lhes erão proprios, e naturaes.

Todas as vezes que o Cavallo de andadura não paſſa com os ſeus pés as piſtas das mãos, não ſe póde dizer que elle anda bem, ſuppoſto que ande com boa commodidade para o Cavalleiro; porque póde andar com bom commodo, e não andar bem. Se elle tiver huns movimentos baixos, fracos, e por conſequencia ſuaves, dará bom commodo na ſua andadura, ainda que não avance tanto, como diz La Guerinieri: baſta que elle ponha o ſeu pé junto á piſta da mão, com tanto que o movimento ſeja igual; e ſendo iſto o que baſta para andar com boa commodidade, com tudo, não he o que baſta para andar bem; pois he neceſſario (como deixamos notado) que elle paſſe com as piſtas dos pés as piſtas das mãos, pelo menos

Silva delin. Frois sculp.

nos o eſpaço de hum pé geometrico; e quanto mais elle paſſar com a piſta do ſeu pé além da piſta da mão, tanto melhor andará.

O movimento da andadura não ſerve para os Cavallos deſtinados para a eſcola, e para o manejo, porque todos os ares altos são extrahidos dos andares naturaes, e da proporção do animal; os ares perto da terra, como são o paſſo natural, o paſſo travado, e o trote, não tem ſemelhança com a andadura, pois ſó neſte movimento o Cavallo muda de lado em cada paſſo que dá, como ſe vê na ſeguinte

## ESTAMPA XI.

### *Do Cavalleiro, fazendo marchar hum Cavallo de andadura.*

EM todos os ares, e lições do manejo trabalhão fortemente os Cavalleiros; porque os Cavallos que enſinão tenhão apoio, governo, e obediencia ao freio, e cabeção, ſendo firmes, flexiveis, e promptos a todos os movimentos da mão, e pernas do Cavalleiro, ſó para os enſinar a andar de andadura os obrigão a ſer incertos na mão, levantando-lhes muito a cabeça para ſima; e ſe elles não a levantão, então lhes põe hum cabeção no lugar da barbella; e por effeito de huma continuada ferra os obrigão a levantar a cabeça com extremo, e a olhar para ſima, ſem reparar no terreno por onde andão. Tambem coſtumão travar o Cavallo com huma ſolta do pé á mão da meſma parte, para lhe introduzir eſte bom movimento, e com eſpecialidade o fazem os curioſos creadores dos campos de Coimbra, e os Heſpanhoes, os quaes goſtão muito de fazer andar os Cavallos de andadura, cortando-lhes aſſim logo na ſua primeira idade toda a nobreza dos ſeus movimentos naturaes.

Sem o movimento do trote não ſe podem deſembaraçar perfeitamente as eſpaduas, e mais partes do corpo do Cavallo, fazendo determinar os ſeus movimentos com igualdade em todos os andares naturaes, e artificiaes: perfeição eſta, que ſe não póde alcançar por meio do movimento da andadura, ainda que elle ande muito, e bem.

A andadura he hum movimento, que tão ſómente ſerve para andar de jornada por hum terreno plano, e por huma boa eſtrada: os Cavallos, que ſem os enſinarem andão de andadura, ou furtapaſſo, tomão ordinariamente eſte andar por fraqueza, e por ſerem mal formados: tambem os Potros tomão no campo eſte movimento, em quanto as ſuas forças não os ajudão para bem trotar, e galopar.

Eu não duvido que alguns Cavalleiros digão que a andadura ſe acha tambem em muitos Cavallos fortes, e ſãos; porém para os contradizer, baſtará arguillos com a ſua propria experiencia, e que notem que aquelles Cavallos, que depois de haverem ſido fortes, e terem ſervido bem, principião a tomar eſte movimento: então creio que a ſua opinião ſe deſvanecerá, e elles ſerão obrigados a conhecer, e confeſſar, que hum tal andar, além de não ſer natural, he produzido da fraqueza das juntas, que por muito fracas não podem ſuſtentar em todas as ſuas articulações os ſeus movimentos naturaes, que lhes erão proprios antes de enfraquecidas.

Quando ſe quizerem obſervar Cavallos, ſeja para os comprar, ſeja para ver o eſtado em que ſe achão, nunca em taes caſos ſe deve conſentir que elles andem de andadura, mas ſim de paſſo, ou trote; porque em quanto hum Cavallo anda de andadura, não deixa perceber toda a deſigualdade, e defeitos dos ſeus movimentos.

## *Moſtra-ſe que couſa he o movimento chamado Traquinar.*

O *Entrepaſſo*, ou *Traquinado* parece ter alguma couſa de andadura. Os Cavallos, que não tem forças nos rins, que eſtão ſobre as eſpaduas, e tem nellas más articulações, ou tem as ſuas pernas arruinadas de moleſtias, que lhes embaração as juntas dos quadrís, das curvas, e dos curvilhões, tomão eſte máo andar, o qual fazem movendo, ou indo com as mãos de andadura, e com as pernas humas vezes de galope, outras de trote. Na miaor parte dos Cavallos de poſta eſtropeados ſe vê eſte movimento; e tambem alguns Potros, ſe os obrigão a galopar, e elles não podem, tomão eſte máo movimento, ou andar.

## *Continua-ſe a moſtrar mais alguns effeitos da andadura.*

SE galoparem hum Cavallo, e elle ſe deſunir, e perturbar (ſenão andar de andadura, ou entre paſſo) todas as vezes que o ajudarem com a mão de dentro, iſto he, com as redeas de dentro, e a perna de fóra, a que leve as eſpaduas para a circumferencia, e entre para o centro com a garupa, elle ſe unirá, e galopará certo; e ſe deſobedecer ás ſenſações das ajudas, e caſtigos, ſendo applicados (como diſſemos) em o remettendo ao trote, elle ſe diſporá para ſe firmar no galope: ſe porém andar de andadura, ſerá preciſo parallo repentinamente, e depois ajudallo a que vá ao galope; e ainda aſſim elles ſe embrulhão, e vão confundidos na ſua andadura, ſem poderem trotar, nem galopar com promptidão, e igualdade. Os Cavallos, que andão de andadura, não querem determinar os ſeus movimentos ſobre linhas rectas ao trote: neſte caſo para os fazer trotar, he preciſo voltallos em hum pequeno circulo; e tanto que os fizerem ir mais largo, ou pelo recto, elles perderáõ o trote, maiormente ſendo fracos na andadura.

Os Cavallos de andadura ſão defeituoſos; porque ſendo ardentes, e vivos, podem embrulhar-ſe, ou confundir-ſe no ſeu movimento, e cahir, porque os ligamentos do corpo não ſe determinão nos ſeus movimentos por aquella ordem, com que o Creador os formou; e ſendo preguiçoſos, não dão bom commodo, e ſão huns máos rocins: eſta he a razão, por que os Cavallos de andadura ſómente ſervem para andar na eſtrada, ſendo plana (ſe elles andão como devem) pelo bom commodo que dão ao Cavalleiro.

## *Lição do trote.*

O Trote he hum movimento que o Cavallo faz, levantando a hum meſmo tempo a mão direita, e pé eſquerdo, e depois a mão eſquerda, e pé direito. Entre o paſſo, e o trote ſe conſiderão duas differenças. A primeira he ſer o movimento do trote mais veloz, e mais violento para o Cavallo, e para o Cavalleiro, por conſequencia he mais aſpero do que o paſſo, por ſer eſte menos levantado, e aquelle mais diligente, e menos perto da terra. A ſegunda he; porque ainda que as mãos, e pés do Cavallo, quando vai a paſſo, ſejão oppoſtos, e atraveſſados, como são quando vai ao trote, a poſição de mãos, e pés ſe faz em quatro tempos ao paſſo, e ao trote ſó em dous, porque o Cavallo levanta quaſi ao meſmo tempo a mão, e pé, oppoſtos, pondo-os tambem da meſma ſorte na terra, como ſe vê na Eſt. XII.

Depois do Eſpotreador haver determinado o Potro ao trote pelo direito, e ſobre os circulos de duas piſtas, fazendo-o marcar o terreno, como ſe vê na Eſt. VI. Fig. 1. N. 4. para huma, e outra mão com o bridão, e cabeção, deve fazer-lhe pôr hum freio, proprio para a boca delle, e hum Cavalleiro dahi por diante o deve principiar a diſpôr, já ſobre as linhas do parallelogramo Eſt. XV. por todo o comprimento do terreno, já ſobre as linhas do meſmo quadrado longo N. 2., ou tambem ſobre o quadrado regular Eſt. IV. Fig. 16., &c.

A primeira lição, em que os Potros ſe devem formar, he a do trote pelas linhas de todo o comprimento do manejo, marcando por conſequencia com as piſtas das mãos, e pés duas linhas parallelas, conduzindo-lhe direitas as ſuas eſpaduas, peſcoço, cabeça, eſpinhaço, e ancas. O methodo de montar de degráo, de poio, ou de outra qualquer elevação, he bom para os Cavallos novos, por ſer mais commodo para o Cavalleiro paſſar com a perna direita por ſima dos arções, e ſe metter na ſella.

As primeiras vezes que ſe montar o Potro, deve ſó ter de prevenção a guia poſta na argola do tornel do meio do cabeção. O moço deve ſaber ſegurar a ſella ſem fazer força para baixo, ou puchar pelo arção, mas ſómente quanto baſte para a não deixar entortar. O Cavalleiro deve no fim da lição muitas vezes repetir as tentativas de ſe apear, e montar, affagando muito o Potro, para que elle não tema, ou eſtranhe eſtes movimentos.

No meio do ſeu paſſeio (que ſem dúvida as primeiras vezes ſerá mais forçado que voluntario) com a mão, e com a voz o farão parar, rendendo-lhe logo a mão, para lhe dar folgo, e repouſar com liberdade: em quanto dura eſte intervallo, ou deſcanço, póde o Cavalleiro mover o corpo, affagar o Cavallo, e repetir-lhe a lição do trote, e no fim de algumas voltas, parallo, e amimallo. Depois ſe deve chegar para o montadouro, e apear-ſe da meſma ſorte que ſe montou, pois iſto contribue muito a fazer-lhe aquelle lugar familiar da meſma ſorte que a lição.

Se o Cavallo fizer ſaltos extravagantes, he impoſſivel indicar tudo o que ſe deve fazer em ſemelhantes lances, em que a experiencia do Cavalleiro deve recorrer

rer ao que for mais prompto, e conveniente. O conductor da guia deve seguralla bem, quando for preciso, rendella com facilidade, e andar de maneira que o Potro tenha liberdade de ir para diante, e senão embrulhe com ella.

Em quanto os Potros mostrarem ferocidade, devem ser trabalhados debaixo da guia, para que saltando, não se defendão, e augmentem mais as difficuldades. Mostrando elles já sujeição, podem tirar-lhes a guia, e pelo largo fazellos trotar, e passar alternativamente de mão, cortando o terreno para a direita, e para a esquerda; porém mais ordinariamente ao trote que ao galope.

Em quanto durão semelhantes lições (ande hum, ou mais Potros), devem estar pelo meio do terreno do Picadeiro alguns Picadores com açoutes, ou chambriés para ajudarem os Potros a determinar com mais facilidade os seus movimentos: advertindo que se elles se defenderem, ficando para trás, devem logo pôrlhes a guia, e dar-lhes a primeira lição dos circulos de Pignateli.

Depois o irão vencendo para huma, e outra mão, fazendo-lhe sentir ambas as pernas, porque ellas são as que fazem andar o Cavallo para diante: quando porém o obrigão com as pernas, devem ter o corpo atrás, e render-lhe a mão. Se com tudo não obedecer a estas ajudas, he necessario fazer-lhe sentir as barrigas das pernas com mais actividade, para que elle tenha respeito ás suas sensações; que de outro modo he impossivel que o animal siga bem os movimentos, e com igualdade, conforme á vontade do Cavalleiro.

O trote he o fundamento em que se estabelecem os principios da boa lição, e o caminho, pelo qual o Potro, ou Cavallo se entra a desembaraçar, e a suavisar a aspereza, e desigualdade dos seus movimentos.

Por meio da lição do trote adquire o Potro flexibilidade nas espaduas, nos rins, garupa, curvilhões, joelhos, travadouros, e finalmente em todas as articulações das juntas do corpo, desembaraçando-se por elle bem em todos os movimentos, tanto naturaes, como artificiaes.

São estes principios geralmente recebidos por todos os Professores desta Arte; e quando o Cavalleiro trota o seu Cavallo sobre as linhas rectas da muralha, e linhas do quadrado, ou sobre os circulos de Pignateli, o animal adquire sinco movimentos nos braços, e pernas; a saber: hum para diante, quando o trotão sobre as linhas rectas da muralha, e linhas do quadrado; outro para trás, quando o fazem recuar; outro para sima, quando o fazem levantar, seja por effeito das paradas, e das meias paradas, ou curvetas; outro alguma cousa obliquo, quando o trotão sobre os circulos de Pignateli para a direita, e o ultimo tambem obliquo, quando sobre os circulos o trotão para a esquerda.

Newcastle affirma que a lição dos circulos de Pignateli he efficaz para desembaraçar os pés, e mãos dos Potros, e Cavallos, porque com os seus movimentos faz necessariamente duas pistas, ou circulos, e vai nas linhas naturaes adquirindo nos seus braços, e pernas os movimentos obliquos.

He igualmente necessario que o Potro obedeça ás mãos, e pernas do Cavalleiro, pois sem esta sujeição nem elle obedecerá bem, nem será igual, e desembaraçado. Por todos estes motivos he que se faz indispensavel a necessidade das paf-

paſſagens de mão, logo que trabalhão o Cavallo na lição de duas piſtas, como paſſamos a moſtrar.

## *Modo facil de fazer paſſar os Potros de mão ao paſſo, e trote.*

PAra o Cavalleiro formar as paſſagens de mão, trabalhando o ſeu Cavallo ſobre os circulos de Pignateli Eſt. VI., quando ſe vai approximando ao lugar da paſſagem, deve pelas linhas da letra A fazello determinar os ſeus movimentos com mais moderação, e igualdade, indireitando-o bem entre ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas: então no canto Fig. 2., em que dá principio á paſſagem, deve o Cavalleiro affroxar a perna de fóra, para que o Cavallo mais livremente poſſa ſeguir as eſpaduas com a garupa no lugar da paſſagem, obrigando-o com a redea de fóra a que una a eſpadua de fóra á eſpadua de dentro, e traga a piſta da linha da mão de fóra no vertice do angulo letra B para a linha da mão de dentro, ſeguindo com ambas as ancas os movimentos de ambas as eſpaduas; e tambem de B para C lhe podem obrigar a entrar a garupa para a letra H da meſma Fig. 1.

A maior parte dos Cavallos em lugar de determinarem bem a paſſagem no vertice do angulo, e com exactidão, elles avanção, ou adiantão a garupa mais que as eſpaduas, e ſe arremeſsão com impaciencia da linha da muralha, e vertice do angulo letra B, entrando com a garupa muito velozmente para as linhas da letra C, e por iſſo não fórmão com as eſpaduas bem o meio circulo para completar a paſſagem. O meio de os emendar he obrigallos com ambas as pernas a que ſigão com a garupa as eſpaduas, fazendo-lhes marcar huma meia volta, ou ſemicirculo de duas piſtas, como ſe vê na meſma Eſt. VI. Fig. 3. para os arredondar dos movimentros das eſpaduas, e garupa, marcando o terreno pelas linhas da letra E para a letra F, indo acabar de completar a paſſagem das linhas da letra D para a Fig. 1., ou o fação ſeguir as linhas do prolongo da muralha, ou fique trabalhando ſobre as linhas dos circulos do centro.

Deſta ſorte ſe caſtigão os Cavallos com moderação, e ſe diſpõem para depois formarem as paſſagens com mais facilidade, e exactidão.

Se o Cavalleiro faz paſſar o Cavallo de mão da direita para a eſquerda, em chegando ao vertice do angulo aſſignado com pontinhos da letra F para a letra D, em que o ha de fazer mudar de acção para ſeguir as linhas do prolongo, ou dos circulos, deve inclinar a mão eſquerda para fóra de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, a mão direita avançar-ſe para diante, a perna eſquerda affroxar-ſe, e a direita unir-ſe ao ventre do Cavallo, mudando todo o corpo do Cavalleiro a ſua acção da direita para a eſquerda, para o Cavalleiro tambem ſe deſdobrar de fóra para o centro, iſto he, da direita para a eſquerda. Pelos meſmos modos ſe devem diſpôr, e formar as paſſagens de mão da eſquerda para a direita.

He certo não poder o Cavallo na paſſagem levantar juntamente a mão, e pé

da

da meſma parte ; pois logo que ſe deſdobra da direita para a eſquerda , o braço eſquerdo ſe alarga para dentro no primeiro tempo , e cruza por diante do braço direito. Eſte movimento he conſequentemente ſuſtido da anca , e perna de fóra; porque o pé eſquerdo , quando a eſpadua direita ſe une á eſpadua eſquerda , eſtá no ar, e no ponto da paſſagem entra para o centro, e cruza por ſima da perna direita para todo o corpo do Cavallo adquirir a determinação circular para a eſquerda. Sendo iſto aſſim, querendo-ſe fazer levantar a mão, e pé ao Cavallo de huma meſma parte, quando paſſa de mão, ou vá de paſſo, ou de trote, ſe imprehende huma couſa impoſſivel.

Para o Cavallo ſe formar bem ſobre o circulo de duas piſtas , não ſómente deve marcar com as piſtas das ſuas mãos os circulos (como ſe vê na Eſt. VI. Fig. 1. N. 4.) , mas deve ſeguir com as ancas igualmente as eſpaduas, indo ſempre bem unido deſtas partes, como tambem do peſcoço, e cabeça.

Ainda que eu digo que elle deve eſtar bem unido das ſuas eſpaduas , e ancas, nem por iſſo pertendo que quando ſahir do circulo por humas linhas tangentes para formar hum angulo com a paſſagem, tendo a garupa alguma couſa ſegura para dentro, as piſtas das mãos devem alcançar mais terreno, maiormente quando formar a paſſagem pelo meio circulo do angulo; porque he innegavel que já neſta lição o Cavallo deve levar as ſuas eſpaduas ao menos adiante da ſua meia garupa, ou meia anca de dentro, para que as piſtas dos pés ſigão as das mãos, e ſe recolha a garupa para baixo do corpo , levantando-ſe as eſpaduas ſobre ella, para o Cavallo voltar mais em pé , e obedecer á mão , e pernas do Cavalleiro com mais facilidade , e graça , ſeja formando o angulo da Fig. 2. , ſeja marcando os meios circulos da Fig. 3. Eſt. VI.

Quando os meios circulos do angulo , que vão marcando as piſtas das mãos (por ſe mover a garupa em menor terreno) he maior que o que vão marcando as piſtas dos pés , deve forçoſamente a eſpadua , e o braço de fóra da volta fazer o ſeu movimento muito livre, e avançado ao paſſo, e trote, para em todos os ſeus movimentos cruzar por ſima do braço de dentro , e abraçar mais facilmente o terreno ſem faltar á linha circular: o pé de fóra deve tambem cruzar, e paſſar por ſima , e por diante do pé de dentro ; mas não com movimento tão largo , como a mão de fóra , porque elle tem menos terreno para caminhar , e tambem para que as eſpaduas, e garupa não ſe deſordenem no movimento circular.

Deve o Cavallo ſempre dar tantos paſſos com os pés , como com as mãos; pois em dando menos paſſos com as eſpaduas, que dá com a garupa, ou pelo contrario, dando menos paſſos com a garupa, do que dá com as eſpaduas, perde infallivelmente o movimento do animal a ſua igualdade.

O Cavallo na lição do trote ſobre o circulo de duas piſtas póde deſigualar-ſe dos ſeus movimentos das eſpaduas , e garupa , por fugir muito com as eſpaduas para fóra, e da meſma ſorte com a garupa, ou ao contrario, por entrar muito para o centro. Quando o Cavallo foge com a garupa muito para fóra, vai muito ſobre a perna; e quando entra muito para o centro, vai muito ſobre a mão.

Eu diſſe que a mão, e braço de fóra devem cruzar por ſima do braço de dentro

tro pelo meio circulo do angulo, e neſte caſo deve o Cavalleiro, logo que o Cavallo ſe encoſtar ſobre a eſpadua de fóra, trazer as mãos para dentro, mas não de repente, para que o Cavallo não ſe perturbe, de ſorte que ſe enteze ſobre a garupa, deſobedeça á mão, e ſe lance ſobre a volta, ou fuja para fóra, obrigado já da ſujeição violenta da mão, já da oppreſsão em que fica a garupa. Neſte genero de trabalho: quando as mãos trazem as redeas de fóra para o centro, e as pernas do Cavalleiro não ajudão a direcção das mãos, o Cavallo não póde determinar-ſe bem.

Ha tambem Cavallos, que tem o movimento da garupa incerto: eſtes, logo que tem feito os primeiros paſſos ſobre o meio circulo do angulo para entrar á paſſagem, faltão com a garupa, alargando as pernas para fóra de ſi, e do meio circulo, ſobre que vão formar a paſſagem. Então o Cavalleiro em hum trote mais diligente os deve ajudar, tendo-lhe a perna de fóra alguns eſpaços mais forte, e a mão, ou redeas de dentro do meſmo modo, e para fóra, porque por meio das redeas de dentro, e da perna de fóra he que ſe ha de conſeguir o ſegurar-lhe a garupa, e fazer-lhe entrar a piſta do pé de fóra para a piſta do pé de dentro; mas todas eſtas ſenſações devem ſer dirigidas á proporção do deſembaraço, e obediencia dos Cavallos, diſpondo-os aſſim, ſem teimar com elle tenazmente.

Muitas vezes ſuccede tambem deitar o Cavallo para fóra a garupa, quando fórma o meio circulo do angulo, por ſer mais diligente dos movimentos das eſpaduas, que dos movimentos da garupa. Neſte caſo o devem ajudar repetidas vezes com as pernas, e ainda tocar-lhe com a vara ſobre as ancas, ſuſtendo a mão com mais apoio para minorar o ſeu defeito, lembrando-ſe ſempre o Cavalleiro de que todos os movimentos da ſua mão, e corpo, que tirão a cabeça do Cavallo para dentro do centro, lhe obrigão a deitar a garupa para fóra da circumferencia das eſpaduas.

Quando o Cavallo paſſa das linhas rectas da muralha no canto para as linhas do quadrado, ou largura do terreno, fórma hum angulo recto; e para entrar com as eſpaduas no canto, ou vertice do angulo, he neceſſario ao Cavalleiro levar a ſua mão de fóra de unhas abaixo para o canto, e a mão de dentro de unhas aſſima para fóra: logo para fazer entrar as eſpaduas do vertice do angulo para o centro, he preciſo trazer a mão de fóra para o centro de unhas aſſima, e a de dentro para o centro de unhas abaixo; e para ſegurar a garupa, he neceſſario ſegurar a perna da parte oppoſta áquella para onde levão a mão, iſto he, ſe obrigão com as redeas direitas, levando as mãos para a eſquerda, a eſpadua direita ſe unirá á eſquerda: neſte caſo as eſpaduas ſahem para a eſquerda, e então he que ſe deve contrapôr a perna eſquerda com ſenſações mais fortes para ſegurar a garupa para a direita: o meſmo ſe deve entender, quando as redeas eſquerdas o obrigão, e a perna direita ſe contrapõe, a fim de ſegurar-lhe a garupa para o centro.

Sendo iſto aſſim, qualquer movimento máo do corpo do Cavalleiro baſta para deſigualar a exacção do corpo do Cavallo nas ſuas acções. Se o Cavalleiro em lugar de levar a ſua mão para fóra, e de ſuſter com a perna de fóra a garupa do Cavallo para o centro, avançar a ſua eſpadua de fóra para diante, e por conſe-

quencia atrazar a eſpadua de dentro para trás, em voltando o corpo para o centro, as mãos, que são huma dependencia do corpo, obrigaráõ o Cavallo a entrar com as eſpaduas para o centro; e a perna da parte para onde o corpo ſe voltar, ſerá apertada contra a perna, e anca do Cavallo da parte de dentro, dando-lhe ao meſmo tempo a perna do Cavalleiro da parte de fóra liberdade tal, que a garupa vá paſſando pelo terreno, por onde paſsárão as eſpaduas.

A uniformidade das ajudas do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro obrigaráõ o Cavallo com mais promptidão, do que ſe o corpo eſtiveſſe immovel; por iſſo qualquer coſtume que tenha de empregar as ajudas, e movimentos das ſuas mãos, e pernas, ſem que humas, e outras ſejão acordes entre ſi, e conduzidas pelos movimentos do corpo, ellas produziráõ menos effeito, e ſerão infinitamente menos ligadas, e menos medidas, do que ſe partiſſem dos movimentos do corpo do Cavalleiro: advertindo que o movimento do corpo não deve ſer deſconcertado, nem deve fazer ſahir o tronco do equilibrio: deve ſim o Cavalleiro, quando quer voltar o Cavallo para a direita, ou para a eſquerda, mover o corpo imperceptivelmente, para que o ſeu pezo, a força, o equilibrio, e o movimento fação conduzir as mãos, e as pernas, de ſorte que obriguem o Cavallo com mais facilidade a formar-ſe na viſtoſa acção, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XII.

### *Do Cavalleiro, fazendo trotar o Cavallo ſobre linhas parallelas a largura do Picadeiro.*

SE o Cavallo na paſſagem de mão, logo que principia o angulo, entra com a garupa para o centro, neſte caſo deve o Cavalleiro voltar o ſeu corpo bem para o centro, porque então a ſua perna da parte de dentro lhe deitará ás ancas para fóra; e a mão de fóra, ſeguindo o corpo com as redeas de fóra, determinará a eſpadua de fóra a que entre para o centro, e ſe una á eſpadua de dentro.

Tambem recommendo que ſeja imperceptivel o movimento do tronco do corpo do Cavalleiro deſde o principio do oſſo do encache do quadril para ſima, para que inſenſivelmente ſe volte o corpo todo: que ſem iſto muito longe de ſe aproveitar da vantagem do ſeu equilibrio, o perderá, e da meſma ſorte a boa ſymmetria da ſua figura; e perdido o equilibrio, não poderá conſeguir huma igual exactidão dos movimentos do Cavallo?

### *Modo de emendar com as mãos, e pernas algumas defezas, de que os Cavallos usão.*

SE o Potro vai trotando ſobre as eſpaduas, deve o Cavalleiro ter o ſeu corpo atrás, e as mãos altas. Se o Potro anda com pouca vontade para diante, deve o Cavalleiro buſcar com o ſeu corpo o ponto do equilibrio, apoiando toda a ſua aptitude hum pouco viva ſobre o aſſento, para não lhe cuſtar a obrigar o Cavallo

(por

Silva delin. Frois sculp.

(por alguns eſpaços vivamente) com as pernas a que vá bem para diante. Se o Potro ſe demorar, por ſe levantar muito das eſpaduas, deve o corpo do Cavalleiro pender alguma couſa para diante, e adiantar-lhe as mãos repetidas vezes.

Se o Potro falta, e tem a garupa alta, deve o corpo do Cavalleiro reſiſtir a eſtes movimentos, unindo a cintura ao cepilho da ſella, forçando o eſpinhaço no lugar dos rins para diante, e ſuſtentando as eſpaduas firmes para trás, ſentando-ſe bem ſobre o coxim, unido á caixa do fundo da ſella, cerrando as coxas, e os joelhos para reſiſtir aos movimentos violentos do Cavallo, e obrigallo, dando-lhe com as mãos altas alguns toques para ſima, para que levante as eſpaduas, e abaixe a garupa.

## *Modo de emendar o Cavallo com o tronco do corpo.*

TRabalhando qualquer Cavalleiro os Potros nos circulos de duas piſtas para as eſpaduas entrarem para o centro, e a garupa ſahir para a circumferencia, deve o corpo do Cavalleiro fazer tambem parte do circulo: não ſó avançando a eſpadua de fóra, e atrazando a de dentro, como fica notado, mas perfilando a frente do peito com o radio do circulo Eſt. IV. Fig. 10. de A para E, trazendo muitas vezes a mão de fóra para o centro, para a eſpadua do Cavallo da parte de fóra (ſobre a qual vai cruzando a mão de dentro) poder unir-ſe á eſpadua de dentro, e vencer o terreno para a linha do circulo do centro, pois a mão de fóra em cada paſſo que dá, ſempre ſe conduz por huma tangente, e ſó ajudando-o repetidas vezes a mão, ou redeas de fóra para dentro, he que a piſta da mão de fóra ſe une á linha da piſta da mão de dentro: ora todas as vezes que o Cavalleiro quizer neſta lição obrigar o Potro a entrar aſſim com as eſpaduas para o centro, deve pezar mais ſobre o eſtribo de dentro, avançando o quadril de fóra para diante, e atrazando á proporção o de dentro.

Eſtas ajudas do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro são preciſas como leis indiſpenſaveis, para fazer que o Cavallo lhe obedeça bem, e fazello manejar, ou trabalhar com mais goſto, e por conſequencia elle irá formando todas as ſuas acções com mais graça, e regularidade; e ſe o Cavalleiro determinar perfeitamente as ajudas todas do ſeu corpo, mãos, e pernas com movimentos acordes, e imperceptiveis, parecerá que o Cavallo determina os ſeus movimentos muito por ſua vontade; porque o corpo do Cavalleiro com eſtas ſenſações o obriga com bom methodo intelligivel para o Cavallo, e para o Cavalleiro mais facil, viſtoſo, e ſeguro.

Por meio deſtas, e ſemelhantes diligencias ſe principia a trotar o Potro, ou Cavallo pelas linhas do quadrado longo Eſt. XV. linhas do quadrado regular Eſt. IV. Fig. 16., e ſobre os circulos de Pignateli Eſt. VI. Fig. 1.

## *Do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezo dos eſtribos, e do caſtigo das eſporas.*

COmo já diſſemos quaes são os movimentos das pernas do Cavalleiro, tratar-ſe-ha agora das utilidades, que ſe ſeguem do ſeu uſo, ſeja ſervindo-ſe dellas como ajuda, ou como caſtigo.

O movimento dos joelhos ſe faz, apertando-os o Cavalleiro, quando pertende fazer ir o ſeu Cavallo para diante, ou tambem affroxando-os para elle não ſe incommodar, e ſe firmar mais manſo, e igual no movimento.

Tambem ſe affroxão, e fortalecem os joelhos mais de huma que de outra parte, para indireitar o Cavallo, e fazello igual na ſua acção. De humas, e outras diligencias ſe uſa, ſegundo a ſenſibilidade, e a diſpoſição do Cavallo dão lugar: e creio que he bem viſivel que ſe o Cavallo rolar, ou fugir para fóra, e o joelho do Cavalleiro da parte do centro eſtiver forte, o Cavallo rolará, ou fugirá mais para fóra; e ſe ao contrario ſe metter para o centro, eſtando o joelho de fóra forte, cada vez entrará o Cavallo mais para o centro.

Os Cavallos, que são coceguentos, os que ſe detem á eſpora, e os que não uſão bem das ſuas forças, retendo-as por malicia, mais facilmente ſe determinão ás impreſsões dos joelhos, e barrigas das pernas, do que ás dos calcanhares, e eſporas, principalmente ſe o Cavalleiro cahir no terrivel defeito de deter as pernas, e eſporas junto á barriga deſta caſta de Cavallos, ſem os deixar ſahir para diante.

As ſenſações das barrigas das pernas ſe executão, chegando-as ao ventre do Cavallo, de ſorte que elle ſinta ligeira, e inſtantaneamente o ſeu toque, ſeja para o fazer entrar mais na mão, ſeja para o indireitar mais para huma, que para outra parte. Eſte modo de o ajudar he mais forte que o dos joelhos; mas ſe nem aſſim obedecer, devem caſtigallos com huma, ou ambas as eſporas, attendendo-ſe menos á ſua deſordem, que á ſua poſſibilidade.

O tocar o Cavalleiro com a ponta do pé na eſpadua do Cavallo não ſó eſtá reprovado por alguns ſcientes, como tambem a experiencia tem moſtrado que do ſeu uſo não tira utilidade alguma.

A mais ſuave, e delicada de todas as ſenſações, que hum ſciente Cavalleiro póde fazer ao Cavallo, he a de o emendar com o equilibrio do ſeu corpo, e pernas, contrapezando ſobre os eſtribos, de ſorte que faça uteis as ſuas applicações; e quando o Cavallo obedece bem a ellas, moſtra que a ſua ſenſibilidade, e poder he grande.

Ora logo que elle ſe indireita bem, obrigado das impreſsões, de que o Cavalleiro uſa, carregando mais ſobre hum que ſobre outro eſtribo, moſtra que he ſenſivel, agil, e forte; e eſta caſta de Cavallos em tendo adquirido deſembaraço por meio da lição bem applicada, ainda que fóra da Eſcola vão dar em mão de ſujeito ignorante da Arte, já mais perderáõ a facilidade, a que os ajudou a conduzir o bom coſtume da lição; e ſe os tornarem ao trabalho da Eſcola, facilmente ſe lhes excitaráõ aquellas eſpecies, que a boa lição lhes havia dado.

Quan-

Quando o Cavallo faz pouco caſo das ajudas, de que temos tratado, neceſſariamente deve ſer caſtigado, porque ellas não são mais que hum aviſo que o Cavalleiro lhe dá para lhe fazer acordar, ou excitar as eſpecies das ſenſaçõ̃es correſpondentes aos ſeus reſpectivos movimentos; e ſe elle não ſe determinar bem, deve corrigir-ſe a deſobediencia com caſtigos: advertindo que tambem he caſtigo (ſem lhe dar pancadas) o dar-lhe dilatadas, e repetidas lições, attendendo ſempre o Cavalleiro ao tempo da lição, que o ſeu Cavallo tiver, ás ſuas forças, conſtrucção, genio, preſtimo, e eſtado; pois ſenão ſe accommodarem a iſſo, entendo que todos os caſtigos, ſejão vigoroſos, ou moderados, produziráõ nos Cavallos pouca utilidade.

Devem fazer de huns, e de outros bom uſo, e a tempo; porque ſendo bem applicados, rendem os Cavallos flexiveis, attentos, e obedientes; e pelo contrario os caſtigos mal applicados, os rendem vicioſos, e obſtinados. Quanto mais moderado for o caſtigo, tanto mais ſe conſervará no Cavallo o vigor, e actividade de eſpirito, para depois de enſinado fazer hum bom uſo do ſeu poder naquelle exercicio, para que tiver mais propensão.

O caſtigo das eſporas he hum grande remedio para render os Cavallos obedientes á perna, ſendo bem applicado, iſto he, dado no tempo em que o Cavallo deſobedece; mas ainda então deve ſer de tal ſorte regulado, que por effeito delle ſe emende, e não de modo que deſobedeça, e commetta maiores deſordens. O lugar, em que ſe devem applicar as eſporadas, he logo atrás da terceira cilha ſobre o ventre; porque dada ſobre os ilhaes, recebe o Cavallo mal o caſtigo, tendo a garupa alta, obrigado da activa dor que a eſporada lhe cauſa. Tambem não ſe devem dar as eſporadas ſobre o lugar das cilhas, e raſgallas dahi até debaixo do chairel, fazendo hum ſeguido, e fundo raſgão no ventre do miſeravel Cavallo, porque iſto ſó póde deſculpar-ſe a hum homem deſtituido de todos os conhecimentos deſta Arte.

Para eſte caſtigo ſer util ao Cavallo, que ſe detem, ou pára, mandão todos os Profeſſores dar as eſporadas mais atrás alguma couſa, do que ſe coſtumão applicar aos que ſahem bem á eſpora; mas iſto ſe deve entender por ſerem dadas na barriga: e não ha ſciente algum que diga que com as eſporas ſe raſgue todo o ventre ao Cavallo, como fazem os arreeiros. Eſte coſtume, além de feio, obriga o Cavallo ordinariamente a deter-ſe cada vez mais.

Para dar bem com as eſporas, he preciſo ao Cavalleiro ter as ſuas pernas na aptitude que diſſemos no Livro III., dar a eſporada, e retirar logo a perna, regulando a força do caſtigo pela maior, ou menor ſenſibilidade do Cavallo; e ſe elle não ceder, eſperar pelo tempo, que tambem ſerve para os emendar.

Alguns homens para darem com as eſporas no Cavallo, fazem movimentos, e géſtos deſagradaveis: elles abrem as pernas, lanção o corpo para diante, abrem os braços, e depois he que dão a eſporada, talvez quando ella já tem perdido a fazão da ſua utilidade, e he conhecidamente intempeſtiva ao Cavallo, que prevenido pelos movimentos, que o Cavalleiro tem feito, não preciſa já de modo algum de violencia, e menos de caſtigo.

Já

Já diſſe que o corpo do Cavalleiro deve ter movimento, ſem deſconcertar-ſe no equilibrio, e neſte caſo devem as ſuas pernas andar flexiveis nas curvas; porém firmes ſobre os eſtribos: as puas das eſporas já mais devem andar continuamente pojando ſobre o pello do Cavallo, para não lhe atenuar a ſenſibilidade do ventre, e obrigallo com eſte máo coſtume a dar, ou rabijar effectivamente com a cauda, quando trabalha, pois que todos os Cavalleiros devem evitar, o mais que puderem, os defeitos dos Cavallos em que andão, e não uſar das ajudas, e caſtigos, de forte que delles ſe ſigão máos coſtumes.

Os Cavallos finos, ou ſenſiveis aos movimentos dos joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro ſentem qualquer deſtas ajudas com tanta attenção, como ſe ellas foſſem rigoroſos caſtigos. Pelo contrario, os que tem huma ſenſibilidade mais ordinaria, e obtuſa, precisão ſer ajudados, e caſtigados com ſenſações, e caſtigos mais fortes: bem entendido, que ſe o Cavallo he froxo, e faz pouco caſo delles para ter algum preſtimo, preciſa uſar o Cavalleiro de ſenſações ainda mais fortes, e caſtigos mais violentos; porque de outra ſorte não determinará os movimentos bem, e conforme com as tenções do Cavalleiro: advertindo porém que não ſe lhe deve continuar o caſtigo, em quanto o bruto eſtiver exaſperado; mas ſim quando eſtiver livre de paixão, e no eſtado de correſponder com movimentos proprios a elles.

## *Differença dos feitios das eſporas.*

HOje eſtão muito em uſo as eſporas de çapatos, ou direitas, por ſentarem bem ſobre os ſaltos das botas: antigamente erão as eſporas arqueadas, e ſentavão ſobre o calcanhar. Ora he certo que a pelle do Cavallo no meio dos dous lados da barriga he mais groſſa; e tanto dahi para baixo, como para ſima vai ſendo mais delgada. Pelas razões já ponderadas fica moſtrado que aonde a pelle do Cavallo he mais delgada, ha maior ſenſibilidade; porém não obſtante iſto ſe faz differença: a ſenſação da eſporada, applicada nos lados da barriga mais alta, ou mais baixa, creio que he muito pouca, por cuja cauſa me remetto ao ſilencio neſta materia.

Os bicos das rozetas das eſporas não devem ſer compridos, nem muito agudos, para não fazerem ferida penetrante. Brogelat, e Newcaſtle dizem, que ſendo as rozetas de prata caſtigão como as de ferro, e não apoſtemão nunca, nem magoão tanto o Cavallo. Ha Cavallos, que ſe fazem rebeldes á eſpora, por ſerem muito ſenſiveis a eſte caſtigo; outros vão ſobre a perna; e quanto mais lhes dão com a eſpora, mais multiplicão os ſeus erros. Ha finalmente outros, que em lhes dando com as eſporas, concebem tão grande paixão, que vão ſem acordo marrar pelas paredes, ou ſe deitão no chão deſeſperados. Por todos eſtes motivos deve o Cavalleiro regular bem os caſtigos aos ſeus Cavallos, para delles conſeguir a pertendida utilidade, &c.

## *Diſpoſições para a lição da eſpadua dentro, ou garupa ao muro.*

HE a lição da Eſpadua dentro efficaz, e util para facilitar, e ſuaviſar os movimentos ao Potro, ou Cavallo em todas as partes do corpo: ella he extrahida da que Pignateli dá nos circulos de duas piſtas, e da que Newcaſtle dá nos circulos de quatro piſtas, e de todas as lições precedentes. Para o Cavalleiro principiar a formar o ſeu Cavallo na lição da eſpadua dentro pelo comprimento do terreno, ou quadrado longo, deve cuidar muito em o obrigar a que traga as eſpaduas para o centro da volta, em cujo caſo deve a garupa ſahir para a circumferencia tanto quanto as eſpaduas entrão para o ponto do centro, de modo que vá ſempre vencendo terreno para diante, conduzindo-o o Cavalleiro com ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas, iſto he, ſe o Cavallo não deſobedece com extremo, deitando a garupa muito para fóra, ou mettendo-a com exceſſo para o centro; porque duvidando elle, deve uſar dos ſeguintes modos de o obrigar.

Se deitar a garupa muito para a circumferencia, por fugir de ſe formar na acção, devem ajudallo com as pernas ambas a que entre para diante, e depois levar as mãos para fóra do centro, voltando o corpo alguma couſa para fóra alguns eſpaços, tendo as mãos firmes, de ſorte que ellas obriguem as eſpaduas a ſahir para fóra, e a perna de fóra obrigue a garupa a entrar para o centro, e ſeguir as linhas parallelas das eſpaduas ſempre na meſma obliquidade. Na lição dos circulos de Pignateli recommendo ſegurem a garupa ao Cavallo nas paſſagens, e ainda nos circulos alguns eſpaços, para diſpôr os Cavallos para eſta, e para a lição dos quatro circulos.

Se pelo contrario entrar com a garupa muito para o centro, e por conſequencia ſahir com as eſpaduas muito para fóra, tambem neſta lição ſe recommenda volte o Cavalleiro o ſeu corpo bem para o ponto do centro, e traga as mãos firmes de fóra para dentro repetidas vezes para o Cavallo entrar com as eſpaduas para a parte do centro, obrigando-o ao meſmo tempo com as pernas ambas a que ande para diante: que neſte caſo, unindo elle a eſpadua de fóra á eſpadua de dentro, e determinando-ſe bem a ir para diante, ſeguirá com as piſtas dos pés melhor direcção. Por eſtes, e ſemelhantes modos ſe obriga o Cavallo neſta lição a que vá alguma couſa circular, avançando ſempre terreno para diante, a fim de cruzar o ſeu braço, e perna de dentro por ſima, e por diante do braço, e perna de fóra.

Eſte trabalho ſe faz difficultoſo ao Cavallo, principalmente galopando; mas ſe elle o chega a pôr em prática com a perfeição que deve, eſtá certamente prompto para obedecer com facilidade a todos os movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro.

Os Eſcritores anteriores a Newcaſtle tinhão deſcuberto nas eſpaduas, e braços dos Cavallos ſinco movimentos, que são: ir para diante, recuar para trás, levantar para ſima, obliquar para a direita, e obliquar para a eſquerda. Newcaſtle porém lhe deſcubrio mais dous, com que vem o Cavallo a ter ſete movimentos prin-

principaes nas ſuas eſpaduas, e braços. Dos ſinco já referidos he o primeiro ir para diante, quando ſe determinão os movimentos por huma linha recta. O ſegundo ir para trás, quando recua ſobre linhas tambem rectas. O terceiro, levantando-ſe para ſima, principalmente quando ſuſpende, e faz as curvetas, ou fórma algum dos ares altos. O quarto obliquar para a direita. O quinto obliquar para a eſquerda, indo de chapa, ſeja para hum, ou para outro lado. O ſexto circular para a direita, paſſando a mão direita por ſima, e por diante da mão eſquerda, e da meſma ſorte a perna de dentro, ſeja trabalhando neſta, ou na lição do circulo de quatro piſtas; e o ſetimo, porque he tambem circular, paſſa a mão, e a perna eſquerda por ſima, e por diante da mão, e perna direita.

## ESTAMPA XIII.

### *Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo na lição da eſpadua dentro, ou garupa ao muro, ao paſſo, e ao trote pelo comprimento da muralha para a direita.*

QUando o Cavallo na lição da eſpadua dentro eſtá dobrado para a direita, vence o terreno para a eſquerda: a eſpadua eſquerda ſegue a linha, ſobre que o Cavallo vai andando, ou trabalhando, e neſte caſo a direita em cada primeiro tempo do ſeu movimento ſe une a ella: dobrando-ſe elle para a eſquerda, vence o terreno para a direita, e une a eſpadua eſquerda á direita, paſſando a mão, e braço eſquerdo a cada paſſo por ſima, e por diante da mão, e braço direito. A facilidade dos tres primeiros movimentos dos braços, e pernas dos Cavallos de ir para diante, andar para trás, e levantar para ſima, ſe adquirem facilmente por meio das lições do trote, das paradas, das meias paradas, e do recuar; porém os movimentos obliquos, e circulares tem mais difficuldade nas articulações dos braços, e pernas dos Cavallos, e para os vencer, e adquirir he muito util a lição da eſpadua dentro, porque neſte trabalho não ſó he o Cavallo obrigado a paſſar o braço, e a perna de dentro por ſima, e por diante do braço, e perna de fóra, mas tambem a recolher a ſua perna, e meia anca de dentro para baixo do corpo.

Para deſembaraçar as eſpaduas dos Cavallo he muito util eſta lição, maiormente ſe elle faz a paſſagem do braço, e perna de dentro, circulando, e avançando bem por ſima, e por diante do braço, e perna de fóra. Quando elle não anda bem para diante, alcança muitas vezes com a ſua mão, e pé de dentro a mão, e pé de fóra no riſco de fazer alcançaduras, e falſas poſições; porém iſto ſuccede mais vezes áquelles, que não tem ainda adquirido deſembaraço, e facilidade nas eſpaduas, e ancas. O meſmo acontece aos que são mal formados, aos que são fracos, ou eſtão já arruinados de alguma das partes do corpo; pois os que tem eſtes defeitos, commummente ſe deſigualão nos ſeus movimentos para huma, e outra parte.

A difficuldade que todos os Cavallos tem em adquirir o movimento circular de paſſar o braço, e perna de dentro por ſima, e por diante do braço, e perna

de

Silva delin

Fraij sculp

de fóra; e a falta de encontrar regras certas para dar ás ſuas eſpaduas, braços, e pernas a facilidade dos movimentos obliquos, e circulares, deo ſempre muito em que cuidar aos mais ſcientes Profeſſores deſta Arte ; e o Cavallo ſem eſta grande perfeição já mais voltará com facilidade, nem fugirá á perna do Cavalleiro, calcanhares, e eſporas, com boa graça, e liberdade para huma, e outra mão, por iſſo trabalhou tanto Pignateli em deſcubrir o circulo de duas piſtas ; e Newcaſtle fez tanta diligencia por deſcubrir , e aperfeiçoar a ſua lição dos quatro circulos , que ſem dúvida são até ao preſente o meio mais efficaz , e util para deſembaraçar , e ſuaviſar aos Cavallos os movimentos de todas as partes do corpo.

Le Brove diz Pag. 113. : » Nem todos os Cavallos tem compleição , conſ- » trucção , e poſſibilidade para ſoffrer a grande ſujeição do trabalho dos circulos. » Affirma tambem que deve o Cavalleiro obſervar ſe as forças do ſeu Cavallo per- » mittem dar muitas , ou poucas voltas de hum folgo ; porque ſenão fizerem eſte » reparo , os Cavallos obrigados da violencia do trabalho , em mais não poden- » do, ſe deſgoſtão, ſe negão, ſe obſtinão, e ſe defendem. »

Newcaſtle Pag. 53. diz : » O Cavallo com as eſpaduas dentro , e a garupa » fóra ſe facilita muito, e vem ſobre as eſpaduas, deſembaraçando-ſe dellas extre- » mamente : entra mais depreſſa na mão , e toma por conſequencia apoio , e go- » verno. »

Brogelat Pag. 34. diz tambem: » Em o Cavallo galopando com as eſpaduas » dentro, e a garupa fóra, as eſpaduas devem entrar para o centro, tanto quanto » a garupa ſahe para a circumferencia: e neſte caſo as eſpaduas trabalhão no balan- » ço do ſeu movimento, levantando-ſe ſempre ſobre o balanço da garupa; mas ao » paſſo, e trote neſta lição fica ſómente a meia garupa do centro ſeguindo as linhas » das eſpaduas, e por iſſo o Cavallo mais ſobre ellas, que ſobre a garupa. »

O parecer deſtes famigerados Eſcritores nos deixa perceber que o Cavallo não póde ſer perfeitamente deſembaraçado , ſem adquirir o movimento circular, por iſſo hum, e outro julgão o circulo preciſo, e util, ainda quando confeſsão que trabalhando o Cavallo ſobre elle ao paſſo , e trote , fica mais ſobre as eſpaduas, que ſobre a garupa.

Logo o Cavallo ſem o trabalho dos circulos não póde ſer perfeitamente deſembaraçado; e ſem adquirir o movimento circular, não póde com facilidade voltar, e dobrar-ſe para huma, e outra parte, por cuja cauſa todos os ſabios approvão eſta lição , para render os Cavallos flexiveis , deſembaraçados , e obedientes , ou iguaes dos ſeus movimentos, tanto naturaes, como artificiaes. A lição da eſpadua dentro tem a meſma propriedade, como hei de provar.

Por meio dos circulos ſe deſembaraça o Cavallo de todas as partes do corpo, e ſe facilita muito no governo , e apoio, que vai adquirindo na mão do Cavalleiro. Iſtò confeſſa Newcaſtle ; mas ſe elle fica mais ſobre as eſpaduas que ſobre a garupa , parece-me que neceſſariamente ha de perder o ſeu mais brilhante movimento das eſpaduas. Da parte do Cavalleiro eſtá ſervir-ſe da lição dos circulos, em quanto ella he util ao Cavallo , ſeja para principiar a formar os Potros , e Cavallos para a lição, ſeja para reduzir aquelles, que são caprichoſos, e rebeldes.

Os Cavallos, que forem reſabiados, e duvidarem voltar para huma, ou outra mão, não devem ſer trabalhados na lição da eſpadua dentro, para que elles não ſe aproveitem das ajudas da mão de fóra, para a ſua defeza; devem ſim trabalhar, e render os Cavallos reſabiados ſobre os circulos, debaixo da guia, e depois ſobre as linhas rectas de todo o comprimento da muralha, e linhas do quadrado, até que elles, cedendo dos ſeus vicios, ſe deixem vencer, e dominar.

A lição da eſpadua dentro, não ſendo o Cavallo reſabiado, he muito proveitoſa, pois ella he extrahida das lições dos circulos de duas, e de quatro piſtas, e para o meſmo fim, para que ſervem as lições dos circulos, pois o Cavallo na lição da eſpadua dentro tambem ſe deſembaraça das eſpaduas, e braços, e uſa bem da ſua meia garupa de dentro.

Não podendo entrar as eſpaduas do Cavallo para o centro neſta lição, ſem que a perna, e meia anca de dentro ſe curve, e entre a perna para baixo do ſeu corpo, ſeguindo a linha da mão de fóra, elle ha de não ſó baixar a meia anca de dentro, mas dobrar o curvilhão, e travadouro para uſar bem da ſua meia garupa de dentro.

Depois de trotar bem naquelle trote, que lhe he proprio (ſegundo as ſuas qualidades, conſtrucção, e difficuldades) ſobre as linhas da muralha, linhas do quadrado, e ſobrecirculos de duas piſtas para huma, e outra parte igual, obediente, e ſocegado, então ſe lhe deve formar a lição da eſpadua dentro ſobre as linhas da muralha, e do quadrado, fazendo-o marchar ſobre ellas obliquamente, como ſe moſtra na Eſt. XIII.

Quando o Cavalleiro pertende conduzir o Cavallo neſta lição para a direita, deve atrazar a ſua eſpadua direita, avançar a eſquerda, fazer-lhe ſentir alguma couſa a perna direita, logo atrás das cilhas, a eſquerda entre a primeira cilha, e a eſpadua, obrigando-o aſſim com ambas as pernas a que entre para diante, trazendo repetidas vezes a mão de fóra para o centro, para que as redeas de fóra tragão as eſpaduas para dentro, e ſe una a eſpadua de fóra muitas vezes á eſpadua de dentro, tornando a mão de unhas abaixo para fóra, não ſó para o formar bem na acção, fazello ſeguir huma, e outra redea com facilidade, mas para o obrigar a entrar com a perna de dentro bem para baixo do ſeu corpo, e ſeguir com ella as linhas da mão de fóra. Neſta lição, e acção o Cavallo ſe conduz com facilidade dobrado para a direita, foge ao calcanhar, e perna de dentro, indo entre ambas as redeas, e ambas as pernas com ſujeição, e obediencia.

Na lição dos quatro circulos, ao paſſo, e trote, a garupa marca o terreno por fóra das linhas das eſpaduas, e na lição da eſpadua dentro eſtá ſómente a meia anca de fóra das linhas das eſpaduas, porque a meia anca de dentro ſegue a linha da eſpadua de fóra. O Cavalleiro deve obrigar o Cavallo ſobre as linhas da muralha Eſt. XV. pelas linhas N. 1., e N. 4. ſem chegar-ſe tanto á parede, que ella lhe ſirva de embaraço a dobrallo para a parte que deixa; porque neſte trabalho anda dobrado para a direita, e vence o terreno para a eſquerda, como ſe vê nas piſtas A, e B, em que as eſpaduas marcão as linhas N. 1., e as ancas as linhas N. 4. Iſto ſuppoſto, paſſemos a moſtrar como ſe fórmão as paſſagens neſta lição.

*Mo-*

## *Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda na lição da eſpadua dentro, ao paſſo, e trote.*

AS paſſagens de mão da direita para a eſquerda são muito faceis, cortando o terreno, como ſe moſtra nas linhas E; e chegando ás linhas L, Eſt. XV., devem fazer-lhe entrar as eſpaduas para o centro, e ſahir a garupa para a circumferencia, como ſe vê nas piſtas, que ſe ſeguem pelas linhas Q, e R. Neſtas paſſagens tem o Cavallo hum grande eſpaço de terreno para ſe mover, e por iſſo lhe são muito faceis.

Tambem ſe paſſa de mão no fim das linhas da muralha por hum angulo recto, ou tambem formando hum angulo agudo, e da meſma ſorte ſobre hum angulo curvilineo, marcando o terreno, como na Fig. 4, 5, e 7. da Eſt. IV. Para formar qualquer deſtes angulos da direita para a eſquerda, he preciſo que o Cavalleiro pelo comprimento da linha da muralha conſerve ao Cavallo a dobra do corpo, e volta do ſeu peſcoço, deixando no vertice a linha da muralha, e formando aquelle angulo que lhe parecer mais conveniente; e pelo meio circulo que fizer do angulo para dentro lhe deve ſegurar alguma couſa a perna de fóra, tendo as mãos, principalmente a direita, de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua eſquerda, para que o Cavallo encruzado entre a redea de dentro, e a perna de fóra, vá para diante pelo meio circulo até chegar á ſua extremidade, ou lugar da paſſagem.

Quanto mais o Cavalleiro fizer ir aproximando o Cavallo pelo meio circulo do angulo ao fim da paſſagem, tanto mais deve ter o ſeu corpo atrás, endireitar o animal com ambas as redeas, e unir-lhe as pernas ao ventre, a de fóra logo atrás das cilhas, e a de dentro entre a primeira cilha, e a eſpadua para com a de fóra lhe ſegurar a garupa, e com a de dentro as eſpaduas, conſervando as pernas em diſtancia tal, que o Cavallo as ſinta, e por effeito das ſuas ſenſações entre para diante, indo aſſim encruzado entre a redea de dentro, e a perna de fóra até á linha da muralha, em que ha de acabar de completar a paſſagem: então o fará mudar toda a acção da ſua figura, ſe andar (como temos dito) para a direita, deſdobrando-o della, e dobrando-o para a eſquerda. A paſſagem tem os meſmos tempos neſta lição, que em outra qualquer; e as que ſe fórmão nos angulos já referidos, são muito viſtoſas, e uteis.

Logo que o Cavalleiro na lição da eſpadua dentro paſſar de mão, deve mudar toda a acção da ſua figura da direita para a eſquerda: apôs iſſo deve com as ſuas pernas ambas obrigar o Cavallo a que entre para diante para o poder formar em huma acção igual áquella, em que andava para a direita, antes de paſſar: elle depois de trazer do vertice do angulo V, X as eſpaduas do Cavallo para o centro, deve ter a ſua mão eſquerda de unhas aſſima, e o dedo minimo para a eſpadua direita, voltando o corpo bem para o centro do terreno, avançando a eſpadua direita para diante, atrazando á proporção a eſquerda, e obrigando-o com ambas

as pernas, e com ambas as redeas pelas linhas N. 1., e N. 4. a que marque o terreno, como ſe vê nas piſtas Q, e R.

Se o Cavallo ſe defender obſtinado, não querendo render-ſe á ſujeição, e vontade do Cavalleiro, ſerá bom por algum tempo fazello trabalhar fóra da eſcola; e ſe puder ſer todos os dias, melhor, até eſtar menos lembrado do ſeu erro. Depois o podem fazer tornar á Picaria, e pollo nos principios de que já tratámos pelo direito, ſeguido, e vivo, até que elle ſe deixe vencer, e dominar, tanto ſobre as linhas da muralha, e do quadrado, como ſobre os circulos de duas piſtas. Orà quando elle ſobre os circulos for obedecendo, o Cavalleiro ſem violencia o irá conduzindo para as linhas da muralha, e dellas outra vez aos circulos, formando-lhe nas extremidades das tangentes alguns meios circulos até poder com eſtas diligencias conſeguir o formallo pelas linhas da muralha na acção da ſeguinte

## ESTAMPA XIV.

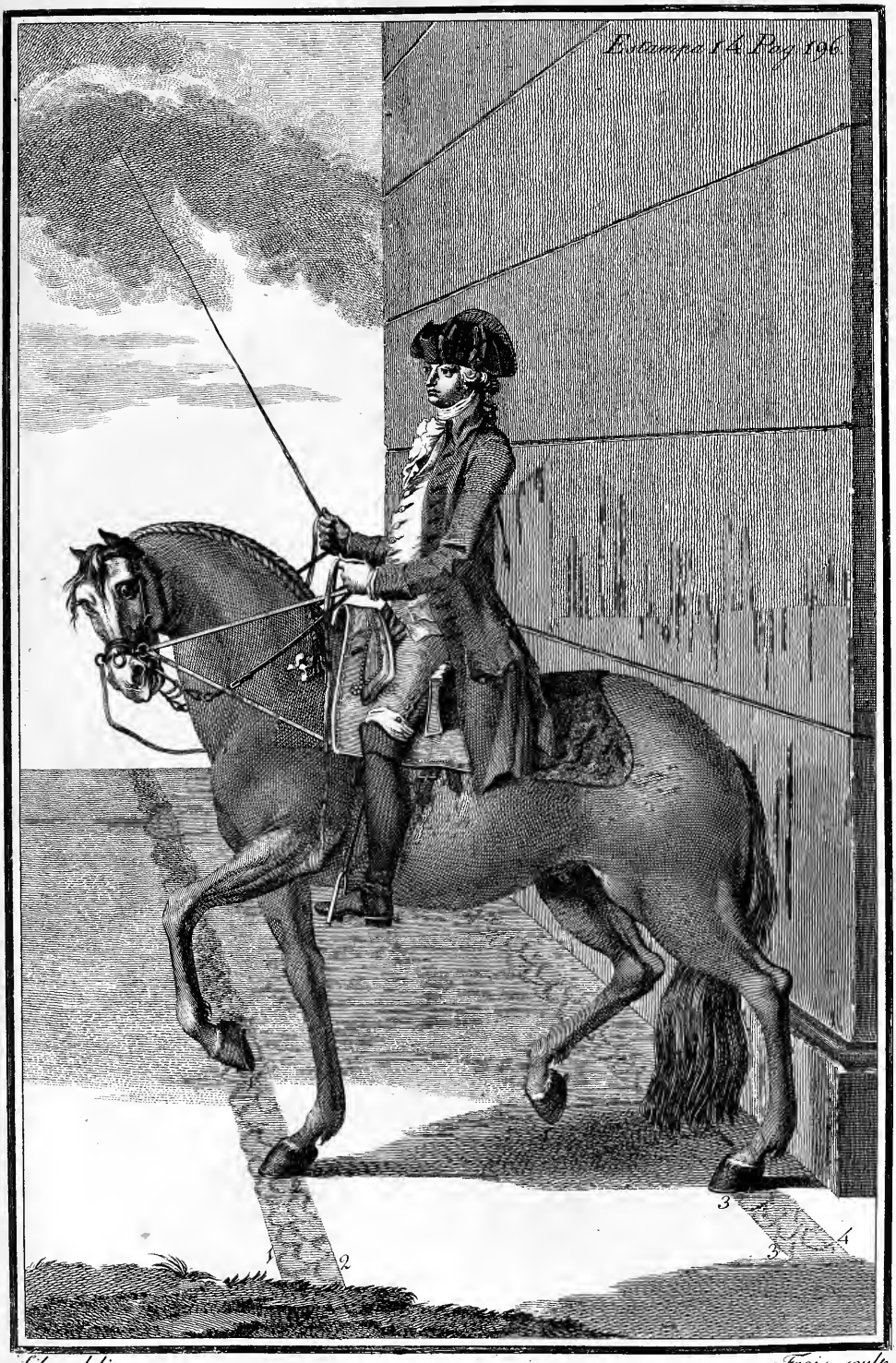
### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição da eſpadua dentro ſobre as linhas da muralha, dobrado para a eſquerda.*

LOgo que o Cavallo principiar a obedecer livre daquella confuſão, que de antes lhe ſervia de embaraço, o podem ir aperfeiçoando na lição da eſpadua dentro pelo comprimento do terreno; e tanto que der alguns paſſos com igualdade, parallo, e affagallo, para lhe dar a conhecer que fez bem.

Em ſeguindo com obediencia as linhas da muralha, ſujeito ás ſenſações das pernas, e das mãos, ou redeas na lição, de que tratamos, o podem ir obrigando a que chegue aos cantos; e ainda que iſto he difficultoſo neſte trabalho, o Cavallo adquire aſſim muita ſujeição, deſembaraço, promptidão, e facilidade nas articulações dos braços, pernas, e eſpaduas.

Todos os Cavallos ordinariamente, quando vão chegando ao fim da linha recta da muralha, fórmão rapidamente o angulo para a linha do quadrado, por fugir á ſujeição de chegar a entrar no canto. Para evitar iſto, deve o Cavalleiro, quando ſe for aproximando ao fim da linha da muralha, formar ao Cavallo huma meia parada, para que elle ſe levante mais ſobre a garupa, fique mais leve na mão, e dê tempo a que o poſsão obrigar a formar o angulo no canto, ſem acceleração de movimento. Ora para formar bem eſta meia parada ſobre a mão eſquerda, preciſa o Cavalleiro ter a ſua mão eſquerda de unhas aſſima, o corpo algum tanto mais atrás, e firme, levando as mãos alguma couſa da cernelha para a direita; e depois do Cavallo chegar ao canto, e paſſar das linhas da muralha para as linhas do quadrado, então a mão eſquerda ha de entrar de unhas abaixo, mais, ou menos inclinada para o centro, a fim de que a eſpadua da parte de fóra ſe una á eſpadua eſquerda, ou de dentro, e elle forme o angulo com perfeição.

*Mo-*




Silva delin. Frois sculp.

## *Modo de paſſar os Cavallos de mão da eſquerda para a direita na lição da eſpadua dentro.*

RECommendo que paſſem o Cavallo de mão, cortando o terreno, quando elle tem ainda pouco deſembaraço neſta lição, por ſer eſte o modo mais facil de formar as paſſagens, como ſe vê na Eſt. XV. Tendo cortado o terreno, como ſe moſtra nas linhas F, L; e chegando ás linhas M, N, podem fazer-lhe entrar as eſpaduas para o centro, e ſahir as ancas para a circumferencia, como ſe vê nas piſtas, que ſe ſeguem pelas linhas N. 1., e N. 4., mudando-lhe toda a acção, e dobra do corpo da eſquerda para a direita. As paſſagens nos angulos são mais difficultoſas, e por iſſo mais viſtoſas, e proprias para quando o Cavallo tiver mais facilidade, e deſembaraço.

Se o Cavallo ſe detiver, levantando-ſe bem ſobre a garupa por effeito da meia parada (a que digo o podem obrigar) para paſſar das linhas da muralha S no canto para as linhas rectas do quadrado T, então as mãos, entrando para o centro com as redeas de fóra, obrigarão a eſpadua de fóra a unir-ſe á eſpadua de dentro; e a piſta da mão direita no vertice do angulo, paſſando por ſima, e por diante da eſquerda, virá unir-ſe á linha da piſta do centro. Advertindo que no tempo, em que as eſpaduas entrão para o centro, a perna eſquerda deve, ao voltar do Cavallo, affrouxar-ſe, quanto for preciſo, para elle uſar bem das eſpaduas, fazendo-lhe apôs iſſo ſentir ambas as pernas para a meia garupa direita alcançar a preciſa liberdade de ſe alargar para o canto, e paſſarem as ancas pelas linhas, que marcárão as eſpaduas.

Logo que o Cavallo tiver formado o angulo para dar principio ao meio circulo, o Cavalleiro deve tornar a ſuſtentar a ſua mão eſquerda de unhas aſſima, para lhe conſervar a dobra do peſcoço, e corpo na acção, em que andava antes de dar principio ao angulo S, T, e ſe diſpôr para paſſar de mão.

## *Differença que fazem humas de outras paſſagens de mão.*

SE a garupa ſeguir pelo meio circulo do angulo as eſpaduas, marcando as piſtas dos pés as linhas, que marcão as piſtas das mãos, a paſſagem he feita ſobre duas piſtas. Se o Cavalleiro encruzar o Cavallo entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, e pelo meio circulo do angulo elle marcar duas linhas com as piſtas das mãos, e outras duas com as piſtas dos pés, as eſpaduas marcarão dous circulos maiores, e as ancas dous menores, e neſte caſo ſe diz que o Cavallo formou a paſſagem de quatro piſtas. O meſmo ſe deve entender, quando por ſemelhantes modos paſsão de mão da direita para a eſquerda.

Já deixamos notado que ſe devem formar meias paradas ao Cavallo, que entra rapidamente no angulo das linhas da muralha para as linhas do quadrado: o que faz por eſcapar ás oppreſsões de formar o angulo com perfeição; mas ſe elle ſe detiver, quando o obrigarem a paſſar das linhas da muralha para as linhas

do

do quadrado, neſte caſo não ſómente não ſe lhe devem formar as meias paradas; mas nem ainda chegallo ao canto, em quanto elle ſe detiver, ou ficar para trás.

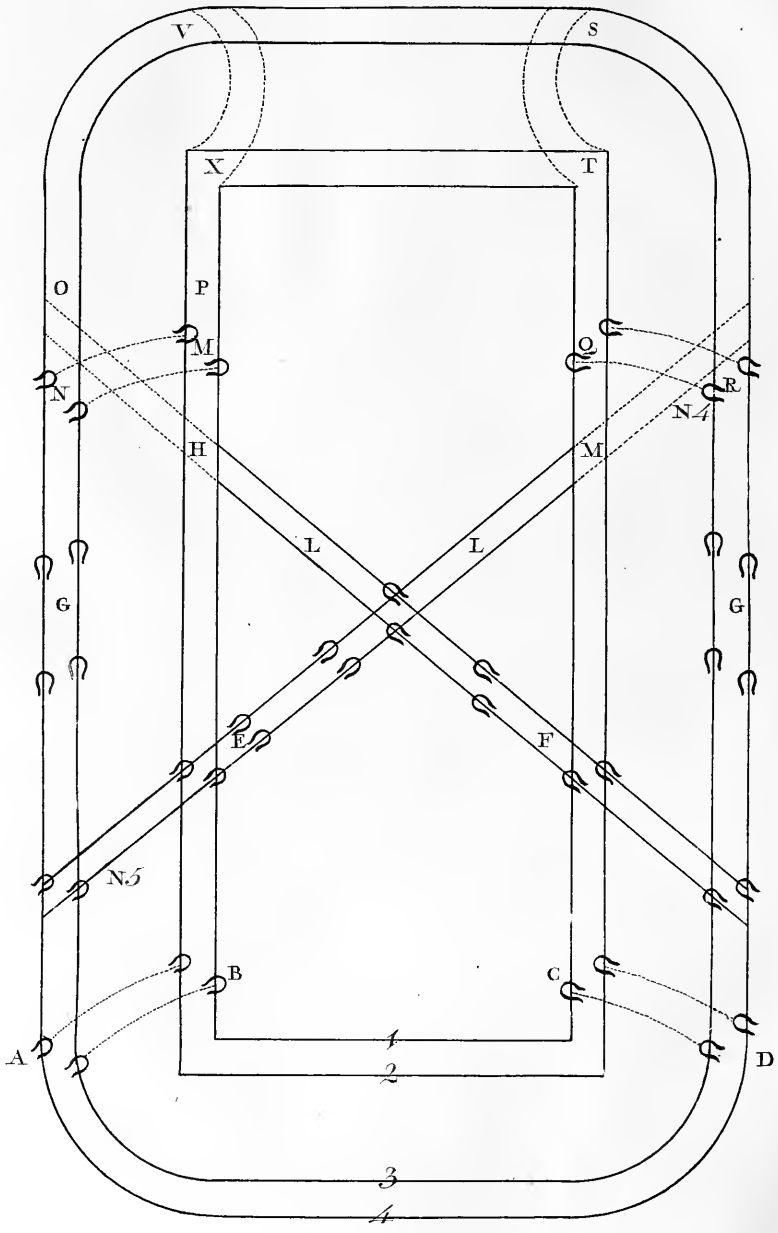
Se duvidar recolher a garupa para huma, ou outra mão, bem para baixo do corpo, ſeja formando a paſſagem de duas, ou de quatro piſtas, tendo-a alta, ou tambem pondo os rompões das ferraduras ſobre os caſcos, defeza muito ordinaria daquelles, que ignorão ainda eſta lição, póde o Cavalleiro para os remediar tocar-lhe com a vara ſobre a garupa daquella parte para onde mais ſe encoſta, ou ajudallo com a falla, com as pernas, e ainda com as eſporas primeiramente brandas; e ſe continuar na deſobediencia, mais, ou menos fortes, ſegundo for preciſo.

Quando a garupa marcar as ſuas piſtas por dentro das linhas, que marcão as eſpaduas, ou elle vá trabalhando ſobre as linhas da muralha, ſobre as linhas do quadrado, ou outra qualquer parte do manejo, as eſpaduas perderáõ o ſeu mais brilhante movimento, não ſó entrando ambas as ancas por dentro das linhas das eſpaduas, mas ainda quando a meia anca de fóra for marcando a linha da mão de dentro: neſte caſo as eſpaduas ficaráõ perto da terra, o Cavallo romperá o peſcoço, ou voltará a cara muito para o centro, e por conſequencia ficará torcido, e mal poſto no chão. Deſta fórma elle não ſe dobra, antes ſe enteza ſobre a eſpadua de fóra, de ſorte que nem a redea de fóra, nem a ajuda da vara, e pernas baſtão para remediar eſte defeito; e todos os Cavallos, a quem os Cavalleiros deixarem inveterar neſte máo coſtume, hão de ſim dobrar a cara, e peſcoço muito para dentro, mas hão de levar o bico para fóra, inclinando as orelhas, e a parte local da cabeça para o centro. A embocadura do freio não aſſenta bem ſobre os aſſentos, em quanto elles vão neſta figura, e por eſte modo ficão diſpoſtos para deſobedecer ás diligencias das mãos, e pernas do Cavalleiro, quando contrahem eſtes defeitos, para ſe defenderem da ſujeição.

Neſtes, e nos mais lances que acontecerem, em quanto formarem os Cavallos na lição da eſpadua dentro, devem os Cavalleiros ſempre fugir de que elles nos ſeus movimentos ſejão deſiguaes, de que ſe entortem do peſcoço, e eſpaduas, dando a cara, ou dobrando o peſcoço mais para huma, que para outra parte, de que dem o bico para fóra, e entrem com as orelhas para o centro, e finalmente de que deixem de ſeguir com a ſua piſta do pé de dentro a linha da mão de fóra. As mãos do Cavalleiro devem contrapôr as ſenſações das redeas ás ſenſações das pernas, para lhe introduzir o coſtume de voltar com facilidade, de recolher a meia garupa, e a perna de dentro para baixo do corpo, de cruzar o pé, e mão de dentro por ſima, e por diante do pé, e mão de fóra, entrando ao meſmo tempo na mão, e vencendo ſempre terreno para diante, de ſorte que marchando obliquamente, ſe levante das eſpaduas, baixe a garupa, dobre o peſcoço, e corpo, e ſe forme, tanto indo ſobre a direita, como ſobre a eſquerda nas viſtoſas acções, que ſe moſtrão nas Eſtampas XIII., e XIV. Se porém as diligencias, de que temos tratado, não baſtarem para exigir delle a igualdade dos ſeus movimentos, e a obediencia, devem formar-lhe outra lição das precedentes, até que eſteja diſpoſto para eſta.

*Do*

*Estampa 15 Pag. 199*



*Modo de marcar o terreno, trabalhando neſta lição.*

LOgo que o Cavallo ſe fórma na acção da eſpadua dentro, marchando dobrado para a direita, marca com a piſta da mão direita a linha mais proxima ao centro N. 1. com a da eſquerda a linha N. 2. Com a do pé direito a linha N. 3., e com a do pé eſquerdo a linha N. 4., como ſe vê na Eſt. XV.

Quando elle anda dobrado para a eſquerda, marca a piſta da mão eſquerda a linha N. 1., a direita a do N. 2., o pé eſquerdo o N. 3., e o pé direito o N. 4.: ſuccede iſto pela paſſagem que faz ſempre com a piſta do pé, e mão de dentro do centro por ſima, e por diante da piſta da mão, e pé de fóra: advertindo que ainda galopando neſta lição, marca o terreno da meſma ſorte, como ſe vê na ſeguinte

## ESTAMPA XV.

*Do quadrado longo, em que ſe moſtra o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, quando trabalhão na lição da eſpadua dentro.*

*Lição da meia garupa dentro ao paſſo, e trote para a direita.*

DEpois do Cavallo deſembaraçado na lição da eſpadua dentro, ſe póde tambem deſembaraçar por meio da lição do trote, fazendo-o determinar os ſeus movimentos pelas linhas da muralha, ſeguindo com as piſtas do pé de fóra a linha da mão de dentro. O Cavalleiro o deve obrigar com ambas as pernas, e as redeas ambas, a que andè para diante igual no movimento, para o ir formando, e regulando bem na acção da ſua figura.

A mão eſquerda do Cavalleiro (ſe o Cavallo andar dobrado para a direita) deve trabalhar de unhas abaixo, e a direita de unhas aſſima, para que as eſpaduas ſigão as linhas da muralha, e a garupa entre para as linhas do centro. Neſte caſo a perna eſquerda deve ajudar atrás da ultima cilha para o encruzar entre ella, e as redeas direitas.

Eſta lição he boa para fazer uſar mais da garupa aos Cavallos, que tem muito fortes os rins, ancas, e curvilhões, que tem boa boca, muita viveza, e promptidão; porque entrando a garupa para o centro, a muralha ſegura alguma couſa as eſpaduas; e quando o Cavallo volta, neceſſariamente apoia o ſeu pezo ſobre as ancas, rebate a garupa, e ſoffre as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro com mais ſujeição.

Digo que preciſa ter muita agilidade, e boa boca, porque de outra ſorte não poderá levantar-ſe nos angulos, quando volta ſobre as ancas. O corpo, as mãos, e as pernas do Cavalleiro o devem ajudar com prompta actividade, principalmente quando fórma o angulo, tanto quando anda ſobre a mão direita, como quando anda ſobre a eſquerda.

Ser-

Serve tambem para fazer o Cavallo igual na dobra do peſcoço, e eſpaduas. Exemplo: Se lhe cuſta a dobrar-ſe deſtas partes para a direita, he bom uſar deſte trabalho para o vencer nas ſuas difficuldades, porque forçoſamente entra na mão, quando lhe fórmão a meia volta, ou ſemicirculos de quatro piſtas, como tambem as paſſagens de mão pelos meios circulos dos angulos; e da meſma fórma ſe deve entender iſto, quando a difficuldade he para a eſquerda.

Porém ſe elle não tiver as qualidades, que já diſſe, e pelo contrario tiver má boca, pouca força no eſpinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões, eſta lição não fará nelle bom effeito, antes ficará para trás, e ſerá rude ás ſenſações das mãos, e das pernas; porque as eſpaduas, que fazem o maior gyro, precisão ſer ſoccorridas pelas ancas, entrando as pernas bem para baixo do corpo, aliàs ficarão as eſpaduas perto da terra, e o Cavallo pela pouca poſſibilidade do ſeu eſpinhaço, e garupa ſe irá abandonando ſobre o freio, e fará nelle máo effeito eſta lição.

## *Modo de paſſar de mão na lição da meia garupa dentro.*

PAra o Cavalleiro fazer paſſar de mão o ſeu Cavallo da direita para a eſquerda, póde uſar das meſmas diligencias, e movimentos das ſuas mãos, pernas, e corpo, de que diſſemos devem uſar na lição da eſpadua dentro, maiormente nos meios circulos dos angulos, ou o obriguem a formar a paſſagem de duas, ou de quatro piſtas: e tambem ſe deve iſto entender, trabalhando-o tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda. Deve o Cavalleiro conformar-ſe com a viveza, poſſibilidade, e difficuldades do ſeu Cavallo, pois nem todos podem ter velocidade correſpondente ás ſenſações que lhes fazem. Iſto ſuppoſto, paſſaremos a moſtrar o modo com que o Potro, ou Cavallo ſe deve formar na lição dos quatro circulos ao paſſo, e trote para a direita.

## *Diſpoſições para a lição dos circulos de quatro piſtas.*

A Lição dos circulos de quatro piſtas já temos dito que foi inventada pelo Marquez Duque de Newcaſtle; e entre todas as que ſe dão aos Cavallos, he grandemente util para os render flexiveis, e obedientes: ella faz bom effeito em toda a ſorte de Cavallos, reduzindo-os ao bom eſtado de voltar facilmente para obedecerem com promptidão ás ſenſações do freio, e eſporas, produzidas pelas mãos, e pernas do Cavalleiro, não ſó neſta, mas em todas as lições, e trabalhos, de que he ſuſceptivel a ſua capacidade.

Os Cavallos neſta lição trabalhão em linhas, ou piſtas naturaes, e a direcção circular os vai ſempre obrigando a dobrar-ſe do principio do ezofago Eſt. III. N. 23., e de todo o ſeu peſcoço, eſpaduas, e corpo, como ſe vê na Eſt. XVI.; a perna de dentro do centro por effeito do movimento circular entra para baixo do corpo, e ponto de gravidade: por conſequencia a piſta do pé de dentro vai ao menos ſeguindo o radio da linha da mão de dentro.

Neſte trabalho o Potro baixa a ſua meia anca da parte de dentro da volta, que

que de outra ſorte elle não poderia recolher a ſua perna de dentro bem para baixo do ventre. Eſta lição o facilita tambem muito dos movimentos dos braços, curvilhões, e travadouros; pois em cada paſſo que dá, a eſpadua dentro, e todo o braço pela paſſagem que faz por ſima, e por diante do braço de fóra, infallivelmente ſe vai deſembaraçando; e a garupa á proporção do que as articulações das eſpaduas ſe facilitão, ſe vence, e ſe deſembaraça tambem com o meſmo exceſſo, porque o Cavallo marca o terreno, como ſe moſtra na Eſt. XVII.

As eſpaduas do Cavallo neſta lição entrão preciſamente para o ponto do centro, e a garupa vai ſahindo á proporção para as linhas da maior circumferencia: o pezo da maior parte do corpo do Potro, e o pezo do corpo do Cavalleiro recahe (em quanto o Cavallo ſe conduz neſta acção) mais ſobre as eſpaduas, que ſobre a garupa, como confeſſa o ſeu Author. Iſto não obſtante, ella he util; e para o ſer, baſta a certeza que temos, de que faz entrar bem os Cavallos na mão.

## *Leis da lição dos quatro circulos pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro.*

1 DEve elle ſentar-ſe bem no meio da ſella, pezando com o equilibrio do ſeu corpo mais ſobre o coxim, e eſtribo de dentro, para fazer voltar, indireitar, e entrar com facilidade o Cavallo com as eſpaduas para o centro, ou elle ande para a direita, ou para a eſquerda.

2 Deve (ſe andar para a direita) avançar o ſeu quadril eſquerdo, e por conſequencia tambem a eſpadua de fóra, e ficar o tronco do corpo bem perfilado, e direito com os radios do circulo entre as arias das circumferencias, que vão marcando as piſtas das mãos, e pés do Cavallo.

3 Deve ligar-ſe com as ſuas pernas ao Cavallo bem igual ſobre os eſtribos, quando elle vai bem para diante, para que por meio de todas eſtas diligencias determine bem todos os ſeus movimentos.

## *Leis pertencentes á direcção dos movimentos dos corpos dos Cavallos neſta lição para a direita.*

1 ELles devem marcar o terreno com as piſtas das mãos, e pés em diſtancias iguaes de huma á outra, como ſe vê nas arias de entre as linhas dos circulos da Fig. 1. Eſt. XVII., o que não póde o Cavallo fazer ſem extender a ſua perna de dentro bem para baixo do corpo, e ponto de gravidade.

2 Deve o ſeu movimento ſer igual, ou ande de paſſo, ou de trote, ou de galope, tanto no balanço das eſpaduas, como no balanço da garupa.

3 Deve paſſar a mão, e perna de dentro ao paſſo, e trote bem por ſima, e por diante da mão, e perna de fóra, dobrando-ſe com igualdade para huma, e outra mão. Eſtas Leis ſe devem entender que tem o meſmo vigor tanto para a direita, como para a eſquerda.

Depois do Cavallo por meio das lições precedentes ſe achar que eſtá pelo

ſeu deſembaraço em eſtado de poder trabalhar na lição dos quatro circulos, para o reduzirem a determinar os ſeus movimentos mais igual, e facil de todas as partes do ſeu corpo, ſe o Cavalleiro o principia a formar neſta lição para a direita, póde, para o encaminhar com mais facilidade, ter as redeas do freio ſeparadas: iſto he, a redea direita do freio, e cabeção na mão direita, e a redea eſquerda do freio, e cabeção na mão eſquerda, para que a barbella, e a embocadura do freio com o movimento de huma, e de outra mão fação o Cavallo mais facil ás ſenſações produzidas pela meſma embocadura, e barbella nos aſſentos, e na barbada.

Tirando pois o Cavalleiro a ſua mão direita com mais alguma força para dentro, faz dobrar, e olhar o Cavallo para o centro, e mais ſe dobrará ſe com a ſua mão de fóra o ajudar, trazendo-a muitas vezes para o centro: ao meſmo tempo que a mão vem para dentro, lhe devem fazer ſentir as pernas ambas, a de dentro pouco mais atrás das cilhas; e a de fóra entre as cilhas, e a eſpadua eſquerda, para que a de dentro faça ſahir a garupa bem para a circumferencia, e a perna de fóra ajude a ſuſtentar, e trazer as eſpaduas para o centro.

Ordinariamente querendo os Cavalleiros formar os Cavallos na lição dos quatro circulos, coſtumão eſtes buſcar muitos modos de ſe defenderem da ſujeição a que os conduz eſte trabalho: e he preciſo muitas diligencias para elles ſe chegarem a formar na acção, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XVI.

*Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição dos quatro circulos, dobrado para a direita, com o freio, e cabeção ao paſſo, e trote.*

*Defezas, que ordinariamente buſcão os Cavallos para fugir deſta lição.*

ALguns Cavallos, quando os obrigão a formar-ſe neſta acção, ſeja para huma, ou para outra mão, dobrão o peſcoço, e dão o focinho muito para dentro, por ſe lançarem ſobre a eſpadua de fóra: os que buſcão eſta defeza commummente ſão pouco deſembaraçados, tem pouca força, ou máo feitio de cabeça, peſcoço, e eſpaduas.

Outros entrão com a garupa muito para o centro; e ſem fazer caſo das ſenſações, com que os obrigão as pernas do Cavalleiro, rolão para fóra. Elles ſe conduzem aſſim abandonados ſobre a mão, e pernas, porque ſão fracos dos ſeus ligamentos do eſpinhaço, e quadrís, ou por terem pouca ſenſibilidade no ventre, e na boca.

Ha tambem alguns Cavallos, que obrigando-os os Cavalleiros a formar-ſe neſta lição, entezão o peſcoço; e ſem querer dobrar-ſe, fogem com o focinho para fóra: eſtes ordinariamente ſão ignorantes.

Ou-

Silva delin. Freis sculp.

Outros finalmente lhes cuſta muito dobrar-ſe bem neſta acção, por ſerem curtos do peſcoço, e terem máo movimento na garupa: as ſuas defezas commummente são ficar para trás, e rolar muito para fóra: eſta he a peior defeza, que elles podem buſcar, e ordinariamente os que ſe valem deſtes recurſos, são mal intencionados.

## *Modo de evitar que os Cavallos ſe deixem poſſuir de alguns deſtes defeitos.*

SE dobrarem o peſcoço muito para dentro, quando andão para a direita, por ſe lançarem ſobre a eſpadua eſquerda, deve o Cavalleiro fortalecer-ſe na acção da ſua figura repetidas vezes, conforme a primeira lei deſta lição, trazendo amiudadamente a ſua mão eſquerda de unhas aſſima para dentro da volta, avançando mais a eſpadua eſquerda com toda a parte do tronco do corpo, e ainda o quadril, e perna de fóra, no tempo em que traz a mão para dentro: neſte caſo ſe atraza á proporção a eſpadua direita, e a mão direita ſe conduz de unhas abaixo para o centro, apôs iſto ſe reforção inſtantaneamente as ſenſações da perna direita logo atrás das cilhas, e as da eſquerda entre a primeira cilha, e a eſpadua de fóra, firmando-ſe mais ſobre o eſtribo de dentro, para com o pezo do corpo, e força das ſenſações das mãos, e pernas obrigar o Cavallo a entrar com as eſpaduas para o centro, e ſahir com a garupa igualmente para a circumferencia.

Se entrar com a garupa muito para o centro, ſeja por uſar mal das eſpaduas, e ancas, ſeja por ſer pouco ſenſivel da boca, e ventre, além de o obrigarem com a mão eſquerda, trazendo-a repetidas vezes de fóra para o centro, devem obrigallo muito pouco com a mão direita, e com ambas as pernas fazello entrar bem para diante, fazendo com o corpo hum quarto de circulo, como ſe vê na Eſt. IV. Fig. 10., perfilando o hombro direito com o radio do circulo de A para E, fortalecendo o equilibrio de todo o corpo mais ſobre o eſtribo de dentro da volta, e fazendo-lhe ſentir a vara ſobre a garupa, tendo alguma couſa o corpo atrás, e firme no tempo em que a mão ſegura a redea de fóra para dentro, pois que todas eſtas diligencias o obrigão a uſar mais, e melhor da ſua garupa, a entrar com a perna direita para baixo do ventre, e a levantar-ſe por diante, e entrar com as eſpaduas mais facilmente para o centro.

Se o Cavallo he pouco flexivel do peſcoço, e ſem querer dobrar-ſe para dentro, foge com a garupa, ou róla para fóra, deve o Cavalleiro ter as ſuas mãos ambas muito brandas de unhas aſſima, a direita alguma couſa mais alta que a eſquerda, e do cepilho da ſella para fóra, pezando igualmente ſobre hum, e ſobre outro eſtribo, unindo-lhe inſtantaneamente, e repetidas vezes as pernas ambas ao ventre com huma força proporcionada á ſua ſenſibilidade, para o fazer entrar para diante, e obedecer ás mãos, e ás pernas, ſegundo as diligencias, que o Cavalleiro preciſa empregar para o reduzir.

Em taes caſos he bom fazello paſſar muitas vezes de mão, ſegurando-lhe ſempre na paſſagem a perna de fóra com mais actividade, porque iſto o vai facilitan-

do para obedecer bem á mão, e á perna; e ſe com effeito he tão obſtinado no ſeu erro, que não baſtão para o ir remediando eſtas diligencias, então neſta caſta de Cavallos he bom pôr-lhes a guia, e ajudallos com ella, e com o chambrié, ou com o açoute, a que vão obedecendo ás diligencias que temos eſpendido, para o fazer entrar na mão, e marcar o terreno, como ſe moſtra nas linhas da Eſt. XVII. Fig. 1.

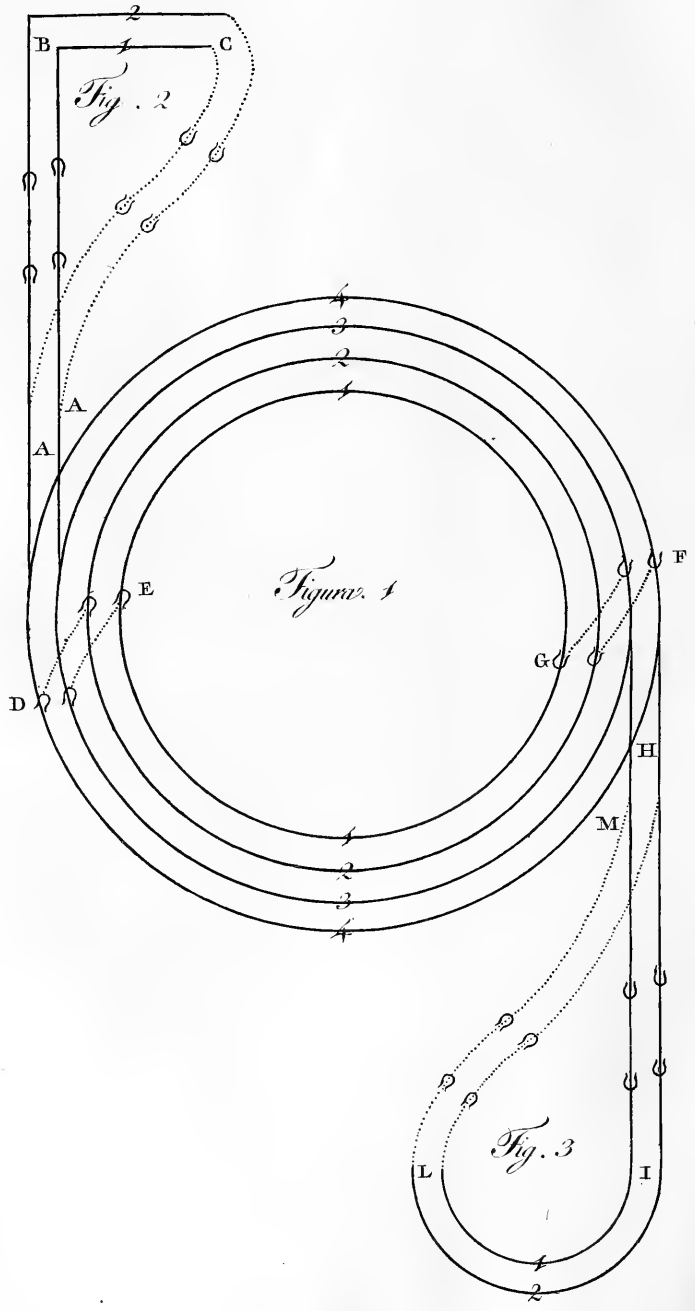
Trabalhando o Cavallo na lição dos quatro circulos com perfeição, deve elle alargar-ſe tanto da garupa, e unir-ſe de ſorte das eſpaduas, que ſem perder tempo no ſeu movimento volte com tanta facilidade, e tão dobrado, que o Pilão, que lhe ſerve de ponto de centro, que lhe fique ſempre pela parte de fóra da eſpadua eſquerda, em quanto anda para a direita: então elle ſe formará na boa acção, que ſe moſtra na Eſt. XVI., e ſerá tão facil em voltar, que ſe o Cavalleiro lhe der de repente as mãos, ou affrouxar as redeas, ſem dúvida voltará ſobre a direita, ou para o centro.

## *Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda ao paſſo, e trote neſta lição.*

PAra paſſar de mão da direita para a eſquerda, commummente quando o Cavallo ſe mover com mais facilidade, e for mais diſpoſto para obedecer, então o podem obrigar a partir pelas linhas da letra A, ſahindo do terreno, em que formava os circulos, dous, ou tres comprimentos do corpo do Cavallo, ou mais eſpaço, ſe for preciſo, fazendo-o marchar ſobre as linhas rectas da Fig. 1. para a Fig. 2. Eſt. XVII., e da letra B obrigallo com a mão eſquerda, trazendo-a de unhas aſſima para o centro, para da letra C dar principio ao meio circulo do angulo, e ir completar a paſſagem ſobre as linhas da letra A, em que o devem fazer acabar de deſdobrar de toda a acção da direita para a eſquerda.

Tendo o Cavalleiro chegado ao vertice do angulo ſobre as linhas dos circulos da Fig. 1., deve avançar o ſeu quadril, e eſpadua direita, atrazar a eſpadua, e quadril eſquerdo, ſeguindo com as ſuas mãos, e pernas promptamente eſtes movimentos, e logo ſuſtentará a mão eſquerda de unhas aſſima, a direita de unhas abaixo, a perna eſquerda mais atrás das cilhas, a direita entre a primeira cilha, e a eſpadua, fortalecendo, e modificando a actividade de todas eſtas ſenſações á proporção da obediencia, que ellas vão conſeguindo do animal, para ſe formar na viſtoſa acção, que ſe moſtra na Eſt. XVI.

ES-


2
B
1
C
Fig. 2
A
A
4
3
2
1
E
Figura 1
F
G
D
H
M
1
2
3
4
L
I
Fig. 3
4
2

## ESTAMPA XVII.

### *Do modo com que o Cavallo marca os circulos de quatro piſtas para a direita, e fórma com facilidade as paſſagens de mão ao paſſo, e trote.*

MArchando o Cavallo ſobre a direita, marca com a mão direita o circulo N. 1., com a eſquerda o N. 2., com o pé direito o N. 3., e com o pé eſquerdo o N. 4., como ſe vê nas piſtas da Fig. 1. D, E, F, G.

A ſituação, em que trabalha a mão eſquerda do Cavalleiro, e a força centrifuga da dobra do corpo do Cavallo difficultão ao Cavalleiro grandemente avançar a ſua eſpadua direita, e atrazar á proporção a eſquerda ao paſſar de mão para eſta parte; e quanto menor he a circumferencia, em que o Cavallo ſe move, mais creſce eſta difficuldade: igualmente quanto mais a eſpadua direita do Cavalleiro ſe avança, e a eſquerda ſe atraza, tanto mais direito fica o corpo do Cavalleiro no meio da ſella, e o Cavallo obrigado a voltar com facilidade para a eſquerda.

Se quando o fazem paſſar de mão ſobre o angulo recto, e o Cavallo ſe vai anteparando, ſeja por ter vontade de ficar para trás, ſeja por ſe entortar das eſpaduas, e garupa, então o devem arredondar das ſuas eſpaduas, fazendo-o voltar em hum ſemicirculo, ou pequenos circulos, como ſe vê na Fig. 3., tendo-o feito partir dos circulos da Fig. 1. pelas linhas da letra H; e logo que chegar a I, fazello voltar huma, ou mais vezes até elle andar facil, e direito entre as mãos, e pernas do Cavalleiro: então da letra L o irão fazer acabar de completar a paſſagem da Fig. 3. letra H para os circulos da Fig. 1., obſervando a regularidade da paſſagem, como fica notado, no modo de a formar no angulo recto da Fig. 2.

### *Lição dos quatro circulos para a eſquerda ao paſſo, e trote.*

SE o Cavallo duvidar formar-ſe bem neſta acção para a eſquerda, aſſim como elle deve formar-ſe nella para a direita, ſeja por algum dos motivos, de que já tratámos, ſeja por outro qualquer caſo, ſempre o devem ir encaminhando com as mãos, e pernas, equilibrio, e contrapezo do corpo, de ſorte que o fação igual nos ſeus movimentos, facil, e prompto em voltar, logo que ſentir a mais leve ſenſação das mãos, e pernas do Cavalleiro.

He certo que a garupa faz maior circulo que as eſpaduas, em quanto o Cavallo trabalha neſta lição; e não obſtante iſſo, elle em cada ſegundo tempo da garupa unirá a ſua perna, e anca de dentro á perna, e anca de fóra, e aſſim fará hum balanço igual neſtas partes do corpo, de ſorte que os ſeus movimentos irão reduzindo os membros, e ligamentos do eſpinhaço, quadris, ancas, curvilhões, e travadouros á deſejada igualdade.

As eſpaduas quanto mais entrão para o centro, menos movimento hão de ter, iſto he, mais apertado ha de ſer o ſeu movimento; e por iſſo quando o Caval-

vallo trabalha neſta lição, tem menos ar nas eſpaduas, do que tem quando anda pelo direito, e quadrado; porém como a eſpadua de dentro ſe une á de fóra em cada primeiro tempo, em que o Cavallo ſe move, e a mão, e braço eſquerdo por effeito do movimento circular paſſa por ſima, e por diante da mão, e braço direito, em quanto anda dobrado para a eſquerda, neceſſariamente o Cavallo ha de adquirir muita facilidade nos ſeus movimentos. Eu diſſe neſta lição, que em quanto o Cavallo anda dobrado para a direita, elle paſſa a mão direita por ſima, e por diante da mão eſquerda, e o pé direito por ſima, e por diante do pé eſquerdo; e quando anda para a mão eſquerda, cruza a mão eſquerda por ſima, e por diante da mão direita, e o pé eſquerdo por ſima, e por diante do pé direito: logo por conſequencia o ſucceſſivo balanço, que vai fazendo em cada tempo que ſe move, recahe ſobre os ſeus ligamentos das eſpaduas, eſpinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões, de ſorte que os vai deſembaraçando igualmente.

Newcaſtle para diſpôr os Potros, e Cavallos para as mais lições, trabalhava-os nos circulos de Pignateli, e na lição dos quatro circulos, que elle inventou; e logo que eſtavão flexiveis das eſpaduas, uſavão bem da ſua garupa, e por conſequencia principiavão a obedecer, elle os fazia paſſar a outras lições, finalizando-lhe ſempre o trabalho pela lição dos quatro circulos; e ſendo eſte o methodo mais efficaz para diſpôr os Cavallos para as mais lições, antes que moſtremos como elles marcão o terreno, andando ſobre a eſquerda, e devem formar as paſſagens de mão da eſquerda para a direita, diremos o modo, com que ſe deve regular aos Cavallos a velocidade do movimento do trote para elle lhe ſer util.

## *Da velocidade do movimento do trote.*

AInda que eu trato cada huma lição de per ſi, ſem confundir humas com outras, por não fazer dúvida, com tudo muitas vezes he preciſo para o trabalho ſer util aos Potros, ou Cavallos, paſſallos de humas para outras lições, e regular-lhes a velocidade do movimento pela ſua poſſibilidade, e difficuldades: motivos, por que ſe elles nos principios dos Potros trotarem com deſigualdade, ſeja porque os movimentos da ſua garupa são deſiguaes, ſeja porque os movimentos das eſpaduas são prezos, ou tambem por ſer mal formado, ſer froxo, ou padecer alguma moleſtia, deve o Cavalleiro regular-lhe de tal ſorte o trote, que lhe vá ajuſtando a deſigualdade do ſeu movimento, ainda paſſando-o deſta para aquellas lições, que lhe parecerem mais convenientes. Eu confeſſo ha difficuldades, que a Arte não póde remediar, como são a fraqueza, a má conſtrucção, e a moleſtia; mas recommendo que ſeja a lição bem applicada para conſeguir do animal todo o preſtimo que delle ſe póde tirar.

Para formar bem a lição do trote aos Cavallos, que tem froxos os movimentos das eſpaduas, que são compridos, e tem as pernas demaziadamente direitas, ou pelo contrario muito curvas, o peſcoço mal formado (a que commummente chamão peſcoço de cervo, ou ás avéſſas) ou são muito ſellados, e por ſer aſſim não podem firmar-ſe ſobre a ſua garupa, e uſar bem della, e das eſpaduas, eſpinhaço,

e

e peſcoço, ſe os trotarem em hum trote muito avançado nos ſeus principios, em elles não podendo ſuſtentallo (porque lhe ſervem de embaraço as más circumſtancias que tenho dito), neceſſariamente hão de tomar hum movimento relaxado, ſem vigor, e ſem graça, e nunca mais ſe poderá remediar eſte erro, que ſe lhe augmentou com a má lição, e coſtume, o qual ſem dúvida tem hum grande poder, e influxão ſobre ſemelhantes animaes.

Os Cavallos, que nos ſeus principios tiverem todas, ou parte das más circumſtancias, que tenho ponderado, devem ſer tratados pelo direito, e quadrado em hum trote mais vivo, e diligente, do que ſe trotaſſem na lição dos quatro circulos; e logo que elles principiarem a entrar na mão, o Cavalleiro lhes deve ir fazendo algumas meias paradas, e paradas, tendo o corpo atrás, e firme, mas ſem força, e da meſma fórma as ſuas mãos quanto baſte, para que o Potro ſe vá brandamente detendo, e igualando nos ſeus movimentos, e vá ſeguindo com as ſuas ancas as linhas parallelas das eſpaduas, e ſe vá unindo cada vez mais ſobre a garupa.

Principiando elle a obedecer, deve o Cavalleiro render-lhe muitas vezes a mão, e fazer-lhe conhecer, e ſentir as pernas quanto for preciſo, para que vá para diante; e ſem forçar a mão, ſe determine a marchar com igualdade.

Não ſe devem dar aos Potros as lições muito dilatadas ſem lhes dar folgo; e quando os pararem, devem marcar-lhes as paradas de dous, ou mais tempos, ſe for preciſo, para que o eſpinhaço, rins, e curvilhões não padeção os esforços, que de os pararem de hum tempo, e forte, podem reſultar, maiormente em quanto elles por ignorantes andão deſunidos, e deſiguaes.

Faço eſta recommendação, porque tenho obſervado que todas as vezes que o Cavalleiro pára o ſeu Cavallo forte, e de hum tempo neſta lição (ſendo ainda Potro, e mal unido) elle, ao marcar da parada no primeiro tempo, entra com as pernas, e parte das ancas para baixo do ſeu corpo, e faz o ſegundo tempo das eſpaduas, recuando alguns paſſos para trás. Iſto juſtifica bem não poder eſta qualidade de paradas ſer util para diſpôr os Potros, que não tem governo, e que são mal formados, e fracos, ainda que ellas ſirvão bem para render aquelles, que vão á mão, e que além da ſufficiente idade, tem baſtantes forças na garupa, rins, e curvilhões, e querem fazer dellas máo uſo.

Sendo o Potro deſigual, e torto no ſeu modo de ſe mover, o Cavalleiro o deve ir indireitando, principalmente das eſpaduas, fazendo-lhe muitas meias paradas, para que ſiga com as ancas as linhas parallelas das piſtas das mãos, e para aſſim ſe ir regulando na igualdade dos ſeus movimentos, e diſpondo para ſe firmar na mão, e ſobre as ancas. O movimento do trote deve ſer firme, e proprio á ſua conſtrucção, e poſſibilidade; mas de ſorte regulado, que o Potro vá ſempre para diante: advertindo que ſe elle entrar muito na mão, devem trotallo mais curto, e manſo para ſe unir, e ſentir com mais attenção as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro: iſto ſerve tambem para lhe fazer recolher a cabeça, uſar melhor da ſua garupa, ſem ſe entezar dos movimentos della, nem relaxar dos movimentos das eſpaduas.

He

He verdade que Newcaſtle recommenda não trotem os Potros nos ſeus principios em hum trote curto, unido, e detido, em quanto elles não eſtão flexiveis, deſembaraçados, e iguaes; mas eu creio que eſta flexibilidade, deſembaraço, e igualdade, que elle recommenda, ſe lhe adquire, regulando a lição aos Potros, e Cavallos pela ſua diſpoſição, e circumſtancias, e não dar a toda a ſorte de Cavallos por uſo, e coſtume o meſmo trabalho, e lição, pois a regularidade do movimento que lhe he proprio, he que conſtitue o Cavallo na viſtoſa acção, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XVIII.

### *Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo com o freio, e cabeção na lição dos quatro circulos ao paſſo, e trote para a eſquerda.*

### *Advertencias ſobre o modo de regular o trote aos Cavallos deſtinados para a lição dos quatro circulos.*

SE o Potro for igualmente largo das ſuas eſpaduas, rins, e garupa, for curto do eſpinhaço, e por conſequencia nervoſo, e forte, então lhe devem formar hum trote diligente, ou bem avançado, ſeja por todo o comprimento do terreno, ſeja ſobre os circulos, mas igual, para que da deſigualdade não vão reſultando aos Potros, ou Cavallos movimentos máos, que muitas vezes declinão em perniciosos vicios bem difficultoſos de remediar.

Digo que ſeja o trote diligente, avançado, e igual a eſta caſta de Cavallos, para que elles ſejão mais engraçados nos ſeus movimentos, repartão as ſuas forças com igualdade, e tenhão o maior deſembaraço que ellas, e a ſua conſtrucção lhes permittem: bem entendido, que ainda a eſtes meſmos, ſe elles ſe apoiarem muito ſobre a mão, deve o Cavalleiro ir unindo, e pondo ſobre a garupa.

Se o Potro, quando trotar, recolher para baixo do ſeu corpo mais huma, do que outra perna, cuidará muito o Cavalleiro em remediar eſte defeito. Se for a perna direita a que mais ſe avance para baixo do ventre do Potro, ou Cavallo, devem trabalhallo para a parte eſquerda ſobre hum curto circulo em hum trote unido, fazendo-o determinar o movimento com muita igualdade, a fim de que a ſua perna direita faça hum circulo maior, e ſe dobre menos no quadril, curvilhão, e travadouro direito, e á proporção vá dobrando mais o quadril, curvilhão, e travadouro eſquerdo.

Devem trabalhar menos para a mão direita o Cavallo que tiver eſte defeito, e ſobre as linhas direitas: o ſeu trote deve ſer mais avançado, ſem o obrigar a que ſe dobre das cilhas para trás, ſem lhe fazer para eſta mão paradas fortes, nem ainda meias paradas; e ſe o Cavallo as preciſar, devem ſer feitas ſobre a mão eſquerda, para pouco a pouco lhe ir minorando o ſeu defeito: digo que ſe deve iſto aſſim praticar, porque em quanto elle tiver eſte coſtume, ou natural, ou adquirido, não

ſe-

Estamp. 18 Pag. 208

Silva delin. Fray Sculp Lx

ferá duro das eſpaduas, e peſcoço para a direita, nem finalmente deixará de voltar com facilidade para aquella parte, para onde elle abaixa, e recolhe a meia anca, e perna para baixo do corpo.

Da meſma ſorte ſe o Cavallo for irto, e tezo da ſua perna direita, não a dobrando, e recolhendo bem para baixo do ventre, então lhe ſerve muito o trabalho dos circulos, tanto curtos, como largos para a direita, obrigando-o a que ſe dobre das cilhas para trás, principalmente para aquella mão, para que elle tem menos movimento.

Se o Potro, ou Cavallo ſe lançar mais ſobre a eſpadua direita, que ſobre a eſquerda, além de o deitarem á guia para a mão direita, dando-lhe com ella alguns toques para trás, entrando elle para diante, e para o centro: depois de montado o Cavalleiro, deve trabalhar as redeas (ſeja do freio, e cabeção, ou correas de vencer) com a mão de dentro de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua de fóra da volta, dando-lhe alguns toques para fóra, para que a eſpadua direita do Cavallo ſe vá unindo á eſpadua eſquerda: bem entendido, para que vá unindo ſempre a de dentro á de fóra. O meſmo ſe deve praticar, quando o Potro ſe lançar mais ſobre a eſpadua eſquerda que ſobre a direita, trabalhando-o para a mão eſquerda, da meſma ſorte que temos dito o trabalhem para a direita; mas em ſe vencendo a difficuldade, he neceſſario trabalhallo igualmente para huma, e outra parte.

Se o Potro for preguiçoſo, e tiver pouca vontade de andar para diante, devem avançallo com hum trote alegre, e vivo; mas não tão comprido, que vá alcançando a cada paſſo com os pés as mãos, que iſto he ſignal de não poder com movimento de trote tão largo, e tambem delle avançar mais para baixo do corpo huma, do que outra perna, ou por ſe alargar muito da garupa, marcando ambas as linhas das piſtas dos pés por fóra das linhas das piſtas das mãos.

Sendo a fraqueza a cauſa de ſe alcançar, então lhe devem formar hum trote mais unido, para que eſte fique ſendo util ao Potro, tanto pelo que reſpeita á ſua conſtrucção, como á ſua poſſibilidade.

Se o Potro ſe alargar das pernas, por não dobrar os curvilhões, o ſucceſſivo trabalho dos circulos o fará uſar bem dellas, e o ſeu trote deve ſer diligente, fazendo-o tirar muitas vezes atrás (em quanto elle não ſe coſtumar) com brandura, e manſidão.

Se recolher a perna direita mais para baixo do ſeu ventre, e por iſſo ſe alcançar, quando o tirarem atrás, deve ſer ſobre a eſquerda, e da meſma ſorte o devem trabalhar em circulos mais curtos para a eſquerda, e mais largos para a direita; e em quanto trabalhar ſobre os circulos para a eſquerda, he bom fazer-lhe entrar as eſpaduas bem para o ponto do centro, e por conſequencia fazer ſahir a garupa á proporção para a circumferencia: e antes de o paſſarem de mão ſerá conveniente fazello trabalhar alguma couſa com a cara contra a muralha, ſem uſar deſte recurſo, quando o fizerem paſſar da direita para a eſquerda.

*Motivos, por que o movimento das eſpaduas dos Potros podem ſer deſiguaes: e o modo de os remediar.*

O Potro póde ter o movimento das ſuas eſpaduas deſigual, e perto da terra, por ſer dellas pouco vigoroſo; por alargar com exceſſo os curvilhões, tendo as pernas tezas para fóra do ventre; por ſer baixo da agulha; por ter o movimento das eſpaduas froxo, e menos activo, e diligente que o da garupa; por ter as eſpaduas carnoſas; por ter as canas, ou as canellas dos braços mais curtas, que os oſſos das tibias, e canellas das pernas; por ter os joelhos encrunhados; e por ſer demaziadamente quarteludo, ou topinho. Neſtes caſos ſempre o devem trotar em hum movimento igual, e o mais proprio ás ſuas difficuldades.

*Do Cavallo quarteludo.*

SE o Potro tiver as quartelas compridas, o peſcoço comprido, e for alguma couſa fellado, o ſeu trote deve ſer igual, e mais unido, para que não ſe vença, e relaxe tanto, que chegue a abandonar-ſe ſobre a mão, ou ſe arruine dos rins, canas, e travadouros.

*Do Cavallo topinho.*

SE o Potro tiver as quartelas curtas, as mãos eſquerdas, e os codilhos juntos, devem trotallo em hum trote igual, ſeguido, e vivo, e mais pelo direito, que ſobre os circulos, fazendo-lhe muitas meias paradas, e fazendo-o trotar pelo largo na lição da eſpadua dentro, e na lição da cara contra a muralha; porque aos Cavallos, que tem eſtes defeitos, he muito difficultoſa a lição dos quatro circulos.

Pignateli, La Brove, e Newcaſtle ſem dúvida fazião trabalhar todo o genero de Potros, e Cavallos em hum trote proporcionado á ſua conſtrucção, e difficuldades; e logo que elles principiavão a obedecer, e a entrar na mão, certamente os mandavão unir por meio das meias paradas, das paradas, e falcadas, da lição do recuar, da lição das curvetas, e das mais diligencias, que ſe tem por meio da Arte deſcuberto mais proprias para unir os Cavallos, e pollos deſembaraçados ſobre a ſua garupa.

Na lição dos quatro circulos mandava Newcaſtle indireitar aos Potros, e Cavallos as eſpaduas, trazendo o Cavalleiro muitas vezes a ſua mão de fóra para o centro, tornando-a a levar ao ſeu lugar, não ſó para as eſpaduas ſe unirem huma á outra, iſto he, a de fóra á de dentro, ſe o Cavallo ſe lançava mais ſobre ella, que ſobre a de dentro; mas tambem para alliviar-lhe o ſentimento, que produz o freio na boca ſobre os aſſentos: iſto he, bom para coſtumar o Cavallo a voltar com facilidade, para as eſpaduas ſe levantarem mais ſobre a garupa, e para acudir melhor a huma, e outra redea.

## *Do modo de trazer a mão de fóra para o centro na lição dos quatro circulos.*

A Mão eſquerda, quando entra da direita para a eſquerda, deve entrar alguma couſa de unhas abaixo; e quando entra da eſquerda para a direita, deve entrar de unhas aſſima: os meſmos movimentos deve fazer a mão direita; advertindo que as mãos devem entrar da cernelha para o centro ſómente quanto baſte a fazer entrar, e indireitar o Potro no terreno para ſe formar bem na acção, em que trabalha.

Se o Cavallo preciſar paſſar da lição dos quatro circulos para a lição do quadrado longo, ou quadrado regular, não he preciſo que o Cavalleiro deixe de uſar da ſua perna de fóra, pois a mudança de ajudas neſte caſo não facilitão o Cavallo; e ſó quando voltar nos angulos, deve o joelho, e toda a perna do Cavalleiro da parte de fóra affroxar-ſe mais, e unir-ſe entre a primeira cilha, e a eſpadua, quando as mãos entrão para o centro, para que as ancas fiquem com mais liberdade, e ſigão os quadrís as linhas circulares, por que ſe conduzem as eſpaduas.

He iſto facil para a mão direita; mas para a mão eſquerda tem mais difficuldade, maiormente ſe o Cavalleiro não coſtuma trabalhar as redeas do freio ſeparadas, quando principia a formar aos Potros eſtas primeiras lições, pois eſte bom coſtume rende os Cavallos, que ainda ignorão, mais depreſſa flexiveis. Os meſmos Cavalleiros, ſeguindo a melhor opinião, ſendo coſtumados a trabalhar as redeas ſeparadas, quando são Principiantes, depois são mais iguaes nos ſeus movimentos para huma, e outra parte, do que ſendo diſpoſtos nos ſeus principios, ſuſtentando ſempre as redeas do freio unidas na mão eſquerda, em quanto elles tem pouca facilidade, e deſembaraço.

Tambem ſe deve entender que o Cavalleiro tira a ſua mão para dentro, quando pucha pelas redeas de dentro, levando a mão até á caixa do fundo da ſella. Eſte modo de tirar a mão para dentro ſerve para dobrar ao Cavallo o peſcoço, cernelha, eſpaduas, e corpo, tanto para huma, como para outra parte: advertindo que quanto mais a mão de dentro tira a redea, ou redeas para trás da caixa do fundo da ſella, tanto mais o Cavallo ſe dobra, e abaixa a cabeça.

Newcaſtle mandava aos ſeus diſcipulos trazer as redeas ſeparadas, quando principiavão a formar os Potros na lição dos quatro circulos; mas a mão de dentro, além de trabalhar de unhas aſſima, queria que andaſſe alguma couſa mais alta, que a de fóra, como ſe vê nas Eſtampas da ſua Obra, a fim de que o Cavallo ſe dobraſſe, dando o bico para dentro, ſem abaixar tanto a cabeça. Porém como a conſtructura dos Cavallos, as ſuas diſpoſições, e difficuldades differem ſempre muito em huns dos outros, he forçoſo ao Cavalleiro ſuſter, e trazer a mão deſtes dous modos para dentro, e eſcolher aquelle, que vir he mais util ao Cavallo para o reduzir com mais facilidade, e com mais graça no modo de ſe mover, e de ſe dobrar.

Eſtas, e outras reflexões devem fazer os Cavalleiros para utilizar a lição aos

ſeus Cavallos, e não obſtante o modo de os trotar, em attenção ás ſuas difficuldades, deve ſempre variar ſegundo a occaſião, e o caſo, ou circumſtancias do animal o pedirem.

A' proporção do deſembaraço, e obediencia que o Potro vai tendo á mão, ás pernas, e mais movimentos, e ajudas, que para o render obediente lhe miniſtra o Cavalleiro, o deve eſte ir continuando a diſpôr pela lição dos quatro circulos, trazendo-o muitas vezes de outras a eſta lição, paſſando-o tambem deſta áquella, que lhe parecer mais conveniente, ou tambem parando-o, quando elle faz alguns paſſos bem; pois que ſendo iſto aſſim praticado, he hum modo admiravel de deſembaraçar os Potros, maiormente ſendo applicada eſta lição por hum Cavalleiro, que ſabe conhecer bem as ſuas difficuldades. Finalmente, o Potro quando trabalha na lição dos quatro circulos para a eſquerda, deve formar-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. XVIII., e marcar o terreno, como ſe vê nas piſtas da

## ESTAMPA XIX.

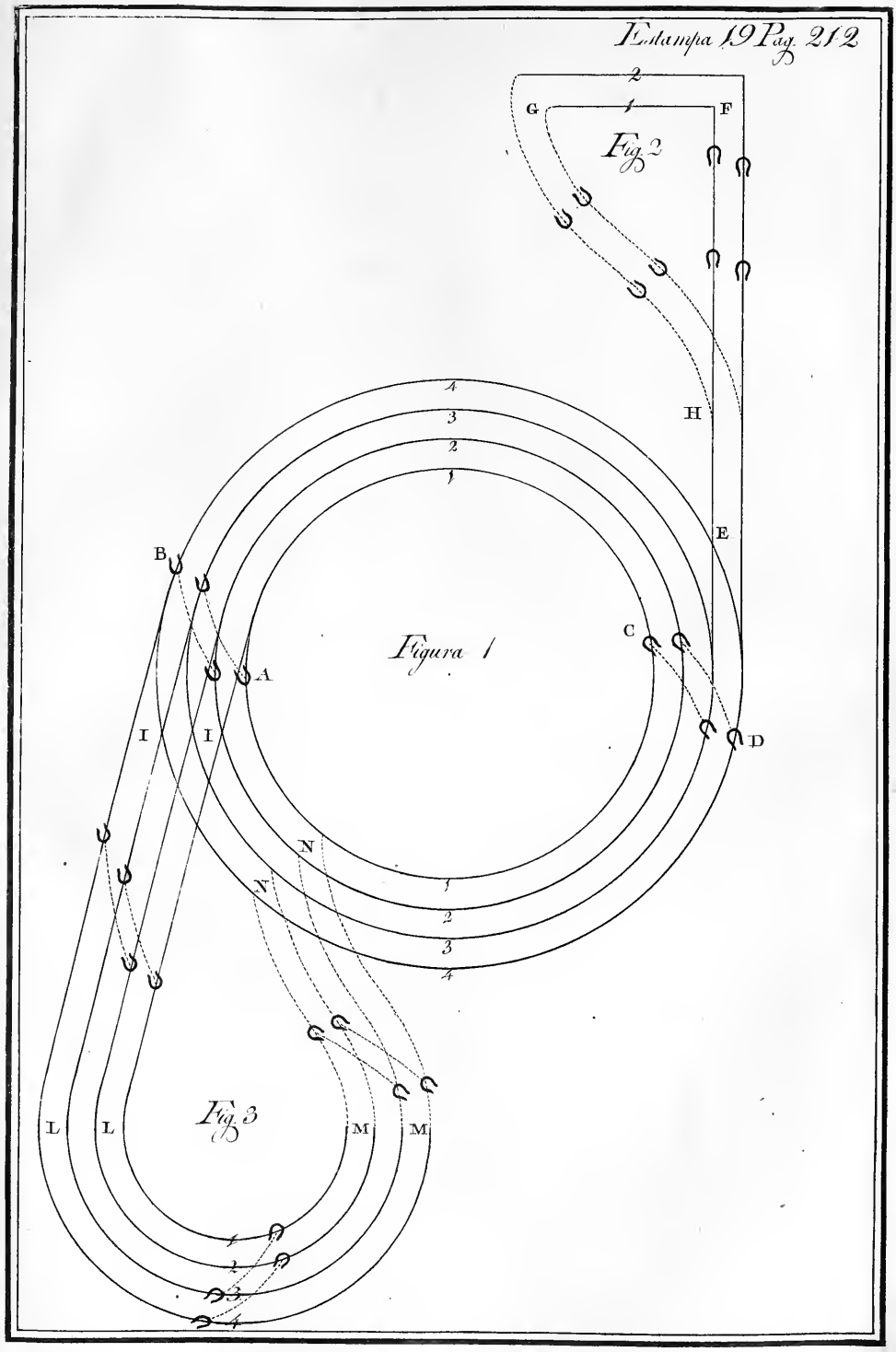
*Na qual ſe moſtra o modo, com que o Cavallo marca no terreno com os pés, e mãos os circulos de quatro piſtas para a eſquerda, ao paſſo, e trote: e o modo de formar as paſſagens de mão.*

A Piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1. da Fig. 1. a da mão direita o do N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4. da maior circumferencia.

Já diſſe o modo de paſſar de mão da direita para a eſquerda; agora direi como ſe fórmão as paſſagens de mão mais faceis, fazendo paſſar o Cavallo da eſquerda para a direita.

Eſtando o Potro, ou Cavallo com mais facilidade, e obediencia, ſe póde obrigar a partir das linhas da maior circumferencia, que vai marcando com as piſtas da garupa, como ſe vê na Fig. 1., e da letra E ſahir dous, ou tres comprimentos do corpo do meſmo Cavallo pouco mais, ou menos, fazendo-o marchar ſobre linhas rectas da Fig. 1. para a Fig. 2., e da letra F obrigallo com a mão direita, trazendo-a de unhas aſſima para o centro, fazendo-o marchar até á letra G para ir completar pelo meio circulo do angulo, ou linhas de pontinhos a paſſagem ſobre as linhas da letra H, em que lhe deve fazer entrar as eſpaduas para o centro, e continuar a marcar o terreno, como ſe moſtra nas piſtas da Fig. 1. Eſt. XIX.; e chegando ao vertice do angulo ſobre as linhas dos circulos da Fig. 1., deve o Cavalleiro, no tempo em que deſdobra o Cavallo da eſquerda para a direita, trazer a ſua mão eſquerda de fóra para o centro, affroxar as redeas eſquerdas, fortalecer as direitas, pôr a mão eſquerda de unhas abaixo, e a direita de unhas aſſima, avançar o ſeu quadril, e eſpadua eſquerda, atrazar a eſpadua, e quadril direito, fortalecendo (em elle entrando com as eſpaduas para o centro) a ſenſação da perna

Estampa 19 Pag. 212



na direita mais atrás das cilhas, unindo a eſquerda entre a primeira cilha, e a eſpadua, reforçando, e modificando a actividade de todas eſtas ſenſações, de ſorte que em hum movimento igual vá conduzindo, e formando o Cavallo na acção que ſe moſtra na Eſt. XVI. A meſma igualdade de acção lhe devem fazer obſervar, quando o fazem paſſar de mão da direita para a eſquerda, como ſe vê na Eſt. XVIII.

Se o Cavallo quando o paſsão de mão ſobre o angulo recto fica muito para trás, ou entra muito para diante, elle ſe lança mais para huma, que para outra parte, deſigualando-ſe dos movimentos dos braços, e ancas, devem arredondallo das ſuas eſpaduas, e garupa ſobre hum circulo já de duas, ou de quatro piſtas, como ſe vê na Fig. 3. Eſt. XIX.; advertindo que logo que dão principio á paſſagem, devem ſegurar-lhe as eſpaduas pelas linhas da letra I bem para o centro, e fazer-lhe ſahir a garupa bem para a circumferencia: e logo que elle chega ás linhas da letra L, devem fazello voltar algumas vezes ſobre hum pequeno circulo até elle ſe determinar com mais facilidade, e obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, então da letra L, e M o irão fazer completar a paſſagem N da Fig. 3. para a Fig. 1.

O Cavallo quando fórma eſta paſſagem, ou os ſemicirculos de que tratamos, marca a linha N. 1. com a piſta da mão eſquerda o N. 2., com a piſta da mão direita o N. 3., com a piſta do pé eſquerdo, e com a piſta do pé direito o N. 4., como ſe vê nas piſtas da Fig. 3.

A garupa faz maior gyro que as eſpaduas, tanto para a direita, como para a eſquerda: logo por conſequencia as eſpaduas terão menos movimento ſobre a direita, e ſobre a eſquerda. O Cavallo por meio deſta lição entra na mão, e adquire a facilidade de voltar com promptidão para huma, e outra parte.

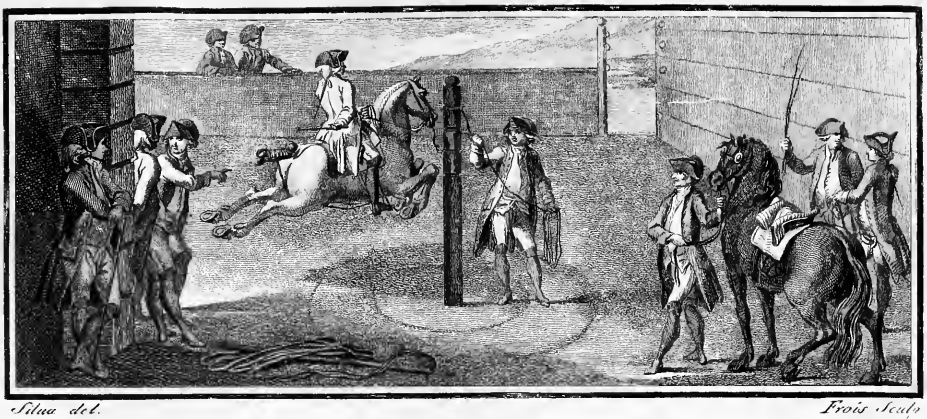
Finalmente quando os ſemicirculos são formados junto a algum dos angulos do Picadeiro, os lados da parede do comprimento, e do quadrado amparão muito as eſpaduas, e garupa ao Cavallo, e por iſſo he eſte ſitio melhor para eſte fim, que o meio do terreno, ſe bem que em elle eſtando menos obſtinado nos ſeus erros, quando fórma os ſemicirculos no meio do terreno, são mais viſtoſos, e o Cavallo ſe fórma na acção com mais igualdade, e deſembaraço.

O trote he o fundamento do galope; e ainda que o movimento do trote he cruzado, e oppoſto, e o galope he hum ſeguimento de dous balanços, formado de movimentos iguaes de braços, e pernas, com tudo o Cavallo, que trotar bem, galopará bem; e ſendo iſto certo, na ſegunda Parte continuaremos a moſtrar a origem do movimento chamado galope, e o modo de formar as mais lições, que ſe devem praticar nas Eſcolas bem reguladas.

# LUZ
## DA LIBERAL,
E
## NOBRE ARTE
DA
# CAVALLARIA.

---

## PARTE SEGUNDA.



*Silua del.* *Frois Sculp.*

# LIVRO VI.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe qual he a origem do movimento chamado Galope ; e que couſa he a Carreira: Lição dos quatro circulos para a direita, e para a eſquerda : Lição da cara contra a muralha, ou teſta ao muro, ao paſſo, e trote. Que couſa he a Paſſada: Lição da garupa ao pilão, ao paſſo, e trote: Lição da volta ao revéz, ao paſſo, e trote. Trata-ſe de como ſe paſſea o Cavallo no ſeu comprimento, e da Lição de terra a terra com o freio, e cabeção.*

POR meio de diverſas ſenſações ſe obrigão os Cavallos a fazer huns movimentos proporcionados á vontade do Cavalleiro ; porque a mão ſuprema do increado Ser fez huma tal , e tão propria diſpoſição de orgãos nos Cavallos para ſerviço dos homens , que a huma ſenſação ſe ſeguem huns movimentos proprios a ella , ou ao toque, pelo qual o Cavalleiro a excita ; e a humas ſenſações huns movimentos, e a outras outros, &c. como ſe vê em todos os Cavallos, que todos correſpondem de hum meſmo modo ás diverſas ſenſações , e caſtigos , proporcionando o preſtimo, a graça, e promptidão dos ſeus movimentos pelo ſeu poder, e ſenſibilidade; por iſſo he ſem dúvida que as operações admiraveis dos Cavallos são huns movimentos do ſeu corpo , e membros , que maquinalmente ſe communicão huns aos outros.

Os eſpiritos animaes enchem todos os ſeus muſculos , de ſorte que elles ſe vão por effeito dos toques, de que trato , contrahindo , e comprimindo até fazerem

rem aquelle determinado movimento, que o Cavalleiro por meio das ſenſações, que lhe applica, pertende que faça o ſeu Cavallo: logo quem obriga a determinar os eſpiritos animaes para fazerem ora huns, ora outros movimentos, são as diverſas ſenſações, que pelos ſentidos externos ſe fazem preſentes ao cerebro.

Na corporea máquina do Cavallo ha huns membros meramente ſenſorios, pelos quaes ſe excitão os movimentos maquinaes; e outros, que ſervem para a determinação dos membros externos, e por todos eſtes membros, ou nervos ſe diffundem, e movem os eſpiritos animaes, de ſorte que pelos membros ſenſorios principia o movimento; e da parte externa ſe vai aſſim communicando até ao cerebro. Então os nervos, que ſervem ao movimento, ſe participão da determinação dos eſpiritos animaes, que do cerebro ſe continuão até ao nervo que ſe move. Logo deſta maneira os movimentos, que ſe communicão aos nervos ſenſorios, são effeitos do toque externo; e o movimento de todos os outros nervos tem a ſua origem no cerebro, por iſſo os animaes de huma meſma eſpecie tem ſemelhança nos orgãos (como digo), e correſpondem a cada diverſa ſenſação com movimentos diverſos; exemplo: Pucha o Cavalleiro pela redea direita, aperta logo a embocadura, e barbela da parte eſquerda da boca do Cavallo, e elle volta para a direita por fugir da oppreſsão, que lhe faz a embocadura do freio ſobre os aſſentos, e a barbela ſobre a barbada da parte eſquerda.

Não ſe deve entender que pertendo provar que ha Cavallos, que tenhão a meſma diſpoſição de orgãos, que tem outros ſem alguma differença; antes quando digo que todos os Cavallos tem as meſmas operações, fallo em commum, ſem attender ás muitas particularidades naturaes, e accidentaes de cada hum.

Os Cavallos, aſſim como todos os mais brutos, fogem do que lhes dá trabalho, e buſcão o deſcanço, por iſſo os Cavalleiros tem deſcuberto o modo, e termos deſta Arte, com que pelo enſino os fazem determinar a varios movimentos; e em todas as operações, que fazem pelo meſmo enſino, fogem de alguma couſa, de que não goſtão, e buſcão aquella, que lhes he menos penoſa. Quando o Cavalleiro dá com a eſpora no Cavallo, eſte ſe move de ſorte que foge não da eſpora, mas ſim do toque com que o ferirão naquella parte do corpo, onde lhe derão com ella.

Muitas vezes repito que os Cavalleiros devem uſar dos caſtigos com muita moderação, e brandura, para conſervarem mais a ſenſibilidade nos Cavallos; e com effeito não poſſo negar que o toque externo excita a ſenſação, e ella os movimentos, e pela ſua diſtribuição he que os Cavallos fórmão aquellas acções, que delles exigem os Cavalleiros. Logo por conſequencia tudo vai á força de pancadas mais, ou menos fortes das redeas, das eſporas, da vara, do açoute, do freio, e do cabeção, &c. como ſabem todos os Picadores; mas a bem applicada modificação deſtas pancadas rende os Cavallos mais ſenſiveis.

Determinando o Cavallo os ſeus movimentos com liberdade, e deſembaraço, elle naturalmente trotando levanta a mão com tal acceleração que a ſegue com o pé da meſma parte, como ſe ſe diſpuzeſſe para formar hum ſalto, e para alcançar mais terreno: elle fórma hum balanço com as eſpaduas, eſtende-ſe ſobre elle, e

apôs

apôs iſſo eſtá a garupa na precisão de ſeguir com o ſeu balanço o das eſpaduas, porque aſſim alternativamente vai formando o movimento do verdadeiro galope.

O movimento do trote, ſendo diligente, procede da docilidade, e igualdade dos membros de todo o corpo do Cavallo: o movimento do galope procede da ligeireza, e união dos muſculos, e ligamentos das eſpaduas, e garupa, da ſua reſolução, da quantidade das ſuas forças, e da ſua natural agilidade. Logo ſendo o trote diligente, participa tambem huma facilidade grande á determinação do galope. Quando os movimentos do Cavallo são livres, fortes, e deſembaraçados, e tem adquirido, por meio da lição do trote, huma boa igualdade para determinar o balanço das eſpaduas, e garupa, eſtes movimentos pela precipitação do balanço das eſpaduas, obrigão o animal a entrar mais no apoio, e obediencia da mão do Cavalleiro.

Se o Cavallo ſe levanta do movimento do paſſo, ao movimento do galope, moſtra que póde exigir das ſuas forças, e reſolução os balanços da ſua galopada; advertindo que todos determinão os movimentos mais facilmente para galopar pelo direito, do que trabalhando ſobre os circulos; mas ſobre elles facilitão-ſe mais do que pelo direito. Ha hum galope chamado *natural*, ha outro a quem denominão *avançado*, ha o galope *detido*, e o galope *levantado*, ou *relevado*, como direi nos ſeus reſpectivos lugares.

## *Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz galopar qualquer Cavallo.*

1 DEve o Cavalleiro ſentar-ſe bem no meio da ſella para alcançar melhor o ponto do equilibrio, ſendo em toda a ſua figura deſembaraçado, flexivel, e firme ſem affectação.

2 Deve ter, ou conſervar a ſua cabeça direita por entre as orelhas do Cavallo; e quando eſte ſe conduz ſobre linhas curvas, deve o tronco do corpo do Cavalleiro, e a ſua cabeça voltar-ſe alguma couſa mais ſobre aquella parte, para onde o Cavallo olha, á proporção do que eſte ſe dobra, ou da eſtreiteza do terreno em que ſe move.

3 Deve ter as ſuas mãos adiante de ſi tres pollegadas pouco mais, ou menos diſtante do cepilho da ſella para diante, e outras tantas elevadas delle para ſima: advertindo que ſe o Cavallo não obedecer, devem as mãos levantar-ſe, ou abaixar-ſe de modo que poſsão conſeguir da boca do animal o apoio que ſe pertende.

4 Deve conſervar-ſe o corpo da cintura para ſima flexivel, e da meſma ſorte as pernas do joelho para baixo, para conſentir no balanço, que o Cavallo faz no ſeu galope; mas ſem fazer deſconcertados movimentos com o corpo, mãos, e pernas.

5 Deve ſempre avançar a eſpadua daquella parte, donde o Cavallo atraza a ſua, e por conſequencia atrazar á proporção a daquella parte, donde o animal adianta a ſua para apreſentar á viſta na ſymmetria de toda a figura hum eſpectaculo agradavel.

## *Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos, quando ſe formão na acção da galopada.*

1 DEve o Cavallo, quando anda para a mão direita, avançando eſta mais que a eſquerda, avançar o pé direito mais que o eſquerdo.

2 Deve, galopando ſobre a eſquerda, avançar a mão eſquerda mais que a direita, e da meſma ſorte o pé eſquerdo mais que o direito.

3 Deve ſempre olhar, e dobrar-ſe pelo ſeu peſcoço, e corpo igualmente para aquella parte para onde avança mais a mão, e pé.

4 Deve na determinação do balanço do galope ſer igual, marcando dous tempos no balanço das eſpaduas, e outros dous no balanço da garupa, ou diſtribua o ſeu movimento com maior, ou menor velocidade.

5 Deve trazer a ſua cabeça de ſorte perpendicular, que veja bem o terreno por onde anda.

Tem o Cavallo, quando galopa, dous movimentos principaes, hum das eſpaduas, outro da garupa: com eſtes dous movimentos fórma duas acções, huma para a mão direita, outra para a mão eſquerda: á primeira chamão *galopar ſobre o pé direito*, á ſegunda *galopar ſobre o pé eſquerdo*; porém em cada huma deſtas acções he preciſo que a mão da parte, para onde o Cavallo olha, e ſe dobra, avance, e principie a caminhar ſeguida do pé da meſma parte.

Quando galopar ſobre a direita, depois de haver ajuntado as forças das ſuas ancas para ajudar a determinação dos movimentos das eſpaduas, eſtas ſe levantaráõ, e a mão direita fará na terra a ſua poſição mais adiante da eſquerda, ella alcançará mais terreno; mas o pezo das eſpaduas ſerá ſuſtentado mais pela mão eſquerda, que pela direita, porque a mão eſquerda obrigada do balanço das eſpaduas, irá fazer a ſua poſição mais debaixo do ponto de gravidade. A garupa ſegue as eſpaduas, e o pé direito vai ſeguindo o movimento, e acção da mão direita, e faz a ſua poſição adiante do pé eſquerdo: une-ſe o direito mais ao ponto de gravidade, principalmente quando o Cavallo trabalha ſobre os circulos, e por iſſo ſuſtenta mais o pezo da garupa, e ajuda, quando entra bem para baixo do corpo, a ſuſtentar o pezo do ventre, e do thorax: logo o pé eſquerdo, e a mão direita, por ficarem mais fóra do ponto de gravidade, neceſſariamente devem ſuſtentar menos o pezo, que o pé direito, e a mão eſquerda, em quanto o animal anda dobrado para a mão direita.

Quando galopa ſobre a eſquerda, ajunta as forças das ancas (aſſim como faz para a mão direita) para ajudar a determinação dos movimentos das eſpaduas; e depois deſtas ſe haverem levantado, a mão eſquerda faz a ſua poſição mais adiante da mão direita, alcança mais terreno; mas o pezo das eſpaduas he ſuſtentado mais pela mão direita, porque faz a ſua poſição mais debaixo do ponto de gravidade. A mão direita ſahe do ponto de gravidade, ou equilibrio, galopando o Cavallo para a direita, porque a força centrifuga a faz avançar pela dobra do corpo, e levantar mais que a eſquerda, de modo que pela dilatação do ſeu movimento ſe põe na terra, quan-

quando já ſe tem firmado a maior parte do pezo das eſpaduas ſobre a mão eſquerda, e eſta fica pela ſua menor elevação, e dilatação de movimento mais perto da terra, e da linha perpendicular, e por iſſo ella he o mais prompto ſuſtentaculo, que o Cavallo acha para ſe firmar, em quanto ſe dobra para a direita.

O pé direito, ainda que ſe levanta, e avança mais que o eſquerdo, como entra para baixo do corpo, e linha perpendicular, ſuſtenta mais o pezo da garupa, e do corpo que o pé eſquerdo, por conſequencia a mão direita fica mais fóra do ponto de gravidade, porque ſe avança além da piſta da mão eſquerda, e o pé eſquerdo, porque ſe não póde avançar.

A mão eſquerda ſahe mais do ponto do equilibrio, galopando o Cavallo para a eſquerda, porque a força centrifuga da dobra do corpo a faz avançar, e levantar mais que a direita, de ſorte que pela elevação, e dilatação do ſeu movimento ſe põe na terra, quando já ſe tem firmado o pezo das eſpaduas ſobre a mão direita, eſta fica mais perto da linha perpendicular, e da terra: motivos, por que elle ſe firma primeiro ſobre ella, que ſobre a eſquerda, quando vai galopando para eſta parte. O pé eſquerdo, ainda que ſe levanta, e avança mais que o direito, como entra mais para baixo do corpo, e linha perpendicular, ſuſtenta mais o pezo, que o direito: por conſequencia a mão eſquerda fica mais diſtante do ponto de gravidade, porque ſe avança, e o pé direito, porque ſe alarga das linhas perpendiculares, e parallelas das mãos; e quanto mais o Cavallo ſe dobra na lição do galope, tanto mais a mão de fóra, e o pé de dentro hão de ſupportar o pezo, ſeja galopando ſobre a direita, ſeja galopando ſobre a eſquerda.

Logo que o Cavallo galopa bem para a direita, preparando-ſe (como já diſſe) para avançar as eſpaduas, e mais partes do corpo, o pé eſquerdo N. 1. Eſt. XX. ſe firma na terra. Segue-o o direito N. 2., dobra-ſe o Cavallo para eſta parte, firma-ſe ſobre as ancas para formar o ſeu ſalto, e depois põe na terra a mão eſquerda N. 3., fazendo finalmente a mão direita N. 4. a ultima poſição. De ſorte que na ſituação das mãos, e pés oppoſtos, como ao trote, não ha ordinariamente ſenão hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa ſenſiveis á viſta, poſto que o ouvido perceba fazer o Cavallo em cada ſalto, ou balanço inteiro do ſeu galope, quatro tempos diſtinctos.

O meſmo ſe deve entender, quando elle ſobre o quadrado longo, e ſobre o quadrado regular galopa ſobre a mão eſquerda. Então o pé direito N. 1. Eſt. XXI. marca a primeira piſta, o pé eſquerdo N. 2. a ſegunda, a mão direita N. 3. a terceira; e finalmente a mão eſquerda N. 4., que eſtá mais avançada que a direita, marca a ultima piſta, ou poſição: advertindo que ſempre quando o Cavallo galopar, o pé, e mão de dentro ſe levantão mais do terreno, que o pé, e mão de fóra, como ſe vê na ſeguinte Eſtampa.

ES-

## ESTAMPA XX.

*Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção do galope, alguma couſa dobrado para a direita ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.*

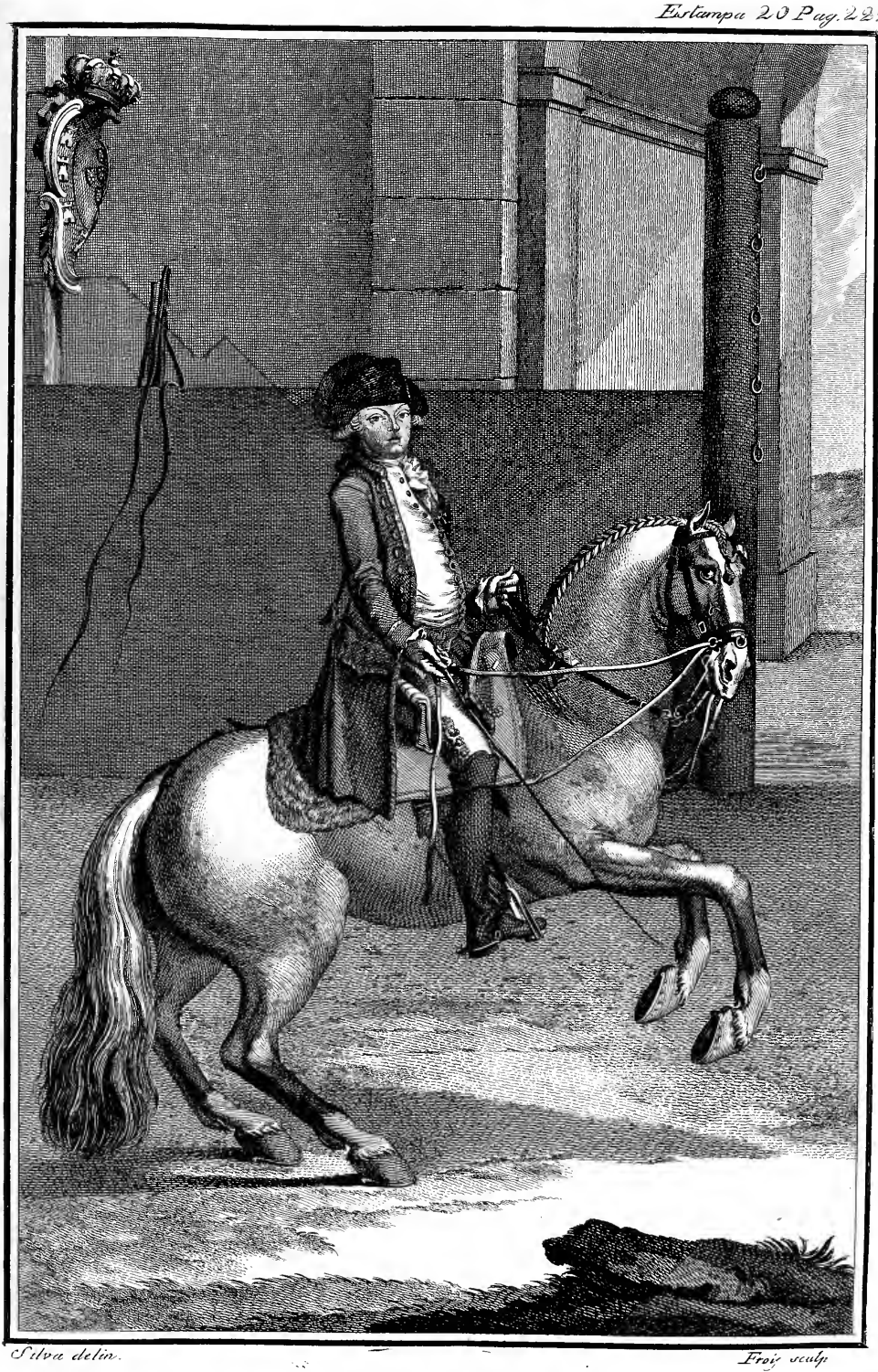
PAſſo a referir a belleza, e boa ordem, com que Sua Alteza o Senhor D. Joſé Principe do Brazil, por ſenſações adequadas, fazia determinar os movimentos dos Cavallos, em que andava, quando os pertendia formar na lição, e acção do galope ſobre a direita, obrigando-os com o freio, e cabeção, para que, ſeguindo eſte methodo, os Cavalleiros ponhão em prática eſta lição com aquella boa ordem com que Sua Alteza a executava.

Foi S. A. ſummamente applicado á Nobre Arte da Cavallaria, e era o melhor modêlo das virtudes, as mais heroicas de ſeu Auguſto Avô o Senhor Rei D. Joſé I. Foi outro ſemelhante amador das Virtudes, das Sciencias, e das Artes: era dotado de huma viva penetração de diſcurſo, de huma memoria muito feliz, de huma figura, e preſença Mageſtoſa, e Gentil. E elle ſe applicava tanto a eſta bella Arte, porque conhecia na ſua origem as ſuas intereſſantes utilidades.

Eu vi em Salvaterra o Senhor Rei D. Joſé I. pôr a cavallo pela primeira vez a S. A.: que tendo apenas ſete annos, quando todos ſe perſuadião que eſtaria fatigado, querendo Sua Mageſtade fazello apeiar, moſtrou S. A. tanto goſto de continuar, que Sua Mageſtade ſe vio preciſado a deixallo andar a cavallo hum grande eſpaço do dia; e daquelle tempo até ao do ſeu ſempre lamentavel falecimento, continuou com o meſmo fervor, e goſto neſte exercicio verdadeiramente proprio dos Principes, com a mais aſſidua applicação, e de tal ſorte, que os mais abalizados Profeſſores o chegárão a ver manejar eſta Nobre Arte com pública, e geral acclamação de todos; pois S. A. era ſem dúvida mais applicado a ella, do qué entre os Perſas, Gregos, e Romanos o forão aquelles Principes, que nella ſe diſtinguírão mais famoſos.

Pelo decurſo deſta Obra eſcrevo algumas memorias do modo com que manejavão eſta Arte o Senhor Rei D. Joſé I., e o Sereniſſimo Senhor D. Joſé Principe do Brazil, como tambem da perfeição com que a põe em prática S. A. o Sereniſſimo Senhor D. João, Principe de Portugal, e o Excellentiſſimo Marquez de Marialva D. Pedro Joſé de Alcantara Antonio Luiz de Menezes, Eſtribeiro Mór de Suas Mageſtades Fideliſſimas, para me poupar ao trabalho de buſcar outros modêlos, e exemplos das doutrinas deſta Arte, quando pelos referidos Senhores vi praticadas as maiores delicadezas até agora deſcubertas, como faço tenção de moſtrar com a clareza que me for poſſivel.

Estampa 20 Pag. 222



Silva delin.

Froj sculp

## *Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo ſobre a direita.*

QUando S. A. queria fazer galopar qualquer Cavallo para a direita, firmava a ſua mão eſquerda tres pollegadas pouco mais, ou menos aſſima do cepilho da ſella, e outras tantas delle avançada para diante com as unhas alguma couſa voltadas para ſima, e a mão direita na meſma acção defronte da eſquerda, para lhe fazer ſentir deſta ſorte igualmente as ſenſações de ambas as redeas. Depois diſto, tendo o ſeu corpo atrás, firme, e bem no meio da ſella, animava toda a ſua bella figura, unia as pernas ao ventre do Cavallo, fortalecia a eſquerda mais, de ſorte que por effeito de todas eſtas ſenſações, o Cavallo ſe deixava encruzar entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, e então por meio de todas eſtas bem appropriadas diligencias, elle ſe determinava a galopar com a regularidade, e boa ordem que ſe vê na Eſt. XX. E S. A. como bom, e perfeito Cavalleiro, ſe o Cavallo não lhe obedecia bem, tendo as mãos nas referidas diſtancias, promptamente lhe ſegurava as redeas, tendo as mãos naquella altura, em que exigião do animal huma obediencia prompta, e hum apoio ſuave, e firme.

Logo, conforme a ſegunda Lei deſta lição, avançava S. A. a eſpadua eſquerda, atrazava a direita á proporção da dobra, que fazia obſervar no corpo do ſeu Cavallo: e aſſim alternativamente o obrigava a que determinaſſe o balanço do galope com igualdade, ou elle o foſſe diſtribuindo com maior, ou menor velocidade. Galopando o Cavallo dobrado para a direita, fica o ſeu corpo deſta parte concavo, e da eſquerda convexo, e por conſequencia ficão o pé, e mão de fóra mais perto da terra: ſe galopar ſobre linhas rectas, naturalmente ſe moverá com mais liberdade; e ſe galopar ſobre circulos, já de duas, já de quatro piſtas, quanto menor for o circulo em que andar, mais lhe cuſtará a avançar, e metter o pé, e a perna de dentro do centro para baixo do ſeu corpo, como em outros lugares ſe pondera.

Galopando com as eſpaduas para o centro, marcando as piſtas das mãos os circulos menores, e as da garupa os circulos maiores, preciſamente o Cavallo principia a caminhar, avançando a mão, e pé de dentro da volta; porém neſte trabalho em marcando quatro piſtas, não póde com as dos pés alcançar as piſtas das mãos, como faz muitas vezes, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas rectas, porque ſempre avança o pé, e a mão da parte para onde elle olha, e ſe dobra com hum movimento mais, ou menos curvo.

S. A. obrigava os Cavallos, de maneira que elles determinavão os ſeus movimentos, formando o galope da picaria diligente, levantado, unido, e igual, já quando os fazia trabalhar ſobre circulos maiores, já trabalhando-os ſobre circulos menores, linhas do quadrado, ou por todo o comprimento do terreno, igualando-os cada vez mais nos movimentos das eſpaduas, e garupa com as ſenſações das ſuas mãos, e pernas, como tambem com o equilibrio do corpo, e modo de contrapezar ſobre os eſtribos, fortalecendo, e modificando a actividade de todas as referidas ſenſações pela diſpoſição com que o animal as recebia: até que pelas repe-

petidas lições o formava no galope mais proprio á ſua conſtrucção, e poſſibilidade. Todos os Cavalleiros devem ſeguir eſta boa ordem, não ſó porque S. A. aſſim o praticava, mas porque a boa razão nos perſuade ſer eſte o melhor methodo de formar aos Cavallos o verdadeiro galope, adoptado por todos os Authores, e ſcientes deſta Arte.

## *Modo, pelo qual S. A. fazia paſſar de mão qualquer Cavallo, galopando da direita para a eſquerda.*

SUa Alteza fazia paſſar de mão qualquer Cavallo da direita para a eſquerda, quando o achava mais igual no ſeu movimento, mais facil na mão, e mais bem ſituado no terreno: então ordinariamente o obrigava a fazer a paſſagem ſobre o tempo das eſpaduas, por ſerem eſtas paſſagens de mão aquellas, que obrigão menos aos Cavallos as forças dos rins, garupa, e curvilhões. Ora logo que S. A. intentava formar a paſſagem de mão, animava toda a ſua figura á proporção da actividade, com que o Cavallo determinava os ſeus movimentos; e tendo S. A. o ſeu corpo mais alguma couſa atrás, e firme, unia as pernas ao ventre do Cavallo, a eſquerda mais atrás das cilhas para ſegurar-lhe a garupa, e a direita entre a primeira cilha, e a eſpadua, para o indireitar entre ambas as redeas, e ambas as pernas. Depois o obrigava a formar da extremidade da linha do comprimento da muralha para o centro hum angulo obtuſo Eſt. IV. Fig. 6., e da letra O, pelo meio circulo do angulo para a linha Q, no tempo, em que chegava ao lugar da paſſagem, (ou S. A. a formaſſe ſobre eſte, ou outro angulo) inſtantaneamente avançava a ſua eſpadua direita, atrazava a eſquerda, affroxava as redeas direitas, voltando a mão direita alguma couſa de unhas abaixo, ſegurava as redeas eſquerdas, tendo a mão eſquerda alguma couſa mais de unhas aſſima, avançava o ſeu quadril direito, atrazava o eſquerdo, affroxava as ſenſações da perna eſquerda, fortalecia as da perna direita, acordando todos eſtes movimentos com tanta propriedade, e promptidão, que o Cavallo por effeito de todas eſtas ſenſações, do vertice do angulo trazia as eſpaduas no tempo do ſeu balanço da direita para a eſquerda, e elle mudava de acção por ficar obrigado a avançar a parte eſquerda, como antes de fazer a paſſagem avançava a direita.

Obrigado o Cavallo das ſenſações já referidas, faz todos eſtes movimentos, em quanto o balanço da garupa ſe continúa para as eſpaduas, para que quando ellas deſcem com o balanço das ancas, ſe completar a paſſagem, mudando tambem a acção da ſua garupa, a fim de continuar a galopar ſobre a eſquerda na meſma brilhante acção, em que elle galopava para a direita, antes de paſſar de mão.

## *Da razão, por que os Cavallos galopão falſo.*

O Cavallo, que principia a caminhar, avançando a mão, e pé de fóra daquella parte para onde elle olha, e eſtá dobrado, não vai como deve, e dizemos galopa falſo; pois ſe elle olha, volta, e ſe dobra para a mão direita, eſta, e o pé di-

direito devem cada hum no ſeu tempo avançar-ſe mais que a mão, e o pé eſquerdo. O meſmo ſe deve entender, quando elle anda para a mão eſquerda; ſendo então eſta a que principie a caminhar, ſeguida do pé da meſma parte, avançando-ſe cada hum no ſeu tempo, como fica ponderado a reſpeito de avançar-ſe para a mão direita.

Logo que o Cavallo olha, e ſe dobra para a direita, e principia a caminhar com a mão, e pé eſquerdo, elle vai falſo ſobre a ſua mão, e pé. E ſe galopar dobrado para a mão eſquerda, e principiar a caminhar com a mão, e pé direito, irá da meſma ſorte falſo ſobre a mão, e pé. A cauſa deſta chamada falſidade procede da deſunião com que o movimento das eſpaduas, e garupa deſmanchão a acção, com que o Cavallo deve formar o balanço do galope, ſeja galopando ſobre a direita, ou ſobre a eſquerda. O pé, e a mão, que trabalhão da parte do centro para onde o Cavallo olha, e ſe dobra, preciſamente devem avançar-ſe mais, a fim de que a mão de dentro poſſa alcançar, ou abraçar mais o terreno para a parte, para a qual anda (conforme a primeira, e ſegunda lei deſta lição), e a mão de fóra, e o pé de dentro entrem para o ponto de gravidade, e poſsão ſuſtentar o pezo de toda a máquina com mais facilidade. Iſto ſuppoſto, a perna de fóra como não póde alcançar a linha perpendicular do pezo, ou ponto de gravidade, he preciſo esforçar mais o ſeu movimento, que a de dentro, para avançar, e fazer bem o ſeu gyro.

Eſtas regras são geraes para a exactidão do movimento do galope: logo quando o Cavallo vai falſo, ſeja para huma, ou para outra parte, além da irregularidade, vai no riſco de cahir, principalmente quando volta; porém eſta regra não he rigoroſa para os Cavallos deſtinados para a campanha, e com aquelles, que ſervem para correr fóra do Picadeiro na eſtrada, e campo, antes devem eſtes galopar indifferentemente para huma, e outra mão, como em ſeus lugares digo.

## *Cauſas, por que os Cavallos facilmente ſe deſunem das eſpaduas.*

COm dous movimentos ſe deſunem os Cavallos galopando: hum das eſpaduas, outro da garupa. Deſunem-ſe das eſpaduas, avançando a mão de fóra; deſunem-ſe da garupa, avançando o pé de fóra; e de tal ſorte he deſordenado eſte movimento deſunido, que além de incommodar o Cavalleiro, faz perder a graça, e o bom tempo do balanço do galope, diſpondo o Cavallo para com facilidade cahir, maiormente quando volta, por ſer eſte movimento contra a natureza do verdadeiro galope. He certo que ſe houverem formado os Cavallos na lição do trote nos ſeus principios com movimento, que lhes ſeja improprio pela ſua maior, ou menor velocidade, ou dobrando-os mal, deixando-os romper o peſcoço, elles ſe lançaráõ com deſigualdade de movimentos, e de acção, principalmente ſobre a eſpadua de fóra.

Tambem ſerão deſiguaes os ſeus movimentos das eſpaduas, quando os fizerem galopar, e ainda trotar por coſtume, mais para huma, que para outra parte. Da meſma ſorte ſe os trotarem em hum trote demaziadamente largo, e deſmedido

com as ſuas forças, e conſtrucção, em não podendo ſoffrer movimentos tão largos, hão de relaxar-ſe dos das eſpaduas, e hão de adquirir vicios conſideraveis, principalmente, o de ſe deſunirem tambem muitas vezes das eſpaduas, quando devem galopar unidos ſobre o pé, e mão da parte concava, ou do centro no Picadeiro com a graça, e boa ordem que ſe vê na Eſt. XX.

Se o Cavallo for pela eſtrada com a cabeça direita, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas rectas, póde dar principio ao galope, ſeja marchando para a mão direita, ſeja para a eſquerda: com tanto porém que ſe avance a mão, e pé daquella parte, para onde elle olha, ou ſe inclina mais na ſua direcção; porque ou avançando a mão direita, e pé direito, ou avançando a mão eſquerda, e o pé eſquerdo, já mais galopa falſo, antes vai em galope certo; mas como pela maior parte ſuccede mais vezes voltar ſobre a direita, que ſobre a eſquerda na eſtrada, na caça, e na guerra, por eſtas razões eſtá mais em uſo galopar mais ſobre a direita, que ſobre a eſquerda. Sem embargo diſſo ha Cavalleiros, que fazem mudar de pé, e mão aos ſeus Cavallos para lhes alliviar a perna de fóra, que he a que ſe esforça mais no ſeu movimento, pela maior diſtancia em que fica do ponto de gravidade, como tenho ponderado.

Os Cavallos tem quatro movimentos, com que fórmão quatro tempos com os pés, e mãos, quando galopão, e he extremamente difficil ſentir eſtes tempos na ſua exactidão, em quanto não ſe deſunem; mas deſunindo-ſe, ou falſeando, logo o Cavalleiro ſente o encontro do movimento, de ſorte que ſe conhece ſe a deſunião he das eſpaduas, ou da garupa.

## *Das cauſas, por que os Cavallos ſe deſunem da garupa.*

POr muitas cauſas ſe deſunem os Cavallos: huma porque os Cavalleiros ignorão o bom modo com que as juntas das eſpaduas devem jogar bem nas articulações dos omoplatos Eſt. III. Num. 27., ou tambem porque não alcanção a razão, por que os ligamentos (N. 25. até ao N. 32. da referida Eſt.) devem fazer as ſuas funções com hum livre, e igual movimento; outra por eſtar o Cavallo mal coſtumado a determinar bem o ſeu trote, iſto he, pelo haverem diſpoſto mal, trotando-o em hum grande trote, quando elle pela ſua agilidade, poſſibilidade, e conſtrucção devia ſer trotado em hum trote curto, unido, e vivo. Semelhantes effeitos lhes reſultão tambem de os haverem trotado em hum trote curto, e unido, quando elles por ſerem robuſtos, fortes, e nervoſos preciſavão ſer diſpoſtos, e deſembaraçados por meio de hum grande trote. Segue-ſe que o Cavalleiro deve conhecer das difficuldades dos Cavallos bem como S. A., para lhes regular a lição, de fórma que ella lhes ſeja util. Por iſſo tanto recommendo em todas as lições o cuidado que ſe deve ter, em que todos os movimentos dos Cavallos ſejão iguaes na ſua determinação, e dobra, aſſim para huma, como para outra mão.

Só he permittido dobrar o Cavallo com deſigualdade para remediar os ſeus defeitos, principalmente das eſpaduas; pois quando elle chega a ſer igual no movimento, ſituação, e deſembaraço dellas, obedece facilmente á mão, e ás pernas

do

Silva del.

do Cavalleiro; e pelo contrario ſe uſa mal das eſpaduas, ainda que dobre muito o peſcoço, e ſegure a garupa, nem ſempre o faz por ſujeição, e obediencia, mas ſim muitas vezes elle ſe dobra com exceſſo por buſcar alguma defeza com que poſſa eximir-ſe da ſujeição de ſe endireitar em todos os ſeus movimentos, com a boa direcção, que o Cavalleiro pertende. Deſunem-ſe tambem muitas vezes por alliviar a parte de fóra: deſunem-ſe por ſe oppôr á vontade do Cavalleiro: deſunem-ſe por não determinar os ſeus movimentos pelas ſenſações que lhes fazem, ſeja por ſerem ellas mal applicadas, ou porque os Cavallos ignorem ainda o ſeu uſo: deſunem-ſe por eſtar arruinados de algumas das partes do corpo, principalmente das moleſtias, que elles com facilidade adquirem nos curvilhões, pois a fraqueza, e a dor que a moleſtia lhes cauſa os faz deſunir muitas vezes da garupa. Tambem ſe deſunem, por ſerem ſenſiveis do focinho, boca, e ventre: deſunem-ſe por ter o Cavalleiro pouco aſſento de ſella, pouca firmeza nas mãos, e pernas, ou porque o jogo das ſenſações de todo o corpo não tem a preciſa connexão com os movimentos, que pertendem exigir dos Cavallos.

## *Lição para fazer galopar qualquer Cavallo para a eſquerda.*

HAvendo eu dito a formalidade, e boa ordem com que S. A. por meio de ſenſações proprias fazia galopar qualquer Cavallo para a direita, direi tambem como ſeu Irmão o Sereniſſimo Principe D. João fórma os Cavallos, em que anda na lição, e acção do galope ſobre a eſquerda; advertindo que S. A. tanto quando os trabalha ſobre a direita, como ſobre a eſquerda, ſempre os obriga com a meſma perfeição.

Todos ſabem que S. A. he muito applicado a eſta bella Arte, e que inſignemente faz manejar os Cavallos com tanto primor em todas as lições, qual ſeu Irmão o Sereniſſimo Principe D. Joſé, e o Senhor Rei D. Joſé o I. ſeu Avô, e elle põe em prática eſta lição com a boa ordem que os melhores Authores recommendão, como paſſo a moſtrar.

## ESTAMPA XXI.

### *Do Sereniſſimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção do galope, fazendo-o trabalhar com o freio, e cabeção dobrado para a eſquedra ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.*

QUerendo S. A. fazer galopar qualquer Cavallo para a eſquerda, ſenta-ſe bem no meio da ſella, e firma todo o ſeu corpo em hum ponto de equilibrio perfeito: apôs iſſo tem a mão direita duas, ou tres pollegadas pouco mais, ou menos aſſima do cepilho da ſella, e outras tantas avançada delle para diante com as unhas voltadas para ſi, a eſquerda alguma couſa mais baixa de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, para fazer ſentir ao Cavallo as ſen-

fações das redeas do freio, e cabeção de huma, e de outra banda, ora firmes, ora brandas, e tambem mais de huma, que de outra parte, a fim de o render flexivel, firme, e facil em voltar, avançar, parar, recuar, e obliquar para huma, e outra mão. Aſſim aviva toda a ſua acção, quanto he preciſo, ſegundo dá lugar a maior, ou menor diſpoſição do Cavallo, pois S. A. he dotado das boas qualidades, que o Marquez Duque de Newcaſtle, Pluvinel, e Luiz XIII. o Juſto Rei de França dizião que precisão ſer dotados os bons Cavalleiros. Eſtando pois aſſim diſpoſto, une as pernas ao ventre do Cavallo, fazendo-lhe ſentir a direita do joelho até ao calcanhar com ſenſações mais activas, para que o animal determine bem os ſeus movimentos, e ſe deixe encruzar entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, de ſorte que por effeito de todas eſtas bem applicadas ſenſações o chega a fazer galopar ſobre a eſquerda com a perfeição que ſe obſerva na acção da referida Eſt. XXI.

Adianta S. A. a ſua eſpadua direita, atraza a eſquerda, e quanto mais faz dobrar o Cavallo, tanto mais avança huma, e atraza a outra, não ſó para a ſymmetria da ſua figura apreſentar á viſta huma acção brilhante, e hum eſpectaculo agradavel, mas para obrigar bem o Cavallo a que forme o balanço do ſeu galope com igualdade, ou elle o determine com a maior, ou menor velocidade.

Quando o Cavallo ſe dobra para a eſquerda galopando tambem, fica o ſeu corpo deſta parte concavo, e da direita convexo; e quando galopa ſobre linhas rectas, neceſſariamente fica mais em liberdade: logo quando galopar ſobre os circulos, preciſamente lhe ha de cuſtar mais, que pelo direito, a avançar, e metter o pé, e a perna eſquerda para baixo do ſeu corpo, em quanto for aſſim dobrado. O balanço do galope principia das ancas para as eſpaduas, e a piſta do pé direito N. 1. faz o primeiro tempo; e a primeira poſição, a piſta do pé eſquerdo N. 2. faz o ſegundo tempo; e a ſegunda poſição, a piſta da mão direita N. 3. faz o terceiro tempo; e a terceira poſição, e a piſta da mão eſquerda N. 4. faz o quarto tempo, e a quarta poſição.

## *Modo de formar as paſſagens neſta lição, deſdobrando o Cavallo da eſquerda para a direita.*

COſtuma S. A. fazer paſſar de mão qualquer Cavallo, quando o ſente mais igual no ſeu movimento, mais facil na mão, e mais bem ſituado no terreno; e ſe elle ainda he Potro, ou ignorante, ordinariamente o faz paſſar de mão ſobre o tempo das eſpaduas, por ſer eſte modo de paſſar mais facil, como já diſſe: então põe em execução toda a ſua deſtreza, á proporção da actividade, e viveza com que vê determinar os movimentos ao Cavallo. Atraza mais a ſua eſpadua eſquerda, fortalece a ſenſação da perna direita, cada vez mais, já indo pelas linhas rectas, já pelas curvas, ou pelos meios circulos dos angulos até ao lugar da paſſagem, ſeja ella formada ſobre as linhas do quadrado, linhas dos circulos, ou ſobre algum angulo, e aſſim o vai endireitando das eſpaduas, e garupa o mais que póde ſer entre ambas as pernas, e ambas as redeas, até que indo mais ſeguro, e firme

ſo-

ſobre o tempo da garupa, S. A. o faz deſdobrar inſtantaneamente da acção, que até alli ſuſtentava da eſquerda para a direita.

No tempo da paſſagem avança S. A. a ſua eſpadua eſquerda, atraza a direita, affroxa a ſenſação da perna direita, fortalece as da perna eſquerda, tem a mão direita de unhas aſſima, a eſquerda de unhas abaixo, quanto baſta, e alguma couſa inclinada para fóra, para as redeas direitas fazerem voltar a cabeça do Cavallo, e dobrar a acção do peſcoço, e eſpaduas para o centro. Advertindo que todos eſtes movimentos faz S. A. como todos os ſcientes mandão, e todos os bons Cavalleiros devem fazer, em quanto o Cavallo continúa o ſeu balanço das ancas para as eſpaduas, para quando eſtas deſcerem no ſeu balanço, voltar o Cavallo para a direita, e avançar a ſua mão, e eſpadua direita, unindo-a á mão, e eſpadua eſquerda.

Faz S. A. tambem repentinamente ſentir ao ventre do Cavallo a ſenſação da perna eſquerda, para que no tempo, ou balanço com que a garupa ſegue as eſpaduas, ſe alargue para o centro a meia anca de dentro, e a perna, e a meia anca de fóra ſe atraze, e ſe una á de dentro. Com a meſma perfeição fórma elle os Cavallos nas paſſagens de mão tranſtornadas, e eſperando o tempo ſeja para a direita, ou para a eſquerda, ſe ellas são convenientes aos Cavallos, como em outros lugares ſe pondera.

Os tempos que fazem aquelles Cavallos, que alcanção, ou abração com as ſuas mãos muito terreno no galope, ſeja marchando ſobre o quadrado, ou ſobre os circulos, e pelos meios circulos dos angulos, são mais ſenſiveis ao Cavalleiro, do que os do Cavallo que abraça, ou ganha menos terreno. Os movimentos dos Cavallos, que alcanção com as mãos pouco terreno, são mais diligentes, e promptos: logo pelo contrario os movimentos dos que abração mais terreno são mais longos, e deſcançados.

Eſtas differenças de movimentos no balanço do galope devem os Cavalleiros conhecer inconteſtavelmente, para lhes ſeguirem a ſua propriedade, e exigirem dos Cavallos os movimentos mais proprios da ſua conſtrucção, e poſſibilidade: aſſim como S. A. que por meio deſtes conhecimentos os fórma bem nas acções, e movimentos, para que elles tem mais propriedade. Se quizerem unir, e encurtar os movimentos aos Cavallos, que avanção muito terreno, por ſer a propriedade do ſeu movimento larga, na eſperança de os ajuntar, e encurtar mais do que elles podem, ſerão deſagradaveis, e forçados nos ſeus movimentos em todas as acções, em que os puzerem. Por ſemelhantes oppoſtos motivos ſe pertenderem alongar os movimentos áquelles, que abração menos terreno, com a eſperança de os dilatar mais do que podem, elles por diverſos modos ſe hão de defender, porque a Arte aperfeiçoa, e remedea, mas não muda abſolutamente a natureza.

## *Trata-ſe da lição da carreira, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz partir hum Cavallo a toda a brida.*

1 DEve o Cavalleiro ſentar-ſe firme no meio da ſella, e o corpo deve imitar o eixo do fiel de huma balança, que he ſempre eſtavel no meſmo lugar, ou tenhão os braços della maior, ou menor movimento, pois já mais elle deve perder a firmeza do aſſento da ſella, e equilibrio, não ſó para apreſentar em toda a figura huma ſymmetria igual, mas para que ſe o Cavallo tropeçar, ter o Cavalleiro o ſeu corpo atrás, e ſegurar as redeas, de ſorte que poſſa evitar a quéda.

2 Deve a mão fechar bem as redeas, quando ſe avançar para diante, iſto he, para o peſcoço do Cavallo: na altura correſpondente áquella, em que elle põe a cabeça, para o Cavalleiro o poder governar, voltar, e parar com facilidade.

3 Devem as redeas não ſó eſtar bem ſeguras na mão; porém em tal comprimento, que, em ſuſtendo a mão para voltar, ou parar o Cavallo, não haja a neceſſidade de eſtar encurtando, ou alargando as redeas.

## *Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na carreira.*

1 DEvem os Cavallos corredores ter muita agilidade nas eſpaduas, e garupa para os fazerem eſtender ſem receio quando correm.

2 Devem ter a propriedade de correr, levando a cabeça alta com proporção, a frente alguma couſa perpendicular, e direita, ſem eſtender o focinho para ſima, ou dar cabeçadas.

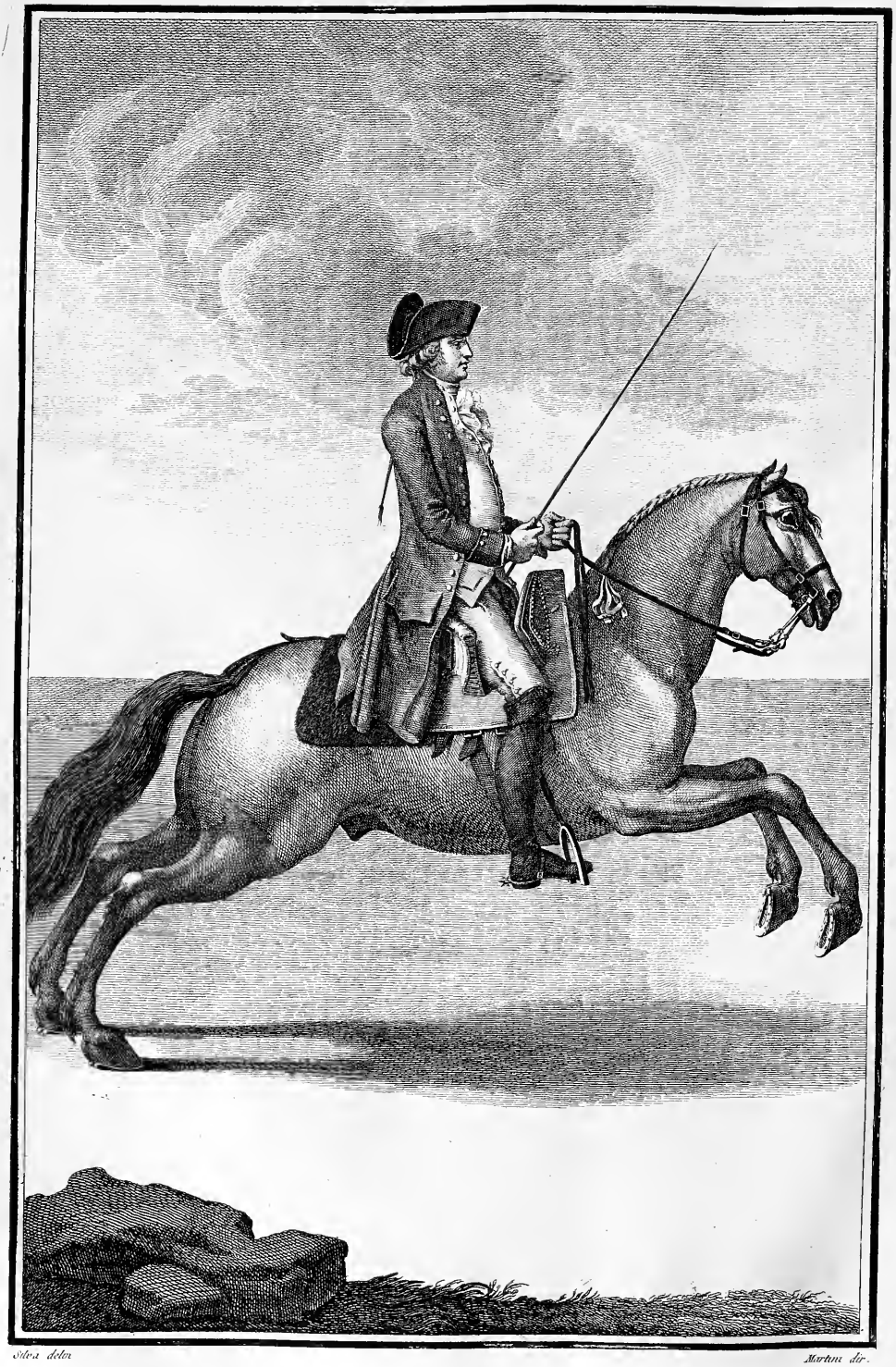
3 Devem tambem não ſe encapotar, principalmente quando os parão; porque os que recolhem demaziadamente a barbada para o peito, fazem chegar as caimbas a elle, e depois não obedecem bem á mão do Cavalleiro.

4 Da meſma ſorte não devem ir falſeando, iſto he, não devem ir mudando de mão, e pé na carreira, porque os que tem eſte coſtume, ou defeito, correm pouco, e incommodão muito o Cavalleiro.

5 Na parada devem recolher a garupa bem para baixo do corpo, rebatendo igualmente as ſuas ancas, a fim de que parem firmes ſobre ellas.

Todos ſabem que a carreira he hum galope mais apreſſado, eſtendido, e violento, do que o galope ordinario: ora quando o Cavallo he ſenſivel, bem formado, e facil em todas as ſuas determinações, e articulações, ſegue a carreira, tendo a cabeça alta, e firme; e ſem exceſſo, diſtribue os ſeus movimentos com velocidade igual á impreſsão com que as ſenſações das mãos, das pernas, e do corpo do Cavalleiro o obrigão, modificando a velocidade da ſua carreira, logo que a mão do Cavalleiro ſegura as redeas para formar a parada, e as pernas o obrigão com menos actividade; e ſe elle executar os ſeus movimentos com a faci-

li-



Silva delin. Martini dir.

lidade que digo, ſem dúvida ſe formará na boa acção, que ſe repreſenta na ſeguinte

## ESTAMPA XXII.

### *Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo na acção da carreira a toda a brida para a direita ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.*

SE o Cavallo, indo na carreira, parar facilmente, he porque tem boa boca, iſto he, tem nella, e nas mais articulações huma ſenſibilidade propria para ſe poder governar, e ſerve bem para correr no mato, e na campanha, elle tem bom preſtimo nos feſtejos para correr lanças, alcanzias, eſcaramuças, parelhas, e outros divertimentos, para que não ſervem bem aquelles, que tem má boca. Ora ſe o Cavallo indo na carreira pára com facilidade, tambem moſtra que tem baſtantes forças, baſtante agilidade, e igualdade de juntas, boa vontade, e huma geral facilidade nas articulações do ſeu eſpinhaço, eſpaduas, ſoldras, e curvilhões.

Pelo contrario, ſe quando o obrigão a correr, elle abaixa a cabeça muito, ou a levanta com exceſſo; e quando o Cavalleiro pertende fazello parar, elle força a mão, e ſe eſtende ſobre as eſpaduas, continuando no ſeu movimento ſem parar, ſenão quando as redeas são ſuſtentadas com grande força, então moſtra ter má boca, iſto he, tem pouca ſenſibilidade nella, e nas mais juntas do ſeu corpo: motivos, por que não ſervirá bem para alguma das acções, para que tenho dito que ſervem os que tem boa boca. Além diſto os Cavallos, que tem má boca, ordinariamente são mal formados, ou são fracos, ou tambem eſtão arruinados do eſpinhaço, eſpaduas, garupa, e curvilhões.

### *Fórmas exteriores, que devem ter os bons Cavallos corredores.*

DEvem ter o eſpinhaço direito, e curto, como ſe vê na Eſt. III. do Num. 53. até á letra B: devem ter as pernas antes alguma couſa direitas do que curvas, mas bem formadas, os beiços delgados, os queixos eſcarnados nos aſſentos, e nas barbadas, as queixadas largas huma da outra junto ao Num. 23., o peſcoço elevado, naſcendo bem ſobre as eſpaduas, e não muito groſſo, principalmente do lugar da ganacha N. 23. até ao N. 21., e do meio da taboa do peſcoço N. 24. para a crina, eſcarnado: as mãos devem ſer direitas, e bem proporcionadas, as cartilagens, e polpas do peito largas, como ſe vê na referida Eſt. III. do N. 28. até ao N. 31., e da meſma ſorte deve ter largas as ventas, e mais orgãos da reſpiração para reſpirar com facilidade. Deve ter o ventre direito, iſto he, não deve ter grande bojo, ou ſer barrigudo, pois de todas eſtas partes devem ſer bem proporcionados os Cavallos corredores; e os que participarem mais das referidas boas qualidades, ſerão melhores para correr.

Em Roma, Inglaterra, Napoles, e outros paizes ha Cavallos deſtinados para correr, os quaes fazem carreiras grandes de hum ſolego, em que leva o premio aquel-

aquelle, que chega primeiro a huma determinada meta: eſtas carreiras ſe fazem, indo os Cavallos ſoltos humas vezes, outras puchando por carroças proprias para eſte miniſterio, ou tambem com Cavalleiros; mas não correm com a ſujeição, e a obediencia com que eu pertendo que corrão os Cavallos, para ſerem preſtativos para o uſo ordinario, para as feſtas, para a caça, e para a guerra.

## *Modo de inſtruir os Cavallos na carreira.*

QUando galoparem os Cavallos, que forem deſtinados para correr no mato, ou na campanha, devem firmallos em hum movimento igual, e não muito elevado, até eſtarem firmes na mão, e obedientes ás pernas. Devem dar-lhes alguns repelões, quero dizer, devem algumas vezes abaixar-lhes a mão, e fazel-los partir ſobre linhas rectas com velocidade, formando-lhes no fim da carreira huma meia parada, e logo voltallos em hum pequeno circulo, ou ſemicirculo, já ſobre hum, já ſobre outro lado.

Sendo os Cavallos deſtinados para a caça, he bom fazellos galopar ſempre unidos ſobre a mão, e pé direitos, para não falſearem, ou ſe deſunirem; mas ſe forem deſtinados para a guerra, devem muito facilmente voltar, ainda na carreira mais veloz, com promptidão para huma, e outra parte, ſem mudar de pé, e mão, a fim de que os muitos obſtaculos, que frequentemente ſe encontrão em ſemelhantes caſos, não lhes ſirvão de embaraço.

Tambem devem os Cavallos corredores ter boa viſta, baſtante folgo, boa conſtrucção, e forças á proporção do ſeu tamanho para fazerem bom uſo dellas: devem ter os movimentos ſuaves para não incommodar muito o Cavalleiro: devem ſer flexiveis, e lizos á eſpora, faceis em voltar, parar, recuar, e obliquar para huma, e outra parte, para ſervirem bem em qualquer acaſo impreviſto. Todas eſtas reflexões devem os Cavalleiros fazer ſobre as qualidades dos Cavallos corredores, não ſó para inveſtigar a propriedade do ſeu preſtimo, e dos ſeus movimentos, mas tambem para os ſaber diſpôr, e formar na lição da carreira com perfeição, pois os repelões, as paradas, e as meias paradas ſem dúvida deſembaração muito os Cavallos de todas as partes do corpo, como affirma Pignateli Pag. 69.

As meias paradas, e paradas, ſeguidas de meias voltas ſobre hum, e outro lado, são formadas por tres operações violentas, produzidas a primeira da força, com que a mão do Cavalleiro ſuſtem as redeas; a ſegunda da força do equilibrio com que tem o corpo atrás; e a terceira das ſenſações com que as pernas do Cavalleiro obrigão o Cavallo ſobre o ventre: e he certo que a união de todas eſtas operações o fazem muito agil, e deſembaraçado nos ſeus movimentos. Em o fazendo correr de tempo em tempo, devem dar-lhe folgo: então as meias paradas, e paradas o tornão prompto a moderar o ſeu movimento para voltar, ſentando-ſe bem ſobre a garupa, e para tornar a ſahir da mão com ligeireza. Advertindo que ſe o Cavallo he mais fraco da garupa, que das eſpaduas, a precipitação da carreira, ſe o parão forte, o obriga muitas vezes a falſear da mão.

Na carreira devem os Cavallos inſenſivelmente paſſar da menor á maior velo-

ci-

cidade, ſem que paſſem repentinamente de hum a outro extremo, para não ſe deſordenarem na ſua acção. Sendo deſtinados para a guerra, em eſtando bem exercitados na carreira para a direita, he bom exercitallos da meſma ſorte para a eſquerda. As meias paradas, e paradas firmes fazem tambem adquirir aos Cavallos corredores a propriedade de ſentar-ſe ſobre as ancas, conſtituindo-ſe por conſequencia promptos a partir, e voltar para hum, e outro lado facilmente.

A velocidade do Cavallo quando corre, ſuſpendida na carreira por huma meia parada, ou falcada, deixa as ancas obrigadas a entrar para o ponto de gravidade, ſuſtentando ſobre ſi a maior parte do pezo do corpo, e eſpaduas mais pelo equilibrio, do que pela força. Ha Cavallos tão attentos á meia parada, e á parada, que as fazem ao minimo movimento da mão, e ainda do corpo do Cavalleiro; mas ſempre ſe deve regular a força dos repellões, e das meias paradas pela poſſibilidade do Cavallo, de maneira que elle ſeja prompto a parar, falcar, voltar, tornar a partir, ou tambem inclinar a direcção para huma, ou para outra parte, ſem ſer preciſo uſar o Cavalleiro de muita força nas mãos, e pernas.

Para formar bem as falcadas na carreira, devem os Cavalleiros ir ſuſtendo a mão por varios gráos ſem precipitação; e logo que o Cavallo ſe ajuſtar ſobre as ancas, ſegurar a mão, e o corpo repentinamente; e tanto que ſe fórma na acção da falcada, devem render-lhe a mão, e fazello partir promptamente, ſeja para os lados, ſeja para diante. Duas reflexões ſe devem fazer nas falcadas: a primeira não fortalecer repentinamente o movimento da mão, ſem eſperar o tempo do balanço das eſpadas, porque póde ſucceder deſta aſpereza offender-ſe a boca do Cavallo, e elle adquirir repugnancia em obedecer á mão: o que ſe manifeſta por fazer alguns geſtos eſtranhos com a cabeça; e ſe por eſte motivo ſe entezar do eſpinhaço ſobre a garupa, elle póde facilmente fazer alguns eſforços nas ſuas ancas, e curvilhões.

A ſegunda reflexão que ſe deve fazer nas falcadas, he de indireitar o Cavallo bem naquelle terreno correſpondente á acção, em que o fazem parar, e falcar; exemplo: ſe o Cavallo, indo correndo para a direita, ſe lançar ſobre a eſpadua eſquerda, fugindo para fóra, e neſte tempo o fizerem parar, ou falcar, elle fará huma muito má parada, ou falcada; ſe porém for direito nas parallelas das eſpaduas á garupa, ou vá mais, ou menos dobrado, indo aſſim facil na mão, ſem dúvida marcará as meias paradas, e falcadas com mais perfeição. Não obſtante deverem os Cavallos ſer manſos para ſervirem bem, devem com o ſeu vigor, ardor, e boa vontade de ir para diante, ir-ſe convidando para ſeguir os ſignaes das ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, e eſte pelo contrario os deve fazer parar quando elles menos o eſperão.

Trabalhando-ſe dentro do Picadeiro, tambem ſe não devem formar as meias paradas, e falcadas muitas vezes ſeguidas em huma meſma paragem para o Cavallo ſe não deixar poſſuir mais do coſtume, que da obediencia da mão. Ora quando tiver a inclinação de forçar a mão do Cavalleiro, devem formar-lhe a meia parada, e a falcada com o pulſo muito ligeiro, e flexivel, obrigando-o mais com as ſenſações do corpo, e das pernas, do que com a força do pulſo.

Se o Cavallo tem pouca força, e poſſibilidade, devem reſolvello por meio de muitas repetições de meias paradas, e falcadas, coſtumando-o ao menos a que faça por uſo, e coſtume, o que he pouco capaz de fazer pelos effeitos do ſeu poder, deſembaraço, e poſſibilidade, ſe bem que eſtes não ſervem ſenão para hum trabalho ordinario. Os Cavalleiros devem fazer todas eſtas reflexões ſobre os Cavallos deſtinados para correr, não ſó para inveſtigar a propriedade dos ſeus movimentos, como tambem para os diſpôr, e formar regularmente neſta lição, pois ella ſem dúvida os deſembaraça muito de todas as partes do ſeu corpo, como affirma Pignateli Pag. 73. Tambem a Pag. 78. diz: » Que as eſpaduas dos Cavallos são » as partes do ſeu corpo mais difficultoſas a deſembaraçar, e a ſituar no ſeu devi- » do movimento, principalmente quando o Cavallo ſe move ſobre hum, e outro » lado. Quando determina a ſua direcção pelo direito, ſeja o galope mais, ou » menos avançado, tambem cuſta muito o fazello igual em rebater, e levantar os » movimentos das eſpaduas para ſima das ſuas ancas; porém iſto ſe vence por ef- » feito das meias paradas, e das falcadas. » Logo apenas o Cavallo ſe vai firmando com exceſſo ſobre o freio, e por conſequencia entrando demaziadamente na mão, devem com a continuação das meias paradas, e falcadas obrigallo a deſembaraçar-ſe das eſpaduas, levantando-as para ſima dos movimentos da garupa, ſegurando-lhe por eſte modo a cabeça no ſeu devido lugar. O meſmo Pignateli affirma tambem Pag. 96. » Que aſſim ſe facilitão os Cavallos para obedecer aos » mais ares, e trabalhos do manejo, da caça, e da guerra: e que ainda não ſen- » do elles bem capazes para o manejo da Eſcola, por meio deſtas diligencias che- » gão a formar-ſe na acção da carreira com a obediencia, e a facilidade que ſe » moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XXIII.

### *Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo a toda a brida para a eſquerda ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.*

### *Cauſas, por que duvidão os Cavallos formarem bem a carreira.*

OS Cavallos duvidão correr com velocidade, por terem pouca viſta, por ſerem fracos do eſpinhaço, dos quadris, das eſpaduas, e dos curvilhões, ou tambem por eſtarem arruinados de alguma deſtas partes do ſeu corpo, e por ſe doerem dos caſcos das mãos, e pés. Se determinão a ſua direcção, correndo ſobre a direita, marcão o primeiro tempo, e a primeira piſta com o pé eſquerdo N. 1. o ſegundo tempo, e a ſegunda piſta com o pé direito N. 2. o terceiro tempo, e a terceira piſta com a mão eſquerda N. 3. e o quarto tempo, e a quarta piſta com a mão direita N. 4. Se determinão os ſeus movimentos, correndo ſobre a eſquerda com o pé direito N. 1., marcão o primeiro tempo, e a primeira piſta com o pé eſquerdo N. 2. o ſegundo tempo, e a ſegunda piſta com a mão direita N. 3. o ter-

cei-

Silva delin. Martini dir.

ceiro tempo, e a terceira piſta; e com a mão eſquerda N. 4. o quarto tempo, e a quarta piſta.

Finalmente o Cavalleiro deve diſpôr, e obrigar os Cavallos na lição da carreira para a eſquerda pelos meſmos modos, que tenho dito que os deve obrigar a ſahir da mão, parar, voltar, e obliquar para a direita, que elles ſem dúvida ſe formaráõ na viſtoſa acção, que ſe repreſenta nas Eſt. 22. e 23.

## *Diſpoſições, e Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, para fazer galopar qualquer Cavallo na lição dos quatro circulos.*

1 DEve o Cavalleiro com o equilibrio do ſeu corpo ajudar a inclinação circular do movimento do corpo do Cavallo para o centro, pezando mais ſobre o eſtribo de dentro, que ſobre o eſtribo de fóra da volta, para mais facilmente unir as forças das ajudas do ſeu corpo, mãos, e pernas, principalmente quando quizer fazer entrar o Cavallo com as eſpaduas para o centro.

2 Deve adiantar a eſpadua de fóra, e atrazar a de dentro, de ſorte que ſe perfile a frente do peito do Cavalleiro com a linha do radio do circulo, como ſe vê na Eſt. IV. Fig. 10. na linha que atraveſſa o terreno de A para E.

## *Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos corpos dos Cavallos, galopando neſta lição.*

1 DEvem marcar o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe vê nas linhas, e piſtas da Eſt. XXIV. A, B, C, D, e nas da Eſt. XXV.

2 Devem no balanço da galopada ſerem iguaes no tempo das eſpaduas, ſucceſſivamente com o tempo da garupa, ſeja o movimento mais, ou menos veloz, e ſeja menor, ou maior a dobra do corpo do Cavallo. Eſtas leis tem a meſma intelligencia neſta lição, trabalhando tanto ſobre huma, como ſobre outra mão.

Havendo o Cavalleiro deſembaraçado o Cavallo pelo direito ſobre o quadrado, e nos circulos de duas piſtas, como tambem na carreira, como deixo notado, o póde ir fazendo galopar na lição dos circulos de quatro piſtas. Os circulos, que marcão as piſtas das mãos B, D, são menores, ou o Cavallo marche de paſſo, de trote, ou de galope: logo por conſequencia os circulos, que marcão as piſtas dos pés A, C, são maiores. Eſta lição ſuaviſa os movimentos dos Cavallos no ſeu eſpinhaço, e os rende flexiveis das juntas dos quadrís, curvilhões, e eſpaduas.

Quando o Cavalleiro vê nas lições antecedentes, que o Cavallo principia a galopar com facilidade, então o deve ir encruzando entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, formando-lhe frequentes vezes aquellas meias paradas, que julgar ſerem preciſas para o fazer ligeiro na mão, e o ir aſſim obrigando a pôr-ſe mais e mais ſobre a meia anca de dentro.

Para as paradas, as meias paradas, e falcadas ſerem bem formadas, e uteis neſta lição, he neceſſario que as redeas de dentro façõ unir a eſpadua de dentro

á eſpadua de fóra ; e a perna do Cavalleiro da parte de fóra obrigue a perna , e meia anca do Cavallo a unir-ſe á perna, e meia anca da parte do centro, porque na parada , meia parada , e falcada a garupa deve ſeguir as linhas parallelas das eſpaduas , pois que a perna de fóra não póde, como a de dentro, alcançar tanto o ponto de gravidade, ao menos as ancas vão ſeguindo as linhas parallelas, e poſſão, conduzindo-ſe por ellas, entrar para baixo do corpo , e uſar o Cavallo com mais igualdade das ſuas forças de ambas as pernas.

As paradas , meias paradas , e falcadas , trabalhando-o na lição de quatro circulos, ſe fazem, tendo as redeas firmes, quando o Cavallo ſe levanta no tempo do balanço das eſpaduas, para que então pelo movimento natural, e pelas ajudas do equilibrio, aſſento, joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro, o animal venha a recolher a garupa bem para baixo do corpo , e ſe vá apoiando cada vez mais ſobre as ancas: pelo contrario ſe o Cavalleiro firmar a ſua mão , e corpo, querendo fazer parar, ou falcar o Cavallo, em quanto eſte vai ſobre o tempo , ou balanço que ſe continúa das eſpaduas para a garupa , poſto que elle ſe diſponha bem, o Cavallo correſponde mal, vai ſobre a mão, faz alguns movimentos falſos com a cabeça, perde o apoio, e uſa mal das ſuas eſpaduas, eſpinhaço, e garupa.

De duas fórmas diſtribue o Cavallo mal as ſuas forças neſta lição: primeira, porque quando galopa não entra na mão, e determina os ſeus movimentos em hum galope curto contra a propriedade do ſeu movimento : ſegunda , porque entra demaziadamente na mão, e exige dos ſeus movimentos hum galope muito mais avançado, do que o ſeu poder, e conſtrucção permittem.

Se o Cavallo tem hum movimento demaziadamente detido , devem fazer diligencia de o alongar em hum movimento mais avançado ; e ſe o ſeu movimento he muito largo , ou avançado , devem contello em hum movimento mais detido; mas ſem o violentar com exceſſo a que mude , e perca abſolutamente o balanço proprio da ſua galopada, da ſua conſtrucção, e da ſua poſſibilidade, de ſorte, que ſe elle tendo diſpoſição para hum galope ordinario , e por diſtribuir mal as ſuas forças, ou por ſer muito ſenſivel da boca, e focinho, ou ſer muito coceguento, e raivoſo á perna , e eſpora , vai galopando com receio , a eſte devem trabalhallo com as falſas redeas em hum movimento diligente, dando-lhe fóra dos circulos alguns repellões; e quando for com mais facilidade para diante, fazer-lhe ſentir alguma couſa as pernas inſtantaneamente, e retirallas antes de lhe formar com as mãos, e com as pernas muito brandamente as meias paradas, ou as paradas firmes.

Por eſtas , e ſemelhantes diligencias ſe diſpõe o Cavallo para ſe determinar com facilidade a entrar na mão com mais apoio. Advertindo que o devem obrigar muito repentinamente, e repetidas vezes com a mão , e equilibrio ; e ſe elle em ſentindo alguma das referidas ſenſações, pára, rabeia muito com a cauda , ou dá couces, e pernadas, devem moderar a força das referidas ſenſações, e mais amiudadamente uſar dellas. Ora para o Cavalleiro metter, e conſervar o Cavallo entre as redeas ambas , e ambas as pernas , deve ſegurar-lhe a perna de dentro atrás das cilhas para o obrigar a ir para diante, e da meſma ſorte a eſquerda, contrapondo-

lhe

lhe as ſenſações das pernas ás das redeas para o fazer galopar na lição dos quatro circulos, entrando ſempre com as eſpaduas bem para o centro.

Determinando todo o movimento obliqua, e circularmente, deve o Cavalleiro ir tendo o corpo bem atrás á proporção do que o Cavallo ſe deixa encruzar entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, ter-lhe as mãos ambas hum pouco mais altas, e muito brandas. Advertindo que as mãos são brandas neſta lição, quando ſegurão as redeas com huma força proporcionada á ſenſibilidade da boca do animal, e com huma firmeza inſtantanea, iſto he, dando-lhe, e ſuſtendo as redeas, não ſó para o indireitar, e levantar das eſpaduas, mas para o ir obrigando a colar a meia garupa de dentro bem para baixo do corpo com proporção, ſem ſe encoſtar ao freio, ou rolar ſobre a perna. Deve o Cavalleiro repetidas vezes render, e ſuſter a mão, como deixo notado, a fim de que o Cavallo ſiga com agilidade todos os movimentos das redeas, entre facilmente com as eſpaduas para o centro, e vá galopando direito ſobre os quatro circulos, marcando as ſuas linhas com igual diſtancia humas das outras, aſſim com os pés, como com as mãos.

Os Cavallos, que entrão pouco na mão, ſendo galopados por hum terreno declive, entrão mais para a mão, do que ſe os fazem galopar em hum terreno ingreme, ou ainda plano: logo por conſequencia ſe pezarem na mão, iſto he, ſe carregarem muito na embocadura do freio, devem na determinação do movimento ſer menos avançados, tendo o Cavalleiro muitas vezes nas paradas, e nas meias paradas o ſeu corpo atrás, e firme, ſem que lhe una as pernas muito atrás das cilhas, para não colar tanto a garupa, e as pernas para baixo do corpo, e para que não entrem tanto na mão: logo aſſim como he bom galopar os Cavallos, que não entrão na mão por hum terreno declive, he igualmente util, quando elles entrão muito na mão, fazellos galopar por hum terreno ingreme, porque aſſim na ſubida, como na deſcida, ſegundo a ſua difficuldede, ſe fazem leves na mão.

Todas as partes do corpo do Cavalleiro devem conſentir no balanço, e movimento do Cavallo, quando galopa; com tanta união porém que não o poſſa perceber quem eſtiver de fóra vendo, poſto que o circulo ſobre que o fazem trabalhar ſeja pequeno, não ſó porque a inflexibilidade do corpo, mãos, e pernas parece mal neſta, aſſim como digo em outras lições, mas tambem porque os grandes movimentos do corpo, mãos, e pernas põem o Cavallo em deſordem.

Sendo o movimento do galope mais detido, ſegura a boca de qualquer Cavallo, que he ſenſivel, iſto he, quando o movimento he menos veloz, exalta-ſe menos a colera do animal, e elle he mais attento ás ſenſações das redeas; e quando o galope he mais avançado, a ſua velocidade lhe agita a colera, de modo que elle faz menos caſo das ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, e ſe vai endurecendo cada vez mais no ſeu apoio, muito principalmente quando he rude aos movimentos do corpo, das redeas, e das pernas.

Quando a velocidade do movimento he proporcionada ás conſtrucções, e poſſibilidades dos Cavallos, elles (como diz Pignateli Pag. 77.) entrão na mão ſem exceſſo, ſegurão a cabeça, conſervando na boca a ſenſibilidade á proporção do ſeu poder: e tambem aquelles, que tem demaziada impaciencia, ſe fazem attentos á

mão,

mão, ſendo trabalhados em hum movimento modificado; mas logo que ſe applacar a ſua colera, e ſe deixarem vencer, e dominar, huns, e outros devem ſer formados nos movimentos correſpondentes ás ſuas poſſibilidades, e conſtrucções.

Deve o Cavalleiro reparar ſempre qual he a ſenſação a que o Cavallo correſponde com actividade, e promptidão para a moderar, ou fortalecer mais até elle ceder, ou a ſua actividade proceda da ſua natural agilidade, e vigor, ou da impreſsão das ſenſações, e de ſer propenſo a defender-ſe.

Aſſim como os repellões moderados obrigão os Cavallos por effeito das meias paradas, e paradas a ſegurar a cabeça no ſeu proprio lugar, ſuaviſando-ſe dos movimentos do eſpinhaço, quadrís, e curvilhões para obedecer ás mãos, e ás pernas do Cavalleiro, apoiando-ſe bem ſobre as ancas, do meſmo modo a carreira precipitada exalta a colera aos Cavallos ſenſiveis, e impacientes, ſendo aliàs propria, e util para fazer determinar os movimentos daquelles, que são cobardes, e que retem as ſuas forças por temor, e por preguiça.

Logo que o Cavallo galopa na lição dos quatro circulos, a força centrifuga obriga pela dobra do corpo o braço direito (que he o de dentro da volta) a que faça a ſua poſição por ſima, e por diante do braço eſquerdo; e como a força centripeta naturalmente conduz o pezo de todos os corpos para o ponto de gravidade, e o Cavallo quando galopa, une a eſpadua, e anca de dentro á eſpadua, e anca de fóra, lá vão buſcar o ponto de gravidade, o pé de dentro, e a mão de fóra, marcando o terreno, como na ſeguinte

## ESTAMPA XXIV.

### *Na qual ſe moſtra o modo, com que o Cavallo marca o terreno, quando ſe fórma na lição, e acção dos quatro circulos, galopando ſobre a direita.*

OS braços, e pernas do Cavallo, quando galopa na lição dos quatro circulos, não tem tanto movimento circular, como tem quando elle ſe move de paſſo, ou de trote neſta lição, antes com hum ſucceſſivo balanço das eſpaduas, e outro da garupa, fórma o galope: por iſſo quando o Cavalleiro o faz trabalhar neſta lição, deve ajudallo com as ſuas mãos, pernas, e corpo, conforme a ſegunda lei, e muito principalmente com a perna de dentro para o obrigar melhor a formar-ſe na acção, e marcar com as piſtas das mãos os dous circulos mais perto do centro, e com as piſtas dos pés os dous circulos da maior circumferencia, a fim de que a perna, e meia anca de dentro ſe poſsão unir mais á de fóra, entrar mais para baixo do corpo, e buſcar o ponto de gravidade, para que o movimento, e balanço da garupa vá ſeguindo o movimento, e balanço das eſpaduas, e poſsão todos os ligamentos do corpo do animal fazer as ſuas funções com mais facilidade. Logo galopando neſta lição, a perna do Cavalleiro da parte de fóra ſempre lhe deve ſegurar a garupa alguma couſa para o centro, não ſó para o não deixar fugir

com

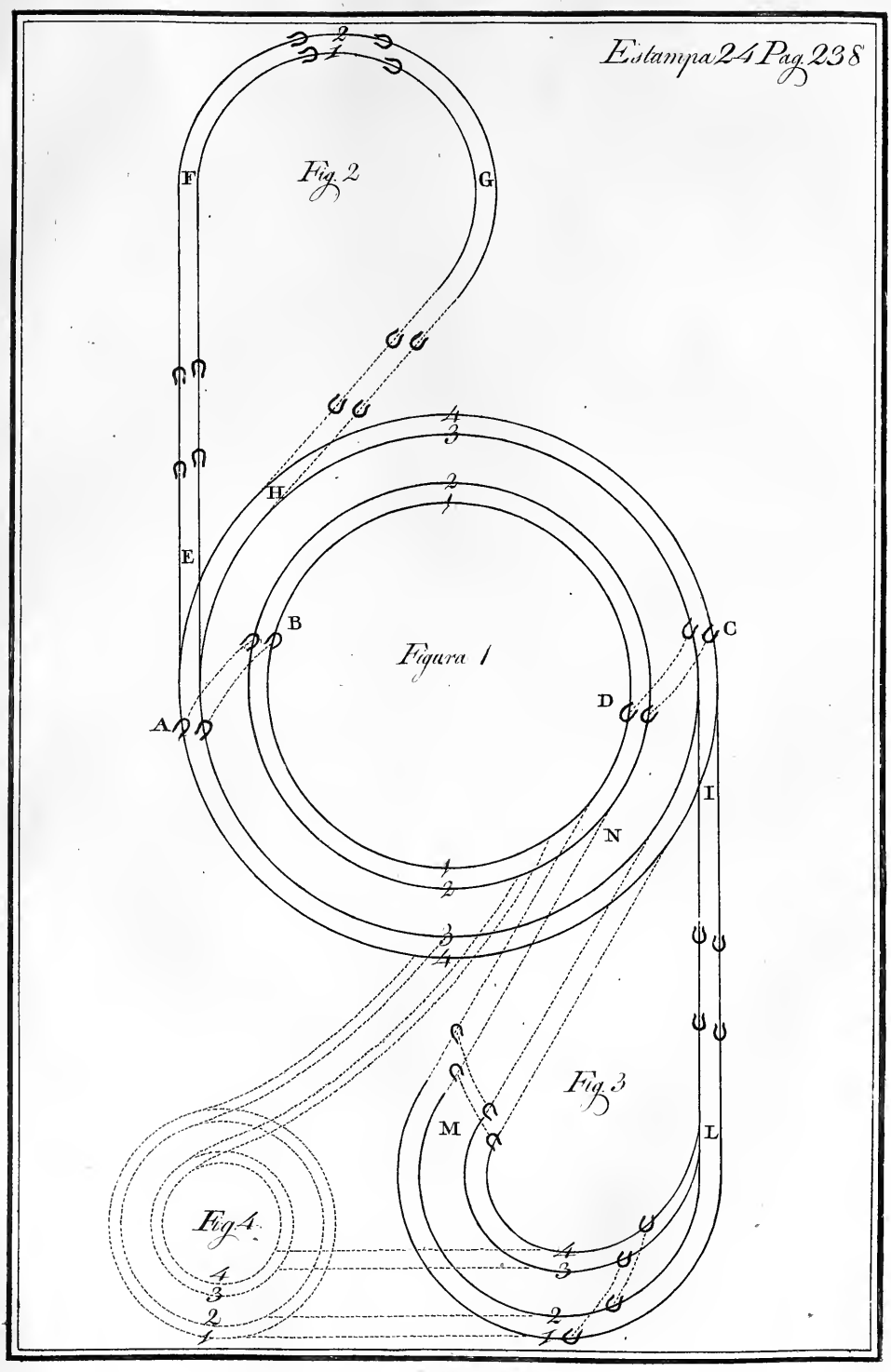


Fig. 2
F
G
H
E
B
C
A
D
Figura 1
I
N
Fig. 3
M
L
Fig. 4
1
2
3
4

com as ancas para fóra, mas para ajudar com a ſua contrapoſição as ſenſações da perna de dentro, quando o obriga a entrar bem para diante.

As eſpaduas, e todas as partes do corpo do Cavallo por meio deſta, e das mais lições, que ficão expendidas, ſe deſembaração muito, e aſſim os nervos, e ligamentos da garupa, e mais articulações das ſuas juntas ſe rendem flexiveis, não obſtante dizer Newcaſtle Pag. 80. » que a garupa do Cavallo neſta lição eſtá per-» dida. » Parece-me pois que os movimentos deſta máquina devem preciſamente correſponder, ou puchar huns pelos outros com igualdade, pois que as boas lições bem applicadas fazem bom effeito em toda a ſorte de Cavallos; e as differentes ruinas, que elles padecem em diverſas partes dos ſeus corpos, são ordinariamente procedidas de ſerem mais debeis, e fracos daquellas meſmas partes que ſe damnificão, e de eſtarem ſujeitos, como os outros mortaes, a infinitas enfermidades.

Eu não pertendo negar que a lição mal applicada diſpõe mal o Cavallo, antes ſim confeſſo que ella faz com que não uſe bem dos ſeus movimentos, e menos o obriga a poſtar-ſe bem direito no chão, e daqui póde talvez reſultar arruinar-ſe de algumas das partes do corpo mais depreſſa; mas a lição bem applicada já mais lhe motivará ruina alguma.

As diſpoſições de fazer paſſear, e trotar hum Potro ſobre as linhas rectas da muralha, linhas do quadrado, e circulos de Pignateli, e Newcaſtle rendem os Cavallos novos, e ignorantes, deſembaraçados ao paſſo, ao trote, e ao galope, e os faz obedientes para ſeguirem eſta lição dos quatro circulos, como tambem os diſpõe muito para ſeguirem os mais ares, e trabalhos de que elles são capazes.

## *Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda.*

GAlopando na lição dos quatro circulos, neceſſariamente o Cavallo marca o terreno com as piſtas dos ſeus pés, e mãos, como ſe moſtrão na Fig. 1. da Eſt. XXIV., a piſta da mão direita marca o circulo N. 1., a da mão eſquerda o circulo 2, a piſta do pé direito o circulo 3, e a do pé eſquerdo o circulo 4 da maior circumferencia. E ſempre o tempo do galope he quadrenario, pois em quanto o Cavallo anda aſſim dobrado para a direita, o pé eſquerdo marca o primeiro tempo, o direito o ſegundo, a mão eſquerda o terceiro, e a direita o quarto.

Para paſſar de mão da direita para a eſquerda, quando o Cavallo determinar os ſeus movimentos com maior facilidade, o podem obrigar pelas linhas tangentes da Fig. 1. Eſt. XXIV., e da letra E fazello determinar a ſua direcção para fóra dos circulos, em que trabalhava aquella diſtancia de terreno que parecer conveniente, ſegundo o ſeu tamanho, e deſembaraço, fazendo-o marchar ſobre linhas parallelas até á letra F, obrigando-o com ambas as redeas pelo meio circulo, trazendo a mão eſquerda de unhas aſſima para o centro, e da letra G, tendo aſſim formado o meio circulo, fazello ir completar a paſſagem ſobre a letra H, em que o devem acabar de deſdobrar da acção da direita para a eſquerda.

Chegando ao vertice H ſobre os circulos da Fig. 1. deve o Cavalleiro avançar o ſeu quadril, e eſpadua direita, atrazar a eſpadua, e quadril eſquerdo, ſeguin-

guindo com as mãos, e pernas promptamente eſtes movimentos: então ſuſtentará a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita: a mão direita alguma couſa de unhas abaixo, a perna direita logo atrás das cilhas, a eſquerda entre a primeira cilha, e a eſpadua para com as mãos o deſdobrar da acção, em que trabalha da direita para a eſquerda, e tambem com a perna eſquerda ſegurar-lhe as eſpaduas, endireitando-o ao meſmo tempo do peſcoço, e cabeça com huma, e outra redea, e da garupa com a perna direita para completar a paſſagem.

Obriga-ſe o Cavallo tambem a paſſar de mão da direita para a eſquerda, fazendo-o marcar o terreno, como ſe moſtra na Fig. 3. da meſma Eſt. XXIV., fazendo-o partir da letra I ſobre linhas parallelas até á letra L, chamando-o pelo meio circulo a paſſadas della até á letra M, trazendo algumas vezes a mão eſquerda de unhas aſſima, de fóra para o centro, e obrigando-o com a mão direita, e a perna eſquerda a que forme ao menos o meio circulo de quatro piſtas, modificando o Cavalleiro as ſenſações com que o obriga para do principio das linhas dos pontinhos moderar a ſua velocidade, de ſorte que chegue já ás linhas dos circulos da Fig. 1. letra N em hum movimento muito modificado, para o Cavalleiro inſtantaneamente no vertice N o deſdobrar da direita para a eſquerda, como deixo notado na paſſagem feita ſobre a Fig. 2.

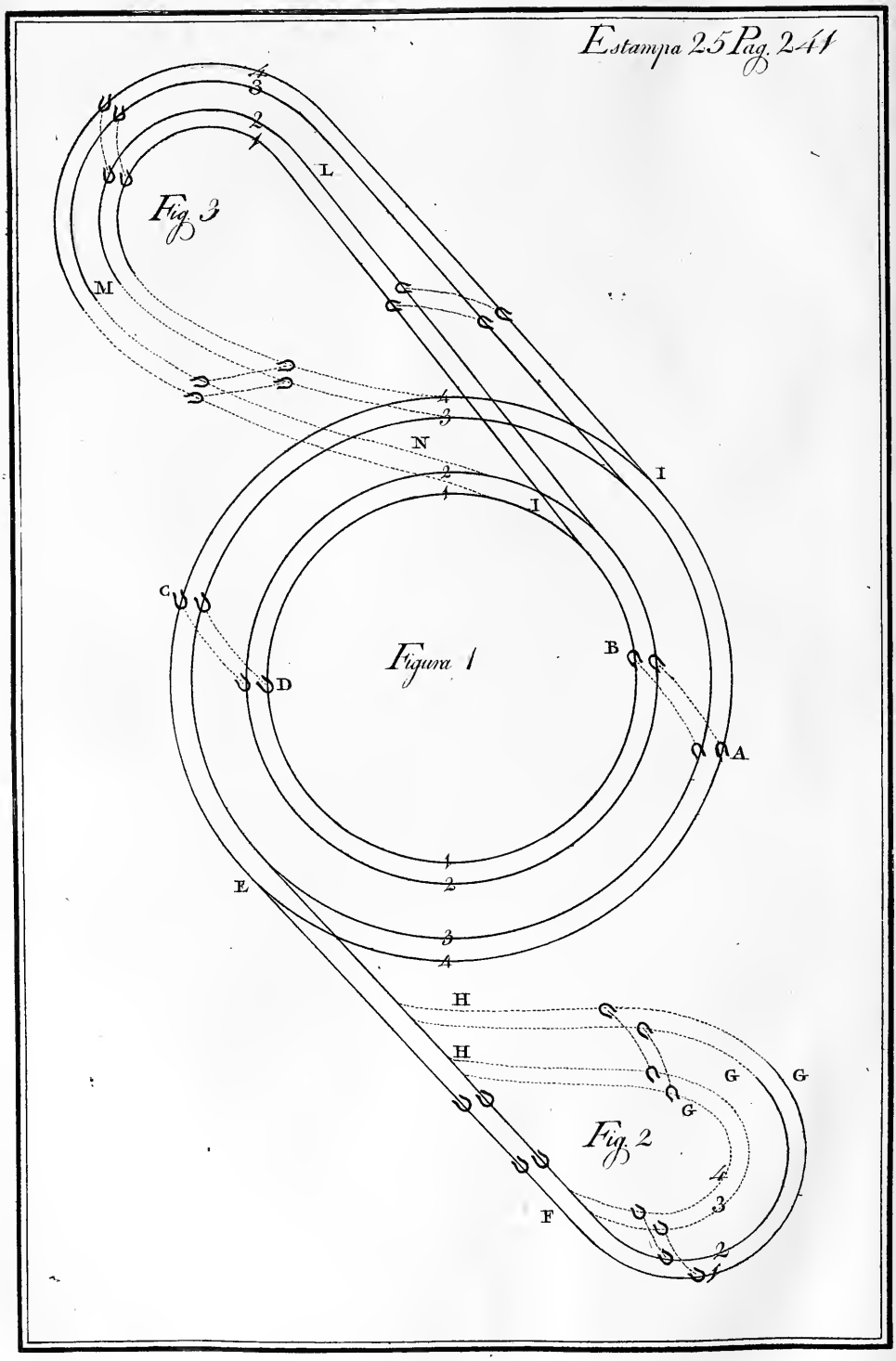
Se o Cavallo for pelo ſemicirculo, ou elle marque duas, ou quatro piſtas, e ſe entortar das eſpaduas, e garupa, ou ficar para trás, o Cavalleiro o deve arredondar das eſpaduas, fazendo-o dar algumas voltas ſobre hum pequeno circulo Fig. 4. até elle voltar com facilidade para o ir fazer paſſar de mão, obrigando-o no fim das linhas da Fig. 2. e 3. a entrar com as eſpaduas para o centro, fazendo-o endireitar da garupa com a perna de dentro para ſahir com as ancas para a maior circumferencia, formando-o na lição dos quatro circulos para a eſquerda na meſma brilhante acção, e boa ordem com que ſe formava neſta lição, e acção para a direita antes da paſſagem, ſeja obrigando-o a que forme as paſſagens ſobre o tempo, ſeja fazendo-o paſſar, eſperando o tempo, ou formando as paſſagens tranſtornadas.

## *Lição dos quatro circulos, galopando hum Cavallo dobrado para a eſquerda.*

DEpois do Cavalleiro haver galopado o ſeu Cavallo na lição dos quatro circulos dobrado para a direita, como acabo de dizer, e o haver paſſado de mão da direita para a eſquerda, o deve galopar tambem para eſta mão, como paſſo a explicar. Se o Cavallo depois da paſſagem por falta de deſembaraço duvída obedecer á mão, e pernas do Cavalleiro, ſeja por eſtranhar a novidade da lição, ou por não ter ainda o preciſo conhecimento das ſenſações da embocadura do freio, ou tambem por ſer deſigual dos ſeus movimentos, podem em tal caſo ter as redeas do freio ſeparadas, a eſquerda, e a do cabeção, ou correia na mão eſquerda, e a direita com a redea do cabeção, ou correia na mão direita; e ſe ainda aſſim duvi-

dar

Estampa 25 Pag. 241



dar muito, para a mão eſquerda poder tirar mais pela redea do cabeção, ou correia de vencer, podem ſegurar as redeas do freio unidas na mão direita, para que indo eſta da cernelha para fóra, o fação dobrar mais do peſcoço, e eſpaduas para a eſquerda; mas tanto que o Cavallo voltar, devem muitas vezes render-lhe a mão. Pois deſta ſorte a eſpadua eſquerda preciſamente ſe une á direita, e por conſequencia o Potro, ou Cavallo ſe dobra, maiormente ſe a mão eſquerda tira a redea do cabeção, ou correia de vencer para trás da caixa da ſella, Eſt. IX. Fig. 17. letra S.

Deve o Cavalleiro avançar a eſpadua direita, e atrazar á proporção a eſquerda, perfilando a frente do peito, em quanto aſſim trabalha, com o radio do circulo, Eſt. IV. Fig. 10. da letra G para C: as pernas ambas com repetidas ſenſações devem ajudar o Cavallo a entrar bem para diante, como digo neſta lição para a direita, de ſorte que elle entre com as eſpaduas bem para o centro, e diſtribua facilmente os ſeus movimentos com igualdade, formando-ſe no balanço, e acção do galope ſobre a eſquerda, aſſim como antes de paſſar de mão ſe formava para a direita.

O Cavallo neſta lição tambem deve perfilar a frente das ſuas eſpaduas com os radios do circulo tirados do centro para a circumferencia (Eſt. IV. Fig. 12.) da letra A para N, o que elle não póde fazer ſem dobrar o ſeu peſcoço da ganacha, N. 20. Eſt. III. até ás claviculas N. 28. para voltar para a eſquerda, inclinando a orelha de fóra, ou direita para o chão, ſem que a dobra de todo o ſeu corpo o obrigue a rolar para fóra, ſem ſujeição ás pernas do Cavalleiro, e tambem ſe não deve lançar ſobre a eſpadua de fóra por faltar á obediencia das redeas, e mais diligencias, de que tenho feito menção.

Para as eſpaduas do Cavallo entrarem mais facilmente para o ponto do centro, a eſpadua, e quadril eſquerdo do Cavalleiro devem retirar-ſe bem para trás, porque á proporção do que eſtas partes ſe atrazão neſta lição, o Cavallo ſe dobra para dentro, recolhe a perna de dentro para baixo do corpo, abaixa a meia anca eſquerda, determina todos os ſeus movimentos circularmente, e marca o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, como moſtra a ſeguinte

## ESTAMPA XXV.

*Em que ſe vê a fórma com que os Cavallos marcão o terreno, galopando na lição dos quatro circulos dobrados para a eſquerda.*

ESta excellente lição rende as eſpaduas dos Cavallos cada vez mais flexiveis, não obſtante ſerem ellas, como diz Pignateli, a parte do corpo mais difficultoſa de deſembaraçar, e ſituar no ſeu proprio, e devido lugar. E eu creio que em quanto os Cavallos não eſtiverem flexiveis das eſpaduas, não obedeceráõ á mão, ás pernas, e mais ajudas, e ſenſações, que o Cavalleiro lhes faz com a pertendida facilidade, e promptidão, principalmente galopando ſobre os quatro circulos.

Muitos Cavallos por effeito das ſuas boas qualidades, e diligencias da Arte chegão a executar bem muitas lições: poucos porém chegão a galopar com perfeição na dos quatro circulos; porque além de ſerem obrigados a marcar o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, como moſtra a Fig. 1. da Eſt. XXV., elles devem dobrar-ſe indo para diante, obliquando com igualdade no balanço do ſeu galope: devem entrar na mão com apoio, facilidade, e obediencia: devem conſervar as eſpaduas por dentro da linha da meia anca do centro, para não ſe lançarem ſobre a parte convexa: devem dobrar mais o curvilhão da parte do centro para recolher a perna de dentro bem para baixo do corpo; e finalmente no balanço da ſua galopada elles devem unir-ſe bem ſobre as ancas para ſe formar neſta acção, como tenho dito, e marcar o terreno, como na Eſt. XXV. Fig. 1., a fim de que o pé eſquerdo, e a mão direita poſsão ir equilibrar o pezo de toda a máquina bem debaixo do ponto de gravidade.

Quando o Cavallo trabalha neſta lição dos quatro circulos, galopando tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda com todas eſtas perfeições, elle he formoſo na ſua acção, e eſtá diſpoſto pela facilidade das ſuas eſpaduas, e mais partes do corpo para trabalhar mais facilmente em outra qualquer lição.

Em quanto por meio das lições, que ficão expendidas, os Cavalleiros vão diſpondo os Cavallos para obedecer, e entrar na mão, não devem deſcuidar-ſe em os ajudar brandamente, contrapondo a força das ſenſações das redeas á força das ſenſações das pernas, quando os fazem entrar com as eſpaduas para o centro, e para que ſe endireitem entre ambas as redeas, e entre ambas as pernas; até que por meio deſtas diligencias elles cheguem a dobrar-ſe com tanta facilidade, que a embocadura do freio aſſente por direito ſobre os aſſentos: como tambem para vencer iſto, he preciſo dar-lhe, e ſuſter a mão, e repetidas vezes trazella para a direita, e levalla para a eſquerda, para que o animal não carregue no freio, ſem o obrigar, em quanto anda neſta acção (maiormente ao principio) a que pare forte; e ſe quando o pararem elle carregar na mão, devem tirallo atrás com velocidade proporcionada ao ſeu conhecimento, e poſſibilidade.

## *Modo, com que o Cavallo marca o terreno, e faz as paſſagens de mão, galopando na lição dos quatro circulos da eſquerda para a direita.*

QUando o Cavallo anda igual no movimento, facil na mão, e bem ſituado no terreno, com a piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1. com a direita o N. 2., com a do pé eſquerdo o N. 3., e com a do pé direito o N. 4. da maior circumferencia, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XXV. A, B, C, D.

Sendo o Cavallo ainda ignorante, quero dizer, tendo pouco coſtume deſta lição, he bom fazello paſſar ſobre o tempo das eſpaduas, a qual paſſagem ſe faz, partindo da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da letra E para F, ſegurando-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima, e da meſma ſorte a direita, obrigando-o a que marque quatro piſtas pelo ſemicirculo de pontinhos de F para G, fazendo-o completar

tar a paſſagem ſobre as linhas da letra H, entrando da Fig. 2. para a Fig. 1., em que o devem fazer inſtantaneamente deſdobrar da acção, que até alli ſuſtentava da eſquerda para a direita.

No tempo da paſſagem deve o Cavalleiro affroxar a ſenſação da perna direita, fortalecer a da perna eſquerda, ter a mão direita de unhas aſſima, a eſquerda de unhas abaixo, alguma couſa inclinada para fóra da cernelha; e depois de o obrigar com ambas as redeas a entrar com as eſpaduas para o centro, o obrigará com ambas as pernas a entrar para diante, e formar-ſe na meſma boa acção, em que antes da paſſagem galopava para a eſquerda. Todos eſtes movimentos devem ſer feitos em quanto o Cavallo continúa o balanço da galopada das ancas para as eſpaduas, para quando ellas deſcerem para a terra no ſeu balanço voltar para a direita, e avançar a mão, e eſpadua direita, unindo-a á eſquerda.

Tambem ſe formão as paſſagens de mão, ſahindo da Fig. 1. para a Fig. 3., marchando pelas tangentes I, marcando da letra L hum ſemicirculo para a letra M, obrigando-o com a perna eſquerda, e com as redeas eſquerdas a que forme o ſemicirculo de quatro piſtas, como ſe vê na Fig. 3., indo pelas linhas de pontinhos fazello mudar de acção da letra N para as linhas da Fig. 1., em que deve com prompta facilidade, por meio das ſenſações, que o Cavalleiro lhe applica, deſdobrar-ſe da eſquerda para a direitá, como já diſſe o devem fazer paſſar da Fig. 2. para a Fig. 1.

Podem tambem formar-ſe as paſſagens de mão, fazendo partir o Cavallo da Fig. 1. para as linhas da muralha, tornando pelo meſmo modo por hum ſemicirculo a completar a paſſagem ſobre as linhas da Fig. 1., ſeja formando a referida paſſagem ſobre angulos rectos, ſeja formando-a ſobre angulos agudos, obtuſos, ou curvilineos, e tambem em outro qualquer lugar, que pareça ao Cavalleiro mais conveniente para facilitar o Cavallo.

As meias paradas, e paradas neſta lição devem ſer feitas com firmeza, e brandura, conduzindo as eſpaduas do Cavallo para parar com ambas as redeas, e ambas as pernas das linhas da circumferencia Fig. 1. Eſt. XXV. para as linhas parallelas, e rectas da garupa: o que ſómente póde fazer-ſe, quando as piſtas das mãos ſahirem dos circulos N. 1. e N. 2. para os circulos N. 3. e N. 4.: então quando o Cavallo ſe acha mais direito no terreno, e mais ſeguro entre ambas as redeas, e ambas as pernas, o Cavalleiro deve tomar-lhe o tempo do balanço das eſpaduas; e quando a garupa continúa a dobrar o ſeu balanço, o devem parar, tendo o Cavalleiro o ſeu corpo atrás, firmando-ſe alguma couſa ſobre o coxim, e eſtribos, mettendo as coſtas no lugar dos rins para dentro, unindo a cintura aos vaſos dos arções do cepilho da ſella, tendo as mãos para ſi; e logo que o Cavallo recolher a garupa bem para baixo do ventre, devem render-lhe a mão para o coſtumar a parar facil na embocadura do freio, e ſem fazer o ſegundo tempo do balanço da garupa, recuando, como poderá acontecer, ſe o Cavalleiro, quando lhe formar eſta caſta de paradas, não uſar das prevenções que tenho recommendado. Por meio deſtas diligencias o Cavallo ſe faz leve na embocadura do freio, e por conſequencia attento á mão do Cavalleiro; e ſendo a lição deſta ſorte praticada, elle

uſa bem dos ligamentos da garupa, dobra-ſe nos curvilhões; e levantando cada vez mais as eſpaduas, vai rebatendo bem todos os ſeus movimentos para ſima das ancas.

Se o Cavallo for ſenſivel, e dotado de grande viveza, ſerá por conſequencia colerico: e em tal caſo devem formar-lhe as paradas, e meias paradas, principalmente nas paſſagens, tendo o Cavalleiro o ſeu corpo atrás, e as mãos firmes, e brandas. Se elle porém for deſanimado, froxo, e rude na ſenſibilidade da ſua boca, e ventre, as paradas, e meias paradas devem ſer feitas a hum tal Cavallo, trabalhando as redeas, huma depois de outra, a que chamão fazer ſerra; e a força com que a fizerem, deve regular-ſe não ſó pela ſenſibilidade, que elle tem no ſeu focinho, boca, e ventre, mas pela ſua idade, e poſſibilidade.

A' proporção da inclinação com que o corpo do Cavalleiro ſahe do equilibrio para trás, obriga com o ſeu pezo, e direcção o Cavallo a rebater os ſeus movimentos para ſima da garupa: e neſte caſo as pernas do Cavalleiro devem ao meſmo tempo que elle firma o corpo, ſoccorrer com as ſuas ſenſações o Cavallo, unindo-lhas ao ventre, logo atrás das cilhas para o fazer ir para a mão.

Tambem quando o Cavalleiro formar as meias paradas, e paradas ao Cavallo, deve ſempre ter muito cuidado em prevenir que elle ſe não empine; porque não querendo ſoffrer a ſujeição, e apoio do freio, alguns uſão levantar-ſe por defeza, quando elles devem obedecer, ficando ſempre flexiveis: o que não fazem quando ficão irtos, e tezos ſobre as garupas, rins, e curvilhões, e mais partes do corpo: motivos, por que podem cahir para trás, quando os obrigão a formar a meia parada, ou a parada. Se o Cavallo recolhe a garupa bem para baixo do corpo, quando o Cavalleiro lhe fórma as meias paradas, e as paradas, a ſua continuação o vai fazendo obedecer ao freio, e o faz uſar com igualdade das forças da garupa; e ſe quando lhe formão a meia parada, ou a parada, em lugar de obedecer, elle ſe avança no ſeu movimento, devem não ſó parallo mais vezes, e mais forte, mas tambem tirallo alguma couſa atrás.

Quando o Cavallo duvída recuar, e ſe firma na mão, ou ſe entorta, encoſtando-ſe ſobre huma, ou outra eſpadua, devem, quando o tirão atrás, puchar ora huma, ora outra redea, (ao que já diſſe chamão fazer ſerra), porque iſto o obriga a não ſe apoiar muito ſobre a embocadura do freio, ſendo aſſim caſtigado com o cabeção, e tambem com o freio, pois que tão bom he firmar-ſe elle ſobre o freio, e cabeção, principiando a formar-ſe nas primeiras lições, quando anda para diante pelo direito, como he máo firmar-ſe ſobre o freio, e cabeção, quando depois de haver paſſado pelos principios, de que tenho feito menção, duvída parar, ou recuar: e creio que ſó repetindo-lhe a lição deſta ſorte, elle poderá perder o máo coſtume de violentar, ou forçar a mão, e ſe facilitará em parar, e recuar.

Todos ſabem que o Cavallo, quando recua, deve ſentar-ſe bem ſobre a garupa, a fim de ſe alargar das pernas para ſe deſembaraçar igualmente dos movimentos de huma, e de outra anca, e recuar, dobrando os curvilhões, e travadouros, ficando ao meſmo tempo ligeiro no freio, e cabeção, ſeja recuando ſobre linhas rectas, ſem ſe atraveſſar, ou recuando ſobre linhas circulares, e obliquas, ſe

el-

elle o neceſſitar; mas ou elle recue de huma, ou de outra ſorte, quando tem obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro, deve deixar de recuar, logo que lhe rendem a mão, e unem as pernas, ſeja para o fazer andar para diante, ou para o fazer parar na determinação do ſeu movimento, ou tambem por lhe haverem firmado a mão, e affroxado as ſenſações das pernas.

## *Modo de formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha, ou teſta ao muro, ao paſſo, e trote dobrado para a direita, e as Leis pertencentes ás determinações do corpo do Cavalleiro.*

1 O Cavalleiro deve avançar a ſua eſpadua de fóra da volta, e atrazar a da parte concava, ou de dentro, perfilando a frente do peito o mais que puder ſer com as linhas, que o Cavallo vai marcando com as piſtas das mãos.

2 Tambem deve repetidas vezes com ambas as redeas, e ambas as pernas endireitar o Cavallo das eſpaduas, e garupa no terreno, até o encruzar com facilidade entre as ſenſações da perna de dentro, e da perna de fóra.

## *Leis pertencentes ás determinações dos Cavallos.*

1 HE tambem Lei indiſpenſavel neſta lição marcar o Cavallo ſempre o terreno com as piſtas dos ſeus pés, e mãos para ſima das linhas, que lhe ficão da parte concava.

2 Devem com as piſtas das mãos, e pés marcar as linhas do comprimento da muralha, e dos angulos iguaes na diſtancia de huma a outra piſta para equilibrar o pezo do corpo bem ſobre a mão de dentro, e o pé de fóra.

3 A mão, e a perna de fóra devem ſempre cruzar, e paſſar por ſima, e por diante da mão, e perna de dentro ao paſſo, e trote, como ſe moſtra na Eſt. XXVI.

4 Galopando pela união dos balanços do galope, elle avança a mão, e a perna da parte concava, porque nos balanços da galopada não podem a mão, e perna de fóra cruzar, e paſſar por ſima, e por diante da mão, e perna de dentro.

He Lei eſſencial neſta lição, galopando ſobre o quadrado longo, obrigar-lhe mais a garupa com a perna de fóra, e as eſpaduas com a redea de dentro para o Cavallo ſe levantar mais ſobre as ancas; e quando trabalha ſobre circulos, devem ſempre obrigar-lhe as eſpaduas a que ſe movão com mais inclinação para a parte de dentro da linha da piſta do pé de dentro da volta, para não embaraçar com o movimento da garupa o das eſpaduas; e depois de reduzido pelas lições precedentes a ir obedecendo para ſe pôr cada vez mais ſobre as ancas, e ſe fazer mais attento ás mãos, e pernas do Cavalleiro, o podem exercitar na lição da cara contra a muralha, a que vulgarmente chamão *Teſta ao muro*, até o reduzir a formar-ſe na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-

## ESTAMPA XXVI.

*Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha ao paſſo, e trote para a direita.*

LOgo que o Cavalleiro pertende formar eſta lição, deve pôr a cabeça do Cavallo defronte da parede, ou muralha, dobrando-o para a mão direita; e ſe elle duvidar, ſerá bom ter as redeas ſeparadas, as direitas do freio, e cabeção na mão direita; e as eſquerdas do cabeção, e freio na eſquerda, tirando a mão direita para dentro de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua eſquerda, tendo pelo contrario a mão eſquerda alguma couſa de unhas abaixo, porém mais avançada, e para fóra, a fim de que o Cavallo vá adquirindo maior dobra no peſcoço, e corpo, para ſer cada vez mais prompto na facilidade, e graça de ſe dobrar para dentro da volta para onde anda.

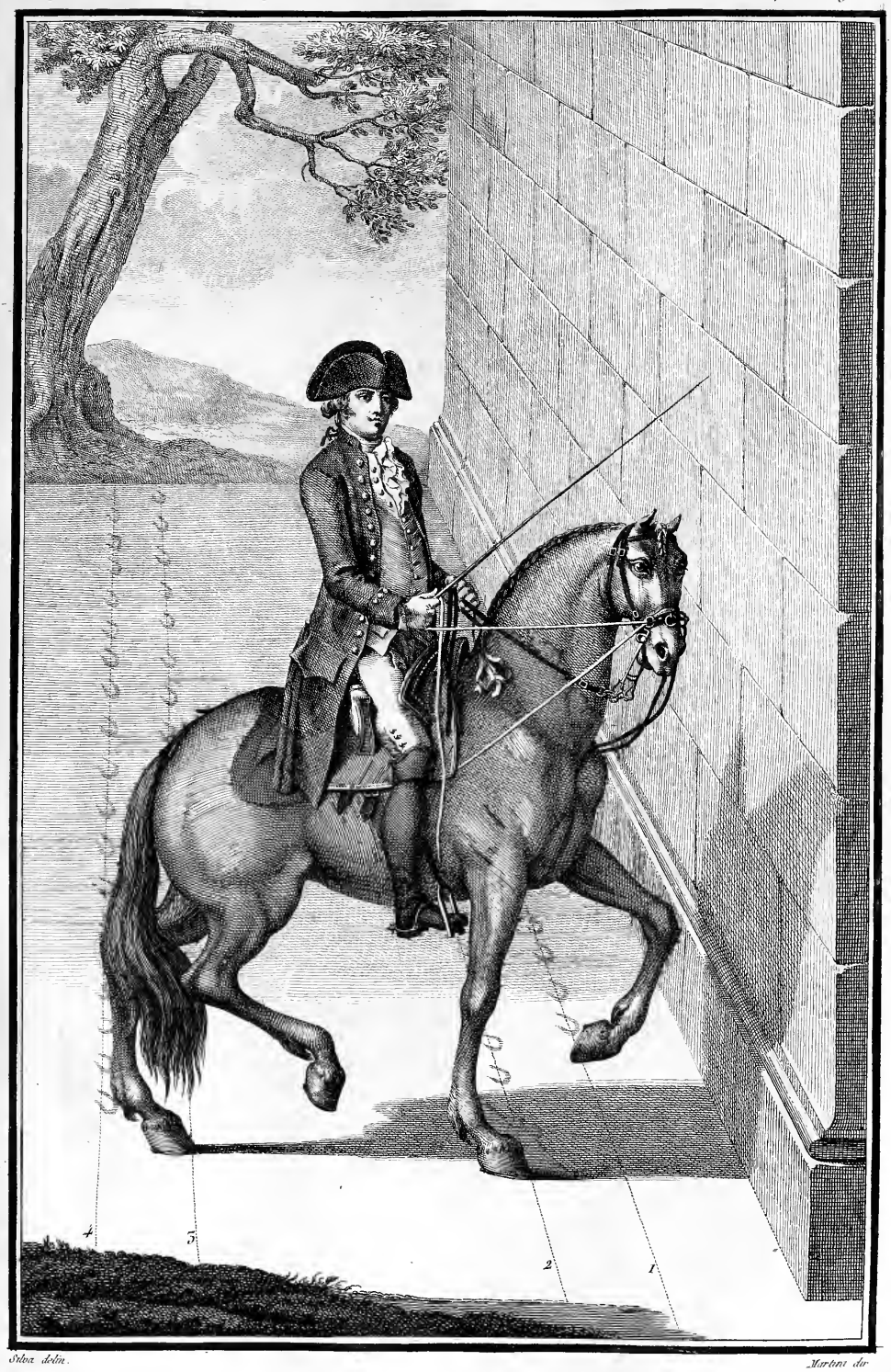
A eſpadua eſquerda do Cavalleiro deve avançar-ſe cada vez mais para diante, e a direita á proporção atrazar-ſe: a perna eſquerda do joelho até ao calcanhar deve ajudar o Cavallo da parte de fóra, para que a meia garupa eſquerda vá ſeguindo a de dentro, e da meſma ſorte a eſpadua, o braço, e a mão do Cavallo da parte de fóra ſe avance, e paſſe por ſima, e por diante do braço, e mão de dentro; porque neſte trabalho, quando o Cavallo ſe dobra para a direita, e anda para diante, ſeja ſobre o quadrado, ou ſobre os circulos, neceſſariamente a mão, e pé eſquerdo, por effeito do movimento circular, fazem a ſua poſição por ſima, e por diante da mão, e pé direito: o que obriga a atrazar a eſpadua eſquerda do Cavallo; e ſe elle não marcar aſſim o terreno, movendo-ſe de paſſo, e de trote, não andará bem para diante.

Com as redeas direitas, e a perna eſquerda ſe obrigão os Cavallos a trabalhar com facilidade neſta lição, e por effeito deſtas diligencias voltão a cara, e dobrão o peſcoço, as eſpaduas, o eſpinhaço, e a garupa bem para a volta, quando são obrigados por eſte modo. O corpo do Cavalleiro deve com o ſeu equilibrio pezar mais ſobre o eſtribo direito, ou de dentro, que ſobre o eſtribo de fóra, para que a força centrifuga, que dilata mais a parte convexa, e a obriga a ſahir por huma tangente para fóra, ſe deixe vencer da força centripeta, e o pezo do corpo do Cavalleiro obrigue o do Cavallo a que vá mais para o ponto do centro, e gravidade, que de outro modo elle não póde ſeguir bem a direcção da linha da mão direita, e do pé eſquerdo.

Digo que a mão direita, e o pé eſquerdo do Cavallo neſta lição vão buſcar o ponto de gravidade, e do centro, porque fazem a ſua poſição mais debaixo do corpo do Cavallo, e balanço do movimento, que elle vai marcando no terreno ſobre que ſe move; e por eſtes motivos a mão eſquerda, e o pé direito ſe levantão mais da terra, o que não farião ſe foſſem mais para o ponto de gravidade, e o pezo carregaſſe mais ſobre elles, que ſobre a mão direita, e pé eſquerdo.

Pezando o corpo do Cavalleiro mais ſobre o eſtribo de dentro, e ſendo a

ſen-




Silva delin.

Martini dir

ſenſação da perna eſquerda, ou de fóra mais activa, logo atrás das cilhas, o Cavallo he obrigado a unir a ſua perna de fóra á de dentro; e ſe ao meſmo tempo a redea direita pucha para a direita, o Cavallo volta; porém em quanto não tem o preciſo deſembaraço, he neceſſario que a redea eſquerda o ajude com a ſua ſenſação a unir a eſpadua eſquerda á direita para adquirir a facilidade do movimento circular, e uſar bem das eſpaduas, e garupa. Principiando a caminhar neſta lição ao paſſo, e trote, marca quatro linhas com as piſtas dos pés, e mãos, ſeja trabalhando pelo comprimento da muralha, linhas do quadrado, ou ſobre os circulos. Por meio de todas eſtas diligencias o Cavalleiro deve ſempre conſervar o ſeu Cavallo igualmente facil, e prompto a obedecer ás ſenſações de ambas as pernas, e das redeas ambas; e por muito que o obrigue a dobrar-ſe, não o deve deixar encoſtar á mão, ás pernas, ou á muralha.

Se o Cavallo ſe lançar ſobre a eſpadua de fóra, deſigualando-ſe do ſeu movimento, o Cavalleiro trazendo repetidas vezes a ſua mão de fóra de unhas aſſima para dentro da volta, o obrigará a endireitar-ſe das eſpaduas: advertindo que quando o Cavalleiro traz a mão para dentro, deve affroxar a ajuda da perna de fóra, para as eſpaduas ſe deixarem vencer das ſenſações das redeas de fóra; e logo que o Cavallo volta, e une a eſpadua de fóra á de dentro, devem render-lhe a mão, e ajudallo a que ande para diante, fortalecendo, e modificando amiudadamente as ſenſações da perna eſquerda para o ir encruzando entre ella, e as redeas de dentro, a fim de que vá paſſando com facilidade a mão, e perna de fóra por ſima, e por diante da mão, e perna de dentro.

Quando elle rolar para fóra com a garupa, não obedecendo ás ſenſações da perna, então o Cavalleiro a deve ſegurar mais, iſto he, com a rozeta da eſpora mais voltada para a barriga, e mais atrás do lugar, em que ordinariamente ſe coſtumão dar as eſporadas, ſegurando-lhe ao meſmo tempo a mão de fóra de unhas aſſima, e mais forte na ſua ſenſação que a de dentro; e ſe iſto não baſtar, he bom dar-lhe alguns toques com a redea do cabeção de fóra para trás, fazendo ſempre diligencia porque o Cavallo, tanto ao paſſo, como ao trote, vá bem para diante em hum movimento igual. E ſe perſiſtir com tenacidade neſta deſeza de ficar para trás, e rolar, devem ajudallo com o açoute pela parte de fóra; mas eſte caſtigo deverá ſer applicado por hum ſujeito que o faça util, ajudando, e caſtigando o Cavallo mais, ou menos forte, quando elle deſobedecer, e o Cavalleiro for bem prevenido, e de acordo para o ajudar, e obrigar a formar-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. XXVI.

Todas as vezes que o Cavallo obedecer ás ſenſações, ſejão das redeas de fóra, por haver entrado a mão da cernelha para dentro, ſejão das redeas de dentro por ſe haver inclinado a mão da cernelha para fóra, devem as mãos tornar logo ao ſeu lugar, e pôr-ſe cada huma na ſua acção; porque aſſim como a eſquerda, trabalhando de unhas abaixo á proporção da diſtancia que vai da cernelha para fóra, pucha pela redea, e caimba do freio da parte direita, e a embocadura, e barbella obrigão com mais força ſobre o aſſento, e barbada da parte eſquerda, e o Cavallo, por fugir do aperto que a embocadura, e barbella lhe fazem da parte de fó-

fóra, dá o bico, e volta para a direita: aſſim quando a mão eſquerda ſe volta de unhas aſſima, entrando da cernelha para a direita, pucha pela redea, e caimba eſquerda, e a embocadura, e barbella apoia mais violentamente da parte direita ſobre o aſſento, e barbada, e obriga por conſequencia o Cavallo a olhar para a eſquerda: pelos meſmos motivos as ſenſações, que tenho dito, o fazem voltar, e olhar para a direita.

Quando a mão do Cavalleiro de unhas aſſima entra de fóra para o centro, perde o Cavallo (á proporção do que ella entra) a dobra da ſua cabeça, cara, peſcoço, e corpo: por iſſo tanto recommendo que logo que a mão de fóra obrigar de unhas aſſima a entrar a eſpadua de fóra para o centro, e o Cavallo obedecer, torne a mão ao ſeu lugar para elle não ſe deſmanchar tanto da ſua acção.

## *Defezas, de que ordinariamente uſão os Cavallos, quando lhes principião a formar a lição da cara contra a muralha.*

SEndo os Cavallos obrigados a formar-ſe na lição, e acção da cara contra a muralha, a ſua principal defeza he ficar para trás, humas vezes lançando-ſe ſobre a eſpadua de fóra, outras unindo as eſpaduas muito á muralha, levantando-ſe outras muito para ſima, deſigualando-ſe, principalmente dos movimentos da garupa, outras indo muito ſobre a perna, ou eſpora, e tambem dando a cabeça muito para dentro, ou levando-a muito para fóra; pois deſtas, e de outras muitas defezas ſe reveſtem para ficarem para trás, e fugir da ſujeição a que os conduz eſte trabalho.

Em taes caſos deve o Cavalleiro tentar primeiro os meios que ficão expendidos para evadir as ſuas defezas, e fazellos andar para diante iguaes nos ſeus movimentos; e ſe elles com tenacidade quizerem fortalecer-ſe na deſobediencia, devem remettellos á lição dos quatro circulos, trabalhando-os brandamente ao paſſo, e trote, ſe elles forem ſenſiveis, por lições mais dilatadas; e ſe forem mais rudes, podem obrigallos com mais actividade, ſendo as lições menores, para que por huma, ou por outra fórma ſe eſqueção das ſuas defezas; e tornando á lição da cara contra a muralha, em dando alguns paſſos bem, devem parallos, e affagallos, para que vão conhecendo o que ſe pertende que elles fação.

## *Lição da cara contra a muralha ao paſſo, e trote para a mão eſquerda.*

DEve o Cavalleiro principiar a formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha para a mão eſquerda, em quanto elle ignora, duvída, ou não eſtá facil, tendo ſeparadas as redeas do freio, e cabeção eſquerdas na mão eſquerda, e as redeas do freio, e cabeção direitas na mão direita: a mão eſquerda deve ſer mais firme que a direita de unhas aſſima, inclinada com o dedo minimo para a eſpadua direita, atrazando a eſpadua eſquerda tanto, quanto antes de paſſar de mão a avançava para diante, e avançando a direita á proporção do que atrazar a eſquerda, e dobrar o Cavallo para eſſa parte.

A mão eſquerda deverá ſuſtentar bem fechadas as redeas, tendo o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, maiormente ſe trabalharem as redeas unidas na mão eſquerda; e a mão direita deve ter apertada a redea do cabeção com as unhas alguma couſa voltadas para baixo. Tambem o Cavalleiro fará ſentir ao Cavallo a perna de fóra mais que a de dentro, iſto he, a perna direita para o encruzar o mais que puder ſer entre ambas as redeas, e entre ambas as pernas, ou calcanhares, não ſó quando o faz unir, e formar na acção ſobre as linhas do comprimento, mas tambem para o obrigar a que ſiga bem com as ancas os movimentos das eſpaduas nos angulos, até que por effeito das diligencias da perna direita, e das das redeas eſquerdas ſe deixe encruzar entre as ſenſações das redeas eſquerdas, e da perna direita, para ir paſſando a perna, e mão de fóra por ſima, e por diante da perna, e mão dentro da volta para onde elle anda, a fim de que forme, andando aſſim dobrado para a mão eſquerda, quatro piſtas diſtinctas, como paſſo a explicar.

## *Modo, por que o Cavallo marca no terreno quatro piſtas, trabalhando na lição da cara contra a muralha, ao paſſo, e trote ſobre huma, e outra mão.*

MArchando elle dobrado para a mão direita com a cara contra a muralha, ou vá ſobre o quadrado longo, ou ſobre o quadrado regular, ou tambem ſobre alguns circulos de paſſo, e de trote, a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a linha N. 2., a do pé eſquerdo a linha N. 3., e a do pé direito a linha N. 4., como moſtra a Eſt. XXVI.

Marchando ſobre a mão eſquerda neſta lição da cara contra a muralha, ao paſſo, e trote, a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da eſquerda a linha N. 2., a do pé direito a linha N. 3., e a do pé eſquerdo a linha N. 4., como moſtra a Eſt. XXVII.

## *Modo de marcar o terreno, galopando na lição da cara contra a muralha.*

GAlopando qualquer Cavallo na lição da cara contra a muralha dobrado para a direita, a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a linha N. 2., a do pé direito a linha N. 3., e a do pé eſquerdo a linha N. 4.

Galopando na meſma lição dobrado para a eſquerda, a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a linha N. 2., a do pé eſquerdo a linha N. 3., e a do pé direito a linha N. 4.

A differença que os Cavallos fazem no modo de marcar o terreno com as piſtas das ſuas mãos, e pés, quando ſe movem de paſſo, e trote, de quando marchão de galope, he procedida do movimento circular, e obliquo, que elles fazem com o braço, e perna de fóra, quando vão de paſſo, e trote, os quaes paſsão por ſima, e por diante do braço, e perna de dentro. E quando vão galopando, proce-

de a differença do modo de marcar o terreno com as piſtas das mãos, e pés neſta lição da união das eſpaduas, que fórmão hum balanço, e marcão o terreno, ſem o movimento circular, e ſó com a direcção obliqua; e quando no galope as ancas fórmão o ſeu balanço ſómente pela ſua união, tambem as piſtas dos pés marcão o terreno, como tenho ponderado o marcão as das mãos.

## ESTAMPA XXVII.

### *Do Cavalleiro, formando o ſeu Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha ao paſſo, e trote para a eſquerda.*

SE o Cavallo ſe lançar mais ſobre a eſpadua direita, que ſobre a eſpadua de dentro da volta, deve o Cavalleiro uſar dos movimentos, e meios ditos neſta lição para a direita; e ſe iſſo não baſtar, deve dar-lhe com as redeas de fóra alguns toques para trás, e para ſima, trazendo a mão direita repetidas vezes de unhas aſſima para dentro da volta, quanto baſte a fazello obedecer.

Quando entrar com a garupa demaziadamente para a eſquerda, o Cavalleiro deve unir-lhe ambas as pernas ao ventre; e ſe for preciſo, a de dentro mais que a de fóra; porém ſómente quando elle entra com a garupa com exceſſo para dentro. A mão eſquerda do Cavalleiro deve conformar-ſe com as ajudas das ſenſações das pernas, entrando de unhas abaixo da cernelha para dentro, quando a mão direita entra da cernelha para dentro de unhas aſſima, e as pernas ſe contrapõem ás redeas com as ſuas ſenſações, para que o Cavallo ſe indireite melhor no chão.

Todas as expoſtas diligencias ſervem para evitar as deſordens, que os Cavallos commettem, trabalhando neſta lição; e ſe elles continuão em romper o peſcoço, conduzindo as ancas com mais velocidade, que as eſpaduas, dobrando muito a cara para dentro, ſem obedecer ás redeas, e ás pernas do Cavalleiro, eſte os deverá fazer paſſar de mão, trabalhando-os na lição do trote, já para hum, já para outro lado; tanto pelo direito, e quadrado, como ſobre os circulos, formando-lhe muitas meias paradas, e paradas firmes, até que por effeito de o avançar no trote ſobre os circulos, entre na mão; e com o uſo das meias paradas, e falcadas elle firme a cabeça, e ſe endireite nos ſeus movimentos das eſpaduas, e ancas; porém ſe a defeza tiver origem na fraqueza, e na moleſtia, não ſe remediará com as referidas diligencias.

Os Cavallos, que por deſobedientes á lição da cara contra a muralha tiverem ſido remettidos á lição do trote, ſeja ella formada ſobre as linhas dos quadrados, ou ſobre as dos circulos, logo que obedecerem á mão com igualdade nos ſeus movimentos, podem fazellos tornar á lição da cara contra a muralha, obrigando-os amiudadas vezes a paſſar de huma para outra mão, ſem lhes obrigar muito a garupa nas paſſagens com a perna de fóra, e a mão de dentro, para que elles inſenſivelmente ſe vão reduzindo faceis para huma, e outra parte, ſem cahirem no inconveniente de que venhão a ateimar na ſua defeza, por odio, ou por capricho; pois ha Cavallos tão caprichoſos, que a pezar de todas as diligencias, que os Cavallos

Silva delin

Martin dir.

valleiros empregão para os reduzir, e ſeparar dos ſeus obſtinados caprichos, ſão tenazes nos ſeus erros: iſto póde ſer porque a ſua corporea máquina tenha nos ſeus ligamentos algum natural, e occulto embaraço, que os prive de ſe preſentarem naquella acção, em que o Cavalleiro os pertende formar. Eſtes Cavallos não cedem facilmente ſenão á força de violentos caſtigos, e rigoroſos trabalhos: motivos, por que os que tem eſtas qualidades, de ordinario ſervem mal para o manejo, e para a guerra.

A lição, ou trabalho da cara contra a muralha he utiliſſima para conſtituir o Cavallo bem ſobre a garupa, como affirmava meu Meſtre Rodrigo dos Santos Quareſma; que ſendo Meſtre do Senhor Rei D. Joſé I., lhe moſtrou por vezes que eſta excellente lição rende os Cavallos igualmente deſembaraçados dos movimentos das eſpaduas, e garupa; e logo que principião a determinar-ſe pelas impreſsões das redeas, e ſenſações das pernas do Cavalleiro, elles ſe dobrão com graça, com igualdade, com deſembaraço, e com promptidão, e obediencia, tanto marchando para huma, como para outra parte.

Fugindo o Cavallo das ſenſações das pernas do Cavalleiro com agilidade, firme no ſeu movimento ao paſſo, e trote para huma, e outra parte ſobre as linhas do comprimento da muralha, o podem ir obrigando a entrar nos cantos, formando hum angulo recto no fim de cada huma das linhas rectas de todo o comprimento do manejo, quando paſſa ás linhas do quadrado; e quando o Cavalleiro ſe for aproximando ao canto, ſe andar para a direita, irá tendo o ſeu corpo atrás, unindo-lhe as pernas ambas ao ventre, para que as duas ancas vão ſeguindo obliquamente as linhas das eſpaduas. Eu digo que a mão direita deve inclinar-ſe de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua eſquerda, em quanto o Cavallo marcha pelas linhas da muralha, e que a perna eſquerda deve ſegurar a garupa com facilidade para dentro; porque a força das ſenſações das pernas, e das mãos do Cavalleiro he que fazem entrar o Cavallo para diante, para que as eſpaduas poſsão chegar bem ao canto, e paſſar das linhas da muralha, formando o angulo para as linhas do quadrado.

A perna eſquerda no vertice do angulo deve affroxar-ſe para conſentir que a mão eſquerda traga as eſpaduas das linhas da muralha para as linhas do quadrado; e a perna direita, quando a eſquerda ſe affroxa, deve fortalecer a ſua ſenſação, de modo que as forças de ambas fação entrar o Cavallo com facilidade para a mão.

No primeiro tempo as eſpaduas paſsão do canto, ou vertice do angulo para as linhas do quadrado obrigadas das ſenſações das redeas, e no ſegundo paſsão as ancas obrigadas das ſenſações das pernas. O movimento do Cavallo vá elle de paſſo, de trote, ou de galope, deve ſer menos veloz, quando o fazem entrar no canto; porque todos os Cavallos, ou a maior parte delles, ſe agitão mais, quando os obrigão a formar nos angulos eſta lição: iſto ſempre ſe deve entender deſta ſorte, ou os trabalhem ſobre a mão direita, ou ſobre a mão eſquerda.

## *Lição para tirar os Cavallos atrás; e as leis pertencentes á determinação dos ſeus movimentos, formando-os na acção do recuar.*

1 DEvem-ſe fazer alargar os Cavallos das ſuas ancas, quando recuão, unindo-os das eſpaduas, de ſorte que formem com os pés, e mãos quatro piſtas, ou linhas rectas, como ſe moſtra na Eſt. LXVII. Fig. 3. e Fig. 4.; e as piſtas das mãos devem marcar as ſuas linhas pelo meio dos intervallos das linhas, que marcão as piſtas dos pés.

2 A velocidade do movimento do Cavallo quando recua, deve ſempre regular-ſe pela ſua poſſibilidade, idade, conſtrucção, e difficuldades.

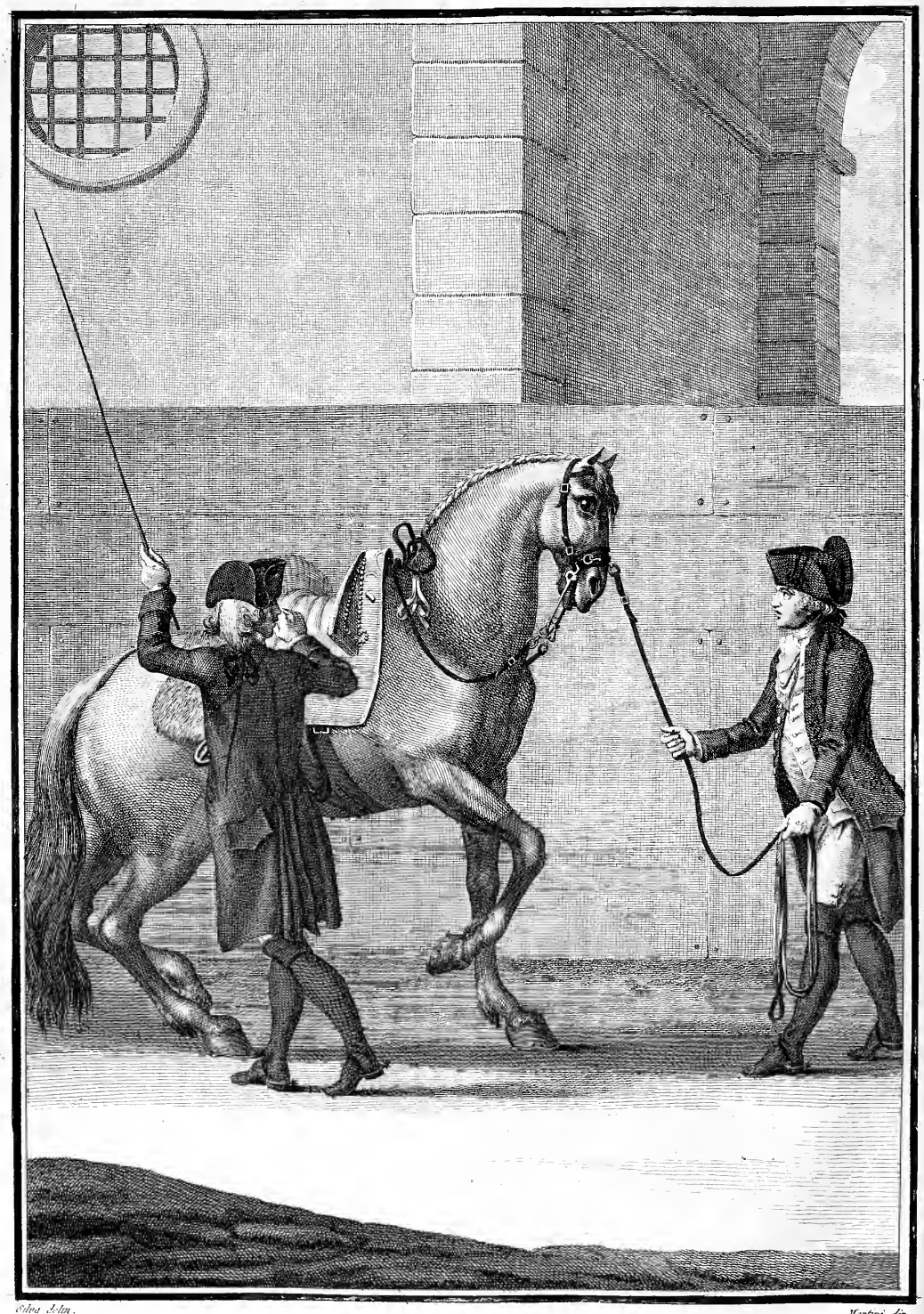
3 Tambem he lei indiſpenſavel fazer dobrar ao Cavallo os curvilhões com igualdade quando recua, para firmar bem o eſpinhaço ſobre as ancas, levantar as eſpaduas, e mover as mãos com facilidade, ſem abaixar muito a cabeça, ou entortar-ſe para os lados, em quanto recua.

4 Se as linhas das piſtas das mãos tem hum palmo de diſtancia de huma á outra, devem as das piſtas dos pés ter dous palmos de diſtancia de huma á outra, de ſorte que da linha da piſta do pé direito N. 1. á linha da piſta da mão direita N. 2. deve haver o intervallo da diſtancia de meio palmo: da piſta da mão direita á da mão eſquerda N. 3. haverá hum palmo; e da piſta da mão eſquerda á piſta do pé eſquerdo N. 4. deve haver meio palmo, e ſempre ſe deve entender que o Cavallo recua para aquella parte, donde lhe fica o centro do terreno, &c.

Para que os movimentos de toda a máquina do corpo do animal ſe determinem com mais igualdade, principalmente no ſeu eſpinhaço, quadris, ſoldras, curvilhões, e jarretes, he utiliſſima a lição de tirallo atrás; e ainda que as mãos, e pernas do Cavalleiro são as que dão ao Cavallo a preciſa obediencia, e apoio, com tudo he muito bom enſinallo a recuar antes de montado, obrigando-o as primeiras vezes com as ſenſações da guia para o diſpôr a fazer abrir, e alargar as ſuas ancas, curvilhões, e jarretes, ſem a qual facilidade não ſerá bem igual nos movimentos do eſpinhaço.

Sempre he bom deitallo hum pouco á guia para lhe fazer apertar a ſella, e ver ſe tem congocha, ou ſe eſtá deſapaixonado, e capaz de ſe deixar montar. Ora para o tirar atrás, deve quem o deita á guia, fazello chegar á parede do comprimento do Manejo, e fazer-lhe tirar o rabicho, ou ao menos alargallo, de ſorte que o Cavallo poſſa recolher a garupa bem para baixo do corpo, ſem que o aperto do rabicho lhe ſirva de embaraço. Eſtando aſſim junto á muralha, hum Ajudante pela parte do centro do terreno ſe chegará a elle; e ſe o faz recuar para a direita, pegará com a mão direita na arçoeira Eſt. IX. Fig. 17. Letra V, e com a eſquerda na vara, ficando por conſequencia voltado para o terreno, pelo qual o Cavallo ha de recuar, como ſe moſtra na Eſt. XXVIII.; e aſſim, quando elle andar para trás, lhe irá tocando com a vara ſobre a garupa, a fim de o fazer abaixar, dobrar, e recolher as pernas bem para baixo do corpo, como moſtra a ſeguinte Eſtampa.

ES-



Silva Scul.

Martini dir.

# ESTAMPA XXVIII.

*De hum Cavallo, recuando ſobre as linhas da muralha, obrigado das ſenſações da guia, e vara, &c.: e as defezas, de que ordinariamente uſão, quando os enſinão a recuar.*

O Conductor da guia para fazer recuar o Cavallo, neceſſariamente lhe ha de fazer ſentir com ella as ſenſações do cabeção ſobre o focinho mais, ou menos fortes, e mais, ou menos amiudadas vezes, indireitando-o, quanto puder ſer, das eſpaduas, para que determine os movimentos bem conformes com a ſegunda lei deſta lição; mas por bem applicadas que ſejão as referidas ſenſações, não podem ellas evitar que uſem os Cavallos das ſeguintes defezas.

1 Os Cavallos muito ſenſiveis das ventas, quando os tirão as primeiras vezes atrás, ordinariamente a ſua mais prompta defeza, he, ſentindo as ſenſações do cabeção, recuar com muita celeridade.

2 Os ſenſiveis mal intencionados, quando ſe exaſperão com os toques do cabeção, fictão a viſta em quem lhe dá com a guia, buſcão occaſião de lhe dar patadas, e da meſma ſorte forcejão por dar pernadas em quem os ajuda com o açoute, e com a vara.

3 Os Cavallos, que são ainda ignorantes pela maior parte, levantão muito a cabeça, quando ſentem as ſenſações do cabeção, e temeroſos fogem para huma, e outra parte.

4 Os covardes, e os fracos, quando ſentem os toques do cabeção, fechão os olhos, e dobrão a cara para hum dos lados, recuando muito froxamente.

5 Os coceguentos á vara, quando a guia os obriga, fogem da parede, e vão com velocidade ſobre quem os caſtiga com ella.

6 Os que tem as pernas muito direitas, defendem-ſe dos toques da guia, voltando a cara para hum dos lados, e com muito cuſto recuão, fugindo com a garupa ora para huma, ora para outra parte, por não poderem dobrar os curvilhões.

7 Os que tem pouca ſenſibilidade no focinho, defendem-ſe fazendo pouco caſo das ſenſações do cabeção, indo para diante, e algumas vezes ſobre quem eſtá com a guia; e quando cedem á força dos toques, e pancadas fortes, vão para trás com muito cuſto, e deſigualdade de movimentos.

8 Os que tem as pernas muito curvas, e são muito fracos da garupa, recuão com muita preſſa, pouca graça, e huns movimentos pouco deſembaraçados.

9 Os que são fracos do eſpinhaço, garupa, e curvilhões, ou padecem moleſtias em algumas deſtas partes, para ſe defenderem da ſujeição deſte trabalho, lanção-ſe muitas vezes ſobre huma, ou ſobre outra eſpadua; e tanto que ſe entortão, vão para trás com muita preſſa.

10 Tambem alguns Cavallos buſcão a má defeza de ſe empinarem, logo que as ſenſações da guia os fazem recuar, fugindo com rapidez para hum, e outro la-

lado, e elles usão deſtes, e outros recurſos para ſe defenderem do trabalho de andar para trás.

## *Modo de remediar eſtas, e outras defezas, de que alguns usão, quando os obrigão a recuar.*

SEndo os Cavallos muito ſenſiveis das ventas, deve quem os tirar atrás, poſtar-ſe bem adiante delles, e fazer-lhes ſentir por meio da guia os toques do cabeção muito brandamente, para não exaltar a ſua colera, diſpondo-os aſſim para recuar muito manſo. Quem ajudar com a vara, deve uſar della á medida da obediencia, e ſoffrimento com que o Cavallo recebe eſte caſtigo, para que por meio das mais brandas ſenſações vão exigindo delle huns movimentos iguaes ás determinações, e diligencias com que os obrigão, pois que de outro modo o Cavallo não entenderá o que pertendem que elle faça. O caſtigo da guia deve ſer deſencontrado do caſtigo da vara; porque ſe o caſtigarem com a guia, e com a vara ao meſmo tempo, elle ſe confundirá, maiormente em quanto ignora, ou não tem baſtante coſtume deſta lição.

Devem tirallo atrás muitas vezes, até que elle ſe vá contendo na obediencia, e ſujeição de recuar direito, manſo, e com huma velocidade igual á maior, e menor actividade das ſenſações com que o obrigão.

Os toques da vara, ſendo applicados bem ſobre as ancas, obrigão o Cavallo a que abaixe a ſua garupa, e dobre igualmente os curvilhões, e travadouros, e iſto o faz tambem ir uſando cada vez melhor de huma, e de outra anca. Sendo o toque da vara applicado ſobre a polpa da perna de dentro, o Cavallo fica obrigado a unir a ſua perna de dentro á perna de fóra, para determinar os movimentos com mais igualdade ſobre as linhas rectas da muralha. Logo os toques da vara applicados por ſima da garupa ſobre a perna de fóra, neceſſariamente o obrigarão a que ajunte a perna de fóra á perna de dentro.

Se elle reſiſte aos toques da vara, ſejão elles applicados na garupa em ſima de huma, ou outra anca, indo muito ſobre o caſtigo, devem ajudallo com mais attenção ás ſuas difficuldades, moderando os toques da guia, e vara até elle ſe deſapaixonar; e então, depois de o endireitar ſobre as linhas da muralha, tirallo outra vez atrás, até que ſe deixe vencer, e dominar. Tendo pouca ſenſibilidade no focinho, iſto he, fazendo o Cavallo pouco caſo dos toques da guia, devem tirallo atrás mais depreſſa, ajudallo menos com a vara ſobre a garupa, e uſar da guia mais fortemente, a fim de que reſpeite o cabeção, e recue com facilidade; mas ſem o obrigarem a ir bater com a garupa na parede oppoſta, porque iſſo ſómente ſerve de lhe magoar com a força da pancada os ligamentos dos quadris, e curvilhões.

Se o Cavallo for mal formado, e padecer moleſtias, devem tirallo atrás menos eſpaço; e as ſenſações da guia, e vara devem ſer menos activas, disfarçando-lhe muitas vezes aquellas defezas, que tem origem nos defeitos occaſionados pela ſua moleſtia, e falta de poſſibilidade.

Ha

Ha Cavallos, que não querem recuar, porque não ſabem o que ſe pertende que elles façaõ: em tal caſo os farão mover primeiro para hum, e outro lado, tocando-lhes com a vara nos joelhos brandamente; e no tempo em que elles ſe puzerem direitos, e moverem as mãos, devem tocar-lhes com a guia para trás, e para ſima, até os obrigarem com eſtas repetidas diligencias a recuar; e logo que derem alguns paſſos, parallos, e affagallos, para lhes fazer conhecer o que pertendem que faça.

Outros não ſó recuão, mas puchão para trás: eſtes pela maior parte são deſconfiados por falta de viſta. Ora aos que não querem recuar, e aos que recuão com exceſſo, he util mettellos entre os Pilões; mas com tanta moderação, e paciencia, que lhes vão diminuindo a ſua colera, ou deſconfiança, fazendo-os mais attentos ao cabeção: advertindo que ainda neſtes caſos não ſe devem metter os Cavallos entre os Pilões, em quanto não tem a ſufficiente idade, que digo devem ter, quando trato deſta lição. Tambem quando os fizerem recuar, devem paſſallos muitas vezes de mão para não os conſtituirem no coſtume de recuarem ſómente para huma parte; pois todos os Cavallos devem ſer iguaes na determinação dos ſeus movimentos, aſſim marchando para diante, como recuando para trás.

Ora ſe elle, quando o tirão atrás, ſe encoſta muito ſobre a eſpada do centro; atando-lhe a redea do cabeção da parte de dentro, mais curta que a de fóra, e puchando a guia, conſervando-ſe bem adiante delle, ſe endireitará mais das eſpaduas. Logo por conſequencia ſe elle, quando o tirarem atrás, ſe encoſtar muito á parede, podem fazer-lhe atar mais curta a redea de fóra, e puchar a guia para o centro; e ſe iſto não baſtar, devem tirallo atrás pelo meio do terreno, ſem o caſtigar com a vara ſobre a garupa, até elle facilmente recuar. Tambem ſe recuar, abaixando muito a garupa, já ſe vê que não preciſa ſer tão caſtigado com a vara ſobre as ancas; e quando eu digo que tirem o Cavallo muitas vezes atrás, não pertendo que o tirem atrás muitas vezes cada dia; mas ſim que no fim da lição, quando o deitão á guia, o tirem atrás; e depois do Cavalleiro o montar, o façaõ tambem recuar alguns paſſos, principalmente no principio, e fim das ultimas lições, pois iſto rende os Cavallos muito flexiveis, e obedientes ás mãos, e pernas do Cavalleiro.

## *Lição do ſuſpender, e as leis pertencentes á direcção dos movimentos do corpo do Cavalleiro.*

1 DEve com ambas as pernas endireitar o Cavallo bem entre ambas as redeas, ſe o fizer marchar direito, conſervando o corpo ſempre bem firme no meio da ſella.

2 Deve, ſe o fizer marchar dobrado, e obliquar para a direita, com a perna eſquerda encruzallo entre ella, e as redeas direitas, ſegurando a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda.

3 Deve a mão ſegurar as redeas, conſervando-ſe naquella altura correſpondente á conſtrucção do Cavallo, para elle lhe correſponder com aquelle apoio, e firme-

meza de movimento, que deve obſervar neſta lição, ſeja marchando direito, ſeja marchando dobrado.

4 Logo que o fizerem marchar dobrado para a eſquerda, devem encruzallo mais entre a perna direita, e a redea eſquerda, tendo a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita.

## *Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na lição do piafer, ou ſuſpensão.*

1 DEve o Cavallo levantar a mão, e pé oppoſtos, como ao trote, com deſembaraço, e muita igualdade de movimento, ſeja marchando direito, ſeja marchando dobrado para huma, ou outra parte.

2 Deve levantar os braços de tal ſorte, que o caſco da mão, quando o braço chegar á maior altura, eſteja defronte do joelho do braço, que eſtiver firme no chão, vendo-ſe a ponta do lume da ferradura pela linha horizontal do referido joelho.

3 Deve aſſentar-ſe bem ſobre as ancas, levantando o caſco do pé á altura do meio da canela da perna, que eſtá firme no chão, de modo que ſe veja o lume da ferradura do pé pela linha horizontal do meio da canela da perna, que eſtá firme no terreno, &c.

Os Cavallos Perſas, os Arabes, os de Heſpanha, e os de Portugal são os que tem mais propensão para o movimento de ſuſpender; pois entre os de Heſpanha, e Portugal ha muitos bem formados, de figura delicada, ſenſiveis, deſembaraçados, com huns movimentos de eſpaduas brilhantes, e dotados de huma paixão moderada, que ſe deixa vencer, e dominar.

Entre os Pilões deverão principiar a formar os Cavallos na lição do ſuſpender; e logo que ſe lhes deſcubrir propensão para eſte movimento, quem os ajudar com o açoute, deve muito manſamente fazellos mover de huma para outra parte, a fim de que não ſe diſponhão para ſaltar, ou patear, mas ſim a que façáo huns tempos de paſſo muito detidos, e ſemelhantes aos que fazem quando vão trotando, levantando a mão, e pé oppoſtos com deſembaraço, e boa graça, conforme a ſegunda, e terceira lei deſta lição. E ſe os Pilões forem collocados nos lados do parapeito, devem fazellos paſſar de mão repetidas vezes, até que elles por effeito da lição, e das paſſagens ſe forme neſte movimento com perfeição, e a igualdade, que ſe obſerva na ſeguinte Eſtampa.

ES-

Estampa 24 Pag. 251

Silva detin

Frois sculp

## ESTAMPA XXIX.

### *Do Sereniſſimo Principe D. João, formando hum Cavallo na lição, e acção de ſuſpender, dobrando-o para a direita.*

PRincipiando pois a formar-ſe na lição, e acção do ſuſpender, e determinando bem os ſeus movimentos, como deixo ponderado, hum Ajudante lhe tocará com huma vara nas canelas dos braços (Eſt. III. N. 35.) para que os levante bem, e ſuſtente mais tempo na acção, affagando-o muito, logo que fizer alguns paſſos bem.

Deſta ſorte irão continuando as lições até o julgarem capaz de obedecer, quando ſe montar: depois devem apertar-lhe as cilhas ſem exceſſo, principalmente ſe for Potro, e hum Cavalleiro o montará entre os Pilões, o qual depois de ſe aſſentar na ſella (conforme a primeira lei deſta lição) fará mover o Cavallo, fazendo-lhe ſentir delicadamente a perna, e redea oppoſta: iſto he, ſe elle eſtiver entre os Pilões da parte direita, lhe farão ſentir mais a perna eſquerda, e a redea direita; e eſtando entre os Pilões da parte eſquerda, lhe farão ſentir mais a perna direita, e a redea eſquerda, até que por effeito deſtas ſenſações elle determine os ſeus movimentos, levantando a mão, e pé oppoſtos, como deixo notado para o paſſo, e trote.

Além das ſenſações miniſtradas pelo Cavalleiro, ſe deve ajudar o Cavallo com o açoute, e com a vara, como ſe ajudou antes de ſer montado, para que ſe anime, e conheça facilmente o que pertendem que faça, continuando-lhe deſte modo as lições; pois eſta he a fórma, por que S. A. diſpõe os Cavallos para a lição do ſuſpender, e eſte methodo he adoptado tambem por Newcaſtle Pag. 96., e por João Baptiſta Pignatelli Pag. 79. Eſtando elle bem inſtruido entre os Pilões, S. A. o faz marchar ſobre linhas rectas no meſmo movimento pelas da muralha, e pelas do centro, ou tambem por outra qualquer parte do manejo, até o conſtituir perfeito neſta lição pelos meios que ficão expendidos.

### *Modo, pelo qual S. A. faz paſſar de mão qualquer Cavallo, trabalhando-o na lição do ſuſpender da direita para a eſquerda.*

QUando S. A. faz paſſar hum Cavallo de mão, trabalhando na lição do ſuſpender, commummente o obriga a formar hum meio circulo, marchando ſobre o lado, para onde elle olha, e ſe dobra, encruzando-o bem entre as redeas direitas, e a perna eſquerda, até chegar á linha, em que trabalhava antes de paſſar de mão; e então o faz completar a paſſagem, deſdobrando-o da direita para a eſquerda pela maneira ſeguinte. Logo que premedita fazer a paſſagem de mão, o encaminha, e conduz com ambas as pernas, e com as redeas ambas, tanto para a paſſagem, como para o fazer mudar de acção, ſem perder o movimento, continuan-

nuando para a eſquerda, aſſim como até alli andava para a direita, encruzando-o logo entre as redeas eſquerdas, e as ſenſações da perna direita com huma força de tal ſorte applicada, que o conſtitue para a eſquerda na meſma brilhante acção, e movimento, em que andava para a direita antes de paſſar de mão.

Tambem S. A. o faz paſſar de mão, e mudar de acção, continuando a meſma linha em que vai marchando, ſem mudar de terreno, iſto he, deſdobrando-o logo que lhe faz ſentir ſenſações oppoſtas áquellas, com que o obriga ſobre a meſma linha, antes de o principiar a deſdobrar da direita para a eſquerda.

Se o Cavallo duvída, as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro devem muito brandamente encaminhallo, de ſorte que o vão deſdobrando de huma para outra mão, affroxando a redea direita, ſe elle marcha dobrado para eſta parte, puchando pouco a pouco a eſquerda, modificando a ſenſação da perna eſquerda, e fortalecendo a da perna direita, para que lhe vão introduzindo aſſim o coſtume da lição, a fim de que a attenção deſtas ſucceſſivas diligencias lhe vá diſſipando os erros, e purificando os ſeus movimentos.

Quando o Cavallo duvída ſuſtentar o movimento, e voltar em boa acção, alguma couſa dobrado para a direita, devem fortalecer-ſe mais as ſenſações das redeas direitas, dando, e ſuſtendo a mão, trazendo-a muitas vezes da eſquerda para a direita; e ſe iſto não baſtar, devem tirar muitas vezes para dentro as redeas direitas com a mão direita, conſentindo com ambas as pernas, e corpo em que o Cavallo ſe endireite bem no terreno, e ponha na boa acção de ſe dobrar, e voltar com facilidade para a direita. S. A. por meio das ſenſações, e diligencias, que ficão expendidas, os fórma tanto na lição, e acção de ſuſpender, marchando para diante, como andando para trás, obliquando para a direita, ou para a eſquerda com a maior perfeição.

## *Modo, por que o Cavallo marca o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, quando ſe fórma na lição, e acção de ſuſpender.*

QUando elle marcha para diante, ou para trás, marca com as piſtas das mãos, e pés linhas parallelas; e quando obliqua para huma, ou para outra parte, marca quatro linhas obliquas diſtinctas, porque he obrigado a cruzar a mão, e pé de fóra por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro, ainda que avance menos terreno, que em outra qualquer lição.

Os Cavallos, para ſerem proprios para a lição de ſuſpender, devem ſer bem formados, vivos, ſenſiveis, e ter muito ar, e bizarria nos movimentos dos braços, e eſpaduas: e he certo que não tendo eſtas qualidades, não faz nelles bom effeito eſta lição. Tambem os Cavalleiros, que uſarem de lhes pôr ligaduras nas quarteias, ou pezos, já mais obterão de ſemelhantes diligencias bons effeitos, pois eſta lição deve ſempre dirigir-ſe, e applicar-ſe, como tenho dito que a applica S. A. porque ſó por eſte methodo os Cavallos ſe fórmão na viſtoſa acção, que ſe vê na Eſt. XXIX., e na Eſt. XXX. Tambem me parece juſto tratar de algumas defezas;

de

de que elles ordinariamente usão para fugir da ſujeição de ſe formar na acção de ſuſpender entre os Pilões, e tambem depois de montados, e os géſtos, por que ſe deixão conhecer as ſuas tenções.

Se o Cavallo, quando o mettem entre os Pilões para o formar neſta lição, olha repetidas vezes para quem o ajuda com o açoute; e batendo com as mãos no chão, eſcava a terra, e moſtra ſer colerico, neſtes caſos devem ajudallo brandamente, e affagallo, em fazendo alguns paſſos bem, dando-lhe alguma herva. Merecem grande deſculpa as deſordens que os Cavallos fazem ao principio; porque vendo-ſe prezos pelo cabeção, ſem poderem ir para diante, e vendo que os ſeguem com o caſtigo ſobre a garupa, he muito natural que exaſperados ſe lancem ao cabeção na eſperança de quebrar o embaraço, e fugir do caſtigo; por iſſo recommendo tanto que tenhão o maior cuidado no modo de os caſtigar entre os Pilões, até elles conhecerem o que ſe pertende que fação.

Quando ſe ajudão os Cavallos com o açoute entre os Pilões, e elles fictão as orelhas para diante, olhão para quem os ajuda, e não vão para o cabeção, moſtrão que ſe enfurecem contra quem os caſtiga; e ſe depois diſto moſtrão alegria, então precisão ſer punidos, ao menos para os divertir; mas ainda neſte caſo deve ſer o caſtigo moderado. Outros coſtumão patear, iſto he, bater com as mãos muito apreſſadamente na terra: eſtes pela maior parte são ardentes, e a ſua exaſperação os conduz a mover as mãos com mais preſſa que os pés: pelo que deve, quem os ajudar com o açoute, não ſe chegar muito a elles, iſto he, deve poſtar-ſe em tal diſtancia, que ſe não perturbe tanto o Cavallo com o temor do caſtigo; e quem eſtiver com a guia, deve a taes Cavallos ſeguralla mais firme, do que ſe coſtuma ſegurar aos que não tem eſte defeito, affagando-os muitas vezes, e dando-lhes alguma herva, quando os fazem parar.

A'quelles que precipitão, e deſconcertão o movimento por colericos, devem, quando os tirão dos Pilões, fazellos trotar em hum trote muito manſo, e do mais largo movimento, que a ſua conſtrucção permitte; porque eſtas, e outras ſemelhantes diligencias ao paſſo, ao trote, e ao galope vão diſſipando a ſua colera, e formando-os em huns movimentos mais largos, de ſorte que ſendo colericos, devem os Cavalleiros por meio de ſenſações moderadas ir modificando a ſua colera; e ſendo froxos, devem por meio de ſenſações activas obrigallos a que ſe formem com boa graça, e deſembaraço neſta lição.

## *Trata-ſe do modo de formar os Cavallos na lição do ſuſpender dobrados para a eſquerda.*

TEndo adquirido ſujeição, e obediencia, como tenho dito, ás mãos, e pernas do Cavalleiro, formando-ſe na lição, e acção de ſuſpender dobrado para a direita, o podem fazer determinar o ſeu movimento em hum meſmo lugar dobrado para a eſquerda; e querendo-o fazer avançar, recuar, ou obliquar para não perder a graça do ſeu movimento, deve avançar pouco terreno; pois logo que avança mais de huma piſta de diſtancia entre cada paſſo que dá, perde a boa or-

dem do movimento do ſuſpender, deixa de curvar as juntas das ancas, e curvilhões, e marcha como ſe foſſe ſimplesmente a paſſo, ou trote: bem entendido que deve avançar ſómente o eſpaço de huma piſta da das ſuas mãos entre cada paſſo que dá. Iſto ſuppoſto, da piſta que a mão direita deixa impreſſa no terreno á que novamente vai marcar, deve medear, quando ſe alargar mais, ſómente hum eſpaço ſemelhante áquelle, que marca cada huma piſta; pois he ſem dúvida que para o Cavallo ſe formar bem aſſim para a mão eſquerda, como já diſſe para a direita, ha de ſuſtentar a acção, que ſe vê na ſeguinte

## ESTAMPA XXX.

### *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção de ſuſpender, alguma couſa dobrado para a eſquerda.*

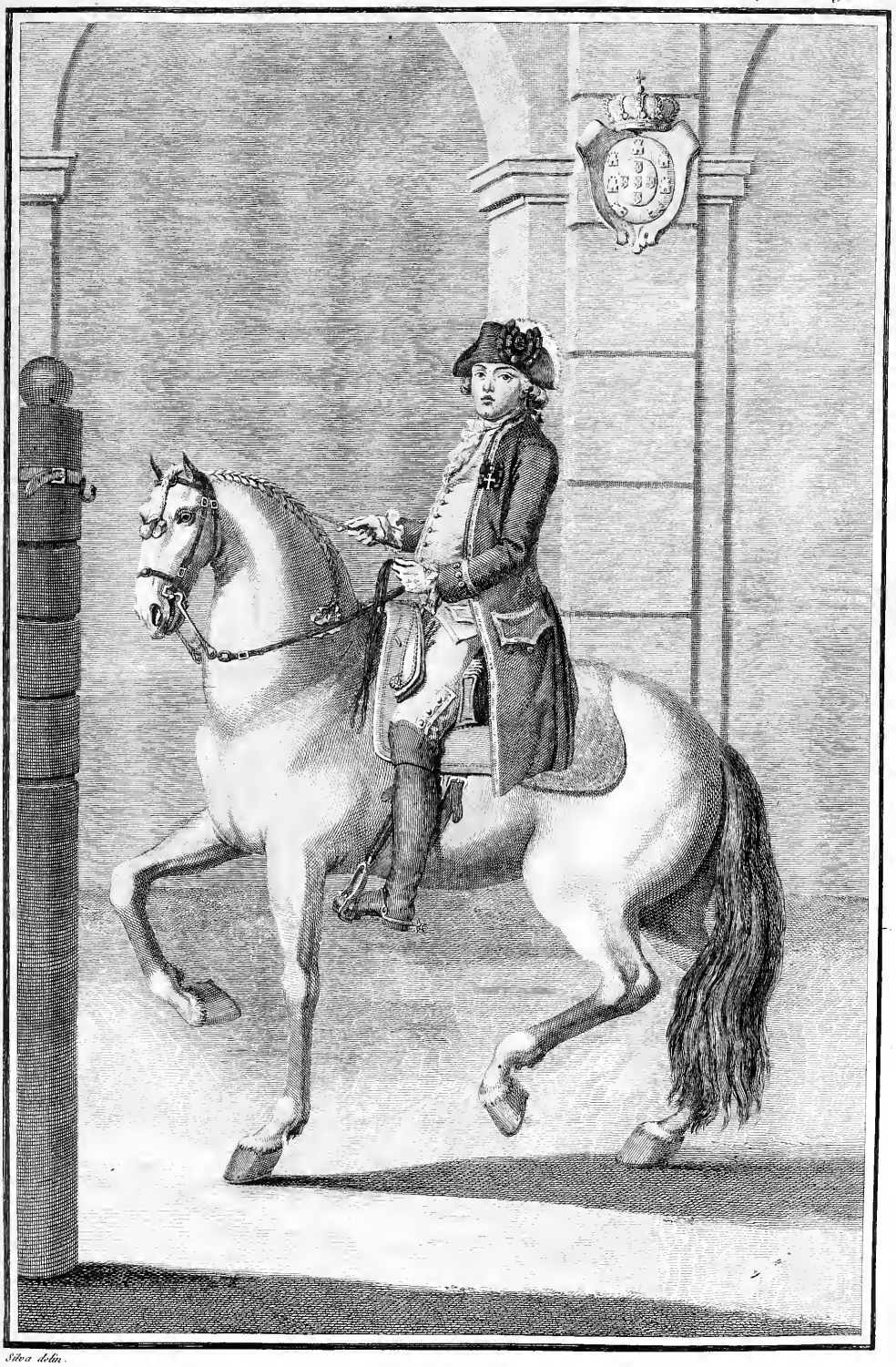
QUando S. A. formava qualquer Cavallo na lição de ſuſpender, dobrado para a eſquerda, animava com huma inimitavel bizarria toda a ſua Mageſtoſa figura para o Cavallo ſe avivar: apôs iſſo fazia-lhe ſentir a ſenſação da ſua perna direita mais activa, que a da eſquerda, ſuſtentava a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita; e encruzando-o aſſim entre as forças das ſenſações da perna direita, e da redea eſquerda, o fazia determinar ſempre em hum movimento igual, já ſem avançar, nem recuar, já avançando, ou recuando ſobre linhas rectas, e tambem fazendo-o obliquar para a direita, e para a eſquerda ſobre linhas curvas.

### *Modo, com que S. A. fazia paſſar de mão da eſquerda para a direita qualquer Cavallo que formava neſta lição.*

QUando elle queria fazer paſſar de mão o ſeu Cavallo da eſquerda para a direita, com a perna direita, e as redeas eſquerdas o encruzava bem entre a redea de dentro, e a perna de fóra, obrigando-o a formar hum angulo, conduzindo-o á paſſagem do ſeu ponto, ou vertice para as linhas em que trabalhava, ſobre as quaes o obrigava a que mudaſſe de acção, e ſe deſdobraſſe da eſquerda para a direita, formando primeiramente hum angulo recto, e depois hum quarto de circulo, ſem que o Cavallo perdeſſe a igualdade do movimento, nem ainda no tempo da paſſagem: continuando a lição, depois de ſe deſdobrar da eſquerda, e dobrar para a direita com a meſma boa ordem que diſſe, antes de paſſar de mão, ſe dobrava para a eſquerda; advertindo que S. A. ou dobraſſe o Cavallo na lição, e acção de ſuſpender para a direita, ou para a eſquerda, conſervava a ſua mão de dentro de unhas aſſima, avançava a eſpadua de fóra, atrazava a de dentro, e aſſim encruzava o Cavallo entre a redea de dentro, e a perna de fóra para huma, e outra parte com igual perfeição.

Quando o Cavallo marchar para diante, e para trás, marcará linhas parallelas;

e



Silva delin.

e quando obliquar para a eſquerda com as piſtas das mãos, e pés, marcará quatro linhas obliquas diſtinctas, porque he obrigado a cruzar a mão, e pé direito por ſima, e por diante da mão, e pé eſquerdo, ou de dentro, ainda que avance pouco terreno no ſeu movimento.

## *Moſtra-ſe que couſa he o movimento das paſſadas, e o modo de formar o Cavallo neſta lição, e acção para a direita, e para a eſquerda.*

AS paſſadas derivão a ſua denominação dos movimentos, que os Cavallos fazem, quando nos fins das linhas rectas formão os angulos para paſſar de mão.

Depois que por meio das lições já expendidas o Cavallo ſe mover com facilidade para huma, e para outra parte, voltando com ſujeição, e obediencia aos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro, ao paſſo pelo comprimento das linhas da muralha, devem principiar a fazer-lhe conhecer as ſenſações proprias, com que as mãos, e pernas do Cavalleiro o devem ir formando neſta lição; e da meſma ſorte ao comprimento dos lados dos angulos, e a periferia dos circulos, e ſemicirculos primeiramente, em hum paſſo ſuſtido vivo, e igual; e quando o Cavallo apreſſar o movimento das eſpaduas com deſembaraço, e facilidade, e tiver o movimento das ancas mais unido, e firme para ſuſtentar o pezo do ſeu corpo mais ſobre a garupa, quando volta do vertice do angulo para o arco de circulo, o podem obrigar com as forças de ambas as redeas, e das pernas ambas a que forme as paſſadas, como paſſo a explicar.

Com a mão, ou redea de dentro, e a perna de fóra ſe encruza a garupa do Cavallo entre huma, e outra força, para o fazer entrar com as ancas para o centro de hum ſemicirculo, a que commummente chamão fazer a meia volta, de ſorte que com eſte movimento marca quatro piſtas, ou ſemicirculos; e depois de bem confirmado em formar os meios circulos ao paſſo, devem formar-lhe a meſma lição ao trote unido, e ao trote diligente, conduzindo-o aſſim de gráo em gráo até ſe conſtituir em termos de formar as paſſadas ſobre o meio circulo, galopando, já indo de duas, já de quatro piſtas, fazendo-o reſpeitar de qualquer modo que ande, o minimo movimento do corpo, e das mãos, e pernas do Cavalleiro.

Fórma-ſe o Cavallo na lição, e acção das paſſadas logo depois de o fazer galopar ſobre as linhas da muralha; e nos angulos, e das ſuas extremidades he que ſe obriga a formar os meios circulos de quatro piſtas em hum galope mais relevado, ou como diz Pignatelli Pag. 47. as meias voltas das paſſadas, ſeja movendo-ſe em hum pequeno galope, ou em hum galope muito veloz.

Para o Cavalleiro obrigar bem o ſeu Cavallo a formar os meios circulos de quatro piſtas, quando ſe vai approximando ao fim das linhas do comprimento da muralha, deve ir-lhe encruzando a garupa entre as ſenſações das redeas de dentro, para que dobre bem o ſeu peſcoço, fazendo-lhe ſentir inſtantaneamente alguns toques da perna de fóra, para que entre com as ancas para o centro, obri-

gan-

gando-o tambem com a perna de dentro a entrar com facilidade para diante, e para o centro, firmando-lhe cada vez mais o corpo atrás, logo que o Cavallo no primeiro vertice do angulo, ou no canto principiar a rebater os ſeus movimentos para ſima da garupa, havendo-lhe marcado huma meia parada, ou falcada; e apôs iſſo o devem obrigar, trazendo a mão de fóra para o centro, a fim de que as eſpaduas voltem pelo ſemicirculo com rapidez; e depois de haver feito quatro, ou ſinco tempos do galope bem unido ſobre a garupa, o Cavalleiro deve affroxar a actividade das ſenſações com que o obriga, para elle tambem modificar a ſua velocidade, e ir fechar o meio circulo ſobre a outra extremidade delle em hum movimento já muito modificado.

Em quanto elle determina os ſeus movimentos neſta acção pelo meio circulo, ſuſtenta ſobre as ancas a maior parte do pezo do corpo, e fornece a meia volta com tempos muito ſemelhantes ao terra a terra, em que tem infinita graça, como diz Pignatelli Pag. 53.; mas devo advertir que nunca ſe deve chamar o Cavallo ás paſſadas, no tempo em que o ſentirem deſunido, ou muito abandonado ſobre as eſpaduas; antes quando elle incorrer neſtes defeitos, o devem unir das eſpaduas com as redeas, e meias paradas, tirando-o atrás muitas vezes, tocando-lhe com a vara ſobre as ancas, para que por meio deſtas diverſões levante a cabeça, aligeire as eſpaduas, e uſe bem da garupa.

## *Das paſſadas furioſas.*

AS paſſadas furioſas são aquellas, que ſe fazem, obrigando o Cavallo a partir a toda a brida pelas linhas da muralha; e quando ſe vai approximando ao canto, ou lugar, em que lhe principião a formar o angulo, fazendo-o marcar huma meia parada, ou falcada, o obrigão a que faça tres, ou quatro paſſadas, ſegurando-lhe a garupa bem para o centro, fazendo-o marchar aſſim pelo ſemicirculo até fechar a meia volta ſobre as linhas rectas da muralha, ou parte em que lhe pertenderem formar a paſſagem de mão, ou ſeguir o reverſo da acção, em que andava antes de formar o ſemicirculo. Eſta qualidade de paſſadas ſerve bem para adeſtrar os Cavallos deſtinados para a guerra; pois ſendo o Cavalleiro perſeguido pelo ſeu contrario, na carreira meſmo póde ganhar a garupa ao Cavallo do ſeu inimigo, e offender o ſeu offenſor mais a ſeu ſalvo, como digo no Livro X.

Affirmava meu Meſtre ao Senhor Rei D. Joſé I., que nas paſſadas, e falcadas dá o Cavallo huma grande prova da ſua bondade; e que pelo modo de as formar, conhece o Cavalleiro, melhor que por outras experiencias, a ſua agilidade, quando ſahe da mão; e da meſma ſorte vê, quando o pára, qual he a qualidade da ſua boca; e quando o Cavallo volta pelo meio circulo do angulo na acção das paſſadas, deixa tambem conhecer ao Cavalleiro a maravilhoſa correſpondencia do ſeu vigor.

Pela lição das paſſadas ſe principião a diſpôr os Cavallos para ſe formarem na acção das pouſadas, que são a primeira diſpoſição para os ares altos, como hei de moſtrar. Porém em quanto os Cavalleiros não ſentirem os ſeus Cavallos com obe-

obediencia á mão, ou redeas, e ás pernas, e eſporas, não os devem chamar ás paſſadas, para não ſe arriſcarem a que lhe deſobedeção neſta lição por falta de conhecimento, e deſembaraço. Obriga-ſe o Cavallo a recuar, e a formar as paſſadas, tendo o Cavalleiro as ſuas mãos firmes para ſi, unindo-lhe depois as pernas ao ventre, logo atrás das cilhas, tendo o corpo atrás, e firme; porque iſto irremediavelmente lhe faz levantar as eſpaduas, e á proporção abaixar a garupa.

## *Defezas, de que ordinariamente uſão os Cavallos para fugir do trabalho das paſſadas.*

DOs Cavallos pezados, preguiçoſos, e fracos ſó com caſtigos mais fortes, e ſenſiveis ſe obtem delles neſta lição alguma obediencia, porque eſtes já mais ſe fórmão na brilhante acção das paſſadas, rebatendo bem a garupa, e relevando os movimentos das paſſadas para ſima della com facilidade, e perfeição. Pelo contrario, os que tem muita agilidade, e são fortes, e ſenſiveis, rebatem bem os movimentos da garupa, e determinão toda a máquina do corpo com mais graça, e igualdade.

Ha Cavallos, que para ſe defenderem da oppreſsão, a que os conduz o trabalho das eſpaduas, quando o Cavalleiro no fim das linhas rectas da muralha os vai diſpondo para entrar no canto, e formar o angulo, elles ſe fazem irtos, e tezos do eſpinhaço, eſtacão as mãos para diante, e uſão mal da garupa. Neſtes caſos ſe lhes devem fazer ſentir as ſenſações das pernas mais atrás das cilhas com força proporcionada á determinação dos ſeus movimentos, tocando-lhes ao meſmo tempo com a vara ſobre as eſpaduas, e ſobre os braços moderadamente para os deſinanchar por eſte modo da acção falſa, e formallos na verdadeira.

Outros no movimento, e acção das paſſadas ſe aproveitão da ſua força, e união para ſahirem muito para diante, e ſe abandonarem exceſſivamente ſobre a mão, ou deſcançarem com exceſſo ſobre a embocadura: a eſtes deve o Cavalleiro formar repetidas vezes meias paradas, e paradas firmes, obrigando-os a recuar depois de os haver parado, fazendo-lhes aſſim nas paradas, como quando duvidarem recuar, ſentir o cabeção, tirando huma redea depois da outra, a fim de lhes fazerem perder os referidos máos coſtumes.

Tambem fogem da ſujeição das paſſadas aquelles, que ſe encoſtão mais para huma, que para outra parte, quando formão o meio circulo. Neſte caſo deve o Cavalleiro com o movimento do corpo, e com o das ſuas mãos, e ſenſações das pernas ajudar o Cavallo mais vivamente, para que ſe endireite no terreno, e vá igual no movimento, e acção. Se elle ſe lançar ſobre a eſpadua de fóra, já tenho dito que devem trazer as mãos de fóra para dentro da volta: logo por conſequencia quando ſe encoſtar ſobre a eſpadua de dentro, devem com as mãos de unhas aſſima ſahir do centro para fóra, concorrendo o tronco do corpo, e a força das ſenſações das pernas, para que as mãos poſsão endireitar o Cavallo das eſpaduas; pois todas as lições devem ſer de tal ſorte combinadas, e applicadas, que lhes evitem os vicios, e fação produzir nos ſeus movimentos os bons coſtumes, em que o Cavalleiro os pertende formar.

Não

Não ſe deve entender que o Cavallo rebate bem a ſua garupa, e levanta bem as eſpaduas na acção das paſſadas ſó por ſe levantar muito por diante, em quanto ſe não levanta, aſſentando-ſe bem ſobre a garupa, dobrando os curvilhões, e recolhendo os pés, curvando-os para baixo do ſeu ventre, a fim de alcançar com elles mais o ponto de gravidade, e ſuſtentar o ſeu pezo, e verdadeira acção das paſſadas, tanto, ou mais pelo equilibrio do que pela força.

Tambem ſe formão outros ſemicirculos, ſahindo das linhas da muralha para dentro do terreno do Manejo, e indo depois buſcar as meſmas linhas da muralha para fechar nellas o ſemicirculo, e paſſar de mão para a eſquerda: logo ſe obrigarem o Cavallo a formar o angulo no canto para as linhas da muralha, ſem paſſar de mão, ficará trabalhando na acção da volta ao revés. As ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro para conduzir o Cavallo por eſte ſemicirculo, tem neſta lição grande differença daquellas, de que tenho tratado para o conduzir pelo direito, ou com as eſpaduas para o centro, porque neſta as mãos, ou redeas direitas, e a perna eſquerda o obrigão a marchar, logo que entra das linhas da muralha para o meio do Manejo, dobrado para fóra do ſemicirculo, que vai formando até á linha do quadrado; e em quanto fórma o ſemicirculo, neceſſariamente as redeas ambas lhes fazem entrar as eſpaduas ambas para o centro delle, ou para a eſquerda, e a perna eſquerda com ſenſações mais activas obriga a garupa a entrar mais para a direita, marcando com as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia, e com as das mãos as linhas da menor; e quando chega a outra extremidade do ſemicirculo, ſe o fazem paſſar de mão, devem deſdobrallo da direita para a eſquerda pelo meſmo modo que tenho dito, ſe fórma outra qualquer paſſagem ſobre o tempo: advertindo que, quando paſſa de mão, póde ſeguir as linhas do quadrado para a eſquerda direito, e tambem com as eſpaduas no centro, e a garupa ao muro, ou ficar com a cara contra a muralha para a eſquerda. Mas ſe o não fizerem paſſar de mão, e mudar de acção, e voltar, chegando á extremidade do ſemicirculo, ſobre o prolongo das linhas da muralha para a direita, ficará com a cara contra a muralha, ou com as eſpaduas para o centro dobrado para a direita; e de quaeſquer deſtas maneiras que o Cavallo forme os ſemicirculos, o podem obrigar a que faça algumas paſſadas. Por ſemelhante modo ſe obrigão os Cavallos a paſſar de mão, formando as paſſadas dobrados para a eſquerda, &c.

## *Lição da garupa ao Pilão, ou ao centro, ao paſſo, e trote, dobrando o Cavallo para a direita com o freio, e cabeção.*

REduzido elle ao bom eſtado de ir obedecendo ás ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro por meio das lições precedentes, he bom uſar das correas de vencer para o dobrar mais, e com mais facilidade. Eſtas correas de vencer devem ter de comprimento quatorze palmos pouco mais, ou menos, e huma pollegada de largo, com ſua fivela, e paſſador em huma ponta para ſe afivelar na primeira cilha junto da roupa da ſella, como ſe vê na Eſt. XXXI. N. 5., e a outra ponta da correa deverá ir, depois de haver paſſado pela argola do tronel do ca-

Silva delin. Frois sculp.

cabeção á mão do Cavalleiro, para elle uſar dellas, como das redeas ordinarias do cabeção.

A paſſagem que as correias fazem pelas argolas dos torneis do cabeção, dá mais potencia a eſtas correias, do que tem as ordinarias redeas do cabeção; e iſto he bem perceptivel áquelles, que tem conhecimento do modo, com que ſe augmenta nas máquinas a potencia.

Logo que o Cavallo trabalha com a garupa ao Pilão, ſeja ſobre huma maior, ou menor circumferencia, as piſtas das mãos hão de caminhar ſobre as linhas maiores, e as piſtas dos pés ſobre as linhas menores, porque as ancas andão aſſim mais perto do ponto do centro: logo as piſtas das mãos diſtão das linhas, que fórmão as piſtas dos pés quaſi todo o comprimento do corpo do Cavallo; e por eſtes motivos as eſpaduas tem maior, e mais largo movimento, do que as ancas ao paſſo, e trote.

## ESTAMPA XXXI.

### *Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, fazendo-o marchar ao paſſo, e trote para a direita.*

PAra S. A. obrigar qualquer Cavallo a que ſe formaſſe neſta acção com facilidade, o encaminhava com as ſenſações das ſuas pernas ambas, e com as de ambas as mãos, ou redeas, para que determinaſſe a ſua direcção para diante, obliqua, e circularmente. Para eſte fim ſegurava a ſua mão direita de unhas aſſima, de ſorte que o dedo minimo ſe inclinava para a eſpadua eſquerda, e então lhe fazia ſentir com proporção as ſenſações, ora da redea de dentro, ſuſtentando a mão eſquerda de unhas abaixo, e para fóra, ora da redea de fóra, quando o queria obrigar a unir a eſpadua de dentro á de fóra, ou eſta á de dentro, para andar bem para diante, e dobrar-ſe com mais graça para a direita; e depois de o encaminhar com huma, e outra redea deſte modo, fortalecia S. A. com huma ſufficiente actividade as ſenſações da perna eſquerda, ou de fóra da volta, e o Cavallo não ſó entrava com as ancas para o centro, mas determinava os movimentos da ſua corporea máquina obliqua, e circularmente, como moſtra a Eſt. XXXI.

Depois de ſer deſta ſorte encaminhado para o formar na acção com mais facilidade, e com mais graça, firmava S. A. o corpo alguma couſa para trás, avançava a eſpadua eſquerda, e atrazava á proporção a direita, conſervando-lhe a mão eſquerda hum pouco mais alta, avançada, e firme, para ſuſter as redeas com hum tacto proporcionado á ſenſibilidade da boca do Cavallo, trazia a mão direita cada vez mais baixa, e para ſi, de unhas aſſima, firme, porém com muita liberdade, a fim de que as ſenſações de huma, e outra redea foſſem bem applicadas, e contrapoſtas, aſſim ás do equilibrio, como ás de huma, e de outra perna, para o Cavallo obedecer, e ſe formar cada vez em melhor acção.

Quando o Cavallo trabalha neſta lição, e acção, a dobra do ſeu corpo he da parte direita, por ſer eſta para onde elle olha, e vence o terreno: logo neceſſaria-

mente fórma quatro circulos com as piſtas das mãos, e pés, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXII. a mão, e pé de fóra para vencer a maior diſtancia de terreno, que tem para tranſitar, devem marcar as ſuas piſtas, ou linhas, avançando-ſe bem por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro; e o Cavallo he certo que não póde vencer iſto, ſem que a mão, e pé de fóra marquem deſta ſorte o terreno ao paſſo, e trote. Logo quando elle galopa com a garupa ao Pilão, ou para o centro, tambem he certo que tem outro movimento differente, do que tem marchando de paſſo, e trote, porque no ſeu galope ſe move com hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa, ſendo unidas immediatamente todas as determinações dos ſeus movimentos em hum, e outro balanço; porém a paſſo, e de trote marca os quatro tempos dos ſeus movimentos, como deixo notado.

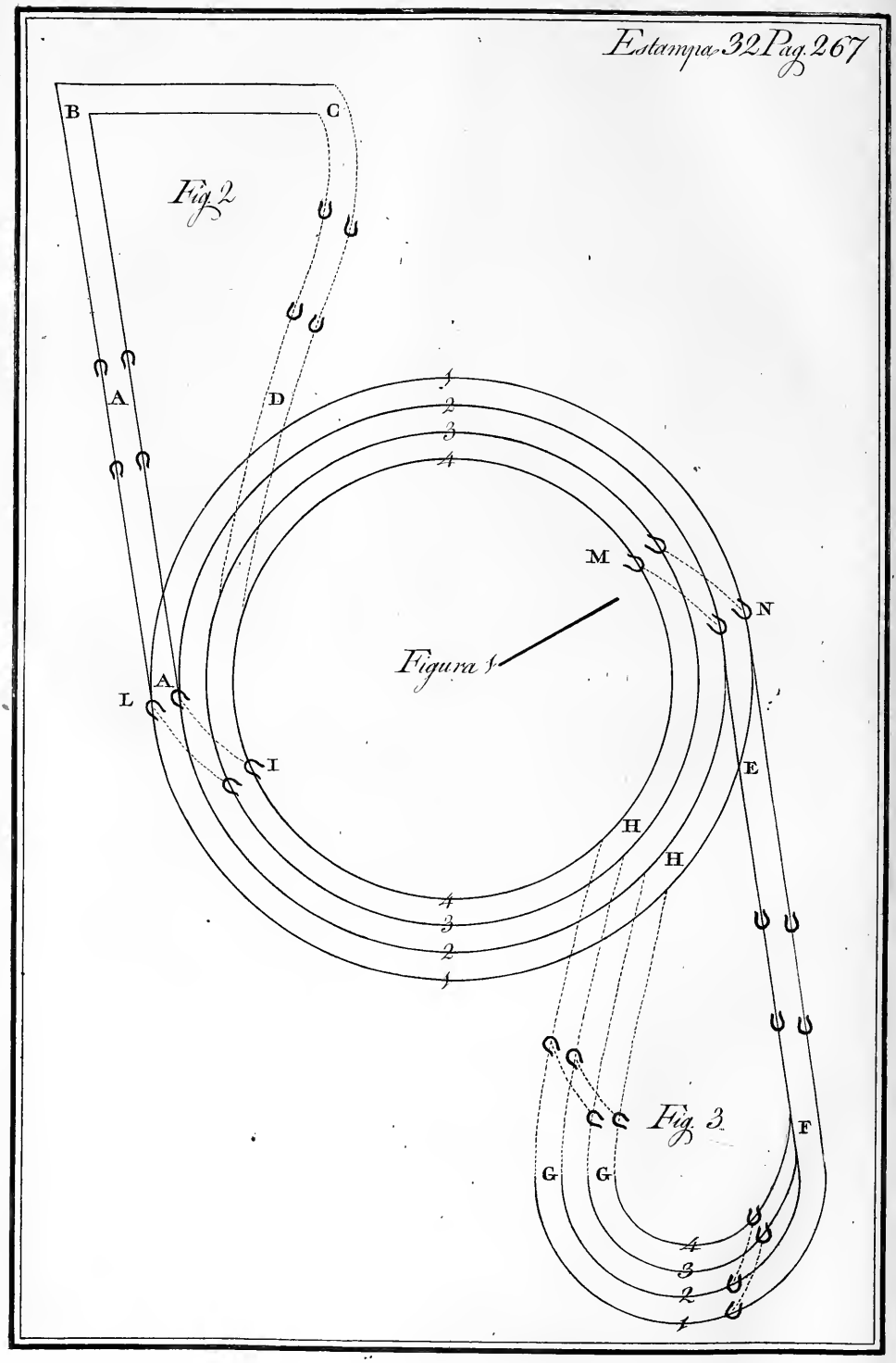
Já diſſe que S. A. quando formava qualquer Cavallo na lição da garupa ao centro, avançava a ſua eſpadua eſquerda, e atrazava á proporção a direita; e he ſem dúvida que elle ſe formava neſta acção, porque tinha hum pleno conhecimento de que a força centrifuga, pela dobra do corpo do Cavallo, faz atrazar a eſpadua eſquerda do Cavalleiro, e toda a meia parte do corpo delle, maiormente neſta lição. O pé, e mão do Cavallo da parte do centro da dobra do ſeu corpo ao paſſo, e trote ſe levantão menos da terra: logo para lhe ajudar a preciſa inclinação circular com que elle ſe deve conduzir para o centro, preciſa o Cavalleiro (para formar o Cavallo com perfeição, e para lhe obrigar cada vez mais as ſuas ancas) ter, e conſervar, como S. A., o ſeu corpo direito da cintura para ſima, e firme no meio da ſella; pois eſte gráo de equilibrio he preciſo não ſó para ajudar bem o animal, mas para toda a ſymmetria da figura do Cavalleiro ſeguir bem as linhas, pelas quaes toda a máquina do corpo do Cavallo determina o movimento.

Tambem quando S. A. o formava neſta lição, coſtumava pezar muitas vezes mais ſobre o eſtribo de dentro, que ſobre o de fóra da volta, para com a força centripeta do pezo, e movimento do ſeu corpo o indireitar no terreno, fazendo-o obediente com mais facilidade ás impreſsões de ambas as redeas, e de ambas as pernas; porque ſó por eſte meio ſe alcança que a piſta da mão, e perna de fóra ſigão com mais agilidade a piſta, e a direcção da mão, e perna de dentro, para ſe levantarem com mais facilidade do terreno.

Se o Cavallo ſe lançava com deſigualdade ſobre a eſpadua de fóra, deixando de entrar bem na mão, e andar com facilidade para diante, S. A. não ſó lhe rendia muitas vezes as mãos, mas obrigava-o com a falla, com a vara, e com as ſenſações, já de huma, já de outra perna, a ir para diante; ou tambem abrandava a força das ſenſações da mão direita, levando apôs iſſo a eſquerda de unhas aſſima para dentro da volta: firmava então o ſeu corpo todo em huma acção mais forte, e viva, para que ſentindo o Cavallo todos aquelles movimentos aſſim applicados, determinaſſe os ſeus tambem com a viveza, actividade, e promptidão, que os Cavalleiros devem exigir dos Cavallos em taes caſos, para ſerem mais promptos, e obedientes.

Obrigava-os tambem com ambas as redeas a que marcaſſem o terreno com igual-

da-


B
C
Fig. 2
A
D
1
2
3
4
M
N
Figura 1
A
L
I
E
H
H
4
3
2
1
Fig. 3
F
G
G
4
3
2
1

dade, para lhes ir ſituando a direcção das eſpaduas no ſeu devido lugar, e da meſma ſorte a dobra do corpo, e igualdade do movimento da garupa, o que ſe não póde vencer, ſe os Cavallos são trabalhados em hum terreno deſigual; iſto he, entrando humas vezes, e ſahindo outras para fóra da circumferencia. Tambem quando elles não andão com igualdade, hão de fazer algumas alcançaduras com o pé, e mão de fóra ſobre o pé, e mão de dentro, ſendo por eſtas razões deſagradaveis os ſeus movimentos: logo por conſequencia elles terão pouca ſujeição, e obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, quando em todos os caſos devem deixar-ſe encruzar entre a força das redeas de dentro, e da perna de fóra, andando ſempre bem para diante em hum movimento, e terreno igual, determinando-ſe pelas ſenſações das mãos, e pernas com velocidade igual á força, com que o corpo, as mãos, e as pernas o obrigão a formar neſta acção para marcar o terreno, como ſe obſerva na ſeguinte

## ESTAMPA XXXII.

*Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-os na lição da garupa ao centro, ao paſſo, e trote para a direita: e o methodo, por que S. A. obrigava qualquer Cavallo a paſſar de mão da direita para a eſquerda.*

A Piſta da mão eſquerda, em quanto o Cavallo anda dobrado para a direita, marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4., como ſe vê na Fig. 1.

Para S. A. lhe formar as paſſagens de mão, quando fazia trabalhar qualquer Cavallo da direita para a eſquerda neſta lição, quando o ſentia marchar com mais facilidade para diante, o fazia partir das linhas da maior circumferencia da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra A para B, e deſta para C, fazendo-o ir pelas linhas aſſignadas com pontinhos completar a paſſagem ſobre D, conduzindo-o pelos lados do angulo, ſempre bem encruzado entre a força das ſenſações das redeas direitas, e da perna eſquerda, até o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda: ora quando S. A. tambem o obrigava a que formaſſe a paſſagem, chegando ás linhas da Fig. 1. affroxava as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda: fortalecia depois as ſenſações da perna direita, e das redeas eſquerdas, e o Cavallo ſe deſdobrava da direita para a eſquerda, formando-ſe para eſta parte na meſma graciosa acção, em que antes da paſſagem trabalhava para a direita.

Por ſemelhante modo fazia elle paſſar os Cavallos de mão, formando tambem o ſemicirculo de quatro piſtas: então os encruzava bem entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, fazendo-os marcar as linhas da Letra E da Fig. 1. para a Fig. 3., partindo para a Letra F; e chegando ao vertice do angulo, elle os obrigava então mais com as redeas direitas, e a perna eſquerda a que entraſſem com as ancas para o centro, e pelas linhas de pontinhos da Letra G para

ra a Letra H os trazia em movimento mais moderado para os ir obrigando cada vez mais a formar o ſemicirculo de quatro piſtas; e para que levantaſſem com mais facilidade as eſpaduas, ou elles determinaſſem os ſeus movimentos ao paſſo, ao trote, ao galope, ou tambem a paſſadas.

## *Defezas de que usão alguns Cavallos, quando são obrigados a formar as paſſagens de mão, ſahindo dos circulos do centro para as linhas da muralha, e o melhor modo de as emendar.*

SE o Cavallo ſe arremeſſa á paſſagem pelo ſemicirculo com velocidade, e paixão, entrando com demaziada força na mão, ſeja por fugir da ſujeição a que o conduz a perna, e eſpora de fóra, e da oppreſsão de ſe formar neſta figura ſobre a garupa, ſeja por ſe querer deſdobrar da acção para uſar mal das eſpaduas, o Cavalleiro então deve firmar o ſeu corpo mais para trás, ſuſtendo, e rendendo amiudadas vezes huma, e outra redea; e já com maior, já com menor actividade o obrigará a formar os ſemicirculos de duas, ou de quatro piſtas, como permittir a agilidade do Cavallo.

Se indo pelo meio circulo, ficar para trás, ou ſe entortar das eſpaduas, então promptamente o devem obrigar a que forme alguns pequenos circulos de duas, ou de quatro piſtas, para ſe arredondar dos movimentos das eſpaduas, e garupa, até ſe deixar diſpôr bem para formar a paſſagem mais livre da ſua dúvida, e má tenção. Logo que o Cavallo duvidando confundir o ſeu movimento, indo com timida incerteza, ora ſobre hum, ora ſobre outro lado, o Cavalleiro promptamente deve contrapôr as ſenſações das ſuas mãos, e pernas ás ſuas deſordens, de ſorte que o ſocegue, e vá pondo na verdadeira acção.

Se elle ſe deſmancha da ſua figura, porque ſe lança ſobre a eſpadua de fóra, quando ſahe da Fig. 1. pelas tangentes A para a Fig. 2. e 3. E, promptamente deve o Cavalleiro affroxar as ſenſações da perna eſquerda, e das redeas direitas, trazendo a mão eſquerda de unhas aſſima, de fóra para o centro, e fortalecendo apôs iſto as ſenſações da perna direita para unir a perna de dentro á de fóra: logo ſe fugir com a garupa muito para fóra, deve o Cavalleiro affroxar totalmente as ſenſações da perna direita, ſem perder a firmeza do pé na ſoleira do eſtribo, fortalecendo as ſenſações da perna eſquerda, unindo-a ao ventre do Cavallo mais de chapa, e hum pouco mais atrás das cilhas, tendo a mão eſquerda de unhas aſſima, trazendo-a, e mais a direita unidas repetidas vezes para ſi, até que o Cavallo, por effeito das ſenſações dellas, e das da perna eſquerda, entre para diante, e ſegure a garupa. Tambem ſe deve muitas vezes fazer paſſar de mão, e deſta para a lição dos quatro circulos, ou para a das eſpaduas dentro, encruzando-o em todas eſtas lições entre as redeas de dentro, e a perna de fóra o mais que puder ſer, principalmente nas paſſagens de mão deſtas lições, conduzindo-o deſtas paſſagens, quando elle andar com mais facilidade, muitas vezes para a

da

da garupa ao Pilão ; pois eſtes são os meios mais proprios de lhe ſujeitar a garupa, e deſembaraçar as eſpaduas.

Fazia S. A. repetidas vezes paſſar de mão os Cavallos, que uſavão da defeza de ficar para trás nas paſſagens, já para a lição dos quatro circulos, já para a das eſpaduas dentro , porque conhecia que deſta ſorte mais inſenſivelmente os obrigava a dobrar-ſe do peſcoço , e eſpaduas para ſe renderem flexiveis nas difficuldades da ſua garupa. Eſta em commum he a boa formalidade, com que S. A. fazia paſſar de mão qualquer Cavallo da direita para a eſquerda : agora direi alguma parte dos movimentos com que elle ſe conduzia , e algumas ſenſações , de que uſava, para fazer determinar os Cavallos para as acções, de que tenho tratado nas paſſagens deſta lição.

Logo que S. A. determinava a direcção do ſeu Cavallo para fóra dos circulos do centro, o obrigava cada vez mais com as correas , ou redeas do cabeção, em qualquer figura , em que o fizeſſe paſſar de mão ; e para inſtantaneamente o fazer mudar de acção no vertice do angulo , affroxava as redeas direitas do cabeção , e freio , ſuſtentava as redeas eſquerdas com mais apoio , tendo a mão eſquerda de unhas aſſima, e a direita para ſi, affroxando tambem as ſenſações da perna eſquerda, fortalecendo as da direita, atrazando a eſpadua eſquerda, e avançando á proporção a direita no tempo em que o Cavallo mudava de acção ; pois todas eſtas diligencias o fazem dobrar, e conſervar para a mão eſquerda com a meſma graça, com que antes da paſſagem ſe dobrava para a direita.

Tambem ſe podem formar as paſſagens de mão (como S. A. muitas vezes fazia) ſem deſdobrar o Cavallo da acção , em que andar para a direita , conduzindo-o ao vertice do angulo aſſim dobrado, e delle para diante , continuar na acção da volta ao revés; mas para vencer iſto, he preciſo trazer repetidas vezes as mãos ambas para fóra da volta, e para dentro do centro, até chegar ao lugar da paſſagem , obrigando-o cada vez mais com a perna eſquerda para marcar a linha N. 1. mais proxima ao centro: com a piſta da mão eſquerda , e com a da mão direita a N. 2. ; com a do pé eſquerdo a N. 3. ; e com a do pé direito a N. 4. da maior circumferencia, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXVI., por conſequencia então as eſpaduas marcão os circulos menores, e o Cavallo fica olhando para fóra do ponto do centro , ou trabalhe em hum pequeno circulo , ou em huma grande volta. A iſto ſe chama paſſar, ficando ſobre a volta ao revés; porque quem eſtiver no ponto do centro, neceſſariamente fica vendo o reverſo da acção, que antecedentemente via antes da paſſagem.

Tendo o Cavallo adquirido facilidade, e deſembaraço, o fazia S. A. tambem paſſar de mão , quando trabalhava com a garupa ao centro , ſahindo da Fig. 1. Eſt. XXXII. para as linhas da muralha, obrigando-o a que formaſſe algumas paſſadas do vertice do angulo por hum ſemicirculo , ſegurando-lhe mais a garupa com a perna de fóra , e dobrando-o cada vez mais do peſcoço, e eſpaduas com as redeas de dentro , ajudando-o repetidas vezes com a ſua mão de fóra , trazendo-a para dentro da volta, e depois animava todo o ſeu corpo de maneira, que o Cavallo determinava todos os movimentos ao principio com velocidade , levantando-

ſe

ſe bem das eſpaduas na acção das paſſadas, marcando o terreno, como ſe vê na Fig. 3. da Eſt. XXXII.; e depois de rebater, e recolher a garupa bem para baixo do ventre, da Letra F para a Letra G, quando pelas linhas de pontinhos ſe hia unindo ás linhas da Fig. 1. Letra H. S. A. affroxava a actividade das ſenſações, com que o obrigava, para o fazer ir por eſte modo finalizar o ſemicirculo, e formar a paſſagem já em hum galope de ſorte modificado, que delle paſſava ao trote, para o mudar de acção, e deſdobrar o corpo na paſſagem com mais facilidade, a fim de continuar ao paſſo, e trote neſta lição para a mão eſquerda com a meſma boa ordem, com que elle a havia formado para a direita antes de principiar a fazer a paſſagem.

## *Lição da garupa ao Pilão, ao paſſo, e trote para a eſquerda.*

HAvendo eu dito a boa ordem, com que S. A. formava os Cavallos, que trabalhava na acção da garupa ao centro para a direita, paſſo a moſtrar como o Sereniſſimo Principe D. João fórma os Cavallos, em que anda, na lição, e acção da garupa ao Pilão para a eſquerda.

Logo que S. A. fórma qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão para a mão eſquerda, adianta a eſpadua direita, e da meſma ſorte o braço, e quadril direito, atrazando á proporção a eſpadua, o braço, e o quadril eſquerdo: une-lhe a perna direita mais atrás da terceira cilha, para que ſendo a ſua ſenſação mais activa, ella obrigue a garupa a encruzar-ſe bem entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, ficando por tanto a ſenſação da perna eſquerda menos activa, para o Cavallo dar principio a determinar os ſeus movimentos obliqua, e circularmente para a eſquerda, como ſe vê na ſeguinte

## ESTAMPA XXXIII.

### *Do Sereniſſimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, obrigando-o com o freio, e cabeção a marchar de paſſo, e trote para a eſquerda.*

ANimando S. A. a ſua bella figura, ſegura as redeas do freio, e cabeção eſquerdas, bem fechadas na mão eſquerda, e a redea, ou correa do cabeção direita na mão direita, e aſſim lhe rende, e ſuſtem as mãos, une as pernas, e encaminha o Cavallo, para que ande com facilidade para diante, e ſe vá formando na boa acção, que repreſenta a Eſt. XXXIII.

Se o Cavallo duvída por ignorante formar-ſe bem neſta acção, diz Newcaſtle que em tal caſo póde o Cavalleiro para o encaminhar, e reduzir com mais facilidade, ter as redeas ſeparadas, huma do freio, e cabeção na mão eſquerda, e outra do cabeção, e freio na mão direita. Ou tambem ſe elle duvída mais dobrar-ſe

pa-

Silva del.

para a eſquerda, ter as redeas do freio unidas na mão direita, e a redea do cabeção, ou correa de vencer tão ſómente na mão eſquerda, quando trabalha dobrado para eſta parte; pois que além deſte modo de uſar das redeas ſer inſinuado por Newcaſtle, grandes Cavalleiros julgão util eſte remedio, para vencer ao Cavallo cada vez mais neſta difficuldade, e obrigallo a dobrar-ſe bem para a eſquerda.

Não obſtante, S. A. trabalha qualquer Cavallo, ſem preciſar do recurſo de ſeparar as redeas, mas ſim tendo as do freio unidas na mão eſquerda, e eſta de unhas aſſima com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, formando-o com eſtas diligencias na lição, e acção da garupa ao centro para a eſquerda com aquella meſma ordem, que já diſſe que o Sereniſſimo Principe D. Joſé os dobrava, trabalhando-os ſobre a direita; pois com ſemelhantes ſenſações ſe obrigão os Cavallos tanto para a mão direita, como para a eſquerda, a formar nas acções, que ſe moſtrão nas Eſt. XXXI. e XXXIII., quando os Cavalleiros são como SS. AA. iguaes no ſeu modo de trabalhar os Cavallos, aſſim para huma, como para outra parte.

Eu diſſe que S. A. avança a ſua eſpadua direita, e atraza á proporção a eſquerda com toda a perfeição, porque na lição da garupa ao centro cuſta mais ao Cavalleiro avançar a eſpadua direita, quando o Cavallo anda para a eſquerda, principalmente ſobre circulos menores com a garupa junto ao Pilão, do que cuſta a avançar a eſpadua eſquerda, quando elle anda da meſma ſorte curto para a direita.

Recommenda Newcaſtle muitas vezes que ſeparem as redeas do freio, ou as tragão unidas na mão direita, quando neſta lição trabalhem para a eſquerda; mas he certo que ſe os Cavalleiros forem deſembaraçados, e iguaes no ſeu modo de trabalhar para huma, e outra mão, não ſerá neceſſario ſeparar as redeas do freio, nem paſſallas para a mão direita; pois eu tenho obſervado que SS. AA., o Marquez Eſtribeiro Mór, o Meſtre da Picaria Real, e outros Cavalleiros, trabalhão os ſeus Cavallos para huma, e outra parte com toda a boa ordem, ſem uſarem de ſeparar as redeas. Porém não pertendo negar que eſte modo de trabalhar com as redeas ſeparadas he grandemente util, quando o Cavalleiro não he igual no ſeu modo de uſar das redeas, e o Cavallo pecca pela deſigualdade dos movimentos das eſpaduas, e garupa, muito principalmente quando o trabalhão ſobre a mão eſquerda.

Se o Cavalleiro uſar das redeas de dentro, e da perna de fóra, applicando as ſuas ſenſações (como tenho dito que as applica S. A., e o Marquez Eſtribeiro Mór neſta lição) tanto indo ſobre huma, como ſobre outra mão, o Cavallo determinará todos os movimentos da ſua corporea máquina obliqua, e circularmente, e ſe deſembaraçará das ſuas eſpaduas, facilitando-ſe muito deſtas partes por effeito da paſſagem, que faz a mão, e pé de fóra por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro, obrigados de huma, e de outra redea, quando a mão entra para a volta, ou ſahe para fóra della.

Da meſma ſorte que ſe ajuda o Cavallo neſta lição para a mão direita, aſſim tambem ſe deve governar, e ajudar para a mão eſquerda; e poſto que huns tenhão mais geito, e propenſão para ſe moverem com deſembaraço, e ſe dobrarem mais

pa-

para huma, do que para a outra mão, com tudo, o que tenho dito he o modo mais proprio que se tem descuberto para ir facilitando, e encaminhando os Cavallos; porém de huma, ou de outra sorte o Cavalleiro prudentemente deve regular-lhe, e applicar-lhe o trabalho á proporção da utilidade que ella for produzindo.

Os tempos com que o Cavallo se move ao passo, e trote nesta lição, não mudão de ordem, posto que o Cavallo mude de velocidade, e de figura de terreno, ainda que mude de acção, em quanto não passa ao galope; pois se elle anda de passo, e de trote para a esquerda, principia o primeiro tempo para caminhar com a mão direita N. 1. segue-a o pé esquerdo N. 4., depois se move a mão esquerda N. 2., e ultimamente o pé direito N. 3. (Est. XXXIII.) faz o ultimo tempo, ou posição. E assim alternativamente são todos estes tempos bem perceptiveis á vista, maiormente em quanto o Cavallo anda de passo; pois quando elle anda de trote, pela maior velocidade com que se move, parecem sómente dous; porém oppostos, e atravessados, como o são, quando se move sómente de passo.

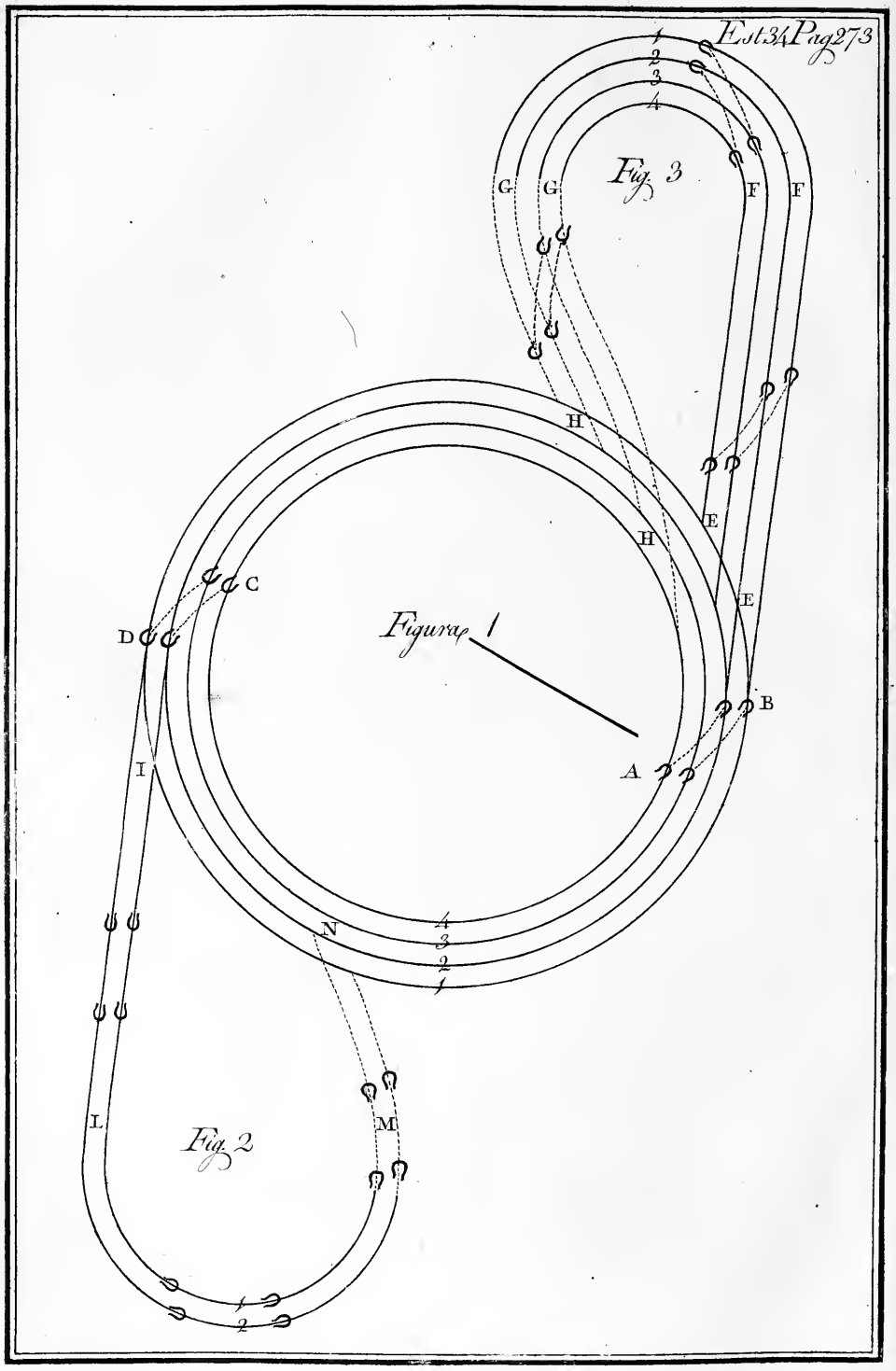
Se elle pois deixa de formar o circulo com perfeição, trabalhando dobrado para a esquerda, por se lançar mais sobre a espadua de fóra, S. A. com todo o cuidado, e promptidão traz a mão direita de unhas assima para dentro da volta, e a de dentro de unhas abaixo para si, fazendo-lhe unir por este modo repetidas vezes a sua espadua de fóra á de dentro. E porque o Cavallo não se desmanche na dobra do corpo da sua figura, e acção, em que andava antes de rolar para fóra, S. A. torna logo as mãos ao seu lugar para alternativamente o ir encaminhando, a fim de que determine todos os movimentos das espaduas com perfeição.

Quando o Cavallo róla, ou foge com as ancas para fóra, S. A. segura a mão direita para si, affroxa as sensações das redeas esquerdas, ou de dentro da volta, fortalece as da perna direita, unindo-a mais de chapa, isto he, mais atrás das cilhas com a roseta voltada para a barriga do Cavallo; e se este continúa na desobediencia, com a redea do cabeção de fóra lhe dá alguns toques para sima, e para trás; e quando por meio destas diligencias não obtem delle a pertendida obediencia, então o faz passar de mão para a lição da espadua dentro, e della muitas vezes para a dos quatro circulos junto ao Pilão do centro, obrigando-o succeſſivamente com ambas as redeas, e com ambas as pernas, a que entre com as espaduas bem para o centro. Neste caso fortalece a sensação da perna de dentro mais atrás da terceira cilha, para a garupa sahir para a maior circumferencia, como digo na lição dos quatro circulos ao passo, e trote, segurando-lhe a perna de fóra, ou esquerda entre a primeira cilha, e a espadua, para o endireitar mais no terreno, contrapondo-lhe cada vez mais a força das sensações das pernas á força das sensações das redeas, principalmente quando lhe faz entrar com as redeas de fóra as espaduas para o centro.

Ora se elle, não obstante as ponderadas diligencias, não deita a garupa bem para fóra, tambem lhe serve de grande utilidade, depois de o fazer trabalhar assim dobrado para a direita, passallo de mão para a esquerda, e por todo o terreno fazello trabalhar sem muita violencia na lição da cara contra a muralha; porque as espaduas vão mais seguras pelo embaraço que lhes faz a parede, e pelas

aju-

Est 34 Pag 273



ajudas da mão direita, e da perna direita, que o podem aſſim obrigar com mais actividade a que ſe encruze cada vez mais entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, e deſta ſorte quando vai com mais facilidade, S. A. não ſó o torna a trabalhar na lição da garupa ao Pilão, mas della o faz paſſar de mão para a direita: e pelo angulo, e ſemicirculo o faz marcar o terreno pela maneira ſeguinte. A piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a N. 2., a piſta do pé direito a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4. mais perto do centro, como ſe vê na Fig. 1. da ſeguinte

## ESTAMPA XXXIV.

### *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, e as paſſagens de mão, formando-ſe na acção da garupa ao Pilão para a eſquerda ao paſſo, e trote.*

TRabalhando S. A. qualquer Cavallo na lição da garupa ao centro, e querendo-o fazer paſſar da eſquerda para a direita, quando elle vai mais igual no movimento, o faz ſahir dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra I para a Letra L, e della para a Letra M, formando hum ſemicirculo de duas piſtas, ſeguindo as ancas as linhas das eſpaduas, e pelas linhas de pontinhos o conduz aſſim dobrado para a eſquerda, para ir completar a paſſagem ſobre os circulos da Fig. 1., obrigando-o ſobre a Letra N a que ſe deſdobre da eſquerda para a direita: e então elle affroxa inſtantaneamente as redeas eſquerdas, fortalece as direitas, ſuſtendo a mão de unhas aſſima, fazendo-lhe ſentir a perna eſquerda mais atrás das cilhas; e modificando as ſenſações da perna direita, o obriga com as forças de ambas as redeas, e de ambas as pernas a que entre para diante, e ſe forme neſta lição para a direita com a boa ordem com que ſe formava para a eſquerda antes de fazer a paſſagem. Eſte modo de paſſar de mão he facil, e por iſſo o primeiro, de que S. A. uſa, para ir diſpondo os Cavallos, que ignorão eſta lição.

### *Modo de obrigar qualquer Cavallo a formar a paſſagem de quatro piſtas.*

QUando o Cavallo eſtá mais deſembaraçado, S. A. o faz tambem paſſar de mão, ſahindo da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra E com hum movimento alguma couſa obliquo até á Letra F, e della para a Letra G o encruza cada vez mais entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, a fim de o obrigar a formar o ſemicirculo de quatro piſtas, conduzindo-o pelas linhas de pontinhos bem entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita até chegar á Letra H, e ſobre ella o faz deſdobrar da eſquerda para a direita, uſando das meſmas ſenſações que uſa, quando o faz deſdobrar da acção na paſſagem da Fig. 2. Eſtas são aquellas paſſagens, a que La Gueriniere Pag. 134. chama de meia volta, ſeja trabalhando para a direita, ou para a eſquerda.

Se o Cavallo accelera, e confunde o ſeu movimento, quando he obrigado a formar o ſemicirculo do angulo, então S. A. promptamente o obriga a que forme alguns pequenos circulos de duas piſtas, para o arredondar dos movimentos das eſpaduas, e vir formar as paſſagens com mais facilidade.

## *Modo, por que S. A. obriga hum Cavallo a formar o ſemicirculo a paſſadas.*

TAmbem o obriga algumas vezes a formar os ſemicirculos a paſſadas, ſahindo das linhas N. 1. da maior circumferencia da Fig. 1. pelas linhas da Letra E; e ſegundo o maior, ou menor deſembaraço do Cavallo, o obriga da Letra F a ir de galope rápido, até fazer pelo ſemicirculo algumas paſſadas, modificando-lhe a velocidade do ſeu galope do meio das linhas de pontinhos para diante, de ſorte que chegue á Letra H nas linhas da Fig. 1., ou lugar da paſſagem, já de trote muito manſo, e então o faz deſdobrar da acção da eſquerda para a direita, como em outra qualquer paſſagem.

Quando S. A. obriga hum Cavallo a formar-ſe na acção das paſſadas, trabalhando-o na lição da garupa ao centro, além de o encruzar bem entre as forças das ſenſações das redeas eſquerdas, e da perna direita, aviva toda a ſua figura, fortalece todo o corpo, mãos, e pernas, dando-lhe com eſtas alguns toques inſtantaneamente, para o Cavallo com elles ſe levantar, e relevar das eſpaduas na acção das paſſadas, de ſorte que por meio deſta lição ſe facilita muito dos movimentos do eſpinhaço, quadris, e curvilhões, entra menos na mão, iſto he, apoia-ſe menos na embocadura do freio, e cabeção: e logo por conſequencia obedece com mais facilidade ás mãos, e pernas do Cavalleiro, fazendo ao meſmo tempo as paſſadas, e os ſemicirculos dos angulos viſtoſas, e uteis.

Em quanto o Cavallo anda com a garupa ao centro para a eſquerda ao paſſo, e ao trote, marca o terreno, como na Fig. 1. da Eſt. XXXIV., e a mão direita não alcança o ponto de gravidade, porque paſſa com huma articulação circular por ſima, e por diante da mão eſquerda; e poſto que ſe vá unindo a ella com hum movimento obliquo, marca a ſua piſta mais fóra da linha perpendicular, e ponto de equilibrio. O pé eſquerdo vai fazer a ſua poſição fóra do ponto de gravidade, porque a ſua articulação, e de toda a perna até ao quadril ſegue huma linha diagonal, e por iſſo vai fazer a ſua poſição ſobre o circulo N. 4.: logo o pezo de todo o corpo do Cavallo he ſuſtentado pela mão eſquerda, que marca o circulo N. 2.; e pelo pé direito, que marca o circulo N. 3.: ſuccede iſto, porque o pé direito ſe recolhe para baixo do corpo, e por iſſo elle, e a mão eſquerda ſeguem por huma linha menos obliqua ao terreno o movimento das eſpaduas, e garupa, e vão fazer a ſua poſição mais debaixo do ponto dos balanços, que o Cavallo fórma com o corpo neſta lição, vencendo o terreno para o lado eſquerdo, como ſe moſtra na Eſt. XXXIII. e XXXIV. Iſto meſmo acontece por eſtes motivos, quando ſe fórma neſta lição, e acção para a mão direita ao paſſo, e trote; e quando fórma as paſ-

paſſadas no ſeu reſpectivo lugar, direi o modo, por que o Cavallo ſe move, quando paſſa do paſſo, ou do trote ao galope.

## *Lição da volta ao revés ; e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro , fazendo trabalhar qualquer Cavallo neſta acção.*

1 DEve pezar mais ſobre o eſtribo de dentro da volta , que ſobre o de fóra, para alcançar melhor o ponto do equilibrio, e para uſar dos movimentos de huma, e de outra perna com mais facilidade: iſto ſerve tambem para fazer menos pezo ſobre a parte convexa.

2 Deve com a redea de dentro , e a perna de fóra obrigar o Cavallo a que marque o terreno com igualdade, porque de outra ſorte não moſtra que tem a preciſa ſujeição á perna de fóra, e ás redeas de dentro, como adiante direi.

## *Leis pertencentes á determinação dos movimentos do Cavallo.*

1 NAs lições antecedentes he lei eſſencial marcar o terreno , indo ſempre para diante, ou ſobre a parte convexa ; mas na lição da cara contra a muralha, na lição da garupa ao centro, e na lição da volta ao revés, he lei indiſpenſavel marcar o Cavallo o terreno, indo ſempre com as piſtas dos pés , e mãos para ſima do terreno, que lhe fica da parte concava.

2 Deve ao paſſo, e trote marcar o terreno, paſſando ſempre a mão , e pé de dentro do centro por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro da volta.

3 Sempre ſe deve entender por parte de dentro da volta aquella, para onde elle ſe curva , e fica mais concavo. Agora paſſo a moſtrar que couſa he andar ſobre a volta, e que couſa he a lição da volta ao revés.

Primeiramente ſe deve advertir, que quando digo que o Cavallo anda ſobre a volta , ou ſobre a circumferencia , he porque elle vence o terreno para ſima dos circulos , que vai formando , e lhe ficão , ou vai deixando da parte concava. E quando digo que anda ſobre a volta ao revés , he porque ſe dobra, principalmente a cabeça para fóra do ponto do centro, anda para ſima do terreno, que lhe fica da parte concava, e os circulos, ou linhas, que marca lhe ficão da parte convexa: logo neceſſariamente elle marca a linha mais interior do centro N. 1. com a piſta da mão eſquerda (ſe anda dobrado para a direita) paſſando a mão eſquerda por ſima, e por diante da mão direita, que marca a linha N. 2., que em tal caſo he de fóra do centro, e de dentro da volta, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXVI.

Tambem digo que ſempre ſe deve ſuppôr que fica a volta daquella parte para onde o Cavallo olha, e ſe dobra: logo por conſequencia com as piſtas das mãos neceſſariamente ha de marcar ſempre as linhas mais proximas ao centro , e com as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia, porque ſó aſſim póde determinar o ſeu movimento , indo para ſima do terreno , que lhe fica da parte concava. Ora ainda que a lição de trabalhar o Cavallo com a cara, e eſpaduas contra o Pi-

lão tem alguma ſemelhança com a dos circulos de Pignateli, e com a dos circulos de Newcaſtle, porque em todas ellas os Cavallos entrão com as eſpaduas para o centro ſobre que trabalhão, com tudo faz huma conſideravel differença huma lição de outra. Trabalha o Cavalleiro hum Cavallo, aſſim que o obriga a formar hum circulo, ſeja de maior, ou menor circumferencia, olhando, e dobrando-ſe para o ponto do centro, trabalha ſobre a volta: ſemelhantemente elle trabalha na lição da volta ao revés, logo que fórma o reverſo da acção que acabo de dizer que fórma, olhando, e dobrando-ſe para o centro: por conſequencia logo que o Cavalleiro trabalha qualquer Cavallo na lição, e acção da volta ao revés para a mão direita, deve ficar o Pilão, que eſtá no ponto, do centro junto á eſpadua eſquerda do Cavallo, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XXXV.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés junto ao Pilão do centro, dobrando para a direita ao paſſo, e trote.*

PAra o Cavalleiro dobrar hum Cavallo neſta lição para a direita, deve ter a ſua mão direita de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda; e quanto mais conduzir deſta ſorte a mão da cernelha para a parte eſqureda, tanto mais o Cavallo ſe dobrará para a direita. A mão eſquerda deve eſtar alguma couſa mais avançada que a direita: a eſpadua direita do Cavalleiro deve atrazar-ſe, e á proporção adiantar-ſe a eſquerda: a perna eſquerda o deve ajudar com ſenſações mais activas logo atrás das cilhas, e a direita ſe conſervará junto á primeira cilha ao pé do ſovaco para com as ſuas ſenſações fazer (e ajudada do equilibrio) andar o Cavallo para diante, e ajudar a ſegurar-lhe as eſpaduas para o centro.

Eſta lição he aquella, a que commummente chamão *Reverſé* (palavra Franceza, e em Portuguez *Revezada*) por ſe formar o Cavallo no reverſo da acção que obſerva, trabalhando pelos circulos de Pignateli, e de Newcaſtle: he mais violenta que todas as antecedentes, não ſó ao galope, mas ainda de paſſo, e trote: e para a pôr em prática, deve o Cavalleiro ſentir o Cavallo entre as ſenſações das redeas, e das pernas, ſempre igual na determinação do ſeu movimento. As redeas devem eſtar ſempre na mão do Cavalleiro de tal modo ſeguras, e em tal comprimento, que as mãos, ſem ſe deſconcertarem da ſua figura, poſsão ſervir-ſe bem dellas: tanto quando o Cavalleiro levar as mãos para dentro da volta, e para fóra do centro, como levando-as para a parte do centro, e para fóra da volta.

Quando o Cavalleiro carrega, ou leva a mão direita de unhas aſſima, e a eſquerda de unhas abaixo para a parte do centro, o Cavallo une a eſpadua de dentro da volta á da parte do centro, e por conſequencia ſe dobra para fóra á proporção do que as mãos o obrigão, e da eſtreiteza do terreno em que ſe move.

Se logo que ſe encoſtar com exceſſo ſobre a eſpadua da parte do centro, pó-

Frois delin. et sculp.

póde o Cavalleiro, para o endireitar no terreno, e na acção, levar a mão eſquerda de unhas aſſima, do centro para dentro da volta, que o Cavallo faz no ſeu corpo, a fim de ſe endireitar, e unir a eſpadua de dentro do centro á de dentro da volta; mas logo que obedecer, devem as mãos tornar ao ſeu lugar, dando-lhe, e ſuſtendo as redeas, para que não perca a dobra do peſcoço, e ſe deſmanche da ſua figura, e acção.

O corpo do Cavalleiro deve pezar alguma couſa mais para onde o Cavallo olha, e ſe dobra; porque quanto mais o animal ſe deixa encruzar entre as redeas de dentro, ou direitas, e a perna de fóra, ou eſquerda, tanto mais a força centrifuga faz ſahir a parte convexa (que neſte caſo he a eſquerda) para fóra da volta, e para trás: logo ſe o Cavalleiro não avançar bem a ſua eſpadua eſquerda, elle ficará torcido, e em huma figura muito deſagradavel.

A mão direita do Cavallo, de dentro da volta, e de fóra do centro, ſegue com a direcção da ſua piſta a linha N. 2. da Fig. 1. Eſt. XXXVI., ſempre com huma inclinação circular para o ponto de gravidade, e da meſma ſorte he a direcção da piſta do pé eſquerdo; por iſſo hum, e outro ſe levantão menos da terra, e tambem porque a parte de dentro da dobra do corpo, que he a direita, fica mais unida; por iſſo he inconteſtavel que o Cavallo ſuſtenta o maior pezo ſobre a mão direita, e ſobre a meia garupa eſquerda, em quanto vai aſſim dobrado para a direita. Eſtando neſta lição dobrado para a direita, a parte eſquerda de fóra da volta, que olha para o centro, fica muito mais dilatada, e para trás; e a parte direita ſe une, e levanta mais do terreno: o que he cauſado pela força centrifuga, pois á proporção da velocidade do movimento faz eſte atrazar a parte eſquerda: por iſſo recommendo tanto que com o equilibrio do corpo ſobre o eſtribo de dentro, ou direito, endireitem o Cavallo repetidas vezes para dentro da volta, ou parte concava, e tanto quanto elle o preciſar; pois he ſem dúvida que os movimentos do corpo, e equilibrio do Cavalleiro são grande parte para o Cavallo determinar os ſeus com obediencia, e facilidade. Logo que o Cavallo ſe deſigualar no ſeu movimento, ſem fazer caſo das ſenſações das mãos, das pernas, e do equilibrio do Cavalleiro, vá elle de paſſo, de trote, ou de galope, ſe deſobedecer por ſe deſmanchar da acção, ou por ficar para trás, deve-ſe então ajudar com a falla, com a vara, com as barrigas das pernas, e com as eſporas, e iſto ſó no tempo em que elle o preciſar, para não lhe atenuar a ſenſibilidade com o ſucceſſivo coſtume, aſſim das ajudas, como dos caſtigos.

## *Da volta ao revés irregular.*

FOrma-ſe a volta ao revés irregular, obrigando o Cavallo a marchar, humas vezes por todo o terreno do Picadeiro, ou parallelogrammo, outras ſobre quadrados. Chamão-ſe eſtas voltas irregulares, porque nos ſeus angulos tem differença a velocidade do movimento da garupa, da velocidade do movimento das eſpaduas: ſobre humas, e ſobre outras vai o Cavallo ſempre dobrado para fóra do centro do Picadeiro; e ou vá elle de paſſo, ou de trote, ou de galope, ſempre o devem

vem ajudar para ſe diſpôr a formar cada vez melhor para os circulos regulares, dobrar-ſe cada vez mais do ſeu peſcoço, e obedecer com facilidade aos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro em todos os manejos dobrados, ou de quatro piſtas.

O Cavallo, que não ſe dobra com igualdade, tanto das eſpaduas, como do peſcoço; que eſtá inteiro, ou inflexivel para huma, ou para outra parte; que não obedece á mão das redeas, quando ella entra para dentro, ou ſahe para fóra da volta; que reſiſte ás ajudas das pernas; que ſe atraza muito com a garupa, atraveſſando-a demaziadamente para hum, ou para outro lado, ou não tem baſtante apoio; que he nimiamente colerico, e impaciente; que quer forçar a mão do Cavalleiro, hum tal Cavallo tem neceſſidade de ſer diſpoſto pela lição da volta ao revés irregular, na qual pelo comprimento em diverſas figuras planas vai aprendendo inſenſivelmente a fugir das ſenſações da perna, dobrando-ſe cada vez mais do peſcoço, e das eſpaduas, e voltando para hum, e outro lado com ſujeição a huma, e outra redea, para chegar a alcançar hum apoio firme, e ſeguro.

## *Effeitos da volta ao revés regular.*

A Lição da volta ao revés regular forma-ſe ſobre circulos (Eſt. XXXVI. Fig. 1.), obrigando o Cavallo, quando marcha, a que marque quatro piſtas, e methodicamente ſe coſtume a dobrar o ſeu peſcoço, á proporção do que a garupa ſahe para fóra do centro, levando as ancas para a direita, bem como ſe dobra do peſcoço para eſta parte: e da meſma ſorte que ſe acha o remedio para igualar-lhe os movimentos, e acção na volta ordinaria pelo largo, para vir depois aos circulos cada vez menores, ſe acha tambem na volta ao revés irregular para o ir facilitando cada vez mais, para trabalhar na lição da volta ao revés regular.

A propriedade da lição dos circulos de duas, e de quatro piſtas he de deſembaraçar as eſpaduas do Cavallo, coſtumando-o a voltar bem ſobre hum, e outro lado, adquirindo por eſte meio o coſtume de marchar com movimento igual. A propriedade da lição da volta ao revés irregular he de fazer determinar os movimentos da garupa unidos, curvando alguns eſpaços mais a meia anca de fóra, facil, e unido das eſpaduas: logo por conſequencia na lição dos circulos de duas, ou de quatro piſtas, trabalha-ſe a garupa quanto á neceſſidade de ſe igualar com os movimentos das eſpaduas; mas na da volta ao revés trabalha-ſe, fazendo-o adquirir a facilidade de ſujeitar a garupa, fugindo da impreſsão das ſenſações da perna de fóra, reunindo bem a força della com a da eſpadua de dentro em cada ſegundo tempo do ſeu movimento.

Para ſe comprehender melhor a differença que ha entre a lição da volta ao revés, e a da volta natural, tenho moſtrado que trabalhando ſobre a volta natural, as piſtas das eſpaduas, e da garupa andão para ſima da parte convexa, e as eſpaduas ſoffrem mais o pezo de toda a máquina, do que as ancas, e por iſſo o Cavallo ſe apoia mais ſobre a embocadura; e em quanto aſſim trabalha, tem menos movimento nas eſpaduas, e maior movimento na garupa: logo por conſequencia

cia na lição da volta ao revés, ſeja ella irregular, ou regular, a garupa anda pela maior circumferencia, indo ſobre a parte concava, e tem muito maior movimento do que as eſpaduas, porque eſtas entrão ſempre para o centro, e a perna de fóra ajuda a ſuſtentar o pezo das eſpaduas; porque em cada paſſo que o Cavallo dá, ella ſe vai mettendo para baixo do corpo, e ſeguindo o radio da eſpadua direita, como ſe vê na Eſt. XXXV., donde procede dobrar-ſe o Cavallo mais facilmente no eſpinhaço, eſpaduas, e peſcoço, do que ſe dobra nas lições antecedentes.

## *Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho a que os conduz a lição da volta ao revés.*

ALguns tambem ſe defendem, logo que o Cavalleiro os encruza entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, entezando-ſe ſobre a mão, ou embocadura do freio, por não ſe alargarem das ancas, e ſe unirem das eſpaduas. Ora para o Cavalleiro lhes vencer eſtas difficuldades, neceſſariamente os deve muitas vezes fazer unir, e alargar tanto das eſpaduas, como da garupa. Iſto ſe vence, levando repetidas vezes a mão eſquerda de unhas abaixo da cernelha para a eſquerda, contrapondo-lhe a perna eſquerda para o fazer dobrar para a direita: logo para ſe dobrar para a eſquerda, deve a mão da redea ir de unhas aſſima da cernelha para a direita para os fazer unir da garupa, e dobrar para a eſquerda; e quando aſſim os fazem alargar das eſpaduas, elles ſemelhantemente ſe unem dellas, e ſe alargão da garupa; por iſſo ſe lhes devem fazer ſentir com mais, e menos actividade as ſenſações da perna de fóra para os vencer das difficuldades tanto das eſpaduas, como da garupa.

Outros ſe defendem, ficando para trás, ou por ſerem froxos, ou por ſerem fracos, e tambem por ſerem muito coceguentos á perna: eſtes taes he melhor applicallos a outra lição, do que teimar com elles, trabalhando-os neſta; pois por muito que os Cavalleiros os obriguem com as mãos, com o equilibrio, e com as ſenſações das pernas, elles já mais deixarão de ſer deſagradaveis, e chegarão a ſer aptos para eſte exercicio. Porém ſe os Cavallos tiverem poſſibilidade, viveza, ſaude, e deſembaraço, ainda que uſem deſtas, e outras ſemelhantes defezas, trabalhando-os o Cavalleiro por meio das lições, de que tenho feito menção, elles ſe irão reduzindo, e chegarão a formar-ſe em boa acção; porque eſtes mudão para outras defezas, e o Cavalleiro em taes caſos deve muitas vezes disfarçar-lhes os ſeus erros para os poder com mais brandura dominar.

Deſta ſorte ſe principião a formar os Cavallos na lição, e acção da volta ao revés para a direita, ſeja trabalhando-os ſobre os circulos do centro com as eſpaduas contra o Pilão ao paſſo, e trote para a mão direita, ſeja marchando por todo o comprimento das linhas da muralha, ſó com a differença de andarem mais ſujeitos, em quanto vão ſobre os circulos, como ſe vê na Eſt. XXXV., do que trabalhando ſobre as linhas do parallelogrammo Eſt. XV.

ES-

## ESTAMPA XXXVI.

*Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, formando-ſe na lição, e acção da volta ao revés, ao paſſo, e trote dobrado para a direita, e as paſſagens de mão da direita para a eſquerda, ſahindo dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2., e para a Fig. 3.*

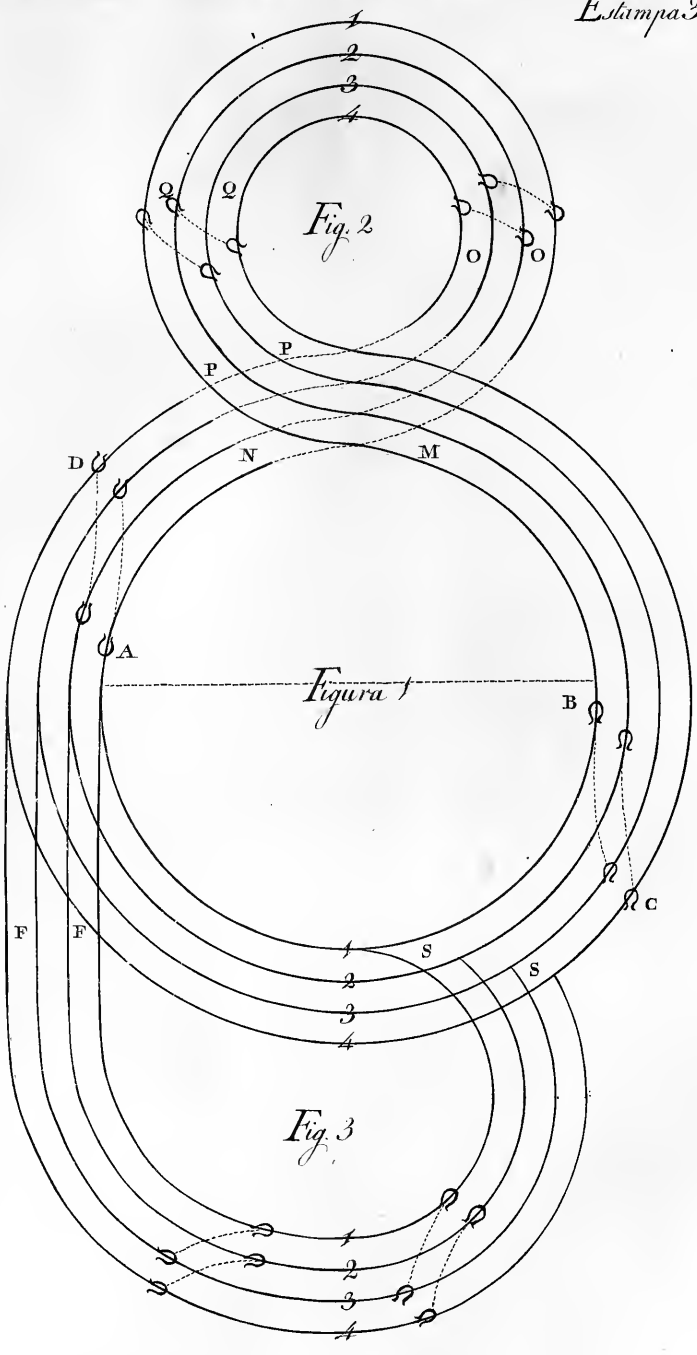
PAra fazer paſſar de mão da direita para a eſquerda o Cavallo, que anda trabalhando na lição da volta ao revés regular, deve o Cavalleiro fazello paſſar da Fig. 1. para a Fig. 2., encaminhando-o de M para P, obrigando-o a que marque as linhas da maior circumferencia N. 1., e N. 2. com as piſtas das mãos, e as linhas da menor N. 3., e N. 4. com as dos pés; e chegando da Letra Q a O, fazello entrar pelas linhas de pontinhos para a Letra N da Fig. 1., deſdobrando-o da acção que até alli conſervava, fazendo-o dobrar para a eſquerda, e ſeguir as linhas da Fig. 1., marcando o terreno, como ſe moſtra nas piſtas da Eſt. XXXVIII.

Tambem ſe faz paſſar de mão o Cavallo, que anda trabalhando na lição da volta ao revés, obrigando-o a partir da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra F, fazendo-lhe ſentir mais as ſenſações da perna eſquerda para o obrigar a marcar as linhas N. 4., e N. 3. com as piſtas dos pés, e as linhas N. 2., e N. 1. com as piſtas das mãos. Neſte caſo logo que o Cavallo principia a ſahir pelas tangentes F, F, devem as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro ſer bem contrapoſtas humas ás outras, e reguladas com tal actividade, que o obriguem a formar o ſemicirculo da Fig. 3., ſem ſe deſmanchar da acção até chegar á Fig. 1., Letra S, S, em que o devem deſdobrar da direita para a eſquerda.

### *Modo de fazer paſſar de mão qualquer Cavallo neſta lição, cortando o terreno, Eſt. XXXVI.*

PAra ſe formar a paſſagem de mão, cortando o terreno, ſem ſahir da Fig. 1., devem fazello partir pelo diametro do circulo do extremo A para B pelas linhas de pontinhos, que paſsão pelo ponto do centro, deſdobrando-o da direita para a eſquerda deſde o circulo N. 1. até ao circulo N. 4., Letra C, fazendo-o logo obſervar a meſma boa acção, em que antes da paſſagem ſe formava para a direita.

Estampa 36 Pag. 280



*Moſtra-ſe como o Cavalleiro deve uſar das ſenſações das ſuas mãos, pernas, e corpo, quando faz deſdobrar o Cavallo em qualquer deſtas paſſagens da direita para a eſquerda, fazendo-o trabalhar ſobre a Fig. 1., Fig. 2., e Fig. 3. da Eſt. XXXVI.*

AS mãos do Cavalleiro devem inclinar-ſe para a parte de fóra da cernelha, iſto he, para a parte eſquerda do peſcoço do Cavallo, a fim de que elle ſe dobre cada vez mais para a direita: em tal caſo a mão direita deve trabalhar de unhas aſſima, a eſquerda de unhas abaixo, a eſpadua eſquerda deve avançar-ſe, e da meſma ſorte o quadril, poſto que a perna eſquerda deva ajudar mais atrás da terceira cilha, e mais de chapa, a fim de o conduzir pelas linhas da Letra M para P, Fig. 2., e de Q, e O até N com a garupa ao centro para ſobre a Fig. 1., Letra D o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda.

No tempo em que ſe faz mudar o Cavallo de acção, neceſſariamente o Cavalleiro ha de affroxar as redeas direitas, fortalecer as eſquerdas, avançar a eſpadua direita, atrazar a eſquerda, fazer ſentir ao Cavallo as ſenſações da perna direita mais atrás da terceira cilha, ſendo logo as da perna eſquerda menos activas, a qual ſe deve unir entre a primeira cilha, e a eſpadua, pois que de outro modo o Cavallo não ſe deſdobrará da direita para a eſquerda com boa ordem.

*Modo, por que o Cavallo com as ſuas piſtas marca os circulos da Fig. 1., Eſt. XXXVI., como tambem os da Fig. 2., e da Fig. 3. ao paſſo, e trote.*

QUando o fazem marchar dobrado para a direita na lição da volta ao revés (ſobre a Fig. 1.) a piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1., mais proximo ao centro, a da mão direita o circulo N. 2., a do pé eſquerdo o do N. 3., e a do pé direito o do N. 4., iſto ſómente em quanto ſe move de paſſo, e de trote; pois logo que paſſa ao galope, a união dos balanços da galopada o faz avançar a mão direita mais do que a eſquerda, e por iſſo a piſta da mão direita marca o circulo N. 1., a da eſquerda o do N. 2., a do pé direito o do N. 3., e a do pé eſquerdo o do N. 4.

Em quanto as eſpaduas do Cavallo não paſsão da Fig. 1. para a Fig. 2. marca elle com as piſtas das mãos as linhas mais proximas ao centro N. 1., e N. 2.; mas logo que marca os circulos da Fig. 2., de P para Q, a piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1. da maior circumferencia, a da mão direita o N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4. mais perto do centro; mas ſe o Cavallo paſſar da Fig. 1. á ſegunda, galopando, chegando á Letra P, a piſta da mão direita pelo balanço da galopada, com que ſe movem as eſpaduas ſobre a Fig. 2., marca a linha N. 1., a da eſquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do eſquerdo a do N. 4. mais perto do centro.

Tanto que o Cavallo pelas linhas F paſſa para a Fig. 3., a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a do N. 2., a piſta do pé eſquerdo a do N. 3., e a do pé direito a do N. 4., até chegar á Letra S; mas galopando-o ſobre eſta meſma Fig. 3., a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da eſquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do pé eſquerdo a do N. 4. da maior circumferencia; e todas eſtas mudanças elle faz ao paſſo, e ao trote pelas diverſidades das figuras planas que marca; e ao galope pela união do balanço da galopada das eſpaduas, e da da garupa.

## ESTAMPA XXXVII.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda ao paſſo, e trote.*

TEndo-o o Cavalleiro feito paſſar bem de mão da direita para a eſquerda, o deve dobrar, e encruzar entre a força das redeas eſquerdas, e da perna direita, para o ir formando cada vez melhor na acção da cara, e eſpaduas contra o Pilão para a eſquerda: então deve ſegurar as redeas na mão eſquerda com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, e a mão direita de unhas abaixo, levando huma, e outra da cernelha para a direita, e ponto do centro; ou tendo (como diz Newcaſtle) as redeas do freio ſeparadas, em quanto o Cavallo tem pouca facilidade. Elle recommenda iſto neſta lição por dous motivos: primeiro, porque a eſpadua eſquerda do Cavallo poſſa obliquar, e a direita unir-ſe a ella, para entrarem ambas para o ponto do centro, e para que a perna direita entre para baixo do corpo, e ſe vá unindo á eſquerda. O ſegundo, porque a eſpadua eſquerda do Cavalleiro, quando o Cavallo trabalha dobrado para eſta parte, cuſta muito a atrazar-ſe, e da meſma ſorte cuſta a direita a avançar-ſe; e ſendo iſto couſa que parece pouco eſſencial, he na verdade de grande conſequencia para ajudar muito o Cavallo a dobrar-ſe bem neſte trabalho, porque o equilibrio do corpo do Cavalleiro com a boa applicação, e força das ſenſações das mãos, e pernas o ajudão muito para unir a perna direita á eſquerda.

As ſenſações da perna direita do Cavalleiro, ou de fóra da parte concava, devem ſer mais activas; mas nem por iſſo pertendo que deixem de ajudar o Cavallo com ambas as pernas, quando elle determinadamente ficar para trás, ou tambem quando ſe deſigualar no movimento, e andar com a garupa, de ſorte que paſſe com exceſſo a piſta do pé de fóra, ou direito, além do radio, da linha da mão de dentro, ou eſquerda: he bem verdade que iſto raras vezes acontece; mas quando ſuccede, deve o Cavalleiro com a perna eſquerda (ſe o Cavallo anda dobrado para eſta parte) ajudar mais atrás da terceira cilha, para elle ſe endireitar, e igualar entre ambas as mãos, ou redeas, e entre ambas as pernas, ou eſporas: o meſmo ſe deve entender pelo que reſpeita ao tronco do corpo do homem, tanto nos ſeus movimentos, como no modo de ſe equilibrar ſobre os eſtribos.

Todos ſabem que os Cavallos deſtinados para eſtes exercicios devem ſer bem for-

*Silva del et sculp*

formados, promptos, fortes, e ſenſiveis; e como os que tem eſtas qualidades ordinariamente são colericos, devem principiar a formallos neſta lição, conduzindo-os ao ſeu conhecimento com humas ſenſações, e caſtigos muito moderados, não ſó para não lhes atenuar a ſenſibilidade, mas para que não lhes exaltem a paixão em quanto são ignorantes, de ſorte que os obriguem a defender-ſe, e por iſſo deſobedeção com exceſſo.

O trabalho deſta lição he o mais violento para os Cavallos de quanto neſta Arte ſe tem inventado nos ares perto da terra, principalmente ao galope; porque por muito que o Cavallo rebata os movimentos das eſpaduas para ſima da garupa, já mais com a perna de dentro da volta, e de fóra do centro alcança o ponto de gravidade, antes o pé de dentro do centro, e de fóra da volta (que he o direito, em quanto o Cavallo ſe dobra para a eſquerda) he o que ſegue as linhas das eſpaduas com huma direcção mais obliqua, ainda que quando elle vai galopando ſe avance ſempre mais a mão, e pé de dentro da volta.

Quanto menor he o circulo, ou quadrado, em que o Cavallo ſe move, tanto maior he a velocidade dos ſeus movimentos da garupa, e mais apertados os movimentos das eſpaduas; porque na lição da volta ao revés não ſó he certo que as eſpaduas ficão mais unidas, por trabalharem ſobre circulos menores, e tem menos movimento do que a garupa, mas que o pezo do Cavallo, e do Cavalleiro recahe mais ſobre ellas, e ſobre a perna de fóra: e eſte he o unico trabalho em que as ancas podem ſahir ambas para fóra dos radios dos circulos das eſpaduas; e quanto mais o Cavallo entrar com as ancas das linhas das eſpaduas para a eſquerda (em quanto for dobrado na acção da volta ao revés para eſta parte) tanto mais o pezo ha de recahir ſobre a eſpadua de dentro da volta N. 2., ou eſquerda, e ſobre a perna de fóra, ou direita N. 4.

Iſto ſe deve entender ſempre da meſma ſorte, ou o fação trabalhar neſta lição dobrado para a direita, ou para a eſquerda, e ande embora em hum circulo pequeno, ou em huma grande volta, como tambem ſobre o quadrado, á excepção de ſer maior, ou menor a velocidade com que o movimento ſe produz nas eſpaduas, e na garupa. Logo elle na lição da volta ao revés dobrado para a eſquerda marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe demoſtra na ſeguinte Eſtampa.

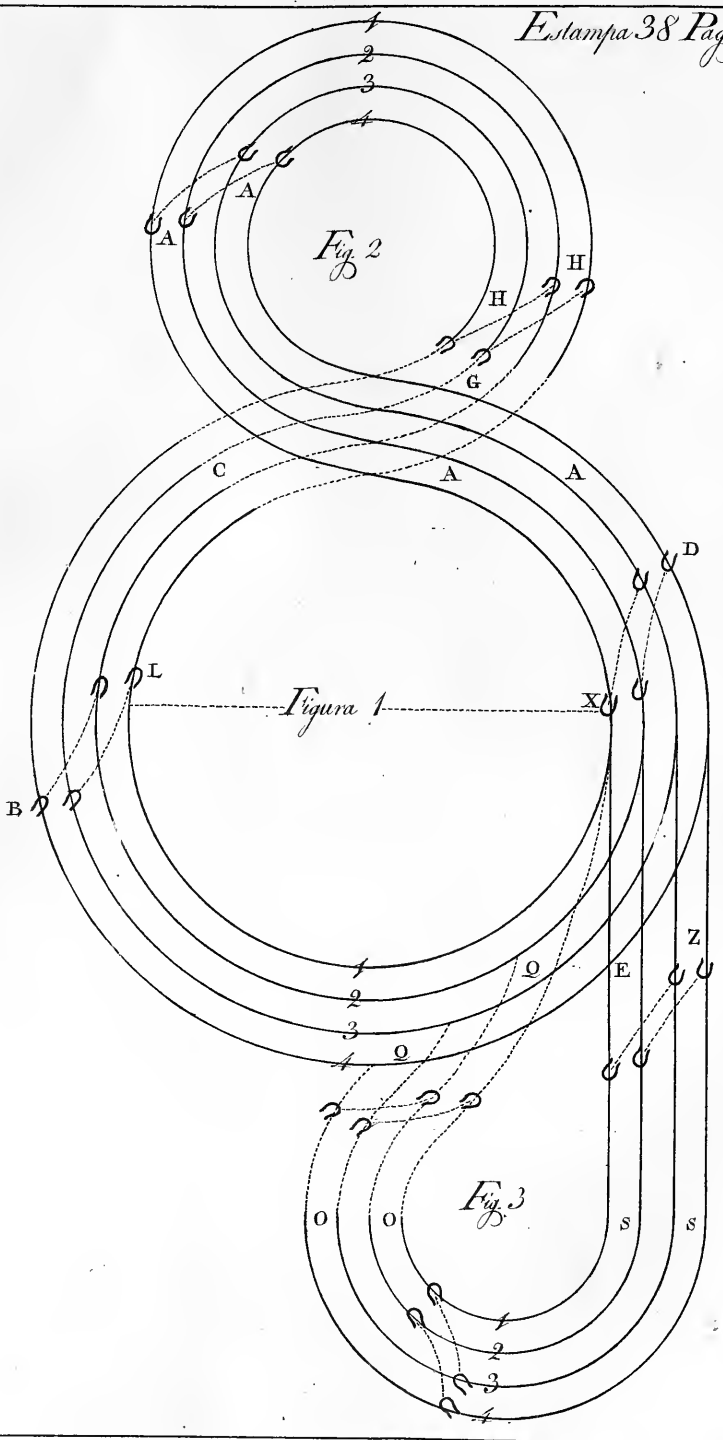
## ESTAMPA XXXVIII.

*Do modo, por que o Cavallo marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés, trabalhando na lição da volta ao revés dobrado para a eſquerda, marchando de paſſo, e trote ſobre a Fig.* 1., *ſobre a Fig.* 2., *e ſobre a Fig.* 3.

QUando ſe faz marcha dobrado para a eſquerda na lição da volta ao revés (ſobre a Fig. 1.) a piſta da mão direita marca o circulo N. 1. mais perto do centro, a da mão eſquerda o circulo N. 2., a do pé direito o circulo N. 3., e a do pé eſquerdo o circulo N. 4.: iſto ſe deve entender em quanto elle ſe move de paſſo, ou de trote; mas tanto que paſſa ao galope, a união do balanço da galopada o faz avançar a mão eſquerda no balanço das eſpaduas, e no da garupa avança o pé eſquerdo; por iſſo a piſta da mão eſquerda, galopando ſobre a meſma Fig. 1., marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4., &c.

Tanto que o Cavallo entra ao paſſo, e trote das linhas de pontinhos Letra C, da Fig. 1. para a Fig. 2., marca a linha da maior circumferencia N. 1., com a piſta da mão direita, com a da mão eſquerda a linha N. 2., com a do pé direito a N. 3., e com a do eſquerdo a linha N. 4. mais proxima ao centro; porém logo que elle paſſar do paſſo, ou do trote ao galope, marcará com a piſta da mão eſquerda pela meſma Fig. 2. o circulo N. 1., com a da mão direita o circulo N. 2., com a do pé eſquerdo o circulo N. 3., e com a do pé direito o circulo N. 4. mais chegado ao centro.

Paſſando-o pois da Fig. 1. para a Fig. 3. (de paſſo, e trote) pelas linhas E, Z até S, marca a linha N. 1. mais perto do centro com a piſta da mão direita, com a da mão eſquerda a linha N. 2., com a do pé direito a linha N. 3., e com a do pé eſquerdo a linha N. 4. da maior circumferencia; mas ſe paſſa ao galope pela união do balanço das eſpaduas, a piſta da mão eſquerda (pela meſma Fig. 3.) marca a linha N. 1., a da direita a do N. 2., a do pé eſquerdo a do N. 3., e a do direito a do N. 4. da maior circumferencia.


1
2
3
4
A
A
Fig. 2
H
H
G
C
A
A
D
L
Figura 1
X
B
Z
O
E
1
2
3
4
O
O
O
S
S
Fig. 3
1
2
3
4

*Modo, por que ſe formão as paſſagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da eſquerda para a direita; como tambem a ordem, pela qual o Cavalleiro deve determinar os ſeus movimentos para obrigar qualquer Cavallo a paſſar de mão.*

DEve o Cavalleiro encaminhar o Cavallo da Fig. 1. (Eſt. XXXVIII.) para a Fig. 2. pelas linhas de pontinhos Letra C para G, H, e A, tendo o ſeu corpo para trás, e firme, obrigando-o com as ſenſações das redeas eſquerdas, e da perna direita a marcar com as piſtas das mãos as linhas da maior circumferencia, e com as dos pés as de menor, encruzando-o bem entre a força de humas, e outras ſenſações por toda a Fig. 2. até chegar á Letra A da Fig. 1.; e ſegurando-o então bem ſobre a meia garupa eſquerda, o deſdobrará da acção, como em outra qualquer paſſagem feita da eſquerda para a direita.

Com as ſenſações das redeas eſquerdas, e da perna direita ſe obriga o Cavallo a paſſar de mão, quando trabalha na lição da volta ao revés, fazendo-o partir da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas das Letras E, e Z: então as ſenſações da perna direita devem ſer mais activas para o obrigar a marcar com as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia, e com as das mãos as da menor, e o Cavalleiro o deve ir encruzando cada vez mais entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, principalmente da Letra S para O, ſegurando-o bem pelas linhas de pontinhos ſobre a eſpadua direita, para o fazer na paſſagem deſdobrar da eſquerda para a direita ſobre as linhas da Fig. 1., Letra Q.

Em quanto o Cavallo vai caminhando, ſeja pelas linhas da Fig. 1., Fig. 2., ou pelas da Fig. 3., deve o Cavalleiro repetidas vezes dar-lhe, e ſuſter as mãos, tendo a eſquerda pela maior parte de unhas aſſima, e a direita de unhas abaixo, affroxando, e fortalecendo as ſenſações de huma, e de outra redea, como tambem de huma, e de outra perna, de modo que o Cavallo ſe reſolva por ellas a marchar com facilidade, para que não ſe obſtine, e reſiſta a algum dos ſeus movimentos, não ſó conduzindo-o com as eſpaduas pelas linhas da maior circumferencia, como ſe vê na Fig. 2., como tambem conduzindo-o com a garupa pelos ſemicirculos maiores, como na Fig. 3. o moſtrão as piſtas, por onde ſempre ſe deve encaminhar, porque ſó por eſte modo ſe faz obedecer com facilidade ás ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, para ſe deſdobrar bem da eſquerda para a direita.

Chegando ao lugar da paſſagem, ſeja ella formada de G para C, ou de O para Q, neceſſariamente o Cavalleiro ha de affroxar as redeas eſquerdas, encurtar, e fortalecer as direitas, avançar a eſpadua eſquerda, atrazar a direita, ſegurar-lhe a perna eſquerda atrás da terceira cilha; e ſe for preciſo para lhe obrigar mais a garupa, tella mais de chapa, affroxando a perna direita, unindo-a entre a primeira cilha, e a eſpadua, obrigando-o ao meſmo tempo com as ſenſações do equilibrio do corpo, com as de ambas as pernas, e de ambas as redeas a que ſe deſdobre

bre da eſquerda para a direita, e determine toda a ſua direcção, e movimentos depois da paſſagem, como ſe moſtra na Eſt. XXXV.

Por ſemelhante modo ſe obriga o Cavallo a formar tambem na lição, e acção da volta ao revés ſobre as linhas do parallelogrammo Eſt. XV. A, G, O, marcando as piſtas das mãos as linhas do centro B, H, e as da garupa as linhas da muralha. Não obſtante o que tenho dito dos referidos modos de paſſar de mão, póde o Cavalleiro fazello paſſar de mão da lição da volta ao revés para aquella, que lhe parecer mais conveniente, e util; pois o meu intento he moſtrar unicamente o modo, por que ſe formão as paſſagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés, tanto diſtribuindo o Cavallo os ſeus movimentos das eſpaduas pelas linhas da maior circumferencia do circulo, e ſemicirculo, ſobre que ſe fórma a paſſagem, como tambem obrigando-o a marchar com as piſtas da garupa pelas linhas da maior circumferencia: advertindo que quando elle marca as linhas maiores do circulo, ou dos ſemicirculos com as piſtas das mãos, fica apoiando-ſe o pezo mais ſobre a garupa, do que ſobre as eſpaduas; e quando marca o circulo, ou os ſemicirculos da maior circumferencia com as piſtas dos pés, recahe o ſeu pezo mais ſobre as eſpaduas, do que ſobre a garupa.

## *Modo de enſinar o Cavallo a galopar na lição da volta ao revés.*

PAra fazer galopar qualquer Cavallo na lição, e acção da volta ao revés com a teſta, e eſpaduas contra o Pilão, ſe obriga por meio das meſmas diligencias, que ficão expendidas neſta lição, trabalhando-o de paſſo, e de trote; mas logo que paſſa ao galope, infallivelmente perde o movimento que tem de cruzar, e paſſar ao paſſo, e trote a ſua mão, e pé de dentro do centro por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro da volta; porque preparando-ſe para galopar, a eſpadua, e meia anca da parte do centro ſe une á eſpadua, e meia anca de dentro da volta; iſto he, logo que anda dobrado para a direita, une a meia parte eſquerda, que fica da parte do ponto do centro á direita, que fica da parte de dentro da volta, ou dobra de todo o ſeu corpo; e quando anda dobrado para a eſquerda, une a meia parte direita á eſquerda pelo meſmo motivo.

O Cavallo fórma o balanço da galopada na acção da volta ao revés, marcando os meſmos tempos com que fórma o galope em outra qualquer lição, á excepção do terra á terra, com a differença porém de não recolher bem a perna de dentro da volta para baixo do corpo tanto como a de fóra, antes ſe firma ſobre a perna eſquerda, quando anda dobrado para a direita, e por conſequencia elle ſe firma ſobre a direita mais, andando dobrado para a eſquerda. Logo tanto galopando ſobre a mão direita, como ſobre a eſquerda, a mão da parte concava, e a perna da parte convexa vão equilibrar o pezo mais debaixo do ponto de gravidade: a mão, porque o maior pezo do balanço da galopada vai recahir mais ſobre ella; e a perna, porque entra mais para baixo do corpo, e do ponto de gravidade.

*Mo-*

## *Motivos, por que muitos Cavallos ſe deſigualão dos ſeus movimentos, trabalhando na lição da volta ao revés.*

DE quatro cauſas procedem as deſigualdades, que os Cavallos tem nos ſeus movimentos, trabalhando neſta lição. Primeira, por ſerem mal formados: ſegunda, por ſerem fracos: terceira, por eſtarem arruinados com moleſtias nos ligamentos das juntas das pernas, e outras partes do corpo: e a quarta, pelos enſinarem com ruim methodo. Ora ainda que o coſtume tem hum grande poder ſobre os brutos, com tudo hum Cavalleiro póde remediar bem eſte ultimo defeito; porém os tres primeiros não, porque procedem da incapacidade, da falta de ſaude, e da fraqueza do Cavallo. He certo que não tendo elle igualdade no movimento, não póde trabalhar com perfeição em lição alguma, e a da volta ao revés ſerve para reduzir obedientes aquelles, que a natureza conſtituio bem formados, fortes, iguaes, e flexiveis, com huma paixão moderada, e com boa propenſão, e memoria: motivos, por que he certo que a Arte aperfeiçoa a natureza; mas não dá aos Cavallos aquellas qualidades, que elles abſolutamente não tem.

## *Lição para paſſear o Cavallo no ſeu comprimento, dobrando-o para a direita.*

QUando o Cavalleiro quizer fazer paſſear hum Cavallo por tão pequeno circulo, que tenha eſte ſómente o radio do comprimento do corpo do animal, deve-ſe ter a correa direita mais firme com a mão direita, voltada de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda; e a mão eſquerda com as unhas voltadas para a barriga, adiante do cepilho da ſella alguma couſa mais alta que a direita, para muitas vezes ajudar a eſpadua de fóra, ou eſquerda a unir-ſe á eſpadua de dentro: o que ſe vence, entrando ella muitas vezes de unhas aſſima de fóra para o centro.

As pernas do Cavalleiro devem unir-ſe ao ventre do Cavallo, e as ſenſações da eſquerda devem ſer mais activas que as da direita; porém de ſorte ſucceſſivas, e as das redeas contrapoſtas humas ás outras, que a actividade aſſim das ſenſações das mãos, como a das pernas fação o Cavallo facil, e attento a ellas; pois os diverſos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro influem com a ſua applicação, e força para fazerem andar o Cavallo para diante ſobre linhas rectas; e da meſma ſorte o obrigão a marchar ſobre linhas obliquas, ou tambem ſobre linhas curvas, ſeja obliquando na lição das eſpaduas ao centro, na lição da cara contra a muralha, e na da volta ao revés, ou ſeja na lição da garupa junto ao ponto do centro, para que as eſpaduas marquem as linhas da maior circumferencia com movimento facil, deſembaraçado, e igual, não tendo o circulo mais diſtancia na ſua área do que aquella, que diſta das piſtas dos pés ás piſtas das mãos, como ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-

## ESTAMPA XXXIX.

### *O Cavalleiro, paſſeando hum Cavallo ſobre circulos de radio do ſeu comprimento, dobrando-o para a direita.*

A Parte direita do corpo do Cavallo, quando eſte ſe dobra para a mão direita, fica mais unida, e mais concava; e a parte eſquerda, ou de fóra, fica neceſſariamente mais dilatada por effeito da ſua convexidade: o pé, e a mão de fóra devem (para vencer a maior porção de terreno, que tem para tranſitar, e para ſe unirem ao pé, e mão de dentro, ou direitos) fazer a ſua poſição por ſima, e bem por diante do pé, e mão direita, porque de outra ſorte neſta lição não póde o Cavallo andar bem, e para diante: e he certo que em perdendo o movimento circular, e não fazendo a poſição do pé, e mão eſquerda bem por ſima, e por diante do pé, e mão direita, elle com o pé, e mão de fóra alcançará o pé, e mão de dentro: pelas quaes razões, ainda que o Cavallo vá pouco dobrado, ſempre que andar neſta lição, deve determinar os ſeus movimentos do pé, e mão de fóra por ſima do pé, e mão de dentro, ou parte concava.

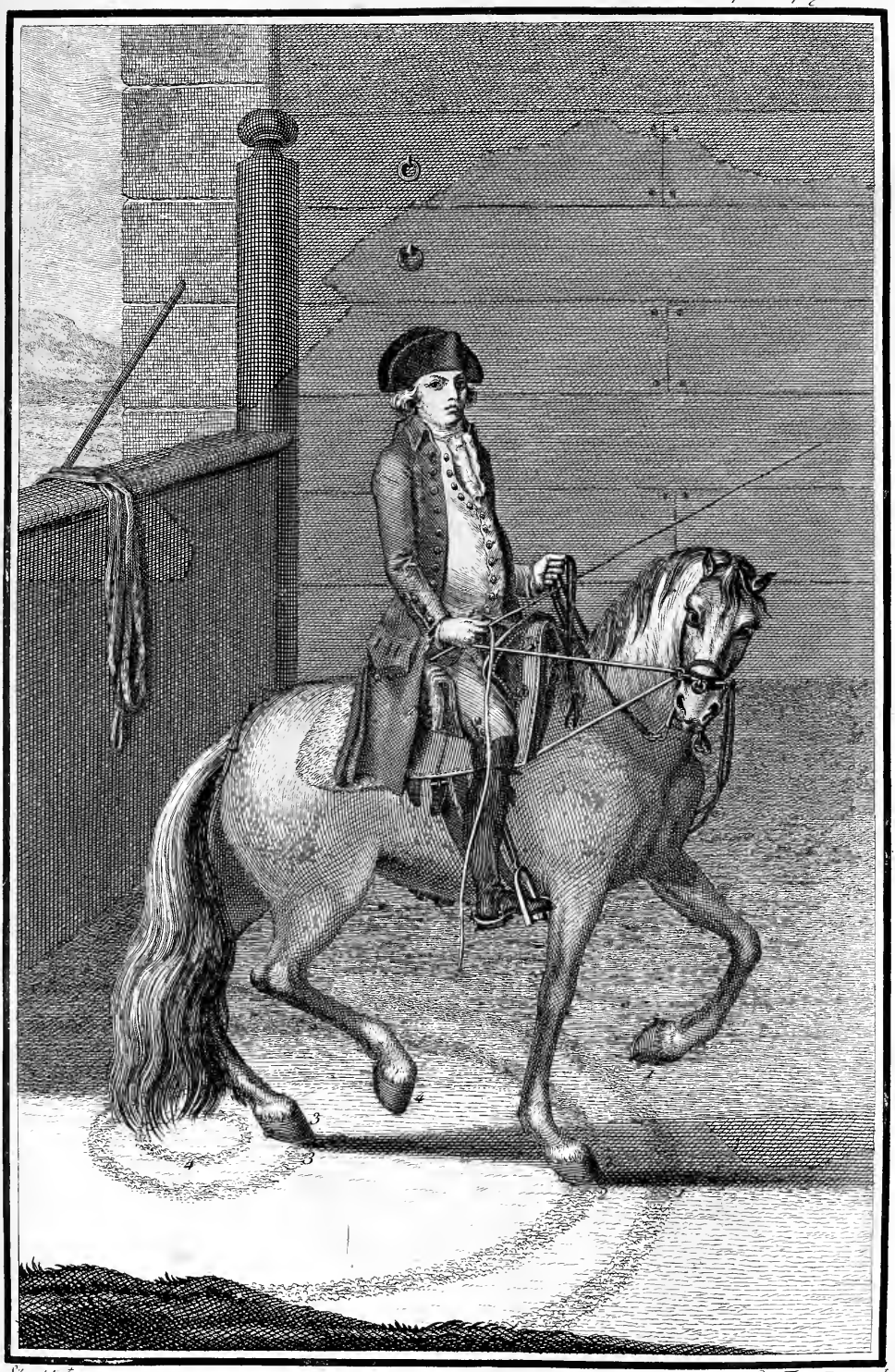
### *Defezas, de que uſão alguns Cavallos para ſe eximir do trabalho deſta lição.*

AS defezas, de que elles uſão muitas vezes, tem origem na falta de poſſibilidade, na falta de coſtume, na má condição do animal, na falta de ſenſibilidade, na ſua má conſtrucção, no pouco folgo, e em ſer coceguento á perna, ou inſenſivel a ella.

Os Cavallos, que tem pouca força, principalmente no eſpinhaço, curvilhões, e eſpaduas, quando os obrigão a que obliquem ſobre hum, ou ſobre outro lado, correſpondem com huns movimentos de eſpaduas froxos, encolhem-ſe quando os obrigão com a perna, e não fazem caſo das ſenſações das mãos, e corpo do Cavalleiro, ſenão quando ellas são impellidas de huma grande força: eſtes taes a ſua maior defeza he lançar-ſe ſobre a eſpadua de fóra, abandonando-ſe com exceſſo ſobre a embocadura do freio, e ſe diz que *deſcanção ſobre a mão*: em taes caſos deve o Cavalleiro para os remediar fazer-lhes muitas meias paradas firmes, ſem os deixar dobrar muito para dentro, trazendo a mão de fóra muitas vezes para dentro da volta.

Para ſe encaminharem os que não tem uſo neſta lição, e tem incerteza nos movimentos, he preciſo ao Cavalleiro ſer muito agil na applicação do ſeu corpo, mãos, e pernas, maiormente ſe elles são colericos, e confuſos; mas eſtes cuſtão menos a conduzir na acção, que ſe repreſenta na Eſt. XXXIX., do que aquelles, que são fracos. O Cavalleiro deve encaminhar os colericos com ſenſações mais moderadas, amançando-os muito para lhes applacar a colera, e a confuſão. Todos elles em quanto são ignorantes ordinariamente ſe defendem por muitos modos;

mas



Silva d.tin.t

Luis Ferraz Piedra sculp.t

mas os que tem as referidas qualidades, não tem tenacidade em huma ſó defeza, antes mudão de humas para outras, e por iſſo são mais faceis de vencer por meio de ſenſações bem applicadas.

Os que tem má condição, pela maior parte ſe defendem, mordendo a embocadura do freio, ſacudindo a cabeça, ou ſaltando furioſos: eſtes ſe duvidão obedecer, he preciſo não ateimar com elles rigoroſamente, mas ſim uſar de os fazer paſſar muitas vezes de mão, e de huma para outra lição, applicando-lhes humas ſenſações muito moderadas, e inſtantaneas, obrigando-os a que dem algumas voltas ao revés em differentes terrenos, parando-os muitas vezes, affagando-os, e tornando-lhes a repetir a lição até elles cederem. A'quelles, que reſiſtem por eſte modo, he tambem conveniente dar-lhes as lições mais dilatadas até obter delles com a maior moderação a pertendida obediencia; pois ſendo de outra ſorte obrigados, muitas vezes ſe defendem com os mais vigoroſos eſforços a que os animaes da ſua eſpecie podem alcançar.

Os que tem falta de ſenſibilidade, ordinariamente cuſtão muito a vencer, e dominar, porque fazem pouco caſo das ſenſações produzidas pelos movimentos das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro: elles por conſequencia vão ſobre a mão, e ſobre a perna, maiormente quando os obrigão a formar na difficil lição de paſſear ſobre os circulos do ſeu comprimento; e ſe tomão algum máo coſtume, ou defeza, cuſtão muito a remediar; por iſſo o prudente Cavalleiro deve regular-lhes a actividade dos caſtigos, o tempo da lição, a dobra do peſcoço, e corpo, e a capacidade de terreno, em que deve trabalhar com muita attenção ás ſuas difficuldades.

Os Cavallos defeituoſos na conſtrucção neceſſariamente hão de ſer menos viſtoſos, e na ruim formalidade das ſuas juntas conſiſte a mais certa origem das ſuas difficuldades. Exemplo: Se o Cavallo tiver as pernas muito direitas, ha de defender-ſe, tendo a garupa alta, quando o obrigarem a que uſe mais della que das eſpaduas: ſe for baixo da agulha, tiver as eſpaduas carnoſas, o peſcoço curto, e mal formado, tendo da meſma ſorte á cabeça groſſa, e carnoſa, tambem ſe ha de defender, não ſe levantando por diante, quando o obrigarem a que uſe de levantar os movimentos das eſpaduas para ſima dos da garupa; e commummente a defeza de huns, e de outros he fugir para fóra da volta, ficando para trás: o Cavalleiro pois deve empregar todas as diligencias para os fazer andar para diante. Iſto ſuppoſto, os Cavallos muitas vezes ſe defendem, porque a ſua organização não os deixa formar na acção, que delles ſe pertende, e muitas vezes he de tal ſórte a cauſa interna, que ſe não deixa penetrar. Tendo o Cavalleiro empregado as diligencias da Arte para o enſinar, e o tempo competente, ſe o Cavallo não he proprio para eſta lição, devem paſſallo a outra, em que poſſa ſer util.

Os Cavallos, que tem pouco folgo, tambem lhes cuſta muito trabalhar na lição dos circulos do ſeu comprimento, elles ſe fatigão, porque tem os orgãos da reſpiração apertados; e quando trabalhão, de tal modo ſe agitão, que perdem o vigor, e o acordo: deſtes a mais ordinaria defeza he extenderem-ſe com movimentos laxos, e froxos ſobre a embocadura do freio, ſem correſponderem bem aos

movimentos das mãos, ou ſenſações das caimbas, antes ſe abandonão ſobre a embocadura, e ſobre as eſpaduas, indo ao meſmo tempo para diante com repugnancia : em tal caſo deve o Cavalleiro obſervar qual he a razão , por que o Cavallo he falto de folgo, para lhe regular a applicação das lições, e dilatallas de ſorte, que vá adquirindo mais preſtimo.

Os Cavallos coceguentos, e que tem má ſenſibilidade, detem-ſe á eſpora, e ás vezes á falla , e á vara ; e fazendo algumas operações naturaes com os olhos chammijando colera, vão ſobre o caſtigo tranſportados da mais furioſa raiva: elles não são por conſequencia promptos na direcção dos movimentos; e ſe os obrigão, principalmente com o caſtigo da eſpora, e da vara, pegão-ſe, iſto he , ficão determinadamente parados: a eſtes he preciſo, antes que os pertendão formar na lição dos circulos do ſeu comprimento , havellos determinado bem nas lições precedentes pelo quadrado , fazendo-lhe ſentir pelo largo as ſenſações (a que elles repugnão detendo-ſe) muito inſtantaneamente, e as menos vezes que puder ſer, a fim de que obedecendo com facilidade, os poſsão vir a trabalhar na lição dos circulos do ſeu comprimento, bem junto ao Pilão.

Finalmente reveſtem-ſe os Cavallos deſtas , e de outras defezas (para fugir da ſujeição): de humas, porque na eſtructura do ſeu corpo tem natural embaraço; e de outras, porque as ſenſações, com que os obrigão, e a capacidade do terreno, por que os querem conduzir, he incompativel com a propriedade , organização, genio, e poſſibilidade do Cavallo.

## *Modo, por que o Cavalleiro deve firmar a ſua figura, trabalhando-o para a direita.*

DEve conſervar o ſeu corpo aſſentado no meio da ſella para encruzar o Cavallo bem entre as forças das redeas direitas , e da perna eſquerda , tendo a mão direita de unhas aſſima, e o ſeu dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, com o pulſo flexivel, e na altura que o Cavallo o preciſar: a eſpadua direita deve atrazar-ſe á proporção da eſtreiteza do circulo , de maneira que o Cavalleiro poſſa ver bem pela parte direita as linhas dos circulos, pelas quaes o faz marchar, para apoiar o ſeu equilibrio mais ſobre o eſtribo direito quantas vezes for preciſo, tanto para o endireitar no terreno , quando as mãos carregão , ou entrão para o centro, ou para fóra delle, como para o igualar nos ſeus movimentos, e acção.

## *Paſſagens de mão da direita para a eſquerda , trabalhando o Cavallo nos circulos , que tem o radio do comprimento do ſeu corpo, ſem mudar de terreno.*

PAra paſſar de mão, ſem que ſe faça ſahir o Cavallo dos circulos, em que trabalha, marchando dobrado para a direita , deve o Cavalleiro obrigallo a que vá igual no movimento , e direcção , contendo-o entre as ſenſações de ambas as redeas, e de ambas as pernas, e detendo-o na velocidade, de ſorte que ſe apoie

mais

mais ſobre a meia anca direita, que ſobre a eſquerda, e então deſdobrallo para a eſquerda, tendo-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima, rendendo-lhe a direita de unhas abaixo, affroxando as ſenſações da perna eſquerda, fortalecendo as da perna direita, avançando a eſpadua direita, atrazando á proporção a eſquerda, pois todas eſtas ſenſações, e diligencias o fazem mudar de acção; e ſendo aſſim continuadas depois da paſſagem, ellas o obrigão, e facilitão para continuar o ſeu trabalho no meſmo terreno com aquella perfeição, com que antes da paſſagem elle formava os meſmos circulos, ſó com a differença de haver mudado de acção, e dobra no corpo da direita para a eſquerda.

## *Paſſagens de mão, fazendo-o ſahir da circumferencia, vindo por hum angulo completalla ſobre o meſmo terreno em que o trabalhão.*

TAmbem ſe póde fazer paſſar de mão qualquer Cavallo, fazendo-o ſahir da circumferencia por hum angulo mais, ou menos agudo, para vir pelo ſeu arco, ou ſemicirculo formar a paſſagem ſobre a periferia, em que andava antes de principiar a formar o angulo; e chegando á primeira linha da circumferencia das eſpaduas, devem fazello entrar com as ancas para o centro, e deſdobrar a ſua acção da direita para a eſquerda: as ſenſações das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro são poſtas em prática, como quando ſe faz paſſar o Cavallo ſem ſahir dos circulos do ſeu comprimento, e depois da paſſagem deve continuar-ſe a fazer trabalhar tão igual na ſua figura, e movimento para eſta parte, como ſe deve dobrar, e mover, trabalhando na meſma acção ſobre a mão direita.

Póde o Cavalleiro trazer a vara cruzada ſobre o peſcoço do Cavallo, em quanto o faz marchar ſobre a direita; e logo que o faz paſſar para a eſquerda, já deve ter a vara ou levantada, ou da parte direita, para que ſendo preciſo o ajudallo ſobre a parte de fóra eſteja prompta: ora ſe o Cavallo ao leve toque da vara não obedecer, unindo a eſpadua de fóra á de dentro, menos ſe unirá, ſe lhe derem com a vara fortemente, porque eſta ſenſação ſó faz bom effeito em Cavallos ſenſiveis, ſendo o toque ſempre delicado.

## *Lição para paſſear o Cavallo no meſmo circulo dobrado para a eſquerda.*

O Cavalleiro o obrigará a ir para diante, ajudando-o com a perna direita, e com as redeas eſquerdas para ſe formar em boa acção, ſuſtentando-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, conſervando o pulſo facil ſobre o cepilho da ſella, e na altura que o Cavallo preciſar: o corpo deve andar bem aſſentado, e direito no meio da ſella para não ſe deſencontrar a acção da figura do corpo do Cavalleiro das linhas circulares, por que o Cavallo determina a ſua direcção; e para apoiar o ſeu pezo mais ſobre a parte concava, todas as vezes que for preciſo, tanto para o indireitar no terreno,

como para o igualar no movimento por meio da actividade das ſenſações, ou da moderação dellas.

A mão eſquerda de unhas aſſima, ſahindo da cernelha para a direita, faz unir a eſpadua eſquerda do Cavallo á eſpadua direita, e dá liberdade á perna eſquerda para ſe alargar mais para o centro: pelos meſmos motivos a redea direita, entrando a mão direita de unhas aſſima da cernelha para a eſquerda, faz unir a eſpadua direita á eſquerda; e a perna direita do Cavallo pelas meſmas cauſas ſahe para fóra, e para trás.

Deve o Cavalleiro trazer repetidas vezes a mão de fóra para dentro da volta, para que as eſpaduas do Cavallo ſe rendão mais flexiveis: e logo que elle ſe endireitar dellas, obedecendo ás redeas com facilidade, devem tornar as mãos ao ſeu lugar, para que no tempo, em que a eſpadua de fóra ſe une á de dentro, não perca totalmente a acção na dobra do peſcoço, e corpo. O equilibrio do Cavalleiro deve pezar mais ſobre o eſtribo eſquerdo, principalmente quando as mãos entrão para dentro da volta, a fim de ajudar com o ſeu pezo a direcção circular, e o Cavallo ter mais liberdade na parte de fóra para ſe levantar das eſpaduas, e rebater igualmente bem os ſeus movimentos para ſima da garupa, e ſe formar na acção que ſe moſtra na ſeguinte

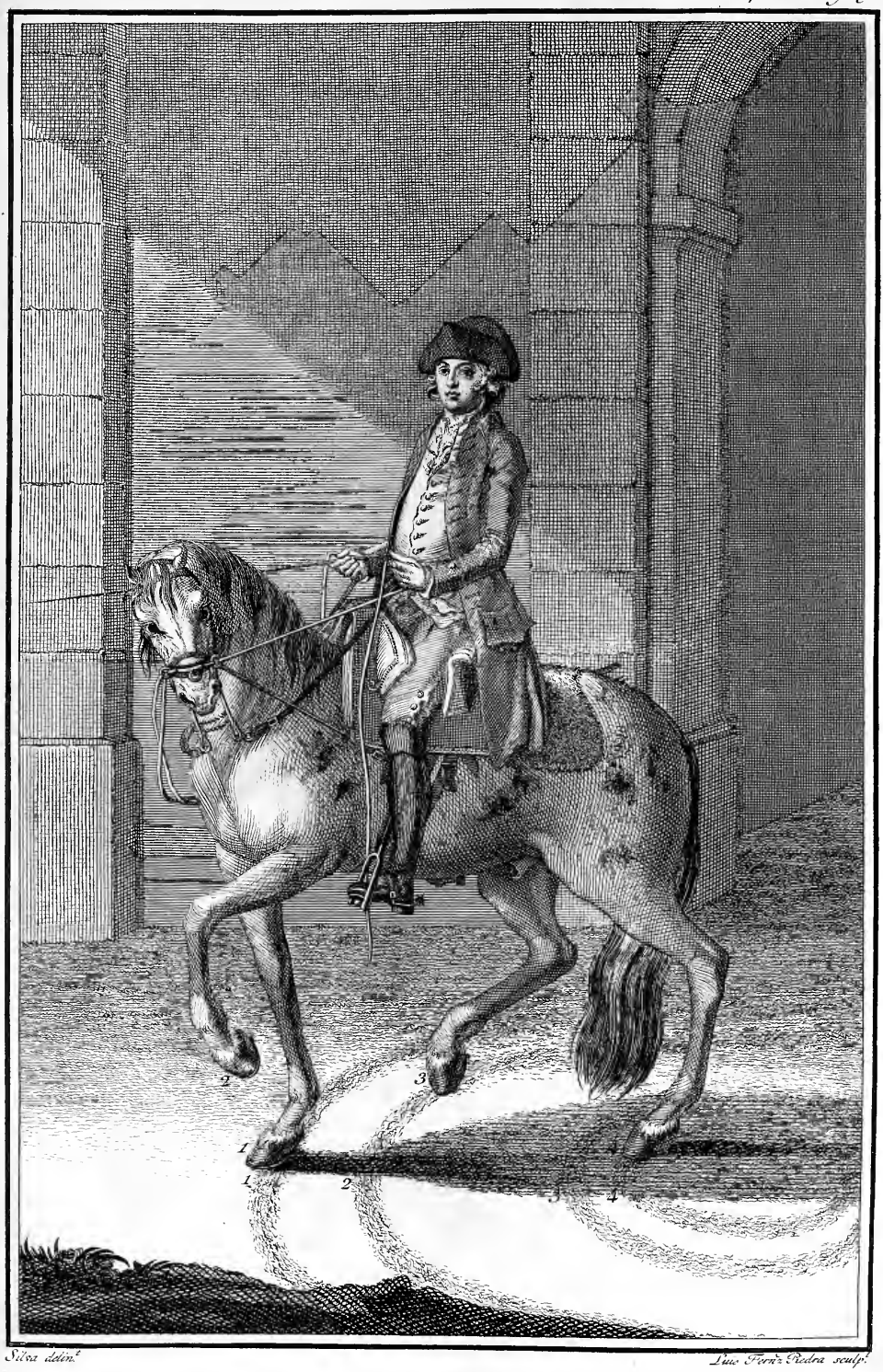
## ESTAMPA XL.

*Do Cavalleiro, paſſeando o Cavallo no radio do ſeu comprimento, dobrando-o para a eſquerda; e modo, por que elle marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés ao paſſo, e trote.*

QUando o fazem paſſear pelo circulo, que tem ſómente do radio o comprimento do ſeu corpo, indo dobrado para a direita, a piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1., a da direita o N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do direito o N. 4. mais proximo ao centro.

Trabalhando dobrado para a eſquerda, a piſta da mão direita marca o circulo N. 1., a da eſquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do eſquerdo o N. 4., como ſe moſtra na Eſt. XXXIX. e XL. As correas de vencer são boas para trabalhar aos Cavallos neſta lição, porque ellas augmentão a potencia do braço do Cavalleiro tres, ou quatro vezes mais do que as redeas ordinarias do cabeção; e quanto mais a mão as puchar para trás das arçoeiras (Eſt. IX. Fig. 17. Letra M, e da caixa da ſella Letra S) tanto mais o Cavallo ſe dobrará do peſcoço, e eſpaduas: iſto juſtifica ſer o ſeu effeito bom, principalmente na lição da teſta ao muro, ou da cara contra a muralha, na da garupa ao Pilão, ou ao centro, igualmente nos trabalhos reverſos.

Com as redeas ordinarias do cabeção não podem os Cavalleiros dobrar os Cavallos tanto, como ſervindo-ſe elles das correas de vencer, ainda que com as redeas ordinarias ſe levanta o Cavallo melhor para ſima, e ſe faz mais ligeiro na mão,




Silva delin.t

Luc. Ferriz Piedra sculp.t

mão, por iſſo devem principiar a uſar das correas de vencer, quando elle eſtiver já alguma couſa facil, e obediente ao cabeção.

## *Lição do Terra á terra.*

### *Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, formando o Cavallo neſta lição.*

1 DEve o Cavalleiro aſſentar-ſe bem no meio da ſella para alcançar o ponto do equilibrio, e pezar alguma couſa mais ſobre o eſtribo de dentro que ſobre o de fóra da volta, para ſe conſervar em boa acção, e ter melhor movimento nas mãos, e pernas.

2 A frente do peito do Cavalleiro deve perfilar-ſe com as linhas da circumferencia, por onde o Cavallo ſegue os movimentos das eſpaduas.

3 Deve olhar para o ponto do centro de maneira, que veja bem o terreno, por onde faz marchar o Cavallo; e tambem para quando o faz determinar com mais velocidade, poder a eſpadua de fóra avançar-ſe huma ſexta porção do circulo para dentro da volta, a fim de ajudar o Cavallo a que volte com mais rapidez para o centro della.

4 Com ambas as redeas, e ambas as pernas ſucceſſivamente deve contrapôr humas a outras ſenſações, de maneira que encruze o Cavallo bem entre as das redeas de dentro, e da perna de fóra.

5 O Cavalleiro deverá obrigar o Cavallo alternativamente a que marque o terreno com as piſtas das mãos, e pés em huma circumferencia igual, ſeja trabalhando-o ſobre o circular, ou ſobre o quadrado regular, e parallelogrammo.

### *Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos.*

1 DEvem deixar-ſe encruzar entre as ſenſações das redeas de dentro, e da perna de fóra, ſem forçar a mão, para ſe deſdobrar da acção, e ſem deſobedecer á perna.

2 Por effeito da ſujeição da perna do Cavalleiro da parte de fóra, e das redeas da parte de dentro, devem rebater os movimentos das eſpaduas bem para fima dos da garupa, a fim de obter a facilidade de redobrar o movimento das eſpaduas, ſem ſe deſmanchar da dobra do corpo: o que não poderão fazer ſem adquirir a preciſa inclinação circular para o ponto do centro.

3 Trabalhando tanto ſobre a mão direita, como ſobre a eſquerda, deve dobrar-ſe com igualdade de acção; e o ponto do centro he ſempre da parte, donde o Cavallo eſtá mais concavo.

4 O balanço das eſpaduas deve continuar-ſe com dous tempos dellas para a garupa; e o das ancas da meſma ſorte para as eſpaduas, formando tambem hum com cada anca, a fim de que os movimentos do terra á terra ſejão quadrenarios, não obſtante a ſua velocidade.

De-

Depois do Cavallo bem direito no chão, iſto he, andando facil ſobre linhas rectas para diante, como tambem deſembaraçado, e dobrado na lição da garupa á muralha; e das eſpaduas para o centro para huma, e outra mão, ao paſſo, ao trote, e ao galope, já na lição da volta ao revés, já na da teſta á muralha, trazendo em todas as referidas lições as eſpaduas bem adiante da garupa, o podem principiar a diſpôr para a do terra á terra, humas vezes ſobre a circumferencia de hum grande circulo, e outras com a garupa mais junto ao Pilão, ou tambem ſobre o quadrado, como paſſo a moſtrar.

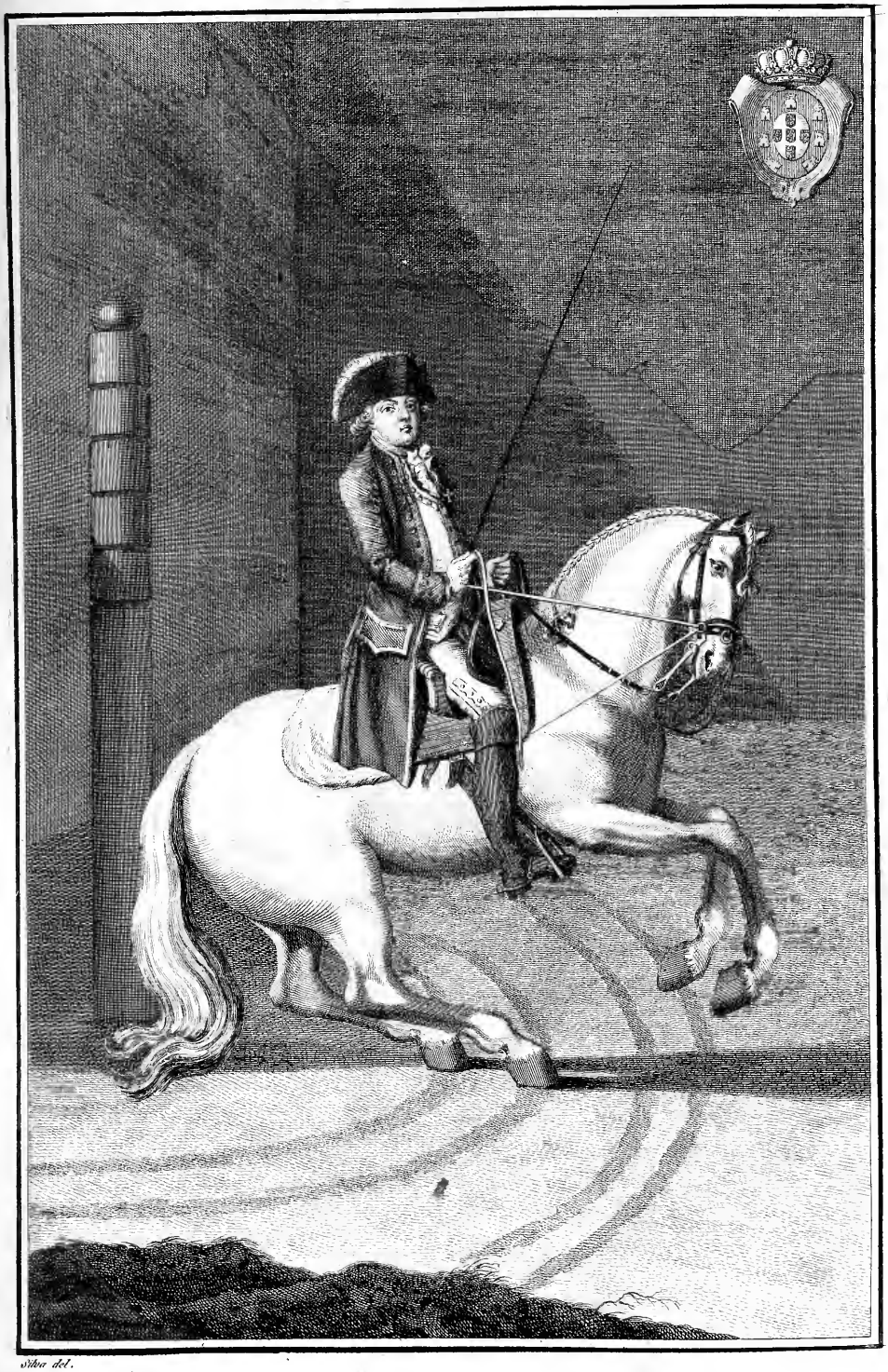
## *Definição do Terra á terra em commum.*

O Terra á terra he hum galope, ou ſeguimento de pequenos ſaltos, que o Cavallo faz perto da terra, ou determine o ſeu movimento ſobre a circumferencia de huma grande volta, ou de hum pequeno circulo, ou tambem ſobre as linhas do parallelogrammo (Eſt. XV., A, B, G, H, O, P), ou tambem ſobre as linhas do quadrado regular (Eſt. XLV., A, B, C, D), ſendo que ſobre os circulos (Eſt. XLII., A, B, C, D, Fig. 1., e Eſt. XLIV.) he que o Cavallo toma melhor os tempos do terra á terra.

Todos os Cavalleiros devem imitar a SS. AA. para enſinarem, e diſporem bem os Cavallos deſtinados para eſta lição, e devem preciſamente primeiro que os obriguem a mover-ſe, diſpôr-ſe a ſi conforme a primeira lei deſta lição, aſſentando-ſe bem no meio da ſella, pezando com o equilibrio do corpo alguma couſa mais ſobre o eſtribo de dentro da volta para lhe ajudar a inclinação circular do corpo para o centro: devem ter a mão direita de unhas aſſima, ſegurando-lhe a redea do cabeção, ou correa de vencer bem fechada nella com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, e da meſma ſorte as redeas do freio devem ſer bem fechadas, e ſeguras na mão eſquerda, conſervando eſta alguma couſa de unhas abaixo, mas prompta a ajudar o Cavallo para dentro, quando elle o preciſar: devem atrazar a eſpadua direita, avançar á proporção a eſquerda, tendo todo o corpo em huma acção forte, e viva, de modo que o Cavallo ſe levante ao galope, e delle por effeito das ſenſações do corpo, mãos, e pernas paſſe a marcar de quando em quando alguns tempos do terra á terra.

Encruzando o Cavalleiro o ſeu Cavallo entre as ſenſações das redeas direitas, e da perna eſquerda, o obrigará a que vá de galope, fazendo-o levantar das eſpaduas o mais que puder ſer para ſima dos movimentos do eſpinhaço, ventre, e quadris, ſem relevar o balanço da galopada. Apôs iſſo com as ſenſações das pernas, principalmente com a de fóra, ou eſquerda, o obrigará a rebater os movimentos das ancas igualmente; e no tempo em que o tronco do corpo do Cavalleiro ſe apoiar mais ſobre o equilibrio, devem as mãos, e pernas ajudallo com mais actividade, para que não ſe demore no movimento, ou deixe de entrar bem com as pernas para baixo do corpo, e não perca o movimento do bom terra á terra, que deve ſer diligente, unido, perto da terra, deſembaraçado, forte, e igual.

De-



Silva del.

Deve o Cavallo aſſentar-ſe ſobre a garupa, dobrando bem os curvilhões, e travadouros, e da meſma ſorte, e com igual facilidade elle ſe deve dobrar das eſpaduas, cernelha, e peſcoço até á ponta das ventas. Conforme Newcaſtle Pag. 73., e La Guerinieri Cap. 3. Pag. 81., elles querem que o Cavallo marque o terreno, marchando com hum movimento igual, diligente, unido, e o mais veloz que puder ſer; e he ſem dúvida que quanto mais veloz he o movimento, mais engraçado he o Cavallo no terra á terra.

## ESTAMPA XLI.

*Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, enſinando, e obrigando hum Cavallo com o freio, e cabeção a que ſe dobre na lição, e acção do Terra á terra para a direita.*

TRabalhando S. A. qualquer Cavallo na lição do terra á terra ſobre a direita, o obrigava cada vez mais com as redeas direitas, e a perna eſquerda a que ſe dobraſſe para a direita, por ſer eſta para onde elle andava, olhava, e vencia o terreno: e he certo que o Cavallo neſta lição fórma quatro circulos, ou linhas, (como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLII., A, B, C, D) os dous circulos maiores com as piſtas das mãos, os dous menores com as dos pés: iſto ſuccede aſſim, porque elle avança mais a mão, e pé direito que o eſquerdo, para formar a galopada, e porque no terra á terra ſe move com hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa, ſendo immediatamente unidas as determinações dos movimentos das eſpaduas no ſeu balanço, como o são todas as das ancas no balanço da garupa.

Newcaſtle Pag. 71. diz: » O Cavallo na lição do terra á terra eſtá dobrado » como hum arco, e a parte de fóra eſtá convexa, e em tanta liberdade, como a » de dentro eſtá concava, e fortemente opprimida. » Não póde o Cavallo neſta lição andar deſunido, ou falſo, em quanto ſe deixa encruzar bem entre a redea de dentro, e a perna de fóra, antes fica obrigado a recolher a garupa, mettendo as pernas bem para baixo do corpo, e a firmar-ſe ſobre as ancas, apoiando-ſe com facilidade ſobre a embocadura, ſem violentar a mão ao Cavalleiro.

Quando S. A. intentava formar qualquer Cavallo neſta lição do terra á terra, fazia-o galopar unido, e perto da terra com a garupa ao Pilão (Eſt. XLI.); e quando ſe conduzia com mais facilidade, então o ajudava mais fortemente com as redeas direitas: elle animava mais todo o ſeu corpo, fortalecia-lhe as ſenſações da perna eſquerda; e logo que o Cavallo obrigado de todas eſtas diligencias tomava alguns tempos, ou balanços do terra á terra, S. A. affroxava as forças das ſenſações com que o obrigava, para o trazer outra vez ao movimento de hum galope mais modificado, e o ir facilitando muitas vezes a que tomaſſe os tempos do terra á terra, ſem ſe apaixonar, e confundir, repetindo-lhe a lição deſta ſorte, tanto ſobre circulos maiores, como ſobre circulos menores.

Logo para qualquer Cavalleiro formar com perfeição hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra para a direita, deve encruzallo bem entre as forças das ſen-

ſenſações das redeas direitas, e as da perna eſquerda; por iſſo a perna direita ſem ſe avançar muito, deve andar firme, e branda ſobre o eſtribo direito, de ſorte que o equilibrio do corpo ajude a fazer iguaes os balanços da galopada nas eſpaduas, e na garupa do Cavallo, ſendo que a perna eſquerda tambem deve andar firme ſobre o eſtribo, e muito flexivel para animar, e caſtigar o Cavallo mais, ou menos forte, quando ſe fizer preciſo o ſeu uſo.

Não deve o Cavalleiro ter as mãos fortes ſem dar repetidas vezes liberdade ao Cavallo; porque em tal caſo elle ſe agarrará, ou ſe encoſtará á embocadura do freio, antes ſim devem puxar-lhe as redeas até o dobrar, ou ao menos o formar em melhor acção, e logo render-lhe ſubtilmente o freio, e cabeção, aſſim de dentro, como de fóra, até que elle pouco a pouco por meio deſtas repetidas diligencias vá obedecendo. O meſmo deve praticar-ſe com as ſenſações das pernas, tanto de dentro, como de fóra, ſem tirar do Cavallo tantos tempos do ſeu ar, que elle por demaziadamente cançado, e falto de folgo, e de forças deſobedeça.

Aſſim diſpunha S. A. os Cavallos nos principios deſta lição, e á proporção do que elles ſe adiantavão lhes ſegurava cada vez mais a redea direita do freio, e cabeção, encruzando-os deſta ſorte entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, como diz Newcaſtle, para que as ſenſações das redeas o obrigaſſem a determinar os movimentos da cara, peſcoço, e eſpaduas, dobrando-ſe bem para dentro da volta, e as da perna de fóra, ou eſquerda lhe obrigaſſem a meia anca eſquerda a unir-ſe á direita para rebater os movimentos das eſpaduas para ſima do ventre, e das ancas; pois que de outro modo não póde elle formar o verdadeiro balanço do bom terra á terra, e marcar o terreno, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XLII.

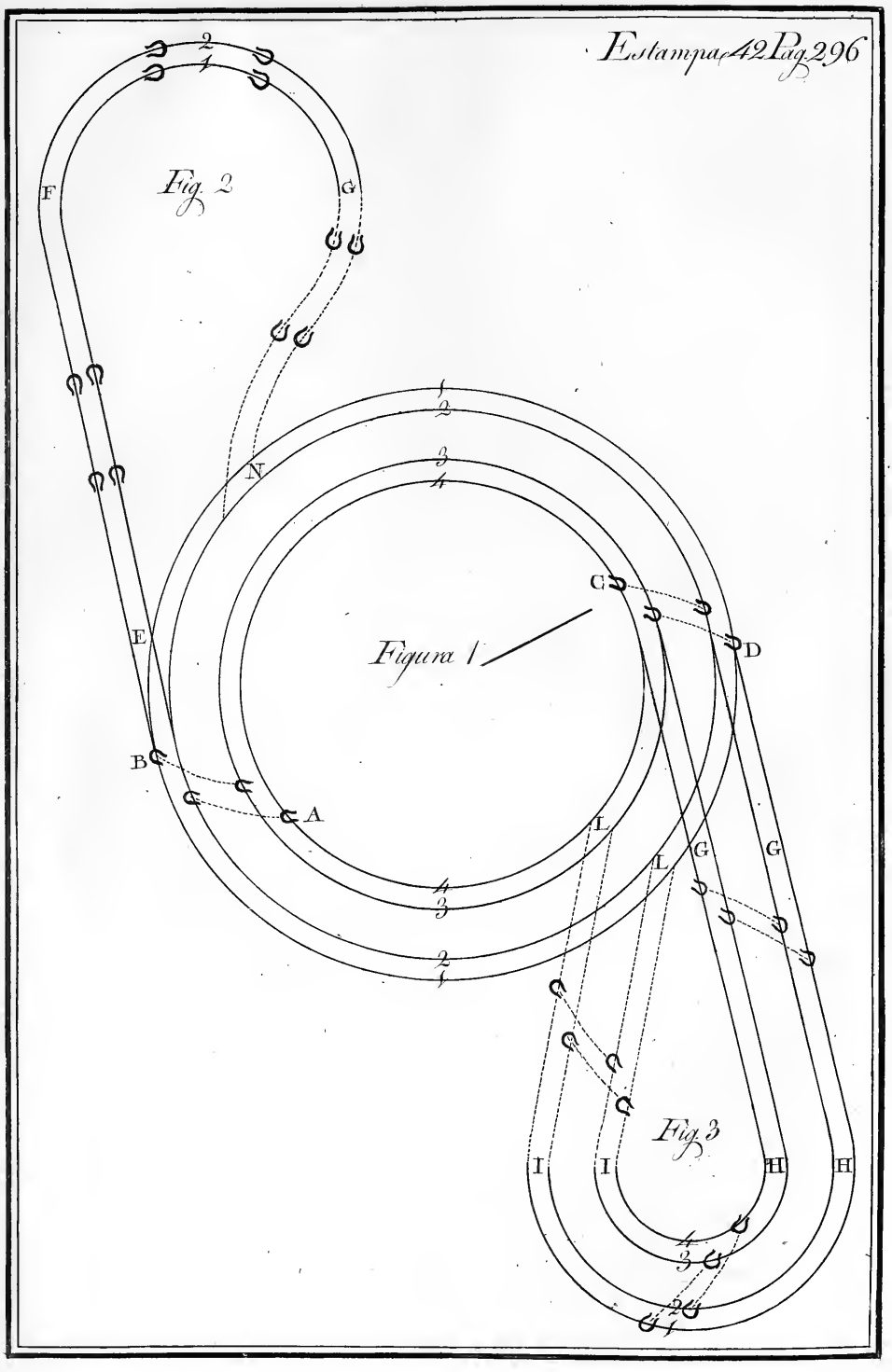
*De como os Cavallos marcão o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, trabalhando na lição do terra á terra dobrados para a direita: e o modo mais facil, e uſual de os fazer paſſar de mão, ſabindo da Fig. 1. para a 2. por duas tangentes parallelas.*

MArchando ſobre a Fig. 1., a piſta da mão direita marca o circulo N. 1., B, e D, a da eſquerda a do N. 2., a piſta do pé direito o N. 3., a do eſquerdo a do N. 4. mais proximo ao centro A, e C.

Para paſſar de mão da direita para a eſquerda na lição do terra á terra, devem os Cavalleiros, bem como S. A., quando o Cavallo andar mais facil, e ſe deixar encruzar bem entre as forças das ſenſações das redeas direitas, ou de dentro, e as da perna de fóra, ou eſquerda, obedecendo com facilidade a humas, e outras, fazello partir do circulo N. 1., B, da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas tangentes E, direito de duas piſtas até F, formando hum ſemicirculo ſobre a direita para a Letra G, indo pelas linhas de pontinhos deſdobrallo da direita para a eſquer-

da

Estampa 42 Pag 296



da ſobre as linhas da Fig. 1., Letra N, obrigando-o logo a que ſe forme na meſma boa acção em que antes da paſſagem andava para a direita.

Eſta paſſagem de duas piſtas, marchando ſimplesmente ſobre duas parallelas, he facil, e por iſſo a primeira de que S. A. uſava, em quanto o Cavallo tinha pouco conhecimento, e deſembaraço neſta lição. Tambem ſe póde fechar o meio circulo, ou meia volta, indo pelas linhas de pontinhos Fig. 2., Letra G, N, completar a paſſagem ſobre as linhas da muralha; porque em tal caſo a parede lhe ſerve de amparo ás eſpaduas para o ir diſpondo, e facilitando a formar eſtas, e outras paſſagens com perfeição.

## *Modo, por que ſe devem formar as paſſagens de mão, fazendo ſahir o Cavallo da Fig. 1. para a 3., marcando quatro piſtas.*

QUerendo-o fazer paſſar de mão da direita para a eſquerda na lição, e acção de quatro piſtas, ou terra á terra, devem encruzallo cada vez mais entre as forças da correa, da redea direita, e da perna eſquerda, conduzindo-o aſſim da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra G; e chegando a H, devem fortalecerlhe a actividade das ſenſações das redeas de dentro, e da perna de fóra, para que vá com mais velocidade pelo ſemicirculo até á Letra I, a qual velocidade ſe deve ir modificando pelas linhas de pontinhos até chegar a L em hum movimento de ſorte modificado, que ſobre os circulos da Fig. 1. o poſsão fazer deſdobrar da acção da direita para a eſquerda: então ſegurando a correa com a mão direita alta, e fortalecendo a ſenſação da perna eſquerda mais, o obrigaráõ a que ſe firme bem ſobre a meia anca direita para render-lhe a mão, ou correa direita, e para lhe ſegurar a mão eſquerda de unhas aſſima, quando o fazem mudar de acção: ao meſmo tempo ſe deve avançar a eſpadua direita, atrazar a eſquerda, affroxar a perna eſquerda, e fortalecer a direita, para o obrigar a que ſiga por meio de todas eſtas diligencias a ſua direcção para a eſquerda com a meſma boa ordem com que elle ſe dobrava para a direita, antes de paſſar de mão.

Tambem paſſando-o de mão ſobre eſta Fig. 3. ſe obriga pelo ſemicirculo a que determine o ſeu movimento a paſſadas: então da Letra H para I deve o Cavalleiro com as ſenſações da perna eſquerda, e das redeas direitas encaminhallo, firmando bem o corpo atrás, para o obrigar deſde o principio do ſemicirculo H a que faça algumas paſſadas, voltando bem dobrado para a direita, e bem aſſentado ſobre a garupa; e logo que tiver formado o ſemicirculo de I até L, o podem ir detendo de ſorte que chegue aos circulos da Fig. 1. em hum galope modificado para o poder obrigar a fazer a paſſagem de mão, ſem que a acceleração do movimento deſperte nelle a paixão, antes brandamente ſe deixe deſdobrar da direita para a eſquerda. Tambem chegando ás linhas da Fig. 1. o podem deixar continuar na lição da volta ao revés ſobre duas, ou ſobre quatro piſtas, a fim de o deſdobrar da direita para a eſquerda, quando for mais unido, para ſeguir melhor o ſeu terra á terra para a eſquerda.

Marchando ſobre a Fig. 1., a piſta da mão direita marca o circulo N. 1. Le-

tra B, a da eſquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do eſquerdo o N. 4. A, ſahindo pelas tangentes E para a Fig. 2.: as piſtas do pé, e mão direita marcão a linha N. 1., as da mão, e pé eſquerda a linha N. 2., &c. Sahindo da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra G, a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da eſquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do eſquerdo a do N. 4., como ſe moſtra nas referidas Figuras da Eſt. XLII.

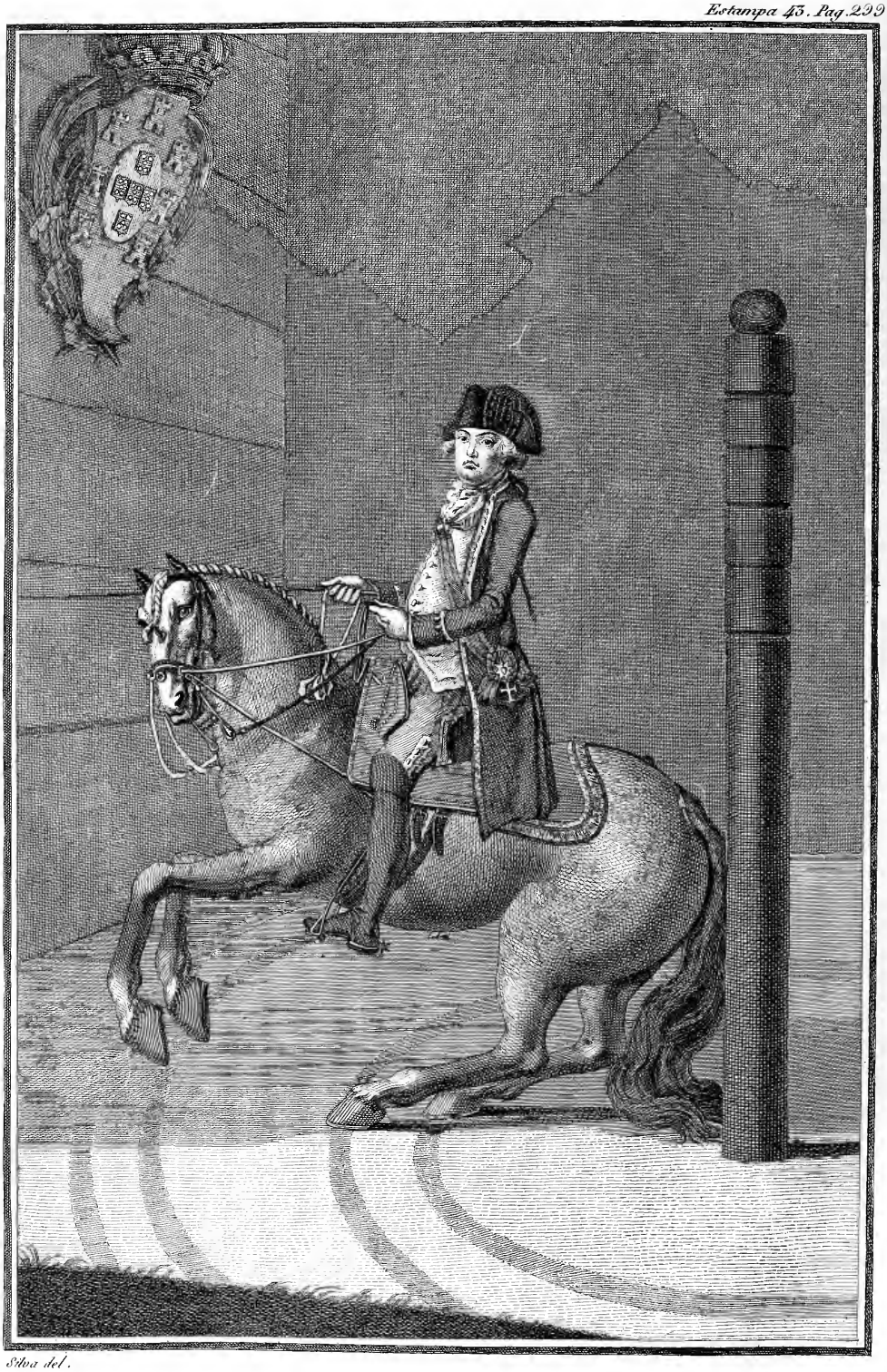
## *Senſações, e movimentos com que ſe deve obrigar o Cavallo a mudar de acção da direita para a eſquerda ſobre a Fig. 3., Eſt. XLII., trabalhando-o na lição do terra á terra.*

HE certo que para o Cavalleiro fazer deſdobrar o Cavallo de acção da direita para a eſquerda, neceſſariamente o deve unir mais com as redeas direitas, e com a perna eſquerda ſobre a meia anca direita, ou de dentro, para ter mais tempo de render-lhe a mão, ou redeas direitas, affroxando a perna eſquerda para apôs iſſo ſuſter-lhe as redeas eſquerdas com a mão de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, atrazando a eſpadua eſquerda, e adiantando a direita; porque todos eſtes movimentos o obrigão a deſdobrar-ſe da direita para a eſquerda. Tudo iſto fazia S. A. em quanto o Cavallo no balanço das eſpaduas mudava a acção da dobra do ſeu corpo da direita para a eſquerda; e quando continuava o balanço das ancas para as eſpaduas, S. A. atrazava o quadril eſquerdo, avançava o direito, ſegurava-lhe a perna eſquerda brandamente firme ſobre o eſtribo, fazendo-lhe logo ſentir a ſenſação da perna direita mais activa, e atrás da terceira cilha, para lhe obrigar a garupa a encruzar-ſe entre as forças da perna direita, e das redeas eſquerdas, do meſmo modo que ſe encruzava, e dobrava para a direita antes de fazer a paſſagem: e he ſem dúvida que outro qualquer Cavalleiro (para obrigar bem o Cavallo) neceſſariamente ha de paſſar por todas eſtas funções; e ainda que com ſumma brevidade, a humas ſe hão de infallivelmente ſeguir outras para lhe formar as paſſagens com perfeição.

## *Lição do terra á terra para a eſquerda, enſinando o Cavallo com o freio, e cabeção.*

DEſdobra-ſe da acção logo que he impellido das forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, e elle foge das ſenſações das redeas eſquerdas, quando volta para a eſquerda, porque a embocadura, e a barbela o apertão da parte direita na boca ſobre os aſſentos, e nos queixos ſobre a barbada: e logo que a mão de fóra, e o equilibrio do corpo do Cavalleiro o ajudão para dentro, elle une a eſpadua direita á eſquerda, e da meſma ſorte a ſenſação da perna direita o obriga a unir a meia anca direita á eſquerda para voltar, e ſe dobra por effeito do ſeguimento, e da união de todos os referidos movimentos, que inſtantaneamente lhe encontrão a direcção, e por iſſo da mudança de acção lhe reſulta o ficar concavo da parte eſquerda, e da direita convexo, aſſim como antes da paſſagem era con-

ca-



*Silva del.*

cavo da direita, e convexo da eſquerda, como ſe obſerva na Eſt. XLI., e na ſeguinte

## ESTAMPA XLIII.

### *Do Sereniſſimo Principe D. João, enſinando hum Cavallo a formar-ſe na lição do terra á terra, dobrando-o para a eſquerda.*

ENſina-o S. A. a marcar o terra á terra, obrigando-o ſucceſſivamente com as mãos, pernas, e equilibrio de todo o corpo, a fim de que ſuſtente a acção na dobra do peſcoço, eſpaduas, e ventre, com a boa graça, e ar com que ſe dobrava para a mão direita antes da paſſagem: e he certo que iſto ſó póde vencer-ſe, contrapondo-lhe as ſenſações do corpo, mãos, e pernas repetidas vezes, humas mais, outras menos inſtantaneamente applicadas, para que ſe determine bem, e para diante, quer ande ſobre a circumferencia, quer ſobre o quadrado.

A mão eſquerda voltada de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, quanto mais vai da cernelha para a direita, mais obriga com as redeas eſquerdas o Cavallo a que ſe dobre, e olhe para a eſquerda, ou para dentro da volta; e conſequentemente, quando a perna direita o obriga ao meſmo tempo, a anca direita ſe une á eſquerda, e elle por meio deſtas diligencias ſe deixa encruzar entre as ſenſações da perna direita, e das redeas eſquerdas: logo por eſte modo he que ſe diſpõe bem para a lição do terra á terra para a eſquerda.

Galopando elle manſo, e igual, S. A. anima todo o ſeu corpo em huma acção mais eſpirituoſa, e viva, e então inſtantaneamente lhe dá alguns toques com a perna direita, ſuſtendo ao meſmo tempo a mão eſquerda, levando-a alguma couſa de unhas aſſima firme da cernelha para a direita, a fim de que o Cavallo marque alguns tempos do terra á terra; e tanto que elle obedece, S. A. affroxa logo a actividade das ſenſações do corpo, mãos, e pernas, para que elle paſſe do terra á terra a hum galope mais modificado, até outra vez ſe deixar encruzar bem entre as ſenſações das redeas eſquerdas, e da eſpora direita; e repetindo-lhe por vezes as meſmas diligencias, obtem delle mais alguns tempos do terra á terra. Eſta ſem dúvida he a melhor fórma de diſpôr os Cavallos para eſta lição, trabalhando-os tanto ſobre a mão direita, como depois de fazer a paſſagem ſobre a eſquerda; e todos os mais diſtintos Cavalleiros ſeguem eſte methodo.

### *Defezas de que commummente uſão os Cavallos para fugir do trabalho deſta lição.*

AS defezas de que ordinariamente uſão, quando os formão na lição do terra á terra, são, quando lhes cuſta dobrar-ſe bem, fugir com as ancas para fóra, levantar-ſe muito das eſpaduas ſem entrar na mão, por uſar mal da meſma garupa; e quando ſe dobrão muito das eſpaduas, lançar-ſe com deſigualdade ſobre a de fóra, á excepção de outras a que recorrem menos cuſtoſas de remediar; mas de todas eſtas fórmas fogem de obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro; por

iſſo as diligencias ponderadas em todas as lições ſe encaminhão a fazellos obedecer, e determinar os ſeus movimentos bem para diante, e com igualdade para huma, e outra mão.

Se foge com a garupa muito para fóra, deve o Cavalleiro ſegurar a mão alguma couſa firme de unhas aſſima, fazendo-lhe ſentir as ſenſações da correa, e redea de fóra inſtantaneamente no tempo, em que lhe ſegura mais forte a perna de fóra, e em tal caſo a pua deve ſer mais voltada para a barriga, e a perna applicada alguma couſa mais atrás das cilhas, tendo a parte de fóra no tronco do ſeu corpo toda mais forte, e a de dentro mais froxa, e da meſma ſorte a perna de dentro, brandamente unida á primeira cilha junto ao codilho (Eſt. III. N. 56. e N. 49.) para ella lhe dar toda a liberdade a poder a garupa entrar para dentro da volta: o corpo do Cavalleiro deve tambem eſtar alguma couſa atrás, e firme, porque o ſeu pezo ajuda a obrigar a garupa a que ſe abaixe mais. Os circulos, em que trabalharem hum tal Cavallo, devem ſer largos, porque nelles ſe move com mais facilidade, em quanto não tem a preciſa obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, ou uſa das referidas defezas.

Quando ſucceda defender-ſe, levantando-ſe muito das eſpaduas, e por conſequencia detendo-ſe, não entrando na mão (ou para o freio) devem as mãos governar as redeas com muita brandura, e liberdade, e as pernas repetidas vezes unir-ſe-lhe inſtantaneamente ao ventre, para que entre para a mão com o apoio na embocadura; porque em quanto o Cavallo ſe defende deſte modo, iſto he, não entra na mão, não deve o corpo do Cavalleiro firmar-ſe muito para trás, indo-o ſempre coſtumando com ambas as redeas, e ambas as pernas a que ande com igualdade, tanto no balanço da garupa, como no das eſpaduas, ſem o chamar ao terra á terra, em quanto ſe não deixa encruzar bem entre as forças das redeas de dentro, e da perna de fóra.

Se rompe o peſcoço, iſto he, ſe dobra muito o peſcoço por ſe lançar ſobre a eſpadua de fóra, devem as pernas do Cavalleiro unir-ſe-lhe ao ventre logo atrás das cilhas para o obrigar mais a ir para diante, principalmente quando a mão da redea entra de fóra para dentro da volta; e ſe iſto não baſtar, deve logo affroxar-ſe alguma couſa a perna de fóra, e obrigar-lhe as eſpaduas, trazendo as mãos ambas para dentro da volta, para que elle ande bem para diante, dando-lhe, ſe for preciſo, com a correa de fóra para ſima, ajudando-o ao meſmo tempo com a vara ſobre a eſpadua de fóra, para que a vá unindo á de dentro, e obedeça á mão, dobrando o peſcoço, e conduzindo as eſpaduas bem direitas adiante das ancas, a fim de que as piſtas das mãos vão marcando o terreno, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLII., e na Eſt. XLIV., ſendo o toque da vara ſempre delicado.

O toque da ponta do pé ſobre a eſpadua eſtá reprovado neſta lição por bons Cavalleiros. Os que adoptão o modo de ſeparar as redeas do freio ao principio, para o Cavallo obedecer com promptidão, e igualdade a huma, e outra redea, marchando tanto ſobre hum, como ſobre outro lado, os rendem mais depreſſa iguaes, e promptos.

Se o Cavallo tem falta de deſembaraço, trabalhando ſobre a mão eſquerda, he

he bom paſſar as redeas do freio para a mão direita nas lições antecedentes, e trabalhar a correa de vencer, ou redea do cabeção com a mão eſquerda, maiormente ſe o Cavalleiro não he igual no modo de o obrigar para huma, e outra parte.

Muitas vezes deſobedece o Cavallo por não ſaber; e outras, porque o Cavalleiro não he como SS. AA. igual no ſeu deſembaraço, e modo de applicar-lhe toda a ſorte de ſenſações, com que neſta lição, como em todos os mais trabalhos da Eſcola, neceſſariamente ſe enſinão os Cavallos: ſuſtendo-lhe mais as redeas de dentro, avivando todo o corpo; e fazendo-lhe ſentir a perna de fóra por alguns toques mais fortes, ſe obriga a levantar-ſe do galope ao terra á terra; mas eſtas ſenſações do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro fazem ſómente bom effeito, ſendo miniſtradas no tempo, em que o Cavallo ſe deixa encruzar entre a força das redeas de dentro, e da perna de fóra, ſendo-lhe applicadas inſtantaneamente, quando elle ſe levanta do terra na ſua galopada para redobrar o movimento; e quando ſe diſpuzer para ſe tornar a levantar, devem repetir-lhe ſemelhantes toques ſem perder tempo; porque ſe o Cavalleiro encontrar com o movimento das mãos, e pernas os movimentos do Cavallo, eſte ſe confundirá, e perderá o balanço do bom terra á terra.

Muitos logo que tem marcado alguns tempos do terra á terra, obrigados das referidas ſenſações, vão concebendo huma tal cólera, e preoccupação, que deſobedecem, indo humas vezes muito ſobre a perna, e outras ſobre a mão; mas em taes caſos devem logo deixallos tornar outra vez ao galope, modificando-lhes a actividade das ſenſações, com que os obrigão para os formar no terra á terra, quando forem menos preoccupados, continuando alternativamente a enſinallos, ſem tirar delles tantos tempos do ſeu ar, que por faltos de folgo, e de forças ſe defendão, ou aborreção a lição.

## *Paſſagens de mão, ſahindo dos circulos da Fig. 1. pelas tangentes A, e I, indo-as depois completar por ſemicirculos ſobre a Fig. 1. da Eſt. XLIV., Letra H, e N, como tambem a fórma de enſinar os Cavallos a fazer as paſſadas de L para M.*

PAra os enſinar a paſſar de mão, manejando na lição do terra á terra, da eſquerda para a direita, deve o Cavalleiro encruzallos cada vez mais entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, obrigando-os com ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas, ou eſporas a marchar da Fig. 1., A, B pelas linhas da Letra E para F da Fig. 2., direitos de duas piſtas, indo pelas linhas de pontinhos G, H deſdobrallos ſobre a Fig. 1. da eſquerda para a direita.

Enſina-ſe tambem o Cavallo a que forme a paſſagem de quatro piſtas, ſahindo da Fig. 1., C, e D pelas linhas da Letra I para a Fig. 3., obrigando-o vivamente com a perna direita, e as redeas eſquerdas a que forme quatro piſtas, ou

li-

linhas pelo ſemicirculo da Letra L para M, indo pelas linhas de pontinhos fazel-lo mudar de acção ſobre N da eſquerda para a direita, a fim de o enſinar a ſeguir as linhas da Fig. 1. com o meſmo ar, e boa ordem com que ſe formava antes de paſſar de mão.

Para o enſinar a que marque o ſemicirculo de L para M a paſſadas, devem obrigallo com as redeas eſquerdas ainda mais vivamente, e com a perna direita (logo do principio do ſemicirculo) a que forme algumas paſſadas, affroxando a actividade das forças das mãos, pernas, e corpo, logo que por effeito das ſenſações com que o obrigárão, elle correſpondeo, fazendo tres, ou quatro paſſadas, moderando-lhe de M para N a velocidade, de ſorte que chegue á Fig. 1. em hum galope tão moderado, que poſſa fazer a paſſagem ſem acceleração de movimento, e ſem paixão.

No tempo em que o Cavallo ſe deſdobra da acção, deve-ſe fazer unir mais ſobre a meia anca eſquerda, para quando chegar á Linha C, e D, N. 1., Fig. 1. ſe deſdobrar facilmente da eſquerda para a direita. Os movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro ſe fazem, rendendo-lhe a mão, ou redeas eſquerdas, affroxando a perna direita, e apôs iſſo ſegurando-lhe a redea direita com a mão de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda até elle ſe dobrar bem para a direita. Logo em tal caſo deve a mão eſquerda voltar-ſe alguma couſa de unhas abaixo, atrazando-ſe a eſpadua direita, adiantando-ſe immediatamente a eſquerda, e ſuſtendo-lhe a perna eſquerda para elle ſe dobrar para a direita, e todas eſtas ſenſações ſe devem executar com aquella força ſómente que baſte a fazello deſdobrar de huma para outra mão.

Faz S. A. tudo iſto em quanto o Cavallo no balanço das eſpaduas muda de acção para a direita; pois quando ſe continúa o balanço das ancas para as eſpaduas, atraza o ſeu quadril direito, avança o eſquerdo, ſegura a perna direita firme, e branda ſobre o eſtribo junto á primeira cilha, fazendo-lhe ſentir alguns toques da perna eſquerda com mais actividade logo atrás da terceira cilha, para lhe obrigar a garupa a encruzar-ſe entre a força da redea direita, e da perna eſquerda, do meſmo modo que ſe encruzava, e dobrava obrigado da força das redeas eſquerdas, e da perna direita, antes de fazer a paſſagem: e he ſem dúvida que para os Cavalleiros lhe formarem bem as paſſagens de mão na lição do terra á terra, devem imitar a S. A. para enſinar qualquer Cavallo a fazer a paſſagem com perfeição.

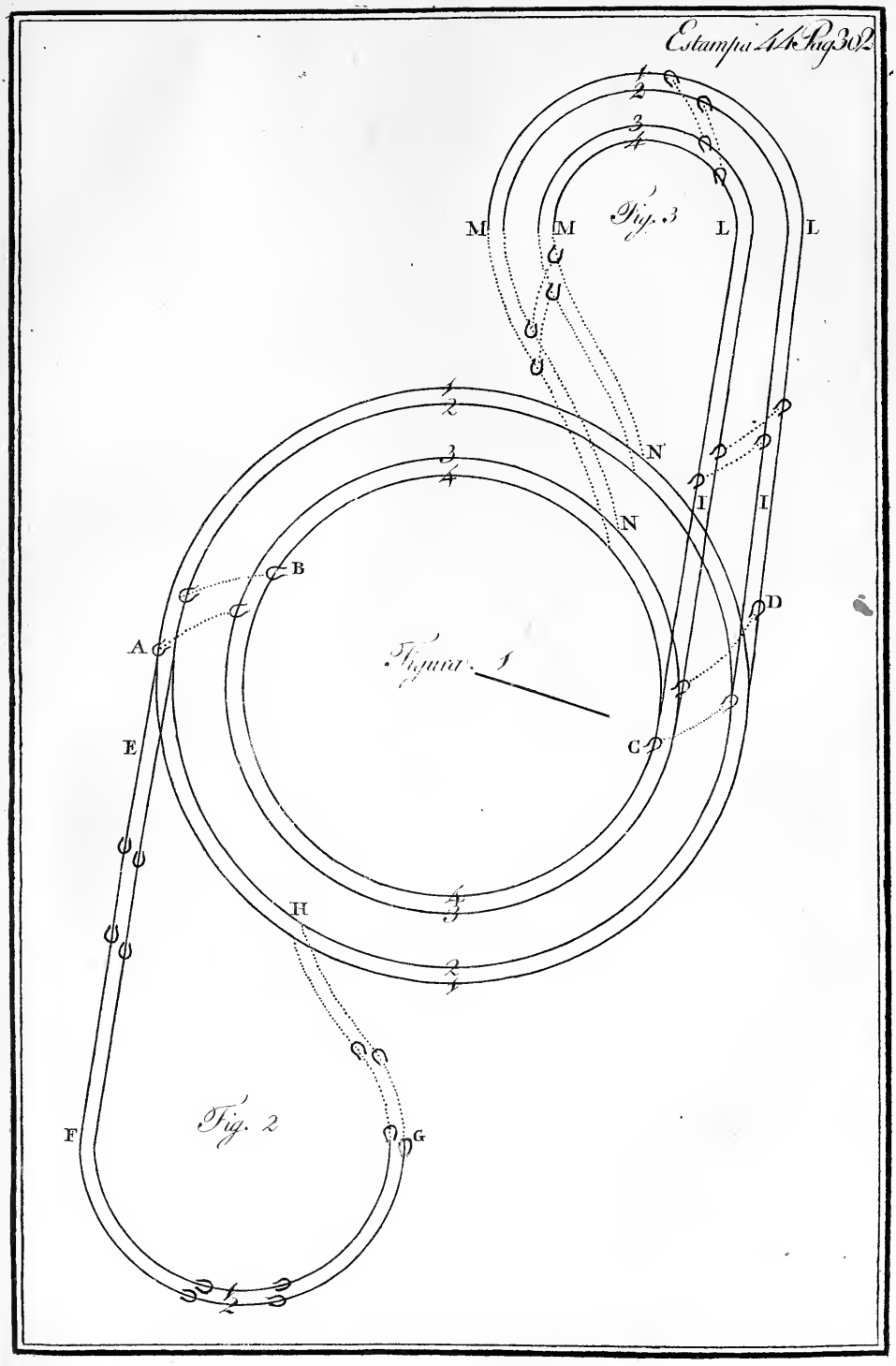
## ESTAMPA XLIV.

### *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, trabalhando-os dobrados para a eſquerda.*

SObre a Fig. 1. marca a piſta A da mão eſquerda a Linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4. mais proxima ao centro B; e logo que o Cavallo ſahe da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas tangentes A, E, as piſtas da mão, e pé eſquerdo marcão a linha N. 1., e as da mão, e pé direito a N. 2.

Quan-

Estampa 44 Pag 302



Quando ſahe das linhas da Fig. 1. C, D para a Fig. 3. pelas tangentes I, da Letra L para M, a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., mais perto do centro da volta, ou do ſemicirculo.

Na determinação do movimento do terra á terra (dobrando-ſe o Cavallo para a eſquerda) principia a mão direita, fazendo o primeiro tempo: ſegue-a a eſquerda, fazendo o ſegundo, depois a piſta do pé direito faz o terceiro, e ultimamente a do eſquerdo marca o quarto, como ſe elle galopaſſe em outra qualquer lição; e movendo-ſe o Cavallo ſucceſſivamente, ſempre a mão eſquerda faz a ultima poſição, e o pé direito a primeira.

Move-ſe o Cavallo com tanta celeridade, que parece que faz hum ſó tempo no balanço das eſpaduas, e outro no balanço da garupa; mas o ouvido ſente marcar o terreno (como diz Newcaſtle) fazendo as ferraduras na terra *patá*, *patá*. Se duvidar, ou ficar para trás, quando o pertenderem paſſar de mão, em tal caſo devem ſobre pequenos circulos arredondallo das eſpaduas para o fazer completar a paſſagem, quando for com mais facilidade para diante, direito no terreno, e firme na mão.

## *Lição para enſinar o Cavallo de paſſo, trote, e galope a marcar com as piſtas dos pés o quadrado, e com as das mãos as porções dos circulos nos angulos, como ſe moſtra na Eſt. XLV.*

FAz S. A. marchar commummente qualquer Cavallo ſobre o quadrado de quatro piſtas, como paſſo a explicar. Formando-o no quadrado com a garupa ao Pilão, as linhas, que marca com as piſtas dos pés, são mais proximas ao centro, e neceſſariamente deve com as das mãos formar outras duas linhas maiores tambem quadradas, e nos quatro angulos oito porções de circulos, duas em cada angulo, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLV., e porque as piſtas das mãos vão marcando as linhas da maior circumferencia. Principia S. A. a enſinallo neſta lição, fazendo-o marchar com a garupa ao centro, encaminhando-o com ambas as mãos, e pernas, para que marche obliquamente; e como he ſem dúvida que ſendo menor a velocidade com que o animal ſe move, elle anda mais livre de paixão, e ſe faz mais attento ás ſenſações, e toques das redeas, e eſporas para aprender a formar-ſe na lição do terra á terra com mais facilidade, depois de o trabalhar, o paſſeia ſobre o quadrado regular: logo para o Cavalleiro o encaminhar bem neſta lição, deve ſeguir eſte methodo, endireitando-o no terreno com o equilibrio do corpo ſucceſſivamente, a fim de o poder encruzar entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, de maneira que o obrigue a que determine o movimento obliqua, igual, e circularmente.

Para marchar com perfeição, dobrando-ſe ſobre o quadrado para a direita, o pé deſta parte no vertice do angulo (Fig. 1., Letra E, Eſt. XLV.) deve mover-ſe ao paſſo, e trote em huma oitava parte do terreno, em que ſe move a mão eſquerda; e o pé eſquerdo em ametade da diſtancia, em que ſe move a mão eſquerda:

da : assim tambem a mão direita deve alcançar oito vezes mais terreno do que alcança o pé direito, a fim de marcar as oito porções dos circulos nos quatro angulos com facilidade, e perfeição.

As espaduas tem os movimentos (principalmente nos angulos) ao menos oito vezes mais largos do que as ancas, por isso as articulações de todas as suas juntas precisão ser muito desembaraçadas em todos os seus jogos, pois que de outra sorte não podem os Cavallos ser iguaes nos movimentos, e no terreno, quando fórmão os angulos nesta lição.

Ha muitos, que tem bastante desembaraço nas espaduas, e muito pouco na garupa : logo os mais desembaraçados dellas no trabalho que fizerem, marcando com as pistas das mãos os circulos, ou linhas maiores, serão mais agradaveis, e terão mais possibilidade para semelhantes lições, do que para preencher a maior circumferencia com as pistas da garupa. O mesmo se deve entender, quando ha facilidade nas ancas, e pouco desembaraço nas espaduas.

Para marcar bem com as pistas das mãos nos angulos as oito porções dos circulos P, deve o Cavalleiro, quando o vai fazendo chegar ao vertice E, e P, fazello alargar das espaduas, e unir da garupa: isto se vence, fortalecendo-lhe a sensação da perna esquerda (se o Cavallo anda dobrado para a direita) para a garupa entrar para esta parte, quando as redeas dão liberdade ás espaduas para as ancas marcarem o angulo, sem passar adiante das espaduas.

Quando o Cavalleiro traz a mão esquerda de unhas assima da cernelha para a direita, e a mão direita de unhas abaixo para dentro, as espaduas do Cavallo se unem para adquirirem a direcção obliqua de voltar nos vertices dos angulos de humas para outras linhas ; e he precisamente necessario que as mãos, e pernas do Cavalleiro alternativamente (com oppostas sensações) o vão ajudando a marcar os angulos do quadrado; e isto sómente se vence bem, levando as mãos para fóra, quando a perna obriga para dentro.

Marchando sobre a direita ao passo, e trote, sempre marca o terreno, como se mostra nas pistas de pontinhos Letra Q; mas galopando sobre o quadrado, marca o terreno, como se mostra nas pistas em preto da Fig. 1., Letra P.

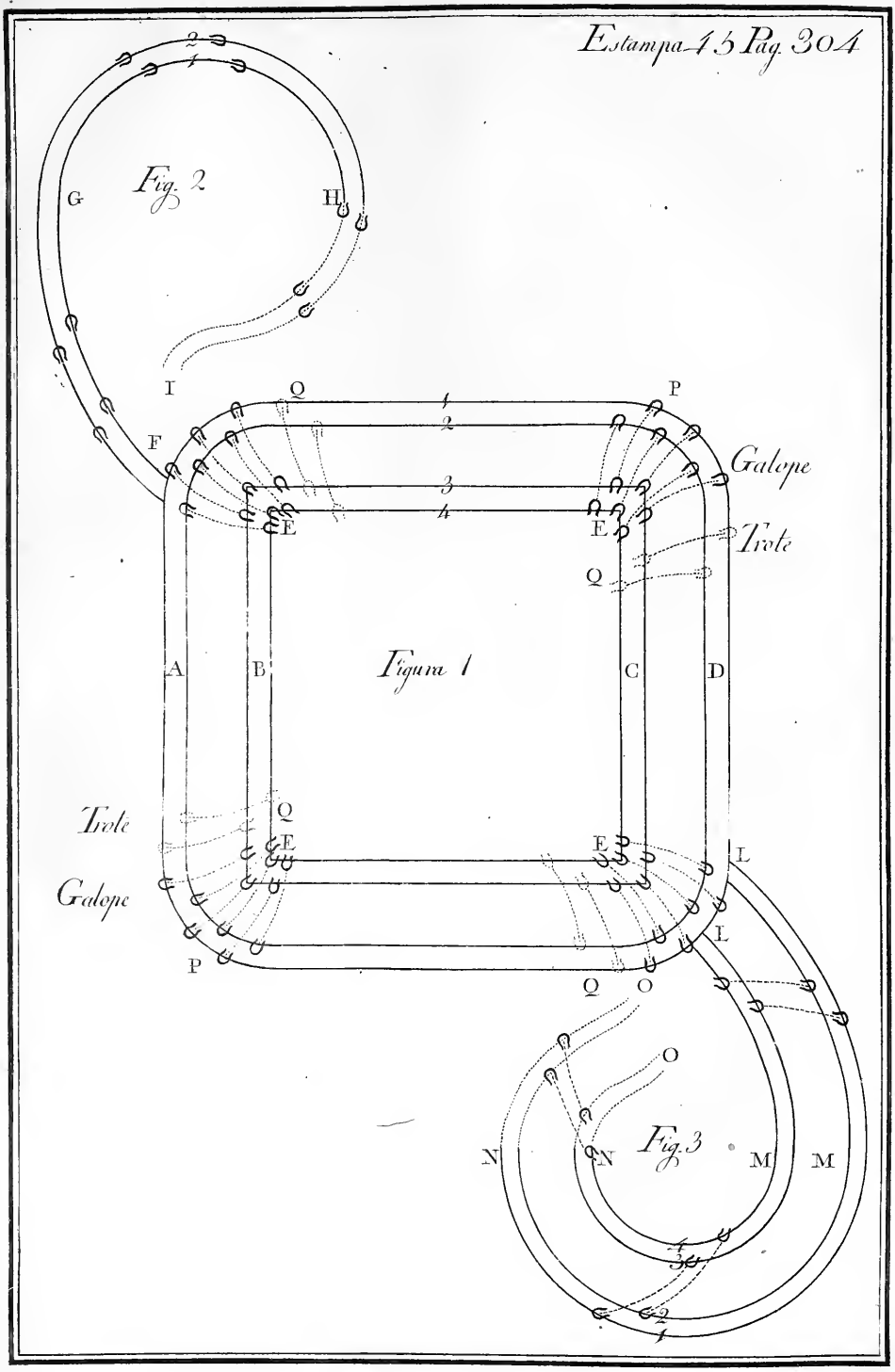
## ESTAMPA XLV.

*Quadrado regular, ou modo, por que o Cavallo marca com as pistas dos pés as linhas do centro N. 3., e N. 4., B, e C; e com as das mãos as da maior circumferencia N. 1., e N. 2., A, D. Trata-se tambem do modo de formar as passagens de mão.*

GAlopando para a direita (sobre a Fig. 1.) a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4., mais proxima ao centro, como se mostra nas pistas em preto.

Mar-

Estampa 15 Pag. 304



Marchando de paſſo, e trote (ſobre a meſma Fig. 1.) para a direita, a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4. mais perto do centro.

Para paſſar de mão da direita para a eſquerda, fazendo-o marchar da Fig. 1. para a Fig. 2., quando vai mais livre da má tenção, he que o devem enſinar a que marche pelas linhas da Letra F para G, obrigando-o della para H a marchar de duas piſtas, indo pelas linhas de pontinhos Letra I fazello entrar na Fig. 1. para entre A, e B o deſdobrar da direita para a eſquerda. São eſtas paſſagens de mão faceis, e por iſſo as primeiras, de que ſe deve uſar para diſpôr o Cavallo a aprender a formar as da Fig. 3.

As paſſagens de mão de quatro piſtas, como ſe moſtra na Fig. 3., são mais difficultoſas, e ellas ſe põem em prática ao paſſo, e trote, como ſe moſtra na Fig. 3. da Eſt. XXXII.; e ao galope, como ſe vê na Fig. 3. da Eſt. XLV.: neſta deve-ſe encaminhar o Cavallo pelas linhas de L para M; e então animando o Cavalleiro bem toda a ſua figura, deve ter o corpo atrás, fortalecendo as ſenſações das redeas, e correa direita, como tambem as da perna eſquerda, animando-o bem pelo ſemicirculo, a fim de que marque tres, ou quatro paſſadas de M para N, modificando-lhe logo as ſenſações, para que pelas linhas de pontinhos vá já em hum galope mais modificado completar a paſſagem de O para as linhas da Fig. 1., deſdobrando-o da direita para a eſquerda entre C, e D, pelo meſmo modo que fica dito na lição do terra á terra para a direita.

## *Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho das paſſadas, quando lhes enſinão a formar as paſſagens neſta lição.*

OS que são fracos, mal formados, e fròxos, para ſe defenderem da ſujeição a que os conduz o trabalho das paſſadas, marcando o ſemicirculo de quatro piſtas, depois de haverem trabalhado no quadrado regular: quando os fazem entrar á paſſagem, ordinariamente ficão para trás, e usão mal da garupa, entrando humas vezes muito para o centro, e ſahindo outras para fóra da circumferencia do arco do angulo ſobre que ſe fórma a paſſagem: neſtes caſos ſe lhes devem fazer, ſentir as pernas mais atrás das cilhas com força proporcionada á ſua poſſibilidade, deſembaraço, e obediencia, e para os fazer andar para diante ſem confuſão: os devem conduzir, ora inſtigados pela continuação das ſenſações com que os obrigão, ora pela modificação com que os encaminhão, conſervão, e enſinão com huma, e outra redea, e com huma, e outra perna, pois que humas, e outras diligencias devem ſer proporcionadas á velocidade com que os pertenderem formar pelas linhas, e ſemicirculos da Fig. 2., e Fig. 3.

Se o Cavallo marcha pelos lados dos angulos, e ſemicirculos com incerteza, he muito bom formar-lhe alguns pequenos circulos até o arredondar, e igualar mais da direcção das eſpaduas, e das ancas para entrar na mão, e o fazer ir depois completar a paſſagem, quando for com mais facilidade para diante.

Tambem entre C, e D o podem fazer unir mais ſobre a meia anca direita

por effeito das forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, de ſorte que tendo-o chegado ás linhas N. 1., e N. 2., devem affroxar-lhe as redeas direitas, fortalecer-lhe as eſquerdas, tendo a mão da redea de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, de ſorte que o fação tornar á lição de quatro piſtas com a garupa ſobre as linhas interiores do quadrado, para que marchando para a eſquerda, poſſa obſervar a meſma perfeição de figura, e movimento, com que antes da paſſagem de mão andava para a direita.

## *Lição do quadrado regular para a eſquerda.*

NAs piſtas de pontinhos Letra H ſe vê como elle deve marcar o quadrado, marchando de paſſo, e trote para a eſquerda; e nas piſtas em preto Letra G, Eſt. XLVI., como deve marcar o meſmo quadrado, galopando para a eſquerda. Em quanto ſe enſina a trabalhar ſobre a Fig. 1. de paſſo, e trote, a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4., como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos Letra H; mas logo que paſſa ao galope ſobre a eſquerda pela união do balanço da galopada, com a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., Letra G, com a da direita a N. 2., com a do pé eſquerdo a N. 3., e com a do direito a N. 4., Letra S, como ſe moſtra nas piſtas em preto.

## *Paſſagens de mão ſobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Eſt. XLVI.*

MArchando com facilidade neſta lição para a eſquerda bem encruzado entre as ſenſações da correa, e da redea eſquerda, como tambem da perna direita, podem obrigallo a que paſſe de mão da eſquerda para a direita, fazendo-o partir pelas linhas da Letra I para a Fig. 2., ſeguindo com as piſtas das ancas as das eſpaduas, marcando o pé eſquerdo, e a mão eſquerda a linha N. 1., e a mão direita, e pé direito a N. 2., indo pelas linhas de pontinhos M, N fazello chegar á linha N. 1. entre E, e F da Fig. 1., fazendo-o unir bem com as redeas eſquerdas, e a perna direita ſobre a meia anca eſquerda, até as eſpaduas chegarem á linha N. 1., em que para o fazer deſdobrar da acção, devem affroxar-lhe as redeas eſquerdas, fortalecer-lhe as direitas, e aſſim abrandar tambem a força da perna direita, fazer-lhe ſentir com mais actividade a da perna eſquerda para o dobrar para a direita em huma acção ſemelhante áquella, em que andava antes de paſſar de mão.

Tendo o Cavallo baſtante ſujeição ás ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, póde eſte enſinallo tambem a fazer as paſſagens de mão ſobre a Fig. 3., obrigando-o a marchar pelas linhas da Letra O para P, bem encruzado entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, animando-o pelo meio circulo com mais viveza, iſto he, fazendo-lhe ſentir as ſenſações do corpo, mãos, e pernas com tanta actividade, que não ſó o enſine a formar as paſſagens de quatro piſtas, mas que pelo ſemicirculo da Letra P até á Letra Q faça algumas paſſadas, modi-

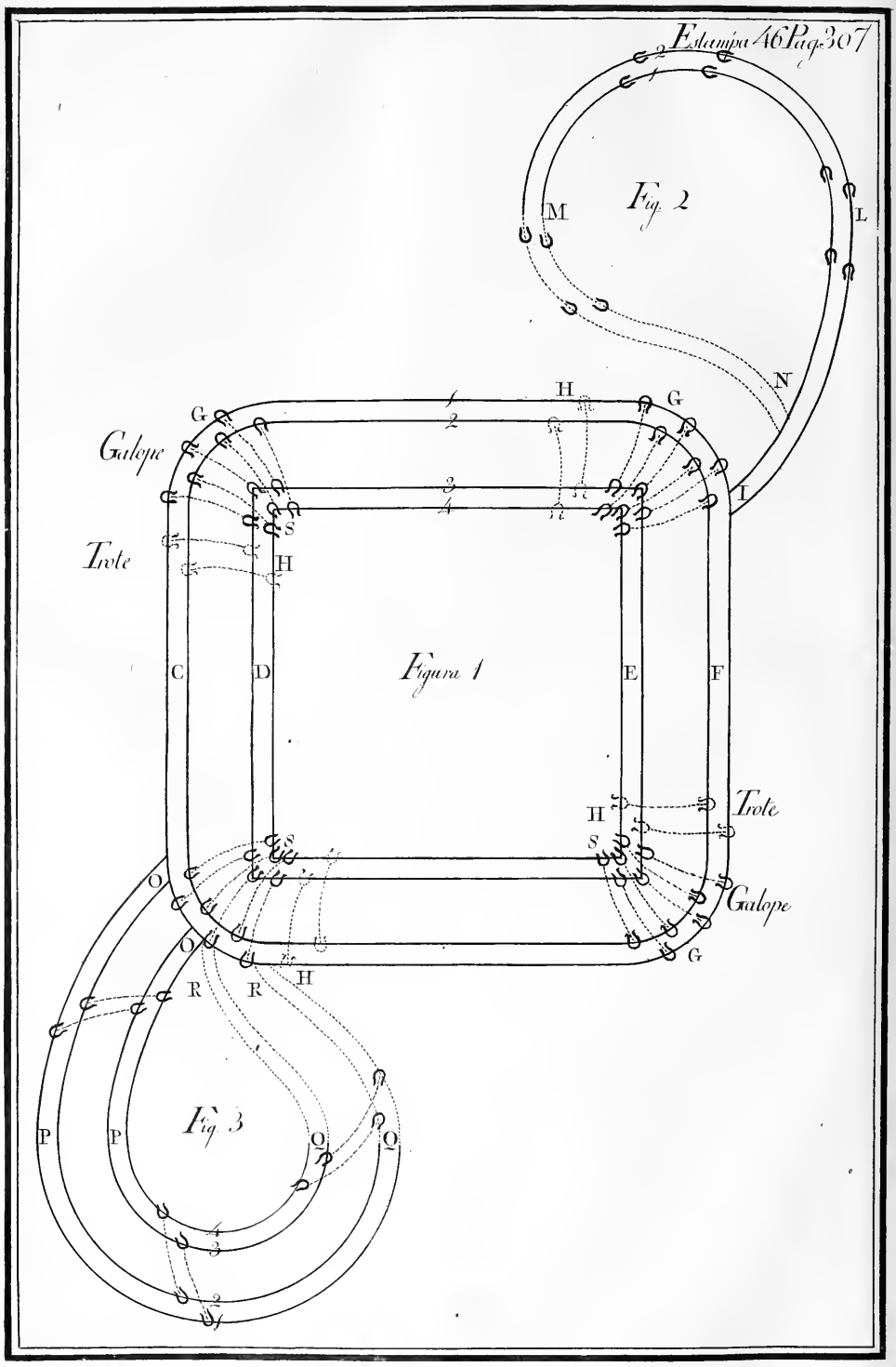


Fig. 2
M
L
N
H
G
Galope
I
S
Trote
H
C
D
Figura 1
E
F
Trote
H
S
Galope
G
O
O
R
R
H
Fig 3
P
P
Q
Q
4
3
2

dificando-lhe a velocidade, de ſorte que pelas linhas de pontinhos vá completar a paſſagem ſobre R, para entrar para as linhas N. 1., e N. 2. da Fig. 1., a fim de o deſdobrar da eſquerda para a direita entre a Letra C, e D, fazendo-o dobrar para eſta parte pelo meſmo modo que ſe obriga a mudar de acção da direita para a eſquerda.

## ESTAMPA XLVI.

### *Quadrado regular, marcando o Cavallo com as piſtas das eſpaduas as linhas exteriores, e com as da garupa as interiores mais proximas ao centro, &c.*

### *Lição da volta ao revés ſobre o quadrado regular.*

TAmbem he grandemente util para o facilitar, enſinallo a trabalhar ſobre hum terreno quadrado, marcando as piſtas das mãos as linhas menores N. 1., e N. 2., e as piſtas dos pés as linhas maiores N. 3., e N. 4. Entende-ſe que o Cavallo vai ſobre a volta ao revés no quadrado regular, logo que vence o terreno, indo para ſima das linhas, que vai marcar com as piſtas das mãos, e pés da parte concava, formando com as das eſpaduas quatro angulos rectos Letra D, Fig. 1., Eſt. XLVII., e com as dos pés por fóra deſtes angulos oito porções de circulos, como ſe vê na Letra F.

Neſta lição deve o Cavalleiro conſervar a mão direita de unhas aſſima (em quanto o trabalha para a direita) com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda; e quanto mais levar a mão da cernelha para a eſquerda, tanto mais o Cavallo ſe dobrará para a direita: a mão eſquerda deve trabalhar de unhas abaixo alguma couſa mais adiantada que a direita, a eſpadua direita deve atrazar-ſe, á proporção do que ſe adianta a eſquerda: a perna eſquerda deve ajudar mais atrás da terceira cilha; e a direita conſervar-ſe brandamente firme ſobre o eſtribo junto á primeira cilha, e o ſovaco para o fazer andar para diante, e ajudar a ſegurar-lhe as eſpaduas para o centro, principalmente nos angulos D, e F.

A lição da volta ao revés ſobre os quadrados he menos violenta, que ſobre os circulos, em quanto o Cavallo marcha pelos quatro lados; mas quando volta nos angulos, neceſſariamente o animal ha de determinar os movimentos da garupa F, com mais velocidade, porque as eſpaduas ficão muito unidas nos vertices dos angulos D; e aſſim ellas, como a garupa, ficão mais em liberdade, logo que paſsão delles para as linhas do quadrado A, B, G, H.

Deve o Cavalleiro enſinallo a que ande em movimento igual, e ainda nos vertices dos angulos o deve fazer andar unido por effeito das ſenſações das redeas ambas, e de ambas as pernas: ſe elle ſe encoſtar com exceſſo ſobre a eſpadua eſquerda (em quanto marcha dobrado para a direita) devem endireitallo, levando a mão eſquerda de unhas aſſima da cernelha para a direita, a fim de que una a eſpadua de fóra á de dentro; mas logo que obedecer, devem as mãos tornar-ſe a

pôr no ſeu lugar, para que não perca a dobra do peſcoço, de ſorte que totalmente ſe deſmanche da ſua figura, e acção.

O corpo do Cavalleiro deve ſempre equilibrar-ſe mais ſobre o eſtribo direito; porque quanto mais o Cavallo ſe dobra, mais a parte convexa (que he a eſquerda) ſoffre o pezo; por iſſo o do corpo do Cavalleiro ſe deve apoiar bem ſobre a parte concava.

Marchando de paſſo, e trote, levantão-ſe mais da terra a mão eſquerda, e o pé direito, porque tem mais movimento circular; e a mão direita, e pé eſquerdo levantão-ſe menos, porque a obliquidade da ſua direcção não lhe permitte dobrar tanto as juntas. Não obſtante ficar o Cavallo neſta lição mais ſobre a meia garupa eſquerda (em quanto anda dobrado para a direita) do que fica ſobre a meia garupa direita, em quanto anda dobrado para eſta parte, por iſſo a mão direita, e o pé eſquerdo he que entrão mais para baixo do ponto de gravidade.

## *Modo, por que o Cavallo marca o terreno, marchando ſobre a direita.*

DE paſſo, e trote na lição da volta ao revés ſobre o quadrado regular para a direita com as eſpaduas ao centro; a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., Letra D, a direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., Letra F, como ſe moſtra nas piſtas em preto da Fig. 1., Eſt. XLVII.; e como as eſpaduas no vertice do angulo ſe unem muito, a mão eſquerda move-ſe em huma oitava porção do terreno, em que ſe move o pé direito; e por conſequencia a mão direita em huma decima parte do terreno, em que ſe move o pé eſquerdo.

Quando galopa neſta lição, a piſta da mão direita marca a linha N. 1., Letra C, a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4., Letra E, como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos Fig. 1., &c. O Cavalleiro deve ter muito cuidado em que o Cavallo determine a direcção com igualdade, ou o enſine a andar de paſſo, de trote, ou de galope, ajudando-o promptamente em quanto elle o preciſar, disfarçando-lhe porém aquelles erros, ou defezas, que tiverem origem na ignorancia, na conſtrucção, na moleſtia, e na fraqueza.

Com ſemelhantes oppoſtas ſenſações devem trabalhallos tambem ſobre o quadrado regular na lição da volta ao revés, enſinando-os a dobrar-ſe para a mão eſquerda, como ſe moſtra nas piſtas da Fig. 2. da meſma Eſt. XLVII.

Marchando de paſſo, e trote para a eſquerda ſobre a Fig. 2., a piſta da mão direita marca a linha N. 1., Letra R, a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4., como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos Letra R, S.

Galopando ſobre a eſquerda, a piſta da mão eſquerda marca a Linha N. 1., Letra Q, a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., Letra O, como ſe moſtra nas piſtas em preto da meſma Fig. 2. O Cavallo vai em mais liberdade tambem para eſta parte, em quanto marcha ſobre as linhas dos lados O, P, V, e X, do que em quanto paſſa pelos angulos O, e Q.

*Paſ-*

## *Paſſagens de mão, cortando o terreno.*

PAra ſe enſinar o Cavallo a paſſar de mão da direita para a eſquerda, deve o Cavalleiro, quando o ſentir mais direito ſobre as linhas do quadrado, fazello entrar para diante ſobre linhas perpendiculares ao lado do quadrado, e fóra do terreno em que andava, enſinallo a formar hum ſemicirculo para o ir fazer paſſar de mão ſobre as linhas dos lados do quadrado em que andava, encruzando-o bem entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, a fim de que na paſſagem ſe levante das eſpaduas, para ſer mais prompto quando ſe deſdobrar da direita para a eſquerda. Os angulos da Fig. 9., Letra M, N, O, e os da Fig. 12. Eſt. IV. tambem podem formar-ſe ſobre a periferia de qualquer Figura, &c.

As paſſagens de mão, dividindo o quadrado, como ſe vê na Fig. 16. da meſma Eſt. IV., formando fóra do quadrado hum angulo curvilineo Fig. 7. da meſma Eſtampa, indo-o paſſar de mão ſobre as linhas do quadrado, e ficar marcando o terreno, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLVII., são muito viſtoſas, e maiormente são agradaveis, ſe pelo ſemicirculo do angulo ſe obriga o Cavallo a que forme algumas paſſadas, fazendo-o determinar com mais velocidade no principio do ſemicirculo, indo-lha depois modificando de ſorte que chegue ao vertice do angulo em hum movimento moderado, porque iſto concorre para o apromptar com mais facilidade.

Trabalhando-o para a eſquerda, ſe obriga a paſſar de mão por effeito das ſenſações das redeas eſquerdas, e da perna direita, marcando as Figuras das paſſagens da eſquerda para a direita pelo meſmo modo que tenho dito as deve marcar, e formar da direita para a eſquerda.

## *Movimentos, pelos quaes o Cavallo póde conhecer que o Cavalleiro o pertende deſdobrar da direita para a eſquerda.*

PAra o obrigar a que ſe deſdobre da direita para a eſquerda, deve o Cavalleiro affroxar-lhe as redeas direitas, ſegurar-lhe as eſquerdas, tendo a mão eſquerda de unhas aſſima, e o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, a mão direita de unhas abaixo; e ao meſmo tempo a perna eſquerda deve brandamente avançar-ſe, e a direita unir-ſe-lhe ao ventre logo atrás das cilhas, ſendo a actividade de humas, e de outras ſenſações proporcionada á ſenſibilidade do animal, para o obrigar no tempo da paſſagem a ir buſcar com o pé direito, e a mão eſquerda o ponto de gravidade, e logo equilibrar ſobre elle, e ſobre a mão o pezo do corpo. Digo que a perna ſobre o eſtribo eſquerdo deve unir-ſe firme entre a primeira cilha, e a eſpadua, para o conduzir aſſim depois da paſſagem para a eſquerda com a perfeição com que ſe conduzia, e marcava o terreno para a direita antes da paſſagem.

## ESTAMPA XLVII.

*Em que ſe vê como o Cavallo deve marcar o quadrado da volta ao revés regular para huma, e outra mão.*

OS Cavallos deſtinados para eſta lição devem ſer muito promptos, bem formados, fortes, e ſenſiveis; e como os que tem eſtas qualidades, ordinariamente são colericos, devem ſer enſinados com humas ſenſações o mais que puder ſer moderadas, para não lhes exaltar a paixão, de ſorte que ſe defendão, e deſobedeção com exceſſo, principalmente nas paſſagens de mão.

Quando as piſtas das mãos vão marcando as linhas do centro Fig. 1., Eſt. XLVII., N. 1., e N. 2., a garupa anda mais do que as eſpaduas; e por muito que o Cavallo ſe alargue das ancas, não póde com as piſtas dos pés ſeguir (principalmente nos angulos F) os radios das piſtas das eſpaduas D, ſenão eſtreitando-ſe dellas para o centro á proporção do que ſe alarga das ancas para a circumferencia: o meſmo ſuccede, trabalhando-o ſobre a Fig. 2.

Sabida a formalidade de enſinar o Cavallo a paſſar de mão, marcando as piſtas das eſpaduas as linhas da maior circumferencia, devo tambem dizer como ſe podem formar as paſſagens de mão, deſcrevendo a garupa a circumferencia dos circulos, e ſemicirculos maiores.

Marchando ſobre linhas obliquas para fóra do quadrado, deve o Cavalleiro enſinar o Cavallo a marchar direito pelos lados do angulo, e pelo ſemicirculo, ſegurar-lhe com as redeas direitas, e com a perna direita as eſpaduas para o centro, obrigando-o ao meſmo tempo com a perna eſquerda a tranſitar com as ancas por toda a maior circumferencia do angulo, e ſemicirculo, até pelos ſeus lados chegar com a garupa ao lugar da paſſagem: então do vertice ſobre as linhas do quadrado em que trabalhava, ſe enſina a mudar de acção da direita para a eſquerda pelo meſmo modo, por que ſe faz deſdobrar na paſſagem de outra qualquer lição. Não obſtante tudo iſto, póde o Cavalleiro fazello paſſar de mão deſta para aquella lição, que lhe parecer mais conveniente, e util, pois que o meu intento he unicamente moſtrar o modo, por que ſe fazem as paſſagens de mão na lição da volta ao revés, tanto deſcrevendo as eſpaduas a maior circumferencia do arco do angulo, ſobre que ſe fórma a paſſagem, como obrigando-o a deſcrever com as piſtas da garupa os arcos, ou ſemicirculos da maior circumferencia.

Quando as piſtas das eſpaduas marcão os ſemicirculos maiores, o pezo do corpo do Cavallo, e do Cavalleiro recahe mais ſobre a garupa, do que ſobre as eſpaduas; e quando deſcreve a maior circumferencia do ſemicirculo com a garupa, recahe a maior parte do pezo do corpo do Cavalleiro, e do Cavallo mais ſobre as eſpaduas do que ſobre a garupa.

Trabalhando na lição da volta ao revés ſobre os circulos, ſempre o Cavallo marca o terreno, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXVI., e na Fig. 1. da Eſt. XXXVIII.; pois ainda que pelas diverſas figuras planas, de que faço menção na li-

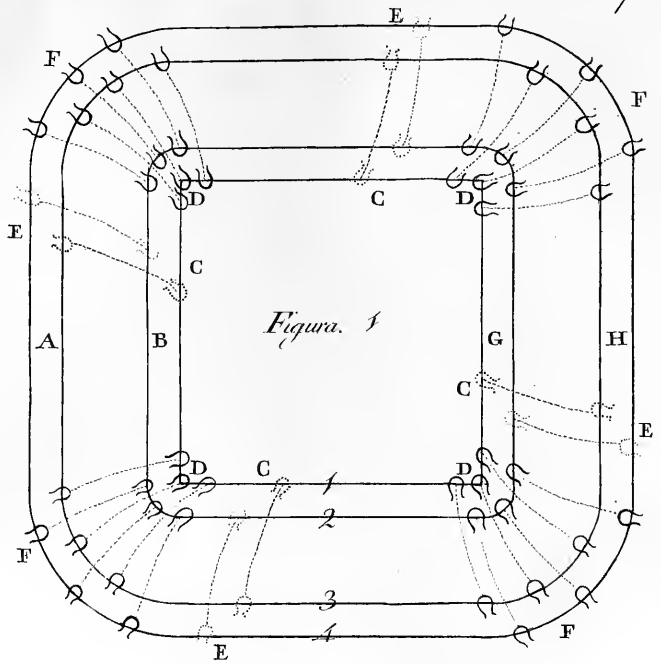



*Figura. 1*

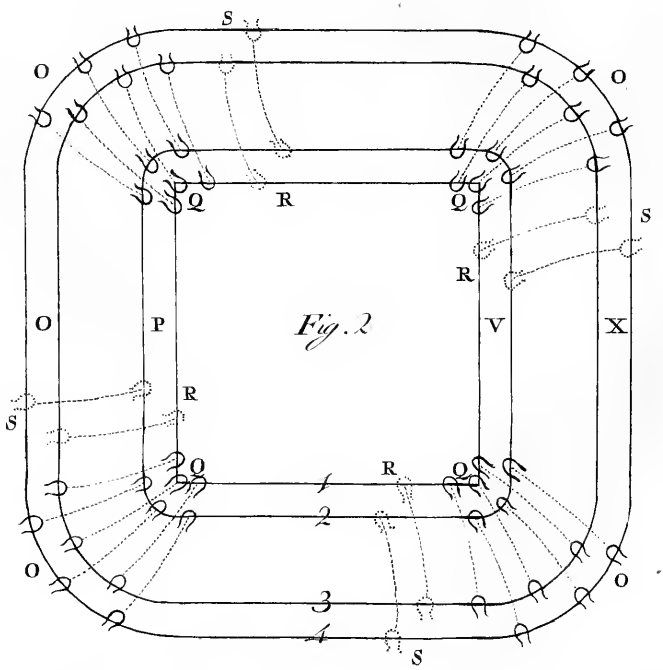



*Fig. 2*

lição da volta ao revés ſobre os circulos, e da meſma ſobre o quadrado regular haja as differenças que tenho moſtrado, com tudo os movimentos dos Cavallos não perdem a ſua ordem, por ſer a figura, em que os trabalhão, plana, circular, ou quadrada: bem entendido que ao paſſo, e trote marcão o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XXXVI., marchando dobrados ſobre a direita. Igualmente andando para a eſquerda, da meſma ſorte dobrados ao paſſo, e trote, marcão o terreno, como na Fig. 1. da Eſt. XXXVIII.; por conſequencia, galopando na acção da volta ao revés dobrados para a direita, marcão o terreno, como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos da Fig. 1., Eſt. XLVII.: logo, galopando para a eſquerda, marcão o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe moſtra nas piſtas em preto Fig. 2. da referida Eſt. XLVII.

# LIVRO VII.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe como ſe deve enſinar o Cavallo a galopar com o freio ſó : o modo de lhe enſinar a fazer toda a ſorte de paſſagens de mão : preſtimos das falſas redeas : effeitos, que fazem os differentes movimentos da mão da redea em todo o corpo do Cavallo: lição do Terra á terra, trabalhando-o com o freio ſó : lição da volta ao revés tambem com o freio ſómente: e lição do meio ar ſó com o freio.*

A PERFEIÇÃO das Sciencias, e das Artes ſempre neceſſita da protecção dos Principes ; e ſó quando elles ſe dignão promovellas , he que ellas florecem á medida dos deſejos com que os meſmos Soberanos as protegem, ſeja para a utilidade dos ſeus vaſſallos, ou para fazer memoravel para os vindouros o luſtre da ſua época.

Ditoſo Portugal, tu o experimentas com o feliz Reinado do Grande, do incomparavel Pai da Patria , Agricultor das Sciencias , e das Artes o Senhor Rei D. Joſé I. Tu viſte melhorar muito entre as mais a Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria ; e todos conhecemos ainda as vantagens, que ella tem produzido ; pois com a juſta protecção deſte Auguſto Soberano a obſervamos reveſtida de huma belleza toda nova, que tranſporta os animos daquelles meſmos, que ſe atrevião a eſcurecella, entendendo que o exercicio da Picaria arruina os Cavallos, e os faz incapazes do uſo ordinario, no que ſe enganavão.

Nós vemos eſta Arte em tão pompoſo gráo de perfeição , como eſteve no tempo de D. João I., e de D. Duarte, e nos dos ſeus progenitores, em que ella fez eſta victorioſa Monarquia émula daquellas felicidades , que por ſeu reſpeito lográrão Perſas, Gregos, e Romanos; e tanta differença lhe conſideramos, que todos os eſtrangeiros admirão a perfeição com que Sua Mageſtade , SS. AA., e outros habeis Cavalleiros hoje a manejão, ou põem em prática neſta Corte.

No Senhor Rei D. Joſé I. deo a Providencia a Portugal hum Principe dotado de tão ſublime entendimento, e de huma tão viva penetração de diſcurſo, que parece tinhão os altos deſignios deſtinado eſte Principe para noſſa felicidade, e augmento das Sciencias, e das Artes. Elle ſe applicou ao eſtudo deſta: e foi o meſmo

mo conhecer as ſuas utilidades, e os ſeus preſtimos que amar, proteger, e honrar aos que a ella ſe applicavão ; e quando foi que em Portugal ſe vio (á excepção do Reinado do Senhor D. João II., e D. Duarte) a propria mão, que regiamente ſuſtentava o Sceptro, fazer tanta honra á Arte da Cavallaria, empregando-ſe com tal deſvelo no exercicio della, e no profundo exame dos ſeus maravilhoſos preſtimos, &c.

Trabalhava Sua Mageſtade na Picaria, como inſigne Cavalleiro, com preferencia a muitos, e geral acclamação de todos. Elle era dotado de huma gentil, e mageſtoſa preſença, de talentos penetrantes, e de bella proporção em todo o corpo. Deo-ſe ao eſtudo deſta Arte com goſto exceſſivo, montando a cavallo todos os dias, já para trabalhar no Picadeiro, já para ir á caça, applicações, que ſem contradicção o conſtituírão grande Cavalleiro: por eſta razão me proponho moſtrar a maneira, com que elle enſinava os Cavallos na lição do galope, e outras, obrigando-os ſómente com o freio.

Faço eſta memoria do meu Auguſto Monarca doze annos depois do ſeu falecimento, para ſervir de exemplar aos que deſejarem obter o dom de Cavalleiros: tempo em que ſó me ſervem de eſtimulo para ſeu louvor as ſuas heroicas virtudes, e merecimentos. Ah, e ſe os meus deſvelos foſſem capazes de tão alta empreza! Mas tendo elle nas ſuas virtudes, e no ſeu nome todos os elogios ſó dignos da ſua alta, e de nós ſempre ſaudoſa Mageſtade, eu me contentarei com a facil lembrança que faço, referindo o quanto elle era inſigne no exercicio de montar a cavallo, expondo os ſeus preceitos aos que procurão alcançar os conhecimentos deſta util Arte, como o melhor original do mais perfeito Cavalleiro.

## *Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo ſobre a direita, enſinando-o com o freio ſó.*

QUando Sua Mageſtade fazia galopar qualquer Cavallo, dobrando-o ſó com o freio para a direita, foſſe elle ſobre as linhas do parallelogrammo, ou da muralha, linhas do quadrado, ou ſobre os circulos, com ambas as pernas o enſinava a entrar para diante, ou para a mão: firmava o corpo bem no meio da ſella, e com hum perfeito equilibrio ſe animava, e ſuſtentava a mão eſquerda voltada de unhas aſſima, atrazava a eſpadua direita, olhava para a parte para onde o Cavallo hia, e á proporção do que elle ſe dobrava, avançava a eſpadua eſquerda, fazendo-o por meio deſtas diligencias determinar bem para diante, obrigando-o a que levaſſe as eſpaduas bem perfiladas pelas linhas da garupa, iſto he, obrigando-o a conduzir-ſe de maneira direito no terreno, que as ancas ſempre ſeguiſſem as linhas por onde ſe conduzião as eſpaduas; e quer marchaſſe ſobre linhas rectas, ſobre obliquas, ou ſobre curvas, ſempre o encruzava bem entre as forças da redea direita, ou de dentro, e da perna eſquerda, ou de fóra, de ſorte que o formava na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

## ESTAMPA XLVIII.

*Sua Mageſtade enſinando hum Cavallo a galopar para a direita com o freio ſó, dobrando-o ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.*

PODem os Cavallos galopando ter mais, ou menos velocidade no movimento; mas os tempos com que ſe movem, ſempre são ſemelhantes em cada qualidade de movimentos, ou elles marchem mais, ou menos dobrados; e tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda. Principiando pois a galopar, determinando a direcção para diante, e para a direita, Sua Mageſtade, conſentindo com todo o ſeu corpo no balanço da galopada (ſem que de fóra ſe pudeſſe perceber) o hia encruzando entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, tendo a mão da redea alguma couſa para fóra da cernelha da parte eſquerda; e logo que a redea direita fazia a ſenſação da embocadura, e da barbela mais activa da parte eſquerda, o Cavallo era obrigado a voltar, e por conſequencia dar a cara para a direita com mais graça, e apôs iſſo repetidas vezes lhe trazia a mão eſquerda de unhas aſſima para dentro, a fim de o conſervar direito no terreno.

Deſta ſorte lhe formava o balanço do galope ſempre igual, e firme entre as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda; e ſe o Cavallo ſe deſigualava do movimento das eſpaduas, lançando-ſe ſobre a de fóra, então Sua Mageſtade, logo que trazia a mão da redea de unhas aſſima para dentro da volta, affroxando as ſenſações da perna eſquerda, e fortalecendo as da perna direita, o fazia igualar dos movimentos das eſpaduas, para a garupa as ſeguir com facilidade (ſe o Cavallo marchava pelo direito ſobre linhas parallelas), e ſe marchava ſobre linhas obliquas, ou curvas, obrigava-o á proporção, ſem perder o tempo do movimento, nem a igualdade das diſtancias do terreno.

Se entrava, ou carregava muito na mão com o pulſo muito ligeiro, e flexivel, lhe formava muitas meias paradas, tendo o corpo atrás, e firme algumas vezes, e outras tirando huma redea depois de outra, ou tambem ſuſtentando a mão da redea para ſi firme, e com força proporcionada á poſſibilidade, e deſordem do Cavallo, para o enſinar com eſtas diligencias a conſervar hum movimento, e acção perfeita, repetindo-lhe deſte modo as lições até o aperfeiçoar no ſeu galope.

Quando o Cavallo ſe quer fortalecer na defeza de não ſahir para diante, ou entrar na mão, deve o Cavalleiro firmar-ſe bem ſobre o ponto de equilibrio; e ſem pender para trás, abrandar-lhe a mão, obrigando-o com ambas as pernas a ir para diante, endireitando-o deſte modo entre ellas, e as redeas ambas, o mais que póde, até o render facil, e prompto a obedecer a ambas as redeas, e ás pernas ambas.

Silva delin.t

Manuel Alegre sculp.

## *Paſſagens de mão, galopando da direita para a eſquerda.*

ANimava Sua Mageſtade qualquer Cavallo ſempre bem igual no movimento do ſeu galope; e quando o principiava a enſinar a paſſar de mão, encruzava-o cada vez mais entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, obrigando-o a marchar humas vezes ſobre linhas rectas, e outras ſobre curvas, fazendo-o ir ſempre bem para diante; e ſahindo pelo angulo que lhe era mais conveniente, o enſinava a paſſar pela maneira ſeguinte.

Quando queria fazello paſſar de mão da direita para a eſquerda, fazia-o partir para fóra do terreno, em que o trabalhava, dous, ou tres comprimentos do corpo do meſmo Cavallo, ou mais, ſe era preciſo, e com ambas as redeas, e as pernas ambas o enſinava a formar o arco do angulo para ir completar a paſſagem no lugar que lhe parecia mais proprio, para o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda: então no tempo em que com ambas as redeas, e as pernas ambas o fazia chegar ao vertice do angulo, avançava o quadril, e eſpadua direita, atrazava a eſpadua, e quadril eſquerdo, ſeguindo com as mãos, e pernas promptamente eſtes movimentos, e no ponto da paſſagem ſegurava-lhe mais a mão eſquerda de unhas aſſima, a direita de unhas abaixo: unia-lhe a perna direita logo atrás das cilhas, e a eſquerda entre a primeira cilha, e o codilho; e prevenido aſſim, inſtantaneamente o fazia mudar de acção da direita para a eſquerda, fortalecendo, e modificando a actividade das ſenſações do corpo, mãos, e pernas á proporção da obediencia com que o Cavallo lhe correſpondia até o formar na meſma bella acção para a eſquerda, em que antes da paſſagem andava para a direita.

## *Modo de formar as paſſadas, enſinando o Cavallo com o freio ſó.*

HAvendo ElRei enſinado hum Cavallo a paſſar de mão (quando o achava mais facil) tambem o obrigava a formar as paſſadas pelo arco do angulo: então animava cada vez mais a ſua figura, encruzando-o bem entre as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, fazendo-lhe ſentir alguns toques da perna de fóra mais actívos, e inſtantaneamente até formar tres, ou quatro paſſadas, moderando-lhe logo a força das ſenſações do corpo, mãos, e pernas até chegar ao vertice do angulo em hum movimento mais modificado, para o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda, ſem elle ſe apaixonar. Ora no tempo da paſſagem affroxava-lhe as ſenſações da perna eſquerda, e da redea direita, avançava a eſpadua direita, atrazava a eſquerda, fortalecia-lhe as ſenſações da perna direita, e o Cavallo apôs iſſo ſeguia o balanço, e movimentos da galopada para a eſquerda na meſma acção, em que antes da paſſagem ſe preſentava para a direita.

Fórma o Cavallo a galopada com dous balanços, hum das eſpaduas, e outro da garupa, compoſtos de quatro movimentos principaes; e a compreſsão dos muſculos de todo o corpo concorre para os referidos movimentos, aſſim no balanço das eſpaduas, como no da garupa. O primeiro movimento no balanço das eſ-

paduas (em quanto anda para a direita) faz avançar a mão direita : o ſegundo a mão eſquerda: no balanço da garupa o terceiro movimento faz avançar o pé direito, e o quarto o pé eſquerdo. No balanço das ancas marca primeiro a terra a piſta do pé eſquerdo N. 4., depois a do pé direito marca a piſta N. 3.: logo no balanço das eſpaduas marca primeiro a terra a piſta da mão eſquerda N. 2., e depois a piſta da mão direita N. 1. marca a ultima poſição.

Tendo ElRei feito paſſar o Cavallo de mão ſem acceleração de movimento, com ambas as pernas, e as redeas ambas o enſinava a ir para diante , dobrando-o cada vez mais com as forças da perna direita , e da redea eſquerda , virando a mão eſquerda repetidas vezes de unhas aſſima, inclinando-a da cernelha para a direita com o dedo minimo voltado para a eſpadua de fóra , em quanto aſſim caminhava , ſem que iſto lhe ſerviſſe de embaraço a conſentir com toda a ſua bella figura na dobra , e no balanço , que o Cavallo obſervava em todo o corpo , galopando para eſta mão. Iſto ſuppoſto, paſſo a moſtrar a boa ordem com que o Sereniſſimo Principe D. João enſina os Cavallos , em que anda , dobrando-os para a eſquerda.

## *Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo dobrado para a eſquerda ſómente com o freio.*

OBriga S. A. qualquer Cavallo a que principie a galopar alguma couſa dobrado para a eſquerda, enſinando-o a entrar para diante com ambas as pernas; e logo com as redeas ambas o encaminha, já momentaneamente, já ſucceſſivamente , ſegundo permitte a ſua ſenſibilidade: rende-lhe repetidas vezes a mão da redea com o pulſo firme , e a mão flexivel , levando-a da cernelha ora para huma, ora para outra parte, endireitando-o por eſte modo dos movimentos das eſpaduas, e das ancas. Tambem com todo o ſeu corpo conſente no movimento que o Cavallo faz para galopar ; e apôs iſſo o vai encruzando cáda vez mais entre as ſenſações da redea eſquerda, e da perna direita, conſervando a mão da redea de unhas aſſima , com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita , e cada vez a ſegura mais tempo inclinada para a direita, a fim de que as ſenſações da embocadura, e barbella ſejão mais actívas da parte direita, para obrigarem o Cavallo a voltar, e dar a cara para a eſquerda, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA XLIX.

## *O Sereniſſimo Principe D. João enſinando hum Cavallo a galopar, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.*

COnſerva S. A. o Cavallo ſempre igual no movimento, e prompto a obedecer ás ſenſações da redea eſquerda, e da perna direita; e logo que elle ſe lança ſobre a eſpadua de fóra, o emenda, levando-lhe a mão da redea de unhas abaixo da cernelha para a eſquerda, ou para dentro da volta, affroxa as ſenſações da perna

Silva del. et sculp.

na direita ; e ſe he preciſo , fortalece as da perna eſquerda para o enſinar a indireitar-ſe dos movimentos das eſpaduas , e collocar bem toda a ſua acção ſobre a garupa. Quando o enſina a marchar ſobre linhas rectas, obriga-o a dobrar-ſe pouco do peſcoço , fazendo-lhe menos activas as ſenſações da redea de dentro , e da perna de fóra ; e quando o faz marchar ſobre linhas curvas , obriga-o a dobrar-ſe mais, fortalecendo-lhe as ſenſações das redeas de dentro, e da perna de fóra.

Se o Cavallo péza na mão, iſto he, ſe deſcança ſobre a embocadura do freio, repetidas vezes lhe fórma meias paradas, e paradas mais, e menos firmes, ſegundo o Cavallo as preciſa; e neſte caſo tem o pulſo muito ligeiro, e facil, tem o corpo atrás , ſegura a mão eſquerda para ſi com força , e actividade proporcionada á ſenſibilidade que lhe acha na boca, e no eſpinhaço, repetindo-lhe todas eſtas diligencias as vezes que o preciſa , até o enſinar a obedecer , galopando para a eſquerda com facilidade, e perfeição.

Se ſe detem, e não entra para a mão, ſeja por buſcar a defeza de ficar para trás , ou tambem por ſer coceguento , e raivoſo ao freio , á perna , e á eſpora, S. A. áquelles, que temem as ſenſações da embocadura do freio, rende ſubtilmente a mão, regulando-lhe o ſeu tacto pela ſenſibilidade da boca do animal até conſeguir delle huma obediencia prompta, e facil.

Se buſca a defeza de ficar para trás , por ſer coceguento á perna, e eſpora, firma-lhe então mais o corpo atrás em huma acção forte , e viva , uſa menos das ſenſações das pernas , e eſporas , fazendo-lhas ſómente ſentir , quando elle vai mais facil (mas inſtantaneamente) , e para o enſinar a que ſe determine por meio das ſenſações do corpo, dos joelhos, da falla, e da vara. Tambem he neceſſario fazer-lhe ſentir eſtas ſenſações ſem tenacidade , uſando ora de humas , ora de outras até o aperfeiçoar no movimento do galope, que lhe he mais proprio.

## *Fórma, com que S. A. enſina qualquer Cavallo a paſſar de mão, galopando da eſquerda para a direita.*

QUando S. A. pertende fazer paſſar o Cavallo de mão da eſquerda para a direita ſobre o tempo , encruza-o cada vez mais entre as ſenſações da redea de dentro , e da perna de fóra ; e ſem deſconcertar a ſua bella figura , o obriga a marchar pelas linhas que lhe ficão mais convenientes, e pelo arco, e lados de hum angulo maior , ou menor o faz paſſar de mão , deſdobrando-o com muita facilidade, e deſembaraço da eſquerda para a direita, já fazendo-o paſſar de duas, ou de quatro piſtas, já formando-lhe as paſſagens tranſtornadas , ou eſperando o tempo de as executar.

Se o faz paſſar, eſperando o tempo, quando elle vai com obediencia, ou ao menos com mais facilidade, obriga-o a formar hum angulo; e com a redea eſquerda, e a perna direita, chegando-o ao lugar da paſſagem, o faz unir cada vez mais ſobre a meia anca eſquerda , e então bem no vertice do angulo lhe affroxa a redea eſquerda, e a perna direita, fortalecendo-lhe as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, até o Cavallo ſe deſdobrar da eſquerda para a direita. No tempo,

po, em que S. A. lhe affroxa a redea eſquerda, avança a eſpadua eſquerda, atraza a direita, e finalmente o enſina a formar-ſe na acção do galope ſobre a mão direita com igual perfeição áquella, com que tenho dito o faz galopar ſobre a mão eſquerda, porque tem a propriedade, e dom de conhecimento de os formar no movimento do galope, que lhe he mais proprio, e aſſim da meſma ſorte para os enſinar nas mais lições.

Não ſe deve entender que o Cavallo paſſou bem de mão, ſómente por ſe deſdobrar da eſquerda para a direita, ou da direita para a eſquerda, mas ſim pelo movimento que faz com todas as partes do corpo, quando o fazem deſdobrar de huma para outra mão. Havendo-o pois diſpoſto na lição do galope (ſeja Potro, ou Cavallo ainda ignorante) querendo-o fazer paſſar de mão, deve o Cavalleiro diſpôr-ſe, como tenho referido que vi praticar a Sua Mageſtade, e SS. AA. (Exemplo.) Se o Cavallo anda galopando ſobre a direita, deve o Cavalleiro no principio da paſſagem animar toda a ſua figura á proporção da actividade, e viveza com que o Cavallo ſe determina para o fazer entrar no apoio do freio com ſuavidade; e logo que uſar bem da garupa no principio do ſemicirculo, recolhendo as pernas bem para baixo do ventre, então o Cavalleiro lhe deve ter o corpo atrás, e firme, unindo-lhe as pernas á barriga, logo atrás das cilhas, atrazando ao meſmo tempo a eſpadua direita, avançando a eſquerda, ſituando bem toda a ſua figura para contrapôr-lhe a força das redeas á força das ſenſações das pernas, a fim de que o Cavallo lhe obedeça, e ſe deixe encruzar o mais que puder ſer entre a redea direita, e a perna eſquerda pelo arco do angulo, e lados delle até chegar ao vertice, como tambem depois no terreno, em que trabalhar; pois que de outra ſorte não ſe póde enſinar ao Cavallo, como ha de fazer as paſſagens de huma para outra mão.

Todas eſtas prevenções, e movimentos deve o Cavalleiro fazer-lhe ſentir de ſorte, que por effeito da propriedade das ſenſações com que o enſinão, obedeça com igual facilidade. Se o fizerem paſſar de mão, cortando o terreno, como ſe moſtra na Eſt. XV. pelas linhas N. 5., Letra E para L, N. 4., o Cavalleiro o deve endireitar ſucceſſivamente entre ambas as redeas, e ambas as pernas, o mais que puder ſer; e quando o Cavallo chegar com as eſpaduas ás linhas R no tempo do balanço da garupa, devem deſdobrallo da acção, que até alli ſuſtentava, da direita para a eſquerda, cuja mudança principia pela redea eſquerda, a qual lhe faz voltar a cara, e dobrar o peſcoço, e eſpaduas para a eſquerda, principalmente ſe a perna direita lhe ſegura logo as ancas para a eſquerda. Ora para o Cavallo continuar o ſeu galope, dobrando-ſe em boa acção para eſta parte, he preciſo não ſó no tempo da paſſagem avançar o Cavalleiro a eſpadua direita, e atrazar a eſquerda, mas conſervar deſte modo toda a acção, tendo a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, para que a redea eſquerda lhe faça voltar a cara, e dobrar o peſcoço, e eſpaduas do Cavallo para a eſquerda: logo em tal caſo a mão direita deve conſervar-ſe alguma couſa mais alta, e avançada do que a eſquerda, hum pouco de unhas abaixo, para apreſentar á viſta huma ſymmetria igual em tôda a figura do Cavalleiro.

Se

Se marcha de duas piſtas, marca o terreno, como ſe moſtra nas de G, e N, Eſt. XV.; e ſe galopa com as eſpaduas dentro, ou ao centro, marca o terreno, como ſe vê nas piſtas, e linhas de R, e Q. Todas as funções, e movimentos da paſſagem ſe fazem em quanto o balanço da garupa ſe continúa para as eſpaduas, a fim de que deſcendo ellas no ſeu balanço, volte o Cavallo para dentro, avance, e alargue a mão, e eſpadua eſquerda para o centro da volta em que vai andar, unindo a ella a eſpadua de fóra. Tambem quando o Cavalleiro ſuſtenta a redea eſquerda com mais apoio, trazendo a mão para dentro da volta, deve a perna direita ao meſmo tempo unir-ſe ao ventre do Cavallo, para que no balanço com que as ancas ſeguem as eſpaduas, ſe alargue, e ſe avance a anca, e a perna de dentro para a volta, e para diante; e a perna, e a anca de fóra ſe atrazem, e ſe unão á de dentro. E ſeja qual for o angulo em que ſe formar a paſſagem, ſempre o Cavallo a deve fazer com facilidade, ſendo encaminhado da meſma ſorte ſobre as linhas parallelas ao comprimento, ou á largura do terreno do Picadeiro; e o Cavalleiro ſempre o deve deſdobrar da direita para a eſquerda com a meſma formalidade de ſenſações.

Nas paſſagens cortando o terreno, e ſobre as parallelas á largura, ou ao comprimento do manejo, tanto que a redea eſquerda obriga o Cavallo a voltar para eſta parte, o devem ajudar com a perna direita, logo depois de voltar; mas nas paſſagens ſobre os angulos, principalmente rectos, ſó o devem ajudar com a perna direita, depois da redea eſquerda o fazer voltar para o centro, e avançar a eſpadua eſquerda, a fim de que no ſegundo tempo ſe poſſa unir a ella a direita para vencer o preciſo terreno, e ſe endireitar ſobre as linhas da muralha, e depois he que a perna direita do Cavalleiro o deve ajudar a fazer alargar da garupa para avançar a perna eſquerda, e unir a ella a direita. Eſtas paſſagens de mão são boas para ir diſpondo, e facilitando os Cavallos tambem com o freio ſó, porque lhe obrigão pouco as forças do eſpinhaço, garupa, e curvilhões.

## *Modos de enſinar os Cavallos, que fogem de formar as paſſagens de mão, ficando para trás.*

HA Cavallos, que ſe demorão, quando ſentem que os querem diſpôr para entrar á paſſagem; e huns fogem das ſenſações do freio, e cabeção, outros o fazem por ſerem muito rudes ás ſenſações das pernas: os que o fazem por medo do freio, e cabeção, são ſenſiveis da boca, e do focinho; e os que ſe detem á perna, são rudes a ella, ou demaziadamente coceguentos. Tambem fogem por ſerem fracos, por ſerem mal formados das pernas, por terem pouco deſembaraço para alargar, e avançar a parte de dentro, e por lhes cuſtar mais a dobrar-ſe para huma, do que para outra mão. Se fogem das ſenſações do freio por ſenſiveis, devem ajudallos na paſſagem, tendo a mão da redea branda, ligeira, e firme: ſe ſe demorão por ſerem pouco ſenſiveis da boca, focinho, e ventre, deve o Cavalleiro na paſſagem ter-lhes mais fortemente o corpo atrás, e a mão firme, contrapondo-lhes as ſenſações das redeas ás das pernas com igual força para os fazer entrar para diante,

te, e mudar de acção mais promptamente na paſſagem. Logo neceſſariamente aos que são pouco deſembaraçados, he preciſo fazellos mais faceis com o ſucceſſivo coſtume de os fazer paſſar de mão neſta, e nas lições antecedentes, principalmente ſobre a volta, para os render cada vez mais faceis.

## *Dos que fogem de formar as paſſagens, arremeſſando-ſe a ellas, entrando muito na mão, ou fugindo para diante; e dos que tomão ſentido no lugar, e modo de os paſſar de mão.*

ALguns Cavallos fogem muito para diante, por ſerem demaziadamente ardentes, e colericos; outros porque são muito coceguentos; e huns, e outros o fazem para ſe livrarem da ſujeição a que os conduzem as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro: a eſtes devem fazer meias paradas, e paradas firmes nas extremidades das linhas da muralha, e lugar da paſſagem, maiormente ſe elles tem boa garupa, iſto he, ſe tem baſtante força nas ancas, e não querem uſar bem dellas; em tal caſo lhes he tambem util parallos nas paſſagens, e tirallos atrás para os enſinar a que ſe demorem, percão o ſeu máo coſtume, e dem tempo a que os obriguem a formar as paſſagens ſobre huma, ou outra mão regularmente.

Se o Cavallo tomar ſentido no lugar, em que o coſtumão paſſar de mão, e ſe for diſpondo para a paſſagem, quando for chegando áquelle ſitio, então devem conſervallo na figura ſem acceleração de movimento, e formar-lhe alguns pequenos circulos para o arredondar da direcção das eſpaduas, e da garupa, a fim de o ir fazer paſſar de mão em outro lugar, quando for ſem eſſa vontade, para ſeguir as ſenſações, que o enſinão a deſdobrar-ſe na paſſagem de huma para outra parte, quando o Cavalleiro quer.

Logo que ſe deſdobrão, eſta caſta de Cavallos, de hum para outro lado, devem enſinallos pouco a pouco a que ſuſtentem a igualdade de movimentos, e de acção na dobra de toda a ſua figura com aquella graça com que ſe movião, e ſituavão no terreno antes de paſſarem de mão; iſto he, ſe elles antes de paſſar ſe dobrarem na figura correſpondente á acção em que trabalhão, recommendo que os obriguem a pouco e pouco, porque elles ſe não determinem a puxar pela mão.

## *Contra-paſſagens de mão, e paſſagens tranſtornadas, trabalhando com o freio ſó.*

COntrapaſſar de mão para a eſquerda he cortar o terreno mais, ou menos largo, Eſt. XV., pelas linhas F, L; e quando o Cavallo ſe for chegando á Letra O, enſinando-o a unir-ſe, e a indireitar-ſe entre as redeas ambas, e ambas as eſporas, como ſe o quizeſſem paſſar de mão: então o devem encruzar mais entre a força da redea de dentro, e da perna de fóra, para o obrigar a que junto ás linhas da muralha faça hum pequeno ſemicirculo para ſima dellas, e determine a direcção dobrado para a meſma volta, em que trabalhava antes de principiar a cortar o terreno, ou contrapaſſar de mão, ſeguindo ſem dúvida as linhas N, e G, encru-

cruzando-o cada vez mais entre as forças das redeas de dentro, e da perna de fóra: he eſta lição boa para ſegurar a garupa ao Cavallo, alevantallo das eſpaduas, e fazello obediente ás mãos, e pernas do Cavalleiro; do meſmo modo ſe faz contrapaſſar de mão para a direita pelas linhas P, L, M, e N, Eſt. LIX.

As paſſagens, a que chamão tranſtornadas na lição do galope, podem fazer-ſe em qualquer parte do Manejo (mas eu faço menção dellas, executando-as ſobre a meia volta curva, que tem por centro o angulo do quadrado, Eſt. LIX., Fig. 2., G, H, I); e tanto que ſe poſtar ſobre as linhas da muralha dous tempos, ou tres das eſpaduas, e outros tantos da garupa (ſe anda para a direita), podem carregar-lhe alguma couſa a mão da redea de unhas aſſima para fóra da cernelha da parte eſquerda; e apôs iſſo fortalecer-lhe a ſenſação da perna eſquerda, que logo por effeito da redea direita, e da perna eſquerda elle ſe dobrará, tendo as eſpaduas para o centro dous, ou tres balanços da ſua galopada, em que por conſequencia as ancas ſe unem á muralha; mas para o fazer deſdobrar da acção, devem obrigallo a chegar com as eſpaduas em outros dous, ou tres balanços da galopada ás linhas da muralha, para entrar com as ancas para o centro, e completar a paſſagem: então inſtantaneamente ſe lhe devem affroxar as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, fortalecendo-lhe logo as da redea eſquerda, e as da perna direita, para lhe tranſtornar as eſpaduas bem para o centro, e fazello paſſar com perfeição: eſtas paſſagens são muito viſtoſas, poſto que alguma couſa mais violentas que as que ſe fazem ſobre o tempo das eſpaduas, e com tudo ellas não violentão muito as forças dos Cavallos nos rins, garupa, e curvilhões, por ſerem ſempre feitas perto da terra.

Por meio das paſſagens tranſtornadas ſe obriga o Cavallo a fazer-ſe muito agil para voltar ſobre humas, e outras partes, e por conſequencia obedecer a huma, e outra redea, ſituar-ſe bem no terreno, e galopar com facilidade, tanto ſobre a volta, e quadrados, como ſobre a volta ao revés com o freio ſó. Tambem para ſe determinar em toda a qualidade de paſſagens, deve chegar ao lugar em que o fazem deſdobrar de huma para outra acção com a obediencia, e ſeguro da cabeça, eſpaduas, e garupa entre as forças com que o obrigão as mãos, e as pernas do Cavalleiro.

Não deve paſſar, determinando o ſeu movimento falſo, ou deſunido, ſem obſervancia de tempo, ou de terreno, antes deve ſempre chegar ao vertice do angulo, ſobre que ſe fórma a paſſagem, em movimento igual, e manſo; porque iſto ſerve para o Cavalleiro ſe fazer obedecer bem do Cavallo, e paſſallo de mão, quando, e aonde quizer, ſem elle ter difficuldade, ou dúvida; e pelo meſmo modo ſe enſina a fazer a paſſagem ſobre a meia volta da Fig. 4., Eſt. LIX., D, E, F.

## *Paſſagens de mão, eſperando o tempo, e o modo de as fazer tambem ſobre a meia parada, e ſobre a meia curveta.*

HAvendo-ſe diſpoſto o Cavallo, como tenho dito, e querendo-o fazer paſſar de mão (eſperando o tempo em que ſe for approximando ao lugar da paſſagem), devem animallo com ambas as pernas, tendo-lhe a redea de dentro mais firme, e o corpo alguma couſa atrás, em huma acção forte, e viva, para que pela curvidade do meio circulo ſe levante ás paſſadas, rebatendo bem os movimentos da garupa, até que ſobre o vertice do angulo ſe deſdobre da direita para a eſquerda; e para elle ſe apoiar mais ſobre a meia garupa direita, com a redea direita, e a perna eſquerda, ſe obriga vivamente a levantar-ſe das eſpaduas para mudar de acção para a eſquerda ſobre a Letra I, Fig. 2. Logo a redea eſquerda, e a perna direita he que o fazem deſdobrar de huma para outra mão; e eſtas paſſagens lhe obrigão mais que as precedentes as forças dos rins, garupa, e curvilhões: razão, por que he preciſo ſerem elles bem vigoroſos deſtas partes dos ſeus corpos para as executar com perfeição.

Para lhe enſinar a formar as paſſagens de mão ſobre a meia curveta, deve o Cavalleiro com as mãos, pernas, e corpo obrigallo a eſperar o tempo da paſſagem, quando chega ao lugar, em que o pertendem fazer mudar de acção, fazendo-o levantar em huma meia curveta; e quando for abaixando as eſpaduas (ſe o fazem paſſar da direita para a eſquerda), então he que devem dar-lhe liberdade na redea direita, affroxar-lhe a perna eſquerda, unindo-a á primeira cilha, fazendo-lhe ſentir a direita mais forte logo atrás das cilhas, para ſe deſdobrar da acção da meia curveta, fazendo a paſſagem de ſorte, que quando as piſtas das mãos tocarem a terra, ha de ter mudado toda a ſua acção da direita para a eſquerda; mas não ſe deve pertender que os Cavallos fação eſta caſta de paſſagens, ſem primeiro eſtarem bem adeſtrados na lição das curvetas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro. Eſtas paſſagens de mão são muito viſtoſas, e proprias para os Cavallos bem formados, fortes, e ſenſiveis; e o corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro paſsão neſta pelas meſmas funções por que paſsão, quando o formão em outra qualquer paſſagem de mão, ſó com a differença de ſer a paſſagem feita muito de vagar. Eu confeſſo que aos Cavallos, que não tem forças competentes para eſte trabalho, a agilidade do Cavalleiro, e o coſtume da lição podem de alguma ſorte ſubſtituir-lhe a falta que nellas tiver; mas ſe os expectadores forem ſcientes, podem com razão criminar aquelle Cavalleiro, que obriga os Cavallos a formarem eſtes trabalhos, que elles pela ſua debilidade, e conſtrucção não podem executar ſem o riſco de ſe arruinarem com o ſeu uſo.

Os Cavallos mal formados, e fracos, ſendo muito obrigados, commummente ſe arruinão, ou ſe defendem: por iſſo La Guerinieri diz no Cap. V. Art. 1. » A » maior parte dos que montão a cavallo não tem mais que huma idéa confuſa » dos movimentos das mãos, e pernas deſtes animaes: ſendo eſte conhecimento » aliàs eſſencial para o Cavalleiro fazer bom uſo da lição. »

Ain-

Ainda que ha differentes fórmas de fazer paſſar os Cavallos de mão, e mudar de humas para outras acções, he certo que todas as paſſagens devem ſer feitas ſobre quatro tempos; porque elles quando paſsão de mão, neceſſariamente ſe hão de mover ſobre os ſeus pés, e mãos, ſejão ellas formadas ao paſſo, ao trote, ou de galope; e ainda que faça galopando dous balanços na ſua galopada, he ſem dúvida que tanto o balanço das eſpaduas, como o da garupa ſe compõe cada hum de dous movimentos principaes, ou o Cavallo diſtribua os movimentos com maior, ou menor velocidade: logo por conſequencia com cada braço, e cada perna fórma cada hum dos quatro tempos nas paſſagens, como tenho ponderado.

## *Effeitos da mão da redea em commum, trabalhando ao Cavallo com o freio ſó: e os movimentos principaes, com que ella faz uteis as ſenſações da embocadura, e da barbella.*

OS movimentos da mão da redea ſervem para obrigar os Cavallos a que ſe ſubmettão com igual regularidade a tudo quanto o Cavalleiro quer que elles fação. Pignateli, La Brow, Pluvinel, Newcaſtle, e outros dizem » O perfeito » Cavalleiro deve ter a mão da redea ſuave, ligeira, e firme; » e eu paſſo a moſtrar a razão, por que me parece cuſta a muitos Cavalleiros adquirir eſtas eſſenciaes qualidades.

Se o Principiante nas primeiras lições entrar a trabalhar com as redeas ordinarias do cabeção, terá a mão aſpera, e mal poſta por dous motivos: Primeiro, a maior força que elle faz para trabalhar, tanto as redeas do cabeção, como as correas de vencer, lhe engroſsão a facilidade, e a ligeireza do pulſo: o ſegundo he procedido do primeiro. A maior força, que o Principiante faz para operarem as redeas do cabeção, ſenão tem ainda ganhado equilibrio, ou aſſento da ſella, elle vai fazendo na mão a ſegurança, que não tem obtido do ſeu pouco exercicio, ou tempo de lição, perde a ligeireza do pulſo; e ſendo creado com taes principios, pela maior parte ha de ter a mão aſpera, e o pulſo pouco engraçado na ſua flexibilidade, e movimento.

Se ao contrario o Principiante não for creado neſte erro, e o fizerem ao principio trabalhar ſó com as redeas do freio, naturalmente ha de ſegurar-ſe menos na mão; por iſſo recommendo tanto que não o fação trabalhar com as redeas do cabeção, nem ainda quando andar ſobre os circulos, meias voltas, lição da garupa ao Pilão, ou nos reverſos da cara contra a muralha, teſta, e eſpaduas contra o Pilão, &c. ſem que primeiro obſervem os Meſtres ſe elle eſtá capaz de vencer as difficuldades, que de ordinario lhe ſervem de obſtaculo para ſituar-ſe em boa figura, trabalhando em qualquer deſtas lições.

Senão fizerem eſtas advertencias, jámais os Cavalleiros terão boa igualdade de equilibrio, e poderão adquirir aquellas perfeições, que não procedem ſómente dos differentes movimentos da mão: e bem ſe deixa ver que ſe o Cavalleiro não tiver bom aſſento da ſella, e por conſequencia tiver a mão da redea aſpera, e o pulſo pouco flexivel, não conſervará nem a ſenſibilidade na boca do Cavallo,

nem a igualdade do ſeu movimento natural, conſiſtindo niſto a ſua maior perfeição.

Tem o Cavallo na conſtrucção de todo o corpo quatro determinações eſſenciaes, e naturaes, que vem a ſer: ir para diante, andar para trás, obliquar para a direita, e obliquar para a eſquerda. A mão da redea tem á proporção quatro movimentos tambem principaes, que são, render a mão, ou adiantalla, ſuſtella, ou ſeguralla mais, ou menos alta, levalla para a eſquerda, e trazella para a direita. O principal ſentimento da mão procede da maior, ou menor delicadeza do tacto. Ora ſendo os homens todos provídos de partes nervoſas, em as quaes ſe fórma eſte ſentido, elle neceſſariamente ha de ſer mais delicado em huns, do que em oútros homens.

O conhecimento dos differentes genios naturaes dos Cavallos, e das proporções bem ſymmetriadas, de que ſe compõem os ſeus corpos, são a baſe ſobre que ſe funda a theorica deſta Arte: a ſua prática porém ſe faz inutil, ſe o Cavalleiro com boa ordem não a emprega, diſtribue, e executa. Não ſe póde definir o ponto certo do tacto da mão do Cavalleiro, que deve correſponder ao tacto da boca do Cavallo, poſto que eſta ſeja bem feita; porque o ſentimento nas mãos he tão differente nos homens, como da meſma ſorte o he nas bocas dos Cavallos: logo o homem Cavalleiro para julgar theorica, e praticamente da qualidade da boca de qualquer Cavallo, deve ter o tacto da mão ſubtil, pois que eſte, ſegundo a melhor opinião, contribue muito para as ſuas melhores operações.

O Cavallo anda para diante, e para trás, anda, e volta para a direita, e para a eſquerda; porém eſtes movimentos não podem ſer poſtos em prática da parte do animal, ſem que a mão da redea contribua com outros tantos movimentos que lhe são correſpondentes, como paſſo a demoſtrar. Eſtando a mão da redea (iſto he, a eſquerda) em boa ſituação, e diſtancia do corpo do Cavalleiro, e do cepilho da ſella (de que já tratei), quando quizerem voltar o Cavallo para a direita, devem ter a mão de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, porque aſſim fica ſendo mais forte a redea direita, do que a eſquerda.

Quando a mão da redea vai da cernelha para a direita de unhas aſſima, inclinando o dedo minimo para a eſpadua direita, a redea eſquerda fica mais forte, e obriga o Cavallo a que volte para a eſquerda. Logo por conſequencia, quando a mão ſe adianta, lhe dá a liberdade para avançar; e quando ſegura as redeas, o faz não ſó parar, mas até o obriga a andar para trás. Com tudo, eſtas differentes ſituações da mão da redea não baſtão ſómente para dobrar, e fazer andar bem hum Cavallo, he neceſſario paſſar de humas a outras ſituações em lições diverſas com methodo, e arte.

A mão da redea deve ter as qualidades de ſuave, ligeira, e firme: a ſuave he aquella que mitiga, e modifica a força das ſenſações na boca do Cavallo, que he muito ſenſivel, de ſorte que o vai reduzindo ao eſtado de ter prompta, e facil obediencia. Tambem quando he incerto, ou tira pela mão, e ſacode o freio, a mão ſuave o rende facil, e firme: logo ella he boa para remediar-lhe tambem a incerteza.

A mão da redea ligeira diminue a groſſura do ponto do apoio na boca do Cavallo, que he dotado de huma ſenſibilidade, que ſe deixa modificar pela ligeireza do pulſo, e da mão, reduzindo-o prompto, e facil em avançar, parar, voltar, recuar, e obliquar para huma, e outra parte, levando ſempre a cabeça no ſeu devido lugar.

A mão da redea firme he a que tem no ſeu tacto huma connexão perfeita com o tacto, que reſide nas bocas dos Cavallos. Ora eſtando eſte tacto por effeito das ſucceſſivas ſenſações em hum gráo de apoio tal, ou com huma igualdade de força perfeita para o conduzir em todas as ſuas direcções, ſem dúvida caracteriza o bom apoio, que todos os Cavalleiros devem aperfeiçoar pelas ſenſações das redeas nas bocas dos Cavallos, tanto aos deſtinados para o manejo, como aos que ſe applicão para a caça, e para a guerra.

Não ſe deve ſubitamente paſſar do uſo da mão ligeira para o da mão firme, ou para o da mão ſuave, para que o Cavallo não falte á igualdade do apoio, e movimento. Tambem ſe a mão eſtiver mais voltada do que deve ſer, ou ſeja de unhas aſſima, ou de unhas abaixo, não poderá gozar bem dos movimentos do braço, e parecerá todo o ſeu movimento defeituoſo.

Não ſe devem dar ſoffreadas aos Cavallos, que tem a boca ſenſivel; porque eſte coſtume, ou caſtigo não ſó não lhes dá o apoio proprio dos que tem boa ſenſibilidade, mas falſifica, e deſtroe a melhor boca, e o melhor apoio; por iſſo he indiſpenſavel applicar, e regular as ſenſações da mão pelas redeas ás caimbas, e embocadura, para deſta ſe communicar á barbada, e aos aſſentos da boca do Cavallo huma força, que lhe vá produzindo hum governo firme, e igual.

Se o dedo pollegar não ſegura bem ſobre o chato das redeas, ellas ſahem pela mão fóra, e em tal caſo he preciſo andar a todo o inſtante abaixando, e levantando o braço, perdendo aſſim a boa regularidade do tacto, ſem o qual o Cavallo não póde ſer perfeitamente igual no apoio, e movimento. Quando a mão ſegura as redeas, ſempre com o meſmo gráo de força, ſem lhe dar repetidas vezes a devida liberdade, o Cavallo ſe vai fazendo cada vez mais inſenſivel, e rude ás ſenſações da embocadura, donde procede a neceſſidade de lhe render, e ſuſter a mão, para lhe regular mais o apoio, e conſervar a ſenſibilidade.

He certo que ha Cavallos, a quem he preciſo dar-lhes com o freio alguns toques para ſima, e para trás, quando elles ſe encoſtão á embocadura, ou eſtendem amiudadas vezes o bico para diante, por ter a boca groſſa, não ſó para os fazer deſencoſtar do freio, mas para os caſtigar, quando ſe eſtendem ſobre elle; porém a força do toque deve ſer proporcionada á ſenſibilidade; e ſenão tem eſtes defeitos, deve a mão ſer firme, e facil para os formar nas acções de que elles são capazes. Dos principios indicados ſe vê que a delicadeza da ſenſibilidade de alguns Cavallos não póde ſer bem conhecida de todos os Cavalleiros, e de todas as mãos.

A mão da redea poſta de unhas aſſima, inclinando o dedo minimo para a eſquerda, ſuſtenta a redea direita com mais apoio, e mais firmeza, principalmente ſe vai alguma couſa da cernelha para a parte eſquerda. Ora ſe os dedos da mão

ſe

ſe affroxão, e abrem mais, quando o Cavallo volta para a direita, diminue-ſe, e modifica-ſe a ſenſação cauſada pela redea direita; por conſequencia, logo que a mão ſe fecha de unhas aſſima, tendo o pulſo firme, inclinando-ſe o dedo minimo para a eſpadua direita (ſe o Cavallo anda dobrado para a eſquerda) a caimba eſquerda cobra o ſeu ponto de apoio, e neceſſariamente o faz voltar para a eſquerda, maiormente ſe ella ſe inclina da cernelha para a direita: logo tanto que o dedo minimo, e os mais ſe affroxão, torna o Cavallo a ſentir as ſenſações da redea eſquerda menos activas.

Todos os Cavalleiros devem trabalhar por obter que a ſua mão da redea tenha as tres qualidades de ſuave, ligeira, e firme, para com a primeira diſpôr os Potros, com a ſegunda aperfeiçoallos nas lições, para que os deſtinão, e com a terceira remediar os que tirão pela mão, fazem forças, ou batem no freio: finalmente ſe o Cavalleiro ſe ſervir bem dos differentes movimentos da mão da redea, obrigará, renderá, e conſervará toda a ſorte de Cavallos, dando-lhes governo, apoio, e ſegurança.

Pela vibração das redeas faz a mão do Cavalleiro communicar a força das ſenſações das caimbas á embocadura do freio, e deſta á boca do Cavallo, e á barbella, que faz ſucceſſivamente o ponto de apoio ſobre a barbada.

## *Effeitos da força da embocadura do freio, e da barbella.*

A Mão do Cavalleiro faz mover as redeas, as redeas fazem mover as caimbas, e eſtas a embocadura ſobre os aſſentos, ou queixos do Cavallo, como tambem a barbella ſobre a barbada: bem entendido, que a redea direita determina, e obriga o Cavallo a voltar para a direita; e a eſquerda o faz voltar para eſta parte. Ora quando a redea direita puxa, faz com que a embocadura, e a barbella fação hum grande effeito da parte oppoſta; e igualmente quando a redea eſquerda eſtá mais forte, a embocadura, e a barbella apertão mais da parte direita ſobre o queixo, e ſobre a barbada.

As ſenſações que a embocadura, e a barbella produz ſobre os aſſentos, e ſobre a barbada, depende das caimbas, e das redeas; e he certo que logo que a mão puxa pelas redeas, as caimbas ſobem, e a embocadura deſce, apoiando-ſe ſobre os aſſentos, á proporção da força com que as caimbas ſobem; e o meſmo effeito pela meſma razão faz a barbella ſobre a barbada: logo por conſequencia tanto que a mão affroxa a força com que puxa pelas redeas, as caimbas deſcem, a embocadura ſóbe, e a barbella não faz effeito.

Marchando o Cavallo direito ſobre linhas rectas para diante, ſe o Cavalleiro tem repentinamente a mão da redea forte, e para ſi, a embocadura deſce, e faz ſobre os aſſentos e queixos, e a barbella ſobre a barbada, huma ſenſação ingrata, e dura, a qual faz hum poderoſo effeito em todas as juntas do corpo do Cavallo para ſe dobrarem, e comprimirem, por iſſo todos os ſeus movimentos ſe detem, ou abſolutamente parão.

Quando a mão ſegura as redeas hum pouco mais alta, e avançada para diante,

te, approximando-ſe ás linhas perpendiculares dos torneis das caimbas do freio, então as redeas fazem a ſenſação da embocadura, e barbella activas para o Cavallo ſe levantar para ſima; mas não ſe obriga aſſim a parar firme, porque o braço do Cavalleiro não ſe une ao tronco do corpo para com o ſeu pezo, e união fazer apoiar o Cavallo ſobre as ancas.

Para elle recolher a cabeça; he preciſo ſegurar o Cavalleiro a mão da redea para ſi, e baixa com proporção; por conſequencia para o Cavallo que péza na mão, que abaixa a cabeça, ou ſe encapota, governar, e ſituar melhor a cabeça, he neceſſario ter o Cavalleiro a mão da redea para ſi mais alta, e hum pouco avançada do que ſe coſtuma ſuſter aos Cavallos, que não tem eſtes defeitos.

He certo que unida a força das duas redeas igualmente, quando o Cavalleiro ſuſtem para ſi a mão, o Cavallo pára, ainda quando vai na mais violenta carreira. Se for galopando, e lhe puxarem pela redea direita ſó, elle dará o bico para a direita, unirá a eſpadua direita á eſquerda, e formará a parada mais ſobre a perna eſquerda, do que ſobre a direita.

Para o fazer recuar ſobre linhas rectas alguma couſa dobrado para a direita, he preciſo obrigallo muito com a perna eſquerda, ou ao menos proporcionar a força com que o obriga a perna, á força com que o obriga a redea oppoſta. O meſmo ſerá preciſo, quando ſe uſar aſſim da redea eſquerda, e da perna direita para o fazer recuar para a eſquerda.

Quando ſe trabalha hum Cavallo com a cara contra a muralha, ou ſobre os circulos, quanto mais ſe puxa pela redea direita, mais a eſpadua deſta parte ſe une á eſquerda, de ſorte que elle ſe lança ás vezes ſobre ella com exceſſo; mas logo que ſe affroxar a redea direita, e o Cavallo ſentir mais forte a eſquerda, elle ſe endireitará das eſpaduas, e unirá pela força da redea de fóra, a eſpadua eſquerda á direita: por iſſo recommendo tantas vezes tragão os Cavalleiros a mão de fóra para dentro da volta.

Niſto não quero dizer que ſe traga a mão com extremo para dentro, porque em tal caſo voltará o Cavallo para fóra: o que ſó pertendo, he que ſe volte a mão de unhas aſſima, e a tragão para dentro, ſem entrar da cernelha do peſcoço (Eſt. III. N. 21.) para a direita mais que tão ſómente quanto baſte para a ſenſação da redea eſquerda lhe fazer unir a eſpadua de fóra á de dentro, e o animal ſe endireitar no terreno com facilidade naquella acção, em que anda trabalhando.

Deve o Cavalleiro (tanto, quando o trabalha para a direita, como trabalhando-o para a eſquerda) contrapôr-lhe com o corpo, com o aſſento, mãos, e pernas a força das ajudas, ou ſenſações todas acordadas na ſua oppoſição humas ás outras para os Cavallos lhe obedecerem mais facilmente, pois que de outra ſorte, além de ſer impoſſivel dar-lhes apoio, e governo, elles o perderáõ pelas ſeguintes cauſas.

Se o Cavallo for totalmente ignorante, e o quizerem encaminhar nas primeiras lições ſó com huma redea, elle não tomará apoio, e governo com tanta facilidade; e ſe for mal intencionado, ſem dúvida ſe aproveitará dos movimentos da redea de dentro para defender-ſe. Os movimentos das mãos, e pernas devem ſempre

pre forcejar acordes na ſua contrapoſição para fazer produzir as ſenſações, principalmente das redeas, com propriedade, para os Cavallos lhes correſponderem com promptidão nas differentes acções em que o obrigão a formar-ſe.

Quando ſe trabalhão as redeas iguaes, a embocadura aſſenta por direito ſobre os aſſentos, e então o Cavallo não ſó tem a cabeça mais livre, direita, e alta, mas póde voltar promptamente para huma, e outra parte. O modo de trabalhar com as redeas iguaes he bom para enſinar pelo direito os ignorantes, e tambem para render, e trabalhar os deſtinados para a caça, e para a guerra; porque os que ſervem para a campanha, devem com preſteza voltar com huma, ou com ambas as redeas, cuja facilidade lhes reſulta de os haverem trabalhado com as redeas iguaes: o que concorre tambem para trazerem a cabeça livre para reſpirar com deſafogo, ſeguindo promptamente as ſenſações da embocadura, voltando tanto ſobre hum, como ſobre outro lado.

A mão da redea trabalha humas vezes de unhas abaixo, outras de unhas aſſima: quando trabalha de unhas aſſima, puxa pela redea da parte para onde o Cavallo olha, e ſe dobra; e quando trabalha de unhas abaixo, faz unir huma á outra eſpadua; por iſſo a ſenſação da embocadura, e da barbella obriga mais violentamente da parte oppoſta: logo o Cavallo, por fugir da ſenſação que o magôa, volta com mais graça para onde determina a direcção, ou eſtá dobrado.

A força com que o Cavalleiro puxa pelas redeas, deve ſempre ſer proporcionada ao deſembaraço, ſenſibilidade, governo, conſtrucção, e difficuldades do Cavallo: as ſenſações do equilibrio do corpo, como tambem as das pernas, devem encaminhallo a entrar para a mão com força igual áquella com que o obrigão as redeas, iſto he, ſe elle entrar para a mão, de ſorte que não obedece com facilidade a huma, e outra redea, não o devem obrigar com as pernas para o não excitar á deſobediencia; mas ſim quando eſtiver capaz de ſe deixar vencer da redea de dentro, o podem ir obrigando mais vivamente com a perna, e equilibrio do corpo, trazendo-o, o mais que puder ſer, facil entre a força de huma, e outra redea, e da meſma ſorte entre a de huma, e de outra eſpora, para que não ſe lhe falſifique o governo da boca, e ſe deſmanche da ſua figura, por ſerem as forças das ſenſações das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro deſproporcionadas humas das outras.

He difficultoſo dobrar o Cavallo com o freio ſó, maiormente para a direita; por iſſo he preciſo acoſtumallo com o cabeção a ſoffrer o freio, e com as correias de vencer a dobrar-ſe para huma, e outra parte. Trabalhando-o com o freio ſó, muitas vezes he neceſſario puxar a redea direita com a mão direita, quando a eſquerda vem de unhas aſſima para dentro, já para o advertir do ſeu erro, ſe elle duvída voltar, e unir a eſpadua de fóra á de dentro, já para o caſtigar, ſe vai de má tenção.

*Ex-*

## *Explicão-ſe os modos de render a mão, trabalhando o Cavallo com o freio ſó.*

AS maneiras de render o freio, que eſtão mais em uſo, fazem-ſe humas vezes abaixando a mão da redea de unhas abaixo, outras avançando-a para o peſcoço do Cavallo, ſem que perca a acção, em que trabalha de unhas aſſima; ou tambem abaixando-a ſómente para o cepilho da ſella, e todos eſtes movimentos ſervem para lhe aliviar o ſentimento da embocadura, e barbella ſobre a barbada, e boca, maiormente no tempo em que ſe lhe formão as meias paradas, as paradas firmes, as falcadas, e as paradas fortes. Os movimentos de render a mão ſempre devem ſeguir-ſe aos de ſuſter a mão no tempo, em que o Cavallo vai ſobre o balanço das ancas; pois eſta he a occaſião, em que ſe faz muito util o render-lhe o freio para o fazer prompto, e facil na parada; e ainda que ſeja difficultoſo tomar bem eſte tempo, ou balanço, he ſem dúvida huma das lições de maior utilidade, que ſe lhe póde dar para o fazer prompto, e obediente á mão, e ás pernas em toda a ſorte de paradas, e falcadas.

## *Trata-ſe do modo de formar a meia parada, e dos effeitos da parada firme, trabalhando-o com o freio ſó.*

QUando o Cavalleiro premedita diſpôr-ſe para formar o Cavallo na acção da meia parada, deve firmar o ſeu corpo bem para trás, ſem pender com exceſſo ſobre a garupa: o pulſo eſquerdo deve eſtar direito pela linha horizontal do cotovelo, e a mão de nivel com elle, tendo firme, e forte o eſpinhaço no lugar dos rins; e quando as pontas dos pés ſe ſegurão ſobre os eſtribos, os hombros, e as eſpaduas igualmente ſe firmão para trás; porque ſó eſtando aſſim diſpoſto com a firmeza do eſpinhaço, do aſſento, e das pernas, ſe obriga o Cavallo para diante, quando ſe continúa o balanço das eſpaduas para a garupa, porque então he que ſe devem ſuſter as redeas, e obrigallo a parar: a força dos movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro deve ſer proporcionada á velocidade do movimento, e á ſenſibilidade que o Cavallo tem a humas, e outras ſenſações; pois que de outro modo não póde elle recolher as ancas, e as pernas bem para baixo do ſeu ventre, iſto he: ſe puxarem com muita força, poderá entrar com a garupa demaziadamente, no riſco de cahir para trás; e ſe puxarem com menos força do que he preciſo, não fará a parada o pertendido effeito.

A parada firme, ſeja embora mais, ou menos forte, ſempre ſe executa com as meſmas ſenſações com que ſe fórma a meia parada, ſó com a differença de ſerem todas as forças della mais unidas, inſtantaneas, e fortes; e ainda que alguns cuidão que o Cavallo ſe arruina, quando entra muito com as pernas para baixo do ventre, elles ſe enganão; pois quando os muſculos principaes, e os ligamentos do eſpinhaço, garupa, e curvilhões até aos jarretes fazem a ultima extenſão a que podem alcançar, por ſe haverem recolhido as pernas para baixo do corpo, as ver-

tebras ſerviçaes, e lombaes do eſpinhaço do lugar dos rins junto aos quadrís ſe elevão para ſima, e por eſte motivo o meſmo eſpinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões ſe fazem fortes, e ficão bem diſpoſtos para reſiſtir ao pezo, e á força do equilibrio, do aſſento das mãos, e das pernas do Cavalleiro, formando-ſe aſſim o Cavallo em huma acção viſtoſa, e ao meſmo tempo commoda em todos os ſeus movimentos. Logo que houver formado a meia parada, ou a parada forte, recolhendo as pernas, e a garupa bem para baixo do corpo, o Cavalleiro deve render-lhe a mão, para elle vir a parar ligeiro, e facil no freio; pois he eſta huma das grandes perfeições, que elles podem ter, ou ſejão deſtinados para o manejo, para a caça, ou para a guerra.

Pelo contrario ſe elle, quando he obrigado a formar a parada, não recolhe as pernas, e une as ancas bem para baixo do corpo, apreſentando-ſe na parada froxo do eſpinhaço, abatendo-o do meio das vertebras ſerviçaes até aos quadrís, ficando irto dos curvilhões, facilmente póde arruinar-ſe de alguma deſtas partes, além de ficar tambem deſta ſorte em má acção, e ſer muito incommodo com eſtes movimentos para o Cavalleiro: ſuccede iſto, porque deſte modo não eſtá a máquina de todo o corpo bem diſpoſta, e ſituada conforme a ſua conſtrucção.

Devem pois ter muito cuidado em o indireitar ſucceſſivamente entre ambas as redeas, e ambas as pernas, para a garupa determinar os movimentos, ſeguindo as linhas parallelas das eſpaduas, maiormente ſe o Cavallo tiver ainda pouca idade. Taes são os principios, que aperfeiçoão o tacto, e apoio pelos movimentos, e ajudas da redea na boca do Cavallo, quando lhe formão as meias paradas, as paradas, as paradas fortes, e as falcadas; e qualquer outro methodo fará nelles muito máo effeito, e huma continuada irreſolução nas ſuas direcções.

## *Effeitos da lição das falſas redeas.*

LOgo que o Cavalleiro fizer afivelar huma redea do cabeção, ou paſſar huma correa de vencer pelo olho, ou arco de cada banqueta do freio, (Eſt. V. Fig. 8., Letra I) elle trabalha o Cavallo com falſas redeas, e a embocadura do freio neſte caſo tem o preſtimo de hum ſimples bridão, porque a barbella não faz ſenſação activa ſobre a barbada: ſerve iſto para principiar a dar governo aos Potros, e para remediar o defeito daquelles Cavallos, que tem os aſſentos, ou lugar, aonde aſſenta a embocadura, e a barbella muito ſenſiveis.

Com o uſo das falſas redeas ſe faz ſoffrer aos muito ſenſiveis, as ſenſações da embocadura ſobre os aſſentos, para depois irem ſoffrendo as da barbella ſobre a barbada: tambem as falſas redeas os determinão muito a voltar facilmente para huma, e outra parte; mas não deve o Cavalleiro eſperar que o uſo deſta lição caleje, e engroſſe demaziadamente os aſſentos na boca do Cavallo, e lhe faça atenuar a ſenſibilidade, de ſorte que venha a ter a boca groſſa.

Quando a mão puxa pela redea direita, que eſtá preza no arco do olho do freio, a embocadura aſſenta mais forte ſobre o aſſento, ou queixo da parte direita, porque a barbella não faz effeito ſobre a barbada. O Cavallo por fugir deſta

op-

oppreſsão, ſim volta para a direita; mas como a barbella não o obriga ſobre a barbada da parte eſquerda, elle dá a cara para dentro, ſem a graça de voltar o bico, inclinando a orelha de fóra para o chão. Semelhantemente quando ſe lhe puxa pela falſa redea eſquerda, volta para a eſquerda, por fugir de ſenſações ſemelhantes áquellas, de que foge, quando deſte modo o obrigão a voltar para a direita.

Eu creio que tenho provado, que, quando o Cavalleiro abaixa a mão da redea, tem o Cavallo liberdade para andar para diante. Quando lhe ſuſtenta a mão para ſi, obriga-o a parar, e pôr-ſe cada vez mais ſobre a garupa. Quando a mão ſe levanta, e ſe lhe avança para a cernelha, levanta-lhe a cabeça. Quando a mão ſe abaixa, tendo-a de unhas aſſima para ſi, o Cavallo abaixa a cabeça, e recolhe o bico. Quando ſe leva a mão da redea com arte da cernelha para a eſquerda, elle volta para a direita. Logo por conſequencia, quando a mão ſe leva de unhas aſſima da cernelha para a direita, o Cavallo volta para a eſquerda.

Por eſtes differentes movimentos da mão, e das redeas ſe vê que o governo della faz mover todo o corpo do Cavallo: por conſequencia os Cavalleiros devem ter hum total conhecimento de todos os movimentos das mãos, e dos effeitos das redeas do freio, das ſuas caimbas, embocadura, e barbella; porque de outra ſorte não ſó não trabalharáõ conforme os preceitos deſta Arte, mas obrigaráõ os Cavallos ſem actividade, e contra o bom ar, que lhes permitte a ſua natural conſtrucção.

## *Lição das redeas de vencer cruzadas.*

DEitar os Cavallos á guia, ainda que não lhes dá apoio, e governo, com tudo os diſpõem grandemente para ſe deixarem vencer, e dominar: por iſſo me proponho dizer como ſe devem deitar á guia com as correas de vencer cruzadas, ou paſſadas pelas argolas dos torneis do cabeção; e ainda que elles por meio deſte trabalho não adquirem tão bem na ſua boca apoio, e governo, porque iſſo ſó o póde dar a mão com o ſeu tacto, e diverſas ſenſações, movimentos do corpo, do equilibrio, e ſoccorros das pernas do Cavalleiro, com tudo, os Cavallos por eſte modo ſe vão pulindo, e fazendo mais manſos, promptos, e iguaes na dobra do peſcoço, nos movimentos das eſpaduas, e nos do eſpinhaço, e da garupa.

Para ſe uſar pois das correas de vencer cruzadas, devem afivelar huma das redeas ordinarias do cabeção na argola do tornel do meio, em que ſe coſtuma pôr a guia; (Eſt. V., Fig. 5., Letra A) e depois das correas de vencer afiveladas de hum, e outro lado na primeira cilha junto da roupa da ſella, fazer paſſar a ponta da correa direita pela argola do tornel eſquerdo Fig. 5., Letra Q, e a ponta da correa eſquerda pela argola do tornel do cabeção da parte direita Letra Q: deſta ſorte ſe obrigará a que volte, e ande para diante em hum circulo, que de ordinario, ſegundo o comprimento das correas, não póde ſer muito largo; como ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

## ESTAMPA L.

*De hum Cavallo, andando á guia para a direita com as correas de vencer cruzadas.*

QUem ajudar com o chambrié, açoute, ou vara, deve uſar delles, como fica recommendado que uſem, quando o ajudão a deitar á guia pelo largo, cuidando ſempre muito em que elle ande para diante em hum movimento igual, e proprio á ſua conſtrucção, para que o conductor da guia poſſa regella, e as correas, conforme o Cavallo o preciſar.

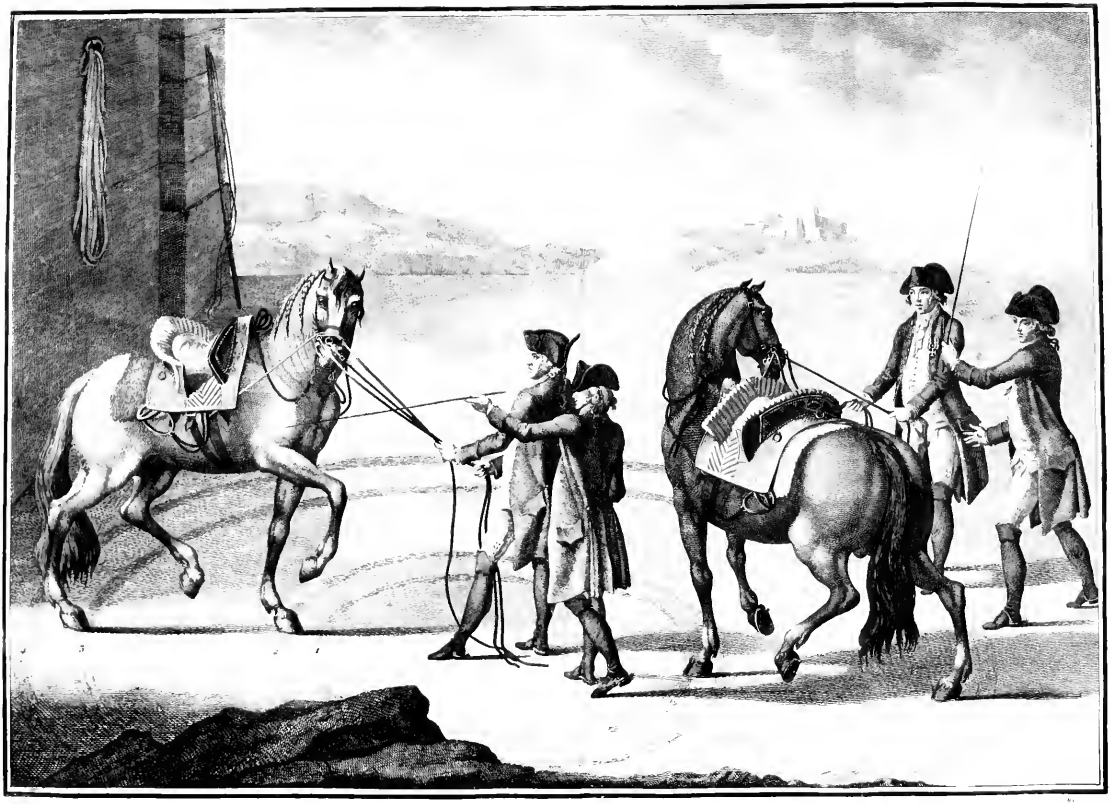
He certo que huma redea do cabeção poſta na argola do tornel do meio embaraça menos as mãos do que huma guia, e ſerve para puxar o Cavallo para diante; pois como as correas eſtão prezas ás cilhas, podem obrigallo a dobrar-ſe para hum, e outro lado; mas não póde obrigar-ſe com ellas a que venha para diante, quando duvída, e fica para trás. Igualmente ſerve a redea do cabeção no tornel do meio para o deter, ou obrigallo a que ſaia para fóra, ſe elle entra muito para o centro, ou para diante; pois logo que ſe lhe dá com a redea do cabeção mais, ou menos forte, elle ſe detem, e ſe alarga para fóra; e ſe pelo contrario ſahe muito para fóra, ou fica para trás, ſegurando-ſe-lhe a meſma redea, ſe obriga a entrar para diante, e para o centro.

Quando elle entra bem para diante ſobre a circumferencia, e quem o deita á guia puxa com mais força pela correa, que eſtá paſſada pela argola do tornel de fóra, o Cavallo olha com os olhos ambos para o centro da volta, dobra o peſcoço da ganacha, (Eſt. III., N. 20.) e principio do ezofago N. 23. até ás claviculas N. 28.: então elle volta a cabeça, cruza a mão, e pé de dentro por ſima, e por diante da mão, e pé de fóra, para ir uſando bem dos movimentos das eſpaduas, e meia garupa de dentro.

Quando ſe puxa pela correa, que eſtá paſſada pela argola do tornel de dentro da volta, o Cavallo perde a dobra do ſeu peſcoço, e corpo da parte do centro, entra com as eſpaduas para dentro, e no tempo, em que une a de fóra á de dentro, deixa de entrar com a perna de dentro para baixo do corpo, e de ordinario elle ſe alevanta mais por diante, porque tem neſte tempo menos inclinação no movimento circular, e fica mais para trás. Ora ſendo eſta lição bem applicada, ella neceſſariamente o diſpõe muito na ſua direcção.

Tambem ſerve para lhe fazer conhecer, e ſoffrer as ſenſações do cabeção ſobre o focinho, e da vara ſobre a garupa, e ſobre o ventre, para ſer manſo a humas, e outras, porque tudo iſto o diſpõe muito para o Cavalleiro mais facilmente o vencer, quando montado o obrigão a formar-ſe naquella acção, e lição, para que tem mais propriedade. Lembra-me eſte modo de deitar os Cavallos á guia com as correas de vencer cruzadas neſte lugar, porque me perſuado ſe deve uſar deſte trabalho, quando elles eſtão já com algum deſembaraço, para não ſe confundirem com a ſujeição das correas.

*De-*



## *Defezas, de que muitas vezes usão os Cavallos, e meios de as remediar.*

AS defezas, de que usão a maior parte dos Cavallos, ou os trabalhem mais, ou menos curto, procedem muitas vezes mais da ignorancia dos Cavalleiros, que dos defeitos naturaes dos meſmos Cavallos. Com tudo, tres couſas concorrem muito para elles ſe defenderem. A primeira, procede da ignorancia do animal, falta de uſo, e conhecimento da lição. A ſegunda, do aborrecimento que elles tem concebido ao trabalho, e ao homem, já por haver ſido o caſtigo, e as ſenſações, com que o tem obrigado, mal applicadas, já pelo trabalho ſer impropio á poſſibilidade do animal. A terceira, procede de terem defeitos naturaes, iſto he, de ſerem mal formados, faltos de memoria, folgo, e forças, e em todos, porque muitas vezes as lições, e toques, com que os obrigão, não tem a preciſa propriedade para obter delles os movimentos, e acções, com que ſe pertende, que elles lhes correſpondão.

Se as lições, e toques não tem propriedade, he certo que a deſobediencia procede da falta do conhecimento do Cavalleiro, mais do que das defezas do Cavallo: logo por meio de ſenſações proprias, repetidas vezes devem introduzir-lhe o coſtume de ſe formar nas acções, e lições, em que os querem conduzir, reduzindo-os aſſim debaixo das leis da obediencia a mais exacta. Ora ſe o Cavallo reſiſte ás ſenſações bem applicadas, procede a deſobediencia dos ſeus defeitos, da malignidade do ſeu genio, de ſer covarde, de ſer fraco, de ter má conſtrucção, e de ſer doente: muitas vezes procede a deſobediencia de huma deſtas cauſas; outras vezes de duas, ou tambem de poſſuir todas juntas: porém em cada hum deſtes caſos devem os Cavalleiros prudentemente lembrar-ſe, de que a eſperança da recompenſa he tão poderoſa ſobre a memoria dos Cavallos, como o medo dos caſtigos; e por iſſo recommendo tantas vezes que os affaguem, ou lhes dem alguma herva, e ſe uſe com elles primeiro da moderação, que da violencia.

Quando o Cavallo não quer executar huma acção, devem examinar ſe concorrem para a ſua defeza a ignorancia, ou os defeitos do ſeu corpo: ſe for a falta de conhecimento, devem por ſenſações proprias á acção que pertendem que elle faça, enſinallo com o coſtume, e com a paciencia; e ſó quando não houver outro remedio, ſe obrigará com o caſtigo. Se he falto de agilidade, folgo, e forças, devem, por meio dos preceitos, que ficão expendidos, muito manſamente trabalhallo, de ſorte que elle ſe vá formando neſta, aſſim como nas precedentes lições. Ha tambem alguns que ſabem, podem, e não querem, abuſando tenazmente da brandura, e paciencia, com que o Cavalleiro pertende emendar-lhes os ſeus erros: eſtes he certo que devem ſer obrigados com o caſtigo, e com o rigor, antes que ſe fação abſolutamente rebeldes.

## *Modos de corrigir os Cavallos, que ſe defendem da ſujeição das correas de vencer cruzadas.*

SE o Cavallo, quando o trabalhão com as correas de vencer cruzadas, ſentindo mais forte a correa, que faz a paſſagem pela argola do tornel de fóra, dá a cara muito para dentro, e ſe lança com exceſſo ſobre a eſpadua de fóra, elle ſe defende deſte modo para não recolher a perna de dentro para baixo do ventre. Ora o meio de remediar-lhe eſte defeito he affroxar-lhe alguma couſa a correa, que paſſa pelo tornel de fóra, e fortalecer a que faz a paſſagem pela argola do tornel de dentro, obrigando-o o Ajudante mais vivamente com a vara ſobre a garupa a que entre para diante, dando-lhe alguns toques ſobre as ancas.

Quando róla com as ancas muito para fóra, defende-ſe de ſe dobrar, e dar a cara para dentro: neſte caſo lhe devem ſegurar a redea do cabeção, para que venha para dentro, e para diante, e apôs iſſo a correa paſſada pela argola do tornel de fóra, para que pouco a pouco ſe dobre para o centro. Quem andar ajudando, o obrigará a que ande igual na diſtancia do terreno, e no movimento, applicando-lhe o caſtigo mais ſobre a meia anca de fóra; porque em não ficando para trás, neceſſariamente ha de adquirir mais inclinação circular, e ha de dobrar-ſe para o centro com mais facilidade, do que ſe dobra em quanto ſe lança ſobre a eſpadua de fóra; e aos que tem huma, e outra difficuldade, he conveniente o fazellos muitas vezes paſſar de mão, para que ſe obſtinem menos nos ſeus vicios.

Se o Cavallo volta para fóra, e recua para trás, defende-ſe da ſujeição do cabeção, e eſta he a peior defeza que elle póde buſcar: neſte caſo deve ſegurar-ſe-lhe a redea do cabeção brandamente, affroxando-a, e tornando a ſuſtella muitas vezes, ſem o dobrar com as correas, em quanto não entra bem para diante. Ora em quanto fica para trás, he bom deitallo á guia por eſte modo junto a hum canto do Picadeiro, para que amparado com as paredes do angulo, ſe poſſa fazer andar mais para diante; e nas paſſagens de mão devem fazello ſahir para fóra da circumferencia pelas linhas da muralha, para que não fuja tanto com a garupa, e o poſsão ir indireitando no terreno, para formar o meio circulo do angulo na paſſagem com perfeição.

Todos os Cavallos tem mais difficuldade em ſe dobrar para huma, que para outra mão; e quem os deita á guia, deve attentamente obſervar para onde lhes cuſta mais dobrar-ſe, entrarem para o centro, e andarem para diante, para os fazer dar mais alguns paſſos, para onde tem mais dúvida; mas tanto que derem alguma volta bem, devem parallos, e affagallos, fazendo-lhes dar alguma herva, para que elles vão conhecendo que fazem bem, e algumas vezes he conveniente fazellos deſapertar, e mandallos embora.

Deve o Cavalleiro ter muita experiencia para conhecer ſe as difficuldades procedem da ignorancia do animal, ſe dos defeitos do ſeu corpo, da ſua obſtinação, e capricho, ou tambem da impropriedade das ſenſações com que o obrigão, para o fazer ajudar, e caſtigar, de maneira que vá obedecendo.

A natural condição dos Cavallos tem diverſidades innumeraveis, e os genios particulares ſe reveſtem ſempre das defezas geraes, por iſſo os Cavallos são deſagradaveis por quatro motivos; por ſerem fracos, e faltos de eſpirito; por ſerem froxos, e faltos de folgo; por ſerem preguiçoſos, e terem má conſtrucção; e por ſerem faltos de memoria.

Quatro couſas tambem os fazem agradaveis: a força igual, a ligeireza facil, a memoria, ou lembrança do que ſe lhes enſina, e a ſua bem proporcionada conſtrucção: a combinação deſtas qualidades os formão mais, ou menos proprios para huns, do que para outros exercicios; e o ſeu temperamento, e harmonia das partes organicas de que ſe compõem os ſeus córpos, ordinariamente decidem do ſeu bom, ou máo preſtimo.

Trabalhando-ſe o Cavallo com o freio, e cabeção, podem-ſe ir com hum, e outro remediando as ſuas difficuldades; porque o caſtigo das redeas do cabeção, ou das correas de vencer unido á força com que o trabalhão as redeas do freio, o obrigão muito a ſujeitar-ſe; porém quando trabalha com o freio ſó, he neceſſario diſpollo bem, não ſó por meio das diligencias expendidas, mas tambem por effeito das meias paradas, e paradas feitas ſobre huma, e outra mão, e por meio das repetidas lições do recuar, para ſe unir cada vez mais dos movimentos do peſcoço, eſpaduas, e garupa.

Os que tem a ſenſibilidade dos aſſentos da boca muito delicada, além da lição das falſas redeas, devem formar-lhes as paradas, e meias paradas, ajudando-os com huma, e outra perna a que entrem na mão ſem violencia: os que são faltos de ſenſibilidade, por terem a lingua groſſa, os beiços, e aſſentos carnoſos, o canal das queixadas apertado, o peſcoço ás avéſſas, ou muito curto, e carnoſo, os movimentos das mãos, e das eſpaduas baixos, ou debaixo do corpo, ordinariamente são faltos de exactidão nas paradas, e da meſma ſorte os que são demaziadamente froxos, preguiçoſos, e compridos do eſpinhaço.

Aſſim como a todas eſtas qualidades de Cavallos cuſta o parar bem, ſe elles tiverem as eſpaduas bem formadas, os movimentos dellas, e dos braços altos, e deſembaraçados, o eſpinhaço, e a garupa fortes, e bem proporcionados, a boca de boa ſenſação, o canal das queixadas largo, a volta do peſcoço ás direitas, ou relevada, elles tem as preciſas qualidades para fazer bem as paradas.

## *Dos que parão mal, por ſerem compridos, e pouco ſenſiveis.*

SE o Cavallo he muito comprido, ordinariamente pára ſem graça, e com a cabeça mal ſegura; e he muito ſujeito, ſe o obrigão com violencia, a arruinar-ſe, principalmente dos quadrís, e curvilhões. Se he pouco ſenſivel dos aſſentos da boca, e tem as eſpaduas mal formadas, e carnoſas, commummente pára mal, e ſobre a mão: de ſorte que os que são muito compridos, tem difficuldade em ſe unir, e ajuntar as forças para fazer bem as paradas; e os que são muito curtos, tambem tem difficuldade em diſtribuir bem as ſuas forças para uſar bem dellas, quando os obrigão a parar.

Os

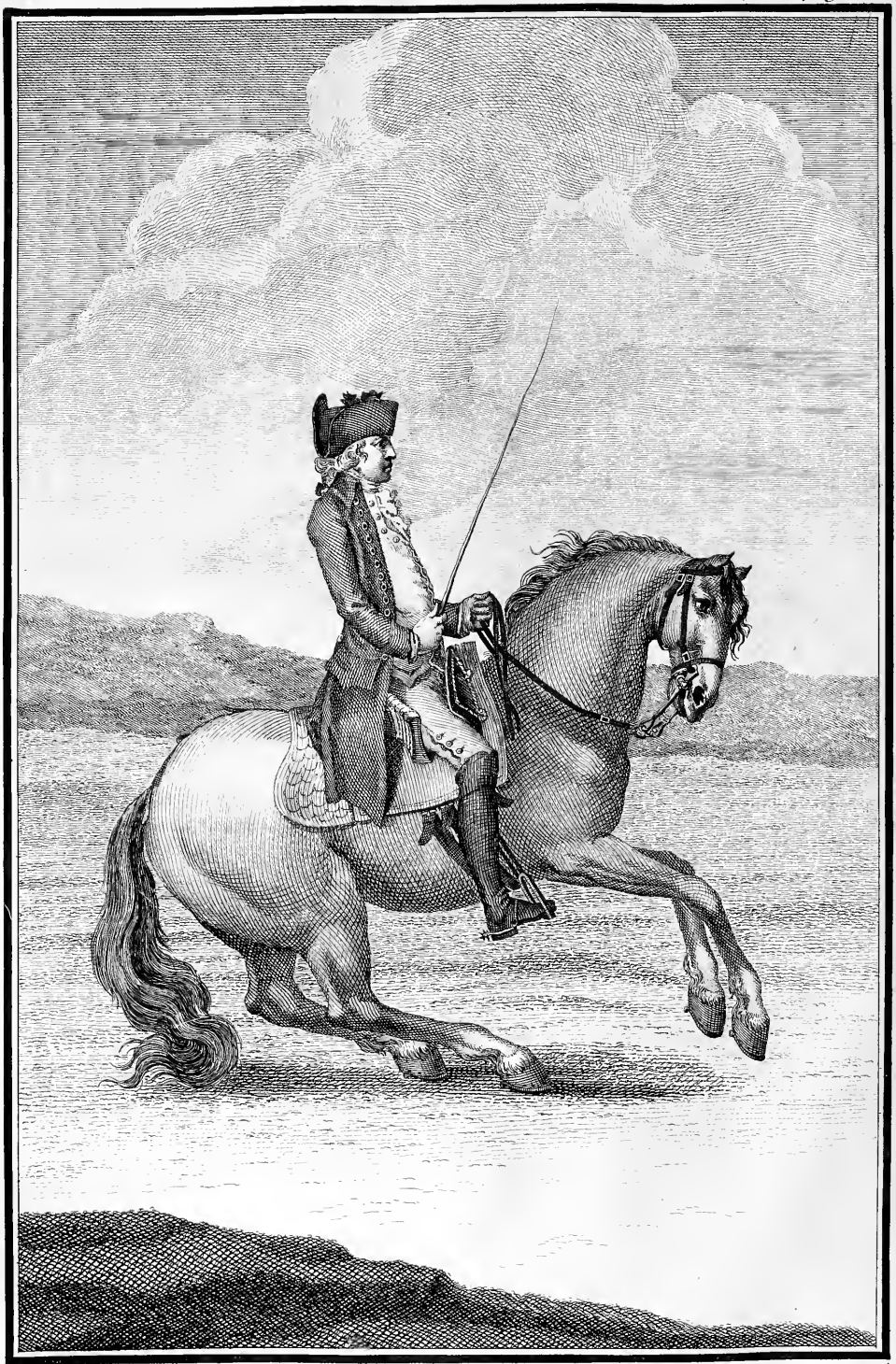
Os que pelas cauſas ditas não podem formar bem as paradas, empregão, e diſtribuem mal as forças na carreira, ſeja correndo por terreno plano, ou deſigual; por iſſo quem experimenta Cavallos para os comprar, deve dar-lhes alguns repelões, para ver ſe elles podem parar firmes, porque aſſim ſe inveſtiga mais o ſeu preſtimo, e qualidades. Os Cavalleiros devem applicar-ſe ao conhecimento íntimo da diſpoſição da boca, peſcoço, eſpaduas, braços, lombos, quadrís, garupa, curvilhões, e finalmente de toda a eſtructura do corpo do Cavallo para julgar com mais acerto do ſeu preſtimo.

## *Dos que não parão bem, porque ſe encapotão: dos que parão mal, por ſe doerem de alguma das partes do corpo: dos que não uſão bem das forças, por ſerem ſellados, como tambem dos que ſe levantão na parada.*

OS Cavallos, que ſe encapotão, commummente o fazem por ter o peſcoço muito arqueado, e tambem por terem a cabeça grande, as eſpaduas groſſas, e carnoſas, os beiços de ſorte groſſos, que a muitos ſobrepõem ſobre os aſſentos dos queixos: eſtes, e os que tem a boca muito pequena, ordinariamente são rudes das ſenſações da boca, e ſe encapotão: iſto he, recolhem a barba demaziadamente para o peito, fazem as paradas muito ſobre a mão, e com huns movimentos muito incommodos ao Cavalleiro.

Os que tem curvilhões doridos, os travadouros dos jarretes compridos, e fracos, ou padecem nelles alguma enfermidade, quaſi ſempre fazem as paradas com receio. Os que são muito ſellados, que tem a volta de peſcoço ás avéſſas, de ordinario, quando lhes formão as paradas, batem na mão, e ſe deſpapão, iſto he, levantão o focinho para ſima com exceſſo, porque a força dos ligamentos da nuca, e da primeira vertebra cervical (Eſt. III. N. 19.) dependem muito da boa conſtrucção do eſpinhaço, eſpaduas, e peſcoço, pois todas eſtas partes ſe devem unir com proporção para o Cavallo parar bem.

Ha Cavallos, que para ſe livrarem da ſujeição das paradas, quando ſentem que o Cavalleiro ſe vai diſpondo para os parar, elles ſe levantão ſem obediencia á mão. Neſte caſo deve prevenir-ſe-lhes a defeza, ſuſtendo-lhes a mão baixa, e firme, o corpo alguma couſa inclinado para diante, unindo-lhes as pernas á barriga junto ás cilhas ſó no tempo da parada. Ora não obſtante ſerem as meias paradas, e paradas uteis pelo decurſo da lição, não deve o Cavalleiro uſar dellas ſem reflectir prudencialmente nas difficuldades dos Cavallos, ſejão ellas naturaes, ou adquiridas para as emendar, diminuindo-lhes, ou augmentando a quantidade das meias paradas, e paradas, ou deixando abſolutamente de uſar dellas; pois elle deve antecipadamente precaver-ſe para os defeitos não chegarem a ſer irremediaveis.



Silva delin.t

Manuel Alegre sculp.t

*Motivos, que fazem a parada intempeſtiva. Cauſas, por que alguns Cavallos na parada forção a mão do Cavalleiro, e dão bicadas; e as razões, por que outros temem as paradas.*

OS Cavallos muitas vezes fazem as paradas mal, obrigados dos ſeus defeitos naturaes, e accidentaes; e outras o fazem obrigados da ignorancia, e das lições mal applicadas. O bom methodo não ſó ajuda, mas refórma em grande parte a natureza: logo a má lição, e falta de cuidado neceſſariamente lhes motivará defezas, que poderão chegar a ſer irremediaveis. Exemplo: ſe o Cavallo vai mal ſituado no terreno, e o obrigão a parar, faz a parada mal. Se foge de algum objecto, que lhe faz medo, e ao meſmo tempo o parão, ſem que primeiro o endireitem no terreno, de ordinario não pára bem. Obrigallo a parar com regularidade, uſando do freio ſó antes de o haver deſembaraçado para huma, e outra parte por meio do trote, e do galope, e antes de o chegar ao bom eſtado de entrar na mão, he querello perder, ou ſuſcitar-lhe muitos vicios.

Os que forção, ou tirão pelo freio na parada, eſtendem o focinho, e dão cabeçadas: fazem iſto commummente, porque são fracos das eſpaduas, ou ſellados, e fracos do eſpinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões: em taes caſos devem parallos muitas vezes ao paſſo, e trote, fazendo-lhes ſentir as ſenſações do freio, tendo a mão firme para lhes ſegurar a cabeça, e ir pouco a pouco minorando o ſeu defeito: advertindo que ha tambem Cavallos, que pela fraqueza de todo o ſeu corpo não podem já mais parar bem.

Alguns parão ſubitamente, por não ſoffrer ſobre os ligamentos das eſpaduas, e da garupa a violencia das paradas fortes; outros, porque são faltos de viſta, parão tambem de repente, com o temor de eſtarem proximos a algum perigo: da meſma ſorte acontece áquelles, que são inteiramente cegos: finalmente as meias paradas, e paradas são boas para obrigar os Cavallos a abaixar, e rebater a garupa, iſto he, para os enſinar com ellas a levantar as eſpaduas para ſima das ancas, firmar a cabeça, e adquirir obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro; mas he preciſo que elles tenhão poſſibilidade, e diſpoſição para ſe formar na acção, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LI.

*Do Cavalleiro formando hum Cavallo na acção da parada firme para a direita: e a lição para o tirar atrás, depois de montado.*

PAra elle ſe igualar nos movimentos do eſpinhaço, quadrís, ſoldras, curvilhões, e jarretes, he tambem muito util a lição de o tirar atrás, porque ella ſerve tambem para o fazer abrir, e alargar-ſe dos meſmos curvilhões, e ſoldras, para uſar de todos os movimentos do ſeu corpo com mais perfeição, e deſembaraço.

Depois de os haverem adeſtrado por meio das diligencias ponderadas, os devem tambem formar na lição do recuar. Eu diſſe o modo, por que os devem diſ-

pôr para eſte fim antes de montados ; agora moſtrarei como ſe devem fazer recuar depois de os montarem, quando os trabalhão com o freio ſó.

Tendo o Cavalleiro a mão eſquerda defronte da barriga ſobre o cepilho da ſella com as unhas voltadas para ſi, terá alguma couſa o corpo atrás, puxando, e rendendo-lhe as redeas, a fim de que o Cavallo, obrigado das ſenſações do freio, e acção da mão, e corpo, ande para trás: ſe elle determinar os movimentos com mais preſſa do que ſe pertende , em tal caſo devem não ſó render-lhe a mão , e firmar o corpo menos para trás; mas ſe ateimar, devem unir-lhe as pernas alguma couſa á barriga, para que recue menos apreſſadamente, dobre os curvilhões, alargue as pernas, e ſe vá igualando dos movimentos das ancas, e ſoldras, que he o fim, e objecto deſta lição.

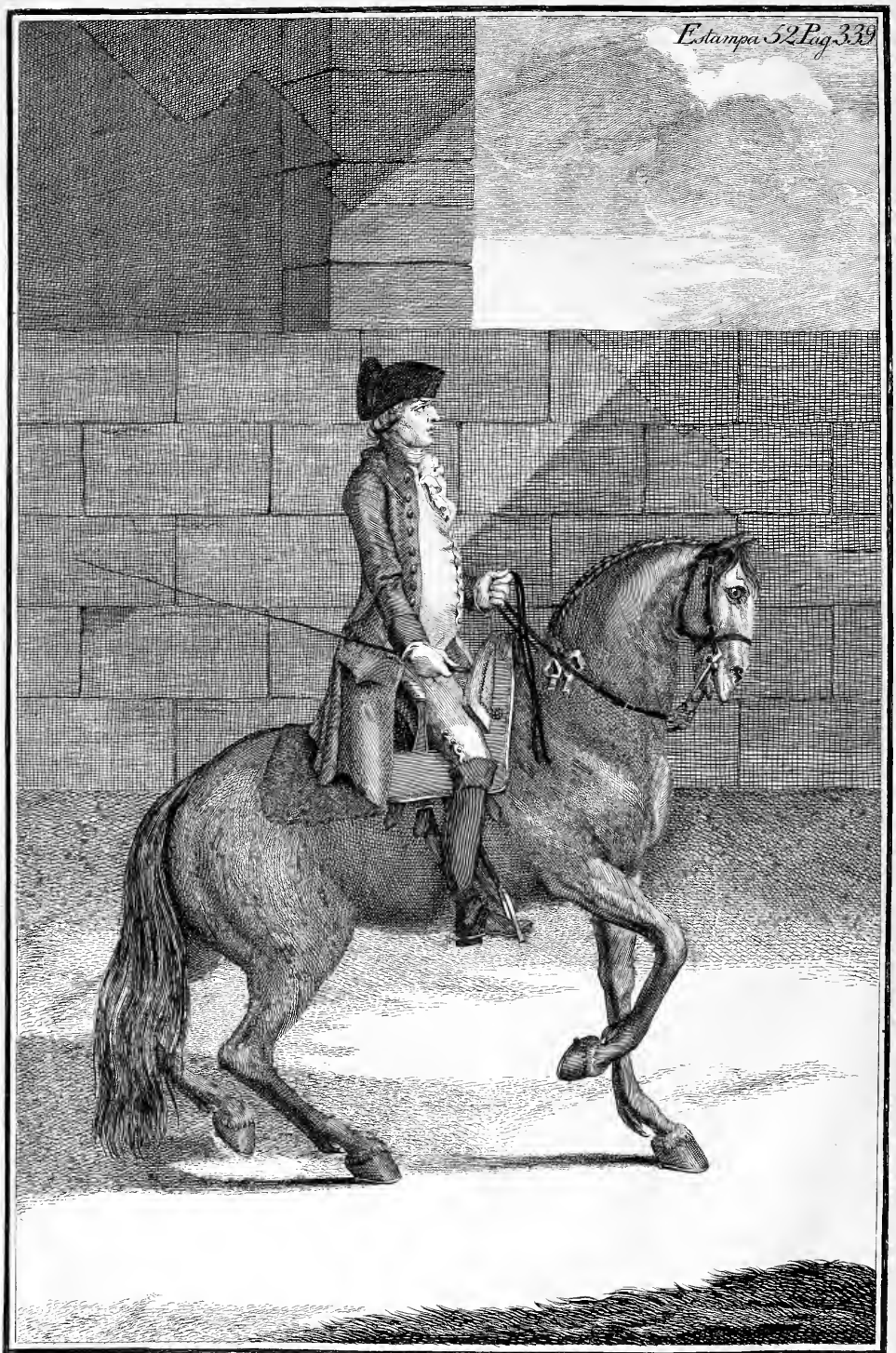
Se recua com impaciencia , não obſtante haverem-no obrigado deſte modo, então devem ter-lhe menos o corpo atrás , abrandar mais a mão , unir-lhe as pernas ao ventre , caſtigando-o mais forte com a vara ſobre a garupa , tanto para ſe ir formando em boa acção, como para que vá ſoffrendo as ſenſações da perna, da vara, e corpo, &c. e diſtribua as ſuas forças, e movimentos ſem acceleração, e á medida da vontade do Cavalleiro: tambem depois de recuar he bom fazello andar para diante alguns paſſos, para que aborreça menos eſte trabalho.

Se não moſtra ſentimentos de colera, e recua facil na mão com igualdade de movimentos, quando o pararem, devem render-lhe o freio, e affagallo, para lhe moſtrar que faz bem: eſtas diligencias o diſpõe muito para ſer facil na parada, ligeiro ás impreſsões da embocadura do freio, e por conſequencia obediente á mão, e ás pernas do Cavalleiro; e eſte deve conhecer ſe elle tem a força , e deſembaraço competente para recuar mais, ou menos eſpaço, a fim de que não deſobedeça, ou ſe arruine por effeito das defezas de que uſão, quando não podem.

Quando elle he froxo, ou comprido de eſpinhaço, tem as eſpaduas carnoſas, as pernas muito direitas, e juntas, he ſellado, tem os curvilhões unidos, as ſoldras apertadas para as verilhas, he topinho dos pés; e ſe deſpapa , ou ſe encapota , faz com eſtes defeitos eſta lição difficultoſa , porque lhe cuſta alargar-ſe das ancas , e dobrar os curvilhões , para obedecer ás mãos , e pernas do Cavalleiro, marcando o terreno (como ſe moſtra na Eſt. LXVII., Fig. 3., e Fig. 4.) Quando recua para a direita , a piſta do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da eſquerda a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4. Recuando para a eſquerda, a piſta do pé eſquerdo marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a N. 2., a da mão direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4., &c.

A regularidade do movimento do recuar faz tambem diſtribuir as forças do animal por todos os ſeus muſculos principaes : e por elles ſe participa com igualdade, maiormente ás ancas, e pés: os Cavallos uſão das ſuas forças por meio da lição do recuar, reunindo, e comprimindo os muſculos da garupa igualmente , a fim de que os movimentos de todo o corpo tenhão a ligeireza , e a força preciſa para elles ſe formarem bem em muitas lições.

ES-



Silva delin. Gueiroz sculp.

# ESTAMPA LII.

*Do Cavalleiro, fazendo recuar hum Cavallo ſobre linhas parallelas á largura do manejo, obrigando-o com o freio ſó.*

PAra diſtribuir as forças bem, deve andar para diante, e para trás, igual, e manſo: logo he certo que por meio da lição do recuar firma a cabeça, aligeira igualmente as eſpaduas, e braços, obedece á mão; e os muſculos, que lhe governão as articulações de toda a eſtructura do corpo, ſupportão com mais igualdade o ſeu pezo; e por meio deſtas diligencias ſe conſegue, fazerem todos os movimentos do corpo do Cavallo huma correſpondencia maravilhoſa.

Em quanto por meio do enſino ſe não obriga o Cavallo a ir rebatendo os movimentos das eſpaduas para ſima da garupa, ſupportão os braços a maior parte do pezo; porque na ſua poſtura vertical carrega ſobre elles a cabeça, o peſcoço, e as eſpaduas, por mais bem proporcionado que elle ſeja; por iſſo he neceſſario fazer com arte repartir o pezo da máquina, enſinando o animal a uſar bem das ſuas ancas, para aliviar artificialmente as eſpaduas, como parte a mais opprimida; e he certo que não ſe repartindo o pezo com igualdade ſobre as mãos, e pés, não poderá o Cavallo ſaltar, ou galopar, nem correr com agilidade, ſem o riſco de precipitar-ſe, e ao Cavalleiro, em quanto não reparte o pezo entre ſi, equilibrando-ſe ſempre: logo por iſſo he mais uſual tropeçarem os Cavallos com as mãos, do que com os pés.

A mão ſuprema do Creador diſpoz a máquina do corpo do Cavallo com equilibrio conſtante, e eſta conſtrucção eſtá fundada ſobre os ſeus braços, e pernas; mas a natural diſpoſição não baſta ſó, depois das reflexões que tenho feito, para me capacitar, que ſem ſe ſituar o Cavallo bem ſobre a garupa, elle ſe poſſa mover nas lições artificiaes com igualdade, depois de ter (além do pezo da ſua cabeça, peſcoço, e eſpaduas) na boca hum freio, ſobre ſi huma ſella bem apertada, e o pezo de hum homem, que ſe move ſobre ella: por cujos motivos he innegavel que faz bem conſideravel differença aquelle, que he exercitado com as diligencias da Arte: daquelle, que ſem artificio tem ſómente movimentos naturaes, e que não ſoffre ſobre ſi a oppreſsão, e o pezo.

Se duvída recuar, he bom mettello com brandura entre os Pilões, porque a lição deſtes une muito o Cavallo ſobre as ancas, obrigando-o juntamente a levantar-ſe das eſpaduas, dobrando bem os braços, quadris, e jarretes, porque por eſte modo ſe alarga da garupa conſideravelmente, e por conſequencia elle ſe diſpõe para recuar.

A lição dos Pilões foi inventada por Pignateli; e poſto que La Brow, e Pluvinel a aperfeiçoárão, com tudo não trato do modo que elles ſeguírão no ſeu uſo, e prefiro o methodo de os metter entre os Pilões adoptado pelo Senhor Rei D. Duarte, o Eloquente, na ſua Arte da Cavallaria Pag. 179.: elle diz » He bom » metter os Cavallos entre os Pilões com o cabeção que inventei, as primeiras

» vezes ſem ſella, e muito brandamente fazellos mover para hum, e outro lado, a » fim de que ſe ſuaviſem dos movimentos das ancas, pondo-ſe bem ſobre ellas, » para que ſoffrão os caſtigos, e deixem conhecer bem qual he a ſua mais natural » propensão, &c. » Eſte parecer ſe une mais com a razão, do que a violencia antigamente praticada por muitos Cavalleiros.

## *Diſpoſições para a lição do terra á terra, trabalhando o Cavallo com o freio ſó.*

FAz o Cavallo, em quanto aſſim trabalha, hum ſeguimento de pequenos ſaltos perto da terra, movendo-ſe obliquamente, já para a direita, ou para a eſquerda; e mettello entre os Pilões, e tirallo atrás repetidas vezes ſobre hum, e outro lado, tambem o facilita cada vez mais para ſer prompto, e facil neſta lição: ora quando ſe mette hum Cavallo ignorante entre os Pilões, elle neceſſariamente vendo que não póde eſcapar do caſtigo, impellido do temor, e da oppreſsão do cabeção dos páos, commette grandes exceſſos: por iſſo recommendo que o preparem para o metter as primeiras vezes entre elles, alargando-lhe a ſella, o rabicho, as redeas do cabeção, as do freio, e a barbella, &c. obrigando-o a conhecer eſta lição por meio de brandas ſenſações, e proprias para o conduzir áquella acção que delle ſe exige: iſto ſe entende, ſe tiver propensão para algum dos ares do manejo.

Tendo propriedade para o terra á terra, e ſendo preciſo para o unir mais ſobre a garupa, (mettello entre os Pilões) pouco a pouco lhe farão ſentir delicadamente o açoute ſobre ella, para que vá para o cabeção; e logo que ſe apreſentar em alguma acção, uſando bem da garupa, devem affagallo, e fazello paſſar de mão, ou tambem tirallo dos Pilões, augmentando-lhe aſſim de dia em dia as lições á proporção do ſeu adiantamento, e obediencia.

## *Modo, por que o Cavallo equilibra o ſeu pezo entre os Pilões; e a variedade com que o devem ajudar, e caſtigar.*

DEvem, quando ſe alevantão das eſpaduas, ter os pés firmes, curvando, e dobrando as ſoldras, e curvilhões, porque ſe arruinão muito deſtas partes do corpo, ſenão ſe formão na acção, firmando com as piſtas dos pés o ponto de gravidade. Os braços dos Cavallos tem o jogo dos joelhos para diante, como a perna do homem; e as pernas tem o jogo dos curvilhões, como os braços do homem tem os cotovellos. Deſta ſorte quando o Cavallo alevanta as eſpaduas, e braços, dobra os joelhos; e quando ſe aſſenta ſobre a garupa, dobra os curvilhões; e ſó no tempo, em que ſe dobrão os joelhos, e curvilhões, póde alcançar com os pés o ponto de gravidade. Finalmente a lição do recuar, e de os metter entre os Pilões he proveitoſa a toda a ſorte de Cavallos; e ſómente pernicioſa, quando quem a dirige a faz praticar com demaziada aſpereza, ou ignorancia.

As ajudas, e caſtigos varião, ſegundo a occaſião, e o caſo; e neſta; como em to-

todas as mais lições, ſervem para lhe acompanhar a ſua diſpoſição, ajudallos a tempo opportuno, e confirmallos na lição: a força dellas ſempre deve ſer proporcionada pela maior, ou menor ſenſibilidade do Cavallo; porque ſendo eſte ſenſivel, principalmente nas lições formadas entre os páos, com a violencia, longe de o fazer correſponder bem, o porão cada vez em maior deſordem.

Tratando da lição do galope, diſſe que o Senhor Rei D. Joſé I. formava qualquer Cavallo na acção do galope com perfeição: agora continuarei a moſtrar como elle os formava tambem na lição do terra á terra, obrigando-os com o freio ſó. Conhecia elle a ordem das leis do movimento, com a qual, por meio do exercicio da Nobre Arte da Cavallaria, ſe aperfeiçoão os Cavallos nos ſeus andares, aſſim naturaes, como artificiaes: ſabia que elles na acção do terra á terra são mais unidos, e juſtos nos ſeus movimentos, do que no ordinario galope; e que os balanços do terra á terra procedem de jogo natural dos quadris, garupa, e curvilhões do animal: não ignorava que os que tem propriedade para ſe formar na acção do terra á terra, ſe os obrigão a deter-ſe, e levantar-ſe mais das eſpaduas, elles ſe formão na acção, e balanço do meio ar; e quanto mais ſe levantão, e ſe demorão, mais detidos, e brilhantes são no ſeu meio ar.

Ora o ſalto do galope no terra á terra, e no meio ar he ſemelhante; mas a determinação do movimento he diverſa na obliquidade, no balanço, e no tempo. O Cavallo preciſa no terra á terra recolher as ancas bem para baixo do ſeu corpo, collando as ſoldras para baixo da barriga com velocidade tal, que parece que o ventre ſe une a ellas em cada balanço que elle faz: e no meio ar toma hum balanço nas eſpaduas detido, relevado, e largo, repartindo igualmente as ſuas forças com as eſpaduas, e garupa, e aſſim marca na lição do meio ar com as piſtas dos pés, e mãos quatro tempos iguaes, ou elle ande ſobre os circulos, ou ſobre o quadrado. Os tempos porém do terra á terra não tem tanta igualdade, nem são tão perceptiveis como os do meio ar, por eſtar o Cavallo mais unido ſobre a garupa, e ſer o movimento mais veloz; ou elle marque o terreno, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLII., ou na da Eſt. XLIV. A linha que ſahe do centro de huma, e outra Figura, moſtra como o Cavalleiro deve ſituar o Cavallo junto ao Pilão, para não ſe embaraçar com elle.

Quando ElRei obrigava o Cavallo a formar-ſe na acção do terra á terra, ſentava-ſe bem no meio da ſella, ſem pender para huma, ou outra parte; firmava as coſtas bem para dentro do lugar dos rins até ás eſpaduas, e era firme ſobre os eſtribos, ao meſmo tempo que modificava a firmeza com proporção á maior, ou menor facilidade com que o Cavallo igualava os movimentos, ou tempos do terra á terra: apôs iſſo unia-lhe as pernas ao ventre; e ſem lhe atenuar a ſenſibilidade, fortalecia a ſenſação da perna de fóra, ou eſquerda, e affroxava a da perna de dentro, ſem perder o equilibrio, apoiando-ſe ſempre bem ſobre o eſtribo de dentro, e deſte modo ajudava os Cavallos com a perna de fóra, ſem que os eſpectadores, que o vião trabalhar, percebeſſem donde emanava a violencia, ou a moderação com que o conduzia, e obrigava, antes ſim parecia que o animal trabalhava mais por ſua vontade, que por effeito das diligencias com que era inſtigado.

En-

Entre a força das ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda o hia encruzando cada vez mais, tendo a mão da redea de unhas aſſima, e o dedo minimo alguma couſa voltado para a eſpadua eſquerda; mas ſe o Cavallo unia com exceſſo a eſpadua direita á eſquerda, então com o pulſo muito ligeiro, trazendo a mão para dentro, elevando-a para fóra, lhe collocava as eſpaduas bem adiante da garupa, a fim de o obrigar a ſeguir a acção, e balanço do bom terra á terra com a igualdade de movimentos de eſpaduas, e ancas, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LIII.

### *De Sua Mageſtade, trabalhando hum Cavallo na acção do terra á terra para a direita ſómente com o freio.*

QUando principiava a enſinar qualquer Cavallo neſta lição, havendo-o diſpoſto pelas de que tenho tratado, fazia-o galopar unido, e perto da terra; e logo que elle hia com mais facilidade, o ajudava mais fortemente com a redea direita, fortalecia apôs iſſo as ſenſações da perna eſquerda, e aſſim animava toda a ſua aptitude, de ſorte que o animal, obrigado de todas eſtas diligencias, tomava o balanço do terra á terra; e tendo-lhe feito marcar tres, ou quatro tempos delle, modificava-lhe as forças das ſenſações com que o obrigava, para o trazer outra vez ao galope, e o ir facilitando a que tomaſſe os tempos do bom terra á terra, ſem ſe apaixonar, e confundir; repetindo-lhe deſta ſorte a lição, ou o trabalhaſſe no circulo com a garupa ao Pilão, ou ſobre o quadrado.

Aſſim o encaminhava ao principio, já com as redeas ſeparadas (ſe elle deſobedecia) já com ellas unidas, (ſe ſe ſujeitava, e deixava dominar) elle o encruzava deſta ſorte entre as forças da redea de dentro, e a da perna de fóra, para que a ſenſação da redea direita o obrigaſſe a dirigir os movimentos da cara, peſcoço, e eſpaduas, dobrando-ſe bem para dentro da volta, e as da perna eſquerda lhe obrigaſſem a meia anca eſquerda a unir-ſe á meia anca direita, para elle rebater os movimentos das eſpaduas bem para ſima do ventre, quadris, ancas, e curvilhões; pois que ſó deſte modo póde formar a verdadeira cadencia do terra á terra.

Ainda que eſte movimento procede em grande parte do jogo das articulações das juntas das ancas dos Cavallos, he certo que movendo-ſe a garupa no centro, as eſpaduas neceſſariamente caminhão pelo grande eſpaço da maior circumferencia, e tem para tranſitar mais terreno que a garupa dez, ou doze vezes, e ainda mais, ſe anda muito curto: neſta lição não póde jámais obliquar de chapa, ſem que as eſpaduas vão ao menos adiante da meia garupa de dentro da volta, pois elle preciſa ligar o balanço das eſpaduas com o da garupa em todos os tempos, que faz no ſeu terra á terra, de ſorte que parece cahir no chão com os pés, e mãos quaſi ao meſmo tempo, como faz nos ares altos; mas executa ſempre iſto com movimento quadernario, a que dá principio em quanto ſe dobra para a mão direita, pondo primeiro na terra o pé eſquerdo, depois o direito, logo a mão eſquerda, e ul-

Silva delin. Trois sculp.

ultimamente faz a mão direita a ultima poſição, poſto que todas ellas ſe executão com ſumma brevidade.

Newcaſtle diz, que o terra á terra he hum ſeguimento de pequenos ſaltos, os quaes o Cavallo faz perto da terra; e tambem he certo ſer elle o fundamento das paſſadas, das pouſadas, e de todos os ares altos, ou relevados, porque em quaſi todos elles os Cavallos finalizão os ſeus ſaltos, cahindo com os pés, e mãos ao meſmo tempo na terra.

## *Modos, por que Sua Mageſtade fazia paſſar de mão qualquer Cavallo ſobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Eſt. XLII., trabalhando-o com o freio ſó. Methodo, com que acordava toda a ſua bella figura para o fazer mudar de acção, e unir-ſe bem ſobre a garupa na paſſagem.*

OBrigava-o a paſſar de mão, trabalhando-o na lição, e acção do terra á terra da direita para a eſquerda com o freio ſó, quando elle hia em movimento mais igual, e ſe deixava encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, obedecendo com facilidade a humas, e outras ſenſações, e então o ajudava com ambas as pernas, e as redeas ambas a ſahir da linha da maior circumferencia (N. 1. da Fig. 1., Eſt. XLII.) para a Fig. 2. pelas linhas da Letra E hum eſpaço de terreno correſpondente á grandeza dos circulos ſobre que trabalhava na Fig. 1., e ás difficuldades do Cavallo, enſinando-o a marchar direito de duas piſtas até á Letra F, formando-lhe hum ſemicirculo della para G, indo-o fazer paſſar de mão pelas linhas de pontinhos de N para a Fig. 1., deſdobrando-o ſobre ella da direita para a eſquerda; e tanto pelas linhas, como pelo meio circulo E, F, G, a piſta da mão, e pé direito marcava a linha N. 1., e a da mão, e pé eſquerdo a N. 2.

Tambem com igual facilidade elle obrigava qualquer Cavallo a paſſar de mão, fazendo-o ſahir da Fig. 1. para a Fig. 3., já de quatro piſtas, já obrigando-o por hum ſemicirculo, a que determinaſſe o movimento a paſſadas: então pelas linhas da Letra G o fazia ſahir bem encruzado entre as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda para a Letra H, e della para I, avivando mais pelo ſemicirculo toda a ſua figura, fortalecendo mais, ou menos, quando era preciſa, as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, tendo o ſeu corpo atrás, para que o Cavallo fizeſſe tres, ou quatro paſſadas; e logo que eſte lhe obedecia, lhe affroxava a actividade do corpo, mãos, e pernas, a fim de o trazer das paſſadas ao pequeno galope, e o ir facilitando deſte modo a que formaſſe o ſemicirculo, ſem ſe apaixonar, ſem ſe atraveſſar, e ſem ſe confundir no ſeu trabalho até chegar á linha N. 1. da Fig. 1., em que manejava, antes de principiar a formar a paſſagem; e do vertice do angulo miſtilineo L o fazia paſſar de mão, obrigando-o a deſdobrar-ſe da direita para a eſquerda, com huma bizarria, e promptidão ſummamente agradavel; e em quanto o Cavallo hia marchando pelas linhas rectas, e circula-

res,

res, a piſta da mão direita marcava a linha N. 1., a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4.

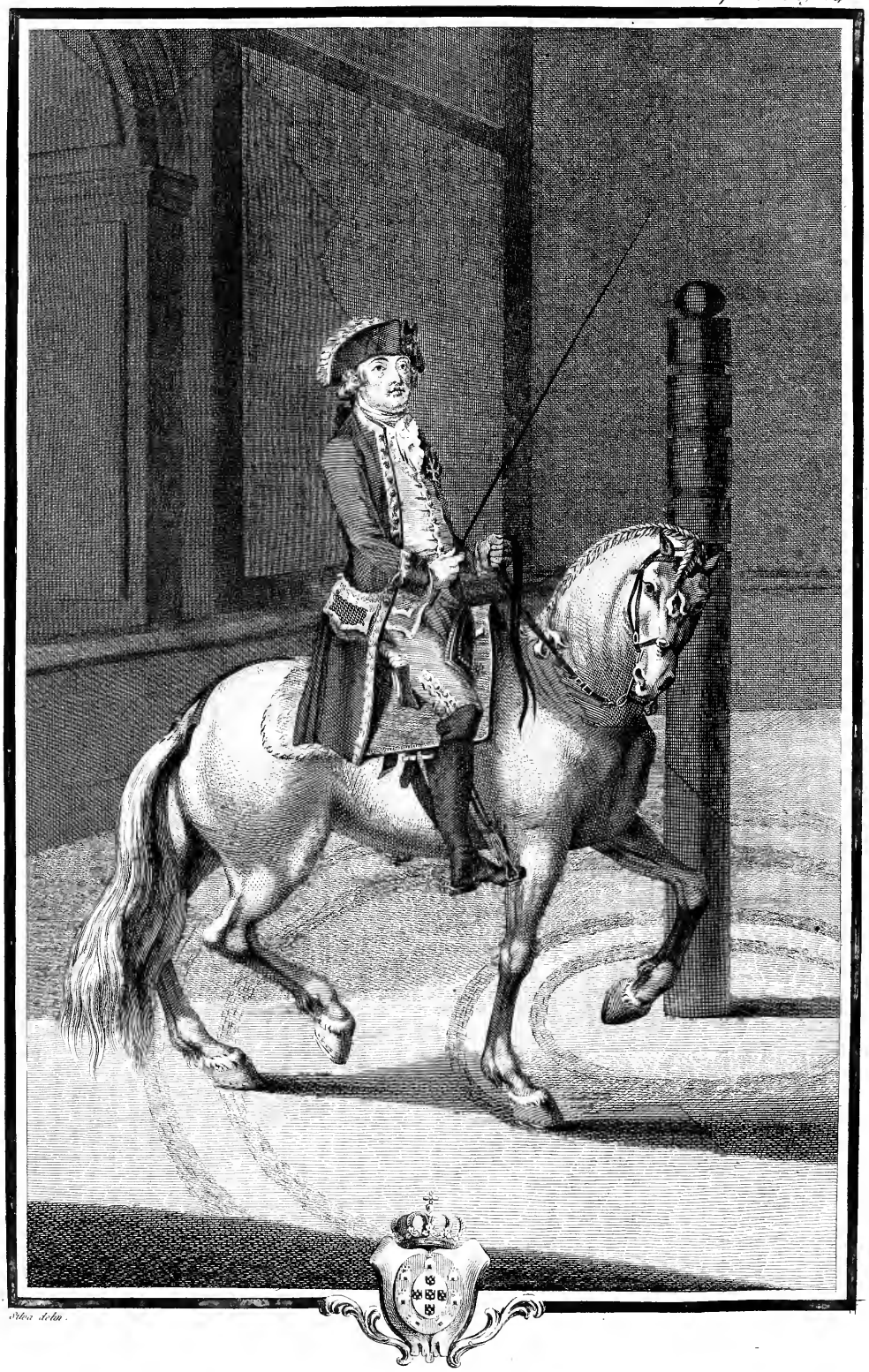
Na paſſagem mudava Sua Mageſtade a acção da ſua figura, e apôs iſſo fazia mudar a acção, e dobra do corpo do Cavallo: então inſtantaneamente ſobre a Fig. 1. o fazia deſdobrar da direita para a eſquerda; e tanto que elle mudava de acção, obrigava-o com ambas as redeas, e as pernas ambas, primeiramente a entrar para diante; e logo pezando hum pouco mais ſobre o eſtribo eſquerdo, ajudava-o na inclinação circular para o centro da volta: e o Cavallo por effeito de todas eſtas ſenſações, não ſó obliquava circularmente para o centro, mas tomava a determinação do balanço do galope igual, e firme no ſeu movimento, e acção para a mão eſquerda, como o era para a direita, antes de fazer a paſſagem, ou o trabalhaſſe com a garupa ao Pilão, ou com a cara contra a muralha. Eſta boa ordem que Sua Mageſtade praticava, ſem dúvida a devem ſeguir os mais abalizados Cavalleiros; e tanto quando lhe formarem as paſſagens de duas, como de quatro piſtas.

Antes de fazer deſdobrar o Cavallo da direita para a eſquerda com a redea direita, e a perna eſquerda, o fazia unir mais ſobre a meia garupa direita, e no vertice do angulo L, Fig. 1.: logo que eſtava unido, lhe affroxava a redea direita, e a ſenſação da perna eſquerda; e ſegurando-lhe a redea eſquerda com a mão de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, atrazava a eſpadua eſquerda, adiantava a mão, e eſpadua direita, e aſſim alternativamente o fazia determinar a direcção para a eſquerda, &c. fazia elle eſtes movimentos em quanto o Cavallo no balanço das eſpaduas mudava a acção, e dobra do corpo da direita para a eſquerda, em que por effeito da paſſagem o obrigava a ſeguir a meſma lição, e acção, em que o formava para a direita antes de o fazer paſſar de mão.

## *Lição da volta ao revés para a direita ao paſſo, e trote com o freio ſó.*

DEpois de Sua Mageſtade trabalhar o Cavallo na lição do terra á terra, commummente o paſſeava na da volta ao revés com a teſta contra o Pilão, ou com as eſpaduas ao centro, para o obrigar a completar o ſeu trabalho ſujeito na obediencia da redea de dentro da volta, e de fóra do centro, e da perna da parte do centro, e de fóra da volta para a mão direita, como ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-



Silva delin.

# ESTAMPA LIV.

*De Sua Mageſtade , formando hum Cavallo na acção da volta ao revés para a direita com o freio ſó.*

OBrigava ElRei qualquer Cavallo a formar-ſe na acção da volta ao revés, dobrando-o para a direita, fazendo-lhe ſentir as ſenſações de ambas as pernas, para que ſe moveſſe obliqua , e circularmente para fóra , avançando ſempre terreno, o que ſe não póde fazer ſem o encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda; e deſte modo he que elle o fazia entrar com as eſpaduas para o centro, á proporção do que a garupa ſahia para a circumferencia: ora em tal caſo, quando a mão do Cavalleiro de unhas abaixo ſahe para a eſquerda, e a perna eſquerda ſe une mais atrás das cilhas, obriga a garupa a entrar para a direita: e a ſenſação da embocadura, e barbela he mais activa da parte eſquerda, e por iſſo o Cavallo volta para a direita dobrado com maior curvidade, e com mais graça.

Em quanto formava o Cavallo neſta acção , avançava a eſpadua eſquerda á proporção da dobra que lhe fazia obſervar no peſcoço, e corpo, e da meſma ſorte atrazava a eſpadua direita, ſem já mais perder o equilibrio, que ſe deve conſervar ſempre no meio da ſella, para o corpo, mãos, e pernas gozarem dos ſeus movimentos com perfeição.

He a lição da volta ao revés aſpera aos Cavallos, porque a perna de dentro da ſua dobra do corpo a cada paſſo vai para fóra do circulo , em que elle anda: ſahe do ponto de gravidade, e marca o circulo da maior circumferencia, aſſim ao paſſo, como ao trote; e a perna eſquerda neſte caſo, ſendo a de fóra deſta volta, he a que entra para baixo do ventre, e ponto de gravidade : e aſſim como trabalhando elle ſobre a volta, olha, e ſe dobra para o ponto do centro, e neſte caſo o pé de dentro , e a mão de fóra vão buſcar o ponto de gravidade ; e trabalhando dobrado para a direita , ſe reparte o pezo ſobre a mão eſquerda , e pé direito. Quando ſe dobra para a direita na acção da volta ao revés , a mão direita , e pé eſquerdo he que vão buſcar o ponto de gravidade , e por conſequencia elles ſoffrem mais o pezo , do que o pé direito , como ſe vê na Eſt. XXXVI. , Fig. 1., na Eſt. XLVII., e na Eſt. LIV.

Quanto menor he o circulo em que trabalhão as eſpaduas , menos , e mais apertado he o ſeu movimento ; aſſim como tambem á proporção he mais largo o movimento da garupa , quando ella deſcreve a maior circumferencia : logo pelas meſmas cauſas, entrando as ancas para o centro, ellas tem menos movimento que as eſpaduas.

Se o Cavallo ſe encoſtava com exceſſo ſobre a eſpadua eſquerda, ou de dentro do centro , ElRei promptamente levava a mão eſquerda de unhas aſſima para dentro da volta, a fim de que o animal ſe indireitaſſe , e uniſſe a eſpadua eſquerda á eſpadua direita , e concava ; mas logo que lhe obedecia , tornava a levar a mão da redea ao ſeu lugar, para que o Cavallo ſe não deſmanchaſſe da ſua acção.

Ora quando elle determinava os ſeus movimentos com deſigualdade ao paſſo, e trote, e ao galope, tambem promptamente para o remediar o ajudava com o equilibrio do corpo, com a mão, com os joelhos, barrigas das pernas, e eſporas no tempo em que elle o preciſava, encaminhando-o depois com muita moderação para não lhe atenuar a ſenſibilidade com o ſucceſſivo coſtume das ſenſações, e caſtigos violentos.

Deſta ſorte os enſinava, e aperfeiçoava na lição, e acção da volta ao revés com as eſpaduas ao centro, e cara contra o Pilão ao paſſo, e trote para a direita, obrigando-os a marcar o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXVI.

*Fórmas de fazer paſſar de mão os Cavallos, trabalhando-os na lição da volta ao revés, ao paſſo, e trote com o freio ſó, marcando as eſpaduas os ſemicirculos da maior circumferencia, e a garupa os da menor, Fig. 2., Eſt. XXXVI.; como tambem marcando as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia, e as das eſpaduas a menor, como ſe vê na Fig. 3. da meſma Eſtampa.*

QUerendo-o Sua Mageſtade fazer paſſar de mão da direita para a eſquerda, trabalhando-o na lição da volta ao revés, fazia-o ſahir da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra M para P, obrigando-o a que marcaſſe os circulos maiores N. 1., e N. 2. com as piſtas das mãos, e os circulos do centro N. 3., e N. 4. com as piſtas dos pés; e chegando á Letra O pelas linhas de pontinhos, o paſſava para a Fig. 1.: então ſobre a Letra N affroxava a redea direita, e a perna eſquerda, fortalecia a ſenſação da redea eſquerda, e da perna direita, e aſſim o fazia deſdobrar da acção, e paſſar para a lição da volta ao revés ſobre a eſquerda.

Tambem o obrigava a paſſar de mão, fazendo-o partir da Fig. 1. para a Fig. 3.; e pelas linhas F o obrigava mais com a perna eſquerda a que marcaſſe com as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia N. 3., e N. 4., e com as piſtas das mãos as da menor N. 1., e N. 2.: neſte caſo lhe hia contrapondo cada vez mais as ſenſações da redea direita ás da perna eſquerda, levando a mão da redea de unhas abaixo para o centro do ſemicirculo que hia formando com huma força tão proporcionada ás ſenſações com que o obrigava com a perna eſquerda, e á determinação da maior, ou menor velocidade do movimento do Cavallo, que o obrigava a formar-ſe em boa acção, e deſcrever com as piſtas da garupa as linhas da maior circumferencia até chegar á Fig. 1., Letra S, em que o fazia paſſar de mão, e mudar de acção da direita para a eſquerda, uſando dos meſmos movimentos do corpo, mãos, e pernas, de que já diſſe uſava para o fazer paſſar ſobre a Fig. 2.

Eſta lição da volta ao revés diſpõe grandemente os Cavallos para ſe dobrarem com facilidade, e ſegurarem tanto na igualdade dos movimentos, como na obe-

obediencia da mão, e pernas do Cavalleiro: por iſſo Sua Mageſtade os paſſeava por eſte modo, quando os pertendia apromptar para a lição do terra á terra.

## *Lição do terra á terra para a eſquerda.*

TEndo eu a honra de aſſiſtir, e ver andar a cavallo o Excellentiſſimo Marquez de Marialva D. Pedro frequentemente, levanto a fraca voz para fallar deſte Genio extraordinario, que além de inſigne Cavalleiro, com as ſuas virtudes exemplares tem ennobrecido a eſpecie humana. Os ſeus maravilhoſos talentos, as ſuas glorioſas acções o tem muito diſtinguido do commum dos Homens da ſua claſſe; e a inexhaurivel Natureza tem moſtrado que ſempre póde produzir homens grandes, e raros.

Os Perſas, os Gregos, e á ſua imitação os Romanos, fazião eſculpir em marmore, e bronze as diſtintas acções dos ſeus Heroes, para que eſtes monomentos da ſua gloria vieſſem a ſer eſtimulos de honra ás futuras gerações.

Eu não podendo levantar Padrões, nem erigir eſtatuas a Sua Excellencia, eſcrevo eſta memoria, deſejando perpetuar na lembrança dos Homens as ſuas raras qualidades: eſte pois que por eſtirpe dos Heroes famoſos he legitimo deſcendente dos Monarcas Luſitanos, e dos invenciveis Menezes, Grandes Generaes, perfeitos Politicos, Cidadãos zeloſos, Grandes em virtudes, em qualidades Grandes, Illuſtres em Sciencias, em acções famoſos. Eſte Neto do grande General D. Antonio Luiz de Menezes exiſte entre nós para felicidade da Patria, e luſtre das Artes, e das Sciencias. As ſublimes qualidades, de que he adornado o ſeu eſpirito, ſómente as deve á ſua profunda meditação, e ao ſeu genio feliz. Se aqui fora lugar proprio para tecer-lhe hum elogio, ſómente me contentára com a eloquencia com que Cicero, e Plinio fizerão immortaes Pompeo, e Trajano: merecêrão tanto louvor aquelles dous Conquiſtadores, que ſe empenhárão em fazer nadar em ſangue humano a tantos Homens; e Sua Excellencia com objecto mais nobre, como bom politico, ſe empenha em conſervar a paz entre os Homens, e em proteger as Sciencias, e as Artes; porém ainda que eu conheço a debilidade dos meus talentos, não devo deixar em ſilencio a pericia com que elle maneja a Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria.

Trabalha qualquer Cavallo, aſſim pelo direito, como com a garupa ao Pilão, com a cara contra a muralha, e eſpaduas ao centro, e em todos os mais reverſos, que elle póde fazer no manejo ao paſſo, ao trote, ao galope no terra á terra, e nos ares altos, ou relevados com tanta perfeição, como ainda não vi outro algum Cavalleiro: elle determina todos os movimentos do ſeu corpo, mãos, e pernas com tal propriedade, e tão acordemente, já para ajudar, já para caſtigar o Cavallo, que lhe obedece o animal até onde alcança a ſua poſſibilidade.

He certo que ſendo raros os Cavalleiros, que podem ajudar, e obrigar neſtes trabalhos os Cavallos (com o equilibrio, joelhos, e pernas) a que entrem para diante, e para o freio com perfeição, a elle he iſto tão facil, quanto aos mais difficultoſo; e maiormente cuſta ſe o Cavalleiro tem ſempre as curvas das pernas fle-

xiveis, e firmes, como Sua Excellencia, que ainda quando contrapéza para dentro, ou para fóra da volta, ſempre o faz, ajudando-ſe dos ſeus joelhos, e pernas, ſem perder a firmeza do equilibrio, e a flexibilidade das curvas, e por iſſo os encaminha com huma indizivel promptidão.

Os Cavallos, que elle enſina, andão ſempre bem para diante, e ao meſmo tempo ſe dobrão muito, e com graça, e igualdade, tanto marchando para a direita, como para a eſquerda, porque lhes buſca o apoio, onde elles o tem, ſegundo a ſua conſtructura; e por iſſo he que os póde dobrar com tanta perfeição em toda a ſorte de trabalhos, aſſim naturaes, como artificiaes.

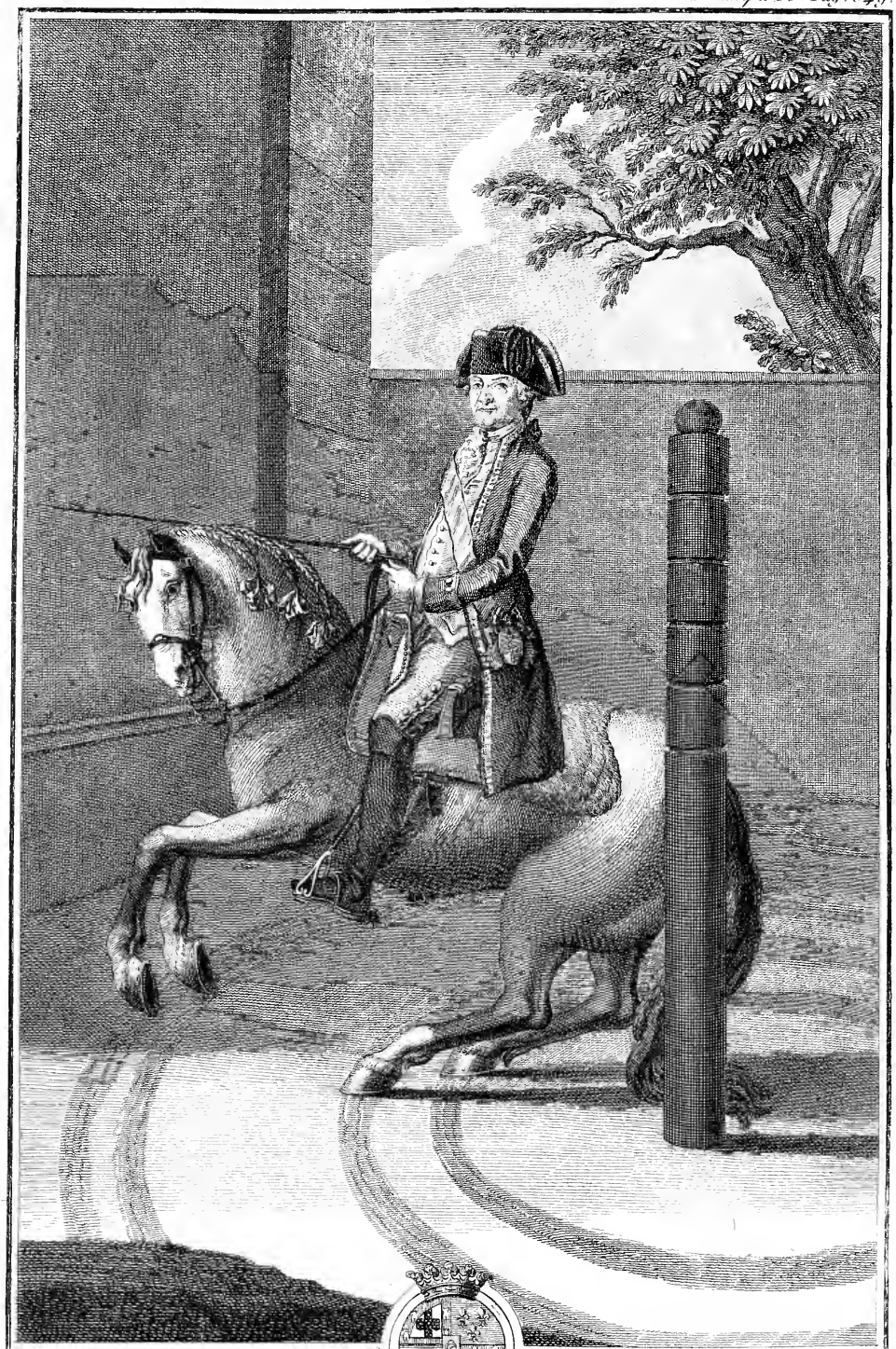
Applica-ſe á Nobre Arte da Cavallaria de ſorte, que tendo de idade mais de ſetenta e ſeis annos, todos os dias preſide á Picaria, trabalhando muitos Cavallos, e Potros com tanto deſembaraço, e promptidão, como ſe eſtiveſſe em idade juvenil, para exemplo, e confuſão da culpavel indolencia a que infinitos Homens ſe entregão; porque não ſó neſta, mas em outras Artes, e Sciencias deo a Providencia a eſte grande Homem aquellas diſtinctas qualidades, que raras vezes participa aos ſeus ſemelhantes.

Ha Cavalleiros, que andão bem ſobre Cavallos enſinados por outros: e ha Homens, que tem propriedade, conhecimento, e talentos para os diſpôr, encaminhar, e enſinar deſde os ſeus primeiros principios, debaixo do methodo regular da Arte, até os formar bem em todas as lições, que lhes são proprias. Ora entre os mais diſtinctos Profeſſores elle he o que poſſue eſta propriedade, conhecimento, e talentos com mais perfeição: eu o vi trabalhar hum Cavallo, além de outros muitos, chamado Aventureiro, ao qual diſpoz deſde os primeiros rudimentos debaixo do methodo regular que a Arte enſina, e o chegou a tanta obediencia, que para moſtrar quanto o coſtume, e as ſenſações bem applicadas rendem os Cavallos faceis, e promptos na preſença de Suas Mageſtades a Senhora D. Maria I., D. Pedro III., e Suas Altezas, o chegou a trabalhar nas ſeguintes lições.

Primeiramente o trotou pelas linhas da muralha com a meia garupa ao centro, depois o fez trabalhar na lição das eſpaduas dentro por todo o terreno, já ao trote, já ao galope: deſta o paſſou á lição da cara contra a muralha, ou eſpaduas ao muro, ao paſſo, ao trote, e ao galope, fazendo-o paſſar de mão nas extremidades das linhas rectas da muralha, obrigando-o pelos ſemicirculos dos angulos a formar as paſſadas com a maior perfeição: apôs iſſo o fez paſſar á lição dos quatro circulos, como tambem á da volta ao revés, junto ao Pilão do centro, e por todo o terreno, e ultimamente á lição do terra á terra, tanto com a garupa ao Pilão, como ſobre o quadrado, e por todo o terreno, formando-lhe nas extremidades das linhas da muralha, humas vezes angulos rectos, outras angulos agudos, e obtuſos, ou tambem meſtilineos, e curvilineos, chamando-o pelos ſeus arcos, ou ſemicirculos, já ás paſſadas relevadas, deixando-o no fim dellas, humas vezes com a garupa ao centro dos ſemicirculos, outras formando-lhe pequenos circulos, ora com as eſpaduas, ora com a garupa ao centro, ſem que para o obrigar a tudo iſto tiveſſe o Cavallo na boca mais que huma fitta, com a qual ſe deixava governar: e foi tão exacta a obediencia do animal, que já mais faltou em alguma

deſ-

Estampa 55. Pag. 549.



Silva del.

deſtas acções a obedecer a tudo quanto ſe lhe determinava. Ah! que ſe Newcaſtle o víra trabalhar aſſim, talvez que eſquecido do ſeu Capitão Maſem teria mais que admirar.

Por ſemelhante modo fez ver ao Sereniſſimo Infante D. Antonio que o equilibrio do corpo do Cavalleiro no meio da ſella he ſem contradicção util para o Cavallo ſe collocar com igualdade, e obediencia nas differentes acções, em que ſe move: em hum Cavallo chamado Arrogante, que elle enſinou, poſta a ſella, ſem couſa alguma que a apertaſſe, Sua Excellencia do montadouro ſe poz a cavallo, e o trabalhou depois em varias lições até á do terra á terra, com tanta firmeza, e ſegurança, como ſe a ſella eſtiveſſe bem apertada. Iſto juſtifica o ſeu perfeito equilibrio, e tambem que delle procedem muito as leis, que determinão os movimentos dos Cavallos em todas as lições que podem executar: e por iſſo os da ſua lição trazem as eſpaduas bem no ſeu devido lugar, de ſorte que por muito que ſe dobrem, são infinitamente ſenſiveis ás mãos, e pernas, porque elle os encruza bem entre as ſenſações da redea de dentro, e da perna de fóra, como paſſo a ponderar.

Senta-ſe bem no meio da ſella para o formar neſta lição; e apôs iſſo he que o encaminha com ambas as pernas, e as redeas ambas, para que ande bem para diante; e ſe he rude, ou pouco facil de alguma parte do corpo, elle lhe conhece a origem do ſeu defeito, e promptamente lhe applica lições convenientes a vencer-lhe as difficuldades, obrigando-o com toques proprios, de ſorte que o animal ſe lhe ſujeita quanto póde; e iſto he em que conſiſte o ſer bom Cavalleiro.

He difficultoſo levar a mão eſquerda de unhas aſſima da cernelha para fóra, ſem que ſe atraveſſe, ou atraze a eſpadua direita do Cavalleiro contra a linha circular da eſpadua eſquerda do Cavallo; mas ſua Excellencia o faz, conſervando ſempre a boa ſymmetria da ſua figura, e por iſſo o ajuda, e encaminha, unindo-lhe a perna de fóra (ſeja mais, ou menos veloz o ſeu movimento) com a actividade, e viveza preciſa a fazello obedecer, de ſorte que parece ſe determina, e ſe fórma na acção do terra á terra muito por ſua vontade, como ſe obſerva na ſeguinte

## ESTAMPA LV.

### *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra, obrigando-o a dobrar-ſe para a eſquerda com o freio ſó.*

DAs boas articulações das ancas dos Cavallos procede muito a exactidão dos movimentos do terra á terra; e da boa diſpoſição com que Sua Excellencia os fórma logo deſde as primeiras lições, lhes reſulta tanta facilidade, e tanto deſembaraço, que ainda não tendo elles toda a preciſa propriedade, lhe obedecem até onde as ſuas forças podem alcançar. Tem Sua Excellencia facilmente a mão eſquerda para a parte de fóra da cernelha do peſcoço do Cavallo, (iſto he, para a direita) voltando-a com o pulſo ligeiro, e firme de unhas aſſima, e o dedo minimo in-

inclinado para a eſpadua direita, ſómente quanto baſta, a fazer com a ſenſação da redea eſquerda, ou de dentro da volta, que o Cavallo lhe obedeça, e volte para a eſquerda, quanto elle quer. Neſte caſo firma os cotovellos pelas linhas perpendiculares dos hombros, e dos oſſos dos ſeus quadrís, para deſta ſorte conduzir as mãos unidas, e fazer ſeguir huma á outra redea, a fim de o obrigar aſſim unido a que volte circularmente, e a que determine os movimentos, e a direcção com igualdade.

Galopando-o com a garupa ao Pilão bem encruzado entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, por meio das diligencias já notadas, Sua Excellencia aviva mais toda a ſua figura, tem o corpo mais firme, e para trás, faz-lhe ſentir a redea de dentro mais forte, dando-lhe no tempo, em que elle fórma o balanço, para ſe levantar das eſpaduas, hum toque mais forte com a perna direita, ou de fóra da volta, conſentindo com a mão da redea, e com o ſeu corpo, em que o Cavallo, por effeito daquellas ſenſações, tome alguns tempos do terra á terra; e tanto que elle lhe obedece, affroxa-lhe as ſenſações com que o obriga, fazendo-o ſómente ſeguir a acção de hum galope mais modificado, ſeja para lhe repetir outra vez a meſma lição até ſe confirmar no terra á terra, ſeja para o indireitar no terreno entre a redea de dentro, e a perna de fóra.

## *Paſſagens de mão da eſquerda para a direita.*

DEpois de o haver trabalhado na lição do terra á terra, para lhe aliviar a parte de fóra, o obriga a paſſar de mão da eſquerda para a direita. Se o faz marchar ſómente de duas piſtas, quando ſahe da circumferencia para fóra, logo o vai indireitando bem no terreno com as redeas ambas, e ambas as pernas; e aſſim o faz partir (ſe anda trabalhando ſobre o circulo) da linha N. 1., como ſe moſtra na Fig. 1., Eſt. XLIV. para a Fig. 2. pelas linhas de E para F, fazendo-o marchar direito de duas piſtas, aſſim pelas linhas E, F, como pelos ſemicirculos F, G até H, em que o faz mudar de acção. No tempo da paſſagem aviva toda a ſua figura, tem a mão eſquerda de unhas aſſima, e o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, retira para trás a eſpadua eſquerda, fortalece a ſenſação da perna direita, para o Cavallo ſe unir bem ſobre a meia anca eſquerda; e logo que elle ſe une deſta ſorte ſobre a linha N. 4., o faz marcar com as piſtas das mãos as linhas N. 1., e N. 2. para ſobre ellas o fazer paſſar de mão, deſdobrando-o com a redea direita (em toda a ſua acção) da eſquerda para a direita. Ora no tempo do balanço das eſpaduas, em que lhe fortalece a redea direita, affroxa-lhe a eſquerda; e apôs iſſo no balanço da garupa, quando lhe affroxa as ſenſações da perna direita, fortalece-lhe as da perna eſquerda para avançar o pé direito no balanço da garupa; e logo que o Cavallo (ſendo encaminhado deſte modo) determina a ſua direcção para diante, fortalecendo-lhe, e modificando humas, e outras ſenſações, o obriga a formar-ſe na meſma boa acção para a direita, como antes da paſſagem andava para a eſquerda.

*Mo-*

*Modo de obrigar o Cavallo a paſſar de mão da eſquerda para a direita, marcando quatro piſtas, como ſe moſtra na Fig. 3.*

TAmbem o obriga muitas vezes a que forme a paſſagem de mão, ſahindo das linhas da Fig. 1., Eſt. XLIV., pelas linhas I: então o aviva, e obriga mais com a perna direita, e com a redea eſquerda, para que forme quatro piſtas; e pelo ſemicirculo L, e M o encruza cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, modificando-lhe pelas linhas de pontinhos a força com que o obriga, para o fazer mudar de acção ſobre N, e ſeguir as linhas do circulo da Fig. 1. com a meſma boa ordem com que o faz paſſar de mão, formando-lhe a Fig. 2.

Se o enſina pelos ſemicirculos a fazer algumas paſſadas, tendo-o chegado a L, anima, e fortalece mais toda a ſua figura, tem a mão eſquerda mais de unhas aſſima, e o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, retira para trás com mais actividade a eſpadua eſquerda; e fortalecendo as ſenſações da perna direita cada vez mais, obriga o Cavallo a que faça quatro, ou finco paſſadas, rebatendo bem todos os movimentos das eſpaduas, e corpo para ſima da garupa; e logo que elle lhe obedece, Sua Excellencia lhe affroxa as ſenſações com que o anima, e o faz ſeguir a acção de hum galope mais modificado, encruzando-o ſempre bem entre as forças da redea de dentro, e da perna de fóra, até o fazer paſſar de mão da eſquerda para a direita.

Logo que o faz chegar ao vertice do angulo, ſeja ſobre H, ou ſobre N, com a redea eſquerda, e a perna direita o obriga a unir-ſe bem ſobre a meia anca eſquerda, para o fazer mudar toda a acção da ſua figura; e ſeja a paſſagem de duas, ou de quatro piſtas, tendo aſſim chegado ao vertice do angulo, lhe affroxa as ſenſações da redea eſquerda, e da perna direita, fortalece as da redea direita, e da perna eſquerda, e da meſma ſorte muda a acção em todo o tronco do ſeu corpo, para o Cavallo ſe deſdobrar da eſquerda para a direita, e ſeguir a direcção do ſeu movimento com a meſma brilhante graça para a direita, com que manejava para a eſquerda, antes de paſſar de mão.

Com as meſmas diligencias com que ſe obriga o Cavallo a mover-ſe para ſe formar na lição, e acção do terra á terra, ſe obriga tambem a trabalhar na lição do meio ar; porque eſta ſó differe da do terra á terra em elle rebater menos os movimentos para ſima da garupa, ou em determinar os movimentos mais detidos, e mais lentos das eſpaduas, e garupa, do que na lição do terra á terra.

Eu creio ter bem provado que Sua Mageſtade obrigava os Cavallos na lição do terra á terra para a direita com ambas as pernas, e com as redeas ambas, para marcharem para diante, applicando-lhe apôs iſſo alguns toques da perna eſquerda mais, e menos activos para os ir encruzando entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, a fim de os fazer rebater os movimentos das eſpaduas para ſima dos da garupa. E igualmente digo o modo, por que o Excellentiſſimo Marquez de Marialva lhe faz determinar os movimentos para diante, quando os faz trabalhar neſta lição para a eſquerda: logo creio tambem que eſtá provado que

com

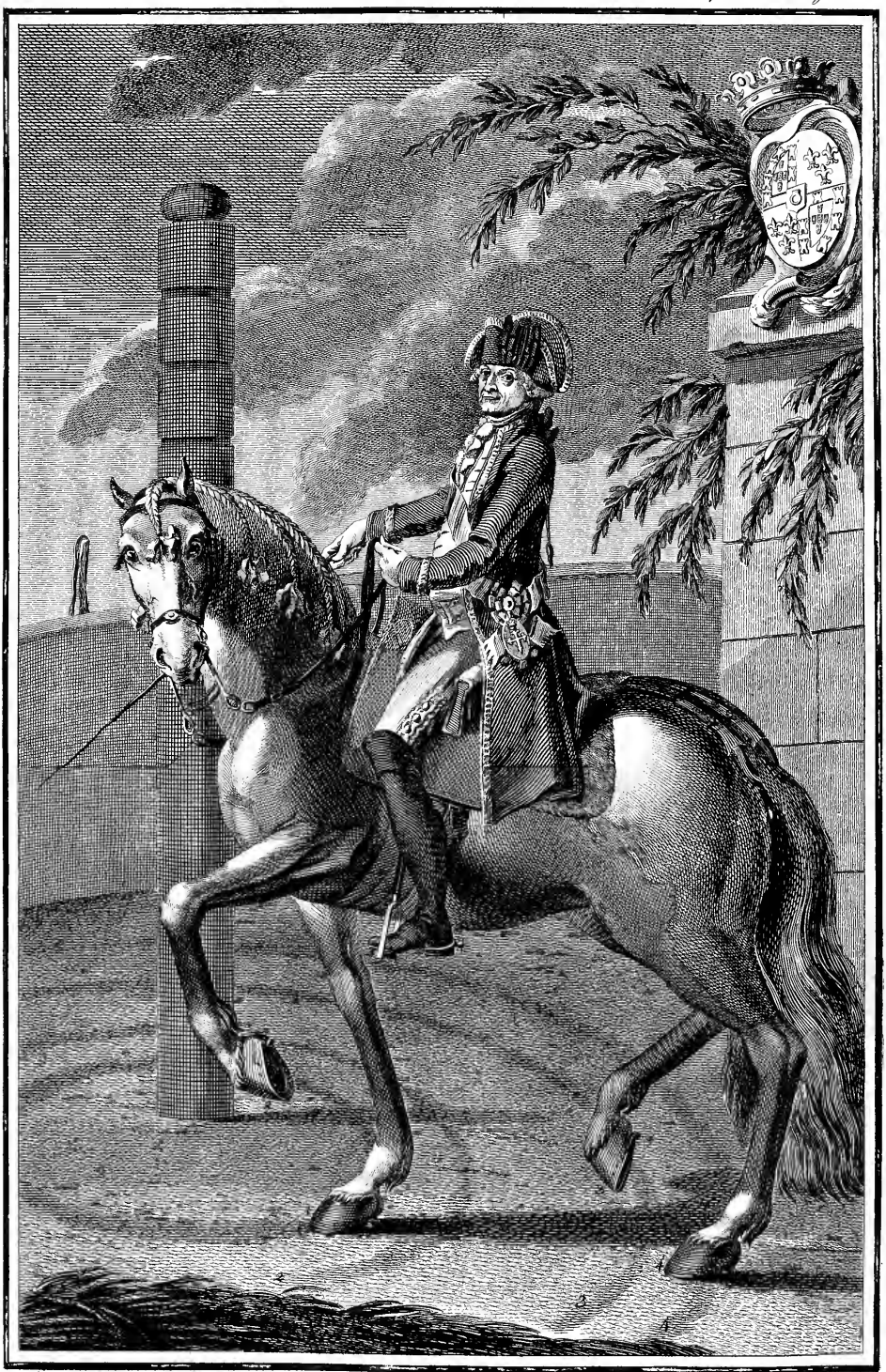
com a redea de dentro, e a perna de fóra ſe obrigão os Cavallos a dobrar-ſe para dentro da ſua volta, e que iſſo os faz levantar das eſpaduas, ſujeitar da garupa, e rebater os ſeus movimentos para ſima do ventre, e das ancas; e deſta ſorte ſe obrigão a abraçar, ou alcançar pelos circulos, e ſemicirculos com as piſtas das mãos bem o terreno, que tem para caminhar, ſeja trabalhando ſobre a circumferencia, ou ſobre o quadrado longo, ou regular: por conſequencia eſtas diligencias lhe fazem determinar o balanço do galope com igualdade de tempo, movimento, acção, e dobra, tanto para huma, como para outra parte.

## *Lição da volta ao revés, trabalhando o Cavallo dobrado para a eſquerda com o freio ſó.*

HAvendo-o Sua Excellencia trabalhado na acção do terra á terra para a eſquerda, como venho de dizer, para finalizar-lhe a lição, o coſtuma paſſear na acção da volta ao revés com as eſpaduas ao centro, e a teſta contra o Pilão, a fim de o confirmar na obediencia da redea de dentro, e da perna de fóra; e ainda que eu digo que elle encruza o Cavallo ſempre entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, nem por iſſo ſe deve entender que deixa de o ajudar com ambas as redeas, e ambas as pernas, quando elle lhe duvída, ou determinadamente fica para trás; e tambem quando ſe deſiguala no movimento, e anda mais com a garupa, do que anda com as eſpaduas; pois havendo ſemelhantes acontecimentos, (poſto que o faça andar para a eſquerda) não ſó o ajuda com a perna eſquerda, mas ſe he preciſo, uſa da redea direita para o indireitar bem no terreno, a fim de o vir a chegar a encruzar com perfeição entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, como todos os Authores recommendão. O meſmo ſe deve entender, trabalhando-o neſta lição para a direita.

He difficultoſo ſuſtentar o Cavalleiro a acção da ſua figura com huma ſymmetria igual para a mão eſquerda, maiormente quando ſe trabalha neſta lição; e ſem eſta igualdade, não coſtuma o Cavallo obedecer bem; mas como para o Excellentiſſimo Marquez não ha neſta Arte difficuldades, e he igual no ſeu modo de trabalhar, tanto fazendo marchar o Cavallo ſobre a direita, como ſobre a eſquerda, elle lhe une as pernas ao ventre com huns toques inſtantaneos, e promptos, fazendo-lhe (ſempre que elle ſe deixa dominar) os da perna direita mais activos; e as ſenſações da redea eſquerda, tendo o corpo bem no meio da ſella, ou ponto de equilibrio, avançando a eſpadua direita (não obſtante a força centrifuga da dobra do corpo do Cavallo fazer-lhe grande oppoſição) atraza a eſquerda, tem a mão da redea de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, a fim de o encruzar cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita; e he certo que trabalha aſſim qualquer Cavallo, ajudando-o ſempre com muita actividade ao paſſo, ao trote, e ao galope, conſervando toda a ſua figura na acção que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-



Troij. delin. et sc. Lx.

## ESTAMPA LVI.

*Do Excellentiſſimo Marquez Eſtribeiro mór, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.*

OS movimentos dos Cavallos neſta lição ao paſſo, e trote são violentos; mas ao galope he o mais rigoroſo caſtigo, que o Cavalleiro lhes póde dar; porque os obriga a formar neſta acção o reverſo daquellas, em que elles propria, e naturalmente ſe movem. Enſina-os Sua Excellencia a determinar o movimento ſempre igualmente; e vence iſto, ſegurando-lhes as redeas em tal comprimento, que ſem deſconcertar-ſe, ou fazer grandes movimentos, os faz obedecer, já levando-lhes a mão da redea para dentro da ſua volta, logo que elles ſe deſigualão dos movimentos das eſpaduas, por ſe lançarem mais ſobre a direita de dentro do centro; já levando a mão de dentro da volta para o ponto do centro, quando ſe deſigualão do movimento, e acção, por ſe lançar muito ſobre a eſpadua eſquerda de fóra do centro, e de dentro da ſua volta.

Com os movimentos das mãos acorda os dos joelhos, barrigas das pernas, calcanhares, e eſporas, de ſorte que no tempo, em que traz a mão de unhas aſſima para a direita, fortalece a ſenſação da perna direita; e quando leva a mão da redea da cernelha para a eſquerda, fortalece as ſenſações da perna eſquerda para o obrigar a deſcrever com as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia com tanta facilidade, que parece o animal determina os ſeus movimentos mais por ſua vontade, que pela força dos toques com que he obrigado.

Para Sua Excellencia conſeguir iſto, he que ſe aſſenta bem no meio da ſella, e ponto do equilibrio, pezando ſempre alguma couſa mais ſobre o eſtribo da parte, para onde o Cavallo olha, e ſe dobra, que he a que ſempre fica ſendo de dentro da volta: elle ſe conſerva naquella poſição para com a força centripeta do pezo do ſeu corpo aliviar ao Cavallo aquelle pezo, que, por effeito da força centrifuga, lhe recahe mais ſobre a perna direita de fóra da volta, e de dentro do centro, a qual ſempre ſe levanta menos do terreno, que a eſquerda de dentro da volta neſta lição, para ſe poder curvar da ſoldra até ao travadouro.

*Paſſagens de mão da eſquerda para a direita, formando o Cavallo na acção da volta ao revés.*

QUando o pertende fazer, paſſa de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da eſquerda para a direita: dos circulos da Fig. 1., Eſt. XXXVIII., o encaminha, já com a redea eſquerda, e a perna direita, já com as redeas ambas, e ambas as pernas, para a Fig. 2., pelas linhas de pontinhos de C para G: então com a redea eſquerda, e a perna direita o obriga cada vez mais a marcar com as piſtas da mão direita, e eſquerda os circulos N. 1., e N. 2.; e com as

do pé direito, e eſquerdo, os circulos N. 3., e N. 4. mais juntos do centro, encruzando-o aſſim cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, até chegar á Letra A, Fig. 1., em que o faz paſſar de mão, deſdobrando-o da eſquerda para a direita. No tempo da paſſagem affroxa a força das redeas eſquerdas, e da perna direita, fortalece as da redea direita, e da perna eſquerda, quanto baſta a formallo na acção da volta ao revés para a direita com tanta perfeição, como antes da paſſagem o formava para a eſquerda.

## *Modo de obrigar o Cavallo a formar as paſſagens de mão, marcando as piſtas dos pés as linhas maiores, e as das mãos as linhas menores, ſendo obrigado com o freio ſó.*

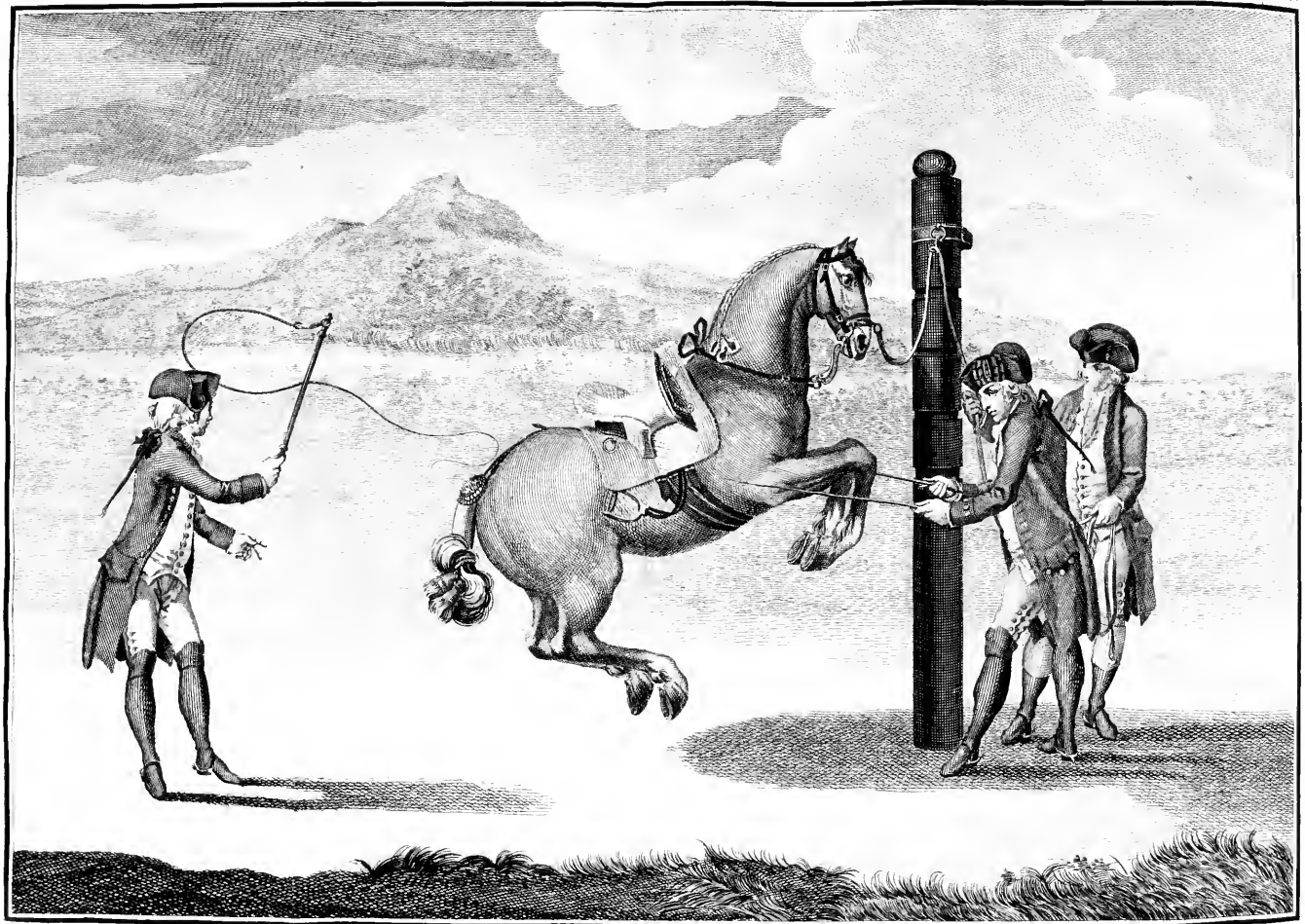
FAz tambem paſſar o Cavallo de mão, obrigando-o a partir, (da Fig. 1., Eſt. XXXVIII. para a Fig. 3.) e pelas linhas de Letra E, e Z o faz marcar com as piſtas da mão direita a linha N. 1., com a da eſquerda a N. 2., com a do pé direito a N. 3., e com a do pé eſquerdo a N. 4. da maior circumferencia, encruzando-o cada vez mais entre a força da redea eſquerda, e da perna direita deſde S até O, obrigando-o pelas linhas de pontinhos a ir fazer a paſſagem ſobre as linhas da Fig. 1., Q, onde tambem com a redea direita, e a perna eſquerda o deſdobra da acção para a direita.

Em quanto o vai encaminhando pelas tangentes E, e Z da Fig. 1., e pelo ſemicirculo S, e O, lhe rende, e ſuſtem a mão da redea, levando-a de unhas aſſima para a direita, e frequentes vezes tambem para a eſquerda, affroxando, e fortalecendo alternativamente as ſenſações de huma, e de outra perna, de tal ſorte oppoſtas ás de huma, e de outra redea, que o Cavallo ſe conduz, deſcrevendo com as piſtas dos pés os ſemicirculos N. 3., e N. 4., S, e O, e com os das mãos os ſemicirculos N. 1., e N. 2., até pelas linhas de pontinhos chegar ao vertice da paſſagem Q: não obſtante Sua Excellencia o faz tambem paſſar de mão da lição da volta ao revés para aquella, que lhe parece mais conveniente. Eu aqui unicamente moſtro o modo, por que o faz paſſar de mão pelos circulos, e ſemicirculos com a garupa ao centro Fig. 2., ou tambem marcando o terreno, como ſe vê na Fig. 3., do que faço menção para dar alguma idéa de formar humas, e outras paſſagens neſta lição da volta ao revés, tanto fazendo-os marchar dobrados para a direita, como para a eſquerda.

## *Lição do meio ar para a direita.*

AInda que a brilhante acção do meio ar ſeja muito ſemelhante á do terra á terra, com tudo os movimentos do Cavallo são em grande parte differentes, e por iſſo ſe enſinão a formar neſta acção junto ao Pilão do centro, como ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-



## ESTAMPA LVII.

*De hum Cavallo junto ao Pilão do centro na acção do meio ar de firme a firme.*

TEndo o Cavallo propriedade para ſe formar na acção do meio ar, logo que elle galopar, deve ſer muito leve na embocadura do freio; deve ter hum apoio firme, e facil; deve ter muita ſenſibilidade ás impreſsões dos joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro, ſahindo bem da mão, parando com facilidade, e voltando promptamente para huma, e outra parte; deve ter na ſua galopada hum balanço relevado, facil das eſpaduas, e muito igual da garupa; deve dobrar-ſe do peſcoço para onde olha, e anda com facilidade; e da meſma ſorte deve dobrar os joelhos, e as juntas, e travadouros das quartelas, de maneira que moſtre as ferraduras das mãos, dobrando igualmente os travadouros dos jarretes, moſtrando alguma couſa as ferraduras dos pés, logo depois de deixar ver as das mãos.

Tendo as referidas propriedades, devem mettello entre os Pilões para o fazer unir ſobre a garupa, e levantar-ſe cada vez mais ſobre ella igual no movimento, e acção do meio ar; tendo porém larga a ſella, o rabicho, as redeas do freio, e cabeção, quando lhe principião a formar eſte trabalho. Ora ſendo tudo aſſim diſpoſto, muito manſamente o irão fazendo mover para hum, e outro lado, a fim de que ſe levante, ſem que preciſe ſer muito caſtigado com a guia, açoute, ou vara: neſte caſo he bom ajudallo, ora de hum, ora de outro lado: ſendo os Pilões no meio do parapeito, e ſendo nos lados delle (como ſe moſtra na Eſt. I., N. 4., e N. 5.) junto á parede, devem fazello paſſar muitas vezes de mão para o ajudar por huma, e por outra parte, ſem lhe ſegurar a guia fortemente para baixo, para que não ſe levante mais da garupa que das eſpaduas, e ſe deſmanche da acção, para que tem propriedade, antes ſim devem fazello unir ſobre as ancas; e logo que fizer alguns tempos bem, formando-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. LVII., devem parallo, e affagallo, para lhe moſtrar que faz bem, repetindo-lhe de dia em dia a lição por eſte modo, até ſe levantar com facilidade entre os Pilões, para o paſſar a formar-ſe na meſma lição do meio ar de firme a firme, como paſſo a explicar.

Fazendo-o conduzir ao Pilão do centro, a Guia do tornel do meio do cabeção vai ao gancho do correão, (Eſt. V., Fig. 10.) e dahi á mão do Ajudante Fig. C, que a deve ſegurar em diſtancia tão proporcionada delle, que poſſa ajudar o Cavallo, ſem que eſte o poſſa alcançar com alguma patada, quando ſe levanta, ſuſtendo-lhe a guia firme, e ao meſmo tempo branda para o facilitar a que ſe levante, ſem que fuja do Pilão. Quem ajuda com as varas Fig. 3. deve amparar-lhe as eſpaduas em quanto eſtá levantado na acção; e quando abaixar, pondo as mãos na terra, deve tocar-lhe ſobre as canelas dos braços, para que torne a levantar-ſe, dobre os braços com igualdade, e una huma á outra a eſpadua.

Não muito longe da garupa deve eſtar o Meſtre, Fig. A, com o açoute para o fazer entrar para a acção, tendo cuidado em ſe poſtar daquella parte, para onde o Cavallo ſe encoſta mais: ſendo tudo aſſim diſpoſto, o irão ſucceſſivamente encaminhando, como tenho dito, para que nos ſeus ſaltos recolha as pernas bem para baixo do ventre; e por effeito dos toques da vara ſobre as canelas dos braços, recolha, e dobre as mãos para baixo da barriga; e logo que fizer algum tempo bem, proferindo a palavra *bó*, *bó*, devem affagallo; e depois de deſcançar algum eſpaço, o devem fazer dar algumas voltas á roda do Pilão, ſem o Meſtre o ſeguir muito com o açoute, a fim de que não ſe agite com exceſſo, em quanto o fazem paſſear, para o tornar a fazer levantar pelo meſmo modo.

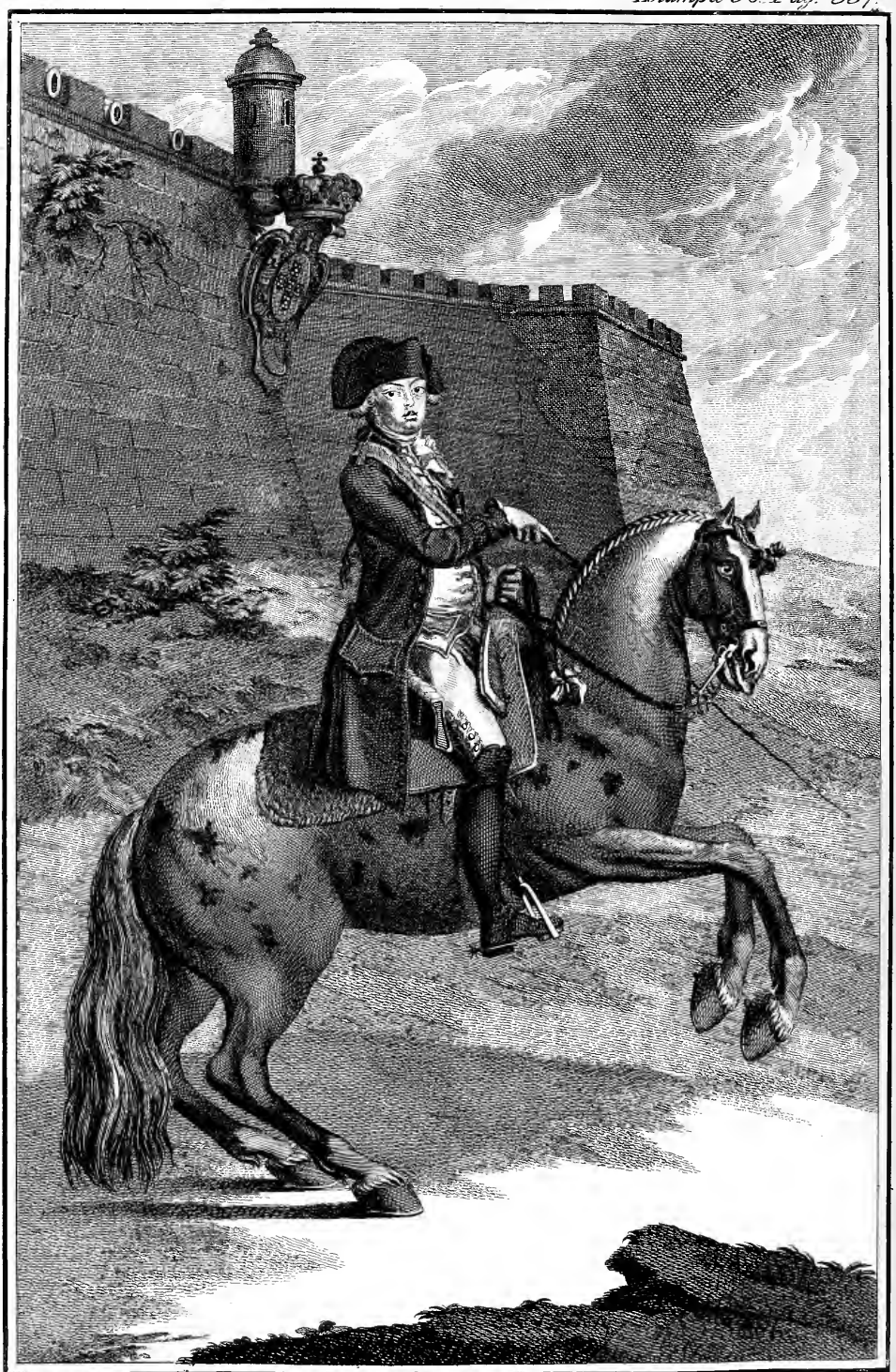
He eſta acção muito viſtoſa, quando os movimentos do animal ſe determinão em balanço igual das eſpaduas, e das ancas; pois quando galopa na acção do meio ar, ſempre faz huns movimentos altos, e lentos, ou detidos das eſpaduas, comprimindo toda a ſua acção para ſima da garupa; mas ſem dobrar, tanto os curvilhões, e jarretes, como quando ſe fórma na acção do terra á terra. Tambem differe o meio ar do terra á terra em fazer o Cavallo quatro tempos diſtinctos nos dous balanços da ſua galopada, porque no terra á terra faz os dous tempos de cada balanço, de ſorte unidos, que parece que ſómente ſe move com hum tempo no balanço das eſpaduas, e outro no balanço da garupa, ainda que o ouvido percebe fazer em huma, e outra acção quatro tempos diſtinctos. Tanto diſpondo os Cavallos entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, (ſe elles tem propenſão para ſe formarem na acção do meio ar) devem ſer conduzidos com muita moderação, até que executem o que ſe pertende que elles fação, ſem ſe apaixonarem com o caſtigo, a fim de que, depois de montados, o Cavalleiro os poſſa confirmar neſta lição com mais facilidade.

Eu paſſo a referir a boa ordem, com que S. A., por meio de ſenſações adequadas, faz determinar os movimentos dos Cavallos, em que anda, na acção do meio ar, para que os Cavalleiros, ſeguindo eſte methodo, ponhão em prática eſta lição com boa ordem.

Com as forças da redea de dentro, e da perna de fóra o obriga, quando o principia a fazer galopar, a fim de que determine o balanço do galope unido, para ſe ir firmando ſobre o eſpinhaço, e quadrís, rebatendo os movimentos bem para ſima das ancas, e curvilhões, vai-lhe ſuſtendo cada vez mais o corpo atrás, e a mão para ſi, conſentindo ſempre na ſua galopada com toda a firmeza do ſeu corpo, mãos, e pernas, porque ſó deſta ſorte he que ſe obriga a formar o ſeu ſalto quaſi ſemelhante á Balotada hum pouco menos elevado do que ella, e algum tanto mais levantado, e detido do que o terra á terra. Differe tambem de hum, e de outro em o Cavallo pôr as mãos no chão primeiro que os pés: e na Balotada, e terra á terra determina os ſeus movimentos com tanta celeridade, que parece elle põe na terra pés, e mãos ao meſmo tempo.

O meio ar tira a ſua denominação de ſer hum ſalto, que elle fórma entre o terra á terra, mais alto na ſua elevação de eſpaduas que elle, e menos elevado que a Balotada. São poucos os Cavallos, que tem propenſão para o movimento do

meio



Silva delin. Freij sculp

meio ar pela qualidade do balanço, que devem fazer com as eſpaduas, e garupa, a fim de rebater, e fazer recahir ſobre as ancas a maior parte do pezo do ſeu corpo pela força, e diſpoſição de orgãos, e muſculos de que neceſſitão, quando ſe levantão no balanço das eſpaduas, para ſe indireitar do ventre, foldras, e curvilhões, relevar-ſe ſobre elle, e tornar-ſe a comprimir ſucceſſivamente, em quanto ſe continúa o balanço das ancas para as eſpaduas; e pelo muito que ſe detem, e dobrão os travadouros, quando formão o ſalto deſte galope, elles moſtrão as ferraduras dos pés, e mãos.

## ESTAMPA LVIII.

### *Do Sereniſſimo Principe D. João, enſinando hum Cavallo na lição do meio ar, dobrando-o para a direita com o freio ſó.*

COm os movimentos da mão, equilibrio, aſſento, joelhos, pernas, e finalmente com toda a ſua bem ſymmetriada figura, acorda S. A. humas com outras ſenſações, em tudo proprias, e conformes á determinação dos movimentos, que neſta lição exige do Cavallo, tanto fazendo-o trabalhar ſobre linhas rectas, como ſobre circulos, conſervando-o de huma, e de outra ſorte no balanço, e movimento do meio ar ſempre diligente, relevado, e igual.

Por effeito das ſenſações da redea direita, ou de dentro, e da perna eſquerda, ou de fóra, o encruza cada vez mais entre as forças da redea, e da perna, conduzindo a mão de unhas aſſima com o dedo minimo voltado para a ſua eſpadua eſquerda, conſervando a perna eſquerda junto ao ventre do Cavallo, fazendo-lhe ſentir as ſuas ſenſações com toques mais, e menos activos, e inſtantaneamente applicados, quando redobra o movimento, para aſſim o igualar entre as determinações da redea direita, e da perna eſquerda; e quando o ſente mais igual na direcção, e movimento, fazendo-lhe algumas ſenſações mais activas com a redea de dentro, e a perna de fóra, o obriga a ſublimar na ſua acção: apôs iſſo, aníma S. A. cada vez mais toda a ſua figura, para que o Cavallo tome com mais graça o balanço do ſeu meio ar.

### *Paſſagens de mão da direita para a eſquerda.*

QUerendo-o fazer paſſar de mão (ordinariamente ſe tem pouco deſembaraço) das linhas do quadrado, Eſt. LIX., Fig. 1., o faz partir pelas linhas da Letra B para C: então depois de o encaminhar com ambas as pernas, e as redeas ambas a entrar para diante ſobre o vertice C, quando ſe continúa o balanço das eſpaduas para a garupa, unindo-o bem com a perna eſquerda, e a redea direita ſobre a anca direita, inſtantaneamente o faz mudar de acção da direita para a eſquerda.

No tempo, em que S. A. o deſdobra da acção, avança a ſua eſpadua direita, atraza a eſquerda, ſuſtenta mais firme a redea eſquerda, affroxa a direita, e apoia

o ſeu pezo ſobre o eſtribo eſquerdo, para o Cavallo adquirir a inclinação circular na anca eſquerda, avançar no balanço das eſpaduas a mão eſquerda, e no da garupa o pé eſquerdo; e elle ſe determina aſſim por effeito das ſenſações mais, e menos activas, com que S. A. lhe faz ſentir a redea eſquerda, e a perna direita, quando o deſdobra de huma, e fórma em outra acção.

Os Cavallos, que ſe deſtinão para a lição do meio ar, devem (além da natural propensão) ſer muito animados, e ter bom rim; iſto he, devem ter baſtante força no eſpinhaço, garupa, e curvilhões; mas a ſua força, e actividade deve ſer de tal ſorte ligada, que elle ſe deixe vencer, e dominar; e aquelles, que não tiverem eſtas qualidades, já mais hão de ſervir bem para formar com perfeição eſte ar, nem marcaráõ o terreno, como tenho recommendado. Tambem os que ſe deſtinão para a lição do meio ar, não devem ſer ſómente com o artificio detidos no balanço do ſeu galope, ſe elles não tem propensão; nem tão pouco os devem formar em hum galope muito largo, ſe elles são propenſos ao movimento do meio ar; mas ſim devem os Cavalleiros conſervar-lhe aquelle balanço do galope mais proprio á ſua conſtrucção, e poſſibilidade, para exigir delles, como S. A., a pertendida obediencia.

As lições do terra á terra, e do meio ar, além de viſtoſas, tem o preſtimo de diſpôr os Cavallos para os ares altos, e para que ſe fação menos aſperos dos movimentos dos quadris, e curvilhões: advertindo que todos os Cavalleiros devem formar-lhes aquelles exercicios, e movimentos correſpondentes á ſua compleição, forças, e conſtrucção; porque tendo as qualidades, que ſe requerem para os ares, em que os formão, elles ſe enfeitão, e conſervão com ſaude, quando o exercicio, que he oppoſto á ſua inclinação, e poſſibilidade, os fatiga, os deſgoſta, e os conduz a huma infinita multidão de deſordens.

## *Modo de os obrigar a paſſar de mão ſobre a meia volta da direita para a eſquerda.*

OBriga S. A. tambem o Cavallo a paſſar de mão ſobre a meia volta da direita para a eſquerda, fazendo-o partir pelas linhas dos meios circulos G: (Fig. 2. Eſt. LIX.:) então lhe ſuſtenta a redea direita com a mão de unhas aſſima; e tendo o corpo atrás, e firme, fortalece a ſenſação da perna eſquerda, obrigando-o deſta ſorte pela meia volta, não ſó a que marque quatro piſtas, mas a que faça algumas paſſadas, rebatendo bem a garupa, e determinando os movimentos das eſpaduas com velocidade activa para ſima della, a fim de que faça pelo eſpaço da meia volta as paſſadas mais viſtoſas; e logo que tem obedecido, S. A. da Letra H até I lhe vai modificando a actividade do movimento, de ſorte que chega ao lugar da paſſagem em hum galope moderado.

Para ſer menos veloz no movimento, depois de haver formado as paſſadas, affroxa S. A. a actividade das ſenſações de todo o ſeu corpo, mãos, e pernas, de ſorte que chega ao vertice do angulo I, já em hum galope modificado; e então com huma promptidão ſummamente agradavel, muda toda a acção da ſua Figura

pa-

*Estampa 59 Pag 359*

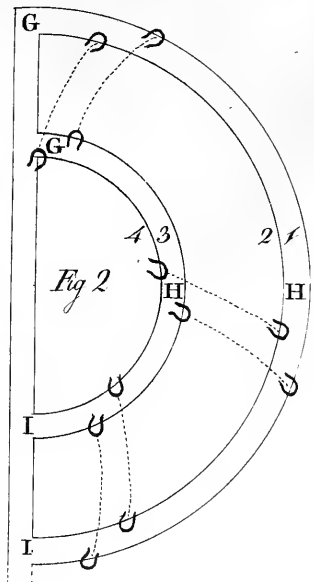



*Fig 2*

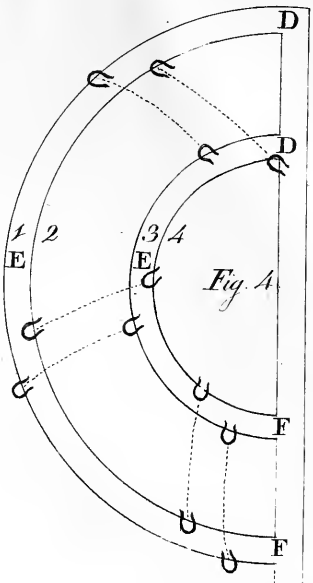



*Fig 4*

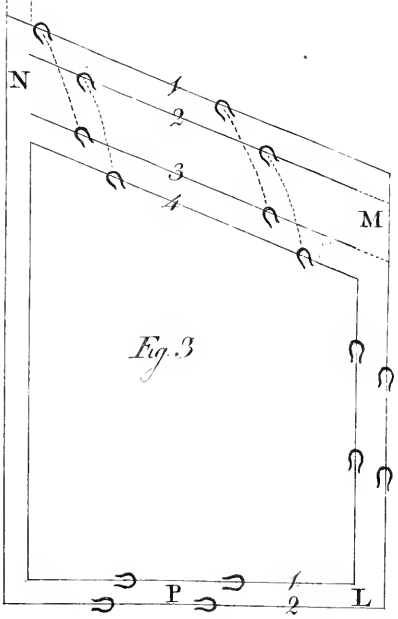



*Fig 3*

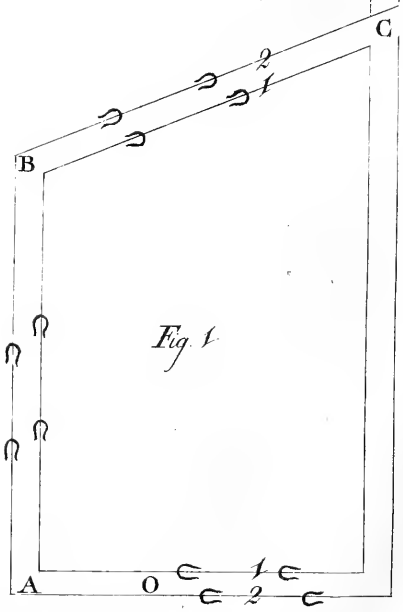



*Fig 1*

para o deſdobrar da direita para a eſquerda , fortalecendo-lhe as ſenſações da redea eſquerda , e da perna direita , acordando a oppoſição de humas , e de outras pelo conſentimento de todo o ſeu corpo com tanta igualdade , que o Cavallo he obrigado não ſó a deſdobrar-ſe da direita para a eſquerda , mas a mover-ſe com a meſma igualdade, graça, e acção, com que formava os tempos , ou balanços do ſeu meio ar antes de paſſar de mão. Em quanto elle marcha pelas linhas da meia volta, a piſta da mão direita marca o meio circulo N. 1., a da eſquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3. , e a do eſquerdo a N. 4. , como ſe moſtra na referida Fig. 2. da ſeguinte

## ESTAMPA LIX.

### *Dos modos de repartir o terreno para formar as paſſagens de mão ſobre o quarto, e ſobre a meia volta para huma, e outra mão.*

DEpois de S. A. o fazer paſſar de mão, obriga-o a determinar a ſua direcção por meio de ſenſações proprias, porque em toda a ſua figura ſe fórma na acção, que ſe moſtra na Eſt. LVIII., e Eſt. LX., de modo que por todos os motivos , que tenho ponderado , reſpeita o Cavallo as bem appropriadas diligencias, com que he obrigado , tanto para a direita , como para a eſquerda , como huma ordem abſoluta.

### *Lição do meio ar para a eſquerda.*

SEndo inconteſtavel que os movimentos com que os Cavallos ſe vão conduzindo para a lição, e acção do meio ar, os vão unindo para ſe aligeirar das eſpaduas, e ſe firmar ſobre o eſpinhaço, e quadrís, rebatendo ao meſmo tempo a garupa , e curvilhões para formar bem o ſeu ſalto, devem os toques da perna direita , e as ſenſações da redea eſquerda com o ſeu uſo , e applicação ir conduzindo o animal á viſtoſa acção do meio ar para a eſquerda , como deixo notado neſta lição para a direita : logo neceſſariamente ſemelhantes movimentos , e forças da redea eſquerda, e da perna direita o hão de conduzir, e formar no meſmo ar , e acção para a eſquerda, conforme a boa ordem, que S. A. ſegue, quando os obriga a formar-ſe neſta lição, e acção do meio ar para a direita: iſto ſuppoſto, eu paſſo a referir tambem como o Sereniſſimo Principe D. Joſé formava os Cavallos na lição do meio ar para a eſquerda, e os obrigava a paſſar de mão da eſquerda para a direita.

Fortalecia, e animava S. A. toda a ſua figura á proporção da viveza, agilidade , e igualdade com que via determinar a direcção , e movimentos do Cavallo, avançava a eſpadua direita, atrazava á proporção a eſquerda , ſuſtentava a mão da redea de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, punha a mão direita quatro pollegadas pouco mais, ou menos mais alta , e avançada do que a eſquerda ; e para diante do cepilho da ſella firmava o corpo bem no ponto do equilibrio, unia-lhe as pernas ao ventre, fortalecia a direita mais, de ſorte que huma jogava com a outra , acordando a ligeireza das ſenſações das redeas com a

dos .

dos joelhos, barrigas das pernas, calcanhares, e eſporas, de ſorte que ſem coſtume permanente com o ſeu uſo inſtantaneo mais, e menos activo o obrigava a formar-ſe com toda a perfeição no balanço, e tempo do ſeu meio ar.

Se o Cavallo deſcançava na embocadura do freio, ou pezava na mão, S. A. com o pulſo muito ligeiro, e firme, trazendo a mão para dentro do centro, ou levando-a para fóra da volta, ſuſtendo-lhe, e rendendo o freio, lhe formava algumas meias paradas mais, e menos fortes, ſegundo a occaſião, e a poſſibilidade do Cavallo permittia, para o chegar a render firme, e facil ás impreſsões da embocadura do freio, e igual ás determinações de ambas as pernas.

## *Defeitos, que ſervem de embaraço para os Cavallos ſe formarem bem na acção do meio ar; e os modos, por que alguns ſe remedeão.*

COſtumão alguns deter-ſe, quando os vão formando na acção do meio ar, por ſerem muito ſenſiveis, e temerem que a embocadura do freio lhes aſſente ſobre os aſſentos, ou tambem por terem os ligamentos das queixadas fracos; e outros ſe demorão, quando os formão na acção do meio ar, por ſerem demaziadamente froxos. Ora para remediar os que ſão muito ſenſiveis, he preciſo conduzillos com a mão ſuave, e firme, indireitando-os com ambas as redeas, e as pernas ambas, ſoccorrendo-os com todos os movimentos do equilibrio, ſendo a força de todas as ſenſações proporcionada á direcção dos movimentos do Cavallo. Logo os que ſão froxos, devem ſer enſinados com a força de toques mais activos, e da meſma ſorte as meias paradas, e paradas firmes, devem ſer-lhes feitas com mais força; e tanto que elles pararem, devem render-lhes a mão.

Ha tambem outros, que ſe demorão no balanço da galopada, por dobrarem muito as juntas dos travadouros das mãos, Eſt. III., N. 36., e principalmente perdem o tempo do meio ar, ſe dobrão muito as juntas dos travadouros dos pés N. 77.: elles por eſtes motivos redobrão os ſeus movimentos com deſigualdade, maiormente no balanço da garupa.

Tambem alguns não querem, nem podem dobrar as juntas dos quadris, dos curvilhões, e dos travadouros, por terem as pernas muito direitas, e terem má correſpondencia nas articulações deſtas partes, ou tambem por ſerem mal formados do eſpinhaço, e peſcoço: logo os que tiverem eſtes defeitos naturaes, ſerão mais difficultoſos de remediar.

O remedio mais proprio para emendar os defeitos dos Cavallos, que dobrão muito as juntas dos travadouros das mãos, e pés, he fazellos determinar todos os movimentos com mais velocidade, tanto quando os fazem recuar, como quando os obrigão a marchar para diante: a eſtes, e aos que ſão deſanimados, he bom dar-lhes tambem alguns pequenos repelões. Sendo que os que tem eſtas caſtas de movimentos não chegão a formar-ſe bem na acção do meio ar, poſto que ſejão conduzidos com muito cuidado, e boa lição, porque lhes ſerve de embaraço a impoſſibilidade que tem na eſtructura do ſeu corpo.

Não devem os Cavallos deſtinados para a lição do meio ar ſer muito barri-

gu-

gudos, nem muito faltos de ventre, devem ter boa boca, e boa vontade, ſendo tambem dotados de huma paixão moderada, que ſe deixa vencer, e dominar: os movimentos de todas as partes do ſeu corpo devem ſer iguaes, e os Cavalleiros devem todos enſinar, diſpôr, e ajudar os Cavallos, como tenho dito que os diſpõe, ajuda, e obriga S. A. para obterem delles, tanto para a direita, como para a eſquerda, os mais bellos movimentos, em que ſe podem formar neſtas lições.

O Cavallo na lição do meio ar marca duas linhas, como ſe moſtra na Eſt. LIX. O, e P: quando vai ſobre a direita, marca a piſta da mão direita a linha N. 1., e a da eſquerda a N. 2.: por conſequencia marchando ſobre a eſquerda, marca a piſta da mão eſquerda a linha N. 1., a da direita a N. 2. Na direcção do movimento para a direita marca o pé eſquerdo o primeiro tempo, o direito o ſegundo, a mão eſquerda o terceiro, e a direita o quarto, como ſe moſtra nas linhas N. 1., e N. 2. da Fig. 1.: logo na direcção ſobre a eſquerda, o pé direito marca o primeiro tempo, o eſquerdo o ſegundo, a mão direita o terceiro, e a eſquerda o quarto, como ſe moſtra no N. 1., e N. 2. da Fig. 3.

## *Paſſagens de mão da eſquerda para a direita.*

LOgo que S. A. meditava em fazer paſſar o Cavallo de mão da eſquerda para a direita, das linhas da Fig. 3., Eſt. LIX., da Letra L para M, e della para N, o hia encruzando cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, de modo que o fazia marcar a linha N. 1. com a piſta da mão eſquerda, com a da direita a N. 2., com a do pé eſquerdo a N. 3., e com a do direito a N. 4.; e do vertice do angulo N ſobre as linhas da muralha, quando ſe continuava o balanço das eſpaduas para a garupa, o unia cada vez mais com a redea eſquerda, e a perna direita ſobre a meia garupa eſquerda, para inſtantaneamente o fazer mudar de acção da eſquerda para a direita.

No tempo que S. A. o deſdobrava da acção, iſto he, da eſquerda para a direita, avançava a ſua eſpadua eſquerda, atrazava a direita, ſuſtentava a redea direita com a mão eſquerda de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda: apoiava mais o ſeu pezo ſobre o eſtribo direito, para o Cavallo adquirir a inclinação circular da parte direita, e avançar no balanço das eſpaduas a mão direita, e no das ancas a perna direita, mudando para eſta parte a acção, e dobra de todo o corpo. E he certo que elle fazia eſta mudança por effeito das proprias ſenſações com que S. A. lhe encontrava o movimento com a redea direita, e a perna eſquerda, como tambem ſeguia a ſua direcção ſempre igual pelo bem que era encaminhado entre a força da redea de dentro, e da perna de fóra, trabalhando tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda.

*Modo, por que S. A. fazia paſſar de mão qualquer Cavallo ſobre a meia volta, da eſquerda para a direita.*

QUando S. A. obrigava hum Cavallo a formar a paſſagem ſobre a meia volta da eſquerda para a direita, fazia-o marcar o terreno, como ſe moſtra na Fig. 4. da Eſt. LIX. : obrigando-o a partir pelas linhas da Letra D, e do vertice do angulo para E, lhe ſuſtentava mais a redea eſquerda, e a perna direita, obrigando-o pela meia volta a que fizeſſe algumas paſſadas, rebatendo bem os movimentos da garupa, e determinando o balanço das eſpaduas com huma velocidade activa para ſima das ancas; e logo que havia formado tres, ou quatro paſſadas, o fazia ir modificando a velocidade com affroxar-lhe as forças dos movimentos de todo o corpo, mãos, e pernas, a fim de que chegaſſe á Letra F, já em hum galope menos veloz : e então he que S. A. com grande deſembaraço mudava toda a acção da ſua figura para o deſdobrar da eſquerda para a direita.

Sobre o ponto do angulo miſtilineo F, em que fechava a meia volta, lhe fortalecia mais inſtantaneamente a redea direita, e a perna eſquerda com tanta promptidão, e propriedade, que o Cavallo era obrigado não ſó a deſdobrar-ſe da eſquerda para a direita, mas a formar-ſe para eſta parte na acção do meio ar com a meſma igualdade, e graça com que formava o balanço do ſeu movimento antes de paſſar de mão, e ficar trabalhando dobrado para a direita. Eſte he o methodo de formar tambem qualquer Cavallo na lição, e acção do meio ar para a eſquerda, e de paſſar de mão della para a direita, o qual devem ſeguir os Cavalleiros para os formar bem, tanto pelo largo, ou parallelogrammo, como ſobre eſtas, ou outras paſſagens de mão nas viſtoſas acções, que ſe obſervão na Eſt. LVIII., e na ſeguinte

## ESTAMPA LX.

*Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção do meio ar, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.*

MArchando o Cavallo pela meia volta, (Eſt. LIX., Fig. 4.) com a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., com a da direita a N. 2., com a do pé eſquerdo a N. 3., e com a do pé direito a N. 4. mais proxima ao centro ; e em qualquer parte do manejo, que elle forme ſemicirculos, ou circulos ſobre a direita, ou ſobre a eſquerda, galopando com a garupa ao centro, marca o terreno, como tenho expoſto, e moſtro nas Figuras da Eſt. LIX.

Silva delin.

# LIVRO VIII.

## ARGUMENTO.

*Trata-ſe do modo com que ſe deve obrigar qualquer Cavallo a formar na lição, e acção da Pirueta, e da meia Pirueta para a direita, e para a eſquerda. Fórma com que ſe devem continuar a ajudar os Cavallos entre os Pilões, para ſe diſporem para os ares altos. Moſtra-ſe que couſa he o ar das Pouſadas, e qual o melhor methodo de fazer recuar os Cavallos, obrigando-os o Cavalleiro com o freio ſó: a meſma lição das pouſadas de firme a firme junto ao Pilão do centro. Volta ao revés na acção das Curvetas ſobre a direita, e a eſquerda, tanto ſem Cavalleiro, como depois de montados os Cavallos.*

OS Cavallos usão de muitas defezas, como tenho ponderado nas lições precedentes; e todas as vezes que ſe não ſujeitão promptamente ás ſenſações, que o Cavalleiro lhes faz, ſendo ellas proprias para os determinar aos movimentos, que delles ſe exigem, he certo que deſobedecem, e ſe defendem. He bem verdade que humas vezes o fazem por ignorantes, e outras porque as forças dos ligamentos dos ſeus córpos não tem a preciſa poſſibilidade, e agilidade nas articulações de todas as juntas para ſerem bons todos os ſeus movimentos. Porém de qualquer modo que o fação, deve o Cavalleiro encontrar-lhes, e deſtruir-lhes, quanto for poſſivel, os ſeus máos coſtumes: e ſenão baſtarem para rendellos obedientes as expendidas diligencias, ſegundo a melhor opinião, devem remettellos áquellas lições, para que elles moſtrão mais propensão; pois nem a todos os Cavallos ſe podem formar as lições, ſeguindo-ſe regularmente humas a outras ſem alguma interrupção, iſto he, ſe elles não tem propensão para o terra á terra, e ſe confunde com as ſenſações proprias para os fazer trabalhar neſta lição, e tem propriedade para fazer as meias Piruetas, e as Piruetas, ou para algum dos ares altos, he melhor paſſallos áquella, em que elles ſe deixão vencer, e dominar, do que obrigallos a ſujeitar-ſe á força de violentos caſtigos, para que executem aquellas, que talvez por impoſſibilidade natural não podem pôr em prática, a fim que não aconteça com o rigor fazellos abſolutamente rebeldes.

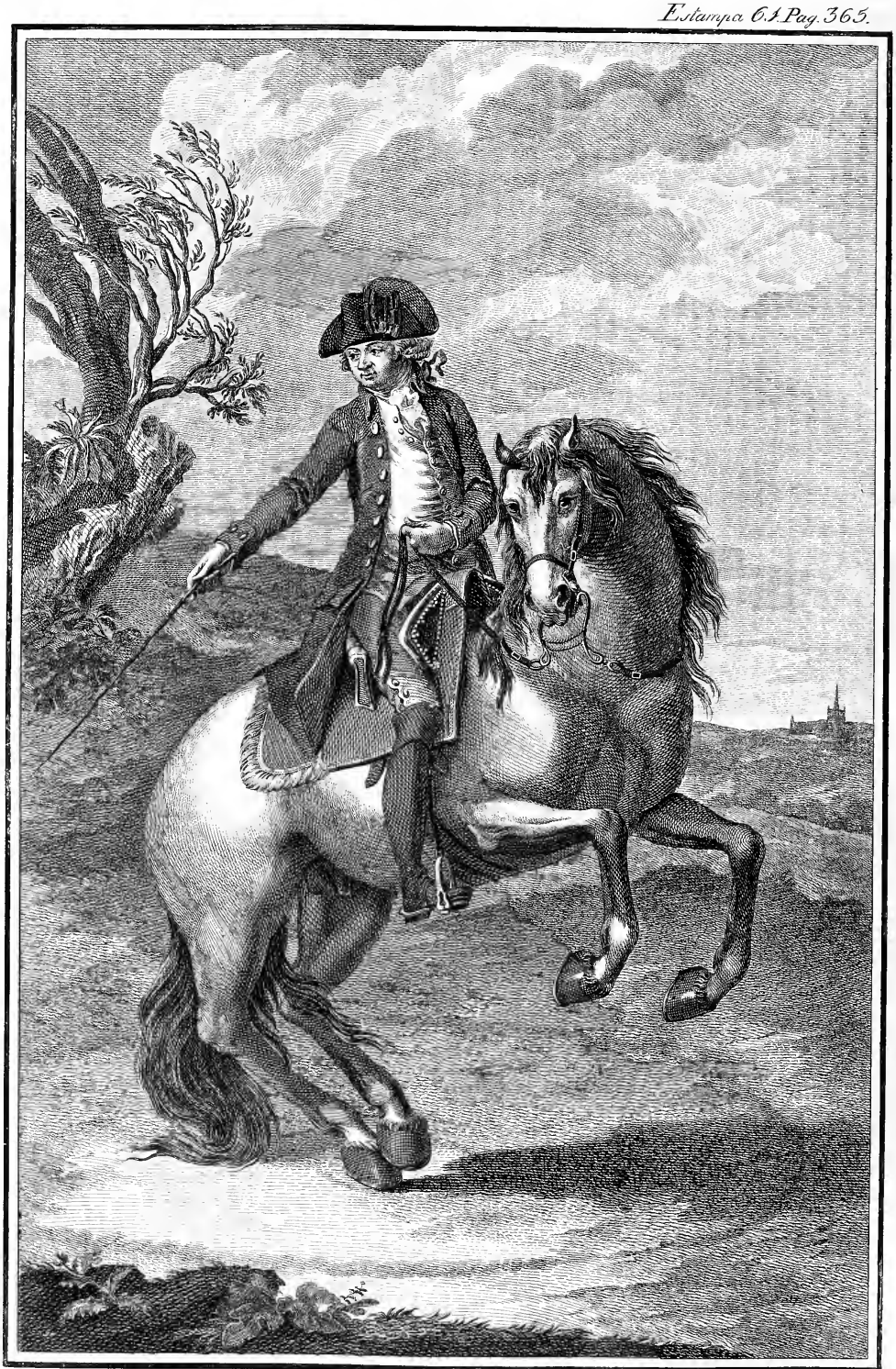
## *Lição da Pirueta para a direita.*

A Pirueta he huma eſpecie de volta que o Cavallo faz no terreno, que occupa o ſeu comprimento; a garupa deve ficar ſegura, e firme no centro; porque elle quando volta, firma no chão hum pé, ſobre o qual fórma com as eſpaduas hum circulo perfeito, ſem tocar a terra com as mãos; e tanto quando volta ſobre hum, como ſobre outro lado, deve obſervar iſto com igual regularidade.

As ſenſações das mãos, do corpo, e das pernas do Cavalleiro devem ſer activas, quando obrigão o Cavallo a fazer eſte movimento. Exemplo: ſe o obrigão a voltar para a direita, deve a mão eſquerda ſegurar as redeas, eſtando voltada de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, unindo-ſe as forças das ſenſações do tronco do corpo, das mãos, das pernas, do equilibrio, da vara, e da falla, para com todas inſtantaneamente obrigar o Cavallo a que volte com velocidade para a direita; porém a força, e rapidez das ſenſações para fazer bom effeito, deve ſer proporcionada á viveza, deſembaraço, e poſſibilidade do animal.

Para elle fazer bem as Piruetas, deve ſer prompto em parar, e voltar, deve ſer forte, e igual nas forças do eſpinhaço, e ancas, ſendo facil nos movimentos dos braços, e pernas, tanto voltando ſobre hum, como ſobre outro lado com forças correſpondentes no thorax, e curvilhões; pois de outra ſorte não póde correſponder com facilidade ás impreſsões do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro. Ora ordinariamente quando ſe pertende que o Cavallo faça a Pirueta, devem obrigallo a galopar; ſendo a ſua direcção pelo meio do terreno do manejo, e no lugar em que o chamarem á Pirueta, deve ir bem facil, e diſpoſto entre as forças de ambas as redeas, e de ambas as pernas, ou eſporas: então depois da meia parada, ou falcada deve o Cavalleiro rapidamente retirar para trás a parte direita do tronco do ſeu corpo, a fim de que o Cavallo volte com facilidade: as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda ao meſmo tempo devem ſer unidas, e activas, para o obrigar a que volte com rapidez no terreno que occupa o ſeu comprimento: deſta maneira creio que todos ſabem que o Cavallo neceſſariamente he obrigado a voltar, firmando-ſe ſobre o ſeu pé direito de dentro da volta, para onde elle ſe dobra, ou faz a Pirueta, (N. 3., Eſt. LXI.) e depois ſegue a ſua direcção ſobre as linhas, pelas quaes ſe determinava o ſeu galope antes de dar principio á Pirueta, de ſorte que no tempo em que fórma o circulo, elle ſe une, e dobra na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-



Fran.s delin. et sculp. Lx.a

## ESTAMPA LXI.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da Pirueta para a direita; e o modo, por que marca o terreno com as piſtas dos ſeus pès, e mãos.*

NA Eſt. LXII. ſe moſtra o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno, formando a Pirueta, e a meia Pirueta para huma, e outra parte, de ſorte que partindo das extremidades A pelas linhas A, B para a Fig. 2., tendo o Cavalleiro em C o ſeu corpo atrás, e firme no lugar dos rins, então o deve obrigar com ambas as redeas, e as pernas ambas a que volte ſobre o ſeu pé direito para eſta parte: neſte caſo as ferraduras das mãos, ſem tocar a terra, ſe conduzem pelas linhas circulares D, E, F, deſcrevendo com as eſpaduas hum circulo inteiro; e ſeguindo a ſua direcção, finaliza a Pirueta em G, ſeja fazendo-o paſſar de mão da direita para a eſquerda, ſeja fazendo-o ſeguir a meſma direcção ſobre as linhas da muralha dobrado para a direita.

Em quanto o Cavallo fórma o circulo da Pirueta, firma o pé direito no ponto do centro N. 4.; e quando dá principio á volta, e da meſma ſorte quando a finaliza, marca o primeiro tempo a piſta do pé eſquerdo no circulo N. 3., porque a eſte tempo já ſe move para diante; a piſta da mão eſquerda faz o terceiro tempo, marcando o circulo N. 2.: logo a piſta da mão direita, que marca o circulo N. 1., faz o quarto tempo.

### *Modos de remediar algumas defezas, de que uſão os Cavallos para ſe eximirem de fazer as Piruetas.*

TEndo boa lição, e as qualidades, que ſe requerem para as fazer, ſenão as executão, he porque ſe valem de alguma defeza, e as uſuaes ſão quatro: primeira, entezar-ſe ſobre a mão; ſegunda, levantar-ſe muito das eſpaduas; terceira, não voltar com rapidez; e quarta, não ſobrepôr bem o pé, e mão de fóra por ſima, e por diante do pé, e mão de dentro.

Entezão-ſe ſobre a mão humas vezes por eſtarem já faltos de folgo, ou cançados; outras por irem de tal modo dobrados, que lhes cuſta a voltar; e tambem porque a rapidez com que o tronco do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro, quando ſe volta para o centro, não os obrigão com a preciſa actividade: logo não o devem chamar á Pirueta, quando forem faltos de folgo, ou muito cançados: e da meſma ſorte ſe não devem obrigar a que a fação, quando vão mal dobrados; por iſſo todas as vezes que os chamarem á Pirueta, deve a força das ſenſações com que os obrigarem, regular-ſe pelas circumſtancias dos Cavallos.

Se ſe levantão muito das eſpaduas, devem fazer-lhes ſentir alguma couſa tambem a perna de dentro, não levantando a mão da redea muito para ſima, avançando-a alguma couſa para diante, e não ſuſtendo o corpo tanto para trás.

Se-

Senão voltão com rapidez, porque eſtão pouco faceis das eſpaduas, não ſe aſſentando bem ſobre a garupa, tendo pouca obediencia á mão, e ás pernas, neſte caſo devem facilitallos na ſujeição do freio, principalmente por meio da lição dos circulos de quatro piſtas, obrigando-os tambem depois a ſentar-ſe ſobre as ancas por meio da lição do recuar, de muitas meias paradas, paradas firmes, falcadas, e paſſadas, fazendo-os voltar muitas vezes ſobre hum, e outro lado, a fim de que voltem com obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro, quando fórmão a Pirueta, &c.

*Lição da meia Pirueta para a direita; e o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno para formar eſta acção.*

AS meias Piruetas mais viſtoſas são aquellas, que ſe fazem no meio, ou centro do manejo; porém as mais faceis são as que ſe executão nos cantos do Picadeiro, porque os dous lados da parede, que formão o angulo, ſegurão muito as eſpaduas do Cavallo, e o ajudão para voltar com mais facilidade, de modo que partindo da extremidade H, Fig. 3., pelas linhas H, I, firmando o pé direito no ponto do centro N. 4., o obrigarão a formar o ſemicirculo I, L, M, uſando dos movimentos, e ſenſações do corpo, mãos, e pernas, como já diſſe que ſe uſe, para o obrigar a formar a Pirueta. O Cavallo em tal caſo, tendo a piſta do pé direito firme no ponto do centro N. 4., marcará com a piſta do pé eſquerdo a linha do ſemicirculo N. 3., com a da mão eſquerda a linha N. 2., e com a da mão direita a linha N. 1.

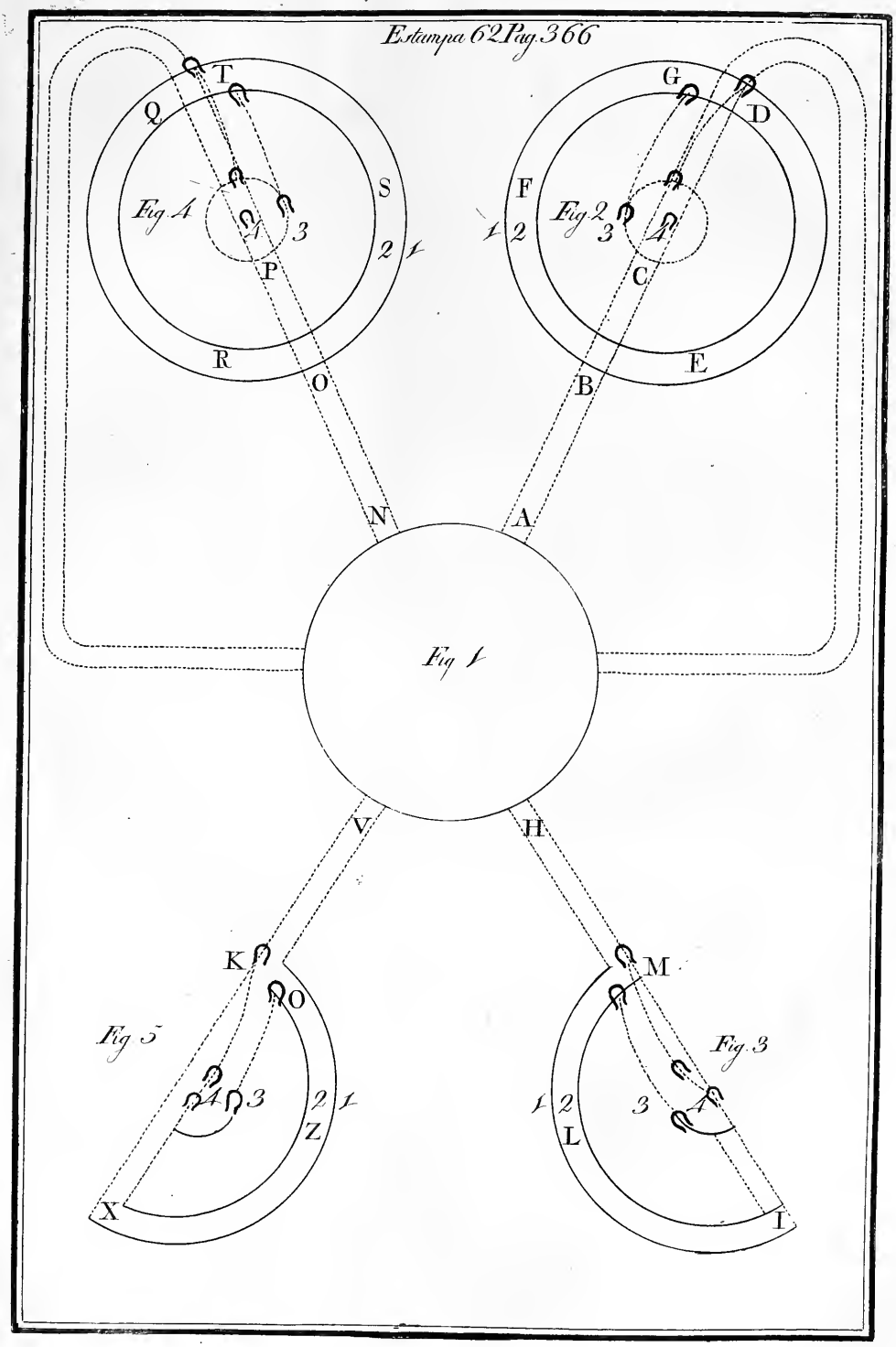
A piſta do pé direito N. 4., na Pirueta, e na meia Pirueta, fica no ponto do centro firme atrás da piſta do pé eſquerdo N. 3., em quanto o Cavallo fórma tanto o circulo, como o ſemicirculo da Pirueta, e da meia Pirueta ſobre a direita; porque he neceſſario para voltar com a preciſa rapidez ſobrepôr o pé, e a mão eſquerdos bem por ſima, e por diante do pé, e mão direita, em quanto as eſpaduas vão no ar, voltando pelo circulo, e ſemicirculo; mas em tocando a terra com as piſtas das mãos, neceſſariamente marca o terreno, como na lição do galope ordinario.

## ESTAMPA LXII.

*Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, quando fórma a Pirueta para a direita, e para a eſquerda, como tambem os ſemicirculos: do modo de marcar o terreno da meia Pirueta, marchando ſobre hum, e outro lado, e a lição da Pirueta para a eſquerda.*

PAra obrigar, ou enſinar o Cavallo a fazer a Pirueta ſobre a eſquerda, deve o Cavalleiro ſegurar a mão da redea de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita. Ora ſe o obriga a marchar das extremidades N para

O


Estampa 62 Pag. 366
T
Q
S
Fig 4
1
3
2
4
P
R
O
G
D
F
Fig 2
1
2
3
4
C
E
B
N
A
Fig 1
V
H
K
O
Fig 5
1
4
3
2
1
Z
X
M
Fig 3
1
2
3
4
L
I

O, Eſt. LXII., Fig. 4., chegando a P, deve o Cavalleiro prevenir-ſe, firmando o corpo mais, retirando bem a eſpadua, e toda a parte eſquerda do tronco do corpo para trás, obrigando-o inſtantaneamente com a redea eſquerda, tendo a mão de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, encoſtando-lhe ao meſmo tempo a perna direita com actividade tal, que o fação voltar ſobre o pé eſquerdo N. 4.; e ſem tocar a terra com as ferraduras das mãos, ſobrepondo o pé direito N. 3. por ſima, e por diante do pé eſquerdo, que eſtá firme no chão (como ſe moſtra na Eſt. LXIII.) ſe devem conduzir as eſpaduas pelas linhas circulares Q, R, S, ſem tocar a terra, até fechar o circulo ſobre T, ſeguindo o galope ſobre as linhas da muralha para a meſma mão eſquerda, ou fazendo-o paſſar della para a direita; e ſe o não fazem deſdobrar de acção, tambem póde ficar na da volta ao revés ſobre a eſquerda.

## *Lição da meia Pirueta para a eſquerda.*

TAmbem ſe coſtuma obrigar a partir da extremidade V, Fig. 5., para X; e firmando o pé eſquerdo no ponto do centro N. 4., o enſinaráõ a formar o meio circulo X, Z, O, uſando o Cavalleiro dos movimentos do corpo, mãos, e pernas, como quando o enſinão a formar a Pirueta para a eſquerda; iſto he, quando o Cavallo vai mais bem ſituado no terreno, e facil na mão, o Cavalleiro inſtantaneamente deve retirar bem para trás a eſpadua eſquerda, avançando a direita, ſegurando a mão da redea bem de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, fazendo-lhe ſentir ao meſmo tempo as ſenſações da perna direita mais activas, a fim de o obrigar a que volte com rapidez ſobre o pé eſquerdo; e ſem tocar a terra com as ferraduras das mãos, ſobrepondo o pé direito N. 3. por ſima, e por diante do eſquerdo, como ſe moſtra na Eſt. LXIII., e na Fig. 5. da Eſt. LXII., finalizará a meia Pirueta em K, ſeguindo depois a ſua direcção de K para V.

Quando o Cavallo fórma a Pirueta, ou meia Pirueta ſobre o circulo, ou ſemicirculo para a direita, no tempo em que põe a mão, e pé eſquerdo na terra, a mão direita marca o circulo N. 1., Letra D, a eſquerda o N. 2., Letra G, Fig. 2., o pé eſquerdo o N. 3., e o direito o N. 4.: e logo que tem feito a meia Pirueta, marca as linhas I, L, M; o pé direito para ſe firmar no N. 4., marca o primeiro tempo, o eſquerdo N. 3. o ſegundo, a mão eſquerda N. 2. o terceiro, e a direita N. 1. o quarto.

Differe a Pirueta da meia Pirueta em fazer o Cavallo hum circulo perfeito na Pirueta, voltando ſobre o ſeu pé de dentro, vindo a ficar com a cabeça voltada para a meſma parte, para que ſe acha, quando elle dá principio á Pirueta, ficando por conſequencia com as piſtas das mãos, e pés ſobre as linhas, por que marchava antes de dar principio ao circulo. Logo na meia Pirueta neceſſariamente faz hum ſemicirculo, como ſe moſtra na Fig. 3., e na Fig. 5., voltando tambem ſobre o pé de dentro, e no fim do ſemicirculo ſe acha com a cabeça voltada para o lugar, para onde eſtava a garupa, antes de elle dar principio á meia Pirueta.

Tam-

Tambem quando fórma a Pirueta para a eſquerda no tempo, em que põe a mão, e pé direito na terra, a mão eſquerda marca o circulo N. 1., Letra Q, Fig. 4., a direita o N. 2., Letra T, o pé direito o N. 3., e o eſquerdo o N. 4.; e quando faz a meia Pirueta pelas linhas X, Z, O, o pé eſquerdo para ſe firmar no ponto do centro N. 4., marca o primeiro tempo, o direito N. 3. o ſegundo, a mão direita N. 2. o terceiro, e a eſquerda N. 1. o quarto, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LXIII.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da meia Pirueta para a eſquerda.*

### *Lição das Pouſadas.*

AS Pouſadas tirão a ſua denominação das paſſadas, e tem muita ſemelhança com aquelle ar, que os Cavallos tomão nas paradas firmes, á excepção de dobrarem mais os braços, e ſe levantarem mais das eſpaduas nas pouſadas, do que nas paſſadas, e paradas: elle toma aquelle ar entre os Pilões, e junto á parede ſobre as linhas do parallelogrammo, como paſſo a moſtrar.

Mettendo o Cavallo entre os Pilões com as cordas do cabeção dos páos, largas, e altas, elle naturalmente ſe convida para o ar das pouſadas, e delle para aquelle ar, para o qual tem mais propenſão. Logo he certo que faz a pouſada natural, e artificialmente, a qual conſiſte em ſe levantar muito alto das eſpaduas, ficando com os pés firmes na terra, e por iſſo me parece não merece eſte movimento o nome de ar alto, porque a garupa não acompanha com os ſeus movimentos os das eſpaduas, como acontece em todos os ares altos, e relevados, antes he ſómente huma boa diſpoſição para elles.

Serve eſta lição commummente para o enſinar a levantar-ſe das eſpaduas com ligeireza, e dobrar os braços altos, e com graça; porque deſta ſorte ſe prepara para ſe levantar com mais facilidade, e promptidão aos ares altos. He boa tambem a lição das pouſadas para remediar o defeito daquelles, que pateão, ou ſe movem perto da terra, quando os pertendem formar nos ares altos, ou relevados; e tambem ſão boas para fazer o Cavallo ligeiro na mão, e para o fazer uſar bem da garupa, ſe elle coſtuma por malicia levantalla, ou tella alta.

Principia-ſe a enſinar a lição das pouſadas ao Cavallo entre os Pilões, animando-o com o açoute ſobre a garupa, tocando-ſe-lhe com huma, ou duas varas ſobre as canelas dos braços, para que os dobre com mais graça; e ſe depois de levantar-ſe lhe derem com a vara alguns toques ſobre o peito, elle ſuſtentará mais o ſeu ar no tempo, em que ſe ſuſpende das eſpaduas para entrar para o cabeção: por effeito de todas eſtas diligencias ſe enſina a dobrar os braços, levantar as eſpaduas, recolher a garupa, iſto he, as pernas bem para baixo do corpo, dobrando os curvilhões; e logo quando ſe ſuſpender mais, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem.

Se

Cavalleiro desconhecido
Comendador (?) ou Cavalleiro de Christo (não se distingue a insignia bem ou não o Christo)

*Estampa 65. Pag. 368.*

*Silva del.*

Se elle quando ſentir o toque da vara, ou do açoute, froxamente ſe encolher, ficar para trás, e ſe entriſtecer, e olhar para quem o ajuda, moſtrando alguns ſentimentos de colera, já eſcavando a terra, quando o ajudão mais forte, já pondo as mãos, e pés firmes eſtacados no chão, ſem ſe determinar a levantar-ſe, vertendo aguas repetidas vezes, quanto mais o obrigarem, mais ſe ha de abater, e por fim não ſervirá para eſta lição.

Não ſe deve confundir o ar das pouſadas com aquelles contratempos, que fazem os Cavallos, que ſe empinão, ainda que eſtes ſe levantem muito das eſpaduas, porque a differença he muito grande: na pouſada eſtá com obediencia á mão, ou redeas do freio, e pernas do Cavalleiro, dobra os braços dos joelhos para os codilhos, recolhe o peſcoço para ſima das eſpaduas, e finalmente uſa bem do ſeu eſpinhaço, garupa, e curvilhões; e quando ſe empina, eſtende o peſcoço, entéza o eſpinhaço, os quadrís, e os curvilhões, e pela ſua deſobediencia fica no riſco de cahir para trás, como varias vezes tem acontecido com grande perjuizo, não ſó do Cavalleiro, como tambem do Cavallo.

Para o enſinar a levantar-ſe, e obrigallo a que forme a lição da pouſada, depois de montado, deve o Cavalleiro ter o ſeu corpo atrás, ſegurar a mão da redea para ſi, unir-lhe as pernas alguma couſa mais ao ventre, para que por effeito de todas eſtas diligencias vá comprimindo os muſculos de todo o corpo, a fim de ſe poder levantar com ſujeição, e obediencia: e ſe na acção da pouſada ſe levanta mais do que o Cavalleiro pertende, para remediar-lhe eſte defeito, he preciſo fazer-lhe atar as cordas do cabeção dos páos mais juſtas, e mais baixas, quando o mettem entre os Pilões, obrigando-o a que forme a lição do ſuſpender, ainda que para ella tenha pouca propenſão, até o enſinar a ſoffrer as enſações, e caſtigos, ſem commetter a violenta deſordem de ſe empinar. Ora vencido neſta difficuldade, podem tornar a enſinallo a ſeguir a lição das pouſadas; mas fazendo-o paſſar muitas vezes de mão, a fim de que vá ſendo cada vez mais igual na ſua direcção.

Deſta ſorte o devem enſinar a formar-ſe neſta lição, ſe elle tiver propriedade para ella: e devo tambem lembrar que a ſella deve eſtar larga, em quanto o Cavallo não he montado; e quando o montarem, não devem fazer-lhe apertar as cilhas com exceſſo, nem deixallas de tal ſorte largas, que venha a ſella a pender para huma, ou para outra parte, ou da meſma maneira a eſcorregar para trás, porque huma, e outra couſa ſerve de embaraço a firmar-ſe o Cavalleiro, e o Cavallo em boa acção.

Obedecendo elle bem entre os Pilões, podem, debaixo da guia ſobre as linhas rectas da muralha, enſinallo a que faça huma, ou duas pouſadas firmes, iſto he, ſem ſe atraveſſar, ou recuar; e em fazendo alguma bem, devem parallo; e depois que o tiverem deixado ſocegar, ſe lhe fará dar alguns paſſos para diante, fazendo-o paſſar de mão para o enſinar a marcar a pouſada ſobre o outro lado, obſervando attentamente ſe quando abaixa do ſeu ar, ſe apoia muito ſobre a embocadura do freio, ou tira pela mão, para lhe applicar os remedios, que tenho dito ſão proprios para lhe evitar que elle commetta eſtes defeitos, e antes ſim venha a formar a pouſada com perfeição.

## ESTAMPA LXIV.

*Do Cavalleiro, enſinando hum Cavallo a fazer as pouſadas para a direita: e o modo, pelo qual marca o terreno neſta lição.*

QUando ſe enſina a formar-ſe na acção das pouſadas ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro, marca o terreno para a direita, como ſe vê na Fig. 3. da Eſt. LXVII., a piſta do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão eſquerda a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4., por conſequencia formando-ſe na lição, e acção das pouſadas para a eſquerda, a piſta do pé eſquerdo marca a linha N. 1., Fig. 4., a da mão eſquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4.

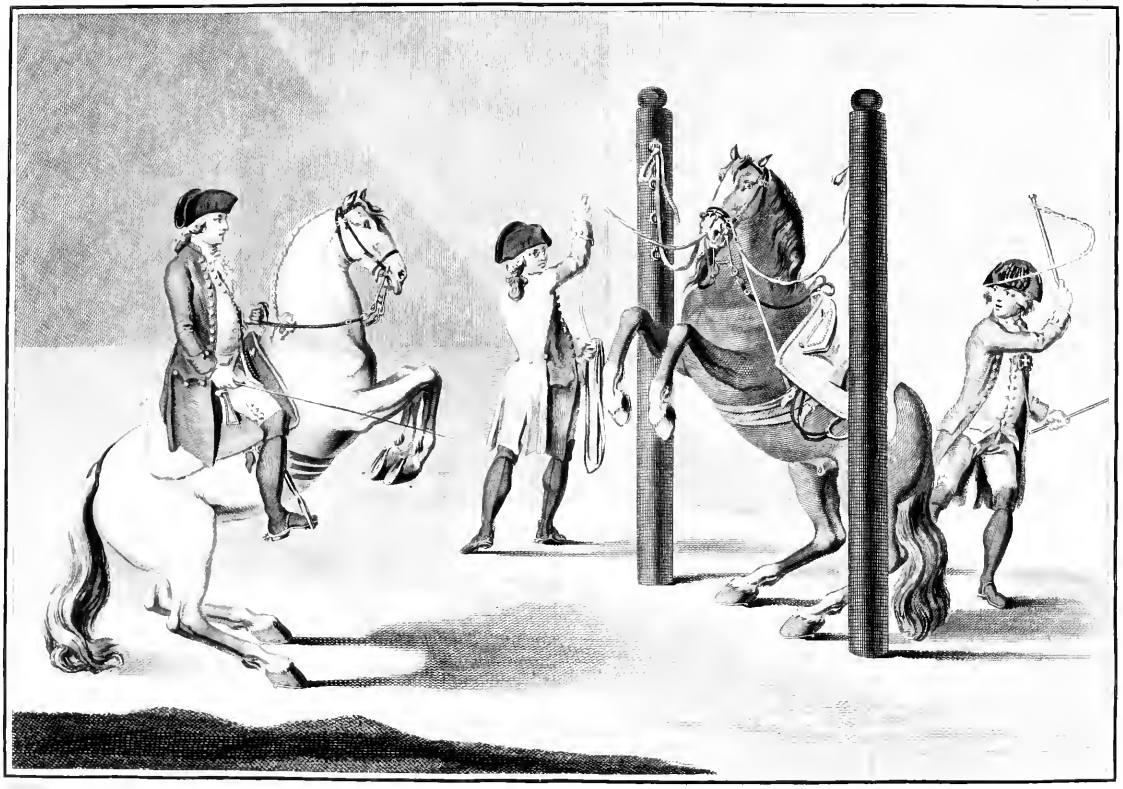
Se elle ſe apoia muito ſobre a mão, quando abaixa da pouſada, he bom tocar-lhe o cabeção para ſima, ſem lhe faltar com as ſenſações das pernas de repente, em quanto elle deſce; e logo que puzer as mãos na terra, tirallo atrás, fazendo-lhe ſentir o cabeção, de ſorte que elle reſpeite os toques de huma, e outra redea com cuidado pelo decurſo da lição: pelo contrario ſe ſe detiver, não entrando na mão, entre os Pilões devem ajudallo ſucceſſivamente, mas com brandura; e quando o fizerem galopar ſobre o quadrado longo, e ſobre os circulos, devem dar-lhe alguns repellões, e uſar das falſas redeas, e dos meios que ficão expendidos na lição dos quatro circulos, para o fazer ir, apoiando-ſe cada vez mais ſobre a embocadura, regulando-lhe ſempre a força com que o obrigarem pela ſua poſſibilidade, e conhecimento deſta lição, não lhe formando as pouſadas, em quanto duvída ſahir para diante, e levantar-ſe entre os Pilões com facilidade; pois quanto mais ſagazes são os Cavallos, mais ſentimentos de colera moſtrão para defender-ſe, logo que os principião a enſinar a formar-ſe nas primeiras diſpoſições dos ares altos.

Neſta lição, como tenho dito em outras, ainda ſendo o Cavallo fiel, não ſe devem tirar delle tantos tempos do ſeu ar, que ſe atenue com exceſſo, e abatido perca a flexibilidade, ou a facilidade de voltar, e acudir, ou ſeguir com promptidão ás ſenſações com que o obrigão, e ſe firva do ſeu vigor para defender-ſe.

Se a deſigualdade procede dos movimentos das ancas, (o que ſe conhece por elle ſe não mover bem, ou ter zigandé, não querendo por iſſo ir para trás) depois de ter formado a pouſada, ſerá muito bom enſinallo tambem a recuar, ſem Cavalleiro, fazendo-lhe ſentir o cabeção por effeito dos repetidos toques da guia, fortalecendo, e modificando-lhe a ſua força, não ſó á proporção das difficuldades do Cavallo, mas pela ſujeição com que elle acceita eſte caſtigo.

Se o deſtinado para eſta lição, quando o fazem recuar, for para trás com muita velocidade, ſem recolher as pernas bem para baixo do corpo, em tal caſo devem endireitallo com a guia, ſem lhe dar com ella fortemente, caſtigando-o com a vara ſobre as ancas até elle ſer menos veloz, e recolher as pernas para o corpo, dobrando com igualdade as juntas dos quadrís, curvilhões, e travadouros,

por-



porque todos eſtes recurſos o vão conduzindo ao bom eſtado de obedecer ás mãos, e ás pernas do Cavalleiro com facilidade : advertindo que quando eu digo lhe dem até elle ceder , não pertendo lhe dem por huma vez ſómente , mas ſim de dia em dia o vão tirando por vezes atrás , para que ſeja mais facil , e mais igual em todos os ſeus movimentos.

## *Diſpoſições para a lição das Curvetas.*

O Ar das Curvetas he o trabalho , para que os Cavallos ſe deixão conduzir com mais facilidade; porque as meias paradas, as paradas, falcadas, paſſadas , pouſadas , e ainda o movimento do galope , os tem diſpoſto muito para ſe formarem na acção das curvetas ; pois todas aquellas lições os vão pondo no coſtume de ſe levantarem das eſpaduas , e de ſe pôrem cada vez mais ſobre as ancas, porque em todas ellas neceſſariamente os fazem determinar para diante, para trás, e para os lados, fazendo-lhe conhecer as ſenſações, e toques das mãos , e pernas do Cavalleiro , de ſorte que para os chegar á lição das curvetas , não lhe falta mais do que comprehender a medida, e a cadencia deſte ar.

Por meio da lição das pouſadas ſe habilitão para a das curvetas. O ar das pouſadas he alto, e muito brando das eſpaduas, e por iſſo elle não acompanha eſta acção com movimento algum da garupa , antes quando fórma as pouſadas procura ſuſtentar-ſe neſta acção pelo equilibrio; e quando fórma o ar das curvetas, por ſer eſte mais baixo do que o das pouſadas, elle ſe ajuda mais , que do equilibrio, da força dos curvilhões: logo nas curvetas, quando as eſpaduas ſobem para ſima, as juntas dos quadrís, curvilhões, e travadouros ſe dobrão, e ſe rebatem para baixo , a fim de elle ſe poder formar na acção com hum movimento juſto , e igual; mas para ſe formar na acção das pouſadas, apruma-ſe bem ſobre as juntas dos quadrís, e das pernas para poder ſuſtentar a acção mais pelo equilibrio, do que pela força.

Eſta lição bem enſinada , e appropriada á força , e conſtrucção do Cavallo não he ſómente bella, e viſtoſa; porém he neceſſaria para o ſegurar , e firmar na ſujeição das ſenſações, e toques das mãos, ou redeas, e das pernas, ou eſporas; e logo que elle apoia as ſuas forças, e pezo ſobre as ancas, alivia o padecimento ás eſpaduas, e á boca. Todos ſabem que ſe devem regular as lições, e trabalhos ao Cavallo pela ſua diſpoſição; e ſendo iſto innegavel, póde-ſe tambem conhecer a ſua aptidão pelo trabalho que tem dado para o deſembaraçar. Exemplo : quando elle tem diſpoſição natural para o ar das curvetas, não he inimigo da ſujeição que o conduz a ellas , antes ſe deixa encaminhar facilmente para eſta lição , porque tem propriedade para ella.

Newcaſtle para preparar os ſeus Cavallos para os ares altos , moſtra ſervir-ſe pouco dos dous Pilões , e faz ver que junto ao Pilão do centro os diſpunha , e confirmava naquelles ares, para que moſtravão ter mais propensão; mas com tudo a lição dos dous Pilões , e o ſeu uſo he excellente para lhes formar as lições dos ares das curvetas, das garupadas, das balotadas, e das capriolas; e ainda para ſe

lhe remediarem alguns defeitos, e vicios, como em outros lugares ſe pondera, não obſtante não me agradar o modo, com que antigamente fazião metter os Cavallos entre os Pilões com as falſas redeas, ou as redeas do cabeção afiveladas nos arcos dos olhos do freio, e atadas ás argolas dos Pilões; porque iſto infallivelmente ha de engroſſar-lhe as bocas com exceſſo, e ha de fazer incerto o governo daquelles Cavallos, que forem mais ſenſiveis.

### *Cauſas, por que muitos Cavallos não fazem bem as Curvetas.*

TEndo elles os pés, as mãos, e os curvilhões doridos, ou por ſerem fracos deſtas partes, ou por padecerem nellas moleſtias, fogem da lição das curvetas; por iſſo quem os dirige, deve uſar de toques moderados, regulando-lhes o tempo da lição com muita attenção ás ſuas difficuldades, para que a impaciencia não os precipite na deſeſperação. Tambem ſe elles não conhecem o porque os caſtigão, elles ſe abatem, ſe confundem, e ſe defendem; maiormente ſe o Meſtre não conhece bem as ſuas qualidades: pelo contrario os que são fortes, e bem formados, quando por meio da lição das curvetas ſe diſpõem para os ares altos, elles ſe unem das articulações da garupa, alargando-ſe ao meſmo tempo das ſoldras, dos curvilhões, e dos jarretes, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LXV.

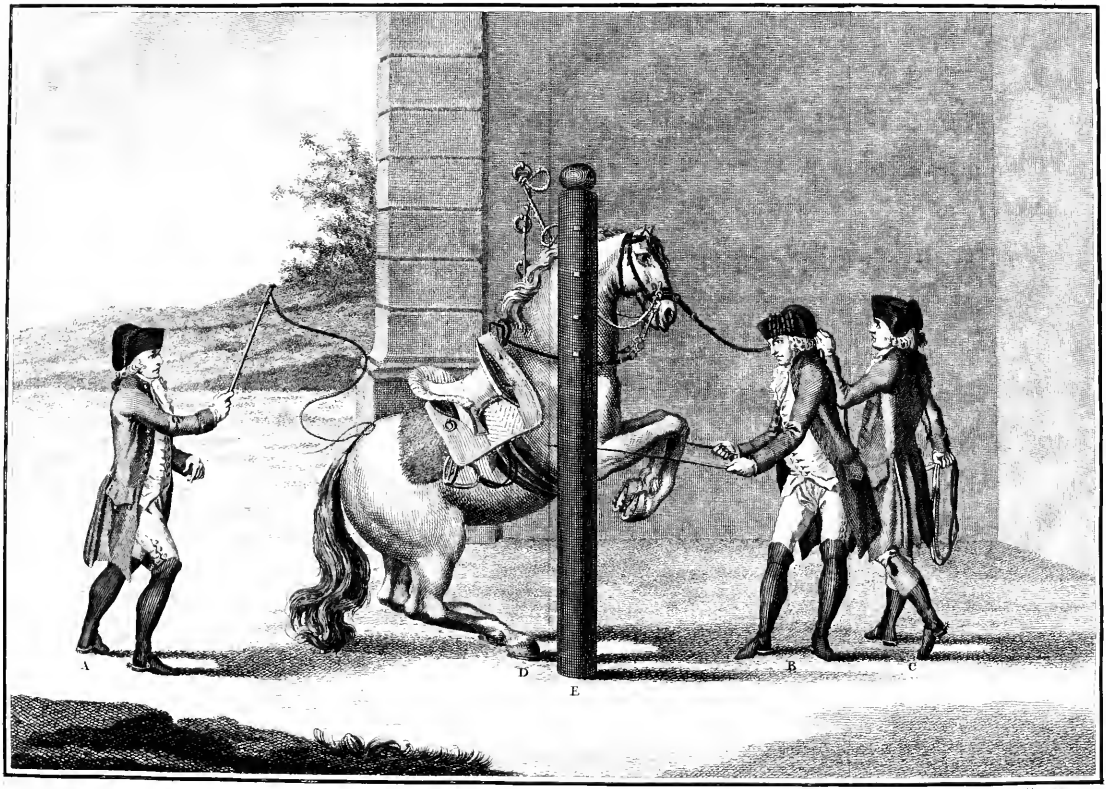
### *De hum Cavallo na acção das Curvetas entre os Pilões para a direita.*

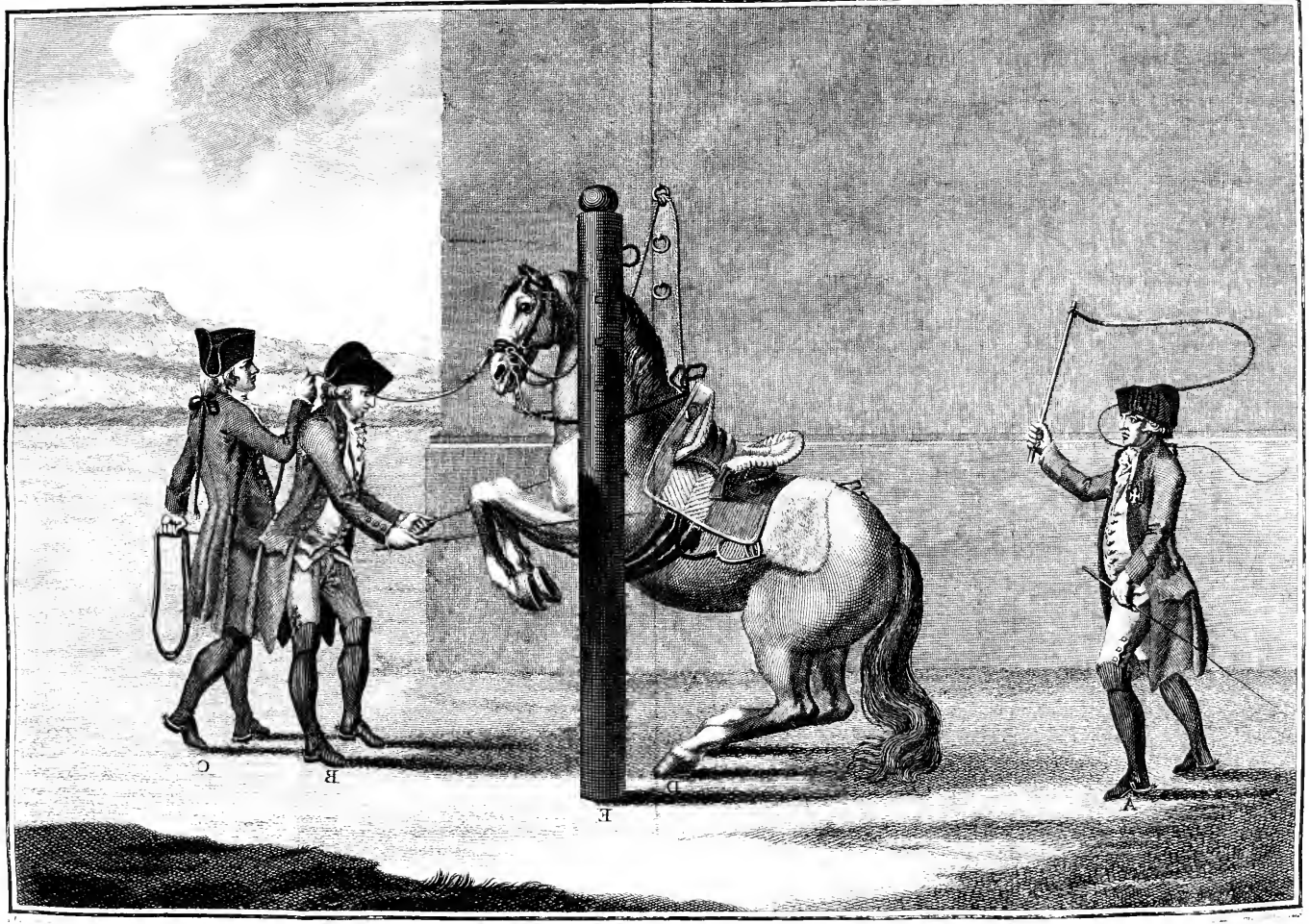
ANtes de o fazer metter entre os Pilões para ſe formar na acção das curvetas, devem fazello deitar algumas voltas á guia, ſem lhe apertar as cilhas, tendo o rabicho tambem largo, ou tirando-lho fóra; porque ha Cavallos a quem o aperto do rabicho, e cilhas opprimem tanto, que em quanto ſentem o ſeu aperto, e não tem conhecimento do trabalho, em que os vão exercitar, elles não querem recolher as pernas bem para baixo do corpo, nem fazer algum movimento, com que ſe levantem das eſpaduas.

Pondo-ſe-lhe o cabeção dos páos (aſſim chamado) por ſervir ſó para metter os Cavallos entre os Pilões (Eſt. V., Fig. 3.) muito brandamente lhe irão dirigindo os toques do chambrié, ou do açoute ao alto da garupa, a fim de que entrando para diante, e achando o embaraço do cabeção dos páos, ſe levante das eſpaduas; e por effeito de toques correſpondentes a formar-ſe na acção das curvetas, recolha a garupa bem para baixo do corpo, e ſe forme na acção.

Junto aos Pilões devem eſtar hum, ou dous homens, iſto he, hum a cada Pilão, para lhe tocar com huma, ou duas varas delgadas levemente ſobre os braços; pois por effeito deſtas ſenſações os Cavallos os dobrão, levantão, e recolhem para baixo do corpo; e ſemelhantemente quando os toques das varas ſe lhe applicão ſobre o peito, elles ſuſtentão mais tempo a acção levantados no ar.

Os


A
D
E
B
C


A
B
C
D
E

Os Cavallos commummente ſe inclinão a deſcançar mais ſobre hum, do que ſobre outro braço, tendo mais tempo huma das mãos firme na terra: então devem tocar-lhe com a vara no braço, que eſtá firme por huma, e outra parte brandamente, para que levante huma, e outra mão igual no tempo do ſeu movimento, e altura; mas não deve a pancada ſer tão forte que o obrigue a ir com os joelhos ao chão: e logo que fizer alguns tempos no ſeu ar, ao menos moſtrando ſujeição, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem.

Devem fazello paſſar de mão repetidas vezes, ſe os Pilões forem nas extremidades do parapeito junto á muralha, como ſe moſtra na Eſt. I., N. 4., e N. 5., e nas Eſt. LXV., e Eſt. LXVI.; mas ſe forem no meio do parapeito, aonde quem eſtá com o açoute poſſa ajudar o Cavallo igualmente de hum, e de outro lado, então não ſe faz preciſo paſſallo de mão, mas ſim ajudallo com igualdade, para não ſe conſtituir no coſtume de ſe entortar mais para huma, do que para outra parte; pois o coſtume he certo que tem hum grande poder ſobre os brutos, que ſendo habituados a dobrar-ſe mais para huma, do que para outra mão, de tal modo ſe coſtumão a determinar os movimentos para aquella acção, que lhe fica mais conforme á ſua vontade, que depois he difficultoſo reſtituillos ao bom coſtume que devem ſeguir.

A maior parte dos Cavallos, quando os principião a metter entre os Pilões, ficão para trás: por iſſo he muito bom pôr-lhes a guia na argola do tornel do meio do cabeção para os ajudar, ou elles fiquem para trás, ou ſe levantem para ſima, e entrem para diante com exceſſo; mas ſempre os devem ajudar com a guia muito brandamente, não ſó para não lhes atenuar a ſenſibilidade do focinho, mas tambem para que por meio do caſtigo da guia não fiquem muito para trás, e deixem de moſtrar a ſua natural propenſão.

As primeiras vezes que metterem o Cavallo entre os Pilões, devem as cordas do cabeção ficar largas, de ſorte que entrando elle para diante ſe deixem ver as ſuas eſpaduas pela frente dos Pilões. A altura, em que ſe atarem as cordas nas argolas, tambem deve regular-ſe pela grandeza, e altura do Cavallo, de ſorte que elle não fique demaziadamente opprimido, por lhe ſerem atadas muito altas, ou muito curtas; advertindo que tambem he igualmente máo atallas largas com tanta deſproporção, que elle paſſe por baixo do cabeção para a outra parte dos Pilões.

## ESTAMPA LXVI.

### *De hum Cavallo entre os Pilões na acção das Curvetas para a eſquerda.*

LOgo que elle pelo coſtume das repetidas lições ſe apreſentar bem na acção, que ſe moſtra na Eſt. LXV., e na Eſt. LXVI., podem mandar-lhe apertar a ſella, e fazello montar por hum Cavalleiro, que não ſeja muito corpolento, para não fatigar muito o Cavallo, e então enſinallo a que faça algumas curvetas, para adquirir a obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro; e tanto que obedecer, fa-

fazendo-as bem ſobre huma, e outra mão, o podem conduzir ao Pilão do centro da primeira volta para aprender a fazer algumas curvetas de firme a firme.

## *Lição das Curvetas antes do Cavallo ſer montado, junto ao Pilão do centro de firme a firme.*

JA' ſe ſabe que o Pilão do centro da primeira volta deve ter algumas cavidades, (como ſe vê na Fig. 2. da Eſt. V.) em que ſe poſſa apertar o correão de gancho do Pilão: a primeira cavidade deve ſer alta, para que eſtando a guia afivelada na argola do tornel do meio do cabeção ordinario, vá ella deſcançar no gancho do correão em altura tal que o Cavallo ſe poſſa levantar para aprender a fazer bem as curvetas, ficando a guia de ſorte comprida, que elle tenha liberdade para ſe levantar.

Se foge com a garupa mais para huma, do que para outra parte, dous Ajudantes com as redeas do cabeção o podem enſinar a indireitar-ſe das eſpaduas, para a garupa ſeguir melhor direcção. Tambem outro Ajudante com duas varas defronte do Cavallo junto ao Pilão o entalará entre ellas, tendo-lhe huma pela parte da eſpadua eſquerda, e outra pela da eſpadua direita, para com os toques de huma, e de outra o render mais facil, e mais igual na acção das curvetas.

Eſtando tudo aſſim diſpoſto, então quem o ajudar com o açoute, fará com elle algum moderado movimento, para enſinar o Cavallo a que ſe levante ao ar das curvetas: e da meſma ſorte quem eſtiver com as varas, muito brandamente com huma, e outra o ajudará, tocando-lhe ſobre as ancas, e polpas dos braços, e eſpaduas, animando-o tambem com a voz, para elle conhecer que pertendem que ſe levante: recommendo que o ajudem com manſidão, porque as pancadas fortes, em quanto elles ignorão, ſervem mais para ſuſcitar-lhe a deſobediencia, do que a ſujeição; e logo que ſe levantar para obedecer, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem.

Se elle ſegue com a garupa aquelle que o ajuda com o açoute, dando couces, e moſtrando paixão, e colera, então o devem enſinar com mais moderação logo do principio, para não lhe exaltar a colera, e pouco a pouco o ir conſtituindo perfeito, e igual no ſeu ar, e movimento. Os Cavallos tem ordinariamente mais geito para ſe defender com a garupa para huma, do que para outra parte: por iſſo o Meſtre, que ajuda com o açoute, deve ſeguillo, e poſtar-ſe daquella parte, donde elle tem menos geito para defender-ſe: pela meſma razão quem ajuda com as varas, deve poſtar-ſe, e ſeguir mais o Cavallo daquella parte, donde elle tem menos agilidade, e huns, e outros devem regular-lhe o caſtigo, tanto o das eſpaduas, como o da garupa muito brandamente pelas diſpoſições com que elle o acceita; porque de ordinario a paciencia do Cavalleiro he mais poderoſa para lhe fazer conhecer o que pertendem, do que os demaziados caſtigos.

He ſem dúvida que á proporção do que elle ſe une das eſpaduas neſta lição, formando-ſe na acção ſobre as linhas rectas do centro, elle ſe alarga da garupa; e que para vencer iſto, deve dobrar, e encurvar os ligamentos dos quadrís, e curvilhões,

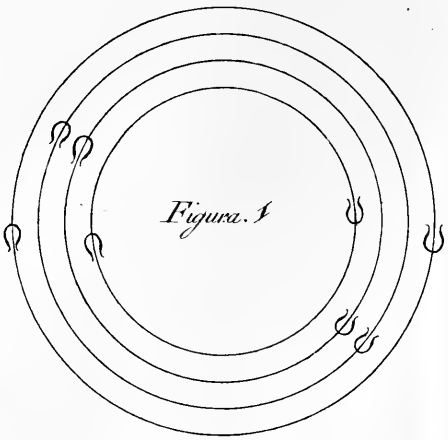


Figura. 1

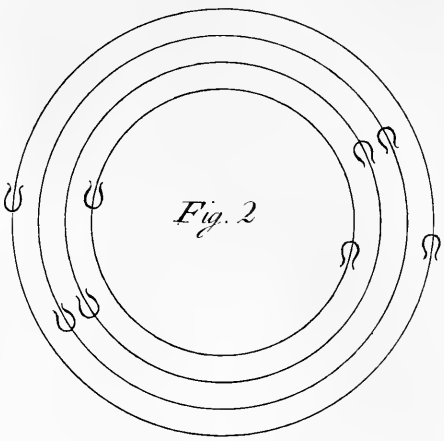


Fig. 2

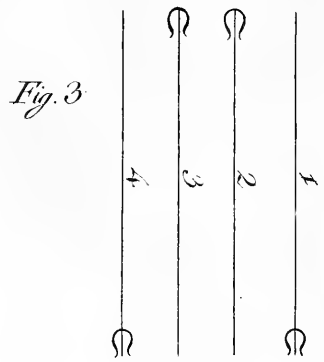



Fig. 3

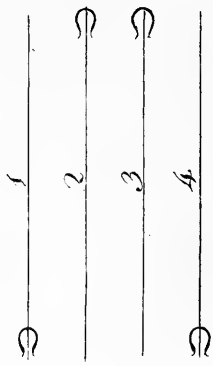



Fig. 4

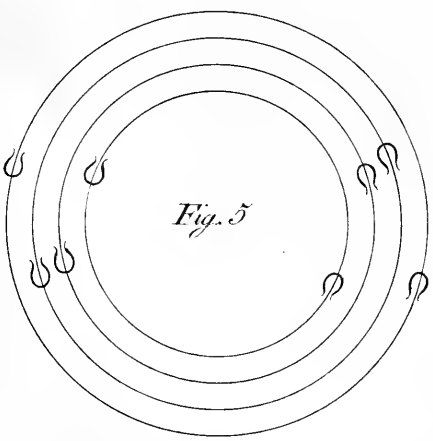


Fig. 5

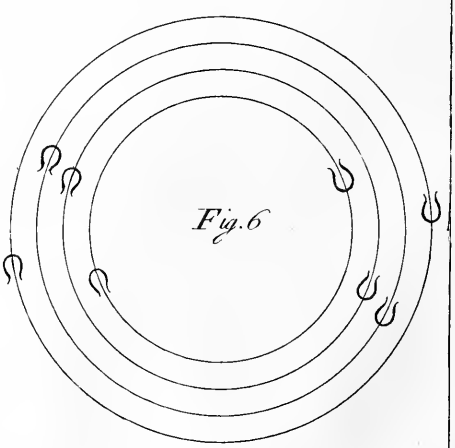


Fig. 6

lhões, como tambem alargar as coxas das pernas para os lados do ventre, e firmar-ſe ſobre os jarretes, levantando os braços, apertando os joelhos hum para o outro, dobrando os travadouros, unindo quaſi os rompões, ou talões dos caſcos das mãos aos codilhos dos ſeus braços, e até no ezofago ſe dobra; por iſſo marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 3., e Fig. 4. da Eſt. LXVII., a piſta do pé direito (ſe o Cavallo ſe dobra para eſta parte) marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão eſquerda a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4.; e ſe elle ſe dobra alguma couſa para a eſquerda, a piſta do pé eſquerdo marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4., como ſe moſtra nas referidas Figuras da ſeguinte

## ESTAMPA LXVII.

*Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-ſe na acção das Curvetas ſobre linhas parallelas ao centro do manejo, marchando tanto para diante, como para a direita, e para a eſquerda: modo, pelo qual marcão os circulos de quatro piſtas junto ao Pilão do centro ſobre a volta a Curvetas para a direita, e para a eſquerda, como tambem os circulos de quatro piſtas junto ao Pilão do centro, formando-ſe na acção das Curvetas ſobre a volta ao revés para hum, e outro lado.*

DEve-ſe obſervar attentamente ſe o Cavallo nas primeiras lições das curvetas ſe extende ſobre o freio, ou ſe abaixa as eſpaduas de repente; porque huma, e outra couſa he de temer, pois elle fórma eſtas duas acções por effeito de colera, de má conſtrucção, e de fraqueza. Ora quando ſe extende ſobre a embocadura, he bom, em quanto aprende ſem Cavalleiro, fazer-lhe atar as redeas do freio tão curtas, que no tempo, em que commette o erro, elle meſmo ſe caſtigue; e ſe fizer o meſmo depois de montado, deve o Cavalleiro ter o ſeu corpo atrás, e a mão eſquerda alguma couſa mais avançada de unhas aſſima, e mais alta, como tambem unir-lhe as pernas ao meſmo tempo logo atrás das cilhas, e tocar-lhe a vara ſobre a garupa, a fim de o obrigar a que uſe bem de huma, e de outra anca para ſe levantar mais das eſpaduas. Quem ajudar com o açoute, deve no tempo em que elle vai abaixar as eſpaduas tocar-lhe na garupa, divertindo-o por eſte modo de ſua má vontade, enſinando-o com eſtas diligencias a indireitar-ſe no terreno com perfeição.

Quem o ajudar com as varas, tanto que vir que elle violenta a mão do Cavalleiro, deve tocar-lhe com ellas mais forte; e tambem o Ajudante, que ſegura a guia, deve tocar-lhe com ella para ſima; porém huns, e outros toques devem ſer conduzidos, de maneira que não obriguem o Cavallo a ficar para trás, ou a entortar-ſe mais para hum, do que para outro lado. Se elle porém ſe levanta livre, e facil das eſpaduas, ſem ſe extender ſobre a embocadura, e ſem precipitar o ſeu movimento dellas, ſerá facil o formar-ſe bem na lição das curvetas.

*Diſ-*

*Diſpoſições para eſta lição, marchando o Cavallo ſobre a volta para a direita.*

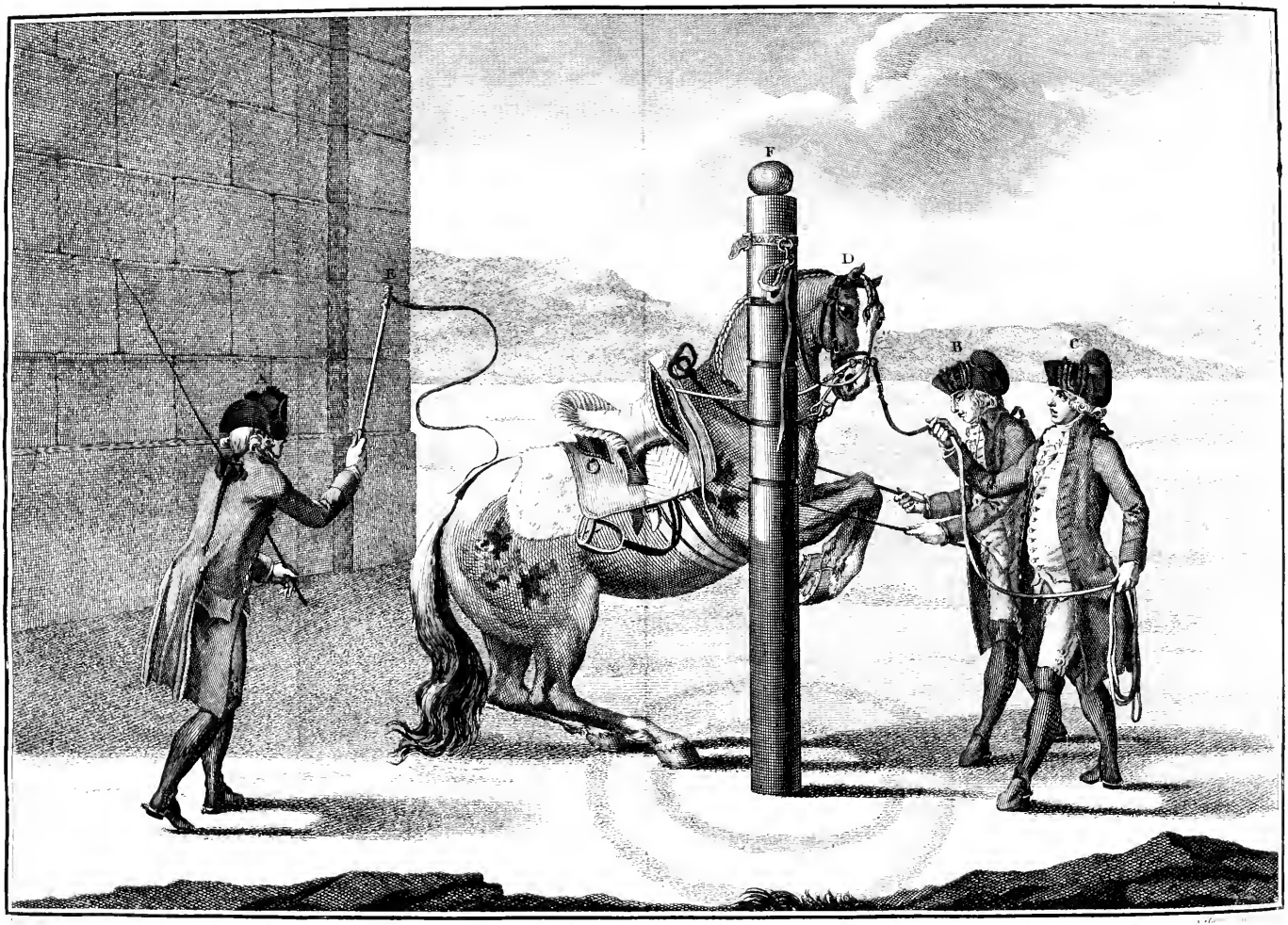
HAvendo moſtrado como ſe devem preparar, enſinar, prevenir, e caſtigar os Cavallos entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro para a lição das curvetas de firme a firme, paſſo tambem a moſtrar a ſua continuação junto ao Pilão do centro, formando-ſe na acção das curvetas ſobre a volta para a direita.

Eſtando elle pelas lições precedentes diſpoſto, e facil em formar as curvetas de firme a firme junto ao Pilão do centro, podem tambem fazer-lhe atar a redea direita do cabeção (eſtando ella afivelada na argola do tornel direito) ao gancho do correão do Pilão, ſendo o ſobredito correão bem facil em andar á roda na ſua cavidade correſpondente á altura da cabeça do Cavallo. Então o Ajudante C pegará na redea eſquerda do cabeção, a qual deve eſtar afivelada na argola do tornel eſquerdo, ficando pela parte de fóra dos circulos em que o Cavallo ſe move; e o Meſtre A com o açoute deve poſtar-ſe da parte do centro, ou donde o Cavallo tem mais geito para defender-ſe, porque neceſſariamente para o fazer marchar pelos circulos devem enſinallo a ſahir do centro para fóra, mas com brandura, aliàs elle ſe encoſtará ao Pilão; e ſe ſe defender, todos os Profeſſores ſabem que neceſſariamente o devem ſeguir com o açoute da parte para a qual foge, ou ſe encoſta mais, conſentindo porém em que elle ſe vá arredondando dos movimentos da garupa, e das eſpaduas para fazer o gyro, marcando o terreno em torno do Pilão, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. LXVII.

Da meſma ſorte quem ajudar com a vara, deve fazer oppoſição ás difficuldades do Cavallo; iſto he, quando elle entra com as eſpaduas para o centro, deve o Ajudante B chegar-ſe ao Pilão, ajudallo com a vara ſobre a eſpadua de dentro, e fazello ſahir para fóra: logo quando fugir com as eſpaduas para fóra, deve o Ajudante ſeguillo com a vara pela parte de fóra do Pilão, tocar-lhe ſobre a eſpadua de fóra, e obrigallo a ir para diante, para o enſinar a entrar com ellas para o centro: tambem ſe lhe deve tocar com a vara ſobre os braços, e ſobre o peito, quando ſe demora com as mãos firmes na terra, ou duvída levantar-ſe.

Se foge muito com a garupa do centro para fóra, o Ajudante C, que eſtá ſegurando a redea do cabeção de fóra, (ou a guia, ſe uſarem della afivelada na argola do tornel de fóra, por ſer a redea ordinaria curta) deve levantar a mão, e dar-lhe alguns toques para ſima, e para trás, a fim de o obrigar a levantar-ſe das eſpaduas, e ir-ſe apoiando cada vez mais ſobre as ancas: á proporção todos os Ajudantes o devem ſeguir, e ajudar, de maneira que o fação arredondar dos movimentos das eſpaduas, e garupa, ſem que elle (ſe ſe defender) poſſa alcançar a algum delles com patadas, couces, ou pernadas; e logo que fizer algumas curvetas bem, devem affagallo, e deixallo dar algumas voltas ao paſſo bem de vagar, ſem o Meſtre A o ſeguir com o açoute, nem o Ajudante B com a vara, para quando for bem manſo parallo, e chamallo á curveta, diſtribuindo-lhe aſſim de dia em dia as lições até o enſinar a formar bem na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-


F
D
B
C
E

## ESTAMPA LXVIII.

### *De hum Cavallo na acção das Curvetas junto ao Pilão do centro ſobre a volta ſimples para a direita.*

DEvem diſpollos, e enſinallos por eſte modo a formar-ſe na acção das curvetas ſobre os circulos junto ao Pilão do centro ſobre a direita, ſempre com muita moderação, fazendo-os parar ao principio todas as vezes que ſe levantarem alguma couſa das eſpaduas, affagando-os muito, e dando-lhes alguma herva para moderar-lhes a colera; e ainda que alguns por ſerem raivoſos a não comão, ſempre os devem affagar, pondo-lha ſobre o focinho; advertindo que tambem ha muitos que não goſtão (por exemplo) da anafa, e goſtão de chicoria, ou folhas de parreira, e neſte caſo ſe deve buſcar aquellas de que elles mais goſtarem.

Marchando em torno do Pilão, marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés, quando ſe fórma na acção das curvetas, como ſe moſtra nos circulos da Fig. 1., Eſt. LXVII.; a piſta do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão eſquerda a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4., pelo muito que o animal neſta acção preciſamente ſe alarga das ancas, e ſe une das eſpaduas.

### *Diſpoſições para a lição das Curvetas ſobre a volta ſimples para a eſquerda junto ao Pilão do centro.*

PEla meſma ordem, ou methodo ſe obriga, e enſina o Cavallo a formar na acção das curvetas para a eſquerda ſobre a volta junto ao Pilão do centro. O Meſtre deve mandar atar a redea do cabeção da parte eſquerda ao gancho do correão do Pilão, ficando o Ajudante C com a redea, ou guia da parte direita por fóra dos circulos, em que o Cavallo ha de trabalhar: e quem ajudar com a vara B junto ao Pilão pela parte eſquerda, para o ajudar ſobre as canas dos braços, caſo que elle aſſente as mãos firmes na terra, ou tambem ſobre o peito, ſenão ſe levanta bem das eſpaduas: ſendo tudo aſſim diſpoſto, o Meſtre A com o açoute o deve ſeguir, e enſinar a que ſe levante, uſando-lhe elle, e os ſeus ajudantes das prevenções, e cautelas, que ficão ponderadas neſta lição para a direita, a fim de o enſinarem a formar-ſe neſta acção das curvetas ſobre a volta para a eſquerda com a meſma brilhante graça com que as deve formar para a direita.

O ar das curvetas, quando o Cavallo eſtá levantado na acção, he firme da garupa; mas quando elle abaixa deſte ar entre cada huma curveta, devem deixallo avançar alguns paſſos o terreno preciſo para formar o circulo á roda do Pilão, e logo tornallo a chamar á curveta para lhe fazer adquirir alternativamente a facilidade do movimento circular, diminuindo-lhe os tempos do paſſo, ou trote, de ſorte que faça hum ſó tempo de paſſo entre cada huma curveta. Ora ſe os Cavallos deſobedecem porfiadamente a eſta lição junto ao Pilão do centro, para os corrigir podem fazellos metter entre os Pilões, e depois tornallos á meſma lição, uſando

deſte methodo para os enſinar a formar-ſe neſta acção junto ao Pilão do centro com facilidade. Para o Cavallo ſe apreſentar bem na acção das curvetas junto ao Pilão do centro, deve ter huma igual promptidão de movimentos natural, e adquirida para ſe formar no ſeu ar, dobrando-ſe do ezofago (Eſt. III., N. 3.) até ás claviculas N. 28., e nas articulações dos braços (N. 32., N. 34., N. 36., e N. 38.) quadris N. 63., ſoldras N. 73., curvilhões N. 74., e N. 82., e travadouros N. 77., com a perfeição, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LXIX.

### *De hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta para a eſquerda junto ao Pilão do centro.*

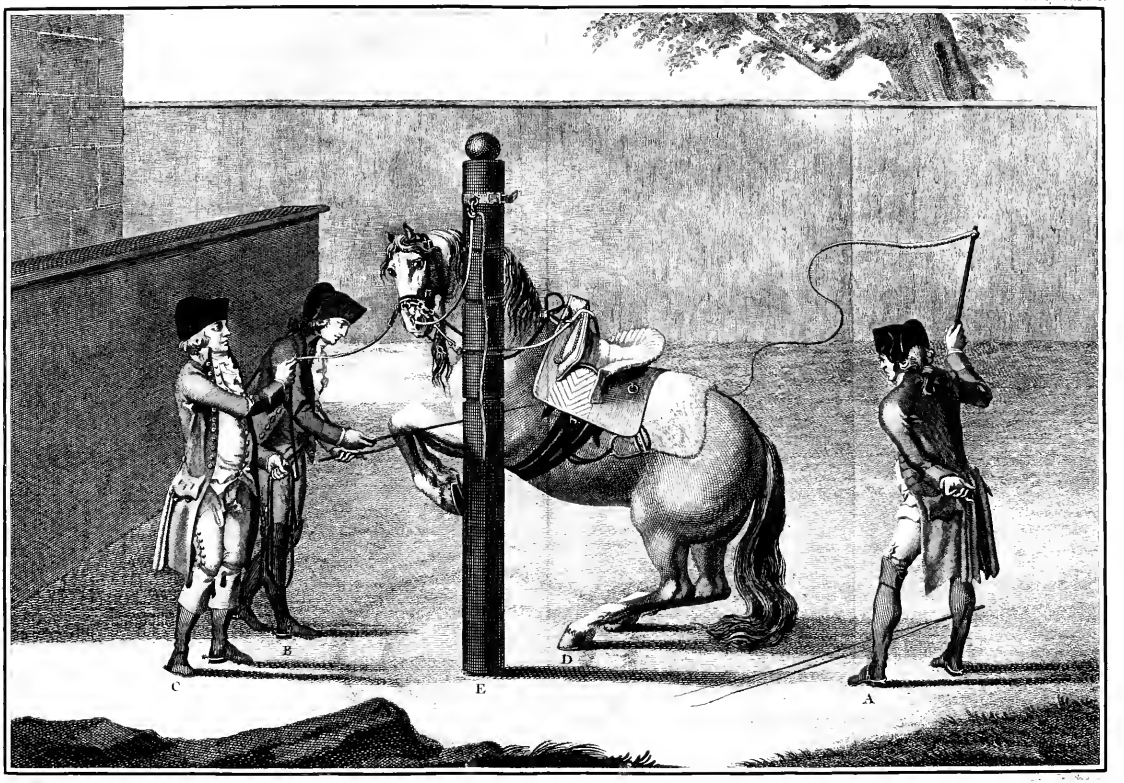
MArchando elle ſobre a volta para a eſquerda, marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 2. da Eſt. LXVII., a piſta do pé eſquerdo marca a linha N. 1. mais proxima ao centro, a da mão eſquerda a N. 2., a da mão direita a N. 3., e a do pé direito N. 4. da maior circumferencia.

### *Diſpoſições para a lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, dobrando-ſe para a direita.*

QUando os Cavallos ſe formão na acção das curvetas ſobre a volta, neceſſariamente olhão para o ponto do centro; e á proporção da eſtreiteza do circulo ficão da parte de dentro concavos, e convexos da parte de fóra da volta: logo quando ſe formão na acção das curvetas ſobre a volta ao revés, elles neceſſariamente olhão para fóra do ponto do centro, e por conſequencia ficão concavos da parte de fóra, e convexos da parte do centro: para iſto ſe conſeguir, deve o Meſtre mandar-lhe atar a redea ordinaria do cabeção ao gancho do correão do Pilão N. 1., eſtando afivelada na argola do tornel eſquerdo N. 2., pôr-lhe huma guia na argola do tornel do meio N. 3., e a redea direita N. 4., e afivelada na argola do tornel direito, fazella atar alguma couſa curta ao grampo do cepilho da ſella N. 5., ou á fivela do Peitoral N. 6., para lhe fazer dobrar o peſcoço para a direita, como ſe moſtra na Eſt. LXX. Quem ajudar com a vara, ou ponção Fig. B, deve ſeguir o Cavallo pela parte eſquerda da eſpadua junto ao Pilão, para com os toques do ponção, e vara, mais, e menos activos, o indireitar da garupa, e unir das eſpaduas no tempo em que ſe levanta o mais que puder ſer.

O conductor da guia Fig. C deve marchar por fóra dos circulos, que o Cavallo vai marcando no terreno, enſinando-o, e ajudando-o com liberdade, para que as eſpaduas poſsão andar unidas nos circulos N. 2., e N. 3., á proporção do que as ancas ſe alargão para os circulos N. 1., e N. 4., Fig. 5., Eſt. LXVII.

O Meſtre Fig. A com o açoute deve ſeguir a garupa do Cavallo mais pela parte do centro, para que elle com o pé direito marque o circulo N. 1., &c. Deve ficar o Ajudante Fig. B pela parte do centro entre a eſpadua eſquerda, e o Pilão,


C
B
E
D
A

lão, para quando for preciso lhe tocar com o ponção sobre o lugar em que se applicão as esporadas ; e estando tudo assim disposto , com muita mansidão o irão todos encaminhando com repetidas sensações brandamente applicadas, e bem acordes humas com outras , para que chegue a formar bem a curveta. O ponção com que o ajuda a Fig. B, em lugar de bico, deve ter na haste huma roseta, e todo o seu feitio, como se mostra na Fig. 16. da Est. V.; porque se for de pua, fará ás vezes grande ferida , sem o Ajudante querer. O comprimento da haste basta que tenha sete, ou oito palmos , porque a Fig. B deve conservar-se em tal distancia do Cavallo, que este a não possa offender, posto que na Est. LXX. parece estar junto á espadua.

Esta lição não só fica sendo o reverso da antecedente, em a qual fica mostrado que elle póde fazer as curvetas sobre a volta; mas nesta elle fica na acção da galopada ao revés, porque avança o seu pé, e mão direitos, e marca o terreno, como se mostra na Fig. 5., Est. LXVII., a pista do pé esquerdo marca a linha N. 4. mais perto do centro, a da mão esquerda a N. 3., a da mão direita a N. 2., e a do pé direito N. 1. da maior circumferencia.

As difficuldades desta lição a fazem aspera, ainda aos Cavallos mais finos, e mais sensiveis; mas póde-se conseguir que elles cheguem a fazer as curvetas ao revés , não só porque assim o diz Pignateli folh. 248. , como tambem porque eu vi Cavallos, que se formavão bem nesta acção; he porém muito necessario ensinallos até perceberem o que se pertende que elles fação, com muita moderação, e paciencia, obrigando-os com sensações proprias ao movimento, e acção, que lhes pertendem ensinar.

Digo que o Cavallo sustenta esta acção, como ao galope , em quanto as espaduas estão no ar ; mas não se deve entender que elle marca o terreno , quando faz as curvetas, como quando galopa na acção da volta ao revés ; porque a differença he muito grande, quando galopa dobrado para a direita sobre a volta ao revés, a meia garupa, e perna esquerda vai seguindo a meia garupa, e a perna direita; porém em quanto assim trabalha, a perna esquerda he a que entra para baixo do corpo, e marca a linha N. 3., como se mostra na lição dos quatro circulos da volta ao revés, galopando sobre a direita; e quando fórma as curvetas sobre a volta ao revés, alarga-se igualmente de huma, e de outra anca, determinando os movimentos das espaduas , e braços lentamente unidos , e por isso marca o terreno, como se mostra na seguinte Estampa.

## ESTAMPA LXX.

*De hum Cavallo na acção das Curvetas, dobrando-ſe ſobre a volta compoſta ao revés para a direita.*

*Diſpoſições para a lição das Curvetas, dobrando-ſe o Cavallo para a eſquerda.*

PAra o enſinar, e obrigar a dobrar-ſe neſta acção para a eſquerda, devem fazer-lhe atar a redea do cabeção da parte direita ao gancho do correão do Pilão, a qual deve eſtar afivelada na argola do tornel direito do cabeção, e da meſma ſorte (o Ajudante C) afivelar a guia, ou redea na argola do tornel do meio do cabeção, e a redea eſquerda do meſmo cabeção fazella atar ao grampo do cepilho da ſella (Eſt. IX., Fig. 17., Letra B, ou á fivela do peitoral Z) alguma couſa curta, para que o Cavallo olhe, e ſe dobre para a eſquerda. O Ajudante C, que ſegurar, e conduzir a guia, deve ſempre andar por fóra do circulo maior, porque o Cavallo ſe conduz alguma couſa defronte da eſpadua de fóra do centro, para a garupa ter a liberdade de ſahir para a circumferencia, como ſe moſtra na Fig. 6. da Eſt. LXVII. O Ajudante B com a vara, ou ponção deve poſtar-ſe pela parte direita da eſpadua do Cavallo junto ao Pilão, a fim de o unir, e fazer igual dos movimentos das eſpaduas.

O Meſtre A o ajudará com o açoute pela parte de dentro do circulo, para lhe encaminhar a garupa a que ſaia do centro para a circumferencia, á proporção do que as eſpaduas ſe unem, e entrão para o centro. Quem ajudar com o ponção, deve ſeguir o Cavallo em tal diſtancia que o poſſa ajudar, e caſtigar, ſem que elle o poſſa offender; e ſómente o deve caſtigar no tempo em que deſobedecer com tenacidade, regulando-lhe a força do caſtigo pela diſpoſição com que o animal o ſente.

Neſta lição, em quanto as eſpaduas eſtão no ar, o Cavallo ſe fórma na acção, como ſe galopaſſe para a eſquerda, ſó com a differença de ſe alargar muito da garupa, quando ſe levanta das eſpaduas, como deixo ponderado para a direita: por iſſo em abaixando da acção, marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 6. da Eſt. LXVII.: a piſta do pé direito marca o circulo N. 4. mais proximo ao centro, a da mão direita o N. 3., a da mão eſquerda o N. 2., e a do pé eſquerdo o N. 1. da maior circumferencia; e ſó deſte modo elle ſe fórma bem na acção das curvetas ſobre a volta ao revés para a eſquerda com regularidade ſemelhante áquella com que as deve formar para a direita.

Eu moſtro na Fig. 1., Fig. 2., Fig. 5., e Fig. 6. da Eſt. LXVII. em circulos o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-ſe na lição das curvetas ſobre a volta dobrados para o centro, e ſobre a volta ao revés dobrados para fóra delle; e moſtro as figuras dos Cavallos nas Eſt. LXVIII., Eſt. LXIX., Eſt. LXX., Eſt. LXXI. ſobre elipſes por cauſa da perſpectiva dos circulos, e para os accommodar mais ás ſuas acções.

ES-

# ESTAMPA LXXI.

*De hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés dobrado para a eſquerda.*

*Continua-ſe a lição das Curvetas de firme a firme, depois do Cavallo montado.*

HAvendo-ſe enſinado, e trabalhado o Cavallo em todas as differentes acções de curvetas, preparando-o ſem Cavalleiro, quando elle ſe apreſentar bem em qualquer das referidas acções, devem parallo, affagallo, e apôs iſſo mandar-lhe apertar a ſella, e fazello trabalhar naquella lição correſpondente ao ſeu conhecimento, e preſtimo, dilatando-lhe o trabalho á proporção do ſeu poder, e folgo: e no dia ſeguinte, depois de o deitarem á guia, devem principiar-lhe o trabalho pela lição das curvetas, já entre os Pilões, já ſobre linhas rectas junto ao Pilão do centro, como tambem ſobre a volta para huma, e outra parte, e ſobre a volta ao revés. E ſendo eſtes os movimentos com que os devem principiar a enſinar nas acções das curvetas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro, ajudando-os, e enſinando-os por effeito de toques miniſtrados ſem Cavalleiro: direi tambem como ſe lhes podem enſinar as lições das curvetas, depois de montados junto ao Pilão do centro de firme a firme.

Deitando o Cavallo á guia, e preparando-o entre os Pilões, depois de o ter montado, e feito conhecer a lição das curvetas, o podem conduzir ao Pilão do centro; e hum Cavalleiro de mediana eſtatura, não muito pezado, o montará, tendo os eſtribos alguma couſa mais compridos, do que ſe coſtumão trazer nas mais lições, de que tenho tratado, para quando o Cavallo ſe levantar não pezar o Cavalleiro muito forte ſobre elles; advertindo que eſta recommendação he ſómente para aquelles, que tem pouca firmeza, e pouco uſo de ajudar os Cavallos, quando ſe principião a formar na acção das curvetas; porque os Cavalleiros he certo que ajudão os Cavallos bem em todas as lições, tendo os eſtribos na ſua medida; e recommendo que não ſe apoie muito ſobre elles, para que o Cavallo não perca por eſte motivo parte do ſeu ar.

Se o trabalharem com as correas de vencer para o dobrarem com mais facilidade, além de eſtarem poſtas, como ſe coſtuma uſar dellas em outra qualquer lição, neceſſariamente deve o Cavalleiro ſegurar a correa direita bem fechada na mão direita com as unhas voltadas para ſi, e a correa eſquerda na mão eſquerda, como tambem as redeas do freio, ſendo ella com as unhas voltadas para a barriga, da meſma ſorte que a direita, á excepção de ficar alguma couſa mais alta, e avançada; e ſe o Cavallo eſtiver já no eſtado de trabalhar com o freio ſó, devem as redeas eſtar fechadas na mão eſquerda, ſeparadas pelo dedo minimo, &c.

O tronco do corpo do Cavalleiro deve eſtar bem ſentado no meio da ſella; e para obrigar o Cavallo a levantar as eſpaduas, e abaixar a garupa, deve inclinar-

nar-ſe alguma couſa no equilibrio dos rins até ao peſcoço para trás, mas ſem exceſſo, unindo-lhe as pernas ao ventre, e ajudando-o deſta ſorte com huma, e outra redea quanto baſte a fazello levantar ao ar das curvetas; e depois de levantado, deve o corpo todo conſentir em que o Cavallo ſe conſerve algum tempo na acção, já pendendo alguma couſa para trás, ſe elle ſe apoia muito ſobre a embocadura, já pendendo algum tanto para diante, quando ſe levanta muito das eſpaduas, e ſe enteza ſobre os curvilhões, fugindo do apoio da embocadura: iſto ſe faz não ſó rendendo-lhe o freio, mas unindo-lhe as pernas ao ventre para o fazer agradavel na ſua aptitude: finalmente não deve o tronco do corpo já mais perder o equilibrio, por pender com exceſſo para trás, ou por ſe inclinar muito para diante; mas deve ſim conſervar-ſe nelle, e na ſituação, que ſe moſtra na Eſt. LXXII.

Os Ajudantes (A, B, C) do açoute, guia, e vara devem acordar humas, e outras ſenſações, de maneira que ellas, e as que lhe fizer o Cavalleiro lhe fação perceber o que pertendem que elle faça, aliàs a má, ou intempeſtiva applicação de humas ſenſações deſtruirá a boa direcção das outras, e farão confuſão ao Cavallo.

## ESTAMPA LXXII.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas de firme a firme para a direita.*

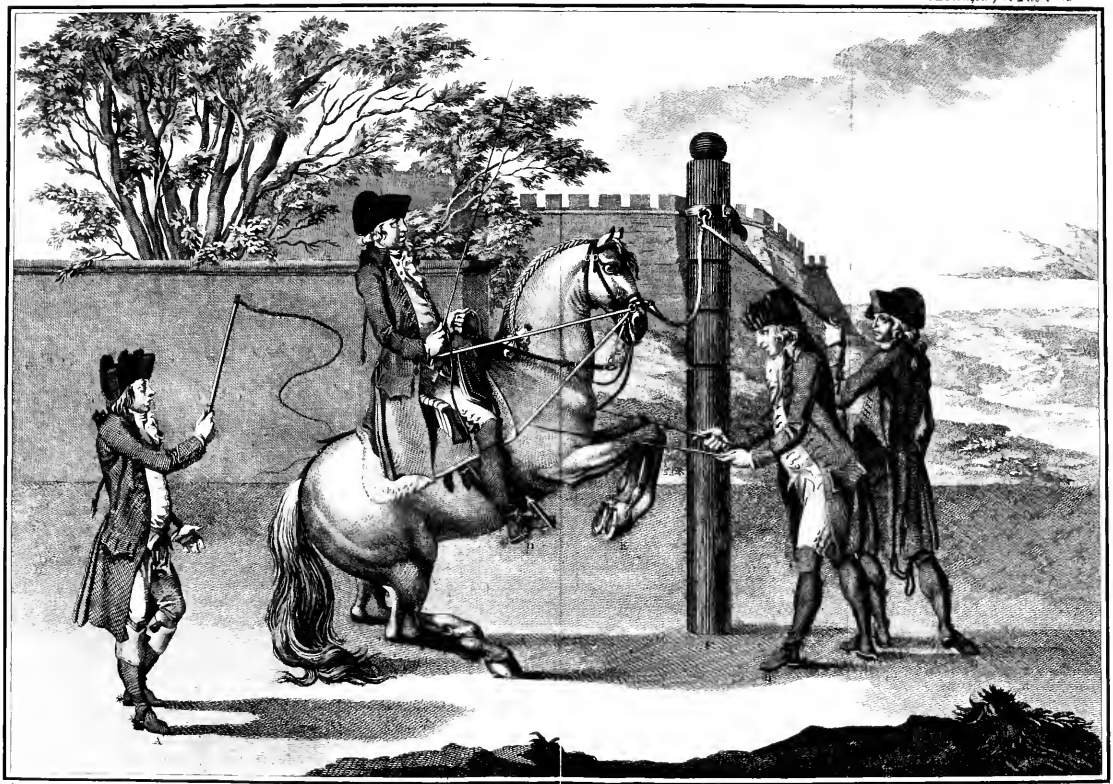
FAzendo alguma curveta bem, devem parallo, e neſſe intervallo deixallo deſcançar, e tomar folgo, affagando-o, como tenho dito em outros lugares deſta Obra, e depois fazello trabalhar por todo o terreno na lição, que julgarem mais conveniente para o diſpôr, e inſtruir no conhecimento da que lhe for mais coadunada com o ſeu preſtimo.

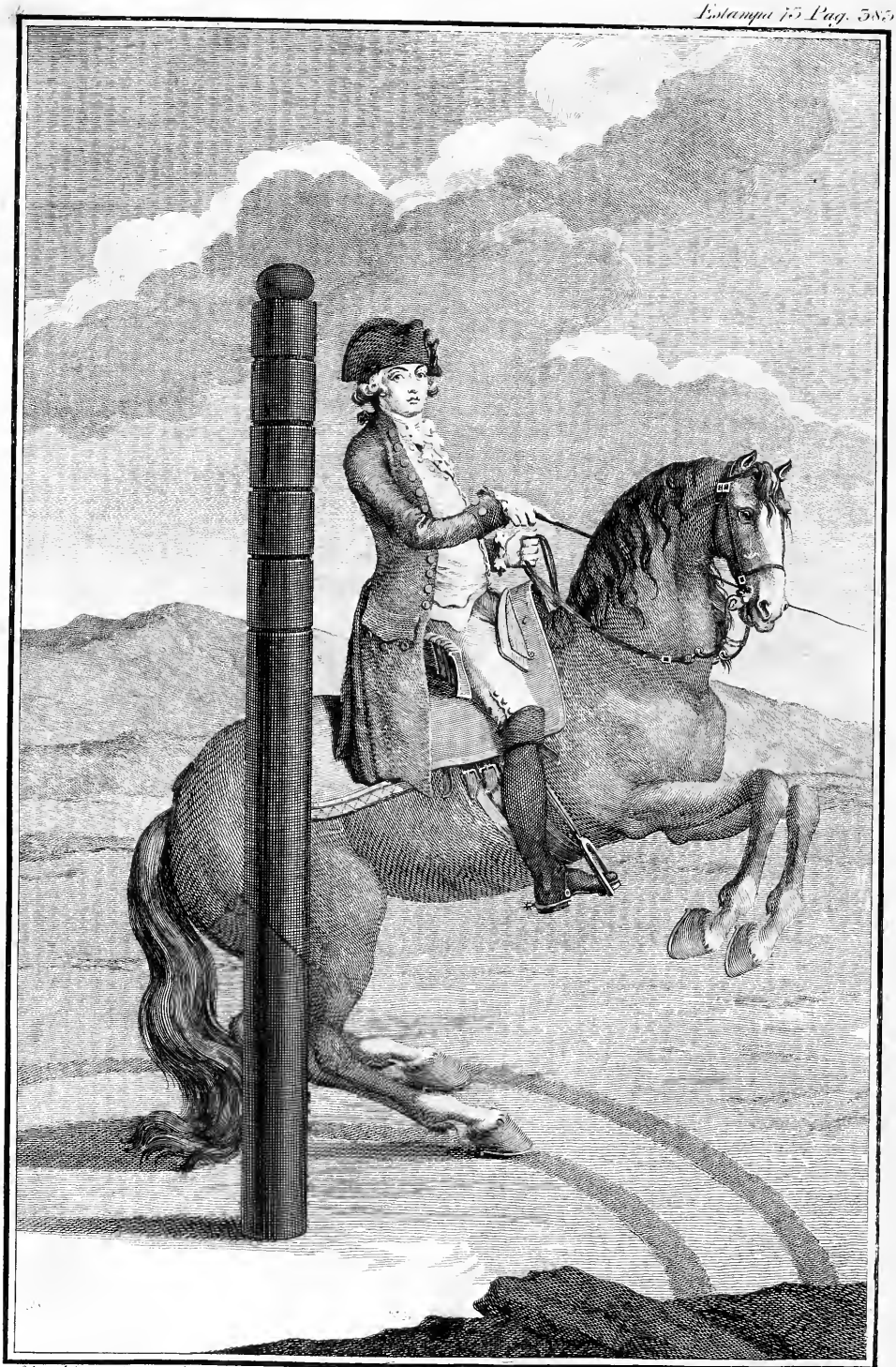
Se em quanto ſe lhe continúa a lição das curvetas duvída levantar-ſe, o Ajudante, que ſegura a guia, deve tella mais firme, como tambem o que ajuda com a vara aos braços, e eſpaduas deve diſtribuir, e applicar-lhe as ſenſações acordes com as do Cavalleiro, e aſſim quem ajudar com o açoute, conſervando-ſe huns, e outros em tal diſtancia que poſsão alcançar o Cavallo, ſem que eſte os poſſa offender; e por conſequencia as ſenſações applicadas pelos Ajudantes, pelo Meſtre, e pelo Cavalleiro todas devem ao principio ſer moderadas, e ſucceſſivas, para introduzir no animal, com a ſua propriedade, o coſtume, e conhecimento; mas de ſorte que lhe atenuem o menos que puder ſer a ſenſibilidade, principalmente com o ſom da falla, movimentos das redeas, e ſenſações das pernas.

O Cavallo na acção das curvetas de firme a firme com as ſuas piſtas das mãos fórma linhas naturaes, e com as dos pés já marca linhas artificiaes pelo muito que ſe alarga da garupa, como ſe obſerva nas linhas da Fig. 3., e Fig. 4. da Eſt. LXVII., em que ſe vê o modo, por que elle marca o terreno, quando fórma o ar das curvetas de firme a firme ſobre linhas parallelas ao centro.

Para ſe levantar ao ar das curvetas de firme a firme ſobre linhas parallelas, tanto junto ao Pilão do centro, como em outra qualquer parte do manejo, ſabem

to-





Silva del.et sculp.

todos os Cavalleiros devem firmar o ſeu eſpinhaço, e eſpaduas alguma couſa para trás, ſuſtendo-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua eſquerda, unindo-lhe as pernas ao ventre, e ſe he preciſo, ajudando-o com a falla, vara, e mais diligencias já inſinuadas neſta lição, até elle ſe levantar á curveta em qualquer parte do manejo, em que o obriguem que a faça.

## *Continua-ſe a lição das Curvetas, enſinando o Cavalleiro o ſeu Cavallo a formar-ſe neſta acção ſobre a volta ſimples para a direita.*

TEndo moſtrado como ſe fórmão as curvetas ſobre as linhas do centro de firme a firme, depois do Cavalleiro montar o Cavallo para o enſinar a obedecer ás mãos, e ás pernas por ſemelhante modo, vou dizer tambem como ſe coſtumão enſinar, e aperfeiçoar na meſma acção das curvetas ſobre a volta para a direita, montando-os junto ao Pilão do centro.

Vendo que o Cavallo fórma a acção das curvetas ſobre linhas rectas com ſujeição á mão, ou redeas, e ás pernas, ou eſporas, levantando as eſpaduas com facilidade, e que no tempo em que vai levantando as mãos, vai igualmente comprimindo as juntas dos braços, das vertebras cervicaes, do principio do ezofago até ás claviculas, e da meſma ſorte as dos quadrís, e dos curvilhões, elle o póde conſiderar capaz de fazer as curvetas, quando o encaminhar a formar os circulos, ou voltas ſimples em torno do Pilão.

Então o devem conduzir do centro áquella diſtancia dos circulos, em que ha de trabalhar, unindo-lhe apôs iſſo mais as pernas ao ventre, ſegurando-lhe as redeas mais firmes, e animando o Cavalleiro toda a ſua figura para o fazer levantar á curveta, fortalecendo-lhe, e modificando as ſenſações do corpo, mãos, e pernas, em quanto o Cavallo eſtá levantado, á proporção da ſua maior, ou menor ſenſibilidade até abaixar, pondo as mãos na terra, e então o devem obrigar a que avance algum terreno, movendo-ſe de paſſo, ou de trote para o tornar a conduzir á curveta, a fim de que alternativamente vá deſcrevendo toda a volta a curvetas, formando-ſe na acção, que ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LXXIII.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta ſimples para a direita.*

EU digo que tendo o Cavalleiro o ſeu corpo firme, e alguma couſa atrás, animando o Cavallo com as mãos, com as pernas, com a falla, e pela união dos joelhos, e do aſſento da ſella, o fará levantar ás curvetas; e quem o ajudar com o açoute, deve com todo o cuidado fazer-lhe relevar, e rebater os movimentos do peſcoço, eſpaduas, e corpo bem para ſima da garupa, ou ao menos o mais que puder ſer; e quando o Cavalleiro eſtá bem prevenido, e as ſuas ſenſações concorrem para o meſmo fim a que ſe dirigem as do açoute, para que a ſua união fa-

faça produzir de todas bom effeito, he que recommendo ſejão acordes humas com outras ſenſações. Ora tambem devo advertir que as curvetas limpamente rebatidas não conſiſtem na preſſa com que alguns Cavallos as fazem; mas ſim no tempo, e igualdade com que ſe levantão das eſpaduas, e ſe unem ſobre a garupa.

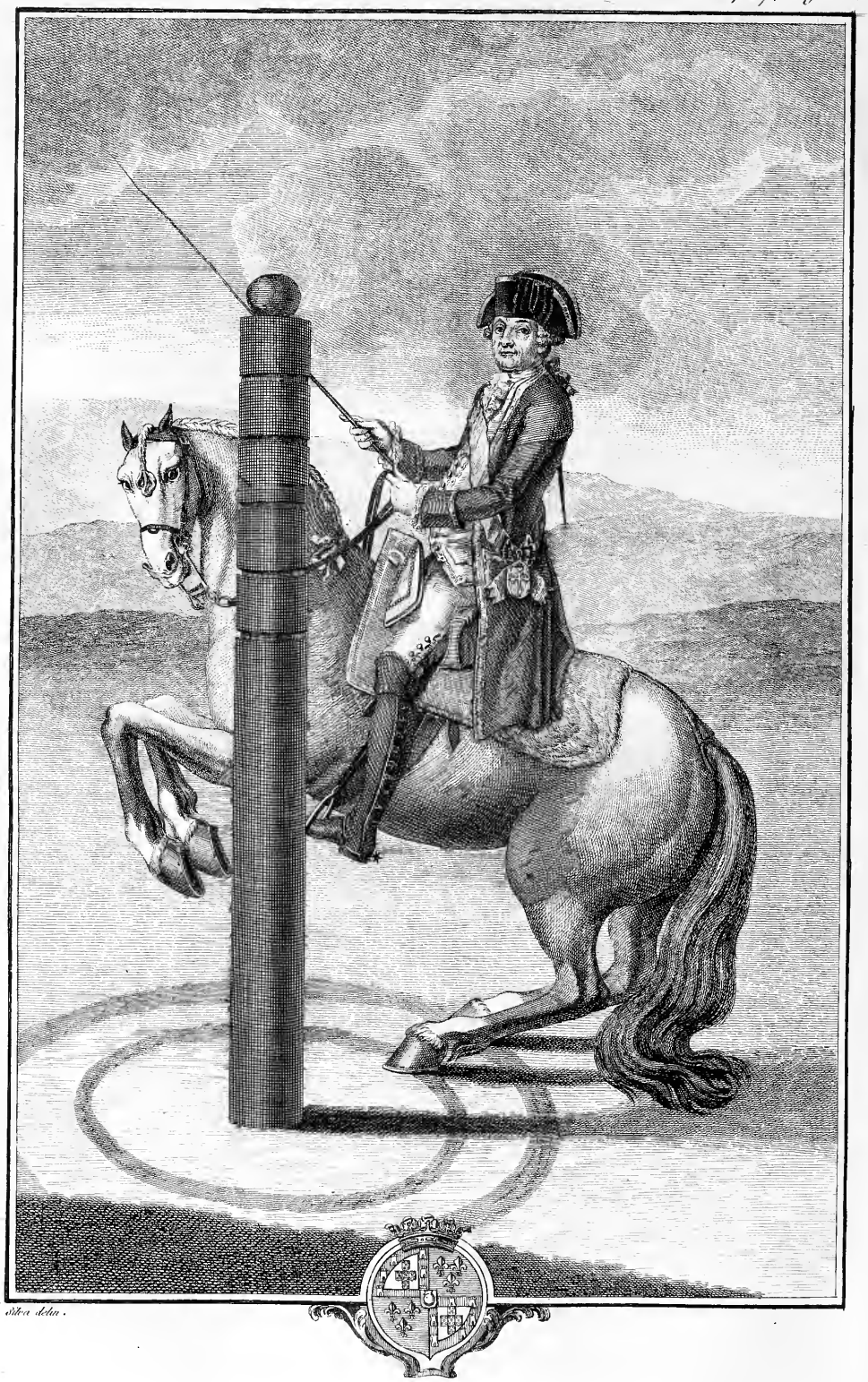
Eſta lição os rende muito obedientes, e iguaes dos movimentos dos quadrís, curvilhões, e travadouros, como os mais diſtinctos Authores dizem. Quando o Cavallo tem chegado ao bom eſtado de determinar a ſua direcção com facilidade por meio das referidas diligencias, já não he preciſo ajudallo tanto com o açoute ſobre as ancas, porque o Cavalleiro o póde ſupprir, tocando-lhe com a vara por ſima do hombro, ou por baixo do braço ſobre a garupa; e creio que todos ſabem que os Cavallos commummente correſpondem melhor ao toque da vara, ſendo-lhe applicada por ſima do hombro, e tem mais graça, do que ſe ſe uſa della ſómente por baixo do braço, ao meſmo tempo que o homem tambem fica mais viſtoſo.

Deve-ſe conſervar o Cavallo no terreno, de maneira que marque a circumferencia igual, e da meſma ſorte a determinação do movimento, para que ſe deixe encaminhar bem com as redeas ambas entre a ſujeição de ambas as redeas; que ſó deſte modo póde marchar ſobre linhas circulares, vencendo ſempre terreno para diante, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. LXVII.; pois tanto antes, como depois de montado, a piſta do pé direito marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a da eſquerda o N. 3., e a do pé eſquerdo o N. 4. da maior circumferencia. Eſte he o melhor modo de enſinar ao Cavallo a formar a acção das curvetas ſobre a volta para a direita; e por iſſo paſſo a referir tambem o modo, com que o Excellentiſſimo Marquez Eſtribeiro Mór lhe enſina a lição das curvetas ſobre a volta, dobrando os Cavallos para a eſquerda.

Quando eſte inſigne Cavalleiro enſina qualquer Cavallo a formar-ſe neſta acção das curvetas ſobre a volta, não obſtante o ſer difficultoſo avançar a eſpadua direita para ſe perfilar a eſquerda com o radio do circulo, que marca a piſta do pé eſquerdo no circulo N. 1., e na periferia N. 4., conſentindo bem nos movimentos, por que ſe determina o corpo do Cavallo. Sua Excellencia o faz, porque he igual em toda a ſua bem ſymmetriada figura: e elle trabalha neſta, e nas mais lições com perfeição, porque ſempre ſe aſſenta bem no meio da ſella, por iſſo avança quanto quer a eſpadua direita, conſervando a mão direita de nivel com a eſquerda, (porque ſó deſte modo ſe póde fazer entrar o Cavallo para diante, e para a mão) firma o ſeu corpo atrás, ſegura a mão da redea de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, a fim de que a redea tire bem pela caimba da parte eſquerda, e o Cavallo olhe, e ſe volte cada vez mais para o centro, a fim de lhe encruzar a garupa entre as forças da redea de dentro, e das pernas, principalmente da de fóra, ou direita, para o fazer ſeguir melhor os gyros, ou circulos das eſpaduas.

Obriga-o a levantar-ſe á curveta, ſuſtendo-lhe as redeas, principalmente a eſquerda, chegando-lhe as pernas maiormente a direita, e tendo o ſeu corpo atrás, e firme proporcionalmente; e logo que o animal ſe levanta das eſpaduas, Sua Excellencia pende para diante, á proporção do que elle as levanta, ſegura as curvas,

e



Silva delin.

e os joelhos firmes, mas froxos; e por eſte modo lhe liga, e une as pernas ao ventre, ajudando-o com huma viveza proporcionada á actividade do animal, ſem já mais pezar com exceſſo ſobre os eſtribos; porque ſó deſta ſorte he que ſe enſinão a formar as curvetas com huma medida igual, e com hum apoio juſto, e firme.

Ora quando os Cavallos ſentem o Cavalleiro neſta aptitude, formão-ſe na acção das curvetas com facilidade, ſe elles tem agilidade para eſte ar; e pelo contrario, quando não tem propensão, e poſſibilidade, em os obrigando a levantar-ſe, (poſto que ſejão enſinados com eſta ordem) elles ſe atraveſsão, e ſe levantão com mais agilidade para huma, do que para outra parte. O meſmo acontece ſe não podem, ſe tropinhão, iſto he, ſe põem mal no chão os caſcos dos pés, ou são duridos dos curvilhões, e jarretes.

Não he neceſſario que eſtejão inteiramente perfeitos na lição das curvetas ſobre as linhas rectas de firme a firme para os fazer paſſar á lição das curvetas ſobre a volta: antes para elles não eſtranharem, e fugirem da ſujeição circular, he bom, logo que tem algum conhecimento das curvetas de firme a firme, principiallos tambem a formar nas linhas obliquas, e proporções da volta.

Quando ſe levantão na acção das curvetas, os muſculos dos ſeus corpos todos ſe comprimem para ſe ajuſtar, e ſuſter o ſeu pezo pelo equilibrio ſobre as ancas, da meſma ſorte que ſe unem, e ſe ajuſtão ſobre ellas no tempo em que os obrigão a recuar, Eſt. XXVIII., e Eſt. LII. Sua Excellencia neſta, como em todas as mais lições, os enſina, e os obriga bem, porque as ſenſações com que os encaminha, todas são conformes ás determinações, e direcção dos movimentos que delles pertende, por iſſo lhes correſpondem acordes em cada diverſa qualidade de acções, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LXXIV.

### *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando hum Cavallo a fazer as Curvetas ſobre a volta para a eſquerda.*

PEla meſma maneira que o Cavallo marca o terreno, quando faz as curvetas ſobre a volta para a direita, o marca tambem, quando fórma as curvetas ſobre a volta para a eſquerda, ſeja ſem Cavalleiro, (Eſt. LXVIII.) ou depois de montado, (Eſt. LXXIII.) como ſe moſtra nas piſtas marcadas na Eſt. LXVII., Fig. 2.: neſta a piſta do pé eſquerdo marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4.

Quando enſina a paſſar de mão as primeiras vezes qualquer Cavallo que trabalha neſte exercicio, obriga-o a marchar por duas tangentes para fóra da circumferencia, no fim das quaes o faz deſcrever hum ſemicirculo de duas piſtas; e ſe elle ſe entorta das eſpaduas, ou da garupa, então o faz mover ſobre huma volta baſtantemente larga em hum movimento igual, ou marche de paſſo, ou de trote, para lhe fazer conduzir a cabeça, e eſpaduas bem circularmente adiante da garu-

rupa; e então, depois de o ter vencido com a redea de dentro, e a perna de dentro nos ſegundos tempos, que vai formando no balanço das eſpaduas, o obriga cada vez mais a ficar direito ſobre o radio do circulo, porque ſó deſta ſorte ſe enſina a diſtribuir os ſeus movimentos com igualdade para obedecer ás redeas, e ás pernas facilmente.

Os movimentos que o Cavallo faz com a garupa na lição das curvetas são oppoſtos aos que faz com as eſpaduas; pois logo que eſtas principião a levantar-ſe á proporção do que ſe elevão para ſima, elle vai abaixando, e comprimindo as juntas do eſpinhaço, dos quadrís, dos curvilhões, e dos jarretes, ficando deſta ſorte aſſim dobrado para ſuſtentar a acção do ſeu ar firme ſobre a garupa; e do meſmo modo, á proporção do que as eſpaduas entrão para o centro, a garupa deve ſahir para a circumferencia.

Ainda que eu digo que o Cavallo póde fazer as curvetas, marchando ſobre a volta ſimples, não ſe deve entender (poſto que elle eſteja montado) que póde eſtar firme neſta acção ſobre a garupa, e avançar o terreno preciſo para formar o circulo, (Eſt. LXVII., Fig. 1., e Fig. 2.) como tambem as tangentes, e o angulo da paſſagem; mas ſim que abaixando da curveta, de paſſo, ou de trote, vá deſcrevendo o gyro dos circulos, como tambem as linhas do angulo, e ſemicirculos da paſſagem até o chamarem, ou o obrigarem a que continue a formar a acção das curvetas; pois iſto ſe deve entender da meſma ſorte, tanto quando ſe enſina ſem Cavalleiro, como depois de o haverem montado. Quando Sua Excellencia lhe fórma as paſſagens de mão, deſdobra-o da acção das curvetas com a meſma regularidade, e boa ordem com que os enſina, e obriga nas mais lições, por ſer eſte methodo ſem dúvida melhor.

## *Continua-ſe a lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a direita.*

NA lição das curvetas ſobre a volta ſimples, ſe o Cavallo olha, e ſe dobra para a direita, fica-lhe o ponto do centro, ou o Pilão da parte direita Fig. 1. Eſt. LXVII. Na lição das curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, quando olha, e ſe dobra para a direita, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte eſquerda, Fig. 5.

Quando paſſa de mão da volta ſimples, enſina-ſe a ſahir dos circulos Fig. 1., obrigando-o mais com a redea direita, e a perna eſquerda; e ſe o tornão a vir trabalhar ſobre os meſmos circulos, ſem o deſdobrar da direita para a eſquerda, fica trabalhando na lição da volta compoſta ao revés para a direita, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 5.: logo ſe o fazem paſſar de mão, quando trabalha ſobre a volta compoſta ao revés para a direita, ſe o não fazem deſdobrar da direita para a eſquerda, fica trabalhando ſobre os circulos da volta ſimples, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 1.

Na lição das curvetas ſobre a volta ſimples, ſe o Cavallo olha, e ſe dobra para a eſquerda, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte eſquerda Fig. 2.

Na

Na lição das curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, quando o Cavallo olha para a eſquerda, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte direita Fig. 6.

Quando o fazem paſſar de mão da volta ſimples Fig. 2., enſina-ſe a ſahir dos circulos, obrigando-o mais com a redea eſquerda, e a perna direita; e ſe o tornão a vir trabalhar ſobre os meſmos circulos, ſem o deſdobrar da eſquerda para a direita, fica trabalhando na lição da volta compoſta ao revés para a eſquerda, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 6.: logo ſe o fazem paſſar de mão, quando trabalha ſobre a volta compoſta ao revés para a direita, ſe o não fazem deſdobrar da acção, fica trabalhando ſobre a volta ſimples, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 2.

Para o Cavalleiro formar o Cavallo na lição, e acção das curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a direita, deve ter a ſua mão eſquerda de unhas abaixo, e a direita de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, algum tanto mais para trás de nivel com a eſquerda, e por conſequencia a poſtura de todo o tronco do corpo até aos joelhos ſegue a ſymmetria das mãos, porque ſe deve avançar a eſpadua eſquerda, atrazar a direita; e da meſma ſorte deve o Cavalleiro ſituar os ſeus quadris para olhar, ou poder ver as linhas dos circulos, que o Cavallo vai marcando, principalmente com as piſtas do pé, e mão direita.

O Cavallo obrigado das ſenſações da redea direita, dá a cara, e o bico para eſta parte, e as orelhas, e a cernelha ſe inclinão á proporção para a eſquerda, de ſorte que andando dobrado para a direita, a orelha eſquerda neceſſariamente deve inclinar-ſe para o ponto do centro, que lhe fica deſta parte; e quando o Cavalleiro o trabalha neſta lição com o freio ſó, deve a mão eſquerda ſuſtentar as redeas com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda.

He certo que ſempre ſe entende que elle anda para aquella parte para onde olha, e dá o bico, ou eſtá dobrado, já nas lições ſobre linhas rectas, já nos circulos, ou tambem nos reverſos ſobre linhas curvas: logo olhando para a direita, fica dobrado, e concavo para eſta parte, por conſequencia elle fica convexo da parte eſquerda pela dobra, e direcção do ſeu peſcoço, eſpaduas, ventre, e ancas: e ſó a perna de dentro da ſua volta, ou direita, em quanto o animal trabalha dobrado para eſta parte, não ſe póde dobrar, e entrar para baixo do corpo, antes perde a fórma concava do principio da coxa para baixo, quando o Cavallo ſe move aſſim dobrado: por iſſo o Cavalleiro, trabalhando neſta acção, deve apoiar o equilibrio do ſeu corpo hum pouco mais para a direita, ou para dentro da volta, do que nas mais lições, para aliviar o pezo á parte de fóra, a fim de que ſe forme com mais facilidade na acção.

Se o Cavallo ſe abandona ſobre as eſpaduas, o primeiro movimento para o corrigir deve emanar da mão do Cavalleiro, ſegurando as redeas mais firmes, levantando mais a mão, tendo ao meſmo tempo o corpo atrás, e firme, para elle ſe levantar, e ſuſtentar a acção das ſuas eſpaduas, e unir, e ajuſtar-ſe bem ſobre as ancas com igualdade.

Ao paſſo, e trote ſuſtenta a ſua acção igualmente ſobre a mão, e pé oppoſ-

tos, marcando o terreno com as piſtas da mão, e pé, quaſi ao meſmo tempo; mas quando releva as eſpaduas na acção das curvetas, ſeja ſobre a volta ſimples, ou compoſta, muda os ſeus movimentos, como ſe galopaſſe; e neſtes caſos toda a ſua acção ſe apoia ſobre a garupa, a fim de fortificar a aptitude, pela qual ſuſtem, e acompanha a diſpoſição das curvetas, alargando as pernas, e tendo os pés affaſtados, ou longe hum do outro, ao menos duas vezes mais do que ſe elle paſſea, trota, ou galopa ſobre a volta, e por iſſo marca piſtas differentes, como ſe moſtra nas Fig. 1., Fig. 2., Fig. 5., e Fig. 6. da Eſt. LXVII.

## ESTAMPA LXXV.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta ao revés para a direita.*

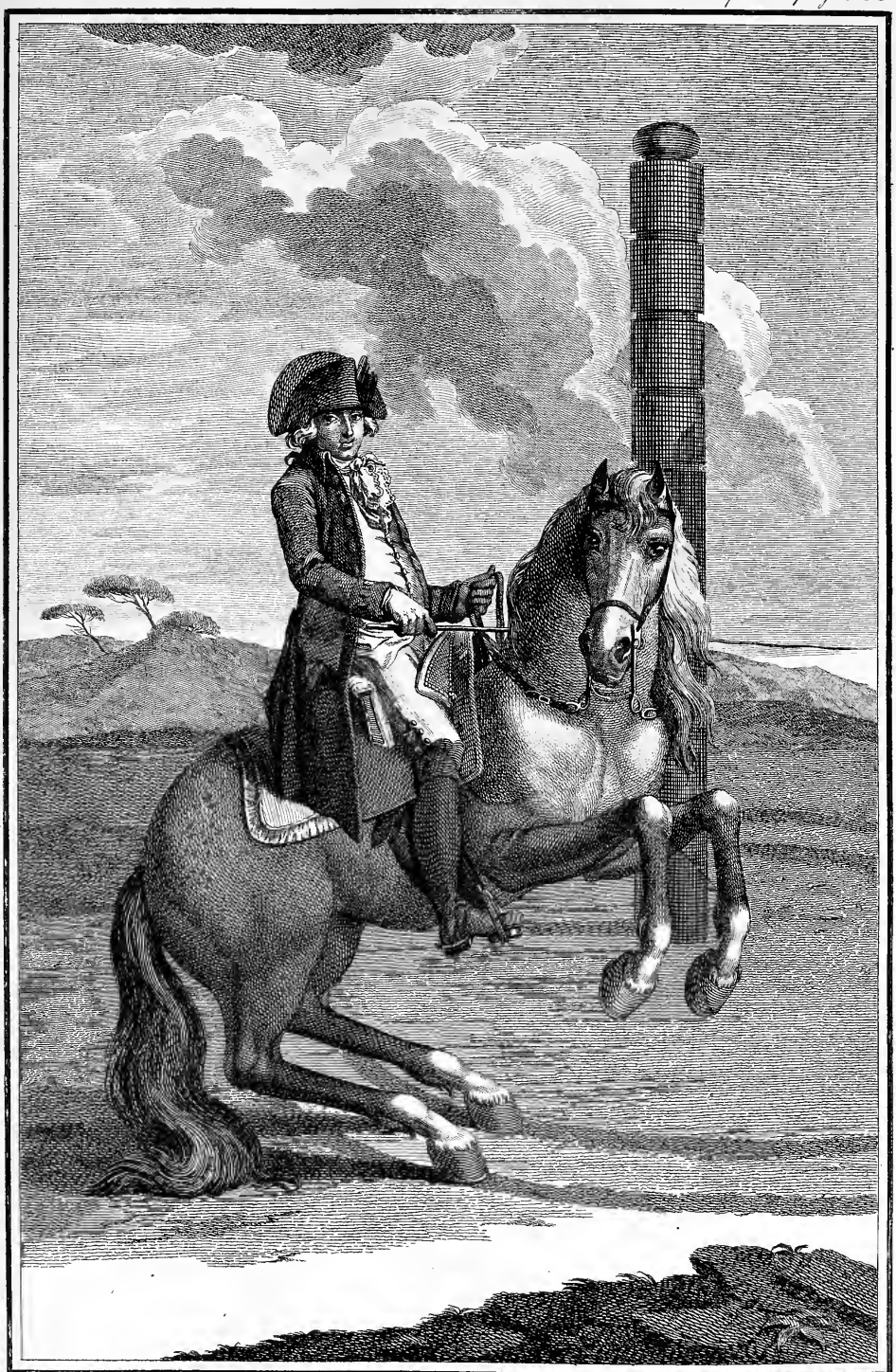
HA tres acções de curvetas diverſas, em cada huma das quaes determina o Cavallo os ſeus movimentos, marcando o terreno com differença, como ſe moſtra nas ſeis Figuras da Eſt. LXVII.; e em cada huma deſtas acções he preciſo que o obriguem a que ſe levante, e ſuſtente o ſeu ar á proporção do ſeu poder, por meio das ajudas, e ſenſações, que lhe correſpondem, para depois de abaixar da curveta, fazello avançar de trote, ou de paſſo, a fim de o ſocegar, dar-lhe folgo, e fazello deſcrever, e marcar os circulos, ou linhas ſobre que trabalha, com perfeição, tanto quando marcha ſobre hum, como ſobre outro lado.

Levantar o Cavallo na acção das curvetas, he enſinar-lhe eſta lição entre os Pilões, e pouco a pouco pelas repetidas ſenſações, de que tenho tratado, introduzir-lhe o coſtume, para que chegue a rebater os ſeus movimentos bem para ſima da garupa.

Segurallo na acção, he por meio de toques, e diligencias proprias impedillo que ponha com muita brevidade as mãos na terra, ſem com tudo o pertender demorar tanto, que elle aborrecido perca a propriedade do movimento, para que tem mais propenſão.

Fazello ir para diante, he enſinallo, e obrigallo com ambas as pernas, e com o equilibrio do corpo a que ſe apoie entre as ſenſações dellas, e das redeas ambas, ſem violentar a mão, por ſe extender ſobre a embocadura, e ſem ficar para trás, por fazer pouco caſo dos toques das pernas, e das eſporas. Ora quando o Cavallo deſta ſorte faz as curvetas ſobre a volta ao revés dobrado para a direita, ſe ſe deixa encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, não ſó moſtra que tem propriedade para eſta lição, mas não lhe he penoſo ſujeitar-ſe ás diligencias, que o vão conduzindo a ella. Quando unir muito a eſpadua direita á eſquerda, o que poucas vezes acontece: promptamente o Cavalleiro deve levar a mão da redea do centro para a volta, iſto he, da eſquerda para a direita, e tornalla outra vez com promptidão ao ſeu lugar, ſervindo-ſe deſtes movimentos de maneira, que ſempre ſe conſervem as eſpaduas do Cavallo bem adiante da garupa.

Pelas meſmas razões, ſe anda trabalhando na lição da volta ao revés ſobre a eſ-



Silva delin. Frois sculp.

eſquerda, e une muito a eſpadua eſquerda á direita, para o fazer plantar, e marcar bem o terreno, deve a mão do freio de unhas abaixo entrar do centro para a volta, iſto he, da direita para a eſquerda; e as pernas, e o tronco do corpo do Cavalleiro devem conſentir nos movimentos da mão para o indireitar com igualdade entre ambas as redeas. Logo por conſequencia, quando as eſpaduas entrão muito para aquella parte para onde o Cavallo olha, e ſe dobra, carregando-lhe a mão para fóra da dobra, que elle obſerva no peſcoço, e corpo, a redea de dentro lhe obrigará as eſpaduas a ir marcar as linhas obliquas, que lhe correſpondem de huma á outra periferia da circumferencia, como ſe moſtra na Fig. 11. da Eſt. IV.

Para o enſinar, e obrigar a que faça as curvetas debaixo de tempos regulares, depois de ſeguro na acção que deve obſervar, logo que fizer duas, ou tres curvetas, acabando de fazer a ultima, e eſtando com as mãos, e pés igualmente firmes no chão com os toques da perna eſquerda, e ſenſações da redea direita, o podem obrigar a que determine a direcção ſobre linhas curvas tres, ou quatro tempos ao paſſo, ou trote para vencer o terreno preciſo, e depois devem parallo, e obrigallo outra vez mais com a redea direita, e perna eſquerda a que faça outras tantas curvetas; e tornando-o a parar, devem ir-lhe diminuindo pouco a pouco os tempos do paſſo, ou do trote, e augmentando-lhe o numero das curvetas, ajuſtando-o cada vez mais, a fim de que, ſem interrupção de tempo, vá formando as linhas da ſua direcção, ſeja obliquando do centro para a circumferencia, ſeja deſcrevendo os circulos a curvetas, ſem mediar entre huma, e outra curveta mais que hum ſó tempo de paſſo, ou de trote.

Deve-ſe enſinar, e obrigar a que marque o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe moſtra na Fig. 5. da Eſt. LXVII.: a piſta do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão eſquerda a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4. do circulo menor.

## *Lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a eſquerda.*

DEve-ſe formar, e enſinar o Cavallo na acção das curvetas ſobre a volta ao revés para a eſquerda pelo meſmo methodo, e ordem que tenho dito o devem trabalhar, e formar neſta lição, e acção para a direita. Logo neceſſariamente quando ajuſta as forças das ancas para ſe levantar das eſpaduas na acção das curvetas ſobre a volta ao revés para a eſquerda, elle fica ſituado na acção, como quando galopa unido para a eſquerda: a parte eſquerda de dentro da volta para onde elle olha, e ſe dobra, ſe levanta mais do terreno, e ſe avança, por iſſo a direita, que fica da parte do centro, neceſſariamente ſe dilata, ſe atraza, e fica mais em liberdade, e perto da terra neſta lição; e com as piſtas dos pés, e mãos marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 6. da Eſt. LXVII.: a piſta do pé eſquerdo marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4. mais perto do centro.

O circulo N. 1. he o da maior circumferencia neſta lição; porque o Cavallo quando eſtá dobrado para a mão direita, avança o ſeu pé, e mão direita, que ficão

da

da parte de fóra do ponto do centro, que he o para onde elle ſe dobra, olha, e anda Fig. 5. Logo marchando ſobre a mão eſquerda, pelas meſmas razões avança o pé, e a mão eſquerda, e ſe dobra, olha, e anda para fóra do ponto do centro, como ſe moſtra na Fig. 6. da referida Eſtampa.

O equilibrio do corpo do Cavalleiro deve apoiar-ſe mais alguma couſa ſobre o eſtribo eſquerdo, quando o Cavallo ſe dobra para eſta parte, para com o ſeu pezo, e movimento do tronco do corpo lhe aliviar mais a parte direita de fóra da ſua volta, e de dentro do centro, a fim de que elle ſe forme na brilhante acção, que ſe repreſenta na Eſt. LXXVI., para o dobrar bem da cabeça, e peſcoço: neſta acção devem ſegurar-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita; deve atrazar-ſe a eſpadua eſquerda, avançando á proporção a direita, e da meſma ſorte os quadrís, e coxas até ao joelho, ſegurando-lhe a perna direita logo atrás da ultima cilha, para lhe applicar com ella as preciſas ſenſações com que ſe faz obedecer: a perna eſquerda neceſſariamente deve apoiar-ſe firme ſobre o eſtribo com huns movimentos menos activos para o encruzar bem entre as forças da perna direita, e da redea eſquerda, pois ſó deſta ſorte ſe lhe enſina a formar as curvetas ſobre a volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda.

O Cavallo em quanto aſſim trabalha, deve inclinar a orelha direita alguma couſa para o Pilão, ou ponto do centro da circumferencia, que lhe fica pela parte direita; e as eſpaduas devem ſeguir bem o meio das linhas, por onde caminhão os pés, a fim de marcar as piſtas no terreno com a igualdade, que ſe moſtra nos circulos da Fig. 6., Eſt. LXVII., e na ſeguinte

## ESTAMPA LXXVI.

### *De hum Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, dobrando-o para a eſquerda.*

LA Guerinieri diz que o trote he fundamento do galope, e que eſte he o fundamento do terra á terra. Pelas meſmas cauſas, que elle ſuppõe ſer iſto aſſim, me parece tambem que as curvetas, as paſſadas, e as pouſadas são o fundamento dos ares altos, das garupadas, das balotadas, e das capriolas; e poſto que Newcaſtle diga que a curveta he hum pequeno ſalto, que o Cavallo faz perto da terra, com tudo a mim me parece ter moſtrado que no tempo, em que o animal ſe fórma no ar das curvetas, firma os pés inconteſtavelmente no terreno, em quanto as eſpaduas eſtão no ar: nos ſaltos porém he ſem dúvida que levantão os Cavallos as mãos, e pés da terra em huns mais, em outros menos, e que na curveta unicamente ſe move a ſua garupa, para ſe rebater, e ſuſtentar todo o pezo do corpo. Logo os ſeus movimentos das ancas ſó tem outra direcção, quando as eſpaduas abaixão do ar das curvetas, e ſe põem as mãos na terra, como tenho ponderado: motivos, por que não ſe deve chamar á curveta ſalto.

As curvetas são o fundamento dos ares altos; porque os Cavallos deſtinados

ás

Silva del

ás garupadas, ás balotadas, e ás capriolas, primeiro que ſe levantem para ſaltar em algum deſtes ares, principião a levantar-ſe das eſpaduas, e por conſequencia ſe firmão, e dobrão ſobre os quadrís, curvilhões, ou jarretes mais, ou menos eſpaço á proporção da velocidade do ſalto que pertendem formar: o que elles fazem tambem para ſe conduzir á acção das curvetas, tanto de firme a firme, como ſobre a volta ſimples, ou na volta compoſta ao revés; e he tambem certo que elles avanção a meia parte do corpo na curveta, como quando ſe preparão para galopar; mas as piſtas dos pés não ſe movem, em quanto ſuſtentão a acção da curveta; e quando ſe preparão para ſaltar, elles ſe levantão das eſpaduas, ajudando-ſe immediatamente das forças das ſuas ancas, movendo os pés quanto baſta para formar a acção do ſalto, ſeja da garupada, da balotada, ou da capriola; e ainda que todos os movimentos das ancas não ſejão bem perceptiveis á viſta pela brevidade com que o Cavallo ſe ſuſpende, e move para ſaltar, he ſem dúvida que por todos elles ſe diſpõem para formar os ſaltos; e nas acções, em que ſe apreſentão, nos deixão bem perceber o quanto iſto he certo.

Pignateli, Newcaſtle, Brogelat, e outros vão conformes com o modo de acordar toda a ſymmetria do corpo do Cavalleiro nos trabalhos, ou lições expendidas, como fica dito, ſeja para a direita, ou para a eſquerda, e da meſma ſorte com as outras ſenſações, de que tenho tratado, para os enſinar, e obrigar a levantar-ſe á acção das curvetas. Logo neceſſariamente quando o Cavalleiro trabalha ſobre a eſquerda não deve pender com exceſſo para trás, nem para diante, antes ſim conſervar o equilibrio á proporção do que o Cavallo ſe levanta, ou ſe abaixa, mettendo as coſtas para dentro do lugar dos rins até ás eſpaduas, deitando o peito para fóra, abaixando, e retirando os hombros para trás, conſervando a cabeça direita, e firme, alguma couſa voltada a cara para onde o Cavallo olha, e ſe dobra.

Neſta lição de firme a firme ſobre a volta ſimples, e ſobre a volta compoſta ao revés, devem as coxas das pernas ſer brandamente unidas ao coxim, e roupas da ſella, principiando a ſua volta dos oſſos dos encaixes dos quadrís até ás curvas, ſem pezar muito forte ſobre os eſtribos, principalmente ſobre o de fóra da volta, e iſto á proporção do que o Cavallo ſe adianta.

Deve a mão da redea trabalhar ſempre de unhas aſſima, inclinando o dedo minimo para a eſpadua da parte de fóra da volta, que o Cavallo obſerva no ſeu corpo; e quando a ſenſação da perna de fóra preciſar ſer mais activa para lhe ſegurar a garupa, já para o fazer determinar os movimentos della ſobre a volta, ou na volta ao revés, já para o acordar com igualdade nos movimentos das eſpaduas, e mais partes do corpo, deve affroxar-ſe a força da mão da redea para elle obedecer melhor á perna.

Deve a de dentro apoiar-ſe firme ſobre o eſtribo, e avançar-ſe para a primeira cilha, como tambem affroxar-ſe, e unir-ſe ao ſovaco, junto ao codilho, affroxando-ſe mais, quando a de fóra ſegura as eſpaduas para a volta, a fim de dar liberdade á garupa.

Na lição das curvetas ſobre a volta ſimples, quanto menor he o circulo, em que o Cavallo ſe move, menos, e mais apertado he o ſeu movimento da parte con-

ca-

cava; e na lição da volta compoſta ao revés, quanto mais largo he o circulo, mais violentos são os movimentos da parte concava, principalmente quando ſe obriga a paſſar de mão, deſcrevendo a garupa os circulos maiores.

As curvetas feitas ſobre linhas rectas da muralha, ſendo bem executadas, não tem differença das curvetas formadas ſobre linhas rectas de firme a firme junto ao Pilão do centro, poſto que ſugeitos de bom ſentir neſta Arte digão o contrario. Pignateli Cap. VII., Pag. 85. diz que o Cavalleiro deve ajudar o Cavallo, quando o enſina a formar as curvetas, fazendo-lhe ſentir ambas as pernas, e as redeas ambas, tendo a mão eſquerda hum pouco de unhas aſſima, inclinando o dedo minimo para fóra da volta, fazendo-lhe ſentir mais a perna de fóra do que a de dentro, para que, encruzado entre a redea, e a perna oppoſta, deixe ver alguma dobra no ſeu corpo, &c. E igualmente deve iſto entender-ſe, ou o Cavallo ande ſobre linhas rectas, ou ſobre curvas, tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda, e do meſmo modo ſobre a volta ao revés para huma, e outra parte.

Newcaſtle fazia obliquar os ſeus Cavallos com a cara contra a muralha a curvetas, como elle diz no Cap. XXII.; porém como todas as ſenſações, que o Cavalleiro lhe faz para o obrigar a que determine as ſuas direcções, são as de que tenho tratado para os formar na acção das curvetas ſobre a volta ſimples, e compoſta; ſó digo que aſſim como ſe podem formar as curvetas ſobre huma, e ſobre outra, aſſim tambem podem formar-ſe com a cara contra a muralha para huma, e outra mão, ſó com a diſtinção do Cavallo ficar mais em liberdade junto á muralha, e ao Pilão do centro, do que ſobre os circulos da volta ſimples, e ſobre os da volta compoſta ao revés.

## *Lição das Curvetas, recuando.*

PAra lhe fazer determinar os movimentos, formando-ſe na acção das curvetas, recuando, deve o Cavalleiro ter a mão da redea de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua oppoſta á dobra do peſcoço, e do corpo do Cavallo, tendo-lhe o corpo firme para trás, quanto baſte a fazello recuar, ſegurando-lhe a mão da redea até elle dar alguns paſſos; e então depois de parar, fazer-lhe ſentir com mais actividade as ſenſações da mão, do corpo, e das pernas, (como digo nas mais curvetas) de maneira que por meio de todas ellas ſe levante á curveta, e faça duas, ou tres em hum meſmo lugar, para depois o fazerem pelo meſmo modo recuar alguns paſſos, e tornallo a chamar á curveta, obrigando-o alternativamente a que ſe coſtume levantar, o tirem atrás, e o chamem, diminuindo-lhe a quantidade dos tempos do paſſo, de ſorte que entre cada dous tempos que recuar faça duas, ou tres curvetas.

Fazendo a primeira, quando fizer a ſegunda, e abaixar as eſpaduas para a terra, então deve o Cavalleiro preparar-ſe para o tirar outra vez atrás, ſuſtendo-lhe, e rendendo a mão, tendo o corpo atrás, e firme, quanto baſte a exigir do animal a pertendida obediencia, fazendo-o recuar mais, ou menos forte, ſegundo elle reſiſtir, ou obedecer, diminuindo-lhe os tempos do recuar, e augmentando-lhe os

das

das curvetas á medida do ſeu deſembaraço, até que ſem interrupção de tempo, tirando-o dous paſſos atrás, faça duas curvetas. Eſta lição he boa para lhe enſinar a unir as eſpaduas, e alargar a garupa, como ſe moſtra na Fig. 3., e Fig. 4. da Eſt. LXVII.

Se elle arraſtrar os pés pelo chão quando recuar, então deve o Cavalleiro pender com o corpo alguma couſa para diante, ſuſter a mão da redea mais forte, baixa, e para ſi, unir-lhe as pernas ao ventre bem atrás das cilhas, tocando-lhe com a vara por ſima do hombro, ou por baixo do braço ſobre huma, e outra anca, a fim de que vá rebatendo bem todos os ſeus movimentos para ſima da garupa com igualdade, e promptidão. Finalmente eſtes são os modos de enſinar os Cavallos a toda a ſorte de curvetas, que, ſegundo a commum opinião, são o fundamento dos ares altos, de que paſſo a tratar, &c.

# LIVRO IX.

## ARGUMENTO.

*Moſtra-ſe o modo, por que ſe devem enſinar, e diſpôr os Cavallos entre os Pilões, para os formar nas lições dos ares altos; e como ſe preparão junto ao Pilão do centro de firme a firme para aprender a fazer as Garupadas, as Balotadas, e as Capriolas: qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para eſtes exercicios: e o modo, por que ſe devem fazer toda a ſorte de eſcaramuças, e mais feſtejos pertencentes a eſta Arte.*

NAõ ha Cavallo algum, cujo preſtimo ſeja univerſal, e com propriedade na força, e determinação dos ſeus movimentos para toda a ſorte de ares, e trabalhos do manejo: antes pelo contrario cada hum tem ſua diſpoſição particular para huma, ou para outra lição; e ſe o tirão daquelle ar, para que tem propriedade, elle conſtrangido, e nimiamente affectado nas ſuas acções, correſponde com menos graça áquellas, para que, a pezar de todas as invenções da Arte, e diligencias dos Profeſſores, lhe falta a propriedade.

Aquelles, cuja propensão he toda para os ares altos, ou relevados, ordinariamente são colericos, e por eſta cauſa devem ſer tratados com muita brandura, e manſidão, maiormente em quanto os enſinão entre os páos a fazer as acções da garupada, da balotada, e da capriola; porque todo o Cavallo que tem poder excitado da alegria, ou já da aduſta cólera, não ſoffre bem o caſtigo entre os Pilões, maiormente em quanto ignora.

Todos ſabem que os Cavallos colericos, em ſe preoccupando com os caſtigos, hão de neceſſariamente uſar mal das ſuas forças: bem aſſim como os covardes ſe hão de abater, ſendo muito obrigados do caſtigo: por iſſo huns exaſperados fazem violentos esforços, e outros abatidos decahem em moleſtias, e defezas irremediaveis: eſtes os motivos, por que digo que a paciencia do Cavalleiro he muito mais poderoſa para enſinar, e vencer eſte genero de animaes, do que os mais violentos caſtigos.

Tam-

Tambem não he abſolutamente neceſſario para os formar nos ares altos da garupada, da balotada, e da capriola havellos paſſado por todas as lições, que ficão ſubſtanciadas; porque ha Cavallos, que tem naturalmente mais propensão, e qualidades para ſaltadores, do que para os mais trabalhos do manejo; porém he inconteſtavelmente certo que ſe elles puderem ir ſeguindo por ordem as lições, e trabalhos dos ſeus principios com o methodo regular que a Arte enſina, infallivelmente enfraqueceráõ menos, e ſe confirmaráõ com mais facilidade nos ſeus ſaltos, do que os que forem conduzidos, ſeguindo-lhes ſómente a ſua natural propensão; porque a determinação dos movimentos dos Cavallos nos ares altos faz em huns conſideravel differença dos outros: ſendo que para formar bem qualquer deſtes tres ares de garupada, balotada, e capriola ſempre os devem principiar a enſinar entre os Pilões; e eu creio que o ſeguinte methodo he o melhor.

## *Diſpoſições para a lição das Garupadas.*

PReparado o Cavallo entre os Pilões, como já diſſe, o Meſtre o ajudará com o açoute muito moderadamente, e com a maior attenção deve obſervar todos os movimentos, e géſtos que elle fizer, para lhe dirigir as ſenſações com propriedade aos movimentos que tomar; pois que ſó deſte modo o póde enſinar a formar-ſe naquella acção que lhe he mais propria.

As primeiras vezes que metterem os Cavallos deſtinados ás garupadas entre os Pilões, devem fazellos mover para huma, e outra parte alguns paſſos, mandallos paſſar de mão, e tornallos a obrigar da meſma ſorte, affagando-os muito, e fazendo-os muito manſamente indireitar, não ſó quando ſe levantão, mas quando eſtão parados, e aſſim continuar-lhes a lição alguns dias até que deixem perceber o ar, para que tem mais propensão; e logo que iſto ſe conhecer com evidencia, por elle ter formado alguns tempos da acção, para que tem mais propriedade, o devem parar, e affagar, dando-lhe alguma herva para lhe moſtrar que fez bem. Já diſſe que o uſo, e as repetidas ſenſações he que enſinão o animal; mas para ſe lhe introduzir o coſtume, e fazer-lhe bom effeito o caſtigo, he preciſo ao Cavalleiro ir prudentemente diſpondo-o com induſtria, e com Arte.

He certo que quando moſtrão propensão para ſe formar na acção das curvetas, logo ao principio tomão os tempos do ſeu ar, ſem acceleração, ſem ſe levantar muito das eſpaduas, e ſem fazer muitos movimentos com a garupa: e então o Meſtre com o açoute, e os Ajudantes com a guia, e com a vara o vão ajudando, e enſinando á proporção do ſeu poder, adiantamento, e idade, para o ir augmentando nos tempos do ſeu ar: aſſim os que tem propensão para as garupadas, levantão-ſe, como ſe quizeſſem formar as curvetas; mas em eſtando com as eſpaduas altas, firmão-ſe nas pernas, e ſaltão para ſima, ſem moſtrar as ferraduras dos pés.

*Lição das Garupadas junto ao Pilão do centro, dobrando-ſe o Cavallo alguma couſa para a direita.*

PAra ſe mover com propriedade para a lição das garupadas, deve levantar-ſe das eſpaduas mais que para a lição das curvetas; e tambem devem ajudallo á proporção da obediencia, e conhecimento que vai adquirindo com mais, ou menos actividade para lhe ſeguirem a propensão. Ora quando ſe levanta, comprimindo-ſe igualmente das eſpaduas, e das ancas, recolhendo os pés, e as mãos para baixo do corpo, elle tem propensão para as garupadas: por meio deſta lição ſegura a cabeça, aligeira todas as determinações dos movimentos dos braços, e apoia-ſe bem ſobre as ancas; porém ſe pelo decurſo da lição formar outra qualidade de ſaltos, e nelles ſe deſconcertar, ou por ficar no ar em má acção, ou por cahir mal no chão ao deſmanchar do ſalto, neſſe caſo não o deveráõ parar, ſenão quando ſe apreſentar na acção da garupa, como ſe moſtra na ſeguinte

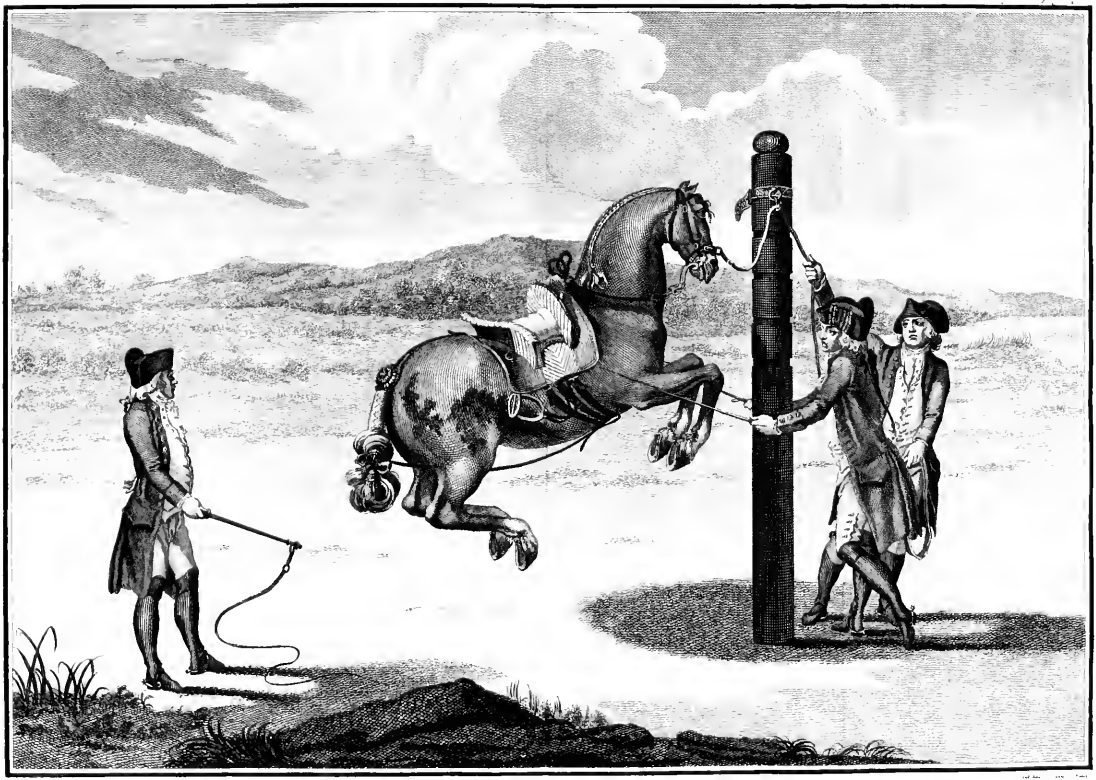
## ESTAMPA LXXVII.

*De hum Cavallo na acção das Garupadas de firme a firme junto ao Pilão do centro.*

DEpois de coſtumado a fazer as garupadas entre os Pilões, o farão conduzir ao Pilão do centro; e o Ajudante, que eſtiver com a guia, depois de a deſcançar no gancho do correão do Pilão, a deve ſegurar mais, ou menos curta, ſegundo a grandeza, e diſpoſição do Cavallo der lugar, ſem puchar muito por ella; (principalmente quando o montarem para não o fazer deſobedecer á mão, e ás redeas) mas não ſe deve entender que eu pertendo que as affroxem de maneira, que elle não ſinta, quando for preciſo, o ſeu effeito: em quanto não as faz com Cavalleiro, devem as ordinarias redeas do cabeção ſer atadas ás cilhas: ſe levantar muito a cabeça, e ſe a abaixar, podem ſer-lhe atadas aos grampos da ſella, ou ás fivelas do peitoral, para de huma, ou de outra ſorte o ajudarem a indireitar-ſe, e unir-ſe igualmente dos movimentos das eſpaduas, e do peſcoço.

Junto ao Pilão deve poſtar-ſe o Ajudante B para o ajudar com as varas a endireitar-ſe, e fazer-ſe mais igual dos movimentos das mãos, tocando-lhe com a vara mais ſobre aquella, que elle dobrar, e levantar menos, para que venha a levantar-ſe igualmente de huma, e outra parte.

Quem eſtiver ajudando com o açoute Fig. A, deve poſtar-ſe em boa diſtancia da garupa, de modo que o Cavallo o não poſſa maltratar, e elle o faça entrar para a acção: o que ſe conſegue, dirigindo-lhe o açoute ao alto da garupa. Tambem os Ajudantes B, C devem concorrer uniformemente, para que o Cavallo por meio de humas, e de outras diligencias ſe levante á garupada; e logo que fizer algum tempo com mais propriedade, devem, proferindo a palavra *hó*, *hó*, parallo, e affagallo, maiormente ſe eſtiverem na idéa de ſuſter-lhe a lição por eſte dia: e ſempre



pre as lições dos ares altos lhes devem ſer dadas, tanto entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, deitando-os á guia antes de lhes pôr o cabeção dos páos, para depois os apertarem, e os trabalhar montados neſta, ou em outra qualquer lição.

Eſtando aſſim bem coſtumados a fazer as garupadas de firme a firme ſem Cavalleiro, devem fazer-lhes apertar a ſella, montando-os primeiro entre os Pilões, para os ir obrigando a que executem eſta lição com obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro, a fim de os conduzir depois ao Pilão do centro para fazer as garupadas de firme a firme.

## *Defezas, de que uſão alguns Cavallos, quando os principião a formar para a lição das Garupadas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro ſem Cavalleiro.*

1 SE o Cavallo, quando o obrigão entre os Pilões a diſpôr-ſe para a lição das garupadas, ſe move com celeridade, e olha para quem o ajuda, ficta as orelhas para diante, e pára, he iſto ſinal de haver concebido medo ou do caſtigo do açoute, e da vara, ou das ſenſações do cabeção, e commummente ſe defende de levantar-ſe, encolhendo-ſe, ficando para trás, e chegando-ſe muito á parede. Neſte caſo deve quem o ajuda inveſtigar qual he a cauſa do ſeu temor para a evitar, modificando as diligencias com que o obrigão, a fim de que não commetta violentas deſordens.

2 Alguns tambem ſe defendem, movendo-ſe com mais preſſa para huma do que para outra mão, e nem por iſſo he bom deixar de os fazer paſſar muitas vezes, e ajudallos de hum, e de outro lado; pois baſta para os vencer que da parte para onde tem menos agilidade os obriguem a formar hum, ou dous tempos mais, do que para onde tem mais deſembaraço; porque iſto os irá facilitando da parte, donde tem mais difficuldade, ſem que por capricho, ou por odio venhão a obſtinar-ſe no ſeu erro. Tambem ſe deve obſervar ſe a deſobediencia tem origem na moleſtia, ou na fraqueza, porque eſtes defeitos não os póde a lição remediar.

3 Se o Cavallo, quando o Ajudante C pucha pela guia com mais força para o obrigar a que ſe levante, elle firma os pés, eſtaca as mãos, e pucha para trás, defende-ſe das ſenſações que faz a guia ſobre o cabeção, neſte caſo devem fazer-lhe atar logo as cordas mais compridas, e altas com proporção, para não lhe ſerem tão penoſos os toques da guia produzidos pelo cabeção ſobre o focinho; e quem ajudar com a guia, deve repetidas vezes ſeguralla para diante com brandura, e da meſma ſorte para ſima, dando-lhe logo liberdade para o ir facilitando a que ſe vá movendo igualmente para huma, e outra parte, de ſorte que ſe indireite bem das eſpaduas, e das ancas; pois em quanto o não fizer, não ſe ha de levantar bem.

4 Se o Cavallo olha para quem eſtá com o açoute, e da meſma ſorte para quem eſtá com a guia, e vara, e com as ſuas mãos, e pés bate na terra, eſcavando o chão, moſtra com iſto não ſó que tem concebido grande cólera contra hum,

e outro caſtigo, mas que eſtá diſpoſto a defender-ſe: logo quem os ajudar neſte caſo, deve fazer-lhe ſentir as ſenſações do cabeção, das varas, e do açoute com muito cuidado, e muito brandamente, affagando-o muitas vezes; porém ſe moſtrar alegria, quando ſe vai diſpondo para continuar no ſeu coſtume obſtinado, quando ſe vai preparando para continuar na deſobediencia, podem caſtigallo com a guia, açoute, e vara; e apôs iſſo fazello eſtar parado, e direito.

Depois de ſe levantar entre os Pilões, bem direito, e facil das eſpaduas, devem obrigallo a que ſe vá movendo da garupa com mais actividade: o Meſtre A lhe deve fazer ver o açoute por hum, e outro lado, e algumas vezes tocar-lhe com elle brandamente ſobre as ancas no tempo, em que eſtá ſuſpenſo das eſpaduas; e logo que ſe diſpuzer bem, fazendo alguns tempos dos ſeus movimentos conformes á acção das garupadas, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem, continuando-lhe deſta ſorte as lições de dia em dia, ſem o fazer repetir ſucceſſivamente grande porção de ſaltos violentos, para que pouco a pouco ſe vá diſpondo, ſem aborrecer a lição.

## ESTAMPA LXXVIII.

### *Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a direita.*

EU paſſo a referir a belleza, e boa ordem com que eſte inſigne Cavalleiro ſempre coſtuma enſinar os Cavallos á acção das garupadas para a direita. Logo que premedita chamallos á acção da garupada, anima toda a ſua figura, ſegura-lhe a mão da redea duas, ou tres pollegadas pouco mais, ou menos avançada, e elevada do cepilho da ſella, de unhas aſſima para ſi, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, une-lhe as pernas ao ventre igualmente logo atrás da terceira cilha, e deſta ſorte, ſegurando-lhe a mão, unindo-lhe as pernas, e tendo o corpo atrás, e firme, fallando-lhe, ou abanando-lhe a vara, o faz levantar á garupada, ajudando-o aſſim alternativamente com as ſenſações do corpo, mãos, pernas, vara, e falla, em quanto o Cavallo tem folgo, e forças para redobrar o ſalto, e formar-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. LXXVIII.

Quando o Cavallo ſe fórma na acção da garupada, levanta-ſe mais alto do que para ſe formar na do meio ar, tanto das eſpaduas, como da garupa; e logo que eſtá no mais ſubido cume do ſeu ſalto, dobra, e arregaça os braços para baixo do ſeu corpo, moſtrando por hum, e outro lado as ferraduras das mãos junto aos codilhos das eſpaduas, retirando ao meſmo tempo os pés, e as pernas bem curvadas para baixo do ventre com igual proporção; mas não deve moſtrar as ferraduras dos pés, ainda que redobre muitas vezes os ſeus ſaltos, em quanto elle tem forças para os repetir.

Vendo Sua Excellencia que o Cavallo entre os Pilões faz as garupadas, facilmente o manda tambem conduzir ao Pilão do centro para as fazer ſobre as linhas rectas de firme a firme; e então o obriga a dobrar-ſe para a direita pela manei-

Estampa 78. Pag. 398.

Silva delin.

neira ſeguinte: ſegura a ſua mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, levando-a da cernelha para fóra ſómente quanto baſta a fazello obedecer, e dobrar-ſe do peſcoço para a direita; mas ſe o Cavallo ſe dobra muito, e carrega ſobre a eſpadua eſquerda, promptamente lhe affroxa o pulſo, e traz a mão para a direita, quanto he preciſo para o indireitar: apôs iſſo lhe faz ſentir a perna eſquerda mais forte que a direita, e volta o ſeu corpo alguma couſa mais para a direita, á proporção do que elle ſe deixa encruzar entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda; e aſſim alternativamente o obriga a formar as garupadas dobrado neſta acção para a mão direita, fazendo-lhe repetidas vezes ſentir as ſenſações das redeas, das pernas, e as de todo o tronco do corpo eſpirituoſas, e vivas, de maneira que o obriguem a levantar-ſe com agilidade.

## *Lição das Garupadas para a eſquerda, e noticia de algumas defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos, quando os obrigão a formar-ſe neſta acção.*

DEfendem-ſe os Cavallos de ſe formar na acção das garupadas depois de montados tambem por diverſos modos; e os mais uſuaes são ſinco. Primeiro: encoſtar-ſe á mão, ou pezar no freio. Segundo: fugir com a garupa mais para huma, do que para outra parte. Terceiro: entortar-ſe das eſpaduas, carregando mais ſobre a de fóra. Quarto: puchar algumas vezes para trás antes de ſe levantar. Quinto: demorar-ſe em pé ſobre as pernas ſem ſaltar.

1 Se ſe encoſta ſobre a embocadura, pezando na mão, preciſa o Cavalleiro, quando o chama á garupada, tocar-lhe com as redeas para ſima; e logo que ſe levantar, com o pulſo muito ligeiro, render-lhe o freio, ajudando-o inſtantaneamente com todos os mais movimentos do corpo, das mãos, e das pernas; mas de ſorte que elle forme o ſalto ſem acceleração: advertindo que ſe não deve uſar dos referidos toques do freio, ſenão quando o Cavallo ſe encoſta á embocadura, por fugir de ſe levantar á acção, ou por ſe abandonar de repente, depois de ſe haver levantado a ella: em taes caſos, quando ſe uſa deſte caſtigo, o Ajudante C deve tocar-lhe com a guia para ſima; e quem ajudar com as varas, deve ao meſmo tempo tocar-lhe com ellas ſobre o peito, e ſobre os braços até elle ſe emendar.

2 A'quelle, que fugir com a garupa mais para huma, do que para outra parte, devem, ſe elle foge para a direita, ſegurar-lhe a perna direita, atrazar bem a eſpadua direita, avançar a eſquerda, não levar a mão da redea da cernelha para a eſquerda, indireitando-o repetidas vezes com ambas as redeas, e com ambos os joelhos, fortalecendo-lhe ora hum, ora outro, para lhe ir vencendo a ſua difficuldade. Quem ajudar com a guia, deve ſeguralla alguma couſa firme para a direita, quando o Cavallo ſobe; e affroxalla, quando elle deſce; mas ſem violencia. Quem ajudar com as varas, deve poſtar-ſe mais defronte da eſpadua eſquerda, fazendo-lhe ſentir as ſenſações da vara mais vezes ſobre ella, que ſobre a direita. E quem o enſinar com o açoute, deve tambem poſtar-ſe mais da parte da meia anca direita, para com todas eſtas diligencias o ir indireitando cada vez mais ſobre linhas rectas.

Se

3 Se ſe entortar, lançando-ſe muito ſobre a eſpadua de fóra, deve o Cavalleiro trazer a mão repetidas vezes para dentro da volta, ou dobra do peſcoço do Cavallo; e logo que elle obedecer, render-lhe a mão, tornando-a ao ſeu lugar, contrapondo-lhe as ſenſações das redeas ás das pernas, pezando mais ſobre o eſtribo direito, quando a mão entra da cernelha para a direita. Finalmente quem ajudar com a vara, com a guia, e com o açoute, deve conhecer bem o effeito que faz o uſo dos movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro, para os toques do açoute, vara, e guia ſe acordarem com ellas, de maneira que a ſua propria uniformidade faça perceber ao animal o que ſe pertende que elle execute.

4 Se pucha para trás antes de ſe levantar, deve, quem o ajuda com o açoute, poſtar-ſe bem pelas linhas rectas da garupa; e quem eſtá com a guia, não lhe dar com ella para trás, nem para ſima, ſegurando-a para diante; e tanto que o animal obedecer, dar-lhe logo liberdade. Neſte caſo quem eſtá com a vara, deve ajudallo manſamente ſobre as eſpaduas ſó depois delle ſe levantar, e daquella parte para onde ſe encoſta mais: ſe ſe demorar com huma das mãos firme no chão, devem tocar-lhe com a vara ſobre ella, poſto que ſeja a mão daquella parte donde elle foge: ſe ficar para trás por temor do cabeção, devem não ſó não lhe dar com elle fortemente, mas forrallo, e fazer-lho alargar de modo que o poſſa ſoffrer: ſe conceber raiva contra quem o ajuda com o açoute, deve o Cavalleiro, quando lhe tocarem com elle, fazer-lhe ſentir as pernas, e eſporas, como tambem a vara, e a falla, para que a diverſidade dos toques de humas, e de outras o divirtão mais da ſua má tenção.

Se coſtumão demorar-ſe em pé ſobre as pernas, ſem formar o ſalto, he bom render-lhe a guia, não ſe poſtar quem o ajuda com a vara muito perto das eſpaduas, e o Meſtre dar-lhe com o açoute por baixo da barriga nas mãos, já de hum, já de outro lado, a fim de que ſe mova, e levante com mais facilidade.

Para o Cavallo ſe dobrar na acção das garupadas para a eſquerda, deve o Cavalleiro ter a mão da redea perto do cepilho da ſella de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, levando a mão da cernelha para a direita, ou para fóra quanto baſte, para que a redea do freio eſquerda o obrigue a dobrar-ſe para eſta parte: ao meſmo tempo devem unir-lhe as pernas ao ventre, fortalecendo-lhe as ſenſações da direita alguma couſa mais atrás das cilhas, para o encruzar cada vez mais entre ellas, e as da redea eſquerda, como ſe moſtra na ſeguinte

## ESTAMPA LXXIX.

### *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a eſquerda.*

QUando principia a formar-ſe neſta acção, não devem dar-lhe fortemente com a vara, ou com o açoute, e menos com o ponção ſobre a garupa depois de montado, antes ſim devem ajudallo nos lados do ventre, e das ancas para não ſe deſmancharem da boa acção, e dar com a garupa para ſima; porque aſſim co-

Silva delin.t

Manuel Alegre sculpsit.

como o Cavallo abaixa a garupa, quando anda á guia, ſe o caſtigão ſobre ella, depois de montado, e applicado aos ares altos, logo que lhe tocão ſobre as ancas, falta mais alto, e dá com ellas para ſima.

Em quanto elle fórma a acção das garupadas entre os Pilões, tem o ſeu corpo, eſpaduas, e garupa mais direito, que quando fórma eſta acção junto ao Pilão do centro; porém não ſe eleva a tanta altura entre os referidos Pilões, como junto ao do centro de firme a firme.

Os coceguentos á eſpora todos ſe encolhem, e ſentem ainda os mais ligeiros movimentos das pernas, e eſporas, comprimindo-ſe de toda a ſua acção com tenacidade, e por iſſo não tem propriedade para a lição das garupadas, em que os toques das pernas, e das eſporas são commummente preciſos para os enſinar a comprimir-ſe, quando ſe fórmão na acção inſtantaneamente.

## *Lição das balotadas para a direita, e algumas explicações de varias defezas, de que usão muitos Cavallos, ordinariamente quando os principião a formar neſta acção.*

PRincipião-ſe-lhe a enſinar a fazer as balotadas entre os Pilões, e as primeiras vezes devem fazello deitar poucas voltas á guia para hum, e outro lado, ſem lhe fazer apertar a ſella, o rabicho, e as redeas do freio, e cabeção ordinario, pondo-lhe o dos páos com as cordas largas, e altas, de modo que elle ſe poſſa levantar á balotada ſem ſentir muito a ſua oppreſsão.

O Meſtre Fig. A o deve ajudar a entrar para entre os Pilões: o Ajudante C ao meſmo tempo com a guia deve fazer diligencia pelo indireitar das eſpaduas, ſem puchar muito forte por ella, principalmente em quanto o Cavallo eſtá ſuſpenſo no ar, para que o temor da guia não lhe faça perder a vontade de levantar-ſe com promptidão. O Ajudante B com a vara o deve acompanhar, ſem lhe dar com grande força; pois baſta ſó tocar-lhe, para que ſuſtente mais tempo a acção.

Devem muitas vezes fazello paſſar de mão; e logo que fizer algum ſalto conforme á balotada, affagando-o, parallo, e dar-lhe alguma herva para lhe fazer conhecer o que pertendem que faça; e tanto que pelo coſtume das repetidas lições fizer bem algumas balotadas, podem fazer-lhe apertar a ſella, e montar por hum Cavalleiro, que não ſeja muito corpulento, para não ſe fatigar o Cavallo com exceſſo, e então obrigallo a que faça algumas balotadas; e quando moſtrar ſujeição ás mãos, e pernas, podem conduzillo ao Pilão do centro, para fazer as balotadas de firme a firme em liberdade; porém as primeiras vezes que o enſinarem, e obrigarem junto ao Pilão, não deve ſer montado, nem ter a ſella apertada, mas ſim como ſe principia a enſinar entre os Pilões.

Diſpoſto, como tenho ponderado, para o aperfeiçoar na lição das balotadas, devem todos os dias, que elle for ao Picadeiro, principiar-lhe a lição pelo deitar poucas voltas á guia, e depois conduzillo aos Pilões, tendo-lhe as cordas do cabeção dos páos em tal comprimento, que ſe lhe poſsão ver as eſpaduas pela linha da frente dos Pilões, e parapeito; e tanto que ſe mover com igualdade para hum,

e outro lado, tendo adquirido o coſtume de eſtar bem direito, e bem unido ao cabeção, podem ajudallo com o açoute ſobre as ancas, e ao meſmo tempo com a vara, e com a guia, e acordar as ſenſações humas com outras, para o obrigar a que ſe levante, ſem já mais o caſtigar por baixo da barriga, para não ſe comprimir por effeito das ſenſações do açoute, e vara applicadas a eſta parte, porque o Cavallo deve eſtender-ſe mais das pernas, quando faz a balotada, do que quando faz a garupada: logo neceſſariamente devem todas as ſenſações neſta lição ſer applicadas ſobre a garupa, ſem o caſtigar forte com a vara no tempo, em que o caſtigão, e obrigão com o açoute. Iſto ſuppoſto, eu paſſo a referir a boa ordem, com que o Excellentiſſimo Marquez de Marialva enſina qualquer Cavallo a fazer a acção das balotadas.

Tendo-o enſinado a fazer as balotadas entre os Pilões, e eſtando o Cavallo facil, como tenho dito, elle lhe manda tirar o cabeção dos páos, e o faz conduzir ao Pilão do centro: ora neſte caſo o Ajudante C introduz, e deſcança a guia no gancho do correão do Pilão, ſegurando-a á proporção do que o Cavallo ſe levanta, ſempre com liberdade: apôs iſſo Sua Excellencia o faz mover, deitando-lhe o açoute ao alto da garupa; e logo os Ajudantes B, e C com a vara, e com a guia o devem encaminhar, de maneira que no tempo que as ancas ſe moverem por effeito das ſenſações do açoute, as eſpaduas ſe elevem para ſima por meio dos toques da vara, e guia: e elle fórme toda a acção da balotada de firme a firme, como ſe moſtra na ſeguinte

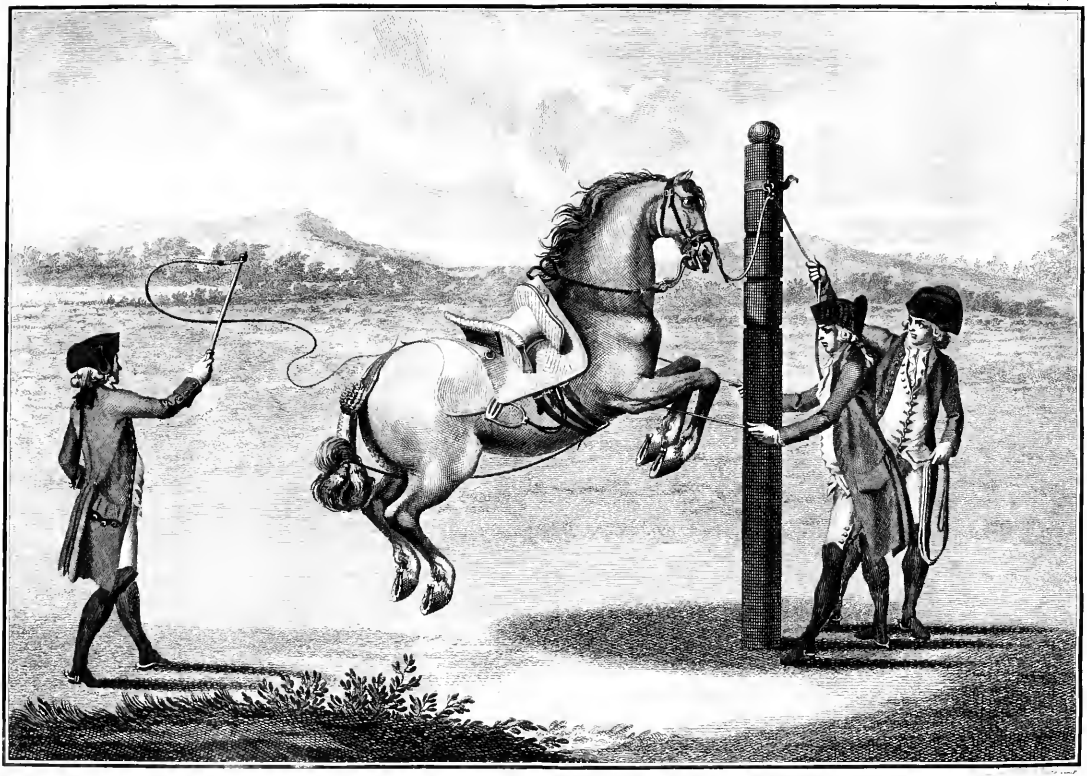
## ESTAMPA LXXX.

### *De hum Cavallo na acção da Balotada junto ao Pilão do centro de firme a firme.*

DEfendem-ſe elles de ſe formar na acção das balotadas por tres modos. Primeiro: entortando-ſe das eſpaduas, e peſcoço. Segundo: encoſtando-ſe á parede, ou não chegando ao Pilão. Terceiro: cahindo de repente ſobre as mãos.

1 Se o Cavallo ſe entorta, por ſe lançar mais ſobre huma, do que ſobre outra eſpadua, devem em todas as lições, em que o inſtruirem, ſeja de paſſo, de trote, ou de galope, obrigallo a dar a cara mais para a parte para onde elle ſe dobra menos: logo entre os Pilões, ſe ſe encoſta ſobre a eſpadua eſquerda, deve o Cavalleiro obrigar-lhe as eſpaduas com as redeas a que ſe incline para a direita, e a garupa com a perna direita a que ſe incline para a eſquerda, &c. O Meſtre Fig. A com o açoute deve poſtar-ſe mais pela parte direita, e da meſma ſorte o Ajudante B deve poſtar-ſe com a vara pela parte da eſpadua eſquerda, tanto junto aos Pilões do parapeito, como junto ao Pilão do centro: logo ſe a difficuldade conſiſtir em ſe encoſtar ſobre a eſpadua direita, devem obrigallo pelos meſmos oppoſtos modos, ſem o deixar dobrar o peſcoço ſenão para a parte, para onde elle ſe encoſta ſobre a eſpadua, aliàs quanto mais dobrar o peſcoço para a eſquerda, mais rolará ſobre a eſpadua direita.

Se



2 Se ſe encoſta á parede, he bom fazello formar na acção mais junto ao Pilão do centro, do que entre os Pilões; e ſe foge de huns, ou de outro, devem moderar-lhe os caſtigos, de modo que perca o receio principalmente da guia, e da vara. Tambem alguns fogem de ſe chegar a elles, porque são faltos de viſta.

3 Se cahem de repente ſobre as mãos, devem dilatar-lhe as lições mais entre os páos, do que junto ao Pilão do centro, ſendo as cordas atadas altas, e curtas com proporção. O Cavalleiro deve ter o ſeu corpo bem atrás, não lhe fazendo ſentir muito as pernas, e eſporas, ſegurando-lhe a mão da redea mais firme no tempo, em que elle eſtá no ar, iſto he, (no mais ſubido cume do ſeu ſalto) rendendo-lhe logo o freio, para o não fazer inſenſivel aos ſeus movimentos: recommendo iſto, porque ſe elle ſe coſtuma a cahir de repente ſobre as mãos, não ſómente deſce do ſalto em má acção, mas de ordinario ſe arruina dos braços, e eſpaduas: logo para ſe conſervar, e ſer viſtoſo, deve cahir igualmente no terreno com os pés, e mãos ao meſmo tempo.

Dirigido aſſim tanto entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, vem a ſer facil em ſe levantar, e formar promptamente na acção das balotadas. Ora quando Sua Excellencia o obriga a formar-ſe neſta acção, depois de o montar, ſegura a mão eſquerda de unhas aſſima para ſi, anima com actividade todo o ſeu corpo, une as pernas ao ventre do Cavallo, ſem pezar muito forte ſobre os eſtribos; e aſſim ligado, e bem unido, o ajuda com as pernas, mãos, vara, e falla a que ſe levante á acção da balotada: então o animal por effeito de todas eſtas diligencias ſe levanta; e no tempo, em que chega ao cume do ſalto, Sua Excellencia lhe toca ligeiramente com a ponta da vara por ſima do hombro ſobre a garupa, fazendo-o por eſte modo acabar de completar a balotada.

Quando o Cavallo termina eſta acção, eſtá com os pés, e mãos no ar em linha horizontal das eſpaduas á garupa: e em lugar de metter os pés, e pernas para baixo do ventre, arregaça as mãos para os codilhos, como quando fórma a garupada; mas extende alguma couſa as pernas, e volta os travadouros dos jarretes, conſervando os curvilhões comprimidos, e aſſim moſtra as ferraduras, ficando curvado ſem diſparar os couces; e tanto obrigando-o a fazer as balotadas entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, ou em outra qualquer parte do manejo, ſempre ſe conſerva bem no meio da ſella, e ponto de equilibrio, e a ſua mão da redea neſta, e nas mais lições ſempre he ſuave, ligeira, e firme, como tambem as ſuas pernas são ligadas ao ventre do animal ſó com aquella propriedade de força, que baſta para o obrigar a formar-ſe na acção, ſem lhe atenuar a ſenſibilidade, nem exaltar a paixão.

Para o dobrar para a direita na acção das balotadas, ſegura a mão eſquerda de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda: após iſſo lhe faz ſentir com mais actividade as ſenſações da perna eſquerda, para o encruzar cada vez mais entre a força della, e da redea direita, e finalmente olha para onde elle ſe dobra, para em todas as acções que faz o obrigar tambem por meio do equilibrio, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

## ESTAMPA LXXXI.

*Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando o Cavallo a formar a acção da Balotada, dobrando-o para a direita.*

HAvendo-o enſinado a formar a acção das balotadas dobrado para a direita, como tenho ponderado, depois de fazer bem alguns ſaltos, o faz parar, principalmente ſe elle ſe vai inflammando; e depois de o affagar, e ſocegar, o faz tambem paſſar de mão a paſſo, e muito manſo o enſina a deſdobrar-ſe da direita para a eſquerda, como fica ponderado nas mais lições.

### *Lição das Balotadas para a eſquerda.*

DEpois do Cavalleiro fazer paſſar o Cavallo de mão da direita para a eſquerda, todos ſabem que deve preparar-ſe a ſi meſmo promptamente, ſegurando a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, avivando toda a ſua figura, unindo-lhe as pernas ao ventre para aſſim o deſdobrar, e ajudar a que ſe forme na acção das balotadas para a eſquerda.

Eu recommendo que o obriguem deſta maneira para ſe levantar ás balotadas dobrado para a eſquerda, e que o Cavalleiro ſegure a ſua mão eſquerda perto do cepilho da ſella de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, para a redea, e a caimba eſquerda obrigar o Cavallo a dobrar-ſe para a eſquerda. Igualmente deve toda a figura do Cavalleiro voltar-ſe para eſta parte, á proporção do que o animal ſe dobrar, encruzando-o cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita; e cada vez que pertenderem que elle faça as balotadas, devem obrigallo, ſegurando-lhe a mão, unindo-lhe as pernas, tendo o corpo firme, e apôs iſſo com a falla, e mais toques, de que tenho feito menção, devem enſinallo todas as vezes que pertenderem que redobre o ſalto, e a acção da balotada; e tanto que eſtiver na maior altura do ſalto, devem tocar-lhe com a vara ſobre a garupa, a fim de conſeguir que elle ſe forme na acção dobrado para a eſquerda, como ſe moſtra na Eſt. LXXXII.

Quando o Cavallo ſe prepara para formar a balotada, no primeiro tempo move as eſpaduas como para ſe levantar á curveta, e depois, firmando-ſe igualmente nos curvilhões, falta de ſorte, que no tempo, em que chega á maior altura do ſeu ſalto, e ſe acha direito ſobre a linha horizontal das eſpaduas á garupa, he que regaça os braços, e move as pernas, extendendo-as alguma couſa, ſem acabar de diſparar os couces: he eſta acção viſtoſa; mas ſempre o ſalto he menos elevado, do que o da capriola, poſto que mais alto do que o da garupada, como ſe obſerva na ſeguinte Eſtampa.

ES-

Estamp. 81. pag. 404.

Silva delin. Frois sculp.

Estamp. 82 Pag. 405.

Silva delin.

Frois sculp.

## ESTAMPA LXXXII.

*De hum Cavalleiro, formando o Cavallo na acção das Balotadas, dobrando-o para a eſquerda.*

TOdas as vezes que o Cavallo ſe deſigualar do ſeu movimento, e acção, o Cavalleiro promptamente o deve remediar por meio das diligencias, que ficão expendidas, trabalhando-o neſta, e nas mais lições, tanto para a direita, como para a eſquerda; e ſe elle reſiſtir com tenacidade, podem para o corrigir fazello metter entre os Pilões do parapeito, e obrigallo, aſſim pelo que reſpeita ao Cavalleiro, como pelo que pertence aos Ajudantes A, B, C, ſem o trabalhar em liberdade, em quanto elle não ceder do ſeu erro.

*Lição das Capriolas entre os Pilões, e a meſma de firme a firme.*

AS primeiras diſpoſições dos Cavallos das capriolas principião a formar-ſe-lhes entre os Pilões, enſinando-os com a meſma ordem com que os devem formar para as lições das garupadas, e balotadas; e aſſim que o Cavallo moſtrar propensão para fazer as capriolas, devem ajudallo com mais mimo, e cuidado, do que aos que tem ſómente propensão para as mais lições; porque os que ſe convidão para as capriolas ordinariamente são mais colericos.

Aos que ſe defendem furioſos por timoratos, por exaſperados, ou por caprichoſos, ha dous modos de os corrigir: hum he o tempo, ſe elles tem pouca idade; e o outro he a lição, ou o caſtigo bem applicado. Logo para os fazerem ceder da ſua defeza, e capricho, (ſe elles ſe não deixão formar nas lições dos ares altos pela ſua propensão) he preciſo caſtigallos; mas moderadamente, porque já mais ſe apreſentão bem nos ares altos, principalmente das capriolas, ſendo obrigados com violencia.

Moſtrando elles propriedade para eſta caſta de ſaltos, devem fazellos metter entre os Pilões com as cordas proporcionalmente compridas, não ſó para não conceberem tanto temor do cabeção, mas tambem para terem mais deſembaraço, quando chegão a completar a capriola.

Os que ſe apreſentão na acção da garupada, e da balotada, ordinariamente o fazem por fugir da oppreſsão da capriola, ou por não poder alcançar a ella; e ſendo os ares da garupada, e da balotada proprios para ſegurar-lhes a cabeça, e boca, aligeirando-os ao meſmo tempo das eſpaduas, porque neſtes trabalhos devem apoiar-ſe mais ſobre as pernas, do que ſobre as mãos: nas capriolas porém, quando elles diſparão os couces, e deſcem da mais forte acção do ſalto, ſempre ſe vão apoiar muito ſobre as eſpaduas, e ſobre a mão: logo he preciſo artificialmente aligeirallos muito das eſpaduas, para ſe apreſentar com bem facilidade na acção das capriolas.

De-

Depois do Cavallo coſtumado a levantar-ſe bem das eſpaduas, lhe irão fazendo encurtar alguma couſa mais as cordas do cabeção para ſe poder unir, e ſegurar a elle, quando deſce do ſeu ſalto; e quando o virem mais livre dos raivaços, que coſtumão ter ao cabeção dos páos, o podem ir enſinando a dar os couces: o que elle com facilidade fará, logo que lhe roſſarem o Ponção ſobre a garupa, quando eſtá no mais ſubido ponto do ſeu ſalto.

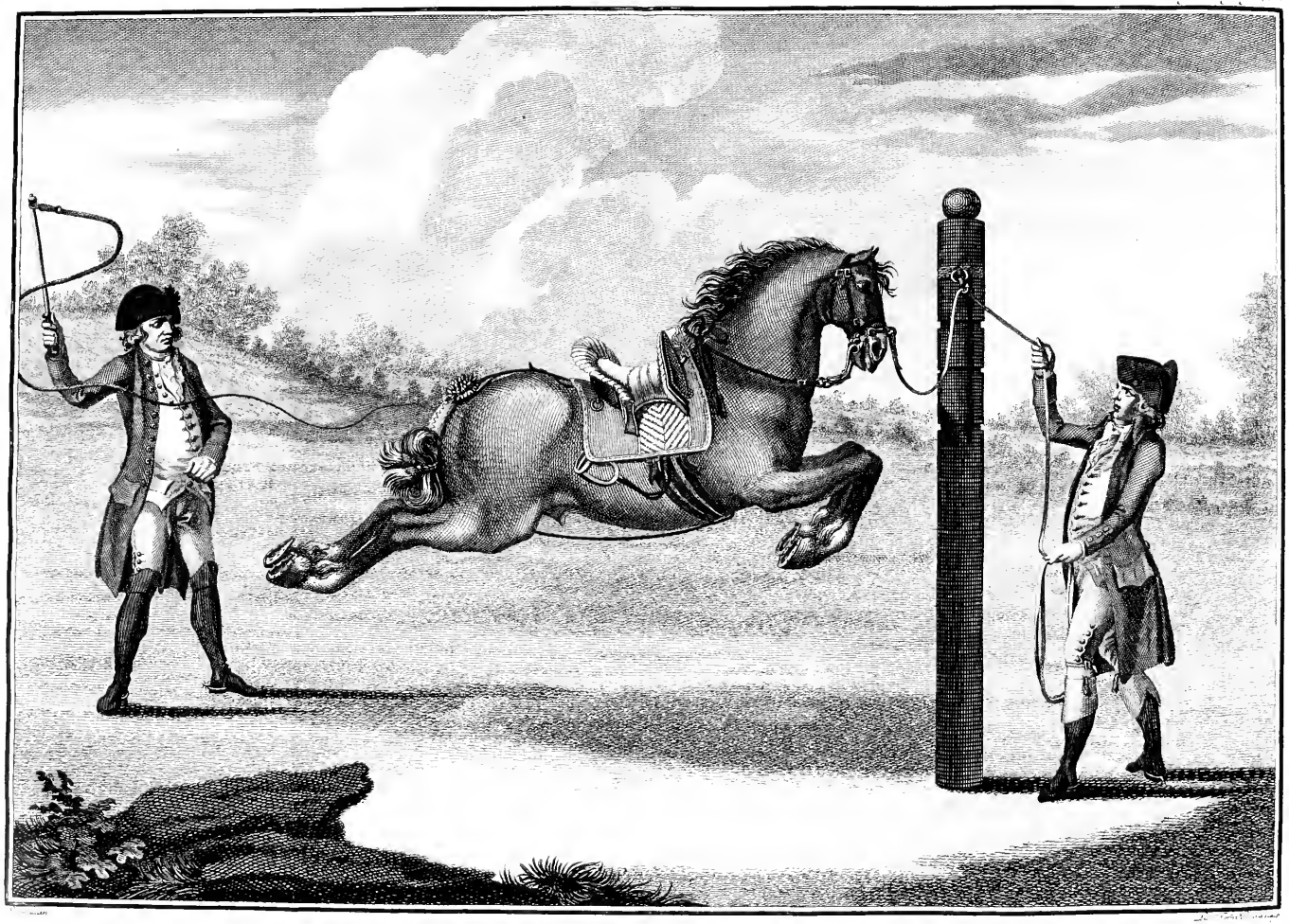
Os Cavallos deſtinados para os ares altos da garupada, balotada, e capriola devem trazer rabeira (Fig. 12., Eſt. V.) não ſó para não cortarem as ſedas do cabo, ou cauda, quando diſparão os couces, ſe as encontrão entre as ferraduras, e a parede; mas tambem porque a correa, que vai das cilhas por baixo da barriga prender na correa, que vai do rabicho afivelar na rabeira, lhe faz cocegas entre as pernas, e elles agitados por ellas diſparão os couces com mais força.

Tambem deve o Meſtre A, Eſt. LXXXIII., reparar não ſe coſtume o Cavallo a dar os couces, extendendo mais huma do que outra perna, para o fazer paſſar de mão, a fim de que venha a diſparar os couces com ambas as pernas igualmente: ſendo que neſte exercicio todos extendem mais a perna da parte do centro, do que a da parte da muralha, talvez na eſperança de alcançar o Meſtre, ou quem eſtá ajudando com o açoute: iſto ſuppoſto, para o enſinar a que dê os couces com igualdade, he bom que o Meſtre com o açoute ſe lhe poſte bem pelas linhas rectas da garupa, ainda que fica ſujeito ſe alguma das ferraduras ſe deſprega a poder ella maltratallo. Se tem menos movimento na perna direita, do que na eſquerda, o Ajudante C deve ſegurar-lhe a guia mais para a parte eſquerda, para a perna direita ſe dilatar mais, e o Cavallo adquirir nella maior movimento.

Formando-ſe bem na acção da capriola entre os Pilões, podem conduzillo á primeira volta; e junto ao Pilão do centro ſobre linhas rectas, enſinallo a que faça a capriola de firme a firme: então o Ajudante C, que eſtá com a guia, depois de a deſcançar no gancho do correão do Pilão, deve em diſtancia proporcionada ſegurar o reſto della com o poſſivel apoio, e deſembaraço.

Junto ao Pilão, deve eſtar o Ajudante B com a vara, de que deve uſar para o fazer unir, indireitar, e levantar das eſpaduas, como ſe eſtiveſſe entre os Pilões, poſtando-ſe mais ſempre daquella parte para onde o Cavallo ſe encoſta mais ſobre a eſpadua, entalando-o entre as varas, e obrigando-o a que mova as mãos com igualdade: o que ſe vence, tocando-lhe mais, ou menos forte ſobre aquella mão, que ſe demora firme na terra. O Meſtre deve tambem poſtar-ſe de modo que com a maior manſidão o indireite da garupa, a fim de que, por effeito das repetidas lições, o enſine a fazer as capriolas com a facilidade, e perfeição, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-



## ESTAMPA LXXXIII.

### *O Cavallo na acção das Capriolas de firme a firme junto ao Pilão do centro para a direita.*

DEpois delle ſe unir, quando o enſinarem a fazer as capriolas ſobre as linhas rectas, podem tambem enſinallo a que as faça ſobre a circumferencia: então he preciſo fazer-lhe atar a redea do cabeção da parte do centro ao gancho do Pilão, e no tornel da parte de fóra afivelar-lhe huma guia; e quem ajudar com ella, ha de neceſſariamente andar por fóra dos circulos, que o Cavallo deſcreve com as piſtas das mãos, e pés em torno do Pilão. O Meſtre o irá moderadamente ſeguindo, obrigando-o com o açoute a que vá fazendo algumas capriolas, paſſando-o muitas vezes alternativamente de huma para outra mão; e as ſenſações do açoute, guia, e vara, tanto junto ao Pilão de firme a firme, como ſobre as elipſes, que ſe moſtrão na Eſt. LXXXIV., devem ſer praticadas, como digo ſe executem, enſinando-o entre os Pilões, parando-o, e affagando-o todas as vezes que fizer algum ſalto bem.

Com eſta ordem ſe lhe devem enſinar as lições das capriolas, quando entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro principia a obedecer ſem Cavalleiro. Digo que devem muitas vezes parallo, e affagallo, tanto para lhe repetir a lição, como tambem para o fazer paſſar áquelle trabalho, que lhe julgarem mais conveniente, augmentando-lhe de dia em dia as lições das capriolas, até que as chegue a fazer bem em liberdade, iſto he, ſem os ſoccorros da guia, vara, e açoute; mas ſim por effeito ſómente das ſenſações, que lhe miniſtra o Cavalleiro.

Eſta lição deve principiar todos os dias pelo deitarem poucas voltas á guia; e apôs iſſo mettello entre os Pilões, conduzindo-o depois ao do centro, como deixo ponderado: ſe elle porém quando o deitão á guia, ſalta muito ſobre as mãos, deve o Meſtre reparar ſe lhe póde reſultar diſto o fazer alguns esforços nos braços, e eſpaduas, porque então he melhor tirallo atrás, e mettello entre os Pilões: por eſtas, e ſemelhantes diligencias diſpõe, e enſina o Excellentiſſimo Marquez de Marialva os Cavallos deſtinados ás capriolas, tanto entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro, como tambem ſobre as linhas da muralha. Depois fazendo-lhe apertar a ſella, os monta para lhes enſinar a conhecer o governo do freio, o apoio da mão, o uſo das ſenſações dos joelhos, das barrigas das pernas, dos calcanhares, e eſporas, e ainda o delicado movimento de contrapezar ſobre os eſtribos.

### *Modo, por que ſe deve montar o Cavallo das Capriolas entre os Pilões.*

AS primeiras vezes hum Cavalleiro pouco corpulento o montará; e para o obrigar, deve ſuſter a mão da redea perto do cepilho da ſella com as unhas voltadas para ſi; logo fortalecendo toda a ſua figura, lhe ligará bem as pernas á bar-

ri-

riga; e tendo ao meſmo tempo o corpo atrás, firme, e vivo, ſegurará a mão para ſi, e para ſima, fallando-lhe com actividade; porque por effeito de todas eſtas diligencias he que ſe chama á capriola; e no tempo em que elle chega ao mais ſubido cume do ſeu ſalto, então he que o devem ajudar com a ponta da vara, ou com o ponção ſobre a garupa, a fim de o fazer diſparar os couces para acabar de completar a capriola.

Se for preciſo haver quem o ajude com o açoute, guia, e vara, todas as ſenſações com que o obrigarem, devem acordar-ſe unidas no tempo, em que elle commette o erro, e o Cavalleiro o inſinua, para que pela propriedade, e união de humas, e de outras diligencias, elle ſiga as determinações, tanto do Cavalleiro, como dos Ajudantes, ſem dúvida, ou embaraço.

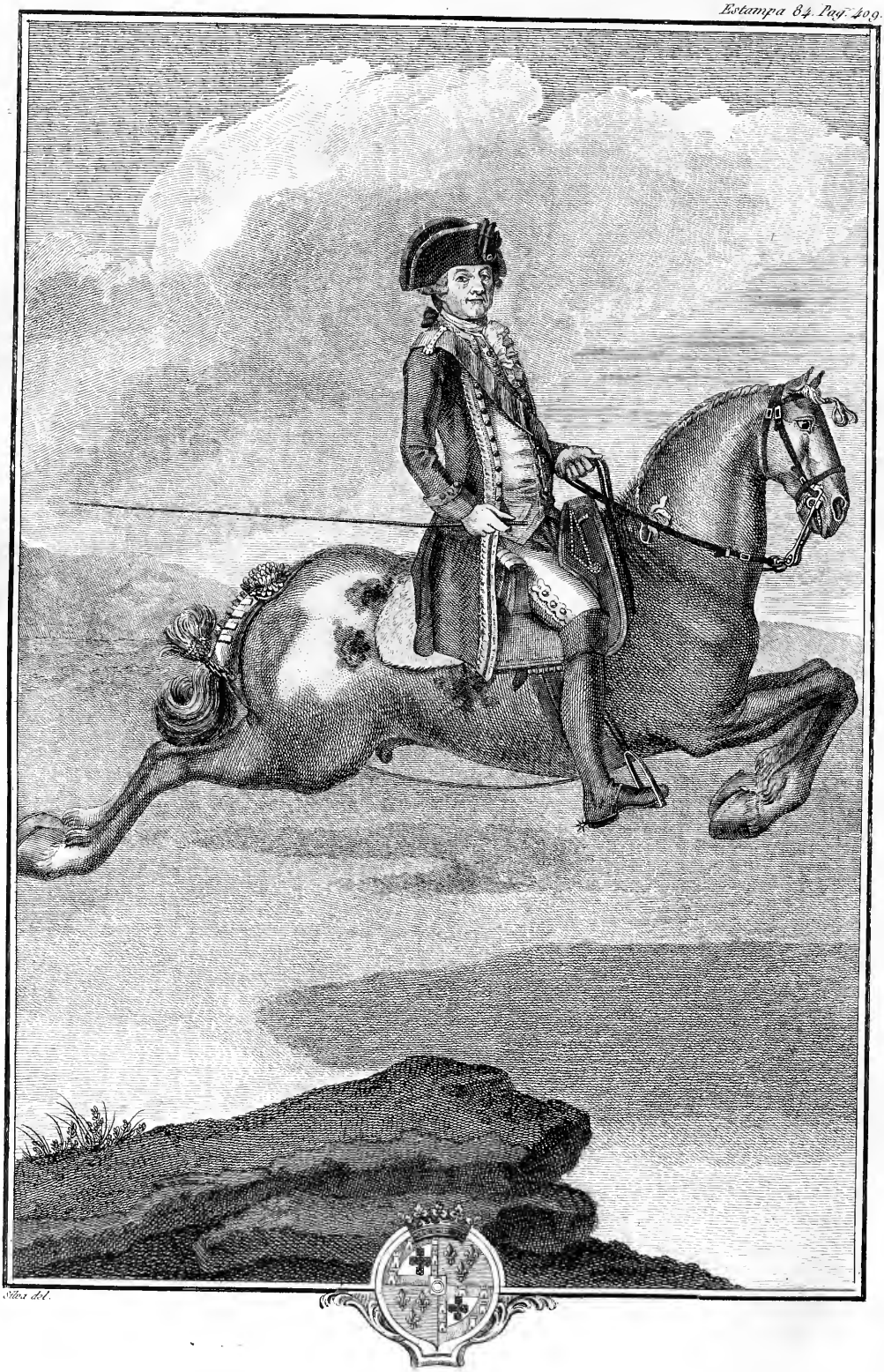
A capriola he o mais alto de todos os ſaltos; e para o animal poder em tão breve tempo incluir nelle os movimentos preciſos para a formar, he neceſſario levantar-ſe a grande altura: por iſſo eu tenho moſtrado que por meio da ſujeição adquirida pelas primeiras lições, e pelas das curvetas, garupadas, e balotadas ſe prepara bem para a das capriolas.

## *Modo de formar o Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a direita.*

PAra o dobrar para a direita na acção das capriolas, coſtuma o Excellentiſſimo Marquez de Marialva ſegurar as redeas bem fechadas na mão eſquerda, ſeparadas pelo dedo minimo, e eſte alguma couſa inclinado para a eſpadua eſquerda: firma com viveza todo o corpo atrás, une-lhe as pernas ao ventre, logo atrás da terceira cilha; (ſendo por conſequencia as ſenſações da eſquerda mais activas) e depois de ſe haver aſſim diſpoſto, com a voz, e com as redeas o chama á capriola, encruzando-o cada vez mais entre as forças da redea direita, e da perna oppoſta, a fim de o confirmar neſta lição bem dobrado por eſte modo para a direita.

Prepara-ſe o Cavallo no movimento das eſpaduas para ſe formar na acção das capriolas, dobrando-ſe para a direita, como para ſe apreſentar na acção das curvetas; e depois firmando-ſe nos curvilhões, he que fórma o ſalto, de ſorte que no tempo, em que chega á maior altura delle, e ſe acha direito ſobre a linha horizontal das eſpaduas á garupa, he que diſpara os couces com tanta velocidade, e força, como ſe quizeſſe ſeparar as pernas do corpo: então (ainda que por breve tempo) recolhe os braços, dobrando-os para baixo dos codilhos, dobra os travadouros, e moſtra as ferraduras das mãos, e pés, como ſe vê na ſeguinte Eſtampa.

ES-



Silva del.

## ESTAMPA LXXXIV.

*Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando o Cavallo a completar a acção das Capriolas, dobrando-o para a direita: e o modo de continuar a meſma lição, dobrando-o para a eſquerda.*

HAvendo eu dito como Sua Excellencia fórma os Cavallos na acção das capriolas, dobrando-os para a direita, vou tambem dizer como ſe enſinão a executar a meſma acção, dobrando-os para a eſquerda.

Deve o Cavalleiro ter a mão da redea para ſi perto do cepilho da ſélla de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, ſegurando o corpo firme, e toda a ſua figura voltada (á proporção do que o Cavallo ſe dobra) para a eſquerda: deve unir-lhe ao meſmo tempo as pernas ao ventre, fortalecendo-lhe apôs iſſo a redea de dentro mais activamente, para o encruzar bem entre a força da perna direita, e da redea eſquerda. Logo tambem para as fazer para eſta parte com a viveza dos movimentos do corpo, com a voz, e com os toques das pernas, devem chamallo á capriola, a fim de que por effeito de todas eſtas diligencias a faça, dobrando-ſe para a eſquerda, com graça igual áquella, com que já diſſe elle as deve fazer, quando por ſemelhante modo he obrigado a fazer as capriolas, dobrando-o para a direita.

Ainda que eu digo que os Cavallos, por meio das lições das curvetas, garupadas, e balotadas, ſe preparão para a das capriolas, com tudo devo advertir que ha muitos, que tendo propenſão para as curvetas, não a tem para as garupadas; e fazendo outros as balotadas, não podem alcançar a fazer as capriolas; e he certo que ſe os obrigão a formar aquelles ares, e ſaltos, para que não tem propenſão, e poſſibilidade, elles ſe deſgoſtão, ſe abatem, e ſe arruinão.

Os ares da garupada, balotada, e capriola fazem entre ſi as ſeguintes differenças: na garupada, quando o Cavallo ſe levanta á maior altura do ſeu ſalto, recolhe as pernas, e os pés, dobrando-os para baixo do ventre, e moſtra as ferraduras das mãos, ſómente por baixo dos codilhos, por hum, e outro lado das eſpaduas, como ſe vê na Eſt. LXXVIII.

Na balotada, logo que eſtá no mais ſubido do ſeu ſalto, recolhe as mãos dobradas para baixo dos codilhos, como faz na garupada; porém ſem curvar tanto as pernas para baixo do ventre: moſtra as ferraduras dos pés, e fica bem diſpoſto para diſparar os couces, ſem acabar totalmente de ſe extender das juntas dos ſeus quadrís, e curvilhões, como faz na capriola, e ſe obſerva na Eſt. LXXIX.

Nas capriolas porém ſobe para ſima o mais que póde; e quando chega á maior elevação do ſalto, diſpara os couces, extendendo-ſe das juntas dos quadrís, e curvilhões, como ſe quizeſſe ſeparar as pernas do ſeu corpo, como ſe moſtra na Eſt. LXXXIV.

Todos os Cavalleiros para enſinarem os Cavallos com perfeição em todas as

lições, de que tenho tratado, depois de praticadas as primeiras inſtrucções, devem diſpôr-ſe a ſi pelo methodo que tenho referido, o qual praticárão, e praticão os inſignes Cavalleiros, de que tenho feito menção; porque ſó pelas expoſtas diligencias ſe conſegue ſujeitarem-ſe elles, como obedecião, e obedecem a eſtes tão grandes, como não vulgares exemplares, de que me tenho valido para a inſtrucção dos que ſe quizerem applicar a eſta Arte; e ouſo dizer, que, ſeguindo outro methodo, jámais os Cavallos ſe formaráõ bem nas brilhantes acções, que ſe moſtrão nas Eſtampas deſta collecção, e na ſeguinte

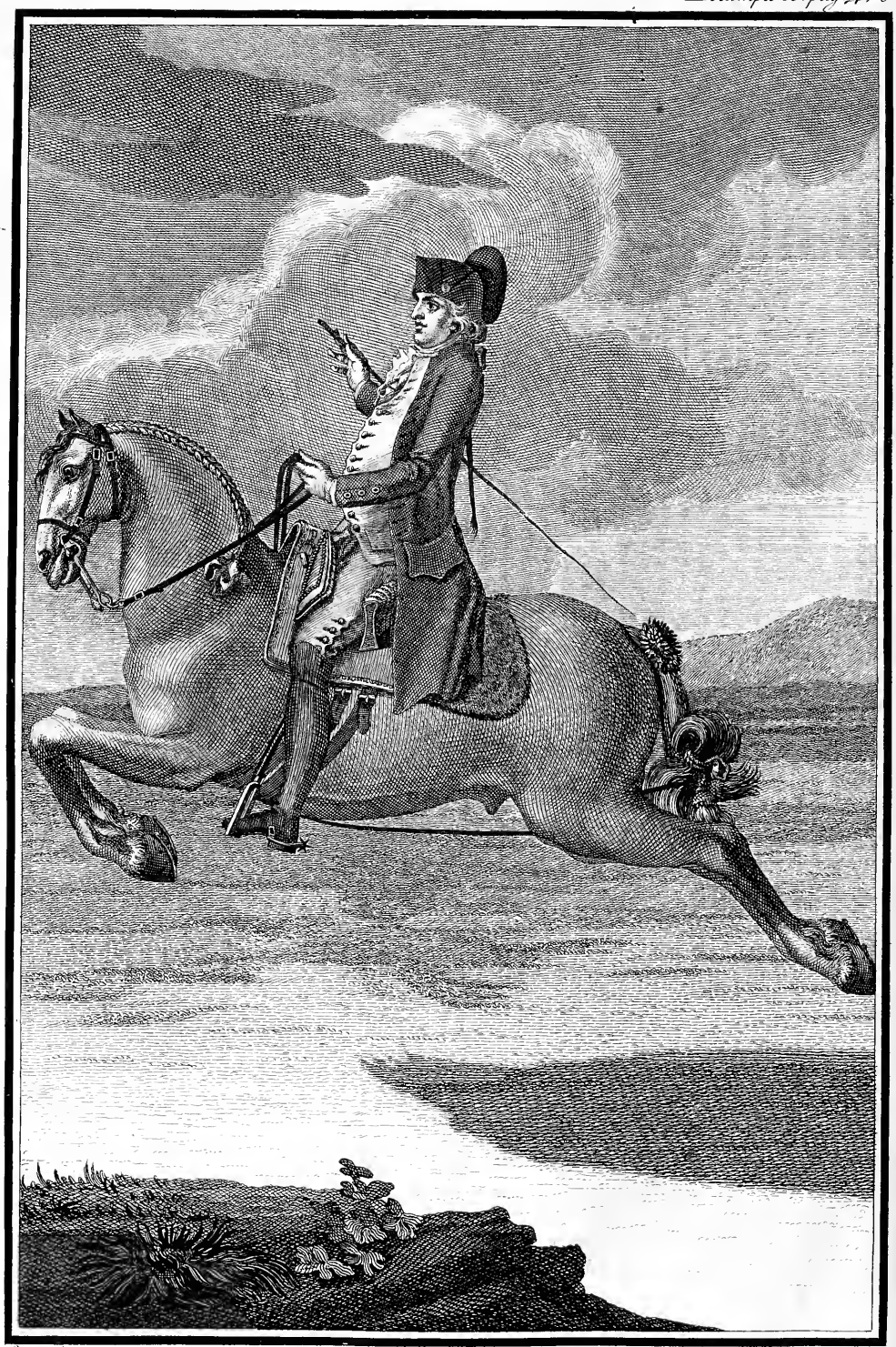
## ESTAMPA LXXXV.

### *O Cavalleiro formando hum Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a eſquerda.*

O Paſſo, e ſalto he formado de tres tempos. O primeiro, he de galope curto, junto, e unido, como o terra á terra: o ſegundo, he huma curveta: e o terceiro huma capriola. Newcaſtle no Cap. 25. Pag. 138. reprova eſte ar; e he certo que os mais vigoroſos ſalteadores das capriolas, tendo continuado por muito tempo neſte exercicio, fórmão o paſſo, e ſalto, para entre a galopada, e curveta deſcançarem, e tomarem depois melhor o tempo da capriola.

Todos ſabem, e eu tenho por muitas vezes repetido, que os Cavallos ſalteadores são colericos: logo poſſuindo elles eſtas qualidades, devem ſer tratados com muito cuidado, para que a ſua cólera não deſtrua o ſeu preſtimo. Para os Cavalleiros vencerem as difficuldades, principalmente aos colericos, precisão obſervar com exacção todo o comportamento dos ſeus géſtos, e movimentos; e tanto que por elles ſe lhes conhecerem ſentimentos de cólera, principalmente nas lições dos ares altos, devem modificar-lhes os caſtigos, e reduzillos brandamente por lições mais dilatadas, e ſucceſſivas.

Finalmente os Cavallos deſtinados para as capriolas, além de fortes, ſenſiveis, ſagazes, e promptos, devem ter boa conſtrucção, iſto he, o peſcoço bem formado, e antes comprido do que curto junto á ganacha Eſt. III., N. 23., a cabeça pequena, e eſcarnada, a boca ſenſivel com boa proporção. Não devem ſer compridos de eſpinhaço, nem demaziadamente altos de pernas, ou muito curtos, e baixos dellas, as canas dos braços devem ſer iguaes com as canelas delles, devem ſer iguaes no ſeu poder, tendo boa propenſão, ou huma indole, que ſe deixe vencer, e dominar, &c.



Silva dexit.

Luis Teña Piedra sculpt.

*Trata-ſe de como ſe coſtumão formar as Eſcaramuças, e outros divertimentos proprios para ſe adeſtrarem os Cavallos na Arte da Cavallaria, e no modo de manejar as armas.*

SAõ as Eſcaramuças, como tambem as Parelhas, e os deſafios das Lanças decontoadas, os das Alcanzias, e outras carreiras, de que vou tratar, muito agradaveis, e feſtivas para o público nas praças; mas he preciſo em todas haver ſempre a boa ordem, que ao diante ſe dirá.

A' hora determinada, eſtando patente o objecto a quem ſe tributão os feſtejos, devem fazer-ſe as entradas, as quaes podem conſtar de diverſos divertimentos, como são Danças, Muſicas, Batimentos militares, Carros Triunfaes, Maſcaras, e outros, &c.

Depois de todos haverem feito o ſeu dever, e ſahido para fóra da praça, devem entrar nella os Pagens, que hão de ſervir aos Cavalleiros, os quaes coſtumão fazer tres cortezias para a tribuna, ou camarote principal, trazendo ſempre os chapéos na mão, maiormente ſe as feſtas forem Reaes, poſto que os que ſervirem de Pagens ſejão Fidalgos.

Se os Pagens forem poucos em numero, devem perfilar-ſe em frente; mas ſe forem muitos, então devem formar-ſe em huma columna de duas fileiras; e parando no meio da praça, (quer vão formados de huma, ou de outra ſorte) devem todos ao meſmo tempo fazer a continencia, pondo o joelho eſquerdo em terra, ſendo mecanicos; e ſendo Fidalgos, ſó coſtumão curvar o joelho direito por detrás do eſquerdo. Feitas do meſmo modo a ſegunda, e terceira cortezia, marcharáõ para diante, dividindo-ſe em duas fileiras junto á trincheira, para cada huma diſcorrer por ſeu lado da praça até á porta, em que ſe coſtumão unir a pares; e depois de perfilados, fazerem huma cortezia geral a todos os eſpectadores; e neſte caſo, ſendo mecanicos, ſó coſtumão curvar o joelho direito; e ſendo Fidalgos, fazem eſta ultima continencia ſó com o chapéo, e ſahem para fóra da praça.

Quando eſtão preſentes Suas Mageſtades, e Altezas, coſtumão os Pagens fazer-lhes as cortezias, e logo paſſar a fazellas ás Damas do Paço, indo defronte do ſeu camarote junto á trincheira dividir-ſe, como eſtá recommendado. Sendo os Pagens mecanicos, coſtumão as Damas ſómente levantar-ſe em quanto as cortejão; mas ſendo elles Fidalgos, logo que entrão na praça, as Damas ſe levantão em quanto ſe fazem as cortezias a Suas Mageſtades, e Altezas, ficando em pé até ſe lhes fazer a continencia, á qual correſpondem, fazendo miſura, e não ſe aſſentão em quanto elles não ſahem da praça.

Logo que ſahem os Pagens, immediatamente devem entrar as azemolas, que trazem os caixotes, em que ſe conduzem os eſcudos, as lanças de correr Pombos, Argolinha, Eſtafermo, os Vaſos, Alcanzias, Pombos, Bilhas, &c. os quaes caixotes devem os Pagens acompanhar, fazendo-os pôr com ordem nos lugares, que lhes pertencem em cada caſtello, para ſervirem aos Cavalleiros com preſteza. Sendo os Pagens Fidalgos, não acompanhão os caixotes, mandão fazer eſta diligencia por ſu-

jeitos que elegem para eſte fim, os quaes coſtumão veſtir com diverſo uniforme daquelle, que veſtem os Pagens, e Cavalleiros, ficando ſempre ao pé dos caixotes para tirar, e guardar nelles quanto os Pagens Fidalgos houverem de miniſtrar aos Cavalleiros.

Os veſtidos dos que ſervem de Pagens devem ſer uniformes, iſto he, os de cada eſquadra deveráõ veſtir de ſua côr; porque ainda que as Cavalhadas ſejão feitas por Fidalgos, e elles poſsão uſar de veſtuarios, e maſcaras ricas, he mais viſtoſo ſerem veſtidos deſte modo uniforme, do que ſer cada hum de ſua côr.

He bom haver hum terreno murado em roda junto á porta, aonde he a entrada da praça, para os Cavalleiros montarem a cavallo, e verem ſe os arreios eſtão poſtos em boa ordem, principalmente o freio, e a ſella, como tambem ſe os loros tem os eſtribos em bom comprimento, ſe eſtão as cilhas bem apertadas, o rabicho em boa proporção, e o Cavallo livre de congocha, &c.

Nos enſaios devem os Cavalleiros obſervar ſe os Cavallos tem medo dos Peitoraes de guizos, das lanças decontoadas, dos arremeções dos dardos, ou das canas, do eſtrondo dos Timbales, do éco dos Clarins, e mais inſtrumentos béllicos, como tambem ſe ſe incommodão com os enfeites do peſcoço, e cauda, ou com os toques da eſpada na barriga, e garupa, e finalmente ſe duvidão chegar-ſe aos candieiros dos Pombos, Argolinha, Eſtafermo, &c. para não ſe arriſcarem a negar-ſe-lhe o Cavallo por medo de alguma daquellas couſas, de que ſe ha de uſar nos feſtejos.

Devem os Cavalleiros formar-ſe em columna para entrar na praça, ao menos de ſeis cada fileira, os do lado direito coſtumão veſtir-ſe de huma côr, e os do eſquerdo de outra, iſto he, ſe os da fileira direita veſtem de encarnado, os da eſquerda devem veſtir de outra côr, ſendo as plumas dos chapéos brancas, e os fiadores das eſpadas da côr dos veſtidos.

Só na mão eſquerda ſe deve calçar luva, a qual deve ſer branca, as pulainas de todos os Cavalleiros devem ſer brancas, atacadas com fittas da côr do veſtido; e ſenão forem os ditos Cavalleiros penteados de rabo de rapoſa, devem ſer feitos os chicotes com fittas da côr do veſtido.

Os Cavallos coſtumão ſer enfeitados nas clinas, e nas caudas com fittas, que lhes fiquem bem, ſegundo a côr de cada hum: as ſellas devem ſer as de huma fileira amarellas, e as de outra encarnadas, como tambem as redeas, as cabeçadas, os rabichos, e as pontas das cilhas, &c. os chareis devem ſer uniformes com os peitoraes, e enfeites, as ferragens de huma eſquadra coſtumão ſer prateadas, como tambem os cópos dos freios, e os eſtribos: logo por conſequencia as ferragens dos jaezes da outra eſquadra devem ſer dourados, e da meſma ſorte os cópos dos freios, e os eſtribos.

## *Regras geraes das Eſcaramuças, uſando os Cavalleiros nellas das lanças decontoadas.*

SEndo tudo em boa ordem, (ſe entrão na praça com as lanças decontoadas para fazer a primeira Eſcaramuça) coſtumão os Cavalleiros conſervar os Cavallos na marcha, alguma couſa diſtantes huns dos outros, para não ſe maltratarem com as lanças, ou ſe apertarem, e fazerem os da retaguarda alcançaduras nos pés dos Cavallos da vanguarda.

Coſtumão os Cavalleiros, formados em columna dous a dous, entrarem de paſſo até ao meio da praça; e ſem tirar os chapéos, fazer com as lanças as continencias de ſete tempos.

O primeiro ſe executa, parando os Cavallos firmes, e bem iguaes todos os pares, emparelhados, ou perfilados hum com outro Cavalleiro.

O ſegundo pegando bem pelo meio da lança com a mão direita, de maneira que o braço fique alguma couſa arcado, e a mão voltada com as unhas para ſima (Eſt. LXXXVI., Fig. 1., Letra A) deſcançando ſobre o oſſo do quadril direito Letra B.

O terceiro he affaſtar o braço para fóra, e levantallo até á altura a que elle póde alcançar Fig. 2., Letra C, brandindo a lança duas, ou tres vezes.

O quarto apreſentar a lança, extendendo o braço bem para diante Fig. 3. com as unhas da mão direita voltadas para a Letra D, a fim de que o braço fique direito pela linha horizontal do hombro.

O quinto tornando a levantar o braço até á altura da Letra C para brandir a lança ſegunda vez.

O ſexto he arremeçalla para trás Fig. 4., fazendo-a correr pela mão, de ſorte que a botana Letra F venha encalhar entre os dedos, e a palma da mão.

O ſetimo deixar cahir o braço para baixo com graça Fig. 5., até deſcançar a mão ſobre a coxa da perna direita: depois diſto fará o Cavalleiro andar o Cavallo para diante alguns paſſos; e parando-o, fará pelo meſmo modo a ſegunda, e terceira cortezia: acabada a ultima, deixaráõ ficar os recontros das lanças de raſtos, obrigando os Cavallos a paſſearem, o mais que puder ſer dobrados, hum para a direita, outro para a eſquerda, até chegarem á trincheira da tribuna, para quando ſe dividirem, levantando os Cavallos de galope, traçarem as lanças ao meio, pegando-lhe com a mão direita voltada de unhas abaixo, conſervando a lança alguma couſa cruzada ſobre o peſcoço do Cavallo, como ſe vê na Fig. 6. da Eſtampa LXXXVI.

Nas paſſagens que fizerem as Eſquadras huma por junto da outra, devem os Cavalleiros brandir as lanças, levantando o braço direito alto, olhando cada hum com graça, e agrado para o ſeu competidor.

Se formarem alguns circulos em redopios, ſerá viſtoſo os Cavalleiros da fileira do centro fazer galopar os ſeus Cavallos na acção da volta ao revés, para não voltar a cara aos Cavalleiros da fileira que anda por fóra; mas quando o guia da

fi-

fileira do centro quizer ſahir deſta figura para tomar outra direcção, deve fazer paſſar o Cavallo de mão, e aſſim os mais da ſua eſquadra, até ſe arroſtarem outra vez com o primeiro guia, e mais Cavalleiros que o ſeguem.

Nas figuras planas, que huns, e outros vão marcando no terreno, logo que o primeiro guia partir para o ſegundo, deve a direcção da figura da Eſcaramuça permittir que huns, e outros fação paſſar os ſeus Cavallos de mão, de ſorte que fiquem dobrados huns para os outros, iſto he, ſe a primeira eſquadra vai encontrar a ſegunda pelo lado direito, os Cavallos de huma, e de outra eſquadra devem galopar dobrados para a direita; e ſe ſe encontrão pelo lado eſquerdo, huns, e outros deverão obrigallos a galopar, dobrando-os para a eſquerda.

Todas as figuras das Eſcaramuças devem ſer contrapoſtas, ou deſencontradas no terreno para encherem mais a praça; e quando ellas ſe acabarem, deverão poſtar-ſe os Cavalleiros em linha de batalha, cada Eſquadrão em ſeu caſtello.

## *Modo de manejar os arremeções das lanças decontoadas.*

ACabada a primeira Eſcaramuça, que não deve ſer muito dilatada, pois baſta que em cada huma figura ſe faça huma até duas voltas; e poſtos os dous Eſquadrões em batalha, deverá o primeiro guia ſahir do lado direito do ſeu caſtello a paſſo, cortando o terreno de modo que vá paſſar pela vanguarda do caſtello do ſegundo eſquadrão. Ora quando chegar defronte do ſegundo caſtello, deverá com o maior deſembaraço levantar a lança; e depois de a fazer brandir duas, ou tres vezes, a apreſentará; e logo curvando alguma couſa o braço, a arremeçará para trás até encalhar a botana entre os dedos, e a palma da mão, para vir a ficar o recontro da lança de raſtos pela terra, conſervando-ſe por eſte modo até haver paſſado por toda a frente da vanguarda, para então levantar o Cavallo de galope, e traçar a lança ao meio: o que ſe faz, pegando-lhe com a mão direita de unhas abaixo, ſegurando o reſto com a mão eſquerda de unhas aſſima, para ſe defender melhor do arremeção do ſeu contrario.

O guia do ſegundo Eſquadrão deverá ſahir a acceitar-lhe o deſafio, o qual por politica deve tambem arremeçar a lança neſta primeira carreira para trás, ainda que o primeiro guia ſe ponha em acção de defender-ſe.

O arremeção da lança coſtuma fazer-ſe de quatro tempos.

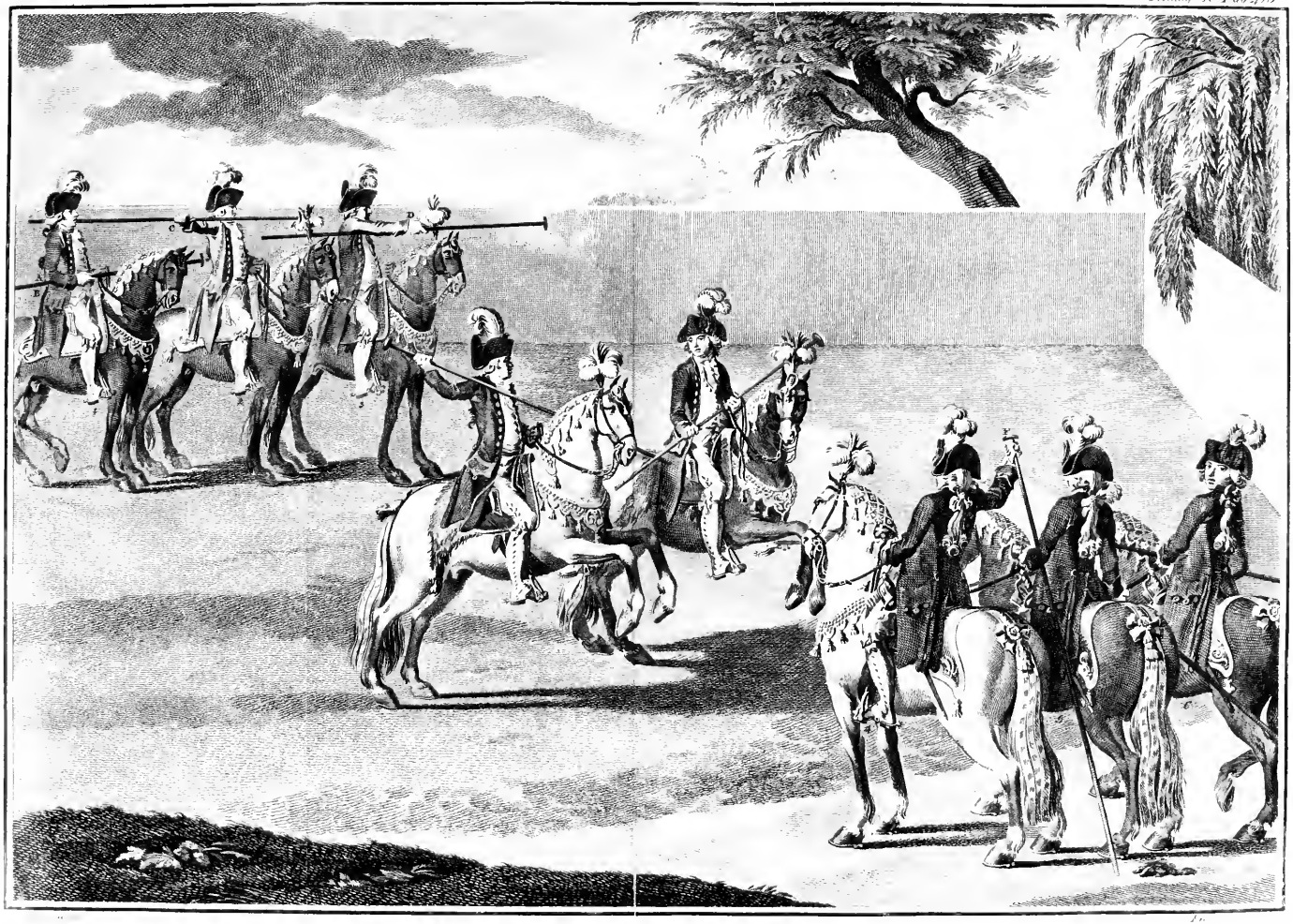
O primeiro he affaſtar bem o braço do corpo (Eſt. LXXXVI., Fig. 1., Letra C.)

O ſegundo apreſentar a lança, extendendo o braço para diante quanto elle puder alcançar, ficando a mão na linha horizontal do hombro Letra D.

O terceiro voltar a lança em roda por ſima da cabeça, de maneira que o recontro fique voltado para o lado eſquerdo Letra E.

O quarto arremeçalla, ou apontalla ao ſeu competidor, deixando-a correr por entre os dedos, e a palma da mão, de ſorte que a botana venha encalhar na mão; e tudo iſto deve ſer feito com tanto cuidado, que lhe não ſalte a lança fóra da mão, porque ſe iſto acontece, reputa-ſe o Cavalleiro por fraco, e pouco deſembaraçado.

Os



Os tempos do manejo da lança devem fazer-ſe, tendo-a ſempre bem fechada na mão, e o tiro offenſivo do arremeção deve ſempre dirigir-ſe, ou apontar-ſe do quadril até ao joelho.

No tempo, em que o Cavalleiro faz o arremeção, deve o que lhe vai fugindo reparar o golpe, rebatendo-o com o recontro da ſua lança, para o que a deve ſegurar bem com a mão eſquerda pela parte que fica para a botana Letra F, dando com a direita, que determina o recontro fortemente para ſima, a fim de ſe livrar do golpe.

Tambem o que vai fugindo, logo que rebate o golpe, deve parar, e a paſſo fazer marchar o Cavallo para o ſeu caſtello, indo pela retaguarda occupar o primeiro lugar do lado eſquerdo, donde irá obliquando para o lado direito, á proporção dos Cavalleiros, que vão ſahindo delle para correr.

O offenſor não deve emprender ſegundo golpe, ainda que o intervallo do terreno, e do tempo o poſsão permittir: tambem ſe deve fazer diligencia por empregar o golpe, quando o que foge vai mais bem diſpoſto para ſe defender, porque então hum, e outro Cavalleiro ficão mais viſtoſos nas ſuas acções.

## ESTAMPA LXXXVI.

### *Seis Cavalleiros correndo lanças decontoadas para a direita.*

DEvem os Cavalleiros conſervar-ſe diſtantes hum do outro, duas braças pouco mais, ou menos, para ſer viſtoſa a carreira, e poderem fazer bem o jogo, ou o choque dos arremeções das lanças.

Aquelle, que correo a lançada, logo que chegar á frente do caſtello dos ſeus contrarios, doze até quinze paſſos pouco mais, ou menos, deve voltar em roda ſobre a direita; e depois de fazer aſſim hum quarto de conversão ſobre a direita, fugirá para o ſeu caſtello, recolhendo logo a lança, e traçando-a ao meio com a mão direita de unhas abaixo, ajudando-ſe com a eſquerda de unhas aſſima para ſe defender daquelle que o vier ſeguir.

Deſte modo correrá alternativamente cada Cavalleiro duas, ou tres carreiras, de ſorte que o ultimo que finalizar eſte divertimento, em lugar de fazer o tiro ao contrario como os mais, deve arremeçar a lança para trás, como fizerão na primeira carreira os guias, fazendo logo marchar o ſeu Cavallo de paſſo até ao caſtello do ſeu eſquadrão, levando o recontro da lança de raſtos, e o braço extendido ſobre a coxa da perna direita, buſcando entrar no ſeu caſtello pelo lado eſquerdo, indo pela retaguarda do eſquadrão occupar o lugar que lhe pertence.

### *Advertencias.*

SE a lança quebrar, deve o Cavalleiro lançar logo o reſto della para a parte de fóra, e metter mão á eſpada: ora em tal caſo não deverá o competidor fazer-lhe o arremeção da lançada, mas ſim apreſentalla, e deixalla correr para trás.

Se

Se a lança lhe faltar fóra da mão, aquelle a quem iſto acontecer deverá tambem logo metter mão á eſpada, e defender-ſe o melhor que puder; e o competidor deve atirar-lhe o arremeção, porque o perdimento da lança ou procede da falta de agilidade, e cuidado, ou de fraqueza.

Se o recontro da lança encalhar entre a perna do que vai fugindo, e o arção da ſella, ou a arçoeira, elle fará obliquar o ſeu Cavallo para fóra, ſem ſahir muito para diante, ou ficar demaziadamente para trás, a fim de que não ſucceda entrar a lança, de maneira que o deite fóra da ſella.

Se algum dos Cavallos tropeſſar, e cahir, deve o Cavalleiro, que fica montado, apear-ſe logo, e fazer diligencia por livrar o outro do perigo, o qual ſenão ficar muito maltratado, montará, e tornará a continuar a carreira; mas no caſo de ficar magoado, recolher-ſe-ha; e em lugar do que deo a quéda, ſahirá outro a completar o deſafio, ou carreira pelo methodo que fica ponderado.

## *Regras geraes das Eſcaramuças, fazendo-as os Cavalleiros com a eſpada na mão.*

QUando não ſe uſa das lanças decontoadas, coſtumão os Cavalleiros trazer a eſpada na mão, e em tal caſo entrão na praça a pares, formados em columna, mediando ſempre entre hum, e outro Cavalleiro hum eſpaço de terreno ſemelhante ao que occupa o comprimento de hum Cavallo; e tanto que os guias chegão ao meio da praça, coſtumão parar firmes, e tirar os chapéos com deſembaraço, e boa graça, pegando-lhe com a mão direita pela parte direita do bico de diante, e ſem encurvar o braço, de vagar o vão abaixando até a mão, e o chapéo deſcançarem ſobre o lado da perna direita; e apôs iſſo ſe fazem recuar os Cavallos aquelle eſpaço de terreno, que a praça permitte, porque ao meſmo tempo devem os Cavalleiros de ambas as fileiras fazer tambem as cortezias, e da meſma ſorte obrigar os Cavallos a que recuem, de maneira que o ultimo da retaguarda faz recuar o ſeu Cavallo até á parede; porém os que lhe vão ficando para a vanguarda, poſto que devão tambem tirar atrás, não os devem deixar perder a obſervação da diſtancia, e de terreno, que deve medear entre cada hum, (como deixo notado) tanto fazendo-os marchar para diante, como obrigando-os a recuar.

Se os Cavalleiros não são Fidalgos, e aſſiſtem as Peſſoas Reaes publicamente, logo que elles chegão á porta da praça coſtumão tirar os chapéos, marchando até ao meio della deſcubertos para fazerem as continencias; porém ſenão aſſiſtem Suas Mageſtades, e Altezas, não tirão os chapéos ſenão quando chegão ao meio da praça; advertindo que Suas Mageſtades, e Altezas eſtão occultos, logo que tem cortinas de alto abaixo pelo vão da boca do camarote, ou tribuna Real, poſto que ellas eſtejão prezas com laços de fittas pelo meio; porque quando aſſiſtem publicamente, coſtuma o Somilher vir correr a cortina para os lados da tribuna: o que ſe não faz, quando ellas eſtão prezas, e por conſequencia Suas Mageſtades, e Altezas occultos.

Acabadas as cortezias, coſtumão os Cavalleiros fazer marchar os Cavallos pa-

para diante, de paſſo, mas vivo até chegar á trincheira, que fica por baixo da tribuna, ou camarote, para onde ſe fizerão as continencias, junto da qual, depois de ſe cumprimentarem huns aos outros com reciprocas cortezias, põem os chapeos; e ſeparando-ſe o primeiro guia para a direita, e o ſegundo para a eſquerda, principião a eſcaramuça.

Logo que voltarem, depois de pôr os chapeos, quando o braço direito deſcer para baixo, deve ir pela parte de fóra do braço eſquerdo puchar pela eſpada, levantando cada hum o ſeu Cavallo de galope, dobrando-o para o centro, iſto he, o primeiro guia deve-o dobrar para a direita, e o ſegundo para a eſquerda; pois ſó aſſim os podem todos fazer galopar dobrados para dentro.

Se as cortezias são feitas, aſſiſtindo publicamente Suas Mageſtades, e Altezas, e os Cavalleiros são Fidalgos, coſtumão eſtes tirar os chapeos, quando chegão ao meio da praça; e então o Somilher, ou Camariſta acaba de correr a cortina, e Suas Mageſtades, e Altezas, em quanto ſe lhes fazem as cortezias, coſtumão eſtar em pé, e os Cavalleiros, acabada a ultima, obrigão os Cavallos a ladear para defronte do camarote das Damas do Paço, a quem fazem huma cortezia, á qual ellas correſpondem, &c. e depois vão dividir-ſe junto á trincheira para dar principio á eſcaramuça, como já diſſe.

Se os Cavalleiros são mecanicos, não coſtumão Suas Mageſtades, e Altezas ficar em pé, ainda que as cortezias lhes ſejão feitas pelo meſmo modo, e ſómente as Damas do Paço ſe conſervão em pé, em quanto ſe lhes fazem as cortezias, ſem praticar com elles outro cortejo.

Os Pagens coſtumão acompanhar os Cavalleiros, por hum e outro lado de fóra da columna; e logo que elles parão a primeira vez, os Pagens ficão firmes até ſe acabar a ultima cortezia, de ſorte que acabadas ellas os Cavalleiros partem para diante, e os Pagens de cada eſquadrão vão poſtar-ſe junto dos caixotes, que eſtão em cada caſtello: iſto ſerve tambem para ajudar a endireitar os Cavallos quando recuão, e quando marchão para diante.

As figuras da eſcaramuça devem ſer diſpoſtas, tanto nos accommettimentos, como nas retiradas, e divisões, de maneira que os Cavalleiros dem ſempre a direita huns aos outros, para quando ſe encontrarem tocar as eſpadas brandamente humas pelas outras, fazendo eſta acção com os braços direitos altos, e com graça; e acabada a eſcaramuça, cada fileira ſe vai poſtar no ſeu caſtello, que ſempre deve ſer em angulos oppoſtos.

Tambem ſe fazem as eſcaramuças dobradas, iſto he, de quatro fios; mas são difficultoſas, de ſorte que ainda ſendo compoſtas de Picadores, lhes cuſta pollas em prática com perfeição; porque para paſſarem de humas para outras figuras, neceſſariamente hão de fazer algumas paſſagens no centro, e ahi he que eſtá a difficuldade; pois he preciſo os Cavalleiros medirem bem as diſtancias do terreno, e os Cavallos ſerem muito promptos para paſſarem huns por entre os outros, ſem ſe embaraçarem: finalmente as eſcaramuças todas devem ſer ſemelhantes ás evoluções militares, para os Cavalleiros por ellas ſe adeſtrarem para a guerra.

## *Methodo de correr Parelhas.*

POſta em prática a eſcaramuça, para ſe acabar, correndo parelhas, devem os Cavalleiros no fim da ultima figura encontrar-ſe defronte da tribuna, ou camarote principal; e unidos a pares, devem correr a toda a brida emparelhados da trincheira até ao meio da praça, em que devem parar firme para fazer a cortezia com a eſpada, e marchar de paſſo até á trincheira, em que novamente devem levantar os Cavallos de galope para ir fazer outra cortezia.

Os Cavalleiros ambos devem correr ajuſtados, encruzando as eſpaduas huma ſobre outra, (Eſt. LXXXVII., Letra A) ſendo bem iguaes hum, e outro em toda a ſua acção, e velocidade; por iſſo as cabeças dos Cavallos devem ir iguaes huma com outra: o Cavalleiro, que deixa paſſar o ſeu Cavallo adiante, he culpado na falta de boa ordem.

Quando fazem a parada, devem ficar bem perfilados hum com o outro em linha recta, fazendo a continencia da eſpada de tres tempos.

O primeiro he deſencruzar a eſpada, levando ambos o braço para o lado direito Eſt. LXXXVII., Fig. 1., e Fig. 2., Letra B, e Letra C.

O ſegundo apreſentar a eſpada Letra D, levantando-a de ſorte que cheguem as guardas á altura da cara do Cavalleiro.

O terceiro fazer a continencia com deſembaraço até deſcançar a mão ſobre o joelho direito, ficando a ponta da eſpada para diante Letra E; e ſendo iſto executado com deſembaraço, e boa graça, devem fazer marchar os Cavallos para diante de paſſo até á trincheira, mas vivo, fazendo ambos meia conversão ſobre a direita, a fim de virem correr ſegunda carreira, e fazer ſegunda cortezia já emparelhados a quatro.

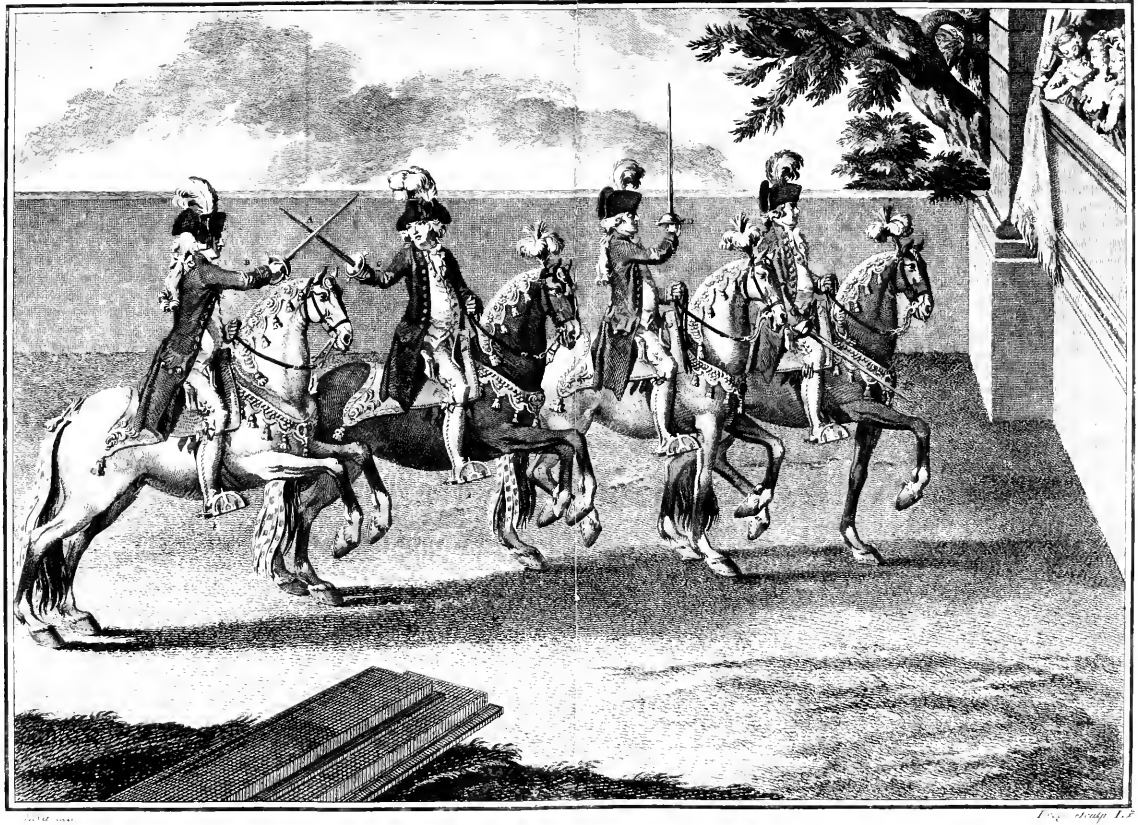
Os Contra-guias, ou ſegundo par, tendo corrido a parelha, e feito a cortezia, como os guias, ou primeiro par, devem da meſma ſorte marchar até á trincheira, e fazer meia conversão ſobre o lado eſquerdo, para ſe irem encorporar com os guias, de ſorte que a ſegunda carreira he feita por quatro Cavalleiros, e a terceira he feita por todos os doze; a ſaber: quatro na vanguarda, quatro no centro, e quatro na retaguarda.

## ESTAMPA LXXXVII.

### *Dous Cavalleiros correndo Parelhas; e o modo de pôr em prática o deſafio das Alcanzias.*

NO intervallo das eſcaramuças tenhão os Cavalleiros uſado nellas das lanças, ou da eſpada, ſe quizerem jogar as Alcanzias; os Pagens lhes devem conduzir os Arnezes, ou Eſcudos, que tirando-ſe dos caixotes, lhos devem apreſentar em bandejas: coſtumão elles ſer fabricados, huns de ſola, (que ſão melhores) e outros de papelão; mas aſſim huns, como os outros devem ſer pintados á maneira

de



de Arnezes, iſto he, dourados, ou prateados, tendo no meio ſuas tarjas pintadas á vontade do Cavalleiro, em que pela maior parte ſe coſtumão gravar as ſuas armas, ou aquelle emblema, ou inſcripção, de que elle quer uſar. Tambem deve cada eſcudo pela parte concava ter duas prezilhas de couro fortes, e maſſias, (como ſe vê na Fig. 4. da Eſt. LXXXVIII., Letra E) a que chamão embraçadeiras, para ſe poder ſegurar bem o eſcudo no braço eſquerdo.

As Alcanzias são humas formas de barro oucas, tamanhas de laranjas pequenas, as quaes depois de ſeccas no forno com pouco calor (para ſe quebrarem com brevidade) coſtumão pintar-ſe de varias cores.

Eſtando os Cavalleiros formados em batalha, e cada eſquadrão em ſeu caſtello, os Pagens lhes coſtumão conduzir as Alcanzias em bandejas, donde as recebem, e guardão em huma algibeira grande, que ſe manda fazer nos veſtidos propria para eſte fim.

Sendo todos provídos dellas, o primeiro guia deve embraçar o eſcudo no braço eſquerdo, ficando-lhe huma embraçadeira pouco aſſima do ſangradouro, e outra pouco aſſima do pulſo para ſe cubrir com o eſcudo, quando lhe for preciſo, e não lhe embaraçarem ellas o poder dobrar o braço, e pegar nas redeas bem á ſua vontade: apôs iſſo deve ſahir do ſeu caſtello, cortando o terreno pelas linhas de pontinhos M, e N, para ir buſcar o lado eſquerdo do caſtello, em que eſtá o ſegundo eſquadrão; e tanto que chegar vinte paſſos pouco mais, ou menos diſtante delle, em quanto paſſar pela vanguarda, irá lançando algumas Alcanzias para o ar.

Chegando ao lado direito Letra O, levantará o Cavallo de galope; e tanto que o guia, ou Cavalleiro do ſegundo caſtello ſahir a receber-lhe o deſafio, deve o deſafiante inclinar-ſe bem ſobre o peſcoço do Cavallo, debruçado para a parte direita, e cuberto com o eſcudo pela eſquerda, fugir a toda a brida para ir buſcar o lado eſquerdo do ſeu caſtello, junto do qual poucos paſſos Letra P deve fazer parar o Cavallo, e entrar pela retaguarda a occupar o primeiro lugar do lado eſquerdo.

O guia, ou Cavalleiro do ſegundo eſquadrão deve ſeguir o do primeiro, conſervando-ſe á ſua eſquerda; e até elle parar, lhe atirará (durante a carreira) com aquellas Alcanzias que puder; mas logo que fizer a parada, o que o for ſeguindo deve voltar ſobre a eſquerda, ſem fazer paſſar o Cavallo de mão, indo aſſim por toda a frente da vanguarda até ao lado direito Letra Q, do qual pelas linhas de pontinhos deve a toda a brida ir fugindo até ao ſeu caſtello, bem debruçado do peſcoço do Cavallo para a parte direita, cubrindo-ſe com o eſcudo pelo lado eſquerdo o mais que puder, de modo que lhe não poſſa dar com as Alcanzias aquelle, que o ſegue, como ſe moſtra na Eſt. LXXXVIII., recolhendo-ſe tambem pelo lado eſquerdo no ſeu caſtello a occupar o primeiro lugar deſta parte.

## ESTAMPA LXXXVIII.

### *Dous Cavalleiros correndo Alcanzias.*

OS mais Cavalleiros devem continuar as carreiras durante eſte divertimento, ſempre com a meſma ordem; e aquelle, que as vier finalizar, quando ſeguir o que lhe vai fugindo, lançará as Alcanzias para o ar; e quando for perto do caſtello do Cavalleiro, a quem ſegue, deve parar firme, e de paſſo ir pela vanguarda, cumprimentando com o chapeo geralmente a todos os Cavalleiros, os quaes da meſma ſorte o devem cortejar, indo-ſe depois incorporar no ſeu eſquadrão, em que ſe deve praticar a meſma ceremonia de cortezias: advertindo que ſempre he coſtume dar principio a eſte divertimento o guia da direita, e finalizallo o da eſquerda.

### *Deſafio das Canas.*

ESTando os Cavalleiros formados, como para correr as carreiras das Alcanzias, o primeiro guia ſahirá do ſeu caſtello, (Letra O, Eſt. LXXXIX.) cortando o terreno de hum para o outro lado, fazendo marchar o Cavallo de paſſo muito animado; e ſe elle for de lição, o obrigará a dobrar-ſe bem para a direita, levando o Cavalleiro na mão direita huma cana verde, que tenha baſtantes folhas, do comprimento de ſinco palmos pouco mais, ou menos: o braço direito deve ir arcado, de maneira que a mão deſcance de unhas aſſima ſobre o oſſo do quadril, o olho da cana por ſima do cepilho da ſella ſe inclinará para a orelha eſquerda do Cavallo, e deſte modo irá até quinze paſſos diſtante pouco mais, ou menos do caſtello da ſegunda eſquadra; e paſſando o Cavallo de mão, o dobrará para a eſquerda, fazendo-o ladear para eſta parte, a fim de poder paſſar por toda a vanguarda do ſegundo eſquadrão com a frente para elle; e quando for bem no meio do terreno, com a mão direita levantará a cana á altura que o braço alcança, e com o cabo para diante Letra E a deitará para o ar.

Tanto que tiver praticado o deſafio deſte modo, deve metter a mão á eſpada, empunhando-a pela parte de fóra das redeas, e do braço eſquerdo; e levantando ao meſmo tempo o Cavallo de galope, o fará paſſar de mão para a direita, fugindo a toda a brida para o ſeu caſtello.

O ſegundo guia, ou o Cavalleiro, que occupar o primeiro lugar do lado direito, deve ſahir a acceitar-lhe o deſafio, levando duas canas; a ſaber: huma na mão direita, e outra entalada entre o arção, e o joelho eſquerdo; e logo que o primeiro guia puchar pela eſpada, e marchar, o ſegundo o deve ſeguir, fazendo-lhe na carreira com deſtreza os dous arremeções das canas, como ao diante ſe dirá.

*Ad-*

P
M

*Advertencias.*

LOgo que os Cavalleiros ſe propuzerem para correr canas, cada Pagem por cada vez deve tirar duas canas do caixote, em que ellas ſe guardão, conduzindo-as pela vanguarda áquelle Cavalleiro a quem ſerve. A cana, que ſe ha de entalar entre a perna, e o arção eſquerdo, deve ſer-lhe dada pela parte eſquerda; e a que leva na mão, pela direita, retirando-ſe o Pagem logo para junto do caixote, a fim de eſtar prompto para quando o ſeu Cavalleiro tornar a correr provello de canas pelo meſmo modo.

O arremeção das canas compõe-ſe de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, extendendo o braço direito para o lado da perna deſta parte com as unhas da mão voltadas para fóra, Eſt. LXXXIX., Letra A.

O ſegundo, elevando o braço á altura que alcançar, ficando a mão com as unhas voltadas para a cabeça do Cavalleiro Letra B.

O terceiro, apreſentando a cana até a mão chegar á linha horizontal da cara do Cavalleiro Letra C.

O quarto, extendendo o braço para fóra, virando o recontro da cana para a eſquerda Letra D.

O quinto, arremeçando-a ao ſeu competidor, o qual a deve rebater com hum golpe de eſpada, cortando-a da eſquerda para a direita, como tambem as mais que lhe forem arremeçadas, cuidando muito em mover a eſpada, de ſorte que ſe não córte a ſi, ou ao Cavallo.

Havendo o primeiro guia corrido a carreira, vinte paſſos pouco mais, ou menos diſtante do ſeu caſtello, deve fazer parar o Cavallo firme, e pela parte de fóra das redeas, e do braço eſquerdo metter a eſpada na bainha, entrando pela retaguarda a occupar o primeiro lugar na frente do lado eſquerdo, para ir obliquando até chegar a occupar o primeiro lugar da direita no Eſquadrão para tornar a correr outra, ou mais carreiras.

O ſegundo Cavalleiro, logo que tiver paſſado por junto da vanguarda do primeiro caſtello, ſem parar, deve metter mão á eſpada, e do lado direito do primeiro caſtello deve ſahir outro Cavalleiro para ſeguir o deſafio, o qual ſe deve pôr em prática em quanto durarem eſtas correrias pela fórma ponderada, ſeguindo-ſe huns aos outros, ſem uſar das ceremonias, que pratíca o primeiro guia; mas ſim atirando-ſe ſucceſſivamente os arremeções das canas até ſe acabarem as carreiras.

Se por algum incidente não ſahir Cavalleiro a continuar o deſafio, aquelle, que eſtá prompto no campo para puchar pela eſpada, deve-a empunhar, ſem a tirar da bainha, largalla, e retirar-ſe, fazendo marchar o ſeu Cavallo de paſſo para o ſeu caſtello, cortejando com o chapeo a huns, e outros Cavalleiros, os quaes lhe devem correſponder da meſma ſorte; e o que acabar eſte divertimento, pela frente do caſtello dos contrarios lançará as canas para o ar; e tirando-lhes o chapeo, ſe recolherá com boa ordem para o ſeu Eſquadrão.

ES-

# ESTAMPA LXXXIX.

## *Dous Cavalleiros correndo canas para a direita.*

### *Modo de correr aos Pombos.*

AS lanças de correr aos Pombos devem ter de comprimento onze até doze palmos pouco mais, ou menos: o ferro Letra A, Fig. 1., Eſt. XC., coſtuma ter hum palmo de comprido, e não deve ſer muito groſſo no engaſte Letra B, ſendo na cuſpide Letra C bem agudo com dous gumes D, e D até ao engaſte, em que ſe une á madeira da lança: eſta, como tambem o ferro, póde ſer dourado, e da meſma ſorte o recontro E, e o ſeu engaſte.

Os Pombos coſtumão ao menos ſer prezos a pares com huns fios de retroz, paſſados pelas ventas, pelos quaes os Pagens os devem pendurar no gancho do candieiro. Tambem ſe coſtumão enfeitar com fittas, ſegurando-lhas ao peſcoço, e algumas galanterias atadas nellas, iſto he, alguns dyſticos, ou verſos engraçados; e tanto que os pendurão, coſtuma o Pagem retirar-ſe do candieiro para junto dos caixotes, e eſtes devem ſer cubertos com redes, ou grades, para que não lhes falte o ar.

### *Advertencias.*

SE o Cavalleiro errar os Pombos, o Pagem do Cavalleiro, que ſe ſegue, logo que chegar ao candieiro deve ſoltar os Pombos, que eſcapárão do golpe, e pendurar os que elle traz. Se o fio, por que eſtão prezos, quebrar, antes do Cavalleiro fazer a ſorte, e os Pombos fugirem, o Cavalleiro deve parar, e ir outra vez para o eſquadrão, em quanto o ſeu Pagem torna a prover o candieiro com outros Pombos. Se o Cavalleiro os acertar, levando-os na lança, ou deitando-os fóra do gancho do candieiro, o Pagem do Cavalleiro que ſe lhe ſeguir, deve logo pendurar outros Pombos no candieiro, ſervindo todos os Pagens alternativamente os ſeus Cavalleiros deſte modo as vezes que lhes tocar a carreira.

### *Modo, por que ſe devem formar os Cavalleiros.*

QUando os Cavalleiros pertenderem correr eſtas carreiras, devem formar-ſe em batalha defronte do candieiro, em que ſe pendurão os Pombos, tão diſtante delle, quanto a praça o permittir, e então he que os Pagens coſtumão dar-lhes as lanças, conduzindo-lhas pela vanguarda.

O guia, que fica no primeiro lugar da direita, coſtuma fazer a primeira carreira: elle traça a lança ao meio com a mão direita, em quanto fórma hum circulo junto á fileira, e com o braço arcado deve ſahir delle, levantando o Cavallo de galope; e ſe manejar, o obrigará a que forme o circulo com a garupa ao centro, para ter lugar de armar a lança de quatro tempos.

O

A
B
C
D

O primeiro ſe faz, abaixando o braço, de ſorte que a mão, que eſtá de unhas aſſima (Letra A, Eſt. XC., Fig. 1.) ſe volte ſobre o lado da coxa da perna direita, de modo que lhe fiquem as unhas voltadas para fóra Letra B, e por conſequencia o recontro da lança Letra C para diante, e a cuſpide do ferro Letra D para a garupa.

O ſegundo tempo ſe faz levantando o braço alto Letra E.

O terceiro apreſentando a lança com o braço bem extendido para diante Letra F.

O quarto encurvando o braço para enriſtar a lança, ſegurando-a bem com a mão de unhas aſſima Letra G; e depois do cotovelo direito bem unido ao corpo, ſe deve abaixar a mão da redea ao Cavallo, para que a toda a brida paſſe por baixo do candieiro, fazendo o Cavalleiro diligencia por apontar a lança, de maneira que empregue bem o encontro, ou golpe.

Se o Cavalleiro levar algum Pombo na lança, logo que paſſar para diante do candieiro dez, ou doze paſſos, deve fazer parar o Cavallo firme, e depois coſtuma-ſe offerecer o Pombo áquella peſſoa, a quem ſe quer obſequiar, e por iſſo nas azas, ou ao peſcoço ſe lhe coſtuma pôr huma fitta com alguma galanteria para ſe lhe pegar por ella; mas ſe aſſiſte alguma Peſſoa Real, não ſe coſtumão fazer obſequios deſte genero, antes ſim deve o Cavalleiro retirar-ſe á ſua eſtancia, levando o Pombo na lança, da qual o Pagem lho tira, e dá a quem lhe parece.

Tambem ſe podem metter os Pombos em vaſos de barro, que ſe fazem com diverſas fórmas, pintando-os de varias côres, os quaes devem ter alguns buracos; e mettendo-lhes dentro os Pombos pela fórma já dita enfeitados, mas ſoltos, ſe lhes coſtumão tirar as guias de huma aza, de modo que poſsão voar alguma couſa, levando tambem nas fittas prezos, verſos, ou dyſticos engraçados para quem os apanhar ſe divertir. Cada vaſo deve ſer pendurado no gancho do candieiro, da meſma ſorte que ſe pendurão os Pombos, e os Pagens não devem apanhar os que fogem dos vaſos que ſe quebrão.

Das lanças de correr ao Eſtafermo he que ſe coſtumão ſervir para quebrar os referidos vaſos; e os tempos de as manejar, devem ſer ſemelhantes aos com que ſe manejão as de correr aos Pombos; mas deve applicar-ſe a botana da lança no vaſo, quando o Cavalleiro for bem debaixo delle, para não lhe cahirem alguns pedaços em ſima; e ſe errar o vaſo, parando o Cavallo firme, deſarmará a lança com deſembaraço, apreſentando-a com a botana para ſima em linha perpendicular com o recontro, trazendo a mão no ſegundo tempo á primeira poſição, ficando com o braço bem arcado, e a lança com a botana inclinada para a orelha eſquerda do Cavallo.

Eſta ordem ſe coſtuma obſervar, ou ſe acerte, ou ſe erre o golpe, a fim de que as eſcaramuças ſejão mais viſtoſas, e os Cavalleiros ſe conſtituão deſembaraçados na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-

# ESTAMPA XC.

## *Dos Cavalleiros correndo aos Pombos.*

### *Diſpoſições para correr ao Eſtafermo, e a ſua conſtrucção.*

AS lanças de correr ao Eſtafermo devem ter de comprimento doze, ou treze palmos, com groſſura proporcionada ao ſeu tamanho: em huma ponta deve ter hum botão, (Eſt. XCI., Letra A) e na outra hum engaſte chamado recontro Letra B: podem as lanças ſer douradas, ou prateadas, e da meſma ſorte o botão, e recontro, &c.

A madeira melhor para toda a ſorte das lanças he a faia, e o boreá: a groſſura de todas (poſto que eu digo que ella deve ſer proporcionada ao ſeu comprimento) deve ficar em tal proporção, que as decontoadas poſsão vergar, e as de Pombos, Argolinha, e Eſtafermo não.

Os Cavalleiros devem formar-ſe em linha de batalha, defronte do Eſtafermo; e o Guia, que dá principio a eſte combate, he o do primeiro lugar do lado direito, o qual tanto que ſahe da fileira deve levantar o Cavallo de galope, dobrando-o para a direita; e em quanto formar hum pequeno circulo ſobre eſte lado, armará a lança de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, traçando a lança ao meio com a mão direita, levando-a para fóra com deſembaraço Letra C.

O ſegundo curvando o braço, de maneira que fique bem arcado, e a mão de unhas aſſima ſobre o oſſo do quadril direito com o cotovelo para fóra Letra D.

O terceiro levantando o braço até á linha horizontal do hombro Letra E.

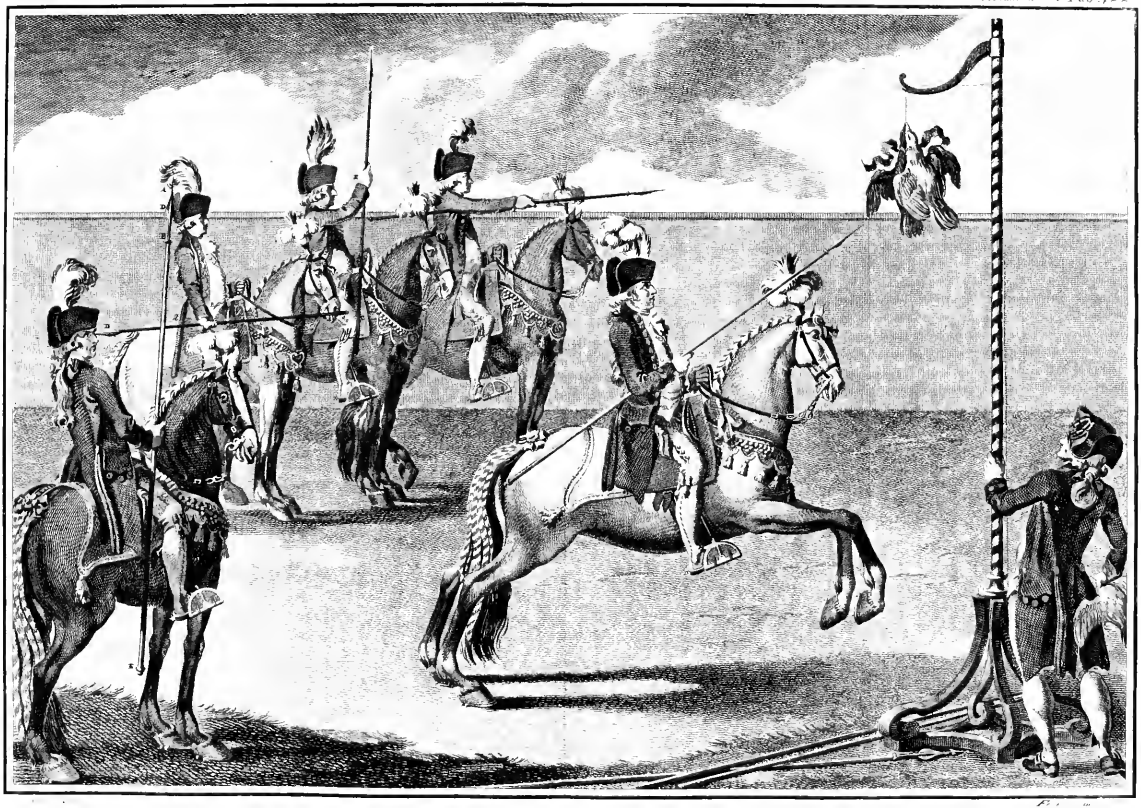
O quarto apreſentando a lança com a botana voltada para diante Letra F.

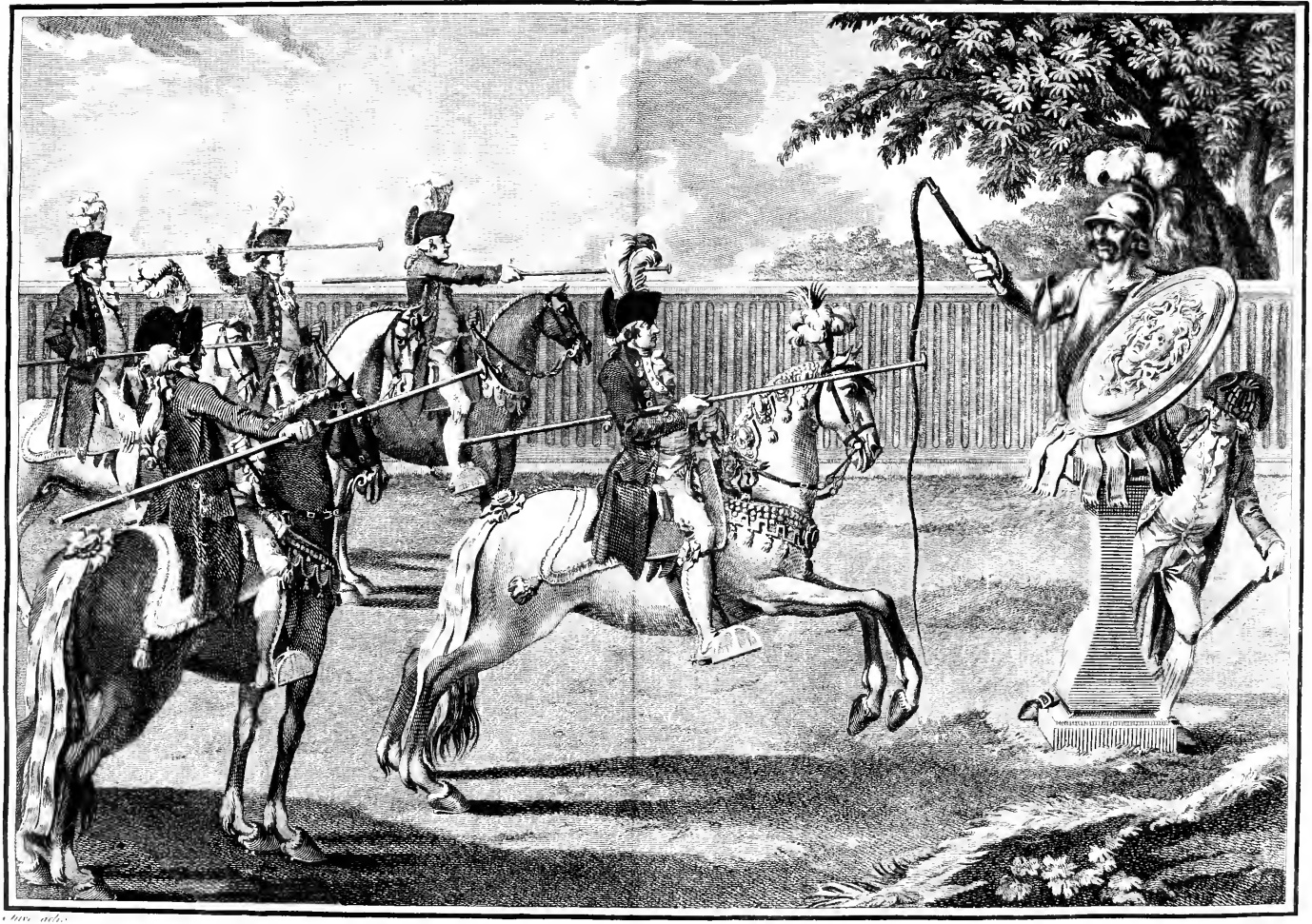
O quinto, enriſtando-a bem ſegura entre a mão, braço, e corpo, direita para o Eſcudo do Eſtafermo. Depois de tudo iſto feito, deve-ſe abaixar a mão da redea, e fazer correr o Cavallo a toda a brida até a lança pojar, ou encalhar ſobre o eſcudo.

O Eſtafermo fica pelo lado eſquerdo do Cavalleiro, e eſte lhe deve applicar a lança no eſcudo, quando vai quaſi perfilado com elle, não levando a lança muito comprida para com eſtas prevenções o toque da lança fazer voltar o meio buſto em roda com rapidez, ſem que o Cavalleiro ſeja alcançado pelo azurrague, que ſe moſtra na mão direita.

He o referido Eſtafermo hum meio buſto, conſtruido de madeira, ſemelhante na figura á de hum homem, o qual deve ter no braço eſquerdo hum eſcudo, ou arnez, e na mão direita hum azurrague de oito, ou nove palmos de comprido; porque ſendo maior, alcança muitas vezes o Cavalleiro: couſa que ainda que faça rir aos Expectadores, faz parecer que elle he pouco agil.

Coſtuma-ſe pôr o Eſtafermo ſobre hum pedeſtal, ou pyramide portatil, no qual ſe poſſa ſegurar, e o Eſtafermo, ou pelo ſeu pezo, ou por haver hum buraco no ter-





Chiv. delin.

terreno, em que elle facilmente ſe poſſa pôr, e tirar, ſendo tanto o pedeſtal, como o buſto bem pintados, e em boa proporção com a altura natural de qualquer Cavalleiro.

Quando ſe puzer o Eſtafermo no lugar, em que ha de ſervir, deve eſtar cuberto com hum panno largo, cuja cubertura lhe coſtuma tirar o Pagem do guia que corre a primeira vez, o qual ſe retira, e fica aſſiſtindo junto ao plinto: outro homem veſtido por diverſo modo daquelle com que ſe veſtem os Pagens para concertar o Eſtafermo, iſto he, para o virar para aquella parte, donde o hão de buſcar os Cavalleiros, os quaes, depois de haverem corrido duas, ou tres carreiras cada hum, coſtumão paſſar a outro divertimento.

## ESTAMPA XCI.

### *O Cavalleiro correndo ao Eſtafermo.*

### *Modo de correr á Barquinha.*

A Barquinha he hum vaſo de madeira ſemelhante ao caſco de hum Navio, a qual cheia de agua ſe pendura no gancho do candieiro dos Pombos por humas prizões, que a ſegurão pelo gurupés, e pela poppa.

Os Cavalleiros tambem coſtumão formar-ſe em batalha defronte do candieiro, em que ſe pendura a barquinha na diſtancia que a praça o permitte.

Ao Guia da direita pertence a primeira carreira, o qual deverá diſpôr-ſe, e armar a lança pelo meſmo modo, por que ſe coſtuma armar para correr aos Pombos, e ao Eſtafermo, de ſorte que no tempo, em que a botana tocar a barquinha, deve ir o Cavalleiro já quaſi debaixo della, e então applicar-lhe a lança na quilha, e fugir para diante com rapidez, para que a agua, que ſe entorna della, o não molhe, e todos os mais Cavalleiros devem ſeguir a meſma ordem até paſſar a outras carreiras, e o Pagem de cada Cavalleiro coſtuma levar huma bilha pequena cheia de agua para reformar a barquinha todas as vezes que ella ſe entorna.

Em quanto os Cavalleiros correm qualquer deſtas carreiras, ſempre devem ſahir do primeiro lugar da direita, e os da eſquerda ir obliquando para lá, a fim de não ſe deſordenarem. Tambem em toda a ſorte de carreiras devem fazer galopar, e correr os ſeus Cavallos unidos para a direita. Nas carreiras, em que houverem de manejar lanças, para as armar, e pôr em riſtre, devem formar logo que ſahem do eſquadrão junto á linha da vanguarda, em que eſtão poſtados, hum circulo pequeno de duas, ou de quatro piſtas, conforme o conhecimento que o Cavallo tem do manejo, para o Cavalleiro ter tempo de armar a lança, como tenho ponderado. Não trato de outros divertimentos de que tenho viſto uſar, por não terem a polidez que tem eſtes, de que faço menção, nem ſervirem para deſembaraçar os Cavalleiros, como ſervem os de que tenho tratado, e o ſeguinte, &c.

## ESTAMPA XCII.

*De varios Cavalleiros, correndo as Cabeças.*

O Exercicio de correr cabeças tão praticado na Alemanha, e outros Paizes, em que ha frequentes guerras, ſerve para adeſtrar os Cavalleiros no jogo, e uſo das armas de arremeço, no da eſpada, e no de fazer com certeza as pontarias da piſtola, &c. e ſe os Cavallos, em que ſe faz eſte exercicio, são de manejo, he eſte hum dos divertimentos bem viſtoſos, que ſe podem fazer na Arte da Cavallaria.

No caſtello Letra A, Eſt. XCII., Fig. 1., devem os Cavalleiros formar-ſe em hum eſquadrão; e o guia, que occupa o primeiro lugar da eſquerda, deve dar principio ao feſtejo, paſſando deſta para a Fig. 2., entrando nella pelo N. 1., e da mão do Pagem B deve receber o dardo, o qual ſe coſtuma entalar entre a perna eſquerda, e o arção da ſella, ficando-lhe o Farpão voltado para baixo, recebendo apôs iſſo do meſmo Pagem a lança de Argolinha, em quanto vai obrigando o Cavallo a que forme hum circulo com a garupa ao centro B, C, D; e ſahindo deſta circumferencia pelo N. 2. para as linhas N. 3., deve ter armado a lança de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, pegando-lhe pelo punho Letra E para lhe ficar a cuſpide Letra F para ſima, deſcançando a mão ſobre a golilha da ſella, junto da arçoeira do lado direito Letra F.

O ſegundo levantando o braço, e dobrando o ſangradouro, de ſorte que fazendo hum meio circulo venha a ficar a mão direita ſobre o cepilho na altura de meio palmo diſtante delle na linha horizontal do cotovelo Letra G.

O terceiro levantando o braço o mais que puder ſer, ficando o recontro do punho da lança bem perpendicular com o hombro direito Letra H.

O quarto abaixando a mão com o braço bem extendido para diante, como ſe apreſentão as mais lanças, mas ſem a tirar da linha perpendicular, de ſorte que eſta ſempre ſe maneja com a cuſpide para ſima.

O quinto enriſtrando a lança bem ſegura entre o braço direito, e o corpo com o cotovelo bem unido a elle para fazer a pontaria á argolinha Letra G, N. 18. com mais certeza.

Quando o Cavalleiro fizer ſahir o Cavallo (da Fig. 2. pelas linhas N. 2. para as linhas N. 3., que ficão rectas ao candieiro da argolinha) deve abaixar-lhe a mão, e a toda a brida fazello correr até paſſar o candieiro da argolinha; e ou a acerte, ou erre, logo que chegar ao N. 4., deve obrigar o Cavallo a que faça huma meia parada, para que modifique a velocidade do movimento, a fim de poder entrar na Fig. 3., N. 5., obrigando-o a que vá com a garupa ao centro por todo o circulo H, I, L, M.

Recommendo que deſta ſorte o fação andar pelos circulos para haver tempo de entregar a lança da argolinha ao Pagem I, que deve eſtar dentro da Fig. 3. para a receber, o qual a dá a quem a leve aos Cavalleiros, que eſtão poſtados na

Fig.

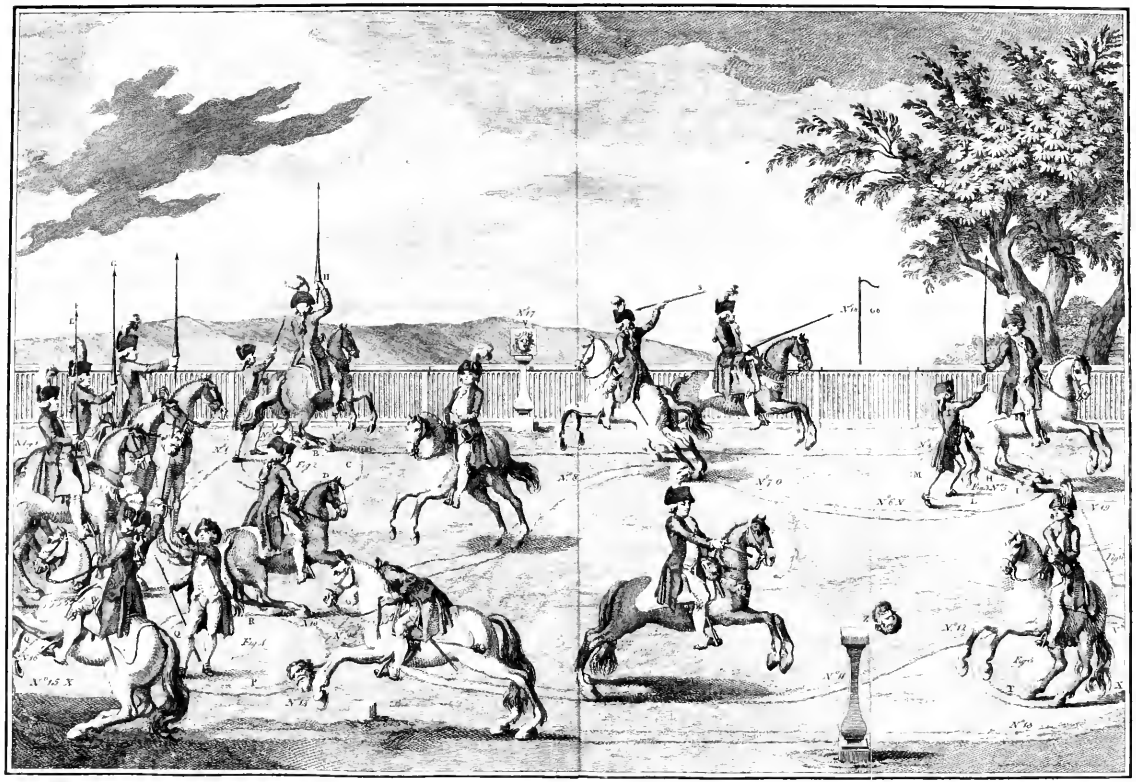


Fig. 2.; pois baſta haver meia duzia de lanças para ſe ſervirem todos os Cavalleiros, poſto que ſejão muitos; porque na praça, ſendo as cabeças ſingelas, apenas andão dez até onze Cavalleiros, e ſó na primeira carreira ſe uſa deſta lança.

Logo que ſe entrega a lança ao Pagem, deve armar-ſe o dardo de quatro tempos.

O primeiro ſe faz, pegando-lhe com deſembaraço pela parte de fóra do braço, e redea eſquerda, deſentalando-o de entre a perna, e o arção para fóra, porque não ſucceda com o farpão offender-ſe o Cavalleiro.

O ſegundo apreſentando o dardo com o recontro Letra S voltado para diante, ficando a mão de unhas aſſima na linha horizontal do hombro.

O terceiro armando o dardo com a mão de unhas aſſima, affaſtando-a para fóra do corpo quanto puder.

O quarto arremeçando-o á cabeça de Meduſa Letra V, N. 17.

O Cavalleiro em quanto marcha do N. 6., Letra N para o N. 7., Letra O, deve conſervar o Cavallo dobrado, e unido para a direita; e tanto que fizer o arremeção do dardo, deve-o fazer paſſar de mão, e ſeguir as linhas do N. 8., dobrando-o para a eſquerda até chegar ao N. 9., ſobre o qual o deve fazer paſſar de mão para a direita, e entrar na Fig. 4., Letra P, formando o circulo P, Q, R de quatro piſtas, de ſorte que chegando ao N. 10. ha de ter empunhado a piſtola de ſeis tempos.

O primeiro ſe faz, levando a mão direita por fóra das redeas, e braço eſquerdo para tirar a piſtola do coldre com facilidade.

O ſegundo apreſentando-a defronte do peito com a boca para fóra, e para ſima.

O terceiro ſegurando-a tambem com a mão eſquerda pouco aſſima dos fechos.

O quarto armando-lhe o cão, ou gatilho com o dedo pollegar da mão direita.

O quinto apontando-a á cabeça de Polyfemo N. 11., Letra Z.

O ſexto dar fogo, puchando o gatilho com o dedo index, e mettella de hum tempo no coldre.

Sobre o N. 11. ſe deve obrigar o Cavallo a que paſſe de mão, e ſe dobre para a eſquerda até chegar ao N. 12., ſobre o qual o devem obrigar a fazer paſſagem para a direita, formando tambem os circulos da Fig. 5. com a garupa ao centro até chegar outra vez por T, V, X ás linhas do N. 13., pelas quaes a toda a brida deve empunhar a eſpada para eſtoquiar a cabeça de Tifeu N. 14.

A eſpada deve empunhar-ſe de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, levando com deſembaraço a mão direita por fóra das redeas, e do braço eſquerdo, fechando a mão no punho.

O ſegundo tirando-a da bainha, e levantando-a com a ponta para ſima, e as guardas voltadas para a cara, trazendo logo a mão para baixo até á linha horizontal do cotovelo.

O terceiro voltando-lhe a ponta para baixo, inclinada para diante.

O quarto debruçando todo o tronco do corpo para o lado direito, a fim de chegar bem á cabeça N. 14.

O quinto he junto ao N. 15., Letra X, levantar o corpo, e braço para ſima, parando o Cavallo firme, e marchando de paſſo até ao N. 16. para entrar pela Letra Q na Fig. 1.

Se ſe erra a cabeça, mette-ſe logo a eſpadua na bainha; mas quando ſe acerta o golpe, levando a cabeça na ponta da eſpada, levanta-ſe o braço a toda a altura a que elle alcança até chegar ao Pagem N. 16., que deve pegar na cabeça para o Cavalleiro metter a eſpada na bainha, o qual vai occupar o primeiro lugar da direita, porque os Cavalleiros neſta eſcaramuça principião a ſahir da Fig. 1. para a Fig. 2. pelo lado eſquerdo Letra A.

As cabeças de Meduſa, e de Polyfemo devem ſer de páo, e a de Tifeu de papelão; advertindo que a cabeça de Meduſa deve ſer quadrada, e ao menos de dous palmos.

Fazendo-ſe eſta eſcaramuça ſingela, coſtumão eſtar os Cavalleiros todos formados em hum eſquadrão no primeiro caſtello Letra A, e podem andar na praça dez até onze Cavalleiros, iſto he, quando o primeiro ſahir da Fig. 3., o ſegundo entrará na Fig. 2., levando todos os mais a meſma diſtancia de huns aos outros, para não ſe encontrarem, e deſmancharem a boa ſymmetria, que devem obſervar para fazer a eſcaramuça viſtoſa, contrapoſta, e igual.

Quando fizerem andar o Cavallo com a garupa ao centro, em qualquer das figuras podem (ſe elle he de lição) chamallo ao terra á terra; mas quando ſahirem das figuras circulares, não deve ir com grande velocidade, para o poderem fazer endireitar bem ſobre as linhas, que vai ſeguindo; e poſto que na carreira N. 3., e N. 13. digo lhe abaixem a mão, quando ſe faz o tiro, ſeja da argolinha, ſeja do dardo, piſtola, ou qualquer outro, deve o galope já ſer mais moderado, não ſó para os Cavalleiros fazerem melhor as pontarias, mas para os Cavallos fazerem com mais facilidade as meias paradas, as paſſagens de mão, e as paradas firmes.

Tambem ſe faz eſta eſcaramuça dobrada, como diz Gaſpar Sonheé no ſeu Tratado da Cavallaria, a qual tem ſó a differença de ſe poſtarem os Cavalleiros em dous caſtellos hum defronte do outro, de ſorte que aſſim como ſendo ſingela ſe entra da Fig. 1. para a Fig. 2., por lhe ſer a mais contigua, ſendo a eſcaramuça dobrada o eſquadrão do caſtello N. 19., Fig. 6., entra pela Fig. 5., que fica mais proxima ao ſeu lado eſquerdo: logo os circulos, e o modo de cortar o terreno he ás avéſſas do da eſcaramuça ſingela do eſquadrão da Fig. 1.

Sendo a eſcaramuça dobrada, deve haver na praça outro candieiro de argolinha pouco adiante da cabeça de Tifeu N. 14.; huma cabeça de Meduſa junto á de Polyfemo N. 11., Letra Z; huma de Polyfemo perto do candieiro N. 18., Letra G; outra de Tifeu perto da cabeça de Meduſa N. 17., Letra V; advertindo que todas podem eſtar em diſtancias iguaes para fazer boa ſymmetria, como ſe moſtra na Eſt. XCII. Os Plintos devem todos ſer de hum feitio, poſto que o da cabeça de Meduſa coſtuma ſer alguma couſa mais alto, e o de Tifeu mais baixo.

# LIVRO X.

## ARGUMENTO.

*Trata-ſe das qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para a guerra: razão, por que devem ſeguir alguns ares, e trabalhos da Eſcola: inſtrucções, que devem ſaber os Picadores dos Regimentos para enſinar os ſoldados, e os Cavallos delles, ſegundo o Regulamento do Senhor Rei D. Joſé I.; e como devem ſer exercitados os Cavallos deſtinados para a caça, tanto de veação, como volatil, a fim de ſerem agradaveis, e cómmodos nos ſeus movimentos para os Cavalleiros.*

A VAIDADE, e a ambição com a devaſtadora mão da impiedade ſemeia, e ſempre ſemeou entre os mortaes a fatal diſcordia: tem ſido quem dá motivos ás crueis guerras, com que os homens tyrannamente ſe perſeguírão, e perſeguem huns aos outros em todas as idades. He a guerra huma cortadora eſpada com que o Supremo, e Increado Ente caſtiga muitas vezes a rebelde malignidade da eſpecie humana; e os homens com os pretextos honroſos de grandes Generaes, e grandes conquiſtadores são os Miniſtros deſtas infelices execuções. Elles nas horridas batalhas a ferro, e fogo ſe deſpedação huns aos outros com ira, e crueldade ſemelhante, e talvez igual áquella com que lá nas lugubres eſtancias ſe dislacerão as almas condemnadas.

Eſta infelicidade fez, e fará inveſtigar aos Principes guerreiros, e chefes dos exercitos differentes induſtrias, não ſó para ſe defenderem dos ſeus inimigos, mas para ſenhorearem os ſeus contrarios. E eſte he o motivo, por que os Perſas, os Gregos, e os Romanos annexárão ás evoluções, e enſaios da guerra a muito preciſa, e util Arte de montar a cavallo: e eſtabelecêrão Academias, que protegêrão grandemente, nas quaes ſe exercitaſſem os Cavalleiros, e aprendeſſem a ſubjugar, e dominar os Cavallos para ſerem promptos em todas as evoluções militares, &c.

Qua-

## *Qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para a guerra.*

NOs corpos de tropa de Cavallaria ſempre ſe buſcão os Cavallos para guerrear com as ſeguintes qualidades. Manſos, fieis, determinados, promptos, e nervoſos, com boa boca, com baſtante folgo, e com a cabeça ſegura, iſto he, com bom apoio á mão da redea.

Digo que devem ter boa boca, porque o canſaço, e a cólera, que elles adquirem nos combates, os faz entrar na mão, e pezar no freio com exceſſo.

Recommendo ſejão fortes; mas que a ſua força ſeja ligada, e igual por todas as partes do ſeu corpo, a fim de que não incommodem tanto o Cavalleiro com a ſeccura, e aſpereza dos ſeus movimentos.

Que ſejão ſenſiveis á eſpora, ſem a má tenção de deter-ſe a ella; que ſaibão rebater os movimentos das eſpaduas para ſima da garupa, ſahindo da mão, e ſendo firmes, e promptos em voltar, parar, recuar, e obliquar para hum, e outro lado.

Já mais devem os Cavallos deſtinados para a guerra ſer vicioſos, nem medroſos; porque ainda que tenhão boas qualidades, tendo eſtes defeitos, o marcial eſtrondo, os differentes objectos, que a cada paſſo novamente ſe encontrão, e a cólera a que os excita o eſtrepito das armas, podem augmentar o ſeu receio, e fomentar huma total defeza; e creio que ſerá couſa muito perigoſa ter o ſoldado o inimigo para combater, e o ſeu Cavallo rebellado para dominar.

O defeito de morder, e lançar-ſe aos outros he nos Cavallos da guerra mui perigoſo; porque como elles ſe enfurecem nos combates, não podem os ſoldados divertillos das ſuas más tenções.

## *Inſtrucções, que devem ſaber os Picadores dos Regimentos.*

LOgo que as Recrutas chegão ao Regimento, hum Official inferior a pé coſtuma enſinar cada ſoldado a perfilar-ſe direito, marchar, obliquar á direita, e á eſquerda, como tambem empunhar, e tirar a eſpada da bainha, manejar a clavina, carregar, e fazer fogo com ella, e com a piſtola, &c. depois entreſachando-os com ſoldados veteranos, os exercita bem a pé, porque iſto os deſembaraça muito para ſe enſinarem a montar a cavallo.

Enſinando-lhe hum Cabo de eſquadra tambem a ſellar, e armar o ſeu Cavallo, a primeira lição, que o Picador lhe deve dar, he fazer-lhe ver ſe os arreios, e armamentos eſtão bem poſtos, iſto he, ſe a ſella eſtá bem apertada, o freio, e o bridão em boa altura, a barbela apertada em boa proporção, ſegundo a maior, ou menor ſenſibilidade da bocca do Cavallo, da qual o Picador deve conhecer bem para inſtruir o ſoldado: o rabicho, e o peitoral deve antes ficar mais largo, do que apertado, como tambem enſinar-lhe a pôr os loros, ou os eſtribos no comprimento da perna do ſoldado, e a clavina bem preza no porte-clavina, que pende da fivela do peitoral, e da garupa que ſe afivela no grampo da ſella, e ſe ata no delgado da cronha, &c.

De-

Depois lhe enſinará a pegar com a mão direita juntamente no guarda-faceira, e na redea eſquerda, e com a mão eſquerda na redea direita, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XCIII., Letra A, B, deixando tão larga huma de outra redea, que ſe quizer deitar a direita por ſima da cabeça ſobre o peſcoço do Cavallo, não ſe lhe embarace pela ter curta, ou demaziadamente comprida.

O ſoldado deve poſtar-ſe direito junto á eſpadua eſquerda do Cavallo, e montar de ſinco tempos.

O primeiro he deitar com a mão eſquerda a redea direita por ſima da cabeça ſobre o peſcoço do Cavallo.

O ſegundo ſoltar a mão direita do guarda-faceira, e redea eſquerda, ajuntando as redeas ambas na mão eſquerda ſeparadas pelo dedo minimo, tomando entre os dedos della, e a palma huma boa porção de crina para ſe ſegurar melhor.

O terceiro he pegar com a mão direita no eſtribo eſquerdo, mettendo nelle bem o pé eſquerdo.

O quarto pegar com a mão direita na arçoeira eſquerda, e ſuſpender-ſe no eſtribo, ſubindo até igualar o pé direito com o eſquerdo.

O quinto levantar a perna direita, levando-a com deſembaraço por ſima da garupa do Cavallo até ſe metter na ſella.

Tambem o deve enſinar a deſmontar-ſe com os meſmos tempos até ficar em terra perfilado com a cabeça do Cavallo, ſegurando-o pelo guarda-faceira, e pelas redeas direita, e eſquerda, como já diſſe eſteja para montar.

Quando o ſoldado for bem inſtruido em fazer tudo iſto, o Picador o deve enſinar a aſſentar-ſe bem direito no meio da ſella, deixando cahir as pernas direitas pelo lugar das cilhas, brandamente firmes ſobre os eſtribos. Deve tambem dizer-lhe como ha de firmar os hombros para trás, deitar o peito para fóra, levantar a cabeça, e unir os braços ao corpo naturalmente pelas linhas perpendiculares dos hombros para ſe mover o corpo com facilidade, e poder o ſoldado olhar por entre as orelhas do Cavallo quinze, ou vinte paſſos de diſtancia pouco mais, ou menos para a frente, e da meſma ſorte quando volta para os lados, ainda que marche, ou volte, correndo a toda a brida.

Depois o deve enſinar a marchar, trotar, e galopar ſobre hum, e outro lado, como digo no Livro IV. ſe enſinem os principiantes, para ſaber uſar bem das redeas, e fazer voltar o Cavallo para hum, e outro lado, ſendo o corpo do ſoldado firme, e prompto em todos os movimentos que emprender, ſejão elles pertencentes ao ſeu corpo, ou ao manejo das armas, e direcção do Cavallo, como tambem á maior, ou menor velocidade de movimento, com que o pertenderem conduzir.

Eſtando o ſoldado bem certo em tudo iſto, o deve fazer ajuntar com outros; e com hum Baliza ao lado direito o enſinará a metter mão á eſpada, empunhando-a com a mão direita por fóra das redeas, e do braço eſquerdo, e tirando-a da bainha de tres tempos, conforme o Regulamento Folh. 9.

Quando o Commandante diz: *Eſquadrão*, *ou Companhia Sentido*, os ſoldados devem todos olhar para a direita, porque o Baliza faz os ſignaes do lado direito de tres tempos.

No

No primeiro levão os ſoldados a mão direita por fóra das redeas, e do braço eſquerdo a empunhar a eſpada, collando primeiro o fiador no pulſo.

No ſegundo tirão a eſpada da bainha velozmente, e a põe com as guardas tres, ou quatro pollegadas diſtante dos olhos.

No terceiro tempo o punho direito ſe abaixa até junto ao quadril tambem direito, ficando a ponta da eſpada tres pollegadas pouco mais, ou menos diſtante do hombro.

Para embainhar ſe diz: *Sentido, eſpada na bainha*, e o Baliza do lado direito faz os ſignaes de quatro tempos.

No primeiro ſe eleva a eſpada com rapidez direita com as guardas até defronte dos olhos.

No ſegundo ſe aponta na bainha, levando-a por fóra tambem das redeas, e do braço eſquerdo.

No terceiro ſe mette de repente na bainha.

No quarto os ſoldados voltão a cara á direita, batendo com a mão direita do arção da ſella para o lado da perna direita.

As redeas ſe igualão de tres tempos.

No primeiro a mão direita ſe ajunta á eſquerda.

No ſegundo ſe igualão as redeas, ficando a mão eſquerda no ſeu lugar; e ſubindo a direita, chega até ao botão do remate das redeas, para que puchando por elle, ellas ſe ajuſtem, e ſe igualem.

No terceiro ſe deixa cahir a mão direita ſobre o cepilho da ſella, olhando ſempre para o Baliza, iſto he, ajuſtão-ſe as redeas, pegando-lhes com os dedos indice, e pollegar da mão direita, puchando-as por entre os dedos da mão eſquerda parallelamente ao corpo até ficarem iguaes, e então ſe deixão cahir para a direita, batendo com a mão direita no cepilho, como eſtá recommendado.

Se o Commandante manda: *Prender Clavinas na bandoleira*, então ſe mettem as chaves das bandoleiras nas Clavinas; e para preparar as Clavinas, arma-ſe o cão com o dedo pollegar da mão direita: para apontar, levanta-ſe a Clavina com a mão direita, pegando-lhe com a eſquerda no cano, tendo o dedo minimo perto da mola; e ſem largar as redeas, ſe inclina o corpo alguma couſa para diante firme, e a bocca da Clavina pouco diſtante da orelha eſquerda do Cavallo.

Para fazer fogo une-ſe o couce da Clavina ao hombro direito, ſegurando-a com ambas as mãos, e com o dedo indice da direita ſe pucha o gatilho com força para immediatamente dar fogo.

*Pôr o cão no deſcanço* ſe executa, abaixando-o, e tambem ao meſmo tempo, o cotovello direito.

Péga-ſe no cartucho de dous tempos.

No primeiro leva-ſe com rapidez a mão direita á cartucheira, donde ſe tira hum cartucho.

No ſegundo ſe eleva a mão até ficar perto da cara junto da bocca: apôs iſſo morde-ſe o cartucho de dous tempos.

No primeiro leva-ſe o cartucho á boca, e morde-ſe na extremidade ſuperior.

No

No ſegundo raſga-ſe , e torna o ſoldado a pollo em igual diſtancia da ſua bocca.

Para eſcorvar dous tempos.

No primeiro volta-ſe para baixo a mão direita; e pondo o dedo pollegar no fuzil, ſe enche a caſuleta de polvora.

No ſegundo ſe põe o dedo minimo da mão direita atrás do fuzil , pondo o cartucho direito para ſima entre os dedos indice, maior, e pollegar.

Para fechar a caſuleta dous tempos.

No primeiro ſe fecha, puchando-a com rapidez, e o braço direito para o corpo, conſervando o cartucho direito, e firme.

No ſegundo ſe péga na Clavina com os dous dedos ultimos da mão direita atrás do cão.

Paſſar armas a carregar hum tempo. Paſsão-ſe as Clavinas ao lado eſquerdo, e no meſmo tempo ſe alarga a mão direita da Clavina , ficando com o cartucho tres pollegadas pouco mais, ou menos diſtante da bocca.

Para metter o cartucho dous tempos.

No primeiro volta-ſe a mão direita , e mette-ſe o cartucho na bocca da Clavina, ſacudindo-ſe toda a polvora delle dentro nella.

No ſegundo vai a mão direita á vareta , a qual ſe tira de hum tempo , arrimando o calcador por ſima do boldrié: depois ſe encurta a vareta, e ſe eleva á altura da bocca da Clavina; e mettendo-ſe a vareta nella com força, ſe calca o cartucho de hum tempo, levando-a até ao fundo do cano: depois ſe pucha para ſima com deſembaraço , e então arrumando a ponta ao boldrié , depois ſe encurta , e eleva á altura da bocca da Clavina, mettendo-a de hum tempo no ſeu lugar.

*Alta a Clavina.* Levanta-ſe eſta com a mão eſquerda até ficar diante do corpo com a vareta para fóra , e a mão direita no delgado da cronha ; e elevando o couce com a meſma mão ao lado da perna direita, ſe larga da mão eſquerda.

*Baixa a Clavina.* Deixa-ſe cahir para o lado direito pendurada na bandoleira com a bocca para baixo.

*Preparar a piſtola.* Péga-ſe-lhe com a mão direita por ſima, e por fóra das redeas, e da mão eſquerda, tira-ſe fóra do coldre; e pegando-lhe com a eſquerda junto aos fechos, levantando-lhe o cão com o dedo pollegar da mão direita, e elevando-a alta defronte do chapéo com a bocca para ſima , á voz do Commandante ſe dá fogo, puchando-lhe o gatilho, tendo a bocca mais inclinada ao chão, do que o couce: apôs iſſo ſe torna a elevar alta, e mette no coldre, tornando immediatamente a empunhar a eſpada, que eſtá pendurada no pulſo pelo fiador.

No Regulamento folh. 10. ſe vê que he preciſo ſaberem os ſoldados governar perfeitamente os Cavallos, e tellos adeſtrados em todos os movimentos neceſſarios ás evoluções militares; e iſto ſó ſe conſegue por meio de huma aſſidua explicação, ſe bem que hum ſoldado baſta que ſaiba quaes são os movimentos da mão da redea, do corpo, e das pernas, que obrigão o Cavallo a marchar, voltar, obliquar, e parar, como digo em outros lugares deſta Obra.

Atacando com a eſpada na mão , devem os ſoldados firmar-ſe bem ſobre os

eſtribos, fortalecendo o ſeu corpo no ponto de equilibrio, iſto he, bem no meio da ſella; e quando em alguma eſcaramuça, carreira, ou debandada ſeguir a outro, deve ſempre fazer diligencia porque o inimigo lhe fique á direita.

Ainda que he bom coſtumar os Cavallos a galopar unidos para a direita, he tambem util ſaberem os ſoldados obrigallos a paſſar de mão da direita para a eſquerda, e deſta para a direita, ſem que por iſſo percão o galope.

Querendo o Picador induſtriallos niſto com facilidade, os enſinará a formar dous circulos, hum ao pé do outro, fazendo-os paſſar muitas vezes do primeiro para o ſegundo; e no tempo, em que o Cavallo paſſar de hum para outro circulo, ſem que elle perca a ordem do movimento, o enſinaráõ a fazello paſſar de mão, deſdobrando-o da direita para a eſquerda com a redea eſquerda, e a perna direita: logo deſdobrando-o para a direita, devem fortalecer-lhe eſta redea, affroxar-lhe a eſquerda, e unir-lhe a perna deſta parte.

Devem tambem enſinallos a perfilar-ſe com o primeiro ſoldado que lhe fica do lado direito, olhando ſempre para a direita, em que eſtá o Baliza, quando ſe fórma em batalha; mas quando ſe faz quarto, ou meio quarto de converſão, deve-ſe olhar para o lado que ſe move.

Tambem o Picador deve enſinar o ſoldado a acutilar, e a eſtoquear hum Pilão, e da meſma ſorte a atirar-lhe com a Piſtola, e Clavina, pondo-as depois no ſeu lugar, ficando-lhe ſempre a eſpada pendurada no pulſo pelo fiador.

## *Os Picadores devem ſaber pôr em prática as ſeguintes evoluções para adeſtrar os ſoldados com propriedade para ellas.*

CAda Regimento ſe divide em quatro Eſquadrões, cada Eſquadrão tem duas companhias, as quaes para metter em batalha regularmente ſe formão a dous de fundo. Os melhores Cavallos, e ſoldados coſtumão pôr-ſe nas fileiras da vanguarda, e delles os melhores nos lados das fileiras.

Quando as eſquadras vão para as praças de armas particulares, devem os ſoldados dous a dous marchar em boa ordem formados em columna por duas diviſões; e paſſada a reviſta, ajuntão-ſe os Eſquadrões na Praça de Armas principal, e por ordem do Chefe, logo que o primeiro tira a eſpada da bainha, manda buſcar os Eſtandartes, e timbales, e toca o Trombeta.

Quando o Regimento eſtá na parada, e reviſta, coſtuma o Chefe eſtar na frente do primeiro Eſquadrão; e em outra qualquer manobra coſtuma ir para o lugar, em que lhe parece que he mais preciſa a ſua aſſiſtencia, e a do Sargento Mór, para ſe executarem as ordens com promptidão: e commummente coſtuma haver dez até doze palmos de intervallo entre cada Eſquadrão.

Os ſoldados devem eſtar bem direitos, e perfilados, com a cara voltada para a direita. Os Officiaes coſtumão poſtar-ſe dos lados para o centro em cada Eſquadrão, ſegundo as ſuas graduações, e antiguidades, ficando hum Alferes no centro ao pé do Eſtandarte, porque deſte modo póde o Regimento deſtroçar por Eſquadrões, meios, e por quartos de Eſquadrão.

Na

Na retaguarda de cada Eſquadrão coſtumão poſtar-ſe quatro Officiaes inferiores para fazerem obſervar as ordens na ultima fileira, e tambem fazer com que os ſoldados não fiquem para trás ; e para o meſmo fim coſtuma ficar na retaguarda hum Official ſubalterno.

Para fazerem ladear os Cavallos de paſſo, e trote para hum, e outro lado, devem os ſoldados obrigallos mais com a redea da parte para onde os fazem ir, e com a perna oppoſta, porque iſto ſerve para obliquamente avançar terreno para os lados.

Exercitão-ſe os Cavallos deſtinados para a guerra a ſaltar vallados, muros baixos, foſſos, e tranqueiras, como ao diante ſe dirá.

Tambem ſe enſinão os ſoldados a deſtroçar por Eſquadrões, meios, ou quartos de Eſquadrão, e por quartos de conversão. Quando o Eſquadrão, meio, ou quarto volta ſobre hum, e outro lado, o Commandante de cada hum he quem manda, ou faz executar a ordem.

O lado que volta deve mover-ſe com velocidade, diminuindo-ſe o movimento ſobre a frente, de ſorte que o ſoldado, que eſtá no centro, volte com pauſa, e ſe vá ſempre perfilando com os do lado que ſe move ; porque não ſó devem os ſoldados voltar a cara para o Baliza, ou lado que ſe move, mas conſervar em toda a fileira o mais perfeito alinhamento.

As meias conversões executão-ſe como os quartos ; e o lado, que ſe move quando volta, deſcreve hum meio circulo.

Marchando em frente, ou obliquamente, os ſoldados de cada Eſquadrão olhão para o ſeu Eſtandarte : nas conversões olhão para o lado que ſe move ; e marchando em frente ſem Eſtandarte, olhão para a direita.

Os ſoldados eſtando nas fileiras, não devem fazer movimento algum ſem ordem. Para o ſoldado ſaber atacar a toda a brida, ſem ſe deſunir, he neceſſario que ſeja exercitado ao principio com huma fileira de companhia, depois com huma fileira de Eſquadrão, e ultimamente com toda a primeira fileira do Regimento, e depois com toda a ſegunda.

Quando o Official, que manda a primeira fileira, diz a primeira vez *Marcha*, toda ella, alinhando-ſe, e olhando para a direita, deve marchar a paſſo; e dizendo ſegunda vez *Marcha*, a fileira deve toda marchar de trote ; e dizendo o Official terceira vez *Marcha*, logo toda a fileira deve marchar de galope, augmentando a marcha até que a toda a brida chegue ao inimigo, ſem perder a união, e alinhamento.

Os ſoldados, que eſtão montados em melhores Cavallos, não ſe devem adiantar aos mais, e tambem não ſe devem apertar huns aos outros, para que os Cavallos poſsão correr com mais deſembaraço ; e quando o Commandante diſſer *Alto*, devem todos parar, olhando alinhados para o Eſtandarte.

As meias conversões, e quartos de conversão, galopando, fazem-ſe com mais rapidez, do que quando as fazem de paſſo, e trote, diminuindo a velocidade por cada ſoldado até ao ultimo do outro lado que volta em peão ; e quanto maior for a frente que ſe mover, tanto maior deverá ſer, principalmente nos Officiaes, o cuidado com que ſe fizer a conversão.

A tropa de Cavallaria coſtuma alinhar-ſe para diante, porque os Cavallos ordinariamente não ſabem recuar, o que ſeria util em muitos caſos, pois muitas vezes he preciſo que as fileiras façáo quartos, e meias conversões por pequenas divisões, e pelotões; porém cada fileira deve ſer ſempre repartida em quatro divisões, ou em oito pelotões. Quando for preciſo ganhar terreno á direita, ou á eſquerda, o Official manda *A' direita*, ou *á eſquerda hum quarto marcha*: á primeira voz, ſe os Eſquadrões vão em marcha, fazem alto, e á ſegunda voz fazem hum quarto, ficando em columna ao lado.

Se for preciſo que o Regimento ſe retire, ou accommetta, e o terreno não tiver capacidade para ſe fazer a meia conversão com toda a frente, o Official manda Fileiras por *Pelotões á direita*, ou *A' eſquerda meia conversão*: feita a qual, o Regimento faz caras á retaguarda: o que ſe faz tambem chegando á frente do acampamento para ſe recolherem as Companhias ás ſuas ruas.

Os Eſquadrões devem ſaber buſcar os ſeus Eſtandartes, depois de ſe desbaratarem; porque ha caſos, em que ſe ſegue o inimigo com pequenos deſtacamentos que ſe debandão, e depois devem reunir-ſe nos Eſquadrões aos ſeus Eſtandartes.

Para ſe executar a debandada, manda o Commandante paſſar a mão direita no fiador, e tirar a Piſtola, de ſorte que fica a eſpada pendurada do pulſo, e a Piſtola na mão com a bocca para ſima, tres dedos pouco mais, ou menos diſtante do bico do chapéo; e debandando-ſe á direita, e á eſquerda, o eſpaço que o Chefe manda, em diſparando a Piſtola, pégão outra vez na eſpada. O Commandante fica com o Eſtandarte, e o trombeta ao pé, até que querendo elle reunir o Eſquadrão, mandando tocar a chamada, á qual acudindo os ſoldados, devem ſaber formar-ſe junto ao Porta Eſtandarte, e trombeta com brevidade.

Devem os ſoldados tambem ſaber carregar, e eſcorvar a Clavina, eſtando montados, e os Cavallos devem ſer coſtumados a inveſtir contra o fogo: o que ſe conſegue, fazendo humas fileiras fogo contra outras, paſſando depois os ſoldados huns por junto dos outros, &c. e o Picador deve ſó exercitar os ſoldados duas horas por dia, apromptando-os para todas as evoluções, que ficão notadas, ſegundo o Regulamento folh. 25.

## *Para apear, formar a pé, e montar outra vez a cavallo.*

JA' ſe ſabe que quando o Commandante diz *Sentido*, voltão os ſoldados apreſſadamente as caras á direita; e quando manda *Preparar para apear*, todas as fileiras iguaes ſe movem para diante ſinco, ou ſeis paſſos para perfilar. Depois pega-ſe na Clavina atrás dos fechos, faz-ſe cahir ſobre a mão eſquerda, ajuſtão-ſe as molas ás argolas, e põe-ſe alta a Clavina: apôs iſſo levanta-ſe a Clavina com a mão direita, parallela ao corpo, com os fechos virados para fóra até chegarem á altura dos olhos, leva-ſe por ſima do hombro direito, e deixa-ſe cahir para trás das coſtas.

*Pé em terra*: tira-ſe o pé do eſtribo direito, ajuſtando ao meſmo tempo as re-

redeas, levantando a perna direita para ſima da garupa do Cavallo, detendo-ſe ſobre o eſtribo eſquerdo, até que o Baliza do lado direito faça o ſinal para ſe apearem todos juntamente de hum tempo: ao meſmo em que ſe deſmontão, a mão eſquerda traz as redeas por ſima da cabeça dos Cavallos; e logo que o pé direito ſe firma na terra, ſe faz hum paſſo largo com o pé eſquerdo, voltando-ſe á eſquerda; e ao tempo que ſe faz o paſſo, ſe ſegura na redea eſquerda, e no guarda-faceira com a mão direita, e a eſquerda fica ſegurando a redea eſquerda, como ſe moſtra na Fig. 1., Eſt. XCIII.

Para os ſoldados ſe poderem apear com mais facilidade, deſigualão-ſe as fileiras, adiantando-ſe mais hum ſim, e outro não; e depois de tornarem a montar os da retaguarda, entrão nos ſeus lugares da vanguarda apreſſadamente.

Para encadearem os Cavallos, fazem os ſoldados meia volta á direita, e atão os Cavallos huns aos outros. Ha diverſos modos de os atar, os melhores ſão dous.

O primeiro he, ſe trazem cabeçada ſimples por baixo da cabeçada do freio Fig. 1. Eſt. XCIII., haver huma argola Letra F, e nella huma correa forte bem cozida com ſua fivela de ferro, e paſſador Letra G, que ſe afivele na argola da cabeçada do Cavallo, que lhe fica á eſquerda, e aſſim os mais.

O ſegundo he trazer na cabeçada ſimples huma pequena cadeia, que vai tambem prender na cabeçada ſimples, paſſada pela meſma argola F, junto da qual ha na cabeçada huma pequena fivela com ſua ponta, e paſſador, em que ſe afivela, mettendo-a pelo primeiro annel da cadeia, eſta he mais forte, mas cuſta mais a prender. Tambem ſe atão huns aos outros, paſſando-lhes as redeas do freio por baixo da cabeça perto da bocca: niſto ha o inconveniente de ſe poderem quebrar as redeas, e ficarem os ſoldados ſem ter por onde governar os Cavallos. Quando os prendem, ſeja de huma, ou de outra ſorte, em eſtando prezos os Cavallos, devem os ſoldados todos tomar hum paſſo para trás; e depois olhando para o Baliza, fazer meia volta á direita, perfilando-ſe, e deixando cahir as Clavinas.

Marchando cada Eſquadrão por ſi á frente, a vanguarda marcha de vagar, e a retaguarda de cada Eſquadrão faz cara do ſeu centro para os lados, e andão depreſſa pelas filas, e pelos lados das fileiras dos Cavallos da vanguarda: razões, por que he preciſo as fileiras eſtarem bem perfiladas.

Para formar os Eſquadrões em batalha, marchão com paſſo obliquo ao centro; e logo que ſe achão bem unidos, e perfilados, devem ter hum intervallo de hum grande paſſo de hum ao outro pelotão, e de ſeis paſſos no centro para os Eſtandartes.

Quando os Eſtandartes, e Officiaes vão aos ſeus lugares, huns fazem quarto á direita, outros o fazem á eſquerda para o centro, e marchão á frente dos ſeus poſtos no batalhão.

Acabado o exercicio, os Officiaes fazem, huns quarto á direita, outros á eſquerda, conforme os ſeus poſtos, e marchão para a frente dos ſeus Eſquadrões; e fazendo meia volta, marchão em paſſo obliquo até chegar á vanguarda.

A retaguarda de cada Eſquadrão pelo ſinal do Baliza marcha depreſſa em fi-

filas pelos lados dos Cavallos da vanguarda dos Eſquadrões até ſe acharem hum paſſo diſtantes das frentes dos ſeus Cavallos, e então ſe ajuſtão as molas ás Clavinas, elevando-as para ſima do hombro, como para apear: apôs iſſo, deſatão-ſe os Cavallos, pégão os ſoldados com a mão direita no guarda-faceira, e redea eſquerda; e voltando para eſta parte, marchão as fileiras ſeis paſſos iguaes para a vanguarda até perfilar.

Para dobrar as fileiras, e preparar para montar, ſe faz hum paſſo com o pé direito para trás, deitando ao meſmo tempo com a mão eſquerda as redeas por ſima das cabeças dos Cavallos ſobre o peſcoço delles; e ſoltando a mão direita do guarda-faceira, ſe ajuſtão as redeas, pegando na crina; e mettendo o pé eſquerdo no eſtribo, montão a cavallo, como já diſſe.

O capote prezo ſobre o cepilho da ſella embaraça muito aos ſoldados o poderem com as redeas do freio governar bem os Cavallos, e por iſſo he melhor andar elle á garupa.

Os ſellins para os Cavallos deſte Paiz ſão máos, porque ſão mais vivos, e ſenſiveis, do que os Cavallos de Inglaterra, Hollanda, e outros Paizes, e por iſſo he melhor uſar de boas ſellas, porque dão bom commodo aos ſoldados, e podem governar melhor os Cavallos.

As patronas, que os Officiaes, e ſoldados trazem penduradas por grandes correas, que lhes chegão quaſi aos pés, ſervem-lhes mais de embaraço, que de utilidade; pois para guardar ordens, ſeria melhor que as referidas patronas andaſſem prezas para o lado eſquerdo, como anda a cartucheira para o direito.

As eſpadas não devem ſer demaziadamente pezadas, para os ſoldados poderem uſar dellas com mais utilidade, e deſembaraço.

As cilhas meſtras por ſima do coxim, e entre as pernas, magoão nas cochas, e joelhos aos ſoldados, apertão mal a ſella, e ſervem de embaraço aos eſtribos.

Nos freios não deve a tropa ter uniforme, antes ſim devem uſar nos Cavallos de boccados, caimbas, e barbelas, que tenhão propriedade no feitio, e circumſtancias com as ſuas difficuldades; mas todas as mais couſas dos Regimentos devem ſer uniformes: he bom trazer bridão, para que no caſo de ſe quebrar, ou cortar as redeas do freio, poderem recorrer a elle.

Os Cavallos para as tropas devem ſer bem examinados por bons Alveitares para não ſe introduzirem nos Regimentos moleſtias contagioſas. Tambem os Picadores devem examinar bem ſe elles tem as circumſtancias que digo precisão ter os Cavallos deſtinados para a guerra.

As Nações mais illuminadas tem Picadores nos Regimentos para inſtruir a tropa de Cavallaria; e como objecto principal daquelle corpo, os Chefes não propunhão para Officiaes aquelles, que não moſtravão certidão jurada pelo Picador, de que eſtavão promptos.

Na França, e Alemanha os Picadores dos Regimentos vencião, e vencem ſerviços com a praça de ſegundos Tenentes da Companhia do Coronel, e acceſſo aos poſtos do Regimento no fim de dez annos de ſerviço.

Os Picadores dos Regimentos devem aſſiſtir aos exercicios, obſervando ſe os ſol-

ſoldados fazem mover bem os Cavallos ; e no caſo de errarem as manobras , ſeja por não ſaberem governar os Cavallos, ou por eſtes ſe não quererem ſujeitar, ſeria bom que o Sargento Mór os remetteſſe ao Picador, para que no Picadeiro , e nas Praças de Armas particulares os advirta, e igualmente faça trabalhar os Cavallos, de ſorte que ſirvão bem nos Eſquadrões.

Tambem deve explicar aos ſoldados a formalidade de todas as referidas evoluções , e cingir-ſe a ellas , de ſorte que em todas as lições que lhes der, os vá diſpondo bem para fazerem de todas hum bom uſo.

## *Modo , por que devem ſer trabalhados os Cavallos deſtinados para a guerra.*

AS primeiras lições, que digo ſe devem dar ao Cavallo de o fazer andar de paſſo, trote, e galope ſobre linhas rectas, e ſobre os circulos de duas piſtas, inventados por Pignateli, e La Brow , tirando-lhe a redea de dentro, e encoſtando-lhe o Cavalleiro ao meſmo tempo a perna de dentro , o rendem muito deſembaraçado das eſpaduas, e facil em voltar.

Quando he duro do peſcoço, e eſpaduas, iſto he, quando não volta com facilidade, neſte caſo he bom ſeparar as redeas do freio, tendo huma em cada mão; com a direita de unhas aſſima , e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda , ſe obriga o Cavallo com a redea , e caimba direita a voltar para eſta parte: logo que a redea o obriga, a perna direita deve tambem ajudallo atrás das cilhas, para que volte com mais facilidade. Da meſma ſorte ſe obriga para lhe trabalhar as eſpaduas , e fazello facil em voltar para a mão eſquerda , tendo eſta de unhas aſſima, e encoſtando-lhe a perna eſquerda. Iſto ſuppoſto, a redea direita , e a perna direita obrigão o Cavallo a voltar com facilidade para eſta mão ; e a redea eſquerda , e a perna eſquerda igualmente lhe trabalhão as eſpaduas , e obrigão a voltar para a eſquerda.

Se o ſoldado encruza o Cavallo entre as ſenſações da redea direita , e da perna eſquerda , elle lhe trabalha a meia garupa eſquerda mais, do que a direita. Pelos meſmos motivos, encruzando-o entre a redea eſquerda, e a perna direita, ſe lhe trabalha mais a meia garupa direita , aſſim obliquando para diante , como ladeando de chapa.

Quando ſe obriga com a redea, e eſpora de dentro a ir ſobre a volta, a perna de dentro entra para baixo do corpo , e vai ſeguindo a linha da mão de fóra; e eſta, e a perna de dentro, porque entrão mais para o ponto de gravidade, he que ſupportão mais o pezo do corpo. Logo quando o encruzão entre a redea de dentro , e a perna de fóra , ſeja vencendo terreno obliquamente para diante , ou de chapa, ladeando para os lados a perna de fóra, e a mão de dentro, he que entrão para o ponto de gravidade, e por conſequencia ſupportão mais o pezo do corpo.

A lição da cara contra a muralha affirma Newcaſtle Livro IV. , Cap. IV. he excellente para metter , ou pôr os Cavallos ſobre a garupa , e por conſequencia fazellos ligeiros, e faceis na mão, ſendo elles naturalmente ſenſiveis.

Se

Se os Cavallos ſe levantão, ou ſe empinão para fugir da ſujeição de obliquar, os ſoldados os devem reduzir por meio da lição dos circulos, porque ella os põem ſobre as eſpaduas, e he por conſequencia contraria aos ſeus vicios; e ſe neſtes caſos duvidão voltar, não he máo reduzillos, atando-lhe huma redea do cabeção á argola das garupas (Letra N, Eſt. IX., Fig. 17.) de ſorte curta, que o obrigue a voltar em roda, fazendo-lhe iſto com moderação; mas tantas vezes ſobre hum, e outro lado, que elle volte facilmente, montando-o depois para o confirmar na obediencia.

Se o Cavallo ſe levantar por ſer muito ſenſivel dos aſſentos da bocca, e da barbada, a embocadura do freio com que o trabalharem, deve ſer de cubos lizos, groſſos, e unidos hum ao outro por hum annel tão largo, que ſe poſſa mover a embocadura no meio, e nos varões do arco, por que ſe une a caimba á banqueta do guarda-faceira, ſendo a referida caimba de a firmar, e os éſſes da barbella groſſos, e lizos.

Podem tambem neſte caſo trabalhallo com falſas redeas (como fica dito) para lhe dar governo, e apoio, ſem o Meſtre da Picaria eſperar que os ſoldados com eſte recurſo engroſſem as boccas aos Cavallos, e os façáo rudes á mão; e ainda que Newcaſtle no Livro IV., Cap. VIII. diz que as falſas redeas aſſim poſtas são á má moda, com tudo tira-ſe dellas a utilidade de ſe ir dando aſſim apoio, e governo áquelles Cavallos, que são muito ſenſiveis dos aſſentos da bocca, e da barbada.

Os que tem a bocca ſenſivel, commummente coſtumão ter as queixadas eſcarnadas, o pello, e a pelle delgada ſobre o focinho, e ſobre os queixos, os aſſentos, e os beiços junto aos colmilhos, delgados, e eſcarnados, o beiço debaixo delgado, e bem unido aos dentes, a bocca nem muito raſgada, nem muito curta, e o movimento das eſpaduas deſembaraçado, e livre.

Os que tem a cabeça carnoſa, a pelle groſſa, o pello denſo, groſſo, e comprido, os queixos, lingua, e beiços groſſos, os colmilhos bem rodeados de carne, a bocca ou muito grande, ou demaziadamente pequena, o lugar da barbella groſſo, curto, e carnoſo, o beiço debaixo deſunido dos dentes, as eſpaduas carnoſas, os braços mal formados, e os movimentos froxos, não ſervem bem para a guerra, porque são rudes, e pouco ſenſiveis.

Se o Cavallo tiver boas qualidades, uſar pouco da garupa, ſendo della bem formado, e forte para ſer mais ligeiro na mão, o Picador o deve fazer tirar atrás, e ajudar com huma vara ſobre as ancas, ſem o deter quando o recuão, para o fazer dellas mais agil, e deſembaraçado.

He bem verdade que tambem ha muitos, que tendo a cabeça, o peſcoço, e eſpaduas bem formadas, tem a bocca groſſa, e são pouco ſenſiveis: logo para terem mais preſtimo, devem ſer bem unidos ſobre a garupa; e pelo contrario ha outros com máos movimentos de eſpaduas, e mal formados dellas, e da cabeça, que tem promptidão, e agilidade grande, e deſtes ſe conſegue melhor do que daquelles o ſervirem bem para a guerra, e para o uſo ordinario, ſendo bem deſembaraçados, e poſtos ſobre a garupa.

A boa mão do Cavalleiro, que trabalha Cavallos para a guerra, deve ter as qualidades de os fazer obedientes, augmentando-lhes a ſenſibilidade, de ſorte que os conſerve ſempre firmes no tacto da embocadura, promptos a obedecer ao mais leve movimento das redeas, e eſporas, ſahindo para diante com velocidade, obliquando para a direita, e para a eſquerda, parando, e voltando facilmente ſobre hum, e outro lado, rebatendo ſem dúvida os movimentos das eſpaduas para ſima das ancas.

O muito uſo de trabalhar entre os Pilões põe os Cavallos muito ſobre a garupa; mas faz-lhes adquirir grande reſpeito ao cabeção: por iſſo os deſtinados para a guerra, em quanto não entrão na mão, voltando com facilidade, não devem ſer trabalhados entre os páos.

As voltas, as meias paradas, e as paſſagens de mão os deſembaração, e facilitão muito para voltar, ſahir da mão, e parar com facilidade, &c. e ſó quando os Cavallos são promptos, podem os ſoldados ganhar facilmente o terreno ao ſeu contrario, perſeguillo, e livrar-ſe dos muitos perigos, que em ſemelhantes caſos ſucceſſivamente ſe encontrão.

Os movimentos da mão da redea enſinão, e obrigão o Cavallo a ſujeitar-ſe a tudo quanto o Cavalleiro quer. Tem elle quatro movimentos eſſenciaes, que são ir para diante, andar para trás, ladear para a direita, e para a eſquerda. Tem a mão da redea quatro movimentos eſſenciaes, que todos os ſoldados devem ſaber pôr bem em prática, os quaes são render a mão, ſuſtella, levalla para a direita, e trazella para a eſquerda.

Render a mão, he abaixalla de unhas abaixo, avançando-a para diante. Suſter a mão, he tella o ſoldado para ſi de unhas aſſima firme. Levalla para a direita, he com as unhas voltadas para ſi levalla da cernelha do peſcoço alguma couſa para a direita. Trazella para a eſquerda, he pelo meſmo modo levalla alguma couſa da cernelha para a eſquerda.

Quando ſe rende o freio, abaixa-ſe a mão da redea, e o Cavallo tem liberdade de ſahir para diante; por conſequencia quando ſe ſuſtem a mão, o Cavallo pára, ou diminue a velocidade do ſeu movimento. Quando ſe leva a mão da redea direita para eſta parte (ſe o Cavallo obedece a ambas as redeas) volta para a direita; e quando ſe leva a mão para a eſquerda de unhas aſſima, elle volta para a eſquerda.

Os Cavallos proprios para a guerra devem obedecer a huma, e a outra redea; e ſendo ellas ambas na mão eſquerda, elles devem aſſim marchar, trotar, e galopar ſobre huma, e outra parte ſem dúvida, ſahindo da mão, parando, voltando, e obliquando para hum, e outro lado, ſujeitos, e promptos ſempre ao mais leve movimento das redeas, e das pernas dos ſoldados.

Recommendo que ſaibão conhecer a perna para eſtarem promptos a unir, e abrir fileiras, preencher unidos os quartos de converſão, atacar o ſoldado o ſeu adverſario, e retirar-ſe delle com velocidade, ou para ſe deſviar de algum perigo, que por diante por hum, ou outro lado ſe apreſente ao ſeu Cavallo; e he ſem dúvida que tudo iſto ſerve para os ſoldados ſe defenderem dos ſeus offenſores, e offenderem os ſeus inimigos mais a ſeu ſalvo.

Tambem devem ſer muito promptos em ſalvar os poſſiveis vallados, foſſos, e tranqueiras, que frequentemente ſe encontrão na campanha, porque iſto por vezes tem ſalvado a vida a muitos Cavalleiros, e alcançado o fazer o ſeu nome immortal á poſteridade.

### *Diſpoſições para os Cavallos ſaltarem vallados, foſſos, e tranqueiras.*

DOus homens tomaráõ huma vara de madeira de doze até quatorze palmos não delgada, e cada hum por ſua ponta a ſeguraráõ atraveſſada adiante do Cavallo naquella altura que lhe parecer que elle a póde ſalvar. Então o Soldado bem unido de toda a ſua figura, chamará o Cavallo com as redeas, com as pernas, e com a voz, como ſe o quizeſſe obrigar a fazer a curveta; e logo que elle ſe levantar, o ſoldado deve render-lhe a mão, e chegar-lhe as pernas mais ao ventre, para que no tempo, em que vem deſcendo para baixo, alcance, e vença a traveſſa, que tem diante de ſi, deitando as mãos no tempo das eſpaduas para a outra banda; e no ſegundo tempo da garupa deve paſſar as pernas muito manſamente, e acabar de ſalvar por ſima da traveſſa para a outra banda.

A' proporção do que o Cavallo ſe for levantando no ſeu ſalto, lhe irão levantando a traveſſa, coſtumando-o aſſim a que ſe levante, e ſalve por ſima della. Os Inglezes, os Polacos, e outras Nações coſtumão os Cavallos das ſuas tropas a ſaltar deſta maneira, como ſe moſtra na ſeguinte Fig. 3.

## ESTAMPA XCIII.

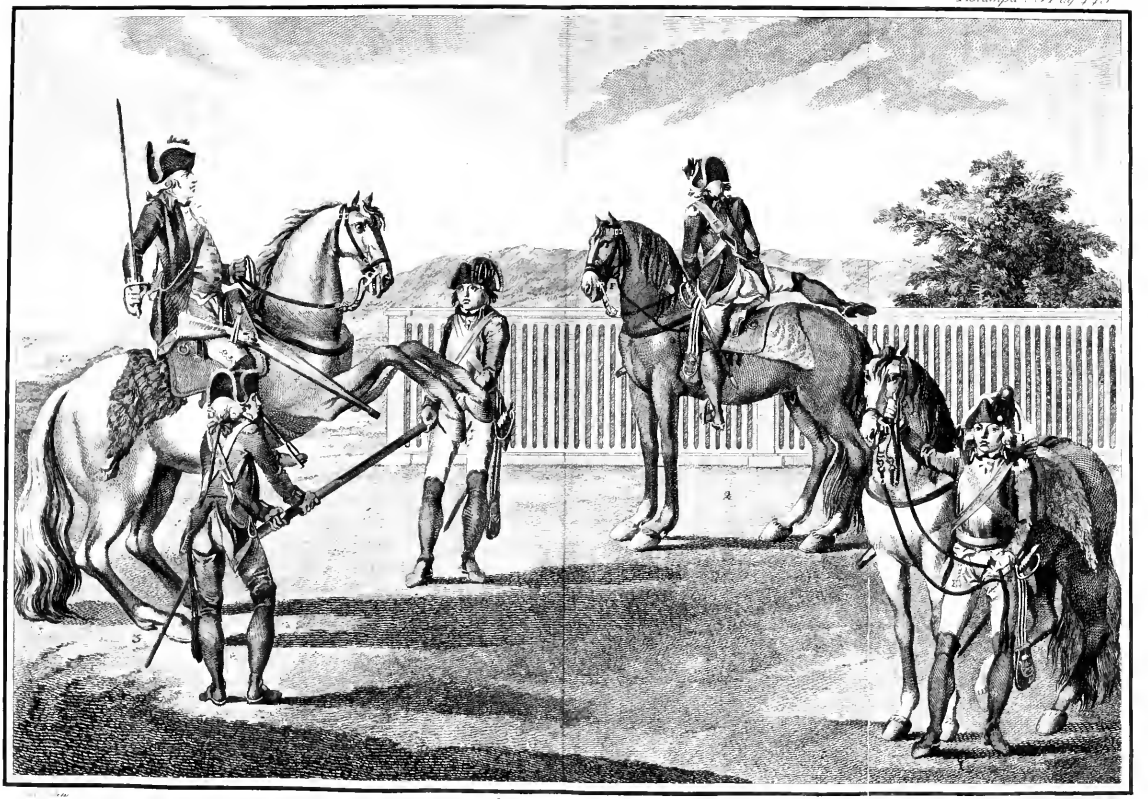
### *Hum ſoldado a pé junto ao Cavallo, outro montando, e outro ſaltando a tranqueira.*

DEpois de o diſporem como tenho dito, o devem fazer paſſear na frente de algum corpo de tropa, quando ſe fizer exercicio, para o coſtumarem ao movimento, e rumor das armas, iſto he, ao eſtrepito da artilheria, e moſquetaria, a ver tremular eſtandartes, e bandeiras, ao eſtrondo dos tambores, timbales, trombetas, clarins, e mais inſtrumentos béllicos; e apôs iſſo no campo com as redeas do freio iguaes, o devem inſtruir em paſſear, galopar, e paſſar de mão para huma, e outra parte, dando-lhe alguns pequenos repellões, fazendo-lhe amiudadas vezes meias voltas, e meias paradas para huma, e outra parte, porque iſto o rende obediente, e flexivel ao mais leve movimento da mão, e pernas do ſoldado.

La Brow affirma que o meio mais facil de coſtumar os Cavallos aos tambores, armas, e fogo, he o de lhes fazer ouvir o ſeu eſtrondo, quando ſe lhes dá a ração, porque eſte coſtume lhes faz perder o horror que antes concebião, ſeja por humas, ou por outras cauſas, ſem já mais ſer preciſo cançarem-ſe os Picadores em buſcar outras induſtrias para lhes vencer eſtas difficuldades.

Não obſtante haver eu dito que dos animaes o mais nobre, animoſo, e de

mais



mais preſtimo para os homens ſe ſervirem na campanha, he o Cavallo, com tudo, como não ha regra ſem excepção, ha tambem alguns tão medroſos, que em ouvindo, ou vendo aquelles objectos, que motivão o ſeu temor, perdem de todo o acordo; e por terem hum genio covarde, tremem de medo em ouvindo o marcial eſtrondo; e ainda que tenhão os aſſentos ſenſiveis, e boa bocca, perdem a ſenſibilidade, e ſe abandonão inſenſiveis ſobre o freio, fugindo ſem tino daquelles objectos, cauſa do ſeu pavor, commettendo humas vezes huma precipitada fuga, defendendo-ſe outras deſordenada, e vigoroſamente, cegos do ſeu receio: finalmente outros ficão immoveis, fictão as orelhas para diante, e revolvem com violencia os olhos allucinados do ſeu medo; e huns, e outros, ainda que tenhão entre os dentes algum feno, ou herva, aſſuſtão-ſe de ſorte que não a acabão de comer.

Eſtas qualidades de Cavallos não ſervem bem para a guerra; e ainda para o ordinario uſo, e ſerviço na paz, he preciſo trazellos ſempre em exercicio, porque o deſcanço, e o deſcoſtume de ſahirem fóra, muitas vezes os deixa tornar ás ſuas naturaes inclinações.

Tambem entre os Pilões ſe lhes podem fazer ſentir, e ver todos os objectos, e rumores, que elles temem, affagando-os muito. Iſto digo, porque ainda que ſe aſſuſtem, eſtando bem prezos, não ſe lhes ſeguirá entre os páos damno algum, nem offenderáõ os moços, ou peſſoas, que eſtiverem ao pé delles.

Os Cavallos timidos, e faltos de eſpirito ordinariamente são fracos, ou padecem moleſtias na viſta, e mais partes do corpo, por conſequencia os ſeus defeitos naturaes he quem lhes difficulta o ſujeitarem-ſe a ſoffrer animoſos aquelles objectos, que motivão o ſeu receio.

Não ſuccede iſto facilmente áquelles, que são vigoroſos, e tem boa ſaude, e boa viſta, de ſorte que os malviſtos, covardes, e fracos não são bons para a guerra, nem ainda ſendo creados em boa eſcola; porque a Arte aperfeiçoando-os nos ſeus movimentos, e no conhecimento da direcção, que devem ſeguir, não póde, ſe elles tem pouca viſta, fazellos ver perfeitamente bem, ou ſupprir-lhes outros ſemelhantes defeitos da natureza.

Nos limites de hum Picadeiro ſe devem dar as primeiras diſpoſições a toda a ſorte de Cavallos; e os deſtinados para as tropas, logo que tiverem obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro, devem fazellos trabalhar no campo, obrigando-os a que andem pelas eſtradas, e caminhos pouco trilhados, por ladeiras, por ſima de pontes de madeira, regatos de agua, matos, e toda a ſorte de caminhos, para em concluſão não temerem couſa alguma.

Não ſe devem caſtigar com a vara os Cavallos, que ſervem para a guerra, para que elles não temão os movimentos do braço direito do ſoldado, ou mão da eſpada: devem-ſe tambem montar, levando o Cavalleiro a eſpada á cinta, para que o Cavallo na acção de ſervir não eſtranhe os toques da eſpada na barriga. Tambem os devem coſtumar aos movimentos, que faz o ſoldado, quando tira pela eſpada, clavina, e piſtolas, a fim de que ſoffrão animoſos todos os objectos, que na campanha ſe podem encontrar, iſto he, ſem temerem aquelles movimentos que faz o Cavalleiro, nem os que fazem os corpos de tropa, não ſe aſſuſtando

em conclusão por couſa alguma, pois que ſó deſte modo he que podem ſervir bem neſte exercicio.

Todas eſtas advertencias que tenho feito de apromptar, facilitar, e diſpôr os Cavallos deſtinados para a guerra, são recommendaveis; e os Cavalleiros, que as ſeguirem, acharáõ os ſeus Cavallos com facilidade capazes de ſe ſervirem delles na campanha, livrando-ſe melhor dos continuos perigos, que em ſemelhantes caſos a cada paſſo ſe encontrão. Iſto ſuppoſto, eu paſſo a moſtrar como ſe devem enſinar os Cavallos deſtinados para a caça.

He o divertimento da caça commummente hum dos recreios o mais proprio, e ordinario a todos os Soberanos, Principes, e Cavalleiros: nelle ſe encontrão ſuas ſemelhanças da guerra pela fadiga, e canſaços com que ſe pratíca eſte laborioſo exercicio, e por alguns perigos que nelle tambem ſe encontrão, ſe bem que a maior parte delles tem origem na má eſcolha que ſe faz dos Cavallos, ou na má educação com que os crião.

## *Conſtrucção, e coſtumes, que devem ter os Cavallos corredores, que ſervem para a caça.*

DEve elle não ſer muito curto, nem muito comprido do eſpinhaço, deve ter boa bocca, ſer fiel, prompto, e ſenſivel, principalmente á eſpora, e falla: deve ter o peſcoço bem formado, as eſpaduas livres, e pouco carnoſas nas pontas da frente Eſt. III., N. 27., o peito largo, as mãos, e pés direitos, e nervoſos, as quartelas curtas com proporção, os jarretes bem formados, e ultimamente deve ſer ligeiro na mão, e nos ſeus movimentos, ſeguro, prompto, forte, e ſenſivel. Ora quando elle he dotado deſtas qualidades, tem bom folgo; e pelo contrario o que he muito eſtofado do eſpinhaço, ou muito ſellado, e demaziadamente curto, não tem a agilidade preciſa aos bons corredores.

Tambem não são bons para correr á caça (como diz Pignateli) aquelles, a quem hum temor natural embaraça o correr depreſſa, por terem medo de arriſcar as ſuas forças, correndo eſtes, e os que tem alguma natural imperfeição, os que são pezados, e preguiçoſos de ſua natureza; e aquelles, que ſe deſgoſtão por haverem ſido caſtigados com exceſſo na carreira até lhes faltar o folgo, tambem ſe rendem vicioſos, e rebeldes facilmente; e os que tem muito rim, e vivacidade, goſtão mais de fornecer hum numero de ſaltos, que de diſtribuir as ſuas forças na carreira.

São tambem máos corredores aquelles, a quem a covardia, a fraqueza, a falta de viſta, a má conſtrucção, e a malicia obriga a deter-ſe. He bem verdade que todos eſtes differentes Cavallos podem correr; mas ſendo elles poſſuidos de más qualidades, jámais hão de galopar ligeiros na mão com ſegurança, e dilatado folgo, porque eſtas circumſtancias ſómente ſe encontrão nos que são flexiveis, fortes, e bem formados: por iſſo ſó aos que tem boas qualidades, a lição os confirma perfeitamente no ſeu galope, movimento, e folgo proprio a eſte exercicio.

O trote rende facil, e deſembaraçada toda a ſorte de Cavallos; mas deve ſer-

ſer-lhe regulado pela conſtrucção que elles tem, e pelo preſtimo que hão de ter. Exemplo: O trote dos que hão de ſervir para correr no mato, deve ſer mais largo, tanto porque a ſua conſtrucção o deve permittir, como tambem porque o exercicio, que elles hão de ter, preciſa de muita igualdade, e deſembaraço.

Os deſtinados para a caça volatil devem ſer trotados mais curto, cortando muitas vezes o terreno, paſſando-os amiudadamente de mão ſobre as linhas da muralha, formando-lhes alguns meios circulos, e angulos huns mais, outros menos agudos, fortalecendo-lhes, ou affroxando-lhes todas as ſenſações, á proporção do que elles ſe detiverem, ou ſe apreſſarem, até que obedeção com promptidão, e deſembaraço.

A huns, e outros, tendo adquirido a facilidade de voltar para huma, e outra parte, lhes devem fazer, trotando, muitas meias paradas, e falcadas com as mãos firmes, e brandas até elles adquirirem apoio: depois devem formar-lhes a lição da cara contra a muralha para lhes dar conhecimento das pernas, ou eſporas, fazellos mais ſenſiveis do ventre, e enſinar-lhes a recolher as pernas bem para baixo do corpo: couſa muito preciſa aos Cavallos da caça, ou corredores.

Ainda que os que hão de ſervir para a caça devem ſer trotados em movimento mais ſeguido, e vivo, que os deſtinados para o manejo, a fim de que eſta lição lhes dê maior facilidade para dobrar, e eſtender os braços, eſpaduas, e mais partes do corpo com facilidade, e graça, com tudo não pertendo que os eſtendão tanto no ſeu trote, que venhão a commetter o defeito de pezar na mão; mas ſim que lhes regulem o movimento do trote pelo ſeu poder, e conſtrucção com propriedade ao exercicio que hão de ter.

Formando-lhe a lição deſta maneira, depois do Cavallo ſe ſujeitar, podem tirar-lhe o cabeção, e com o freio ſó fazello galopar em hum diligente galope, avançado, e igual, fazendo-lhe algumas meias paradas, e falcadas firmes, e brandas; porque tudo iſto o obriga a ſentar-ſe mais ſobre as ancas, ſegurar o ſeu apoio, ſahir da mão com facilidade, parar, e voltar, rebatendo os movimentos das eſpaduas para ſima das ancas, porque todas eſtas qualidades ſão preciſas ao bom corredor.

Os Cavallos Inglezes, os Polacos, os Napolitanos, e os da Baixa Normandia, mais que outros da Europa, ſão bons para correr, não obſtante o ſerem corpolentos; porque grande parte delles tem as boas qualidades, que eu digo que precisão ter os bons corredores: razão, por que fornecem carreiras de tres, e quatro milhas de Inglaterra. Alli os que eſtão coſtumados ao exercicio da caça ſaltão promptamente vallados, eſtacadas, e vallas, que nos campos frequentemente ſe encontrão; mas por ſerem (não obſtante a ſua boa conſtrucção) ordinariamente mal educados nos ſeus principios, com brevidade ſe arruinão, principalmente dos braços; porque enſinando-os a correr, e ſaltar, jámais os deſembaração por meio de lição regular.

O Bridão, de que ordinariamente uſão os Inglezes nos Cavallos de correr, lhes dá tambem muita occaſião a que elles ſe arruinem, porque não lhes podem com elle ſegurar tanto a dianteira, iſto he, a cabeça, peſcoço, e eſpaduas, como

com

com o freio; pois as ſenſações deſte os ſuſtem muito por diante, aſſim nos andares naturaes, como nos artificiaes.

O galope da caça, ou dos Cavallos do campo não deve ſer muito relevado, nem detido; mas ſim avançado, baixo, e igual. Nos principios não devem obrigallos por meio de grandes lições. Devem ſim fazellos, o mais que puder, ſer ligeiros ao freio.

Tanto que os Cavallos, que houverem de ſervir para a caça, trotarem, galoparem, e tiverem no Picadeiro ſujeição á mão, e ás pernas do Cavalleiro, devem fazellos trabalhar no campo, aſſim como já diſſe que ſe devem adeſtrar os deſtinados para a guerra.

As lições não lhes devem ſer muito dilatadas nos principios, quando os fizerem galopar, porque iſto em lugar de augmentar-lhes o folgo, os deſgoſta, e lhes faz aborrecer o trabalho. Os Cavallos froxos, e preguiçoſos abatem-ſe muito em correndo; e os colericos ſe chegão a perder o folgo correndo, com facilidade ſe tornão vicioſos, por iſſo devem os Cavalleiros conhecer bem o eſpaço de tempo, em que os Cavallos galopão em folgo; e logo que ſentirem que elle lhes vai faltando, devem pollos ao paſſo; e depois de o tornarem a recuperar, he-que os devem tornar ao galope, ſem os deixar, quando vão do galope ao paſſo, ou deſte ao galope fazer tempo algum de trote, porque iſto incommoda muito ao Cavalleiro.

## *Movimentos, por que ſe conhece a falta de folgo nos Cavallos.*

FAzendo elles maior exceſſo, o ar que lhes entra pelas ventas, conduzido com agitação pela Trachea, ſe diffunde pelas ramificações dos boſes, e á proporção do canſaço que o trabalho vai produzindo no animal, o movimento do boſe ſe agita, e forceja com violencia por lançar pelos orgãos da reſpiração o ar, e receber outro novamente. O Cavallo abre as ventas com exceſſo, e ás vezes a bocca, não baſtando iſto para refreſcar os boſes; antes a ſua acceleração, batendo no diafragma, faz viſivelmente conhecer o ſeu movimento nos ilhaes, e ás vezes de tal ſorte a corporea máquina ſe inflamma, que os boſes, e as valvulas do coração vão perdendo a força, tanto que o Cavallo póde vir a perder a ſenſibilidade, e as forças, de maneira que chegue a cahir no chão ſem acordo; em tal caſo podem magoar-ſe algumas das delicadas fibras, que cércão o coração, ou tambem os bronquios, e o Cavallo ficar ou rebentado, ou com a moleſtia chamada polmoeira.

Por eſtes motivos, vendo o Cavalleiro que ao Cavallo lhe vai faltando o folgo, deve deixallo deſcançar; e em tornando a cobrar o folgo, ir-lhe repetindo as lições, mas ſem o fatigar com exceſſo; advertindo que eu não nego que a continuação do trabalho não deixa de lhes ir dilatando o folgo; pois he certo que não ſendo coſtumados ao trabalho, qualquer leve exceſſo os fatiga muito; por iſſo lho devem ir augmentando pouco a pouco, até que o coſtume ſe chegue a converter em natureza.

A ponta do focinho dos Cavallos deſtinados para a caça, e para a guerra he bom

bom que lhes fique hum pouco mais livre, e alta, do que aos que ſe deſtinão para o manejo, a fim de que poſsão reſpirar com mais facilidade; ſe bem que não pertendo dizer niſto que os deixem eſtender, e levantar tanto o focinho, que não poſsão ver bem o terreno por onde andão, porque galopando com a cabeça fóra daquelle lugar que lhes permitte a ſua conſtrucção, não voltão com facilidade, e vão ſujeitos, ſe tropeſsão, a cahir, porque não ſe deixão governar bem com o freio.

Para lhes ſegurar bem a cabeça, e a dobra do peſcoço, he bom galopallos na lição da volta ao revés para a direita ſobre os circulos, e por todo o terreno do Picadeiro; e á proporção do que elles ſe deixão encruzar entre a redea direita, e a perna eſquerda, podem apertar-lhes aſſim a volta, ou os circulos para os confirmar na obediencia, e ſegurança das redeas, indo ſempre unidos ſobre a mão, e pé direitos. Depois os irão voltando algumas vezes para a direita, e para a eſquerda, ſem os fazer paſſar de mão, iſto he, ſem os obrigar a que ſe deſdobrem da acção, e avancem a mão, e pé eſquerdos; pois iſto ſerve para os coſtumar a que voltem com ambas as redeas, ſem ſe deſunir tanto das eſpaduas, como da garupa.

Não he máo fazellos obſervar eſta lição, tanto nos limites de hum Picadeiro, como pelo campo, a fim de os coſtumar a ir galopando unidos para a direita por toda a ſorte de terrenos, e de que não eſtranhem a deſigualdade do campo, do mato, e finalmente não temão couſa alguma.

Devem os Cavallos corredores ſoffrer bem os movimentos, e acções, que o Cavalleiro preciſa fazer para uſar da eſpingarda. Ser ſocegados ao eſtrondo dos tiros para todas as partes que for preciſo atirar. Tambem ſerão coſtumados a voltar com promptidão, e ſalvar os poſſiveis vallados, tranqueiras, e vallas (como fica dito dos Cavallos da guerra) para não ſer preciſo ir tantas vezes buſcar as eſtradas, e caminhos. Devem não ter medo de entrar na agua, nem ter o defeito de ſe deitar nella. La Brow trata bem do modo com que ſe devem enſinar os Cavallos deſtinados para eſte exercicio. E eu creio que ſe tiverem ſido creados pelos principios, e coſtumes, que por todo eſte volume deixo ſubſtanciado, elles ſerviráõ bem, tanto para a caça, como para a guerra.

Ha outros Cavallos, além dos corredores, a que chamão de *Eſpingarda*: eſtes de ordinario devem ſer mais pequenos, e ter as qualidades de ſer muito ſeguros, como tambem manſos ao vôo das Aves, e ao movimento das eſpingardas, ſem jámais ſe aſſuſtarem de couſa alguma. He bom que ſejão coſtumados a parar, logo que o Cavalleiro proferir a particula *bó*, ou tambem logo que lhes lançarem as redeas ſobre o peſcoço, ainda que vão galopando. Eſta caſta de Cavallos são de muita eſtima para eſte exercicio; porém como para elles pôrem tudo iſto em prática he preciſo mais curioſidade, do que ſciencia, depois dos Cavallos diſpoſtos pelos rudimentos que tenho inſinuado, qualquer curioſo, ajudado da naturalidade, lhes poderá introduzir eſtes coſtumes.

*Modo, pelo qual o Senhor Rei D. Joſé I. hia ás caçadas.*

COſtumava Sua Mageſtade ir á caça, tanto de veação, como volatil, com magnificencia verdadeiramente Real: eu vi no dia vinte e hum de Janeiro de 1766 pôr tudo em ordem para ir á caça pela maneira ſeguinte.

Pelas tres horas da noite alguns tambores tocárão a alvorada por todas as ruas de Salvaterra de Magos; e ſegundo era coſtume, ſe forão levantando, e partindo para o mato os Batedores, os Caçadores, os Moços de monte, os Emprazadores, e outros muitos criados de Sua Mageſtade empregados nas caçadas. De ſorte que no tempo, em que a noite ſe deſpedia das eſtrellas, e a formoſa Aurora em ſeu roſado carro começava a deixar ver que o Sol ſeguindo-a cuidadoſo moſtrava á viſta na belleza ruſtica, e ſimples das montanhas hum dia gracioſo, e plauſivel, então me vi entre aquella numeroſa comitiva, a quem o Monteiro Mór deo as ordens para ſe diſpôr hum cerco regular á primeira mata do Bilrete.

Diſtribuida a ordem por vinte e dous Emprazadores, por quatorze Guias das alas, por vinte e oito Moços do monte, por trinta e ſete Couteiros, e por vinte e ſeis caçadores, ſe principiárão a pôr em ordem oitocentos e ſeſſenta Batedores, os quaes ſe forão dividindo em duas alas, que principiárão a circumdar em torno a referida mata; e ſendo tudo aſſim diſpoſto, forão todos aquelles homens rompendo a eſpeſſura dos emaranhados arbuſtos, e azinhas, de ſorte que ſe hião dando as mãos huns aos outros, e as féras de diverſas eſpecies timoratas ſe conduzião fugitivas, e eſpavoridas para o centro daquella mata.

Apenas ſe principiou a pôr toda a gente em boa ordem, principiou a chegar a comitiva de Sua Mageſtade. Primeiramente dezoito Picadores, ſervidos de outros tantos moços da Cavalhariça: apôs elles ſetenta e oito Cavallos á mão, os primeiros dezoito conduzidos por moços da eſtribeira, e os mais por outros tantos moços da Cavalhariça.

Depois chegárão ao meſmo ſitio Suas Mageſtades o Senhor D. Joſé I., e a Senhora D. Marianna Victoria, ambos em huma ſege de campo, e logo pelo meſmo modo chegou tambem Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, irmão de ElRei, com o ſeu Camariſta D. Vaſco da Camara: ſeguia-ſe logo o Conde Reinante de Lalippe com o Principe de Mequelemburg, irmão da Rainha da Grão Bretanha, ambos em outra ſege: depois dous Camariſtas de Suas Mageſtades com muitas outras grandes Perſonagens, a quem ſeguião muitos criados com Cavallos á mão, os quaes todos fazião huma vária, mas agradavel perſpectiva.

Depois chegou o Excellentiſſimo Marquez de Marialva, Eſtribeiro Mór, e ſeus filhos o Excellentiſſimo Marquez de Marialva D. Diogo, o Excellentiſſimo Marquez de Tancos D. Antonio, o Excellentiſſimo D. Joſé Thomaz de Menezes, e o Excellentiſſimo D. Rodrigo de Menezes. Apôs elles vinha o Marquez de Angeja, e ſeu filho o Conde de Villaverde, e outros muitos Fidalgos, até que Suas Mageſtades montárão a cavallo; e ſeguidos de muitas Perſonagens, forão para as portas da atalhada por onde havia de ſahir a caça.

El-

ElRei ficou na primeira porta da direita acompanhado do Conde de Lalippe, do Principe de Mequelemburg, do Marquez de Alvito, Marechal General, Aio de Sua Mageſtade, do Conde, Barão de Alvito, do Marquez de Angeja, do Marquez das Minas, e varios outros Fidalgos, de quatro criados particulares, e ſeis carregadores, que apromptavão as eſpingardas com que Sua Mageſtade atirava, porque o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg não quizerão atirar.

Na ſegunda porta eſtava a Rainha acompanhada do Excellentiſſimo Marquez D. Pedro Eſtribeiro Mór, do Senhor D. João da Bempoſta, do Conde de Val de Reis, dos filhos do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, e outros muitos Fidalgos com ſeis carregadores.

Na terceira porta eſtava Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, irmão de ElRei, ao qual acompanhavão o Conde da Ponte, ſeu Gentil-Homem, e ſeu Eſtribeiro Mór, o Excellentiſſimo D. Pedro da Camara, o Conde de Aveiras, o Conde da Atalaia, e outros muitos Fidalgos, tres criados particulares, e ſinco carregadores.

Batida aſſim a moita, a que ſe chama caçar de porta franca, ſahírão della muitos Veados, Cervas, Vareiros, Biques, Gamos, e Javalins de hum, e de outro ſexo, e aſſim tambem muitas rapoſas, e outras féras, em que Suas Mageſtades, Sua Alteza, e o Marquez de Marialva D. Pedro fizerão grande mortandade, porque todos atiravão inſignemente.

Depois mandou Sua Mageſtade fazer huma calcada, em que ſe diſpoz a gente da batida pelo meſmo modo, indo-ſe fechar o cerco em hum ſitio, em que havia huma grande planice com o mato curto, no qual, depois de fechado o circulo, entrárão Suas Mageſtades, Suas Altezas, e todos os Grandes, como tambem os Picadores para correr as féras, de que havia dentro nelle grande cópia; e quando ſahia alguma para fóra da ala, era ſeguida pelos Picadores, de ſorte que ſempre Suas Mageſtades, ou Sua Alteza as matavão, poſto que ellas ſe derramaſſem, fugindo pelos mais eſpeſſos matos.

Cada huma das Peſſoas Reaes tinha hum guia prático do Paiz, que a guiava pelo melhor caminho, a fim de não lhe acontecer algum perigo; mas a Rainha era tão efficaz, que muitas vezes deixava o guia, ſó por ſeguir a caça.

Os Cavallos, que ſervião para correr no mato, erão chapeados, iſto he, mettia-ſe-lhes entre as ferraduras, e as palmas humas chapas de ferro delgadas para não alcançarem eſtrepes. Tambem os armavão de peitoral do mato, Eſt. V., Fig. 15., e mangas Fig. 17., com as quaes veſtião os braços dos Cavallos, afivelando-lhes as correas dos lados nas fivelas delles, e as duas correas de ſima de cada manga, huma á prizão do peitoral, Eſt. IX., Fig. 17., Letra Z, e a outra paſſada por entre o peitoral do mato, e o peito do Cavallo ſe hia afivelar na fivela, que ſe moſtra na parte ſuperior da Fig. 15., Eſt. V., e finalmente as çapatilhas Fig. 14. ſe afivelavão duas nas mãos, e duas nos pés, a fim de lhes ſervirem de reſguardo aos machinhos, e quartelas.

O Marquez Eſtribeiro Mór corria os Javalins com hum pompilho, e tambem

os Picadores até que Suas Mageſtades chegaſſem para lhes atirar. Neſtas calçadas corrião muitos Fidalgos, e outros bons Cavalleiros, de ſorte que divididos em tres ranchos, hum ſe chamava de ElRei, outro da Rainha, e outro do Infante, e todos por competencia fazião muitas gentilezas, como atropellar os Javalins, voltallos na carreira, e muitas vezes ſe elles ſe atoavão, os Cavalleiros pondo-ſe a pé, lhes pegavão com tanta facilidade, que o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg ſe admiravão de os ver, como tambem da boa ordem com que ElRei, Rainha, e Sua Alteza montavão, corrião, e atiravão, &c. Batêrão-ſe neſte dia tres moitas, e fizerão-ſe duas calcadas, nas quaes morrêrão ſincoenta e ſete rezes.

## *Modo, por que Sua Mageſtade ſahia á caça das Lebres.*

FAzia o Senhor Rei D. Joſé I. ſempre eſta função tambem com apparato verdadeiramente magnifico: e no Domingo ſeguinte ſe fez eſta caçada, como paſſo a referir.

A's oito horas da manhã, depois de ouvirem Miſſa, entrárão a concorrer para a praça contigua ao Palacio muitos criados de Sua Mageſtade, donde ſe principiárão a pôr em ordem pela maneira ſeguinte.

Sahio o Monteiro Mór do ſeu Palacio a cavallo acompanhado de muitos Fidalgos, e Nobreza, do Juiz do Crime da Corte, e de trinta e ſete Couteiros, vinte e oito Moços do Monte, e dezenove emprazadores, com os quaes marchou para o alto, ou lugar da caçada. Paſſada a ponte chamada do campo, ao lado eſquerdo havia hum magnifico degráo para Suas Mageſtades, e Altezas ſe apearem dos Cavallos da Picaria, e tornarem a montar nos Cavallos de campo, ou corredores, como ao diante ſe dirá. Neſte ſitio ſe achavão muitos homens de pé, além dos oitocentos batedores, que coſtumavão ſervir no mato, aos quaes o Monteiro Mór, e D. Luiz da Cunha, Miniſtro, e Secretario de Eſtado, mandárão formar duas bem diſpoſtas alas. A da direita era commandada por D. Luiz da Cunha, e a da eſquerda pelo Monteiro Mór.

Pouco depois ſe formárão na praça quatro córos de Timbaleiros; a ſaber: ſeis Clarins em cada coro, hum Timbaleiro, e hum Clarim mór, todos veſtidos de veludo carmezim ricamente agaloados de ouro: junto a cada par de timbales havia dous moços da cavalhariça, que os conduzião a pé dalli até ao campo.

Pouco diſtante dos Timbaleiros havia duas fileiras de Falcoeiros veſtidos de eſcarlate agaloados de prata, montados a cavallo, e entre cada ſeis huma de tres gaiolas de Falcões, em cada huma das quaes hião ſeis açores prezos com cadeias douradas, e monteiras bordadas de ouro: as gaiolas erão de nove palmos de altura com largura proporcionada, erão todas forradas de veludo carmezim agaloadas de ouro, e tambem conduzidas por quatro moços da cavalhariça cada huma. Eſte luzido apparato, e os córos de Clarins, tocando alternativamente, fazião aſſim ordenados aos ouvidos, e aos olhos a mais delicioſa harmonia.

Depois de toda eſta comitiva ſe pôr em marcha, junto ao Palacio montárão Suas Mageſtades a cavallo pela maneira ſeguinte.

O

O Coronel Bartholomeu de Aranda, Meſtre da Picaria Real, tomando da mão de hum moço da eſtribeira hum ſoberbo Cavallo ruſſo, chamado Gentil, o conduzio ao degráo para a Rainha montar, á qual o Marquez Eſtribeiro Mór metteo o pé no eſtribo, e o Sereniſſimo Infante D. Pedro ajudou a pôr-ſe a cavallo, como tambem Sua Mageſtade lhe ſegurou o eſtribo direito, e lhe concertou as veſtes reaes: apôs iſſo o dito Meſtre da Picaria chegou ao degráo pelo meſmo modo hum excellente Cavallo caſtanho chamado Filagrana para ElRei montar; ſegurando-lhe nas caimbas do freio, o Sargento Mór Carlos Antonio, primeiro Ajudante da Picaria, no eſtribo direito, e o Excellentiſſimo Marquez de Marialva, Eſtribeiro Mór, lhe metteo o pé no eſtribo eſquerdo, e ajudou a montar.

Logo chegou Rodrigo Quareſma, primeiro Meſtre da Picaria do Senhor Rei D. Joſé I., a eſte tempo deſtinado para o ſerviço de Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro; o qual tomando da mão de hum moço da eſtribeira hum bello Cavallo caſtanho chamado Saloio, o chegou ao meſmo degráo para Sua Alteza montar, e o Conde da Ponte, ſeu Eſtribeiro Mór, lhe metteo o pé no eſtribo, e ajudou a pôr-ſe a cavallo.

Ao meſmo degráo chegou o Capitão Joſé Xavier, hum dos Picadores dos da Picaria Real; e tomando da mão de hum moço da eſtribeira hum formoſo Cavallo, lhe pegou pelas caimbas do freio para montar o Excellentiſſimo Marquez, Eſtribeiro Mór de ElRei, e da meſma ſorte, e no meſmo lugar montárão a cavallo o Excellentiſſimo Conde de Val de Reis, Eſtribeiro Mór da Rainha, e o Excellentiſſimo Conde da Ponte, Eſtribeiro Mór do Senhor Infante D. Pedro, ſó com a differença de não ſerem ſervidos eſtes dous ultimos pelos Picadores da Picaria Real. Ao meſmo tempo montárão a cavallo muitos Fidalgos por diverſos ſitios para acompanharem a Suas Mageſtades, que já a eſta hora ſe havião poſto em marcha, ſendo a primeira Peſſoa ElRei veſtido de farda eſcarlate agaloada de ouro com bordadura, e botões de diamantes, em quem ferindo o Sol parecia todo elle hum copioſo monte de brilhantes: á direita hum pouco mais atrás o ſeguia o Excellentiſſimo Marquez de Marialva, ſeu Eſtribeiro Mór, e á eſquerda o ſeu Aio o Marquez de Alvito. Seguia-ſe a Rainha, que tambem levava á ſua direita o Conde de Val de Reis, ſeu Eſtribeiro Mór, e á eſquerda o Senhor D. João da Bempoſta, Mordomo Mór de ElRei. Logo ſe ſeguia Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, da meſma ſorte acompanhado do ſeu Eſtribeiro Mór, Camariſtas, e de outros Fidalgos.

Na praça ſe encontrárão com Suas Mageſtades o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg, acompanhados de muitos Officiaes Generaes das Tropas do Exercito, e da Marinha, a quem Suas Mageſtades, e Altezas cumprimentárão com o maior agrado. O Conde de Lalippe acompanhou a Sua Mageſtade á eſquerda, a quem cedeo o lugar o Marquez de Alvito; e o Principe de Mequelemburg acompanhou a Rainha da meſma ſorte, a quem cedeo o lugar o Senhor D. João da Bempoſta.

O Coronel Bartholomeu de Aranda, Meſtre da Picaria de ElRei, acompanhou a Sua Mageſtade á eſquerda do Marquez de Alvito. O Sargento Mór Car-

los Antonio, que ſervia de Meſtre da Picaria da Rainha, a acompanhou á eſquerda do Senhor D. João da Bempoſta, e Rodrigo Quareſma acompanhou o Senhor Infante D. Pedro á eſquerda do Excellentiſſimo D. Vaſco da Camara, Gentil-Homem de Sua Alteza.

Depois ſeguia-ſe huma conſideravel quantidade de Marquezes, Condes, Viſcondes, Fidalgos, e Officiaes Militares, como tambem alguns Picadores, e outros criados particulares de Suas Mageſtades, e apôs eſtes muitas peſſoas, que coſtumavão concorrer de varias partes a ver eſte bello eſpectaculo.

Tambem com boa ordem ſe ſeguião a pares dezenove Moços da eſtribeira, ſete com telizes de veludo carmezim ricamente bordados de ouro, bem ſobraçados no braço eſquerdo, governados pelo ſeu apontador, e doze com outros tantos Cavallos á deſtra, dos quaes Suas Mageſtades, e Altezas ſe havião de ſervir para andar no campo.

Depois pelo meſmo modo vinhão mais ſeſſenta moços da cavalhariça com librés agaloadas, os quaes conduzião outros tantos Cavallos para Camariſtas, Veadores, Picadores, e outras muitas peſſoas, a quem Sua Mageſtade fazia mercê de mandar dar dos ſeus Cavallos, os quaes todos hião ricamente ajaezados, porque até os em que hião montados os moços da cavalhariça, hião enfittados, e com chareis bordados, ou agaloados.

Tendo caminhado com eſta boa ordem até paſſarem a ponte do campo, chegando Suas Mageſtades ao degráo, ſe apeárão dos Cavallos de Picaria, e montárão nos Cavallos corredores de campo, e da meſma ſorte os mais Fidalgos, e Cavalleiros.

A eſte tempo chegárão Suas Altezas ao campo, primeiramente em huma magnifica berlinda tirada por ſeis Cavallos, vinhão quatro Veadores, ou Braceiros de Suas Altezas. Logo ſe ſeguia outra berlinda muito mais rica, em que vinhão a Sereniſſima Princeza do Brazil, hoje Reinante, as Sereniſſimas Senhoras Infantas D. Marianna, D. Maria Barbara, e D. Maria Benedicta, das quaes Venus, e Diana lá do Olimpo, aonde ſe havião congregado as celeſtes Divindades para ver eſte bello anfitheatro, vencidas ſe retirárão de affrontadas, porque em Suas Altezas ſe via a belleza no mais ſublime gráo, a magnificencia no mais pompoſo eſtado, e os attributos, e virtudes, que fazem diſtintas as Heroinas mais decantadas nas hiſtorias, unidos em cada huma, como todos ſabem; e como não tenho talentos com que tecer-lhes elogios, eu vou ſeguindo o meu ſyſtema, porque a brevidade que obſervo, não me dá lugar mais que a narrar a ordem com que ſe ſeguião para o campo.

Apôs Suas Altezas hia hum bello coche de eſtado, e logo outro, em que ſe conduzia a Camareira Mór, a quem ſeguião dous coches com ſete Damas, quatro de Suas Altezas, e tres de Sua Mageſtade, e hum de Açafatas, e outro de criadas, e muitas carruagens magnificas, tanto de Suas Mageſtades, e Altezas, como das muitas Perſonagens, que aſſiſtião áquelle acto.

Suas Altezas, a Camareira Mór, as Damas do Paço, as Açafatas, e criadas na frente do lado direito, ſem ſahirem das berlindas, aſſiſtírão a toda a função, a quem deo principio a Rainha pelo modo ſeguinte.

Ten-

Tendo montado a cavallo, o ſeu guia, e hum emprazador, a conduzírão, ſeguindo-a o Conde Reinante de Lalippe, o Senhor D. João da Bempoſta, e o Principe de Mequelemburg, até que Sua Mageſtade com hum ponção dourado picou na cama a primeira lebre que ſahio: apôs iſſo os moços das trelas ſoltárão quatro galgos, que corrêrão a lebre velozmente; mas como ella ſe lhe hia adiantando muito, o Monteiro Mór mandou aos Falcoeiros lhe ſoltaſſem hum Açor, o qual eſtando já ſolto da prizão do pé, tanto que ſe lhe tirou a monteira da cabeça, ſahio do braço do Falcoeiro com huma velocidade indizivel; e depois de ſubir muito alto, deſceo ſobre a lebre como hum relampago, dando-lhe duas pancadas, por cujo motivo os galgos a apanhárão.

Depois ElRei fez levantar outra, que foi da meſma ſorte ſurprendida: o meſmo fez Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro; e tendo ſahido muitas lebres, Sua Mageſtade mandou correr outras por alguns Picadores, e Cavalleiros, que fazião ſobre a viçoſa relva, matizada de muitas flores, huma perſpectiva a mais brilhante que eu vi em meus dias.

Havia no campo, além da comitiva da Caſa Real, huma grande quantidade de Fidalgos, e Nobres Cavalleiros, a quem ſeguião immenſos criados ſeus, formando com as viſtoſas librés, bem ajaezados Cavallos, e grande cópia de carruagens, hum matiz delicioſo.

O eſtrondo dos Timbales, o éco dos Clarins, os relinchos dos Cavallos, a variedade dos veſtidos, a multidão das librés, a quantidade dos Cavalleiros, o bem aſſentado da planicie fazia eſte bello anfitheatro plauſivel aos nacionaes, e eſtrangeiros.

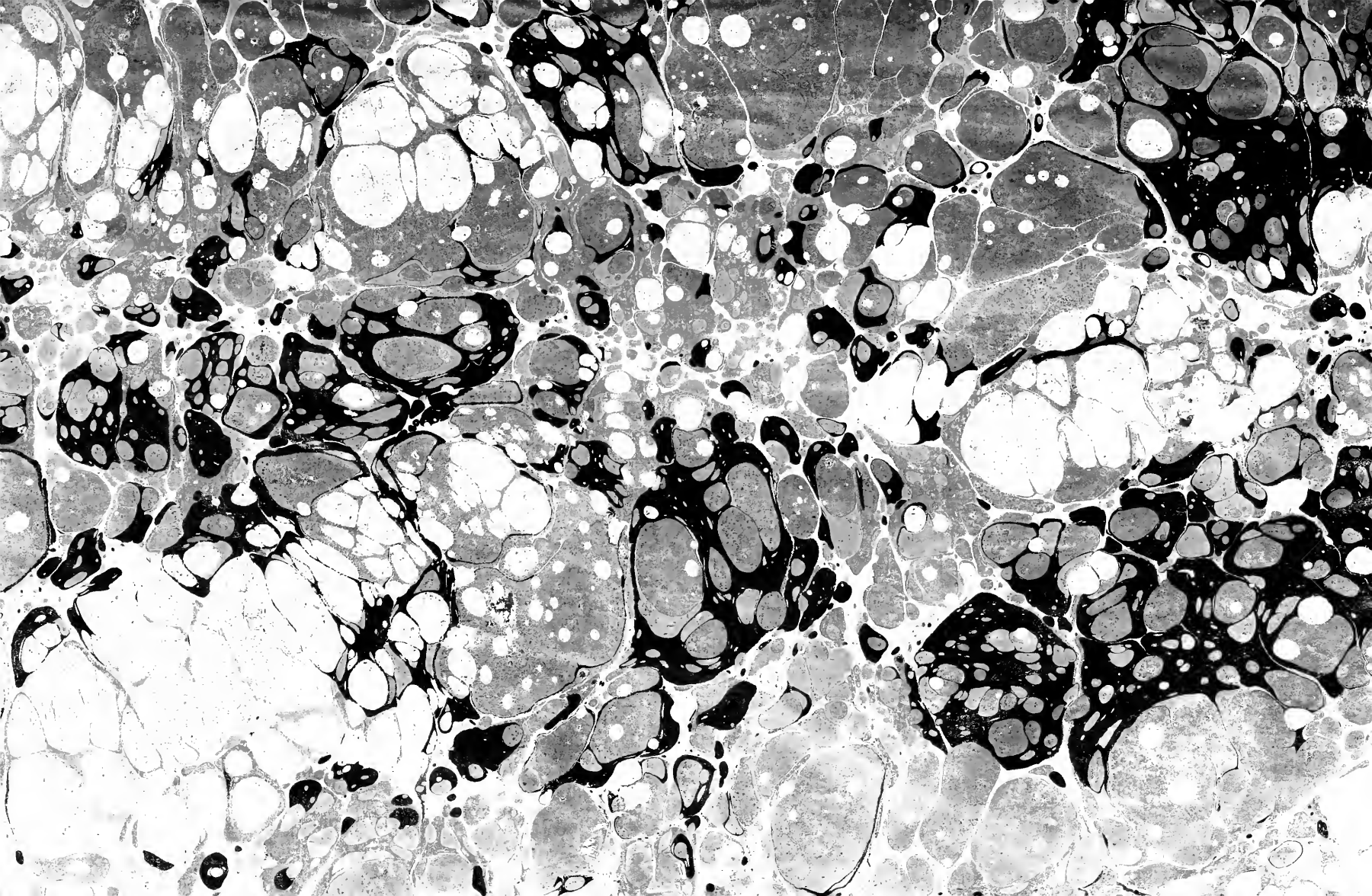
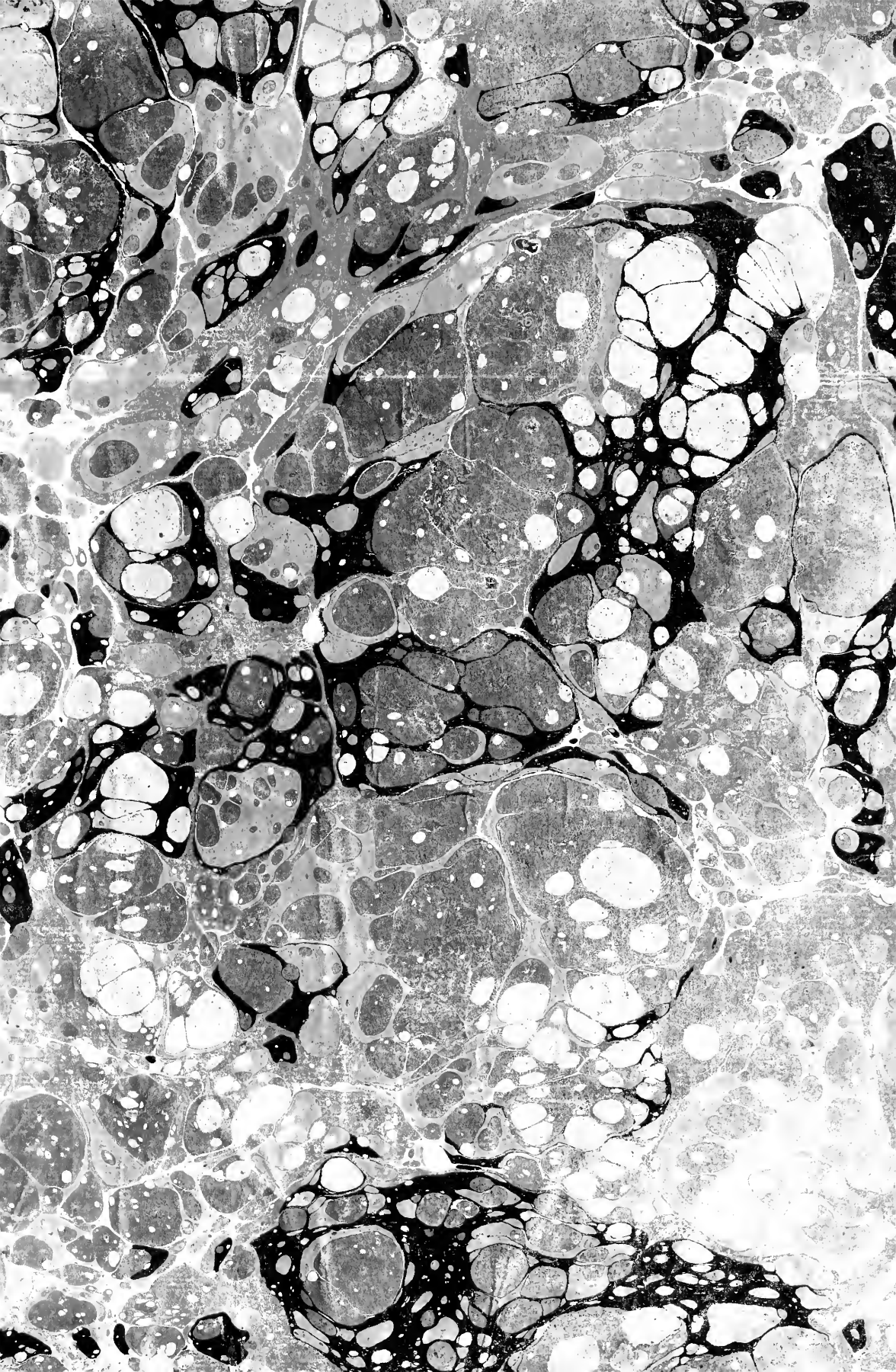
A iſto ſe ſeguio a viſtoſa briga de hum milhafre com hum açor, que durou largo tempo: em quanto contendêrão, ſubia o açor a maior altura, do que o milhafre: eſte, em quanto o açor ſubia, fazia diligencia por fugir; mas quando o açor deſcia ſobre elle, o milhafre no ar ſe voltava com as farpantes unhas para ſima, e aſſim pugnavão, hum por ſe defender, e o outro pelo aprezar, até que da quarta vez o açor cahio com elle em terra, aonde o Falcoeiro o apanhou, e ao milhafre bem feridos.

Ultimamente ſe combatêrão os açores com alguns Pombos, Pegas, Rolas, e outros volateis com ſumma ſatisfação dos expectadores, até que Fébo ſe alongou tanto daquelle viſtoſo ſitio, que parecia que além dos horizontes mergulhava os Cavallos do ſeu carro nas cryſtallinas aguas do deleitoſo Téjo, donde por outro oppoſto lado a bella Anfithrite principiava a moſtrar aos Delfins as brilhantes eſtrellas, de ſorte que tranſpondo-ſe o luminoſo Planeta, por ter feito o ſeu gyro, a todos parecia que havia ſido eſte dia mais que os outros abbreviado; e Suas Mageſtades, e Altezas ſe recolhêrão aos Paços Reaes com a meſma ordem com que havião ſahido para o campo, e cada hum dos mais expectadores aos ſeus apoſentos, em que ſe ouvião recontar com duplicado goſto os prazeres daquella tarde, da qual eu faço eſta breve lembrança para moſtrar o goſto com que Suas Mageſtades, e os principaes Cavalleiros de Portugal a ſeu exemplo prezavão a Nobre Arte da Cavallaria, que ſem dúvida floreceo no tempo do Senhor Rei D. Joſé I. com muita van-

ta-

tagem a outras Nações, porque Suas Mageſtades a protegião, e porque os Portuguezes são muito proprios para Cavalleiros.

Finalmente os Meſtres da Picaria deveráõ fazer adeſtrar os Cavalleiros, e os Cavallos em todas as lições do manejo de que tenho feito menção, principalmente no Picadeiro Real, a fim de que todas as vezes que for preciſo, elles eſtejão promptos para ſervir com perfeição: o que ſe conſegue, deſtinando o Meſtre hum, ou dous dias cada mez para ſe pôrem em prática as eſcaramuças, e carreiras, de que tenho tratado, as quaes todas são proprias para adeſtrar os Soldados para a campanha, e todos os mais Cavalleiros para o manejo da caça, e divertimentos, que ſe coſtumão praticar neſta Arte.

F I M.

| *Paginas.* | *Linhas.* | *Erratas.* | *Emendas.* |
|---|---|---|---|
| 10 | 16 Ibid. 21. | Suecia | Suevia |
| 55 | 24 | dirigir a palavra aqueduto deve ſempre entender-ſe | digerir conducto |
| 87 | 38 | joelho | jarrete |
| 100 | 31 | diverſos aqueductos | hum ſó conducto |
| 109 | 5 | em | ſe |
| 165 | 34 | garupa | grampo |
| 176 | 1 | os que | ſenão |
| 263 | 16 | eſpaduas | paſſadas |
| 269 | 30 | Fig. 1. | Fig. 3. |
| 313 | 19 | facil | fiel |
| 353 | 32 | paſſa | paſſar |